



frank  
SCHÄTZING  
O CARDUME

EXILADO DOS  
LIVROS

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **O CARDUME**

Frank Schätzing

Título original:

DER SCHWARM

Record

2004

*com amor mais profundo que o oceano,  
Para Sabina  
hishuk ish ts'awalk  
Tribo dos Nuu-Chah-Nulth, ilha de Vancouver*

# **PRÓLOGO**

**14 de janeiro**

## **HUANCHACO, COSTA PERUANA**

Naquela quarta-feira, o destino de Juan Narciso Ucanan foi traçado sem que o mundo tomasse conhecimento.

Num contexto mais amplo, isso até aconteceria, mas somente algumas semanas depois, sem que o nome de Ucanan fosse jamais mencionado. Ele era apenas um entre muitos. Se tivessem perguntado a ele o que aconteceu na manhã daquele dia, provavelmente surgiriam ligações com acontecimentos muito parecidos que ocorriam simultaneamente em todo o mundo. E possivelmente a avaliação do pescador, justamente por se basear na sua restrita visão do mundo, revelaria uma série de relações complexas que, dessa forma, levaram algum tempo para se tornarem evidentes. Mas nem Juan Narciso Ucanan, nem o oceano Pacífico em frente à costa de Huanchaco no norte peruano deram algum sinal. Ucanan permaneceu mudo como os peixes que pescara em toda a sua vida. Quando ele finalmente foi localizado em uma estatística, os acontecimentos já tinham evoluído para outro estágio, e qualquer declaração sobre o paradeiro de Ucanan não era mais relevante.

Sobretudo porque, antes do dia 14 de janeiro, ninguém dera muita atenção a ele e a seus interesses.

Pelo menos era assim que entendia Ucanan, que não se alegrava muito com o fato de Huanchaco ter-se tornado um paraíso turístico internacionalmente procurado ao longo dos anos. Ele não via vantagens no fato de pessoas totalmente desconhecidas acreditarem que o mundo era perfeito onde os nativos adentravam

o mar com balsas de junco aparentemente arcaicas. Mais arcaico era o fato de ainda saírem para o mar. A maioria de seus compatriotas ganhava a vida nas traineiras e fábricas de farinha e óleo de peixe, que, apesar da pesca cada vez mais escassa, mantinham o Peru entre as maiores nações pesqueiras do mundo, junto com o Chile, a Rússia, os Estados Unidos e as grandes nações asiáticas. Apesar do El Nino, Huanchaco crescia para todos os lados, um hotel erguia-se ao lado do outro, e as últimas áreas naturais protegidas eram sacrificadas inescrupulosamente. De uma forma ou de outra, todos ainda lucravam. Todos menos Ucanan, a quem restara pouco mais do que o seu barquinho pitoresco, um caballito, "cavalinho", como outrora os conquistadores maravilhados chamaram as construções peculiares. Entretanto, aparentemente nem os caballitos sobreviveriam por muito tempo.

Aparentemente, o novo milênio decidira excluir Ucanan.

Ele já não dominava seus sentimentos. Por um lado, sentia-se castigado. Pelo El Nino, que desde sempre atingia o Peru e pelo qual não podia ser responsabilizado. Pelos ambientalistas, que falavam de pesca excessiva e extermínio em congressos de tal forma que era possível ver as cabeças dos políticos voltando-se lentamente e fixando os operadores das flotilhas de pescadores, até subitamente perceberem que olhavam para um espelho. Depois os seus olhares giravam para Ucanan, que também não tinha nada a ver com o desastre ecológico. Ele não requisitara a presença das fábricas flutuantes, nem dos navios pesqueiros japoneses e coreanos que simplesmente aguardavam na faixa das duzentas milhas náuticas para aproveitar-se da pesca local. Ucanan não era culpado de nada, mas já não conseguia acreditar nisso. Esta era a outra sensação, ele começava a se sentir mesquinho. Como se ele é que estivesse içando milhões de toneladas de atum e cavala do mar.

Ele tinha 28 anos e era um dos últimos de sua espécie.

Todos os seus cinco irmãos trabalhavam em Lima. Consideravam-no um tolo por sair com um barco que mais parecia um precursor da prancha de surfe, por esperar por bonitos e cavalas que nunca chegavam na desolada imensidão das águas litorâneas.

Eles costumavam chamar-lhe a atenção de que não era possível fazer os mortos respirarem. Mas tratava-se da respiração de seu pai, que, apesar dos seus quase setenta anos, saía todos os dias para o mar. Ao menos até poucas semanas atrás. Agora o velho Ucanan já não saía para pescar. Ele estava de cama, em casa, com uma estranha tosse e manchas no rosto, e parecia lentamente perder a lucidez, e Juan Narciso cismou que poderia manter o velho homem vivo enquanto mantivesse a tradição.

Há mais de mil anos, os ancestrais de Ucanan, os Yunga e Moche, usavam barcos de junco, ainda antes dos espanhóis chegarem. Eles haviam habitado a região costeira desde o extremo norte até a área da atual cidade de Pisco e forneciam peixe à imensa metrópole Chan Chan. Naquela época, a região era coberta por wachaques, pântanos próximo à costa, alimentados por fontes de água doce subterrâneas. Lá cresciam imensas quantidades de junco, do qual Ucanan e os últimos de sua classe ainda trançavam os seus caballitos, assim como os antigos fizeram. Construir um caballito exigia habilidade e tranquilidade interior. A construção era única. Medindo de três a quatro metros de comprimento, com uma proa pontuda curvada para o alto e leve como uma pluma, este junco trançado praticamente não tinha como afundar. Em tempos passados, milhares de pescadores haviam cortado as ondas em frente à região costeira conhecida por "Peixe de Ouro", porque, mesmo em dias ruins, retornavam com uma pesca mais farta do que atualmente homens como Ucanan conseguiam em seus sonhos mais audaciosos.

Mas os brejos também desapareciam e, com eles, o junco.

O El Niño ao menos era previsível. De anos em anos, próximo ao Natal, a geralmente fria corrente de Humboldt aquecia-se devido à ausência dos ventos sudeste do oceano Pacífico e perdia nutrientes, e as cavalas, os bonitos e as sardinhas desapareciam porque não tinham o que comer. Por isso os ancestrais de Ucanan chamavam o El Niño de "Menino Jesus". Às vezes, o Menino Jesus simplesmente bagunçava um pouco a natureza, mas a cada quatro ou cinco anos enviava o castigo dos céus para as pessoas, como se desejasse exterminá-las do mundo.

Furacões, chuvas torrenciais e avalanches de lama mortais — todas as vezes, centenas de pessoas perdiam as suas vidas. O El Nino ia e vinha, sempre foi assim. Ninguém simpatizava com ele, mas de algum modo era possível conviver. Mas, desde que a riqueza do Pacífico se acabara nas redes de arrastão em cujas aberturas cabiam 12 aviões jumbo de lado a lado, não adiantava nem mais rezar.

Talvez, pensava Ucanan, enquanto as ondas balançavam o seu caballito, eu seja realmente tolo. Tolo e culpado. Todos nós somos culpados, porque nos envolvemos com um padroeiro cristão que não faz nada contra o El Nino, nem contra as associações pesqueiras e as determinações governamentais.

Antigamente, pensava ele, tínhamos os xamãs no Peru. Através de histórias, Ucanan ficou sabendo o que os arqueólogos precisaram descobrir nos antigos templos pré-colombianos perto da cidade de Trujillo, logo atrás da Pirâmide da Lua. Havia noventa esqueletos, de homens, mulheres e crianças, espancados ou apunhalados. Numa tentativa desesperada de conter as gigantescas ondas que invadiam o litoral no ano de 560, os sumos sacerdotes sacrificaram as vidas de noventa pessoas, e o El Nino foi embora.

Quem deveria ser sacrificado para interromper a pesca excessiva?

Ucanan estremeceu perante os próprios pensamentos. Ele era um bom cristão. Amava Jesus Cristo e amava São Pedro, o padroeiro dos pescadores. não havia Dia de São Pedro em que ele não participasse de coração da procissão em que o santo de madeira era levado em um barco de aldeia em aldeia. E mesmo assim! De manhã, todos corriam para a igreja, mas à noite a verdade mostrava a sua cara. O xamanismo estava em alta. Mas que Deus poderia ajudar, se até mesmo o Menino Jesus afirmava não ter nenhum envolvimento com a nova desgraça dos pescadores, que a sua influência se esgotara no caos das forças da natureza e que para todo o restante fizessem o favor de dirigir-se aos políticos e aos lobistas?

Ucanan olhou para o céu e piscou os olhos.

O dia prometia ser belo.

Atualmente, o nordeste peruano apresentava-se como perfeito idílio. Há dias não se via uma nuvem no céu. A esta hora, os surfistas ainda estavam em suas camas. Há mais de meia hora Ucanan havia remado o seu caballito através de suaves ondas mar adentro, juntamente com uma dúzia de outros pescadores, ainda antes do sol aparecer. Agora este surgia lentamente por detrás das montanhas nebulosas e mergulhava o mar numa luz pastel. A imensidão sem fim, há pouco prateada, tornou-se suavemente azul. No horizonte esboçavam-se as silhuetas de cargueiros gigantes que se aproximavam de Lima.

Ucanan, nada impressionado com a beleza do dia que raiava, virou-se para pegar o calcal, a tradicional rede de pesca vermelha dos pescadores de caballito, de alguns metros de comprimento e rodeada de ganchos de diversos tamanhos. Lançou um olhar crítico às malhas finamente tecidas. Estava sentado no seu barquinho de junco com as costas eretas. Os caballitos não tinham uma cabine para se sentar, mas sim um grande depósito na parte traseira para os equipamentos e a rede. O remo, metade de um cano deguayaquil cortado longitudinalmente, como não se usava mais em nenhum outro lugar do Peru, ficava atravessado à sua frente. Era de seu pai. Ele o levava para que o velho pudesse sentir a força com que Juan Narciso o afundava na água. Todas as noites, desde que o pai adoecera, Juan colocava o remo ao seu lado e posicionava a sua mão direita por cima, para que ele pudesse sentir — a continuidade da tradição, o sentido de sua vida.

Ele esperava que o pai reconhecesse o que estava tocando. O filho ele não reconhecia mais.

Ucanan finalizou a inspeção do calcal. Ele já o examinara em terra, mas redes eram valiosas e mereciam toda a atenção. A perda de uma rede era o fim. Ucanan poderia ser um dos que perdiam a luta pelos últimos recursos do Pacífico, mas ele não pretendia deixar passar o menor deslize nem entregar-se à bebida. Nada era mais aflitivo, menos suportável, que o olhar dos desesperados que deixavam os seus barcos e redes apodrecerem. Ucanan sabia que, se algum dia ele encontrasse este olhar em um espelho, seria o fim.

Ele olhou à sua volta. Para ambos os lados, estendia-se, com grandes intervalos, a larga faixa da pequena flotilha de caballitos que o acompanhavam nesta manhã, a cerca de um quilômetro da praia. Hoje os cavalinhos não balançavam tanto quanto de costume. Quase não havia ondas. Durante as próximas horas, os pescadores persistiriam aqui fora, pacientes até o fatalismo. Nesse meio tempo, barcos maiores se juntaram, alguns de madeira, e uma traineira que passou por eles em direção ao mar aberto.

Ucanan observava, indeciso, como homens e mulheres sucessivamente deixavam os seus calcais deslizarem para dentro d'água, cuidadosamente prendendo-os nos barcos com uma corda. Bóias redondas e vermelhas flutuavam, brilhando na superfície da água. Ucanan sabia que para ele também chegara a hora, mas continuou pensando nos últimos dias e simplesmente fixando o olhar naquela direção.

Algumas sardinhas. Isso foi tudo.

Seu olhar seguia a traineira que diminuía cada vez mais. Este ano também havia um El Nino, entretanto relativamente inofensivo. Enquanto mantinha-se sob controle, ocasionalmente o El Nino apresentava uma segunda face, sorridente, benevolente. Atraídos pelas temperaturas amenas, grandes atuns de barbatana amarela e tubarões-martelo perdiam-se na corrente de Humboldt, geralmente fria demais para eles. Então as mesas de Natal eram fartas. Claro que os poucos peixes pequenos parariam nos estômagos dos grandes, e não nas redes dos pescadores, mas não se podia ter tudo. Quem ia mais longe nestes dias tinha boas chances de levar um belo pescado para casa.

Pensamentos sem nexos. Caballitos não iam tão longe. Protegidos pelo grupo, ousavam chegar a dez quilômetros da costa. Os cavalinhos também enfrentavam o mar agitado, simplesmente cavalgando por cima das ondas. Lá fora, o problema era a correnteza. Se, ainda por cima, o mar estivesse áspero e soprasse um vento terral, era necessário muito esforço para remar seu caballito de volta à terra firme.

Alguns não voltaram mais.

Ucanan estava sentado sobre o junco trançado, retinho e imóvel. Na luz da manhã começara a espera por cardumes que hoje também não viriam. Ele tentou localizar a traineira na imensidão do Pacífico. Em tempos passados, teria sido fácil conseguir um emprego em um dos grandes navios ou nas fábricas de farinha de peixe, mas isso também era passado. Depois dos devastadores El Niños no final da década de 1990, até mesmo os operários das fábricas perderam os seus empregos. Os grandes cardumes de sardinha nunca mais retornaram.

O que ele deveria fazer? Ele não podia dar-se o luxo de nem mais um dia sem pesca.

Você poderia ensinar as senhoritas a surfar.

Esta era uma alternativa. Um emprego em um dos inúmeros hotéis que dominavam a velha Huanchaco. Pescar turistas. Usar um casaquinho ridículo, fazer coquetéis. Ou arrancar gritos de prazer de americanas mimadas. Durante o surfe, durante o esqui aquático, tarde da noite no quarto.

Mas o pai morreria no dia em que Juan cortasse o elo com o passado. Mesmo inconsciente, o velho certamente sentiria que o seu caçula teria perdido a fé.

As mãos de Ucanan fecharam-se em punho até os ossos brancos ressaltarem. Então ele puxou o remo e, decidido e com toda sua força, começou a seguir a traineira que desaparecera. Seus movimentos eram vigorosos, bruscos de raiva. A cada remada ele distanciava-se mais dos outros. Ele avançava rapidamente. Hoje, isto ele sabia, nenhuma grande onda repentina, nenhuma correnteza traidora, nenhum forte vento noroeste impediriam o seu retorno. Se não arriscasse hoje, nunca mais o faria. Ainda havia atuns, bonitos e cavalas nas águas mais profundas, mas não eram somente para as traineiras. Eles também lhe pertenciam.

Após certo tempo, ele parou e olhou para trás. Huanchaco, com suas casinhas apertadas, diminuía. À sua volta via apenas água. Nenhum caballito cujo proprietário houvesse seguido o seu exemplo. A pequena frota ficara bem para trás.

Antigamente tínhamos um deserto no Peru, dissera seu pai um dia, aquele do interior. Agora temos dois desertos, o segundo é

o mar à nossa frente. Nós nos tornamos habitantes de deserto que temem a chuva.

Ele ainda estava muito próximo à costa.

Enquanto Ucanan continuou remando com toda força, sentiu a antiga confiança voltar. Por pouco não entrou em êxtase, e imaginou-se cavalgando infinitamente sobre as águas com seu cavalinho para um lugar onde abaixo da superfície nadavam milhares de dorsos prateados, cascatas cintilantes à luz do sol, onde as costas cinza das baleias erguiam-se das águas e os peixes-espada saltavam. A cada remada, afastava-se mais do mau cheiro da traição. Os braços de Ucanan moviam-se como que independentemente, e, quando ele finalmente parou o remo para tornar a olhar para trás, o vilarejo de pescadores era apenas mais uma silhueta quadriculada com pontos brancos em volta — brilhando ao sol, o crescente mofo dos novos tempos, os hotéis.

Ucanan sentiu uma onda de medo invadindo-o. Ele nunca tivera coragem de ir tão longe. não com o caballito. Deus sabe o quanto é diferente ter uma prancha debaixo dos pés em vez de um feixe de juncos estreito e pontudo sob o traseiro. O nevoeiro matinal sobre o longínquo vilarejo poderia estar enganando-o, mas certamente havia 12 ou mais quilômetros entre ele e Huanchaco.

Ele estava sozinho.

Ucanan deteve-se um instante. Fez uma rápida prece para São Pedro, pedindo para voltar para casa feliz e com saúde, com o barco cheio de peixes. Depois inspirou com força o salgado ar matinal, pegou o calcal e calmamente o deixou deslizar para dentro d'água. As malhas com seus ganchos desapareciam no escuro espelhado, uma atrás da outra, até que restasse somente a bóia vermelha ao lado do caballito.

O que poderia acontecer? O tempo estava bom, além do mais Ucanan sabia exatamente onde estava. Pertinho dali erguia-se um maciço de lava solidificada do fundo submarino, uma pequena cadeia montanhosa escarpada. Seus picos chegavam bem perto da superfície da água. Anêmonas marinhas habitavam-nos, assim como mexilhões e crustáceos. Uma infinidade de pequenos peixes morava nas frestas e cavernas. Mas muitos dos grandes

representantes, como atuns, bonitos e peixes-espada, também vinham para caçar. Para as traineiras, era muito arriscado pescar aqui, pois corriam o risco de serem rachadas pelas rochas afiadas, e além disso o local não oferecia muito para uma pesca maior.

Para o corajoso cavaleiro do caballito, seria mais do que suficiente.

Ucanan sorriu pela primeira vez neste dia. Ele balançava para cima e para baixo. As ondas eram um pouco mais altas do que perto do litoral, mas ainda estava bastante confortável em sua jangada de junco. Ele espreguiçou-se e piscou na luz do sol, que se erguera num amarelo lívido sobre as montanhas. Então pegou novamente o remo e, com algumas remadas, direcionou seu caballito para a correnteza. Agachou-se e preparou-se para, nas próximas horas, observar a bóia que bailava sobre a água a certa distância do barco.

Após quase uma hora ele pegara três bonitos. Eles estavam no depósito aberto do caballito, gordos e brilhantes.

Ucanan animou-se. Isso era melhor que o rendimento das últimas quatro semanas... Na verdade ele já poderia retornar agora, mas, visto que já estava ali, poderia perfeitamente esperar um pouco mais. O dia começara bem. Possivelmente terminaria melhor ainda.

Além disso, tinha todo o tempo do mundo.

Enquanto o caballito vagava lentamente ao longo dos arrecifes, ele dava mais corda ao calcal e observava a bóia afastando-se, saltitante. Diversas vezes seu olhar procurou por trechos mais claros na superfície da água, onde as rochas cresciam para o alto. Era importante manter distância suficiente para não danificar a rede. Ele bocejou.

Sentiu a corda tremer levemente, no próximo instante, a bóia desapareceu no movimento das ondas. Depois ela surgiu na superfície, disparou para cima, saltou desordenadamente para todos os lados por alguns segundos e voltou a ser bruscamente puxada para baixo.

Ucanan segurou a corda com força. Ela esticou-se no seu punho e arrancou-lhe a pele das mãos. Ele esbravejava. No próximo

instante, o caballito virou de lado. Ucanan soltou a corda para não perder o equilíbrio. O brilho avermelhado da bóia surgiu no fundo da água. A corda levava diretamente para o fundo, tensa como um tendão, e, aos poucos, puxou a popa do pequeno barco para baixo.

Que diabos estava acontecendo?

Alguma coisa devia ter entrado na rede, algo grande e pesado. Um peixe-espada talvez. Mas um peixe-espada teria sido mais veloz e puxado o caballito consigo. Independentemente do que se prendera na rede, queria ir para baixo.

Rapidamente Ucanan tentou pegar a corda outra vez. O barco voltou a estremecer. Ele foi puxado para a frente até cair nas ondas. No mergulho, entrou água em seus pulmões. Ele emergiu tossindo e cuspidando e viu o caballito encherse de água. A proa pontuda apontava para o alto. Do depósito aberto na popa do barco, os bonitos flutuavam de volta para o mar. Ao ver os peixes afundando, sentiu ódio e amargura. Eles se perderam. não tinha como mergulhar atrás deles, porque estava totalmente ocupado em salvar o caballito e, conseqüentemente, a si mesmo.

A pesca de uma manhã. Tudo em vão!

Mais à frente boiava o remo. Ucanan não lhe deu atenção. Poderia pegá-lo depois. Jogou-se sobre a proa com toda a força e tentou puxá-la para baixo. com isso, foi parar totalmente debaixo d'água, juntamente com o caballito, que continuava sendo puxado sem piedade. Rapidamente, arrastou-se sobre o junco liso até a proa. Sua mão direita apalpou o interior do depósito aberto até encontrar o que estava procurando. Graças a São Pedro! Sua faca não fora levada pela água, nem a máscara de mergulho, sua maior preciosidade além do calcal.

com um corte ele partiu a corda.

Imediatamente o caballito foi lançado para cima e girou o corpo de Ucanan em torno de seu próprio eixo. Ele viu o céu rodar acima de si, sua cabeça novamente mergulhou na água e finalmente ele encontrou-se ofegante, deitado sobre a balsa de junco que tornara a vagar calmamente sobre as ondas, como se nada tivesse acontecido.

Confuso, ergueu-se. não podia ver a bóia. Seu olhar procurou pelo remo na superfície d'água. Estava flutuando sobre as ondas, não muito longe dali. Ucanan levou o caballito até lá com as mãos até conseguir puxar o remo para si, colocou-o à sua frente e olhou em volta.

Lá estavam elas, as manchas claras na água transparente.

Ucanan xingou longamente e em altíssimo tom. Havia-se aproximado demais das formações submarinas, e o calcal ficara preso nelas. não era de admirar que tivesse sido puxado para baixo. Sonhava acordado e se deixara levar por tais sonhos. E onde estava a rede naturalmente também estava a bóia. Enquanto ela ficasse presa às rochas, não tinha como flutuar, afinal estava fortemente atada a elas.

Ucanan refletiu.

Sim, esta era a resposta, assim teria de ser. Mesmo assim, ele ficou perplexo diante da veemência com que quase perdera tudo. Parecia ser a única explicação plausível, ele perdera a rede para as rochas, mas ainda restavam dúvidas.

Perder a rede!

Ele não podia perder a rede.

com rápidas remadas, Ucanan conduziu o caballito para o local onde ocorrera o breve drama. Espiou para baixo e tentou reconhecer algo na água clara, mas não via nada além de algumas claridades indefinidas. Nenhum sinal da rede, nem da bóia.

Será que fora aqui mesmo?

Ele era um navegante. Havia passado sua vida no mar. Mesmo sem recursos técnicos, Ucanan sabia que estava no local certo. Aqui ele tivera de cortar a corda para evitar que a embarcação de junco se partisse ao meio. Em algum lugar lá embaixo estava a sua rede.

Ele teria de buscá-la.

Pensar em mergulhar não agradava nem um pouco Ucanan. Como a maioria dos pescadores, ele — apesar de excelente nadador — no fundo tinha medo da água. Praticamente nenhum pescador amava realmente o mar. O mar os chamava, dia após dia, e muitos que pescaram por toda sua vida não podiam viver sem

ele, mas também não viviam lá muito bem com ele. Ele consumia a sua força vital, ficava com um pouco dela após cada peixe içado e largava criaturas secas e caladas, que não contavam com mais nada, em bares portuários.

Mas Ucanan possuía o seu tesouro! O presente de um turista que ele levara para o mar no ano anterior. Ele pegou a máscara no depósito, cuspiu dentro dela e espalhou cuidadosamente a saliva para que ela não embaçasse debaixo d'água. Depois lavou a máscara na água do mar, pressionou-a contra o rosto e puxou a fivela para detrás da cabeça. Era uma máscara até bem cara, com bordas de látex macio e maleável. Um respiradouro ou snorkel ele não tinha, mas também não era necessário. Poderia prender a respiração tempo suficiente para afundar bastante e arrancar a rede das rochas.

Ucanan avaliou o perigo de ser atacado por um tubarão. Em geral, naquela região não eram comuns exemplares que ameaçassem os humanos. Em alguns casos raros foram observados tubarões-martelo, maço ou arenque, que saqueavam as redes dos pescadores, contudo mais distante da costa. Os grandes brancos praticamente não apareciam em frente ao Peru. Além disso, era muito diferente nadar em água livre ou próximo a rochas e estruturas de recifes como estas, que davam uma certa segurança. Certamente, calculava Ucanan, não fora um tubarão o responsável pelo desaparecimento de sua rede.

Foi culpa da sua falta de atenção. Nada mais.

Ele encheu os pulmões de ar e mergulhou de cabeça nas ondas. Era importante chegar rapidamente ao fundo, ou o ar inspirado o manteria como um balão na superfície. com o corpo na vertical e a cabeça à frente, ele aumentou a distância entre si e a superfície. Se, do barco, a água parecera escura e impenetrável, agora surgia um mundo claro e receptivo à sua volta, com uma boa visibilidade para o recife vulcânico que se estendia por algumas centenas de metros. As rochas estavam salpicadas pela luz do sol. Ucanan quase não viu peixes, mas não deu a menor atenção a isso. Seu olhar buscava o calcal nas formações rochosas. Ele não poderia ficar muito tempo ali, caso não quisesse arriscar que o caballito se

afastasse demais. Se não encontrasse nada nos próximos segundos, seria obrigado a retornar e tentar uma segunda vez.

E que custassem dez tentativas! Se fosse preciso a metade do dia. Estava fora de questão voltar sem a rede.

Então ele avistou a bóia.

Ela flutuava a uns dez ou quinze metros acima de uma saliência escabrosa. A rede estava pendurada imediatamente abaixo. Parecia ter ficado presa em vários lugares. Pequenos peixinhos nadavam em torno das malhas e dispararam para todos os lados quando Ucanan aproximou-se. Ele ficou de pé dentro d'água, pisoteou e começou a soltar o calcal. A correnteza inflou sua camisa aberta.

E então ele percebeu que a rede estava completamente esfarrapada.

Perplexo, ele fixou o olhar no resultado da destruição. Isso não fora causado somente pelas rochas.

O que será que tinha feito este caos aqui?

E onde estava essa Coisa agora?

Tomado por uma inquietude, Ucanan começou a fuçar no calcal. Ao que parecia, tinha dias de remendos pela frente. Começou a faltar-lhe o ar. Talvez não conseguisse na primeira tentativa, mas mesmo um calcal destruído ainda tinha o seu valor.

Finalmente ele se deteve.

Não valia a pena. Ele teria de subir, verificar se estava tudo bem com o caballito e tornar a mergulhar.

Enquanto pensava, ocorreu uma mudança à sua volta. Primeiro ele pensou que uma nuvem tivesse escondido o sol. As manchas de luz saltitantes haviam desaparecido das rochas, as estruturas e plantas não faziam mais sombra...

Ele ficou intrigado.

Suas mãos, a rede, tudo perdera a cor e tornara-se lívido. Nem mesmo as nuvens poderiam explicar esta repentina mudança. Em poucos segundos, o céu havia escurecido acima de Ucanan.

Ele soltou o calcal e olhou para cima.

Até onde a vista alcançava, rente à superfície d'água, juntou-se um cardume de peixes compridos como braços e

brilhantes. Tamanho era o seu espanto que Ucanan soltou parte do ar dos pulmões, que subiu perolando. Perguntou-se de onde surgira este enorme cardume, assim tão de repente. Nunca antes vira algo semelhante. Os corpos pareciam praticamente imóveis, vez ou outra percebia-se o tremor de uma cauda ou o rápido avanço de um único animal. Então, repentinamente o cardume alterou sua posição por alguns graus, correção esta realizada por todos os animais, e os corpos aproximaram-se ainda mais uns dos outros.

De fato, era o comportamento típico de um cardume. Mas algo estava errado. Não era tanto o comportamento dos peixes que o intrigava. Eram os próprios peixes.

Simplemente, era peixe demais.

Ucanan girou em torno do próprio eixo. Para onde quer que olhasse, a imensa quantidade de peixes perdia-se no infinito. Ele jogou a cabeça para trás e, através de uma fresta entre os corpos, avistou a sombra de seu caballito, que contrastava com a superfície brilhante e cristalina, levemente remexida. Nesse momento, esta última saída também se fechou. Escureceu ainda mais, e o ar que restava em seus pulmões começou a doer ardentemente.

Dourados, pensou, perplexo.

Praticamente ninguém mais acreditava no seu retorno. Na verdade, ele deveria estar contente, dourados tinham um preço razoável no mercado, e uma rede cheia deles alimentava um pescador e sua família por um bom tempo.

Mas Ucanan não estava contente.

Pelo contrário, um medo começou a invadi-lo.

Este cardume era incrível. Ia de horizonte a horizonte. Teriam as cavalas destruído o calcal? Um cardume de dourados? Mas como isso seria possível?

Você precisa sair daqui, disse para si mesmo.

Ele empurrou-se das rochas. Procurando manter a calma, subiu devagar e controladamente, expirando continuamente os restos de ar. Seu corpo flutuou em direção aos corpos apinhados que o separavam da superfície da água, da luz do sol e do seu barco. Qualquer movimento no cardume havia cessado, uma infinita aglomeração arregalada de indiferença. E ainda assim tinha a

impressão de que os animais haviam aparecido repentinamente e do nada somente por sua causa, como se esperassem por ele.

Eles querem deter-me, pensou de repente. Eles querem impedir-me de retornar ao barco.

Subitamente, sentiu medo, e seu coração disparou. não prestou mais atenção à sua velocidade, não pensou mais no calçal esfarrapado e na bóia, nem mesmo com o caballito perdeu mais um único pensamento. Apenas queria passar pela terrível massa de peixes acima de si e retornar à superfície, de volta à luz, ao seu elemento, à segurança.

Alguns peixes desviaram para o lado.

Do seu meio, alguma coisa serpenteou na direção de Ucanan.

Depois de um bom tempo o vento refrescou.

Ainda não se via nenhuma nuvem no céu. Era e continuava sendo um belo dia. As ondas haviam crescido muito pouco, sem que se tornassem desconfortáveis para um homem em um pequeno barco.

Mas não se via nenhum homem.

Ninguém à vista.

Só o caballito, um dos últimos de sua espécie, vagava lentamente mar afora.

# **PRIMEIRA PARTE**

## **ANOMALIAS**

O segundo anjo derramou a sua taça no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu todo ser vivente que estava no mar. O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. E ouvi o anjo das águas dizer: Justo és tu...

Apocalipse 16

Na semana passada, chegou à costa chilena um enorme cadáver não identificável, que rapidamente se desfez no ar. Segundo a guarda costeira chilena, esta massa sem forma representa apenas uma pequena parte de uma massa maior, que anteriormente fora observada à deriva na água. Os especialistas chilenos não encontraram nenhum osso, que um vertebrado ainda teria, mesmo nesse estado. A massa seria grande demais para uma pele de baleia, e também não cheirava como tal. Até agora as pesquisas apontam para paralelos surpreendentes aos chamados globsters. Essas massas gelatinosas costumam chegar a trechos da costa. De que tipo de animal elas derivam mal se pode supor.

CNN, 17 de abril de 2003

## **4 de março**

### **TRONDHEIM, COSTA NORUEGUESA**

Na realidade, a cidade era tranqüila demais para faculdades e centros de pesquisa. Especialmente em Bakklandet ou no Mollenberg, a imagem de uma metrópole de tecnologia não se impunha de forma alguma. No colorido idílio de modernas casas de

madeira, parques e igrejas que lembravam vilarejos, construções de palafitas no rio e pátios pitorescos, qualquer sensação de progresso se perdia, apesar de a NTNU, a maior universidade tecnológica da Noruega, ficar logo ao lado.

Praticamente nenhuma cidade unia o passado e o futuro tão bem como Trondheim. Por isso Sigur Johanson considerava-se um homem de sorte, por poder morar na Kirkegata de Mollenberg, que parecia ter parado no tempo, no térreo de uma pequena casa de duas águas cor de ocre com uma escada e a moldura da porta pintadas de branco, algo que tocava qualquer diretor hollywoodiano. Apesar de grato ao destino por tê-lo comprometido com a biologia marinha e, por causa disso, com uma das mais atuais áreas de pesquisa, o aqui e agora o interessava muito pouco. Johanson era um visionário e, como todo visionário, tão adepto ao totalmente novo como a ideais passados. Sua vida era inspirada em Júlio Verne. Ninguém soube unir a respiração quente da era das máquinas, o cavalheirismo extremamente conservador e o prazer com o impossível tão bem como o grande francês. Somente o presente era um caracol que carregava obrigatiedades e banalidades nas costas. O presente não se encaixava no mundo de Sigur Johanson. Ele servia ao presente, reconhecia o que lhe era exigido, enriquecia a sua base e desprezava-o pelo que fazia com isso.

Ao dirigir seu jipe nesse final de manhã de inverno pela Ovre Bakklandet para o centro de pesquisas da NTNU, o cintilante rio Nidelva à sua direita, o passado havia reivindicado os seus direitos durante um longo fim de semana. Ele estivera em florestas e visitara vilarejos remotos parados no tempo. No verão, teria ido com o Jaguar, no porta-malas uma cesta de piquenique com pão fresco, patê de fígado de ganso embrulhado em papel de alumínio da delicatessen e uma pequena garrafa de Gewürztraminer, preferencialmente da safra de 1985. Desde que Johanson mudara-se de Oslo, havia-se apropriado de uma série de locais que não eram invadidos por moradores de Trondheim ou turistas ávidos por descanso. Há dois anos chegara por acaso às margens de um lago escondido e, para sua alegria, descobrira uma pequena casa de

campo que necessitava de uma boa reforma. Encontrar o proprietário levava tempo — ele ocupava um cargo de gerência na empresa petrolífera estatal da Noruega, passando a morar em Stavanger —, mas, em compensação, a compra da casa foi rápida. O homem estava contente por ter encontrado alguém que a assumisse e vendeu-a por um valor irrisório. Nas semanas seguintes Johanson contratou alguns imigrantes ilegais russos para restaurar a velha cabana por um bom preço, até ela corresponder à sua idéia do que seriam aquelas chácaras que provavelmente serviram aos bonvivants do final do século XIX como local de descanso e de prazer.

Ali, com vista para o lago, ele ficava sentado na varanda nas longas noites de verão, lia os visionários entre os clássicos, desde Thomas More até Jonathan Swift e H. G. Wells, escutava Mahler e Sibelius, escutava o pianista Glenn Gould e as harmonias da Sinfonia de Ravel de Celibidace. Assim como dos seus CDs, Johanson também tinha dois exemplares de todos os seus livros preferidos. Ele não queria abdicar nem de um nem de outro, independentemente de onde estivesse no momento.

Johanson guiou o carro, subindo o terreno levemente inclinado. À sua frente estava o prédio principal da NTNU, uma imensa construção coberta de neve do início do século XX que lembrava um castelo. Na parte traseira estendia-se o campus universitário propriamente dito, com seus prédios de salas de aula e laboratórios. Dez mil estudantes habitavam uma área que parecia uma pequena cidade. Em todos os lugares percebia-se uma agitação ruidosa. Johanson permitiu-se um suspiro de prazer. Havia sido maravilhoso no lago, solitário e extremamente inspirador. No verão passado, algumas vezes ele levava a assistente do coordenador do Departamento de Cardiologia, uma conhecida de viagens a seminários. Rapidamente chegaram a um relacionamento maior, mas ao final do verão Johanson declarou o caso terminado. Ele não queria prender-se, até porque tinha plena consciência da realidade. Ele tinha 56 anos, ela era trinta anos mais nova. bom para algumas semanas, mas inadmissível para uma vida cujos

limites Johanson, de qualquer maneira, não permitia e jamais permitira quase ninguém ultrapassar.

Ele estacionou na vaga reservada para si e foi até o prédio da Faculdade de Ciências Naturais. A caminho do escritório, lembrou pela última vez do lago e quase passou sem perceber por Tina Lund, que estava na janela e virou-se no momento em que entrou.

— Você está um pouco atrasado — disse ela, brincando. — Foi o vinho tinto ou alguém que não o deixou partir?

Johanson sorriu. Lund trabalhava para a Statoil e atualmente circulava principalmente nas instalações de pesquisa da Sintef. A fundação era um dos maiores centros de pesquisa da Europa. A indústria offshore norueguesa devia a ela algumas descobertas pioneiras. Afinal, a cooperação da Sintef com a NTNU também colaborara para a fama de centro de pesquisas tecnológicas de Trondheim. As instituições da Sintef estavam em toda parte. Lund, que em sua rápida carreira ascendente chegara a vice-coordenadora de um projeto de exploração de novos poços de petróleo, há poucas semanas instalara-se no Instituto de Tecnologias Marinhas, Marintek, mais uma filial da Sintef.

Johanson observava sua estatura alta e esguia enquanto tirava o sobretudo. Ele gostava de Tina Lund. Tinham começado alguma coisa alguns anos antes, mas no meio do caminho de certa forma concordaram que seria melhor manterem somente uma boa amizade. Desde então, trocavam informações sobre os seus trabalhos e, ocasionalmente, saíam para jantar.

— Homens idosos precisam dormir bastante — respondeu Johanson. — Você quer um café?

— Se estiver pronto.

Ele foi até a secretária e encontrou um bule cheio. não viu a secretária em lugar nenhum.

— Apenas leite — disse Lund.

— Eu sei.

Johanson dividiu o café em duas canecas grandes, pôs leite na dela e voltou para o escritório.

— Eu sei tudo sobre você. Já esqueceu?

— Tão longe você nunca chegou.

— não, graças a Deus. O que o trouxe aqui?

Lund pegou o café, deu alguns pequenos goles, mas não parecia querer sentar-se.

— Acho que um verme.

Johanson franziu a testa e olhou para ela. Lund respondeu ao seu olhar, como se esperasse uma explicação, antes que tivesse feito a pergunta correspondente. Isso era típico. Ela tinha um temperamento inquieto.

Ele tomou um gole.

— Você acha?

Em vez de responder, pegou um recipiente de aço fosco da bancada da janela e pôs em frente a Johanson, na escrivaninha. Ele estava fechado.

— Dê uma olhada.

Johanson destravou a tampa e abriu-a. O recipiente tinha água até a metade. Algo peludo e comprido mexia-se dentro dela. Johanson observou com atenção.

— Faz idéia do que seja? — perguntou Lund. Ele encolheu os ombros.

— Vermes. Dois. Bastante grandes.

— Até aí, concordamos. Entretanto a espécie nos intriga.

— É porque vocês não são biólogos. São poliquetas. Se é que me entende,

— Eu sei o que são poliquetas. Ela hesitou.

— Você pode examiná-las e classificá-las? Mas precisamos dos relatórios com certa rapidez.

— Tudo bem. — Johanson aproximou-se do pequeno tanque. — Como já disse, definitivamente são poliquetas. Muito bonitas, aliás. Bem coloridas. Estes animais vivem em águas profundas, não faço idéia de que espécie seja. O que preocupa vocês?

— Se nós soubéssemos...

— Nem isso vocês sabem?

— São do talude continental. De setecentos metros de profundidade.

Johanson coçou o queixo. No recipiente, os animais contraíram-se e mexeram-se. Eles querem comer, pensou, mas não há nada que possam comer. Ele achou surpreendente estarem vivos. A maioria dos organismos não reagia lá muito bem quando eram trazidos de grandes profundidades para cima.

Ele ergueu o olhar.

— Posso dar uma olhada nelas. Amanhã talvez?

— Seria bom. Ela fez uma pausa.

— Você reparou alguma coisa, não é? Deu para ver nos seus olhos.

— Possivelmente.

— O que é?

— não posso dizer ao certo. não sou sistemata nem taxônomo. Existem poliquetas de todas as cores e formas. não conheço a relação completa, e eu já sei bastante. Estas aqui me parecem... Bem, ainda não sei.

— Lamentável. — A expressão de Lund se fechou. Em seguida, sorriu de repente. — Por que não começa logo as pesquisas e me passa as suas conclusões num almoço?

— Tão rápido? O que acha que eu fico fazendo aqui?

— Se eu considerar a hora que você chegou, de qualquer forma não deve estar se afogando em trabalho.

O pior é que ela tinha razão.

— Está bem — disse Johanson, suspirando —, podemos nos encontrar à uma hora na lanchonete. Posso cortar um pedacinho ou você pretendia fazer amizade com elas?

— Faça o que julgar necessário. Até mais tarde, Sigur.

Ela saiu apressada. Johanson seguiu-a com os olhos e perguntou-se se não teria sido bastante divertido com ela. Mas Tina Lund levava uma vida corrida. Muito agitada para alguém como ele, que preferia a tranquilidade e não gostava de correr atrás dos outros.

Ele verificou a correspondência, fez uma série de ligações pendentes e finalmente levou o recipiente com os vermes para o laboratório. não havia dúvida de que se tratava de poliquetas. Assim como as sanguessugas, eles eram do filo anelídeo, vermes

anelídeos, e, de uma forma geral, não representavam nenhuma espécie de vida complicada. O fascínio dos zoólogos tinha outros motivos, Poliquetas eram os seres vivos mais antigos do mundo. Os fósseis encontrados comprovavam que sua morfologia é praticamente a mesma desde a era cambriana, que afinal tinha aproximadamente quinhentos milhões de anos. Raramente eram encontrados em água doce ou solos úmidos, entretanto habitavam em grande número todos os mares e profundezas. Eles afofavam os sedimentos e serviam de alimento para peixes e crustáceos. A maioria das pessoas tinha nojo deles, até porque os exemplares, pela conservação em álcool, perdiam suas cores magníficas. Johanson, por sua vez, avistava os sobreviventes de um mundo submerso, e o que via lhe parecia de excepcional beleza.

Durante alguns minutos, observou os corpos cor-de-rosa com suas protuberâncias tentaculares e tufo de cerda brancos no recipiente. Então pingou uma solução de cloreto de magnésio para relaxar os vermes. Havia diferentes formas de matar um verme. A mais comum era colocá-lo em álcool, em vodka ou Aquavit transparente. Do ponto de vista humano, este método prometia uma morte embriagada, ou seja, não era a pior forma de deixar a vida. Os vermes não viam as coisas assim e, na luta contra a morte, contraíam-se, formando um grumo duro caso não fossem relaxados anteriormente. Para isso servia o cloreto de magnésio. Os músculos dos animais relaxavam e, em seguida, era possível fazer com eles o que se quisesse.

Por via das dúvidas, ele congelou um dos animais. Era sempre recomendável ter um exemplar de reserva, caso mais tarde se quisesse realizar análises genéticas ou examinar isótopos estáveis. Ele fixou o segundo verme em álcool, observou-o novamente durante um certo tempo, colocou-o em uma das áreas de trabalho e mediu seu comprimento. Anotou quase 17 centímetros. Depois cortou-o longitudinalmente e deu um leve assobio.

— Meu camarada — disse ele —, você tem umas presinhas consideráveis.

Por dentro, também mostravam-se as formas características de um anelídeo. A tromba, que a poliqueta podia projetar rapidamente para fora durante a caça, estava enrolada dentro do corpo. Tinha mandíbulas de quitina e várias fileiras de minúsculos dentes. Johanson já havia visto uma série destas criaturas por dentro e por fora, mas o tamanho destas mandíbulas ia além de tudo o que conhecia. Quanto mais tempo observava o verme, mais desconfiava de que nunca vira esta espécie.

Que prático, pensou. Glória e fama! não era todo dia que se encontrava uma espécie nova.

Ele ainda não estava certo, então consultou a intranet e procurou durante um tempo na selva de dados. Era de fato surpreendente. Este verme existia e, por outro lado, não existia. Pouco a pouco, Johanson foi ficando realmente curioso. Estava tão entusiasmado com o trabalho que quase esqueceu o que o levava a examinar o animal. Quando finalmente correu para chegar à lanchonete por debaixo dos tetos de vidro das ruas do campus, já estava 15 minutos atrasado. Entrou às pressas, avistou Lund em uma mesa no canto e aproximou-se. Ela estava na sombra de uma palmeira e acenou para ele.

— Sinto muito — disse ele. — Está esperando há muito tempo?

— Horas. Estou morrendo de fome.

— Podemos pedir um ensopado de peru — sugeriu Johanson. — Estava excelente na semana passada.

Lund acenou a cabeça afirmativamente. Quem conhecia Johanson, sabia que em questões culinárias era confiável. Ela pediu um refrigerante para acompanhar o prato. Ele permitiu-se uma taça de Chardonnay. Enquanto ele enfiava o nariz no copo para farejar qualquer resquício de rolha, Lund mexia-se em sua cadeira, inquieta.

— E?

Johanson tomou um pequeno gole e lambeu os beiços.

— bom. Refrescante e expressivo.

Lund olhou-o sem entender. Depois girou os olhos.

— Está bem.

Ele colocou a taça de volta e cruzou as pernas. De certa forma, achava divertido levar sua paciência aos limites. Afinal, ela o aguardara com trabalho numa manhã de segunda-feira, merecia ser torturada.

— Anelídeos, classe das poliquetas, até aí já tínhamos chegado. Espero que vocês estejam contando com um relatório extenso, isso levará semanas e meses. Até aqui, eu classificaria os seus dois exemplares como mutações ou nova espécie. Ou os dois, para ser mais preciso.

— Você está sendo tudo, menos preciso.

— Desculpe. De onde exatamente vocês tiraram aquelas coisas?

Lund descreveu-lhe o local. Ficava bastante longe do continente, lá onde a plataforma continental norueguesa caía para águas mais profundas. Johanson prestou atenção, pensativo.

— Posso saber o que vocês estão fazendo lá?

— Pesquisando bacalhau.

— Ah. Ainda existe algum? Que bom.

— Deixe de brincadeira. Você conhece os problemas quando queremos chegar no petróleo. não queremos reclamações posteriores por não termos prestado atenção a alguma coisa.

— Vocês vão construir uma plataforma? Pensei que os investimentos estivessem sendo reduzidos.

— No momento, este não é um problema meu — disse Lund, um pouco irritada. — O meu problema é a possibilidade de construir ali. Nunca fizemos uma perfuração tão longe da costa. Precisamos avaliar as condições técnicas. Precisamos comprovar que estaremos trabalhando ecologicamente. Então estamos examinando toda a espécie de vida ao redor e como é composto o meio ambiente, para que não seja agredido.

Johanson acenou a cabeça afirmativamente. Lund debatia-se com os resultados da Conferência do Mar do Norte, depois de o ministério pesqueiro norueguês fazer críticas à eliminação diária de milhões de toneladas de água de produção contaminada no mar. Nas inúmeras instalações offshore e em frente à costa norueguesa, a água de produção era retirada do fundo do mar juntamente com o

petróleo, com o qual estivera misturada durante milhões de anos, saturada de química. Geralmente, só era separada mecanicamente dos grumos de óleo durante a extração e jogada diretamente no mar. Durante décadas, ninguém questionara essa prática. Até o governo solicitar uma pesquisa no Instituto Norueguês de Ciências Marinhas, cuja quintessência surpreendeu igualmente os ecologistas e grupos petrolíferos. Certas substâncias contidas na água de produção afetavam o ciclo reprodutivo do bacalhau. Elas agiam como hormônios femininos. Os peixes machos tornavam-se inférteis ou mudavam de sexo. Nesse ínterim, outras espécies também pareciam ameaçadas. Exigiram uma interrupção imediata da liberação da água de produção no mar, o que obrigou os produtores petrolíferos a pesquisar novas alternativas.

— Eles estão certos em controlar o trabalho de vocês — disse Johanson. — Quanto mais, melhor.

— Você realmente não está me ajudando — disse Lund com um suspiro. — De qualquer forma, cutucando na encosta, nós descemos bastante. Realizamos medições sísmicas e enviamos o robô até setecentos metros para fazer fotos.

— De vermes.

— Ficamos totalmente surpresos. não esperávamos encontrá-los lá embaixo.

— Tolice. Há vermes em toda parte. E acima de setecentos metros, também os encontraram?

—não.

Ela mexia-se impaciente em sua cadeira.

— Diga logo o que há com essas malditas feras. Eu gostaria de incluir o assunto nos relatórios, ainda temos muito trabalho pela frente.

Johanson apoiou o queixo nas mãos.

— O problema com o seu verme — disse ele — é que na realidade trata-se de dois vermes.

Ela olhou-o sem entender.

— Claro. São dois vermes.

—não estou me referindo a isso. Estou falando do gênero. Se não me engano, ele faz parte de uma espécie recentemente

encontrada, da qual até então não se sabia nada. Foi encontrado no Golfo do México, onde vive em águas profundas e, aparentemente, alimenta-se de bactérias que, por sua vez, têm como base energética e de crescimento o metano.

— Metano?

— Sim. E agora vem o mais interessante. Seus vermes são grandes demais para sua espécie. Quer dizer, há poliquetas que chegam a dois metros e mais. E, aliás, também bastante antigos. Mas são outros calibres e vivem num lugar totalmente diferente. Se os seus forem idênticos aos do Golfo do México, devem ter crescido significativamente desde a sua descoberta. Os do Golfo medem, no máximo, cinco centímetros, os seus são três vezes maior. Além disso, até agora não foram descritos no talude norueguês.

— Interessante. Que explicação você tem para isso?

— Você é engraçada! Eu não tenho explicação. A única resposta que tenho no momento é que vocês descobriram uma nova espécie. Parabéns. Por fora, parece o verme do gelo mexicano, mas o tamanho e certas características correspondem a um verme totalmente diferente. Ou melhor, a um ancestral dos vermes que, até onde sabemos, já está extinto há muito tempo. Um pequeno monstro cambriano. Apenas me espanta...

Ele hesitou. A região fora analisada tão minuciosamente pelas companhias petrolíferas que um verme desse tamanho já deveria ter chamado a atenção.

— Sim? — insistiu Lund.

— Bem, ou todos nós fomos cegos, ou os seus novos amigos não existiam lá antes. Talvez sejam de uma profundidade ainda maior.

— O que nos leva à questão de como conseguiram chegar lá em cima. — Lund calou-se um instante. Depois disse: — Até quando consegue terminar o relatório?

— Já estou vendo que você, como sempre, está estressando.

— De qualquer forma, não posso esperar um mês!

— Está bem — disse Johanson, elevando as mãos num gesto conciliatório. — Terei de enviar os seus vermes mundo afora,

mas temos os nossos contatos. Quero duas semanas. E não tente negociar um tempo inferior. Por maior que seja a boa vontade, não há como ser mais rápido.

Lund não retrucou nada. Enquanto olhava para o infinito, a comida chegou, mas ela não tocou em nada.

— E eles se alimentam de metano?

— De bactérias que ingerem metano — corrigiu Johanson.

— Um sistema simbiótico bastante complicado, do qual pessoas mais inteiradas podem falar. Mas isso vale para o verme que acredito ser parecido com o seu. Ainda não há nada comprovado.

— Se ele é maior do que o verme do Golfo do México, também tem mais apetite — ponderou Lund.

— De qualquer forma, mais do que você — disse Johanson, olhando para o prato dela, intacto. — Aliás, seria bom se você conseguisse mais alguns exemplares das suas espécies monstruosas.

— não seja por isso.

— Vocês ainda têm alguns?

Lund acenou a cabeça afirmativamente, com uma estranha expressão no olhar. Então começou a comer.

— Aproximadamente uma dúzia — disse. — Mas lá embaixo tem mais.

— Muitos?

— não sei dizer ao certo. Fez uma pausa.

— Mas acredito que sejam alguns milhões.

## **12 de março**

### **ILHA DE VANCOUVER, CANADÁ**

Os dias passavam, mas a chuva continuava.

Leon Anawak não conseguia lembrar-se de quando, nos últimos anos, chovera por um período tão longo. Ele olhou para fora, para o oceano totalmente liso. O horizonte era como uma linha metálica entre a superfície da água e a densa camada de

nuvens baixas. Lá longe, a chuva dos últimos dias aparentemente começara a cessar. não era possível dizer com segurança. Também poderia muito bem ser neblina. O oceano Pacífico enviava o que queria, em geral sem aviso prévio.

Sem tirar o olhar da linha, Anawak acelerou a Blue Shark e conduziu-a um pouco mais para fora. A zodiac, como eram chamados os grandes botes infláveis motorizados, estava lotada. Doze pessoas com capas de chuva, binóculos e câmeras já não se alegravam mais com o programa. Elas haviam persistido durante muito mais do que uma hora e meia na espera por baleias-cinzentas e jubartes, que haviam deixado as enseadas quentes da Baixa Califórnia e as águas em torno do Havaí para iniciar a sua viagem para as áreas de alimentação estivais do Ártico. Em geral, percorriam 16 mil quilômetros. Sua viagem as levava do Pacífico através do mar de Bering para o mar de Chukotka e além do limite das placas de gelo até o paraíso, onde enchiam suas barrigas de crustáceos. Quando os dias voltavam a ser mais curtos, iniciavam novamente o longo caminho de volta ao México. Lá, protegidas de seus maiores inimigos, as orcas, davam à luz os seus filhotes. Duas vezes por ano, os grupos desses gigantes mamíferos marítimos passavam pela Colúmbia Britânica e pelas águas em frente à Ilha de Vancouver — meses em que, em cidades como Tofino, Ucluelet e Victoria, as estações de observação de baleias ficavam lotadas.

Mas não neste ano.

Já era tempo de algum representante de uma ou outra espécie posar com a cabeça ou a cauda para a obrigatória foto. A probabilidade de encontrar os mamíferos era tão grande nesta época que a Estação Baleeira Davies garantia a observação de baleias e, caso contrário, oferecia novas excursões gratuitas. Era possível não avistar baleias durante algumas horas, mas um dia inteiro era considerado um grande azar. Uma semana inteira seria motivo de preocupação, mas, na realidade, nunca acontecia.

Entretanto, desta vez os animais pareciam ter se perdido em algum lugar entre a Califórnia e o Canadá. Hoje a aventura também não se concretizou. As câmeras foram guardadas nas bolsas. não haveria histórias para serem contadas em casa, a não

ser que o barco passara por uma costa de pedra aparentemente interessante, entretanto escondida atrás de cortinas de chuva.

Anawak, acostumado a dar explicações e fazer comentários em todas as observações de baleias, sentia a língua colar no palato. Nos últimos noventa minutos, contou toda a história da região, assim como algumas anedotas, para evitar que as pessoas perdessem o ânimo por completo. Entretanto parecia-lhe que ninguém queria mais ouvir falar em baleias e ursos negros. Seu estoque de manobras de distração chegou ao fim. Em sua cabeça, circulava a dúvida quanto ao paradeiro das baleias. Talvez devesse se preocupar com o paradeiro dos turistas pagantes, mas ele não podia perder o controle.

— Vamos retornar — decidiu.

Silêncio decepcionado. Para o retorno pelo Clayoquot Sound, precisariam de, no mínimo, 45 minutos. Ele decidiu ao menos encerrar a tarde o mais rápido possível. Além disso, já estavam todos inteiramente encharcados. Azodiac tinha dois motores fortes, que garantiam um passeio emocionante quando ligados no máximo. Àquela altura, tudo que podia oferecer às pessoas era velocidade.

Quando avistaram as casas de palafitas de Tofino e o píer da estação, imediatamente parou de chover. Os morros e cumeadas pareciam ter sido recortados de cartolina cinza, os picos envoltos em neblina e nuvens. Anawak ajudou os passageiros a saltar antes de prender a zodiac. A escada para o píer estava escorregadia. Na varanda da estação já se reuniam os próximos aventureiros que procurariam a aventura em vão, Anawak não perdeu tempo pensando neles. não queria ainda por cima ter preocupações alheias.

— Se isso continuar assim, precisaremos mudar de ramo — disse Susan Stringer quando ele entrou na sala de vendas de ingressos. Ela estava atrás do balcão colocando os panfletos nos suportes correspondentes. — Poderíamos observar esquilos, o que acha?

A estação baleeira era um bazar acolhedor, cheio de artesanatos, suvenires cafonas, roupas e livros. Susan Stringer

trabalhava como office manager na Davies. Assim como Anawak em tempos passados, ela trabalhava para pagar seus estudos. Anawak, formado há quatro anos, permanecera fiel à Davies como skipper. Ele aproveitara as temporadas de verão dos anos anteriores para publicar um bom livro sobre a inteligência e a estrutura social de mamíferos marinhos e conquistar o reconhecimento de especialistas através de experimentos espetaculares.

Como vinha sendo tratado como estrela em ascensão, pouco a pouco surgiam propostas interessantes, empregos atrativos, que faziam com que a imagem da vida modesta na natureza da ilha de Vancouver perdesse cada vez mais o brilho. Anawak sabia que, mais cedo ou mais tarde, cederia e se mudaria para uma destas cidades de onde vinham as ofertas. Seu destino parecia traçado. Ele tinha 31 anos. Em breve assumiria um cargo de professor universitário ou de pesquisador em um dos grandes institutos, publicaria artigos em revistas técnicas, viajaria para congressos e moraria numa dispendiosa cobertura de um prédio luxuoso. Ele começou a abrir os botões da sua roupa de chuva.

— Se ao menos fosse possível fazer alguma coisa — disse, desanimado.

— Fazer o quê?

— Procurar.

— Você não queria conversar com Ed Byrne sobre a avaliação dos dados telemétricos?

— Já conversei.

— E?

— Aparentemente não fizeram grande coisa. Em janeiro, equiparam algumas toninhas e leões-marinhos com tacógrafos, nada mais. Os dados existem, mas todos os registros acabam logo após o início da migração. Depois, nenhum sinal.

Stringer encolheu os ombros.

— não se preocupe. Eles deverão aparecer. Alguns milhares de baleias não desaparecem assim, sem mais nem menos.

— Aparentemente, sim. Ela sorriu, irônica.

— Talvez estejam presas no trânsito em Seattle. Em Seattle sempre há trânsito.

— Muito engraçado.

— Relaxe! Em outros anos, elas também se atrasaram uma vez ou outra. E então, nos vemos hoje à noite no Schooners?

— Eu... não. Preciso preparar o experimento com a beluga.

— Se quer minha opinião, você está exagerando um pouco no trabalho. Anawak sacudiu a cabeça.

— Preciso fazer isso, Susan. É importante para mim, e, além disso, não entendo nada de cotações da Bolsa.

A provocação era para Roddy Walker, namorado de Stringer. Ele era corretor em Vancouver e passava alguns dias em Tofino. Sua idéia de férias aparentemente resumia-se em encher a paciência de todas as pessoas com o seu celular e com algumas dicas financeiras, sempre em voz alta. Stringer já havia compreendido há tempos que não se desenvolveria uma amizade entre os dois, ainda mais depois de Walker torturar Anawak durante uma longa noite com perguntas a respeito de sua procedência.

— Você pode não acreditar — disse ela —, mas Ed também sabe conversar sobre os mais variados assuntos.

— É mesmo?

— Se você pedir com educação. Sou um pouco irônico.

— Está bem — disse Anawak. — Irei mais tarde,

— Besteira. Tenho certeza de que você não vai.

— Se você me pedir com educação.

Obviamente ele não iria. Ele sabia, e Stringer também. Mesmo assim, ela disse:

— Vamos nos encontrar por volta das oito, caso você decida ir. Talvez você ainda devesse mover o seu traseiro cheio de cracas. A irmã de tom está aqui, e ela gosta de você.

A irmã de tom não era o pior argumento. Mas tom Shoemaker era diretor comercial da Davies, e Anawak não gostava da idéia de prender-se demais a um local do qual estava justamente tentando se desvencilhar.

— Vou pensar.

Stringer riu, balançou a cabeça e saiu.

Durante algum tempo, Anawak atendeu os clientes que entravam, até tom chegar e dispensá-lo pelo resto do dia. Saiu para

a rua principal de Tofino. A Estação Baleeira Davies ficava logo na entrada da vila. Era uma construção bonita, uma típica casa de madeira com telhado vermelho, varanda coberta e um gramado à frente, do qual saía uma cauda de baleia de cedro de sete metros de altura, como símbolo. Próximo dali começava uma densa floresta de pinheiros. A paisagem correspondia exatamente ao que geralmente os europeus consideravam tipicamente canadense. Os nativos também contribuíam para esta imagem, quando, à luz das lanternas à noite, contavam detalhes dos seus encontros com ursos no próprio quintal ou de passeios nas costas das baleias. Nem tudo era verdade, mas a maior parte era. A ilha de Vancouver cultivava o mito de concentrado de Canadá com grande empenho. O trecho da costa oeste entre Tofino e Port Renfrew, com suas praias rasas, as solitárias enseadas, mangues, rios e paisagens escarpadas envoltas de pinheiros e cedros centenários, atraía inúmeros visitantes a cada ano. com um pouco de sorte, era possível avistar baleias-cinzentas da praia, assim como lontras e leões-marinhos que se banhavam ao sol próximo à costa. Apesar de o mar enviar chuva em abundância, era aqui que a ilha mais se aproximava da idéia de paraíso de muitas pessoas.

Anawak não tinha olhos para isso.

Ele entrou um pouco na vila e virou a esquina em direção a um píer. Um veleiro de 12 metros estava ancorado ali, velho e quebradiço. Era de Davie. O chefe da estação não quis investir para que voltasse a ter condições de navegar. Em vez disso, alugou-o por um valor irrisório para Anawak, que agora morava ali e praticamente não ia mais para o seu verdadeiro lar, um pequenino apartamento em Vancouver City. Somente quando tinha que resolver coisas na cidade por um período prolongado é que o apartamento tinha a honra passageira da sua presença.

Ele entrou na cabine, pegou um pacote de papéis e rapidamente retornou à estação. Em Vancouver ele tinha um carro, um King enferrujado. Na ilha, bastava pegar emprestado o velho Land Cruiser da família Shoemaker de vez em quando. Ele entrou, ligou o motor e dirigiu para o Wickaninnish Inn, um hotel de altíssima categoria que ficava a poucos quilômetros dali sobre uma

península de pedra e tinha uma vista fantástica para o oceano. O tempo continuava abrindo e já era possível avistar algumas manchas azuis no céu. A estrada, de ótima qualidade, atravessava uma densa floresta. Após dez minutos, ele deixou o carro em um pequeno estacionamento e continuou a pé, passando por gigantescas árvores derrubadas que apodreciam lentamente. A trilha subia cruzando a luz esverdeada do crepúsculo. Cheirava a terra úmida. Pingava água. Dos galhos dos pinheiros caíam samambaias e musgos em abundância. Tudo parecia ter vida.

Quando o Wickaninnish Inn surgiu à sua frente, já sentia o efeito do curto espaço de tempo distante de companhia humana. Agora que o tempo parecia estável, ele poderia sentar-se tranqüilamente na praia com os seus papéis. A luz ainda seria suficiente por algum tempo. Talvez, pensou enquanto descia as escadas de madeira que levavam do hotel para o mar num íngreme ziguezague, depois ele se daria o luxo de jantar no Wickaninnish. A cozinha era excelente, e a idéia de não poder ser encontrado por Walker e sua imbecil arrogância, e assistir ao pôr-do-sol, melhorou ainda mais o seu humor.

Aproximadamente dez minutos após sentar-se em um tronco de árvore caído com os seus rascunhos e o seu laptop, observou um vulto descendo as escadas e passeando ao longo da praia. A maré estava baixa, e a areia, iluminada pelo sol poente, estava salpicada de madeira flutuante. A pessoa não parecia estar com muita pressa, entretanto era evidente que traçava um grande arco em direção à árvore de Anawak. Ele franziu a testa e tentou aparentar que estava o mais ocupado possível. Após um certo tempo, ouviu o suave ranger de passos se aproximando. Olhou forçadamente para os papéis, mas não era mais possível concentrar-se.

— Olá — disse uma voz profunda.

Anawak olhou para cima.

À sua frente estava uma mulher graciosa e atraente com um cigarro, sorrindo com simpatia. Ela devia ter quase sessenta anos. O cabelo curto era grisalho, o rosto, bronzeado de sol e

marcado por inúmeras rugas e ruguinhas. Estava descalça, usava jeans e um casaco escuro.

— Olá. — Soava menos rude do que ele pretendia. No momento em que ergueu o olhar para ela, sua presença não lhe incomodava mais. Seus olhos, de um azul profundo, brilhavam de curiosidade. Na juventude, fora provavelmente muito cobiçada. Ela continuava irradiando algo indefinidamente erótico.

— O que está fazendo aqui? — perguntou.

Em outras circunstâncias, ele daria uma resposta qualquer e simplesmente seguiria o seu caminho. Havia várias formas de demonstrar às pessoas que não eram bem-vindas.

Mas ouviu-se respondendo educadamente:

— Estou escrevendo um relatório sobre belugas. E você?

A mulher deu um trago no cigarro. Depois sentou-se ao lado dele no tronco de árvore como se ele a tivesse convidado. Ele observou seu perfil, o nariz estreito, os zigomas elevados, e de repente achou que não lhe parecia estranha. Já a tinha visto em algum lugar.

— Também estou trabalhando num relatório — disse ela. — Mas temo que ninguém queira lê-lo quando for publicado — fez uma pausa e olhou para ele. — Eu estava no seu barco hoje.

Então era de lá que a conhecia. Uma pequena mulher de óculos de sol e um capuz sobre a cabeça.

— O que aconteceu com as baleias? — perguntou ela. — não vimos nenhuma.

— Elas não estão aqui.

— Por quê?

— não tenho pensado em outra coisa.

— Vocênão sabe?

— não.

A mulher acenou a cabeça afirmativamente, como se conhecesse o fenômeno.

— Posso imaginar o que se passa na sua cabeça. Os meus também não estão vindo, mas pelo menos estou a par dos motivos.

— Os seus o quênão estão vindo?

— Talvez não devesse esperar mais, mas procurar — sugeriu, sem dar atenção à sua pergunta.

— Mas estamos procurando. — Ele colocou o bloco de anotações de lado e surpreendeu-se com a própria franqueza. Era como se estivesse falando com uma velha conhecida. — Estamos procurando de todas as maneiras possíveis.

— E como está fazendo isso?

— Via satélite. Observação à distância. Além disso, podemos acompanhar a movimentação dos grupos através de ecolocalização. Existem diversas possibilidades.

— E mesmo assim elas desaparecem desse jeito, sem mais nem menos?

— Ninguém acreditou que poderiam deixar de vir. No início de março, ainda foram avistadas em Los Angeles, e só.

— Talvez devesse ter olhado melhor.

— Sim, talvez.

— E todas desapareceram?

— não. Todas, não — disse Anawak, suspirando. — Isso é um pouco mais complicado. Quer mesmo saber?

— Claro. Do contrário, não teria perguntado.

— Há baleias aqui. Residentes.

— Residentes?

— Em frente à ilha de Vancouver, observamos 23 tipos de baleias. Algumas passam por aqui periodicamente. Baleias-cinzentas, jubartes, baleias-minke e outras vivem na região. Só de baleias-caldeirão, temos três tipos.

— Baleias-caldeirão?

— Orcas.

— Ah! Baleias assassinas.

— Esta denominação é totalmente absurda — disse Anawak, aborrecido. — Orcas são amáveis, não há registros de ataques a humanos em vida selvagem. Baleias assassinas — essa besteira surgiu de pessoas históricas como Cousteau, que não pensou duas vezes antes de denominar a orca o inimigo número um das pessoas. Ou Plínio, em sua História natural. Sabe o que ele

escreveu? Uma assustadora massa de carne, armada de dentes bárbaros. Quanta tolice! Dentes podem ser bárbaros?

— Dentistas podem ser bárbaros. — Ela deu um trago no cigarro. — Está bem, entendi. O que quer dizer orca?

Anawak surpreendeu-se. Nunca tinham feito essa pergunta a ele.

— É uma denominação científica.

— E o que significa?

— Orcinus Orca. Que faz parte do reino dos mortos. Pelo amor de Deus, agora não me pergunte quem pensou numa coisa dessas.

Ela sorriu.

— Você disse que existem três tipos de orcas. Anawak apontou para o oceano.

— Orcas offshore, sobre as quais sabe-se pouquíssimo. Elas vêm e vão, na maioria das vezes em grandes grupos. Em geral, vivem longe, em alto-mar. As orcas inshore, por sua vez, são nômades e vivem em pequenos grupos. Talvez estas correspondam mais à sua idéia de assassina. Elas comem de tudo: focas, leões-marinhos, golfinhos e pássaros também; elas atacam até as baleias-azuis. Aqui, onde a costa é rochosa, elas permanecem exclusivamente na água, mas na América do Sul é possível encontrar inshore caçando no litoral. Elas chegam à praia e caçam focas e outros animais. Fascinante!

Ele deteve-se, esperando uma nova pergunta, mas a mulher ficou calada e somente soprou um pouco de fumaça no ar da noite.

— O terceiro tipo vive nas proximidades da ilha — continuou Anawak. — Residentes. Grandes famílias. Você conhece a ilha?

— Razoavelmente.

— No leste, em direção à costa, há um canal marítimo, o estreito de Johnstone. As baleias residentes permanecem lá o ano todo. Elas comem exclusivamente salmão. Desde o início da década de 1970, nós pesquisamos sua estrutura social. — Ele interrompeu e olhou para ela, confuso. — Como fomos parar aqui? O que eu queria contar mesmo?

Ela riu.

— Desculpe. É culpa minha. Atrapalhei o seu raciocínio, mas costumo querer saber tudo nos mínimos detalhes. Devo estar incomodando demais com todas as minhas perguntas.

— Tem a ver com a sua profissão?

— É de nascença. Aliás, você queria me explicar quais baleias desapareceram e quais não.

— Sim, eu queria fazer isso, mas...

— Você está sem tempo.

Anawak hesitou. Ele olhou para o bloco e o laptop. No decorrer da noite, teria que terminar o relatório. Mas a noite era longa. Além do mais, começava a sentir fome.

— Está hospedada no Wickaninnish Inn?

— Estou.

— O que fará hoje à noite?

— Uau! — Ela ergueu as sobrancelhas e sorriu para ele. — Faz dez anos que alguém me perguntou isso pela última vez. Que emocionante.

Ele sorriu de volta.

— Para ser sincero, estou com fome. Pensei que pudéssemos continuar nossa conversa jantando.

— Boa idéia.

Ela escorregou do tronco de árvore, apagou o cigarro e guardou a ponta no casaco.

— Mas vou logo avisando. Eu falo de boca cheia. Na verdade, falo e pergunto sem parar se não estiver sendo entretida de uma forma que me deixe atônita. Portanto, trate de se esforçar. Aliás — ela estendeu-lhe a mão direita —, Samantha Crowe. Chame-me de Sam, todos me chamam assim.

Eles conseguiram um lugar à janela do restaurante, que era todo de vidro. Ficava em frente ao hotel e pousava sobre a rocha como se quisesse ir mar adentro. Do observatório elevado tinha-se uma vista panorâmica fantástica do Clayoquot Sound com suas ilhas, a enseada e as florestas. O lugar era ideal para observar baleias. Neste ano, entretanto, mesmo num local tão exposto era preciso satisfazer-se com os habitantes marinhos trazidos da cozinha.

— O problema é que as orcas inshore e offshore não apareceram — explicou Anawak. — Por isso, no momento praticamente não se vêem baleias na costa oeste. O número de residentes continua o mesmo, mas elas não gostam de vir para este lado, embora o estreito de Johnstone venha se tornando desconfortável para elas.

— Por quê?

— Como se sentiria caso tivesse que dividir a sua casa cada vez mais com barcas, cargueiros, navios de luxo e pescadores amadores? Inúmeras lanchas passam por lá. Além disso, a região vive da indústria madeireira. Os navios cargueiros levam florestas inteiras para a Ásia. Quando as árvores desaparecem, os rios assoreiam, e os salmões perdem os seus locais de desova. E as residentes simplesmente não comem nada além de salmões.

— Compreendo. Mas você não está preocupado somente com as orcas, certo?

— As baleias-cinzentas e as jubartes são as que mais nos preocupam. Talvez tenham desviado ou não queiram mais que as pessoas fiquem olhando para elas dos barcos. — Ele acenou a cabeça. — Mas não é tão simples assim. Quando os grandes grupos de baleias chegam à ilha de Vancouver no início de março, já estão sem comer há meses. Durante o inverno na Baixa Califórnia, vivem da gordura acumulada. Acontece que chega o momento em que essa reserva se esgota. E é para aqui que elas voltam primeiro para se alimentarem.

— Talvez tenham passado por aqui mais distante da costa.

— Não há comida suficiente lá fora. Para as baleias-cinzentas, por exemplo, a Wickaninnish Bay oferece a principal parte da alimentação, que não existe em mar aberto, *Onuphis elegans*.

— Elegans parece chique. Anawak sorriu.

— É um verme. Comprido e delgado. A baía é arenosa, há vermes em quantidades imensas, eles compõem o cardápio predileto das baleias-cinzentas. Sem essa refeição intermediária, praticamente não conseguiriam chegar até o Ártico. — Ele tomou um pequeno gole de água. — Em meados dos anos 1980, também

já aconteceu de não aparecerem. Mas sabia-se o porquê. Naquela época, as baleias-cinzentas estavam praticamente extintas. Caçadas até a morte. Desde então, conseguimos recuperá-las razoavelmente. Acredito que hoje em dia haja uns vinte mil exemplares no mundo todo, a maioria nas águas daqui.

— E elas não vieram?

— Entre as baleias-cinzentas, também há algumas residentes. Essas estão aqui. Mas são poucas.

— E as jubartes?

— A mesma história. Desapareceram.

— Vocênão disse que estava escrevendo um relatório sobre as belugas? Ele a observou.

— Que tal me contar um pouco a seu respeito? — disse. — Saiba que os outros também são curiosos.

Crowe lançou um olhar divertido para ele.

— É mesmo? Mas você já sabe o mais importante. Sou uma velha chata e faço perguntas.

Um garçom apareceu e serviu camarões grelhados com risoto de açafrão. Na verdade, pensou Anawak, queria estar sozinho esta noite. Sem que alguém falasse ininterruptamente como companhia. Mas simpatizara com Crowe.

— O que você pergunta? A quem e por quê?

Crowe descascou um camarão cheirando a alho de sua couraça.

— É muito simples. Eu pergunto: Tem alguém aí?

— Tem alguém aí?

— Correto.

— E qual é a resposta?

A carne do camarão desapareceu entre duas fileiras simétricas de dentes brancos.

— Ainda não recebi resposta.

— Talvez devesse perguntar mais alto — disse Anawak em alusão ao seu comentário na praia.

— Eu adoraria — disse Crowe, mastigando. — Mas atualmente os meios e as possibilidades me limitam a um âmbito de aproximadamente duzentos anos luz. Ainda assim, em meados

dos anos noventa, avaliamos sessenta bilhões de medições, sendo que em 37 casos ainda não concluímos se são de origem natural ou se alguém realmente disse alô.

Anawak fitou-a.

— SETI? — perguntou. — Você trabalha na SETI?

— Exatamente. Search for Extra Terrestrial Intelligence, busca por inteligência extraterrestre. Projeto PHOENIX, para ser mais exata.

— Você intercepta o universo?

— Aproximadamente mil estrelas parecidas com o sol, com mais de três bilhões de anos. É. Trata-se de somente um projeto entre muitos, mas talvez seja o mais importante de todos, modéstia à parte.

— Minha nossa!

— não se espante tanto, Leon, também não é algo tão especial assim. Você analisa os sons das baleias e procura entender se elas têm algo a contar lá embaixo. Nós prestamos atenção ao universo, porque estamos convictos de que há inúmeras civilizações inteligentes nele. Provavelmente você está bem mais adiante com as suas baleias do que nós.

— Tenho apenas alguns oceanos, e você, todo o universo.

— Concordo, nós fuçamos em outras medidas. Por outro lado, sempre ouço dizer que continua se sabendo menos sobre o oceano do que sobre o universo.

Anawak estava fascinado.

— E você realmente recebeu sinais que indicam haver vida inteligente? Ela meneou a cabeça.

— não. Recebemos sinais que não conseguimos classificar. A probabilidade de se fazer um contato é mínima. Talvez até fora de cogitação. Pensando bem, eu deveria me jogar da próxima ponte de tanta frustração, mas gosto demais de comer estas coisas aqui, e além do mais estou obcecada pela coisa. Mais ou menos como você está com suas baleias.

— A respeito delas, ao menos sei que existem.

— Atualmente nem tanto — sorriu Crowe.

Anawak sentiu que milhares de perguntas surgiam. A SETI sempre lhe interessara. O projeto de pesquisa de inteligências extraterrestres havia sido iniciado pela NASA no início dos anos 1990, justamente no dia da chegada de Colombo. Na porto-riquenha Arecibo, o maior radiotelescópio do mundo fora ajustado para um programa totalmente inovador. Nesse ínterim, graças a generosos patrocinadores, a SETI iniciara novos projetos dedicados à procura de vida extraterrestre ao redor do globo. O PHOENIX é um dos mais conhecidos.

— Você é a mulher que Jodie Foster viveu em Contato?

— Eu sou a mulher que gostaria de ter entrado no veículo que, no filme, leva Jodie Foster até os extraterrestres. Sabe, estou abrindo uma exceção para você, Leon. Normalmente fico furiosa quando me perguntam a respeito do meu trabalho. É sempre necessário explicar durante horas o que faço.

— Eu também.

— Pois é. Você me contou algumas coisas, então estava lhe devendo essa. O que mais deseja saber?

Anawak não precisou pensar muito.

— Por que não teve êxito até agora?

Crowe parecia divertida. Ela catou camarões no seu prato e deixou-o esperando um pouco pela resposta.

— Quem disse que não tivemos? Além disso, nossa Via Láctea tem cerca de cem bilhões de estrelas. Comprovar a existência de planetas parecidos com a Terra nos causa uma certa dificuldade, porque a sua luz é fraca demais. Só podemos vê-los através de truques científicos, mas teoricamente está cheio deles. Entretanto imagine interceptar cem bilhões de estrelas!

— É verdade — Anawak sorriu ironicamente. — com vinte mil jubartes é relativamente mais fácil.

— Veja, nós ficamos velhos e grisalhos com a tarefa. É como se você tivesse que comprovar a existência de um minúsculo peixe e, para isso, precisasse observar minuciosamente cada litro de água que corre para o oceano. Entretanto o peixe se movimenta. Você pode repetir o procedimento para todo o sempre e, provavelmente, chegar à conclusão de que tal peixe nem exista.

Entretanto há inúmeros deles, apenas sempre num litro de água diferente do que o que está à sua frente. A PHOENIX avalia vários litros simultaneamente, mas em compensação nós nos restringimos — digamos assim — ao estreito de Geórgia. Você me entende? Existem civilizações lá fora. Eu não tenho como comprovar, mas estou convicta de que é um número infinito. Lamentavelmente, o universo é infinitamente maior. Ele dilui as nossas chances mais do que a máquina de café de Arecibo dilui o café espresso.

Anawak refletiu.

— A NASA não enviou uma mensagem para o espaço uma vez?

— Entendo. — Os seus olhos brilharam. — Você acha que não devemos ser preguiçosos e ficar escutando, mas que devemos emitir sinais. Sim, ela enviou. Em 1974 enviamos uma mensagem de Arecibo para M13, um aglomerado globular logo ali. Mas isso não soluciona realmente o nosso problema. Toda mensagem fica vagando perdida no espaço interestelar, seja nossa ou de outros. Seria uma coincidência incrível se alguém a recebesse. Além disso, interceptar é melhor do que enviar.

— Mesmo assim. Aumentaria a probabilidade.

— Talvez nem queiramos isso.

— Por que não? — perguntou Anawak, surpreso. — Eu acho...

— Na verdade, nós queremos, sim, mas muitas pessoas ficariam desconfiadas. Muitos acreditam que seria melhor não chamar a atenção dos outros para si. Eles poderiam vir e nos tirar a bela Terra. Ai! Eles poderiam nos devorar.

— Mas isso é tolice.

— não sei se é tolice. Eu, pessoalmente, também acredito que uma inteligência que alcançou a navegação espacial interestelar tenha ultrapassado o nível do tumulto. Por outro lado, acho que o argumento não é de menosprezar. As pessoas deveriam pensar melhor sobre como chamar a atenção. Caso contrário, poderiam ser mal-interpretadas.

Anawak ficou calado. De repente voltou a pensar nas baleias.

— Você não desanima de vez em quando? — perguntou.

— Quem não desanima... Mas é por isso que existem cigarros e filmes de vídeo.

— E quando alcançar o seu objetivo?

— Boa pergunta, Leon. — Crowe interrompeu e passou os dedos sobre a toalha da mesa, distraída. — Na verdade me pergunto há anos qual é o nosso real objetivo. Acredito que, se soubesse a resposta, pararia de pesquisar. Uma resposta é sempre o fim da procura. Talvez a solidão da nossa existência nos atormente. A idéia de ser uma coincidência que não se repetiu em nenhum outro lugar. Mas talvez também queiramos provar justamente o contrário, que não existe ninguém além de nós e que temos um lugar especial dentro da evolução, o qual aparentemente merecemos. não sei. Por que pesquisa baleias e golfinhos?

— Eu sou... curioso.

Não, não é bem isso, pensou no mesmo instante. É mais do que simples curiosidade. O que estou procurando, afinal?

Crowe tinha razão. No fundo, eles faziam a mesma coisa. Cada um interceptava o seu cosmo e esperava obter respostas. Cada um trazia consigo um grande anseio por companhia, pela companhia de seres inteligentes além de humanos.

Uma loucura, tudo isso.

Crowe parecia ler os pensamentos dele.

— Afinal, não se trata de outra inteligência — disse. — não nos enganemos. A questão é o que restará de nós na presença de outra inteligência. Quem seremos depois. E o que não seremos mais. — Ela recostou-se e deu um de seus sorrisos simpáticos e atraentes. — Sabe, Leon, eu acho simplesmente que se trata da questão do sentido.

A seguir, conversaram sobre tudo, mas não mais sobre baleias ou civilizações desconhecidas. Lá pelas dez e meia, depois de tomar mais um drinque em frente à lareira no salão — Crowe, um Bourbon, Anawak, como sempre, água —, despediram-se. Crowe contou que viajaria dois dias depois. Ela o acompanhou para fora. As nuvens haviam desaparecido completamente. Acima deles

abria-se um céu estrelado que parecia sugá-los para dentro de si. Durante um tempo, simplesmente olharam para cima.

— As vezes não se cansa das suas estrelas? — perguntou Anawak.

— Você não se cansa das suas baleias? Ele riu.

— Não. Claro que não.

— Espero que volte a encontrar os animais.

— Eu lhe contarei, Sam.

— Também saberei de outras formas. Encontros são passageiros. Foi uma noite agradável, Leon. Se nossos caminhos voltarem a se cruzar, ficarei contente, mas você sabe como é. Cuide de seus pupilos. Acredito que os animais tenham encontrado um bom amigo. É um bom homem.

— Como sabe?

— Na minha posição, crença e conhecimento obrigatoriamente andam juntos. Cuide-se.

Apertaram-se as mãos.

— Quem sabe não nos encontramos novamente como orcas — brincou Anawak.

— Por que justamente orcas?

— Os índios kwakiutl acreditam que quem foi uma boa pessoa em vida renasce como orca.

— É mesmo? Gostei!

Crowe abriu um sorriso largo. A maioria de suas várias rugas, observou Anawak, aparentemente eram do sorriso.

— Você também acredita nisso?

— Claro que não.

— Por que não? Você mesmo não é um?

— Um o quê? — perguntou, mesmo tendo compreendido o que «Ia quisera dizer.

— Um índio.

Anawak sentiu uma tensão interior. Ele se viu nos olhos dela. Um homem de altura média e atarracado, zigomas largos e pele cor de cobre, olhos levemente puxados e os cabelos grossos, pretos e Usos caindo sobre a testa.

— Algo assim — disse depois de um longo intervalo.

Samantha Crowe o observou. Então retirou o pacotinho de cigarros do seu casaco corta-vento, acendeu um cigarro e deu um trago profundo.

— Pois então. Também sou viciada nisso. Tudo de bom, Leon.

— Tudo de bom, Sam.

## **13 de março**

### **COSTA E MAR NORUEGUESES**

Sigur Johanson não viu nem ouviu nada sobre Tina Lund durante uma semana. Nesse período, substituiu um professor doente e deu algumas aulas além do planejado. Fora isso, estava ocupado com a redação de uma reportagem para a National Geographic e com o aumento do estoque de sua adega, razão pela qual voltou a ter contato com um conhecido na alsaciana Riquewihr, que, como representante da renomada vinícola Hugel&Fils, estava de posse de certas raridades. Algumas delas Johanson pretendia dar a si mesmo em seu aniversário. Paralelamente, conseguira uma gravação em vinil de 1959 do Anel dos nibelungos de Sir Georg Solti e começara a entreter suas noites com ela. Diante do poder aliado de Hugel e Solti, os vermes de Lund ficaram num segundo plano, ainda mais porque até então não havia novos resultados a respeito deles.

Nove dias após o seu último encontro, Lund finalmente ligou para ele, aparentando ótimo humor.

— Você parece tão relaxada — afirmou Johanson. — Devo me preocupar com a sua objetividade científica?

— Talvez — arriscou Lund, alegremente.

— Explique-se.

— Mais tarde. Ouça, amanhã o Thorvaldson estará na margem continental com o objetivo de enviar um robô para baixo. Quer assistir?

Johanson pensou na sua agenda.

— Estarei ocupado pela manhã — disse. — Preciso demonstrar o apelo sexual de bactérias de enxofre aos estudantes.

“T” — Lamentável. O navio sairá bem cedo.

— De onde?

— De Kristiansund.

Kristiansund ficava a pouco mais de uma hora de carro a sudoeste de Trondheim, numa costa de pedra castigada pelo vento e pelas ondas. Do aeroporto próximo saíam helicópteros para as plataformas de petróleo que formavam fileiras na plataforma continental do mar do Norte e ao longo do sulco norueguês. Havia cerca de setecentas plataformas para a extração de petróleo e gás só em frente à Noruega.

— não posso ir depois? — sugeriu Johanson.

— Sim, talvez — disse Lund após um breve silêncio. — não é má idéia. Pensando bem, nós dois poderíamos ir depois. O que fará depois de amanhã?

— Nada que não possa ser adiado.

— Então está combinado. Vamos mais tarde, passamos a noite no Thorvaldson e teremos tempo suficiente para observações e avaliações.

— Eu entendi direito? Você também quer ir depois?

— Bem. Eu... bom, acabei de ter a idéia de passar metade do dia no litoral, e, quando você chegar no começo da tarde, nós voarmos juntos para Gullfaks. De lá, seguimos juntos para o Thorvaldson.

— Adoro ouvir você improvisando. Posso saber por que está complicando tanto?

— Por quê? Estou facilitando para você.

— Sim, para mim. Mas você poderia ir amanhã de manhã.

— Mas é que eu gosto de estar com você.

— Mentiu com estilo — disse Johanson. — Que seja. Então você estará no litoral. Onde exatamente a encontro?

— Vá até Sveggesundet.

— Meu Deus! Esse fim de mundo? Por que exatamente Sveggesundet?

— É uma vila muito bonita — disse Lund, insistente. — Nos encontraremos no Fiskehuset. Sabe onde fica?

— Sondei bastante o progresso da civilização de Sveggesundet. É aquele restaurante na praia, ao lado da igreja de madeira?

— Exatamente.

— Às três?

— Às três está ótimo. Organizarei o helicóptero. Ele nos buscará ali. — Ela fez uma pausa. — Já recebeu algum resultado?

— Infelizmente, não. Amanhã, talvez.

— Seria bom.

— Tudo dará certo. não se preocupe.

Eles encerraram a conversa. Johanson franziu a testa. Lá estava ele novamente, o verme. Voltou a impor-se e a exigir sua atenção exclusiva.

Era de fato espantoso como uma nova espécie surgia do nada em um ecossistema amplamente conhecido. A princípio, os vermes não representavam nenhum motivo para preocupação. Poderiam não agradar a todos, e, de uma forma geral, as pessoas não simpatizavam com a idéia de coletivos orgânicos, o que eram razões basicamente de ordem psicológica. De resto, vermes eram até úteis.

Até faz sentido eles estarem aí, pensou Johanson. Se realmente forem parentes do verme do gelo, indiretamente vivem de metano. E metano é encontrado em todas as margens continentais, inclusive em frente à Noruega.

Mesmo assim, era curioso.

Os resultados dos taxônomos e bioquímicos responderiam a todas as perguntas. Enquanto não os recebesse, poderia muito bem se dedicar ao Gewürztraminer de Hugel. Ao contrário dos vermes, estes eram bastante raros. Pelo menos os de certos anos.

Quando, no dia seguinte, entrou em seu escritório, Johanson deparou-se com duas cartas endereçadas a ele. Elas continham os pareceres taxonômicos. Extremamente satisfeito, ele deu uma lida rápida nos resultados e já ia deixá-los de lado. Então leu novamente, com mais atenção.

Animais esquisitos. Realmente.

Ele colocou tudo na pasta e foi para a aula. Duas horas depois estava no jipe, dirigindo pela paisagem montanhosa dos fiordes em direção a Kristiansund. A neve havia derretido e grande parte sumira, descobrindo a paisagem marrom-escura. Em dias como este, era difícil escolher a roupa adequada. Na universidade, metade do corpo docente estava resfriada. Johanson preparou-se da forma que considerou mais conveniente e fez uma mala cujo peso por pouco não excedia o limite para um vôo de helicóptero. Ele não queria pegar um resfriado no Thorvaldson, tampouco queria orientar a escolha de seu vestuário segundo regras. Como sempre, Lund acharia graça quando ele aparecesse lá com tanta bagagem, mas ele nem ligava. Se dependesse de Johanson, ainda teria levado uma sauna móvel. Além disso, sua bagagem continha algumas coisas que poderiam ser apreciadas a dois durante uma noite a bordo. Eles eram amigos, mas nem por isso era preciso manter tanta distância assim.

Johanson dkigia devagar. Ele poderia chegar em Kristiansund em uma hora, mas pressa não era com ele. Na metade do caminho, a estrada passava ao longo da água e sobre uma série de pontes. Ele apreciava a vista do panorama selvagem. Em Halså, pegou a balsa que atravessava o fiorde e seguiu para Kristiansund. Novamente, pontes cruzavam o mar azul-acinzentado. Kristiansund tinha diversas ilhas pequenas. Ele cruzou a cidade e atravessou para a histórica ilha de Averøy, um dos primeiros locais povoados após a última era glacial. Sveggesundet ficava na ponta mais externa da ilha, uma bela vila de pescadores. Durante a alta temporada vinham bandos de turistas para cá. Ininterruptamente, barcos saíam para as outras ilhas. Agora a vila estava sendo menos freqüentada e vivia tranqüilamente, na expectativa de um verão lucrativo.

Não se via praticamente ninguém quando, após aproximadamente duas horas de viagem, Johanson guiou o jipe para o estacionamento de cascalho do Fiskehuset, um restaurante com varanda e vista para o mar. Estava fechado. Apesar do frio, Lund estava sentada em uma das mesas de madeira do lado de

fora. Estava acompanhada de um jovem que Johanson desconhecia. Algo no jeito como estavam sentados lado a lado no banco de madeira deixou-o desconfiado. Aproximou-se e pigarreou.

— Cheguei cedo demais?

Ela olhou para cima. O brilho do seu olhar chamava a atenção. Ele olhou para o homem ao seu lado, que aparentava uns trinta anos, tinha cabelos louros escuros e um rosto bem-desenhado, e sua suspeita confirmou-se.

— Posso voltar mais tarde — disse, esticando as palavras.

— Kare Sverdrup — disse ela, apresentando. — Sigur Johanson. O louro sorriu para Johanson e estendeu a mão direita.

— Tina falou-me bastante de você.

— Espero que nada que o preocupe. Sverdrup riu.

— Sim, na verdade, sim. Disse que era um representante extremamente atraente da corporação de ensino.

— Um velho extremamente atraente — corrigiu Lund.

— Um velho tarado — acrescentou Johanson. Ele sentou-se no banco em frente, puxou a gola do seu anorak para cima e colocou a pasta com os pareceres ao lado. — A parte taxonômica. Bastante detalhada. Posso lhe dar um resumo. — Ele olhou para Sverdrup. — não queremos que fique sem entender, Sverdrup. Tina lhe falou do que se trata ou apenas suspirou apaixonada?

Lund lançou um olhar furioso para ele.

— Compreendo. — Ele abriu a pasta e retirou o envelope com os pareceres. — Bem, enviei um de seus vermes para o Museu Senckenberg em Frankfurt, e outro para o Smithsonian Institute. Nesses dois lugares trabalham os melhores taxônomos que conheço. São ambos especialistas em todo tipo de verme. Outro verme foi para o microscópio eletrônico de varredura em Kiel, esse relatório ainda não foi entregue, assim como o da análise por espectrometria de massa. Até aqui, posso lhe dizer no que os especialistas concordam.

— Que seria?

Johanson recostou-se e cruzou as pernas.

— Que eles não estão de acordo.

— Que esclarecedor.

— Basicamente confirmaram minha primeira impressão. É quase certo que se trate da espécie *Hesiocaeca methanicola*, também conhecida por verme do gelo.

— O comedor de metano?

— Expressão incorreta, minha querida, mas tanto faz. Esta foi a primeira parte da história. A segunda parte é que ficaram intrigados com as enormes mandíbulas e fileiras de dentes. Estas características indicam tratar-se de um animal caçador, perfurador ou moedor. E isso é estranho.

— Por quê?

— Porque os vermes do gelo nem precisam desses aparelhos gigantes. Eles têm mandíbulas, apenas bem menores.

Sverdrup sorriu meio sem jeito.

— Desculpe-me, Dr. Johanson, não entendo muito desses animais, mas isso me interessa. Por que não precisam de mandíbulas?

— Porque vivem em simbiose — explicou Johanson. — Eles ingerem bactérias que, por sua vez, vivem no hidrato de metano...

— Hidrato?

Johanson lançou um rápido olhar para Lund. Ela sacudiu os ombros.

— Explique para ele.

— É simples — disse Johanson. — Talvez tenha ouvido dizer que os oceanos estão cheios de metano.

— Sim. Atualmente lê-se muito a respeito.

— O metano é um gás. Há grandes quantidades no fundo do mar e nas margens continentais. Parte desse gás congela na superfície do solo. A água e o metano se ligam, formando uma espécie de gelo, o que só é possível sob grande pressão e baixas temperaturas. Por isso pode ser encontrado apenas a partir de uma certa profundidade. Esse gelo é chamado hidrato de metano. Tudo claro até aqui?

Sverdrup afirmou com a cabeça.

— Pois bem. Em todo lugar no oceano há bactérias. Algumas utilizam o metano. Elas o metabolizam e excretam gás sulfídrico. As bactérias são microscópicas, mas são tantas que

cobrem o fundo submarino como esteiras. Falamos de pastos de bactérias. Tais pastos podem ser encontrados especialmente onde há hidratos de metano. Alguma pergunta?

— Por enquanto, não — disse Sverdrup. — Acredito que agora os seus vermes entram em cena.

— Exatamente. Alguns vermes vivem das excreções de bactérias. Eles têm uma relação simbiótica com essas bactérias. Em alguns casos, o verme ingere as bactérias e as carrega em seu interior, em outros, elas vivem na sua superfície externa. De uma forma ou de outra, fornecem-lhes alimento. Por isso o verme é atraído para os hidratos. Ele acomoda-se nos hidratos, serve-se de bactérias e, fora isso, não faz muita coisa. Ele não precisa, por exemplo, enterrar-se em lugar nenhum, já que não come o gelo, mas as bactérias que ficam em cima. O máximo que acontece é que, devido aos seus movimentos, causa uma pequena depressão no gelo, onde permanece satisfeito.

— Entendo — disse Sverdrup lentamente. — não há necessidade de o verme entrar mais fundo. Mas outros vermes fazem isso?

— Existem as mais diversas espécies. Alguns comem sedimento ou elementos contidos no sedimento, ou metabolizam detritos.

— Detritos?

— Tudo que afunda da superfície do mar. Cadáveres, partículas, restos de todas as formas. Vários vermes que não vivem em simbiose com bactérias têm fortes mandíbulas para agarrai suas presas ou para enterrar-se em algum lugar.

— De qualquer forma, o verme do gelo não precisa de mandíbulas.

— Talvez, sim, para moer quantidades mínimas de hidrato e filtrar bactérias. Como eu disse, eles têm mandíbulas. Mas não tão grandes como os exemplares de Tina.

Sverdrup parecia interessar-se cada vez mais pelo assunto.

— Se os vermes que Tina descobriu vivem em simbiose com bactérias...

— Precisamos nos perguntar para que serve esse arsenal de mandíbulas e dentes. — Johanson acenou a cabeça. — E é agora que fica interessante. Os taxônomos descobriram outro verme no qual a estrutura do aparelho maxilar parece encaixar-se. Chama-se Nereis, um caçador que vive em todas as profundidades. O pequeno xodó de Tina, portanto, tem as mandíbulas e os dentes do Nereis, num tamanho que nos remete a um ascendente pré-histórico do Nereis. Quase um Tyrannereis rex.

— Parece amedrontador.

— Parece um bastardo. Precisamos aguardar a microscopia e a análise genética.

— Na margem continental há hidratos de metano sem fim — disse Lund. Ela mordeu o lábio, pensativa. — Isso é condizente.

— Vamos aguardar. — Johanson tossiu e observou Sverdrup. — E o que você faz, Kare? Também trabalha com petróleo?

Sverdrup balançou a cabeça negativamente.

— não — disse alegremente. — Apenas me interesse por coisas comestíveis. Sou cozinheiro.

— Extremamente agradável! Vocênão faz idéia de como é cansativo lidar com acadêmicos diariamente.

— Ele cozinha muito bem! — disse Lund.

Provavelmente mais do que isso, pensou Johanson. Lamentável. Mesmo assim, ele dividiria as guloseimas trazidas com Lund. Na verdade, estava aliviado. Sempre se sentira atraído por Tina Lund, mas bastava ela sair do quarto para ele voltar a agradecer ao destino. Ela simplesmente era cansativa demais para ele.

— E como se conheceram? — perguntou sem muito interesse.

— Assumi o Fiskehuset no ano passado — disse Sverdrup. — Tina esteve aqui algumas vezes, mas na verdade só nos cumprimentávamos. — Ele a puxou para si, e ela cedeu. — Até a semana passada.

— Foi fulminante — disse Lund.

— É — disse Johanson, olhando para o céu. O barulho de um motor distante aproximava-se. — Percebe-se.

Meia hora depois estavam no helicóptero, juntamente com uma dúzia de operários petroleiros. Johanson olhava para fora, calado. Abaixo deles passava a superfície cinza monótona e escarpada do mar. Volta e meia voavam por cima de navios petroleiros, cargueiros e balsas. Então surgiram as plataformas. Desde que, em uma noite de temporal no inverno de 1969, uma empresa petrolífera americana descobriu petróleo no mar do Norte, este se transformara em uma paisagem industrial bizarra sobre estacas, que ia da Holanda até a Haltenbank em frente a Trondheim. Em dias claros, era possível avistar do barco dúzias de plataformas gigantescas de uma só vez. Vistas do helicóptero, pareciam brinquedos de gigantes.

Ventos chacoalhavam fortemente o aparelho. Ele subia e descia. Johanson ajustou os fones de cabeça. Todos usavam protetores de ouvidos e grossas roupas. Estava tão apertado que os seus joelhos se tocavam, e cada movimento precisava ser coordenado. não era possível conversar com esse barulho. Lund estava de olhos fechados. Ela voava tantas vezes para fora que a barulheira nem a incomodava mais.

O helicóptero fez uma curva e seguiu para sudoeste. Seu alvo, Gullfaks, era uma aglomeração de plataformas da empresa petrolífera estatal Statoil. A instalação de extração Gullfaks C era uma das maiores plataformas na margem superior do mar do Norte. com 280 pessoas, formava quase uma pequena comunidade. Rigorosamente, Johanson nem poderia desembarcar ali. Anos atrás ele havia concluído um curso obrigatório para obter permissão de acesso a uma plataforma. Nesse ínterim, as normas de segurança tornaram-se mais rigorosas, mas Lund tinha os seus contatos. Afinal, eles apenas faziam uma interrupção de vôo para, em seguida, ir a bordo do Thorvaldson, que, havia mais de uma hora, estava ancorado em frente a Guífaks.

Uma forte turbulência fez com que o helicóptero perdesse altura repentinamente. Johanson agarrou-se aos braços da cadeira. Ninguém mais reagiu. Os passageiros, na maioria homens, estavam acostumados a ventos mais intensos. Lund girou a cabeça, abriu os olhos por um instante e piscou para ele.

De certa forma, Kare Sverdrup era mesmo um homem de sorte. Agora só o tempo mostraria se o homem de sorte conseguiria acompanhar o ritmo de vida de Lund.

Passado algum tempo, o helicóptero desceu e fez mais uma curva. O mar inclinou-se na direção de Johanson. Surgiu um prédio branco que parecia flutuar sobre a água. Iniciaram a descida para a aterrissagem. Por um instante, era possível ver toda a Gullfaks C. na janela lateral. Um colosso sobre quatro pilares de concreto armado, de um milhão e meio de toneladas e uma altura total de quase quatrocentos metros. Mais da metade estava debaixo d'água, onde os pilares emergiam de uma floresta de tanques. O prédio branco — a ala de alojamentos — representava somente uma pequena parte do gigante. Para um leigo, a parte principal era composta de uma confusão de conveses sobrepostos, entupidos de tecnologia e misteriosas máquinas interligadas por feixes de tubos de vários metros de diâmetro, rodeada por guindastes de abastecimento e coroada pela catedral dos petroleiros, a torre de extração. Da ponta de um gigantesco braço de aço, lá longe sobre o mar, disparava uma eterna chama—gás, que era separado do petróleo e queimado.

O helicóptero desceu em direção à plataforma de pouso acima da ala de alojamento. O piloto aterrissou de forma surpreendentemente suave. Lund bocejou, espreguiçou-se até onde o aperto permitia e aguardou a parada dos rotores.

— Foi bem agradável — disse.

Alguém riu. A porta foi aberta e eles saltaram para fora. Johanson aproximou-se da beira da área de pouso e olhou para baixo. Aproximadamente 150 metros abaixo batiam as ondas. Um vento cortante entrou no seu macacão.

— Existe algo que possa derrubar esta coisa?

— Não existe nada que não possa ser derrubado. Venha. não crie raízes. Lund pegou-o pelo braço e puxou-o na direção dos outros passageiros do helicóptero, que desapareciam do outro lado da área de pouso. Um homem baixo e robusto com um enorme bigode branco acenou para eles do patamar da escada de aço.

— Tina — exclamou. — Saudades do petróleo?

— Este é Lars Jørgensen — disse Lund. — Ele é responsável pelo controle do trânsito de helicópteros e navios na Gullfaks C. Vai gostar dele, é um excelente jogador de xadrez.

Jørgensen veio em sua direção. Ele usava uma camiseta da Statoil e, na opinião de Johanson, parecia mais um frentista.

— Estava com saudades de você — disse Lund, rindo.

Jørgensen sorriu. Ele a abraçou, o que fez com que a sua cabeleira branca desaparecesse debaixo do queixo dela. Depois cumprimentou Johanson com um aperto de mão.

— Vocês escolheram um dia desagradável — disse. — Num dia bonito, é possível avistar todo o orgulho da indústria petrolífera norueguesa. Plataforma após plataforma.

— Há muito trabalho no momento? — perguntou Johanson, enquanto desciam a escada em caracol.

Jørgensen balançou a cabeça.

— Nada além do normal. E então, meu camarada, já esteve em uma plataforma?

Como a maioria dos escandinavos, Jørgensen também ficava íntimo das pessoas com certa rapidez.

— Já tem um tempo. Quanto vocês retiram?

— Temo que cada vez menos. Em Gullfaks, a quantidade é a mesma há bastante tempo, cerca de duzentos mil barris de 21 poços petrolíferos. Na verdade, deveríamos estar satisfeitos. Mas não estamos. O fim é previsível. — Ele apontou para o mar. A algumas centenas de metros, Johanson viu um tanque ancorado junto a uma bóia. — Estamos enchendo-o. Vem mais um, e é só por hoje. Futuramente serão cada vez menos. A coisa está acabando aos poucos, ninguém pode mudar isso.

Os pontos de extração não ficavam diretamente abaixo da plataforma, mas numa grande área à sua volta. Quando o petróleo subia, o sal e a água eram retirados, o petróleo era separado do gás e armazenado nos tanques em torno das bases da plataforma. De lá, era bombeado através dos oleodutos para dentro das bóias. Em torno da plataforma havia uma zona de segurança de quinhentos metros na qual não podia passar nenhum veículo, exceto navios especiais de conserto de plataformas.

Johanson espiou sobre o corrimão de metal.

— O Thorvaldson não deveria estar por aqui? — perguntou.

— Outra bóia. Vocês não podem vê-la daqui.

— Nem os navios de pesquisa podem se aproximar?

— não, ele não faz parte de Gullfaks e é grande demais para nós. Chega! Já basta ter de explicar constantemente aos pescadores que eles devem se mandar daqui.

— Vocês se aborrecem muito com os pescadores?

— Mais ou menos. Na semana passada, apreendemos alguns que seguiam um cardume até debaixo da plataforma. Acontece de vez em quando. Na Gullfaks A foi mais sério recentemente. Um pequeno cargueiro com problemas de motor. Derivava naquela direção. Enviamos alguns de nossos homens para empurrá-lo de volta, mas então conseguiram controlar o navio por conta própria novamente.

O que Jørgensen estava contando com a maior tranquilidade na realidade descrevia a catástrofe em potencial temida por todos. Se um tanque cheio se soltasse e derivasse em direção à plataforma, uma colisão poderia sacudir as ilhas menores, mas o perigo de explosão era muito maior. Apesar de a plataforma inteira ser equipada com um sistema de sprinkler, que, com qualquer sinal de fogo, liberava toneladas de água, uma explosão de tanque seria o fim. Entretanto tais desastres eram raros e mais freqüentes em frente à América do Sul, onde as normas de segurança não eram rigorosamente cumpridas. No mar do Norte, as regras eram cumpridas. Se o vento estivesse forte demais, os tanques não eram nem carregados.

— Você emagreceu — disse Lund enquanto Jørgensen abria a porta para ela. Eles entraram para a ala de alojamentos e atravessaram um corredor de onde, de ambos os lados, portas idênticas levavam para os quartos. — Eles não estão cozinhando bem para vocês?

— Bem demais — disse Jørgensen, rindo. — O cozinheiro é ótimo mesmo. Você deveria ver o nosso refeitório — continuou falando para Johanson. — Comparando, o Ritz é um quiosque de praia. não, o chefe da nossa plataforma não gosta das barrigas do

mar do Norte e nos ordenou perder todos os quilos excedentes, se não haverá cortes.

— Sério?

— Diretiva da Statoil. não sei se realmente iriam tão longe. Mas a ameaça surtiu efeito. Ninguém quer perder o emprego aqui.

Eles chegaram a uma escadaria estreita e desceram. Alguns operários vinham em sua direção. Jørgensen cumprimentou-os enquanto seguiam para a base da plataforma. Os seus passos ecoavam na clarabóia de aço.

— Pronto, chegamos. Vocês podem escolher. Para a esquerda, significa que podemos conversar por mais meia horinha e tomar um café juntos. Para a direita, está o barco.

— Eu gostaria de tomar um café... — tentou falar Johanson.

— Obrigada — interrompeu Lund. — Ficará apertado.

— O Thorvaldson não sairá sem vocês — reclamou Jørgensen. — Você bem que poderia...

— não quero embarcar no último instante. Da próxima vez reservarei um tempinho, prometo. E trarei Sigur comigo novamente. Está na hora de alguém roubar-lhe a cena.

Jørgensen riu e saiu para o lado de fora sacudindo os ombros. Lund e Johanson o seguiram. O vento batia nos seus rostos. Eles estavam na borda inferior e lateral do bloco de alojamentos. O piso da passarela que eles percorriam era formado por grossas grades de aço soldadas. Através dos buracos, era possível ver o mar agitado. Aqui era bem mais barulhento do que na área de pouso do helicóptero. Um constante zumbido e estrondo preenchia o ar. Jørgensen levou-os até uma pequena passarela onde havia um barco fechado cor de laranja pendurado num guindaste.

— O que vocês farão no Thorvaldson? — perguntou de passagem. — Ouvi dizer que a Statoil pretende construir ainda mais longe.

— É possível — respondeu Lund.

— Uma plataforma?

— não foi definido. Talvez também seja um SWOP.

SWOP era a abreviação de Single Well Offshore Production System. A partir de uma profundidade de perfuração de 350 metros,

eram empregados tais SWOP, navios enormes que pareciam petroleiros com um sistema de extração próprio. Eles eram ligados à cabeça do poço petrolífero através de um tubo de perfuração flexível. Dessa forma, bombeavam o petróleo do fundo do mar e, ao mesmo tempo, serviam de depósito temporário.

Jõrensen acariciou as bochechas de Lund.

— Então vê se não mareia, pequena.

Eles subiram no barco. Era grande e espaçoso, com casco duro e fileiras de assentos. A bordo só estavam eles e o timoneiro. O barco estremeceu um pouco quando o guincho do guindaste começou a mover-se e a baixá-lo. Nas janelas laterais, passava a superfície cinza e rachada de concreto. E então, subitamente, estavam balançando sobre as ondas. Os ganchos do guincho se soltaram, e eles saíram de debaixo da plataforma.

Johanson foi para trás do timoneiro. Sentia uma certa dificuldade de ficar de pé. Agora ele podia ver o Thorvaldson. A popa do navio de pesquisa tinha uma extensão característica de onde os barcos de mergulho e aparelhos de pesquisa eram baixados até o mar. O timoneiro aproximou-se. Eles atracaram e subiram uma escada de aço totalmente protegida em volta. Por um breve instante, enquanto lutava com sua bagagem, Johanson pensou que talvez não tivesse sido uma boa idéia levar metade do guarda-roupa. Lund, que subia à sua frente, voltou-se para ele.

— Pela sua mala, parece que você quer tirar umas férias aqui—disse secamente. Johanson suspirou, resignado.

— Cheguei a pensar que você nem ia notar.

Todas as grandes costas do mundo tinham uma zona de águas relativamente rasas, as plataformas continentais, cujas profundidades não passavam de duzentos metros. A plataforma continental nada mais é do que a borda submarina do continente. Em alguns lugares do mundo, ela é estreita, e, em outros, os mares plataformais estendem-se por centenas de quilômetros até caírem para o oceano, ora repentinamente e íngreme, ora gradativamente e em degraus. Além dos mares plataformais, começava o universo desconhecido sobre o qual a ciência de fato sabia menos do que sobre o espaço sideral.

Ao contrário do oceano, praticamente todas as placas continentais eram controladas pelo ser humano. Embora esses mares rasos representassem apenas cerca de 8% da superfície marítima global, praticamente toda a pesca provinha de lá. O animal terrestre humano dependia da água para viver, por isso dois terços de seus representantes viviam numa faixa costeira de sessenta quilômetros de largura.

Nas cartas náuticas, em frente a Portugal e ao norte da Espanha, a plataforma continental era uma faixa estreita. As Ilhas Britânicas e a Escandinávia, por outro lado, tinham plataformas continentais tão grandes que se fundiam e formavam o mar do Norte, com profundidades médias que variavam entre 20 e

150 metros, ou seja, bastante rasas. À primeira vista, não havia nada de especial neste pequeno mar no norte europeu com as suas complicadas condições de correntezas e de temperatura, cuja atual estrutura existia há apenas dez mil anos. Mesmo assim, para o mercado mundial era de grande importância. Era um dos locais de maior trânsito do mundo, com nações altamente industrializadas ao redor e o maior porto de todos os tempos, o de Rotterdam. O estreito de trinta quilômetros de largura do Canal da Mancha passara a ser uma das rotas mais percorridas do mundo. Aqui, cargueiros, tanques e balsas manobravam num espaço extremamente limitado.

Há trezentos milhões de anos gigantescos mangues ligavam o continente à Inglaterra. O oceano avançava e recuava alternadamente. Rios imensos levavam lama, plantas e restos de animais para a bacia ao norte que, com o tempo, formavam uma camada de sedimentos de quilômetros de espessura. Formaram-se extratos de carvão enquanto o terreno continuava afundando. Novas camadas sobrepunham-se continuamente, e sua pressão transformava os sedimentos inferiores em rocha de arenito e de calcário. Paralelamente, a temperatura subia nas profundidades. Os restos orgânicos nas rochas passaram por complexas reações químicas e, sob o efeito da pressão e do calor, transformaram-se em óleo e gás. Parte disso infiltrou-se pelas rochas porosas, subindo

para o fundo submarino e perdendo-se na água. A maior parte permaneceu em depósitos subterrâneos.

Durante milhões de anos as placas continentais descansaram.

O petróleo trouxe a mudança. A Noruega, em declínio enquanto nação pesqueira, atirara-se às riquezas naturais recém-descobertas tanto quanto a Inglaterra, a Holanda e a Dinamarca e, em trinta anos, atingiu o segundo lugar nas exportações de petróleo. A maior parte dos depósitos, cerca de metade de todos os recursos europeus, encontrava-se sob a plataforma continental norueguesa. As reservas de gás natural também eram gigantescas. As plataformas foram enfileirando-se lado a lado. Os problemas técnicos eram resolvidos à custa do meio ambiente. Assim, as perfurações foram cada vez mais profundas, e as construções de suporte simples dos primeiros dias foram substituídas por torres de perfuração do tamanho do Empire State Building. Os projetos de plataformas submersas e controladas à distância estavam prestes a ser postos em prática. Na realidade, a alegria parecia não ter fim.

Mas o fim chegou mais rápido do que se esperava. A produção pesqueira caiu como em todos os lugares do mundo, assim como a extração de petróleo. O que se formara em milhões de anos acabaria em menos de quatro décadas. Muitos depósitos dos mares continentais estavam praticamente esgotados. Crescia o fantasma de um gigantesco ferro-velho e de plataformas paralisadas que não tinham como ser retiradas, porque não havia força suficiente no mundo capaz de movê-las. Somente um caminho prometia tirar as nações petroleiras da miséria em que elas se meteram. Além das placas continentais, nos taludes continentais e nas imensas bacias do oceano, havia depósitos intocados. As plataformas tradicionais não podiam ser utilizadas aqui. O que a equipe de Lund planejava para tornar tais depósitos exploráveis era um tipo de instalação diferente. O declive não era íngreme em todos os lugares. Era formado por degraus e proporcionava um terreno ideal para fábricas submarinas. Frente aos riscos oferecidos por um projeto como esse, tão longe da margem continental, a força de trabalho humana fora reduzida a um mínimo. com a queda

da produção petrolífera, diminuiu também o brilho dos operários petroleiros, cobitados e muito bem pagos nas décadas de 1970 e 1980. Na Gullfaks C, os planos eram reduzir a equipe para duas dúzias de pessoas. Plataformas como a "homem na lua", um projeto centenário acima do campo de gás Troll, no sulco norueguês, eram quase exclusivamente automáticas.

Na realidade, a produção petrolífera norueguesa tornara-se deficitária. Encerrar as atividades traria problemas ainda maiores.

Quando Johanson saiu de sua cabine, reinava o silêncio rotineiro a bordo do Thorvaldson. O navio não era muito grande. Em um gigante da pesquisa como o Polarstern de Bremerhaven eles poderiam ter pousado de helicóptero, mas o Thorvaldson precisava de lugar para a aparelhagem. Johanson passeou em direção à balaustrada e olhou para fora. Nas últimas duas horas, deixaram para trás cidades inteiras de plataformas, ligadas umas às outras por passarelas suspensas. Agora estavam acima das Ilhas Shetland, além da margem continental. A essa distância da costa não havia mais nenhuma construção. Lá longe reconheciam-se as silhuetas de uma torre de petróleo ou outra, mas, de forma geral, isto aqui tinha mais aparência de mar e menos de região industrial apinhada. Abaixo da quilha, estendiam-se cerca de setecentos metros de profundidade de água. O talude continental havia sido medido e mapeado, mas praticamente não se sabia nada a respeito da zona de escuridão eterna. Através da luz dos faróis, fora possível dar uma olhada em um ou outro local, o que era tão elucidativo em relação ao todo quanto uma lanterna de rua em relação à Noruega à noite.

Johanson pensou em seu Bordeaux e na pequena coleção de queijos franceses e italianos na mala. Ele saiu à procura de Lund e encontrou-a na verificação do robô. Ele estava pendurado nos mecanismos de fixação do braço do guindaste, uma caixa retangular de metal feita de canos, com mais de três metros de altura e cheio de tecnologia. Na parte superior, fechada, estava gravado o nome Victor. Na parte anterior, Johanson reconheceu câmeras e uma garra hidráulica dobrada.

Lund olhou para ele, radiante.

— Impressionado?

Johanson deu uma volta em torno de V/cíor, mostrando-se interessado.

— Um grande aspirador de pó amarelo — disse.

— Negativista.

— Está bem. Estou realmente fascinado. Quanto pesa isso?

— Quatro toneladas. Ei, Jean!

Um homem magro de cabelos ruivos apareceu por detrás de um tambor de cabo. Lund acenou para ele.

— Jean-Jacques Alban é o primeiro-oficial desta espelunca flutuante — disse Lund, apresentando o ruivo. — Escute, Jean, eu ainda preciso regular algumas coisas. Sigur está bastante curioso e deseja saber tudo sobre Victor. Por favor, dê uma atenção a ele.

Ela saiu em passos rápidos. Alban seguiu-a com os olhos, com uma expressão divertida de desamparo.

— Acredito que tenha coisas mais importantes a fazer do que me explicar esse robô — disse Johanson.

— Sem problemas — disse Alban, sorrindo com um ar irônico. — Tina ainda ultrapassará a si própria. Você é o cara da NTNU, certo? Você examinou os vermes.

— Dei minha opinião a respeito. Por que estão tão preocupados com os animais?

Alban fez sinal que não.

— Estamos mais preocupados com as condições do solo aqui no talude. Os vermes foram encontrados por acaso, eles alimentam principalmente a fantasia de Tina.

— Pensei que vocês enviariam o robô para baixo por causa dos vermes — disse Johanson, espantado.

— Tina lhe disse isso? — Alban olhou para o robô e balançou a cabeça. — não, isso é apenas parte da missão. Naturalmente levamos nosso trabalho a sério, mas estamos basicamente preparando a implementação de uma estação de medição definitiva. Ela será colocada diretamente acima dos depósitos de petróleo descobertos. Se chegarmos à conclusão de que o local é seguro, será instalada uma estação de petróleo submarina ali mesmo.

— Tina contou-me algo sobre um SWOP.

Alban olhou para ele como se não soubesse o que responder.

— Na realidade, não. A fábrica submersa está praticamente concluída. Se alguma coisa mudou, não me informaram.

Pois então. não haveria plataforma flutuante.

Talvez fosse melhor não se aprofundar no assunto. Johanson continuou fazendo perguntas a respeito do robô mergulhador.

— Trata-se de um Victor 6000, um veículo de controle remoto, ou simplesmente VCR — explicou Alban. — Ele pode chegar a seis mil metros de profundidade e trabalhar lá por alguns dias. Nós o comandamos daqui de cima e recebemos todos os dados em tempo real, tudo via cabo. Desta vez ele ficará lá embaixo durante 48 horas. Paralelamente, ele também deverá trazer um punhado de vermes. A Statoil não quer ser criticada por ameaça à biodiversidade — ele fez uma pausa. — Qual a sua opinião a respeito dos animais?

— Nenhuma — disse Johanson, esquivando-se. — Por enquanto. Começou um barulho de máquinas. Johanson viu o braço do guindaste começar a mover-se e a levantar o Victor.

— Venha — disse Alban. Eles foram em direção ao centro do navio, onde estavam instalados cinco contêineres de quase dois metros de altura. — A maioria dos navios nem está preparada para operar o Victor. Nós o pegamos emprestado do Polarstern, porque por pouco ainda cabe no nosso navio.

— O que há nos contêineres?

— As unidades hidráulicas para os guinchos, agregados, um monte de troços. No primeiro está o sistema de controle do VCR. Cuidado com a cabeça.

Entraram por uma porta baixa. Havia pouco espaço no contêiner. Johanson olhou em volta. A mesa de controle, com as suas duas fileiras de telas, ocupava mais da metade do espaço. Alguns monitores estavam desligados, outros demonstravam dados operacionais do VCR, assim como informações de navegação.

Diante dos monitores estavam vários homens. Lund também estava lá.

— Esse aí no meio da cabine é o piloto — explicou Alban em voz baixa. — À sua direita está o co-piloto, que também controla a garra hidráulica. O Victor trabalha de forma sensível e precisa, deve-se ter muita habilidade para lidar com ele. O próximo assento é o do coordenador. Ele mantém contato com o oficial de controle na ponte, para que o navio e o robô sejam bem coordenados. Do outro lado estão os cientistas. Este é o lugar de Tina. Ela irá controlar as câmeras e salvar as imagens. — Em voz alta: — Estamos prontos?

— Podem enviá-lo para baixo — disse Lund.

Os outros monitores restantes ligaram-se um após outro. Johanson reconheceu parte da popa do barco e do braço do guindaste, o céu e o mar.

— Agora você vê o que o Victor vê — explicou Alban. — Ele tem oito câmeras. Uma câmera principal com zoom, duas objetivas-piloto para navegação e cinco câmeras adicionais. A qualidade da imagem é excelente, até mesmo a milhares de metros de profundidade recebemos cenas dignas de filme, extremamente nítidas e em cores brilhantes.

As perspectivas das câmeras alteraram-se. O robô foi rebaixado. O mar aproximou-se, e então as objetivas afundaram na água. Victor continuava descendo. Os monitores mostravam um mundo azul-esverdeado que se tornava cada vez mais turvo.

O contêiner encheu-se. Homens e mulheres, que anteriormente estavam trabalhando no braço do guindaste. Ficou mais apertado ainda.

— Ligar os faróis — disse o coordenador.

De repente ficou mais claro em torno de Victor. Continuava difuso. O azulesverdeado desvaneceu e foi substituído por um preto brilhante. Alguns pequenos peixes surgiam na imagem, depois tudo parecia repleto de minúsculas bolhas de ar. Johanson sabia que, na realidade, tratava-se de plâncton, bilhões de seres microscópicos. Algumas medusas vermelhas e ctenóforos passaram na tela.

Após um certo tempo, o cardume de partículas ficou menos denso. O ecobatímetro marcava quinhentos metros.

— O que exatamente fará o Victor quando chegar lá embaixo? — perguntou Johanson.

— Ele retirará amostras de água e de sedimentos, além de colher seres vivos — respondeu Lund sem se virar. — Mas sua função principal é o envio de imagens de vídeo.

Algo escarpado surgiu na imagem. Victor descia ao longo de um paredão. Lagostas vermelhas e laranja acenavam com suas longas antenas. Aqui embaixo já estava totalmente escuro, mas os faróis e as câmeras reforçavam as cores naturais dos seres vivos de forma incrivelmente intensa. Victor continuou passando por esponjas e pepinos-do-mar, e, em seguida, o terreno tornou-se cada vez mais raso.

— Chegamos — disse Lund. — Seiscentos e oitenta metros.

— Está bem. — O piloto inclinou-se para a frente. — Vamos voar em curva. A encosta desapareceu da tela. Durante um tempo, voltaram a ver água livre, e, de repente, na profundidade azul escura surgiu o fundo submarino.

— Victor tem a capacidade de navegar com precisão milimétrica — disse Alban, visivelmente orgulhoso, para Johanson. — Ele poderia até enfiar linha numa agulha, se você quisesse.

— Obrigado, o meu costureiro cuida disso. Onde exatamente ele está agora?

— Diretamente acima de um platô. No subsolo há uma quantidade enorme de petróleo.

— E hidrato de metano também? Alban olhou para ele, pensativo.

— Sim, claro. Por quê?

— Por nada. E é aqui que a Statoil pretende instalar a fábrica?

— É o local que desejamos. Desde que não haja nenhum empecilho,

— Vermes, por exemplo.

Alban deu de ombros. Johanson notou que o francês não gostava de tocar neste assunto. Eles observaram o robô explorando

o mundo desconhecido, ultrapassando aranhas-do-mar, águas-vivas e pequenos polvos. O mar não era lá muito habitado por aqui, mas havia uma variedade dos mais diferentes habitantes do solo. Depois de algum tempo, a paisagem tornou-se ondulada e áspera. Estruturas listradas riscavam o solo.

— Deslizamentos sedimentados — disse Lund. — Muita coisa já deslizou no talude norueguês.

— E o que são estas estruturas caneladas? — perguntou Johanson. O solo mudara novamente.

— São causadas pelas correntezas. Estamos nos dirigindo para a margem do platô. — Ela fez uma pausa.—Não muito distante daqui encontramos os vermes.

Eles fixaram o olhar nos monitores. Surgira algo diferente na luz dos faróis. Colorações claras, grandes.

— Mantos de bactérias — comentou Johanson.

— Sim. Sinais de hidrato de metano.

— Olhe — disse o piloto.

Superfícies brancas e rachadas surgiram na imagem. Aqui havia depósitos de metano congelado diretamente sobre o solo. De repente, Johanson reconheceu algo mais. E os outros também. Imediatamente um silêncio absoluto tomou conta da sala de controle.

Parte do hidrato sumira debaixo de um alvoroço cor-de-rosa. Inicialmente, ainda era possível identificar corpos individuais. Em seguida, a quantidade de corpos que se torciam tornou-se imensurável. Tubos rosa com tufos brancos rastejavam uns sobre os outros.

Um dos homens da mesa de controle soltou um grito de repugnância. As pessoas são tão condicionadas, pensou Johanson. Temos nojo de tudo que se arrasta e rasteja, sendo que é natural. Nós teríamos mais nojo é de nós mesmos, se pudéssemos ver os bandos de ácaros mexendo-se em nossos poros e alimentando-se de sebo, os milhões de minúsculos aracnídeos acomodando-se em nossos colchões e bilhões de bactérias em nossos intestinos.

Apesar disso, não gostou do que estava vendo. As imagens do golfo mexicano mostraram populações de tamanho similar, mas

aqueles animais eram menores e viviam inativos em suas cavidades. Estes aqui mexiam-se e arrastavam-se sobre o gelo, uma gigantesca massa em movimento que cobria totalmente o solo.

— Rota em ziguezague — disse Lund.

O VCR começou a nadar em slalom. A imagem não mudava. Vermes para todos os lados.

De repente, o terreno afundou. O piloto continuou guiando o robô em direção à beira do platô. Até mesmo os oito faróis fortes permitiam uma visibilidade de apenas poucos metros. Entretanto dava a impressão de que as criaturas cobriam toda a encosta. Johanson achou que eram ainda maiores que os exemplares que Lund levava para ele examinar.

Logo depois tudo ficou preto. Victor passara da borda. Aqui o mar despencava cerca de cem metros para baixo. O robô seguiu com toda velocidade.

— Girar — disse Lund. — Vamos dar uma olhada na parede da encosta. O piloto manobrou o Victor para fazer uma curva. Na luz dos faróis flutuavam partículas.

Algo grande e claro projetou-se em frente às objetivas da câmera, preenchendo-as durante um segundo, e recuou rapidamente.

— O que foi isso? — gritou Lund.

O VCR fez uma curva para o outro lado.

— Desapareceu.

— Movimento em círculos! Victor parou e começou a girar em torno do próprio eixo. não era possível ver nada além da escuridão impenetrável e do plâncton iluminado no feixe de luz.

— Tinha alguma coisa ali — confirmou o coordenador. — Possivelmente um peixe.

— Um peixe bem grande — resmungou o piloto. — Ele preencheu toda a imagem.

Lund virou-se e olhou para Johanson. Ele sacudiu a cabeça.

— não tenho a menor idéia do que tenha sido.

— Está bem. Vamos olhar mais embaixo.

O VCR dirigiu-se para a encosta. Após alguns segundos, avistaram o terreno em declive. Alguns pedaços de sedimentos projetavam-se para fora, o resto estava coberto de corpos cor-de-rosa.

— Eles estão em todo lugar — disse Lund. Johanson aproximou-se dela.

— Vocês têm uma relação dos depósitos de hidrato nesse local?

— Aqui está tudo cheio de metano. Hidratos, bolhas de gás no interior da terra, gás que sai...

— Estou falando especificamente do gelo na superfície.

Lund digitou algo no teclado de seu terminal. Apareceu um mapa do solo submarino em um dos monitores.

— Ali, as manchas claras. Estes são os depósitos mapeados.

— Você pode me mostrar a posição atual de Victor?

— Mais ou menos aqui. — Ela apontou para uma área com grandes manchas coloridas.

— Pois bem. Guiem-no para lá, na diagonal.

Lund deu instruções ao piloto. Os faróis voltaram a iluminar o fundo submarino, onde não havia vermes. Depois de algum tempo, o terreno começou a subir, e imediatamente surgiu a parede íngreme no escuro.

— Mais alto. Bem devagar.

Após alguns metros, tiveram a mesma imagem de antes. Corpos compridos, cor-de-rosa com tufos brancos.

— Normal — disse Johanson.

— O que quer dizer?

— Se o seu mapa estiver correto, exatamente aqui há uma larga área de hidrato. Ou seja, as bactérias estão sobre o gelo e transformam o metano, e os vermes comem as bactérias.

— E também é normal surgirem logo aos milhões? Ele balançou a cabeça. Lund recostou-se.

— Pois bem — disse para o homem que controlava a garra hidráulica —, aterrissaremos o Victor. Ele deve catar alguns desses bichos e continuar vasculhando a região — se é que, com essa multidão, ainda se pode falar de região.

Já passava das dez horas quando alguém bateu à porta da cabine de Johanson. Ele abriu. Lund entrou e sentou-se numa pequena cadeira, que, juntamente com uma minúscula mesa, representava todo o luxo da cabine.

— Meus olhos estão ardendo — disse. — Alban assumiu por um tempo. Ela avistou o prato de queijos e a garrafa aberta de Bordeaux.

— Bem que imaginei. — Ela riu. — Por isso você foi embora agora há pouco. Johanson havia deixado a sala de controle meia hora antes para preparar tudo.

— Brie dês Meaux, Taleggio, Munster, um queijo de cabra velho e um pouco de Fontina das montanhas piemontesas — disse, apresentando os queijos um a um. — Baguette e manteiga. — Seu maluco.

— Quer uma taça?

— Claro que sim. O que é?

— Um Pauillac. Mas precisa me desculpar por não ter feito a decantação, o Thorvaldson não dispõe de cristais suficientemente sociáveis. Vocês ainda viram algo de interessante?

Lund pegou a taça e esvaziou-a até a metade.

— Essas porcarias de animais estão em todos os lugares sobre os hidratos. Em todos.

Johanson sentou-se à sua frente na beira da cama e passou manteiga em um pedaço de baguette, pensativo.

— Realmente surpreendente. Lund serviu-se do queijo.

— Agora os outros também concordam que devemos pesquisá-los. Principalmente Alban.

— Na primeira visita, vocês não viram tantos?

— Não. Quer dizer, eram demais para o meu gosto, mas até há pouco estava a sós com esse meu gosto.

Johanson sorriu para ela.

— Sabe como é, poucas pessoas têm bom gosto.

— Bem, de qualquer forma, amanhã de manhã o Victor subirá, trazendo mais vermes. Você pode brincar com eles, se quiser. — Ela levantou-se, mastigando, e olhou pela janela da cabine. O tempo abriu. A luz do luar espalhou-se sobre as ondas em

reflexos cintilantes. — Acho que olhei esta porcaria de seqüência do vídeo umas cem vezes. Aquela coisa clara. Alban também acredita que se trate de um peixe, mas, se isso for verdade, ele tem as dimensões de uma arraia-jamanta ou de algo maior ainda. Além disso, não era possível reconhecer a forma de um corpo.

— Talvez tenha sido um reflexo de luz — sugeriu Johanson. Ela virou-se para ele.

— não. Estava a alguns metros, bem no limite da luz. Era enorme e plano, e recuou rapidamente, como se não suportasse a luz ou tivesse medo de ser descoberto.

— Pode ter sido qualquer coisa.

— não, qualquer coisa, não.

— Um cardume também pode recuar. Se estiverem nadando bem próximo uns dos outros, dá a impressão de...

— não era um cardume, Sigur! Era plano. Uma área contínua, de certa forma... transparente. Como uma grande medusa.

— Uma grande medusa. Aí está.

— não. não! — Ela fez uma pausa e sentou-se novamente.

— Olhe você mesmo. não era uma medusa.

Eles continuaram comendo calados.

— Você mentiu para Jõrensen — disse Johanson subitamente. — não haverá nenhum SWOP. Em todo caso, nada onde operários de petroleiros possam ser empregados.

Lund ergueu o olhar. Ela levou a taça aos lábios, deu um gole e, lentamente, colocou-a de volta.

— É verdade.

— Por quê? Teme cortar-lhe o coração?

— Talvez.

Johanson balançou a cabeça.

— Mas é o que vai acabar acontecendo. não há mais empregos para os operários de petroleiros, correto?

— Veja bem, Sigur, eu não queria mentir para ele, mas... Poxa, toda essa indústria está passando por mudanças, e a mão-de-obra humana deverá ficar para trás. O que quer que eu faça? Jõrensen conhece a situação. Ele também sabe que a equipe da

Gullfaks C cairá para dez por cento. É menos custoso reequipar toda a plataforma do que continuar empregando 270 pessoas. A Statoil está pensando em desfazer-se de toda a equipe da Gullfaks B. Ela poderá ser controlada a partir de outra plataforma, e mesmo isso não é lá muito vantajoso.

— Está querendo me convencer de que o seu negócio não é mais rentável?

— Os negócios offshore só começaram a valer a pena quando a OPEP elevou o preço, no início dos anos setenta. Mas desde a década de 1980 ele voltou a cair. E a queda do norte da Europa será correspondente quando as fontes secarem. Então vamos precisar perfurar mais longe, onde é fundo, com a ajuda de VCR e VSA.

VSA era mais uma abreviação do vocabulário da exploração oceânica, atualmente muito usada. Os veículos submarinos autônomos funcionavam basicamente como o Victor, mas não dependiam mais de um cordão umbilical artificial que os ligasse ao navio-mãe. A indústria offshore tinha grande interesse no desenvolvimento desses novos robôs mergulhadores, que avançavam para as regiões mais inóspitas como espiões planetários, eram extremamente flexíveis e móveis e, dentro de um certo limite, podiam até tomar decisões. com a ajuda dos VSA, aproximava-se mais ainda a possibilidade de instalar e controlar estações de petróleo até mesmo a cinco ou seis mil metros de profundidade.

— Vocênão precisa se desculpar — disse Johanson, colocando mais vinho. — não tem culpa de nada.

— não estou me desculpando — retrucou Lund, irritada. — Além do mais, todos nós somos culpados. Se a humanidade não gastasse tanto combustível, não teríamos esses problemas.

— Teríamos. Apenas um pouco mais para a frente. Mas o seu senso ecológico é bastante louvável.

— E daí? — replicou, impaciente. Ela percebeu o tom irônico de sua voz. — As empresas petrolíferas também aprendem, acredite se quiser.

— Sim, mas o quê?

— Nas próximas décadas precisaremos nos preocupar com a retirada de mais de seiscentas plataformas, porque deixaram de ser rentáveis, e sua tecnologia estará ultrapassada. Sabe quanto isso custa? Bilhões! Até lá não haverá mais nada para ser retirado da plataforma continental! Então não se comporte como se fôssemos canalhas.

— Está bem.

— Claro que todo mundo está de olho nas fábricas submarinas controladas à distância. Se não investirmos nisso, amanhã a Europa estará totalmente conectada aos oleodutos do Oriente Médio e da América do Sul, e para nós restará um cemitério no mar.

— não estou dizendo que sou contra isso. Apenas me pergunto se vocês estão sempre conscientes do que estão fazendo.

— O que quer dizer?

— Vocês precisam resolver grandes problemas técnicos para poder instalar fábricas autônomas.

— Sim. Claro.

— Estão planejando a extração de enormes quantidades sob condições de pressão extremas com misturas corrosivas, e, ainda por cima, com um mínimo de manutenção. — Johanson hesitou. — Mas não sabem exatamente como é lá embaixo.

— Mas estamos descobrindo.

— Como hoje? Duvido. Parece uma vovozinha tirando umas fotos nas férias e depois acreditando saber alguma coisa sobre o país em que esteve. Vocês tendem a escolher um lugar, delimitar uma área e examiná-la até que lhes pareça promissora, Nem por isso estarão perto de compreender em que sistema estão intervindo.

— Lá vem isso de novo — disse Lund, suspirando.

— Estou errado?

— não agüento mais ouvir falar em ecossistema. Agora resolveu ser contra a produção petrolífera?

— não. Apenas sou a favor de conhecer o mundo em que se pisa.

— O que acha que estamos fazendo aqui?

— Estou convencido de que estão repetindo os seus erros. No final da década de sessenta vocês tiveram os seus anos dourados e construíram em todo o mar do Norte. Agora esses troços estão atrapalhando vocês. Deveriam evitar tais precipitações no oceano.

— Se somos tão precipitados, então por que lhe mandei aqueles malditos vermes?

— Você tem razão. Ego te absolvo.

Ela mordeu o lábio. Johanson decidiu mudar de assunto: — Aliás, Kare Sverdrup é um cara legal. Só para também dizer algo de positivo esta noite.

Lund franziu a testa. Então relaxou e riu.

— Você acha?

— Absolutamente. — Ele abriu as mãos. — Digo, não é nada legal ele não ter me perguntado antes, mas eu o entendo bem.

Lund girou o vinho em sua taça.

— É tudo tão recente — disse em voz baixa. Eles ficaram calados por um tempo.

— Muito apaixonados? — perguntou Johanson, quebrando o silêncio.

— Quem? Ele ou eu?

— Você.

— Hum. — Ela sorriu. — Acho que sim.

— Você acha?

— Eu sou pesquisadora. Preciso experimentar primeiro.

Era meia-noite quando ela finalmente saiu. Na porta, olhou para trás em direção aos copos vazios e às cascas de queijo.

— Há poucas semanas você teria me seduzido com isso — disse. Soava quase que lamentador.

Johanson empurrou-a delicadamente para o corredor.

— Na minha idade, é possível conformar-se com isso também — disse. — Ande, vá. Vá pesquisar.

Ela saiu. Então inclinou-se para a frente e beijou-o na bochecha.

— Obrigada pelo vinho.

A vida é feita de acordos entre oportunidades perdidas, pensou Johanson ao fechar a porta. Então sorriu e apagou a idéia. Já tivera oportunidades demais para se queixar.

## **18 de março**

### **VANCOUVER E ILHA DE VANCOUVER, CANADÁ**

Leon Anawak prendeu a respiração.

Venha logo, pensou. Dê-nos esta alegria.

Era a sexta vez que a beluga nadava em direção ao espelho. O pequeno grupo de jornalistas e estudantes que se reunira no observatório subterrâneo do Aquário de Vancouver continuou prestando atenção em silêncio. Através da enorme janela era possível ver todo o interior da piscina. Os raios de sol que incidiam na diagonal bailavam sobre as paredes e o chão. O observatório estava no escuro, de forma que a superfície da água refletia luzes e sombras num jogo inconstante sobre as faces dos presentes.

Anawak marcara o animal com tinta atóxica. Agora estava com um círculo colorido em sua mandíbula. O local fora escolhido de tal forma que a baleia só poderia vê-lo em sua imagem refletida num espelho. Havia dois espelhos embutidos nas paredes de vidro refletor, e era para um deles que a beluga se dirigia lentamente agora. Ela parecia tão determinada que Anawak não duvidava mais do resultado do experimento. O corpo branco virava-se suavemente enquanto nadava para a frente, como se a baleia quisesse mostrar o seu queixo marcado ao público. Então parou em frente à parede de vidro e deixou-se afundar um pouco, até chegar à altura do espelho. Deteve-se, ergueu-se, moveu a cabeça para um lado, depois para o outro. Evidentemente procurava a melhor posição para ver o círculo. Durante um bom tempo flutuou assim em frente ao espelho, moveu as nadadeiras e virou a pequena cabeça com sua típica protuberância na testa de um lado para o outro.

Por menos que a beluga se parecesse com os humanos, nesses segundos ela fazia lembrar deles de forma até assustadora. Ao contrário dos golfinhos, as belugas eram capazes de diferentes expressões faciais. Nesse instante, a baleia parecia sorrir para si mesma. Grande parte do que as pessoas costumavam fantasiar a respeito de golfinhos e baleias resultava desse aparente sorriso. De fato, os cantos da boca puxados para cima provinham de uma série de particularidades fisionômicas destinadas à comunicação. Da mesma forma, as belugas também conseguiam puxar os cantos da boca para baixo, sem expressar desagrado. Elas conseguiam até fazer um bico com os lábios, parecendo assobiar, de bom humor.

No instante seguinte a beluga perdeu o interesse. Talvez tivesse chegado à conclusão de ter analisado suficientemente sua imagem refletida, de qualquer forma subiu numa elegante curva e afastou-se da parede de vidro.

— Foi isso — disse Anawak em voz baixa.

— E o que significa? — perguntou uma jornalista, decepcionada porque a baleia não retornara.

— Ela sabe quem ela é. Vamos subir.

Eles saíram do subsolo e retornaram à luz do sol. À sua esquerda estava a piscina, para cuja superfície olhavam agora. Logo abaixo das pequenas ondas viam os corpos das duas belugas deslizarem através da água. Anawak propositadamente não explicara antes aos espectadores o decorrer exato do experimento. Ele deixava os participantes relatarem as suas impressões para garantir que ele não estaria supervalorizando o comportamento da baleia conforme as suas expectativas.

Suas observações foram confirmadas sem exceção.

— Parabéns — disse finalmente. — Os senhores acabaram de observar um experimento que entrou na história da pesquisa comportamental como auto-reconhecimento através da imagem refletida. Todos estão suficientemente inteirados da matéria?

Os estudantes estavam, os jornalistas, menos.

— não tem problema — disse Anawak. — Eu lhes darei uma breve explicação. O auto-reconhecimento através da imagem refletida é uma teoria dos anos setenta. Durante décadas, os testes

foram realizados principalmente com primatas. não sei se já ouviram falar de Gordon Gallup... —Aproximadamente a metade dos presentes confirmou, os outros balançaram a cabeça, negando. — Bem, Gallup é psicólogo na State University de Nova York. Um belo dia ele teve uma idéia bastante ousada: confrontou diversas espécies de macacos com as suas imagens refletidas. A maioria ignorou, outros tentavam tocá-la porque acreditavam tratar-se de um intruso desconhecido. Alguns chimpanzés finalmente reconheceram-se no espelho e usaram-no para explorar a si próprios. Era surpreendente, porque a maior parte do reino animal não tem capacidade de reconhecer-se no espelho. Os animais existem. Eles sentem, agem e reagem. Mas não têm uma consciência de si mesmos. não conseguem perceber-se como indivíduos independentes, que diferem dos seus semelhantes.

Anawak continuou explicando como Gallup marcou os macacos com cores e os posicionou de frente para espelhos. Os chimpanzés compreendiam rapidamente a quem estavam vendo no espelho. Eles inspecionavam a marcação, tocavam o local com os dedos e o cheiravam. Gallup realizou testes com outros macacos, papagaios e elefantes. Entretanto os únicos animais que passavam no teste do espelho sem exceção eram os chimpanzés e os orangotangos, o que levou Gallup à conclusão de que eles tinham uma autopercepção e, conseqüentemente, um certo nível de autoconsciência.

— Mas Gallup foi mais adiante — explicou Anawak. — Durante muito tempo defendeu a teoria de que os animais não poderiam compreender a psique de outras espécies. Mas os testes do espelho fizeram-no mudar de opinião. Hoje em dia ele não apenas acredita que os animais tenham uma consciência de si próprios, mas também que esta condição lhes permita entrar nos pensamentos de outros. Os chimpanzés e orangotangos atribuem intenções a outros indivíduos e desenvolvem a compaixão. A partir do próprio estado psicológico, tiram conclusões a respeito dos outros. Esta é a teoria de Gallup, que hoje em dia já tem muitos seguidores.

Ele fez uma pausa. Sabia que depois precisaria conter os jornalistas. Ele não queria, alguns dias depois, ler que as belugas seriam os melhores psiquiatras, toninhas teriam fundado uma associação para salvar sobreviventes de naufrágio, e chimpanzés, um clube de xadrez.

— Em todo caso — continuou — é marcante que, até os anos noventa, os testes de espelho eram aplicados quase exclusivamente em animais terrestres. Já se especulava a respeito da inteligência de baleias e golfinhos, mas a comprovação não tinha despertado o interesse da indústria alimentícia. Carne e pêlo de macacos têm importância para uma parcela muito pequena da população mundial. A caça de baleias e golfinhos, entretanto, não é compatível com a inteligência e a autoconsciência dos caçados. Uma série de pessoas não ficou lá muito contente quando, há alguns anos, iniciamos os testes do espelho com as toninhas. Revestimos parte da piscina com paredes de vidro e parte com espelhos de verdade. Depois marcamos as toninhas com uma caneta preta. Foi bastante surpreendente ver nossas cobaias percorrendo as paredes até encontrar os espelhos. Evidentemente sabiam que veriam melhor a marca quanto mais nítida fosse sua imagem refletida. Ainda fomos mais longe, e, alternadamente, marcamos os animais com uma caneta-tinteiro de verdade e uma que continha apenas água. Afinal, eles poderiam ter reagido unicamente ao estímulo tátil da caneta; entretanto, de fato, permaneciam por mais tempo e inspecionando melhor diante dos espelhos se a marca fosse visível.

— As toninhas eram recompensadas? — perguntou um dos estudantes.

— Não, e também não foram treinadas para o teste. Durante os testes, chegamos a marcar diferentes partes do corpo para excluir efeitos de aprendizagem ou de costume. Há algumas semanas estamos realizando os mesmos testes com belugas. Já marcamos a baleia seis vezes, duas vezes com uma caneta placebo. Os senhores viram o que aconteceu. Todas as vezes ela nadou para o espelho e procurou o símbolo. Duas vezes não encontrou nada e interrompeu a inspeção antecipadamente. Na minha opinião,

conseguimos provar que as belugas têm o mesmo grau de auto-reconhecimento que os chimpanzés. Possivelmente, em alguns aspectos as baleias e os humanos são mais parecidos do que acreditávamos até agora.

Uma estudante ergueu o braço.

— O senhor quer dizer... — hesitou. — Os resultados querem dizer que os golfinhos e as belugas têm intelecto e consciência, certo?

— Exatamente.

— E qual a comprovação disso? Anawak ficou surpreso.

— Vocênão prestou atenção ainda agora? não estava lá embaixo há pouco?

— Sim, estava. Vi que um animal registrou sua imagem refletida. Então ele sabe, esse sou eu. A partir daí, o senhor automaticamente deduz que ele tem autoconsciência?

— Você acabou de responder a sua própria pergunta. Ele sabe, esse sou eu. Tem uma consciência do "eu".

—não é o que quero dizer. — Ela deu um passo à frente. Anawak observou-a com a testa franzida. Ela tinha o cabelo vermelho, um pequeno nariz pontudo e dentes incisivos um pouco grandes. — Seu experimento demonstra concentração consciente e identidade corporal. Ao que parece, com sucesso. Mas isso ainda não significa que esses animais disponham de uma consciência de identidade permanente e que, com isso, haja conseqüências na relação com outros seres vivos.

— Mas também não foi isso que eu disse.

— Foi, sim. O senhor defendeu a teoria de Gallup de que certos animais tiram conclusões a respeito dos outros a partir de si mesmos.

— Macacos.

— O que, aliás, é discutível. De qualquer forma, o senhor não fez quaisquer restrições quando, posteriormente, falou a respeito das toninhas e das belugas. Ou eu perdi alguma parte?

— Neste caso, não é preciso fazer restrições — retrucou Anawak, aborrecido. — Está comprovado que os animais se reconhecem.

— Alguns testes indicam isso, sim.

— Aonde quer chegar?

Ela ergueu os ombros e olhou para ele com os seus olhos redondos.

— Ué, não é evidente? O senhor pode ver como uma beluga se comporta. Mas como pode saber o que ela pensa? Conheço o trabalho de Gallup. Ele acredita ter comprovado que um animal pode entrar no pensamento do outro. Isso pressupõe que os animais pensem e sintam de forma parecida como nós. O que o senhor nos mostrou hoje é uma tentativa de humanização.

Anawak ficou boquiaberto. Ela veio justamente com essa. com o seu próprio argumento.

— Teve mesmo esta impressão?

— O senhor disse que as baleias possivelmente seriam mais parecidas conosco do que acreditávamos até agora.

— Por que não escuta melhor, senhorita...

— Delaware. Alicia Delaware.

— Srta. Delaware. — Anawak acalmou-se. — Eu dizia que as baleias e os humanos se parecem mais do que pensamos.

— E qual é a diferença?

— O ponto de vista. não queremos provar que as baleias ficam cada vez mais parecidas com os humanos, conforme traçamos mais paralelos. não se trata de definir o ser humano como imagem ideal, mas de parentescos basicamente...

— Mas não acredito que a autoconsciência de um animal seja comparável à do ser humano. As pré-condições simplesmente são diferentes demais. Para começar, os humanos têm uma permanente consciência do "eu", através do qual eles...

— Errado — interrompeu-a Anawak. — Os seres humanos também só desenvolvem essa constante consciência de si mesmo sob certas condições. Isso é comprovado. Entre 18 e 24 meses de idade, as crianças começam a reconhecer o seu reflexo no espelho. Até então, não têm capacidade de refletir sobre o seu eu. Elas não têm consciência do seu próprio estado de espírito, menos do que essa baleia que acabamos de ver. E pare de ficar citando somente

Gallup. Aqui estamos nos esforçando para entender os animais. E a senhorita, está se esforçando para quê?

— Mas eu só queria...

— Queria? Ao olhar-se no espelho, sabe que impressão causaria numa beluga? A senhorita pinta o seu rosto, o que ela deve achar disso? Ela concluirá que a senhorita consegue identificar a pessoa no espelho. Todo o restante lhe parecerá idiota. Dependendo do seu gosto referente a vestuário e maquilagem, ela até duvidará de que tenha a capacidade de reconhecer a sua imagem refletida. Ela questionará o seu estado de espírito.

O rosto de Alicia Delaware corou. Queria responder, mas Anawak não a deixou falar.

— Naturalmente, esses testes são apenas um começo — disse. — Ninguém que pesquise baleias e golfinhos com seriedade deseja reviver o mito do alegre amigo marinho do homem. Provavelmente as baleias e os golfinhos sequer tenham grande interesse no homem, justamente porque vivem em outro habitat, têm outras necessidades e resultam de outra evolução. Mas se o nosso trabalho contribuir para um maior respeito por eles, e, dessa forma, conseguirmos protegê-los melhor, vale qualquer esforço.

Ele respondeu a mais algumas perguntas e foi o mais breve possível. Alicia Delaware permaneceu no fundo, envergonhada. Finalmente, Anawak despediu-se do grupo e esperou até todos desaparecerem de vista. Em seguida reuniu-se com a sua equipe científica e definiu os próximos compromissos e procedimentos. Sozinho, finalmente, foi até a beira da piscina, respirou fundo e relaxou.

Trabalhar com o público não era o seu forte, mas não haveria como escapar disso futuramente. Sua carreira transcorria mais do que da forma planejada. Sua fama como renovador das pesquisas de inteligência estava à sua frente. Portanto, ele teria de continuar discutindo com as Alicia Delaware do mundo, que acabavam de sair da universidade e, de tantos livros, não tinham mais visto um litro de água por dentro.

Agachou-se e passou os dedos pela água fresca da piscina das belugas. Era de manhã cedo. Eles faziam os testes e as visitas

científicas guiadas preferencialmente antes de abrir e depois de fechar o aquário ao público. Após semanas de chuva, o mês de março ostentava uma série de dias excepcionalmente bonitos, e o agradável sol matutino aquecia a pele de Anawak.

O que essa estudante havia dito? Que ele tentaria humanizar os animais?

A acusação não saía de sua cabeça. Anawak fazia questão de praticar a ciência de forma sóbria. Ele observava toda a sua vida com a maior sobriedade possível. Não bebia, não ia a festas e procurava não chamar a atenção para esbanjar teses especulativas. Ele não acreditava em Deus e nem aceitava qualquer forma de comportamento marcado pela religiosidade. Qualquer tipo de esoterismo lhe contrariava. Sempre que possível, evitava projetar valores humanos nos animais. Principalmente os golfinhos eram cada vez mais vítimas de uma idéia romântica que não era menos perigosa do que o ódio e a arrogância: que eles demonstrariam ser os melhores humanos e que os humanos poderiam melhorar, se tentassem ser iguais às baleias e aos golfinhos. O mesmo chauvinismo que se expressava em inexplicável brutalidade levou ao endeusamento incontrolado ao qual os golfinhos viam-se expostos. Eles eram torturados ou amados até a morte.

Esta Srta. Delaware com seus dentes de coelho tentara vir justamente com o seu próprio ponto de vista.

Anawak continuou brincando com a mão na água. Após algum tempo, a beluga marcada nadou ao seu encontro. Tratava-se de uma fêmea de quatro metros de comprimento. Ela pôs a cabeça para fora, para ser acariciada, emitindo leves assobios. Anawak perguntava-se se a beluga realmente poderia compartilhar e compreender alguma sensação humana. De fato, não havia a menor comprovação disso. Sendo assim, em princípio Alicia Delaware estava certa.

Entretanto, da mesma forma, não existia nenhuma comprovação de que ela não poderia.

A beluga soltou um chiado e voltou para debaixo da superfície da água. Uma sombra caía sobre Anawak. Ele virou a cabeça e viu um par de botas de caubói bordadas ao seu lado.

Oh, não, pensou. Era só o que faltava!

— E aí, Leon — disse o homem que se aproximara à beira da piscina. — Quem será o maltratado de hoje?

Anawak ergueu-se e examinou o recém-chegado. Jack Greywolf parecia ter saído de um Velho Oeste da Nova Era. Sua figura gigantesca e musculosa vestia um traje de couro sebento. Enfeites indígenas balançavam sobre o seu peito largo. Debaixo do chapéu de penas, o cabelo preto e sedoso caía sobre os ombros e as costas. Era a única coisa que parecia limpa em Jack, que, como sempre, aparentava mais ter passado semanas no deserto sem água nem sabonete. Anawak olhou para o rosto bronzeado com um sorriso irônico e respondeu:

— Quem o deixou entrar, Jack? O Grande Manitu? Greywolf abriu um sorriso maior ainda.

— Licença especial — disse.

— É mesmo? Desde quando?

— Desde que o papa nos autorizou a ficar de olho em vocês. Brincadeira, Leon, eu entrei pela frente, como todos os outros. Eles abriram há cinco minutos.

Anawak olhou para o relógio, confuso. Greywolf tinha razão. Ele perdera a noção do tempo na piscina das belugas.

— Espero que seja um encontro casual — disse. Greywolf formou um bico com os lábios.

— não exatamente.

— Queria falar comigo? — Anawak começou a andar, obrigando o outro a segui-lo. Os primeiros visitantes passeavam pelo parque. — Que posso fazer por você?

— Sabe muito bem o que pode fazer por mim.

— A mesma lengalenga?

— Junte-se a nós.

— Esqueça.

— Deixe disso, Leon, você é um dos nossos. não é possível que seja a favor de um bando de idiotas ricos que ficam fotografando baleias até a morte.

— não sou mesmo.

— As pessoas escutam você. Se se manifestar oficialmente contra a observação de baleias, a discussão tomará outra proporção. Alguém como você nos seria muito útil.

Anawak parou de andar e olhou nos olhos de Greywolf, desafiante.

— Justamente. Eu seria útil a vocês. Mas não quero ser útil a ninguém, exceto aos que precisam.

— Ali! — Greywolf apontou para a piscina das belugas. — Elas precisam! Me dá nojo ver você aqui. Em harmoniosa união com prisioneiros. Cada vez que vocês saem com os seus barcos, matam mais um pouquinho os animais.

— Por acaso você é vegetariano?

— O quê? — Greywolf piscou, confuso.

— Além disso, eu me pergunto de quem eles tiraram a pele para o seu casaco. Ele continuou andando. Por um instante, Greywolf permaneceu parado,

perplexo, para depois seguir Anawak com grandes passos.

— Isso é diferente. Os índios sempre viveram em equilíbrio com a natureza. Da pele dos animais, eles...

— Me poupe.

— Mas é assim.

— Sabe qual é o seu problema, Jack? Pensando bem, são dois. Em primeiro lugar, você veste a camisa do protetor ambiental, entretanto conduz uma guerra representativa para os índios, que já resolveram as suas questões de outra forma há muito tempo. O seu segundo problema é que você nem é um índio de verdade.

Greywolf empalideceu. Anawak sabia que a criatura à sua frente já fora julgada em tribunal diversas vezes por lesão corporal. Ele perguntava-se até onde poderia provocar esse gigante. Um tapa com a mão aberta de Greywolf era suficiente para encerrar definitivamente qualquer discussão.

— Por que está me falando essa merda, Leon?

— Você é um meio-índio — disse Anawak. Ele parou em frente à piscina das lontras marinhas e observou os seus corpos escuros cortando a água como torpedos. O pêlo delas brilhava à luz do sol matutino. — não, nem isso. Você é tão indígena quanto um

urso polar siberiano. Este é o seu problema, porque não sabe o seu lugar, porque não consegue fazer nada direito, porque acredita que consegue destruir algumas pessoas com o seu discurso ecológico, tornando-as responsáveis. Me deixe fora disso.

Greywolf piscou em direção ao sol.

—não consigo ouvi-lo, Leon — disse. — Por que não ouço palavras? Só ouço besteira. Ruído. Crepitação, como se um carrinho de brita fosse descarregado em um telhado de chapa ondulada.

— Nossa!

— Diabos, não deveríamos brigar. Só quero um pouco de apoio da sua parte.

—não posso apoiá-lo.

— Veja, eu sou até gentil e vim comunicar a nossa próxima ação. Nem precisaria fazer isso.

Anawak prestou atenção.

— O que vocês pretendem?

— Observação de turistas. — Greywolf deu uma gargalhada. Seus dentes brancos brilhavam como marfim.

— E o que seria isso?

— Bem, iremos lá para fora e fotografaremos os seus turistas. Ficaremos olhando para eles. Chegaremos bem perto e tentaremos tocá-los. Eles deverão ter uma idéia do que significa alguém ficar olhando a gente e tocando.

— Eu posso impedir isso.

—não pode, porque este é um país livre. não permitimos que ninguém nos diga quando e onde podemos andar com os nossos barcos. Entende? A ação está preparada e definida, mas se vier um pouquinho ao nosso encontro eu poderia pensar em cancelá-la.

Anawak fixou os olhos nele. Então virou-lhe as costas e continuou andando.

—não há baleias mesmo — disse.

— Porque vocês as espantaram.

—não fizemos nada.

— Sim, claro, o homem nunca é culpado. São esses animais idiotas. O tempo inteiro se enfiam em arpões voadores ou posam

porque querem fotos para o seu álbum de família. Mas ouvi dizer que elas voltarão. Nos últimos dias não apareceram algumas jubartes?

— Algumas.

— Seu negócio deve ir por água abaixo em breve. Quer arriscar que façamos com que o rendimento caia ainda mais rápido?

— Vá se ferrar, Jack.

— Veja bem, é a minha última proposta.

— Que tranqüilizante.

— Diabos! Leon! Então pelo menos diga algo positivo a nosso respeito em algum lugar. Precisamos de dinheiro. Somos financiados por doações. Leon! Pare de andar. É por uma boa causa, será que você não entende? Nós dois queremos a mesma coisa.

— não queremos a mesma coisa. Tenha um bom dia, Jack.

Anawak apressou o passo. Ele preferiria ter corrido, mas não queria dar a Jack a sensação de que estava correndo dele. O protetor ambiental ficou parado.

— Seu cabeça-dura! — gritou atrás dele.

Anawak não respondeu. Passou direto pelo aquário de golfinhos em direção à saída.

— Leon, sabe qual é o seu problema? Eu posso não ser um índio de verdade, mas o seu problema é que você é um!

— não sou um índio — murmurou Anawak.

— Ah, desculpe — gritou Greywolf como se tivesse escutado. — Você é algo bem especial. Então por que não está lá de onde vem e onde precisam de você?

— Filho-da-puta—chiou Anawak. Estava fervendo de ódio. Primeiro aquela cabrita teimosa, e agora Jack Greywolf. Poderia ter sido um belo dia, começando por um teste realizado com sucesso. Entretanto sentia-se vazio e infeliz.

De onde você vem...

Quem esse monte de músculos sem cérebro pensava que era? Como ousou jogar-lhe na cara a sua procedência? Onde precisam de você!

— Eu estou onde precisam de mim — bufou Anawak.

Uma mulher passou por ele e fixou os olhos nele, confusa. Anawak olhou à sua volta. Ele estava do lado de fora, na rua. Ainda tremendo de raiva, foi para o seu carro, dirigiu até o cais de Tsawwassen e pegou a barca de volta para a ilha de Vancouver.

No dia seguinte, acordou cedo. Às seis horas, não conseguira mais dormir, fixou os olhos no teto baixo do beliche durante alguns minutos e decidiu ir para a estação.

Nuvens rosa haviam-se estendido sobre o horizonte. O céu começava a clarear. Na água totalmente parada, viam-se o contorno escuro das montanhas, casas de palafitas e barcos. Em poucas horas, chegariam os primeiros turistas. Anawak foi até as lanchas no final do cais, apoiou-se no corrimão de madeira e permaneceu olhando para fora durante um tempo. Ele adorava a atmosfera tranqüila da natureza acordando antes dos homens. Ninguém o aborrecia. Pessoas como o namorado insuportável de Stringer estavam deitadas na cama de boca calada. Provavelmente, Alicia Delaware também dormia o sono da ignorância.

E Jack Greywolf.

Suas palavras, entretanto, ressoavam dentro de Anawak. Greywolf podia ser um idiota notório, mas infelizmente conseguira tocar mais uma vez na sua ferida.

Passaram duas pequenas lanchas. Anawak pensou se deveria ligar para Stringer e convencê-la a sair com ele de barco. De fato, as primeiras jubartes haviam sido observadas. Aparentemente, começavam a chegar com enorme atraso, o que, por um lado, era satisfatório, mas, por outro, não explicava onde teriam ficado durante todo esse tempo. Talvez conseguisse identificar algumas. Stringer tinha um bom olho e, além disso, ele gostava da sua companhia. Era das poucas pessoas que não o ficavam atormentando quanto a sua procedência: se ele era um índio, um asiático ou outra coisa qualquer.

Samantha Crowe fizera-lhe perguntas sobre isso. Estranho, para ela, possivelmente falaria mais de si. Mas, a essa hora, a pesquisadora da SETI deveria estar retornando para casa.

Você pensa demais, Leon.

Anawak decidiu deixar Stringer dormindo e saiu sozinho. Foi para a estação e colocou um laptop, juntamente com uma câmera, binóculos, um gravador, um hidrofone e fones de cabeça, assim como um cronômetro, dentro de uma bolsa à prova d'água. Juntou mais uma barra de cereal e duas latas de chá gelado e levou tudo para a Blue Shark. Lentamente guiou o barco pela enseada e só acelerou quando as casas da vila já estavam afastadas. A proa da zodiac ergueu-se. O vento bateu em seu rosto e varreu os pensamentos sombrios da sua cabeça.

Sem passageiros nem interrupções tudo ia mais rápido. Após vinte minutos, atravessou por entre um grupo de minúsculas ilhotas para fora, em direção ao mar cinza-escuro. Em grandes intervalos, as ondas rolavam lentamente para dentro. Ele reduziu o motor e seguiu com velocidade menor. Enquanto o barco inflável se afastava da costa nesse dia que raiava, ele olhava à sua volta e procurava não dar espaço ao desânimo que já se tornara corriqueiro. Definitivamente, haviam sido observadas baleias. E não eram residentes. Eram migrantes da Califórnia e do Havaí.

Lá fora, desligou o motor. Imediatamente foi tomado pelo silêncio perfeito. Abriu uma lata de chá gelado, bebeu tudo e sentou-se na proa com os binóculos.

Levou meia eternidade para ter a impressão de estar vendo algo, mas a protuberância escura sumiu imediatamente.

— Mostre-se — sussurrou. — Eu sei que você está aí.

Ele procurava com esforço pelo oceano. Durante minutos, nada se moveu. Então, a certa distância, duas silhuetas planas ergueram-se da água, uma após outra. Sons como tiros de espingarda ecoavam em sua direção. Acima das corcovas, nuvens brancas de vapor subiam como fumaça de pólvora. Anawak fixou os olhos redondos naquela direção.

Jubartes.

Ele começou a rir. Ria de felicidade. Como todos os especialistas em cetáceos, reconhecia a espécie da baleia pela sua expiração. Nas espécies grandes, a troca gasosa era de alguns metros cúbicos todas as vezes. O ar que restava nos pulmões era comprimido e literalmente atirado pelos pequenos orifícios

respiratórios. Do lado de fora, ele se expandia e, ao mesmo tempo, resfriava e condensava, formando uma névoa de gotículas como um spray. A forma e a altura do ar expirado podiam variar dentro da mesma espécie, dependendo do tempo de mergulho e do tamanho do animal, e o vento também influenciava. Mas estas aqui, definitivamente, eram as densas nuvens de condensação características das jubartes.

Anawak abriu o laptop e iniciou o programa. Ele gravara as descrições de centenas de baleias que passavam por aqui regularmente. Para um olho pouco treinado, o que elas mostravam na superfície quase não dava indicações sobre a espécie, muito menos sobre indivíduos isolados. Além disso, muitas vezes a visibilidade piorava com o mar revolto, a neblina, a chuva ou a luz ofuscante do sol. Mesmo assim, cada animal tinha uma característica individual. A maneira mais simples de identificá-lo era através da nadadeira caudal. Ao mergulhar, muitas vezes eles as projetavam bastante fora d'água. Nenhuma face ventral era igual à outra. Cada uma tinha um desenho característico, e sua forma, assim como a estrutura da ponta, variava desde pouco até nitidamente. Anawak gravara muitas das nadadeiras em sua cabeça, mas naturalmente o laptop com o seu arquivo de fotos facilitava o trabalho.

Ele tinha quase certeza de ter encontrado duas velhas conhecidas lá fora.

Após algum tempo, os dorsos negros emergiram novamente. Primeiramente, quase não era perceptível, surgiram as pequenas saliências com os orifícios respiratórios. Novamente o forte chiado, esguichos quase simultâneos. Desta vez, os animais não voltaram a afundar logo, mas projetaram bastante os seus dorsos fora d'água. As pequenas nadadeiras surgiram na superfície, inclinaram-se lentamente para a frente e tornaram a cortar a água. Anawak reconheceu claramente o dorso marcado pela coluna. As baleias começaram a afundar, e agora, finalmente e com calma, levantaram as suas nadadeiras caudais da água.

Rapidamente ele posicionou os binóculos em frente aos olhos e tentou ver as faces inferiores, mas não conseguiu. Tanto

faz. Elas estavam ali. A primeira virtude de um observador de baleias chamava-se paciência, e até a chegada dos turistas ainda restava bastante tempo. Ele abriu a segunda lata de chá gelado e deu uma mordida na barra de cereal.

Pouco tempo depois, sua paciência foi recompensada — não muito longe do barco, de repente cinco dorsos aravam através da água. Anawak sentiu o coração bater mais forte. Agora os animais estavam bem próximos. Ansioso, esperava pelas nadadeiras caudais. O espetáculo prendeu tanto a sua atenção que, inicialmente, nem percebeu a silhueta monumental ao lado do barco. Mas a silhueta cresceu além dele, até ele finalmente virar a cabeça — e levar um susto.

Ele esqueceu os cinco dorsos e ficou boquiaberto.

A cabeça da baleia havia saído da água quase silenciosamente. Estava tão próxima que quase tocava a proteção de borracha do barco. Erguia-se mais de três metros e meio para o alto, a boca fechada e enrugada coberta de crustáceos e nódulos espessos. Acima do canto da boca caído, um olho do tamanho de uma mão fixou os olhos no passageiro do barco inflável, quase no mesmo nível do seu rosto. Era possível ver as bases das imponentes nadadeiras peitorais por cima da água.

Imóvel como uma rocha, a cabeça projetava-se para fora.

Eram as boas-vindas mais impressionantes que Anawak já recebera. Diversas vezes já vira os animais de perto. Aproximara-se deles em mergulhos, tinha-os tocado e segurado neles. Pegara carona com eles. Muitas vezes, baleias-cinzentas, jubartes ou orcas colocavam a cabeça para fora da água próximo a uma embarcação à procura de marcos geográficos e para examinar barcos infláveis.

Mas isto aqui era diferente.

Anawak quase teve a impressão de que não era ele que observava a baleia, e sim a baleia a ele. O barco não parecia interessar ao gigante. Seu olho, envolto pelas pálpebras como o de um elefante, examinava exclusivamente a pessoa em seu interior. Apesar de conseguir ver com extrema nitidez debaixo d'água, a forte curvatura de seu cristalino a condenava à miopia assim que

deixasse o seu elemento natural. Tão perto assim, entretanto, ela deveria estar vendo Anawak tão nitidamente como ele a via.

Lentamente, para não assustar o animal, estendeu o braço e passou a mão sobre a pele lisa e úmida. A baleia não fazia menção de voltar a mergulhar. Seu olho rolou levemente de um lado para o outro, para depois tornar a fixar Anawak. A cena era de uma intimidade quase grotesca. Apesar de sentir uma grande alegria naquele momento, ele perguntava-se aonde a baleia queria chegar com uma observação tão minuciosa. Em geral, as olhadas desses mamíferos duravam apenas alguns segundos. Era cansativo permanecer verticalizado por tanto tempo.

— Onde você esteve durante todo esse tempo? — perguntou em voz baixa. Um barulho de água quase imperceptível ressoou do outro lado do barco.

Anawak virou-se a tempo de ver outra cabeça projetando-se para o alto. A segunda baleia era um pouco menor, mas estava tão próxima quanto a outra. Ela também deitava em Anawak seu olho escuro.

Ele esqueceu de acariciar o outro animal.

O que elas queriam?

Aos poucos, começou a sentir-se desconfortável. Esta rígida avaliação era absolutamente insólita, para não dizer bizarra. Nunca antes Anawak vivera algo parecido. Todavia abaixou-se para a sua bolsa, rapidamente pegou a pequena câmera digital, ergueu-a e disse:

— Fiquem assim.

Talvez tivesse cometido um erro. Se fosse o caso, seria a primeira vez na história da observação de baleias que jubartes demonstrariam uma aversão explícita a câmeras. Como sob comando, as duas cabeças submergiram. Afundaram no mar como duas ilhas. A água foi um pouco remexida, surgiram algumas bolhas, e então Anawak voltou a ficar sozinho na imensidão cintilante.

Ele olhou à sua volta.

Acima do litoral próximo nascia o sol. A neblina estava presa entre as montanhas. As pequenas ondas do mar tingiram-se

de azul.

Nenhuma baleia.

De uma só vez, Anawak expeliu o ar. Somente agora percebera como o seu coração batia forte. Colocou a câmera de volta na bolsa aberta, tornou a pegar os binóculos e mudou de idéia. Seus dois novos amigos não poderiam estar longe. Ele pegou o gravador, colocou o fone na cabeça e deixou o hidrofone deslizar para dentro d'água. Microfones subaquáticos eram tão sensíveis que até podiam registrar o som de bolhas de ar subindo. Os rumores, o chiado e o estrondo nos fones de cabeça não indicavam a presença de baleias. Anawak continuou no aguardo de seus sons típicos, mas tudo permaneceu quieto.

Finalmente ele puxou o hidrofone de volta a bordo.

Após algum tempo, viu algumas nuvens de respiração lá fora. Mas foi só. Quisesse ou não, chegara a hora de retornar.

A caminho de Tofino, imaginou como os turistas teriam reagido ao espetáculo. Como reagiriam, caso ele se repetisse. A notícia se espalharia. Davies e suas baleias adestradas. Eles mal conseguiriam atender tantas reservas.

Fantástico!

Enquanto o barco inflável cortava a água lisa da enseada, seu olhar passava pelas florestas ao redor.

De certa forma, fantástico demais.

## **23 de março**

### **TRONDHEIM, NORUEGA**

Sigur Johanson foi acordado bruscamente. Alguma coisa tocava. Confuso, tentou encontrar o despertador com as mãos, até compreender que era o telefone. Xingando e esfregando os olhos, levantou-se. Seu senso de orientação não queria ajustar-se direito, e ele tombou para trás novamente. Tudo girava na sua cabeça.

O que acontecera ontem à noite? Eles se afundaram, ele e alguns colegas. Também havia estudantes. Sendo que ele pretendia

apenas jantar no Havfruen, um depósito restaurado próximo à Gamle Bybru, a velha ponte da cidade. No Havfruen eram oferecidos maravilhosos pratos de peixe e alguns vinhos bons. Vinhos muito bons, como lembrou-se repentinamente. Eles ficaram sentados à janela, com vista para o rio com os seus píeres contrários à correnteza e pequenos barcos particulares, acompanharam o curso do Nidelva, como ele lentamente fluía para o próximo fiorde de Trondheim, e também fluía muita coisa pelas suas gargantas abaixo. Alguém tinha começado a contar piadas. Depois Johanson descera para um porão úmido com o chefe, que lhe mostrara algumas preciosidades bem armazenadas que ele geralmente não liberava.

O problema desse começo de manhã, entre outros, parecia ser que, no final, ele acabara liberando.

Johanson suspirou.

Tenho 56 anos, pensou enquanto se erguia e, desta vez, permaneceu sentado. Eu não deveria mais fazer uma coisa dessas. não, errado, deveria fazer, mas ninguém deveria ligar-me tão cedo depois de eu ter feito.

Tocou novamente. Insistente. Chiando exageradamente, como ele tinha de confessar — uma vez que não havia ninguém presente para ouvir —, ficou de pé e cambaleou para a sala. Teria aula hoje? O pensamento atingiu-o como uma punhalada. Terrível! Que idéia assustadora, ficar em pé lá na frente e aparentar exatamente a idade que tinha, praticamente incapaz de levantar o queixo do Peito. Ele conversaria com a gola de sua camisa e a sua gravata, caso a língua permitisse. No momento, grudava no palato e parecia ter aversão a tudo que lembrasse movimento e articulação.

Quando finalmente pegou o fone, lembrou que era sábado. Seu humor melhorou imediatamente.

— Johanson — atendeu com clareza surpreendente.

— Meu Deus, como você demora — disse Tina Lund. Johanson girou os olhos e jogou-se na poltrona de televisão.

— Que horas são?

— Seis e meia. Por quê?

— É sábado.

— Eu sei que é sábado. O que você tem? não parece estar bem.

— não estou lá muito bem-humorado. O que deseja a esta hora, aliás, totalmente indiscutível?

Lund riu.

— Eu queria convencê-lo a vir para Tyholt.

— O instituto? Pelo amor de Deus, para quê?

— Achei que seria legal tomarmos café juntos. Kare está passando uns dias em Trondheim, ele certamente adoraria vê-lo. — Ela fez uma pequena pausa. — Além disso, eu queria lhe perguntar uma coisa.

— Eu sabia. não é do seu feitio tomar café comigo sem mais nem menos.

— não, não é isso. Eu queria saber a sua opinião a respeito de uma coisa.

— O quê?

— não no telefone. Você vem?

— Me dê uma hora — disse Johanson e bocejou até temer ter distendido o queixo. — Não, me dê duas horas. Ainda quero passar na universidade. Possivelmente chegaram mais relatórios sobre os seus vermes.

— Seria bom. Veja se isso não é uma maluquice? Primeiro eu é que estava enlouquecendo a todos, agora é o contrário. Tudo bem, tome o seu tempo, mas venha logo.

— Sim, senhora — murmurou Johanson.

Ainda com ataques de tonteira, arrastou-se até o chuveiro. Após meia hora de banho, começou a se sentir melhor. Os vinhos não lhe deixaram verdadeiramente de ressaca. Era mais como se tivessem atacado a sua percepção. De frente para o espelho, por um instante ele parecia duplicar-se. Era duvidoso se conseguiria dirigir neste estado.

Ele tentaria.

Do lado de fora fazia sol e calor. não havia praticamente ninguém na Kirkegata. À luz matutina, as cores das casas e o primeiro verde das árvores estavam extraordinariamente intensos.

Trondheim parecia fazer um ensaio geral para a primavera. O tempo excepcionalmente bom derreteria o restante da neve. Johanson notou que este dia lhe agradava muito. De repente, até o fato de Lund tê-lo acordado lhe agradava. Ele começou a assobiar Vivaldi, porque isso melhorava ainda mais o súbito bom humor e não representava um grande desafio à mente e ao físico, enquanto dirigia o jipe Glosaugen acima. Nos fins de semana a NTNU ficava oficialmente fechada, mas praticamente ninguém respeitava. De fato, era a melhor hora para verificar a correspondência e os e-mails e trabalhar sem ser incomodado.

Johanson entrou na sala de correspondências, verificou seu escaninho e retirou um grosso envelope. A correspondência era do Museu Senckenberg, de Frankfurt. Muito provavelmente continha os resultados laboratoriais tão esperados por Lund. Ele o guardou sem abrir, saiu da universidade e dirigiu para Tyholt.

O Marintek, o instituto de tecnologia marinha, estava intimamente ligado à NTNU, à Sintef e ao centro de pesquisas da Statoil. Além de diversos tanques de simulação e túneis de ondas, aqui ficava a maior piscina de água do mar utilizada para pesquisas do mundo. Ventos e ondas eram simulados em escalas de modelo. Praticamente toda instalação produtiva de maior porte na placa continental norueguesa fora testada nesta piscina de oitenta metros de comprimento e dez metros de profundidade. Dois sistemas de produção de ondas criavam correntezas e temporais em formato miniatura, com marolas de até um metro de altura que, do ponto de vista de uma maquete de plataforma, eram devastadoras. Johanson acreditava que aqui Lund também deveria estar testando a fábrica submarina que planejavam instalar no talude continental.

De fato, encontrou-a no saguão das piscinas, reunida e discutindo com um grupo de cientistas. A cena chegava a ser bizarra. Na água verde, mergulhadores nadavam entre plataformas de perfuração de brinquedo. Minicargueiros cruzavam entre especialistas a bordo de canoas. Aparentemente, tudo era uma mistura de laboratório, loja de brinquedos e passeio de bote estival, mas a impressão enganava. Praticamente nada acontecia na indústria offshore sem a bênção da Marintek.

Lund o viu e interrompeu a conversa. Caminhou em sua direção, precisando contornar a piscina. Como sempre, fez isso em passos rápidos.

— Por que não atravessou de canoa? — perguntou Johanson.

— Isto aqui não é um balneário — retrucou. — Tudo isto precisa ser coordenado. Se eu atravessar a piscina, centenas de operários de petroleiros perderão suas vidas nas marolas, e a culpa será minha.

Ela beijou-o na face.

— Você está arranhando.

— Todos os homens de barba arranham — disse Johanson. — Dê graças a Deus por Kare andar sempre barbeado, se não você não teria motivo de preferi-lo a mim. No que estão trabalhando? Na sua solução subaquática?

— Estamos fazendo o possível. Mil metros de profundidade do mar podem ser representados de forma realista na piscina, tudo que vai além torna-se impreciso.

— Mas é suficiente para o projeto de vocês.

— Mesmo assim, deixamos o computador criar cenários independentes. Às vezes eles divergem dos resultados da piscina, e então alteramos os parâmetros até obtermos uma aproximação satisfatória.

— A Shell vislumbra uma fábrica a dois mil metros de profundidade. Estava no jornal de ontem. Vocês terão concorrência.

— Eu sei. A Shell contratou a Marintek. O problema é ainda maior. Venha, vamos tomar café.

Do lado de fora, no corredor, Johanson falou:

— Continuo sem entender por que vocês não querem empregar SWOP. não é mais fácil trabalhar a partir de construções flutuantes, desde que mandem cabos flexíveis para baixo?

Ela balançou a cabeça.

— Arriscado demais. Construções flutuantes precisam ser ancoradas...

— Sei disso.

— E podem soltar-se.

— Mas várias estações estão ancoradas na plataforma continental!

— Sim, em águas rasas. Entretanto, mais embaixo, as condições de ondas e correntezas são outras. Aliás, não se trata apenas da ancoragem. Quanto mais alto o cabo vertical, mais instável ele se torna, e não queremos causar um desastre ecológico. Além disso, ninguém deve querer trabalhar tão longe num convés flutuante. Até mesmo os mais resistentes vomitariam até a alma. Vamos subir por aqui.

Subiram por uma escada.

— Pensei que fôssemos tomar café — disse Johanson, admirado.

— E vamos, mas antes eu queria lhe mostrar uma coisa.

Lund abriu uma porta. Estavam num escritório acima do saguão das piscinas. A janela grande dava para várias fileiras de casinhas e jardins que iam até o fiorde.

— Que manhã abençoada — sussurrou Johanson.

Lund aproximou-se de uma escrivaninha. Ela puxou duas cadeiras e abriu um laptop com um grande monitor. Seus dedos tamborilavam na mesa enquanto o computador carregava o programa. Apareceu uma página com fotos que, de certa forma, pareciam familiares a Johanson. Elas mostravam uma superfície clara e leitosa que, nas bordas, perdia-se na escuridão. De repente, reconheceu a cena.

— As fotos tiradas pelo Victor — disse ele. — O troço no talude.

— O troço que não me deixa em paz. — Lund acenou a cabeça afirmativamente.

— Vocês descobriram o que é?

— não. Em compensação, sabemos o que não é. não é uma água-viva, nem

são peixes. Passamos a seqüência por milhares de filtros. Isto é o melhor que pudemos fazer. — Ela ampliou a primeira imagem. — Quando a criatura entrou em frente à lente, estava exposta à forte luz dos faróis. Víamos uma parte dela, mas

obviamente totalmente diferente do que teríamos percebido sem luz artificial.

— Sem luz artificial não teriam percebido nada nessa profundidade.

— não me diga!

— A não ser que se trate de um caso de bioluminescência e...

Ele hesitou. Lund parecia altamente satisfeita. Seus dedos saltavam sobre o teclado, e a imagem mudou novamente. Desta vez, via-se um recorte da margem superior direita. Onde a superfície iluminada passava para o escuro, algo distinguia-se discretamente. Um brilho diferente, de um azul profundo e riscado de linhas mais claras.

— Quando um objeto luminescente é iluminado, não se vê mais nada do seu próprio brilho. E os faróis do Victor iluminaram tudo. Exceto nas bordas, onde perderam a força. Ali é possível reconhecer algo. Na minha opinião, comprova que se trata de uma criatura luminescente. E bastante grande.

Muitos animais do fundo do oceano tinham a capacidade de emitir luminosidade. Para tal, utilizavam-se das bactérias com que viviam em simbiose. Também havia organismos na superfície do mar que brilhavam, como, por exemplo, algas ou pequenos polvos. Mas o verdadeiro mar de luzes começava onde a luz do sol desaparecia. Na escuridão das profundezas do oceano.

Johanson fixou os olhos na tela do computador. O azul era mais sugerido do que visível. Escapava ao olho destreinado. Mas a câmera do robô fornecia imagens de altíssima resolução. Possivelmente, Lund estaria certa.

Ele esfregou a barba.

— Que tamanho você acha que aquele troço tinha?

— Difícil dizer. Do jeito que desapareceu rápido, deve ter nadado na beira do limite da luz. A alguns metros de distância. Mesmo assim, sua superfície preenche praticamente toda a imagem. O que concluímos?

— Que a parte que vemos deve ter de dez a doze metros quadrados.

— A que vetnos! — Ela fez uma pausa. — A luz nas porções marginais indica que provavelmente não vimos a maior parte.

Johanson teve uma idéia.

— Poderia ser de natureza planctônica — disse. — Microorganismos. Há vários que brilham.

— E como explica o desenho?

— As linhas claras? Coincidência. Acreditamos ser um desenho. Também acreditamos que os canais de Marte formassem um desenho.

— não acredito que seja plâncton.

— não é possível ver com tamanha precisão.

— É, sim. Veja isto.

Lund carregou as imagens seguintes, onde o objeto desaparecia cada vez mais no escuro. De fato, só foi possível vê-lo durante menos de um segundo. A segunda e a terceira ampliações ainda mostravam a superfície levemente luminescente com as linhas que pareciam mudar de posição no decorrer da seqüência. Na quarta, tudo desaparecia.

— Apagou a luz — disse Johanson, perplexo.

Ele refletiu. Algumas espécies de polvo comunicavam-se através da bioluminescência. Nem era tão incomum um animal, frente a uma ameaça repentina, digamos, apertar o interruptor e desaparecer na escuridão. Mas este era grande demais. Maior do que qualquer espécie de polvo conhecida.

Ele não gostou nem um pouco da conclusão que se esboçava. O talude continental norueguês não era lugar para aquilo.

— Architheutis — disse.

— Lulas gigantes. — Lund acenou a cabeça afirmativamente. — O pensamento vem automaticamente. Mas seria a primeira vez que algo assim aparece nestas águas.

— Seria a primeira vez que algo assim aparece vivo no mundo inteiro.

Isso, entretanto, não era totalmente correto. Durante muito tempo, as histórias de pescadores sobre architheutis eram mal-famadas. Depois os cadáveres que chegavam às praias

comprovaram sua existência — quase comprovaram, porque carne de lula era como borracha. Quanto mais se puxava, maior ficava, especialmente em estado de decomposição. Há poucos anos, finalmente, foram parar nas redes de pesquisadores a leste da Nova Zelândia minúsculos filhotes cujo perfil genético não deixava dúvidas de que, em 18 meses, se transformariam em lulas gigantes com até vinte metros de comprimento e uma tonelada de peso. Entretanto jamais uma pessoa vira tal animal vivo. O *Architheutis* habitava o fundo do oceano; agora, se ele brilhava, era mais do que duvidoso.

Johanson franziu a testa. Depois balançou a cabeça.

— não.

— não o quê?

— Há muitas evidências contra. Esta região simplesmente não é para lulas gigantes.

— Sim, mas... — As mãos de Lund cortavam o ar. — não sabemos realmente onde ficam. não sabemos nada.

— Este não é o lugar delas.

— Também não é o lugar destes vermes. Um silêncio espalhou-se.

— Que seja — disse Johanson finalmente. — *Architheutis* são ariscas. O que importa a vocês? Até hoje nenhum ser humano foi atacado por uma lula gigante.

— As testemunhas dizem o contrário.

— Meu Deus, Tina! Que tenham puxado um pouco um ou outro barco. Mas não podemos estar falando seriamente a respeito de uma ameaça à produção de petróleo por lulas gigantes. Você há de convir que isso é ridículo.

Lund observou as ampliações, cética. Em seguida fechou o arquivo.

— Tudo bem. Você trouxe algo para mim? Algum resultado? Johanson retirou o envelope e abriu-o. Lá dentro havia uma grossa pilha de papel com pequenas letrinhas.

— Minha nossa! — exclamou Lund.

— Espere. Deve haver um resumo. Ah, aqui!

— Deixe-me ver.

— Calma. — Rapidamente leu o resumo. Lund levantou-se e foi até a janela. Então começou a andar pela sala.

— Diga logo.

Johanson franziu a testa e folheou o pacote.

— Hum. Interessante.

— Fale.

— Eles confirmam que são poliquetas. Além disso, escrevem que não são taxônomos, mas que chegam à conclusão de que o verme apresenta semelhanças surpreendentes com a espécie *Hesiocaeca methanicola*. Nesse contexto, espantam-se com as mandíbulas extremamente desenvolvidas e ainda escrevem que... isso são detalhes... ah, aqui está. Examinaram as mandíbulas. Muito fortes e nitidamente destinadas a perfuração e cavação.

— Mas até aí já tínhamos chegado — exclamou Lund, impaciente.

— Espere. Ainda aprontaram mais com ele. Exame da composição isotópica estável, e aqui também está a análise do espectômetro de massa. A-hã! Nosso verme pesa menos de noventa por mil.

— Pode ser mais claro?

— Ele de fato é metanotrofo. Vive em simbiose com bactérias que decompõem metano. Espere, como posso explicar? Bem, isótopos... Você sabe o que são isótopos?

— Átomos de um elemento químico de mesmo número atômico, mas de massas atômicas diferentes.

— Muito bem, pode sentar-se. O carbono, por exemplo, apresenta diferentes massas. Existem o carbono 12 e o carbono 13. Se você comer coisas que contenham basicamente carbono leve, ou seja, um isótopo mais leve, você também fica mais leve. Entende?

— Se eu comer algo. Sim. Lógico.

— E no metano há carbonos muito leves. Se o verme vive em simbiose com bactérias que se alimentam desse metano, então primeiramente as bactérias tornam-se mais leves, e, se o verme depois come as bactérias, ele também fica mais leve. E o nosso é muito leve.

— Vocês biólogos são pessoas estranhas. Como descobrem isso?

— Fazemos coisas terríveis. Secamos e moemos o verme para obter farinha de verme, e esta farinha vai para a máquina de medição. bom, vamos ver o que mais temos aqui. Microscopia eletrônica de varredura... tingiram o DNA... procedimentos bem detalhados...

— Pare com isso! — Lund aproximou-se dele e puxou o papel. — não quero uma dissertação acadêmica, quero compreender se podemos perfurar lá embaixo.

— Vocês podem... — Johanson puxou o papel de seus dedos e leu as últimas Unhas. — Pois muito bem!

— O quê?

Ele levantou a cabeça.

— Estas pestes estão cheias de bactérias. Por dentro e por fora. Endossimbióticos e ectossimbióticos. Seus vermes parecem verdadeiros ônibus de bactérias.

Lund olhou para ele, insegura.

— É o que isso significa?

— É paradoxo. É nítido que o seu verme vive no hidrato de metano. Ele está quase explodindo de tanta bactéria. não precisa caçar nem faz buracos. Basta ficar deitado no gelo, preguiçoso e gordo. Mesmo assim, tem mandíbulas gigantes para perfuração, e os bandos no talude me pareciam tudo, menos gordos e preguiçosos. Achei-os extremamente ágeis.

Novamente ficaram em silêncio por um tempo. Finalmente, Lund disse:

— O que eles estão fazendo lá embaixo, Sigur? Que animais são esses? Johanson encolheu os ombros.

— não sei. Talvez realmente tenham rastejado diretamente do cambriano em nossa direção. não faço a menor idéia do que estão fazendo ali. — Ele hesitou. — Tampouco sei se isso tem alguma importância. O que podem fazer? Rastejam por ali, mas dificilmente roem oleodutos.

— O que roem então?

Johanson fixou os olhos no resumo do relatório.

— Há outro endereço que poderia nos dar informações a respeito—disse, — Se eles não souberem, teremos de esperar até nós mesmos descobrirmos.

— Eu não gostaria de esperar por isso.

— Está bem. Enviarei alguns exemplares para lá. — Johanson espreguiçou-se e bocejou. — Quem sabe temos sorte, e eles vêm com o navio de pesquisa para ver com os próprios olhos. De uma forma ou de outra, você precisa ter paciência. Por enquanto não podemos fazer nada. Portanto, se me permite, agora gostaria de tomar café e dar alguns bons conselhos a Kare Sverdrup.

Lund sorriu. Ela não parecia muito satisfeita.

## **5 de abril**

### **ILHA DE VANCOUVER E VANCOUVER, CANADÁ**

Os negócios voltaram a fluir.

Em outras circunstâncias, Anawak teria ficado tão contente quanto Shoemaker. As baleias estavam retornando. O diretor não falava mais de outra coisa. E, de fato, elas apareciam umas atrás das outras, baleias-cinzentas, jubartes, orcas e até algumas baleizs-minke. Naturalmente, Anawak também estava satisfeito com o seu retorno. não havia nada que ele desejasse mais. Entretanto preferiria vincular o seu retorno a algumas respostas, como, por exemplo, onde elas estiveram esse tempo todo, sem que nenhum satélite ou sonda conseguisse localizá-las. Além disso, o seu estranho encontro não lhe saía da cabeça. Sentira-se como uma ratazana de laboratório. As duas baleias observaram-no com uma tranqüilidade e precisão, como se ele estivesse numa mesa de dissecação.

Eram espiões?

Para espionar o quê?

Loucura!

Fechou o caixa e saiu. Os turistas haviam-se reunido no final do píer. com seus macacões laranja, pareciam ser de um

comando especial. Anawak inspirou o ar puro da manhã e seguiu-os.

Atrás de si, escutou alguém aproximando-se em passos largos.

— Dr. Anawak!

Parou e virou a cabeça. Alicia Delaware surgiu ao seu lado. Ela prendera os cabelos ruivos num rabo-de-cavalo e usava óculos modernos.

— Me leva junto?

Anawak observou-a. Então olhou para o outro lado, em direção ao casco azul da Blue Shark.

— Estamos lotados.

— Eu corri o caminho inteiro.

— Sinto muito. Daqui a meia hora, sairá a Lady Wexham. Ela é bem mais confortável. Grande, cabines internas aquecidas, bar...

— Eu não quero. Certamente ainda há algum lugar. Atrás talvez.

— Já somos dois na cabine, Susan e eu.

— não preciso ir sentada. — Ela sorriu. com os seus dentes grandes, parecia um coelho sardento. — Por favor! não tem motivo para estar bravo, ou tem? Eu realmente gostaria de ir com você. Na verdade, somente com você, para ser sincera.

Anawak franziu a testa.

— não me olhe assim! — Delaware girou os olhos. — Li os seus livros e admiro o seu trabalho, é só.

— não tive essa impressão.

— Lá no aquário?... — Ela fez um gesto negando. — Esqueça aquilo. Por favor, Dr. Anawak, tenho apenas mais um dia aqui. Me daria uma grande alegria.

— Temos nossas determinações. — Soava seco e mesquinho.

— Escute aqui, seu cabeça-dura — disse. — Sou uma manteiga derretida. Estou avisando. Se não me levar junto, vou chorar o vôo inteiro até Chicago. Você se responsabiliza?

Olhou para ele com os olhos brilhantes. Anawak não se conteve. Começou a rir.

— Está bem. Venha conosco.

— É sério?

— É. Mas não me irrite. E, principalmente, guarde as suas teorias malucas consigo.

— não era minha teoria. Era a teoria de...

— Ou melhor, cale a boca o maior tempo possível. — Ela ia responder, mudou de idéia e acenou a cabeça afirmativamente.

— Espere aqui — disse Anawak. — Vou buscar um macacão.

Alicia Delaware manteve a promessa durante dez minutos. As casas de Tofino tinham acabado de desaparecer por detrás da primeira colina arborizada, quando surgiu ao lado de Leon e estendeu-lhe a mão.

— Me chame de Licia — disse.

— Licia?

— De Alicia, mas Alicia é um nome imbecil. Eu acho. Meus pais naturalmente não achavam, mas não somos perguntados quando recebemos o nosso nome, é sempre tão embaraçoso depois, deplorável. Você se chama Leon, não é?

Ele tomou a sua mão direita estendida.

— É um prazer, Licia.

— Está bem. Agora devemos esclarecer uma coisa rapidamente. Anawak olhou para Stringer, que guiava a zodiac, pedindo ajuda. Ela respondeu ao seu olhar sacudindo os ombros e voltou a concentrar-se no rumo.

— O que é? — perguntou cautelosamente.

— O que aconteceu recentemente. Fui idiota e metida a sabe-tudo no aquário. Sinto muito.

— Já passou.

— Mas você também precisa se desculpar.

— O quê? Por quê? Ela baixou os olhos.

— Concordo que tenha dado a sua opinião na frente das outras pessoas, mas não precisava falar a respeito da minha aparência.

— Eu não... Diabos!

— Você disse que uma beluga que me visse fazendo a maquiagem deveria duvidar do meu intelecto.

— não foi minha intenção. Foi uma comparação abstrata.

— Foi uma comparação estúpida.

Anawak coçou a cabeleira preta. Ficara aborrecido com Delaware porque, na sua opinião, ela fora ao aquário com preconceitos e teve uma atitude ignorante. Mas provavelmente ele não fora menos ignorante. E certamente, na sua raiva, a ofendera.

— Está bem. Peço desculpas.

— Está desculpado.

— Refere-se a Povinelli — afirmou.

Ela sorriu. com essas palavras, ele sinalizara que a levava a sério. Daniel Povinelli foi o maior adversário de Gordon Gallup na questão da inteligência e da autoconsciência de primatas e outros animais. Concordava com Gallup que chimpanzés que se reconheciam no espelho teriam uma idéia de si próprios. Em compensação, maior era a veemência com que negava que essa condição os capacitasse a compreender os próprios estados mentais e, conseqüentemente, o de outros animais. Para Povinelli, ainda faltava muito para comprovar que algum animal pudesse apresentar a compreensão psicológica inerente aos humanos.

— Povinelli segue um caminho corajoso — disse Delaware.

— Seus pontos de vista parecem ser eternamente ultrapassados, mas ele leva isso em conta. Para Gallup é muito mais fácil, porque é chique colocar chimpanzés e golfinhos e sabe-se lá quem mais como parceiro igualitário dos humanos.

— Eles são parceiros igualitários — disse Anawak.

— No sentido ético.

— Independentemente disso. Ética é uma invenção dos humanos.

— Ninguém duvida disso. Nem Povinelli.

O olhar de Anawak vagou pela enseada. Surgiram ilhas menores.

— Sei aonde quer chegar — disse, depois de um breve intervalo. — Você não acredita que comprovar mais humanidade nos animais possa garantir um tratamento mais humano a eles.

— É arrogante — gritou Delaware, impetuosa.

— Concordo. não resolve nenhum problema. Mas a maioria das pessoas prende-se à idéia de que a vida torna-se mais digna de proteção quanto mais próximo estiver dos humanos. É e continua sendo mais fácil matar um animal do que uma pessoa. Apenas torna-se mais difícil se considerarmos o animal um parente próximo. Nesse ínterim, a maioria das pessoas está disposta a isso, mas a minoria quer acostumar-se à idéia de que possivelmente não sejamos a coroa da criação e que, na escala de valores da vida, não estamos à frente dos outros, mas ao seu lado. Isso leva ao seguinte dilema: como posso ter a mesma consideração por um animal ou planta e uma pessoa, se, ao mesmo tempo, acredito que a vida humana vale mais do que a vida de uma formiga, de um macaco ou de um golfinho?

— Ei! — Ela bateu palmas. — Então temos a mesma opinião.

— Quase. Acho que você é um pouco... messiânica no seu modo de ver. Pessoalmente acredito que a psique de um chimpanzé ou de uma beluga tem algumas coisas em comum com a humana. — Delaware ia responder. Anawak ergueu o braço. — Tudo bem, digamos assim: na escala de valores de uma beluga — se é que baleias algum dia pensem nisso —, talvez subamos um pouco mais quanto mais familiaridades ela encontrar em nós. — Ele riu. — Talvez algumas belugas até nos considerem inteligentes. Está melhor assim?

Delaware enrugou o nariz.

— não sei, Leon. Por que tenho a impressão de que está querendo me atrair para uma armadilha?

— Leões-marinhos — gritou Stringer. — Aqui em frente.

Anawak protegeu os olhos com as mãos. Aproximavam-se de uma ilha pouco arborizada. Nas rochas, um grupo de leões-marinhos de Stellar descansava ao sol. Alguns esticavam a cabeça preguiçosamente e olhavam na direção do barco.

— não se trata de Gallup ou Povinelli, estou certo? — Ele posicionou a câmera em frente aos olhos, deu um zoom e tirou fotos dos animais. — Então lhe sugiro outra discussão. Combinamos

que não há escala de valores, mas somente uma imaginação humana desta, e encerramos isto neste momento. Nós dois somos absolutamente contra a humanização dos animais. Entretanto estou convicto de que, dentro de certos limites, será possível compreender o mundo interior deles. Digamos que compreender intelectualmente. Além disso, acredito que temos mais em comum com alguns animais do que com outros, e que encontraremos um meio de nos comunicarmos com alguns deles. Você, por outro lado, acredita que tudo que há de não-humano permanecerá eternamente desconhecido. não temos acesso à cabeça dos animais. Conseqüentemente, não haverá comunicação, mas sempre apenas aquilo que nos separa, e nós devemos fazer o favor de nos satisfazer em deixá-los em paz.

Delaware permaneceu em silêncio por algum tempo. A zodiac passou com velocidade reduzida pela ilha dos leões-marinhos. Stringer contou coisas interessantes sobre os animais, e os passageiros faziam como Anawak e tiravam fotos.

— Preciso pensar a respeito — disse Delaware finalmente.

E realmente o fez. Ao menos não disse mais quase nada no decorrer do passeio, até a zodiac chegar em mar aberto. Anawak estava satisfeito. Era bom o passeio ter começado com os leões-marinhos. Até agora, as populações de baleias não haviam alcançado o seu tamanho normal. Uma rocha repleta de leões-marinhos era um bom começo para a expedição, e possivelmente seria um consolo caso, posteriormente, não acontecesse mais tanta coisa.

Mas as suas preocupações foram em vão.

Logo em frente à costa encontraram um grupo de baleias-cinzentas. Eram um pouco menores do que as jubartes, mas, ainda assim, o seu tamanho era impressionante. Algumas aproximaram-se bastante e olharam para fora d'água durante algum tempo, para encanto absoluto dos passageiros. Pareciam pedras vivas, cor de ardósia, malhadas, as gigantescas mandíbulas lotadas de cracas e microcrustáceos, parasitas fixos. A maioria dos passageiros filmava e fotografava como se estivessem possuídos. Outros simplesmente

assistiam, comovidos. Anawak já vira homens adultos chorando ao ver uma baleia emergir.

A certa distância, três outros barcos infláveis e uma embarcação maior, de casco rígido, estavam à deriva. Todos haviam desligado os motores. Stringer informava os avistamentos pelo rádio. O que eles faziam aqui era uma observação pacífica de baleias, mas Jack Greywolf também não aprovaria.

Jack Greywolf era um idiota.

E ainda por cima um idiota perigoso. Anawak não simpatizava com os seus planos. Tourist Watching. Ridículo! Mas, se realmente o fizesse, de início Greywolf ficaria com a mídia ao seu lado. Desacreditariam da Davies, apesar do seu trabalho consciente e responsável. Manobras de interceptação de protetores de animais, ainda que se trate apenas de um grupo duvidoso como os Seaguards de Greywolf, reforçariam os preconceitos. Quase ninguém esforçava-se realmente para diferenciar os objetivos de organizações sérias dos objetivos de fanáticos da laia de um Jack Greywolf. Isso apenas acontecia mais para a frente, quando a mídia analisasse os fatos e o estrago já estivesse feito.

E Greywolf certamente não era a única preocupação de Anawak.

Ele observava o oceano com atenção, a câmera a postos. Questionava-se se ultimamente sofria de alguma paranóia causada pelo seu encontro com as duas jubartes. Estaria vendo fantasmas, ou o comportamento dos animais realmente estava mudando?

— À direita! — gritou Stringer.

As cabeças das pessoas na zodiac seguiram sua mão estendida. Várias baleias-cinzentas haviam-se aproximado do barco e realizavam impressionantes manobras de mergulho. Suas nadadeiras caudais pareciam acenar para os passageiros.

Anawak fez fotos para o arquivo. Shoemaker teria batido palmas de alegria diante desta visão. Era uma excursão exemplar, como se os animais tivessem combinado indenizar os Observadores de Baleia pela longa espera com uma generosa apresentação. Mais adiante, três outras grandes baleias-cinzentas projetavam suas cabeças fora d'água.

—não são baleias-cinzentas, são? — perguntou Delaware. Olhou para Anawak mascando o seu chiclete, como se esperasse uma recompensa.

—não. São jubartes, também conhecidas como baleias-de-corcova.

— Eu disse. De onde vem esse nome tolo? não estou vendo corcovas.

—não têm. Mas fazem uma ao mergulhar de volta na água. Acredito que seja essa curvatura do corpo característica que lhes conferiu o nome.

Delaware ergueu as sobrancelhas.

— Na realidade, eu acreditava que devessem o nome às pequenas corcovas na boca. Essas calosidades.

Anawak suspirou.

— Em oposição para variar, Licia?

— Desculpe. — Ela mexeu os braços, exaltada,—Ei, o que elas estão fazendo ali? O que estão fazendo?

As cabeças das três jubartes atravessaram simultaneamente a superfície d'água. Estavam com suas bocas gigantes bem abertas, de forma que era possível ver o palato rosa no meio do maxilar estreito. Claramente viam-se as barbatanas suspensas. Os imensos sulcos ventrais pareciam inflados. Entre as baleias, subia espuma agitada e mais alguma coisa, brilhando como lantejoulas. Minúsculos peixes, estrebuchando agitados. Do nada surgiram bandos de gaivotas e mergulhões que circulavam acima do espetáculo e mergulhavam para participar do banquete.

— Estão comendo — disse Anawak enquanto fotografava.

— Que loucura! Parecem querer comer a gente,

— Licia! não se faça mais estúpida do que é.

Delaware empurrou o chiclete de uma bochecha para a outra.

— Vocênão entende brincadeira — disse, aborrecida. — Naturalmente sei que elas se alimentam de plâncton e de todos aqueles pequenos animaizinhos. Eu apenas não tinha visto ainda como fazem isso. Sempre achei que simplesmente deslizassem de boca aberta por aí.

— Baleias-lisas fazem isso — disse Stringer por cima do ombro. — Jubartes têm o seu próprio método. Elas nadam por baixo de um cardume de pequenos peixes ou microcrustáceos e isolam-no com um anel de bolhas de ar. Os pequenos animais evitam a água turbulenta, procuram distanciar-se da cortina de bolhas e ficam bem próximos uns aos outros. As baleias emergem, expandem as Pregas ventrais da garganta e dão goles.

99

— não explique nada — disse Anawak. — Ela sabe tudo melhor mesmo.

— Goles? — ecoou Delaware.

— É chamado assim nos rorquais. A técnica dos goles. Eles conseguem expandir a garganta, por isso parecem inflados. Por meio dessa expansão repentina, transformam a garganta num enorme reservatório de recepção de alimentos. O plâncton e os peixes são sugados num gole gigantesco e ficam presos nas barbatanas quando as baleias voltam a expelir a água.

Anawak aproximou-se de Stringer. Delaware parecia compreender que queria conversar com ela a sós. Equilibrando-se, passou pelo comando e foi para a frente, onde estavam os passageiros, e começou a explicar a eles a técnica dos goles.

Passado algum tempo, Anawak disse baixinho:

— Como elas lhe parecem? Stringer virou a cabeça.

— As baleias?

— Sim.

— Que pergunta estranha. — Refletiu por um momento. — Como sempre, acho. Como elas lhe parecem?

— Acha que elas estão normais?

— Claro que sim. Elas estão literalmente se exibindo, se é isso que quer dizer. É, sim, estão ótimas.

— não estão... de algum modo diferentes?

Ela apertou os olhos. A luz do sol ofuscava sobre a água. Próximo ao barco, emergiu um dorso cinza malhado, para logo em seguida desaparecer. As jubartes haviam retornado para dentro d'água.

— Diferentes? — perguntou ela, esticando as palavras. — O que quer dizer com isso?

— Lembra que lhe falei das duas Megapterae que surgiram do nada ao lado do meu barco? — Espontaneamente, utilizou o nome científico das jubartes. O que lhe passava pela cabeça era loucura. Assim, pelo menos soava um pouco mais sério.

— Sim. E daí?

— Bem. Foi estranho.

— Você já me contou. Uma de cada lado. É invejável. Um sonho, e, para variar, eu não estava lá.

— não sei se foi um sonho. Parecia mais que estavam tentando avaliar a situação... como se estivessem planejando algo...

— Você está falando em código.

— não foi muito agradável.

— não muito agradável? — Stringer balançou a cabeça, pasma. — Está ficando maluco? Esse é exatamente o tipo de encontro com que sonho. Queria ter estado no seu lugar.

— não, não queria. Vocês não teria achado prazeroso. Fico me perguntando o tempo inteiro quem estava observando quem ali, e por quê...

— Leon. Eram baleias, não agentes secretos. Ele coçou os olhos e sacudiu os ombros.

— Está bem, esqueça. Tolice. Devo ter me enganado.

O walkie-talkie de Stringer estalou. A voz rouca de Shoemaker anunciou-se.

— Susan? Vá para 99.

Todas as estações baleeiras recebiam e enviavam na frequência 99. Era prático, porque dessa forma todos se mantinham informados sobre os avistamentos. A guarda costeira e a Tofino Air usavam igualmente a frequência 98, e, lamentavelmente, alguns pescadores amadores cuja visão sobre observação de baleias era bem mais rude também. Para conversas particulares, cada estação tinha o seu próprio canal. Stringer mudou o canal.

— Leon está por perto? — perguntou Shoemaker.

— Está, aqui do meu lado. “~” Passou o aparelho de rádio para Anawak. Ele pegou e conversou durante

algum tempo com Shoemaker. Então disse:

— Está bem, eu vou. Sim, pode ser em curto prazo também. Diga a eles que voarei assim que retornarmos. Até já.

— O que era? — quis saber Stringer quando ele lhe devolveu o aparelho.

— Uma solicitação. Da Inglewood.

— Inglewood? A companhia de navegação?

— Isso. A ligação veio da diretoria. Eles não deram muitas informações a Tom. Apenas disseram que precisavam do meu conselho. E que tinha uma certa urgência. Estranho. Tom teve a impressão de que, se pudessem, teriam me teletransportado para lá.

A Inglewood enviara um helicóptero. Nem duas horas após sua conversa pelo o rádio com Shoemaker, Anawak viu a espetacular paisagem da ilha de Vancouver passar debaixo dele. Montanhas cobertas de pinheiros alternavam-se com picos montanhosos escarpados, e, no meio deles, cintilavam os rios e atraíam os lagos azul-esverdeados. Entretanto a beleza da ilha não escondia que a indústria madeireira sacrificara bastante as florestas. Nos últimos cem anos tornara-se o ramo industrial mais importante da região. Era impossível não perceber as grandes áreas de desmatamento.

Deixaram a ilha de Vancouver para trás e sobrevoaram o estreito de Geórgia, intensamente trafegado por navios de luxo, balsas, cargueiros e iates particulares. Lá longe erguiam-se as imponentes montanhas Rochosas, com os seus cumes cobertos de neve. Torres de vidro azul e cor-de-rosa rodeavam a extensa enseada onde aviões aquáticos decolavam e pousavam como pássaros, igualmente coloridos e numerosos.

O piloto comunicou-se com a estação terrestre. O helicóptero desceu um pouco, fez uma curva e voou em direção às docas. Em seguida, pousaram numa área livre do tamanho de um enorme estacionamento. De ambos os lados subiam pilhas de cedro que aguardavam o transporte. Mais à frente, enxofre e carvão

estavam armazenados em montes. Havia um cargueiro enorme ancorado no píer. Anawak avistou um grupo de pessoas, do qual saiu um homem em sua direção. Seu cabelo voava no turbilhão dos motores. Ele usava um sobretudo e erguia os ombros de frio. Anawak abriu o cinto de segurança e preparou-se para saltar.

O homem abriu a porta. Era grande e imponente, tinha sessenta e poucos anos, um rosto redondo e simpático com olhos despertos. Ele sorriu ao estender a mão para Anawak.

— Clive Roberts — disse. — Diretor administrativo.

Apertaram-se as mãos. Anawak seguiu Roberts até o grupo, que aparentemente estava inspecionando o cargueiro. Viu marinheiros e civis. Eles olhavam repetidas vezes para cima a estibordo do barco, andavam ao longo dele e gesticulavam.

— Muito gentil de sua parte poder vir tão rapidamente — disse Roberts. — Me desculpe, normalmente não entramos assim sem bater, mas o assunto é de extrema urgência.

— Sem problemas — disse Anawak. — O que houve?, — Um acidente. Provavelmente.

— Aquele navio ali?

— Sim, o Barrier Queen. Para ser mais exato, tivemos um problema com os rebocadores que deveriam tê-lo trazido para casa.

— Sabe que sou um especialista em cetáceos? Pesquisador comportamental. Baleias e golfinhos.

— Trata-se exatamente disso. Pesquisa de comportamento.

Roberts apresentou-lhe as pessoas. Três eram do setor administrativo da companhia de navegação, os outros representavam o parceiro técnico. Logo adiante, dois homens retiravam equipamentos de mergulho de um transportador. Anawak viu expressões de preocupação, depois Roberts chamou-o de lado.

— No momento, infelizmente não podemos conversar com a tripulação — disse. — Mas posso enviar-lhe uma cópia sigilosa do relatório assim que recebê-lo. Queremos evitar que o assunto se espalhe. Posso confiar em você?

— Claro.

— Que bom. Vou fazer um resumo dos acontecimentos. Depois você decide se quer ficar ou retornar. De uma forma ou de

outra, nós nos responsabilizaremos por qualquer perda ou transtorno que lhe tenhamos causado.

— Vocênão está causando transtornos. Roberts olhou-o, agradecido.

— Você precisa saber que o Barrier Queen é um navio bastante novo. Há pouco foi totalmente testado, é exemplar em todos os quesitos, devidamente certificado. Trata-se de um cargueiro de sessenta mil toneladas com o qual, até agora, transportamos cargas pesadas sem problemas, principalmente para o Japão, ida e volta. Investimos um monte de dinheiro em segurança, mais do que precisaríamos. De qualquer forma, o Barrier Queen estava no seu caminho de volta, totalmente carregado.

Anawak acenou a cabeça, mudo.

— Há seis dias chegou na zona das duzentas milhas marítimas em frente a Vancouver. Eram cerca de três da manhã. O timoneiro virou o leme em cinco graus, uma correção rotineira. Achou desnecessário verificar o visor. Bastante à frente viu luzes de um outro navio, mas podia orientar-se a olho nu, e, na realidade, naquele momento, as luzes deveriam mover-se para a direita. Mas elas permaneceram onde estavam. O Barrier Queen continuava seguindo reto. O timoneiro virou ainda mais o leme, sem que ocorresse uma mudança visível do rumo, virou totalmente e, de repente, funcionou. Infelizmente, funcionou bem demais.

— Chocou-se com alguém?

—não. O outro navio estava longe demais. Entretanto o leme parecia ter emperrado. Agora estava totalmente virado e estava novamente emperrado. não foi possível movê-lo de volta. Um leme totalmente virado a uma velocidade de vinte nós... quer dizer, não é possível parar um navio desse tamanho assim tão rápido! O Barrier Queen entrou numa curva muito fechada em altíssima velocidade. Ele adernou, com toda sua carga. Dez graus de inclinação. Faz idéia do que isso significa?

— Posso imaginar.

— Logo acima do nível d'água ficam as aberturas para a drenagem do convés. Quando o mar está revolto, a água o cobre continuamente, e com a mesma velocidade volta a escorrer.

Adernado desse jeito, a água pode entrar e não sair mais. Em questão de segundos, o navio se enche d'água. Graças a Deus, o mar estava calmo, mesmo assim a situação era crítica. Era impossível trazer o leme de volta.

— E por quê?

Robert ficou um instante em silêncio.

— Ainda não sabemos. Mas as encencas estavam apenas começando. O BarrierQueen desligou os motores, enviou um mayday via rádio e aguardou. Era definitivamente impossível manobrá-lo. Por via das dúvidas, diversos navios à sua volta mudaram de rumo e foram em sua direção. Em Vancouver, dois rebocadores de salvamento puseram-se em movimento. Chegaram dois dias e meio depois, no começo da tarde. Um rebocador de alto-mar de sessenta metros e um barco de 25 metros. O mais difícil sempre é lançar o cabo do rebocador de tal forma que possa ser pego a bordo. Quando venta, isso pode levar horas, um procedimento sem fim, primeiro o cabo fino, em seguida o mais grosso, e depois a amarra pesada. Mas neste caso... não deveria ter sido um problema, o tempo continuava bom, e o mar, tranqüilo. Mas esses rebocadores foram impedidos.

— Impedidos? Por quem?

— Bem... — Roberts torceu a cara como se lhe fosse desagradável continuar falando. — Tudo indica que... Meu Deus! Alguma vez ouviu falar em ataques de baleias?

Anawak surpreendeu-se.

— A navios?

— Exatamente. A grandes navios.

— Isso é extremamente raro.

— Raro? — Roberts ficou atento. — Mas já aconteceu.

— Existe um caso descrito. É do século XIX. Melville transformou-o em um romance.

— Está falando de Moby Dick? Achei que fosse apenas um livro. Anawak acenou a cabeça.

— Moby Dick é a história do baleeiro Essex. Ele realmente foi afundado por um cachalote. Um navio de 42 metros, entretanto de madeira e, provavelmente, um pouco podre. Mas que seja. A

baleia abalroou o navio, que encheu-se de água em poucos minutos. Aparentemente, a tripulação teria ficado à deriva no mar, em seus barcos de salvamento, durante semanas... Ah, sim, e dois casos ocorreram no ano passado em frente à costa australiana. Em ambos os casos, os pescadores viraram.

— Como aconteceu isso?

— Detonados pela nadadeira caudal. A maior força está na cauda — disse Anawak, pensativo. — Um homem morreu. Mas de ataque cardíaco, acho. Quando caiu na água.

— Que baleias eram essas?

— Ninguém sabe. Os animais desapareceram rápido demais. Além disso, quando acontece uma coisa assim, cada um observa uma coisa diferente. — Anawak olhou para o imponente Barrier Queen. Parecia intacto. — De qualquer forma, não consigo imaginar um ataque de baleias a este navio.

Roberts seguiu seu olhar.

— Os rebocadores é que foram atacados — disse. — não o Barrier Queen. Acertaram-nos nas laterais. Aparentemente, a intenção era virar os barcos, mas não funcionou. Em seguida, pareciam querer impedir que jogassem o cabo, e depois...

— Atacaram?

— Sim.

— Esqueça. — Anawak fez um sinal negativo com as mãos. — Uma baleia pode derrubar algo menor ou do mesmo tamanho que ela. Nada que seja maior. E jamais atacaria algo maior se não se sentisse coagida.

— A tripulação jura de pés juntos que foi assim. As baleias...

— Que baleias?

— Meu Deus, que baleias? Como você mesmo respondeu a esta pergunta? Cada um vê uma coisa diferente.

Anawak franziu a testa.

— Está bem, então vamos lá. Imaginemos o pior. Que os rebocadores tenham sido atacados por baleias-azuis. A *Balaenoptera musculus* pode chegar a

33 metros de comprimento e um peso de 120 toneladas. O maior animal que jamais existiu na Terra. Digamos que uma baleia-azul tente afundar um navio do seu tamanho. Ela precisa estar na mesma velocidade, ou melhor, mais rápido ainda. Mas, tudo bem, cinqüenta a sessenta quilômetros por hora num trecho curto ela tira de letra. Tem um corpo aerodinâmico e praticamente não precisa superar resistências de atrito. Mas que impulso pode desenvolver? E que contraimpulso o navio desenvolve? Em outras palavras, quem empurra quem, quando as pessoas a bordo manobram na direção oposta?

— Cento e vinte toneladas é um peso considerável.

Anawak apontou com a cabeça em direção a um caminhão.

— Consegue levantá-lo?

— O quê? O caminhão? Claro que não.

— Mesmo tendo onde se apoiar. Um corpo flutuante não tem como. É absolutamente impossível erguer algo mais pesado, tanto para uma baleia, como para um homem. não há como ignorar as equações da massa. Mas, acima de tudo, é preciso compensar o peso da baleia pela água deslocada. não sobra muito. Apenas a força de propulsão da nadadeira caudal. É possível que a baleia consiga mudar o rumo do navio. Mas, provavelmente, logo em seguida escapará

no mesmo ângulo em que bateu no navio. É um pouco como no jogo de sinuca, entende?

Roberts coçou o queixo.

— Alguns acharam que eram jubartes. Outros falaram de baleias-fin, e, a bordo do Barrier Queen, acreditaram ter visto cachalotes...

— Três espécies que não podem ser mais diferentes uma da outra... Roberts hesitou.

— Anawak, sou uma pessoa objetiva. Acredito que os rebocadores tenham simplesmente entrado no meio de um grupo de baleias. Possivelmente não foram as baleias que bateram nos navios, mas o contrário. Entretanto temos certeza de que os animais afundaram o rebocador menor.

Anawak fitou Roberts, perplexo.

— Quando a amarra estava esticada — continuou Roberts — entre a proa do Barrier Queen e a popa do rebocador. Uma corrente de ferro bem esticada. Vários animais saltaram da água e jogaram-se em cima dela. Neste caso, não havia volume deslocado a ser subtraído, e os tripulantes disseram que eram baleias bastante grandes. — Ele fez uma pausa. — O rebocador foi puxado de um lado para o outro e virou. Capotou.

— Pelo amor de Deus! E a tripulação?

— Dois desaparecidos. Os outros puderam ser salvos. Faz idéia do que pode ter levado os animais a fazer isso?

Boa pergunta, pensou Anawak. Toninhas e belugas reconhecem-se no espelho. Elas pensam? Planejam? Ao menos de uma forma que possamos compreender? O que as motiva? As baleias conhecem o ontem ou o amanhã? Que interesse teriam em impedir ou afundar um rebocador de resgate?

A não ser que o rebocador as tenha ameaçado. Ou aos seus filhotes.

Mas como e com quê?

— Tudo isso não combina com baleias — disse. Roberts parecia perdido.

— Também acho. Já as tripulações, não. Pois o rebocador grande foi atacado de forma parecida. Finalmente conseguiram fixar a amarra. Desta vez não houve outro ataque.

Anawak olhou pensativo para os próprios pés.

— Uma coincidência — disse. — Uma coincidência terrível.

— Você acha?

— Possivelmente saberíamos mais se soubéssemos o que aconteceu com o leme.

— Requisitamos mergulhadores para isso — respondeu Roberts. — Eles estarão prontos em alguns minutos.

Têm um equipamento reserva no carro?

— Acredito que sim.

Anawak acenou a cabeça, "

— Ótimo. Então descerei com eles.

Águas portuárias eram um pesadelo. Em todo lugar do mundo. Um caldo sebento em que aparentemente tinha tanta

matéria em suspensão quanto moléculas de água. Em geral, o solo era coberto por uma camada de lama de vários metros de espessura, do qual continuamente eram levantadas partículas e material orgânico. Quando o mar fechou-se sobre Anawak, por um instante ele duvidou de que conseguissem encontrar alguma coisa ali. Tinha a sensação de estar afundando numa neblina marrom. Avistava os contornos opacos dos dois mergulhadores à sua frente e, mais adiante, uma superfície difusa e escura, a popa do Barrier Queen.

Os mergulhadores olharam em sua direção e fizeram um sinal de aprovação com o indicador e o polegar. Anawak respondeu da mesma forma. Ele tirou ar do seu colete e flutuou para baixo ao longo da popa. Após alguns metros, ligaram as lanternas do capacete. A luz espalhava-se fortemente. Ela iluminava basicamente material em suspensão. Enquanto submergiam, o ar expirado formava bolhas e sons nos ouvidos de Anawak. Na meia escuridão destacava-se o leme, desfocado e manchado. Estava inclinado. Anawak procurou o console com o medidor de profundidade. Oito metros. À sua frente, os mergulhadores desapareceram na lateral do leme. Somente os cones de luz de suas lanternas continuavam movendo-se por detrás.

Anawak aproximou-se pelo outro lado.

Inicialmente, apenas viu bordas afiadas e conchas que se sobrepunham, formando esculturas bizarras. Só então entendeu que o leme estava coberto por quantidades imensas de mexilhões listrados. Aproximou-se mais um pouco. Nas fendas e rachaduras, no local de encaixe do leme na cachola, os organismos haviam sido triturados formando uma massa compacta e lascada. não era de estranhar que o leme não pudera mais ser movido de volta. Estava totalmente preso.

Foi mais para o fundo. Aqui também estava tudo cheio de mexilhões. Cuidadosamente, enfiou a mão na massa. Os pequenos animais de no máximo três centímetros estavam presos uns aos outros. com toda a atenção, para não cortar-se nas conchas afiadas, puxou até algumas se soltarem com dificuldade. Elas estavam semi-abertas. Do seu interior, saíam filamentos

entrelaçados com os quais procuravam fixar-se. Anawak guardou-as nos recipientes presos ao seu cinto e refletiu.

Ele não entendia muito de crustáceos. Algumas espécies de conchas tinham um vitor<sup>107</sup> bisso desses, um pé franzido e grudento. O mais conhecido e mal-afamado era o mexilhão-zebra, trazido do Oriente Médio. Nos últimos anos expandira-se em ecossistemas americanos e europeus, começando a destruir a fauna local. Se, no leme do Barrier Queen, realmente se tratasse de mexilhões-zebra, não era de espantar que se apresentassem em camadas tão espessas. Onde quer que surgissem, logo se multiplicavam em quantidades inacreditáveis.

Anawak girou o mexilhão arrancado na palma da mão.

O leme estava cheio de mexilhões-zebra. Tudo indicava isso. Mas seria possível? Mexilhões-zebra destruíam, principalmente, sistemas de água doce. Sobreviviam e cresciam em água salgada também, mas isso não explicava como poderiam ter abordado um navio em movimento em mar aberto, onde não havia nada além de quilômetros de profundidade de água. Ou a fixação já teria ocorrido no porto?

O navio viera do Japão. O Japão tinha problemas com mexilhões-zebra?

Lateralmente abaixo dele, entre o leme e a popa, duas pás torcidas sobressaíam do vazio turvo, fantasmagóricas, surreais nas suas medidas. Anawak desceu mais um pouco e bateu com as nadadeiras até conseguir segurar-se nas bordas de uma das pás. Uma sensação de desconforto invadiu-o. A hélice tinha quatro metros e meio de diâmetro. Um complexo de aço fundido que pesava mais de oito toneladas. Por um instante, imaginou como seria a hélice girando no máximo. Parecia impossível existir alguma coisa que sequer tocasse esta coisa gigantesca. O que se aproximasse demais deveria ser obrigatoriamente destruído.

Mas os mexilhões também estavam presos à hélice.

Anawak chegava a uma conclusão que não lhe agradava. Lentamente, foi até o centro da hélice pendurada pelas bordas. Seus dedos tocaram em algo escorregadio. Pedacos de uma substância clara soltaram-se e flutuaram em sua direção. Ele

conseguiu pegar um dos pedaços e levou-o até perto da sua máscara.

Gelatinoso. Como borracha.

O troço parecia tecido.

Anawak girou o negócio esfiapado de um lado para o outro. Guardou-o na caixa de coleta e seguiu adiante. Um dos mergulhadores aproximou-se do lado oposto. com a lanterna acima da máscara, parecia um alienígena. Ele fez o sinal de "Venha aqui". Anawak impulsionou-se com as pernas e nadou entre a cachola do leme e a hélice até ele. Lentamente desceu até suas nadadeiras tocarem a cambota, em cuja ponta estava afixada a hélice. Aqui havia mais do troço viscoso. Envolvia a hélice como um revestimento. Os mergulhadores tentavam arrancar os trapos. Anawak ajudou-os. Esforçavam-se em vão. A maior parte estava tão presa à hélice que não podia ser simplesmente arrancada com as mãos.

As palavras de Roberts passavam-lhe pela cabeça. As baleias haviam tentado impedir os rebocadores. Absurdo.

O que pretendia uma baleia que sabotava a manobra de atracação de um rebocador? Que o Barrier Queen afundasse? Se o mar estivesse mais revolto, essa ameaça seria real, ainda mais com o cargueiro não podendo ser manobrado. Em algum momento, as ondas voltariam a aumentar. Queriam os animais evitar que até lá o Barrier Queen chegasse a águas mais seguras?

Ele deu uma olhada no manômetro.

Ainda tinha oxigênio suficiente. com o polegar estendido, mostrou aos dois mergulhadores que queria inspecionar o casco. Eles aprovaram de volta. Juntos, deixaram a hélice para trás e nadaram ao longo do casco, Anawak por baixo, na altura em que o casco emendava na quilha. A luz da sua lanterna de cabeça vagava sobre a superfície de aço. A pintura parecia ser bem recente, somente em alguns locais era possível ver arranhões ou descolorações. Ele foi mais para o fundo, e a água tornou-se ainda mais escura.

Inconscientemente, Anawak olhou para cima. Duas manchas de luz difusas indicavam o local em que os mergulhadores

examinavam a parede lateral.

O que poderia acontecer? Afinal, ele sabia onde estava. Mesmo assim, sentiu uma pressão insuportável no peito. Bateu as pernas e nadou ao longo do casco. Não se via nada que indicasse uma avaria.

Em seguida, a luz de sua lanterna de capacete ficou mais fraca. Anawak ergueu o braço direito. Então percebeu que não se tratava da lanterna, mas do que ela estava iluminando. A pintura do navio refletira a luz uniformemente. Mas agora ela estava sendo absorvida pela escura e afiada massa de mexilhões, sob a qual o invólucro do Barrier Queen desaparecera parcialmente.

De onde vinham estas imensas quantidades de mexilhões?

Anawak pensou em juntar-se aos mergulhadores. Depois mudou de idéia e desceu ainda mais, para baixo do casco. Próximo à quilha, a cobertura de mexilhões aumentava. Se toda a parte inferior do Barrier Queen estivesse igualmente coberta, aqui se acumulara um peso considerável. Impossível que ninguém tenha percebido o estado do navio. Estas quantidades eram suficientes para reduzir consideravelmente a velocidade de um cargueiro em mar aberto.

Agora estava abaixo da quilha, precisando virar-se de costas. A alguns metros abaixo, começava o deserto de lama da enseada do porto. Aqui a água era tão turva que ele não via praticamente mais nada, apenas os chumaços de mexilhões diretamente acima de si. com rápidas pernadas continuou nadando em direção à proa, quando a cobertura terminou tão repentinamente quanto começara. Somente agora Anawak percebeu como eram massivos os chumaços. Eram quase dois metros de espessura pendurados abaixo do Barrier Queen.

O que era aquilo?

Na borda dos chumaços abria-se uma fenda.

Anawak flutuou em frente, indeciso. Então pegou uma faca que estava presa à sua perna e enfiou-a na montanha de mexilhões.

A crosta rompeu-se.

Algo saiu fulminante em sua direção, bateu em seu rosto e quase lhe arrancou o respiradouro da boca. Anawak tombou para trás. Sua cabeça bateu no casco do navio. Uma luz ofuscante explodiu em frente aos seus olhos. Queria subir, mas a quilha continuava acima dele. com pernadas agitadas, procurou afastar-se dos mexilhões. Virou-se para deparar com mais uma montanha de pequenas conchas duras. Suas bordas pareciam estar presas ao casco com alguma coisa gelatinosa. Sentiu um enjôo tomando conta de si. Procurou acalmar-se e, no meio das partículas flutuantes, identificar o que acabara de atacá-lo.

Desaparecera. não se via mais nada além das crostas de mexilhões estranhamente aglomeradas.

Só então percebeu que sua mão direita estava segurando alguma coisa. A faca. Ele não a tinha soltado. Havia algo pendurado em sua lâmina, um trapo de massa transparente leitosa. Anawak guardou-o com os pedaços de tecido na caixa de coleta. E procurou sair dali. Atingira a sua cota de aventura por enquanto. com movimentos controlados, procurando diminuir o seu batimento cardíaco palpitante, emergiu até atingir a lateral do navio e avistar a luz fraca dos dois mergulhadores de longe. Nadou em sua direção. Eles também encontraram chumaços. Um deles soltava alguns animais da cobertura com a faca. Anawak assistiu atento. A qualquer momento, esperava que alguma coisa saísse disparada de dentro, mas nada aconteceu.

O outro mergulhador apontou o polegar para cima, e lentamente emergiram até a superfície. Tudo ficou mais claro. Até mesmo no último metro a água ainda estava turva, e depois, de repente, tudo voltou a ter cor e contorno. Anawak apertou os olhos à luz do sol. Ele puxou a máscara do rosto e inspirou o ar puro, contente.

No pier estavam Roberts e os outros.

— O que está acontecendo lá embaixo? — O diretor inclinou-se para a frente. — Encontraram alguma coisa?

Anawak tossiu e cuspiu água portuária.

— com certeza!

Reuniram-se na parte traseira do caminhão. Anawak combinara com os mergulhadores que assumiria o papel de informante.

— Mexilhões que bloqueiam um leme? — perguntou Roberts, incrédulo.

— Sim. Mexilhões-zebra.

— Como pode acontecer uma coisa dessas, pelo amor de Deus?

Boa pergunta. — Anawak abriu o recipiente de amostras no seu cinto e,

cuidadosamente, despejou os trapos gelatinosos em um recipiente maior, com água do mar. O estado do tecido o preocupava. Aparentemente, o processo de decomposição já começara. — Só me resta suspeitar. Mas acredito que tenha ocorrido o seguinte: o timoneiro vira o leme cinco graus, e o leme não responde. Está bloqueado pelos mexilhões que se afixaram por toda parte. Em princípio, não é difícil paralisar um motor elétrico, você sabe isso melhor do que eu. Entretanto isso praticamente nunca acontece. O timoneiro também sabe disso, portanto nem lhe passa pela cabeça que algo possa estar bloqueando o leme. Ele acredita ter virado pouco o leme, então reforça, mas o leme continua não se movendo. Na realidade, o motor elétrico trabalha com tudo. Ele está tentando executar o comando. Até que o homem no timão entra com tudo, e finalmente a pá se solta. Durante a virada, os mexilhões dos espaços intermediários são moídos mas não se soltam. A papa de mexilhões continua bloqueando o leme como areia na engrenagem. O leme fica grudado e não consegue mais voltar. — Ele passou a mão na testa para tirar o cabelo molhado e olhou para Roberts. — Mas isso não é o que mais me preocupa.

— O que é, então?

— Os motores estão livres, mas a hélice também está coberta. Está cheia de mexilhões. Não entendo como isso pôde chegar ao navio, mas uma coisa posso lhe garantir: numa hélice em movimento até mesmo o mexilhão mais persistente teria quebrado as suas cascas. Então, ou os animais subiram enquanto estávamos

no Japão, o que me espantaria, porque até duzentas milhas marítimas antes do Canadá o leme funcionou sem atritos, ou eles chegaram imediatamente antes de as máquinas pararem.

— Acredita que o navio tenha sido atacado no meio do oceano?

— Abalroado seria a expressão mais correta. Estou tentando imaginar o que aconteceu. Um cardume gigantesco de mexilhões prende-se no leme. Quando a pá da hélice bloqueia, o navio aderna. Alguns minutos depois, as máquinas param. A hélice está parada. Continuam chegando mexilhões que se prendem ao leme, para, digamos assim, fixar o bloqueio, e acabam espalhando-se para a hélice e o restante do casco.

— De onde vêm toneladas de mexilhões adultos? — disse Roberts, olhando à sua volta, perdido. — No meio do oceano!

— Por que baleias impedem rebocadores e saltam nas amarras? Você é que começou com essas histórias estranhas, não eu.

— Sim, mas... — Roberts mordeu o lábio. — Tudo isso aconteceu simultaneamente. Também não sei, mas me parece que há uma correlação. Entretanto continua não fazendo sentido. Mexilhões e baleias.

Anawak hesitou.

— Quando o casco do Barrier Queen foi controlado pela última vez?

— Os controles são feitos regularmente. E o Barrier Queen tem uma pintura especial. não se preocupe, é ecológica! Mas na realidade deveria impedir que tantos animais se fixassem. No máximo algumas cracas.

— Aquilo certamente era mais do que algumas cracas. — Anawak deteve-se e fixou os olhos no vazio. — Mas você tem razão! Essas coisas nem poderiam estar lá. Até dá a impressão de que o Barrier Queen esteve exposto a uma invasão de larvas de mexilhões durante semanas, e, além disso... tinha aquele negócio no meio dos mexilhões...

— Que negócio?

Anawak relatou sobre a criatura que surgira na montanha de mexilhões. Enquanto falava a respeito, reviveu a cena. O choque, e como batera com a cabeça contra a quilha. Sua cabeça doía até agora. Ele vira estrelas...

Não, flashes de luz.

Um flash de luz, para ser mais exato.

De repente pensou que o flash não acontecera na sua cabeça, mas à sua frente, na água.

Esse troço disparou um flash.

Durante algum tempo, ficou literalmente boquiaberto. Esqueceu de continuar relatando porque lhe parecia que aquela criatura havia luminescido. Se fosse o caso, possivelmente provinha de águas mais profundas. Mas então não poderia ter-se afixado ao casco do Barrier Queen num porto. Deve ter chegado ao navio com os mexilhões, em mar aberto. Talvez os mexilhões o tenham atraído por lhe servirem de alimento. Ou de proteção. E se fosse um polvo...

— Dr. Anawak?

Ele voltou a olhar para Roberts.

Sim, um polvo, pensou. É o que deve ter sido. Era rápido demais para uma água-viva. E forte demais. Chegou de fato a arrombar os mexilhões — como se fosse um único músculo elástico. Então lembrou-se de que aquele troço explodira para fora no exato momento em que enfiara a faca na fenda. Deve tê-lo machucado com a faca. Causara-lhe dor? Ao menos um reflexo fora provocado pela facada...

Não exagere, pensou. não deu para ver grande coisa naquela sopa lá embaixo. Acima de tudo, você se assustou.

— Você deveria solicitar um exame de toda a enseada portuária — disse a Roberts. — Mas antes envie essas amostras — sugeriu, apontando para os recipientes fechados — o mais rápido possível ao instituto de pesquisas em Nanaimo, para que sejam examinadas. Ponha-as no helicóptero. Eu irei junto, sei a quem devem ser entregues lá.

Roberts acenou a cabeça afirmativamente. Então puxou Anawak de lado.

— Diabos, Leon! O que você realmente acha disso tudo? — sussurrou. — É impossível uma cobertura de alguns metros de diâmetro formar-se em tão pouco tempo. Afinal, o navio não estava mofando por aí durante semanas...

— Esses mexilhões são uma praga, Clive. Essas pestes não aparecem aos poucos, mas sempre num ataque em massa. É o que se sabe.

— Mas não tão rápido assim.

— Cada um desses malditos mexilhões pode ter até mil filhotes por ano. As larvas flutuam na correnteza ou pegam carona em escamas de peixes e penas de pássaros. Em lagos americanos, foram descobertos lugares em que novecentos mil deles habitavam um único metro quadrado, e de fato chegaram lá quase da noite para o dia. Eles ocupam instalações de água potável, sistemas de resfriamento de regiões industriais próximo a rios, sistemas de irrigação, e entopem e destroem canalizações. Pelo visto, sentem-se tão bem na água do mar quanto em lagos e rios.

— Tudo bem, mas está falando de larvas.

— Milhões de larvas.

— Que sejam bilhões, e, por mim, no porto de Osaka ou em mar aberto. Que diferença faz? Está seriamente tentando me convencer de que todas se tornaram adultas durante os últimos dias, completamente, com casca e tudo? Quer dizer, tem certeza de que realmente são mexilhões-zebra?

Anawak olhou por cima do ombro em direção ao caminho dos mergulhadores. Eles estavam guardando o equipamento. Os recipientes de amostras, fechados provisoriamente, estavam numa sacola plástica em frente.

— Temos aqui uma equação com várias incógnitas — disse ele. — Se as baleias de fato tentaram impedir os rebocadores, precisamos nos perguntar por quê. Porque no navio está acontecendo algo que deve chegar ao fim? Porque deve afundar depois de ter sido paralisado pelos mexilhões? E esse organismo desconhecido que foge quando eu descubro o seu esconderijo. O que isso lhe parece?

— Parece a continuação de Independence Day com outros meios. Você realmente acredita que...

— Espere. Peguemos a mesma equação. Um grupo um pouco mais nervoso de baleias-cinzentas ou jubartes sente-se molestado pela Barrier Queen. Como se não bastasse, chegam dois rebocadores e batem nelas. Elas batem de volta. Além disso, coincidentemente o navio foi atacado por uma praga biológica, infectada no exterior como um turista que pega varíola, e, em alto-mar, um polvo se perdeu nas montanhas de mexilhões.

Roberts fitou-o.

— Sabe, não acredito em ficção científica — continuou Anawak. — É tudo uma questão de interpretação. Mande algumas pessoas lá para baixo. Elas devem raspar a cobertura de mexilhões, verificar se não há outros hóspedes-surpresa lá dentro e capturá-los.

— Quando acha que podemos contar com os resultados de Nanaimo?

— Acredito que em alguns dias. Aliás, seria muito importante eu receber uma cópia do relatório.

— Sigiloso — lembrou Roberts.

— Naturalmente. Da mesma forma sigilosa, eu gostaria de conversar com a tripulação.

Roberts acenou a cabeça.

— não tenho a última palavra neste assunto. Mas vou ver o que é possível. Retornaram ao caminhão, e Anawak vestiu o casaco.

— Aliás, é comum chamar cientistas nestes casos? — perguntou.

— Estes casos não são nem um pouco comuns. — Roberts balançou a cabeça. — Foi uma idéia minha, eu tinha lido o seu livro e sabia que o encontraria na ilha de Vancouver. A comissão de análise não ficou lá muito entusiasmada. Mas acredito que tenha sido a decisão correta. Afinal, não entendemos tanto assim de baleias.

— Farei o melhor possível. Vamos embarcar as amostras no helicóptero. Quanto mais rápido chegarem em Nanaimo, melhor.

Vou entregá-las diretamente a Sue Oliviera. Ela é chefe de laboratório. Especialista em biologia molecular, extremamente competente.

O celular de Anawak tocou. Era Stringer.

— Você precisa vir para cá o mais rápido possível — disse.

— O que aconteceu?

— Recebemos uma mensagem de rádio da Blue Shark.

Estão lá fora no mar e têm problemas.

Anawak pensou no pior.

— com baleias?

— Tolicé, não — disse Stringer, como se ele não estivesse regulando muito bem. — Que problemas teríamos com baleias? E esse babaca que está estressando novamente, esse filho-da-mãe.

— Que babaca?

— Quem poderia ser? Jack Greywolf.

## **6 de abril**

### **KIEL, ALEMANHA**

Duas semanas depois de entregar os relatórios finais das análises dos vermes para Tina Lund, Sigur Johanson encontrava-se num táxi que o levava para o mais famoso endereço de ciências geológicas na Europa, o centro de pesquisas Geomar.

Sempre que se tratasse da estrutura, da formação e da história do fundo submarino, os cientistas de Kiel eram consultados. Ninguém menos que James Cameron freqüentava o local para conseguir as últimas autorizações para projetos como Titânio e O Segredo do Abismo. Para leigos, era mais complicado descrever o trabalho dos pesquisadores da Geomar. À primeira vista, fuçar em sedimentos e medir percentuais de sal parecia contribuir pouco para a solução de questões urgentes da humanidade. Além disso, quase ninguém conseguia imaginar o que, no início da década de 1990, nem a maioria dos cientistas queria acreditar: no fundo dos mares, longe da luz do sol e do calor, não havia um deserto vazio e rochoso. Estava cheio de vida. Já se sabia há mais tempo da existência de comunidades de espécies exóticas ao longo de chaminés vulcânicas. Entretanto, quando em 1989 o geoquímico Erwin Suess, da Oregon State University, fora chamado para o centro de pesquisas Geomar, ele falava de coisas ainda mais bizarras, de oásis de vida em fontes frias de águas profundas, de misteriosas energias químicas que subiam do interior da Terra — e de imensos depósitos de uma substância que até então quase não chamara a atenção por ser considerada uma coincidência exótica: o hidrato de metano.

No mais tardar agora, as ciências geológicas saíam da sombra que — como a maioria das ciências — elas mesmas haviam causado por tempo excessivo. Elas tentavam se comunicar. Alimentavam a esperança de futuramente poder calcular e influenciar catástrofes naturais, assim como desdobramentos

climáticos e ecológicos. Além disso, o metano parecia dar a resposta aos futuros problemas energéticos. O interesse da mídia foi despertado, e os pesquisadores aprenderam no início hesitantes, depois cada vez mais com mania de popstar — a aproveitar o novo interesse.

O motorista do táxi que Johanson pegara para a Kieler Förde não parecia estar muito inteirado do assunto. Há vinte minutos expressava toda a sua incompreensão, como seria possível deixar um centro de pesquisas no valor de milhões nas mãos de malucos que partiam a toda hora para cruzeiros caríssimos, enquanto pessoas como ele mal conseguiam se manter. Johanson, que falava muito bem o alemão, não sentiu muita vontade de corrigir os fatos, mas o homem falava incessantemente com ele, agitando as mãos de tal forma que volta e meia o carro saía perigosamente da faixa.

— Ninguém sabe o que realmente fazem lá — criticou o motorista. — O senhor é do jornal? — perguntou finalmente, uma vez que Johanson não respondia.

— não. Sou biólogo.

O motorista imediatamente mudou de assunto e passou a falar dos intermináveis escândalos de produtos alimentícios. Aparentemente via em Johanson um dos responsáveis, de qualquer forma agora vociferava contra legumes geneticamente manipulados e produtos sem agrotóxicos absurdamente caros, lançando alguns olhares provocantes para o passageiro.

— Então o senhor é biólogo. O senhor sabe o que ainda se pode comer? Quer dizer, sem precisar se preocupar. Em todo caso, eu não sei. não é possível comer mais nada. Aliás, não deveríamos comer mais nada do que nos vendem. não deveríamos dar-lhes nem um centavo por isso.

O carro foi parar na contramão.

— Se o senhor não comer nada, morrerá de fome — disse Johanson.

— E daí? Tanto faz do que se morre, ou não? Se não comermos nada, morremos de fome, e, se comermos alguma coisa, morremos disso.

— O senhor certamente tem toda a razão. Aliás, pessoalmente, eu preferiria morrer envenenado por um filé dopado a morrer embaixo do radiador desse caminhão de combustível aí na frente.

Tranqüilamente, o motorista segurou o volante e puxou o carro em altíssima velocidade, atravessando três pistas em direção a uma saída. O caminhão de combustível passou por ele em alta velocidade. À direita, Johanson viu água. Eles seguiam ao longo da margem leste da Kieler Förde. Do outro lado, guindastes gigantes projetavam-se em direção ao céu.

Aparentemente, o motorista levara a mal o último comentário de Johanson, porque, dali em diante, não disse mais uma palavra. Atravessaram as ruas do subúrbio com casas de teto pontudo, até repentinamente surgir o longo complexo de tijolos, vidro e aço, estranhamente desconexo no meio da tranqüilidade burguesa. O motorista fez uma curva fechada em direção ao terreno do instituto e freou cantando pneu. O motor desligou, rouco. Johanson suspirou profundamente, pagou e saltou com a certeza de, nos últimos cinco minutos, ter passado por momentos muito piores do que a bordo do helicóptero da Statoil.

— Eu realmente gostaria de saber o que eles fazem aí dentro — disse o motorista mais uma vez. Falava mais com o volante.

Johanson inclinou-se para a frente e olhou para ele através da porta do carona.

— Deseja mesmo saber?

— Sim.

— Eles estão tentando salvar os negócios dos taxistas. O motorista olhou para ele sem entender.

— Também não são tantas as vezes que trazemos alguém para cá — disse, inseguro.

— não. Mas, para fazê-lo, precisam dirigir. Quando não houver mais gasolina, precisarão deixar suas carroças no ferrovelho ou mudar para uma alternativa, que está nas águas profundas. Metano. Combustível. Eles estão tentando torná-lo utilizável.

O motorista franziu a testa. Então disse:

— O senhor sabe qual é o problema? Ninguém explica isso.

— Está em todos os jornais.

— Está nos jornais que o senhor lê. Ninguém se esforça em me explicar. Johanson ia responder. Mas apenas balançou a cabeça e bateu a porta. O táxi deu a volta e saiu disparado.

— Dr. Johanson.

De uma construção redonda de vidro, saiu um jovem bronzeado em sua direção. Johanson apertou a mão estendida.

— Gerhard Bohrmann?

— não. Heiko Sahling. Biólogo. O Dr. Bohrmann deverá se atrasar uns 15 minutos, está dando uma palestra. Posso levá-lo até lá ou podemos ver se conseguimos um café na cantina.

— O que prefere?

— O que você preferir. Aliás, muito interessantes os seus vermes.

— Você os estudou?

— Todos nós os estudamos. Venha, tomaremos o café mais tarde. Logo Gerhard estará pronto, vamos brincar de penetra até lá.

Eles entraram num saguão grande e de bom gosto. Sahling guiou-o escada acima e através de uma ponte de aço suspensa. Para um instituto de pesquisas, Pensou Johanson, a Geomar parecia bastante sofisticada.

— Em geral, as palestras são realizadas no auditório — explicou Sahling. — hoje recebemos a visita de uma turma de escola.

Muito louvável. Sahling sorriu.

— Para garotos de 15 anos, um auditório é a mesma coisa que uma sala de aula. Então passeamos com eles pelo instituto, e eles puderam ver tudo e tocar em quase tudo. Deixamos a litoteca por último. Lá, Gerhard está lhes contando uma última história.

— Sobre o quê?

— Hidratos de metano.

Sahling abriu a porta de correr. Do lado de lá, a ponte seguia adiante. Eles saíram. A litoteca tinha o tamanho de um hangar de aviões de médio porte. A construção era aberta em

direção ao cais, e Johanson avistou um navio bastante grande. Nas paredes empilhavam-se caixas e equipamentos.

— Aqui as amostras são armazenadas temporariamente — explicou Sahling. — Principalmente amostras de sedimento e de água do mar. É um arquivo da história da Terra. Temos muito orgulho disso.

Acenou com a mão rapidamente. Lá embaixo, um homem alto respondeu ao cumprimento e voltou a dar atenção ao grupo de adolescentes curiosos ao seu redor. Johanson recostou-se no corrimão da ponte e prestou atenção à voz que subia até ele.

— Um dos momentos mais emocionantes pelo qual já passamos — dizia o Dr. Gerhard Bohrmann naquele instante. — O pegador de fundo havia extraído algumas centenas de quilos de sedimento a uma profundidade de quase oitocentos metros, impregnado de uma substância branca, e derramou os pedregulhos no convés. Ou melhor, o que conseguiu chegar até a superfície.

— Isso foi no Pacífico — disse Sahling em voz baixa. — Em 1996, no Sonne, cerca de cem quilômetros em frente a Oregon.

— Precisávamos ser rápidos. O hidrato de metano é um troço muito instável e inseguro — prosseguiu Bohrmann. — Acredito que não saibam muito a respeito, então vou tentar explicar de um jeito que ninguém caia no sono por desinteresse. O que acontece lá no fundo do mar? Entre outras coisas, forma-se gás. O metano orgânico, por exemplo, é formado há milhões de anos a partir da decomposição de restos de animais e plantas, quando algas, plâncton e peixes apodrecem e liberam um monte de carbono. A decomposição é realizada basicamente por bactérias. Acontece que, no fundo do mar, as temperaturas são baixas, e a pressão, extremamente alta. A cada dez metros, a pressão da água aumenta uma atmosfera. Os mergulhadores de cilindro chegam a cinquenta metros de profundidade, no máximo setenta, mas não passam disso. Aparentemente, o recorde de mergulho de profundidade com ar comprimido é de 140 metros, o que não recomendo a ninguém. Essas tentativas, na maioria das vezes, são fatais. E aqui estamos falando de profundidades de mais de quinhentos metros! Aí a física segue seus próprios caminhos. Quando, por exemplo, o metano

sobe em grandes concentrações do interior da Terra para o fundo submarino, lá embaixo acontece algo fora do comum. O gás liga-se à água fria do mar, formando gelo. Nos jornais, volta e meia vocês verão o termo gelo de metano. não é totalmente adequado. não é o metano que congela, mas a água em volta. As moléculas de água cristalizam, formando estruturas minúsculas em formas de jaula, em cujo interior há sempre uma molécula de metano. Elas comprimem o gás e pressionam-no no menor espaço possível.

Um dos alunos levantou o braço, hesitante.

— Quer fazer uma pergunta? O garoto ficou sem graça.

— Quinhentos metros não é tão fundo assim, não é? — disse finalmente. Bohrmann olhou para ele calado durante alguns segundos.

— Vocênão está muito impressionado, não é?

— Estou, sim. Apenas pensei... Bem, Jacques Picar esteve na Fossa das Marianas a onze mil metros de profundidade com um barco de mergulho. Quer dizer, isso é realmente fundo! Por que esse gelo não existe lá embaixo?

— Meus parabéns, você estudou a história do mergulho tripulado. O que você acha?

O garoto refletiu. Ele encolheu os ombros.

— Mas é óbvio — disse uma menina em seu lugar. — Lá embaixo não tem tanta vida. A partir de mil metros de profundidade não há decomposição suficiente de matéria orgânica, então é formado pouco metano.

— Eu sabia — murmurou Johanson lá de cima da ponte. — As mulheres simplesmente são mais inteligentes.

Bohrmann sorriu para a menina com simpatia.

— Exatamente. Claro que há exceções. E, de fato, mesmo em camadas mais profundas encontra-se o hidrato de metano, até mesmo a três quilômetros de profundidade, quando os sedimentos com alto teor em matéria orgânica são infiltrados ali. É o caso em alguns mares secundários. Aliás, localizamos concentrações de hidrato também em águas bem rasas, onde a pressão, na realidade, não é suficiente. Mas desde que a temperatura seja suficientemente baixa, ainda é formado hidrato, como, por

exemplo, na placa polar.—Voltou a falar com todos. — Mesmo assim, os maiores depósitos são encontrados nos taludes continentais, entre quinhentos e mil metros de profundidade. Metano comprimido. Há pouco tempo examinamos uma cadeia montanhosa submersa em frente à costa norteamericana de meio quilômetro de altura e 25 quilômetros de comprimento, e e« é composta em sua maioria de hidrato de metano. Parte dele está entranhada nas rochas, e o resto está livre nas águas profundas. Hoje sabemos que os oceanos estão cheios disso, mas sabemos ainda mais: eles é que seguram os taludes continentais! Esse troço é como cimento. Se teoricamente tirássemos todo o metano de uma só vez, os taludes continentais seriam esburacados como queijo suíço. Sendo que o queijo suíço mantém a sua forma, apesar dos buracos. Os taludes, entretanto, desmoronariam! — Bohrmann deixou as palavras surtirem efeito durante alguns segundos. — Mas isso ainda não é tudo. Como já disse, os hidratos de metano mantêm a sua estabilidade apenas sob grande pressão e temperaturas extremamente baixas. Ou seja, nem todo o gás de metano congela, somente as camadas superficiais. Porque, em direção ao interior da Terra, as temperaturas voltam a subir, e lá no fundo dos sedimentos há grandes bolhas de metano que não congelam. Elas permanecem em estado gasoso. Mas, como a camada congelada se sobrepõe como uma tampa, não têm como escapar.

— Eu li algo a respeito — disse a menina. — Os japoneses estão tentando extraí-lo, não é?

Johanson estava se divertindo. Lembrou-se da sua época de escola. Em todas as turmas havia alguém extremamente bem-preparado e que sempre já sabia da metade do que na realidade ainda deveria aprender. Supôs que a menina não deveria ser muito querida pelos colegas.

—não apenas os japoneses — respondeu Bohrmann. — O mundo inteiro gostaria de extraí-lo. Mas é complicado. Quando trouxemos os pedregulhos de hidrato de uma profundidade de aproximadamente oitocentos metros para a superfície, na metade do caminho saíram bolhas de gás dos pedregulhos. O que

finalmente chegou a bordo ainda era bastante, mas somente uma parcela do que tínhamos extraído lá embaixo. Como já disse, o hidrato de metano torna-se instável rapidamente. Se a temperatura da água a quinhentos metros de profundidade aumentasse somente um grau, possivelmente todo o hidrato de lá subitamente se tornaria instável. Então fomos rápidos e colocamos os pedregulhos em tanques com nitrogênio líquido, onde permanecem estáveis. Venham comigo.

— Ele faz isso bem — comentou Johanson enquanto Bohrman dirigia-se com o grupo de alunos até uma estante de estrutura de aço fundido. Ela continha recipientes de diversos tamanhos. Por baixo havia quatro construções cor de prata que pareciam tanques. Bohrman tirou um deles com grande esforço, vestiu luvas e abriu a tampa, produzindo um chiado. Uma fumaça branca saiu de dentro. Alguns alunos imediatamente recuaram.

— Isto é apenas o nitrogênio. — Bohrman enfiou a mão no recipiente e retirou uma pedra do tamanho de um punho que parecia um pedaço de gelo sujo. Após alguns segundos, a pedra começou a chiar baixinho e a estalar. Ele chamou a menina, quebrou um pedaço da pedra e deu a ela.—Não se assuste — disse. — É frio, mas você pode segurar sem problemas.

— É fedorento — disse a menina em voz alta.

Alguns alunos riram.

Correto. Cheira a ovos podres. É o gás. Está escapando. — Ele quebrou pedra em vários pedaços e os distribuiu. — Vocês podem ver o que acontece. As manchas de sujeira no gelo são partículas de sedimento. Em poucos segundos não restará mais nada além destas poucas migalhas e uma poça d'água. O gelo derrete, e as moléculas de metano escapam de suas jaulas e desaparecem. Pode-se descrever assim também: o que ainda agora era um pedaço estável de solo do mar em pouquíssimo tempo se transforma em nada. Era isso que eu queria mostrar a vocês.

Ele fez uma pausa. Os alunos estavam totalmente concentrados nas pedras que chiavam e diminuía continuamente. Alguns comentários alusivos a respeito do mau cheiro vieram de

todos os lados. Bohrmann esperou as pedras se desfazerem para prosseguir:

— Ainda agora também aconteceu uma coisa que vocês não puderam ver. E é algo decisivo para o nosso justificado respeito pelos hidratos. Eu disse anteriormente que as jaulas de gelo têm a capacidade de comprimir o metano. De cada centímetro cúbico de hidrato que vocês estavam segurando acabaram de ser liberados 165 centímetros cúbicos de metano. Portanto, quando o hidrato derrete, seu volume aumenta 165 vezes. E imediatamente. O que sobra é uma poça em suas mãos. Você pode enfiar a ponta da língua — disse Bohrmann à menina. — Diga-nos o sabor.

A aluna olhou para ele desconfiada.

— Neste troço fedorento?

— não fede mais. O gás escapuliu. Mas, se não tiver coragem, eu mesmo o farei.

Risadas. A menina baixou a cabeça lentamente e lambeu a poça d'água.

— Água doce — disse, surpresa.

— Exatamente. Quando a água congela, o sal é, digamos assim, expelido. Por isso a Antártica é o maior reservatório de água doce do mundo. Os icebergs são formados de água doce. — Bohrmann fechou o recipiente de pressão com o nitrogênio líquido e colocou-o de volta na estante. — O que vocês acabaram de ver é o motivo pelo qual há controvérsias sobre a extração de hidrato de metano. Se a nossa intervenção torna os hidratos instáveis, possivelmente, como consequência, provocaríamos cadeias de reações. O que aconteceria se o cimento que segura os taludes continentais desaparecesse? Que consequências teria sobre o clima da Terra se o metano das águas profundas escapasse para a atmosfera? O metano é um gás de estufa, poderia continuar aquecendo a atmosfera, e então os mares se aqueceriam etc. etc. Todas essas questões são debatidas aqui.

— Por que estão tentando extraí-lo? — perguntou outro aluno, — Por que simplesmente não o deixam lá embaixo?

— Porque poderia resolver os problemas de energia — disse a menina, chegando-se um pouco mais para a frente. — É o que

escreveram a respeito dos japoneses. Os japoneses não têm matérias-primas próprias, precisam importar tudo. O metano resolveria os seus problemas.

— Isso é besteira — retrucou o garoto. — Se causar mais problemas do que seja possível resolver, não resolve nada.

Johanson abriu um sorriso.

— Os dois têm razão. — Bohrmann ergueu as mãos. — Poderia resolver os problemas de energia. É por isso que este assunto não é mais um assunto meramente científico. Os cartéis de energia assumiram as pesquisas. Acreditamos que nos hidratos de gás marinhos há duas vezes mais moléculas de carbono de metano ligadas que em todos os depósitos de gás natural, petróleo e carvão do mundo, juntos. Somente na dorsal oceânica em frente à América, uma área que chega a

26 mil quilômetros quadrados, há 35 gigatoneladas. Corresponde a cem vezes o consumo de gás natural em todos os Estados Unidos!

— É impressionante — disse Johanson em voz baixa para Sahling. — Eu nem sabia que era tanto assim.

— É muito mais — respondeu o biólogo. — não consigo gravar o número nunca, mas ele sabe exatamente.

Como se Bohrmann estivesse escutando, disse:

— Possivelmente, podemos apenas supor, há mais de dez mil gigatoneladas de metano congelado no mar. Fora os reservatórios em terra, lá no fundo das camadas permanentemente congeladas do Alasca e da Sibéria. Só para vocês terem uma idéia da quantidade: todos os depósitos atualmente disponíveis de carvão, petróleo e gás natural chegam somente a cinco mil gigatoneladas, aproximadamente a metade. não é de espantar que o mercado de energia esteja avaliando os meios de extração de hidrato. Um único por cento dele dobraria de uma hora para outra as reservas de combustível dos Estados Unidos, e eles são disparado os maiores usuários do mundo. Mas é como sempre: a indústria vê uma gigantesca reserva de energia, e a ciência, uma bomba-relógio, então procuramos ser parceiros, claro que sempre

no interesse da humanidade. Pois bem, chegamos ao fim da nossa expedição. Obrigado por terem vindo. — Ele sorriu.

— Quer dizer, por terem prestado atenção.

— E por terem compreendido alguma coisa — murmurou Johanson.

— Tomara — acrescentou Sahling.

— Eu tinha outra lembrança sua — disse Johanson alguns minutos depois, ao apertar a mão de Bohrmann. — Na internet, você estava de bigode.

— Tirei. — Bohrmann tocou o lábio superior. — Na realidade, é até culpa sua.

— Como assim?

— Estava pensando sobre os seus vermes. Ainda hoje pela manhã. Estava em frente ao espelho, e, na minha imaginação, o verme rastejava em frente aos meus olhos e virou-se em torno do seu próprio eixo, e a minha mão que segurava o barbeador seguiu o movimento por motivos inexplicáveis. Um canto já era, então também sacrifiquei o restante pela ciência.

— Estou sendo responsabilizado pelo seu bigode também. — Johanson ergueu as sobrancelhas. — Essa é nova.

— não tem problema. Crescerá novamente assim que sairmos para uma expedição. Em mar aberto, todas as barbas crescem. Também não sei por quê. Provavelmente precisamos da imagem de aventureiros para não enjoar. Venha, vamos até o laboratório. Deseja tomar um café antes? Poderíamos dar um pulo na cantina.

— não, estou curioso. O café pode esperar. Você sairá em outra expedição?

— No outono — confirmou Bohrmann, enquanto passavam por passarelas e corredores. — Queremos ir até as zonas de subducção dos aleútes e examinar as nascentes geladas. Você teve sorte de me encontrar em Kiel. Retornei há 14 dias da Antártida, depois de quase oito meses no mar. Um dia depois você ligou.

— O que fez durante oito meses na Antártida, se me permite perguntar?

— Levei invernistas para o gelo.

— Invernistas? Bohrmann riu.

— Sim, invernistas. Cientistas e técnicos. Eles assumiram os seus postos nas estações em dezembro. A equipe que está lá embaixo atualmente está extraindo amostras de gelo de 450 metros de profundidade. não é inacreditável? Esse gelo antigo contém a história climática dos últimos sete mil anos!

Johanson lembrou-se do motorista de táxi.

— A maioria das pessoas não se impressionará muito com isso — disse. — não irão compreender como a história climática poderá ajudar a superar a fome ou a ganhar a próxima Copa do Mundo.

— não somos totalmente isentos de culpa. Na maior parte do tempo, a ciência se encapsulou no seu próprio universo.

— Você acha? O seu pequeno discurso ainda agora foi tudo menos encapsulado.

— Mas não sei se toda essa palhaçada publicitária adianta alguma coisa — disse Bohrmann enquanto desciam a escada. — não conseguimos mudar muito o desinteresse geral nem com os dias de portas abertas. Há pouco fizemos um.

Estava lotado, mas se em seguida tivéssemos perguntado a alguém se deveriam nos autorizar mais dez milhões...

Johanson ficou calado por um tempo. Então disse:

— Acredito que o problema são mais os universos que separam nós cientistas uns dos outros. O que acha?

— Porque conversamos pouco uns com os outros?

— Exatamente. Ou então a ciência com a indústria, ou a ciência com as forças armadas. Todos conversam pouco.

— Ou a ciência e os cartéis de petróleo? — Bohrmann olhou longamente para ele. Johanson sorriu.

— Estou aqui porque alguém precisa de uma resposta — disse. — não para forçar uma.

— A indústria e as forças armadas dependem da ciência, quer queiram, quer não — opinou Sahling. — Até conversamos uns com os outros. Parece-me mais que o problema é que não conseguimos passar adiante os nossos pontos de vista.

— E aliás não queremos!

— Exatamente. O trabalho das pessoas no gelo pode ajudar a prevenir a fome. Da mesma forma que a construção de uma nova arma. Estamos olhando a mesma coisa, mas cada um vê algo diferente.

— E deixa de ver todo o restante. — Bohrmann acenou a cabeça. — Esses animais que nos enviou, Dr. Johanson, são um bom exemplo. Não sei se os planos para o talude continental devem ser questionados por causa deles. Mas, por via das dúvidas, estou tentado a assumir essa postura e desaconselhar, por prevenção. Talvez esta seja a principal diferença entre a ciência e a indústria. Nós dizemos: enquanto não estiver suficientemente comprovado o que este verme representa, não podemos recomendar uma perfuração. A indústria parte da mesma premissa, mas chega a um outro resultado.

— Enquanto não estiver suficientemente comprovado o que esse verme representa, ele não faz a menor diferença. — Johanson olhou para ele. — E o que você acha? Ele faz alguma diferença?

— Não posso dizer isso ainda. O que enviou para nós é... Bem, sem exageros, é bastante peculiar. Não quero decepcioná-lo, mas o que descobrimos até agora também poderia ser dito ao telefone, entretanto... Pois bem, eu pensei que gostaria de saber mais. E aqui podemos mostrar-lhe diversas coisas.

Chegaram a uma pesada porta de aço. Bohrmann apertou um interruptor na parede, e ela abriu silenciosamente. No centro do salão que se abria atrás da porta havia uma caixa gigantesca da altura de uma casa de dois andares, com várias vigias em distâncias regulares. Escadas de aço levavam a passarelas e passavam por aparelhos ligados à caixa através de canos.

Johanson se aproximou.

Ele havia visto fotos deste troço na internet, mas não imaginara tais dimensões. Uma sensação estranha o invadiu ao pensar na monstruosa pressão no interior do tanque cheio d'água. Nenhuma pessoa sobreviveria um só minuto lá dentro. Foi por essa caixa que Johanson enviou uma dúzia de vermes para esse instituto em Kiel. Tratava-se de um simulador de águas profundas. Ela

continha um mundo artificial incluindo o fundo submarino, o talude continental e a placa continental.

Bohrmann fechou a porta atrás deles.

— Há pessoas que duvidam do sentido e da finalidade desta instalação — disse. — O simulador só pode passar uma imagem aproximada das condições reais, mas é melhor do que precisar sair para o mar todas as vezes. O problema das pesquisas marítimas continua sendo que apenas podemos ver minúsculos recortes da realidade. Aqui ao menos podemos levantar algumas teses genéricas. Podemos, por exemplo, pesquisar melhor a dinâmica dos hidratos de metano sob diversas condições.

— Há hidratos de metano aí dentro?

— Aproximadamente 250 quilos. Há pouco tempo conseguimos sintetizar algum, mas não gostamos de falar a respeito. A indústria gostaria que puséssemos o simulador a seu inteiro dispor. E, confesso, nos agradaria receber o dinheiro da indústria. Mas não pela venda da pesquisa livre em troca.

Johanson reclinou a cabeça e olhou caixa acima. Lá no alto, um grupo de cientistas se reunira na passarela superior. A cena era estranhamente surreal, lembrava um filme de James Bond da década de 1980.

— A pressão e a temperatura podem ser reguladas gradualmente — prosseguiu Bohrmann. — Atualmente correspondem a uma profundidade de aproximadamente oitocentos metros. No solo há uma camada de hidratos estáveis de dois metros de espessura, o que, na natureza, corresponderia de vinte a trinta vezes mais. Abaixo da camada simulamos o calor do interior da Terra, e há gás livre. Ou seja, um fundo submarino completo em formato de modelo.

— Fascinante — disse Johanson. — Mas o que exatamente fazem aqui? Quer dizer, podem observar continuamente o desenvolvimento dos seus hidratos, mas... — Faltaram-lhe as palavras. Sahling o ajudou.

— O que fazemos exatamente além de olhar?

— Isso.

— Atualmente estamos tentando reconstruir um período da história da Terra há 55 milhões de anos. Na transição entre o Paleoceno e o Eoceno parece ter ocorrido uma catástrofe climática de grande extensão. O oceano literalmente Secou. Setenta por cento de todos os seres vivos das águas profundas morreram, principalmente os organismos unicelulares. Diversas áreas do fundo submarino temporariamente se transformaram em regiões inóspitas. Já nos continentes houve uma revolução biológica. No Ártico surgiram crocodilos, e os primatas e mamíferos modernos migraram das zonas subtropicais para a América do Norte. Uma bagunça fenomenal.

— Como sabe tudo isso?

— Amostras de perfuração. Devemos todo o conhecimento acerca da catástrofe climática a uma amostra de perfuração do mar, de dois quilômetros de profundidade.

— A amostra também dá informações a respeito das causas?

— Metano — disse Bohrmann. — O mar provavelmente aqueceu-se nesse período, tornando instáveis grandes quantidades de hidrato de metano. Conseqüentemente, os taludes continentais deslizaram, deixando descobertos ainda mais depósitos de metano. Dentro de poucos milênios, talvez séculos, bilhões de toneladas de gás escaparam para o oceano e a atmosfera. Um círculo vicioso. O metano estimula o efeito estufa trinta vezes mais do que o CO<sub>2</sub>. Ele aqueceu a atmosfera, o que por sua vez aqueceu os oceanos, mais hidratos se quebraram, criou-se o círculo vicioso. A Terra transformou-se num forno. — Bohrmann olhou para ele. — Águas profundas a 15 graus, em vez dos atuais dois a quatro, é uma grande diferença.

— Para uns, desastroso, para outros... digamos que um início caloroso, de certa forma. No próximo capítulo da nossa agradável conversa falaremos do fim da humanidade, certo?

Sahling sorriu.

— não está tão próximo assim. Entretanto, de fato há indícios de que nos encontramos numa fase de sensíveis oscilações

do equilíbrio. As reservas de hidrato nos oceanos são extremamente instáveis. Foi por isso que demos tanta atenção ao seu verme.

— Como um verme pode alterar as condições de estabilidade de hidratos de metano?

— Na realidade, não pode. O verme do gelo habita a superfície de camadas de gelo de algumas centenas de metros de espessura. Ele penetra alguns centímetros e se esbalda com as bactérias.

— Mas esse verme tem mandíbulas.

— Esse verme é uma criatura que não faz sentido. A melhor coisa é você dar uma olhada.

Foram até uma mesa de controle semicircular no final do saguão. Johanson achou que lembrava a central de comando do Victor entretanto bem maior. Praticamente todos os aproximadamente vinte monitores estavam ligados e mostravam imagens do interior do tanque. Um técnico em serviço cumprimentou-os.

— Observamos tudo simultaneamente através de duzentas câmeras, e, além disso, cada centímetro cúbico é submetido a contínuas medições — explicou Bohrmann.—As manchas brancas nos monitores da primeira fileira são hidratos. Veja só. Aqui à esquerda está a área em que colocamos duas das poliquetas. Isso foi ontem pela manhã.

Johanson apertou os olhos.

— Vejo apenas o gelo — disse.

— Olhe melhor.

Johanson olhou cada detalhe da imagem. Então duas manchas escuras chamaram-lhe a atenção. Apontou para elas.

— O que é isso? Aprofundamentos?

Sahling trocou algumas palavras com o técnico. A imagem mudou. De repente foi possível ver os dois vermes.

— As manchas são buracos — disse Sahling. — Estamos acelerando a reprodução da filmagem.

Johanson observou como os vermes se locomoviam trêmulos sobre o gelo. Durante algum tempo, rastejaram para lá e

para cá, como se tentassem localizar a origem de algum cheiro. Na versão acelerada, seus movimentos pareciam estranhos e bizarros. Os tufos de ambos os lados dos corpos rosa tremiam como se eletrificados.

— Agora preste atenção!

Um dos vermes interrompera o movimento. Ondas pulsantes percorriam o seu corpo.

E então ele desapareceu no gelo. Johanson deu um leve assobio.

— Minha nossa. Ele se crava no gelo.

O segundo animal permanecia a certa distância. Sua cabeça movia-se como no ritmo de uma música imperceptível. De repente, a tromba com as mandíbulas de quitina disparou para fora.

— Eles comem o gelo para penetrar — disse Johanson, exaltado.

Fixou o olhar na imagem de vídeo, paralisado. Por que está tão espantado, pensou no mesmo instante. Eles vivem em simbiose com bactérias, que decompõem hidrato de metano, e todavia tinham mandíbulas para perfurar o gelo. Tudo levava a uma única conclusão. Os vermes queriam chegar às bactérias que ficavam no fundo do gelo. Atento, observou como os corpos com os seus tufos moviam-se no hidrato. Na reprodução acelerada, as suas partes traseiras tremiam. De uma hora para outra, desapareceram. Apenas restaram os buracos como manchas escuras no gelo.

Não há motivo para preocupação, pensou. Outros vermes também fazem furos. Eles gostam de perfurar. Alguns perfuram navios até estes afundarem.

Mas por que perfuravam hidratos?

— Onde os animais estão agora? — perguntou. Sahling olhou para a tela do computador.

— Estão mortos.

— Mortos?

— Espicharam. Morreram sufocados. Os vermes precisam de oxigênio.

— Eu sei. É o sentido de toda a simbiose. As bactérias alimentam o verme, e, através da água que movimenta, o verme

fornece-lhes oxigênio. Mas o que aconteceu aqui?

— Aqui os vermes cavaram a própria morte. Fizeram buracos no gelo como se fosse o mais doce dos mingaus, até chegarem à bolha de gás, onde morreram sufocados.

— Camicases — murmurou Johanson.

— De fato, parece suicídio. Johanson refletiu.

— Ou então foram atraídos por alguma coisa.

— É possível. Mas pelo quê? No interior dos hidratos não há nada que desencadeie tal comportamento.

— Talvez o gás livre abaixo? Bohrmann coçou o queixo.

— Também já pensamos nisso. Mas também não explica por que cometeriam suicídio.

Johanson lembrou-se da movimentação no fundo do mar. Seu desconforto cresceu. Se milhões de vermes perfurassem o gelo, quais seriam as conseqüências? Bohrmann parecia adivinhar o seu pensamento.

— Eles não têm como desestabilizar o gelo — disse. — No mar, os campos de hidrato são incomparavelmente maiores do que aqui. Esses animais malucos quando muito arranham a superfície, no máximo um décimo da camada de gelo. Depois obrigatoriamente morrem.

— E agora? Testarão outros vermes?

— Sim. Ainda temos alguns. Também devemos aproveitar a oportunidade e dar uma olhada no local. Acredito que a Statoil concorde. O Sonne deverá subir para a Groenlândia nas próximas semanas. Poderíamos antecipar a expedição e fazer uma visita ao local em que encontraram as poliquetas. — Bohrmann levantou os braços. — Mas essa decisão não sou eu quem toma. Precisa ser determinada por outras pessoas. Heiko e eu só podemos ter as idéias.

Johanson olhou por cima do ombro em direção ao gigantesco tanque. Pensou nos vermes mortos do lado de dentro.

— É uma boa idéia — disse.

Mais tarde Johanson dirigiu até o seu hotel para se trocar. Tentou ligar para Lund, mas ela não atendeu. Imaginou-a deitada

nos braços de Kare Sverdrup, encolheu os ombros e desligou o telefone.

Bohrmann convidara-o para jantar num bistrô, um dos famosos endereços de Kiel. Johanson foi até o banheiro e observou-se no espelho. Achou que estava precisando cortar a barba. Estava pelo menos dois milímetros longa demais. Todo o restante estava bem. O cabelo ainda cheio, que um dia fora escuro mas que agora apresentava cada vez mais fios cinza, caía volumoso para trás. Abaixo das sobrancelhas largas e negras, o olhar brilhava como sempre. Em certas situações, apaixonava-se pelo próprio carisma. Já em outras não reconhecia o carismático, especialmente nas primeiras horas do dia. Até agora algumas xícaras de chá e alguns cuidados cosméticos foram suficientes para reparar isso rapidamente. Outro dia uma estudante o comparara com o ator alemão Maximilian Schell, e Johanson sentira-se lisonjeado, até se dar conta de que Schell já tinha passado dos setenta. Depois desse episódio, trocara o creme hidratante.

Ele vasculhou a mala, escolheu um suéter com fecho ecler, enfiou o paletó do terno por cima e enrolou um cachecol no pescoço. não estava bem-vestido, e era exatamente assim que gostava: não estar bem-vestido. Em momento algum suas roupas realmente combinavam. Ele cultivava o seu desleixo, agradava-lhe não precisar se preocupar com a moda. Somente em momentos de muito juízo estava disposto a reconhecer que o seu vestuário surrado representava uma moda a parte, a qual ele seguia da mesma forma que outras pessoas seguiam o ditado da alta-costura, e que ele despendia mais tempo com o estar despenteado do que a grande maioria das pessoas com um penteado arrumado.

Ele mostrou os dentes para o seu reflexo no espelho, saiu do hotel e pegou um táxi para o encontro marcado.

Bohrmann o aguardava. De início, conversaram sobre diversas coisas, beberam vinho e comeram um excelente linguado. Transcorrido algum tempo, a conversa rumou novamente em direção ao oceano.

Durante a sobremesa, Bohrmann perguntou como de passagem: Você conhece a fundo os planos da Statoil?

— Só por alto — respondeu Johanson. — não entendo muito dos negócios de Petróleo.

— O que estão planejando? Dificilmente construirão uma plataforma tão longe da costa.

— não. Nada de plataformas. Bohrmann tomou um gole do seu espresso.

— Me desculpe, não quero ser inconveniente. não conheço o grau de sigilo que há nesse assunto, mas...

— não tem problema. Sou conhecido como fofoqueiro. Se me confiam algum assunto, não pode ser tão sigiloso assim.

Bohrmann riu.

— Então, o que acha que estão construindo lá fora?

— Estão pensando numa solução subaquática. Uma fábrica totalmente automática.

— Algo como o Subsis?

— O que é Subsis?

— Subsea Separation and Injection System (Sistema de Separação Submarina). Uma fábrica submersa. É empregada há alguns anos no campo de Troll, no sulco norueguês.

— Nunca ouvi falar a respeito.

— Pergunte ao seu contratante. O Subsis é uma estação de extração. Fica a 350 metros de profundidade, no fundo do mar, e lá separa óleo e gás de água. Atualmente esse procedimento ainda é feito nas plataformas, e a água de produção é despejada no mar.

— Ah, é verdade! — Lund fizera uma alusão a respeito. — Água de produção. Tem aquele problema dos peixes tornarem-se inférteis.

— Pois justamente esse problema seria solucionado pelo Subsis. A água suja é imediatamente pressionada de volta no poço petrolífero, empurrando mais óleo para cima; então a água é novamente separada do petróleo e pressionada para baixo, e assim por diante. O petróleo e o gás chegam diretamente à costa através de oleodutos. Na realidade, é excelente.

— Entretanto...?

— não sei se há um "entretanto". Aparentemente, os Subsis trabalham sem problema até 150 metros de profundidade. O

produtor diz que dois mil metros também não seria problema, e os cartéis de petróleo querem chegar a cinco mil-

— Isso é realista?

— Em médio prazo, sim. Acredito que tudo que funciona em miniatura também funciona em tamanho real, e as vantagens são nítidas. Muito em breve as fábricas automáticas terão substituído as plataformas.

— Vocês não me parece exatamente partilhar da euforia geral — comentou Johanson.

Fez-se uma pausa. Bohrmann coçou a cabeça. Parecia não saber o que responder.

— O que me preocupa não é tanto a fábrica. É a ingenuidade de toda a abordagem.

— A estação é controlada à distância?

— Totalmente. Do continente.

— Ou seja, qualquer conserto e procedimento de manutenção são assumidos por robôs.

Bohrmann acenou a cabeça afirmativamente.

— Compreendo — disse Johanson após algum tempo.

— A idéia tem os seus prós e contras — disse Bohrmann. — Quando se entra em território desconhecido, sempre há riscos. E o oceano é um território desconhecido, não nos enganemos. Sendo assim, é correto tentar automatizar os meios empregados, em vez de arriscar vidas humanas. Não há problemas em enviar um robô mergulhador para baixo, com o objetivo de observar procedimentos ou retirar algumas amostras. Mas aqui há uma diferença. Como pensa em controlar um acidente a cinco mil metros de profundidade, em que o petróleo saia disparado com altíssima pressão de um poço petrolífero? Realmente não conhecemos o terreno. Tudo o que conhecemos são medições. Nos oceanos, somos cegos. Com a ajuda de satélites, com ondas sonoras ou sísmicas podemos fazer um mapa morfológico do fundo submarino com precisão de até meio metro. Detectamos depósitos de gás e de petróleo com refletores que simulam o solo, de forma que, posteriormente, o mapa informe onde é possível perfurar, onde há

petróleo, onde há hidratos, e onde é preciso tomar cuidado... Mas o que há lá embaixo, o que realmente há, continuamos sem saber.

— Meu discurso — murmurou Johanson.

— Nós não vemos as conseqüências das nossas atitudes. não podemos dar um pulo lá quando a fábrica estiver dando problemas. não me entenda errado, não sou de forma alguma contra a extração de petróleo, Mas sou contra repetir erros. No início da era do petróleo não se pensou a respeito da eliminação de todo esse lixo que fora construído com tanta facilidade no mar. Foram despejados esgotos e químicos no mar e nos rios sob o lema "eles que engulam", afundados troços radiativos no oceano, explorados e destruídos os recursos e formas de vida sem sequer se pensar uma única vez na complexidade das relações,

— Mas as fábricas automáticas virão?

— Sem dúvida. São econômicas e extraem petróleo de depósitos nos quais a mão-de-obra humana jamais chegaria. E, em seguida, todos atacarão o metano, porque a sua queima é menos poluente do que todos os outros combustíveis são. Isso! Porque uma mudança de petróleo e carvão para metano tornará mais lento o efeito estufa. Correto também. Está tudo correto, desde que ocorra sob condições ideais. Mas a indústria costuma confundir situação ideal e realidade. Ela quer confundir. De todos os prognósticos, escolherá sempre o melhor para poder começar mais rápido, mesmo desconhecendo o cosmo no qual se está intervindo.

— Mas quanto tempo isso deve levar? — perguntou Johanson. — Como extrair o hidrato, se ele se decompõe a caminho da superfície?

— Aí também entram as fábricas automáticas. O hidrato é derretido em grandes profundidades — através de aquecimento, por exemplo — e o gás liberado é colhido em funis e conduzido para a superfície. Soa excelente, mas quem garante que esses procedimentos de derretimento não provocam uma reação em cadeia, repetindo a catástrofe do Paleoceno?

— Realmente acredita que isso seja possível? Bohrmann afastou as mãos.

— Toda intervenção sem um criterioso planejamento é um comando de suicídio. Mas já começou. A Índia, o Japão e a China estão bem ativos. — Sorriu com tristeza. — E também não sabem o que há lá embaixo. não sabem de nada.

— Vermes — murmurou Johanson.

Pensou no alvoroço no fundo do mar filmado pelo Victor. E na criatura ominosa que desaparecera tão rápido na escuridão.

Vermes. Monstros. Metano. Catástrofe climática. Era melhor beber alguma coisa rapidamente.

## **11 de abril**

### **ILHA DE VANCOUVER E CLAYOQUOT SOUND, CANADÁ**

O que viu deixou Anawak furioso.

O animal tinha mais de dez metros de comprimento, da cabeça até a cauda. Era uma das maiores orcas inshore que jamais vira, um macho imenso. Na boca semi-aberta, brilhavam as típicas fileiras estreitas de pequenos dentes cônicos. Aparentemente, o animal já era bastante velho, mesmo assim parecia esbanjar força. Somente olhando com mais precisão é que se percebiam os locais em que a pele preta e branca já não brilhava mais, mas estava opaca e incrustada. Um olho estava fechado, e o outro, coberto.

Por maior que fosse a orca, não ameaçava mais nenhum salmão. Estava deitada de lado na areia úmida, e estava morta.

Anawak reconheceu o animal imediatamente. Nos registros tinha a denominação J-19, mas sua nadadeira dorsal curvada como uma espada conferiu-lhe o apelido Dschinghis. Ele contornou a orca e, um pouco mais afastado, encontrou Terry King, o diretor do programa de pesquisa de mamíferos marinhos do aquário de Vancouver, conversando com Sue Oliviera, a chefe de laboratório em Nanaimo, e um terceiro homem. Estavam debaixo de árvores próximas à praia.

— Dr. Ray Fenwick, do Instituto Canadense de Ciências e Pesca Oceânica — apresentou o desconhecido.

Fenwick viera para realizar a autópsia. Ao tomar conhecimento da morte de Dschinghis, King sugerira, para variar um pouco, não realizar a necrópsia com portas fechadas, mas diretamente na praia. Ele queria dar uma idéia da anatomia de uma orca para o maior número possível de pessoas da imprensa e estudantes.

— Além do mais, a praia dá um efeito diferente — dissera. — não é tão anti-séptico e distanciado. Temos uma orca morta e o mar à nossa frente. É o seu habitat, não o nosso. Ela está, digamos, na porta de sua casa. Se realizarmos a autópsia aqui, despertaremos mais compreensão, mais compaixão, mais consternação. É um truque, mas funciona.

Os quatro discutiram o assunto, King, Fenwick, Anawak e Ed Byrne, da estação de pesquisas marinhas da Strawberry Isle, uma minúscula ilha na enseada de Tofino. As pessoas de Strawberry pesquisavam os ecossistemas de Clayoquot ound a partir da ilha. Palm mesmo havia feito o seu nome nos estudos populacionais de orcas. Imediatamente concordaram em fazer a autópsia publicamente, porque chamaria a atenção. E as orcas estavam precisando de muita atenção.

— Ao que parece, ela morreu de uma infecção bacteriológica — respondeu Fenwick às perguntas de Anawak. — Mas não quero arriscar prognósticos precipitados.

— não está se arriscando — disse Anawak com ar sombrio. — Lembra-se de 1999? Sete orcas mortas, todas infectadas.

— The torture never stops — cantarolou Oliviera, era o verso de uma antiga canção de Frank Zappa. Olhou para Anawak e fez um movimento de cabeça conspirativo. — Venha comigo.

Anawak seguiu-a até o cadáver. Duas grandes malas de metal e um contêiner aguardavam para a autópsia, cheios de ferramentas. Dissecar uma orca era diferente de abrir um corpo humano. Significava trabalho pesado, grandes quantidades de sangue e um cheiro insuportável.

— Logo a imprensa chegará com um bando de doutorandos e estudantes a tiracolo — disse Oliviera, dando uma olhada no relógio. — Já que nos encontramos neste lugar triste, deveríamos

aproveitar e conversar rapidamente a respeito da análise das suas amostras.

— Descobriram alguma coisa?

— Em parte.

— E chamaram a Inglewood.

— não. Achei melhor conversarmos primeiro entre nós.

— Me parece que ainda não têm nada concreto em mãos.

— Digamos assim: por um lado, estamos surpresos, e, por outro, perplexos — retrucou Oliviera. — Pelo menos quanto aos mexilhões não há literatura que os descreva.

— Eu jurava que eram mexilhões-zebra.

— Por um lado, sim. Por outro, não.

— Me explique isso.

— Podemos ver de duas formas. Ou se trata de um parente do mexilhãozebra ou de uma mutação. Esses bichos parecem mexilhões-zebra, mas há algo de estranho no seu bisco. Os filamentos que formam o pé são muito grossos e compridos. Dêmos-lhe o apelido de mexilhões a jato.

— Mexilhões a jato? Oliviera torceu a cara.

— não tivemos idéia melhor. Observamos vários deles vivos, e eles têm Bem, eles não flutuam como mexilhões-zebra normais, mas têm uma certa capa" cidade de navegação. Sugam a água e a expellem. A água expelida para trás empurra-os para a frente. Ao mesmo tempo, utilizam os filamentos para definir a direção. Como pequenas hélices giratórias. Isso o faz lembrar de alguma coisa?

Anawak pensou a respeito.

Polvos nadam por jatopropulsão.

— Alguns. Mas há outro paralelo. Só se pensa nisso quando se é um crânio, mas temos bastante deles no laboratório. Estou falando de dinoflagelados. Alguns desses unicelulares têm dois flageles na cabeça. Um define a direção, o outro os impulsiona para a frente.

— Isso não está um pouco rebuscado demais?

— Digamos que seja uma convergência generosa. É preciso buscar qualquer relação. Em todo caso, não conheço nenhum mexilhão que se locomova de forma parecida. Estes aqui são ágeis

como um cardume e, de certa forma, apesar das suas conchas, recebem uma força de empuxo.

— De qualquer forma, isso explicaria como chegaram ao casco do Barrier Queen em mar aberto — pensou Anawak em voz alta. — E isso surpreende vocês?

— Sim.

— E o que os está deixando preocupados?

Oliviera aproximou-se do flanco da baleia morta e passou a mão sobre a pele preta.

— Esses pedaços de tecido que você trouxe lá de baixo. não sabemos como começar com aquilo e, sinceramente, nem foi possível fazer grandes progressos. A substância estava largamente decomposta. O pouco que analisamos ao menos nos permitiu concluir que o que estava na hélice e o que ficou preso na ponta da sua faca eram a mesma coisa. Fora isso, não faz lembrar nada do que conhecemos.

— Está querendo dizer que eu raspei o ET do casco?

— Aparentemente, a capacidade de contração desse tecido é sobrenatural. Altamente resistente e, ao mesmo tempo, extremamente flexível. não sabemos o que é.

Anawak franziu a testa.

— Sinais de bioluminescência?

— Possivelmente. Por quê?

— Porque tive a impressão de que esse negócio deu um flash.

— O que o atropelou debaixo d'água?

Ele disparou para fora quando eu estava cutucando a camada de mexilhões. Provavelmente cortou um pedaço dele, e ele não achou graça. Embora não acredite que esse tecido apresente algo como feixes nervosos. Para sentir dor. Na realidade, é apenas... massa celular.

Aproximavam-se vozes. Pela praia, um grupo de pessoas vinha em sua direção. Alguns carregavam câmeras, outros, material para anotações.

— Vai começar — disse Anawak.

— É. — Oliviera estava com o olhar perdido. — O que fazemos agora? Devo enviar os dados para o Inglewood? Apenas temo que eles não consigam fazer nada com isso. Sinceramente, preferiria receber mais amostras. Principalmente dessa substância.

— Entrarei em contato com Roberts.

— Ótimo. Vamos à luta.

Anawak observou a orca imóvel e sentiu ódio e desamparo. Era deprimente. Primeiro, os animais desaparecem durante semanas, e agora mais um surgia morto na praia.

— Mas que porcaria!

, Oliviera encolheu os ombros. Fenwick e King também já estavam a caminho.

— Guarde o seu blues para a imprensa — disse.

A autópsia levou mais de uma hora, durante a qual Fenwick, assistido por King, abriu a orca, retirou-lhe o coração, o fígado e os pulmões e explicou a estrutura anatômica. O conteúdo do estômago foi exposto, e continha uma foca semidigerida. Ao contrário das residentes, as baleias inshore e offshore também comiam focas, toninhas e golfinhos e, em bandos, chegavam inclusive a atacar uma grande baleia de barbatana.

Entre os espectadores, os jornalistas científicos estavam em minoria. Em compensação, havia representantes de jornais, revistas e canais de televisão. Basicamente o grupo com que contavam, entretanto não podiam esperar muito conhecimento técnico. Por isso, Fenwick inicialmente falou sobre as características específicas da estrutura corpórea.

— A forma é de um peixe, pelo simples fato de a natureza ter adotado uma estrutura para uma criatura que veio da terra para o mar. Chamamos isso de convergência. Espécies totalmente diferentes adotam estruturas convergentes, ou seja, de mesmo efeito, para se adaptar às exigências do meio em que vivem.

Ele retirou partes da grossa pele e expôs o tecido gorduroso.

— Mais uma diferença: peixes, anfíbios e répteis são animais ectotérmicos, ou seja, de sangue frio, o que significa que a sua temperatura corpórea varia de acordo com a temperatura

ambiente. Existem cavalas, por exemplo, tanto no Cabo Norte como no mar Mediterrâneo, mas no Cabo Norte sua temperatura corpórea seria de quatro graus Celsius, e a de uma cavala do mar Mediterrâneo, em contrapartida, de 24 graus Celsius. Isso não se aplica às baleias. Elas são endotérmicas, como nós.

Anawak observou as pessoas. Fenwick acabara de mencionar um detalhe que sempre fazia efeito: “como nós” chamava a atenção das pessoas. As baleias são como nós. Lá estava ela novamente, a relação estreita que fazia com que as pessoas comesçassem a valorizar a vida.

— Independentemente de estarem no Ártico ou na Baía da Califórnia — prosseguiu Fenwick —, as baleias sempre mantêm uma temperatura constante de 37 graus Celsius. Para isso, têm uma camada de gordura que chamamos de blubber. Estão vendo esta massa gordurosa e branca? A água retira o calor, mas esta camada impede que a temperatura corpórea caia.

Ele olhou para as pessoas. Suas luvas estavam vermelhas e viscosas do sangue e da gordura da orca.

— Ao mesmo tempo, a blubber pode ser a sentença de morte de uma baleia. O problema de todas as baleias que encalham é o peso, e justamente esta maravilhosa camada de gordura por si só. Uma baleia-azul, com seus 33 metros de comprimento e suas 130 toneladas pesa quatro vezes mais do que o maior dinossauro que já existiu, mas uma orca também chega a pesar nove toneladas. Estas criaturas podem existir apenas na água, segundo o princípio de Arquimedes de que todo corpo mergulhado em um líquido perde o equivalente do peso do líquido removido. Por isso em terra as baleias são esmagadas pelo próprio peso, e o efeito isolante da camada de gordura faz a sua parte, porque o calor absorvido do ambiente não é devolvido. Muitas baleias que encalham morrem do choque de calor.

— Esta também? — perguntou uma jornalista.

— não. Nos últimos anos cresceu o número de animais com sistema imunológico enfraquecido. Eles morreram de infecções. A J-19 chegou aos 22 anos. não era mais um animal jovem, mas, em média, as orcas chegam aos trinta anos. Trata-se de uma morte

antecipada, e não encontramos nenhum ferimento de luta. Suspeito de uma infecção bacteriológica.

Anawak deu um passo à frente.

— Se quiserem saber o porquê disso, podemos explicar também — disse, esforçando-se por um tom de voz neutro. — Há uma série de exames toxicológicos, e eles demonstram que as orcas em frente à Colúmbia Britânica estão Praticamente todas infectadas por PCB e outros venenos ambientais. Neste ano comprovamos mais de 150 miligramas de PCB no tecido gorduroso de orcas. Qualquer sistema imunológico humano não teria a menor chance.

As pessoas viraram-se para ele. Em seus olhos, viu uma mistura de consternação e excitação. Ele acabara de lhes fornecer a matéria. E sabia que o grupo estava sob seu controle agora.

— O problema desses venenos é que eles são solúveis em gordura—disse. — O que significa que são passados aos filhotes através do leite materno. Os bebês humanos nascem com Aids, e nós lemos reportagens a respeito e ficamos indignados. Por favor, ampliem a sua indignação e relatem sobre o que viram aqui. Praticamente nenhuma espécie está tão envenenada quanto as orcas.

— Dr. Anawak — um jornalista pigarreou. — O que acontece se pessoas comerem a carne dessas baleias?

— Elas absorvem parte do veneno.

— Podendo levar à morte?

— Em longo prazo, possivelmente.

— Então as empresas que inescrupulosamente jogam venenos no mar, como a indústria madeireira, por exemplo, indiretamente também não são responsáveis pelo adoecimento e a morte de pessoas?

King imediatamente olhou para ele. Anawak hesitou. Tratava-se de um assunto delicado. Naturalmente esse homem tinha razão, mas o Aquário de Vancouver procurava evitar qualquer confrontação direta com a indústria local, preferindo seguir o caminho da diplomacia. Declarar a elite econômica e política da Colúmbia Britânica um bando de assassinos em potencial tornaria

as coisas mais difíceis, e ele não queria armar uma cilada para King.

— De qualquer forma, não faz bem à saúde humana comer carne contaminada — respondeu, esquivando-se.

— Conscientemente contaminada pela indústria.

— Estamos procurando soluções para isso. Juntamente com os responsáveis.

— Compreendo. — O jornalista fez algumas anotações. — Penso especialmente nas pessoas da sua terra, Dr. Anawak...

— Minha terra é aqui — disse Anawak secamente.

O jornalista olhou-o confuso. Como poderia ter entendido? Provavelmente fizera ótimos levantamentos.

— não é isso que quero dizer — disse. — De onde o senhor vem...

— Na Colúmbia Britânica não se come mais tanta carne de baleia ou de foca — interrompeu-o Anawak. — Em compensação, os habitantes do Círculo Polar Ártico apresentam muitos sinais de envenenamento. Na Groenlândia e na Islândia, no Alasca e mais ao norte, em Nunavut, mas naturalmente também na Sibéria, no Kamchatka e nas Ilhas Aleutas, ou seja, em todos os lugares em que os mamíferos marinhos fazem parte da alimentação diária. O problema não é tanto onde os animais foram envenenados. O problema é que eles migram.

— O senhor acredita que as baleias tenham consciência de seus envenenamentos? — perguntou um estudante.

— não.

Mas em suas publicações o senhor fala a respeito de uma certa inteligência. Se os animais compreendessem que há algo de errado com a sua alimentação...

Os humanos fumam até as suas pernas serem amputadas ou morrerem de

câncer no pulmão. Eles têm plena consciência de seu envenenamento, mas continuam tendo a mesma atitude, e humanos certamente são mais inteligentes do que baleias.

— Como pode ter tanta certeza? Talvez seja exatamente o contrário. Anawak suspirou. Da forma mais cordial possível, disse:

— Precisamos compreender as baleias como baleias. Elas são altamente especializadas, mas é justamente essa especialização que as limita. Uma orca é um torpedo vivo com uma aerodinâmica ideal, entretanto faltam-lhe pernas, mãos, elas não têm mímica ou visão bipolar. O mesmo se aplica aos golfinhos, às toninhas e a qualquer espécie de baleias de barbatanas ou baleias dentadas. não são quase-humanos. Orcas podem ser mais inteligentes do que cachorros, e belugas são tão inteligentes que têm consciência de sua individualidade, e os golfinhos, sem dúvida, têm um cérebro singular. Mas, por favor, perguntem-se o que esses animais acabam conseguindo realizar com isso. Os peixes vivem no mesmo habitat que baleias e golfinhos, o seu modo de vida é muito parecido e, mesmo assim, não precisam de mais do que um punhado de neurônios.

Anawak ficou quase aliviado ao ouvir o toque baixinho do seu celular. Fez um sinal para que Fenwick desse prosseguimento à autópsia, afastou-se um pouco e atendeu ao telefone.

— Ah, Leon — disse Shoemaker. — Você pode se liberar de onde está agora?

— Talvez. O que foi?

— Ele voltou.

O ódio de Anawak tomou proporções imensas.

Quando retornara precipitadamente para a ilha de Vancouver há alguns dias, Jack Greywolf e os seus Seaguards já haviam ido embora, deixando para trás dois barcos cheios de turistas aborrecidos que se queixavam de terem sido fotografados e observados como animais. com muito esforço, Shoemaker conseguira acalmar as pessoas. Mas teve de convidar algumas delas para um passeio adicional. Depois as coisas pareciam ter-se acalmado. Por enquanto, Greywolf alcançara o que queria. Consequira perturbar.

Na Davies, avaliaram as possibilidades. Deveriam enfrentar ou ignorar os Protetores ambientais? Se tomassem caminhos oficiais, chamariam a atenção Para eles. Organizações sérias gostavam tão pouco de pessoas como Greywolf como os observadores de baleias, mas no final sempre haveria um processo,

causando imagens distorcidas para um público já tão desinformado. Na dúvida, muitos tendiam a simpatizar com a fanfarronice de Greywolf.

Extra-oficialmente, poderia ter-se envolvido numa bela discussão. Os antecedentes judiciais de Greywolf demonstravam a que fins levavam tais discussões, mas dependia deles intimidarem-se com isso ou não. não adiantava muito. Tinham diversas outras coisas para fazer, e quem sabe Greywolf não repetiria o incidente.

Então decidiram ignorá-lo.

Talvez, pensou Anawak, enquanto guiava a pequena lancha ao longo da costa do Clayoquot Sound, fora esse o erro. Possivelmente teriam satisfeito a ânsia de prestígio de Greywolf se tivessem ao menos escrito uma carta expressando o seu desagrado. Algo que sinalizasse que haviam tomado conhecimento dele.

Seu olhar percorreu a superfície do mar. O barco corria muito, e ele não queria arriscar-se a assustar ou a machucar baleias. Inúmeras vezes viu enormes nadadeiras à distância, e uma vez, não muito longe dele, algumas nadadeiras dorsais pretas e brilhantes cortaram as ondas. Durante a travessia comunicava-se via rádio com Susan Stringer na Blue Skark.

— O que os caras estão fazendo? — perguntou. — Estão agredindo vocês? O rádio crepitou.

— não — disse a voz de Stringer. — Estão tirando fotos, como da última vez, e nos xingando.

— Quantos são?

— Dois barcos. Greywolf e mais um num deles, e outros três no segundo. Deus me livre! Ainda por cima, agora estão começando a cantar.

Um som rítmico soou fraco através do chiado do rádio.

— Estão batucando—gritou Stringer. — Greywolf está tocando um timbale, e os outros estão cantando. Canções indígenas! Inacreditável.

— Fiquem calmos, ouviu? não aceitem provocações. Em alguns minutos estarei aí.

Bem adiante surgiram as manchas claras dos barcos.

— Leon? Que tipo de índio é esse filho-da-puta? não sei o que ele está fazendo ali, mas se estiver invocando os espíritos de seus antepassados ao menos gostaria de saber quem irá aparecer em breve.

— Jack é um vigarista — disse Anawak. — Ele nem é índio.

— não? Eu pensei que...

— Sua mãe é meia-índia. E só. Quer saber o seu nome verdadeiro? Jack O'Bannon. Greywolf, até parece.

Fez-se uma pausa enquanto Anawak se aproximava dos barcos em alta velocidade. Já era possível escutar o barulho do timbale.

Jack O'Bannon — disse Stringer esticando as palavras. — Que máximo.

Acho que vou lá...

Você não vai nada. Está me vendo chegar?

— Estou.

Não faça nada. Simplesmente espere.

Anawak colocou o rádio de lado e fez uma grande curva, afastando-se da costa em direção ao mar. Agora podia ver claramente toda a cena. A Blue Shark e o Lady Wexham estavam no meio de um extenso grupo de jubartes. De vez em quando, viam-se nadadeiras afundando e névoas de esguicho. O casco branco de 22 metros de comprimento do Lady Wexham brilhava à luz do sol. Dois pequenos barcos de pescadores visivelmente velhos, ambos pintados de vermelho vivo, contornavam a Blue Shark tão de perto que pareciam querer virar a zodiac. O som dos tambores aumentou e um canto monótono misturou-se a ele.

Se Greywolf notara a aproximação de Anawak, não deu a perceber. Estava de pé no seu barco, tocava um tambor indígena e cantava. Seus colegas do outro lado, dois homens e uma mulher, cantavam com ele e, vez ou outra, amaldiçoavam e praguejavam. Ao mesmo tempo, fotografavam os passageiros da Blue Shark e jogavam alguma coisa brilhante neles. Anawak apertou os olhos. Eram peixes. não, restos de peixe. As pessoas abaixavam-se, algumas jogavam os troços de volta. Anawak sentiu uma grande vontade de bater no barco de Greywolf e ver o gigante caindo na

água, mas controlou-se. não era uma boa idéia fazer uma demonstração de luta aberta para os turistas.

Aproximou-se bastante e gritou:

— Pare com isso, Jack! Vamos conversar.

Greywolf continuou tocando o tambor incansavelmente. Nem ao menos se virou. Anawak olhou para os rostos nervosos e estressados dos turistas. No rádio, ouvia-se a voz de um homem:

— Olá, Leon. Bem-vindo.

Era o skipper do Lady Wexham, a uns cem metros dali. As pessoas no convés superior estavam encostadas no corrimão e olhavam em direção às zodiacs cercadas. Algumas tiravam fotos.

— Tudo bem com vocês? — quis saber Anawak.

— Tudo em ordem. O que faremos com esses babacas?

— Ainda não sei — respondeu Anawak. — Vou tentar com meios pacíficos.

— Me avise, se quiser que eu os atropele.

— Qualquer coisa, entro em contato.

As lanchas vermelhas dos Seaguards começaram a bater na Blue Shark. Greywolf cambaleou quando o seu barco colidiu com o casco de borracha e continuou tocando o seu tambor. As penas do seu chapéu tremiam no vento.

Atrás dos barcos, uma nadadeira emergiu e mergulhou novamente, mas, no momento, ninguém tinha olhos para as baleias. Stringer olhou com hostilidade na direção de Greywolf.

— Ei, Leon. Leon! — Anawak viu um dos passageiros da Blue Shark acenando e reconheceu Alicia Delaware. Ela usava os óculos azuis e pulava sem parar. — Quem são esses caras? Por que estão aqui?

Ficou surpreso. Ela não havia buzinado nos seus ouvidos há poucos dias que aquele seria seu último dia na ilha? Bem, isso não vinha ao caso agora. Contornou o barco de Greywolf, parou atravessado e bateu as palmas da mão.

— Está bem, Jack, obrigado. Gostei da música. Agora diga logo o que quer. Greywolf cantou ainda mais alto. Um canto crescente e decrescente monótono, sílabas arcaicas, lamentantes e, ao mesmo tempo, agressivas.

— Jack, diabos!

Subitamente tudo ficou silencioso. O gigante baixou o tambor e virou-se para Anawak.

— Pois não?

— Ordene aos seus que parem. Então poderemos conversar. Conversaremos sobre tudo, mas diga a eles que devem recuar.

A expressão de Greywolf fechou-se.

— Ninguém irá recuar — gritou.

— Que bagunça é essa? Aonde quer chegar?

— Eu quis explicar outro dia no aquário, mas você me esnobou.

— Eu estava sem tempo.

— E agora eu é que estou sem tempo.

A turma de Greywolf ria e berrava. Anawak procurou conter a raiva.

— Vou fazer uma proposta, Jack—disse forçosamente controlado. — Você desiste disso aqui, nos encontramos hoje à noite na Davies, e você diz a todos nós o que acha que devemos fazer.

— Desaparecer. É isso que vocês devem fazer.

— Por quê? O que estamos fazendo?

— Caiam fora — gritou Greywolf. Olhou na direção dos passageiros da Blue Shark e ergueu os braços, implorando. — Caiam fora e não perturbem mais a natureza. Vivam em harmonia com ela em vez de ficar xeretando. Os motores de seus barcos estão poluindo o ar e a água. Vocês estão ferindo os animais com suas hélices. Vocês os perseguem por uma foto. Vocês os matam com barulho. Este é o mundo das baleias. Vão embora. Aqui não é lugar para humanos.

Quanta besteira, pensou Anawak. Perguntou-se se o próprio Greywolf acreditava no que estava falando, mas a sua turma aplaudia euforicamente.

— Jack! Posso lembrá-lo do que fazemos para proteger as baleias? Nós pesquisamos! A observação de baleias abriu novos horizontes para as pessoas. Se impedir o nosso trabalho, estará sabotando os interesses dos animais.

Quer nos dizer quais são os interesses de uma baleia? — disse Greywolf, arrogante. — Conseguir olhar dentro das suas cabeças, pesquisador?

Jack, deixe essa besteira de índios. O que está querendo?

Greywolf permaneceu mudo por alguns instantes. Seus colegas tinham parado de fotografar e jogar coisas nos passageiros da Blue Shark. Todos olhavam em sua direção.

— Queremos nos tornar públicos — disse.

— Onde, pelo amor de Deus, há publicidade aqui? — Anawak fez um movimento amplo com as mãos. — Algumas pessoas em barcos. Por favor, Jack, por mim podemos discutir, mas então vamos procurar a publicidade de verdade. Vamos trocar argumentos, e quem ficar em desvantagem se dá por vencido.

— Ridículo — disse Greywolf. — Esse é o discurso do homem branco.

— Que merda! — Anawak perdeu a paciência. — Sou menos branco do que você, O'Bannon, vê se cai na real.

Greywolf fitou-o como se tivesse levado um choque. Então um largo sorriso atravessou seu rosto. Ele apontou para o Lady Wexham.

— Por que acha que as pessoas ali no seu barco estão filmando e fotografando com tanto empenho?

— Estão filmando você e a sua encenação ridícula.

— É isso aí — disse Greywolf, rindo. — Muito bem.

De repente, Anawak começou a entender. Entre os observadores do Lady Wexham havia gente da imprensa. Greywolf convidara-os para assistir ao espetáculo.

Esse filho-da-mãe!

Estava preparando uma resposta apropriada, quando notou que Greywolf continuava com o olhar fixo e o braço estendido na direção do Lady Wexham. Anawak seguiu o seu olhar e prendeu o ar.

Diretamente em frente ao navio, uma jubarte lançara-se para fora d'água. Era necessária uma imensa impulsão para levantar o corpo maciço. Durante um momento, parecia que o animal estava apoiado sobre a cauda. Somente as pontes da

nadadeira caudal continuavam debaixo d'água, o resto do corpo estava projetado para o alto, no ar, e ia além da ponte do Lady Wexham. Os sulcos longitudinais da cabeça e do ventre estavam claramente visíveis. As nadadeiras laterais, extremamente grandes, projetavam-se para os lados como asas, brancas e brilhantes e com listras pretas e bordas nodulosas. A baleia parecia querer sair completamente da água, e um Ohh! em várias vozes ressoou do Lady Wexham.

Em seguida, o gigantesco corpo lentamente tombou para o lado e atingiu a superfície da água numa explosão de espuma.

As pessoas recuaram no convés superior. Parte do Lady Wexham desaparecera detrás de uma parede de espuma. Dentro dela, surgiu algo escuro, maciço. Uma segunda baleia atirou-se do fundo para cima. Saiu da água bem mais próximo ao navio, envolta por uma névoa brilhante, e Anawak sabia, ainda antes de os gritos de desespero ecoarem dos barcos, que esse salto não daria certo.

A baleia bateu com tamanha força no Lady Wexham que o navio começou a balançar fortemente. Ouviram-se estalos e estilhaços. O animal submergiu. No convés superior, algumas pessoas caíram no chão. Em volta do navio, a água remexida espumava, e então vários dorsos aproximaram-se pela lateral, e novamente dois corpos escuros atiraram-se no ar e jogaram-se com todo o seu peso

contra o casco.

— Isso é vingança — gritou Greywolf, exaltado. — A vingança da natureza!

O Lady Wexham media 22 metros, portanto era maior do que qualquer jubarte. Era licenciado pelo Ministério dos Transportes e correspondia às normas de segurança da guarda costeira canadense para embarcações de passageiros que previam mar revolto, ondas de vários metros de altura, assim como a ocasional colisão com uma baleia preguiçosa. Até isso fora considerado no projeto do Lady Wexham por precaução.

Mas não um ataque.

Anawak ouviu os motores sendo ligados. Sob o peso dos corpos que tinham caído sobre o navio, ele adernara

perigosamente. Um pânico indescritível tomou conta dos dois conveses. Todas as janelas do convés inferior estavam nitidamente quebradas. Ouviam-se gritos, pessoas tropeçavam umas sobre as outras. O Lady Wexham pôs-se em movimento, mas não foi muito adiante. Novamente um animal saltou do mar e jogou-se contra a lateral do casco, na altura da ponte. Esse ataque também não fora suficiente para derrubar o navio, mas ele passou a balançar ainda mais, e choviam destroços lá de cima.

Os pensamentos de Anawak atropelavam-se. Provavelmente o casco já estaria rompido em alguns locais. Precisava fazer alguma coisa. Talvez houvesse um jeito de distrair os animais.

Levou a mão até o acelerador.

No mesmo instante, um grito conjunto cortou o ar. Entretanto não vinha do navio branco, mas diretamente detrás dele, e Anawak virou-se rapidamente.

A visão tinha algo de surreal. Diretamente acima do barco do protetor de animais, o corpo de uma gigantesca jubarte projetava-se verticalmente para cima. Parecia quase flutuar, uma criatura de beleza monumental, a boca incrustada apontando em direção às nuvens, e continuava subindo, dez, doze metros acima de suas cabeças. Durante a eternidade de um segundo ficou apenas assim, pendurada no céu e virando-se lentamente, e as nadadeiras de vários metros de comprimento pareciam acenar para eles.

O olhar de Anawak subiu ao longo do colosso no ar. Jamais vira algo tão terrível e, ao mesmo tempo, tão magnífico, não tão próximo assim. Todos, Jack Greywolf, as pessoas nas zodiacs, ele próprio, levantaram as cabeças e arregalaram os olhos para o que estava prestes a ocorrer.

— Ai, meu Deus — sussurrou.

Como em câmera lenta, o corpo da baleia inclinou-se. Sua sombra cresceu por cima do barco de pescadores dos protetores ambientais, foi além da proa da Blue Shark, prolongou-se ainda mais quando o corpo do gigante caiu, cada vez mais rápido...

Anawak acelerou o quanto pôde. A zodiac saiu arrancando. Os timoneiros de Greywolf também realizaram uma largada

fulminante, mas na direção errada. O velho barco a motor serpenteou na direção de Anawak. Eles se chocaram. Anawak foi jogado para trás, viu o timoneiro cair na água e Greywolf cair no chão, e então o barco voou na direção contrária, enquanto o seu seguia em velocidade máxima em direção à Blue Shark. Diante dos seus olhos, o corpo de nove toneladas da jubarte enterrou o barco de pescadores abaixo de si, afundou-o juntamente com a tripulação e bateu na proa da Blue Shark. Gigantescos chafarizes de espuma espirraram para cima. A popa da zodiac empinou-se bruscamente, pessoas de macacões vermelhos foram jogadas pelo ar. Por um instante, a Blue Shark equilibrou-se sobre a ponta, fez uma pirueta em torno do próprio eixo e tombou de lado. Anawak abaixou-se. Seu barco voou por debaixo da zodiac, enquanto ela se virava no ar, bateu em algo maciço sob a superfície da água e saltou por cima. Por um instante, perdeu o chão sob os seus pés e finalmente voltou a segurar o leme com as mãos. Girou-o com força e freou.

Uma cena indescritível surgiu diante dos seus olhos. Do barco dos protetores ambientais, viam-se apenas destroços. A Blue Shark boiava sobre as ondas com a quilha virada para cima. Havia pessoas gritando e esperneando na água, e outras imóveis. Suas roupas haviam inflado automaticamente, de forma que não poderiam afundar, mas Anawak suspeitou de que algumas teriam morrido esmagadas Pelo peso da baleia. Um pouco mais à frente, viu o Lady Wexham acelerar, nitidamente adernado e rodeado por dorsos e nadadeiras. Uma sacudida repentina fez o navio estremecer e adernar ainda mais.

Lentamente, para não machucar ninguém, Anawak guiou a zodiac entre os corpos flutuantes, enquanto enviava uma rápida mensagem de rádio na frequência 98, comunicando sua posição.

Problemas — disse, sem fôlego, — Provavelmente mortos.

Todos os barcos nas proximidades escutariam o chamado de socorro. não teve mais tempo. Tempo para explicar o que acontecera. Doze passageiros estavam a bordo da Blue Shark, além de Stringer e seu assistente. E mais três protetores ambientais. Dezessete pessoas ao todo, mas na água contou bem menos.

— Leon!

Era Stringer! Estava nadando em sua direção. Anawak pegou-lhe as mãos e puxou-a para dentro do barco. Ela caiu lá dentro tossindo, ofegante. A certa distância, ele viu as nadadeiras dorsais de várias orcas. As cabeças e dorsos negros erguiam-se da água enquanto nadavam em alta velocidade em direção ao local do desastre.

Sua aparente determinação não agradou a Anawak.

Logo adiante flutuava Alicia Delaware. Estava segurando para fora d'água a cabeça de um jovem cuja roupa não inflara com o ar comprimido como a dos outros. Anawak guiou o barco até a estudante. Ao seu lado, Stringer levantou-se. Juntos, puxaram primeiramente o garoto desmaiado e depois a menina para dentro do barco. Delaware livrou-se das mãos de Anawak, imediatamente pendurou-se por cima da borda do barco e ajudou Stringer a puxar mais pessoas para dentro. Outras se aproximavam com as próprias forças, esticavam os braços para cima, subindo com a ajuda deles. O barco encheu-se rapidamente. Era bem menor que a Blue Shark e, na realidade, já estava cheio demais. Agarravam as pessoas às pressas, enquanto Anawak continuava vasculhando a superfície da água.

— Tem outro nadando ali! — gritou Stringer.

Um corpo humano boiava imóvel na água, o rosto virado para baixo, de compleição masculina, ombros e costas largas. Estava sem macacão. Um dos protetores ambientais.

— Rápido!

Anawak inclinou-se sobre a balaustrada. Stringer estava ao seu lado. Pegaram os braços do homem e puxaram-no para cima.

Foi fácil.

Fácil demais.

A cabeça do homem caiu para trás, e eles olharam dentro de olhos inexpressivos. Ainda enquanto olhava para o homem, Anawak compreendeu por que o corpo estava tão leve. Ele terminava na cintura. O quadril e as pernas estavam faltando. Do tronco caíam pedaços de carne, artérias e intestinos gotejantes.

Stringer suspirou e soltou-o. O morto tombou para trás, escapuliu dos dedos de Anawak e voltou para a água.

À esquerda e à direita deles, as nadadeiras das orcas cortavam a água. Eram dez ou talvez mais. Um golpe fez a zodiac estremecer. Anawak saltou para o timão e acelerou. À sua frente, três dorsos enormes ergueram-se das ondas, e ele fez uma curva arriscada. Os animais submergiram. Dois outros surgiram do outro lado e nadavam em direção ao barco. Anawak fez novamente uma curva. Ouvia gritos e choros. Ele próprio também sentia um medo pavoroso invadindo-o como um choque elétrico, causando-lhe náuseas, mas um outro lado seu guiava firmemente a zodiac num slalom alucinado entre os corpos preto-e-branco que insistiam em cortar-lhe o caminho.

Da direita, ouviu-se um estrondo. Anawak automaticamente virou a cabeça e viu o Lady Wexham estremecer numa nuvem de espuma e tombar.

Mais tarde lembrou-se de que foi esse olhar, esse momento de dispersão que definiram o rumo do seu destino. Ele sabia que não deveria ter olhado para o navio grande. Possivelmente teriam escapado. Certamente teria visto o dorso cinza mesclado e o momento em que a baleia mergulhou, erguendo a sua nadadeira caudal da água diretamente em sua direção.

Só viu a cauda despencar quando já era tarde demais.

A cauda bateu fortemente na lateral do barco. Em geral, um golpe desses não era suficiente para tirar um barco inflável do seu rumo, mas o barco estava rápido demais, muito inclinado dentro da curva e saltando sobre as ondas. O golpe atingiu o barco num momento de fatal instabilidade. Foi jogado para cima, durante um instante flutuou no vazio, caiu de lado e capotou.

Anawak foi atirado para fora.

Ele voou. Rodopiou no ar. Em seguida, foi atirado pela espuma e pela água. No próximo instante, mergulhou e afundou na escuridão, sem orientação, sem sensação do que era em cima ou embaixo. Um frio insuportável invadiu-o. Chutou com toda a força para os lados e lutou para retornar à superfície, tentou respirar, afoito, e, novamente, sua cabeça afundou na água. Desta vez, penetrou gelada nos seus pulmões. Ele entrou em pânico, esperneou, remou como um desvairado com os braços e novamente

chegou à superfície, tossindo e cuspiendo. Tanto o seu barco como os passageiros haviam desaparecido. A costa surgiu à sua frente. Dançava para cima e para baixo. Virou-se, foi erguido por uma onda e finalmente avistou as cabeças dos outros. Já não eram mais todos, talvez meia dúzia. Aqui estava Delaware, ali Stringer. Entre as duas, as nadadeiras pretas das orcas. Elas cruzaram o grupo de nadadores, mergulharam e, de repente, uma das cabeças desapareceu debaixo d'água para não retornar mais.

Uma mulher mais velha viu um homem afundar e começou a gritar. Seus braços batiam descontrolados na água, e seus olhos expressavam puro horror.

— Onde está o barco? — gritou.

Onde estava o barco? Eles jamais chegariam nadando até a costa. Se alcançassem o barco, talvez estariam protegidos. Mesmo estando virado. Poderiam subir nele e rezar para não serem mais atacados. Mas ela não conseguia ver o barco em lugar nenhum, e gritava por socorro cada vez mais alto e desesperada.

Anawak nadou até ela. Ela o viu chegando e estendeu os braços em sua direção.

— Por favor — disse, chorando. — Ajude-me.

— Irei ajudá-la — gritou Anawak. — Fique tranqüila.

— Estou afundando. Estou afogando!

— não se afogará. — Ele deu longas braçadas em sua direção. — Nada irá acontecer. O macacão a está segurando.

A mulher parecia não ouvi-lo.

— Então me ajude! Por favor, ó meu Deus, não me deixe morrer! Eu não quero morrer!

— não tenha medo, eu...

De repente, ela arregalou os olhos. Seus gritos afogaram-se num gargarejo quando foi puxada para baixo d'água.

Alguma coisa tocou as pernas de Anawak.

Foi tomado por um medo indescritível. Empurrou-se para fora d'água, lançou um olhar sobre as ondas, e lá estava a zodiac. Flutuava com a quilha para cima. Somente algumas braçadas separavam o pequeno grupo de náufragos da ilha salvadora.

Somente alguns metros — e três torpedos negros e vivos, que vinham de lá em sua direção.

Paralisado, fitou as orcas que se aproximavam em alta velocidade. Algo dentro dele protestava: nunca antes uma orca atacara um ser humano. No contato com humanos, as orcas eram curiosas, simpáticas ou indiferentes. Baleias não atacavam navios. Elas simplesmente não faziam isso. Nada do que estava acontecendo ali fazia sentido. Anawak estava tão perplexo que ouviu mas não registrou o barulho: um estrondo e bramido que se aproximava e se tornava cada vez mais alto, muito alto. Finalmente foi atropelado por uma torrente de água, e algo vermelho enfiou-se entre ele e as baleias. Agarraram-no e puxaram por cima da balastrada.

Greywolf não lhe deu mais atenção. Aproximou o barco dos nadadores restantes, novamente inclinou-se para a frente e pegou as mãos estendidas de Alicia Delaware. Puxou-a para fora d'água com facilidade e levou-a para um dos assentos. Anawak inclinou-se para fora, conseguiu agarrar um homem ofegante, jogou-o dentro do barco. Procurou as outras pessoas na superfície. Onde estava Stringer?

— Ali!

Ela surgiu entre duas cristas de ondas, juntamente com uma mulher que boiava na água, semiconsciente. As orcas haviam circundado a zodiac virada e aproximavam-se de ambos os lados. Suas cabeças pretas e brilhantes cortavam a água. Por detrás dos lábios semi-abertos, brilhavam fileiras de dentes cor de marfim. Mais alguns segundos, e elas alcançariam Stringer e a mulher. Mas Greywolf já retornara ao timão e aproximou o barco com precisão.

Anawak tentou alcançar Stringer.

— Primeiro a mulher — gritou ela.

Greywolf ajudou-a. Puseram-na em segurança. Enquanto isso, Stringer tentou entrar no barco com suas próprias forças, mas não conseguiu. Atrás dela, as baleias mergulharam.

De repente, ela parecia estar sozinha. O mar estava vazio e desolado. Ninguém além dela.

— Leon?

Ela estendeu as mãos, pavor no olhar. Anawak esticou os braços para fora e conseguiu pegar sua mão direita.

Na água verde-azulada, algo grande atirou-se para cima numa velocidade incrível. A boca abriu-se, fileiras de dentes em frente a um palato cor-de-rosa, e fechou-se um pouco abaixo da superfície d'água. Stringer deu um grito. E começou a socar a boca que a prendia.

— Caia fora — gritou. — Vá embora, miserável!

Anawak agarrou-se no seu casaco. Stringer olhou para ele. Seu olhar refletia um medo mortal.

— Susan! Dê-me a outra mão!

Ele a segurava, decidido a não desistir. A orca agarrou Stringer no meio do corpo. Puxou-a com uma força incrível. Da garganta de Stringer ecoou um choro, primeiramente surdo e dolorido, depois estridente, agudo. Ela parou de bater na boca da orca e só gritava. Então foi arrancada de Anawak com um puxão terrível. Ele viu sua cabeça desaparecer debaixo d'água, seus braços, seus dedos trêmulos. A orca puxou-a para baixo implacavelmente. Durante um segundo seu macacão ainda brilhou, um caleidoscópio colorido que empalideceu, dissolveu-se desapareceu.

Anawak olhava para a água, desconcertado. Algo brilhante emergiu da profundidade. Uma torrente de bolhas de ar. Elas estouraram, formando espuma na superfície da água.

Em volta, a água tingiu-se de vermelho.

— não — sussurrou.

Greywolf pegou-o no ombro e puxou-o para trás.

— não tem mais ninguém — disse. — Vamos dar o fora.

Anawak estava atordoado. O motor roncou e o barco partiu. Anawak cambaleou e equilibrou-se novamente. A mulher que Stringer havia salvado estava deitada em um dos bancos laterais e choramingava. Delaware falava com ela com voz trêmula. O homem que haviam puxado da água mantinha o olhar fixo à sua frente. A certa distância, ouviu barulho de tumulto, virou a cabeça e viu o navio branco cercado de nadadeiras e dorsos. Ao que parecia,

o Lady Wexham praticamente não andava mais enquanto continuava adernando.

— Precisamos voltar — gritou. — Eles não vão conseguir.

Greywolf guiou o barco em velocidade máxima em direção à costa. Sem virar-se, disse:

— Esqueça.

Anawak aproximou-se dele, arrancou o walkie-talkie do suporte e chamou o Lady Wexham. Ouviam-se rumores e estalos. O skipper do Lady Wexham não respondeu.

— Precisamos ajudá-los, Jack! Diabos, vire...

— Estou dizendo, esqueça! com o meu barco, não temos a menor chance. Devemos dar graças a Deus se conseguirmos sobreviver a isto daqui.

O mais terrível é que ele tinha razão.

— Victoria? — gritou Shoemaker no telefone. — Que diabos estão todos fazendo em Victoria? Por que requisitados? Eles têm a sua própria guarda costeira em Victoria. No Clayoquot Sound há passageiros flutuando, um navio provavelmente está afundando, uma skipper morreu, e nós devemos ter paciência? Ele ouvia enquanto atravessava a loja com passos largos. Parou abruptamente.

— O que quer dizer, assim que puderem? não quero nem saber! Então que mandem outra pessoa. O quê? Escute aqui, seu...

A voz do fone gritava tão alto de volta que até Anawak escutou, apesar de Shoemaker estar a alguns metros dele. A estação estava tumultuada. Davie estava pessoalmente presente. Ele e Shoemaker falavam sem parar em fones e aparelhos, passavam instruções ou prestavam atenção, perplexos. No momento, a perplexidade de Shoemaker chegara ao máximo. Ele baixou o fone e balançou a cabeça.

— O que aconteceu? — quis saber Anawak.

Fez um sinal para Shoemaker falar mais baixo e aproximou-se dele. Nos últimos 15 minutos, desde que Greywolf trouxera o seu barco velho de volta aos trancos e barrancos para Tofino, a loja enchera-se continuamente de pessoas. A notícia dos ataques espalhara-se rapidamente na pequena cidade. Um após outro,

chegavam os outros skippers que também trabalhavam para a Davies. As frequências estavam totalmente sobrecarregadas. As manifestações de imodéstia de pescadores amadores próximos que se dirigiam ao local do desastre — “Ah, garotões, burros demais para desviar de uma baleia” — emudeciam pouco a pouco. Quem pretendia ajudar imediatamente tornava-se alvo de ataques. A onda de ataques parecia expandir-se por toda a costa. O inferno reinava em todos os lugares, sem que alguém realmente pudesse dizer o que estava acontecendo.

— A guarda costeira não pode enviar ninguém — chiou Shoemaker. — Estão todos em frente a Victoria e Ucluelet. Disseram que vários barcos estão em apuros.

— O quê? Lá também?

— Aparentemente há muitos mortos.

— Está entrando um chamado de Ucluelet — gritou Davie do outro lado. Ele estava no balcão e girava os botões do seu receptor de ondas curtas. — Uma traineira. Receberam um chamado de socorro de uma zodiac e queriam ajudar. Agora também estão sendo atacados. Estão dando o fora.

— Estão sendo atacados pelo quê?

— Acabou o sinal. Foram embora.

— E o Lady Wexham?

— Nada. A Tofino Air enviou dois aviões. Há pouco tive um breve contato.

— E? — exclamou Shoemaker sem fôlego. — Estão vendo o Lady Wexham?

— Acabaram de decolar, Tom.

— E por que não estamos junto com eles a bordo?

— Pergunta idiota, porque...

— Diabos, são nossos barcos! Por que não estamos nesses malditos aviões? — Shoemaker corria de um lado para o outro como um maluco. — O que está acontecendo com o Lady Wexham?

— Precisamos aguardar.

— Aguardar? não podemos aguardar! Vou até lá.

— O que é isso, como vai até lá?

— Bem, lá fora ainda tem uma zodiac, não é? Podemos pegar a Devilfish e dar uma olhada.

— Está doido? — gritou um dos skippers. — não ouviu o que Leon contou? isso é assunto para a guarda costeira.

— Mas não tem nenhuma merda de guarda costeira aqui! — gritou Shoemaker.

— Quem sabe o Lady Wexham não consiga se salvar. Leon disse que...

— Quem sabe, quem sabe! Eu vou!

— Chega! — Davie levantou as mãos. Ele lançou um olhar de advertência Para Shoemaker. — Tom, não quero colocar mais vidas em risco, se for possível.

— Vocênão quer colocar o seu barco em risco — rosnou Shoemaker, provocativo.

— Vamos aguardar notícias dos pilotos. Depois decidiremos o que fazer.

— Essa já não é uma decisão correta!

Davie não respondeu. Girou os botões do seu receptor e tentou entrar em contato com os pilotos dos hidroaviões, enquanto Anawak esforçava-se por convencer as pessoas a saírem da loja. Volta e meia sentia os joelhos tremerem e uma certa tonteira. Devia estar em estado de choque. Daria tudo para deitar-se e fechar os olhos por um instante, mas provavelmente voltaria a ver Susan Stringer sendo puxada para o fundo do mar pela orca.

A mulher que devia sua vida a Stringer estava desmaiada num banco ao lado da entrada. Anawak não pôde evitar, olhava-a cheio de ódio. Sem ela, Stringer teria conseguido. O homem que haviam salvado estava ao seu lado e chorava baixinho. Ao que parecia, tinha perdido a filha, que também estivera na Blue Shark. Alicia Delaware lhe dava atenção. Apesar de também ter escapado da morte por pouco, parecia surpreendentemente calma. Ao que parecia, um helicóptero estava a caminho para levar os socorridos ao hospital mais próximo, mas no momento realmente não se podia contar com nada nem ninguém.

— Ei, Leon — exclamou Shoemaker. — Vem comigo? Você sabe melhor do que ninguém ao que devemos prestar atenção.

— Tom, você não vai — disse Davie, peremptório.

— Nenhum de vocês, idiotas, jamais deveria voltar para o mar — disse uma voz grossa. — Eu vou.

Anawak virou-se. Greywolf entrara na estação. Passou entre as pessoas que aguardavam e tirou o cabelo longo da testa. Depois de desembarcar Anawak e os outros, permanecera em seu barco para verificar se houvera danos. Imediatamente o silêncio tomou conta da loja. Todos fixaram o olhar no gigante de juba e traje de couro.

— Do que está falando? — perguntou Anawak. — Aonde você vai?

— Sair ao encontro do seu navio. Buscar o seu pessoal. Não tenho medo de baleias. Elas não me fazem nada.

Anawak balançou a cabeça, aborrecido.

— Muito nobre da sua parte, Jack, realmente. Mas talvez devesse ficar na sua a partir de agora.

— Leon, homem pequeno. — Greywolf mostrou os dentes. — Se tivesse ficado na minha, a esta altura você estaria morto. Não se esqueça disso. Vocês é que deveriam ter ficado de fora. Desde o início.

— De quê? — chiou Shoemaker. Greywolf baixou os olhos para o diretor.

Da natureza, Shoemaker. Vocês são culpados por todo esse desastre. Vocês

com seus barcos e suas malditas câmeras. Vocês são culpados pela morte da minha equipe e da sua, e das pessoas de quem tiravam dinheiro. Era apenas uma questão de tempo algo assim acontecer.

Seu filho-da-puta! — gritou Shoemaker.

Delaware, ao lado do homem soluçando, olhou para cima e ergueu-se.

— Ele não é filho-da-puta — disse, muito determinada. — Ele nos salvou. E tem razão. Sem ele, agora estaríamos mortos.

Shoemaker parecia querer matar Greywolf. Anawak sabia perfeitamente que deviam a vida ao gigante, ele mais do que ninguém, mas Greywolf já os aborrecera demais no passado. Então

não disse nada. Durante alguns segundos, um silêncio desconfortável tomou conta da loja. Finalmente, o diretor deu meia-volta e aproximou-se de Davie.

— Jack — disse Anawak em voz baixa. — Se sair agora, alguém terá de tirá-lo da água. Seu barco tem, quando muito, valor histórico. não conseguirá repetir essa façanha.

— Quer deixar as pessoas lá fora morrerem?

— não quero deixar ninguém morrer, nem você.

— Oh, está se preocupando comigo. Eu poderia vomitar de comoção. Mas de fato não estava nem pensando no meu barco. Realmente ficou danificado. Vou com o de vocês.

— A Devilfish.

— Isso.

Anawak girou os olhos.

— não posso entregar o meu barco assim, sem mais nem menos. Muito menos a você.

— Então venha comigo.

— Jack, eu...

— Aliás, Shoemaker, aquele ratinho, também pode vir junto. Talvez precisemos de uma isca, já que as orcas finalmente começaram a comer os seus verdadeiros inimigos.

— Você pirou de vez, Jack. Greywolf curvou-se até ele.

— Ei, Leon — chiou. — Minha equipe também morreu lá fora. Você acha que não ligo para isso?

— não precisava tê-los levado.

— não faz sentido discutir sobre isso agora, não é? Trata-se de membros da sua equipe agora. Eu não precisaria sair, Leon. Você deveria ser um pouco mais grato.

Anawak esbravejou. Olhou para as pessoas à sua volta. Shoemaker estava telefonando. Davie, falando no seu walkie-talkie. Os skippers presentes e o diretor tentavam convencer de qualquer jeito as pessoas que ainda restavam na loja a irem embora.

Davie ergueu o olhar e fez um gesto chamando Anawak.

— O que acha da sugestão de Tom? — perguntou em voz baixa. — Temos chance de fazer alguma coisa ou seria suicídio?

Anawak mordeu o lábio. " — O que os pilotos disseram?

— O Lady Wexham virou. Está de lado e enchendo de água.

— Meu Deus.

— Aparentemente, a guarda costeira de Victoria decidiu enviar um helicóptero para salvamento. Mas duvido que cheguem a tempo. Estão cheios de trabalho, e o tempo todo acontece algo novo.

Anawak refletiu. A idéia de retornar ao inferno do qual acabara de escapar assustava-o. Mas jamais se perdoaria por não ter tentado de tudo para salvar as pessoas a bordo do Lady Wexham.

— Greywolf quer ir junto — disse baixinho.

— Jack e tom num barco? Meu Deus do céu. Achei que quiséssemos resolver problemas, não criar novos.

— Greywolf poderia resolver alguns. O que passa pela sua cabeça é outro assunto, mas ele pode nos ajudar. Ele é forte e corajoso.

Davie acenou a cabeça com ar sombrio.

— Mantenha os dois separados, ouviu?

— Claro.

— Se perceberem que é inútil, retornem. não quero ninguém bancando o herói aqui.

— Está bem.

Anawak foi até Shoemaker, esperou até que terminasse a sua conversa e comunicou-lhe a decisão de Davie.

— Vamos levar este índio-em-horas-de-lazer conosco? — disse Shoemaker, indignado. — Está maluco?

— Me parece mais que ele nos levará.

— No nosso barco!

— Você e Davie são os chefes. Mas eu sei o que nos aguarda. Tenho uma idéia mais precisa do que irá nos acontecer. E sei que ficaremos muito aliviados com a presença de Greywolf.

A Devilfish tinha o mesmo tamanho e a mesma potência da Blue Shark, ou seja, era ágil e veloz. Assim, Anawak esperava que conseguissem enganar as baleias.

Os mamíferos marinhos continuavam com vantagem no efeito surpresa, ninguém podia dizer quando e onde apareceriam.

Enquanto a zodiac atravessava a enseada, os pensamentos de Anawak giravam em torno do porquê. Sempre acreditou saber muito sobre os animais. Agora estava totalmente perplexo e sem condições de encontrar uma explicação mais ou menos razoável. A única correlação que conseguia fazer era com o incidente do Barrier Queen. Ali, aparentemente algumas baleias também tentaram virar barcos. Devem estar infectadas com alguma coisa, pensou. Uma espécie de raiva. Só podia ser isso, algo as tornara doentes.

Mas uma doença atacando logo várias espécies? Jubartes, orcas e baleias— cinzentas, até onde se lembrava, também haviam participado dos golpes. Quanto mais pensava nisso, mais convencido estava de que não fora uma jubarte, mas sim uma baleia-cinza, que virara a sua zodiac.

Os animais teriam enlouquecido de tantos químicos? As altas concentrações de PCB na água do mar e os alimentos envenenados teriam confundido os seus instintos? Mas as orcas se envenenavam com os salmões contaminados e com outros seres vivos intoxicados. Já as baleias-cinzentas e as jubartes alimentavam-se de plâncton. Seu metabolismo era diferente dos carnívoros.

Não podia ser raiva.

Ele olhou para a superfície reluzente da água. Quantas vezes passara por aqui, animado por encontrar os gigantescos mamíferos marinhos. Sempre esteve consciente dos perigos em potencial, sem jamais ter sentido medo. Em mar aberto, podia surgir uma neblina repentina. O vento podia girar e varrer ondas maliciosas que jogavam os barcos contra os recifes — em 1998, morreram um skipper e um turista no Clayoquot Sound por isso. E, naturalmente, mesmo com toda a sua simpatia, as baleias continuavam sendo criaturas imprevisíveis de força e tamanho impressionantes. Todo observador de baleias experiente sabia a que força elementar se expunha.

Mas era absurdo temer a natureza.

As pessoas precisavam temer serem assaltadas por outras pessoas em sua casa ou serem atropeladas por um carro na rua, e era praticamente impossível escapar disso. Agora, escapar de uma

baleia agressiva não era problema algum, desde que se evitasse penetrar no seu habitat. Se ainda assim alguém o fizesse, estaria aceitando o perigo como algo absolutamente natural e autêntico. Tempestades, ondas altas como casas e animais não eram tão assustadores quando Procurados por vontade própria. O medo abria espaço para o respeito, e Anawak sempre tivera o maior respeito possível.

Pela primeira vez, sentira medo.

Hidroaviões passavam por cima da veloz Devilfish, Anawak estava com Shoemaker no comando, O diretor não permitiu que outra pessoa guiasse o barco, apesar de Greywolf protestar diversas vezes e afirmar que o faria melhor. Agora Greywolf estava sentado na proa, procurando por sinais suspeitos na superfície da água. À sua esquerda, aproximavam-se algumas penínsulas arborizadas de pequenas ilhas. Algumas focas preguiçosas sobre as pedras não davam a impressão de que seria possível incomodar sua tranqüilidade. A zodiac passou voando, sem reduzir a velocidade, as rochas e as árvores ficaram para trás, e o mar abriu-se à sua frente. Infinito, monótono, familiar e, ao mesmo tempo, desconhecido.

Do lado de fora da enseada protegida, as ondas estavam maiores. A zodiac batia nelas com força. O mar ficara mais agitado na última meia hora. No horizonte, formavam-se nuvens. não chegava a parecer uma tempestade, mas o tempo estava piorando rapidamente, o que era típico da região. Provavelmente uma frente fria se aproximava. Anawak procurou o Lady Wexham. Num primeiro instante, temeu que tivesse afundado. Em compensação, a certa distância avistou um dos navios de cruzeiro que, nessa época, passavam pelo oeste canadense em direção ao Alasca.

— O que eles estão fazendo aqui? — gritou Shoemaker.

— Provavelmente escutaram os gritos de socorro. — Anawak olhou através dos binóculos. —MSArktik. De Seattle. Eu os conheço. Passaram diversas vezes por aqui nos últimos anos.

— Leon! Ali!

Pequena e torta, quase irreconhecível entre as cristas de ondas que subiam e desciam, repentinamente surgiu a parte superior do Lady Wexham. A maior parte do navio estava

submersa. Na ponte, localizada na parte anterior, assim como na plataforma de observação na popa, aglomeravam-se as pessoas. A espuma que espirrava piorava a visibilidade. Várias orcas contornavam os destroços. Pareciam aguardar o afundamento do Lady Wexham, para depois atacarem os passageiros.

— Meu Deus do céu — gemeu Shoemaker, horrorizado. — É inacreditável.

Greywolf virou-se para eles e fez sinal para diminuírem a velocidade. Shoemaker reduziu a lancha. Um dorso cinza sulcado saiu da água imediatamente à frente deles, e outros dois seguiram. As baleias permaneceram na superfície durante alguns segundos, soltaram um esguicho em forma de "V" e mergulharam sem mostrar as suas nadadeiras caudais.

Anawak suspeitou de que se aproximavam por debaixo d'água. Literalmente pressentiu a ameaça de ataque.

— Vamos embora! — gritou Greywolf.

Shoemaker acelerou com tudo. A Devilfish empinou-se e disparou. Atrás deles, as baleias atiraram-se para fora d'água, maciças e escuras, e caíram de volta sem causar estragos. A zodiac aproximava-se em velocidade máxima do Lady Wexham, que continuava afundando. Já podiam reconhecer algumas pessoas acenando para eles no convés e na ponte. Ouviam-se gritos. Aliviado, Anawak percebeu que entre os sobreviventes também estava o skipper. As nadadeiras pretas pararam de contornar o navio e mergulharam.

— Logo estarão na nossa cola — disse Anawak.

— Orcas? — Shoemaker olhou para ele de olhos arregalados. Parecia começar a entender o que realmente estava acontecendo aqui fora. — O que querem fazer? Virar a zodiac?)

— Até poderiam, mas as grandes resolvem o estraçalhamento. Os animais parecem ter desenvolvido uma certa divisão de tarefas. As baleias-cinzentas e as jubartes afundam os barcos, e as orcas acabam com os passageiros.

Shoemaker empalideceu e fitou-o. Greywolf apontou para o cruzeiro.

— Vamos receber ajuda — gritou.

De fato, duas pequenas lanchas soltaram-se da MS Arktik e, lentamente, aproximavam-se.

— Diga a eles que acelerem ou caiam fora, Leon — gritou Greywolf. — Nessa velocidade, serão alvos fáceis.

Anawak pegou o rádio:

— MS Arktik. Aqui é a Devilfish. Cuidado com os ataques. Durante alguns segundos, tudo ficou em silêncio. A Devilfish quase alcançou

o Lady Wexham. Seu casco batia nas ondas.

— Aqui é o MS Arktik. O que pode acontecer, Devilfish?

— Prestem atenção nas baleias saltando. Os animais tentarão afundar seus barcos.

— Baleias? Do que está falando?

— É melhor retornarem.

— Recebemos um chamado de socorro para um navio que teria afundado. Anawak cambaleou no momento em que a zodiac bateu na crista de uma onda. Recuperou o equilíbrio e gritou no rádio:

— não temos tempo para discussões. De qualquer forma, precisam aumentar a velocidade.

— Ei, estão de sacanagem? Estamos indo em direção ao navio que está afundando. Fim.

Na proa, Greywolf começou a gesticular.

Precisam sair daqui imediatamente! — gritou.

As orcas mudaram de rumo. Pararam de aproximar-se da Devilfish e passaram a nadar para fora, diretamente em direção ao MS Arktik.

— Mas que merda — praguejou Anawak.

Logo à frente dos barcos que se aproximavam, uma jubarte atirou-se para fora d'água, envolta por uma coroa de água cintilante. Por um instante, permaneceu imóvel no ar e depois tombou para o lado. Anawak inspirou com força. Através da espuma que caía, viu os dois barcos intactos se aproximando.

— MS Arktik! Chamem seus tripulantes de volta. Imediatamente! Nós resolvemos isso daqui.

Shoemaker reduziu o motor. Agora a Devilfish estava flutuando imediatamente em frente à ponte inclinada do Lady Wexham. Aproximadamente uma dúzia de homens e mulheres encharcados estavam amontoados sobre ela. Cada um segurava-se onde podia, procurando desesperadamente não escorregar. As ondas quebravam na ponte, espumantes. Um segundo grupo salvara-se na plataforma de observação da popa. Estavam pendurados como macacos nos balaústres, chacoalhados pelas ondas.

Lentamente, a Devilfish aproximou-se entre a ponte e a plataforma. Abaixo da zodiac, o convés central reluzia branco-esverdeado sob a água. Shoemaker guiou o barco em direção à ponte até encostar na proteção de borracha. Uma gigantesca onda pressionou o barco para cima. Subiram ao longo da estrutura da ponte como num elevador. Durante um instante, Anawak quase conseguiu tocar as mãos estendidas das pessoas. Viu os seus rostos assustados, um misto de pavor e esperança, e então a Devilfish caiu novamente. Gritos de decepção seguiram-na.

— Vai ser difícil — disse Shoemaker, apertando os dentes.

Anawak olhou à sua volta, nervoso. Aparentemente, as baleias haviam perdido o interesse pelo Lady Wexham. Reuniam-se lá fora em torno dos barcos do MS Arktik, que faziam indecisas manobras de desvio.

Precisavam ser rápidos. não podiam esperar que os animais ficassem eternamente afastados, e o Lady Wexham estava afundando cada vez mais rápido. Greywolf abaixou-se. Uma onda verde e escarpada tornou a levantar a Devilfish. Anawak viu a tinta descascada da torre da ponte passar por ele. Greywolf saltou do barco e agarrou-se com uma mão numa escada. Ficou coberto de água até o peito até a onda passar e depois permaneceu pendurado no ar, uma conexão viva entre as pessoas acima dele e a zodiac. Esticou o braço livre para cima.

— Nos meus ombros — gritou. — Um atrás do outro. Segurem em mim! » aguardem até o barco subir e pulem!

As pessoas hesitaram. Greywolf repetiu as instruções. Finalmente uma mulher pegou o seu braço e deslizou para baixo

com movimentos inseguros. NO próximo instante, estava sentada nas costas do gigante, agarrada aos seus ombros.

A zodiac disparou para cima. Anawak conseguiu segurar a mulher e puxou-a para dentro. i

O próximo!

Finalmente a ação de salvamento entrou num ritmo. Um após outro alçava-se sobre as costas largas de Greywolf para dentro da Devilfish. Anawak perguntou-se durante quanto tempo o meio-índio ainda agüentaria segurar-se na escada. Ele sustentava o seu próprio peso e o dos passageiros com apenas uma mão, sempre afundando pela metade na água, que o sacudia para todos os lados, quando o mar despencou. A ponte gemeu e chiou terrivelmente. Um suspiro profundo ressoou do seu interior enquanto o material se deformava. As juntas de aço estouraram. Só restava o skipper na ponte, quando, de repente, ouviu-se um estrondo terrível. A ponte fora atingida. O tronco de Greywolf bateu fortemente contra a parede. O skipper perdeu o equilíbrio e passou voando por Greywolf. Do outro lado do navio, a cabeça de uma baleia-cinzenta ergueu-se das ondas. Greywolf soltou os degraus da escada e pulou para trás. não muito longe dele, o skipper emergiu sem fôlego e alcançou a zodiac com algumas braçadas fortes. Várias mãos estenderam-se em sua direção, puxando-o para dentro. Greywolf também tentou alcançar o bordo da lancha, mas não conseguiu e foi carregado por uma onda.

A alguns metros atrás dele uma nadadeira curvada emergiu da água.

— Jack!

Anawak empurrou as pessoas e correu para a popa. Seu olhar percorreu as ondas. A cabeça de Greywolf surgiu no meio delas. Ele cuspiu água, mergulhou e, bem próximo à superfície, nadou rapidamente em direção à Devilfish. A nadadeira da orca imediatamente mudou a direção e seguiu-o. Os braços musculosos de Greywolf ergueram-se e bateram no casco de borracha. A orca colocou a cabeça redonda e brilhante para fora d'água. Ela o estava alcançando. Anawak segurou-o, outras pessoas também ajudaram. De forças unidas, jogaram o homem de dois metros de altura para

dentro do barco. A nadadeira deu meia-volta e foi embora na direção contrária. Greywolf esbravejou longamente, livrou-se das mãos salvadoras e jogou o cabelo comprido para trás.

Por que a orca não o atacara?, pensou Anawak.

Não tenho medo de baleias. Elas não me fazem nada.

Será que essa besteira tinha algum fundamento?

Depois compreendeu que a orca não tivera como atacá-lo. O convés central fundado abaixo da zodiac tornara a água rasa demais. Nas proximidades da evilfish estavam protegidos das orcas, desde que estas não imitassem seus parentes sul-americanos e continuassem a caça em águas rasas ou até no seco.

Até o Lady Wexham afundar totalmente ainda restava um tempo que precisavam aproveitar de qualquer jeito.

Um grito coletivo ressoou.

Uma baleia cinza gigantesca jogara-se em cima de um dos barcos do MS Arktik, que se aproximava. Voaram destroços para todos os lados. O outro barco acelerou, fez uma curva e fugiu enquanto era tempo. Anawak fixou o olhar no local onde a baleia puxara o barco para dentro d'água. Apavorado, percebeu que vários dorsos cinza aproximavam-se do local do desastre, em direção à Devilfish.

Agora é a nossa vez, pensou.

Shoemaker estava paralisado. Seus olhos pareciam querer saltar das órbitas.

— Tom! — gritou Anawak. — Precisamos tirar as pessoas da popa.

— Shoemaker! — Greywolf mostrou os dentes. — O que foi? Perdeu a noção?

Trêmulo, o diretor pegou o timão e guiou a Devilfish em direção à plataforma de observação. Uma onda levantou a zodiac, puxou-a de volta e imediatamente jogou-a em direção à plataforma. A proa da Devilfish chocou-se fortemente com os balaústres onde se agarravam os náufragos. Do fundo ouviu-se o lamento do material sobrecarregado. Anawak imaginou o casco rachando e as estruturas continuarem se rompendo. Shoemaker

estava ofegante. não conseguia posicionar a Devilfish debaixo da balaustrada de tal forma que as pessoas pudessem pular a bordo.

Os dorsos cinza moviam-se em direção ao Lady Wexham, diretamente em rota de colisão. Mais uma vez o navio foi atingido por um solavanco terrível. Uma mulher foi jogada da balaustrada e caiu na água aos gritos.

— Shoemaker, seu imbecil! — gritou Greywolf.

Vários passageiros juntaram-se e puxaram a mulher que se esperneava para dentro. Anawak perguntou-se quanto tempo o barco de passeio destruído agüentaria essa nova onda de ataques. A essa altura, o Lady Wexham afundava numa velocidade ainda maior.

Não vamos conseguir, pensou, desesperado.

No mesmo instante aconteceu algo estranho.

De ambos os lados do navio, dois dorsos impressionantes ergueram-se das ondas. Anawak logo reconheceu um deles. Tinha uma fileira de cicatrizes brancas e cruzadas por cima da coluna vertebral. Eles chamavam o animal, que se ferira na juventude, de Scarback. Scarback era uma baleia-cinzenta muito velha, que há muito ultrapassara a idade média de sua espécie. O dorso da outra baleia não apresentava nenhuma característica significativa. Ambos os animais boiavam tranqüilamente na água e deixavam-se balançar pelas ondas. O esguicho de uma, depois o da outra baleia soltaram-se num estouro. Nuvens de minúsculas gotículas voaram em direção ao barco.

Estranho não era tanto o aparecimento das duas baleias-cinzentas, mas a ação das outras. Elas submergiram imediatamente. Quando seus dorsos emergiram novamente, já tinham se afastado um bom pedaço. Em compensação,

algumas orcas tinham voltado a rodear o navio, mas sempre mantendo uma distância de segurança.

Alguma coisa dizia a Anawak que não precisavam temer os recém-chegados. Pelo contrário. As duas baleias tinham dispersado os agressores. não se sabia por quanto tempo duraria a paz, mas a inesperada virada dera-lhes uma trégua. Até mesmo Shoemaker dominou seu pânico. Dessa vez, guiou a zodiac com precisão para

debaixo da balaustrada. Anawak viu uma onda gigantesca aproximando-se e preparou-se. Se não conseguissem agora, estariam perdidos.

A zodiac disparou para cima.

— Pulem! — gritou. — Agora!

A onda passou por debaixo da Devilfish, Ela despencou. Algumas pessoas pularam atrás da zodiac. Caíam umas sobre as outras, ouviam-se gritos de dor. Quem caiu na água rapidamente conseguiu entrar no barco com a ajuda dos passageiros, até todos estarem novamente juntos.

Agora era cair fora.

Não, ainda não haviam pulado todos. O vulto solitário de um garoto estava sentado na balaustrada. Ele chorava, as mãos agarradas no corrimão.

— Pule! — gritou Anawak. Ele abriu os braços. — não tenha medo. Greywolf foi para o seu lado.

— Na próxima onda eu o busco.

Anawak olhou por cima dos ombros. Uma montanha de água gigantesca rolava em sua direção.

— Acho — disse — que não precisará esperar muito.

Das profundidades voltaram a ressoar barulhos de destruição. As duas baleias lentamente afundaram para baixo da superfície. O navio encheu-se de água cada vez mais rápido. A água gargarejava e espumava, e subitamente a ponte desapareceu num turbilhão, e a popa ergueu-se. O Lady Wexham começou a afundar com a popa à frente.

— Mais perto! — gritou Greywolf.

De alguma forma, Shoemaker conseguiu seguir a instrução. A proa da Devilfish bateu no convés que estava afundando e em cuja ponta o garoto se agarrava.

chorava alto. Greywolf correu para a popa, empurrando e distribuindo murros. No mesmo instante, a onda levantou a zodiac. Cortinas de espuma derramaram-se sobre a balaustrada. Greywolf inclinou-se para fora e conseguiu alcançar o garoto. A Devilfish balançou, ele perdeu o equilíbrio e caiu entre as fileiras de assentos sem soltar o menino. Seus braços apontavam para o alto como

troncos de árvores. As mãos, enormes como patas, seguravam a cintura do garoto.

Anawak olhou para fora, ofegante.

Turbilhões giraram sobre o local onde a criança estivera pendurada na balaustrada havia poucos segundos. Ele viu o Lady Wexham desaparecer na profundidade, e então a zodiac caiu no próximo vale de onda, o que o fez sentir o estômago como se estivesse numa montanha-russa.

Shoemaker acelerou. Eram ondas compridas e regulares que entravam do Pacífico. não representavam nenhuma ameaça à Devilfish, por mais superlotada que estivesse, desde que o skipper não cometesse nenhum erro agora. Mas Shoemaker parecia recordar os seus melhores dias. O pânico desaparecera de seus olhos. Atiraram-se sobre uma onda em alta velocidade, caíram e rumaram em direção à costa.

Anawak olhou de volta para o MS Arktik. O segundo barco desaparecera. Entre duas ondas, viu uma nadadeira mergulhar. Parecia despedir-se com um aceno irônico. A nadadeira de uma jubarte. Nunca mais conseguiria ver o mergulho de uma nadadeira de baleia sem pensar no pior.

No rádio, reinava o caos.

Alguns minutos depois passaram pelas ilhas que separavam o mar aberto da enseada.

Só mesmo o fato de não ter também perdido a Devilfish podia alegrar Davie nesses minutos após a atracação da zodiac no píer, superlotada como um navio de fugitivos. Os nomes dos desaparecidos foram anunciados em voz alta. Algumas pessoas sucumbiram. Em seguida, a Estação Baleeira esvaziou-se tão rápido quanto enchera. Praticamente todos estavam com hipotermia, portanto a maioria foi levada a um ambulatório próximo por amigos e parentes. Outros estavam seriamente feridos, mas a chegada de um helicóptero para o transporte até o hospital em Victoria era imprevisível. As chamadas de horror nos rádios prosseguiram.

Davie precisou aturar perguntas desagradáveis, acusações, suspeitas e até ameaças de espancamento, caso os passageiros não retornassem ilesos. Uma hora Roddy Walker, o namorado de

Stringer, apareceu e gritou, dizendo que o seu advogado entraria em contato. Ninguém parecia estar muito interessado no culpado por todos os acontecimentos. Surpreendentemente, a explicação mais simples não foi aceita por praticamente ninguém: que as baleias haviam atacado sem motivo algum. Baleias não faziam uma coisa dessas. Baleias eram pacíficas. Baleias eram os humanos melhorados. Os turistas de Tofino manifestaram-se contra os observadores de baleias, como se eles tivessem acabado com os passageiros da Blue Shark e do Lady Wexham com as próprias mãos: idiotas, que correram risco desnecessário com barcos velhos. De fato, o Lady Wexham já tinha muitos anos às costas, o que não prejudicava nem um pouco a sua navegabilidade. Mas ninguém queria ouvir falar disso naquele momento.

Pelo menos a tripulação e a maior parte dos passageiros foram trazidas de volta. Muitas pessoas agradeceram espontaneamente a Shoemaker e Anawak, mas Greywolf foi comemorado como verdadeiro herói. Estava em todos os lugares ao mesmo tempo, falava, escutava, organizava e oferecia-se para acompanhar feridos até o ambulatório. Vendeu-se como bom homem de tal forma que Anawak passou mal: uma mutação de dois metros de altura da Madre Teresa.

Anawak amaldiçoou-o. Precisava cuidar de outros assuntos e sentiu a situação fugindo-lhe do controle.

Naturalmente, Greywolf arriscara a vida. Naturalmente, precisavam agradecer-lhe. Até de joelhos. Mas Anawak não sentia a menor vontade de fazer isso. Estranhava profundamente esse altruísmo repentino. O empenho de Greywolf pelas pessoas no Lady Wexham, disso Anawak tinha certeza, provinha bem menos de impulsos humanitários do que aparentava. Na realidade, o dia fora perfeito para ele. Agora todos acreditavam e confiavam nele. Nele, que previu um final trágico para o turismo de baleias, mas ninguém quisera ouvir, e agora isso! Ele não avisara? Quantas testemunhas não apareceriam voluntariamente para confirmar as premonições alucinadas de Greywolf?

Não havia palco melhor para ele.

Anawak sentiu seu ódio crescer incontrolavelmente. Mal-humorado, entrou na loja vazia. Eles precisavam descobrir a razão desse comportamento dos animais! Seus pensamentos voltaram ao Barrier Queen. Roberts ficara de enviar-lhe o relatório. Agora era mais necessário do que nunca. Foi até o telefone, ligou para a informação e solicitou uma ligação para a companhia de navegação.

A secretária de Roberts atendeu. Seu chefe estaria numa reunião e não poderia ser incomodado. Anawak fez referência ao seu papel na inspeção do Barrier Queen e demonstrou uma certa urgência. A mulher insistiu que a reunião de Roberts seria mais urgente. Sim, ela ouvira falar do desastre das últimas horas. Era terrível. Consternada, informou-se sobre o bem-estar de Anawak, expressou uma preocupação maternal e continuava não liberando Roberts. Poderia dar um recado?

Anawak hesitou. Roberts prometera-lhe o relatório a quatro olhos, e ele não queria causar problemas para o diretor. Talvez fosse melhor deixar a mulher fora disso. Teve uma idéia.

É sobre os mexilhões que estavam presos à proa do Barrier Queen — disse. — Mexilhões e, provavelmente, outras substâncias orgânicas e formas de vida. Tínhamos enviado parte daquilo para o instituto em Nanaimo. Estão precisando de reforço.

— Reforço?

— Mais amostras. Acredito que, nesse ínterim, o Barrier Queen tenha sido inteiramente examinado.

— Sim, claro — disse num tom estranho.

— Onde o navio está agora?

— No estaleiro. — Fez uma rápida pausa. — Direi ao Sr. Roberts que é urgente. Para onde devemos enviar as amostras?

— Para o instituto. Aos cuidados da Dr. Sue Oliviera. Muito obrigado. Você é muito gentil.

— O Sr. Roberts entrará em contato assim que puder. — A ligação caiu. Era evidente que ela desejava livrar-se dele.

O que significava isso agora?

De repente, seus joelhos começaram a tremer. A tensão das últimas horas abria espaço ao esgotamento deprimido. Encostou-se

no balcão e fechou os olhos por um instante. Quando os abriu novamente, viu Alicia Delaware à sua frente.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, mal-humorado. Ela deu de ombros.

— Estou bem. não preciso de atendimento médico.

— Precisa, sim. Você caiu na água, e a água é muito fria aqui. Vá até o ambulatório antes que também nos responsabilizem pela sua cistite. Ei! — Olhou furiosa para ele. — Eu não lhe fiz nada, está bem?

Anawak saiu do balcão. Virou-lhe as costas e foi até a janela de trás. Do lado de fora, a Devilfish estava ancorada no cais como se nada tivesse acontecido. Começara a chover.

— Aliás, que besteira foi aquela de último dia na ilha de Vancouver? — perguntou. — Eu nem poderia tê-la levado. Acabei cedendo porque você me encheu os ouvidos.

— Eu... — Hesitou. — Bem, é que eu queria ir junto de qualquer jeito. Está bravo por isso?

Anawak virou-se.

— Detesto ser enganado.

— Sinto muito.

— Sente nada. Mas tanto faz. Por que não desaparece e nos deixa trabalhar? — Franziu os lábios. — Vá com Greywolf. Ele protegerá todos vocês.

— Meu Deus, Leon! — Aproximou-se, e ele recuou. — Eu queria muito sair com você. Sinto muito ter mentido para você. Está certo, ainda Vou ficar algumas semanas por aqui, e não sou de Chicago, mas estudo biologia na Universidade da Colúmbia Britânica. E daí? Achei que no fim você acharia graça das mentirinhas...

— Graça?—gritou Anawak.—Ficou maluca? Qual é a graça de ser sacaneado?

Ele sentiu os nervos à flor da pele, mas não conseguiu deixar de gritar com ela mesmo ela tendo razão. não lhe fizera nada. Nem um pouquinho.

Delaware recuou assustada.

— Leon...

Licia, por que simplesmente não me deixa em paz? Caia fora.

Ele esperou que ela fosse embora, mas Alicia não se mexeu. Continuou parada à sua frente. Anawak sentiu-se anestesiado. Tudo girava a sua volta. Por um instante, achou que suas pernas pudessem ceder, e de repente voltou a ver as coisas com clareza e notou que Delaware estendia-lhe algo.

— O que é isso? — rosnou.

— Uma câmera de vídeo.

— Estou vendo.

— Pegue-a.

Ele estendeu o braço, pegou a câmera e olhou para ela. Era uma handycam da Sony bastante cara, dentro de um case à prova d'água. Tanto turistas quanto cientistas utilizavam essas proteções rígidas para proteger a câmera contra a água.

— E daí?

Delaware afastou as mãos.

— Achei que vocês quisessem descobrir o porquê disso tudo.

— não sei o que isso lhe interessa.

— Pare de descarregar seu aborrecimento em mim! — gritou com ele. — Quase morri lá fora, e isso foi há poucas horas. Eu poderia estar chorando no seu ambulatório de merda, entretanto estou tentando ajudar. Querem ou não querem saber?

Anawak inspirou profundamente.

— Está bem.

— Viu que animais atacaram o Lady Wexham?

— Sim, baleias-cinzentas e jubartes...

— não. — Delaware sacudiu a cabeça, impaciente. — não que espécies. Que indivíduos Conseguir identificá-los?

Foi tudo rápido demais.

Ela sorriu. não foi um sorriso alegre, mas ao menos um sorriso. — A mulher que puxamos da água estava comigo na Blue Shark. Está em estado de choque. Totalmente apática. Mesmo assim, quando quero uma coisa não desisto...

— Isso é verdade.

— vi esta câmera pendurada no seu pescoço. Estava bem presa, por isso não se perdeu na água. De qualquer forma, quando vocês saíram, pude conversar um pouco com ela. Ela filmou o tempo inteiro! Até mesmo quando Greywolf se aproximou. Ela estava muito impressionada com ele, então, naturalmente, continuou filmando. — Fez uma pausa. — Se bem me recordo, de onde estávamos víamos o Lady Wexham exatamente atrás de Greywolf.

Anawak acenou a cabeça. De repente entendeu aonde Delaware queria chegar.

— Ela filmou o ataque — disse ele.

— E, principalmente, as baleias que atacaram o navio. não sei o quanto você é bom na identificação de baleias, mas vive aqui e conhece os animais. E um vídeo não tem pressa.

— Você, de propósito, se esqueceu de perguntar se poderia ficar com a câmera. — suspeitou Anawak.

Ela levantou o queixo e olhou para ele, desafiante.

— E daí?

Ele virou a câmera nas mãos.

— Está bem. Vou assistir.

— Nós vamos assistir — disse Delaware. — Quero participar dessa história toda. E, pelo amor de Deus, não me pergunte por quê. Simplesmente tenho esse direito, está bem?

Anawak fitou-a.

— Além disso — acrescentou ela —, a partir de agora você deverá me tratar bem.

Lentamente soltou o ar e, com os lábios apertados, observou a câmera. Tinha de admitir que a idéia de Delaware fora a melhor de todas até agora.

— Vou tentar — murmurou.

**12 de abril**

**TRONDHEIM, NORUEGA**

Johanson recebeu o convite quando estava arrumando suas coisas para viajar para o lago.

Após seu retorno de Kiel, falara a Tina Lund dos experimentos no simulador de águas profundas. Fora uma conversa rápida. Lund estava envolvida com uma série de projetos e passava o tempo que lhe restava com Kare Sverdrup. Johanson teve a impressão de que ela estava com a cabeça em outro lugar. Algo não relacionado ao trabalho parecia preocupá-la, mas ele foi discreto e evitou perguntar a respeito.

Alguns dias depois Bohrmann ligou para passar-lhe as mais novas informações. Em Kiel, continuavam sendo feitos experimentos com os vermes. Johanson, que já tinha arrumado as malas e estava prestes a deixar a casa, decidiu fazer mais uma ligação e deixar Lund a par das novidades, mas ela nem o deixou falar. Dessa vez, parecia mais bem-humorada.

— Você não pode vir para cá daqui a pouco?

— Para onde? O instituto?

— Não, para o centro de pesquisas da Statoil. Os diretores de projeto estão aqui. Vieram de Stavanger.

— E o que quer que eu faça? Contar-lhes histórias de terror?

— Disso eu já me encarreguei. Agora estão querendo saber dos detalhes. Sugeri que você os apresentasse.

— E por que justamente eu?

— E por que não?

— Vocês têm os relatórios em mãos — disse Johanson. — Aos montes. Eu também só posso informar o que outros descobriram.

— Pode mais do que isso — disse Lund. — Pode... expressar os seus sentimentos.

Johanson ficou sem reação por um instante.

— Eles sabem que você não é nenhum especialista em perfuração de petróleo e tampouco um verdadeiro especialista em vermes ou algo do gênero —

Proseguiu, apressada. — Mas tem uma fama exemplar na NTNU, é neutro e não tão parcial como nós. Não tem jeito, nós

julgamos de outro ponto de vista. — Vocês julgam do ponto de vista da possibilidade de realização.

— não só! Veja, a Statoil reúne um monte de pessoas, sendo que cada uma entende melhor de um certo assunto...

— Nerds.

— De forma alguma! — Parecia aborrecida. — com nerds é impossível realizar esse tipo de negócio. Acontece que todos são especializados demais. Estamos nos afogando, meu Deus, como devo dizer... É que precisamos de mais opiniões de fora.

— não entendo muito do seu negócio.

— Naturalmente, ninguém o está obrigando. — Lund começou a ficar irritada. — Se preferir, deixe para lá.

Johanson girou os olhos.

— Está bem. não pretendo deixá-la na mão. Realmente tenho algumas novidades de Kiel e...

— Posso entender isso como um sim?

— Sim. Em nome de Deus. Quando será esse encontro?

— Haverá vários encontros nos próximos dias. Na realidade, estamos juntos o tempo todo.

— Então está bem. É sexta-feira. Viajarei no fim de semana, e na segunda-feira poderia...

— Isso é... — Ela hesitou. — Na realidade...

— Pois não? — disse Johanson, esticando as palavras, presentindo o pior.

— O que fará no fim de semana? — perguntou Lund, como quem não quer nada. — Irá para o lago?

— Parabéns, acertou. Quer vir comigo? Ela riu.

— Por que não?

— Opa! E o que o Kare acha disso?

— não estou nem aí. O que deve achar? — Calou-se por um segundo. — Diabos!

— Ai, se você fosse tão boa em tudo como é no seu trabalho — disse Johanson, em voz tão baixa que não teve certeza se ela o escutara.

— Sigur, por favor! não pode adiar o seu passeio? Nos encontraremos daqui a duas horas, e eu pensei... já que não é

longe daqui, e também não levará muito tempo. Rapidamente estará livre e poderá viajar ainda hoje à noite.

— Eu...

— Precisamos adiantar o assunto. Já temos um cronograma, e você sabe o quanto custa isso tudo, e agora já temos os primeiros atrasos só porque...

— Mas eu vou!

— Você é um amor.

— Quer que a busque?

— não, estarei lá. Ah, como estou contente. Obrigada! Você é mesmo um amor. — Desligou,

Johanson olhou para a sua mala pronta, triste.

Quando entrou na grande sala de conferências do centro de pesquisas da Statoil, era nítida a tensão no ar. Lund estava sentada a uma grande mesa preta lustrada na companhia de três homens. O sol da tarde iluminava e conferia algo de caloroso à decoração com vidro, aço e tons escuros. As paredes estavam praticamente todas cobertas por complicados diagramas e desenhos técnicos.

— Aqui está ele — disse a recepcionista e entregou Johanson como se fosse um pacote de Natal. Um dos homens levantou-se e foi em sua direção, estendendo-lhe a mão. Tinha o cabelo preto curto e usava óculos modernos.

— Thor Hvistendahl, vice-diretor do centro de pesquisas da Statoil — apresentou-se. — Desculpe-nos por tomarmos o seu tempo de uma hora para outra, mas a Sra. Lund nos garantiu que o senhor não teria nada programado.

Johanson lançou um olhar inconfundível para Lund e apertou a mão direita estendida.

— De fato, não tinha nada programado — disse.

Lund riu baixinho. Apresentou-lhe os homens, um atrás do outro. Como Johanson esperava, um deles viera da central da Statoil em Stavanger, um cara robusto de cabelos vermelhos e olhos claros e simpáticos. Representava a diretoria executiva e fazia parte do comitê executivo.

— Finn Skaugen — disse com voz grossa ao apertar a mão do outro.

O terceiro homem, um careca de olhar sério e fortes rugas em torno dos lábios, o único de gravata, era o chefe direto de Lund. Chamava-se Clifford Stone, era escocês e diretor desse novo projeto de exploração. Stone acenou a cabeça friamente para Johanson. não parecia muito contente com a presença do biólogo, mas a preocupação personificada podia perfeitamente ser parte da sua fisionomia natural. Nada indicava que ele nunca sorrisse.

Johanson disse algumas gentilezas, rejeitou um café e sentou-se. Hvistendahl Pegou uma pilha de papel.

— Vamos direto ao assunto. O senhor conhece a situação. não conseguimos avaliar se estamos com sérios problemas ou se é preocupação excessiva. Provavelmente conhece algumas das determinações que a extração de petróleo Precisa seguir?

— Conferência do Mar do Norte — arriscou Johanson. Hvistendahl acenou a cabeça afirmativamente.

— Entre outras. Precisamos nos sujeitar a uma série de restrições, legislação ambiental, restrições técnicas, mas também a opinião pública. Em outras palavras, consideramos tudo e todos. O Greenpeace e diversas organizações estão na nossa cola, e é assim que deve ser. Conhecemos os riscos de uma perfuração, temos idéia do que nos aguarda quando queremos extrair petróleo e calculamos um timing correspondente.

— Ou seja, conseguimos nos virar — disse Stone.

— Em geral — acrescentou Hvistendahl. — Pois bem, nem todo empreendimento chega a ser realizado, por motivos que pode ler em todos os lugares. A estrutura dos sedimentos é instável, corremos o perigo de perfurar uma bolha de gás, certas construções não são adequadas para esta ou aquela profundidade, correntezas, tudo isso. Entretanto normalmente sabemos com certa rapidez o que é e o que não é possível. Tina testa os equipamentos na Marintek, extraímos as amostras usuais, damos uma olhada lá embaixo, é feito um relatório, e depois construímos.

Johanson recostou-se e cruzou as pernas.

— Só que desta vez tem verme na história — disse. Hvistendahl forçou um sorriso.

— Pois é.

— Caso esses animais façam alguma diferença — disse Stone, — Na minha opinião, não fazem a menor diferença.

— Como quer saber?

— Porque vermes não são novidade. São encontrados em toda parte.

— Esses, não.

— Por quê? Porque se aumentam de hidrato? — Lançou um olhar desafiante para Johanson. — Sim, mas os seus amigos de Kiel dizem que não há motivo para preocupação. Certo?

— não foi bem isso. Disseram que...

— Que os vermes não podem desestabilizar o gelo.

— Eles comem o gelo.

— Mas não podem desestabilizá-lo!

Skaugen tossiu levemente. Soava como uma erupção.

— Acredito que tenhamos solicitado a presença do Dr. Johanson porque queremos a sua avaliação — disse, olhando de lado para Stone. — E não para dizer-lhe o que pensamos.

Stone mordeu o lábio e fixou o olhar no tampo da mesa.

— Se entendi bem Sigur, já chegaram novos resultados — disse Lund e deu um sorriso motivador para todos.

Johanson acenou a cabeça afirmativamente.

— Posso dar-lhes um breve resumo.

— Malditos animais — rosnou Stone.

— Possivelmente. A Geomar pôs seis deles no gelo, e todos penetraram nele cabeça. Dois outros foram colocados numa camada de sedimentos que não continha hidrato, e eles não fizeram nada. não comeram nada nem perfuraram nada— Outros dois foram colocados sobre um sedimento que não continha hidrato, mas estava localizado sobre uma bolha de gás. Eles não perfuraram nada, mas tiveram um comportamento claramente mais inquieto.

— E o que aconteceu com aqueles que perfuraram o gelo?

— Estão mortos.

— E que profundidade alcançaram?

— Exceto um, todos alcançaram a bolha de gás. — Johanson olhou para Stone, que olhava para ele com a testa franzida. — Mas tudo isso apenas permite tirar conclusões limitadas

a respeito do seu comportamento lá fora. No talude continental, as camadas de hidrato sobre as bolhas de gás têm dezenas a centenas de metros de espessura. As camadas no simulador têm apenas dois metros. Bohrmann acredita que nenhum verme chegaria a mais de três ou quatro metros, mas não podemos comprovar nessas condições.

— Por que os vermes morreram? — perguntou Hvistendahl.

— Precisam de oxigênio, e este se torna muito escasso no buraco estreito.

— Mas outros vermes também perfuram o solo — retrucou Skaugen. E então acrescentou, sorridente: — Como pode ver, também nos informamos um pouco para não fazer papel de completos idiotas na sua frente.

Johanson sorriu de volta. Skaugen era-lhe simpático.

— Esses animais remexem sedimentos — disse. — E sedimentos são fofos. Há oxigênio suficiente lá dentro e, além do mais, praticamente nenhum animal cava tão fundo. Já no hidrato de metano é como se avançassem em cimento. Em algum momento, sufocarão.

— Entendo. Conhece outros animais com esse comportamento?

— Candidatos a suicídio?

— Mas é suicídio? Johanson sacudiu os ombros.

Suicídio pressupõe uma intenção. Vermes não têm intenções. Seu comportamento é condicionado.

— E por acaso existe algum animal que cometa suicídio?

— Claro que há animais que fazem isso — disse Stone. — Os malditos lemingues jogam-se no mar.

Não é verdade — disse Lund. Claro que sim!

Lund colocou a sua mão sobre o seu antebraço.

— não tem nada a ver, Clifford. Durante muito tempo acreditava-se que os lemingues cometiam suicídio coletivo, porque soava elegante. Depois foram observados mais detalhadamente e percebeu-se que eles simplesmente são estúpidos.

— Estúpidos? — Stone olhou para Johanson. — Dr. Johanson, considera uma explicação científica comum chamar um

animal de estúpido?

— Eles são estúpidos — prosseguiu Lund, impassível. — Assim como os humanos são estúpidos quando aparecem em bandos. Os lemingues da frente de fato reconhecem o abismo, mas os de trás os empurram como num show de rock. Eles empurram uns aos outros no mar até a fila acabar.

— Há animais que se sacrificam — disse Hvistendahl. — Deve ser altruísmo.

— Sim, mas altruísmo sempre tem um sentido — retrucou Johanson. — As abelhas levam em conta a morte após a picada, porque a picada serve à proteção da população ou da rainha.

— então não reconhece no comportamento dos vermes nenhuma intenção que faça sentido?

— não.

— Aula de biologia — suspirou Stone. — Pelo amor de Deus! Estão tentando tornar esses vermes uns monstros que impedem a instalação de fábricas em águas profundas. Isso é ridículo!

— E tem mais — disse Johanson, sem dar atenção ao diretor do projeto. — A Geomar gostaria de fazer algumas pesquisas nesse âmbito na área prevista para a exploração de petróleo. Naturalmente em conjunto com a Statoil.

— Interessante. — Skaugen inclinou-se para a frente. — Pretendem enviar alguém?

— Um navio de pesquisas. O Sonne.

— Muito nobre de sua parte, mas eles poderiam fazer as suas pesquisas no Thorvaldson.

— Independentemente, estão planejando uma expedição. Além disso, o Sonne está tecnicamente à frente do Thorvaldson. Gostariam de, principalmente, rever alguns resultados de medições do simulador de águas profundas.

— Que medições?

— Concentrações elevadas de metano. com a sua perfuração, os vermes liberaram um gás para a água. Além disso, gostariam de extrair algumas centenas de quilos de hidrato. Incluindo os vermes. Querem observar tudo em escala maior.

Skaugen acenou a cabeça afirmativamente e cruzou os dedos.

Até agora falamos apenas sobre vermes — disse. — O senhor viu aquela suspeitosa filmagem de vídeo? Aquele troço no mar?

Skaugen deu um sorriso fino.

— Aquilo? Sinceramente, me parece mais um filme de terror. O que acha?

— não sei se os vermes e aquela... criatura têm alguma relação.

— E do que acha que se trata?

— não faço a menor idéia.

— O senhor é biólogo. não há nenhuma indicação provável?

— Bioluminescência. A edição do material de Tina leva-nos a essa conclusão. com isso, excluimos a possibilidade de que se trate de qualquer ser vivo maior. Por si só, qualquer mamífero.

— A Sra. Lund mencionou a possibilidade de ser um peixe da espécie *Aphyonus gelatinosus*.

— Sim, discutimos a respeito — disse Johanson. — Mas é pouco provável. A superfície e a estrutura corpórea não permitem tal conclusão. Além disso, contamos com a presença de lulas gigantes em regiões bem diferentes.

— Então o que é?

— não sei.

Um silêncio tomou conta da sala. Stone brincava nervosamente com uma caneta.

— Posso saber — retomou Johanson, em tom pensativo — que tipo de fábrica pretendem construir?

Skaugen olhou para Lund. Ela encolheu os ombros.

— Conteí a Sigur que pensamos numa instalação subaquática. E que ainda não sabemos definitivamente se realmente será uma.

— O senhor entende dessas coisas? — perguntou Skaugen a Johanson.

— Ouvi falar do Subsis — disse Johanson. — Há pouco tempo. Hvistendahl ergueu as sobrancelhas.

— Isso já é bastante coisa. Está se tornando um especialista, Dr, Johanson. Se reunir-se conosco mais duas ou três vezes...

— Subsis é um modelo anterior — impôs-se Stone. — Estamos bem à frente do Subsis. Chegamos mais fundo, e os sistemas de segurança certamente são superiores.

O novo sistema é da FMC Kongsberg, um criador técnico de soluções Para águas profundas — explicou Skaugen. — É uma continuidade do Subsis.

*Nota de Rodapé*

*Peixe semitransparente recoberto por uma camada de gelatina que vive no leito oceânico e é raramente visto no Atlântico Norte. (N. da T.)*

*Fim da Nota.*

A instalação de algo do gênero já é certa. O que não conseguimos decidir ainda é se devemos levar os oleodutos até uma plataforma já existente ou diretamente para a costa. Afinal, teríamos de superar imensas distâncias e diferenças de altura.

—não existe também uma terceira possibilidade? — perguntou Johanson. — Um navio de produção diretamente acima da fábrica?

— Sim, mas de uma forma ou de outra a estação de extração ficará no fundo — disse Hvistendahl.

— Como já disse, sabemos avaliar os riscos — prosseguiu Skaugen —, desde que sejam riscos definidos. com os vermes, temos fatores que desconhecemos e não conseguimos explicar. Como Clifford falou, pode ser exagero arriscar nosso cronograma só porque não conseguimos classificar uma nova espécie ou porque algo desconhecido atravessa a imagem. Mas, enquanto não tivermos certeza, precisamos fazer de tudo para alcançá-la. não deve decidir isso por nós, Dr. Johanson, mas o que faria em nosso lugar?

Johanson sentiu-se desconfortável. Stone olhou fixo para ele, com profunda hostilidade. Hvistendahl e Skaugen pareciam

interessados, e a expressão facial de Lund não esboçava nenhum movimento.

Devíamos ter combinado antes, pensou.

Mas Lund não havia forçado um consenso. Talvez preferisse assim. Talvez quisesse que ele inicialmente vetasse o projeto. i

Mas talvez não.

Johanson pôs as mãos na mesa à sua frente.

— Em princípio, construiria a estação — disse.

Skaugen e Lund olharam para ele, perplexos. Hvistendahl franziu a testa, e Stone recostou-se com expressão triunfante.

Johanson deixou passar um instante para acrescentar:

— Eu a construiria, mas só depois de a Geomar realizar outros exames e dar o sinal verde. A respeito da criatura no vídeo, dificilmente teremos maiores explicações. Nessie mandou lembranças. Também não sei se devemos nos preocupar com isso. O fator decisivo são os efeitos que a aparição em massa de uma espécie desconhecida e comedora de hidrato tem sobre a estabilidade do talude continental e possíveis perfurações de petróleo. Enquanto isso não estiver esclarecido, sugiro não prosseguir com o projeto.

Stone mordeu o lábio. Lund sorriu. Skaugen trocou um olhar com Hvistendahl. Então olhou nos olhos de Johanson e acenou a cabeça afirmativamente.

— Muito obrigado, Dr. Johanson. Obrigado pelo seu tempo.

Mais tarde, quando já havia guardado a mala no jipe e estava dando uma última volta na casa, a campainha tocou.

Ele abriu a porta. Era Lund. Começara a chover, e seus cabelos estavam grudados na cabeça.

— Foi bom — disse.

— Foi? — Johanson deu um passo para o lado para deixá-la entrar. Ela entrou, tirou os fios molhados da testa e acenou a cabeça.

— Na realidade, Skaugen já havia tomado uma decisão. Ele queria o seu aval.

— Quem sou eu para dar o aval para projetos da Statoil?

— Já lhe disse, sua fama é excelente. Mas não era apenas isso que importava a Skaugen. A responsabilidade é dele, e todos aqueles que trabalham na Statoil ou que estão ligados ao cartel de outro modo são considerados parciais. Ele queria alguém que não tivesse envolvimento com o assunto, e você sabe tudo sobre vermes e não tem nenhum interesse na construção de qualquer fábrica.

— Então Skaugen interrompeu o prosseguimento do projeto?

— Até o esclarecimento da situação pela Geomar.

— Minha nossa!

— Aliás, ele gostou de você.

— Eu também gostei dele.

— É, a Statoil tem sorte de ter pessoas como ele na direção. — Ela estava em seu saguão de entrada, de braços pendurados. Para alguém que, normalmente, está em constante movimento e cheia de iniciativa, parecia estranhamente indecisa. Seus olhos vagaram pelo saguão. — Aliás, onde está sua mala?

— Por quê?

— Você não queria ir para o lago?

— A mala está no carro. Você deu sorte, eu já estava de saída. — Olhou para ela. — Ainda posso fazer alguma coisa por você antes de me render à solidão? E eu irei. Sem mais adiamentos.

— não queria atrasá-lo. Só queria contar o que Skaugen tinha decidido e...

— Muito gentil da sua parte.

— E perguntar se a sua proposta ainda está de pé.

— Qual? — perguntou, apesar de saber ao que ela se referia.

— Você sugeriu que eu fosse junto.

Johanson encostou-se na parede ao lado do armário. Logo viu que teria uma série de problemas.

— Também perguntei o que Kare acharia disso. Ela balançou a cabeça, irritada.

— não preciso pedir permissão a ninguém, se é isso que quer dizer.

—não, não é o que quero dizer. Apenas não quero contribuir para malentendidos.

—não está contribuindo para nada — disse, emburrada. — Se quero ir junto para o lago, esta é uma decisão exclusivamente minha.

— Está se esquivando.

A água dos seus cabelos pingou-lhe no rosto.

— Então por que fez a sugestão? — perguntou. É, por quê?, pensou Johanson.

Porque eu gostaria. Entretanto, se possível, sem destruir nada. não devia absolutamente nada a Kare Sverdrup. Mas a repentina disposição de Lund de acompanhá-lo para o lago o confundia. Há poucas semanas não teria se preocupado com isso. Passeios esporádicos, encontros para jantar, tudo isso era parte do seu eterno flerte, sem que jamais desse em alguma coisa mais duradoura. Isto aqui não era parte do flerte.

De repente, tornou-se evidente o que o incomodava. Nesse mesmo instante, também entendeu o que devia ter tomado tanto a atenção de Lund nos últimos dias.

— Se vocês dois estão com problemas — disse —, me deixe fora disso. Combinado? Pode vir comigo, mas não estou aqui para fazer pressão em Kare.

— Você está interpretando demais. — Lund encolheu os ombros. — Está bem. Talvez tenha razão. Melhor deixarmos.

— Sim.

— Melhor assim. Apenas preciso pensar um pouco.

— Faça isso.

Continuaram de pé no saguão, indecisos.

— Então — disse Johanson. Inclinou-se para a frente, deu-lhe um rápido beijo na face e empurrou-a delicadamente para o lado de fora. E trancou a porta da casa atrás de si. Começava a escurecer e chovia continuamente. A maior parte da viagem seria no escuro, mas isso não o incomodava. Escutaria a Finlândia, de Sibelius. Sibelius e a escuridão. Isso era bom.

— Vai voltar na segunda-feira? — perguntou Lund enquanto o acompanhava até o carro.

- Acredito que já no domingo à tarde.
- Podemos telefonar.
- Claro. O que pretende fazer? Ela sacudiu os ombros.
- O que não falta é trabalho.

Ele evitou fazer outras perguntas a respeito de Kare Sverdrup. No mesmo instante, Lund disse:

— Kare estará viajando este fim de semana. Para a casa de seus pais. Johanson abriu a porta do carro e deteve-se.

— não precisa ficar sempre só trabalhando — disse. Ela sorriu, »

Não. Naturalmente, não.

Além disso... você nem poderia vir junto. não trouxe nada para um fim de semana no lago.

O que é necessário?

— Um bom calçado, acima de tudo. E roupa quente.

Lund abaixou a cabeça e inspecionou-se. Calçava botas de amarrar com solas grossas.

— E o que mais?

— Pois bem. Como disse, um pulôver... — Johanson passou a mão na barba. — Também tenho algumas coisas na casa.

— Já que nunca se sabe.

— Exatamente. Nunca se sabe. Olhou para ela. E então começou a rir.

— Está bem, Sra. Complicada. Última carona.

— Eu, complicada? — Lund abriu a porta do carona e riu.—  
Vamos discutir isso na viagem.

Quando alcançaram a estrada de terra que levava à cabana, já estava escuro, e o jipe trepidou por debaixo das silhuetas das árvores até a margem. À sua frente estava o lago, como um segundo céu rodeado de florestas. Sua superfície refletia onde as nuvens haviam se afastado, enquanto lá embaixo, em Trondheim, provavelmente ainda devia estar chovendo.

Johanson levou a mala para dentro da casa e aproximou-se de Lund na varanda. O chão de madeira rangeu baixinho. Todas as vezes, como se fosse a primeira, sentia-se tomado pelo silêncio que se evidenciava ainda mais pela variedade de sons: o som das

folhas, o cantar dos grilos e os leves estalos, o grito distante de um pássaro, movimentos na mata, indefiníveis. Uma pequena escada levava da varanda para um gramado suavemente inclinado em direção à margem do lago. De lá, saía um pequeno píer castigado pelo vento. No final do píer estava o barco com que saía para pescar ocasionalmente, imóvel.

Lund olhou para fora.

— E isto tudo é só para você?

— Quase sempre.

Ela permaneceu em silêncio durante algum tempo.

Imagino que se sintam bem consigo mesmo. Johanson riu baixinho.

— Por quê?

— Se aqui não há ninguém além de você... Quer dizer, deve gostar da sua própria companhia.

— Ah, sim. Aqui posso fazer comigo o que bem entender. Adorar-me, detestar-me...

Ela virou a cabeça em sua direção.

— Isso acontece? De você se detestar?

— Raramente. E quando acontece me detesto por isso. Venha. Farei um risoto para nós.

Entraram na casa.

Na pequena cozinha, Johanson cortou cebolas, dourou-as em azeite e acrescentou Riso di Carnaroli, o arroz veneziano para risoto. Mexeu os grãos de arroz com uma colher de pau até ficarem totalmente cobertos com azeite, cobriu-os com caldo de frango quente e continuou mexendo para a massa não grudar. Enquanto isso, cortou cogumelos frescos em tiras, aqueceu-os na manteiga e deixou-os fritando em fogo baixo.

Lund assistia, fascinada. Johanson sabia que ela não cozinhava. Não tinha paciência. Ele abriu uma garrafa de vinho tinto, decantou-o e encheu duas taças. O procedimento de sempre. Funcionou todas as vezes. Comiam, bebiam, conversavam, se aproximavam. Acontecia o que tinha de acontecer quando um boêmio envelhecido e uma jovem mulher iam para um lugar solitário e romântico.

Malditos automatismos!

Por que diabos ela quis vir com ele?

Ele adoraria deixar as coisas acontecerem naturalmente naquela noite. Lund estava sentada no balcão da cozinha, usava um de seus pulôveres e parecia tão relaxada quanto há muito não estivera. Sua face adotara uma expressão de rara suavidade. Johanson estava confuso. Ele tentara convencer-se diversas vezes de que ela não fazia o seu tipo, agitada demais, nórdica demais com as suas sobrancelhas e cabelos lisos e louros. Agora precisava confessar a si mesmo que nada disso era correto.

Você veio passar um fim de semana agradável e tranqüilo, pensou. Mas você cismou em complicar as coisas, idiota.

Jantaram na cozinha. A cada taça, Lund ficava mais à vontade. Estavam divertindo-se e abriram mais uma garrafa.

À meia-noite, Johanson disse:

— não está muito frio lá fora. Vamos fazer um passeio de barco? Ela apoiou o queixo sobre as mãos e sorriu para ele.

— com direito a nadar?

— Se eu fosse você, pulava essa parte. Talvez daqui a um ou dois meses. Aí estará mais quente. não, vamos até o meio do lago, levamos a garrafa e...

Fez uma pausa.

— E?

Vamos ver as estrelas.

Seus olhares prenderam-se. Cada um no seu lado do balcão da cozinha, os braços apoiados, olhando-se, e Johanson sentiu a sua resistência interna desmoronando. Ouviu-se dizendo coisas que preferiria não ter dito, viu-se tentar e fazer de tudo para pôr a maquinaria em ação. Despertou expectativas, animou a si e a Lund a fazer aquilo que duas pessoas desejavam quando iam juntas para um lago solitário, desejava-a de volta a Trondheim e, ao mesmo tempo, nos seus braços, aproximava-se dela até sentir a sua respiração em sua face, amaldiçoava o desenrolar da situação e, ao mesmo tempo, mal podia esperar.

— Está bem. Então deixe-nos ir.

Do lado de fora, não soprava nem uma brisa. Correram ao longo do píer e pularam no barco. O barco balançou, e Johanson segurou o braço de Lund. Deulhe vontade de rir alto! Parece um filme, passou-lhe pela cabeça. Um filme cafona com Meg Ryan. Ao tropeçar, os corpos se aproximam. Minha nossa!

Era um pequeno barco de madeira que o antigo proprietário vendera-lhe junto com a casa. A proa era coberta, criando um depósito por debaixo. Lund sentou-se ali de pernas cruzadas, enquanto Johanson ligava o motor de popa. O som do motor não incomodou o silêncio de forma alguma. Integrava-se harmoniosamente na maravilhosa vida noturna das florestas, batidas e zumbidos profundos como o de um zangão sobrenatural.

Durante o rápido trajeto, não falaram nada. Finalmente Johanson desligou o motor. Ficaram à deriva a uma certa distância da casa. Ele deixara acesa a iluminação da varanda, que se espelhava na água da margem como listras enrugadas. Volta e meia ouvia-se o murmúrio da água, causado por um peixe saltando para fora d'água para caçar insetos. Johanson equilibrou-se até Lund, na mão direita a garrafa cheia até a metade. O barco balançou suavemente.

— Se deitar-se de costas — disse —, o universo lhe pertence. com tudo o que há lá dentro. Experimente.

Ela olhou para ele. Na escuridão, seus olhos brilhavam.

— Você já viu estrelas cadentes?

— Já. Diversas vezes.

— E? Fez algum pedido?

— Para isso falta-me o romantismo. — Sentou-se ao seu lado na cobertura' — Simplesmente fiquei admirando.

Lund riu.

— não acredita em nada, não é?

— E você?

— Sou a última a acreditar numa coisa dessas.

— Eu sei. Difícil alegrar você com flores ou estrelas cadentes. Kare terá dificuldades. O mais romântico que se pode dar a você talvez seja uma análise de estabilidade de construções marinhas.

Lund continuou olhando para ele. E então inclinou a cabeça para trás e deitou-se lentamente. Seu pulôver escorregou para cima e expôs o seu umbigo.

— Acha mesmo?

Johanson apoiou-se sobre os cotovelos e olhou para ela.

— não. Na realidade, não.

— Acha que não sou romântica.

— Acho que você ainda não pensou sobre como funciona o romantismo. Novamente os seus olhares se prenderam.

Por muito tempo. Tempo demais.

Quando percebeu, seus dedos já estavam no cabelo dela, alisando os fios lentamente. Ela olhou em sua direção.

— Quem sabe você me mostre — sussurrou.

Johanson inclinou-se até restar somente uma fina camada de ar aquecido e vibrante. Ela enlaçou um braço em volta da sua nuca. Seus olhos estavam fechados.

Beijar. Agora.

Mil sons e pensamentos passaram pela cabeça de Johanson, condensaram para um turbilhão e atrapalharam a sua concentração. Os dois permaneceram na mesma posição tensa, como se fosse necessário alguém antes dar um sinal, uma autorização, aqui, pois não, em duas vias, uma para o senhor, uma para a senhora. Pode beijar a noiva agora, pode tornar-se passional, realmente passional. Nada mal, mas agora faça o favor de acreditar nisso!

Seja passional, homem!

O que aconteceu?, pensou Johanson. O que está errado aqui?

Sentiu o calor do corpo de Lund, absorveu o seu cheiro, e era um cheiro delicioso, maravilhosamente convidativo.

Mas sentia-se como se estivesse na casa errada. não era para ele este convite.

— não dá — disse Lund no mesmo momento.

Por um instante, no limite entre a capitulação e a insistência teimosa, Johanson sentiu-se como se tivesse caído na água gelada. Logo a rápida sensação dolorosa passou. Alguma

coisa apagou-se. O resto da brasa se desfez no ar claro sobre o lago e abriu espaço para um enorme alívio.

— Tem razão — disse ele.

Soltaram-se um do outro, lentamente, relutantes, como se os seus corpos ainda não tivessem compreendido o que as suas cabeças já tinham combinado.

Johanson viu a pergunta nos olhos dela que provavelmente ela também via nos seus: O quanto estragamos? Destruímos? Arruinamos para sempre?

Está tudo bem? — perguntou ele.

Lund não respondeu. Ele sentou-se à sua frente, de costas para a parede do barco. E então notou que continuava segurando a garrafa, e ofereceu-a para ela.

— Aparentemente — disse —, a nossa amizade é forte demais para o amor, Ele sabia que isso soava trivial e patético, mas não deixou de ter o seu efeito.

Ela começou a rir, inicialmente nervosa e, em seguida, visivelmente aliviada. Pegou a garrafa, tomou um longo gole e riu alto. Passou a mão no rosto como se quisesse apagar aquela risada alta e imprópria, mas o som abafado continuava atravessando os seus dedos, até Johanson começar a rir junto.

— Puh — fez ela.

E então permaneceram em silêncio por um bom tempo.

— Está aborrecido? — perguntou ela em voz baixa, finalmente.

— não. Você?

— Eu... não, não estou aborrecida. De forma alguma. É só...

— Ela hesitou. — É tudo tão confuso. No Thorvaldson, lembra, aquela noite na sua cabine. Um minuto a mais, e... Quer dizer, poderia ter acontecido, mas hoje...

Ele tirou a garrafa das mãos dela e bebeu.

— não — disse. — Sejamos sinceros, teria terminado assim também. Exatamente como agora.

— Por que será?

— Você o ama.

Lund abraçou as pernas.

— Kare?

— Quem mais?

Ela fixou o olhar à sua frente durante um longo tempo, e Johanson tornou a levar a garrafa aos lábios, porque não era sua função explicar a Tina Lund os seus sentimentos.

— Eu achava que conseguiria escapar disso, Sigur.

Pausa. Se estiver contando com uma resposta, pensou ele, terá de esperar por muito tempo. Precisaré compreender por conta própria.

— Chegamos a este ponto várias vezes, eu e você — disse após algum tempo. — Nenhum de nós queria se prender, na verdade, eram condições ideais. Entretanto nunca tentamos. Em nenhum momento a impressão de que precisasse acontecer imediatamente e a qualquer preço... Eu nunca fui realmente apaixonada por você. Nunca quis me apaixonar. Mas a sensação de que isso poderia acontecer algum dia tinha o seu encanto. Cada um continuaria vivendo a sua

, nenhum compromisso, nenhuma ligação. Estava até convicta de que aconteceria em breve, achava que já tinha passado da hora! E, de repente, surge Kare, e eu penso: Meu Deus, isso é comprometedor! Tudo ou nada! O amor é comprometedor, e isto aqui é...

— Isto é amor.

— Eu achava que fosse algo diferente. Como uma gripe. não conseguia me concentrar direito no meu trabalho, os meus pensamentos estavam constantemente em outro lugar, eu simplesmente tive a sensação de perder o chão sob os meus pés, e isso não combina com a minha vida, essa não sou eu.

— E você achou que, antes de perder o controle, talvez fosse melhor tentar.

— Então você está aborrecido!

— não estou aborrecido. Eu a entendo. Também nunca fui apaixonado por você. — Refletiu. — Eu a desejava. Aliás, mais ainda depois de você conhecer Kare. Mas sou um velho caçador e acho que simplesmente me incomodou o fato de alguém ter roubado a minha presa, isso me intrigou e feriu meu orgulho... —

Riu baixinho. — Você conhece aquele filme maravilhoso com Cher e Nicolas Cage? Feitiço da Lua. Alguém pergunta, por que os homens querem transar com mulheres? E a resposta é: porque têm medo da morte. Porque estou falando disso agora?

— Porque tudo está ligado ao medo. Medo de ficar sozinho, medo de não ser desejado, mas, pior ainda, é o medo de poder escolher e tomar a decisão errada. De ficar preso. Você e eu nunca teríamos uma relação diferente, e com Kare... com Kare eu nunca poderia ter nada além de um relacionamento. não precisei de muito tempo para compreender isso. Você deseja alguém que, na realidade, nem conhece, você o quer a qualquer preço. Mas só o ganha se comprar a sua vida também. E de repente fica desconfiado.

— Poderia ser um erro.

Ela acenou a cabeça afirmativamente.

— Você já namorou alguma vez? — perguntou ele. — Quer dizer, de verdade.

— Uma vez — respondeu. — Já faz algum tempo.

— O primeiro?

— O que aconteceu?

— O que aconteceu não foi nada original. Gostaria de ter algo mais impressionante para contar, mas o fato é que certo dia ele terminou e eu caí na choradeira.

— E depois? — Ela apoiou o queixo. Sentada à luz do luar, com uma pequena ruga entre as sobrancelhas, estava maravilhosa. Mesmo assim, Johanson não lamentou nem um pouco. não lamentou terem tentado nem o modo como terminou.

— Depois sempre fui eu quem terminou.

— Anjo da vingança.

— Besteira. não, às vezes os caras simplesmente me enchiam o saco. Muito lentos, muito bonzinhos, pouco compreensivos. Às vezes simplesmente fugia para me proteger antes que... Você sabe, sou rápida.

— Melhor não construir uma bela casa, porque um temporal poderia destruí-la.

Lund derreou os cantos da boca.

— Parece-me elegíaco demais.

— Pode ser. Mas se aplica.

— É, se aplica. — Franziu a testa. — Também há outra possibilidade. Você constrói a casa e, antes que alguém a destrua, você mesmo a destrói.

— Kare, a casa.

— Sim, Kare, a casa.

Em algum lugar, um grilo começou a cantar. Lá longe, um outro respondeu.

— Você quase conseguiu — disse Johanson. — Se tivéssemos transado hoje, teria razões suficientes para dispensar Kare.

Ela não respondeu nada.

— Você acredita que poderia se enganar tanto assim?

— Simplesmente teria pensado que corresponde muito mais ao meu estilo de vida ser sua amante do que assumir um relacionamento que, com o tempo, me paralisaria. Ir para a cama com você teria de certa forma... confirmado isso.

— Você teria, digamos assim, buscado a confirmação na cama.

—não. — Olhou para ele irritada. — Estava com tesão em você, acredite ou não.

— Está bem.

—não tentei usá-lo para fugir, se é o que quer dizer. Eu simplesmente não...

— Está bem, está bem. —Johanson ergueu os braços.—Você está apaixonada.

— Sim — disse, emburrada.

—não seja tão relutante. Diga novamente.

— Sim. Siiiiiiiiiiiiim!

— Melhorou. — Ele sorriu. — E agora que a viramos do avesso e percebemos o quanto é medrosa, talvez devêssemos beber o resto da garrafa em homenagem a Kare.

Respondeu-lhe com um sorriso torto.

—não sei.

— Continua não tendo certeza?

— Às vezes sim, outras nem tanto. Estou... confusa.

Johanson passava a garrafa de uma mão para a outra. E então disse:

— Eu também arranquei uma casa certa vez, Tina. Já faz anos. Os moradores ainda estavam lá dentro. Sofreram muito, entretanto, mais tarde superaram. Um dos dois, pelo menos. Até hoje não sei se foi a decisão correta.

— Quem era o outro morador? — perguntou Lund.

— Minha esposa.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Você foi casado?

— Fui.

— Nunca me contou isto.

— não contei diversas coisas. Agrada-me muito não contar coisas.

— O que aconteceu?

— O que costuma acontecer. — Encolheu os ombros. — Você acaba se divorciando.

— Por quê?

— Aí é que está. não há um motivo especial. Nenhum drama teatral, nada de pratos voando. Simplesmente a sensação de que poderia me aprisionar. E, na realidade, o medo de que... poderia tornar-me dependente. Via que teria uma família, filhos e um cão babão no jardim da frente, via-me assumindo responsabilidade, e os filhos, o cão e a responsabilidade pouco a pouco destruindo o amor... Na época, a separação me parecia razoável.

— E hoje?

— Hoje às vezes penso que foi o único erro que cometi em minha vida. — Olhou para a água, pensativo. E então esticou-se e levantou a garrafa. — Sendo assim: Saúde! O que quer que deseje fazer, faça.

— não sei o que devo fazer — sussurrou Lund.

— não deixe o medo tomar conta de você. Tem razão, você é rápida. Seja mais rápida do que o medo. — Olhou para ela. —

Naquela época, eu não fui. Toda decisão tomada sem medo é a decisão correta.

Lund sorriu. Inclinou-se para a frente e pegou a garrafa.

Surpreendentemente, achou Johanson, acabaram passando o fim de semana inteiro juntos no lago. Na noite do romantismo estragado, pensara que ela voltaria para Trondheim no dia seguinte, mas não foi o que aconteceu. Algo havia sido esclarecido. O interminável flerte perdera a sua base. Passearam, conversaram e riram, apagaram o mundo com todas as suas universidades, plataformas petrolíferas e vermes das suas cabeças, e Johanson fez o melhor espagete à bolonhesa da sua vida.

Foi um dos melhores fins de semana de que se recordava no lago.

No domingo à noite, retornaram. Johanson deixou Lund em frente à sua casa. Beijaram-se na proteção da cidade, rápida e amigavelmente. Por um breve instante, ao entrar em sua casa na Kirkegata pouco depois, pela primeira vez em muitos anos, voltou a sentir a diferença entre estar sozinho e solidão. Deixou a sensação para trás no saguão de entrada. Até ali, a dúvida e a melancolia podiam ir. E nem um passo mais.

Levou a mala até o quarto. Aqui também tinha uma televisão, assim como na sala. Johanson ligou-a e passou pelos canais até chegar na gravação de um concerto na Royal Albert Hall. Kiri Te Kanawa cantava árias de La Traviata. Johanson começou a desfazer a mala, cantarolando baixinho e pensando, absolutamente indeciso, a respeito da natureza do seu obrigatório drinque noturno.

Passado algum tempo, a música acabou.

com dificuldades para dobrar uma camisa, não percebeu logo que o concerto acabara. Lutava com uma manga rebelde enquanto, ao fundo, passava o noticiário do Chile. Ainda não foi confirmado se o desaparecimento da família norueguesa tem alguma relação com incidentes similares ocorridos ao mesmo tempo nas costas do Peru e da Argentina. Nessas regiões, nas últimas semanas diversos barcos de pescadores desapareceram ou foram encontrados à deriva posteriormente. não há nenhuma pista das tripulações até o momento. Os cinco membros da família saíram

com mar calmo e tempo bom numa traineira para uma pescaria em alto-mar.

Dobrar a manga direita, rebater para dentro. O que acabaram de falar na televisão?

— Na Costa Rica, atualmente estão sendo registradas invasões de águas-vivas de tamanho descomunal. Milhares dos chamados cnidários do gênero caravela, entre outros, surgiram próximo à costa. Conforme informações, 14 pessoas já morreram devido ao encontro com esses animais altamente venenosos, inúmeras estão feridas, entre elas dois ingleses e um alemão. Um número ainda indefinido de pessoas continua desaparecido. A secretária de Turismo costarriquenha convocou reuniões de emergência, entretanto negou que as praias devessem ser interditadas para os turistas. Segundo eles, no momento não haveria nenhuma ameaça direta ao movimento de banhos de mar.

Johanson ficou estático, a manga na mão.

— Esses filhos-da-puta — resmungou. — Quatorze mortos. Deveriam ter interditado tudo há muito tempo.

Em frente à costa australiana, grupos de águas-vivas causam preocupação. Aparentemente, trata-se de vespas marinhas, também são consideradas altamente venenosas. Os órgãos locais advertem insistentemente que é perigoso nadar. Na Austrália, nos últimos cem anos, setenta pessoas morreram com os efeitos do veneno das vespas marinhas, são mais casos de morte do que por ataque de tubarões. Graves acidentes em mar aberto com mortes no oeste canadense. Continua desconhecido o motivo do afundamento de diversos navios de turistas. Possivelmente, os navios colidiram devido a uma falha de navegação.

Johanson virou-se. A repórter acabara de colocar uma folha de lado e olhou para a câmera com um sorriso vazio.

— E agora outras manchetes do dia.

Caravelas, pensou Johanson.

Lembrou-se de uma mulher em Bali, deitada na areia, ofegante, chacoalhada por cãimbras. Ele próprio não tivera contato com o troço. A mulher também não tocara na caravela. Durante um passeio, pescara algo da água rasa com um pedaço de pau. Algo

que lhe parecera estranho e de uma beleza única, uma vela etérea que flutuava na água. Por ser cautelosa, teve o cuidado de manter distância. Virou-o algumas vezes de um lado para o outro, até ficar cheio de areia e perder o seu atrativo e o seu encanto, e então cometeu aquela falha estúpida.,.

As caravelas eram do grupo dos cnidários, uma espécie que ainda intrigava a ciência. Na realidade, as caravelas nem eram águas-vivas clássicas, mas uma colônia de inúmeros indivíduos, centenas de milhares de pólipos com diversas tarefas. Suas bóias azuis ou púrpura cintilantes que se projetavam para fora d'água cheias de gás permitiam que a colônia fosse levada pelo vento como um iate. O que estava abaixo da bóia não se via.

Mas se sentia no primeiro contato.

Porque as caravelas puxavam atrás de si uma cortina de tentáculos que chegava a cinquenta metros de comprimento, dotados de centenas de milhares de minúsculas células ciliadas urticantes. A estrutura e a função dessas células eram uma obra-prima da evolução, um arsenal de armas altamente eficientes. Em seu interior, cada célula continha uma cápsula com um filamento enrolado que emendava numa ponta como a de um arpão, virado para dentro como o dedo de uma luva. Qualquer toque, por mais leve que fosse, desencadeava um procedimento cuja precisão era de tirar o fôlego. No instante em que o cílio registrava o contato, o filamento era desenrolado e atirado para fora com uma pressão de setenta pneus de carro estourando. Milhares dos arpões com ganchos penetravam a pele da vítima como injeções subcutâneas e injetavam uma mistura de diversas proteínas que atacavam as células sanguíneas e nervosas simultaneamente. A consequência era uma contração muscular instantânea. Dores como de metal em brasa penetrando a carne, estado de choque, parada respiratória e parada cardíaca com sorte, estando perto da costa e sendo socorrido imediatamente, sobrevivia-se ao contato. Mergulhadores e nadadores que se perdiam na confusão dos tentáculos mais distantes da costa não tinham praticamente chance alguma.

À mulher de Bali não aconteceu nada além do dedo do pé ter tocado o pedaço de pau no qual ficara um pouco do veneno

urticante. Até mesmo essa pequena quantidade fora suficiente para que ela nunca mais se esquecesse desse encontro.

Entretanto, as caravelas eram inofensivas se comparadas ao celenterado *Chironex fleckeria*, a vespa marinha australiana.

Naiistória da evolução, a natureza desenvolvera surpreendentes misturas de venenos. As vespas marinhas eram a sua obra-prima. O veneno de um único animal era suficiente para matar 250 pessoas. O bloqueador neural altamente eficiente levava à inconsciência imediata. A maioria das vítimas morria simultaneamente de insuficiência cardíaca e afogamento dentro de minutos e, muitas vezes em segundos.

Tudo isso passou pela cabeça de Johanson enquanto fixava o seu olhar na televisão.

Alguém estava fazendo as pessoas de besta. Quatorze mortos e mais inúmeros feridos em algumas semanas, alguma vez isso já acontecera em algum litoral? Devida a uma única espécie de água-viva? E o que significava essa outra história, o desaparecimento dos navios?

Caravelas na América do Sul. Vespas marinhas na Austrália.

Invasões de poliquetas na Noruega.

quer necessariamente dizer alguma coisa, pensou. As águas-vivas costumavam aparecer em grupos, em qualquer lugar do mundo. não existia verão sem epidemias de águas-vivas. Já os vermes, isso era outra história.

Guardou as últimas peças de roupa, desligou a televisão e foi até a sala para colocar um CD no aparelho ou ler.

Mas Johanson não pôs nenhum CD, nem escolheu nenhum livro. Pelo contrário, andou de um lado para o outro durante algum tempo, foi até a janela e olhou, para a rua iluminada pelas lanternas.

Fora tão tranqüilo no lago.

Estava tranqüilo na Kirkegata.

Quando estava tranqüilo demais, em geral alguma coisa estava errada.

— pensou Johanson. O que a Kirkegata tinha a ver com tudo isso?

Serviu-se de grappa, tomou alguns pequenos goles e tentou pensar em algo diferente do noticiário.

Lembrou-se de alguém para quem poderia ligar.

Knut Olsen. Assim como Johanson, era biólogo na NTNU. Johanson lembrou que ele sabia muita coisa a respeito de águas-vivas, corais e anêmonas.

Além disso, poderia perguntar a Olsen o que achava dos barcos desaparecidos.

Olsen atendeu o telefone após o terceiro toque.

— Já estava dormindo? — perguntou Johanson.

— As crianças me mantiveram acordado — disse Olsen. — Hoje foi o aniversário de Marie, ela fez cinco anos. Como foi no lago?

Olsen era um pai de família de constante bom humor que levava uma vida tão politicamente correta que enjoava Johanson. Eles nunca saíam juntos, exceto nos horários de almoço. Mas Olsen era uma pessoa boa e tinha bom humor. Precisava ter bom humor. Para Johanson, não havia outra maneira de aturar cinco crianças e dúzias de parentes onipresentes.

— Você deveria vir comigo um dia — sugeriu. Falou por falar. Da mesma forma poderia ter dito: Você deveria finalmente explodir o seu carro ou vender duas das suas crianças.

— Claro — disse Olsen. — Adoraria, um dia.

— Assistiu às notícias? Fez-se um breve intervalo.

— Está falando das águas-vivas?

— Acertou em cheio! Bem que eu pensei que isso fosse preocupá-lo. O que aconteceu lá?

— O que acha? Essas invasões sempre ocorrem. Sapos, gafanhotos, águas-vivas...

— Especialmente as caravelas e as vespas marinhas.

— Isso é estranho.

— Acha?

— É estranho que se trate das duas espécies de águas-vivas mais perigosas do mundo. E o que relataram no noticiário é simplesmente esquisito.

— Setenta mortos em cem anos — comentou Johanson.

— Tolicé — disse Olsen, bufando, desdenhoso.

— Menos?

— Mais! Muito mais, umas cem, se incluir o Golfo de Bengala e as Filipinas, sem contar com os números não-oficiais. É claro que há muito tempo a Austrália tem problemas com esse troço gelatinoso, particularmente com as vespas marinhas. Elas desovam na foz dos rios ao norte de Rockhampton. Quase todos os acidentes ocorrem em águas rasas. Em três minutos, você está morto.

— A época do ano é normal?

— Para a Austrália, sim. Outubro a maio. Na Europa, essas pestes sempre encham o saco quando já está tão quente que ninguém mais agüenta ir à praia. No ano passado estivemos em Menorca, e as crianças mal conseguiam se conter com as toneladas de Velella na praia...

— Toneladas de quê?

—velella. Uma espécie de água-viva. Bem bonitas, quando não fedem por aí ao sol. Pequenos troços violeta. A praia estava toda lilás, tiveram de usar pás e ancinhos para enfiá-las em centenas de sacos. Vocênão faz idéia, e no mar tinha cada vez mais. Você sabe que sou um admirador de águas-vivas, mas até para o meu gosto passou da conta. De manhã até de noite era aquela gritaria nos meus ouvidos. De qualquer forma, na Europa temos as invasões de águasvivas em agosto ou setembro, mas, em down under, naturalmente é ao contrário. O que está acontecendo na Austrália é realmente estranho.

— O que exatamente é estranho?

— As vespas marinhas vivem perto da praia, onde é raso. Longe da costa praticamente não são encontradas. Muito menos nas ilhas do Great Barrier Reef. Mas ouvi dizer que também apareceram ali. Já com a Velella acontece o contrário. Geralmente vivem em mar aberto. Até hoje não sabemos por que vão parar nas

praias de décadas em décadas, aliás sabemos pouco a respeito das águas-vivas.

— As praias não são protegidas por redes? Olsen riu alto.

— São, eles têm o maior orgulho disso, mas não adianta nada. As águas-vivas ficam presas nas redes, mas os seus tentáculos se soltam e flutuam através das malhas. E então não se vê mais nada. — Fez uma pausa.—Aliás, por que está tão interessado nisso tudo? Você mesmo já sabe um monte de coisas.

— Sei, mas você entende mais dessa parte. Gostaria de saber se realmente se trata de anomalias.

— Pode ter certeza — rosnou Olsen. — Veja bem, a aparição de águas-vivas sempre está ligada à elevação da temperatura da água e ao desenvolvimento do plâncton. Você sabe que, quando está bem quentinho, o plâncton prolifera melhor, e as águas-vivas comem plâncton, e o resto deduz-se. Por isso esses bichos aparecem no final do verão aos montes e desaparecem algumas semanas depois. É assim que funciona... Espere um momento.

Ao fundo ouvia-se uma choradeira alta. Johanson perguntou-se a que horas os filhos de Olsen iam dormir, se é que dormiam. Sempre que telefonava para Olsen, estava o maior alvoroço.

Olsen gritou alguma coisa sobre parar de brigar e fazer as pazes. Por um momento, ouviu-se ainda mais ruídos, depois ele voltou ao telefone.

— Desculpe. Presentes. Estão brigando por eles. Bem, se quer minha opinião, essas invasões de águas-vivas acontecem devido à eutrofização do mar. A culpa é nossa. A eutrofização promove o crescimento do plâncton etc. etc. Se, ainda por cima, o vento vier do oeste ou noroeste, chegam até aqui, na porta de nossa casa.

— Sim, mas essas são invasões comuns. Estamos falando de...

— Espere. Você queria saber se é uma anomalia. A resposta é: Sim! E provavelmente uma anomalia difícil de identificar como tal. Tem plantas em casa?

— O quê? Bem, sim. — Uma yucca?

— Sim. Duas.

— Anomalias. Compreende? Adivinhe quem trouxe a yucca.,, Johanson girou os olhos.

— não me diga que vai começar a falar de uma invasão de yuccas. As minhas plantas costumam ser bastante pacíficas.

— não é o que eu quero dizer. Quero dizer que não temos mais condições de dizer o que é natural e o que não é. Em 2000 estive no Golfo do México para analisar invasões de águas-vivas. Grupos enormes desses troços molengas ameaçavam extinguir os peixes da região. Haviam invadido os locais de desova de Louisiana, Mississippi e Alabama, comiam as ovas e larvas dos peixes, e, acima de tudo, comiam todo o plâncton. O maior estrago foi feito por uma espécie que não deveria nem estar ali: uma água-viva australiana do Pacífico. Trazida de fora.

— Biologia das invasões.

— Exatamente. Elas destroem a cadeia alimentar e prejudicam a pesca. Uma catástrofe. Alguns anos antes o mar Negro estava ameaçado de desastre ecológico, porque, na década de 1980, algum navio comercial trouxera uma água-viva da ordem Lobata em sua água de lastro. Ali também não era o seu lugar. O Mar Negro foi bastante agredido e pouco tempo depois ficou ferrado. De uma hora para outra, mais de oito mil águas-vivas espremiavam-se por metro quadrado. Sabe o que isso significa?

Olsen falava sem parar.

— Pois bem, e agora a história das caravelas. Surgiram na Argentina, este não é o seu lugar. América Central, sim, Peru também, talvez ainda o Chile, mas mais embaixo? Quatorze mortos de uma vez! Parece um ataque. Como se as pessoas tivessem sido surpreendidas. Depois as vespas marinhas. Tão longe da costa, o que estão fazendo ali? Como se tivessem surgido ali num passe de mágica.

— O que me intriga — disse Johanson — é que se trata justamente das duas espécies mais perigosas.

— Exatamente — disse Olsen esticando as palavras. — Mas, espere, não estamos na América, não crie uma teoria de

conspiração. Há outra explicação para o aumento das invasões. Alguns culpam o El Nino, outros, o aquecimento global. Em Malibu, há invasões de águas-vivas como não se viam há décadas, em Telaviv surgiram algumas gigantescas. Aquecimento global, proliferação de espécies em locais distantes, tudo faz sentido.

Johanson praticamente já não escutava mais. Olsen dissera algo que não lhe saía mais da cabeça.

— Como se tivessem surgido ali num passe de mágica. E os vermes?

Como se tivessem surgido ali num passe de mágica.

— Vêm para águas rasas para se procriarem — dizia Olsen. — E tem mais: se estiverem falando de números excepcionalmente altos, não estão falando de milhares, mais de milhões. E não têm controle sobre nada. não morreram 14 pessoas, foram muito mais, isso eu lhe garanto.

— Ainda está prestando atenção?

— Claro. Muito mais. Acho que agora é você quem está entrando em teorias de conspiração.

— Tolice — disse Olsen, rindo. — Mas são anomalias, sim. Parece um fenômeno cíclico, mas eu acho que é outra coisa.

— O que diz o seu inconsciente?

— Meu inconsciente diz que comi bife enrolado hoje à noite. Que não tenho capacidade para mais nada. não, quem diz isso é o meu consciente.

— Está bem. Obrigado. Apenas queria saber a sua opinião.

Refletiu. Deveria falar dos vermes para Olsen? Mas não era da sua conta. Provavelmente a Statoil não faria muita questão de tornar esse assunto público a esta altura, e Olsen falava um pouco demais.

— A gente se vê amanhã no almoço? — perguntou Olsen.

— Sim. Será um prazer.

— Vou tentar descobrir mais a respeito. Tenho as minhas fontes de água-viva. — Riu alto, entusiasmado com o seu jogo de palavras.

— Está bem — disse Johanson. — Até amanhã.

Desligou o telefone. E só então lembrou que queria ter perguntado a Olsen sobre os navios afundados. Mas não queria ligar novamente. Amanhã ficaria sabendo de bastante coisa.

Perguntou-se se as invasões de águas-vivas teriam chamado tanto sua atenção, se não soubesse dos vermes.

Não. Provavelmente não. não eram as águas-vivas.

Eram as relações. Caso existisse alguma.

o dia seguinte pela manhã Olsen visitou Johanson em seu escritório assim que chegou. Na ida à NTNU, escutara o noticiário e não descobrira mais do que já abia: em diversas partes do mundo, pessoas e barcos estavam desaparecidos, "avia especulações aos montes, mas nenhuma explicação consistente.

A primeira aula de Johanson começaria às dez. Bastante tempo para ler os novos e-mails e dar uma olhada no correio. Lá fora, chovia torrencialmente. O céu cobria Trondheim de cinza-escuro. Ele ligou a luz e escondeu-se com uma caneca de café atrás da escrivaninha para acordar com calma, no instante em que Olsen enfiou a cabeça pela porta.

— Incrível, não? — disse. — não acaba nunca.

— O que não acaba nunca?

— É uma notícia ruim atrás da outra. Venha cá, você não escuta o noticiário, não?

Johanson precisou conter-se.

— Está falando dos barcos desaparecidos? Era o que eu ia perguntar a você no telefonema de ontem, mas acabei esquecendo devido a tantas águas-vivas.

Olsen acenou a cabeça e entrou.

— Tenho certeza de que você queria oferecer-me um café — disse, olhando interessado à sua volta. A curiosidade era uma das características tão úteis quanto cansativas de Olsen.

— Ao lado — disse Johanson.

Olsen encostou-se à porta que levava ao escritório vizinho e pediu um café em voz alta. Em seguida sentou-se, e seu olhar continuou vagando. A secretária entrou, bateu a caneca na mesa e voltou para a sala ao lado.

— O que ela tem? — disse Olsen, surpreso.

— Geralmente eu mesmo pego o meu café — disse Johanson. — A garrafa térmica está logo ao lado, leite, açúcar, xícaras.

— Sensível essa senhora, não? Sinto muito. Na próxima semana, trarei biscoitos feitos em casa para ela. Minha mulher faz biscoitos excelentes — Olsen sorveu um grande gole de café. — Você realmente não acompanha as notícias, não é?

— Acompanhei, no carro, a caminho daqui.

— Há dez minutos a CNN deu uma notícia alarmante. Eu tenho uma pequena televisão na minha sala que fica ligada o dia inteiro. — Olsen inclinou-se para a frente. A luz de teto refletia na sua pequena careca. — Em frente ao Japão, um navio de gás explodiu e afundou. Ao mesmo tempo, dois navios de contêineres e uma fragata colidiram no estreito de Malaca. Um dos navios de contêineres está afundando, o outro está impossibilitado de ser manobrado, e a fragata pegou fogo. Uma fragata da Marinha. Houve uma explosão.

— Minha nossa.

— E isso logo de manhã cedo, hein? Johanson aquecia as mãos em sua caneca.

— O que diz respeito ao estreito de Malaca não me surpreende — disse. — É incrível que não haja mais incidentes.

É verdade, mas é uma coincidência inacreditável, não?

Três braços de mar concorriam ao título de rota marítima mais trafegada do mundo: o Canal da Mancha, o estreito de Gibraltar e o estreito de Malaca, que fazia parte do caminho marítimo da Europa para o sudoeste Asiático e o Japão. Um dos problemas da navegação comercial internacional era a importância desses braços de mar. Só no estreito de Malaca passavam diariamente cerca de seiscentos grandes navios e cargueiros. Em alguns dias chegava a dois mil o número de navios que percorriam o mar entre a Malásia e Sumatra, que tinha quatrocentos quilômetros de comprimento, mas em seu trecho mais estreito media apenas 27 quilômetros de largura. A Índia e a Malásia imploravam para que os capitães dos navios passassem no estreito de Lombok, mais ao sul, mas ninguém lhes dava atenção. O desvio

lhes reduziria o lucro. Por isso cerca de 15% de todo o mercado mundial espreme-se no estreito de Malaca e os braços de mar vizinhos.

— Sabe-se o que aconteceu ali?

— não. A notícia só chegou há alguns minutos.

— Que horror. — Johanson bebeu um gole. — E que história é essa dos barcos desaparecidos?

— O quê? Também não sabe disso?

— Bem, não estaria perguntando, se soubesse — disse Johanson, levemente irritado.

Olsen inclinou-se para a frente e baixou a voz.

— Aparentemente, há algum tempo estão desaparecendo nadadores e pequenos barcos de pescadores em frente à América do Sul. No lado do Pacífico. Praticamente nada fora relatado a respeito, de qualquer forma não na Europa. Tudo parece ter começado no Peru. Um pescador desapareceu, e seu barco foi encontrado dias depois. Estava à deriva em alto-mar, uma balsa de junco, nada grande. Pensaram que possivelmente uma onda o tivesse virado, mas o tempo estava tranquilo há várias semanas na região. Depois, esse tipo de incidente passou a acontecer com freqüência. Até sumir uma pequena traineira.

— E por que não se ouviu falar nada disso, meu Deus do céu? Olsen afastou as mãos.

— Porque não querem que esse tipo de notícia se espalhe. O turismo é importante demais. Além disso, acontece muito distante em regiões onde vivem muitas pessoas escuras de cabelo preto que, para nós, parecem todas iguais.

— Mas falaram sobre as águas-vivas. E também foi longe daqui.

— Por favor, Johanson! Há uma grande diferença. Ali morreram cidadãos americanos diretos e um alemão e sei lá mais o quê. Agora uma família norueguesa desapareceu no litoral do Chile. Saíram com um navio pesqueiro, sob a organização de um agente local. Pesca em alto-mar. Puff, sumiu. Noruegueses, meu Deus, pessoas louras e preciosas; isso é notícia, meu caro.

— Está bem, já entendi. — Johanson recostou-se. — E não passaram mensagens de rádio?

— não, Sherlock Holmes. Algumas mensagens de SOS. E só. O máximo que a maioria dos barcos tem para oferecer em termos de tecnologia é o motor de popa.

— Nenhuma tempestade?

— Meu Deus, não! Nada que vire barcos.

— E o que aconteceu no oeste canadense?

— Esses navios que aparentemente colidiram? não faço a menor idéia. Alguém disse que teriam se chocado com uma baleia mal-humorada. Sei lá. O mundo é misterioso e cruel, e você também está cheio de mistérios com as suas perguntas. Dê-me mais um café... não, espere, eu mesmo pego.

Olsen grudou no escritório de Johanson feito carrapato. Quando finalmente tomou um porre de café e foi embora, Johanson olhou para o relógio. Faltavam poucos minutos para a sua aula. Ligou para Lund.

— Skaugen entrou em contato com outras empresas de exploração — disse ela. — Do mundo inteiro. Ele quer saber se foram confrontadas com fenômenos similares.

— com vermes?

— Exatamente. Aliás, ele desconfia de que os asiáticos saibam, no mínimo tanto quanto nós, sobre esses bichos.

— Por quê?

— Lembre-se de suas próprias palavras. A Ásia quer entrar nessa corrida dos hidratos de metano. não foi o que o seu cara lhe contou lá em Kiel? Então Skaugen pressionou essas empresas.

Não é uma má idéia, pensou Johanson. Skaugen pensou no óbvio. Se as poliquetas realmente eram tão loucas por hidrato, devem ter chamado a atenção principalmente onde o homem ficara louco por metano. Por outro lado...

— Dificilmente os asiáticos vão liberar essa informação para Skaugen — disse ele. — Farão o mesmo que ele.

Lund ficou calada um instante.

— Você acha que Skaugen também não os informaria?

—não acredito que abriria o jogo completamente. não agora,

— Qual seria a alternativa?

- Pois bem. —Johanson tentou achar as palavras adequadas. —não quero acusá-los de nada, mas digamos que alguém pense em forçar a construção de uma fábrica submarínha, mesmo sabendo que há uns troços desconhecidos rastejando lá embaixo.

—não fazemos isso,

— É apenas uma suposição.

— Você ouviu, Skaugen seguiu o seu conselho.

— Isso o honra. Mas aqui o assunto é dinheiro, não? Seria possível assumir uma certa postura e dizer: Vermes? não sabemos de nada. Nunca vimos.

— E construir mesmo assim?

—não necessariamente acontecerá alguma coisa. E se acontecer... Quer dizer, alguém pode ser culpado por falhas técnicas, mas não por animais que se alimentam de metano. Como comprovar depois que os vermes já foram vistos antes?

— A Statoil não encobriria uma coisa dessas.

— Vamos deixar vocês de lado. Para os japoneses, por exemplo, a exportação de metano poderia ser comparável a um boom de petróleo. Mais do que isso! Ficariam imensamente ricos. Você acha que os asiáticos estão sendo totalmente transparentes?

Lund hesitou.

—não.

— E vocês?

— isso não nos ajuda agora. Precisamos saber deles antes que saibam de nós. Precisamos de observadores independentes. Pessoas que não estejam ligadas à Statoil. Por exemplo...

Parecia refletir. E então disse:

— Vocênão poderia fazer uma pesquisa?

— O quê, eu? com as empresas petrolíferas?

—não, com institutos, universidades, pessoas como as de Kiel. não se fazem pesquisas sobre hidratos de metano no mundo inteiro?

— Sim, mas...

— E com biólogos. Biólogos marinhos! Mergulhadores amadores! Sabe o quê? — gritou, entusiasmada. — Quem sabe você simplesmente assume toda essa parte. Quem sabe organizamos um grupo de trabalho para você. Sim, é uma boa idéia, ligarei para Skaugen para solicitar um orçamento. Poderíamos...

— Ei, devagar.

— Você certamente seria bem pago e, além do mais, não teria tanto trabalho.

— Isso é um trabalho de merda. Vocês mesmos podem fazê-lo.

— Seria melhor se você assumisse. Você é neutro.

— Ai, Tina.

— Enquanto estamos discutindo aqui, você já poderia ter ligado três vezes para o Smithsonian Institute. Por favor, Sigur, seria simplesmente... Entenda, se chegarmos como cartel com interesses vitais, logo mil organizações ambientais estarão na nossa cola. Estão apenas esperando por isso.

— Ah! Porque, no fundo, estão querendo esconder alguma coisa, sim.

— Você é um babaca.

— Às vezes. Lund suspirou.

— O que acha que devemos fazer? não acredita que todo mundo imediatamente nos acusaria do pior? Juro, a Statoil não fará nada até que tenhamos clareza quanto ao significado desses vermes. Mas, se batermos em muitas portas em caráter oficial, rapidamente a notícia se espalhará. Aí estaremos no centro das atenções de tal forma que não poderemos dar nem mais um passo.

Johanson esfregou os olhos. Olhou para o relógio. Já passava das dez. Sua aula.

— Tina, preciso desligar. Ligo mais tarde.

— Posso dizer a Skaugen que você vai colaborar?

— não. Silêncio.

— Está bem — disse finalmente, em voz baixa.

Parecia estar sendo levada para o matadouro. Johanson respirou profundamente.

— Posso pensar a respeito, pelo menos?

— Sim. Claro. Você é um amor.

— Eu sei. É exatamente esse o meu problema. Eu ligo. Pegou o seu material e correu para o auditório.

## **ROANNE, FRANÇA**

No mesmo instante em que Johanson começava sua aula em Trondheim, a cerca de dois mil quilômetros dali, Jean Jérôme estava avaliando 12 cavaquinhas.

Jérôme sempre tivera um olhar crítico. Sua permanente desconfiança devia-se ao endereço em que trabalhava. O Troisgros orgulhava-se de ser o único restaurante francês continuamente três-estrelas Michelin nos últimos trinta anos, e Jérôme não pretendia entrar para a história como aquele que mudou alguma coisa nisso. Suas responsabilidades incluíam tudo o que vinha do mar. Ele era, por assim dizer, o Senhor dos Peixes, e estava de pé desde manhã cedo.

O dia começara bem mais cedo para o comerciante de quem Jérôme comprava as cavaquinhas, precisamente às três horas da manhã, em Rungis, uma cidade insignificante até poucos anos atrás a 14 quilômetros de Paris, no subúrbio que da noite para o dia tornara-se a Meca da alta gastronomia. Ocupando uma área de quatro quilômetros quadrados iluminados até o último canto, Rungis passou a abastecer essas e outras cidades grandes, comerciantes, cozinheiros e todos suficientemente loucos para passar a sua vida numa cozinha, com comida. Todo o país estava representado em Rungis. Leite, creme de leite, manteiga e queijo da Normandia, legumes selecionados da Bretanha, frutas aromáticas do sul. Fornecedores de ostras de Belon, de Marennes e da Bacia de Arcachon e pescadores de atum de Saint-Jean-de-Luz chegavam com as suas mercadorias em altíssima velocidade pelas auto-estradas. Caminhões frigoríficos com crustáceos e mariscos traçavam suas rotas entre caminhonetes e carros de passeio. Em

nenhum lugar da França as especialidades chegavam tão rápido quanto aqui.

A qualidade, entretanto, era algo limitado. Naturalmente, as cavaquinhas vinham da Bretanha, mas entre elas havia exemplares atraentes e outros menos. Ou seja, muitas coisas precisavam acontecer e estar corretas para agradar, por exemplo, um Jean Jérôme em Roanne.

Ele pegou as cavaquinhas, uma após outra, e virou-as para vê-las de todos os lados. Em cada uma das grandes caixas de isopor revestidas com uma espécie de samambaia havia seis animais. Eles praticamente não se moviam, mas naturalmente estavam vivos, como era de esperar. Suas garras estavam amarradas.

— Está bem — disse Jérôme.

Era o maior elogio que fazia. Mas tinha gostado muito das cavaquinhas. Eram menores, mas pesadas para o seu tamanho, com uma casca azul-escura brilhante.

Exceto as últimas duas.

— Leves demais — disse.

O comerciante de peixes franziu a testa, pegou uma das cavaquinhas que agradara a Jérôme e uma das rejeitadas e comparou o peso de uma e outra, sopesando-as.

— Tem razão, monsieur — disse, consternado. — Me desculpe. — Parecia uma Justitia da feira de peixe, os antebraços dobrados, as mãos abertas. — Mas não é muito. Um pouquinho, não é?

— não, não é muito — disse Jérôme. — Para uma barraca de praia. Mas somos uma barraca de praia.

— Sinto muito. Posso retornar e...

— não precisa. Neste caso, precisaremos prever qual dos clientes tem um estômago menor.

O comerciante desculpou-se novamente. Desculpou-se ao sair e, provavelmente, continuou desculpando-se na viagem de volta consigo mesmo, enquanto Jérôme já retornara à magnífica cozinha do Troisgros e se dedicara às exigências do menu de jantar.

Enquanto isso, armazenara as cavaquinhas temporariamente numa bacia com água fresca, onde permaneceram apáticas.

Uma hora depois decidiu esquentar os animais. Mandara colocar um grande caldeirão com água no fogão. Era recomendável processar rapidamente as cavaquinhas vivas. Os animais tendiam a autodevorar-se em cativeiro. Esquentar significava não cozinhá-las completamente, mas apenas matá-las em água quente. Mais tarde, imediatamente antes de servi-las, o cozimento era completado. Jérôme esperou a água ferver, retirou as cavaquinhas da bacia e rapidamente mergulhou-as de cabeça. O ar escapou das cavidades das cascas num chiado evidente. Assim, foi colocando uma após outra no caldeirão, retirando-as em seguida. A nona... a décima cavaquinha bateu as botas. A mão de Jérôme pegou a décima primeira — ah sim, esta era mais leve! — e colocou-a na água fervente. Sem olhar direito, içou o animal para fora com a sua grande escumadeira...

Escapou-lhe um grito contido.

Que diabos acontecera com o animal? A casca literalmente rachara ao meio, e uma das garras se rompera. Inacreditável. Jérôme bufou de raiva. Pôs a cavaquinha, ou melhor, os seus destroços, na bancada à sua frente e virou-a de costas. A frente também estava destruída, e a parte interna, que deveria conter carne forte, apresentava apenas um revestimento branco e melado. Perplexo, olhou para dentro do caldeirão. Na água fervente flutuavam pedaços e fios de algo que nem com muita fantasia lembrava carne de cavaquinha.

Pois bem. Só precisariam mesmo de dez dos animais. Jérôme deixava uma folga nas compras, tinha fama de bom calculador. Era imprescindível ser muito preciso ao definir as quantidades necessárias, considerando tanto a rentabilidade quanto as reservas de segurança, e o seu cálculo acabara de funcionar mais uma vez.

Mesmo assim, era um saco.

Perguntou-se se o animal estivera doente. Olhou para a bacia. Ainda restava uma cavaquinha. A segunda cavaquinha que não lhe agradara. Tanto faz. Já para dentro da panela.

Ah, não, lá dentro ainda tinha aquele troço branco boiando.

De repente, teve uma idéia. O animal doente era leve demais. A cavaquinha que ainda estava viva também era muito leve. Haveria alguma relação? Talvez os animais tivessem começado a se autodestruir, um vírus ou um parasita poderia estar dissolvendo-os por dentro. Jérôme hesitou. E então pegou a décima segunda cavaquinha da bacia e colocou-a à sua frente na bancada para observá-la melhor.

As antenas compridas, apontadas para trás, tremiam. As garras amarradas moviam-se com fraqueza. Quando retiradas de seu habitat natural, as cavaquinhas tornavam-se letárgicas. Jérôme cutucou o animal e debruçou-se sobre ele. Movia as pernas como se quisesse fugir, mas permanecia sobre a bancada. Algo transparente saía do local em que a cauda transparente emendava na casca.

Que diabos era isso agora?

Jérôme agachou-se. Estava bem próximo ao animal agora, à altura dos seus olhos, por assim dizer.

A cavaquinha ergueu levemente a parte anterior do corpo. Por um segundo, parecia olhar para Jérôme com os seus olhos pretos.

E explodiu.

O aprendiz a quem Jérôme pedira que escamasse os peixes estava a apenas três metros dali, mas uma estante estreita que ia até o teto, cheia de utensílios e temperos, tirava-lhe a visão do fogão. Por isso primeiro ouviu o grito estridente de Jérôme. O aprendiz levou um susto tão grande que deixou cair a faca. Viu Jérôme cambaleando, as mãos sobre o rosto, e saltou em sua direção. Juntos, tombaram contra a bancada do lado de trás. As panelas bateram, alguma coisa caiu no chão e quebrou-se ruidosamente.

— O que aconteceu? — gritou o aprendiz, em pânico. — O que foi? Outros cozinheiros aproximaram-se. A cozinha era como uma fábrica onde cada um tinha a sua função. Um era responsável exclusivamente pelas carnes de caça, outro pelos molhos, um terceiro pelos recheios; havia o das saladas, o das massas, e assim por diante. Imediatamente criou-se um alvoroço em volta do fogão,

até Jérôme baixar as mãos e apontar para a bancada ao lado do fogão, tremendo. Do seu cabelo pingava um líquido grumoso e transparente. Estava pendurado no seu rosto aos pedaços e desfazia-se, escorrendo em direção à nuca.

— Ela... ela explodiu — disse Jérôme, ofegante.

O aprendiz aproximou-se da bancada e olhou enojado para a cavaquinha arreventada. Nunca antes vira algo assim. Somente as patas estavam intactas. As garras estavam no chão, a cauda parecia ter-se rompido com enorme pressão, e a casca rachara-se formando bordas afiadas.

— O que o senhor fez com ela? — perguntou, sussurrando.

— Fiz? Fiz? — gritava Jérôme, as mãos erguidas com os dedos abertos, uma careta de nojo estampada no rosto. — Eu não fiz nada! Ela explodiu, isso, sim. Explodiu!

Trouxeram-lhe panos para que pudesse se limpar, enquanto o aprendiz tocava a substância espalhada por todos os lugares com a ponta dos dedos. Tinha uma consistência extremamente viscosa e emborrachada, mas desfazia-se rapidamente e escorria pela bancada. Seguindo um impulso, pegou um vidro com tampa de rosca da estante e, com uma colher de sopa, guardou pedaços da substância gelatinosa, juntando também um pouco do líquido e deixando-o pingar para dentro do vidro. E então fechou o vidro tão bem quanto pôde.

Não foi fácil acalmar Jérôme. Finalmente, alguém lhe trouxe uma taça de champanhe, e o mestre conseguiu se controlar um pouco.

— Limpem isto — ordenou com a voz sufocada. — Pelo amor de Deus, arrumem esta bagunça. Vou me lavar.

E saiu. Os ajudantes imediatamente começaram a restabelecer a área de trabalho de Jérôme, limparam o fogão e tudo em volta, jogaram os restos fora, limparam o caldeirão, e naturalmente também derramaram no ralo a água onde as cavaquinhas haviam permanecido durante a sua última hora de vida. Ela seguiu o mesmo rumo de todas as águas no subsolo, correu para dentro da canalização e misturou-se a tudo que uma

cidade deixa escoar para, posteriormente, voltar a ingerir de forma reciclada.

O aprendiz guardou o vidro com a substância gelatinosa. Ainda não sabia exatamente o que fazer com aquilo, então consultou Jérôme quando este retornou para a cozinha de cabelos lavados e roupas trocadas.

— Talvez tenha sido bom você ter guardado um pouco desse negócio — disse Jérôme com ar sombrio. — Só Deus sabe o que é isso.

— O senhor quer ver?

— Deus me livre, não! Mas deveria ser analisado. Vamos enviar para algum lugar onde são feitas essas análises. Mas, por favor, sem explicitar as circunstâncias, entendeu bem? Tudo isso nunca aconteceu. Esse tipo de coisa não acontece no Troisgros.

De fato, a notícia do incidente não saiu da cozinha do restaurante. E foi bom assim, porque teria agredido a imagem do Troisgros. Mesmo que não pudessem ser responsabilizados pelo ocorrido, algumas pessoas adorariam espalhar a fofoca de que no Troisgros as cavaquinhas explodiam e espirravam uma geléianojenta. não havia nada pior para um restaurante de elite do que dúvidas relativas à sua higiene.

O aprendiz observou com atenção o conteúdo do vidro. Quando este começou a dissolver-se igualmente ao restante, ele adicionou um pouco de água, acreditando ser uma boa idéia. A substância lembrava-o — se é que podia lembrar alguma coisa — águas-vivas, e estas só sobreviviam na água porque elas próprias não eram outra coisa. Aparentemente, fora uma boa idéia. Os pedaços mantiveram-se estáveis. O Troisgros fez algumas ligações extremamente discretas que resultaram no envio do vidro para a universidade mais próxima em Lyon para análise do seu conteúdo.

Lá, foi parar na mesa do professor Bernard Roche, no setor de biologia molecular. Nesse ínterim, o processo de decomposição da substância gelatinosa continuara apesar da água e praticamente não havia mais substância sólida no vidro. Roche imediatamente submeteu o pouco que sobrara a diversos testes, entretanto os pedacinhos restantes derreteram-se antes que pudessem ser

analisados minuciosamente. Só conseguiu identificar algumas ligações moleculares que o surpreenderam e deixaram-no confuso. Entre outros, descobriu uma neurotoxina altamente eficiente, mas não dava para saber se era proveniente da substância gelatinosa ou da água do vidro.

O fato era que a água estava saturada de material orgânico e de diversas substâncias. Como naquele momento estivesse sem tempo para analisá-la, Roche decidiu conservar o conteúdo restante do vidro para submetê-lo a uma análise detalhada nos dias seguintes, e a água foi parar na geladeira.

Na mesma noite Jérôme adoeceu. Começou sentindo um leve enjôo. O restaurante estava cheio. não deu atenção ao mal-estar e continuou seguindo a coreografia da cozinha como de costume. As dez cavaquinhas que não haviam estourado eram de excelente qualidade e não foi preciso mais nenhuma. Apesar do infeliz acontecimento na parte da manhã, tudo transcorria sem problemas, como de praxe no Troisgros.

Lá pelas dez horas Jérôme começou a ficar mais enjoado, além de começar a sentir dor de cabeça. Em seguida percebeu que estava com dificuldade de concentração. Esqueceu de finalizar a montagem de um prato e de dar algumas ordens, e a logística elegante e perfeita começou a falhar.

Jean Jérôme era suficientemente profissional para saber quando devia puxar o freio de mão. Sentia-se realmente mal agora, e então passou a responsabilidade para a sua substituta, uma cozinheira em ascensão altamente talentosa que Passara seus anos de aprendiz em Paris com o venerável Ducasse. Informou-a de que daria um pequeno passeio no jardim do restaurante e saiu. O jardim ficava logo atrás da cozinha. Era extremamente belo. Em dias mais quentes, os hóspedes eram recebidos ali, tomavam um aperitivo e degustavam as primeiras entradas, para depois serem levados pela cozinha do restaurante, com direito a interessantes explicações e, ocasionalmente, uma pequena demonstração. Agora o jardim estava Abandonado e decentemente iluminado.

Jérôme andou de um lado para o outro durante alguns minutos. Daqui podia observar a movimentação na cozinha através

da grande parede de vidro, mas percebeu que tinha dificuldade de manter o seu olhar focado por mais de alguns segundos. Sua respiração estava pesada, e sentia uma forte pressão no peito, apesar do ar puro. Suas pernas pareciam de borracha. Por via das dúvidas, sentou-se ao lado de uma das mesas de madeira e pensou sobre o que acontecera de manhã. O conteúdo da cavaquinho grudara-lhe no cabelo e no rosto. Certamente inspirara alguma coisa, provavelmente algum líquido entrara na sua boca ou absorvera algo através da língua quando a passara sobre os lábios.

Devido à lembrança do animal estourado ou simplesmente em consequência do mal-estar, de repente Jérôme vomitou com veemência nas plantas do canteiro. Enquanto continuava debruçado, ofegante e com ânsias, pensou que agora aquele troço deveria ter saído. Muito bem. Tomaria um gole d'água e certamente iria sentir-se melhor.

Ergueu-se com esforço. Tudo girava à sua volta. Sua cabeça parecia estar em brasa, o seu campo de visão diminuía, estava olhando para dentro de uma espiral. Você precisa se levantar, pensou. Levantar e ver se está tudo bem na cozinha. Nada pode dar errado. não no Troisgros.

Conseguiu ficar de pé com esforço e arrastou-se na direção errada. Depois de dois passos já não se lembrava de que pretendia ir à cozinha. Aliás, não sabia de mais nada, e também não via mais nada.

Debaixo das árvores que circundavam o jardim, desmaiou.

**18 de abril**

**ILHA DE VANCOUVER, CANADÁ**

Parecia não terminar nunca.

Anawak sentia os olhos diminuírem cada vez mais. Sentia como estavam ficando vermelhos, as pálpebras inchando e formando pequenas rugas em volta dos olhos que não combinavam com a sua idade. Faltava pouco para o seu queixo cair na mesa, mas continuava olhando para a tela do computador. Desde que a loucura tomara conta da costa oeste, não fizera praticamente mais nada além de olhar para monitores, sem até agora ter visto sequer uma fração de todo o material — registros cuja existência devia-se a uma das invenções mais revolucionárias na pesquisa de comportamento:

A telemetria animal.

Ao final da década de 1970, os pesquisadores haviam desenvolvido uma revolucionária técnica para a observação de animais. Até então só foram possíveis vagas teorias acerca da distribuição geográfica e do comportamento de migração das espécies. O modo como um animal vivia, caçava e se procriava, suas exigências e necessidades eram pura especulação. Naturalmente, milhares de animais eram observados constantemente. Entretanto quase sempre em condições que não permitiam conclusões reais a respeito do seu comportamento natural. Um animal capturado não fazia o que fazia em vida selvagem, tampouco quanto um prisioneiro daria informações representativas sobre a sua vida como homem livre.

Mesmo quando os animais eram observados em seu habitat natural, os resultados eram insuficientes. Ou fugiam imediatamente, ou nem chegavam a aparecer. De fato, praticamente todos os pesquisadores eram observados por mais tempo pelo objeto da sua curiosidade do que eles próprios os observavam. Outras espécies menos ariscas — como os chimpanzés

e os golfinhos — adequavam o seu comportamento ao observador, reagiam com agressão ou curiosidade, às vezes tornavam-se brincalhões e posavam. Em outras palavras: faziam de tudo Para impedir descobertas objetivas. Quando se cansavam, desapareciam no mato, levantavam vôo ou mergulhavam de volta para a água, onde finalmente agiam com naturalidade — sem que fosse possível segui-los.

Mas era exatamente com isso que os biólogos sonhavam desde Darwin: Como sobrevivia uma foca ou um peixe nas águas frias e escuras da Antártida?

Como visualizar um habitat coberto de gelo? De que forma se via o mundo ao sobrevoar o mar Mediterrâneo em direção à África sem estar num avião, mas nas costas de um ganso selvagem? O que acontecia com uma abelha num período de 24 horas? Como conseguir dados sobre a freqüência dos batimentos das asas, o ritmo cardíaco, a pressão arterial, o comportamento de alimentação, capacidades fisiológicas do mergulho, armazenamento de oxigênio e as conseqüências das influências antropogênicas, como a poluição sonora causada pelos navios ou as detonações subaquáticas para mamíferos marinhos?

Como seguir animais até onde nenhum humano conseguia chegar?

A resposta foi encontrada com uma tecnologia que permitia às transportadoras acompanharem a posição de seus caminhões de carga pesada sem saírem de seus escritórios, e que ajudava motoristas de carro a encontrar uma rua numa cidade totalmente desconhecida. Todo e qualquer homem moderno conhecia essa tecnologia sem suspeitar de que ela também revolucionara a zoologia.

Telemetria.

Já no final dos anos 1950, cientistas americanos desenvolveram idéias para equipar animais com sondas. Pouco depois, a Marinha dos Estados Unidos começou a trabalhar com golfinhos adestrados, mas os primeiros programas falharam devido ao tamanho do transmissor. Eram simplesmente pesados demais. De que adiantava um tacógrafo nas costas de um golfinho cuja

função era dar informações sobre o seu comportamento natural, se ele influenciava justamente esse comportamento? Durante algum tempo não se saiu do lugar, até a microeletrônica trazer a revolução. De repente, tacógrafos do tamanho de uma barra de chocolate e câmeras ultraleves passaram a enviar todos os dados desejados diretamente do mundo selvagem — sem serem notados pelos seus carregadores que passeavam pelas florestas tropicais ou mergulhavam debaixo do gelo do McMurdo Sound com aproximadamente 15 gramas de alta tecnologia. Finalmente, os ursos grizzly, cães selvagens, raposas e caribus passaram a dar informações sobre o seu modo de vida, o acasalamento, o comportamento de caça e as rotas de migração. Voava-se pela metade do mundo com águias marinhas e albatrozes, cisnes, gansos e grou. Quando se chegou no suposto fim da linha, insetos foram equipados com microtransmissores que pesavam um milésimo de grama, obtinham a sua energia de ondas de radar e emitiam os raios com o dobro da frequência, de forma que os dados ainda podiam ser recebidos com clareza além de setecentos metros.

A maioria das medições era realizada através da telemetria via satélite. O sistema era tão simples quanto genial. Os sinais dos transmissores dos animais eram enviados para a órbita, onde eram recebidos pelo ARGOS, um sistema de satélites do centro espacial francês CNES. Eram encaminhados para a central em Toulouse e para uma estação terráquea em Fairbanks, nos EUA, de onde, em noventa minutos, eram repassados para uma série de institutos interligados em todo o mundo — quase tão bom quanto uma transmissão em tempo real.

As pesquisas de baleias, focas, pingüins e tartarugas marinhas rapidamente desenvolveram um setor próprio da telemetria. Ela possibilitava observar o mais fascinante habitat do mundo — fascinante justamente por ainda ser inexplorado. Tacógrafos ultraleves registravam dados de profundidades consideráveis, mediam a temperatura, a profundidade e o tempo do mergulho, a localização, a direção do deslocamento e a velocidade. Lamentavelmente, seus sinais não penetravam na água, o que

tornava os satélites da ARGOS cegos para os oceanos. As jubartes, por exemplo, que passavam a maior parte da sua vida em frente à costa californiana permaneciam no máximo uma hora por dia na superfície da água. Enquanto os ornitólogos tinham a possibilidade de, ao mesmo tempo, observar as cegonhas e receber dados, os pesquisadores marinhos estavam como isolados assim que as baleias afundassem. Para realmente poder pesquisá-las, seria necessário acompanhá-las com uma câmera até o fundo do Pacífico, mas nenhum mergulhador conseguiria isso, e os submarinos eram muito lentos e inertes.

Os cientistas da University of Califórnia, em Santa Cruz, finalmente descobriram a solução — câmeras subaquáticas que pesavam alguns gramas e eram resistentes à pressão. Fixaram os aparelhos em baleias-azuis, elefantes-marinhos, em algumas focas de Weddell e, finalmente, também num golfinho. Dentro de pouco tempo, fenômenos impressionantes tornaram-se evidentes. Bastaram poucas semanas para ampliar enormemente os conhecimentos acerca dos mamíferos marinhos. Tudo teria sido maravilhoso se tivesse sido possível fixar as sondas tão bem em baleias e golfinhos como nos outros animais, mas justamente isso aparentava ser difícil ou até impossível. Por isso, não existiam tantos dados sobre o habitat das baleias quanto Anawak desejava nestas horas, e, por outro lado, eram mais do que suficientes. Como ninguém sabia dizer o que procurar, cada registro era importante, ou seja, milhares de horas de material de imagem e som, medições, análises e estatísticas.

Projeto Sisyphos, como dizia Terry King.

De falta de tempo, ao menos, Anawak não podia se queixar. A Estação Baleeira Davies estava reabilitada — e fechada. Somente navios muito grandes continuavam percorrendo a região costeira do oeste canadense e norte-americano. O desastre em frente à ilha de Vancouver repetira-se quase simultaneamente em vários locais desde San Francisco até o Alasca. Nos primeiros ataques, mais de cem pequenos navios e barcos afundaram ou foram seriamente danificados. No fim de semana, o número de ataques caiu, porque ninguém tinha mais coragem de sair, a não ser que estivesse sobre

uma quilha de uma grande balsa ou cargueiro. Continuavam chegando notícias controversas. Foram convocados diversas comissões e conselhos de emergência nacionais, o que levou a uma presença quase invasiva de aeronaves. Constantemente crepitavam helicópteros ao longo da costa, dos quais soldados, aglomerados com cientistas e políticos, olhavam para o mar cada vez mais perplexos.

Como consequência natural desses conselhos, os chefes de repartição começaram a chamar especialistas externos. O aquário de Vancouver, com King à frente, foi recrutado como centro científico para onde passaram a ser enviados todos os dados relevantes. Praticamente todos os institutos e instituições de pesquisa dedicados à vida marinha estavam interligados. Para King, um fardo pesado. Assumiu tarefas das quais não sabia de fato no que consistiam. Havia gavetas lotadas de cenários desde o terremoto do século até o ataque terrorista nuclear, mas não sobre este assunto. King não hesitou por muito tempo e, por sua vez, sugeriu que Anawak assumisse o papel de conselheiro, já que ele, entre todos os cientistas norte-americanos e canadenses, era quem sabia melhor do que ninguém o que se passava na cabeça de uma baleia. Porque somente ali poderia haver uma resposta: se as baleias dispunham de alguma inteligência, estavam com algum parafuso solto? Caso contrário, o que acontecera com elas?

Mas até Anawak, em quem se depositava tanta esperança, desconhecia a resposta. Ele ordenara todo o material telemétrico disponível que fora arquivado desde o começo do ano na costa do Pacífico. Há 24 horas, ele e Alicia Delaware avaliavam seqüências de vídeo, com o apoio de funcionários do aquário. Estudavam dados de posição e escutavam sons gravados por hidrofones sem chegar a resultados úteis. Praticamente nenhuma das baleias estava carregando um aparelho telemétrico ao iniciar sua migração do Havaí e da Baixa Califórnia em direção ao Ártico, exceto duas jubartes, cujos tacógrafos caíram assim que deixaram a Baixa Califórnia. De fato, a única descoberta provinha do vídeo feito pela mulher a bordo da Blue Shark. Analisaram-no diversas vezes na Estação Baleeira, juntamente com outros skippers que tinham

prática na identificação de caudas de baleias. Após diversas passagens e ampliações de imagem, finalmente reconheceram duas baleias jubarte, uma baleia-cinza e algumas orcas.

Delaware tivera razão. O vídeo era uma pista.

A raiva que Anawak sentira da estudante passou rapidamente. Ela podia ser petulante e falar mais rápido do que pensava, mas por trás do seu jeito enérgico ele percebera uma mente muito inteligente e analítica. Além do mais, ela tinha tempo. Os seus pais moravam em British Properties, o bairro de elite de Vancouver. Ofereciam a Alicia uma vida com excessos, sem jamais aparecerem. Anawak deduziu que compensavam com dinheiro a evidente falta de interesse em passar algum tempo com a filha, o que não parecia afligi-la grandiosamente — uma vez que lhe possibilitava gastar um monte dele e, de resto, seguir os seus próprios caminhos. Na realidade, não poderia ser melhor. Delaware via o inesperado trabalho em conjunto como oportunidade de desenvolver o lado prático do seu estudo da biologia, e Anawak precisava de uma assistente, uma vez que Susan Stringer estava morta.

Stringer...

Sempre que pensava na skipper, sentia vergonha e culpa por não ter conseguido salvá-la. Regularmente repetia para si mesmo que nada nem ninguém neste mundo poderia ter salvado Stringer depois que a orca a pegara. com a mesma regularidade, tinha dúvidas torturantes. O que ele, que publicara teoremas e tratados sobre a autoconsciência das toninhas, realmente sabia sobre os pensamentos de uma baleia? Como convencer uma orca a largar a sua presa? Que argumentos convenciam uma mente inteligente que funcionava de forma diferente da humana?

Teria havido uma possibilidade?

Depois voltava a dizer a si mesmo que orcas eram animais. Altamente inteligentes, mas animais. E presa era presa.

Por outro lado, os humanos definitivamente não faziam parte do esquema de caça das orcas. Então teriam elas comido os passageiros que flutuavam na água? Ou simplesmente os mataram?

Assassinaram.

Podia-se acusar uma orca de assassinato?

Anawak suspirou. Estava dando voltas. A cada minuto que passava, a ardência de seus olhos piorava. Desanimado, pegou mais um CD com imagens digitalizadas, virou-o de um lado para o outro, indeciso, e novamente colocou-o de lado. Sua concentração acabou. Passara o dia inteiro no aquário. O tempo todo discutira com alguém ou fizera ligações para todos os lados, sem alcançar alguma coisa. Sentia-se sugado e vazio. Cansado, desligou a tela do computador e olhou para o relógio. Passava das sete. Levantou-se e foi procurar Terry King. O diretor estava numa reunião, então deu uma passada na sala de Delaware. Ela estava analisando dados de teleimpressor numa sala de reuniões adaptada.

— Que tal comermos um suculento bife de cachalote? — perguntou, azedo. Ela olhou para ele e piscou. Trocara os óculos azuis por lentes de contato, que também pareciam suspeitamente azuis. Tirando os seus dentes de coelho, ela era até bem atraente.

— Claro. Onde?

— Tem uma birosca boazinha na esquina.

— Tolicé, birosca! — disse, divertida. — Eu pago.

— não precisa.

— Vamos para o Cardero's.

— Minha nossa.

— É bom.

— Eu sei que é bom. Mas, em primeiro lugar, não precisa pagar o meu jantar, e, em segundo, eu acho o Cardero's... Bem, como devo dizer...

— Eu acho excelente.

O Cardero's ficava dentro do Coal Harbour, era grande e arejado, com pédireito e janelas altos. Um local bastante renomado. Tinha uma vista maravilhosa e uma excelente cozinha regional. No bar ao lado eram servidos inúmeros drinques para pessoas jovens e bem-vestidas. Anawak sabia que com os seus jeans desfiados e o seu pulôver desbotado estava visivelmente mal-vestido e, além do mais, sentia-se desconfortável e deslocado em locais renomados. Por sua vez, Delaware, como tinha de admitir, era praticamente predestinada para o Cardero's.

Então o Cardero's.

Dirigiram até o porto no seu velho King e tiveram sorte. Em geral, era preciso fazer uma reserva antecipada para o Cardero's, mas uma mesa no canto não fora reservada, era um pouco isolada e, portanto, agradava a Anawak. Escolheram a especialidade da casa: salmão grelhado sobre cedro com soja, açúcar mascavo e limão.

— E então — disse Anawak depois de o garçom afastar-se.  
— O que temos?

— Nada além de fome, no que diz respeito a mim. — Delaware sacudiu os ombros. — não sei nada além do que sabia antes.

Anawak massageou-se no queixo.

— Talvez eu tenha descoberto alguma coisa. O vídeo da mulher levou-me a esta conclusão.

— Meu vídeo.

— Está bem — disse ironicamente. — Devemos tudo a você.

— Devem-me ao menos uma idéia. O que descobriu?

— Tem relação com as baleias identificadas. Chamou-me a atenção que somente orcas inshore participaram dos ataques. Nenhuma residente.

— Hum. — Franziu o nariz. — É verdade. Na realidade, ninguém falou mal das residentes.

— Pois é. não houve ataques no estreito Johnson. E tinha alguns caiaques por ali.

— Então o perigo são os animais migrantes.

— Orcas inshore e, possivelmente, offshore. As jubartes e a baleia-cinzenta identificadas também são migrantes. Todas as três passaram o inverno na Baixa Califórnia, isso está até documentado. Enviamos imagens de suas caudas para o instituto de Biologia Marinha em Seattle. Eles confirmaram que os animais foram vistos diversas vezes nos últimos anos.

Delaware olhou para ele, confusa.

— Mas o fato de as baleias-cinzentas e as jubartes migrarem não é nenhuma novidade.

— Nem todas.

— Ah. Eu achava que...

Naquele dia em que voltamos a sair, Shoemaker, Greywolf e eu, aconteceu uma coisa estranha. Eu quase tinha me esquecido. Precisávamos tirar as pessoas do Lady Wexham. O navio estava afundando, e, além disso, estávamos sendo atacados por um grupo de baleias-cinzentas. Tenho certeza de que definitivamente não tínhamos a menor chance de sair de lá ilesos, muito menos de salvar alguém. Mas, de repente, surgiram duas baleias-cinzentas ao nosso lado que não nos fizeram nada. Simplesmente permaneceram ali na água durante algum tempo, e as outras recuaram.

— E eram residentes?

— Cerca de uma dúzia de baleias-cinzentas permanecem na costa oeste o ano inteiro. São velhas demais para realizarem a cansativa migração. Quando chegam os grupos do sul, as velhas baleias são recebidas novamente, com ritual de cumprimento e tudo. Eu reconheci uma dessas residentes, e ela definitivamente não tinha intenção de nos agredir. Pelo contrário. Acredito que devemos nossas vidas a elas.

— Estou boquiaberta! Elas protegeram vocês!

— Tsc, tsc, Licia. —Anawak ergueu as sobrancelhas. —Tanta humanização vindo de você?

— Há três dias acredito em quase tudo.

— Proteger me parece demais. Mas acredito que tenham afastado as outras baleias. não gostavam das agressoras. com certo cuidado, poderíamos concluir que somente os animais migrantes estão envolvidos. As residentes, de qualquer espécie, têm comportamento pacífico. Parecem entender que as outras enlouqueceram.

Delaware coçou o nariz com uma expressão pensativa.

— Faz sentido. Quer dizer, um grande número de animais desaparece no caminho da Califórnia para cá. Em mar aberto. As orcas agressivas também vivem em mar aberto no oceano Pacífico.

— Justamente. Seja o que for que mudou o seu comportamento, deve ser encontrado exatamente ali. No fundo do mar azul. Lá longe.

— Mas o quê?

— Descobriremos — disse Terry King, surgindo repentinamente ao lado da mesa. Puxou uma cadeira e sentou-se. — E antes que esses caras do governo me enlouqueçam com os seus intermináveis telefonemas.

— Lembrei-me de mais uma coisa—disse Delaware enquanto comiam a sobremesa. —As orcas podem ter se divertido, mas as baleias grandes, certamente não.

— De onde tirou isso? — perguntou Anawak.

— Bem — disse com a boca cheia de musse de chocolate. — Imagine-se batendo o tempo inteiro numa coisa para derrubá-la. Ou você se joga em cima de uma coisa com bordas e cantos. Qual a chance de você mesmo machucar-se?

— Ela tem razão — disse King. — Os animais provavelmente se feriram. E nenhum animal fere a si mesmo, a não ser para defender a si e aos seus filhotes. — Tirou os óculos e limpou-os meticulosamente. — Vamos fantasiar um pouco? E se tudo isso foi um protesto?

— Contra o quê?

— Caça baleeira.

— Protestos de baleias contra caça baleeira? — disse Delaware, incrédula,

— Antigamente, os caçadores baleeiros eram atacados de vez em quando — disse King. — Especialmente quando queriam os filhotes.

Anawak balançou a cabeça.

— Nem você acredita nisso.

— Foi uma tentativa.

— Nada boa. Até hoje ninguém comprovou que as baleias tenham entendido o que é a caça baleeira.

— Quer dizer que não percebem que estão sendo caçadas? — perguntou Delaware. — Isso é tolice.

Anawak girou os olhos.

—não chegam a compreender uma sistemática. As baleias-piloto-de-peitorais-longas encalham sempre nas mesmas enseadas. Nas Ilhas Faroé, os pescadores acuam grupos inteiros de baleias e batem nelas indiscriminadamente com barras de metal. Verdadeiros

massacres. Ou então veja o Japão, em Futo, onde eles abatem as toninhas e os botos-do-porto. Há gerações que os animais sabem o que os aguarda. Por que, apesar disso, retornam regularmente?

— Certamente não é nenhum sinal de grande inteligência — disse King. Por outro lado, apesar de todo o conhecimento, todos os anos são espalhados gases propulsores e desmatadas florestas tropicais. Tampouco é sinal de muita inteligência, não concordam?

Delaware franziu a testa e raspou o resto da musse de chocolate do seu prato.

— Está correto — disse Anawak depois de algum tempo.

— O quê?

— A observação de Lícia de que os animais podem ter-se ferido ao saltarem em cima ou contra os barcos. Quer dizer, se de repente você cisma de atirar em pessoas, o que você faz? Senta-se num lugarzinho de onde tem uma boa visão geral, mira e atira. Contudo certamente deve prestar atenção para não atirar no seu próprio pé.

— A não ser que esteja sendo influenciado.

— Hipnotizado.

— Ou doente. Confuso. É o que estou dizendo. Elas estão confusas.

— Quem sabe foi lavagem cerebral?

— Agora chega de maluquice.

Durante algum tempo ninguém disse nada. Todos na mesa estavam pensativos, enquanto o nível de ruídos aumentava no Cardero's. Ouviam-se pedaços de conversa das mesas vizinhas. Os acontecimentos dominavam a mídia e a vida pública. Alguém traçou um paralelo entre o que ocorrera em frente à costa e as avarias em águas asiáticas. Em frente ao Japão e no estreito de Malaca, em pouco tempo aconteceram algumas das maiores catástrofes das últimas décadas envolvendo navios. Discutia-se e trocavam-se teorias sem aparentemente perder o apetite com o assunto.

— E se forem os venenos? — disse Anawak finalmente. — PCB, essas porcarias todas. Se estiverem enlouquecendo os animais?

— Loucos de raiva — brincou King. — Estou dizendo, estão protestando. Porque os islandeses estão requerendo cotas de caça, os japoneses as agridem, e os noruegueses não dão a mínima para a IWC. Até os makah querem voltar a caçá-las. Ei! É isso! — Ele ria. — Quem sabe leram no jornal.

— Considerando que você é o coordenador do conselho científico, não está dando a devida seriedade ao assunto — disse Anawak. — Sem falar da sua fama de cientista sério.

— Makah? — ecoou Delaware.

— Uma tribo dos nuu-chah-nulth — disse King. — índios no oeste da ilha de Vancouver. Há anos estão tentando readquirir na justiça o direito de caçar baleias.

— O quê? Onde vivem? Estão malucos?

— Louvada seja a sua indignação civilizada, mas os makah caçaram baleias Pela última vez em 1928 — disse Anawak, bocejando. Mal conseguia manter os olhos abertos. — não foram eles que quase extinguiram as baleias-cinzentas, as baleias-azuis, as jubartes etc. Os makah estão lutando pela sua tradição e pela manutenção da cultura. Alegam que praticamente nenhum makah domina mais a tradicional caça baleeira.

— E daí? Quem quiser comer, que vá ao supermercado.

— não confunda a nobre intermediação de Leon — disse King e voltou a encher a sua taça de vinho.

Delaware fitou Anawak. Alguma coisa mudou no seu olhar.

Por favor, não, pensou ele.

Sua aparência indígena era evidente, mas agora ela começou a tirar as conclusões erradas. Ele literalmente conseguia ouvir a pergunta chegando. Teria de se explicar. não odiava nada mais do que isso. Odiava e desejava que King nunca tivesse começado a falar dos makah.

Trocou um olhar rápido com o diretor.

King compreendeu.

— Falemos disso uma outra vez — sugeriu. E antes que Delaware pudesse responder, disse: — Deveríamos discutir a teoria do envenenamento com Oliviera, Fenwick ou Ed Byrne, mas, sinceramente, não acredito nela. A poluição é causada pelo

vazamento de óleo e o despejamento de ácidos clorídricos. Você sabe aonde isso leva. Enfraquece o sistema imunológico, causa infecções e leva à morte antes da hora. Mas não à loucura.

— não teve um cientista que calculou que as orcas estariam extintas no litoral oeste dentro de trinta anos? — disse Delaware, entrando novamente na conversa.

Anawak acenou a cabeça com ar sombrio.

— De trinta a 120 anos. Se continuar assim. Aliás, não apenas pelos envenenamentos. As orcas estão perdendo a sua fonte de alimentação, o salmão. Se não morrerem envenenadas, migrarão para outros lugares. Precisarão encontrar salmão em outras regiões, desconhecidas, poderão perder-se em redes de pescadores... é tudo junto.

— Esqueça a teoria do envenenamento — disse King. — Se fossem somente as orcas, seria uma possibilidade. Mas orcas e jubartes em parceria estratégica... sei não, Leon.

Anawak refletiu.

— Vocês conhecem minha posição — disse baixinho. — Longe de mim afirmar que animais têm intenções ou superestimar sua inteligência, mas... vocês também não têm a sensação de que estão querendo livrar-se de nós?

Olharam para ele. Ele contava com protestos veementes. Entretanto Delaware acenou a cabeça afirmativamente.

— Tenho. Exceto as residentes.

— Exceto as residentes. Porque não estiveram no mesmo lugar que as outras. Porque alguma coisa aconteceu com as outras. As baleias que afundaram o rebocador... Estou falando para vocês! A resposta está lá fora.

— Meu Deus, Leon. — King recostou-se e tomou um belo gole de vinho. — Que filme é este agora? Vão e combatam a humanidade?

Anawak permaneceu calado.

com o tempo, o vídeo da mulher não os levou mais adiante.

Quando estava deitado na cama de seu pequeno apartamento em Vancouver tarde da noite sem conseguir conciliar o

sono, Anawak começou a pensar em preparar ele mesmo uma das baleias alteradas. Independentemente do que ocorrera aos animais, continuava dominando-os. Equipado com câmera e sensor, talvez um deles forneceria as respostas tão urgentes.

A questão era como fixar algo numa jubarte que se tornara enlouquecida, se, quando tranqüilas, elas já não ficavam muito quietas?

E depois este problema com a pele...

Equipar uma foca era algo totalmente diferente do que prender um sensor numa baleia. As focas eram fáceis de serem capturadas em seus locais de descanso. A cola biodegradável com que os sensores eram fixados grudava no pêlo, secava rapidamente e algum dia se soltava por um mecanismo integrado de desengate. No mais tardar durante a próxima troca de pêlo, os restos de cola desapareciam.

Mas as baleias e os golfinhos não tinham pêlo. não havia praticamente nada mais liso do que a pele de orcas e golfinhos, cuja textura lembrava um ovo descascado, com uma fina camada de gel por cima para minimizar a resistência da água e afastar as bactérias. A camada de pele externa era substituída continuamente. Soltava-se pela ação de enzimas, de forma que, durante os saltos, caía em grandes pedaços — juntamente com todos os moradores e sensores indesejáveis. E as peles das baleias-cinzentas e das jubartes também não ofereciam fixação melhor.

Anawak levantou-se sem acender a luz e foi até a janela. O apartamento ficava em um dos prédios mais antigos e dava vista para a ilha de Granville, e ele podia ver as luzes da cidade adormecida. Foi pensando nas possibilidades, uma a uma. Naturalmente existiam truques. Os cientistas americanos utilizavam-se de um método no qual os sensores e aparelhos de medição eram presos por ventosas. De dentro dos barcos, através de longas varas eram colocadas sondas em animais que nadavam nas proximidades ou pegavam uma carona na onda de Proa. Muitas vezes não funcionava. Mas sempre era um caminho. Entretanto os sensores com ventosas também só resistiam à pressão da correnteza por algumas horas. Outros prendiam os aparelhos na

nadadeira dorsal. Tanto num caso como no outro, restava a dúvida de como aproximar-se de barco de uma baleia nesses dias sem ser imediatamente afundado. Os animais podiam ser anestesiados...

Tudo muito complicado. Além do mais, os tacógrafos não bastariam. Precisavam de câmeras. Telemetria via satélite e imagens de vídeo.

De repente, teve uma idéia.

Havia um método.

Requeria um bom atirador. As baleias eram alvos grandes. Mesmo assim era recomendável que fosse alguém que realmente soubesse atirar.

De uma hora para a outra, Anawak parecia estar possuído. Correu para a escrivaninha, acessou a internet e pesquisou diversas páginas. Lembrou de ter lido a respeito de uma outra possibilidade. Procurou em uma das gavetas cheias de bilhetes até encontrar o endereço da internet do Laboratório de Experimentação e Robótica Subaquática em Tóquio.

Logo imaginou como poderia funcionar.

Era preciso mesclar os dois caminhos. O conselho de emergência precisaria despendar grandes quantias em dinheiro, mas atualmente isso não parecia ser um empecilho, desde que fosse destinado ao esclarecimento dos problemas.

Sua cabeça rodava.

Pela manhã, finalmente caiu no sono. A última coisa em que pensou foi no Barríer Queen e em Roberts. Outro assunto que o intrigava. O diretor não retornara a sua ligação apesar das inúmeras tentativas de contato. Torcia para que a Inglewood ao menos tivesse enviado as amostras para Nanajmo.

Aliás, onde estava o relatório?

Não aceitaria ser continuamente dispensado.

O que faria amanhã?

Vou levantar mais uma vez e fazer algumas anotações, pensou. Primeiramente...

No mesmo instante adormeceu, exausto.

**20 de abril**

**LYON, FRANÇA**

Bernard Roche repreendeu-se por ter demorado tanto para começar a analisar as amostras de água, mas não podia fazer nada. Como poderia imaginar que uma cavaquinha pudesse matar uma pessoa? Ou possivelmente mais?

Jean Jérôme, o cozinheiro de peixes do Troisgros em Roanne, não acordara mais do coma, 24 horas depois de uma cavaquinha contaminada voar em sua direção. Ainda não se sabia o que exatamente causara a morte. Certo era que o seu sistema imunológico falhara, aparentemente como consequência direta de um forte choque tóxico. Tampouco foi possível comprovar que o culpado direto era a cavaquinha ou aquele troço dentro dela, mas tudo apontava para isso. Outros membros da equipe de cozinheiros também adoeceram, particularmente o aprendiz que tocara e conservara a estranha substância. Todos sentiam vertigem, náuseas e dores de cabeça, queixando-se de dificuldades de concentração. Isso já seria suficientemente trágico, especialmente para o Troisgros, cujo funcionamento já enfrentava bastante dificuldade. Entretanto o que inquietava Roche ainda mais eram os inúmeros sintomas similares que levavam os moradores de Roanne ao médico desde que Jérôme falecera. Seus sintomas eram mais amenos. Mesmo assim, Roche temia o pior desde a descoberta do que acontecera com a água em que Jérôme armazenara as cavaquinhas temporariamente.

A imprensa não divulgou muito a notícia, até em respeito ao restaurante, mas naturalmente também se relatava a respeito e de outros cantos também chegavam rumores aos ouvidos de Roche. Aparentemente, o Troisgros nem fora o único atingido. Em Paris morreram várias pessoas pela ingestão de carne de cavaquinha estragada, como diziam, mas Roche suspeitava de que não era bem por aí. As notícias chegavam de Lê Havre, Cherbourg, Caen, Rennes e Brest. Ele já contratara um assistente para ajudar nas

investigações. Esboçava-se um quadro no qual as cavaquinhas tinham papéis inglórios, levando Roche a deixar tudo de lado para se dedicar exclusivamente à análise da amostra de água.

Novamente descobriu ligações químicas incomuns que o deixaram intrigado. Urgia adquirir novas amostras, e ele solicitou contatos com as cidades envoltas. Lamentavelmente, até então ninguém pensara em armazenar um pouco Aquela substância. Em lugar algum explodira uma cavaquinha como em Roanne, falava-se de animais com a carne estragada que se jogara fora e de outros que, antes do cozimento, já não causavam boa impressão, porque alguma coisa brotava do seu interior. Roche teria desejado que mais alguém tivesse sido tão esperto quanto o aprendiz, mas pescadores, comerciantes e empregados de cozinha simplesmente não eram cientistas. Portanto, por enquanto ele só podia contar com especulações. Parecia-lhe que no corpo da cavaquinha não havia somente um, mas dois organismos. Por um lado a substância gelatinosa. Ela se decomusera e, pelo visto, desaparecera por completo.

O outro organismo, entretanto, continuava vivo, apresentava-se em grande quantidade e parecia assustadoramente conhecido a Roche.

Olhou concentradamente através do microscópio.

Milhares de esferas transparentes moviam-se como bolas de tênis para todos os lados. Caso sua suspeita se confirmasse, no seu interior haveria um pedúnculus enrolado, uma espécie de tromba.

Teriam estes organismos matado Jean Jérôme?

Roche pegou uma agulha de vidro esterilizada e espetou-se rapidamente no polegar. Uma pequena gota de sangue brotou. Cuidadosamente, injetou-a na amostra sobre a lâmina e voltou a olhar através da lente do microscópio. com um aumento de setecentas vezes, os glóbulos sangüíneos de Roche pareciam pétalas de cor rubi. Boiavam na água, cada um deles repleto de hemoglobina. Imediatamente, as esferas transparentes entraram em atividade. Projetaram suas trombas para fora e atacaram fulminantemente as células humanas. Os pedúnculos penetraram como cânulas. Lentamente, os assustadores micróbios tingiram-se

de vermelho enquanto sugavam os glóbulos sangüíneos. Um número cada vez maior atacou o sangue de Roche. Se um glóbulo estivesse totalmente sugado, moviam-se para o próximo. Aos poucos, incharam, exatamente como Roche temia. Cada uma das criaturas absorveria até dez glóbulos sangüíneos. Em no máximo 45 minutos terminariam o serviço. Continuou assistindo com fascinação e percebeu que aconteceu até mais rápido, bem mais rápido do que imaginara.

Após 15 minutos a assombração chegou ao fim.

Roche permaneceu sentado em frente ao microscópio, imóvel. E anotou:

Provavelmente Pfiesteria piscicida.

“Provavelmente” representava um último fio de dúvida, por mais que Roche já estivesse certo de ter acabado de classificar o agente patológico que causara as mortes e os adoecimentos. O que o incomodava era a impressão de tratar-se de uma versão monstruosa da Pfiesteria piscicida. Era o superlativo do superlativo, porque Pfiesteria por si só já era um monstro na opinião de muitas pessoas. Um dos menores carnívoros do mundo. E, ao mesmo tempo, um dos mais perigosos.

A Pfiesteria piscicida era um vampiro.

Já lera muito a respeito. O primeiro contato da ciência com a Pfiesteria não era muito antigo. Começara nos anos oitenta com a morte de cinquenta peixes de laboratório na North Carolina State University. Aparentemente, não havia nada na água em que tinham nadado, exceto minúsculos unicelulares que se mexiam no aquário. A água era trocada e eram colocadas novos peixes. não sobreviviam nem um dia. Era algo que cometia assassinatos com grande eficiência. Matava kinguios, robalos muge, tilápias africanas, freqüentemente em poucas horas, às vezes em minutos. Os cientistas sempre observavam como as vítimas estremeciam antes de morrer tortuosamente. Os misteriosos micróbios sempre surgiam do nada e desapareciam tão rápido quanto.

Aos poucos, as coisas tornaram-se mais claras. Uma botânica reconheceu no assustador organismo um flagelado de uma espécie até então desconhecida. Um dinoflagelado, uma alga.

Havia muitos deles. A maioria era inofensiva, mas alguns há muito tempo já comprovaram ser verdadeiras máquinas de veneno. Contaminavam fazendas inteiras de mexilhões. Outros dinoflagelados desencadeavam as perigosíssimas "marés vermelhas", que tingiam o mar de vermelho vivo ou de marrom. Sabia-se também que atacavam moluscos. Entretanto esses representantes não eram comparáveis ao organismo recém-descoberto.

Porque a *Pfiesteria piscicida* diferenciava-se dos seus coespecíficos. Ela atacava ativamente. De certa forma, lembrava carrapatos. Não morfologicamente, mas pela sua paciência. Aparentemente sem vida, ficava à espreita no fundo das águas. Cada um dos organismos era envolto por uma cápsula, uma espécie de cisto que o protegia. Assim, a *Pfiesteria* conseguia sobreviver durante anos sem alimentar-se. Até passar um cardume de peixes cujas excreções caíam no chão e abriam o apetite do unicelular aparentemente morto.

O que acontecia apenas podia ser descrito como ataque-relâmpago. Bilhões de algas libertavam-se de seus cistos e subiam. Os dois flagelos na parte traseira do corpo serviam de sistema propulsor. Um girava como uma hélice, e o outro guiava o organismo na direção desejada. Uma vez atada ao corpo de um peixe, a *Pfiesteria* liberava um veneno que paralisava os nervos e, ao mesmo tempo, fazia buracos do tamanho de uma moeda na pele. E então ela projetava a sua tromba sugadora nas feridas e absorvia os líquidos corporais da presa agonizante. Depois de saciada, soltava-se da vítima e retornava ao fundo para novamente encasular-se.

Por si mesmas algas tóxicas eram um fenômeno normal. Assim como cogumelos na floresta. As substâncias venenosas de certas algas eram conhecidas há muito, na realidade desde os tempos bíblicos. No Segundo Livro de Moisés foi descrito um fenômeno que parecia descrever com espantosa exatidão a "maré vermelha": E a água se transformou em sangue. Os peixes morreram, o rio ficou cheirando mal e os egípcios não tinham mais água nenhuma para beber. Portanto, o fato de unicelulares

assassinarem peixes não era nada surpreendente. Mas como e com que brutalidade o faziam era novidade. O mundo parecia ter sido tomado por uma doença cujo sintoma mais espetacular, inicialmente, levava o nome de Pfiesteria piscicida. Ataques venenosos a animais marinhos, novas doenças de corais, campos de crina marinha infectadas, tudo isso refletia a situação em que os oceanos se encontravam de forma geral—enfraquecidos por correntezas de substâncias nocivas, pela pesca excessiva, a habitação descontrolada das regiões costeiras e as conseqüências do aquecimento global. Discutia-se se as invasões de algas assassinas eram algo novo ou periódico — o certo era que elas agrediam o globo de uma forma nunca antes vista e que a natureza era muito criativa no que tangia ao surgimento de novas espécies. Enquanto os europeus ainda se gabavam porque a Pfiesteria não era encontrada em suas latitudes, em frente à Noruega morriam milhares de peixes, e os criadores de salmão noruegueses estavam quase arruinados. Neste caso, o assassino chamava-se *Chrysochromulina polylepis*, que era como um pequeno irmão da Pfiesteria, e ninguém ousava prever o que mais estaria por vir.

Então as Pfiesteria piscicida atacaram cavaquinhas.

Mas eram realmente Pfiesteria piscicida?

Roche tinha as suas dúvidas. O comportamento dos unicelulares indicava isso, apesar de lhe parecerem bem mais agressivos do que a sua descrição na literatura específica. Perguntava-se principalmente como a cavaquinha conseguira sobreviver durante tanto tempo. As algas provinham do seu interior? Juntamente com a substância? Em todo caso, a massa gelatinosa que se decompunha no ar parecia ser algo totalmente diferente dessas algas, algo definitivamente desconhecido. Será que ambos vieram da parte interna da cavaquinha? Mas então o que acontecera com a carne da cavaquinha?

Aquilo tinha sido realmente uma cavaquinha?

Roche estava muito confuso. Só tinha certeza de uma coisa: independentemente do que fosse, parte daquilo agora estava misturado à água potável de Roanne.

## 22 de abril

### MAR NORUEGUÊS, TALUDE CONTINENTAL

Em mar aberto, o mundo consistia de nada mais que água e um céu mais ou menos claramente definido. não havia pontos de referência, de modo que, em dias bonitos, tinha-se a impressão de ser sugado pela imensidão para dentro do espaço sideral, e em dias de chuva às vezes não dava para saber se ainda se estava sobre a superfície d'água ou imerso pela metade. Até os marinheiros mais resistentes consideravam a chuva monótona e deprimente. O horizonte desaparecia, o preto das nuvens confundia-se com o cinza das massas de nuvens borradas e criava a imagem de um universo sem luz, forma e esperança.

No mar do Norte e no mar Norueguês, ao menos, as torres de petróleo eram pontos de referência. Entretanto lá fora sobre o talude continental, sobre o qual há dois dias encontrava-se o navio de pesquisas Sonne, a maioria das plataformas estava longe demais para serem percebidas a olho nu. Hoje até mesmo as poucas torres visíveis desapareciam na chuva fina. Tudo estava encharcado. Um frio úmido penetrava os casacos e macacões a prova d'água dos cientistas e da equipe de bordo. Todos teriam preferido uma chuva decente com grandes gotas batendo a esta chuvinha fina. A água parecia vir não somente dos céus, mas, simultaneamente, subir do mar. Era um dos piores dias dos quais Johanson se lembrava. Puxou o capuz sobre a testa e foi até a popa, onde os técnicos estavam recolhendo a sonda marinha. Na metade do caminho, Bohrman o alcançou.

— não está começando a sonhar com vermes? — perguntou Johanson.

— Ainda não — respondeu o geólogo. — E você?

— Procuo imaginar que estou participando de um filme.

— Boa idéia. Quem é o diretor?

— Que tal Hitchcock?

— A versão de Os Pássaros para geólogos marinhos? — Bohrman deu um sorriso azedo. — Bela imagem. Ah, terminaram!

Deixou Johanson parado e prosseguiu rapidamente até a popa. No guindaste surgiu um grande aparelho redondo de hastes com diversos tubos de plástico em sua parte superior. Continham amostras de água de diversas profundidades. Durante algum tempo, Johanson assistiu ao procedimento de recolhimento da «onda marinha e de retirada das amostras até Stone, Hvistendahl e Lund chegarem no convés. Stone correu em sua direção.

— O que diz Bohrman? — perguntou.

— Houston, temos um problema. — Johanson encolheu os ombros. — não disse muita coisa.

Stone balançou a cabeça. Sua agressividade abriu espaço para a resignação. No decorrer das medições, o Sonne acompanhara o talude continental para sudoeste até a região ao norte da Escócia, enquanto o carrinho do vídeo enviava imagens das profundidades. O carrinho, uma armação maciça que lembrava uma estante de aço mal-arrumada cheia de aparelhos, continha diversos aparelhos de medição, fortes faróis e um olho eletrônico que filmava o fundo do mar e enviava as imagens através de um cabo óptico para o laboratório de monitoração enquanto era puxado atrás do navio.

A bordo do Thorvaldson, as imagens eram fornecidas pelo moderno Victor. O navio de pesquisas norueguês acompanhara o talude na sua direção nordeste e examinara a água do mar Norueguês até Tromsø. Ambos os navios iniciaram os seus percursos no local planejado para a fábrica. Atualmente, estavam retornando. No seu encontro dali a dois dias teriam feito um levantamento completo de todo o talude continental norueguês e do mar do Norte. Bohrman e Skaugen haviam sugerido examinar a área como se fosse uma região inexplorada, e era exatamente o que ela se tornara há pouco. Nada mais parecia familiar desde que Bohrman apresentara os primeiros valores das medições.

Fora no dia anterior, de manhã cedo, ainda antes de as primeiras imagens do carrinho de vídeo surgirem na tela. Havia descido a sonda marinha no amanhecer frio e úmido, e Johanson

procurara ignorar a sensação de queda quando o Sonne subitamente despencava nas ondas. As primeiras amostras de água foram imediatamente enviadas ao laboratório sísmico para análise. Pouco depois Bohrmann chamara a equipe para a sala de conferências no convés principal, onde se amontoaram em volta da mesa de madeira polida, já não mais esfregando os olhos e bocejando, mas mudos de curiosidade, segurando as canecas de café cujo calor lentamente espalhava-se pelos dedos.

Bohrmann aguardara pacientemente até todos estarem reunidos. Seus olhos fixavam uma folha de papel.

— Tenho um primeiro resultado — disse. — não é representativo, trata-se apenas de um registro momentâneo. — Ergueu o olhar. Por um segundo, olhou para Johanson, e depois para Hvistendahl. — Todos já ouviram falar de erupções de metano?

Um jovem da equipe de Hvistendahl balançou a cabeça, inseguro.

— As erupções de metano desenvolvem-se quando o gás escapa do fundo submarino — explicou Bohrmann. — Ele mistura-se à água, penetra na correnteza e sobe. Em geral, essas erupções são registradas em locais onde placas tectônicas mergulham por debaixo de outras, de forma que a pressão comprime o sedimento e o expelle para fora. Conseqüentemente, ali brotam líquidos e gases. Um fenômeno amplamente conhecido — ele pigarreou. — Mas, vejam, ao contrário do Pacífico, não existem tais áreas de alta pressão no Atlântico e, conseqüentemente, tampouco em frente à Noruega. Os taludes continentais, de forma geral, são passivos. Entretanto hoje pela manhã registramos uma erupção de metano altamente concentrada nesta região. Em medições anteriores nunca houve tais registros.

— Qual é a concentração atual? — perguntou Stone.

— Preocupante. Obtivemos valores similares em frente ao Oregon. Numa região de grandes falhas geológicas.

— Sei. — Stone tentou alisar as rugas na testa. — Até onde sei, em frente à Noruega escapa metano permanentemente. Sabemos disso de projetos anteriores. Sabemos que no fundo do

mar sempre brotam gases em algum lugar, e sempre há uma explicação. Então para que esta tempestade em copo d'água?

— Sua exposição não se aplica a este caso.

— Escute — disse Stone, suspirando. — O que me interessa é se as suas medições são realmente motivo de preocupação. Até aqui não vejo nenhum. Estamos perdendo o nosso tempo.

Bohrmann deu um sorriso solícito.

— Dr. Stone, nesta região, especialmente ao norte daqui, andares inteiros do talude continental estão literalmente cimentados com hidratos de metano. Cada uma destas camadas de hidrato tem de sessenta a cem metros de espessura, são enormes tampas de gelo. Entretanto sabemos também que em alguns locais essas camadas são interrompidas por zonas verticais. Ali, há anos escapa gás que, segundo os nossos cálculos, não poderia estar escapando. com base na pressão e na temperatura, na realidade ele deveria congelar no solo, mas não está congelando. E temos esses escapamentos de gás. É possível viver com eles, pode-se até ignorá-los. Mas não deveríamos esbanjar segurança só porque desenvolvemos alguns diagramas e gráficos. Repito: a concentração de metano livre está excessivamente alta na coluna de água.

— Mas são realmente escapamentos de gás? — perguntou Lund. — Quer dizer, o metano está saindo de dentro da Terra ou será que o gás vem de...

— Hidratos derretendo? — disse Bohrmann, hesitante. — Eis uma pergunta importante. Para hidratos começarem a dissociar-se, teria de haver uma alteração dos parâmetros locais.

— E acha que é o caso aqui?

— Na realidade, há apenas dois parâmetros. Pressão e temperatura. Entretanto não registramos um aumento da temperatura da água, tampouco o nível do mar caiu.

— Mas é o que eu digo — disse Stone. — Estamos procurando respostas para perguntas que ninguém fez. Quer dizer, nós temos uma amostra. — Olhou à sua volta em busca de aprovação. — Uma única maldita amostra!

Bohrmann balançou a cabeça.

— Está inteiramente correto, Dr. Stone. É tudo especulação. Mas estamos aqui para descobrir a verdade.

— Stone está me irritando — dissera Johanson para Lund, quando, pouco depois, se dirigiam para a sala dos oficiais. — O que ele tem? Parece que não quer os testes. Afinal, é o coordenador do projeto.

— Podemos jogá-lo no mar.

— Já chega o resto que jogamos no mar.

., Pegaram um café fresco e foram até o convés.

— E o que acha desse resultado? — perguntou Lund entre dois goles.

— não é um resultado. É um valor intermediário.

— Está bem. O que acha desse valor intermediário?

— não sei.

— Diga logo.

— Bohrmann é o especialista.

— Realmente acredita que esteja de alguma forma relacionado com os vermes?

Johanson pensou na conversa que tivera com Olsen.

— Para começar, não quero acreditar em nada — disse cuidadosamente. — Seria absolutamente prematuro acreditar em alguma coisa. — Soprou seu café e jogou a cabeça para trás. Acima dele, fechou-se um céu cinzento. — Só sei de uma coisa: neste momento, preferiria estar em casa, longe daqui.

Isso fora no dia anterior.

Enquanto as últimas amostras de água eram analisadas, Johanson desapareceu na sala de rádio atrás da ponte. Através do satélite, podia entrar em contato com o mundo inteiro. Nos últimos dias começara a montar um banco de dados, enviar e-mails para institutos e cientistas e disfarçar o assunto como interesse pessoal. As primeiras respostas foram decepcionantes. Ninguém vira o verme. Há poucas horas entrara em contato com expedições que se encontravam em alto-mar naquele momento. Puxou uma cadeira, posicionou o laptop entre os aparelhos de rádio e abriu a caixa de entrada de e-mails. A única notícia interessante era de Olsen,

informando que a invasão de águas-vivas na América do Sul e na Austrália aparentemente fugira do controle.

Não sei se vocês aí fora se mantêm informados, escreveu Olsen. Mas ontem à noite divulgaram uma notícia de última hora. As águas-vivas estão passando em enormes cardumes ao longo das costas. Segundo o cara do noticiário, parece que estão se dirigindo sistematicamente para regiões habitadas por pessoas. Tolice, naturalmente. Ah, sim, houve outra colisão. Dois cargueiros de contêineres em frente ao Japão. Além disso, continuam desaparecendo embarcações, mas, desta vez, foram registrados chamados de socorro. As estranhas notícias da Colúmbia Britânica continuam vagando pela mídia, sem que se fique sabendo de algo concreto. Se fosse para acreditar no que estão espalhando por aí, então no Canadá as baleias passaram a caçar humanos para variar um pouquinho. Ainda bem que não precisamos acreditar em tudo. Até aqui, o pequeno programa de humor de Trondheim. Vê se não se afoga.

— Obrigado — rosou Johanson, mal-humorado.

De fato, eram raríssimas as vezes que escutavam notícias. Navios de pesquisa eram como buracos no tempo e no espaço. Oficialmente, não se ouviam notícias, porque havia trabalho demais. Na realidade, simplesmente não se queria saber de cidades, políticos e guerras logo que as ondas começavam a bater sob a quilha. Até que, depois de dois meses no mar, as pessoas pareciam empalidecer e eram tomadas por uma imensa saudade do próprio sentido, do seu lugar no universo, que só mesmo a civilização podia dar ao homem, de hierarquias, de hightech, cinemas e McDonald's e de um chão que não balançasse para cima e para baixo sem parar.

Johanson percebeu que não conseguia concentrar-se. Na sua cabeça, viu o que viam sem parar nos monitores há dois dias.

Vermes.

Já estavam certos de uma coisa: o talude continental estava cheio deles. As superfícies e os veios de metano congelado haviam desaparecido debaixo de milhões de corpos que se mexiam e tentavam penetrar no gelo, uma única massa enlouquecida.

Estavam sendo testemunhas de uma gigantesca invasão ao longo de toda a costa norueguesa.

Como se tivessem surgido ali num passe de mágica...

Alguém deve ter descoberto fenômenos semelhantes.

Por que não conseguia livrar-se da sensação de que havia uma ligação entre os vermes e as águas-vivas? Por outro lado, com que explicação mais ou menos plausível poderiam contar?

Era tolice!

Tolice, sim.

Mas essa tolice tem o caráter de algo que está começando, pensou de repente. Algo que até agora vimos apenas muito superficialmente.

Isto aqui era apenas o começo.

Tolice maior ainda, brigou consigo mesmo.

Ligou-se na CNN para verificar as notícias comentadas por Olsen, quando Lund entrou e pôs uma caneca com chá preto à sua frente. Johanson olhou para ela. Ela deu um sorriso conspirativo. Desde o seu passeio para o lago, a relação entre ambos ganhara algo de conspirativo, um segredismo de amigos.

O aroma de um Earl Grey fresquinho espalhou-se.

— Temos isso a bordo? — perguntou Johanson, espantado.

— não temos isso a bordo — respondeu ela. — Isso é trazido quando se sabe que alguém gosta.

— Johanson ergueu as sobrancelhas.

— Quanta gentileza. De que favor está precisando desta vez?

— Que tal um obrigado? ” — Obrigado.

Ela olhou para o laptop.

— Conseguiu adiantar alguma coisa?

— Alarme falso. Que tal a análise da última amostra de água?

— não faço a menor idéia. Estava fazendo coisas mais importantes.

— Uau. E o que há de mais importante?

— Dar uma forcinha ao assistente de Hvistendahl.

— Por quê?

— Estava alimentando os peixes. — Ela encolheu os ombros.—Tipicamente carne fresca.

Johanson teve que rir. Lund usou um termo que na realidade pertencia aos marinheiros. Em navios de pesquisa, dois mundos se encontravam, o da tripulação e o dos cientistas. com a melhor das intenções, vagueavam uns em torno dos outros, procurando adaptar-se às formas de expressão, estilos de vida e pontos fracos do grupo oposto, observando-se durante algum tempo e, em certo momento, acostumavam-se uns aos outros. Até então reinava uma distância respeitosa, compensada por piadinhas. Carne fresca era a denominação que os marujos davam aos novatos a bordo que estavam tão pouco acostumados à vida no mar quanto os seus estômagos.

— Você também vomitou na primeira vez — comentou Johanson.

— E você não?

— não.

— Duvido.

— não mesmo! —Johanson levantou um braço em posição de juramento. — Pode verificar. Eu não enjoô no mar.

— Está bem, você não enjoa no mar. — Lund procurou um papel e colocou-o em frente a Johanson sobre a mesa. Havia um endereço de internet rabiscado nele. — Então pode ir imediatamente ao mar da Groenlândia. Um conhecido de Bohrmann está por ali. Chama-se Bauer.

— Lukas Bauer?

— Você o conhece?

Johanson acenou a cabeça lentamente.

— Lembro-me de um congresso há alguns anos em Oslo. Ele deu uma palestra. Acho que pesquisa as correntes marítimas,

— É construtor. Constrói de tudo, equipamentos para águas profundas, tanques de alta pressão... Bohrmann disse que foi ele quem inventou o simulador de águas profundas.

— E Bauer está em frente à Groenlândia?

— Já está lá há semanas — disse Lund. — Aliás, você está certo quanto ao seu trabalho com correntes marítimas. Ele realiza

medições. Mais um candidato na sua busca pelo verme.

Johanson pegou o papel. Realmente ainda não ouvira falar dessa expedição. Em frente à Groenlândia também não havia depósitos de metano?

— E Skaugen, descobriu mais alguma coisa? — perguntou.

— Está difícil. — Lund balançou a cabeça. — não pode ser tão ofensivo quanto gostaria. Obrigaram-no a calar a boca, se é que me entende.

— Quem? Os seus superiores?

— A Statoil é estatal. Preciso ser mais clara?

— Então ele não descobrirá nada — constatou Johanson. Lund suspirou.

— Os outros não são idiotas. Percebem quando alguém deseja obter informações sem querer passar algumas adiante, e agora têm o seu próprio código do silêncio.

— Eu a avisei.

— É, mais uma vez você foi bastante esperto.

Ouviram passos do lado de fora. Um dos funcionários de Hvistendahl enfiou a cabeça pela porta.

— Sala de conferências — disse.

— Quando?

— Imediatamente. Temos resultados.

Johanson e Lund trocaram olhares. Seus olhos expressavam o receio do que, na realidade, já sabiam. Johanson fechou o laptop, e seguiram o homem para baixo até o convés principal. Do lado de fora, a chuva escorria pelas janelas.

Bohrmann apoiava-se sobre os punhos no tampo da mesa.

— Até agora observamos a mesma situação ao longo de todo o talude continental — disse. — O mar está saturado de metano. Nossos resultados são basicamente idênticos aos do Thorvaldson, algumas oscilações aqui e ali, mas em geral a mesma imagem. — Fez uma pausa. — não quero demorar-me muito. Alguma coisa está começando a desestabilizar um grande trecho dos hidratos.

Ninguém se movia, ninguém falava nada. Simplesmente olhavam para ele e aguardavam.

Então o pessoal da Statoil começou a falar confusamente.

— O que significa isso?

— O hidrato de metano está se dissolvendo? Você tinha falado que os vermes não têm como desestabilizar o gelo!

— Registrou algum aquecimento? Sem aquecimento...

— Que conseqüências...?

— Por favor! — Bohrmann levantou a mão. — Continuo acreditando que os vermes não podem causar grandes estragos. Por outro lado, precisamos registrar que as decomposições começaram apenas após o seu aparecimento.

— Muito elucidativo — murmurou Stone.

— Há quanto tempo começou esse processo? — perguntou Lund.

— Analisamos os resultados da expedição do Thorvaldson há algumas semanas — respondeu Bohrmann. Procurava manter um tom de voz tranqüilo. — Foi quando viram os vermes pela primeira vez. Ali os valores ainda estavam normais. Portanto, só depois é que houve um aumento.

— O que há agora? — perguntou Stone. — Está ficando mais quente lá embaixo ou não?

— Não. — Bohrmann balançou a cabeça. — A janela de estabilidade não se alterou. Se estiver escapando metano, só pode ser devido a processos no fundo dos sedimentos. De qualquer forma, mais fundo do que esses vermes são capazes de perfurar.

— Como acha que pode saber isso tão detalhadamente?

— Comprovamos... — disse Bohrmann, hesitando. — com a ajuda do Dr. Johanson comprovamos que os animais não resistem à ausência de oxigênio. Só chegam a alguns metros de profundidade.

— O que vocês têm são resultados de um tanque — disse Stone, depreciativo. Parecia ter escolhido Bohrmann como o seu novo maior inimigo.

— Se não é a água que está se aquecendo, seria o solo? — sugeriu Johanson.

— Vulcanismo?

— É apenas uma idéia.

— Uma idéia plausível. Mas não nesta região.

— E o que os vermes comem pode chegar até a água?

— não nessas quantidades. Eles precisariam atingir o gás livre ou ter condições de decompor o hidrato disponível.

— Mas eles não têm como alcançar o gás livre — insistiu Stone.

— não, como já disse...

— Sei o que disse. E vou lhe dizer como vejo as coisas. O verme tem uma temperatura corpórea. Todo ser vivo emite calor. com isso, derrete a camada superior, somente alguns centímetros, mas são suficientemente...

— A temperatura corpórea de um habitante de águas profundas é igual à temperatura ambiente — disse Bohrmann friamente.

— Mesmo assim, se...

— Clifford. — Hvistendahl pôs a mão no braço do coordenador do projeto. Parecia amigável, mas Johanson percebeu que Stone acabara de receber uma advertência clara. — Por que simplesmente não aguardamos as próximas análises?

— Que merda!

— não adianta, Cliff. Pare de elaborar teorias.

Stone olhou para o chão. Ficaram novamente em silêncio.

— E quais seriam as conseqüências se as emissões de metano não acabassem? — perguntou Lund.

— Neste caso, haveria diversas possibilidades — disse Bohrmann. — A ciência descreve fenômenos em que campos inteiros de hidrato simplesmente desaparecem. Dissolvem-se dentro de um ano. É possível que aconteça exatamente isso aqui, e, provavelmente, os vermes estão desencadeando esse processo. Neste caso, em frente à Noruega entrará bastante metano na atmosfera nos próximos meses.

— Um choque de metano como há 55 milhões de anos?

— não, a quantidade é pouca para isso. Repito: não quero fazer especulações. Por outro lado, não consigo imaginar que esse processo se perpetue sem uma queda da pressão ou um aumento da temperatura, e não registramos nem uma coisa nem outra. Nas próximas horas enviaremos o pegador de fundo monitorado

novamente para baixo. Possivelmente saberemos mais depois. Muito obrigado a todos.

com essas palavras, saiu da sala de conferência.

Johanson enviou um e-mail para Lukas Bauer em seu navio. Aos poucos, sentia-se como um detetive biológico: O senhor já viu esse verme? Consegue descrevê-lo? Reconheceria ele numa acareação com outros cinco vermes? Foi esse verme que levou a bolsa daquela senhora idosa? Índícios úteis devem ser enviados para a Próxima repartição de pesquisas.

Hesitou um pouco e depois escreveu algumas palavras sobre o encontro que tiveram em Oslo e perguntou se, ultimamente, Bauer medira concentrações excepcionalmente altas de metano em frente à Groenlândia. Até agora evitara fazer essa pergunta ao entrar em contato com outros cientistas.

Quando, pouco depois, subiu para o convés, viu o carrinho do vídeo pendurado no guindaste sendo examinado pela equipe de geólogos de Bohrmann. Estavam recolhendo-o. Um pouco mais à frente, alguns marinheiros estavam sentados sobre uma grande caixa de espanadores em frente à oficina do convés conversando. com o passar dos anos, a caixa tornara-se um refúgio entre o mirante e as cabines. Um pedaço de tecido gasto a cobria. Alguns simplesmente chamavam-na de sofá. Era um ótimo lugar para zombar dos doutores e diplomandos com os seus movimentos inseguros que, preventivamente, evitavam aproximar-se do local dos zombadores. Mas hoje não estavam fazendo piadinhas. O clima tenso também tomara a tripulação. A maioria sabia o que os cientistas estavam fazendo ali. Algumas coisas erradas estavam acontecendo no talude continental, e todos se preocupavam com isso.

Tudo precisava correr rápido agora. Bohrmann ordenou que o navio andasse extremamente devagar para retirar uma amostra de um local que, segundo a avaliação das imagens de vídeo e dos dados obtidos através do ecobatímetro, parecia apropriado. Diretamente abaixo do Sonne encontrava-se um extenso campo de hidrato. Retirar uma amostra, neste caso, significava descer um monstro que parecia descender da era jurássica da pesquisa

marinha. O pegador de fundo monitorado, uma draga de mandíbula de toneladas, não representava exatamente a última geração da tecnologia. Era a forma mais agressiva, mas também a mais confiável de retirar do fundo do mar um pedaço de sua história, literalmente. O pegador de fundo perfurava o solo, penetrava profundamente, fazia um grande rombo e retirava centenas de quilos de lama, gelo, fauna e rochas para subir tudo para o mundo dos homens. Alguns marinheiros apelidaram-no, com toda a razão, de tiranossauro rex. Ao vê-lo pendurado com as garras abertas no guindaste da popa, pronto para atirar-se no mar, a comparação era justificada. Um monstro a serviço da ciência.

Entretanto, como todos os monstros, o pegador de fundo monitorado tinha habilidades surpreendentes, mas ao mesmo tempo era bruto e idiota. Do lado de dentro encontrava-se uma câmara e faróis potentes. Podia-se ver o que o pegador de fundo via e soltá-lo no momento certo. Era surpreendente. A incapacidade do tiranossauro rex de aproximar-se disfarçadamente era idiota. Por mais cuidado que se tomasse ao aterrissá-lo — e esse cuidado tinha limites, porque era necessária uma certa força para que penetrasse no sedimento! —, a maioria dos habitantes do solo era espantada somente pela onda de proa que a gigantesca draga empurrava à sua frente. Bastava chegar perto de peixes, vermes, caranguejos e tudo que tinha a capacidade de mover-se rapidamente, que os apurados sentidos dos animais registravam o perigo se aproximando muito antes de o pegador de fundo bater no solo. Até mesmo os sistemas mais desenvolvidos anunciavam-se dessa forma. Um pesquisador de águas profundas, frustrado e amargurado, finalmente disse com toda a razão:

Há muita vida lá embaixo. Nosso problema é que ela sempre desvia quando chegamos.

Nesse instante, o pegador de fundo estava sendo solto do guindaste da popa. Johanson limpou a chuva de seus olhos e foi até o laboratório de monitoração. O marinheiro na cabine de comando do guindaste manejava o joystick que descia e subia o pegador de fundo. Apesar de já ter manobrado o carrinho do vídeo durante as últimas horas, aparentemente continuava concentrado e

entusiasmado. E era necessário. Observar a imagem monótona das águas profundas durante horas podia ter um efeito hipnótico. Bastava um momento de desatenção para que equipamentos no valor de uma Ferrari ficassem lá embaixo para todo o sempre.

Do lado de dentro, a luz estava fraca. Os rostos das pessoas reunidas, de pé ou sentadas, apresentavam um brilho lívido na luz dos monitores. A paisagem mudou completamente. Apenas restava o fundo submarino, cuja superfície era estudada pelos cientistas como uma paisagem em códigos onde qualquer detalhe poderia dar informações a respeito do todo, mensagens multicodeificadas, a voz interior de Deus.

Do lado de fora, o pegador de fundo descia rapidamente do guindaste da popa.

A água parecia querer jorrar para fora dos monitores, e então a draga de aço começou a atravessar a chuva de plânctons. Tudo tingiu-se de azul-esverdeado, cinza, preto. Pontos claros atiravam-se para os lados como cometas, minúsculos caranguejos, plâncton, indefiníveis. A viagem do pegador de fundo fazia lembrar cenas do seriado Jornada nas estrelas, só faltava a música. No laboratório reinava silêncio absoluto. Os números corriam aceleradamente no ecobatímetro. Até que, de repente, o fundo submarino surgiu na imagem, que também poderia perfeitamente ser a superfície da Lua, e o guincho parou.

— Menos 714 — disse o marinheiro do joystick.

Bohrmann inclinou-se para a frente: ;

— Ainda não.

Na imagem viam-se os mexilhões que costumavam habitar os hidratos de gás. A maioria deles desaparecera sob corpos rosa que se erguiam. Johanson chegou a pensar que os vermes não apenas penetrariam o gelo, como também comeriam os mexilhões de suas conchas. Viu nitidamente as trombas com suas garras atirando-se para fora, rasgando pedaços da carne dos mexilhões e transportando-os para dentro de seus corpos esguios. não se via nada do gelo branco de metano debaixo da superfície movimentada, mas todos no laboratório sabiam que estava lá,

diretamente abaixo deles. Em todos os lugares subiam bolhas e flutuavam pequenos pedregulhos brilhantes, lascas de hidrato.

— Agora — disse Bohrmann.

O solo atirou-se em direção à câmara. Por um instante, os vermes pareciam erguer-se para receber o pegador de fundo. E então tudo ficou preto. A draga de aço pressionou-se para dentro do metano e fechou-se lentamente.

— Que diabos...? — assustou-se o marinheiro.

Os números dispararam no visor de controle do guincho. Pararam, e dispararam novamente.

— O pegador de fundo está despencando. Está atravessando o gelo. Hvistendahl empurrou-se para a frente.

— O que está acontecendo ali?

— não é possível. não há mais nenhuma resistência lá embaixo.

— Subam com isso — gritou Bohrmann. — Rápido.

O marinheiro puxou o joystick para si. Os números no visor pararam e depois correram para trás. O pegador de fundo subiu, a mandíbula fechada. Às câmeras externas mostravam um enorme buraco que se formara repentinamente. De dentro dele saíam bolhas gordas e dançantes, seguidas de uma quantidade enorme de gás que se atirou em direção ao pegador de fundo, envolvendo-o e, de repente, tudo desapareceu num turbilhão efervescente.

## **MAR DA GROENLÂNDIA**

A algumas centenas de quilômetros ao norte da atual posição do Sonne, Karen Weaver acabara de finalizar a contagem.

Cinquenta voltas em torno do navio. Ela continuava correndo, convés acima, convés abaixo, sempre prestando atenção para não atrapalhar o trabalho científico. Excepcionalmente, agradava-lhe o fato de Lukas Bauer não ter tempo para ela. Precisava movimentar-se. Se pudesse, teria escalado um iceberg ou feito qualquer outra coisa para queimar o excesso de adrenalina. não havia muitas opções num navio de pesquisa. Estivera na sala de musculação e morrera de tédio nos três ridículos aparelhos, por

isso decidira correr. Convés acima, convés abaixo. Passando pelos assistentes de Bauer que preparavam a quinta sonda flutuante, passando por marinheiros que trabalhavam ou estavam reunidos e a observavam, provavelmente com comentários maliciosos nos lábios.

Em frente a sua boca semi-aberta, formavam-se nuvens brancas em intervalos regulares.

Convés acima, convés abaixo.

precisava melhorar sua resistência física. Resistência era o seu ponto fraco. Em compensação, era extremamente forte. Despida, Karen Weaver parecia uma escultura de bronze, de pele brilhante, sob a qual estendiam-se feixes musculares impressionantes. Entre as omoplatas, um falcão artisticamente tatuado abria as suas asas, uma criatura esquisita de bico aberto e garras estendidas. Ao mesmo tempo Karen Weaver não tinha nada em comum com o jeito grosseiro das malhadoras. Na realidade, o seu corpo teria sido ideal para uma carreira de modelo, não fosse tão baixinha, e os seus ombros, tão largos. Uma pequena couraça bem-definida, viciada em adrenalina e comumente encontrada à beira de algum abismo.

Neste caso, o abismo tinha três quilômetros e meio de profundidade. OJuno estava cruzando por cima do Abismo da Groenlândia, uma planície oceânica abaixo do estreito de Fram, de onde a gelada água do Ártico corria em direção ao sul. Exatamente entre a Islândia, a Groenlândia, o norte da Noruega e Svalbard localizava-se um dos pulmões dos mares da Terra. O que acontecia aqui interessava a Lukas Bauer. E também interessava a Karen Weaver, ou melhor, aos seus leitores.

Bauer acenou, chamando-a.

Completamente careca, de lentes de óculos colossais e cavanhaque branco, lembrava o protótipo do professor maluco mais do que qualquer outro cientista que Weaver jamais conhecera. Tinha sessenta anos e as costas arredondadas, mas o seu corpo magro e curvado tinha uma energia incontrolável. Weaver admirava pessoas como Lukas Bauer. Admirava o sobre-humano nelas, a força de vontade.

— Venha, Karen! — exclamou Bauer com a sua voz fina. — não é incrível? Nesta região, a cada segundo aproximadamente 17 milhões de metros cúbicos de água despençam para baixo. Dezessete milhões! — Seu olhar brilhava. — São vinte vezes mais do que todos os rios do mundo juntos.

— Doutor. — Weaver pôs a mão em seu antebraço. — Já me contou isso três vezes.

Bauer piscou os olhos.

— É mesmo? não me diga.

— Em compensação, ainda não me explicou como funciona a sua sonda flutuante. Para que eu seja a sua assessora de imprensa, o senhor precisa dedicar-se um pouco mais a mim.

Pois bem, a sonda flutuante, a autárquica sonda flutuante... Pensei que fosse evidente, não? É por ela que veio conosco.

— Vim para desenvolver simulações computadorizadas do percurso de correntezas, para que as pessoas possam acompanhar os caminhos das suas sondas flutuantes. Esqueceu?

— Ah, sim, você nem pode, você não tem... Bem, estou um pouco sem tempo. Ainda preciso resolver uma série de coisas. Por que simplesmente não assiste e...

— Doutor! não me venha com essa de novo. Queria me falar sobre o seu funcionamento.

— Sim, claro. Nas minhas publicações...

— Eu li as suas publicações, doutor, e entendi aproximadamente a metade. E tenho formação científica. As reportagens científicas populares devem entre ter, precisam ser escritas numa linguagem que qualquer um possa compreender.

Bauer olhou para ela, aborrecido.

— Acho minhas dissertações bastante compreensíveis.

— Sim, o senhor e uma dúzia de colegas em todo o mundo.

— Mas que nada. Se ler o texto com atenção...

— não, doutor. Explique-me.

Bauer franziu a testa, mas depois sorriu, indulgente.

— Nenhum de meus alunos teria coragem. Interromper-me tantas vezes. Só eu posso interromper a mim mesmo. — Encolheu os ombros magros. — Mas o que posso fazer? Simplesmente não

consigo recusar um pedido seu. não, não consigo. Eu gosto de você, Karen. Você é uma... bem, uma... você me lembra... Ah, deixe para lá. Vamos ver a sonda flutuante.

— E depois vamos conversar sobre os resultados do seu trabalho até agora. Tenho recebido solicitações de informações.

— É mesmo? De quem?

— De periódicos, revistas de televisão e instituições.

— Interessante.

— não, simplesmente lógico. É consequência do meu trabalho. Às vezes me pergunto se o senhor entende o que é assessoria de imprensa.

Bauer sorriu com ironia.

— Explique-me.

— com prazer, mesmo que pela décima vez. Mas antes o senhor vai me contar alguma coisa.

— não, não dá — disse Bauer, nervoso. — Precisamos pôr a sonda flutuante na água, e depois eu preciso imediatamente...

— Depois precisa fazer o que me prometeu — advertiu Weaver.

— Mas, minha filha, também tenho recebido solicitações. Eu me correspondo com cientistas do mundo inteiro! não vai acreditar o que querem de mim. Ainda há pouco recebi um e-mail, me perguntaram a respeito de um verme. Um, imagine só! E se registramos concentrações de metano aumentadas. Claro registramos, mas como ele pode saber? Eu preciso...

— Posso assumir tudo isso. Deixe-me ser sua cúmplice. Assim que eu...

— Caso realmente goste de mim. Bauer arregalou os olhos.

— Ah, sim. Entendo. — Começou a rir. Os ombros caídos tremiam com risada presa.

— Veja, por isso nunca me casei, é uma chantagem contínua. Está bem prometo melhorar. Então venha, venha.

Weaver seguiu-o. A sonda flutuante estava pendurada no braço do guindaste acima da superfície cinza da água. Tinha alguns metros de comprimento e estava inserida numa estrutura de sustentação. Mais da metade da construção era formada por um

longo cano cintilante. A parte superior era composta por dois recipientes redondos de vidro.

Bauer esfregou as mãos. O casaco de penas estava grande demais para ele, parecia um estranho pássaro ártico.

— Pois bem, este troço é colocado na correnteza — disse. — Ficarà à deriva, digamos que como uma partícula virtual de água. Inicialmente, irá cair bem fundo, como disse anteriormente, aqui a água despenca... Bem, naturalmente não se observa nenhum processo de queda, entenda, mas ela despenca... E então, como devo explicar isso?

— Se possível, sem termos técnicos.

— Está bem, está bem. Preste atenção! Na realidade, é muito simples. É preciso saber que água nem sempre tem o mesmo peso. A água mais leve é doce e morna. Água salgada é mais pesada do que água doce, quanto mais salgada, mais pesada. Afinal, o sal tem um peso, não é? Por outro lado, água fria é mais pesada do que água quente, sua densidade é maior, portanto quanto mais a água esfria, mais pesada ela fica.

— E água fria e salgada é a mais pesada de todas — acrescentou Weaver.

— Correto, muito bem! — disse Bauer, exultante. — Por isso não existem simplesmente correntes marítimas, mas elas se revolvem através de vários níveis. As correntes quentes na superfície, as mais frias no solo, e, entre elas, temos as correntes intermediárias. E então uma corrente quente pode viajar por milhares de quilômetros na superfície até chegar em regiões mais frias, onde a água naturalmente esfriará, não é? E quando a água se torna mais fria...

— Fica mais pesada.

Parabéns, é isso mesmo. Fica mais pesada e desce. A corrente superficial transforma-se em corrente intermediária ou até profunda, e a água corre de volta. Na direção oposta acontece exatamente a mesma coisa. De baixo para cima, do frio para o quente. Dessa forma, todas as grandes correntes marítimas do mundo estão em constante movimento. Estão todas interligadas, há uma troca contínua.

A sonda flutuante foi rebaixada até a superfície do mar. Bauer correu para balaustrada e inclinou-se sobre ela. E então virou-se e acenou, chamando Weaver impacientemente.

— Venha. Venha logo. Aqui pode ver melhor.

Ela aproximou-se. Bauer olhava para fora com os olhos brilhantes.

— Meu sonho é que essas sondas flutuantes viajem em todas as correntes —disse. — Seria realmente fantástico. Descobriríamos muitas coisas.

— Para que servem as duas bolas de vidro?

— Como? O quê? Ah, sim. Corpos flutuantes. Para que a sonda possa flutuar na coluna de água. Na base, ela tem pesos, mas a parte mais importante é esse cano no meio. Ele contém tudo. Controle eletrônico, microcontrole, abastecimento energético. Mas também um hidrocompensador. não é fantástico? Um hidrocompensador!

— Seria mais fantástico ainda se me dissesse o que é isso.

— Ah, bem... claro. — Bauer brincou com o cavanhaque. — Pois então, pensamos como a sonda flutuante poderia... É o seguinte: líquidos são praticamente incompressíveis, não é possível comprimi-los. A água é uma exceção. não é muita coisa, mas a verdade é que até certo ponto é possível... bem... espremê-la. E é o que fazemos. Nós a comprimimos no cano, de forma que haja sempre a mesma quantidade de água lá dentro, ora mais pesada, ora mais leve. Dessa forma, a sonda flutuante altera o seu peso, mantendo o volume.

— Genial.

— com certeza! Podemos programá-lo para realizar tudo sozinho: compressão, descompressão, compressão, descompressão, descer, subir, descer, sem qualquer intervenção da nossa parte... Bacana, não?

Weaver balançou a cabeça. Observou a construção comprida mergulhando nas ondas.

— Dessa forma, durante meses e anos a sonda pode flutuar sozinha no mar e enviar sinais acústicos. Assim, podemos localizá-la

e reconstruir a velocidade e o percurso das correntes marítimas. Ah, está mergulhando. Foi.

A sonda flutuante desaparecera no mar. Bauer balançou a cabeça, satisfeito.

— E para onde ela irá agora? — perguntou Weaver.

— Essa é uma pergunta interessante,

Weaver simplesmente fitou-o. Os olhos de Bauer brilhavam, e então ele deu um suspiro de resignação.

— Eu sei, quer falar a respeito do meu trabalho.

— E agora.

— Você é insistente. Minha nossa, como é persistente. Está bem, vamos até o laboratório. Mas vou avisando: os resultados do meu trabalho são preocupantes, para não dizer...

— O mundo adora ter motivos para preocupação. não ouviu? Epidemias de águas-vivas, anomalias, pessoas estão se perdendo, uma catástrofe de navio após outra. O senhor estaria muito bem acompanhado.

— É mesmo? — Bauer balançou a cabeça.—Talvez tenha razão. Nunca vou entender direito o que é assessoria de imprensa. Sou um simples professor. É demais para mim.

Mar Norueguês, margem continental

Merda — reclamou Stone. — É um estouro.

Na sala de controle da Sonne, todos fixavam a tela, impressionados. Lá no fundo, o inferno parecia ter eclodido.

Bohrmann falou no microfone:

— Precisamos sair daqui. Comando para a ponte. Velocidade máxima. Lund virou-se e saiu correndo da sala. Johanson hesitou e depois correu

atrás dela. Outros seguiram. O nervosismo tomou conta do navio. De um minuto para o outro, todos pareciam estar de pé. Ele cambaleou até o convés onde marinheiros e técnicos carregavam tanques de resfriamento sob o comando de Lund. O cabo estremeceu sobre o guindaste quando o Sonne repentinamente pôs-se em movimento.

Lund avistou-o e correu em sua direção.

— O que foi aquilo? — perguntou Johanson.

— Atingimos uma bolha. Venha!

Puxou-o em direção à balaustrada. Hvistendahl, Stone e Bohrmann aproximaram-se deles. Dois técnicos da Statoil foram até a borda inclinada da popa, diretamente abaixo do guindaste, e olharam para fora, curiosos. Bohrmann viu o cabo rigidamente esticado.

— O que ele está fazendo ali? — reclamou. — Por que esse idiota não pára o guincho?

Soltou a balaustrada e voltou correndo para dentro.

Nesse mesmo instante, o mar começou a espumar bravamente. Grandes pedregulhos de gelo brancos atravessaram a superfície da água. O Sonne estava a todo vapor. O cabo de reboque do pegador de fundo esticou-se tinindo. Alguém travessou o convés correndo em direção ao guindaste, mexendo os braços agitados.

— Saiam daí — gritou para o pessoal da Statoil debaixo do guindaste. Caiam fora!

Johanson reconheceu-o. Era o cão de guarda, como o chamava a tripulação o primeiro-oficial. Hvistendahl virou-se. Também fazia sinais para os homens. então tudo aconteceu de uma só vez. De repente, estavam no meio de um gêiser efervescente e chiante. Johanson viu o contorno do pegador de fundo surgir imediatamente abaixo da superfície da água. Um cheiro insuportável de enxofre espalhou-se. A popa do Sonne baixou, e a draga de aço atirou-se do inferno efervescente para cima, na diagonal, jogando-se como uma balança superdimensional em direção ao bordo do navio. O funcionário da Statoil que estava mais ao fundo viu o pegador de fundo aproximando-se e jogou-se no chão. O outro arregalou os olhos, horrorizado, deu um passo indeciso para trás, e cambaleou.

O cão de guarda deu um pulo em sua direção e tentou puxá-lo para o chão, mas não chegou em tempo. A pesada draga bateu com força contra o homem e lançou-o para o alto. Voou alguns metros, deslizou sobre o piso e caiu de costas.

— Oh, não — disse Lund, ofegante. — Que droga!

Ela e Johanson correram simultaneamente em direção ao corpo imóvel. O primeiro-oficial e alguns tripulantes ajoelharam-se ao lado do homem. O cão de guarda olhou para cima um instante.

— Ninguém toca nele.

— Eu quero... — começou Lund.

— Um médico, rápido.

Lund roeu as unhas, impaciente. Johanson sabia o quanto detestava não poder fazer nada. Ela aproximou-se do pegador de fundo cheio de lama, que, lentamente, parava de oscilar.

— Abrir — gritou. — Tudo que ainda resta para dentro dos tanques. Johanson olhou para a água. Continuavam subindo bolhas efervescentes e

fedorentas do mar. Aos poucos foram ficando menores. O Sonne afastava-se rapidamente. Os últimos pedregulhos de metano emergidos flutuavam sobre as ondas e decompunham-se.

O pegador de fundo abriu a sua draga de mandíbula num chiado e liberou centenas de quilos de gelo e lama. Os técnicos de laboratório de Bohrmann e marinheiros corriam de um lado para o outro, tentando afundar a maior parte possível de hidrato no nitrogênio líquido. Fervia e chiava. Johanson sentiu-se terrivelmente inútil. Afastou-se, foi até Bohrmann e ajudou-o a catar os pedregulhos. O convés estava coberto de pequenos corpos com tufos. Alguns mexiam-se, viravam e projetavam suas trombas com garras para fora. A maioria aparentemente não sobrevivera à rápida emersão. A repentina alteração de temperatura e pressão atmosférica os matara.

Johanson pegou um dos pedregulhos e observou-o melhor. Vários canais avessavam o gelo. Dentro deles havia vermes sem vida. Ele girou o pedregulho, de gelo de um lado Para o outro o crepitar da massa em decomposição lembrá-lo de que deveria armazená-lo o mais rápido possível. Outros pedregulhos estavam ainda mais furados, mas aparentemente a decomposição começara mesmo apenas abaixo dos canais dos vermes. O gelo tinha falhas em forma de crateras, parcialmente cobertas por filamentos mucosos.

O que acontecera com o gelo?

Johanson esqueceu os tanques de resfriamento. Esfregou o muco entre os dedos. Lembrava os restos de colônias de bactérias. As camadas de bactérias eram encontradas sobre a superfície de hidratos, mas o que estavam fazendo tão fundo, dentro dos pedregulhos de gelo?

Segundos depois, o pedregulho de gelo se decompôs. Ele olhou à sua volta. O convés transformara-se numa poça enlameada. O homem que fora atingido pelo pegador de fundo desaparecera. Lund, Hvistendahl e Stone também haviam deixado o convés. Johanson viu Bohrman encostado na balaustrada um pouco mais adiante e aproximou-se dele.

— O que aconteceu agora há pouco? Bohrman esfregou os olhos.

— Tivemos um estouro. Foi isso que aconteceu. O pegador de fundo penetrou mais de vinte metros solo adentro. Lá de baixo, emergiu gás livre. Viu aquela bolha enorme na tela?

— Vi. Qual é a espessura do gelo naquele local?

— Era, devemos dizer. De setenta a oitenta metros. No mínimo.

— Então lá embaixo deve estar tudo destruído.

— Parece que sim. Precisamos descobrir o mais rápido possível se foi um caso isolado.

— Pretende extrair mais amostras?

— Claro que sim — rosou Bohrman. — Este acidente não poderia ter acontecido. O homem que estava trabalhando no guincho continuou recolhendo o pegador de fundo, com o navio em velocidade máxima. Deveria ter parado o guincho. — Olhou para Johanson. — Percebeu alguma coisa quando o gás subiu?

— Tive a impressão de estarmos caindo.

— Também me pareceu. O gás reduziu a tensão superficial da água. Acha que poderíamos ter afundado?

— Difícil dizer. Já ouviu falar do buraco das bruxas? — não.

— Há dez anos, um homem navegou mar afora e não voltou mais. A última informação que se obteve via rádio foi a de que ele pretendia fazer um café. Há pouco um navio de pesquisa encontrou o navio naufragado. A cinqüenta milhas náuticas em frente da

costa, numa depressão extremamente profunda do fundo do mar do Norte. Os marinheiros chamam essa região de buraco das bruxas. O navio está intacto e de pé no fundo. Parece ter afundado como uma pedra — como algo que não bóia.

— Parece o Triângulo das Bermudas.

— Acertou em cheio. É exatamente essa a teoria. A única que se aplica neste caso. Entre as Ilhas Bermudas, a Flórida e Porto Rico costumam ocorrer fortíssimos estouros. Quando o gás emerge para a atmosfera, pode até inflamar turbinas de aviões. Basta um estouro de metano, bem maior do que este que acabou de ocorrer aqui, para a água tornar-se tão rala que o navio é simplesmente engolido. — Bohrmann apontou para o tanque de resfriamento. — Vamos enviar esse material o mais rápido possível para Kiel. Vamos analisá-lo e depois saberemos definitivamente o que está acontecendo lá embaixo. E descobriremos, isso eu lhe garanto. Perdemos um homem por causa dessa merda toda.

— Ele... — Johanson olhou em direção às estruturas do convés principal.

— Ele morreu na hora. Johanson calou-se.

— As próximas amostras serão extraídas com a autoclave, não com o pegador de fundo. É mais seguro. Precisamos entender o que está acontecendo. não estou com a menor vontade de assistir à implementação inescrupulosa de fábricas no fundo do mar. — Bohrmann bufou e empurrou-se da balaustrada. — Mas já estamos acostumados, não é? Tentamos explicar o mundo e ninguém presta atenção direito. O que está acontecendo? Os cartéis são os novos contratantes das pesquisas. Estamos os dois aqui passeando de navio, porque a Statoil encontrou um verme. Legal. A indústria paga os pesquisadores, porque o governo não pode mais. Nada de pesquisa de base. Esse verme não é considerado objeto de pesquisa, mas sim um problema que precisa ser eliminado. É a pesquisa aplicada que estão querendo, e, se possível, de tal forma que depois se consiga um campo livre. Mas talvez o verme nem seja o problema. Será que alguém já pensou nisso. Talvez seja algo totalmente diferente, e, se eliminarmos o problema, estaremos

causando outro bem maior. Sabe de uma coisa? Às vezes me dá nojo.

Finalmente, a algumas milhas náuticas mais a nordeste, foi retirada uma dúzia de amostras de perfuração do sedimento sem que ocorressem outros incidentes. A autoclave, um cano de cinco metros de comprimento com uma manta de isolamento e uma estrutura de barras de ferro em volta, retirava a amostra do fundo submarino como uma seringa. Ainda em águas profundas, o cano era fechado hermeticamente com válvulas. Encontrava-se em seu interior, dessa forma um pequeno universo extraído: sedimento, gelo e lama, incluindo a superfície intacta, água do mar e seus habitantes que continuavam sentindo-se à vontade, porque o cano mantinha constantes a temperatura e a pressão. Bohrmann ordenou que os canos fechados fossem colocados na câmara fria do navio para não bagunçar o seu conteúdo cuidadosamente conservado. As amostras não poderiam ser analisadas a bordo. As condições só eram ideais no simulador de águas profundas. Até lá precisariam satisfazer-se com análises de água e controle dos monitores.

Apesar de dramáticas, até mesmo as imagens continuamente idênticas dos hidratos repletos de vermes cansavam. Ninguém mais tinha vontade de conversar. Na luz pálida dos monitores, eles próprios pareciam empalidecer, a equipe de Bohrmann, o pessoal do petróleo, os marinheiros. O homem morto da Statoil fazia companhia às amostras de perfuração na câmara fria. O encontro com o Thorvaldson acima do local da planejada fábrica de águas profundas fora cancelado, para que chegassem o mais rápido possível a Kristiansund, onde o cadáver seria entregue, e as amostras, embarcadas no aeroporto mais próximo. Johanson ficava na sala de rádio ou na sua cabine, avaliando as respostas aos seus e-mails. O verme não fora descrito em lugar algum, ninguém o vira. Alguns dos autores dos e-mails opinaram, acreditando tratar-se do verme do gelo mexicano, não contribuindo com nenhuma descoberta essencial.

A três milhas náuticas de Kristiansund, Johanson recebeu uma resposta de Lukas Bauer. O primeiro retorno positivo, se é que

o conteúdo poderia ser considerado positivo.

Leu o texto com os lábios pressionados.

O contato com os cartéis de energia cabia a Skaugen. De Johanson esperava-se questionar institutos e pesquisadores que não tivessem nenhuma relação evidente com a exploração petrolífera. Mas, após o acidente, Bohrmann dissera algo que mudou completamente a visão das coisas.

A indústria paga os pesquisadores porque o governo não pode mais,

Que institutos ainda podiam pesquisar livremente?

Se as pesquisas realmente dependessem cada vez mais da economia, praticamente todos os institutos, de certo modo, trabalhavam para os cartéis. Eram financiadas por verbas não-públicas. não teriam outra escolha caso não quisessem correr o risco do seu trabalho ser definitivamente suspenso. Até a Geomar, em Kiel, visava a uma contratação por parte da empresa alemã de gás Deutsche Ruhrgas, que planejava uma cadeira de ensino voltada para hidratos de gás no instituto. Por mais promissor que parecesse pesquisar com as verbas dos cartéis, cima de tudo estava o interesse dos patrocinadores em transformar os resultados em lucros rentáveis.

Johanson releu a resposta de Bauer.

Ele começara de forma errada. Em vez de chamar a atenção em todo o mundo, desde o início deveria ter analisado melhor as conexões ocultas entre a pesquisa e a indústria. Enquanto Skaugen pesquisava o assunto junto aos cartéis, ele poderia tentar extrair alguma informação de pesquisadores cooperativos. Alguma hora, alguém falaria alguma coisa.

O problema era descobrir tais conexões.

Não, não era um problema. Era trabalho extra.

Levantou-se e saiu da sala de rádio para procurar Lund.

**24 de abril**

**ILHA DE VANCOUVER E CLAYOQUOT SOUND, CANADÁ**

Antepé, calcanhar.

Anawak balançava-se impaciente sobre os seus pés. Pisava sobre os dedos e deixava-se cair para trás novamente. Alternadamente. Ininterruptamente. Antepé, calcanhar. Era de manhã cedo. O céu brilhava num azul penetrante, um dia como numa propaganda de viagens.

Ele estava nervoso.

Antepé, calcanhar. Antepé, calcanhar.

Ao final do píer de madeira, um hidroavião aguardava. Seu corpo branco refletia-se no azul-escuro da enseada, quebrado pelo pequeno movimento das ondas. O avião era um dos lendários Beaver DHC-2 que a empresa canadense De Havilland construía pela primeira vez havia mais de cinqüenta anos, e que continuavam sendo utilizados, porque o mercado ainda não oferecia nada melhor. Os Beaver conquistaram até os poloneses. Eram simples, robustos e seguros.

Ideal para os planos de Anawak.

Olhou em direção ao prédio principal do aeroporto pintado de vermelho e branco. O Aeroporto de Tofino, que ficava a somente alguns minutos de carro da cidade, tinha pouco em comum com aeroportos clássicos. Lembrava mais uma vila de caçadores ou de pescadores. Algumas casas baixinhas de madeira, formando uma paisagem pitoresca ao longo da enseada, envoltas por montes arborizados atrás dos quais erguiam-se as montanhas. O olhar de Anawak percorreu a estrada de acesso que, por debaixo das árvores, levava da estrada principal para a enseada. Os outros deveriam chegar a qualquer momento. Ele franziu a testa enquanto prestava atenção na voz que saía do seu celular.

Mas isso faz duas semanas — retrucou. — Em todo esse tempo, o Sr. oberts não pôde me atender nem uma vez, apesar de ter feito questão de que eu o mantivesse atualizado.

A secretária lembrou que Roberts era um homem muito ocupado.

— Isso eu também sou — disse Anawak. Parou de balançar-se sobre os pés e tentou ser o mais gentil possível. — Escute,

estamos numa situação que já nem pode mais ser simplesmente chamada de crise. Há relações claras entre os nossos problemas e os da Inglewood. O Sr. Roberts certamente concordará comigo.

Fez-se uma pequena pausa.

— Que paralelos seriam esses?

— Baleias. É evidente.

— O Barrier Queen está com a hélice danificada.

— Sim, claro. Mas os rebocadores foram atacados.

— Um rebocador afundou, isso mesmo — disse a mulher, educadamente num tom de desinteresse. — não sei nada de baleias, mas direi ao Sr. Roberts que o senhor ligou.

— Diga que é do interesse dele.

— Ele retornará dentro das próximas semanas. Anawak hesitou.

— Semanas?

— O Sr. Roberts viajou.

O que está acontecendo ali?, pensou Anawak. Esforçando-se por não perder o controle, disse:

— Além do mais, o seu chefe prometeu enviar mais amostras do que estava cobrindo o Barrier Queen para o instituto em Nanaimo. Agora, por favor, não me diga que também não sabe nada a respeito. Eu mesmo estive aí e catei esses troços do casco. São mexilhões e, possivelmente, mais alguma coisa.

— O Sr. Roberts teria me informado a respeito se...

— A equipe de Nanaimo precisa dessas amostras!

— Ela cuidará disso após o seu retorno.

— Será tarde demais! Está me escutando? Ah, tanto faz. Eu volto a ligar.

Aborrecido, guardou o telefone. O Land Cruiser de Shoemaker se aproximava pela estrada de acesso. O cascalho rangeu debaixo dos pneus quando o jipe dobrou em direção ao pequeno estacionamento em frente ao prédio principal. Anawak foi até lá,

— Vocês não são exatamente um exemplo de pontualidade — disse, mal-humorado.

— Qual é, Leon! Dez minutos. — Shoemaker aproximou-se dele, seguido por Delaware e um negro jovem e forte de óculos e cabeça raspada. — não seja tão intolerante. Estávamos esperando Danny.

Anawak cumprimentou o troncado. O homem sorriu com simpatia. Era atirador do exército canadense e fora oficialmente destacado para ficar à disposição de Anawak. Trouxera sua arma, um arco-e-flecha de altíssima tecnologia-

— Vocês têm uma bela ilha aqui — disse Danny, esticando as palavras. Um chiclete rondava a sua boca a cada palavra, fazendo-as soar como se precisasse» traçar os seus caminhos através de um mangue. — O que preciso fazer, hein!

— não lhe disseram? — disse Anawak, espantado.

— Disseram, sim. Que devo atirar uma flecha numa baleia. Apenas achei estranho. Pensei que fosse proibido.

E é. Venha, eu lhe explico no avião.

Espere. — Shoemaker estendeu-lhe um jornal aberto. — Já leu isto?

Anawak leu a manchete rapidamente.

O herói de To fino? — perguntou, desconfiado.

— Greywolf está se vendendo bem, não acha? O filho-da-puta se faz de modesto na entrevista, mas leia o que diz mais abaixo. É de dar nojo.

— Apenas cumpri o meu dever como cidadão canadense — murmurou Anawak. — Naturalmente corríamos perigo de vida, mas queria ao menos consertar um pouco daquilo que fora destruído pela irresponsável observação de baleias, O nosso grupo já declarou há anos que esses animais estavam sendo expostos a um estresse perigoso, cujas conseqüências são imensuráveis. Ele enlouqueceu por completo?

— Continue lendo.

— Certamente, a Estação Baleeira Davies não pode ser acusada de ter agido errado. Mas também não agiu certo. O turismo de baleias rentável mascarado pela proteção ambiental não é melhor do que a falta de honestidade dos japoneses, cujas frotas caçam espécies de baleias ameaçadas de extinção nas águas do

Ártico. Lá, oficialmente também se fala de objetivos científicos, apesar de, em 2002, quatrocentas toneladas de carne de baleia terem chegado aos grandes supermercados, sendo que, após análises genéticas, fora constatado que se tratava justamente de exemplares dos chamados objetos de pesquisa científica.

Anawak baixou o jornal.

— Que filho-da-mãe.

— O que ele diz não está certo? — quis saber Delaware. — Até onde sei, os japoneses realmente estão de sacanagem com esse tal programa de pesquisas.

— Claro que está certo—bufou Anawak. — Aí é que está a malícia. Grey wolf está nos comparando a eles.

— Realmente não entendo aonde ele quer chegar com isso — disse Shoemaker, balançando a cabeça.

— O que você acha? Chamar a atenção.

— Bem, ele... —As mãos de Delaware fizeram um movimento suave. — De certa forma, ele é um herói.

Soava como se as palavras se aproximassem na ponta dos pés. Anawak lançou-lhe um olhar fulminante.

— Ah, é?

E, sim. Ele salvou vidas humanas. Também não acho justo ele atacar vocês dessa forma, mas ao menos ele foi corajoso e...

— Greywolf não é corajoso — rosnou Shoemaker. — Tudo o que essa besta faz é planejado. Mas agora ele se deu mal. Terá problemas com os makah. não vão ficar lá muito contentes se o seu autodenominado irmão de sangue travar uma batalha contra a caça às baleias com tamanha veemência. não é mesmo, Leon?

Anawak permaneceu em silêncio.

Danny moveu o chiclete da direita para a esquerda dentro da boca.

— Quando vamos? — perguntou.

No mesmo instante, o piloto disse alguma coisa para eles da porta aberta do avião. Anawak olhou em sua direção e viu o homem acenando. Sabia o que significava. Ford chamara. Chegara a hora. Sem responder ao último comentário de Shoemaker, deu um tapa nas costas do diretor.

— Quando retornar à estação, me faz um favor?

— Claro. — Shoemaker encolheu os ombros. — Graças a certas circunstâncias, temos tempo de sobra.

— Pode tentar descobrir se, nas últimas semanas, escreveram alguma coisa sobre o Barrier Queen nos jornais? Ou na internet? E se passou alguma coisa na televisão?

— Sim, claro. Por quê?

— Por nada.

— Por nada não existe.

— Porque acho que não houve notícia alguma.

— Hum.

— De qualquer forma, não que eu me lembre. E você? Shoemaker jogou a cabeça para trás e piscou na luz do sol.

— não. Somente alguns relatos confusos sobre catástrofes de navios na Ásia. O que não quer dizer nada. Parei de ler jornal desde que tudo isso aconteceu conosco. Mas você tem razão. Pensando bem, há poucas notícias sobre essa confusão toda.

Anawak fitou o avião com um olhar sombrio.

— E — disse. — Vamos.

Quando o avião decolou, Anawak disse para Danny:

— Você deverá atirar a sonda no blubber da baleia. É assim que chamamos a camada de gordura. É insensível à dor. Durante anos tivemos dificuldades em afixar transmissores na pele da baleia por um período mais extenso. Há pouco tempo um biólogo de Kiel teve a idéia de equipar um arco com flechas especiais, em cujo cabo estão presos um transmissor e um aparelho de medição. A ponta penetra a gordura» e a baleia carrega os aparelhos durante algumas semanas, sem perceber.

panny olhou para ele.

Um biólogo de Kiel? Muito bem.

Não acredita que funcione?

— Acredito. Apenas me pergunto se alguém perguntou à baleia se realmente não dói. É um trabalho de muita precisão. Como pode saber que a ponta não irá além da camada de gordura?

— Metades de porcos — disse Anawak..

— Metades de porcos?

— Testaram a arma em metades de porcos. Até saberem exatamente até onde a ponta da flecha penetra. Tudo uma questão de cálculo.

— Ora, ora, veja só — disse Danny, erguendo as sobrancelhas acima da armação dos seus óculos. — Biólogos.

— E o que acontece se atirarem com isso numa pessoa? — perguntou Delaware do banco de trás. — A ponta também só penetra um pouco?

— Sim. Um pouco além. Mata a pessoa.

O DHC-2 fez uma curva. Abaixo deles, cintilava a enseada.

— No final havia algumas possibilidades — disse Anawak. — O primordial era observar as baleias ininterruptamente durante algum tempo. A colocação de sondas através de um arco-e-flecha demonstrou ser o método mais seguro. O tacógrafo grava a frequência cardíaca, a temperatura corpórea e ambiente, a profundidade, a velocidade de deslocação e algumas outras coisas mais. Já equipar baleias com câmeras é mais difícil.

— Por que não podemos atirar câmeras com o arco-e-flecha? — perguntou Danny. — Seria fácil.

— Porque é impossível definir em que ângulo a câmera será inserida. Além disso, eu gostaria de ver as baleias. Quero observá-las, e isso só é possível se a câmera estiver a certa distância, não em cima delas.

— Por isso empregaremos um URA — explicou Delaware. — É um novo robô japonês.

Anawak puxou os cantos da boca para os lados, divertido. Parecia que a Própria Delaware inventara o aparelho. Danny olhou à sua volta.

— não vejo nenhum robô. Ele não está aqui.

O avião alcançou o mar aberto e voou rente às ondas. Em geral, sempre avia pequenos navios, barcos infláveis ou caiaques em frente à ilha de Vancouver mas até mesmo o mais corajoso não se arriscava mais para o lado de fora. Somente os grandes cargueiros e balsas, para os quais as baleias não representavam nenhuma ameaça, passavam lá longe. Portanto a superfície da água estava abandonada, exceto um único navio bojudo. Parecia

que nada nem ninguém conseguiria afundá-lo, muito menos causar outra dificuldade qualquer. O avião afastou-se das rochas costeiras e voou em sua direção.

— O URA está no Whistler. Aquele rebocador ali—disse Anawak. — Quando estivermos prontos e encontrarmos a nossa baleia, chegará a sua grande hora.

Terry King estava na popa do Whistler, protegendo os olhos com as mãos contra a forte luz do sol. Viu o DHC-2 aproximar-se rapidamente. Alguns segundos depois, o avião passou rente ao rebocador e fez uma grande curva.

Ele posicionou o rádio em frente à boca e chamou Anawak na frequência disponível. Uma série de frequências fora reservada exclusivamente para uso militar e científico.

— Leon? Tudo em ordem?

— Estou escutando, Terry. Onde a viu pela última vez?

— A noroeste. A menos de duzentos metros do nosso barco. Há cerca de cinco minutos avistamos várias, entretanto mantêm-se distantes. Devem ser uns oito a dez animais. Identificamos duas baleias nitidamente. Uma participou do ataque ao Lady Wexham, a outra afundou uma traineira em frente a Ucluelet na semana passada.

— Tentaram atacar vocês?

— Não. Aparentemente somos grandes demais para elas.

— E entre elas? Como se comportam umas com as outras?

— Pacificamente.

— bom. Provavelmente, são todas do mesmo grupo, mas devemos concentrar-nos na identificação.

King acompanhou o vôo do DHC-2, observou como ia diminuindo, lentamente inclinou-se para o lado e fez uma grande curva de volta. Olhou para a ponte do Whistler. O navio era um rebocador de alto-mar de uma empresa particular em Vancouver, tinha 63 metros de comprimento e quase 15 metros de largura. com 160 toneladas de tração estática, o Whistler era um dos rebocadores mais fortes do mundo. Nitidamente grande e forte demais para ser ameaçado por uma baleia. King acreditava que

nem o salto de uma jubarte diretamente para dentro da popa causaria mais do que um forte balanço.

Mesmo assim, não se sentia à vontade. Se, inicialmente, as baleias atacaram tudo o que nadava, agora já pareciam saber avaliar muito bem onde poderiam causar danos e onde não. Até agora, as onipresentes orcas, baleias-cinzentas e jubartes, assim como baleias-fin e cachalotes, haviam atacado diversos navios. Aparentemente, todos esses animais aprenderam bastante. Não atacariam o rebocador, isso estava garantido. E era exatamente o que mais preocupava

Uma espécie de raiva não implicaria essa crescente capacidade de diferenciação. E pressentia a inteligência por trás da atitude desses mamíferos e perguntava-se como reagiriam ao robô.

passou um rádio para a ponte.

Vamos começar — disse.

Acima dele, circulava o DHC-2.

Após a identificação de diversas atacantes através de vídeos e rotos, começaram a procurar ativamente os animais. Há três dias o rebocador percorria a rota em frente à ilha de Vancouver. Hoje pela manhã finalmente encontraram o que queriam. Num grupo de baleias-cinzentas reconheceram o desenho de duas nadadeiras caudais que haviam visto em fotos e vídeos dos animais envolvidos no ataque.

King perguntava-se se conseguiriam descobrir a verdade em tempo. Arrepiava-se ao lembrar das vozes cada vez mais fortes de sindicatos de pescadores e companhias de navegação que consideravam pouco eficiente o rumo suave do conselho científico. Estavam exigindo o emprego de forças militares — algumas baleias mortas, e o resto dos animais compreenderia que não era uma boa idéia atacar humanos. As exigências eram tão ingênuas quanto perigosas, porque caíam em solo fértil. De fato, o recente comportamento dos mamíferos marinhos estava fazendo com que tudo aquilo pelo que os ecologistas e protetores de animais haviam lutado durante tanto tempo. Por enquanto, o conselho de emergência ainda enfrentava as exigências com o argumento de que a violência não levaria a nada enquanto não fosse descoberto o

motivo da mudança de comportamento dos animais. Quando muito, combateria os sintomas. King não sabia como o governo se posicionaria em última instância, mas era cada vez mais evidente que os pescadores e caçadores ilegais de baleias estavam prestes a agir por conta própria. A perplexidade geral perante a questão do que fazer era apenas superada pela discórdia dos partidos envolvidos na discussão. Um cenário ideal para o individualismo. Guerra no mar. King fitou o robô na popa.

Estava ansioso por saber o que o URA, que lhes fora enviado do Japão tão rapidamente e sem burocracia, conseguiria fazer. Fora criado somente poucos anos antes. Os japoneses insistiam em que o aparelho servia às pesquisas, não à caça. Os protetores ambientais ocidentais viam isso com ceticismo. A construção cilíndrica de três metros de comprimento, repleta de aparelhos de medição e câmeras altamente sensíveis parecia-lhes uma máquina infernal cuja função era descobrir grupos inteiros de baleias, considerando um possível fim da trégua na caça às baleias decretada em 1986. Como o URA localizara jubartes com sucesso em frente às ilhas japonesas de Kerama e as seguira durante um longo período, o robô também encontrara aceitação no simpósio internacional de mamíferos marinhos em Vancouver. Mas a desconfiança continuava. não era nenhum segredo que o Japão comprava sistematicamente o apoio de países mais pobres visando ao fim da trégua. O governo japonês justificava o escândalo conspirativo como “diplomacia” — os mesmos políticos que subvencionavam a Universidad de Tóquio, da qual também fazia parte a equipe do Laboratório de Experimentação e Robótica Subaquática do URA, que havia desenvolvido o robô.

— Quem sabe hoje você fará algo de útil — sussurrou King para o URA. — Salve o seu nome.

O aparelho brilhava ao sol. King aproximou-se da balastrada e olhou para o mar. Do avião, era possível ver melhor as baleias, do navio, mais fácil identificá-las. Transcorrido um certo tempo, algumas baleias-cinzentas emergiram umas após as outras, cortando as ondas.

A voz do posto de observação da ponte ressoou no rádio.

— À direita, atrás de nós. Lucy.

King virou-se rapidamente, ergueu os binóculos e ainda conseguiu ver uma nadadeira cortada cinza-escura antes de ela mergulhar.

Lucy!

Era o nome de uma das baleias. Uma gigantesca baleia-cinza de 14 metros de comprimento. Lucy havia-se jogado contra o Lady Wexham. Possivelmente até fora Lucy quem rompera o casco fino, deixando a água penetrar e encher o navio.

— Confirmado — disse King. — Leon?

Estavam todos conectados através da frequência isolada. Os passageiros do DHC-2 escutavam a conversa a bordo do Whistler.

— Confirmado — disse Leon no rádio.

King olhou para cima, apertando os olhos à luz do sol, e viu o avião descer sobre o local onde as nadadeiras haviam desaparecido.

— Então — disse mais para si mesmo —, boa sorte.

A cem metros de altitude, até mesmo o mais robusto rebocador parecia uma miniatura feita com carinho. Em compensação, os mamíferos marinhos pareciam bem maiores. Anawak viu várias baleias-cinzentas nadando rente à superfície da água, tranqüilamente. A luz quebrada do sol dançava sobre os corpos colossais. Era possível ver inteiramente cada um dos animais. Apesar de terem somente um quarto do comprimento do Whistler, pareciam realmente enormes

— Mais para baixo — disse.

O DHC-2 perdeu altura. Cruzaram por cima do grupo e aproximaram-se do local em que Lucy mergulhara. Anawak esperava que a baleia não tivesse ido caçar. Nesse caso, precisariam esperar por muito tempo. Mas possivelmente aqui não seria raso o suficiente. Como as jubartes, as baleias-cinzentas também se alimentavam de forma peculiar. Mergulhavam até o fundo e raspavam os sedimentos virando de lado e sugando os organismos que habitavam o solo para dentro de si, pequenos caranguejos, plâncton e o seu prato predileto, vermes nematóides. Os solos em frente à ilha de Vancouver eram cortados por imensos

sulcos dessas orgias alimentares; em compensação, as gigantes cinza raramente se perdiam em águas mais profundas.

— Vai entrar um ventinho, já, já — disse o piloto. — Danny?

O atirador abriu um sorriso para todos. Abriu a porta lateral e virou-a para trás. Uma torrente de ar invadiu o avião e bagunçou os cabelos dos passageiros. De um instante para o outro o interior do avião tornou-se muito barulhento. Delaware pegou o arco-e-flecha atrás de si e estendeu-o para Danny.

— não terá muito tempo — disse Anawak. Precisava falar alto para imporse contra o barulho do vento e do motor. — Quando Lucy aparecer, apenas lhe restarão alguns segundos para inserir a sonda.

— Parece ser mais um problema seu do que meu — retrucou Danny. com o arco-e-flecha na mão direita, ergueu-se do assento até metade do seu corpo ficar no meio das vergas debaixo da asa. — Basta levar-me até bem pertinho dela.

Delaware balançou a cabeça de olhos arregalados.

— não posso nem ver.

— O quê? — perguntou Anawak.

— não dá. Já o vejo caindo na água.

— não tenha medo — disse o piloto, rindo. — Estes garotos fazem bem mais coisas.

O avião voava bem próximo às ondas, quase à altura da ponte do Whistler. Sobrevoaram o local em que Lucy afundara. não se via nada.

— Fazer curvas — gritou Anawak para o piloto. — Bem fechadas. Lucy deverá surgir bem próximo ao local em que desapareceu.

O DHC-2 entrou na curva abruptamente. De repente, o mar parecia cair em sua direção. Danny estava pendurado nas vergas como um macaco, uma mão no batente da porta, na outra o arco-e-flecha armado. Abaixo deles, via-se a silhueta de uma baleia emergindo. Então um dorso cinza e brilhante cortou a superfície da água.

Oba! — gritou Danny.

— Leon! — Era King no rádio. — não é esta. Lucy está a boreste, à nossa frente.

— Diabos! — esbravejou Anawak.

Calculara errado. Aparentemente Lucy decidira não seguir as regras.

— Danny! não.

O avião parou de voar em círculos e desceu ainda mais. As ondas voavam por debaixo deles. Aproximavam-se da popa do rebocador. Por um instante parecia que entrariam diretamente nas estruturas do Whistler, então o piloto corrigiu o rumo e eles passaram bem próximo ao navio bojudo. Um pouco mais à frente, Lucy voltava a mergulhar e a mostrar a sua nadadeira caudal. Agora Anawak também reconheceu o animal pelos típicos cortes da nadadeira.

— Desacelerar — disse ele.

O piloto diminuiu a velocidade, mas naturalmente continuavam rápidos demais. Deveríamos ter pegado um helicóptero, pensou Anawak. Agora iriam além do seu objetivo e precisariam retornar, na esperança de que a baleia não desaparecesse de suas vistas.

Mas Lucynão desaparecera na profundidade. Seu gigantesco corpo brilhava à luz do sol.

— Ultrapassar, virar, descer! O piloto acenou a cabeça.

— Mas, por favor, não vomitem — acrescentou.

Ele virou o avião tão repentinamente que este parecia ter-se colocado sobre a ponta da sua asa. Através da porta aberta, via-se uma parede vertical de água, assustadoramente próximo. Delaware gritou, enquanto Danny, com o seu arco-e-flecha, uivava de alegria.

Qualquer montanha-russa não era nada perto daquilo.

Anawak viveu esse momento em câmera lenta. Nunca imaginara que fosse possível girar um avião quase como um compasso, imaginando-se a ponta da asa como agulha. O avião traçou um semicírculo perfeito e tombou de volta para a horizontal com a mesma velocidade.

com as hélices ribombantes, voou em direção à baleia e ao Whistler, que se aproximava.

King observava atônito o retorno do avião após a assustadora manobra de retorno. Os esquis praticamente tocavam a água. Lembrou-se vagamente de que a Tofino Air contratara um antigo piloto das forças armadas canadenses. Agora sabia de quem se tratava.

O corpo cilíndrico do URA estava pendurado do lado de fora da balaustrada no guindaste de popa do rebocador. Estavam prontos para soltar o aparelho assim que o atirador fixasse o transmissor. Viam-se nitidamente as costas cinza da baleia. Ela não mergulhara. A baleia e o avião aproximavam-se rapidamente.

King viu Danny sentado debaixo da asa e fervorosamente esperava que ele resolvesse o assunto com um tiro.

O dorso de Lucy atravessava as ondas.

Danny ergueu o arco-e-flecha, um olho fechado, a mão no metal gelado. Lentamente, seu dedo dobrou-se. com absoluta concentração e mímica estática, apertou o gatilho. Provavelmente ouviu o leve chiado apenas no momento em que a flecha preparada deixou a arma a 250 quilômetros por hora, ao lado do seu ouvido. Milésimos de segundo depois, os ganchos de metal perfuraram a camada de gordura da baleia e penetraram profundamente, sem que Lucy percebesse. O animal encurvou o dorso. Mergulhou. O transmissor apontava para fora na diagonal.

— Pegamos! — gritou Anawak no rádio.

King deu o sinal.

O guindaste soltou o robô das suas amarras. Ele bateu na água e afundou nas ondas.

O contato com a água imediatamente desencadeou um impulso que, por sua vez, ativou os motores elétricos. Enquanto o aparelho afundava, movia-se simultaneamente em direção à baleia submersa. Alguns segundos depois, não se via mais nada do URA.

King fechou as mãos em punho, triunfante.

— Isso!

O DHC-2 passou pelo Whistler. Triunfante, Danny ergueu o arco-e-flecha nas vergas da asa.

- Conseguimos!
- Excelente!
- Um tiro e... cara, você viu? Inacreditável!
- Uau!

Todos conversavam animadamente dentro do avião, Danny virou-se para eles e sorriu. Começou a puxar-se para dentro novamente. Anawak esticou os braços para ajudá-lo quando viu alguma coisa surgir de dentro d'água. Horrorizado, deteve-se.

Uma baleia-cinzenta atirava-se para cima, um animal saltando. O corpo pesado aproximava-se com velocidade incrível. No meio da sua rota de vôo.

Puxar para cima! — gritou Anawak.

Os motores rugiram dolorosamente. Danny caiu para trás quando o avião lançou-se para cima. Por um instante, Anawak conseguiu ver uma gigantesca cabeça cheia de cicatrizes, um olho, uma boca fechada. E então alguma coisa bateu fortemente no avião. Onde antes estavam a asa direita e Danny, sobraram restos de vergas entortadas. Anawak tentou segurar-se em algum lugar, mas tudo girava, Delaware gritava, o piloto gritava, ele próprio gritava, o mar se aproximava.

Alguma coisa bateu-lhe no rosto. Gelado.

Ribombado nos seus ouvidos. Chiado surdo de aço se quebrando.

Espuma.

Verde-escuro.

Mais nada.

A cinqüenta metros abaixo, o computador de bordo estabilizou o corpo cilíndrico do URA. O robô equilibrou-se e seguiu a baleia mais próxima. A certa distância, viam-se as silhuetas dos outros animais na meia-luz. O olho eletrônico do URA registrava tudo isso sem que o computador, inicialmente, atribuísse algum valor às impressões ópticas.

Outras funções foram ativadas.

Apesar da excelente sensibilidade óptica, o ponto forte do URA era o registro acústico. Aqui o seu criador manifestara a sua verdadeira genialidade. Os sistemas acústicos permitiam que o robô

seguisse os mamíferos marinhos durante dez a doze horas sem perdê-los de vista, para onde quer que fossem.

Ele seguia os seus cantos.

Nesses instantes, os quatro hidrofones do URA, microfones subaquáticos altamente sensíveis, não apenas registravam cada som que os animais produziam, como também as coordenadas de suas fontes. Eram afixados em torno do corpo do robô. Quando uma das baleias soltava um tom alto e fino, registravam o som um atrás do outro em vez de simultaneamente. Nenhum ouvido humano seria capaz de registrar esses minúsculos retardamentos de tempo e as diminuições de volume a eles relacionados, só mesmo um computador tinha essa capacidade. Então o som alcançava primeiramente e mais intensamente o hidrofone mais próximo da fonte e, em seguida, os três restantes, consecutivamente.

Dessa forma, o computador criava um espaço virtual e atribuía coordenadas aos emissores dos sons. Pouco a pouco, o espaço enchia-se de indicadores de posição de baleias que se moviam uns em relação aos outros à medida que os animais também se locomoviam. De certa forma, o grupo de baleias era reconstruído dentro do computador.

Lucy também emitiu uma série de sons ao desaparecer na profundidade. O Computador continha abrangentes registros de dados que variavam desde sons específicos de baleias e de certos peixes até as vozes de certos indivíduos. O URA vasculhou o seu catálogo eletrônico, mas não localizou Lucy enquanto indivíduo. Automaticamente, abriu uma pasta para os sons do grupo de coordenadas que correspondia a Lucy, comparou com outros grupos de coordenadas, classificou todos os animais à sua frente como baleias-cinzentas e acelerou mais dois nós para aproximar-se mais deles.

Da mesma forma detalhada com que localizara as baleias acusticamente, o robô passou para o registro óptico. Em seus bancos de dados havia registros de desenhos e silhuetas de nadadeiras caudais, dorsais e laterais, assim como áreas corpóreas marcantes de alguns indivíduos. Dessa vez, a máquina teve sorte. O olho eletrônico escaneou as nadadeiras dorsais em movimento das

baleias à sua frente e rapidamente identificou uma delas como sendo de Lucy. Um pouco antes haviam sido programados todos os dados das baleias que participaram dos ataques, e, portanto, agora o robô sabia a que animais deveria prestar atenção especial.

O URA corrigiu o seu rumo por alguns graus.

Os cantos das baleias permitiam contatos de voz a mais de cem milhas náuticas. As ondas sonoras moviam-se cinco vezes mais rápido na água do que no ar. Lucy podia nadar tão rápido quanto quisesse e para onde fosse,

Ele não a perderia mais.

## **26 de abril**

### **KIEL, ALEMANHA**

A porta de ferro deslizou para o lado. Bohrmann olhou para a gigantesca estrutura do simulador.

O simulador de águas profundas parece ter reduzido a natureza a um tamanho compatível com o homem, sem logo enviá-la ao exílio da mera teoria. Embora em pequena escala, o mar tornava-se controlável. Foi criado um mundo de segunda mão, uma daquelas cópias idealizadas que se tornavam cada vez mais familiares para as pessoas do que a realidade. Quem é que ainda procurava saber alguma coisa sobre a vida medieval, se Hollywood mostrava isso do seu próprio jeito? Quem queria saber como morria um peixe, como sangrava e era cortado, e como eram retiradas suas vísceras, desde que fosse possível comprar seus pedaços sobre o gelo? As crianças americanas desenhavam galinhas com seis pernas, porque as coxas de galinha eram vendidas em pacotes de seis unidades no supermercado. Bebia-se leite da caixa de papelão e sentia-se nojo do conteúdo de uma teta de vaca. A percepção do mundo estava se distorcendo, resultando em arrogância. Bohrmann era fascinado pelo simulador e as suas possibilidades. Ao mesmo tempo, o tanque mostrava-lhe como a pesquisa ameaçava tornar-se cega, caso tentasse reconstruir o objeto da sua análise em vez de

observá-lo. Tratava-se cada vez menos de compreender o planeta do que de moldá-lo em seu favor. Na colorida Disneylândia dos equívocos, a intervenção humana conseguia uma nova e terrível justificativa.

Cada vez que Bohrmann entrava no salão, o mesmo pensamento passava-lhe pela cabeça: jamais teremos certeza do realizável, mas somente do que é melhor nem mexer. E ninguém quer ouvir falar disso.

Dois dias após o acidente no Sonne, ele já estava de volta em Kiel. As amostras de perfuração e os tanques de resfriamento haviam chegado como carga urgente separada às mãos de Erwin Suess, que, com uma equipe de geoquímicos e biólogos, imediatamente iniciara a análise da coleta da expedição. Quando Bohrmann chegara ao instituto, as análises já estavam em andamento. Há 2 horas tentavam descobrir incansavelmente as causas da decomposição. Ao que parecia, tiveram sucesso. O simulador podia até idealizar a realidade, mas neste caso ele desvendara o mistério dos vermes.

Suess aguardava-o na mesa. Estava em companhia de Heiko Sahling e Yvonne U'rbach, uma bióloga molecular especializada em bactérias de águas profundas.

Fizemos uma simulação computadorizada — disse Suess. — Nem tanto para nós, mas para que seja compreensível para todos.

Então não é mais somente um problema da Statoil — disse Bohrmann.

— não.

Suess moveu o cursor na tela e clicou num símbolo. Apareceu uma representação gráfica. Ela mostrava o corte lateral de uma tampa de hidrato de cem metros de espessura com uma bolha de gás abaixo. Sahling apontou para uma camada, fina e escura na superfície.

— Esses são os vermes — disse.

— Vamos dar uma olhada na ampliação — disse Suess.

Surgiu um recorte da superfície do gelo. Agora era possível identificar os vermes. Suess continuou aumentando a imagem até

um único verme preencher praticamente a tela inteira. Era bastante estilizado, algumas partes do corpo com uma cor viva.

— O vermelho são as bactérias de enxofre — explicou Yvonne Mirbach. — O azul, arqueobactérias.

— Endo e ectossimbióticos — murmurou Bohrmann. — O verme está lotado de bactérias, e elas vivem na sua superfície.

— Exatamente. São consórcios. Bactérias de diversas espécies que cooperam umas com as outras.

— Aliás, as pessoas convocadas por Johanson também já tinham chegado até aí — acrescentou Suess. — Escreveram relatórios de vários centímetros de espessura sobre o modo de vida simbiótico do verme. Mas não chegaram às conclusões corretas. Ninguém se perguntou o que fazem esses consórcios. O tempo inteiro partimos da premissa de que os vermes desestabilizam o gelo, apesar de sabermos que não teriam como fazer isso. Mas não são os vermes.

— Os vermes são meros transportadores — disse Bohrmann.

— Exatamente. — Suess clicou num símbolo. — Aqui está a resposta ao estouro de vocês.

O verme estilizado começou a se mover. A apresentação fora montada de forma muito rudimentar nesse curto espaço de tempo. Portanto, era mais uma seqüência de imagens isoladas do que um desenho animado. As mandíbulas em forma de garras projetaram-se para fora, e o verme começou a perfurar o gelo.

— Agora preste atenção.

— Bohrmann fixou o olhar nas imagens. Suess dera um zoom maior. Viam-se vários animais movendo os seus corpos sobre o hidrato. De repente...

— Meu Deus! — disse Bohrmann.

Houve silêncio absoluto.

— Se for assim em todo o talude continental... — começou Sahling.

— É assim — disse Bohrmann, num tom monótono. — É até provável que esteja acontecendo simultaneamente. Diabos, já

deveríamos ter pensado nisso no Sonne. Os pedregulhos de hidrato estavam literalmente melados de bactérias

Ele já esperava mais ou menos o que acabara de ver. Temera e, ao mesmo tempo, tivera a esperança de estar enganado. Mas a verdade era ainda muito pior — caso fosse verdade.

— O que acontece aqui no detalhe todos nós já sabemos — disse Suess

Cada um dos fenômenos, por si só, não é nenhuma novidade. A novidade é a cooperação. com a interligação de todos os componentes, a decomposição dos hidratos se evidencia. — Ele bocejou. Parecia estranhamente impróprio diante das terríveis imagens, mas nenhum deles pregara o olho nas últimas 24 horas. — Sequer encontrei explicação alguma sobre o motivo dos vermes estarem ali.

— Eu também não — disse Bohrmann. — E já estou pensando nisso há mais tempo do que você.

— E a quem devemos informar agora? — perguntou Sahling.

— Hum. — Suess pôs o dedo sobre os lábios. — Como era mesmo? O assunto é sigiloso, certo? Portanto, antes de qualquer coisa, devemos entrar em contato com Johanson.

— Por que não diretamente a Statoil? — sugeriu Sahling.

—não. — Bohrmann balançou a cabeça. — De jeito nenhum.

— Acredita que vão dissimular tudo?

— Johanson é a melhor opção. Até onde o conheço, é mais neutro do que a Suíça. Devemos deixar que ele decida quando...

—não temos tempo para deixar qualquer decisão para alguém — interrompeu Sahling. — Mesmo que a simulação esteja apenas demonstrando aproximadamente o que está acontecendo no talude, na realidade deveríamos informar o governo norueguês.

— Então logo todos os países nórdicos!

— Boa idéia. Inclua também a Islândia.

— Um momento! — Suess ergueu os braços. — Isto aqui não é nenhuma cruzada.

—não se trata disso.

— Trata-se, sim. Por enquanto, é apenas uma simulação.

— Sim, mas...

—não, ele tem razão — interrompeu-o Bohrmann. —não podemos provocar um alvoroço apenas para que todos saibam. Nós mesmos não sabemos precisamente. Quer dizer, sabemos como acontece, mas os resultados são aproximações. No momento apenas podemos dizer que grandes quantidades de metano entrarão na atmosfera.

— Está sonhando?—gritou Sahlíng. — Sabemos exatamente o que irá acontecer.

Bohrmann inconscientemente tocou o local onde sua barba estava voltando a crescer.

— Está bem. Podemos publicar. É suficiente para uma dúzia de primeiras páginas. Mas quais seriam as conseqüências?

— Quais serão as conseqüências — fantasiou Suess — se o jornal disser que a Terra será atingida por um meteorito?

— Acredita que essa comparação se aplique?

— De certa forma, sim.

— Na minha opinião, não deveríamos decidir isso sozinhos — disse Mirbach. — Vamos dar um passo de cada vez. Antes de qualquer coisa, falaremos com Johanson. Afinal, ele é o contato. Além do mais, do ponto de vista científico, devemos-lhe a honra.

— Que honra?

— Ele descobriu os vermes.

—não, quem descobriu os vermes foi a Statoil. Mas que seja. Johanson, a honra. E depois?

— Chamamos os governos.

— E tornamos o assunto público?

— Por que não? Tudo é publicado. Sabemos dos programas nucleares coreanos e iranianos, e que uns idiotas estão soltando bactérias de Anthrax. Sabemos tudo sobre a BSE, sobre a gripe dos porcos e legumes geneticamente manipulados. Na França atualmente estão morrendo centenas de pessoas devido a crustáceos contaminados por umas bactérias. Meu Deus, eles também não saíram correndo para as montanhas de imediato para se esconder.

—não — disse Bohrmann —, claro que não. Mas se discutirmos publicamente um deslizamento de Storegga...

Para isso, os dados são superficiais demais — disse Suess. A simulação demonstra com que rapidez a decomposição está avançando. Portanto também demonstra todo o restante. Mas não define o que acontecerá depois.

Bohrmann ia responder, mas Suess estava certo. Eles podiam imaginar o que aconteceria, mas não tinham como comprovar. Se tornassem o assunto público

gora, sem estar totalmente seguros da sua teoria, o lobby do petróleo desmentiria tudo. Sua argumentação se desmancharia como um castelo de cartas. Era Cedo demais.

— Está bem, então — disse. — De quanto tempo precisaremos para apresentar um resultado comprometedor?

Suess franziu a testa.

— Mais uma semana, acredito.

— É muito tempo — disse Sahling.

— Que é isso! — Mirbach balançou a cabeça, pasma. — É muito rápido. Se solicitar uma avaliação taxonômica de um novo verme, precisará esperar por vários meses, e nós...

— É muito tempo para este caso.

— Mesmo assim — decidiu Suess. — Alarmefalso não leva a nada. Vamos continuar.

Bohrmann balançou a cabeça. não conseguia desprender o olhar da tela. A simulação terminara. Entretanto continuava. Continuava na sua imaginação, e o seu pressentimento fazia-o estremecer.    

## **29 de abril**

### **TRONDHEIM, NORUEGA**

Siguf Johanson entrou no escritório de Olsen. Fechou a porta atrás de si e sentou-se em frente ao biólogo.

— Tem um tempinho? Olsen riu.

— Você me deu o maior trabalho — disse.

— Descobriu alguma coisa? Olsen baixou a voz, conspirativo.

— Por onde devemos começar? Histórias de monstros? Catástrofes naturais? Estava fazendo suspense. Tudo bem.

— Por onde você quer começar?

— Pois bem. — Olsen piscou para ele, astuto. — Que tal você começar, para variar um pouco? Por que não me diz para que eu brinquei de Watson durante vários dias, Holmes?

Johanson perguntou-se mais uma vez o quanto podia dizer a Olsen. Sabia que estava explodindo de curiosidade. Ele também não se sentiria diferente. Entretanto, dentro de poucas horas, toda a NTNU ficaria sabendo.

De repente, teve uma idéia. Parecia inusitada demais para ser digna de credibilidade. Olsen o consideraria um idiota, mas tudo bem. Também baixou a voz e disse:

— Estive pensando em ser o primeiro a levantar uma teoria.

— Que seria?

— É tudo manipulado.

— O quê?

— Estou me referindo a essas anomalias. As águas-vivas. O desaparecimento dos barcos. Os casos de morte e os desaparecidos. Simplesmente pensei que todo isso poderia estar interligado.

Olsen olhou para ele sem entender.

Digamos que seja um plano superior. — Johanson recostou-se para ver como Olsen engoliria essa.

— E aonde pretende chegar com isso? Quer ganhar o prêmio Nobel ou uma Vaga num hospital psiquiátrico?

— Nem uma coisa nem outra.

Olsen continuava fitando-o.

— Está de sacanagem comigo,

— não.

— Está, sim. Está falando de... Sei lá! Do diabo? De forças obscuras? Homenzinhos verdes? Arquivo X?

— É apenas uma idéia. Quer dizer, deve haver uma ligação, não? Vários fenômenos estão ocorrendo simultaneamente. Acha

mesmo que é coincidência!

— não sei.

— Viu só? Vocês não sabem. E eu também não.

— Em que tipo de ligação está pensando?

As mãos de Johanson cortaram suavemente o ar.

— Aí já depende das novidades que você tem para me dar.

— Ah, sei. — Olsen derreou os cantos da boca. — Bem bolado. Você realmente não é idiota, Sigur. De fato há mais coisas.

— Conte-me, e então veremos.

Olsen encolheu os ombros, abriu a gaveta e retirou um pacote de papéis.

— A pesquisa na internet — disse. — Se eu não fosse tão pragmático, poderia até pensar em acreditar nas besteiras que você está falando.

— E então, o que há?

— Todas as praias da América Central e do Sul foram interditadas. As pessoas não entram mais na água, e as águas-vivas estão entupindo as redes dos pescadores. Na Costa Rica, no Chile e no Peru estão falando de uma substância gelatinosa apocalíptica. Depois da caravela portuguesa, surgiu uma outra espécie, muito pequena, com tentáculos extremamente longos e venenosos. Inicialmente acreditou-se que seriam de vespas marinhas, mas parece ser algo totalmente diferente. Possivelmente uma nova espécie.

Mais uma nova espécie, pensou Johanson. Vermes nunca antes vistos, águas-vivas nunca antes vistas...

— E as vespas marinhas em frente à Austrália?

— A mesma história. — Olsen remexeu a sua pilha de papéis. — São cada vez mais. Uma catástrofe para os pescadores, e o turismo já era.

— E os peixes da região? As águas-vivas não os estão atacando?

— Desapareceram.

— Como assim?

— não há mais peixes. Os cardumes simplesmente desapareceram dos litorais atingidos. As tripulações das traineiras

estão dizendo que deixaram os seus habitats e nadaram para o mar aberto.

— Mas lá fora não encontrarão alimentos.

— Talvez estejam fazendo dieta. Sei lá!

E ninguém tem uma explicação?

Em toda parte foram convocados conselhos de emergência — disse.

— Mas não estão liberando informação alguma. Eu tentei.

O que significa que as coisas estão piores ainda.

Provavelmente. — Olsen retirou uma folha de papel da pilha. — Se olhar

nesta lista, encontrará notícias pomposas que pouco depois simplesmente não são mais tematizadas. Aguas-vivas em frente à costa oeste africana. Possivelmente também em frente ao Japão, certamente nas Filipinas. Suspeitas de morte, seguidas de esclarecimentos, depois silêncio total. Mas preste atenção. Agora é que fica realmente interessante. Existe uma alga que já circula pela mídia há alguns anos. Uma alga mortal, Pfiesteria piscicida. Difícil de conter. Adoece pessoas e animais. Até agora basicamente causou estragos do outro lado do Atlântico, mas recentemente a França parece ter sido atacada. E não foi pouco.

— Mortos?

— com certeza. Os franceses não são exatamente exagerados no que tange ao fornecimento de informações, mas aparentemente a alga chegou no interior através de cavaquinhas. Está tudo aqui, eu separei para você.

Empurrou parte da pilha para Johanson.

— E depois o desaparecimento dos barcos. Uma série de chamados de socorro já foram registrados, entretanto a maior parte não faz sentido. São interrompidos rápido demais. Seja o que for o que aconteceu, deve ter sido muito rápido. — Olsen abanou uma outra folha. — Mas quem seria eu se não soubesse mais do que o resto da humanidade? Três desses chamados de socorro entraram na rede.

— E?

— Alguma coisa atacou os barcos.

— Atacou?

— Exatamente. — Olsen esfregou o nariz. — Mel na chupeta da sua teoria da conspiração. O mar levanta-se contra a humanidade, quanta indecência dessas águas miseráveis. Se estivermos apenas afundando um pouquinho de lixo e extinguindo os peixes e as baleias. Ah, e por falar em baleias... a última notícia que tive foi de que estão atacando maciçamente os navios no leste do Pacífico.

Parentemente, ninguém mais tem coragem de sair para o mar.

— Sabe-se...

Não faça perguntas idiotas. não, não se sabe. não se sabe de nada. Meu Deus como fui eficiente! Também não há explicações para o que possa ter causado as colisões e catástrofes de cargueiros. Bloqueio total de notícias. De certa forma, a sua teoria procede, porque em quase todas as vezes os temas são relatados abertamente, e de repente alguém os encobre. Quem sabe se não é mesmo Arquivo X? — Olsen franziu a testa. — De qualquer forma, são águas-vivas demais, peixes demais, tudo parece superdimensional.

— E ninguém faz idéia de onde esteja vindo?

— Ninguém se atreve a assumir publicamente a suposição de que poderiahaver uma interligação, como você. No final, os conselhos de emergência responsabilizarão o El Nino ou o aquecimento global, e a ecologia de invasões biológicas se fortalecerá e publicará reportagens especulativas.

— Os suspeitos de sempre.

— É, mas tudo isso não faz sentido. Águas-vivas, algas e outros bichos parecidos já deram a volta ao mundo na água de lastro de navios há anos. Conhecemos esses fenômenos.

— Claro — disse Johanson. — Veja, é exatamente aonde eu queria chegar. Se, em algum lugar do mundo, há uma invasão de vespas marinhas, é uma coisa. Agora, se em toda a Terra acontecem os fatos mais inesperados simultaneamente, é algo totalmente diferente.

Olsen uniu as pontas dos dedos, pensativo.

— bom, se quer criar uma ligação de qualquer jeito, eu não falaria de invasões biológicas. Mas de anomalias comportamentais. São modelos de ataques. Que não conhecíamos até então.

— Fora isso, não descobriu nada a respeito de alguma nova espécie?

— Minha nossa. Já não basta?

— Estou só perguntando.

— No que está pensando? — perguntou Olsen, esticando as palavras.

Se eu perguntar por vermes agora, pensou Johanson, ele ficará sabendo. Não saberá o que fazer com esta informação, mas imediatamente terá a certeza de que em algum lugar do mundo há invasões de vermes.

— Nada de concreto — disse.

Olsen olhou para ele desconfiado. E então passou-lhe o resto da pilha de papel.

— Em alguma ocasião, pode me contar o que aparentemente não está querendo me contar agora?

Johanson pegou as impressões e levantou-se.

— Faremos um brinde.

— Claro. Quando eu tiver um tempo livre. Você sabe, com a família—

— Obrigado, Knut. Olsen encolheu os ombros.

— não há de quê.

Johanson saiu para o corredor. De saída do auditório, alguns estudantes passaram por ele, alguns rindo e conversando, outros compenetrados.

Parou e ficou observando-os.

De repente, a idéia de que tudo estaria sendo manipulado não lhe pareceu mais tão absurda assim.

## **EM FRENTE A SVALBARD, SPITZBERGEN, MAR DA GROENLÂNDIA**

A luz do luar refletia-se na água.

O espetáculo chamou toda a tripulação para o convés, tão lindo estava o mar glacial esta noite. Era raro vê-lo assim, mas Lukas Bauer não percebeu nada daquilo. Estava em sua cabine, estudando os seus papéis e sentia-se como alguém que literalmente procurava uma agulha num palheiro, sendo que o palheiro tinha o tamanho de dois mares.

Karen Weaver fizera bem o seu trabalho e realmente o ajudara, mas há dois dias tinha deixado o barco na cidade de Longyearby, em Spitzbergen, para iniciar uma pesquisa ali. Na opinião de Bauer, levava uma vida inquieta, apesar da sua própria vida também não ser mais tranqüila. Como jornalista científica, dava atenção especial às temáticas marinhas. Bauer desconfiava que Weaver escolhera essa profissão pelo simples fato de poder viajar gratuitamente para as regiões mais inóspitas do mundo. Ela amava aventuras extremas. Esta era a grande diferença entre os dois, uma vez que ele as abominava, mas era tão obcecado pela pesquisa que preferia as descobertas à comodidade. Muitos pesquisadores eram assim. Mal-interpretados como aventureiros, levavam em conta a aventura para poder alcançar o conhecimento.

Bauer sentia falta de uma poltrona confortável, de árvores e pássaros e de um chope alemão tirado na hora. Entretanto do que mais sentia falta era da companhia de Weaver. Essa garota teimosa o conquistara e, além disso, ele começava a compreender o sentido e a importância da assessoria de imprensa — de que era necessário adotar um vocabulário talvez não tão preciso, entretanto compreensível, para conquistar o interesse de um grande público pelo seu trabalho. Weaver esclarecera-lhe que muitas pessoas não entenderiam o seu trabalho pelo simples fato de não saberem onde nascia a Corrente do Golfo, que era o foco das suas atividades nestes dias. Ele não conseguia acreditar nisso. Também não conseguia acreditar que ninguém sabia o que era uma sonda flutuante autárquica, até Weaver convencê-lo de que praticamente ninguém poderia saber,

Porque sondas flutuantes eram novas e específicas demais. Isso ele finalmente conseguira aceitar. Mas a Corrente do Golfo! O que essas crianças estavam aprendendo na escola?

Mas Weaver tinha razão. Afinal, ele queria conquistar o público para fazê-lo compreender a sua preocupação e com isso poder pressionar os responsáveis

E Bauer estava muito preocupado.

Sua preocupação nascia no Golfo do México. Para lá corria a água quente superficial, ao longo da costa sul-americana e do sul da África. No Caribe, era aquecida e continuava correndo para o norte. Uma água quente convidativa muito salgada, mas, por ser tão quente, mantinha-se na superfície.

Esta água era como uma usina termelétrica para a Europa, a Corrente do Golfo. Ela avançava até a Terra Nova carregando um bilhão de megawatts de calor, o que correspondia à potência térmica de 250 mil usinas nucleares, até encontrar-se com a fria Corrente do Labrador e desfazer-se. Ali, soltavam-se os chamados eddies, massas de água quentes e circulatórias que seguiam rumo ao norte, agora denominadas Correntes do Atlântico Norte. Os ventos de oeste evaporavam muita água, o que presenteava a Europa com chuvas abundantes e, paralelamente, aumentava consideravelmente o teor salino. As correntes seguiam ao longo da costa norueguesa, mudando o nome para Corrente da Noruega, e continuavam levando calor suficiente para o extremo norte do Atlântico, de forma que os navios podiam chegar ao sudoeste de Spitzbergen até mesmo no inverno. Somente entre a Groenlândia e o norte da Noruega encerrava-se a afluência de calor. Ali, a Corrente da Noruega, aliás Correntes do Atlântico Norte, aliás Corrente do Golfo, encontrava-se com a água gelada do Ártico, que, com a ajuda de ventos frios, rapidamente esfriava a água. Essa água, já muito salgada, e agora também muito gelada, ficava pesada e afundava. Tornava-se tão pesada que as suas massas despencavam para as profundidades. Isso não acontecia de uma vez, mas através de canais, as chamadas chaminés que, dependendo das ondas, mudavam de posição e, portanto, não eram fáceis de encontrar. Essas chaminés tinham um diâmetro de vinte a cinquenta metros. Encontrava-se cerca de dez delas por quilômetro quadrado, mas sua localização exata dependia da situação diária do mar e dos ventos. A imensa sucção que as massas de água criavam

ao afundar era decisiva. Esse era todo o segredo da Corrente do Golfo e suas ramificações. Ela não corria exatamente para o norte, mas era sugada para lá por uma imensa bomba abaixo do Ártico. E então, a dois mil até três mil metros de profundidade, a água gelada iniciava o seu caminho de volta, uma viagem em que dava a volta ao mundo.

Bauer soltou uma série de sondas flutuantes na esperança de conseguir acompanhar o percurso das chaminés. Mas estava prestes a perder as esperanças inclusive de encontrar chaminés. Elas deveriam estar em toda parte. Entretanto a grande bomba parecia ter-se desligado ou mudado para regiões desconhecidas.

Bauer estava aqui porque tinha conhecimento desses problemas e de suas conseqüências. não esperava encontrar tudo na mais perfeita ordem. Entretanto esperava muito menos não encontrar nada.

E estava ficando muito, muito preocupado.

Ele falara de suas preocupações para Weaver antes de ela deixar o navio. Desde então enviava-lhe regularmente e-mails com informações atualizadas e antecipava-lhe os seus mais íntimos receios. Há alguns dias sua equipe já percebera que as concentrações de gases tinham aumentado repentinamente no mar do Norte, e ele não parava de indagar a si mesmo se haveria alguma relação com o desaparecimento das chaminés.

Agora, sozinho em sua cabine, estava quase convencido disso.

Ele trabalhava sem parar enquanto a noite polar atraía os marinheiros robustos a encostar-se na balaustrada e contemplar o mar. Curvava-se sobre pilhas de cálculos, impressões com diagramas e mapas. De vez em quando, enviava um e-mail para Karen Weaver, apenas para dar um alô e informá-la das últimas descobertas.

Estava tão concentrado no trabalho que chegou a ignorar o tremor durante um bom tempo — até a caneca de chá que estava sobre a escrivaninha deslizar até o canto e virar, derramando o conteúdo sobre sua calça.

— Diabos! — exclamou. O chá escorria quente sobre as suas coxas. Empurrou a cadeira para trás e levantou-se para ver melhor o estrago.

E então se deteve, as mãos agarradas ao encosto da cadeira, e prestou atenção nos ruídos que vinham de fora.

Estaria enganado?

Não, eram gritos. Botas pesadas corriam sobre o convés. Alguma coisa estava acontecendo do lado de fora. O tremor aumentou. O navio começou a vibrar e, de repente, alguma coisa o fez perder o equilíbrio. Chiando, tropeçou de encontro à escrivaninha. No instante seguinte o chão desapareceu sob os seus Pés, como se o navio inteiro estivesse caindo num buraco. Bauer foi atirado de costas no chão. O medo tomou conta dele, um medo profundo, terrível. Conseguiu levantar-se e cambaleou até o corredor fora da cabine. Gritos mais altos Penetraram-lhe os ouvidos. O motor foi ligado. Alguém gritou alguma coisa em Islandês, que Bauer não entendeu porque só falava inglês, mas percebeu o terror na voz e o terror maior ainda na voz que respondera.

Um maremoto?

Rapidamente correu ao longo do corredor e escada acima até o convés. O navio balançava descontroladamente. Sentia dificuldades de manter-se de pé. Quando cambaleou para o lado de fora, sentiu um cheiro horrível, e de repente ukas Bauer compreendeu o que estava acontecendo.

Conseguiu chegar até a balaustrada e olhou para fora. De todos os lados o mar fervia branco. Como se estivessem numa panela.

Não eram ondas. Nem vendavais. Eram bolhas. Gigantescas bolhas emergindo.

Novamente o chão do navio desapareceu sob os seus pés. Bauer foi lançado para a frente e bateu com o rosto com força no chão. Sentiu uma dor insuportável na cabeça. Quando a ergueu, notou que os seus óculos haviam quebrado. Era praticamente cego sem óculos, mesmo assim viu o mar fechar-se sobre o navio.

Meu Deus!, pensou. Ó, Deus, ajude-nos.

**30 de abril**

**ILHA DE VANCOUVER, CANADÁ**

A noite brilhava num verde sombrio.

Não estava frio nem quente; pelo contrário, reinava uma certa ausência agradável de temperatura. A respiração parecia ter sido arquivada como desenvolvimento fracassado e substituída por uma função superior que permitia mover-se livremente através dos elementos. Depois de mergulhar durante algum tempo através do universo verde-escuro, uma verdadeira euforia tomou conta de Anawak, e ele ergueu os braços como um ícaro que houvesse declarado as profundezas o seu paraíso, inebriado pela sensação de ausência de gravidade, mergulhando cada vez mais. Do fundo, algo brilhava em sua direção, uma paisagem ampla e gelada, e o oceano escuro e verde transformou-se num céu noturno.

Encontrava-se à beira de um campo gelado e fitou a água negra e calma, acima de si uma imensidão de estrelas.

A paz tomou conta dele.

Como era maravilhoso poder estar aqui. A placa de gelo se soltaria do continente e flutuaria através dos mares nórdicos, cada vez mais para cima, levando-o como passageiro para um lugar onde não haveria mais o peso maçante das perguntas o aguardando, mas um lar. O seu lar. Estaria em casa. A saudade tomou conta de Anawak e encheu os seus olhos de lágrimas, lágrimas cristalinas e cintilantes que o ofuscariam, portanto ele procurava livrar-se delas balançando a cabeça — e de fato elas espirravam no mar negro, clareando-o. Algo emergia das profundidades em sua direção. A água formou uma criatura que parecia esperar por ele a certa distância, ali, para onde não podia ir. Ficou parada, imóvel e cristalina, a luz das estrelas presa em sua superfície.

Eu os encontrei, disse a criatura.

Ela não tinha rosto nem boca, mas sua voz não lhe era estranha. Anawak aproximou-se, mas ali estava a margem do gelo, e na água negra nadava alguma coisa grande, assustadora.

O que você encontrou?, perguntou ele.

Sua própria voz o assustava. As palavras saíam-lhe com dificuldade, arrastando-se como animais grotescos. Ao contrário do que a criatura dissera ou possivelmente apenas pensara, elas feriam o silêncio perfeito da paisagem de gelo, e, de repente, um frio cortante invadiu Anawak. Seu olhar procurou a coisa na água, mas ela desaparecera.

Vamos lá, o que você acha?, disse alguém ao seu lado.

Ele virou a cabeça e reconheceu a estatura graciosa de Samantha Crowe, a pesquisadora da SETI.

Sua retórica está bem desajeitada, disse ela. Você é melhor em qualquer outra coisa. Sinceramente, soa terrível!

Sinto muito, balbuciou Anawak.

É mesmo? Pois bem. Talvez devesse começar a treinar. Eu encontrei os meus extraterrestres. Está lembrado? Finalmente conseguimos um contato. não é maravilhoso?

Anawak tremeu. não achava nem um pouco maravilhoso; pelo contrário, sentia um medo terrível dos extraterrestres de Crowe, sem saber ao certo por quê.

E... quem são? O que são?

A pesquisadora da SETI apontou para a água negra além da margem do gelo.

Estão lá fora, disse. Acredito que gostariam de conhecê-lo, porque adoram fazer contato, mas para isso você teria de ir ao encontro deles.

Não posso, disse Anawak.

Não pode? Crowe balançou a cabeça sem entender. Por que não pode?

Anawak fitou os imensos dorsos escuros que cortavam a água. Eram dezenas, centenas. Sabia que estavam ali apenas por sua causa e de repente compreendeu que se alimentavam do seu medo. Comiam medo.

Eu... simplesmente não posso.

É só começar a andar, seu covarde!, gozou Crowe. É a coisa mais fácil do mundo. É muito mais fácil para você do que o foi para nós. Nós precisamos interceptar todo o maldito espaço sideral.

Anawak tremeu ainda mais. Foi até a beira e olhou para fora. No horizonte, onde o mar negro absorvia o céu repleto de estrelas, brilhava uma luz distante.

Simplemente vá, disse Crowe.

Eu voei, pensou Anawak. Através de um oceano verde-escuro, cheio de vida, e não tive medo. O que pode acontecer? A água será como um solo firme, eu alcançarei essa luz com a minha força de vontade. Sam tem razão. É muito simples. Não há nada que temer.

Diante dos seus olhos um dos animais gigantescos mergulhou, e uma nadadeira colossal de duas pontas ergueu-se em direção às estrelas.

Nada que eu precisasse temer.

Mas ele hesitara demais, e a visão da nadadeira o deixara inseguro. Nem a sua vontade, nem o poder do sonho lhe possibilitariam anular as leis naturais. Quando finalmente deu um passo à frente, imediatamente afundou no frio gélido mar. Ele fechou-se sobre a sua cabeça e tudo ficou preto. Ele queria gritar e engoliu água. Ela invadiu dolorosamente os seus pulmões. Implacavelmente puxou-o para baixo, não obstante o quanto ele esperneasse. Seu coração disparou descontroladamente, a sua cabeça latejava, um estrondo como de marteladas... levantou-se rapidamente e bateu com a cabeça contra as tábuas do piso.

— Diabos — suspirou.

Voltou a latejar. Nenhum sinal de ribombas. Era mais uma batida moderada, pontas dos dedos sobre madeira. Ele virou-se para o lado e viu Alicia Delaware inclinando-se à frente para conseguir olhar dentro do seu beliche.

— Desculpe — disse. — não imaginei que se assustaria assim.

Anawak fitou-a. Delaware?

Ah, sim. Lentamente, começou a lembrar-se de onde estava. Segurou a cabeça, soltou um gemido atormentado e deixou-se cair para trás.

— Que horas são?

— Nove e meia.

— Droga.

— Está com uma aparência terrível. Teve pesadelos?

— Sonhei uma besteira qualquer.

— Posso fazer um café.

— Café? É uma boa idéia. — Seus dedos tocaram o local onde bateu a cabeça e rapidamente recuaram. Isso daria um galo e tanto. — Onde está a porcaria do despertador? Lembro exatamente que eu o pus para tocar às sete.

— Vocênão o ouviu tocar. não é de espantar, depois de tudo o que aconteceu. — Delaware foi até a pequena cozinha e começou a procurar. — Onde está...

— Armário de cima, à esquerda. Café, filtros, leite e açúcar.

— Está com fome? Posso fazer um café-da-manhã delicioso...

—não.

Ela encolheu os ombros e encheu o jarro da cafeteira com água. Anawak observou-a durante alguns segundos e então saiu do beliche.

— Vire-se para lá. Preciso trocar de roupa.

— Deixe de frescura. não vou tirar nenhum pedaço.

Ele torceu o nariz enquanto procurava a calça. Estava jogada sobre o banco que contornava a mesa da cabine. Vestir-se revelou-se um ato difícil. Estava tonto) e sua perna ferida doía ao dobrar.

— Terry ligou? — perguntou.

— Ligou. não faz muito tempo. — Que merda.

— Que foi?

— Qualquer velhote decrepito consegue vestir-se mais rápido. Diabos, por que não ouvi o despertador? Eu precisava...

— Quer saber de uma coisa? Você é maluco, Leon. Completamente maluco Há dois dias sobreviveu a um acidente de avião. Está com o joelho inchado, e o meu cérebro saiu um pouco do lugar, e daí? Tivemos uma sorte danada. Podíamos estar mortos como Danny e o piloto, mas estamos vivos. E você fica aí reclamando por causa de uma porcaria de despertador e porque não consegue dar cambalhotas. Terminou?

Anawak sentou-se no banco.

— Está bem, está bem. O que Terry disse?

— Ele está com todos os dados. E assistiu ao vídeo.

— Que beleza. E daí?

— Nada. Você deve formar a sua própria opinião.

— Isso é tudo?

Delaware encheu o filtro com pó de café, colocou-o sobre o jarro e ligou a cafeteira. Após alguns segundos, o barco foi tomado pelos sons da cafeteira.

— Eu disse a ele que você ainda estava dormindo — disse ela. — Ele me pediu que não o acordasse.

— Por quê?

— Ele disse que você precisa ficar melhor. E tem razão.

— Eu estou bem — retrucou Anawak, teimoso.

Na realidade, não estava muito certo disso. Quando o DHC-2 colidira com a baleia-cinzenta durante o seu salto, a aeronave perdera a asa direita. Danny, o atirador de arco-e-flecha, provavelmente morrera na hora — o Whistler não encontrara o seu corpo, mas não havia dúvidas. Ele não conseguira entrar no avião em tempo, de forma que a porta lateral do avião permanecera aberta durante a sua queda. Graças a isso, Anawak estava vivo. O choque o atirara para fora. Depois não se lembrava de mais nada, nem do que causara a grave distensão no seu joelho. Apenas voltou a si a bordo do Whistler, despertado pela dor latejante.

Em seguida viu Delaware deitada ali, e sua dor perdera todo o sentido. Ela parecia estar morta. Antes que o desespero tomasse conta dele, explicaram-lhe que ela não estava morta, mas que tivera ainda mais sorte do que ele. O corpo piloto amortecera a sua queda. Quase inconsciente, conseguira livrar-se dos destroços que estavam afundando. Dentro de um minuto o avião enchera-se água. A tripulação do Whistler conseguira tirar Anawak e Delaware da água o infeliz piloto desaparecera na profundidade com o seu DHC-2.

De toda a tragédia, a operação fora um sucesso. Danny inserira o transmissor. O URA seguira as baleias e conseguira gravar 24 horas de filme uma fita magnética, sem que os animais

agredissem o robô. Anawak sabia que gravações tinham sido enviadas para Terry King logo pela manhã, e ele queria muito estar no aquário naquela hora. Além disso, o Centre National d'Études Süatiales liberara os dados telemétricos do tacógrafo que Lucy carregava em suas costas recebidos até então. não fosse a queda do avião, teriam todo o motivo para estarem orgulhosos de si.

Entretanto as coisas apenas pioravam. Morriam cada vez mais pessoas. Ele mesmo por pouco escapara da morte duas vezes. Provavelmente pelo fato do seu ódio por Greywolf apagar qualquer outro sentimento, ele superara a morte de Stringer surpreendentemente rápido. Agora, dois dias após o acidente, sentia-se péssimo. Como atacado por uma doença que após anos de repressão exigia o seu direito de eclodir. Seus sintomas eram insegurança, falta de autoconfiança e uma fraqueza preocupante. Possivelmente ainda estaria em estado de choque, mas Anawak não acreditava nisso. Tinha mais alguma coisa. Uma tonteira que o atacava de tempos em tempos, desde que fora atirado para fora dos destroços do avião, dores no peito e princípios de pânico.

Não, ele realmente não estava bem, e a distensão do joelho não era o problema principal.

Anawak sentia-se mutilado por dentro.

Passara o dia anterior praticamente todo dormindo. Davie, Shoemaker e os skippers vieram visitá-lo. King ligara várias vezes perguntando por ele. De resto, ninguém mais se mostrava muito preocupado com ele. Enquanto a família e um monte de amigos de Alicia Delaware faziam pressão para ela ir embora da ilha de Vancouver — subitamente apareceu até um namorado assumindo uma relação de dois anos —, a preocupação com o destino de Anawak limitava-se aos colegas.

Ele estava doente e sabia que nenhum médico poderia ajudá-lo.

Delaware passou-lhe uma caneca com café fresco e observou-o através dos seus óculos azuis. Anawak sorveu o café, queimou a língua e pediu o telefone. Posso fazer uma pergunta pessoal? — perguntou ela.

Ele deteve-se e balançou a cabeça.

— Mais tarde.

— Quando é mais tarde?

Anawak encolheu os ombros e discou o número de King.

Ainda não terminamos de ver as filmagens — disse o diretor. — Procure descansar.

Você disse a Licia que eu deveria formar minha própria opinião.

— Sim, depois de vermos tudo. A maior parte não é interessante. Em vez de vir para cá apenas por causa disso, é melhor darmos uma olhada no resto. Quem sabe nem precise vir.

— Está bem. Quando terão terminado?

— não faço a menor idéia. Somos quatro olhando as fitas. Dê-nos duas horas. não, três. A melhor coisa é mandar um helicóptero para buscá-lo no começo da tarde. Chique, não? É uma vantagem do conselho de emergência. Há sempre um helicóptero à disposição. — King riu. — Só falta ficarmos mal acostumados. — Fez uma pausa. — Em compensação, tenho outra coisa para você. Na verdade, estou sem tempo para contar no momento, de qualquer forma seria melhor você ligar para Ed Byrne,

— Byrne? Para quê?

— Há uma hora atrás houve uma conferência com Nanaimo e o Instituto de Ciências Oceânicas. Você também pode falar com Sue Oliviera, mas Byrne está perto daí.

— Diabos, Terry! Por que ninguém me liga quando tem notícias?

— Eu queria esperar você acordar.

Mal-humorado, Anawak terminou a conversa e ligou para Byrne. O coordenador da estação de pesquisas na Strawberry Isle atendeu ao telefone rapidamente.

— Ah! — exclamou. — King falou com você.

— É, falou. Aparentemente vocês descobriram alguma coisa interessante. Por que não me ligou?

— Todos sabem que você precisa de descanso.

— Ah, tolice.

— Precisa, sim. Eu queria esperar que acordasse.

— É a segunda vez que ouço isso em um minuto. não, a terceira, se considerarmos a constante preocupação de Licia. Estou bem, droga.

— Por que não dá um pulo aqui? — sugeriu Byrne.

— De barco?

— São algumas centenas de metros, faça-me o favor. Além do mais, até agora ainda não aconteceu nada dentro da enseada.

— Está bem, estarei aí em dez minutos.

— Excelente. Até já.

Delaware olhou para ele por cima da caneca e franziu a testa.

— Novidades?

— O mundo inteiro está me tratando como a um enfermo — disse Anawak aborrecido.

— não estou falando disso.

Ele levantou-se, abriu uma gaveta debaixo do beliche e procurou uma camisa limpa. Aparentemente descobriram alguma coisa em Nanaimo — resmungou.

— E o quê? — quis saber Delaware. — não sei. — Ah, sei.

Vou até a estação de Ed Byrne. — Hesitou, e depois disse: — Pode vir, se

quiser e tiver tempo. Está bem?

Você quer que eu vá junto? Quanta honra.

— Deixe de tolice.

— não estou sendo tola. — Franziu o nariz. Os cantos dos seus dentes incisivos estavam apoiados sobre o lábio inferior. Mais uma vez Anawak pensou que era preciso fazer alguma coisa com esses dentes urgentemente. Estava constantemente tentado a procurar cenouras. — Você está num mau humor tão grande nos últimos dois dias, que tem sido praticamente impossível conversar normalmente com você.

— Você também estaria, se... — Interrompeu-se. Delaware olhou para ele.

— Eu também estava no avião — disse tranqüilamente.

— Desculpe.

— Quase morri de medo. Qualquer um teria voltado para casa para o colo de mamãe. Mas você perdeu sua assistente, então não vou para a casa de mamãe, mas ficarei ao seu lado, seu maldito ranzinza. O que queria me contar ainda agora?

Anawak tocou novamente o galo na cabeça. Doía e continuava crescendo. Seu joelho também doía.

— Nada. Está mais calma? Ela ergueu as sobrancelhas.

— Nem cheguei a me irritar.

— Está bem. Então vamos.

— Mesmo assim, gostaria de lhe fazer uma pergunta pessoal.

— não.

Sair com a Devilfish para a pequena ilha era algo surreal. Quase como se não tivessem acontecido os ataques das últimas semanas. A ilha Strawberry não passava de uma pequena montanha coberta de pinheiros que podia ser circundada a pé

cinco minutos. Hoje a água estava absolutamente lisa. não soprava vento algum. Um sol escaldante irradiava luz branca. A todo o momento, Anawak contava com uma nadadeira caudal ou um dorso negro com uma grande nadadeira emergindo, mas, desde o início dos ataques, somente duas vezes foram vistas orcas em frente a Tofino. Eram residentes que não demonstravam nenhuma espécie de agressão. Aparentemente, confirmava-se a teoria de Anawak de que somente as baleias nômades tinham alterado estranhamente o seu comportamento.

A questão era durante quanto tempo.

O barco inflável atracou no píer da ilha. A estação de Byrne ficava logo em frente, dentro de uma velha balsa encalhada, a primeira ferry da British Columbia que agora formava um cenário bucólico na margem, apoiada em árvores mortas e rodeada de madeira flutuante e âncoras enferrujadas. Era o escritório e a casa de Byrne e seus dois filhos.

Num esforço obstinado, Anawak procurou não mancar. Delaware permaneceu em silêncio. Aparentemente, estava aborrecida com ele.

Um pouco mais tarde, estavam os três sentados na proa em volta de uma pequena mesa trançada de casca de bétula. Delaware tomava um refrigerante. Dali podiam ver as casas de palafitas da vila. Apesar de a ilha Strawberry ficar a apenas poucos minutos de Tofino, era bem mais tranqüilo. Os ruídos praticamente não chegavam aqui. Em compensação, ouvia-se tudo o que a natureza tinha para oferecer em termos de sons.

— Como vai o joelho? — perguntou Byrne, compassivo. Era um homem atencioso, de barba branca e ondulada e testa alta, que parecia ter nascido com um cachimbo na boca.

— não vamos falar disso. — Anawak esticou os braços e procurou ignorar o zumbido na sua cabeça. — Conte-me o que descobriram.

— Leon não gosta quando nos preocupamos com o seu bem-estar — comentou Delaware, irônica.

Anawak rosnou qualquer coisa incompreensível. Ela naturalmente tinha razão. Seu humor despencou como um barômetro no temporal. Byrne pigarreou.

— Conversei longamente com Ray Fenwick e Sue Oliviera — disse. — Desde a autópsia pública da J-10, estamos em contato constantemente. Mas não apenas por isso. Um dia antes do seu acidente, mais uma baleia encalhou. Uma baleia-cinzenta, que eu não conhecia. não está registrada em lugar algum. Fenwick não teve tempo de vir, então eu mesmo abri o animal com outras pessoas para poder enviar as amostras de sempre para Nanaimo. Um trabalho de merda, pode acreditar. Teve uma hora em que eu estava de pé dentro do tórax, depois de tirarmos o coração, e escorreguei. Minha bota ficou cheia de sangue e muco, pingava de cima, nós parecíamos uns zumbis almoçando. Eis o lado romântico da empreitada. Naturalmente também extraímos algumas partes do cérebro.

Anawak foi tomado por um luto profundo só de pensar que mais uma baleia morrera. Ele simplesmente não conseguia odiar os animais pelas suas atitudes. Eles continuavam sendo o que sempre foram — criaturas maravilhosas que precisavam ser defendidas e

protegidas. — Ela morreu de quê? — perguntou. Byrne afastou as mãos.

Eu diria que foi uma infecção. Fenwick diagnosticou o mesmo na Dhinghis.

O estranho é que encontramos uma substância nos animais que não tinha nada a ali. — Apontou para as suas têmporas, girando o indicador. — Fenwick descobriu uma espécie de coágulo no cérebro. No tronco cerebral, para ser mais exato. com ramificações que se espalhavam entre a massa cefálica e a calota craniana.

Anawak ficou atento.

— Coágulos sangüíneos? Em ambos os animais?

— não era sangue, também chegamos a pensar nisso inicialmente. Fenwick e Oliviera estão cada vez mais convencidos da teoria de que a poluição sonora é responsável pelas anomalias. não queriam falar a respeito enquanto não tivessem mais indícios, mas, em alguns momentos, Fenwick literalmente agarrou-se nas conseqüências dessas experiências com sonares...

— Surtass LFA?

— Exatamente.

— Esqueça. Nem sonhando.

— Posso saber do que estão falando? — intrometeu-se Delaware.

— O governo americano privilegiou a Marinha há alguns anos — explicou Byrne. — Autorizou-lhe a utilização de um sonar de baixa freqüência para a localização de submarinos. Chama-se Surtass LFA e está sendo amplamente testado.

— É mesmo? — espantou-se Delaware. — Pensei que a Marinha estivesse ligada ao tratado em defesa dos mamíferos marinhos.

Tudo quanto é tipo de gente está ligada a tudo quanto é tratado — disse

Anawak com sorriso fino. — E existem as mais diversas maneiras de esquivar-se deles. Aparentemente, os Estados Unidos não conseguiram resistir à tentação de vigiar 80% dos mares do mundo, e isso é possível com o Surtass LFA. Então o Presidente

americano rapidamente desligou a Marinha de qualquer tratado, uma vez que este novo sistema já custou trezentos milhões de dólares e os responsáveis Joram não fazer mal a baleia alguma.

Mas sonares são prejudiciais para baleias. Qualquer idiota sabe disso.

Infelizmente, não está suficientemente comprovado — disse Byrne. — O passado demonstrou que as baleias e os golfinhos reagem muito sensivelmente aos sonares, mas não é possível dizer exatamente de que modo eles influenciam a caça, a reprodução e as migrações.

— Ridículo — bufou Anawak. — A partir de 180 decibéis, os tímpanosuma baleia estouram. Entretanto cada alto-falante subaquático produz um barulho de 215 decibéis. A força total dos sinais é ainda maior.

Delaware olhou de um para o outro.

— E... o que acontece com os animais?

— Foi por isso que Fenwick e Oliviera desenvolveram a teoria dos ruídos — disse Byrne. — Há alguns anos, os experimentos de sonares da Marinha já fizeram algumas baleias e golfinhos encalharem em diversas partes do mundo. Várias baleias morreram. Todas apresentavam hemorragias cerebrais e do ouvido interno ferimentos tipicamente causados por ruídos fortes. Em todos os casos, os protetores ambientais comprovaram que nas proximidades dos locais em que ocorreram as mortes haviam sido realizados treinamentos da Otan, mas vai enfrentar a Marinha!

— Eles negam?

— Durante anos, a Marinha negou qualquer relação. Depois acabou tendo que assumir a responsabilidade em alguns casos. A questão é que ainda sabemos muito pouco. Apenas conhecemos as lesões de baleias mortas, e cada um desenvolve a sua própria teoria. Fenwick, por exemplo, acredita que a poluição sonora submarina também poderia levar à loucura coletiva.

— Tolice — rosnou Anawak. — Os ruídos tiram a orientação dos animais. Eles não atacam navios, mas encalham nas praias.

— Acho a teoria de Fenwick possível.

— disse Delaware.

— É mesmo?

— E por que não? Os animais estão enlouquecendo. Começando por alguns e, como numa psicose de massa, cada vez mais.

— Licia, não diga besteira! Sabemos de baleias bicudas que encalharam em frente às Ilhas Canárias depois de a Otan realizar o seu Pow Wow ali. Praticamente nenhum animal é tão sensível à poluição sonora quanto as baleias bicudas. Claro que piraram. Tamanho era o pânico, que não acharam outra saída se não deixar o seu habitat, e pronto, já estavam na praia. As baleias fogem do barulho.

— Ou atacam o autor — retrucou Delaware, emburrada.

— Que autor? Botes com motores de popa? Diga-me, por favor, onde produzem barulho.

— Então houve outros ruídos. Explosões submarinas.

— não aqui.

— Como pode saber?

— Eu sei.

— O que importa é que tenha razão.

— Olhe quem fala!

Além do mais, há séculos que as baleias encalham. Inclusive na Colúmbia britânica. Existem antigas histórias tradicionais que...

Eu sei. Qualquer um sabe.

E? Os índios também tinham sonares?

Que diabos isso tem a ver com o assunto?

Um monte. Os encalhamentos de baleias podem receber uma conotação

idealista sem mais nem menos e...

Está dizendo que não sou suficientemente crítico?

Delaware lançou-lhe um olhar furioso.

O que quero dizer é que os encalhamentos em massa não estão necessariamente ligados a barulho artificial. E, por outro lado, o barulho também pode ter outras conseqüências além de encalhamentos.

— Ei! — Byrne ergueu os braços. — Estão discutindo em vão. Até mesmo Fenwick já considera a sua teoria meio falha. Está certo, ele continua acreditando na psicose de massa, mas... Vocês estão me ouvindo?

Olharam para ele.

— Então — continuou Byrne, depois de certificar-se da plena atenção de todos. — Fenwick e Oliviera descobriram esses coágulos e chegaram à conclusão de que se tratava de uma lesão causada por influências externas. Superficialmente, pareciam hemorragias, então acreditaram ser isso. Depois isolaram o material e submeteram-no aos procedimentos usuais, quando perceberam que a substância estava impregnada apenas pelo sangue das baleias. O troço em si é uma massa transparente que em contato com o ar desfaz-se rapidamente. A maior parte não pôde mais ser analisada. — Byrne debruçou-se sobre a mesa. — Mas conseguiram analisar alguma coisa. Os resultados são idênticos aos de uma análise de amostra realizada há poucas semanas. A substância encontrada na cabeça das baleias já fora vista uma vez. Em Nanaimo.

Anawak ficou em silêncio por um segundo.

— E do que se trata? — perguntou, rouco.

— É a mesma coisa que você encontrou nos mexilhões do casco do Barríer Queen.

A substância dos cérebros das baleias e a do casco do navio...

— São idênticas. A mesma substância. Matéria orgânica.

Um organismo desconhecido — murmurou Anawak.

Alguma coisa desconhecida. Exatamente.

anaWak estava exausto, apesar de só ter ficado de pé durante algumas horas. etornou para Tofino com Delaware. O joelho o incomodou quando subiram a escada de madeira que levava do cais de embarque ao píer. Incomodava as suas ações e o seu pensamento. Sentia-se sem forças, deprimido e exposto a tudo que havia de desagradável.

Mancou com os dentes apertados até a loja abandonada da Estação Baleeir Davies, pegou uma garrafa de suco de laranja na geladeira e deixou-se cair na cadeira atrás do balcão. Na sua

cabeça, os pensamentos atropelavam-se com a mesma insensatez com que os cães tentavam morder o próprio rabo.

Delaware seguiu-o. Olhou à sua volta, indecisa.

— Sirva-se. — Anawak apontou para a geladeira. — Pode pegar o que quiser

— A baleia que provocou a queda do avião... — começou a falar Delaware. Anawak abriu a garrafa e tomou um longo gole.

— Desculpe. Nem ofereci. Como disse, sirva-se.

— Ela se machucou, Leon. Talvez tenha morrido. Ele pensou a respeito.

— É — disse. — Provavelmente.

Delaware aproximou-se de uma estante em que estavam expostos modelos de baleia de plástico. Tinha de todos os tamanhos. Desde o tamanho de um polegar até o comprimento de um antebraço. Várias jubartes apoiavam-se da mesma forma sobre as suas nadadeiras. Pegou uma delas e girou-a de um lado para o outro com os dedos. Anawak observou-a atentamente.

— Elas não fazem isso por livre e espontânea vontade — disse ela.

Ele esfregou o queixo. Inclinou-se para a frente e ligou a pequena televisão portátil ao lado do aparelho de rádio. Quem sabe ela não iria embora sem que ele precisasse pedir. Não tinha nada contra a sua companhia. Na realidade, envergonhava-se pelo seu mau humor e por estar sendo grosseiro e frio, mas a necessidade de ficar sozinho crescia a cada minuto.

Cuidadosamente, Delaware pôs a baleia de plástico de volta na estante.

— Posso fazer uma pergunta pessoal?

De novo! Anawak quase deu uma resposta rude. Mas encolheu os ombros.

— Por mim...

— Você é um makah?

Tamanha foi sua surpresa, que a garrafa quase lhe caiu da mão. Então era isso que ela estava querendo perguntar. Queria saber por que se parecia com um índio.

— De onde tirou isso? — replicou.

— Você disse uma coisa um pouco antes de o avião cair. Para Shoemaker Que Greywolf perderia a simpatia dos makah por estar praguejando com tamanha veemência contra a caça baleeira. Os makah são índios, correto?

— Exatamente.

— O seu povo?

Os makah? não, não sou um makah.

— Você é...

Escute, Licia, não me leve a mal, mas não estou no clima para histórias de família.

Ela mordeu o lábio.

— Está bem.

Eu ligo se King entrar em contato. — Ele deu um sorriso torto. — Ou

você me liga. Quem sabe ele não volta a entrar em contato com você para não me acordar...

Delaware balançou sua cabeleira vermelha e lentamente foi em direção à porta. Lá, parou.

— Só mais uma coisa — disse sem se virar. — Vê se finalmente agradece Greywolf por ter salvado a sua vida. Em todo caso, eu já fui lá.

— Você foi... — disse ele, irritado.

— Sim, claro. Você pode desprezá-lo por tudo, mas deve ser-lhe grato por isso. não fosse por ele, você estaria morto.

E saiu.

Anawak fitou-a. Bateu a garrafa na mesa e inspirou profundamente.

Agradecer. A Greywolf.

Ele continuou sentado ali e, pulando de canal em canal, deparou-se com uma das várias notícias especiais que relatavam a situação em frente à Colúmbia Britânica nestes dias. Os Estados Unidos estavam transmitindo programas parecidos. Lá, os ataques também interromperam grande parte do tráfego marítimo regional. Uma mulher com uniforme da Marinha estava sendo entrevistada num estúdio de televisão. Seus cabelos pretos e curtos estavam penteados para trás. Seu rosto era de uma beleza severa, com

traços asiáticos. Talvez uma chinesa. Ou melhor, descendente de chinesa. Um detalhe decisivo não combinava com o restante. Eram os olhos. Eram de um azul-claro absolutamente não-asiático. Surgiu um nome na margem inferior da imagem: Comandante-geral Judith Li, Marinha dos Estados Unidos.

— Será necessário evitar as águas em frente à Colúmbia Britânica? — perguntou o apresentador. — Digamos que devolver à natureza?

Não acredito que devemos algo à natureza — respondeu Judith Li. — Vivemos em harmonia com a natureza, mesmo que precisemos melhorar algumas coisas.

Ao que parece, no momento não podemos falar de harmonia.

— Pois bem, estamos em contato com os mais renomados cientistas e institutos de pesquisa do nosso país e do mundo. A mudança coletiva de comportamento dos animais é preocupante, mas também não seria correto dramatizar a situação e entrar em pânico.

— A senhora não acredita num fenômeno de massa?

— Para discutir sobre o tipo de fenômeno primeiro é necessário que se trate de um fenômeno. No momento, diria que há um acúmulo de ocorrências similares.

— Que oficialmente praticamente não acontecem — interrompeu-a o apresentador. — Aliás, por que não?

— Mas está acontecendo. — Li sorriu. — Neste exato momento.

— O que tanto nos alegra como surpreende. A política de informações do seu e do meu país deixou muito a desejar nos últimos dias. Tem sido praticamente impossível consultar os especialistas, porque as suas repartições bloqueiam qualquer contato.

— É possível, sim — rosnou Anawak. — Greywolf falou as suas baboseiras. não ouviu?

Entretanto alguém solicitara uma entrevista a King? Ou a Ray Fenwick? Ed Byrne era um dos maiores pesquisadores de orcas, mas algum jornal ou emissora de televisão entrara em contato com

ele nas últimas semanas? Ele próprio, Leon Anawak, fora homenageado há pouco com uma reportagem sobre a pesquisa de inteligência na Scientific American, mas ninguém aparecera para lhe estender um microfone.

Somente agora percebeu o absurdo de tudo isso. Em outras circunstâncias — ataques terroristas, acidentes de avião, catástrofes naturais — qualquer especialista ou considerado como tal seria puxado para a frente das câmeras dentro de 24 horas após a publicação do incidente.

Eles, entretanto, estavam trabalhando em silêncio.

Depois precisou reconhecer que nem mesmo Greywolf aparecera mais em público depois da sua última entrevista de jornal. Nos dias anteriores o protetor ambiental radical não perdera praticamente nenhuma oportunidade para posar, mas de repente o herói de Tofino não era mais comentado.

— Está sendo muito parcial — disse Li tranqüilamente. — Certamente a situação é estranha. Praticamente não existem casos comparáveis. Naturalmente, estamos tomando cuidado para que nenhum chamado especialista tire conclusões precipitadas, até porque não daríamos conta de esclarecê-las. Fora isso, no momento não vejo nenhuma ameaça que não possamos controlar.

— Quer dizer que está tudo sob controle?

— Estamos trabalhando para isso.

— Há quem diga que está falhando.

— não sei o que as pessoas esperam de nós. O governo dificilmente travará batalha contra as baleias com navios de guerra e black hawks. — Diariamente, ouve-se falar de novas vítimas. O governo canadense até ora limitou-se a declarar as águas em frente à Colúmbia Britânica região em crise para pequenas embarcações. isso não diz respeito ao tráfego de cargueiros e balsas.

Ultimamente não houve diversas notícias acerca do desaparecimento de navios?

— Mais uma vez: foram barcos de pescadores, pequenas lanchas — explicou Li num tom de infinita paciência.—Volta e meia perdem-se navios. Estamos examinando esses relatos. Naturalmente, não medimos esforços na busca por sobreviventes.

Entretanto gostaria de advertir que nem todo caso em alto-mar ainda não esclarecido deve ser imediatamente ligado a ataques de animais.

O apresentador ajustou os óculos.

— Me corrija se eu estiver enganado. não ocorreu também uma avaria com um grande cargueiro da companhia de navegação Inglewood em Vancouver que terminou no afundamento de um rebocador de alto-mar?

Li uniu as pontas dos dedos.

— Está falando do Barrier Queen?

O apresentador verificou suas anotações.

— Exatamente. não se soube praticamente nada a respeito.

— Claro que não — escapou a Anawak.

Ele sabia. Somente esquecera de falar desse assunto com Shoemaker nos últimos dois dias.

— O Barrier Queen — disse Li — teve um defeito na hélice. Um rebocador afundou devido a uma manobra de atracação incorreta.

— não foi devido a um ataque? Minhas anotações...

— Suas anotações estão erradas.

Anawak ficou atônito. Que diabos dizia essa mulher?

— Bem, comandante, a senhora ao menos pode nos dar alguma informação sobre a queda de um hidroavião da Tofino Air há dois dias?

— Um avião caiu, é verdade.

— Parece que colidiu com uma baleia.

— Também estamos examinando esse caso. Desculpe-me por não poder me Pronunciar em relação a cada ocorrência. Meu trabalho é de natureza superior.

Claro. — O apresentador acenou a cabeça. — Vamos falar da sua posição. O que inclui o seu trabalho? Como devemos imaginar isso? Ao que parece, atualmente apenas resta-lhe reagir.

O rosto de Li expressou um certo divertimento.

— não é da natureza de conselhos de emergência simplesmente reagir, se me permite dizer isso. Tomamos conhecimento das situações de crise, assumimos a sua liderança e

as resolvemos. Isso inclui o reconhecimento precoce, a caracterização completa e clara, a evacuação, tudo isso. Mas, como já disse, essa é uma situação nova. A prevenção e o reconhecimento precoce certamente não puderam ser realizados como em cenários mais conhecidos. Todo o restante está sob controle. Nenhum navio que puder ser atacado pelos animais está mais saindo para o mar. Os transportes de mercadorias importantes, que eram realizados por esses navios, foram transferidos para o transporte aéreo. As embarcações maiores estão sendo acompanhadas pela marinha, estamos realizando uma monitoração aérea permanente e liberamos grandes verbas para as pesquisas científicas.

— A força militar foi excluída...

— não excluída. Relativizada.

— Os protetores ambientais acreditam que a mudança de comportamento deva-se a influências civilizatórias. Barulho, substâncias nocivas, transporte marítimo...

— Estamos fazendo de tudo para descobrir.

— E o que descobriram até agora?

— Repito: não entraremos em especulações enquanto não recebermos resultados concretos e também não permitiremos que ninguém o faça. Tampouco permitiremos pescadores revoltados, a indústria, as companhias de navegação, as estações de observação de baleias ou os favoráveis à caça baleeira que assumam a liderança da situação por conta própria e, possivelmente, percam o controle sobre ela. Se os animais estão agressivos, é porque estão se sentindo acuados ou estão doentes. Em ambos os casos, não é sensato usar a violência contra eles. Precisamos descobrir as causas, e então os sintomas desaparecerão. Até lá, só nos resta desviar da água.

— Obrigada, comandante.

O apresentador virou-se para a câmera.

— Esta foi a comandante-geral Judith Li da Marinha dos Estados Unidos, que assumiu a coordenação militar dos conselhos de emergência e das comissões de avaliação do Canadá e dos Estados Unidos. E agora as outras notícias do dia.

Anawak baixou o volume da televisão e ligou para Terry King.

— Quem diabos é Judith Li? — perguntou.

— Ah, eu ainda não a conheci pessoalmente — respondeu King. — Está sempre viajando a trabalho.

— sabia que o Canadá e os Estados Unidos tinham reunido os conselhos de emergência.

— Mas você não precisa saber de tudo. Você é biólogo.

— Alguma vez o entrevistaram a respeito dos ataques de baleias?

— Recebi pedidos que não levaram a nada. Várias vezes pediram que você fosse para a televisão.

— Ah, não! E por que ninguém...

— Leon. — King parecia mais cansado do que no dia anterior. — O que quer que eu diga? Li bloqueou tudo. Talvez seja melhor assim. Quando você começa a apoiar um conselho estatal ou militar, querem que você cale a boca. Tudo que você faz deve ser mantido em sigilo.

— Então por que nós dois podemos nos comunicar livremente?

— Porque estamos no mesmo barco.

— Mas esta comandante está falando besteira! Sobre o Barrier Queen por exemplo...

— Leon. — King bocejou. — Você estava lá quando aconteceu?

— Nem comece.

— não estou fazendo nada. Eu também duvido tão pouco quanto você que aconteceu exatamente como o seu Sr. Roberts da Inglewood contou. Mesmo assim, veja só: uma invasão de mexilhões. Uns animaizinhos esquisitos, desconhecidos pela ciência. Uma funesta massa escorregadia. Uma baleia pula em cima de uma amarra. Tudo isso junto compõe o seu caso do Barrier Queen... Ah sim, sem esquecer que no porto algo saltou na sua cara e deu o fora, e que Fenwick e Oliviera encontraram aquela substância escorregadia em cérebros de baleias. Quer mesmo que o público fique sabendo dessa forma?

Anawak permaneceu em silêncio.

— Por que não me deixam falar com a Inglewood? — perguntou finalmente.

— não faço a menor idéia.

— Você precisa saber de alguma coisa. Você é o coordenador científico do conselho canadense.

— Claro! E é por isso que estão me colocando pilhas de dossiês na mesa. Caramba, Leon, eu não sei! não estão nos apoiando.

— A Inglewood e o conselho de emergência também estão no mesmo barco. Excelente. Podemos discutir isso durante horas, mas eu gostaria de terminar com estes malditos vídeos, e vai demorar mais do que pensei. Um dos membros da equipe acabou de ir para casa porque está com diarreia. Maravilha. não Poderemos ver nada antes de hoje à noite.

— Droga — praguejou Anawak.

— Olhe só, ligo para você, está bem? Ou para Licia, caso você dê uma dormida...

— Pode me ligar.

— Aliás, ela está se saindo bem, não acha?

Claro que estava se saindo bem. Era mais empenhada do que se podia desejar

— Está — resmungou Anawak. — Nada mal. Como posso ser útil?

— Reflita. Talvez possa dar um pequeno passeio ou visitar alguns caciques dos nootka. — King riu alto. — Os índios certamente sabem de alguma coisa não seria bacana se eles de repente lhe contassem que tudo isso já aconteceu uma vez há mil anos?

Engraçadinho, pensou Anawak.

Ele finalizou a conversa e fitou a televisão ligada.

Depois de alguns minutos, começou a andar de um lado para o outro dentro da loja. O joelho doía, mas continuou, como se quisesse castigar-se por não estar em plena forma.

Se continuasse assim, entraria em paranóia. Já estava desconfiado de que todos tentavam evitá-lo. Ninguém telefonava

para ele contando alguma coisa caso ele não perguntasse. Tratavam-no como a um doente. Sendo que ele apenas não estava conseguindo andar direito. Tudo bem, fora um pouco demais ultimamente. Ser lançado de um barco e, alguns dias depois, de um avião, está bem, está bem...

Mas não era nada disso.

Parou em frente às baleias de plástico.

Ninguém tentava deixá-lo de fora. Ninguém o tratava como a um doente. King não podia mostrar nada para ele enquanto não tivesse olhado o material completo e não queria sobrecarregar Anawak chamando-o para o aquário para ajudá-lo. Delaware fazia de tudo para apoiá-lo. Estava sendo atenciosa, nada mais. Era ele quem se via como inválido e não estava aturando a si próprio.

O que deveria fazer?

Quando você está andando em círculos, o que pode fazer? Quebre o círculo. Faça alguma coisa que o leve de volta à linha reta. Algo que exija de você, não dos outros. Faça algo extraordinário.

O que poderia fazer de extraordinário?

Como havia dito King? Que ele deveria visitar alguns caciques dos nootKa-

Os índios certamente sabem de alguma coisa,

Será que realmente sabiam? Os índios canadenses haviam passado adiante os seus conhecimentos durante gerações, até o Indian Act de 1885 quebrar corrente da transmissão oral. Começaram a comprar a sua identidade, conve cendo-os a deixar a sua terra natal e a colocar os seus filhos para estudarem na Idential School para que fossem — como diziam — integrados na comunidade dos brancos. O Indian Act fora uma faca de dois gumes: integração em algo sconhecido, uma mão generosamente estendida, apesar de já se estar integrado e na própria comunidade, mas o outro lado se impusera. O pesadelo do Indian Act permanecia. Há décadas os índios perdiam cada vez mais o controle sobre a própria vida. Muitos retomaram as tradições no ponto em que se perderam há quase cem anos, enquanto o

governo canadense esforçava-se por consertar o erro, mas não se podia falar de uma reparação da sua cultura.

Cada vez menos índios tinham conhecimento das antigas tradições.

A quem poderia perguntar?

Aos velhos.

Anawak mancou até a varanda e olhou ao longo da rua principal.

Praticamente não tinha contato com os nootka, os nuu-chah-nulth, como eles próprios se chamavam: aqueles que vivem ao longo das montanhas. Além dos tsimshian, gitskan, skeena, haida, kwagiulth e coast salish, os nootka eram um dos principais clãs que habitavam a costa oeste da Colúmbia Britânica. Para um leigo, relacionar corretamente os diversos clãs, tribos e famílias lingüísticas era praticamente impossível. Neste ponto, a maioria das pessoas já cometia o primeiro erro ao entrar em contato com a chamada cultura indígena, e ainda estavam longe do reino dos dialetos e dos modos de vida regionais que variavam de enseada para enseada.

A dica de King só podia ser entendida como piada. Uma idéia simpática para um filme, no qual misteriosas histórias tradicionais levariam à solução do enigma. O problema é que não existiam os índios. Para descobrir algo sobre o Pacífico em frente à ilha de Vancouver, em princípio fazia sentido orientar-se nos nootka, os índios do oeste da ilha. Talvez conseguisse descobrir alguma coisa. Por outro lado, possivelmente também se perderia nas mitologias das diversas tribos que compunham os nootka. Cada uma dessas tribos habitava um território próprio. O que os nootka tinham em comum eram a íntima ligação das suas tradições à paisagem da ilha de Vancouver e as raízes da mitologia na natureza. A Partir daí, era mais complicado. Nas gêneses contadas pelos nootka, o papel Principal era o da figura do transformador, do metamorfo. Principalmente na tribo dos dididath, os lobos tinham uma grande importância, mas naturalmente também existiam histórias sobre orcas. Entretanto quem deixasse as histórias de lobos de lado, na tentativa de descobrir alguma coisa sobre as

orcas, já cometia o eiro grande erro, porque as pessoas e os animais estavam interligados espiritualmente no ciclo de transformação. Conseqüentemente, não apenas todas as criaturas tinham a capacidade de se transformar em outras, como também algumas ainda por cima, eram providas de dupla natureza: quando um lobo entrava na água, naturalmente transformava-se em uma orca, e quando uma orca saía para terra firme virava um lobo. Orcas e lobos eram uma única criatura, e contar histórias de orcas desconsiderando os lobos era um absurdo para um nootka.

Como a caça baleeira era uma antiga tradição dos nootka, eles tinham uma infinidade de histórias sobre baleias para contar. Mas nem de longe todas as tribos contavam as mesmas histórias, e as mesmas histórias eram contadas de forma diferente, dependendo de onde se estivesse. Aliás, os makah também faziam parte dos nootka — ou também não, como acreditavam algumas pessoas, ao menos ambos falavam o idioma wakashan —, que, além dos esquimós, eram a única tribo da América do Norte que tinha um direito constitucional à caça baleeira e, atualmente, era motivo de muitas discussões, porque, depois de quase um século de abstinência de caça, voltaram a reivindicar o direito. Os makah não viviam na ilha de Vancouver, mas numa península em frente, a noroeste do estado de Washington. Na sua mitologia havia diversas histórias sobre baleias que também eram encontradas nos nootka, na ilha. Entretanto o que movia uma baleia, os seus pensamentos e sentimentos, os seus propósitos eram vistos de forma diferente. Também, como poderia ser diferente em se tratando de uma criatura que não era simplesmente conhecida como baleia, mas como *iihtuup*, o “grande mistério”?

Faça algo excepcional.

bom, era definitivamente incomum buscar a opinião de um índio. Se traria um resultado extraordinário, só vendo.

Anawak deu um sorriso azedo. Justo ele.

Para alguém que vivia há duas décadas na região de Vancouver, sabia pouco sobre os índios da região, porque na realidade não queria saber nada. Raramente sentia uma saudade inexplicável do seu mundo. Todas as vezes envergonhava-se desse

sentimento, lutando contra ele antes que tomasse proporções maiores. Resumindo, ele, a quem Delaware considerava um makah, era um dos últimos a mergulhar nos mitos regionais.

E Greywolf muito menos.

Greywolf é lamentável, pensou cheio de amargura. Hoje em dia nenhum índio anda por aí com um trivial nome de Velho Oeste. Os caciques das tribos chamavam-se Norman George, Walter Michael ou Winton Tippet. Nenhum se chamava John Duas Penas ou Lawrence Baleia que Nada. Apenas um fanfarrão desmiolado como Jack O'Bannon dava-se o luxo desse romantismo infantil. Justo Jack, que tinha a palavra "índio" estampada na testa, era imbecil demais para chamar-se como um verdadeiro índio.

Greywolf era um ignorante!

E ele próprio?

Não devemos nada um ao outro, pensou, mal-humorado. Um se parece com

índio e nega tudo o que há de indígena. O outro não é um índio e tenta ser um qualquer custo. Somos ambos ignorantes.

Duas figuras ridículas. Dois inválidos.

Este maldito joelho! Deixava-o pensativo. não queria pensar! não precisava de uma Alicia Delaware que, com sua mania de sabichona, o empurrava de volta às suas origens.

A quem poderia perguntar?

Winton Tippet!

Era um dos caciques que conhecia. Afinal, continuavam existindo. Nem os brancos nem os índios mantinham um contato intenso além dos encontros oficiais ou de uma eventual cervejinha, mas uns também não tinham nada contra os outros. Havia uma coexistência. Dois mundos que se deixavam em paz. Entretanto raramente desenvolviam-se amizades. Winton Tippet não era exatamente um amigo, mas, ao menos, um conhecido: um cara bacana e, além do mais, taayii hawil dos tla-o-qui-aht, uma tribo nootka na região do Wickaninnish. Um hawil era um chefe, um cacique, e um taayii hawil até um pouco mais, o chefe supremo, por assim dizer. Os taayii hawil, de certa forma, eram como a casa real inglesa. Seus cargos eram herdados. No dia-a-dia, a maioria das

tribos já era regida por chefes eleitos, contudo os caciques hereditários eram muito respeitados.

Anawak refletiu. Ao norte da ilha, chamavam os chefes supremos de taayii hawiih, ao sul de taayii chaachaabat. não queria se ridicularizar. Provavelmente Winton Tippet era mais um taayii chaachaabat, mas quem diabos conseguia gravar isso?

Melhor evitar as expressões indígenas.

Ele poderia visitar Winton Tippet. não era longe. Tippet morava perto do Wickaninnish Inn. Quanto mais pensava a respeito, mais simpatizava com a idéia. Em vez de aguardar a ligação de King, podia quebrar o círculo e ver onde isso o levaria. Procurou o telefone de Tippet na lista telefônica e ligou para ele.

O taayii hawil estava em casa. Sugeriu um passeio ao longo do rio.

""— Então você veio para descobrir algo sobre as baleias — disse Tippet meia hora depois, enquanto caminhavam sob as gigantescas árvores de copas densas. Anawak balançou afirmativamente a cabeça. Explicara a Tippet o motivo de sua visita. O chefe esfregou o queixo. Era um homem baixo, de rosto amassado simpáticos olhos escuros. Seu cabelo era tão escuro quanto o de Anawak. Sob casaco, usava uma camiseta com as palavras Salmon Coming Home. Espero que não esteja contando com nenhuma sabedoria indígena. não. — Anawak gostou da resposta. — Terry King teve esta idéia.

— Qual? — Tippet sorriu. — O diretor de cinema ou o diretor do Aquário de Vancouver?

— O diretor de cinema já morreu. Estamos atirando para todos os lados Nem que seja apenas para encontrar algum indício de casos similares em suas histórias.

Tippet apontou para o rio em cuja margem caminhavam. A água traçava o seu caminho borbulhando. Carregava galhos e folhas. O rio nascia na áspera paisagem montanhosa e estava parcialmente assoreado.

— Aí está a sua resposta — disse.

— No rio? Tippet riu.

— Hishuk ish ts'awalk.

— Certo. Então há sabedoria indígena, sim.

— Apenas uma. Achei que a conhecesse.

— não falo a sua língua. Conheço uma ou outra palavra. Nada mais. Tippet observou-o durante alguns segundos.

— Bem, é a idéia principal de praticamente todas as culturas indígenas. Os nootka dizem que é deles, mas acredito que em outros lugares as pessoas digam o mesmo com outras palavras: tudo é uma coisa só. O que acontece com o rio acontece com as pessoas, os animais, o mar. O que acontece com um acontece com todos.

— Certo. Há quem chame isso de ecologia.

Tippet abaixou-se e puxou para a margem um galho solto que ficara preso nas raízes ao longo do rio.

— O que quer que lhe diga, Leon? não sabemos nada que também não saiba. Se quiser, posso ficar de olho para você. Posso ligar para algumas pessoas. Existem muitas canções e lendas. Mas não conheço nenhuma que os ajudaria. Quer dizer, em todas as nossas tradições encontrará exatamente o que está procurando, e é aí que está o problema.

— não entendo.

— Bem, nós vemos os animais de outra forma. Os nootka nunca mataram uma baleia. A baleia deu a sua vida, é um ato consciente, entende? Na crença dos nootka, toda a natureza tem consciência de si, é uma grande consciência entrelaçada. — Entrou numa trilha pantanosa. Anawak seguiu-o. A mata abriu-se numa grande área desmaiada. — Veja isto, uma vergonha. As árvores foram cortadas, a chuva, o sol e o vento erodiram o solo, e os rios viraram cloacas. Observe isto, se deseja saber o que está acontecendo às baleias. Hishuk K" ts'awalk.

— Hum. Eu já lhe contei em que consiste o meu trabalho?

— Até onde me lembro, está pesquisando a consciência.

— A autoconsciência.

— Exatamente, me recordo. Contou-me numa noite agradável. Ano passado. Eu tomei uma cerveja, e você, água. Sempre bebe água, não é? — não gosto de bebidas alcoólicas. — Nunca tomou?

— Raramente. } Tippet parou.

Pois é, o álcool. Você é um bom índio, Leon. Bebe água e me procura

porque acredita que tenhamos conhecimentos secretos. — Suspirou. — Quando as pessoas finalmente deixarão de tratar uns aos outros como clichês? Os índios tinham problemas com o álcool e alguns ainda têm, mas também há aqueles que simplesmente gostam de beber de vez em quando. Hoje em dia, quando um branco vê um índio tomando uma cerveja, logo diz, que trágico, terrível, nós induzimos essas pessoas ao alcoolismo. Somos os pobres seduzidos ou os guardiões de sabedorias supremas. O que você é afinal, Leon? Cristão?

Anawak não se surpreendeu muito. As poucas vezes em que esteve com Winton Tippet sempre foram parecidas. O taayii hawil não parecia objetivo em suas conversas, pulava como um esquilo de um assunto para o outro.

— não estou em igreja nenhuma — disse Anawak.

— Quer saber de uma coisa? Eu li a Bíblia uma vez. Cheia de sabedorias supremas. Se perguntar a um cristão por que a floresta pega fogo, ele responderá que Deus se manifesta nas chamas. Deverá referir-se às antigas histórias tradicionais, e lá, de fato, encontrará um espinheiro em chamas. O que acha: um cristão explicaria um incêndio florestal dessa maneira?

— Claro que não.

— Mesmo assim, a história do espinheiro em chamas tem um grande significado para ele, se for um cristão fiel. Os índios também acreditam nas suas histórias tradicionais, mas eles sabem exatamente até onde correspondem à realidade. não se trata de uma coisa ser ou não assim, mas da idéia de como possa ser. Em nossas lendas, você encontrará tudo e nada, não pode levar nada ao pé da letra, mas tudo faz sentido.

Eu sei, Winton. Simplesmente estou tendo a sensação de que não estamos Progredindo. Estamos quebrando as nossas cabeças sobre o que possa ter enlouquecido os animais.

E acredita que tenham chegado ao limite da sua ciência? De certa forma, sim. Tippet balançou a cabeça.

—não chegaram. A ciência é maravilhosa. As pessoas devem muito a ela. O problema é o ponto de vista. O que você observa ao aplicar os seus conhecimentos? Você observa a baleia que mudou. não a reconhece, a sua amiga. Por que Ela tornou-se inimiga. O que a levou a isso? Você fez alguma coisa a ela? Ou ao seu mundo? Mas em que mundo vive uma baleia? Você está procurando os danos diretamente causados a ela e encontra um monte. Há matanças descontroladas, as águas são poluídas, o turismo de baleias está fugindo ao controle, estamos destruindo a base alimentícia dos animais e poluindo o seu mundo com barulho. Tomamos-lhes os locais em que criam os seus filhotes... não estão planejando construir uma salina na Baixa Califórnia?

Anawak assentiu com a cabeça, o ar sombrio. Em 1993, a UNESCO declarara a Laguna de San Ignacio, na Baixa Califórnia, patrimônio natural mundial. Era o último local de procriação protegido das baleias-cinzentas do Pacífico e, além disso, acolhia uma infinidade de outras espécies vegetais e animais ameaçadas de extinção. Apesar disso, a Mitsubishi estava construindo uma salina ali que, futuramente, deveria bombear vinte mil litros por segundo de água salgada da enseada para dentro de 116 milhas quadradas de evaporadores em terra. A água retornaria como esgoto para a enseada. Ninguém sabia dizer que conseqüências isso teria para as baleias. Vários pesquisadores, ativistas e uma série de titulares de prêmios Nobel protestavam contra a salina, que ameaçava tornar-se um trágico precedente.

— Viu só — continuou Tippet —, este é o mundo das baleias que você conhece. Elas vivem nele, mas este mundo não se resume simplesmente a uma série de condições em que as baleias se sentem bem ou não? Talvez as baleias nem sejam o problema, Leon. Talvez elas apenas sejam a parte do problema que nós vemos. \_\_

## **AQUÁRIO, VANCOUVER**

Enquanto Anawak prestava atenção às palavras do taayii hawil, Terry King estava vendo dobrado.

Precisava controlar dois monitores simultaneamente, e isso havia horas. Um mostrava as gravações em fita magnética da câmera com a qual o URA filmara Lucy e as outras baleias-cinzentas, e o outro, um espaço virtual, um sistema de coordenadas de linhas com uma dúzia de luzes verdes como penduradas no espaço. Elas representavam o grupo de baleias e mudavam constantemente de posição. Logo após sua inserção na água, o robô equiparara o desenho da nadadeira caudal de Lucy com os seus sons específicos, podendo, assim, localizar o “mal” e definir a sua posição, agora representada como ponto no sistema de ordenadas. Dessa forma, não perdera Lucy de vista nem na mais profunda escuridão.

O segundo monitor mostrava os dados da sonda que permanecia na camada de gordura da baleia: frequência cardíaca, profundidades de mergulho, temperatura, medições de pressão e de luminosidade. A sonda e o URA, juntos, forneceram uma imagem bastante abrangente do que acontecera com Lucy durante um período de 24 horas. Vinte e quatro horas na vida de uma baleia enlouquecida.

O laboratório de observação comportava quatro pessoas para a avaliação de dados. King estava sentado à meia-luz com dois assistentes, suas faces iluminadas pela luz dos monitores. O quarto lugar estava vazio. Um inofensivo vírus gastrointestinal reduzira a equipe e concedera-lhes um expediente noturno.

King estendeu a mão para o lado sem tirar o olho dos monitores, enfiou-a dentro de uma caixa de papel e meteu um punhado de batatas fritas geladas na boca.

Na realidade, Lucynão dava a impressão de ter enlouquecido.

Nas últimas horas fizera basicamente o que os pastadores marinhos costumavam fazer. Comera, em companhia de meia dúzia de baleias adultas e dois filhotes em fase de crescimento. Todas as vezes que Lucy se aproximava do solo em meio às cortinas de algas e arava a lama fofa para filtrar vermes e pequenos crustáceos, uma grande quantidade de lama misturava-se à água. Virava-se de lado e cavava verdadeiros sulcos no chão com a sua cabeça estreita e

arqueada. Inicialmente, ele ficara fascinado diante dos monitores, apesar de não terem sido nem de longe as primeiras filmagens que vira de baleias-cinzentas alimentando-se. Entretanto o URA fornecia imagens com uma qualidade totalmente inovadora, porque seguia as baleias como se fizesse parte do grupo. As imagens eram muito nítidas. Seguir um cachalote até os seus pastos teria significado penetrar a escuridão das águas profundas. Mas as baleias-cinzentas gostavam de águas mais rasas. Dessa forma, King observava há horas uma contínua troca entre claridade e meia-luz. Durante alguns minutos, Lucy vagara na superfície, pressionando lama através de suas barbatanas, enchendo os pulmões de ar e expelindo-o novamente para mergulhar até o fundo. Mantinha-se tão próximo à margem, que a maior parte da filmagem não passava dos trinta metros de Profundidade.

King observou os corpos sombrios e marmorizados rastejando através dos sedimentos, como a água se turvava. O robô não encontrara dificuldade alguma em seguir os animais, porque, na realidade, não estavam indo a lugar algum. volta e meia mudavam a sua direção, alguns metros para cá, um pedacinho para a subir, descer, comer, subir, descer. King costumava dizer que a ilha de Vancouver era a parada rodoviária das baleias, onde elas descansavam, preguiçosas, e esta comparação era, de fato, muito boa.

Subir, descer, comer.

Em algum momento, cansou-se.

Certa vez surgiram, distantes, as silhuetas em preto-e-branco de algumas orcas, entretanto desapareceram rapidamente. Em geral, tais encontros transcorriam pacificamente, apesar de as orcas serem um dos poucos grandes inimigos de baleias grandes. não se inibiam nem diante das baleias-azuis. Quando atacavam, estavam sempre em grupo, e eram extremamente brutais. Comiam a língua e os lábios da vítima e deixavam para trás colossos mutilados agonizantes que, lentamente, afundavam para o fundo do mar.

Comer, mergulhar, subir.

A certa altura, Lucy adormeceu. Ao menos era o que parecia a King. Juntamente com os seus dois assistentes, observou que a imagem escurecera, devido ao anoitecer. Restou uma sombra que se confundia com o fundo. O corpo de Lucy, pendurado verticalmente na água, descia lentamente e tornava a subir na mesma lentidão. Uma série de mamíferos marinhos descansava dessa forma. De minutos em minutos, subiam para a superfície, sonolentos, respiravam, submergiam novamente e dormiam. Interessantemente, os animais nunca dormiam mais de cinco a seis minutos, mas, somando essas fases curtas, obtinham um sono restabelecedor.

Finalmente os monitores escureceram completamente. Somente o sistema de coordenadas continuava mostrando a distribuição do grupo.

Noite.

Não ver nada e ter de continuar olhando era muito entediante. De vez em quando, algo reluzia, uma água-viva ou um polvo. De resto, reinava uma escuridão total, enquanto os dados continuavam correndo na segunda tela do computador, indicadores do metabolismo de Lucy e do meio físico. O ponto verde movia-se lentamente no espaço virtual. Os animais do grupo nunca dormiam a noite inteira. As baleias descansavam nos mais diversos horários. O monitor de dados demonstrava variações de altura e profundidade que comprovavam que, agora, Lucy e os outros haviam voltado a mergulhar e alimentar-se. Dependendo da profundidade, a temperatura variava meio grau. Mais do que isso não acontecia. O coração da baleia-cinzenta batia continuamente, ora devagar, ora mais rápido. Os hidrofones do URA captavam todos os tipos de ruídos subaquáticos, rumores e sons de bolhas de ar, chamados de orcas e cantos de jubartes, bramidos e rosnados, o zumbido distante de uma hélice de navio. Nada que não se conhecesse.

permaneceu dessa forma em frente ao seu monitor escuro e bocejava até estalarem as mandíbulas.

Catou as últimas batatas fritas.

Seus dedos flexionados e gordurosos congelaram. Então soltou as batatas novamente e apertou os olhos.

Na tela dos dados estava acontecendo alguma coisa.

O tempo inteiro, a sonda havia marcado profundidades entre zero e trinta metros. Agora marcava quarenta, subitamente cinqüenta metros. Lucy alterava a sua posição. Nadava em direção ao mar aberto, afundando continuamente. As outras baleias seguiam-na rapidamente. Nenhum sinal de preguiça. Isso, sim, era velocidade de migração!

Para onde vai com tanta pressa?, pensou King.

O batimento cardíaco de Lucy desacelerou. Ela mergulhou, e muito rapidamente. A esta altura, apenas restariam uns 10% de oxigênio em seus pulmões, possivelmente até menos do que isso. O resto estava armazenado no sangue e nos músculos. Uma reserva perfeita para profundidades maiores.

Lucy passou dos cem metros.

Agora, a baleia desligou as partes menos relevantes do corpo da circulação. Os excessos de pressão sangüínea eram armazenados numa rede de vasos finamente entrelaçados e altamente flexíveis, as funções musculares e metabólicas estavam sendo realizadas sem oxigênio. No decorrer de milhões de anos, a cooperação de uma série de processos surpreendentes possibilitou aos antigos habitantes terrestres oscilar sem problemas entre a superfície e uma profundidade de centenas a milhares de metros, enquanto a maioria dos peixes já corria risco de vida numa diferença de profundidade de cem metros. Lucy continuou descendo, 150 metros, duzentos metros, e afastava-se continuamente da costa.

— Bill? Jackie? — disse King, chamando os dois assistentes sem tirar o olho da tela do computador. — Venham cá e vejam isto.

Os assistentes reuniram-se em frente aos dois monitores.

— Ela está descendo.

— Está, e muito rápido. Já está a três quilômetros da costa. O grupo inteiro está nadando em direção ao mar aberto.

— Talvez tenham simplesmente retomado a migração.

— Mas por que tão fundo?

— Porque à noite o plâncton afunda, não é isso? Todas as guloseimas se mandam para baixo.

— não. — King balançou a cabeça. — Isso faz sentido para as outras baleias, mas não para as pastadoras. não têm motivo...

— Vejam isto! Trezentos metros!

King recostou-se. Baleias-cinzentas não eram muito ágeis. Eram até capazes de um rápido arranque, fora isso limitavam-se a dez quilômetros horários. Desde que não houvesse motivo para fuga ou que não estivessem migrando, nadavam lentamente por aí,

O que motivara os animais?

Agora tinha certeza de que estava observando um comportamento anormal Baleias-cinzentas alimentavam-se quase exclusivamente de habitantes do solo Durante as suas migrações, nunca se afastavam mais de dois quilômetros da costa, geralmente permanecendo bem mais próximo. King não sabia se a profundidade de trezentos metros lhe faria bem. Talvez, sim. Mas simplesmente não era comum baleias-cinzentas irem além dos 120 metros.

Não tiraram os olhos dos monitores.

De repente surgiu alguma coisa na margem inferior da grade virtual. Um raio verde, que reluziu rapidamente e voltou a apagar.

Um espectrograma! A representação visual de ondas sonoras.

E novamente.

— O que é isso?

— Ruídos! Um sinal bem forte.

King interrompeu a reprodução e rebobinou a fita. Assistiram à seqüência uma segunda vez.

— Aliás, um sinal fortíssimo — disse. — Como de uma explosão.

— Aqui não há explosões e, além do mais, nós ouviríamos uma explosão. Isso é infravermelho.

— Sei disso. Apenas disse como de uma explosão.

— Ali! De novo!

No sistema de coordenadas, os pontos verdes pararam. A forte oscilação repetiu-se uma terceira vez, depois desapareceu.

— Elas pararam.

— A que profundidade estão?

— Trezentos e sessenta metros.

— Inacreditável. O que será que estão fazendo lá embaixo?

King olhou para o monitor esquerdo com a filmagem de vídeo do URA. A tela escura. Sua boca abriu-se e não quis mais se fechar.

— Vejam isto — sussurrou. A tela não estava mais escura.

## **ILHA DE VANCOUVER**

Anawak considerou a companhia de Tippet extremamente relaxante.

Caminharam lentamente ao longo da praia até o Wickaninnish Inn. Durante algum tempo, conversaram sobre o projeto ambiental em que Tippet se engajava. Na realidade, o taayii hawil era proprietário de um restaurante, nascido numa família de pescadores. Mas os tla-o-qui-aht criaram uma iniciativa para amenizar as conseqüências do desflorestamento. A Salmon Coming Home era uma tentativa de levar o complexo ecossistema do Clayoquot Sound às suas origens. A indústria madeireira destruíra grande parte dele. Ninguém entre os tla-o-quiaht iludia-se quanto a trazer de volta a mata pluvial desaparecida, mas havia muitas outras coisas a serem feitas. com o desmatamento, agora o solo da floresta ressecava ao sol e era desgastado pelas fortes chuvas. Era levado para dentro de rios e lagos, entupindo-os juntamente com pedras e restos de gigantescas árvores tombadas, de forma que os salmões não tinham mais onde desovar e, aos poucos, iam desaparecendo, o que, por sua vez, retirava a fonte de alimentação de outros animais. Portanto, no acampamento da Salmon Coming Home eram treinados voluntários para limparem rios e interromper estradas e trilhas inutilizadas que bloqueavam o seu fluxo. Ao longo dos rios foram construídos diques de lixo orgânico e plantados amieiros de crescimento rápido. Lentamente,

os ativistas trouxeram de volta um pouco do que já fora o equilíbrio entre a floresta, os animais e o homem, num empenho incansável e sem esperança de um êxito imediato.

— Você sabe que várias pessoas os hostilizam por quererem retomar a caça às baleias — disse Anawak após algum tempo.

— E você? — disse Tippet. — O que acha?

— não é muito sábio.

Tippet balançou a cabeça, pensativo.

— Talvez tenha razão. As baleias são protegidas, por que deveríamos caçá-las? Vários membros da nossa comunidade também são contra uma reativação da caça baleeira. Quem é que ainda sabe como caçar uma baleia? Quem é que ainda vai lá e se sujeita ao banho para preparação espiritual? Por outro lado, há quase cem anos não caçamos mais baleias, e se o fazemos hoje estamos falando de cinco ou seis animais. Uma cota irrelevante. Somos poucos. Nossos ancestrais viviam das baleias. Os caçadores baleeiros submetiam-se a rituais que levavam meses a anos. Purificavam os seus espíritos antes de sair para a caça de baleias Para se tornarem dignos da dádiva da vida que a baleia lhes oferecia. Também não arpoavam a primeira baleia que surgisse à sua frente, mas aquela que era terminada para eles e para a qual eram determinados através de uma força misteriosa, uma visão em que a baleia e o caçador reconheciam-se mutuamente Entende? É essa espiritualidade que queremos resguardar.

— Por outro lado, uma baleia pode trazer um monte de dinheiro — disse Anawak. — O empresário pesqueiro dos makah avaliou o valor de uma baleiacinzenta em meio milhão de dólares. Chamou a atenção abertamente para a alta valorização da carne e do óleo do outro lado do oceano, e, claro, referia-se à Ásia. Na mesma ocasião frisou os problemas econômicos dos makah e o alto índice de desemprego. não foi muito sábio. Aliás, foi grosseiro. Nenhum sinal de espiritualidade.

— Concordo, Leon. Veja como quiser, se os makah querem voltar a caçar por amor sincero à tradição ou por ganância, o fato é que não se utilizaram de um direito deles e, nesse período, os brancos quase extinguiram as baleias. Também não foi por razões

muito espirituais, não é? Os brancos é que começaram a tratar vida como mercadoria. Nós nunca pensamos dessa maneira. E, agora que todos já se serviram, um de nós tem a coragem de falar de dinheiro, e somos atacados como se a sobrevivência da natureza dependesse unicamente de nós. não percebe uma coisa? Cada vez mais os povos primitivos vivem dosadamente de algo que, posteriormente, os brancos desperdiçam. Depois de desperdiçar, esfregam os olhos e, de repente, resolvem proteger. E então protegem contra aqueles dos quais nunca foi preciso proteger e fazem um alvoroço. Nações como o Japão e a Noruega são responsáveis pela continuidade da matança das baleias, mas ninguém as impede de sair para o mar e atirar os seus arpões. Nunca causamos a extinção de uma espécie, mas agora somos nós os castigados. É sempre assim. É assim no mundo inteiro.

Anawak permaneceu calado.

— Somos um povo perdido — disse Tippet. — Muitas coisas melhoraram. Mesmo assim, várias vezes penso que estamos presos num conflito que dificilmente resolveremos sozinhos. Eu cheguei a lhe contar que após cada pesca, após cada negócio que fecho, após cada festa separo uma pequena parte e dou para o corvo, porque o corvo está sempre faminto?

— não. não contou.

— Você sabia?

— não.

— O corvo nem é a figura principal dos mitos de nossa ilha, isso é coisa dos haida e dos tlingit, lá para cima. Aqui você encontra mais as histórias do Kánekelak» o transformador. Mas também simpatizamos com o corvo. Os tlingit dizem Que ele defende os pobres, assim como fez Jesus Cristo. Então eu separo um pedacinho de carne ou de peixe para o corvo comilão, que um dia foi filho de um bicho homem. Seu pai, Ashamed, o inseriu na pele de um corvo e o chamou de Wigyé.

O Wigyé foi mandado mundo afora depois de comer toda a comida da sua cidade, deram-lhe uma pedra para que tivesse um lugar para repousar, e a pedra transformou-se na terra em que

vivemos. Através de um truque, roubou a luz do sol e trouxe-a para o mundo. Eu dou ao corvo o que lhe pertence. Por outro lado, sei que o corvo é o resultado de um processo evolutivo que se iniciou com proteíaminoácidos e organismos unicelulares. Eu adoro os nossos mitos da criação mas também assisto à televisão, leio e sei o que foi a explosão primordial. Os cristãos também sabem e, mesmo assim, em suas igrejas falam sobre os sete dias da criação do mundo e os dez mandamentos. Mas tiveram a possibilidade de adaptar-se lentamente durante séculos e de encontrar um caminho para unir a mitologia e a ciência moderna harmoniosamente. Nós, entretanto, fomos obrigados a fazê-lo num curtíssimo espaço de tempo. Fomos atirados em um mundo que não era o nosso e nunca o seria. E agora estamos retornando para o nosso mundo e o estranhamos. Esta é a maldição do desenraizamento, Leon. No final, você não pertence mais a lugar algum, nem ao estranho, nem ao próprio. Os índios foram desenraizados. Atualmente, os brancos estão fazendo o melhor que podem para corrigir esse erro, mas como podem nos ajudar se eles próprios se desenraizaram? Eles destroem o mundo que os criou. Também perderam a sua terra natal. De uma forma ou de outra, todos nós a perdemos.

Tippet olhou longamente para Anawak. E então novamente deu um de seus sorrisos enrugados.

—não foi um longo discurso indígena patético, meu amigo? Venha, vamos beber alguma coisa. Ah, que pena, você não bebe.

## 10 de maio

### TRONDHEIM, NORUEGA

Na realidade, haviam combinado de encontrar-se no café antes de subirem juntos para o grande bate-boca, mas Lund não apareceu. Johanson tomou um café e observou os ponteiros do relógio atrás do balcão movendo-se no mostrador. Paralelamente moviam-se os vermes, igualmente estóicos e firmes, sem parar. A cada segundo penetravam mais fundo no gelo, naquele exato momento, sem que houvesse qualquer possibilidade de impedi-los.

Johanson estremeceu.

O tempo não passa, ele expira, suspirou uma voz dentro dele.

O começo de algo.

Um plano. É tudo controlado...

Pensamento equivocado. Plano de quem? O que planejavam os gafanhotos quando acabavam com toda a safra de um verão? Nada. Eles vinham, e tinham fome. O que planejavam vermes, o que planejavam algas e águas-vivas?

O que planejava a Statoil?

Skaugen viera de Stavanger. Solicitara um relatório detalhado. Aparentemente, descobrira alguma coisa e agora fazia questão de comparar os resultados. Fora idéia de Lund conversar a sós com Johanson antes para defenderem uma posição comum. Entretanto, agora, ele estava tomando o seu café a sós.

Provavelmente alguém a deteve. Talvez Kare, pensou. não falaram mais sobre a sua vida particular, nem no navio, nem depois, e Johanson evitara perguntar a respeito. Detestava ser inoportuno e indiscreto, e no momento ela parecia precisar de todo tempo para si mesma.

Seu celular tocou. Era Lund.

— Onde diabos você está? — disse Johanson. — Tive de tomar o seu café também.

— Me desculpe.

— Tanto café me faz mal. Agora sério, onde está?

— Já estou aqui em cima, na sala de reuniões. Queria ligar para você o tempo todo, mas estávamos extremamente ocupados.

Sua voz parecia estranha.

— Está tudo bem? — perguntou Johanson.

— Claro. Quer subir? Agora já conhece o caminho.

Estou indo.

Então Lund já estava lá. Deviam ter discutido algum assunto que não lhe dizia respeito.

Que fosse. O maldito projeto de perfuração era deles mesmo. Quando entrou na sala de reuniões, Lund, Skaugen e Stone estavam de pé frente a um grande mapa que ilustrava a área da perfuração planejada. O coordenador do projeto falava incessantemente com Lund. Ela parecia irritada. Skaugen também não parecia muito contente. Quando Johanson entrou, virou de um sorriso falso. Hvistendahl estava telefonando ao fundo. Cheguei cedo demais? — perguntou Johanson cautelosamente.

— não, é bom que tenha chegado. — Skaugen apontou para a mesa preta polida. — Vamos nos sentar.

Lund ergueu o olhar. Somente agora parecia notar a presença de Johanson. Abandonou Stone no meio da frase, veio em sua direção e beijou-lhe a face,

— Skaugen quer detonar Stone — cochichou. — Você tem que nos ajudar, entendeu?

Johanson não deixou transparecer nada. Ela queria que ele botasse lenha na fogueira. Será que enlouquecera, para colocá-lo numa situação dessas?

Sentaram-se. Hvistendahl desligou o celular. Se pudesse, Johanson teria ido embora imediatamente, deixando-os sozinhos com os seus problemas. Friamente, disse:

— Pois bem, antes de qualquer coisa, minha pesquisa foi mais específica do que o combinado. Significa que escolhi basicamente pesquisadores e institutos que costumam ser contratados ou consultados por empresas de energia.

— Será que foi uma boa? — perguntou Hvistendahl, assustado. — Pensei que quiséssemos buscar informações da forma mais discreta possível.

— O campo de busca estava grande demais. Eu precisava limitá-lo.

— Espero que não tenha falado para ninguém que nós...

— Fique tranqüilo. Apenas fiz perguntas. Um biólogo curioso da NTNU. Skaugen apertou os lábios.

— Acredito que não tenha recebido grandes informações.

Depende do ponto de vista. — Johanson apontou para a pasta com os Documentos impressos. — Nas entrelinhas, sim. Cientistas não sabem mentir, odeiam fazer política. O que eu tenho aqui é um dossiê dos entretons. Em alguns

echos isto fica mais do que evidente. De qualquer forma, estou absolutamente convicto de que o nosso verme já chamou a atenção em outros lugares.

— Está convicto? — perguntou Stone. — Mas não sabe.

Até agora ninguém abriu o jogo. Mas algumas pessoas de repente ficam muito curiosas. — Johanson olhou diretamente para Stone. — Todos os pesquisadores cujos institutos de alguma forma trabalham com a indústria de 11 matérias-primas. Um deles até se dedica exclusivamente à extração de metano

— Quem? — perguntou Skaugen, peremptório.

— É de Tóquio. Um tal de Ryo Matsumoto. Ou melhor, o instituto dele não falei com ele pessoalmente.

— Matsumoto? Quem é? — perguntou Hvistendahl.

— O maior pesquisador de hidratos do Japão — respondeu Skaugen. — Há alguns anos já realizou testes de perfuração nos solos permanentemente gelados do Canadá para chegar no metano.

— Quando enviei os dados sobre o verme para a sua equipe, ficaram muito agitados — prosseguiu Johanson. — Fizeram contraperguntas. Queriam saber se o verme teria a capacidade de desestabilizar os hidratos. E se apareceu em grandes quantidades.

— O que não quer necessariamente dizer que o Matsumoto conheça o verme — disse Stone.

— Quer, sim. Porque ele trabalha para a JNOC — rosnou Skaugen.

— A Japan National Oil Corporation? Estão pesquisando metanos?

— E como. Em 2000, Matsumoto começou a testar diversas tecnologias de extração na Falha de Nankai. não divulgou os resultados, mas desde então deu a perceber que pretendem começar a extração comercial dentro de alguns anos. Ele defende a era do metano como ninguém.

— Que seja — disse Stone. — Mas não confirmou ter encontrado o verme. Johanson balançou a cabeça.

— Vamos inverter o nosso joguinho de detetive. Imagine que perguntassem a nós. A mim, como representante da chamada pesquisa independente. Essa pessoa, também um pesquisador independente e consultor da JNOC, se faz de curioso científico, qualquer coisa. Naturalmente não entrego de graça o nosso conhecimento acerca desses animais. Mas levo um susto. Gostaria de saber o que ele descobriu. Então faço de tudo para saber, assim como a equipe de Matsumoto me encheu de perguntas, e cometo um erro. Faço perguntas concretas demais. Específicas demais. Se a pessoa com quem eu estiver conversando não for totalmente idiota, rapidamente perceberá que acertou em cheio comigo.

— Se isso for verdade — disse Lund —, estamos diante do mesmo problema dos japoneses.

— Isto não são provas — insistiu Stone. — não há nenhuma prova, Dr Johanson, de que alguém mais além de nós tenha-se deparado com o verme. Inclinou-se para a frente. A armação de seus óculos brilhou. — Esse tipo de informação não acrescenta nada. não, Dr. Johanson! A verdade é que ninguém poderia prever a existência do verme, justamente porque ele não surgiu em nenhum outro lugar. Quem disse que Matsumoto não está simplesmente interessado?

— Minha intuição — respondeu Johanson, impassível. — Intuição?...

— Ela também me diz que a história vai além disto. Os sul-americanos também encontraram o verme. — É mesmo?

-É.

— Então também fizeram perguntas estranhas?

— Exatamente.

— Está me decepcionando, Dr. Johanson. — Stone sorriu cinicamente. — Pensei que fosse um cientista. Desde quando sua intuição lhe basta?

— Cliff — disse Lund, sem olhar para Stone. — É melhor calar a boca. Stone arregalou os olhos e olhou para Lund, indignado.

— Eu sou o seu chefe — gritou. — Se alguém aqui deve calar a boca...

— Chega! — Skaugen ergueu as mãos. — não quero ouvir nem mais uma palavra.

Johanson viu que Lund esforçou-se por conter a raiva. Perguntou-se o que Stone teria feito a ela. Seu evidente mau humor não podia ser o único motivo do aborrecimento.

— Seja como for, acredito que o Japão e a América do Sul tenham suas informações — disse. — Assim como nós. É bem mais fácil obter dados confiáveis sobre análises de água do mar do que sobre vermes oceânicos. Em todo canto, pelos mais diversos motivos, a água é analisada. Nesse contexto, contatei mais algumas fontes. E elas confirmaram.

— O quê?

— Concentrações de metano extremamente altas na coluna de água. É condizente. — Johanson hesitou. — Aliás, no que diz respeito aos japoneses — desculpe-me as minhas inúmeras manifestações intuitivas, Dr. Stone — tive mais uma impressão. A equipe de Matsumoto parecia querer dizer-me a verdade. Certamente foi obrigada a manter sigilo. Mas se quer saber sinceramente o que Penso: nenhum pesquisador independente, nenhum instituto pensaria em manipular informações que poderiam ser de interesse vital para muitas pessoas. Portanto, não há motivo que justifique segurar uma informação desse tipo. Isso só acontece quando...

Afastou as mãos e deixou a frase incompleta. Skaugen olhou para ele com a testa franzida, completando:

— Quando há interesses econômicos envolvidos. Era isso o que o senhor queria dizer.

— Exatamente, Era o que eu queria dizer.

— Há mais alguma coisa que queira acrescentar à sua exposição? Johanson balançou a cabeça afirmativamente e tirou um documento impresso da sua pasta.

— Aparentemente, as grandes emissões de metano foram registradas apenas na Noruega, no Japão e na América do Sul. Mas ainda há Lukas Bauer.

— Bauer? Quem é esse? — perguntou Skaugen.

— Está pesquisando as correntes marítimas em frente à Groenlândia. Deixa sondas flutuantes viajarem nas correntezas e registra os dados. Enviei-lhe um email ao navio. Ele respondeu o seguinte: Prezado colega, desconheço o seu verme. Mas, de fato, temos medido concentrações de metano excepcionalmente altas em diversos locais em frente à Groenlândia. Grandes quantidades estão entrando no mar. Possivelmente estamos observando uma conjuntura de descontinuidades. Uma catástrofe, se estivermos certos. Desculpe-me a falta de detalhes, estou muitíssimo ocupado. Segue, em anexo, um arquivo com um detalhado relatório de Karen Weaver. É jornalista e está me apoiando e me enchendo a paciência. Menina esforçada. Ela ficará à disposição para maiores esclarecimentos. Entre em contato através do e-mail [kweaver@deepblueseas.com](mailto:kweaver@deepblueseas.com).

— A que descontinuidades ele se refere? — perguntou Lund.

— não faço a menor idéia. No nosso encontro, em Oslo, tive a impressão de Bauer ser um pouco desligado. Amável, mas um típico representante da nossa classe. Evidentemente, esqueceu de anexar o arquivo prometido. Escrevi de volta, mas até agora não recebi resposta alguma.

— Talvez devêssemos descobrir no que Bauer está trabalhando — disse Lund. — Bohrmann deveria saber, não?

— Acredito que a jornalista saiba.

— Karen...?

— Karen Weaver. O nome não me parecia estranho, por bons motivos. Já li algumas coisas dela. Uma biografia interessante,

estudou informática, biologia e educação física. O seu ponto forte são temáticas marinhas, interessa-se pelas grandes correlações. Medição dos mares, tectônica das placas continentais, alterações climáticas... Há pouco escreveu sobre as correntes marítimas. No que diz respeito a Bohrmann, liguei para ele sem falta, caso ele não entre em contato até o final da semana.

— E para onde nos leva isso tudo? — perguntou Hvistendahl aos demais. Os olhos azuis de Skaugen fixaram Johanson.

— Você ouviu o que o Dr. Johanson disse. A indústria é acusada de patfaria, porque estão guardando informações determinantes para o bem-estar da humanidade. Isso é indiscutível. Portanto, ontem à tarde tive uma conversa decisiva com o nosso mais alto comando militar, na qual expus claramente a minha recomendação. Logo em seguida a Statoil informou o governo norueguês.

A cabeça de Stone ergueu-se abruptamente.

O quê? Sobre o quê, se ainda nem temos um resultado definitivo e nem...

Sobre os vermes, Cliff. Sobre a decomposição dos depósitos de metano.

Sobre a ameaça de um provável desastre causado pelo metano. Sobre a possibilidade de um deslizamento submarino. Imagine você, até mesmo o encontro do robô mergulhador com seres vivos não identificáveis foi considerado relevante. Na minha opinião, são resultados suficientes. — Skaugen lançou um olhar sombrio para todos. — O Dr. Johanson provavelmente ficará contente em saber que a sua intuição é um indicador seguro da realidade. Hoje pela manhã tive o prazer de conversar por telefone durante uma hora com a direção técnica da JNOC. Naturalmente, a JNOC está acima de qualquer suspeita. Suponhamos então que, no que tange à extração de metano, os japoneses estejam tão ávidos pela supremacia que façam de tudo para serem os primeiros a conseguir. Suponhamos ainda que para isso assumam certos riscos e dissimulem preocupações expressas por especialistas. — O olhar de Skaugen voltou-se para Stone. — Atestemos ainda a improvável e até absurda possibilidade de que existam pessoas que, por pura

ambição, omitam relatórios e ignorem advertências. Se tudo isso fosse verdade, que horror! Seríamos obrigados a acusar a JNOC de ter encoberto informações de forma escandalosa acerca de um verme que poderia destruir, da noite para o dia, o seu sonho de ser a nação número um do metano. Por isso, teria mantido silêncio durante semanas.

Ninguém disse mais nada. Skaugen mostrou os dentes.

— Mas não queremos ser tão rígidos assim. Afinal, imagine se Neil Armstrong tivesse permanecido na cápsula só por causa de um verme idiota? E, como já disse, são apenas suposições. De fato, a JNOC assegurou-me ter retirado animais similares do mar japonês, entretanto teriam sido encontrados há apenas três dias. não é incrível?

— Mas que merda — disse Hvistendahl baixinho.

— E o que a JNOC está pensando em fazer? — perguntou Lund.

— Ah, acredito que informará o seu governo. Afinal, trata-se de uma emPresas estatal, exatamente como nós. Como agora estão sabendo de tudo que nós sabemos, dificilmente poderão se dar ao luxo de omitir. O quê, desculpe, naturalmente ninguém pretende fazer, nem aqui, nem lá. E tenho certeza de que, se tocássemos no assunto com os sul-americanos, amanhã acabariam se deparando com um verme desses. Como ficarão atônitos! Nos ligarão imediatamente, informando. E para que ninguém pense que estou agredindo apenas os outros: não somos nada melhores.

— Bem — disse Hvistendahl.

— Discorda?

— Sabemos há apenas pouco tempo como a situação é crítica. — Hvistendahl parecia aborrecido. — Além do mais, fui eu quem sugeriu que o governo fosse informado.

— não é a você que estou repreendendo — disse Skaugen, esticando as palavras.

Johanson começou a sentir-se como num teatro. Skaugen encenava a execução de Stone, isso ele já compreendera. A face de Lund expressava uma satisfação irada.

Mas não fora Stone quem encontrara o verme?

— Clifford — disse Lund, interrompendo o repentino silêncio.

— Quando exatamente você encontrou o verme pela primeira vez?  
Stone empalideceu.

— Mas você sabe disso — disse. — Você estava junto.

— E antes, nunca? Stone olhou para ela.

— Antes?

— Antes. No ano passado. Quando instalou o protótipo de Kongsberg por conta própria. A mil metros de profundidade.

— O que significa isso? — chiou Stone. Ele olhou para Skaugen. — não foi por conta própria, eu tive apoio. Ei, Finn, diabos, do que estão me acusando?

— Claro que teve apoio — disse Skaugen. — Você sugeriu testar uma nova fábrica submarina desenvolvida para uma profundidade de, no máximo, mil metros.

— Exatamente.

— Desenvolvida na teoria.

— Naturalmente na teoria. Até o primeiro experimento, é tudo sempre teórico. Mas vocês praticamente me deram sinal verde. — Stone olhou para Hvistendahl. — Você também, Thor. Vocês testaram o troço na piscina e deram OK.

— É verdade — disse Hvistendahl. — Demos.

— Então...

— Você ficou encarregado de examinar a região e dar um parecer sobre a real possibilidade de uma construção não testada suficientemente...

— Isso é sujeira! — disse Stone, enfurecido.— Vocês aprovaram a construção a ser instalada. É verdade, nos responsabilizamos pelo risco. Desde que todos os pareceres fossem claramente favoráveis.

Stone saltou da cadeira.

— Mas eram favoráveis — gritou, tremendo de raiva.

— Sente-se — disse Skaugen friamente. — Você precisa saber que ontem à noite perdemos todo contato com o protótipo de Kongsberg.

— Isso... — Stone ficou paralisado. — não estou diretamente ligado ao controle. não construí a fábrica, somente levei-a adiante.

Do que está me acusando, hein? De que ainda não sabia?

—não. Mas as circunstâncias nos obrigaram a reconstruir detalhadamente a instalação do protótipo de Kongsberg. E então nos deparamos com dois relatórios que naquela época você... Bem, como devo dizer? Esqueceu?

As unhas de Stone cravaram-se no tampo da mesa. Por um instante, Johanson chegou a pensar que o homem cairia. Stone titubeou. E então se controlou, fez uma cara inexpressiva e, lentamente, voltou a sentar-se na cadeira.

—não sei nada a respeito.

— Um dos relatórios fala da dificuldade de cartografar a distribuição de hidratos e de campos de gás nesta região. Diz ainda que o risco de chegar até o gás livre durante uma perfuração de petróleo é muito pequeno, entretanto não pode ser totalmente excluído.

— Podia ser praticamente excluído — disse Stone, rouco. — E os resultados estão indo além das expectativas há um ano.

— Praticamente não é garantia.

— Mas não perfuramos nenhum gás! Estamos extraíndo petróleo. A fábrica está funcionando, o projeto Kongsberg é um sucesso absoluto. Um sucesso tão grande que vocês decidiram construir um sucessor, desta vez oficialmente.

— No segundo relatório — disse Lund —, lemos que vocês encontraram um verme até então desconhecido que habitava os hidratos.

— Sim, diabos. Era o verme do gelo.

— Você o examinou?

— Por que eu?

— Vocês o examinaram?

— Era... claro que o examinamos.

— O relatório diz que o verme não foi nitidamente identificado como verme do gelo. Que foi visto em grandes quantidades. Que a sua influência sobre as condições locais não podia ser claramente determinada, mas que nas proximidades escapou metano para dentro da água.

Stone ficou branco como a neve.

— isso não está... totalmente correto. Os animais foram vistos numa área bastante limitada.

— Mas ali, em grande quantidade.

— Instalamos a fábrica fora dali. Esse relatório... não era verdadeiramente relevante.

— Vocês conseguiram classificar o verme? — perguntou Skaugen tranqüilamente.

— Tínhamos certeza de que...

— Vocês conseguiram classificá-lo?

Stone apertou os dentes. Johanson teve a impressão de que pularia no pescoço de Skaugen a qualquer momento.

— não — confessou após um longo intervalo.

— Está bem — disse Skaugen. — Cliff, você está temporariamente dispensado de todas as suas funções. Tina assumirá o seu posto.

— Vocênão pode...

— Conversaremos mais tarde sobre isso.

Stone olhou para Hvistendahl em busca de ajuda, mas este olhou fixamente à Sua frente.

— Thor, pelo amor de Deus, a fábrica está funcionando.

— Você é um idiota — disse Hvistendahl num tom de voz monótono. Stone parecia totalmente pasmo. Seu olhar vagou de um para o outro.

— Sinto muito — disse. — Eu não queria... Eu realmente só queria que conseguíssemos ir adiante com a fábrica.

Johanson sentiu-se constrangido. Então era por isso que Stone tentara diminuir a importância dos vermes o tempo todo. Ele sabia que havia cometido um erro naquela época. Quisera ser o primeiro a colocar um protótipo em funcionamento. A fábrica submarina era o xodó de Stone. Representava uma chance única para fazer carreira.

Durante um tempo, funcionara. Um ano coroado de êxito com um teste extra-oficial, depois a inauguração oficial, no final uma série e o avanço para profundidades cada vez maiores. Poderia ter sido o grande triunfo de Stone. Entretanto os vermes

apareceram novamente. E, desta vez, não se limitaram a alguns metros quadrados.

De repente, Johanson sentiu até pena dele.

Skaugen esfregou os olhos.

— Me desagrada importuná-lo com tudo isso, Dr. Johanson — disse. — Mas faz parte da equipe.

— É. Aparentemente.

— Em todo o mundo, as coisas estão fugindo ao controle. Acidentes, ano malias... As pessoas estão sensibilizadas, e os cartéis petrolíferos dão bons bode expiatórios. não podemos cometer nenhum erro agora. Podemos continuar contando com você?

johanson suspirou. E então acenou a cabeça afirmativamente.

— Que bom. Na realidade, não esperávamos nada diferente de você. não entenda errado, é uma decisão totalmente sua! Mas provavelmente precisará investir mais tempo na sua função de coordenador científico, então tomamos a liberdade de, preventivamente, conversar com a NTNU a respeito.

johanson ergueu-se.

— Vocês o quê?

Para ser sincero, solicitamos sua dispensa temporária. Além disso, recomendei-o no meio político.

Johanson fitou Skaugen e, em seguida, Lund.

— Um momento — disse,

— É um verdadeiro cargo de pesquisa — interrompeu-o Lund rapidamente. — A Statoil liberará uma verba, e você terá todo o apoio.

— Eu preferiria...

— Está aborrecido — disse Skaugen. — Eu compreendo. Mas viu como a situação é dramática no talude, e, no momento, praticamente ninguém está mais inteirado do assunto do que você e a equipe da Geomar. Naturalmente, pode recusar, mas então... Por favor, considere que seria uma tarefa no interesse do povo.

Johanson quase passou mal de tanta raiva. Sentiu uma forte repulsa crescendo dentro de si e reprimiu-a.

— Compreendo — disse, duro.

— E qual é a sua decisão?

— Naturalmente não negarei essa tarefa.

Lançou um olhar para Lund do qual esperava ao menos que a perfurasse, se não cortasse em pedaços. Ela resistiu por alguns instantes, depois desviou o olhar. Skaugen acenou a cabeça, sério.

— Escute, Dr. Johanson, a Statoil lhe deve muito. Tudo que já fez por nós lhe assegura o mais alto reconhecimento. Mas saiba de uma coisa: no que diz respeito a mim, tem um novo amigo. Nós o atropelamos quanto à NTNU. Mas, em contrapartida, deixarei que me atropelem por você, se for necessário. Eu me crucifico por você, está bem?

Johanson olhou para o homem troncado. Olhou nos olhos azuis-claros de Skaugen.

Está bem — disse. — Lembrarei disso.

"""" Sigur! Trate de parar!

Lund veio correndo atrás dele, mas Johanson continuava caminhando com Passos pesados ao longo do caminho calçado que levava ao estacionamento. O centro de pesquisas era rodeado de verde, de localização quase idílica sobre um monte próximo aos rochedos, mas Johanson não queria saber de belas paisagens. Só queria retornar ao seu escritório.

— Sigur!

Ela o alcançou. Ele continuou andando.

— O que significa isso, seu cabeça-dura? — gritou ela. — Quer realmente que eu corra atrás de você?

Johanson parou repentinamente e virou-se para ela. Por pouco ela não colidiu com ele.

— Por que não? Geralmente você é tão rápida!

— Idiota.

— Ah, é? Você é rápida para falar, rápida para pensar, você é até suficientemente rápida para definir a agenda dos seus amigos antes de eles terem a oportunidade de dizer sim ou não. Duvido que uma corridinha lhe tire o fôlego.

Lund apertou os olhos para ele, com raiva.

— Seu filho-da-puta presunçoso! Acredita mesmo que eu queria determinar a sua maldita vida solitária?

—não? Isso me tranqüiliza.

Ele deixou-a para trás e retomou seu caminho. Lund hesitou um segundo e depois grudou ao seu lado.

— Está bem, eu deveria ter falado com você. Sinto muito, mesmo.

— Vocês poderiam ter me perguntado.

— Mas é o que pretendíamos! Skaugen simplesmente me pegou de surpresa, você entendeu tudo errado.

— Entendi que você me arrancou da universidade como se eu fosse um cavalo ou sei lá o quê.

—não. — Ela segurou a manga do seu casaco e obrigou-o a parar. — Nós queríamos saber se haveria possibilidade, nada mais. Simplesmente queríamos saber se eles poderiam liberá-lo por tempo ilimitado, caso você concordasse.

Johanson bufou.

— Pareceu-me bem diferente agora há pouco.

— Foi uma infelicidade. Meu Deus, juro. O que mais devo fazer? Diga-me o que devo fazer?

Johanson permaneceu calado. Seu olhar e o de Lund voltaram-se simultaneamente para os dedos de Lund, que continuavam agarrados ao tecido do seu casaco. Ela soltou e olhou para ele.

— Ninguém quer atropelá-lo. Se você mudar de idéia, tudo bem também. Que seja.

Em algum lugar cantava um pássaro. O vento soprava o ruído de lanchas do fiorde em sua direção. — Se eu mudar de idéia — disse ele finalmente —, não ficará bem para você, não é?

Ah, que é isso... — Ela alisou a manga do seu casaco.

— Diga.

—não se preocupe comigo. Será problema meu. não precisava tê-lo recomendado, foi uma decisão exclusivamente minha, e... Bem, você me conhece, Mas adiantei-me com Skaugen.

— O que disse para ele?

— Que você faria. — Ela sorriu. — Uma questão de honra. Mas, como já disse, esse não é um problema seu.

Johanson sentiu sua raiva minguando. Gostaria de tê-la sentido por mais algum tempo, por princípio, para não permitir que Lund se livrasse dessa tão fácil. Mas sua raiva se consumira.

Ela sempre conseguia.

— Skaugen confia em mim — disse Lund. — não consegui encontrar você no café. Tivemos uma conversa a dois na qual ele me contou o que haviam descoberto em Stavanger através dos relatórios omitidos de Stone. Stone, esse maldito filho da mãe. Ele é o culpado de tudo. Se tivesse jogado aberto naquela época, não estaríamos nesta situação agora.

— não, Tina. — Johanson balançou a cabeça. — Ele realmente não acreditou que os vermes poderiam significar algum perigo. — não gostava de Stone, mas de repente ouviu-se proferindo palavras em defesa do coordenador do projeto. — Ele apenas queria seguir adiante.

— Se os considerava inofensivos, então por que simplesmente não abriu o jogo quanto ao relatório?

— Teria atrasado o seu projeto. Em todo caso, vocês não teriam levado o verme a sério. Mas teriam cumprido a sua obrigação e adiado o projeto.

— Mas estamos levando os vermes a sério.

— E, agora, porque são muitos. Vocês ficaram com medo. Mas naquela época Stone deparou-se apenas com uma pequena área, certo?

— Hum.

— Uma área muito populosa, porém restrita. Isso acontece todos os dias. animais pequenos muitas vezes aparecem em massa, e o que alguns vermes

Poderiam causar? Vocês não teriam feito nada, acredite. Quando descobriram o Verme do gelo no Golfo do México, também não declararam estado de calamidade imediato, apesar de os animais estarem amontoados no hidrato. — Jogar aberto é uma questão de princípio. A responsabilidade era dele.

— Claro — suspirou Johanson, Ele olhou para fora, em direção ao fiorde. — E agora eu é que sou responsável.

— Precisamos de um coordenador científico — disse Lund.  
— Eu não confiaria em ninguém além de você.

— Minha nossa — disse Johanson. — O que você bebeu?

— É sério.

— Mas eu assumirei o cargo.

— Pense bem — animou-se Lund. — Poderíamos trabalhar juntos.

— Agora não tente me fazer mudar de idéia. Aliás, qual será o próximo passo?

Ela hesitou.

— Bem, você ouviu, Skaugen quer me colocar no lugar de Stone. Ele pode decretar isso provisoriamente, mas não determinar de modo definitivo. Para isso, precisa de uma aprovação de Stavanger.

— Skaugen — fantasiou Johanson. — Por que ele crucificou Stone dessa maneira? Por que eu precisava estar presente? Para fornecer-lhe a munição?

Lund encolheu os ombros.

— Skaugen é extremamente íntegro. Algumas pessoas acham que ele exagera um pouco com a sua integridade. Ele percebe que em toda parte fecham-se os olhos, e isso o deixa furioso.

— Se isso for verdade, então ele é, antes de tudo, humano.

— Na realidade, é sensível. Se eu sugerisse a ele que desse uma última chance a Stone, provavelmente concordaria.

— Compreendo — disse Johanson, esticando as palavras. — E é exatamente no que está pensando.

Ela não respondeu.

— Parabéns. Você é a bondade em pessoa.

— Skaugen deixou a decisão para mim — disse Lund, sem dar atenção à ironia. — Esta fábrica submersa... Stone sabe muito sobre ela. Mais do que eu. Agora Skaugen quer que o Thorvaldson saia para verificar o que aconteceu lá embaixo e por que deixamos de receber dados. Na realidade, Stone deveria coordenar a

operação. Mas, se Skaugen o suspender, eu terei de assumir essa tarefa.

— Qual seria a alternativa?

— Como disse, darmos uma chance a Stone.

— Para salvar a fábrica.

— Se é que tem alguma coisa para ser salva. Ou para reativá-la. Em todo caso, Skaugen quer me promover de qualquer jeito. Mas, se fizer vista grossa, Stone continuará na jogada e embarcará no Thorvaldson.

— E o que você fará nesse meio tempo?

— Irei para Stavanger para reportar à diretoria. O que daria a Skaugen a oportunidade de me recomendar por lá.

parabéns — disse Johanson. — Está fazendo carreira.

Fez-se um breve silêncio.

Eu quero isso?

E eu sei o que você quer?

— E eu por acaso sei, diabos?

Johanson lembrou-se do fim de semana no lago.

Não faço a menor idéia — disse. — Você pode ter um namorado e, mesmo assim, fazer carreira, caso seja esse o motivo da sua hesitação. Aliás, você ainda tem namorado?

— Esse é outro assunto...

— O pobre do Kare sabe onde ele se meteu?

— não nos encontramos mais tantas vezes desde... desde que você e eu... — Ela balançou a cabeça, mal-humorada. — É que não tem nada a ver com a vida real quando ficamos juntos na acolhedora Sveggensundet ou fazemos um passeio para as ilhas. De certa forma, parece que estou participando de uma encenação.

— Ao menos é uma boa encenação?

— É como se você sempre voltasse a procurar um lugar pelo qual se apaixonou — disse Lund. — Todas as vezes, encanta-se. Um cenário de ópera. Na hora de partir, as lágrimas caem. Você quer ficar. E, ao mesmo tempo, você se pergunta se realmente deseja viver no lugar mais bonito do mundo e se, então, continuaria sendo o lugar mais bonito. Estamos acostumados com que a nossa vida... Céus, como posso dizer? Perca o encanto! A cada dia um pouco

mais. Você entende? — Deu um sorriso tímido. — Desculpe-me, tudo isso soa muito cafona e confuso. não sou boa nisso.

—não. Realmente não é.

Johanson observou-a. Procurou por algum sinal de indecisão. Entretanto via alguém que já tinha tomado uma decisão. Ela apenas não sabia ainda.

— Se você ainda não está disposta a viver num lugar, também não o ama — disse. — Tivemos a mesma conversa no lago, lembra-se? Ali falamos de casas.

a realidade, substituível. Talvez devesse finalmente ir ao encontro de Kare e dizer-lhe que o ama e que deseja ficar bem velhinha ao lado dele. Você me faria

111 grande favor — seja sincera consigo mesma.

E se der errado?

Deixe disso, você não é tão medrosa assim...

Sou, sim — disse baixinho. — É exatamente o que eu sou.

— Você não confia na felicidade. Também fiz isso uma vez. não serve para nada.

— E? É feliz hoje em dia?

— Sou.

— Sempre?

Johanson ergueu os braços num gesto inseguro.

— Me diga quem é feliz o tempo inteiro, sua boba? Eu não iludo nem a mim nem aos outros. Quero ter as minhas paqueras, o meu vinho, a minha diversão e definir o meu caminho. Eu tendo à discricção, mas não à compensação. Qualquer psiquiatra morreria de tédio comigo, porque eu realmente quero apenas a minha tranqüilidade. Em suma, estou ótimo. Mas eu sou eu. Minha felicidade é diferente da sua. Eu confio na minha felicidade. Você ainda precisa aprender isso. E logo. Kare não é um lugar ou uma casa. Ele não esperará eternamente.

Lund assentiu com a cabeça. O vento começou a brincar com os seus cabelos. Johanson percebeu o quanto gostava dela. Estava contente por não ter começado no lago um desses casos com prazo de validade que marcavam a sua vida amorosa.

— Se Stone saísse para o talude continental — imaginou ela —, eu assumiria a responsabilidade em Stavanger. Tudo bem. O Thorvaldson está pronto para partir. Stone poderia embarcar logo amanhã ou depois. Stavanger, isso leva mais tempo. Preciso escrever um relatório detalhado. Então teria alguns dias para ir para Sveggensundet e... trabalhar lá.

— Trabalhar — disse Johanson, sorrindo. — Por que não? Ela apertou os lábios.

— Preciso pensar a respeito e conversar com Skaugen.

— Faça isso — disse Johanson. — E pense rápido.

De volta à escrivaninha, verificou as novas mensagens de e-mail. Praticamente nenhuma adiantava alguma coisa. Só a última mensagem chamou sua atenção quando viu o remetente:

kweaver@deepblueseas.com

Johanson abriu-a.

olá, dr. Johanson, obrigada pelo seu e-mail. acabei de retornar a Londres e, no momento, apenas posso dizer que não faço a menor idéia do que tenha acontecido com Lukas Bauer e o seu navio, perdemos todo o contato, se quiser, podemos nos encontrar em breve, talvez possamos ajudar um ao outro, durante a próxima semana, pode entrar em contato comigo no meu escritório em Londres. — Caso queira marcar um encontro antes: atualmente estou fazendo uma visita às ilhas de Shetland e poderia dar um jeito de nos encontrarmos, diga-me como prefere.

Karen Weaver.

Ora, ora — murmurou Johanson. — Veja como a mídia pode ser cooperativa.

Lukas Bauer desaparecera?

Talvez devesse encontrar-se com Skaugen mais uma vez. Não poderia ser pior do que fazer um papel ridículo se ele apresentasse a sua teoria das correlações superiores. Mas chegava a ser uma teoria? Na realidade, não tinha nada para apresentar além da desagradável sensação de que o mundo estava saindo do eixo e que o mar era responsável por isso.

Se quisesse desenvolver esta idéia com seriedade, chegara a hora de fazer um dossiê.

Refletiu. Devia encontrar-se com Karen Weaver o mais rápido possível. E por que não nas Ilhas de Shetland? Um pouco complicado com os vôos, mas não seria um problema, já que a Statoil pagaria tudo.

Ele nem precisava ir tão longe.

Bastaria disponibilizarem um helicóptero.

Isso era bom! Um helicóptero de serviço. Um desses que ficava à disposição da diretoria. Nenhum desses ônibus de linha, mas algo rápido e confortável. Uma vez que Skaugen o recrutara à força, também precisava fazer alguma coisa por ele.

Johanson recostou-se. Olhou para o relógio. Dali a uma hora precisava dar aula e depois tinha um encontro marcado com colegas no laboratório para discutir uma análise de DNA.

Abriu uma nova pasta e escreveu como nome do arquivo:

O quinto dia.

Foi uma idéia espontânea, um pouco poética talvez, mas de fato não lhe ocorrera nada melhor. Segundo a Bíblia, no quinto dia Deus criara o mar e os seus seres viventes. E, nestes dias, o mar e os seus habitantes estavam causando muitos transtornos.

Começou a escrever.

A cada minuto, foi sentindo mais frio.

## **2 de maio**

### **VANCOUVER E ILHA DE VANCOUVER, CANADÁ**

Fazia 48 horas que King e Anawak analisavam essa seqüência.

Inicialmente, escuridão absoluta. Depois as oscilações de um forte impulso sonoro além do limite de audição humano. Três vezes.

Depois a nuvem.

Uma nuvem azul fosforescente que surgiu repentinamente no centro da imagem, como o universo em expansão. não era uma luz forte, era mais um azul crepuscular, uma claridade suave e

difusa, mas suficiente para reconhecer as silhuetas maciças dos animais à sua frente. A nuvem expandiu-se rapidamente. Devia ser enorme. Por fim, preencheu toda a imagem, e os animais permaneceram estáticos em frente, como possuídos.

Alguns segundos transcorreram.

Alguma coisa começou a mover-se no fundo da nuvem. De repente, algo atirou-se para fora como um raio ondulante com uma cauda pontuda. Tocou a lateral da cabeça de uma das baleias. Era Lucy. A descarga não levou um segundo. Outros raios fulminavam em direção a outros animais, um espetáculo como um temporal debaixo d'água que terminou tão rapidamente quanto começara.

A filmagem parecia correr para trás. A nuvem contraiu-se novamente. Ela sucumbiu e desapareceu, e a tela do computador ficou preta. A equipe de King retardou a seqüência e retardou-a novamente. Fizeram de tudo para otimizar o foco da imagem e extrair mais luz, mas, mesmo após horas de análise, o vídeo do passeio noturno continuava sendo o que era — uma incógnita.

Finalmente, Anawak e King elaboraram um relatório para o conselho de emergência. Obtiveram a autorização para chamar um biólogo de Nanaimo especializado em bioluminescência, que, passada a perplexidade inicial, chegara à mesma conclusão que eles. A nuvem e os raios de luz seriam de origem orgânica. O especialista em luminescência acreditava que os raios eram uma espécie de reação em cadeia dentro da nuvem, mas também não conseguia explicar como e por que eram formados. Sua forma ondulada e a ponta afinada faziam-no pensar em lulas, mas neste caso tratar-se-ia de um animal gigantesco, e, além disso, era pouco provável que uma lula gigante brilhasse. Mesmo que fosse o caso, não explicaria a nuvem e tampouco de onde vinham estes raios ondulados.

Havia somente uma coisa que todos compreenderam instintivamente: a nuvem devia ser a causa do comportamento anormal das baleias. Expressaram tudo isso no relatório, e o relatório desapareceu num buraco tão negro quanto a tela do computador após o apagamento da luz azul. "Buraco negro" era como tinham passado a chamar o conselho de emergência do

governo, que, como qualquer buraco negro, sugava tudo para dentro de si sem liberar nada. Inicialmente, o governo canadense quisera trabalhar com os pesquisadores. Desde que há poucos dias, os conselhos de emergência do Canadá e dos EUA passaram a operar oficialmente sob comando americano, aparentemente os pesquisadores eram usados para que se conseguissem certos resultados. O aquário, o instituto em Nanaimo, até mesmo a Universidade de Vancouver foram degradados a fornecedores aos quais nada se dizia além de que deveriam pesquisar e expor suas descobertas, suspeitas e dúvidas em relatórios. Terry King, Leon Anawak, Ed Byrne, Sue Oliviera, Ray Fenwick, nenhum deles recebia informação quanto à avaliação do input. Sequer ficavam sabendo o que o conselho de emergência achava daquilo. Eram privados do instrumento mais importante da sua pesquisa: a comparação com as descobertas de outros grupos de pesquisadores governamentais ou militares.

— E tudo isso — zangou-se King — desde que essa Judith Li assumiu o comando. Coordenadora dos conselhos de emergência. não faço a menor idéia do que esteja coordenando. Parece mais é que ela está ferrando com a gente.

Oliviera telefonou para Anawak.

— Seria de extrema valia se conseguíssemos mais daqueles mexilhões.

— Mas não estou conseguindo falar com ninguém na Inglewood — disse Anawak. — não estão falando comigo, e, oficialmente, Li disse que foi um erro de atracação. Os mexilhões não são citados em momento algum.

— Mas você esteve lá. Precisamos mais desse troço. E dessa substância orgânica ominosa. Por que estão nos evitando? Pensei que devêssemos ajudar!

— Por que você mesma não entra em contato com o conselho de emergência?

— Tudo passa pelo King. Eu não entendo isso, Leon. Para que servem esses conselhos de emergência?

Para que serviam? Qual a vantagem de os Estados Unidos e o Canadá formarem um conselho de emergência comum que depois

seja coordenado pela comandante-geral Li? O motivo era óbvio: ambos tinham os mesmos problemas. Para resolver, ambos dependiam de uma troca de informações superior e ambos jogaram o manto do sigilo sobre tudo. Talvez fosse necessário. Talvez trabalhar em segredo fosse da natureza de comitês de avaliação e conselhos de emergência. Quando um comitê de avaliação precisava resolver problemas comparáveis? membros permanentes de tais conselhos ocupavam-se com o terrorismo, com catástrofes de aviões e seqüestros, com crises políticas e militares, com quedas. Questão sigilosa, o que mais! Além disso, um conselho de emergência era convocado quando havia problemas com uma usina nuclear ou uma represa, quando florestas pegavam fogo ou rios transbordavam, quando a Terra tremia e vulcões entravam em erupção e quando havia fome. Questão sigilosa também? Talvez, mas para quê?

— As causas de erupções de vulcões e de terremotos são conhecidas — disse Shoemaker quando Anawak expressou o seu desgosto nesta manhã. — Você pode temer a Terra, mas não precisa desconfiar dela. Ela não trama golpes baixos nem tenta sacanear a gente. Só o homem faz isso.

Estavam os três tomando café no barco de Leon. O sol surgia entre nuvens altas, e a temperatura estava agradavelmente amena. Das montanhas soprava um leve vento em direção à costa. Podia ser um belo dia, mas ninguém tinha mais a percepção dos dias bonitos. Só Delaware continuava tendo um bom apetite, apesar de todos os problemas, e enfiava imensas quantidades de ovo mexido na boca.

— Ouviram falar do cargueiro de gás?

— Que explodiu em frente ao Japão? — Shoemaker sorveu o seu café. — Coisa do passado. Deu no noticiário.

Delaware balançou a cabeça.

— não estou falando desse. Ontem afundou mais um. Pegou fogo no porto de Bangkok.

— Sabe-se por quê?

— não. Estranho, não?

— Talvez tenha sido simplesmente uma falha técnica — opinou Anawak. não há fantasmas em tudo.

— Parece a Judith Li falando. — Shoemaker pôs a caneca na mesa, enfurecido. — Aliás, você tinha razão. Praticamente não se escreveu a respeito do Barrier Queen. Relataram basicamente sobre o rebocador naufragado.

Anawak não esperara nada diferente. O conselho de emergência deixava-os a ver navios. Talvez isso fizesse parte do jogo. Vire-se. Mas, se fosse assim, então começariam a se virar. Depois do acidente de avião, Delaware começara a pesquisar na internet. Já que os membros do conselho de emergência local não eram informados, o que se tornaria público nos outros países? Onde mais no mundo ocorreram ataques de baleias? Se é que ocorreram. Ou, como havia dito Winton Tippet, o taayii hawil dos tla-o-qui-aht:

Talvez as baleias nem sejam o problema, Leon. Talvez elas sejam apenas a parte do problema que nós vemos.

316

Aparentemente, Tippet acertara em cheio, se bem que Anawak tivesse ficado mais perdido ainda depois de Delaware apresentar-lhe os resultados da sua primeira pesquisa abrangente. Ela vasculhara as redes sul-americanas, alemãs, escandinavas, francesas e japonesas, surfara na Austrália. Aparentemente, em outros lugares também se faziam experiências igualmente embaraçosas com águas-vivas.

Águas-vivas? — Shoemaker começara a rir. — O que fazem? Saltam nos navios?

Num primeiro instante, Anawak também não reconhecera nenhuma relação. Que problema seria esse que se manifestava através de baleias e de águas-vivas? Possivelmente, as invasões de animais urticantes altamente venenosos e os ataques de baleias tinham pontos em comum que, à primeira vista, mantinham-se ocultos. Dois sintomas do mesmo problema. Uma acumulação das anomalias. Delaware encontrara uma declaração de pesquisadores costa-riquenhos com a suspeita de que os animais que estariam causando danos em frente à América do Sul não seriam caravelas,

mas uma espécie parecida e até então desconhecida, mais perigosa, mais mortal.

E isso ainda não era tudo.

— Por volta da mesma época em que começamos a ter problemas com baleias, desapareceram navios em frente à América do Sul e à África do Sul — resumiu Delaware. — Lanchas e saveiros. Foram encontrados alguns destroços, nada mais. Se juntarmos as peças...

— Teremos um monte de baleias — disse Shoemaker. — Por que não ficamos sabendo dessas coisas por aqui? O Canadá está fora do mundo?

— E que não nos interessamos muito pelos problemas de outros países — constatou Anawak. — Nem nós, e muito menos o governo dos Estados Unidos.

— De qualquer forma, houve mais acidentes com navios maiores — disse Delaware — do que ficamos sabendo pela mídia. Colisões, explosões, naufragos. E sabem o que também é estranho? Essa epidemia na França. Foi causada por umas algas encontradas em cavaquinhas, e agora um agente patológico está se espalhando com enorme rapidez, e não estão conseguindo controlá-lo. Acho que outros países também foram afetados. Mas quanto mais você pesquisa, mais confuso fica tudo isso.

De vez em quando, Anawak esfregava os olhos e pensava que estavam prestes a se tornarem ridículos. Não seriam os primeiros a adotar o xodó dos americanos, a teoria da conspiração. Havia teorias de que Bill Clinton fora um agente russo e muitas pessoas acreditavam em histórias de discos voadores. Tudo puro absurdo. Que interesse teria um governo em camuflar acontecimentos que diziam respeito a milhares de pessoas? Além do mais, parecia humanamente impossível manter algo assim em segredo.

Shoemaker também expressou seu ceticismo:

— Isto aqui não é Roswell. Não caíram homenzinhos verdes do céu, e em lugar algum há óvnis escondidos. Assistimos demais aos filmes do Harrison Ford. Todas essas histórias de conspiração só existem no cinema. Se hoje, em algum lugar, há baleias saltando

em navios, amanhã o mundo inteiro estará sabendo, e o que acontece em outros lugares você também saberá.

— Então preste atenção — disse Delaware. — Tofino tem 1.200 habitantes e é basicamente constituída por três ruas. Mesmo assim, é praticamente impossível que todos saibam dos outros o tempo inteiro. Certo?

— E daí?

— Uma única vila já é grande demais para você ficar sabendo de tudo. Quanto mais um planeta inteiro.

— Isso é trivial. A mente de um homem é um balde que transborda com facilidade.

— Quer dizer, o governo nem sempre pode segurar as notícias. Mas pode-se diminuir sua importância. Basta fazer com que as reportagens não sejam tão detalhadas. Isso é possível. E depois, de qualquer forma, a maior parte fica dentro do próprio país, e o resto você encontra nas notas marginais. Provavelmente, tudo que encontrei na internet até tenha sido relatado nos nossos jornais e na televisão, e nós simplesmente não ficamos sabendo.

Shoemaker apertou os olhos.

— Será? — perguntou, inseguro.

— Seja como for — decidiu Anawak —, precisamos de mais informações. — Mal-humorado, deu garfadas no seu ovo mexido e empurrou-o para fora do prato. — Quer dizer, temos algumas. Li tem algumas. Tenho certeza de que ela sabe muito mais do que nós.

— Então pergunte a ela — disse Shoemaker, Anawak ergueu as sobrancelhas.

— Li?

— E por que não? Se quiser saber de alguma coisa, vá perguntar. Tudo que pode acontecer é você levar um não e um soco nos dentes, mas, sinceramente, a sua situação nem tem como piorar.

Anawak calou-se e refletiu.

Não receberia informação alguma. King também não estava sendo informado, e ele perguntava insistentemente.

Por outro lado, a idéia de Shoemaker nem era tão ruim assim. Também era possível fazer perguntas sem que o indagado percebesse.

Talvez tenha chegado a hora de buscar as respostas.

Mais tarde, quando Shoemaker já havia ido embora, Delaware pôs uma edição do Vancouver Sun na mesa à sua frente.

— Estava esperando tom ir embora para mostrar-lhe isto aqui — disse. Anawak deu uma olhada na primeira página. Era uma edição da véspera. — Eu li.

— Tudo?

Não, só o relevante.

Delaware sorriu. Apesar de Anawak, nos últimos dias, não ter se mostrado gentil e atencioso, quanto menos bem-humorado, ela realmente era simpática com ele. Desde a sua conversa na estação, não perguntara mais pela sua procedência.

— Então leia o irrelevante.

Anawak virou o jornal. Imediatamente percebeu a que ela se referia. Era uma pequena notícia, somente algumas linhas. com uma foto de uma família feliz, pai, mãe e um garoto, que olhavam com gratidão para um homem alto. O pai apertava-lhe a mão, e todos riam para a câmera.

— Inacreditável — murmurou Anawak.

— Pode dizer o que quiser — disse Delaware. Seus olhos brilhavam. Hoje brilhavam por detrás de óculos com lentes amarelas e moldura enfeitada com pedras de strass. — Mas ele não parece ser tão filho-da-puta.

O pequeno Bill Sheckley, que no dia 1 de abril foi o último a ser salvo a bordo do navio Lady Wexham enquanto este afundava, voltou a sorrir. Hoje os seus pais, aliviados, buscaram-no no hospital em Victoria, onde ficara em observação por alguns dias. Bill teve uma grave hipotermia no dia do acidente e, por conseqüência, adquiriu pneumonia. Agora parece ter superado tanto a pneumonia quanto o choque. Hoje seus pais agradeceram principalmente a Jack "Greywolf" O'Bannon, um engajado protetor ambiental da ilha de Vancouver, que coordenou a operação de salvamento e, posteriormente, preocupou-se de forma comovente com a melhora

do pequeno Bill. O herói de Tofino, como O'Bannon é chamado desde então, pelo jeito não conquistou somente o coração do pequeno menino.

Anawak fechou o jornal e jogou-o na mesa do café-da-manhã.

— Shoemaker teria ficado louco — disse.

Por alguns instantes, ninguém disse nada. Anawak observou as nuvens movendo-se lentamente e tentou atizar o seu ódio por Greywolf, mas desta vez não conseguiu. Apenas sentia ódio das pessoas que dificultavam o seu trabalho e o de King, desta soldada arrogante e, por razões inexplicáveis, de si mesmo.

Na verdade, era dele próprio que sentia o maior ódio.

— O que vocês todos têm contra Greywolf? — perguntou Delaware finalmente.

— Você viu o que ele fez.

— Daquela vez em que jogaram peixes? Tudo bem, foi complicado. Ele exagera. Pode dar a impressão de estar defendendo um interesse.

— O interesse de Greywolf é armar confusão. — Anawak esfregou os olhos. Manhã cedo ainda, e já se sentia novamente cansado e fraco.

— não me entenda errado — disse Delaware cautelosamente. — Mas esse homem me tirou da água quando eu já achava que chegara o fim da pequena Licia. Há dois dias saí a sua procura. Ele não estava em casa. Estava sentado no balcão de um bar em Ucluelet, então fui até lá e... Bem, como já disse: eu agradei.

— E? — disse Anawak sem ânimo. — O que ele disse?

— Ele não esperava.

, Anawak olhou para ela.

— Ficou bastante surpreso — prosseguiu Delaware. — E contente. E depois perguntou por você.

— Por mim?

— Sabe o que eu acho? — Ela cruzou os braços sobre a mesa. — Eu acho que ele tem poucos amigos.

— Talvez ele devesse se perguntar por quê.

— E que gosta de você.

— Licia, pare com isso. Aonde quer chegar? Quer que eu chore e o declare um santo?

— Apenas me fale um pouco dele.

» Meu Deus, por quê?, pensou Anawak. Por que logo eu devo falar sobre Greywolf? não podemos falar de algo legal? Algo legal e agradável, por exemplo... Ele refletiu. não teve idéia alguma.

— Fomos amigos um dia — disse rapidamente.

Esperava ver Delaware saltar e dar um grito triunfante: "Ah, peguei o bobo, eu sabia!", mas ela limitou-se a assentir com a cabeça.

— Ele se chama Jack O'Bannon e vem de Port Townsend. Fica no estado de Washington. Seu pai é irlandês e casou-se com uma meia-índia, uma suquaniish, eu acho. De qualquer forma, Jack fez de tudo nos Estados Unidos, foi segurança motorista de caminhão, artista publicitário e guarda-costas e, finalmente, mergulhador dos SEALS da Marinha Americana. Lá descobriu a sua vocação. Treinador de golfinhos. Era bom nisso, mas então diagnosticaram um problema no seu coração. Nada demais, mas os SEALS são duros na queda. Jack se dava bem lá dentro, tinha uma estante cheia de prêmios em casa, mas foi o fim da sua carreira na Marinha.

— O que o trouxe para o Canadá?

Jack sempre foi apaixonado pelo Canadá. No começo tentou arranjar a coisa na indústria cinematográfica de Vancouver. Acreditava que, com o seu corpo e o seu rosto, talvez pudesse ser ator, mas Jack não tem talento algum. Na verdade, nada dava certo para ele porque sempre perdia a paciência de uma hora para a outra e volta e meia batia em alguém a ponto da pessoa ir parar no hospital.

— Oh — fez Delaware. Anawak mostrou os dentes.

— Sinto muito por estar arranhando o seu monumento. não fui eu quem insistiu.

— Tudo bem. E depois?

— Depois? — Anawak serviu-se de suco de laranja. — Depois foi parar na cadeia. Só por pouco tempo, afinal não enganou nem passou a perna em ninguém. Foi o seu temperamento explosivo que o fez parar lá. Quando saiu, as coisas naturalmente tornaram-se bem mais difíceis para ele. Neste meio tempo, ele havia lido livros sobre proteção ambiental e baleias, e decidiu que agora seria por aí. E por que não? Então procurou Davie, que ele conhecera num passeio para Ucluelet, e perguntou-lhe se não estaria precisando de mais um skipper, e Davie disse, se não nos causar problemas, claro, com prazer, a qualquer hora! — Jack pode ser bem encantador, quando quer.

Delaware acenou a cabeça.

— Mas não foi encantador.

— Por um período, foi. De repente as mulheres começaram a nos procurar. Tudo correu bem, até o dia em que ele acabou batendo em alguém.

— não me diga que num dos clientes?

— Justamente.

— Minha nossa.

— Pois é. Davie queria demiti-lo. Fiz a cabeça dele para dar uma segunda chance ao Jack. então nãoo mandamos embora. Mas o que fez o idiota? — Lá estava ele novamente, o ódio por Greywolf. — Três semanas depois, a mesma cena. Então Davie foi obrigado a mandá-lo embora. O que você teria feito?

— Eu acho que já o teria demitido na primeira vez — disse Delaware Baixinho.

— Ao menos quanto ao seu futuro não preciso me preocupar — brincou Anawak. — Em todo caso, se você se empenha por alguém, e essa pessoa agradece dessa forma, toda a simpatia chega ao fim.

Bebeu o suco de laranja de uma vez, engasgou-se e tossiu. Delaware esticou

o braço e deu-lhe uns tapinhas nas costas.

— Depois ele pirou de vez — disse, ofegante. — Jack tem um segundo problema, um problema com a realidade. Na sua frustração, certo dia parece ter baixado nele o grande Manitu

dizendo, a partir de hoje você se chamará Greywolf e protegerá as baleias e tudo que se move por aí, quanta tolice! Vá e lute. Naturalmente estava revoltado conosco, então enfiou na cabeça que precisava lutar contra nós, e, como se não bastasse, acredita que eu estou do lado errado e que apenas não percebi ainda. — Anawak ficou cada vez mais furioso. Seu ódio tomou proporções imensuráveis. — Ele está confundindo tudo. não tem a menor noção de proteção ambiental e dos índios, aos quais ele tanto acredita pertencer. Os índios morrem de rir dele. Você esteve na casa dele? Ah, não, você o encontrou no barzinho. Cheio de cafonices indígenas, aquele barraco. É. Eles morrem de rir, com exceção daqueles que também não estão com nada, adolescentes desocupados, recusadores de trabalho, encrenqueiros e bêbados. Estes o adoram, e também aquele monte de hippies e surfistas envelhecidos que não suportam que os turistas os vejam sem fazer nada, o idolatram, antigos acampadores selvagens que agora não podem mais cagar e largar o seu lixo em qualquer lugar. Greywolf uniu o que há de ruim em duas culturas, anarquistas e perdedores, hippies, neo-ativistas contra a autoridade pública, militantes ecológicos expulsos do Greenpeace por deturparem sua imagem, índios que não são bem-vistos sequer pelas suas tribos, corja criminosa. A maioria desses bandidos não liga a mínima para as baleias, eles querem fazer um pouco de bagunça e chamar a atenção, mas Jack não percebe isso e acredita seriamente que os seus Seaguards são uma organização ambiental. Ele financia essa turma, imagine você, trabalhando como cortador de lenha e guia turístico especializado em ursos e morando num barraco que você não daria nem a um cachorro! Isso é uma merda! Por que ele permite que todos gozem da sua cara? Por que alguém como Jack transforma-se numa figura trágica, hein? Esse grande filho-da-puta! Pode me explicar?

Anawak deteve-se e inspirou profundamente. Lá no alto uma ave marinha gritou.

Delaware passou manteiga numa fatia de pão, lambuzou com geléia e enfiou-o na boca.

— Que bom — disse. — Vejo que você ainda gosta dele.

O nome Ucluelet vem do idioma nootka e significa “porto seguro”. Assim como Tofino, Ucluelet está naturalmente protegida por uma enseada, e, ao longo dos anos, a pequena vila de pescadores também se tornou um pitoresco atrativo para observadores de baleias, com casas de madeira belamente pintadas, barezinhos acolhedores e restaurantes.

A casa de Greywolf ficava numa área menos apresentável de Ucluelet. Seguindo uma trilha coberta por raízes, afastada da rua principal, após algumas centenas de metros chegava-se a uma clareira rodeada por gigantescas árvores velhas. A casa, um barraco pobre com curral vazio em anexo, ficava bem no meio dela. Não se via da vila. Era necessário conhecer o caminho.

Ninguém além do único morador do barraco sabia melhor que ele era tudo, menos confortável. Desde que o tempo deixasse — e, para Greywolf, tempo ruim começava entre um tornado e o fim do mundo —, ele permanecia fora de casa, passeava pelas florestas, levava os turistas até os ursos negros e fazia qualquer tipo de trabalho temporário. A probabilidade de encontrá-lo aqui era quase zero, mesmo à noite. Ou dormia ao ar livre ou nos quartos de turistas sedentas por aventuras, convictas de terem conquistado o nobre selvagem.

Anawak chegou em Ucluelet no começo da tarde. Planejava ir para Nanaimo e, de lá, pegar a balsa para Vancouver. Por diversas razões, desta vez desistiu de pegar o helicóptero. Shoemaker, que se encontraria com Davie em Ucluelet, oferecera-lhe uma carona, dando a Anawak o pretexto ideal para fazer uma parada ali. Nos últimos dias, Davie pensara muito sobre longos passeios de aventura: se não é mais possível oferecer duas horas no mar, ofereça uma semana decente em terra. Anawak não quis participar da conversa em que Davie e Shoemaker deliberariam sobre a reestruturação da empresa. Sentia que o seu tempo na ilha de Vancouver estava se esgotando, independentemente do rumo que as coisas tomariam. O que realmente o prendia lá? O que restava após a suspensão da observação de baleias? Uma paralisia, disfarçada pelo seu amor pela ilha e desagradavelmente simbolizada pelo seu joelho dolorido.

Insensatez.

Passara anos da sua vida distraído-se. Tudo bem, conquistara o título de doutor e reconhecimento. Mesmo assim, perdera esse tempo. Simplesmente não viver corretamente era uma coisa, agora enfrentar a morte cara a cara era algo totalmente diferente e, nas últimas semanas, quase morrera por duas vezes. Desde a queda do hidroavião tudo mudara. Anawak sentia-se profundamente ameaçado. Um perseguidor de tempos perdidos farejara o seu medo e o reencontrara. Um fantasma gelado que estava lhe dando a última chance de consertar a própria vida e reservava-lhe solidão e miséria, caso ele falhasse. A mensagem era nítida demais:

Quebre o círculo. O bom e velho ditado dos psicólogos.

O caminho de Anawak levou-o à trilha coberta de raízes acima, como por acaso e sem pressa. Caminhara ao longo da rua principal e entrara na trilha no último segundo, como se a idéia lhe tivesse ocorrido repentinamente. Agora estava na clareira em frente à pequena e feia casa e perguntava-se que diabos estava fazendo ali. Subiu os poucos degraus até a varanda velha e bateu à porta.

Greywolf não estava em casa.

Contornou-a algumas vezes. De certa forma, estava decepcionado. Naturalmente era de esperar que não encontraria ninguém em casa. Pensou se deveria simplesmente ir embora. Talvez fosse bom. Afinal, pelo menos fizera uma tentativa, mesmo que frustrada.

Entretanto não foi embora. De repente vagou na sua cabeça a imagem de uma pessoa com dor de dente que tocava a campainha do dentista e ia embora somente pelo fato de a porta não se abrir imediatamente.

Seus passos levaram-no de volta à porta de entrada. Esticou o braço e girou a maçaneta. A porta rangeu baixinho ao abrir-se para dentro. Nesta região era comum as pessoas deixarem as portas de suas casas abertas. Uma lembrança invadiu-o friamente. Em outro lugar também se vivia assim. Vivera-se assim. Por um instante deteve-se, indeciso, para depois entrar, hesitante.

Fazia muito tempo que não vinha para cá. Por isso mesmo ficou surpreso com o que viu. Lembrava-se de Greywolf vivendo num caos imundo. Ao contrário, Anawak avistou um cômodo de decoração simples, porém acolhedora, com máscaras e tapetes indígenas pendurados na parede. Em volta de uma mesa de madeira baixinha havia cadeiras trançadas e pintadas. Mantas indígenas enfeitavam um sofá. Havia duas estantes repletas de utensílios de uso diário e de chocalhos de madeira como os que os nootka utilizavam em suas cerimônias e cantos rituais. Anawak não viu nenhuma televisão. Duas bocas de fogão demonstravam que o cômodo também era usado como cozinha. Um corredor levava ao quarto em que Greywolf dormia, como lembrou-se Anawak.

Por um instante, ficou tentado a dar uma olhada. Continuava perguntando-se o que estava fazendo lá. Esta casa era como um túnel do tempo. Jogava-o de volta no tempo mais do que queria.

Seu olhar ficou preso numa grande máscara. Ela parecia ter uma visão geral do cômodo.

A máscara olhava para ele.

Aproximou-se. Muitas máscaras indígenas que representavam rostos exploravam as características num exagero simbólico — olhos gigantescos, sobrancelhas exageradamente arqueadas, narizes aquilinos em forma de bico. Esta era a cópia fiel de um semblante humano. Mostrava a face tranqüila de um jovem de nariz reto, lábios carnudos e arqueados e testa alta e lisa. Os cabelos pareciam grudados, mas, ao que parecia, eram de verdade. Desconsiderando que as pupilas eram recortadas para possibilitar que o usuário da máscara visse através dela, os olhos com os seus globos oculares pintados de branco pareciam surpreendentemente verdadeiros. Olhavam com tranqüilidade e seriedade, quase em transe.

Anawak permaneceu imóvel diante da máscara. Conhecia máscaras indígenas aos montes. As tribos confeccionavam-nas de cedro, casca e couro. Podia-se comprá-las, eram parte do repertório permanente da oferta turística. Esta aqui era totalmente diferente. Uma máscara dessas não se encontrava em lojas turísticas.

— É dos pacheedaht.

Virou-se rapidamente. Greywolf estava atrás dele.

— Para um índio-faz-de-conta você é bom nessa coisa de se aproximar sorrateiro.

— Obrigado. — Greywolf riu. não parecia nem um pouco aborrecido com o intruso. — Eu já não posso fazer o mesmo elogio. Para um índio de verdade, você é um trouxa. Eu poderia ter acabado com você sem que sequer percebesse.

— Há quanto tempo está atrás de mim?

— Acabei de entrar. não faço joguinhos, na realidade deveria saber disso. — Greywolf recuou um passo e observou Leon, como se apenas agora tivesse caído em si e lembrado de que não o havia convidado. — Aliás, o que está fazendo aqui?

Boa pergunta, pensou Anawak, Instintivamente virou-se para a máscara, como se ela pudesse substituí-lo na conversa,

— Você disse que é dos pacheedaht...

— Está por fora, para variar, não é? — Greywolf suspirou e balançou a cabeça numa atitude indulgente. Ondas brilhantes percorriam-lhe o cabelo comprido. — Os pacheedaht...

— Sei quem são os pacheedaht — disse Anawak, aborrecido. O território da pequena tribo nootka ficava ao sul da ilha de Vancouver, acima de Victoria. — Interessei-me pela máscara. Parece velha. Diferente dessas porcarias que se vendem aos turistas.

— É uma réplica. — Greywolf foi para o seu lado. Em vez do traje de couro sebento, vestia jeans e uma camisa desbotada com restos de desenho quadriculado. Passou os dedos sobre os contornos do rosto de cedro. — É a máscara de um antepassado. O original está com a família Queesto no seu huupuKanum. Quer que eu explique o que é um huupuKanum?

Não. — Anawak conhecia a palavra, mas de fato não sabia exatamente o que significava. Algum ritual. — Um presente?

Eu mesmo a fiz — disse Greywolf. Afastou-se e foi em direção aos sofás.

— Quer beber alguma coisa? Anawak fitou a máscara.

— Você...

U

— Esculpi um monte de troços ultimamente. Nova paixão. Os Queestc não se opuseram à cópia da máscara. Quer beber alguma coisa ou não?

Anawak virou-se.

— não.

Hum. Por que veio aqui?

— Queria agradecer a você.

Greywolf ergueu as sobrancelhas. Sentou-se no canto do sofá e permaneceu ali como um animal pronto para o ataque.

— Por quê?

— Devo-lhe minha vida.

— Oh!, isso. Cheguei a pensar que você nem tivesse percebido. — Greywolf encolheu os ombros. — Por nada. Mais alguma coisa?

Anawak ficou de pé, sem saber o que fazer. Esquivara-se desta cena durante semanas, e agora passou. Obrigado, de nada. Na realidade, já podia ir. Já cumprira a sua obrigação.

— O que tem para beber? — acabou perguntando.

— Cerveja gelada e Coca-Cola. A geladeira entregou os pontos na semana passada. Foi complicado, mas agora voltou a funcionar.

— Está bem. Coca-Cola.

De repente Anawak percebeu que o gigante parecia inseguro. Greywolf observava-o como se não soubesse o que fazer. Apontou para a pequena geladeira ao lado do fogão improvisado.

— Sirva-se. Para mim, uma cerveja.

Anawak acenou a cabeça. Abriu a geladeira e retirou duas latinhas. Pouco à vontade, sentou-se diante de Greywolf numa das poltronas de vime, e beberam. Durante algum tempo, ninguém disse nada.

— E de resto, Leon?

— Eu... — Anawak virou a lata de um lado para o outro. E então colocou-a na mesa. — Escute, Jack, estou falando sério. Eu já deveria ter vindo há muito tempo. Você me tirou da água e... Bem, eu acredito que saiba o que acho das suas ações e a sua hipocrisia

indígena. não posso negar que senti muita raiva de você. Mas são duas histórias diferentes. não fosse você, algumas pessoas não estariam mais vivas. Isso é muito mais importante e... foi o que vim dizer. Já o estão chamando de herói de Tofino, e acredito que, de certa forma, isso corresponde a verdade.

— Está falando sério?

— Estou.

Novamente passaram-se alguns instantes em silêncio.

— O que você considera hipocrisia indígena, Leon, é algo em que acredito. Quer que eu explique?

Em outras circunstâncias, a conversa teria chegado ao fim neste ponto. Anawak teria se retirado, aborrecido, Greywolf teria gritado alguma coisa ofensiva atrás dele. não, estava sendo injusto. Anawak teria se retirado e sido o primeiro a dizer alguma ofensa.

— Está bem. — Suspirou. — Explique. Greywolf fitou-o longamente.

— Há um povo ao qual pertencço. Eu o escolhi para mim.

— Ah, legal. Você escolheu um povo para você.

— Isso.

— E? Eles também o escolheram?

— não sei.

— Você anda por aí como a versão carnavalesca do seu povo, se me permite dizer. Como um personagem de um banguê-banguê ruim. O que o seu povo acha disso? Acredita que esteja fazendo um favor a ele?

— não é meu dever fazer favores a ninguém.

— É, sim. Se desejar fazer parte de um povo, assume responsabilidade por ele. É assim que funciona.

— Eles me aceitam. não quero mais do que isso.

— Eles riem de você, Jack! — Anawak inclinou-se para a frente. — Será que você não entende? Você reuniu um monte de perdedores à sua volta. Possivelmente alguns até sejam índios, mas são pessoas com quem nem o próprio povo quer ter contato. Ninguém entende isso. Eu também não compreendo. Você não é índio, somente 25% do seu sangue é indígena. O resto é branco e,

como se não bastasse, irlandês. Por que não se sente parte dos irlandeses? Ao menos o nome estaria certo.

— Porque não quero — disse Greywolf calmamente.

— Nenhum índio anda mais por aí com um nome como o que você adotou.

— Eu, sim.

Trivial, pensou Anawak. Você veio para agradecer, você agradeceu, todo o restante é supérfluo. O que continua fazendo aqui? Devia ir embora. Mas não foi.

— Está bem, então me explique o seguinte: Se faz tanta questão de ser aceite pelo seu povo, então por que, para variar, não procura ser autêntico?

— Assim como você? Anawak recuou.

— Deixe-me fora dessa.

— Para quê? — rosnou Greywolf, agressivo. — não entendo por que devo levar a surra que na realidade é destinada a você.

— Porque eu estou dando ela agora!

De repente sentiu o ódio voltar a crescer dentro de si, maior do que nunca. Mas desta vez não queria levá-lo de volta para casa como sempre fazia, trancando-o dentro de si para que pudessem formar-se tumores. Era tarde demais. não tinha volta. Precisaria enfrentar a si próprio, e sabia o que isso significava. Com a vitória sobre Greywolf, estaria buscando a própria derrota.

Greywolf olhou para ele com as sobrancelhas baixas.

— Você não veio para agradecer, Leon,

— Vim, sim.

— Acredita? É, você realmente acredita. Mas veio por outro motivo. — Puxou os cantos da boca para trás com ar de ironia e cruzou os braços. — Então, diga logo. O que tem para dizer de importante?

— Somente uma coisa, Jack. Pode chamar-se de Greywolf mil vezes, você continua sendo o que é. Existem regras pelas quais os índios antigamente chegavam aos seus nomes, e nenhuma delas aplica-se a você. Tem uma bela máscara pendurada aí, mas não é original. É uma falsificação, tão falsa quanto o seu nome. E tem mais, sua organização de proteção ambiental imbecil, outra

falsificação. — De repente disse coisas que nem quisera falar. não hoje. não viera para xingar Greywolf, mas não conseguiu evitar que acontecesse. — Convive com mandriões e malandros que desejam obter conforto à sua custa. não percebe? não está alcançando nada. Sua idéia de proteger as baleias é infantil. Povo nomeado, tolice. Seu povo nomeado jamais compreenderá as suas maluquices.

— Se é você quem está falando.

— Sabe perfeitamente que o seu povo nomeado voltou a caçar baleias. Você quer impedir isso. Honroso, mas aparentemente não prestou atenção ao seu próprio povo. Está se colocando contra aqueles que você aparentemente...

— Besteira, Leon. Entre os makah há inúmeras pessoas que compartilham a minha opinião.

— Sim, mas...

— Os anciãos da tribo, Leon! Nem todos os índios acreditam que um grupo étnico deveria expressar a sua cultura através de rituais de matanças. Dizem que os makah também são parte da sociedade do século XXI como qualquer outro habitante de Washington.

— Conheço esse argumento — defendeu-se Anawak, depreciativo. — não é seu, nem de nenhum ancião de uma tribo, mas de um resumo da Sea Shepherd Conservation Society, uma sociedade de protetores de animais, palavra por palavra.

Você nem tem argumentos próprios, Jack. Meu Deus, inacreditável. Falsifica até seus argumentos!

— não é verdade, eu...

— Além do mais — interrompeu-o Anawak —, é mais do que ridículo atacar justamente a Davies.

— Ah! Estamos chegando ao assunto. Foi por isso que veio.

— Você mesmo já foi um de nós, Jack. não aprendeu nada? Foi a observação das baleias que conscientizou as pessoas de que as baleias e os golfinhos são mais valiosos vivos do que mortos. Chamou a atenção do mundo para um problema que nunca se teria tornado tão evidente de outra forma. Observação de baleias é proteção ambiental! Atualmente, quase dez milhões de pessoas saem para o mar todos os anos para terem a experiência de como

essas criaturas são maravilhosas. A resistência contra a caça baleeira está crescendo até no Japão e na Noruega devido a essa possibilidade que oferecemos às pessoas. Entende isso, percebe? Dez milhões de pessoas que, de outro modo, veriam as baleias apenas na televisão. Quando muito! Nosso trabalho científico, que nos permite proteger as baleias em seu habitat natural, nunca se teria tornado possível sem a observação de baleias.

— Blargh!

— Então por que nós? Por que ataca justamente a nós? Porque foi despedido naquela época?

— não fui despedido. Fui embora!

— Foi despedido! — gritou Anawak. — Mandado embora, demitido, dispensado! Você pisou na bola, e Davie o colocou no olho da rua. Sua maldita pequena consciência não suportou isso, assim como Jack O'Bannon não suporta que lhe cortem o cabelo ou lhe tirem as roupas de couro e o nome ridículo. Toda a sua ideologia baseia-se em mal-entendidos e falsificações, Jack. Tudo em você é falso. Você é um zero à esquerda, um nada. Você só faz merda! Prejudica a proteção ambiental, prejudica os nootka, não está em casa em lugar algum, não tem lar, não é irlandês e nem índio, este é o seu maldito problema, e eu fico doente de ficar discutindo isso com você, como se não tivéssemos outros problemas!

— Leon — disse Greywolf com os lábios finos.

— Fico louco de ver você assim. Greywolf levantou-se.

— Leon, cale a boca. Basta.

— Ainda está longe de bastar. Diabos, você poderia fazer tantas coisas razoáveis, é uma montanha de músculos, também não é burro, então por que...

— Leon, cale a sua boca de uma vez por todas!

Greywolf contornou a mesa em sua direção em passos largos, com as mãos em punho. Anawak ergueu o olhar para ele. Perguntou-se se o primeiro soco já o

levaria ao mundo dos sonhos. Naquela ocasião Greywolf quebrara a mandíbula do turista. Certamente a sua maldita língua lhe custariam alguns dentes.

Mas Greywolf não bateu nele. Em vez disso, fincou as duas mãos no encosto da cadeira de Anawak e inclinou-se sobre ele.

— Quer saber por que escolhi esta vida? Quer realmente saber? Anawak fitou-o.

— Mande ver.

—não, na realidade não quer, seu pequeno filho-da-puta presunçoso.

— Quero, sim. Mas vocês não tem nada para dizer.

— Seu... — Greywolf rangeu os dentes. — Maldito idiota. É verdade, também sou irlandês, mas nunca estive na Irlanda. Minha mãe é metade suquamish. Nunca fora verdadeiramente aceita pelos brancos, nem pelos índios, então casou-se com um imigrante que também nunca fora aceito por ninguém.

— Comovente. Já me contou isso uma vez. Conte alguma novidade.

—não, simplesmente vou dizer a verdade, e você vai fazer o favor de prestar atenção! Tem razão, não me tornarei um índio se ficar andando por aí como se fosse um. Mas também não me tornaria um irlandês se começasse a encher a cara com litros de Guinness, e muito menos um americano branco normal só porque também temos um pouco disso na nossa família. não sou autêntico. não faço parte de nada. E sabe de uma coisa? Eu— não-posso-mudar-isso!

Seus olhos fulminavam.

— Você apenas precisaria mover o seu traseiro e poderia mudar alguma coisa. Você apenas precisaria mudar o rumo da sua história. Eu nunca tive a possibilidade de reverter a minha história.

— Tolice!

— Ah, claro, eu poderia ter-me comportado e estudado alguma coisa útil. Vivemos numa sociedade aberta. Ninguém pergunta pelas suas origens se você tiver sucesso, mas eu não tive. Há multiétnicos que levaram o que há de melhor de todos os mundos. Esses se sentem em casa em qualquer lugar. Meus pais são pessoas simples, inseguras. Nunca souberam passar algo como autoconsciência e sensação de pertencimento ao seu filho. Sentiam-se desenraizados e incompreendidos, e eu levei o que há de pior de

todos os mundos. Tudo deu errado, e a única coisa que deu certo também deu errado.

— Ah, sim. A Marinha. Os seus golfinhos. Greywolf assentiu com a cabeça, furioso.

— Eu gostava da Marinha. Fui o melhor treinador que eles já tiveram, e lá ninguém fez perguntas idiotas. Mas bastou eu sair para que começasse. Minha mãe enlouquecia o meu pai com tradições indígenas, ou ele a ela com as suas intermináveis saudades de Mayo. Cada um tentava afirmar-se de alguma forma.

Acredito que nem queriam ter orgulho de ser de algum lugar, simplesmente queriam vir de algum lugar e dizer fuck!, não sou um bastardo! Esta é a minha terra natal, ei, aqui é a minha casa.

— Esses eram os problemas deles. não precisaria tê-los tornado seus.

— Ah,é?

— Poxa, Jack! Está diante de mim como uma porta e diz ter-se traumatizado tanto com os conflitos dos seus pais que não consegue fazer nada direito? — bufou Anawak, furioso. — Que diferença faz ser índio, meio-índio ou qualquer outra coisa? Ninguém além de nós mesmos é responsável pela nossa pátria interior, nem os nossos pais, ninguém.

Surpreso, Greywolf calou-se. E então seus olhos ganharam um ar vingativo, e Anawak deu-se conta de que acabara de perder. Tinha de acontecer.

— Estamos falando de quem aqui? — perguntou Greywolf, com um sorriso malicioso.

Anawak permaneceu calado. Desviou o olhar para o lado.

Greywolf ergueu-se lentamente. O sorriso desapareceu de sua face. De repente, pareceu desgastado e cansado. Aproximou-se da máscara e parou em frente a ela.

— Está bem, talvez eu seja um idiota — disse baixinho.

—não ligue, não. — Anawak esfregou os olhos. — Somos ambos idiotas.

— Você é o maior de nós dois. Esta máscara aqui é do huupuKanum do Chief Jones. não faz idéia do que seja, não é? Vou

Ihe dizer. Um huupuKanum é uma caixa. Um depósito de máscaras e adornos de cabeça, objetos cerimoniais etc. Mas não é tudo. O huupuKanum contém os direitos herdados dos hawish e dos chaachaahat, os chiefs. O huupuKanum documenta o seu território, a sua identidade histórica, os seus direitos herdados. Diz aos outros quem você é e de onde você vem. — Ele virou-se. — Alguém como eu nunca poderia obter um huupuKanum, Você, sim. Você poderia sentir orgulho. Mas nega tudo o que é e de onde vem. Eu devo ser responsável pelo povo ao qual me sinto pertencente. Você pertence a um povo e o abandonou! Acusa-me de não ser autêntico. Nunca pude ser, mas luto por um pouco de autenticidade. Você, entretanto, é autêntico. Mas não quer ser o que é, e não é o que quer ser. Você me diz que pareço vir de um filme de banguê-banguê ruim, mas ao menos aderi a alguma forma de vida. Agora você já estremece quando simplesmente Ihe perguntam se é um makah.

— Como sabe...? — Delaware. Claro. Ela estivera aqui.

— não a culpe — disse Greywolf. — Ela não teve coragem de Ihe perguntar uma segunda vez.

— O que contou a ela?

— Nada. Seu maldito covarde. Quer me falar algo sobre responsabilidade? Vem até aqui e ousa vir com essa merda de que os pais não são responsáveis pela sua pátria interior, mas apenas você mesmo? Logo você? Leon, talvez eu leve uma vida ridícula, mas você... você já morreu.

Anawak ficou sentado, pensando sobre as últimas palavras.

— E — disse lentamente. — Tem razão.

— Eu tenho razão? Anawak levantou-se.

— Tem. Mais uma vez, obrigado por me salvar. Você tem razão.

— Ei, espere. — Greywolf piscou nervosamente. — O que... o que pretende fazer agora?

— Vou embora.

— Ah, é? Hum. Pois então, Leon, eu... Quando disse que já estaria morto, não quis dizer que... Poxa, não queria magoá-lo, eu... Diabos, não fique aí parado, sente-se novamente.

— Para quê?

— A sua... sua Coca-Cola! não terminou de beber.

Anawak encolheu os ombros, resignado. Sentou-se novamente, pegou a lata e bebeu. Greywolf observou-o, foi em sua direção e sentou-se novamente no sofá.

— Aliás, o que houve com esse garotinho? — perguntou Anawak. — Parece ter-se afeiçoado muito a você.

— O que tiramos do navio? -É.

— O que acha? Estava assustado. Eu dei atenção a ele.

— Do nada?

— Claro. Anawak sorriu.

— Achei que você queria ir para o jornal a todo custo.

Por um instante Greywolf pareceu aborrecido. Depois sorriu de volta.

— Claro que quis aparecer no jornal. Achei legal estar no jornal. Uma coisa não exclui a outra.

— O herói de Tofino.

— E daí? Foi ótimo ser o herói de Tofino! Pessoas absolutamente desconhecidas me cumprimentavam. Nem todo mundo fica famoso através de testes revolucionários com mamíferos marinhos. A gente pega o que recebe.

Anawak tomou o último resto da sua lata.

— E como vai a sua... digo, organização?

— Os Seaguards?

— Isso.

— Fim de linha. Depois da metade ter morrido no ataque de baleias, a outra metade perdeu-se no vento.

Greywolf franziu a testa. Parecia prestar atenção a uma voz interior. E então olhou novamente para Anawak.

— Leon, sabe qual é o problema da nossa era? As pessoas estão perdendo o seu valor. Qualquer um é substituível. não há mais ideais, e sem ideais não há nada que nos torne maior do que somos. Cada um procura desesperadamente pela comprovação de que o mundo torna-se um pouco diferente com a sua presença. Eu fiz algo por aquele garoto. Talvez tenha sido importante. Talvez me valorize um pouco mais.

Lentamente, Anawak balançou a cabeça.

— E, certamente.

## **PORTO, VANCOUVER**

Algumas horas após a visita a Greywolf, Anawak observava o píer na luz do dia esvanescente.

Nem uma alma viva.

Igualmente a todos os grandes portos, Vancouver Harbour também era um cosmo independente de dimensões impressionantes, no qual aparentemente não faltava nada — exceto a organização.

Atrás dele encontravam-se as montanhas empilhadas e quadradas do porto de contêineres, mergulhado em cores surreais. Os guindastes dos bombeiros destacavam-se do crepúsculo azul-prateado. As silhuetas de navios de automóveis erguiam-se como gigantescas caixas de sapato, entre eles navios de contêineres, cargueiros e elegantes navios frigoríficos brancos. A direita de Anawak, enfileiravam-se os galpões. Um pouco mais adiante avistou mangueiras, chapas de ferro e peças hidráulicas sobrepostas. Aqui começavam as docas secas em larga extensão e lá fora ficavam as docas flutuantes. Uma brisa trouxe cheiro de tinta.

Parecia estar próximo.

Estaria perdido sem carro aqui. Anawak precisara perguntar a algumas pessoas e, por um bom tempo, perguntara errado, porque não podia citar o objeto da sua busca. Descreveram-lhe o local das docas flutuantes, porque ele pressupôs que o encontraria ali. No porto de Vancouver havia docas de todos os tamanhos, até a segunda maior doca flutuante do mundo, que suportava mais de Cinquenta mil toneladas. Mas, para sua surpresa, quando foi obrigado a ser mais

concreto, enviaram-no para as docas secas, aqueles diques artificiais vedados através de comportas para depois bombear-se a água para fora. Depois de perder-se duas vezes, finalmente chegou aonde queria. Estacionou o carro na sombra de um longo prédio de escritórios, jogou a mochila lotada sobre os ombros e caminhou ao

longo da grade que circundava a área interdita até encontrar um portão deslizante ligeiramente aberto. Lá, atravessou para o lado de dentro.

À sua frente havia uma área calçada com paralelepípedos e barracos nas laterais. Por detrás, as estruturas de um gigantesco navio pareciam crescer diretamente do chão. Era o Barrier Queen. Encontrava-se numa bacia de uns 250 metros de comprimento. De ambos os lados erguiam-se guindastes sobre trilhos. O terreno era iluminado por faróis potentes. Não havia ninguém por perto.

Enquanto inspecionava minuciosamente o local iluminado, perguntava-se se a empreitada não seria precipitada demais. O navio estava no seco há semanas. Provavelmente retirara-se a cobertura do casco, com tudo o que se escondia lá dentro. Eventuais restos em fendas e rachaduras já teriam ressecado há muito tempo. Portanto não restaria nada daquele troço nos mexilhões. Na realidade, Anawak não sabia ao certo o que uma segunda inspeção do Barrier Queen poderia revelar. Estava apostando na sorte, uma vaga esperança. Caso encontrasse alguma coisa que pudesse ser útil para Nanaimo, levaria consigo. Do contrário, teria sacrificado uma noite à aventura.

O troço do casco.

Era pequeno, no máximo do tamanho de uma arraia ou um polvo. O organismo emitira um raio de luz. Diversos habitantes do mar faziam isso, moluscos, medusas, peixes oceânicos. Entretanto Anawak estava convicto de ter visto novamente esses raios de luz ao observar as gravações do URA com King. A nuvem brilhante era muito maior do que o troço, mas o que acontecia dentro dela lembrou-o de forma surpreendente da sua experiência sob o casco do Barrier Queen. Caso realmente se tratasse da mesma espécie, as coisas estavam tornando-se realmente interessantes. Porque a coisa dentro das cabeças das baleias, a substância do casco do navio e a criatura que fugira pareciam idênticas.

As baleias são apenas a parte do problema que nós vemos.

Olhou atentamente à sua volta e, um pouco adiante, viu diversos jipes estacionados em frente a uma barraca. As janelas estavam iluminadas. Ele parou. Eram veículos militares. O que o

exército estava fazendo aqui? De repente, conscientizou-se de que estava no meio de uma área iluminada e continuou correndo abaixado. Parou somente na beira da doca seca. A presença dos veículos militares deixou-o tão intrigado que fitou a bacia durante alguns segundos sem compreender ao certo o que estava vendo. E então seus olhos arregalaram-se de surpresa. Esqueceu os veículos e aproximou-se.

A doca estava cheia d'água.

O Barrier Queen não estava no seco de forma alguma. Onde se deveria ver a quilha na carreta, batiam minúsculas ondas. O espelho d'água estava, no mínimo oito a dez metros acima do fundo da doca.

Anawak agachou-se e fitou a água negra.

por que haviam enchido a doca de água? O leme teria sido consertado? Mas então também poderiam perfeitamente ter deixado o Barrier Queen lá fora.

Refletiu.

E de repente entendeu o motivo.

Exaltado, deixou a mochila deslizar tão rapidamente que ela caiu fazendo barulho. Olhou assustado ao longo do píer abandonado. O céu tornava-se cada vez mais escuro. Ao longo da doca acendiam-se luzes num branco-esverdeado gélido. Prestou atenção para ver se escutava passos, mas não se ouvia nada além dos ruídos da cidade trazidos pelo vento.

Agora que viu a bacia cheia d'água, perguntou-se se não estaria cometendo um erro. Viera até aqui, porque o comportamento misterioso do conselho de emergência o aborrecera, mas quem era ele para questionar suas decisões? O que executava aqui era uma ação do tipo de Rambo, provavelmente além da sua capacidade. Nunca pensara sobre isso antes.

Por outro lado, já estava aqui e, aliás, o que poderia acontecer? Dentro de vinte minutos desapareceria tão discretamente como chegara. E mais bem informado.

Anawak abriu a mochila. Ela continha tudo de que precisava. não excluiu a possibilidade de precisar mergulhar. Se o

Barrier Queen estivesse na doca flutuante, seria recomendável aproximar-se pela água. Mas assim, naturalmente, era mais fácil.

Era perfeito!

Despiu-se das calças e da camisa, retirou a máscara, as nadadeiras e a lanterna, assim como uma caixa de coleta que pendurou na cintura. O suporte da faca na perna completou o equipamento. Não precisaria de oxigênio. Escondeu a mochila sob uma estaca. Com o equipamento preso debaixo do braço, correu ao longo da bacia até chegar a uma escada que levava para baixo. Olhou para o píer pela última vez. A barraca continuava iluminada. Não se via ninguém. Rápida e silenciosamente desceu os degraus da escada, vestiu a máscara, calçou as nadadeiras e deslizou para dentro d'água.

Um frio cortante penetrou os seus ossos. Sem roupa de neoprene precisaria ser rápido, mas, de qualquer forma, não pretendia ficar lá embaixo por muito tempo. Com fortes pernadas, a lanterna acesa, mergulhou em direção à quilha. A água era bem mais clara do que no mergulho que fizera no porto, e viu nitidamente o casco de aço à sua frente. A luz da lanterna iluminou fortemente a pintura vermelha. Passou os dedos na superfície, ficou ali por um instante, deu um impulso e continuou nadando.

Após alguns metros, o casco desapareceu sob uma densa camada de mexilhões.

Fascinado, continuou dando pernadas. A quilha continuava incrustada do mesmo jeito. Depois de aproximadamente a metade da distância da popa, pareceu-lhe que a camada inclusive aumentara. Então era isso. Não a retiraram. Estavam pesquisando o material e tudo o que poderia conter diretamente no navio. Por isso o Barrier Queen estava na doca seca, porque, ao contrário de uma doca flutuante, podia ser hermeticamente trancada para que não escapasse para o mar o que não deveria escapar. Transformaram o Barrier Queen num laboratório. E para que o que estava grudado e vivendo nele pudesse continuar vivendo, haviam enchido a doca com água.

Subitamente também entendeu o que significavam os veículos militares. Se Nanaimo, como instituto civil, estava fora da

jogada, apenas podia significar uma coisa. As forças armadas tomaram as pesquisas para si. A partir daí, tudo corria sem conhecimento do público.

Anawak hesitou. Novamente ficou inseguro de estar fazendo a coisa certa. Ainda estava em tempo de cair fora. Então repudiou o pensamento. Não levaria muito tempo. Rapidamente retirou a faca e começou a acutilar os mexilhões. Procurava não danificar as conchas, soltou os animais cuidadosamente, inserindo a lâmina sob o pé musculoso e arrancando-os de uma só vez, concentrada e sistematicamente. Um mexilhão após outro foi parar na caixa de coleta. Muito bem. Oliviera ficaria eternamente grata.

Precisou respirar urgentemente. Anawak guardou a faca e emergiu para inspirar. O ar gelado penetrou os seus pulmões. Acima dele, erguia-se o casco do navio, escuro e íngreme. Inspirou e expirou diversas vezes. Agora procuraria um local parecido com o de onde saíra aquela coisa reluzente. Possivelmente ainda haveria mais dessas criaturas no meio dos mexilhões. Desta vez, estaria preparado.

Quando ia mergulhar, ouviu passos.

Virou-se dentro d'água e olhou a parede da bacia acima. Duas criaturas andavam lá em cima, entre dois postes de luz.

Olhavam para baixo.

Silenciosamente, mergulhou. Provavelmente eram guardas. Ou dois trabalhadores tardios. Certamente havia uma série de pessoas com bons motivos para andar por aqui a esta hora. Precisaria prestar atenção ao sair da bacia.

Então lembrou que eles poderiam ver a luz da lanterna debaixo d'água.

Desligou-a. A escuridão o envolveu.

Que azar. Para onde teriam ido aqueles dois? Iam em direção à popa. Talvez ele pudesse nadar até a proa e continuar sua pesquisa ali. Com pernadas constantes, pôs-se a caminho. Dali a pouco subiu novamente, virou-se de costas e puxou o ar para dentro de si, olhando para a parede do cais, mas não viu ninguém.

À altura da âncora, mergulhou novamente. Seus dedos tocaram o casco do barco cuidadosamente. Aqui os mexilhões

também formavam estranhas excrescências. Procurou uma fenda ou depressões maiores, mas não encontrou nada no gênero. Seria melhor encher a caixa com mais mexilhões e cair fora o mais rápido possível. Na pressa, cortou os animais com menos cuidado. Suas mãos tremiam. Toda esta ação era o plano de um amador, tinha plena consciência disso. Estava muito frio, as pontas dos seus dedos já não sentiam mais nada.

As pontas dos dedos...

De repente, percebeu que conseguia vê-las. Olhou para o próprio corpo. Seus braços e pernas também. Eles brilhavam. Não, a água começara a brilhar. Era um azul escuro fluorescente.

Meu Deus, pensou Anawak.

No próximo instante, uma intensa luz ofuscou seus olhos. Instintivamente, puxou os braços para cima e cobriu os olhos. Raios de luz. A nuvem. O que aconteceria com ele? Onde se metera?

Mas não eram raios de luz. A luz intensa permaneceu. Anawak notou que estava sendo iluminado por faróis subaquáticos. Outros faróis acenderam-se ao longo do fundo da doca, mergulhando o casco do Barrier Queen numa claridade ofuscante. Viu as crostas enrugadas e onduladas das conchas e estremeceu.

Era para ele. Haviam-no encontrado!

Por um instante, ficou sem saber o que fazer. Entretanto havia apenas um caminho. Precisava tentar retornar à popa, de onde a escada o levaria para cima e onde sua mochila o aguardava. Com o coração palpitante, passou rapidamente em frente às luzes fortes. Nos seus ouvidos ressoaram os rumores de água. Começou a sentir falta de ar, mas não queria emergir antes de alcançar a escada.

Ali estava ela, num ziguezague em direção ao fundo da doca.

Suas mãos agarraram o corrimão, e ele puxou-se para cima. Do alto, ouviu gritos e passos apressados. Rapidamente tirou as nadadeiras e a máscara, prendeu a lanterna no cinto e subiu abaixado até conseguir olhar por cima da borda.

Três canos de revólveres apontavam para ele.

Na barraca deram um cobertor a Anawak. Ele tentara explicar aos soldados que era membro do conselho científico de emergência, mas sequer deram-lhe atenção. Sua tarefa era prendê-lo. Como ele evidentemente não resistira e também não tentara fugir, levaram-no até a barraca onde havia mais soldados e um oficial em serviço que o enchera de perguntas. Anawak sabia que era inútil contar qualquer história. De uma forma ou de outra, não o soltariam. Então contou quem era e o que estava fazendo aqui, ou seja, a verdade. O oficial prestou atenção, pensativo.

— Pode identificar-se? Anawak balançou a cabeça.

— Meus documentos estão na minha mochila, e ela está lá fora. Posso buscá-la.

— Diga-nos onde está a mochila.

Descreveu aos soldados o local em que deixara a mochila. Cinco minutos depois, o oficial estava com a sua identidade em mãos, lendo-a atentamente.

— Se os seus documentos não forem falsos, chama-se Leon Anawak, residente em Vancouver...

— não falei nada diferente o tempo inteiro.

— Fala-se muito. Quer um café? Parece sentir muito frio.

— Estou com muito frio.

O oficial levantou-se da escrivaninha, foi até a máquina de café e apertou um botão. Um copo de papel saiu por baixo e encheu-se com um líquido fume-gante. Anawak bebeu-o em pequenos goles e sentiu um pouco de calor voltar ao corpo gelado.

— não sei o que devo achar da sua história — disse o oficial enquanto o rodeava lentamente. — Se faz parte do conselho de emergência, por que não deu entrada num requerimento oficial?

— Pergunte aos seus superiores. Há semanas estou tentando entrar em contato com a Inglewood.

O oficial franziu a testa.

— E colaborador livre do conselho?

— Sou.

— Compreendo.

Anawak olhou a sua volta. Acreditou que a sala mobiliada com cadeiras de plástico e mesas velhas servia de sala de descanso

para os operários das docas. Aparentemente fora transformada há pouco num centro de comando provisório.

Ele avaliara a situação de forma totalmente equivocada.

— E agora? — perguntou.

— Agora? — O oficial sentou-se à sua frente e cruzou os dedos. — Ficara aqui por enquanto. O caso não é tão simples assim. Encontra-se em área militar.

— não há nenhuma placa, se me permite dizer.

— Tampouco há uma placa permitindo a invasão, Dr. Anawak. Anawak acenou a cabeça. Do que poderia queixar-se? Fora uma idéia absurda. Ou também não, afinal, agora sabia que as forças armadas estavam envolvidas no assunto, pesquisando os organismos do casco e mantendo-os vivos. Dificilmente os mexilhões que juntara para Oliviera chegariam a Nanaimo, se os responsáveis continuassem se isolando.

O oficial puxou um aparelho de rádio do cinto e travou uma rápida conversa.

— Realmente tem sorte — disse. — Alguém virá para cuidar do seu caso.

— Por que simplesmente não registra os meus dados e deixa-me ir?

— não é tão simples assim.

— Eu não fiz nada de errado — disse Anawak. não pareceu muito convincente, nem aos seus próprios ouvidos.

O oficial sorriu.

— As regras de violação de propriedade também se aplicam aos membros do conselho de emergência. Nos termos do direito cível.

Saiu. Anawak permaneceu na barraca, juntamente com os outros soldados. não conversavam com ele, mas não tiravam o olho dele. Aos poucos, começou a sentir um calor causado pelo café e pela frustração de ter falhado. Comportara-se como o maior dos idiotas. O único consolo era a expectativa de obter algumas informações quando quem quer que fosse chegasse para "tratar do seu caso".

Passou-se meia hora de espera inativa. E então ouviu um helicóptero se aproximando. Virou a cabeça e olhou pela janela que dava para o porto. Uma luz penetrou o interior da barraca. Um farol potente flutuava rente à água. Por um instante, os estalos dos rotores fizeram um barulho ensurdecedor, quando o helicóptero sobrevoou a construção e desceu. Os estalos transformaram-se numa batida rítmica. A aeronave pousara.

Anawak suspirou. Agora precisaria contar tudo novamente. Ouviam-se pedaços de conversa. Dois soldados entraram, seguidos pelo oficial.

— Visita para o senhor, Dr. Anawak.

Ele deu um passo para o lado. A silhueta de outra pessoa surgiu na porta iluminada. Anawak reconheceu-a imediatamente. Permaneceu ali por um instante, como se quisesse ter uma visão geral da situação. E então aproximou-se lentamente, até estar imediatamente à sua frente. Anawak olhou para olhos azul-piscina. Duas águas-marinhas num rosto asiático.

— Boa noite — disse uma voz baixa, cultivada. Era a comandante-geral Judith Li

## 3 de maio

### THORVALDSON, TALUDE CONTINENTAL NORUEGUÊS

Clifford Stone nascera na cidade escocesa Aberdeen, sendo o segundo de três filhos. Desde o primeiro ano de vida não teve nada de engraçadinho. Era pequeno, franzino e muito feio. Sua família tratava-o com distância, como se ele fosse um acidente, uma falha penosa que, quanto menos tematizada, menos evidente. Não lhe atribuíam responsabilidades como ao irmão mais velho, tampouco era paparicado como a irmã mais nova. Mas também não se podia dizer que era maltratado, na realidade não lhe faltava nada.

Exceto amor e dedicação.

Jamais tivera a sensação de levar vantagem sobre os outros em algum assunto.

Não tivera amigos quando criança, tampouco uma namorada depois de mais velho e de começar a perder os cabelos aos 18 anos. Nem mesmo os ótimos resultados no vestibular pareciam interessar a alguém. Com certa perplexidade, o coordenador entregou-lhe o certificado de conclusão, como se estivesse vendo pela primeira vez o rapaz insignificante de olhos negros desafiantes. Era um boletim excelente, portanto acenou a cabeça com simpatia para Stone, sorriu rapidamente e, no mesmo instante, apagou o rosto estreito da sua memória.

Stone fez faculdade de engenharia e demonstrou ter muito talento. Finalmente — da noite para o dia — recebera o reconhecimento que sempre almeajara. Mas este se manteve restrito à sua existência profissional. O Stone particular desaparecia cada vez mais — nem tanto pelo fato de aparentemente ninguém querer ter alguma coisa com ele, mas porque ele próprio não se permitia uma existência privada. A idéia da privacidade o assustava. Privacidade significa recair na irreverência. Enquanto Clifford Stone, o engenheiro, fazia carreira na Statoil com a sua inteligência

precisa, começava a desprezar o homem careca que ia para casa sozinho à noite pelos seus medos, até finalmente tirar-lhe qualquer direito de existência.

O cartel tornou-se a sua vida, sua família, sua realização, porque proporcionava a ele algo que jamais vivera em casa. A sensação de levar vantagem sobre outras pessoas. Estar à frente. Era uma sensação extasiante e, ao mesmo tempo torturante, uma correria sem fim. Com o tempo, o desejo pela vantagem acentuada começou a dominar Stone de tal forma que ele não conseguia realmente alegrar-se com nenhuma de suas vitórias por sequer saber como ou com quem comemorar as vitórias. Como possuído, corria à sua frente. Demorar-se poderia significar prestar atenção a um garoto magro com feições estranhamente adultas que fora ignorado por tanto tempo, que passara a ignorar a si próprio. E não havia nada que Stone temesse mais do que olhar nestes olhos escuros e desafiantes.

Alguns anos antes, a Statoil criara um departamento voltado exclusivamente para os testes de novas tecnologias. Stone rapidamente reconheceu as oportunidades oferecidas pela iminente mudança para fábricas autônomas de extração. Depois de encaminhar uma série de sugestões à diretoria, finalmente atribuíram-lhe a responsabilidade pela construção de uma fábrica no fundo do oceano desenvolvida pela renomada empresa norueguesa de tecnologia FMC Kongsberg. Naquela época já existia uma série de fábricas submersas, mas o protótipo de Kongsberg era um sistema totalmente inovador, extremamente econômico e com potencial para revolucionar a indústria offshore. O governo norueguês conhecia o projeto e autorizara a construção, que, entretanto, oficialmente nunca chegara a ser realizada. Stone sabia que, a rigor, a inauguração fora prematura. Principalmente o Greenpeace teria feito questão de uma série de testes adicionais. Testes que teriam levado meses e anos. A desconfiança era compreensível; afinal, a extração de petróleo encontrava-se no topo da estatística das falhas humanas e morais. Praticamente nenhuma rede de interesses que envolvia o planeta sufocava-o tanto quanto as chamadas necessidades vitais dos cartéis de óleo mineral.

Portanto o projeto foi mantido em segredo. Mesmo quando Kongsberg apresentara a fábrica como modelo de pesquisa na internet, não se tornou público que a Statoil já a inaugurara havia muito tempo. No fundo do oceano trabalhava um fantasma que só não tirava o sono de seus criadores porque funcionava corretamente.

Stone não esperara nada diferente. Após séries intermináveis de testes, finalmente convencera-se de ter excluído qualquer risco. De que adiantariam testes adicionais? No máximo teria satisfeito uma mentalidade de hesitação que ele acreditava sentir nas estruturas do cartel liderado pelo governo e que ele desprezava como tudo e todos que hesitavam. Além do mais, dois fatores excluía categoricamente quaisquer outras esperas. Fator número um era a oportunidade que Stone captara de, como pioneiro tecnológico, passar a ter acesso aos espaçosos escritórios da diretoria. Fator número dois era que, apesar da instrumentalização da política internacional e dos ataques armados aos domínios dos países soberanos, todos os lados corriam o risco de perder a guerra do petróleo. No Qnal, não interessava quando cairia a última gota de petróleo, mas quando a extração não seria mais rentável. O desenvolvimento característico do rendimento de uma fonte obedecia rigorosamente às leis da física. Após a primeira Perfuração, o petróleo jorrava para fora com alta pressão e, muitas vezes, continuava saindo durante décadas. Entretanto a pressão diminuía com o tempo. A Terra parecia não querer continuar liberando petróleo, ela o segurava em minúsculos poros através de pressão capilar, e o que inicialmente saía por conta própria agora precisava ser dispendiosamente sugado. Isso custava quantias enormes. O volume de extração caía rapidamente, muito antes de os depósitos se esgotarem. não importavam as quantidades ainda disponíveis lá embaixo — a partir do momento em que a extração desse petróleo gastasse mais energia do que fornecia, era melhor deixá-lo dentro da Terra.

Esse era um dos motivos por que os especialistas em energia do final do segundo milênio tinham errado tanto nos cálculos ao garantir que as reservas fósseis ainda durariam

décadas. Por um lado, estavam certos. A Terra estava encharcada de petróleo. Entretanto este ou não podia ser alcançado ou o rendimento não era proporcional ao investimento.

Esse dilema levava a uma situação fantasmagórica no início do terceiro milênio. A OPEP, cujo fim fora anunciado nos anos oitenta, teve um renascimento fantasmagórico. Não por esclarecer o dilema, mas simplesmente por deter as maiores reservas. Aos países do mar do Norte, que não queriam que a OPEP definisse os seus preços, apenas restou reduzir drasticamente os custos da extração e invadir o oceano com fábricas totalmente automáticas. O oceano, por sua vez, respondeu ao novo interesse com uma série de problemas, a começar pelas condições de pressão e temperatura, mas prometia um segundo Eldorado àqueles que os resolvessem. Não para sempre, mas por tempo suficiente para um ramo que se aproveitava do fato de o mundo ter sido paralisado pelo vício em petróleo e em gás.

Stone, cuja vida inteira fora marcada pela vontade de estar à frente, na época elaborara um parecer, forçara o desenvolvimento de um protótipo e recomendara sua construção, e a Statoil seguira os seus conselhos. Da noite para o dia, a sua amplitude de competências e o seu limite de crédito aumentaram generosamente. Tinha ótimos contatos com empresas de desenvolvimento, o que as levava a priorizar os desejos e conquistas da Statoil. O tempo todo esteve consciente dos riscos que corria. Enquanto ninguém pudesse criticar a empresa, ele seria considerado um conquistador bem-vindo nas diretorias. Caso ficassem devendo maiores explicações, o deixariam de lado. O melhor homem também era sempre o melhor culpado. Stone sabia que precisava conseguir uma cadeira de diretor o mais rápido possível, antes que alguém pensasse em sacrificá-lo. Enquanto o seu nome representasse inovação e lucro, todas as portas estariam abertas para ele. Era apenas uma questão de escolher por qual passar.

Ao menos era assim que pensara.

E agora estava neste maldito navio.

Não sabia o que o aborrecia mais. Skaugen, que o traíra, ou ele próprio. Ele não levava em conta as regras do jogo? Irritava-se com o quê? Já acontecera. A pior de todas as possibilidades tornara-se realidade. Cada um salvava a própria pele. Skaugen sabia muito bem que mais cedo ou mais tarde os fenômenos desastrosos no talude continental tornar-se-iam públicos. Ninguém podia se dar ao luxo do silêncio por muito tempo, caso não quisesse arriscar-se a ser exposto. A pesquisa da Statoil junto aos cartéis desencadeara um processo que não podia mais ser interrompido. Agora todos faziam pressão em todos. Nenhum acordo conspirativo podia ser firmado frente à ameaça de catástrofe ambiental. Agora tratava-se unicamente de quem conseguiria sair-se melhor dessa situação confusa e de quem seria detonado por isso.

Stone fervia de raiva. Sentiu nojo quando Skaugen fez o papel de bonzinho. Sendo que Finn era o pior de todos. Seu jogo era bem mais perverso do que tudo que um Clifford Stone conseguiria imaginar nos seus momentos mais obscuros. Que crime ele cometera? Claro, ele ampliara o seu campo de atuação, mas por quê? Porque lhe concederam esse campo! Ridículo, ele nem aproveitara direito. Um verme desconhecido, e daí? Naturalmente ele "esquecera" aquele relatório idiota. Verme algum jamais arriscara a navegação ou representara uma ameaça para plataformas de petróleo. No meio de bilhões de seres planctônicos, diariamente navegavam milhares de navios. Por acaso permaneciam nos portos por causa de uma nova espécie de microcrustáceos, como eram encontradas a toda hora?

E depois a questão dos hidratos. De morrer de rir. Os vazamentos de gás estavam absolutamente na faixa tolerável. Mas o que teria acontecido se ele tivesse apresentado aquele relatório? Malditos burocratas que demoravam tanto a decidir-se, que acabavam não decidindo nada. Eles teriam retardado a construção, por nada.

Culpa do sistema, pensou Stone, furioso. A frente de todos, Skaugen com a sua beatice repugnante. Aquele bando de diretores que batia nas suas costas sorridente e dizia, ótimo, companheiro, continue assim, mas não se deixe ser flagrado, porque aí não

teremos sido nós, eles eram culpados pela desgraça desmerecida de Stone. E Tina Lund, ela também era culpada, ela puxara o saco de Skaugen para conseguir a vaga, talvez até se deixasse foder por esse filho-da-puta! É, deve ter sido isso. Ela transaria com ele, Stone? Maldita vagabunda. Precisou até fingir gratidão, porque essa babaca interveio em seu favor e Skaugen dera-lhe a chance de fazer a busca pela fábrica perdida. E também era evidente o que essa chance representava. não era uma chance, era uma armadilha. Todos, todos o tinham traído!

Mas ele lhes mostraria. Clifford Stone nem de longe chegara ao fim. Ele descobriria o que acontecera com a fábrica e poria tudo em ordem. E aí, sim todos veriam quem é que tinha culpa no cartório.

Ele mesmo examinaria o caso.

Pessoalmente!

O Thorvaldson já tinha escaneado o local da fábrica com o sonar. A instalação continuava desaparecida. No local em que estivera, a morfologia do fundo submarino parecia ter-se alterado. Lá embaixo abriu-se um buraco que ainda não existia alguns dias antes. Stone não negava que, só de pensar na profundidade, sentia o mesmo frio na barriga que a tripulação e a equipe técnica. Mas procurava espantar o medo. Apenas pensava na sua descida e em como ele acabaria desvendando o mistério.

Clifford Stone. Corajoso. Um homem de ação!

No convés posterior do Thorvaldson, o submersível o aguardava para levá-lo para novecentos metros de profundidade. Naturalmente, antes de qualquer coisa, deveria ter enviado o robô para sondagem. Jean-Jacques Alban e todos a bordo tinham insistido em que o fizesse. O Victor tinha excelentes câmeras, uma garra hidráulica altamente sensível e todos os instrumentos necessários para uma rápida avaliação dos dados. Mas seria mais impressionante se ele mesmo fosse. No cartel, todos compreenderiam que Clifford Stone não era de deixar as coisas pela metade. Além do mais, não concordava com Alban. No Sonne, ele conversara com Gerhard Bohrmann a respeito de viagens em submersíveis tripulados. Bohrmann descera com o lendário Alvin em

frente ao Oregon. Seus olhos adotaram algo de sonhador quando falara a respeito. E ele dissera:

— Eu vi milhares de gravações de vídeo. Gravações feitas por robôs, todas bastante impressionantes. Mas quando você mesmo está lá dentro, lá embaixo, essa tridimensionalidade... nunca imaginei que seria assim. É incomparável.

E também dissera que nenhuma máquina poderia substituir os órgãos sensitivos e a intuição dos homens.

Stone deu um sorriso furioso.

Agora chegara a sua vez. Fora esperto. Conseguira adquirir rapidamente o submersível através de seus excelentes contatos. Tratava-se de um DR 1002, um Deep Rover da empresa americana Deep Ocean Engineering, um desses pequenos e leves barcos de última geração. Sobre gigantescos esquis, dos quais saíam duas garras hidráulicas multiarticuladas, havia uma esfera totalmente transparente. Dentro dela foram colocados dois confortáveis assentos com os comandos nas laterais. Stone ficou muito satisfeito com a sua escolha quando se aproximou do Deep Rover. Este estava preso ao braço do guindaste pelo cabo de amarra e fora colocado sobre um cavalete para possibilitar o acesso através da escotilha

inferior. O guia, um robusto piloto aposentado da marinha que todos chamavam de Eddie, já estava sentado do lado de dentro e verificava os instrumentos. Como sempre antes de um submersível ser baixado para a água, o convés posterior, com todos os seus marinheiros, técnicos e cientistas, parecia um formigueiro. Stone procurou à sua volta, avistou Alban e assobiou para ele.

— Onde está o fotógrafo? — gritou, impaciente. — E o cara com a câmera?

— não faço a menor idéia — disse Alban ao aproximar-se. — O cinegrafista estava zanzando por aí.

— Pois deve tratar de zanzar para cá — disse Stone, irritado. — não desceremos sem antes documentarmos isto daqui.

Alban franziu a testa e olhou para o mar. O dia estava nublado, e a visibilidade, ruim.

— Está fedendo — disse. Stone encolheu os ombros.

— É o metano.

— Está piorando.

De fato, um cheiro de enxofre cobria o mar. Provavelmente uma grande quantidade de gás escapara lá embaixo para que o cheiro se tornasse tão forte em cima. Todos eles haviam visto o que acontecera no talude continental, todos viram os vermes e as bolhas emergindo. Ninguém podia nem queria imaginar aonde levaria esse processo, mas certamente não era um bom sinal o mar inteiro estar fedendo como se alguém tivesse estourado um carregamento de bombas de mau cheiro.

— Tudo isto voltará ao normal — disse Stone. Alban olhou para ele.

— Escute, Stone, se eu fosse você, não faria isso.

— O quê?

— O mergulho.

— Ah, tolice! — Stone olhou furioso para ele. — Agora onde está esse maldito fotógrafo?

— É arriscado demais.

— Besteira.

— Além do mais, o barômetro está caindo. Caindo muito. Teremos uma tempestade.

— Tempestades são insignificantes para submersíveis, preciso explicar isso a você? Vamos descer, e pronto.

— Stone, seu idiota! Por que está fazendo isso?

— Porque assim saberemos mais rápida e precisamente o que aconteceu — explicou Stone. — Meu Deus, Jean, deixe de ser tão medroso. Nada intimida

esta geringonça, muito menos alguns vermes. O submersível chega até quatro quilômetros de profundidade...

— A quatro mil metros, o invólucro implodiu — corrigiu-o Alban secamente. — E tem permissão para apenas mil metros.

— Também sei disso. E daí? Queremos chegar a novecentos, quem está falando de quatro mil? O que pode acontecer, meu Deus do céu?

— não sei. Apenas sei que o fundo submarino mudou aqui embaixo e que está penetrando cada vez mais gás na coluna de

água. O sonar não está localizando a fábrica, não fazemos a menor idéia do que esteja acontecendo lá embaixo.

— Provavelmente houve um deslizamento. Ou um desmoronamento. No pior dos casos, nossa fábrica despencou um pedaço. Isso acontece.

— É. Pode ser.

— Então, onde está o problema?

— O problema é que um robô também resolveria — disse Alban, irritado. — Mas você quer bancar o herói de qualquer jeito.

Stone apontou com dois dedos para os seus olhos.

— Com estes daqui poderei avaliar melhor o que aconteceu. Compreende? Diretamente no local. É assim que se solucionam problemas, indo lá e arregaçando as mangas.

— Bom. Está bem.

— E então, quando desceremos? — Stone olhou para o relógio. — Ah, dentro de meia hora. não, vinte minutos. Maravilhoso.

Acenou para Eddie dentro do submersível. O piloto levantou a mão rapidamente e voltou a concentrar-se no painel. Stone sorriu.

— O que quer mais? Conseguimos o melhor piloto de todos. E, se for preciso, eu mesmo guiarei este troço.

Alban permaneceu em silêncio.

— Então resolvemos essa questão. Ótimo. Gostaria de rever a pauta mais uma vez. Estarei na minha cabine, se precisar. E, por favor, Jean, procure esse pessoal do filme. Procure-os, se é que não caíram no mar.

## **TRONDHEIM, NORUEGA**

"Loção pós-barba", pensou Johanson.

Será que acabara a sua loção pós-barba? Impossível. Ele era Sigur Johanson, o colecionador das coisas boas da vida. Vinho e cosméticos não acabavam simplesmente. Em algum lugar ainda haveria de ter um frasco do Kiton Eau de Toilette.

Impaciente, voltou ao banheiro e vasculhou o armário do espelho. Sabia que estava na hora de sair de casa. O helicóptero o

aguardava na pista de pouso do centro de pesquisas para levá-lo ao encontro de Karen Weaver. Mas, para alguém aue fazia questão de uma aparência largada, fazer a mala era algo bem mais difícil do que para uma pessoa organizada. Pessoas organizadas não perdiam tempo com loucuras do tipo como errar a cor do casaco.

Encontrou o que queria atrás de duas latas de cera para cabelo.

Guardou o frasco na pochete, espremeu-a juntamente com um livro de poesias de Walt Whitman e um livro sobre vinho do Porto na sua bolsa e fechou-a. Era uma bolsa cara no estilo da bagagem de mão que a nobreza londrina costumava usar em suas viagens para o campo — início do século XIX. As alças de couro eram costuradas à mão, e o fato de parecerem um pouco gastas definitivamente agradava a Johanson.

O quinto dial

Ele guardara o CD? Gravara um com os dados que documentavam sua fantástica idéia do plano superior. Quem sabe teria uma possibilidade de conversar a respeito com a jornalista... Verificou mais uma vez.

Lá estava ele, enterrado sob camisas e meias.

Com passos soltos, deixou sua casa na Kirkegata e entrou no jipe do outro lado da rua. Por algum motivo, estava agitado desde manhã cedo, tomado por uma inquietude quase histérica. Um pouco antes de ligar o motor do carro, deu uma última olhada na fachada da casa. Sua mão direita, com a chave entre o polegar e o indicador, deteve-se ao ligar o carro.

De repente, percebeu o que o agitava.

Estava tentando distrair-se. Acionismo contra pensamentos. Assobiar e cantarolar. Patati, patatá, o que há?

Uma neblina úmida cobria Trondheim e suavizava todos os contornos. Até mesmo sua casa, do outro lado da rua, parecia-lhe mais plana do que o normal. Lembrava uma pintura.

O que acontecia com as coisas que a gente amava?

Por que, por tantas vezes, ficara horas diante das pinturas de Van Gogh sentindo uma paz dentro de si, como se não tivessem

sido pintadas por um paranóico desesperado, mas por uma pessoa inteiramente feliz?

Porque nada podia destruir a impressão.

Claro que o quadro podia ser aniquilado. Mas, enquanto existisse, o momento capturado pelo óleo seria eterno. Os girassóis nunca murchariam. Na Ponte de Langlois em Aries, jamais cairiam bombas. Nada roubaria a amabilidade do tema, mesmo que se pincelasse por cima. O original, por debaixo, se Manteria. O terrível continuaria sendo terrível, e o belo nunca perderia a sua beleza. Até mesmo o retrato do homem de feições marcantes e a atadura branca na orelha olhando o observador com os seus olhos fundos expressava algo de confortante, porque, ao menos na tela, não poderia tornar-se mais infeliz, já que nem tinha como envelhecer. Ele personificava o momento eterno. Ele vencera. Triunfara sobre algozes e ignorantes, enganando-os com o seu pincel e a sua genialidade.

Johanson observou sua casa.

Por que não pode simplesmente permanecer assim?, pensou. Quem me dera fosse uma pintura, e eu incluído nela.

Mas ele não vivia numa pintura nem numa galeria, onde os cenários da sua vida seriam mensuráveis. A casa no lago teria dado mais um quadro lindo, ao lado um retrato da ex-mulher e de outras mulheres que conhecera, e alguns de seus amigos e; naturalmente; um de Tina Lund. Abraçada com Kare Sverdrup, tudo bem. E por que não? Uma pintura em que Tina Lund encontrasse a paz, para sempre. Ele desejava a ela um pouco de tranqüilidade e paz interior.

De repente, sentiu um estranho medo de perder.

Lá fora, o mundo está mudando, pensou. Está se fechando contra nós. Combinaram alguma coisa num local secreto, e não estivemos lá. Os homens não estiveram lá.

Uma casa tão bela. Tão tranqüila.

Ligou o motor e foi embora.

**KIEL, ALEMANHA**

Erwin Suess entrou no escritório de Bohrmann, seguido por Yvonne.

— Ligue para esse tal de Johanson — disse. — Imediatamente. Bohrmann ergueu a cabeça. Ele conhecia o diretor da Geomar há bastante tempo para saber que algo extraordinário deveria ter acontecido. Algo que deixara Suess profundamente consternado.

— O que aconteceu? — perguntou, apesar de suspeitar do que se tratava. Mirbach pegou uma cadeira e sentou-se.

— Calculamos todas as possibilidades no computador. O colapso será antes do que imaginamos,  
Bohrmann franziu a testa.

— Na última vez não tivemos certeza se chegaria ao colapso.

— Receio que sim — disse Suess.

— Os consórcios de bactérias?

— Exatamente.

Bohrmann recostou-se e sentiu a testa cobrindo-se de suor frio. não é possível pensou. São somente bactérias, seres microscópicos. De repente, começou a pensar como uma criança. Como uma coisa tão minúscula podia destruir uma camada de gelo de mais de cem metros de espessura? não dá. O que um micróbio pode fazer em milhares de quilômetros quadrados de fundo submarino? fiada. É inimaginável. É irreal. não está acontecendo. Sabiam pouco sobre os consórcios. Certo era que em águas profundas microorganismos de espécies diferentes formavam simbioses. Bactérias de enxofre ligavam-se a arqueobactérias, unicelulares antigos, na realidade um dos seres vivos mais antigos. A simbiose era extremamente eficiente. Há somente poucos anos foram encontrados os primeiros consórcios nas superfícies de hidratos de metano. Com a ajuda do oxigênio? as bactérias de enxofre metabolizavam o hidrogênio, dióxido de carbono e diversos hidróxidos de carbono que recebiam das arqueobactérias. Porque as arqueobactérias secretavam essas substâncias quando se regalavam com o seu prato predileto.

Metano.

De certa forma, portanto, as bactérias de enxofre também viviam do metano, contudo não o alcançavam por conta própria. Porque a maior parte do metano estava depositado no sedimento desoxigenado, e as bactérias de enxofre não sobreviviam sem oxigênio. Mas as arqueobactérias, sim. Eram capazes de quebrar o metano sem a presença de oxigênio até quilômetros abaixo da superfície. Acreditava-se que anualmente transformavam trezentos milhões de toneladas de metano marinho, provavelmente para o bem do clima mundial, uma vez que o metano dissociado não tinha como escapar como gás estufa para a atmosfera. Sendo assim, eram quase uma espécie de guarda ambiental.

Ao menos enquanto se distribuíam numa área extensa.

Entretanto elas também viviam em simbiose com vermes. E esse verme misterioso com as suas garras monstruosas estava carregado de consórcios de bactérias de enxofre e arqueobactérias. Elas viviam dentro e sobre ele. A cada metro que penetravam no hidrato levavam os microorganismos mais para dentro, e estes começavam a decompor o gelo por dentro. Como um câncer. A certa altura os vermes morriam e logo em seguida as bactérias de enxofre, mas as arqueobactérias continuavam penetrando o gelo em todas as direções até alcançar o gás livre. Transformavam o hidrato anteriormente compacto numa massa porosa e quebradiça, e o gás escapava.

Bohrmann ouviu-se dizendo que os vermes não tinham como desestabilizar o gelo.

Correto. Mas nem era essa a sua função. Os vermes serviam apenas para transportar a sua carga de arqueobactérias para dentro do gelo. Como um ônibus: hidrato de metano, cinco metros de profundidade, favor desembarcar ao trabalho.

Por que nunca consideramos isto?, pensou Bohrmann. Oscilações de temperatura da água do mar, queda da pressão hidrostática, terremotos, tudo isso era parte do repertório aterrorizante da pesquisa de hidratos. Somente sobre as bactérias ninguém nunca pensara seriamente, apesar de todos saberem o que faziam. Ninguém jamais imaginaria uma invasão dessas. Ninguém consideraria possível a existência de um verme que se

evidenciaria como suicida metanotrofo. Sua multiplicidade, sua extensão em todo um talude continental, absurdo, inexplicável! O exército das arqueobactérias, movidas pelo seu apetite fatal, praticamente impossível com a sua massa!

E depois pensou: Como, por tudo neste mundo, esses animais foram parar ali? E por que estão ali? O que os levou para lá?

Ou quem?

— O problema — disse Mirbach — é que a nossa primeira simulação fundamentou-se basicamente em equações lineares. Mas a realidade não é linear. Estamos falando de processos exponenciais e extremamente caóticos. O gelo está se quebrando, o gás que está por baixo borbulha para fora sob alta pressão, carregando blocos de gelo inteiros consigo. O fundo submarino está desmoronando, de forma que o momento do colapso...

— Está bem. — Bohrmann ergueu a mão. — Quanto tempo resta?

— Algumas semanas. Alguns dias. Alguns... — Mirbach hesitou. E depois deu de ombros. — Há algo de imponderável nisso tudo. Ainda não sabemos se realmente acontecerá. Quase tudo indica que sim, mas a situação é tão excepcional que não conseguimos sair da teoria.

— Vamos deixar de lado todo o esconde-esconde diplomático. Qual a sua opinião?

Mirbach olhou para ele.

— não sei. — Fez uma breve pausa. — Se três formigas-safári se depararem com um grande mamífero, quando muito serão pisoteadas. Se o mesmo mamífero deparar-se com milhares delas, será devorado vivo. É mais ou menos como imagino a situação dos vermes e dos microorganismos. Capito?

— Ligue para Johanson — disse Suess novamente. — Diga-lhe que contamos com um deslizamento de Storegga.

Bohrmann deixou o ar sair lentamente. Assentiu com a cabeça, calado.

## TRONDHEIM, NORUEGA

Encontravam-se na beira da plataforma, de onde se podia ver o fiorde. não se reconhecia praticamente nada na outra margem. O mar parecia-se com aço fosco sob um céu cada vez mais cinza.

— Você é um esnobe — disse Lund, olhando para o helicóptero que aguardava.

— Claro que sou — respondeu Johanson. — Quando se é recrutado à força por vocês, até que um certo esnobismo cai bem, não concorda?

— não me venha com essa de novo.

— Você também é esnobe. Nos próximos dias, poderá andar por aí com o meu jipe.

Lund sorriu.

— Então me dê as chaves.

Johanson procurou no bolso do sobretudo, retirou a chave do jipe e colocou-a na palma da sua mão.

— Tome conta dele enquanto eu estiver fora.

— não se preocupe.

— E nem pense em namorar o Kare lá dentro.

— não namoramos em carros.

— Irão namorar em tudo quanto é lugar. Pelo menos você fez bem em seguir o meu conselho e intervir a favor do pobre Stone. Agora ele mesmo poderá içar a sua fábrica da água.

— Talvez isso o decepcione, mas o seu conselho não fez a menor diferença. Indultar Stone foi uma decisão exclusiva de Skaugen.

— E ele será perdoado?

— Se conseguir pôr tudo sob controle novamente, talvez possa ficar na empresa. — Ela olhou para o relógio. — A esta altura, deve estar descendo com o submersível. Vamos torcer.

— Por que não manda um robô para baixo? — disse Johanson, espantado.

— Porque é maluco.

— Fale sério.

— Acredito que queira provar que uma crise dessas pode ser resolvida apenas do seu jeito. Que um Clifford Stone é insubstituível.

— E vocês permitirão isso?

— Por quê? — Lund sacudiu os ombros. — Afinal, ele continua sendo o coordenador do projeto. E num ponto tem razão. Se ele mesmo descer, poderá avaliar melhor a situação.

Johanson imaginou o Tborvaldson parado nesta paisagem infinitamente cinza, enquanto Stone aproximava-se do fundo do mar, escuridão à sua volta e incógnita abaixo.

— Em todo caso, parece corajoso.

— É. — Lund balançou a cabeça afirmativamente. — Ele é um filho-da-puta, mas não se pode negar que tem coragem.

— Então. — Johanson pegou sua bolsa. — não detone o meu carro.

— Fique tranqüilo.

Foram até o helicóptero. Skaugen realmente pusera o navio-almirante da empresa à sua disposição, um grande Bell 430, o que havia de melhor em termos de conforto e estabilidade.

— Como é essa Karen Weaver? — perguntou Lund na porta de entrada. Johanson piscou para ela.

— É jovem e linda de morrer.

— Idiota.

— E eu sei? não faço a menor idéia. Lund hesitou. E então o abraçou.

— Cuide-se, está bem? Johanson acariciou-lhe as costas.

— Vai dar tudo certo. O que pode me acontecer?

— Nada. — Calou-se por um instante. — Aliás, o seu conselho teve efeito, sim. O que você disse. Fez com que eu tomasse uma decisão.

— De visitar Kare?

— De ver algumas coisas de outro jeito. E, sim, de visitar Kare. Johanson sorriu, beijando-a na face.

— Ligarei para você assim que chegar.

— Está bem.

Ele entrou no helicóptero e jogou sua bolsa em um dos assentos atrás do piloto. O helicóptero tinha capacidade para dez passageiros, mas hoje era somente dele. Entretanto levariam mais de três horas para chegar.

— Sigur!

Ele virou-se para ela.

— Você é... Acho que você realmente é o meu melhor amigo. — Ela ergueu os braços sem saber o que fazer e baixou-os novamente. E riu. — Quer dizer, o que quero dizer é que...

— Já sei — disse Johanson, sorrindo. — Que vocês não é boa nisso.

— não.

— Eu também não. — Inclinou-se para a frente. — Quanto mais gosto de uma pessoa, mais me complico para dizer-lhe. Em relação a você, talvez eu seja o cara mais complicado de todos os tempos.

— Isso foi um elogio?

— No mínimo.

Fechou a porta. O piloto ligou os rotores. Lentamente, o Bell levantou vôo, Lund, acenando, foi ficando cada vez menor. Então o helicóptero inclinou-se para a frente e voou em direção ao fiorde. O centro de pesquisas ficou para trás como pequena construção de brinquedo. Johanson acomodou-se e olhou para fora, mas a vista não tinha muito que oferecer. Trondheim desapareceu na neblina a água e as montanhas passavam por debaixo deles como áreas descoloridas, e o céu parecia querer engoli-los.

Novamente, teve aquela sensação estranha.

Medo.

Medo de quê?

É apenas um vôo de helicóptero, disse para si mesmo. Para as Ilhas Shetland. O que poderia acontecer?

Às vezes tinha estes acessos. Demasiado metano e histórias de monstros. E mais o tempo. Talvez devesse ter caprichado mais no café-da-manhã.

Tirou o livro de poesias da bolsa e começou a ler.

Acima dele, os rotores produziam um som abafado. Seu sobretudo, onde deixara o celular, estava dobrado na fila de assentos atrás dele. Por isso, e por estar concentrado na leitura da poesia de Walt Whitman, não ouviu o telefone tocar.

## **THORVALDSON, TALUDE CONTINENTAL NORUEGUÊS**

Stone decidiu dizer algumas palavras antes de embarcar, enquanto o cinegrafista filmava e o outro cara tirava algumas fotos. Seria um documentário detalhado sobre o decorrer da operação. Na Statoil, deveria chamar a atenção para o profissionalismo de Clifford Stone e o que ele entendia por responsabilidade.

— Um passo para a direita — disse o cinegrafista.

Stone obedeceu e aproveitou para afastar dois técnicos da imagem. Depois mudou de idéia e chamou-os novamente.

— Fiquem atrás de mim — disse. Talvez fosse melhor aparecerem técnicos na imagem. Nada deveria causar a impressão de que aqui haveria irresponsáveis e aventureiros em serviço.

O cinegrafista levantou o tripé.

— Podemos, finalmente? — disse Stone.

— Apenas mais um momento. Está estranho. Você está na frente do piloto. Stone deu mais um passo para o lado.

— E agora?

— Melhor.

— não se esqueça das fotos — ordenou Stone ao outro homem. O fotógrafo aproximou-se e apertou o disparador, como para tranquilizar o coordenador da expedição.

— Está bem — disse o cinegrafista. — Gravando. Stone olhou decidido para a lente.

— Agora desceremos para verificar o que aconteceu com o nosso protótipo. No momento, parece que o local original da fábrica... hã... onde ela estava antes... Droga.

— Sem problemas. Mais uma vez.

Desta vez, deu certo. Stone explicou objetivamente que pretendiam procurar a fábrica nas próximas horas. Resumiu o que se sabia até então, falou rapidamente da morfologia alterada deste

trecho do talude e defendeu sua opinião de que a fábrica provavelmente teria escorregado devido a uma desestabilização local do sedimento. Tudo parecia ser muito bem fundamentado. Talvez objetivo demais. Stone, que não chegava a ser um exibicionista, lembrou-se que todos os grandes descobridores falavam alguma frase inteligente antes ou depois do grande momento. Algo que soasse muito bem. Um pequeno passo para um homem, mas um grande passo para a humanidade. Algo assim. Esta fora ótima. Naturalmente haviam convencido Neil Armstrong anteriormente a dizer isso, até parece que ele próprio pensara nessas palavras, mas tudo bem. Vim, vi e venci, nada mal também. Júlio César. Colombo disse alguma coisa? Jacques Picard?

Ele refletiu. não lhe ocorreu nada.

Entretanto nem tudo precisava ser criado. As reflexões de Bohrmann a respeito dos mergulhos tripulados também não haviam soado mal. Stone pigarreou.

— Naturalmente, também poderíamos enviar um robô para baixo — disse, finalizando. — Mas não é a mesma coisa. Vi uma série de gravações de vídeo realizadas por robôs. Excelente material. — Como fora mesmo? Ah, sim: — Mas quando você próprio está lá dentro, lá embaixo, essa tridimensionalidade... não dá para imaginar. É incomparável. E... simplesmente nos permite uma melhor ava... digo, melhor visão... para ver, o que há lá embaixo... hã, e o que podemos fazer.

A última frase foi fraca.

— Amém — disse Alban ao fundo, baixinho.

Stone virou-se, entrou por debaixo do submersível e passou pelo buraco. O piloto estendeu-lhe a mão, mas Stone ignorou a ajuda. Puxou-se para cima e sentou-se. Lembrava um pouco a posição num helicóptero. Ou uma atração hightech na Disneylândia. Era estranha a sensação de continuar acima d'água

poder ouvir mais os sons que vinham do convés. A esfera de acrílico de 1 ns centímetros de espessura, hermeticamente fechada, não deixava penetrar nada.

— Quer que explique mais alguma coisa? — perguntou Eddie simpaticamente.

— não.

Eddie já o treinara antes. Fora minucioso, com o seu jeito tranqüilo. Stone olhou para o pequeno console do computador à sua frente. Sua mão direita passou por cima dos elementos de comando ao lado do assento. Do lado de fora, o fotógrafo batia várias fotos, e o cinegrafista filmava.

— Ótimo — disse Eddie. — Então vamos partir para a diversão.

Um solavanco fez o submersível estremecer. De repente, estavam flutuando sobre o convés, movendo-se lentamente sobre ele. Abaixo, via-se a superfície remexida da água. O mar estava bastante revolto. Por um instante, ficaram pendurados, estáticos, olhando em direção à popa do Thorvaldson. Alban ergueu o braço, apontando o polegar para cima. Stone deu um breve aceno com a cabeça. Durante as próximas horas, comunicar-se-iam apenas através do telefone submarino. Nenhum cabo de fibra óptica unia o submersível ao navio-mãe, nada além de ondas sonoras. Assim que o guindaste os soltasse, estariam por conta própria.

Stone começou a sentir um frio na barriga.

Mais um solavanco. Acima deles, as amarras soltaram-se ruidosamente. O submersível desceu, foi elevado por uma onda, e então a água do mar penetrou gargarejando os esquis no momento em que Eddie encheu os tanques de água. O mar fechou-se sobre a esfera. O Deep Rover começou a afundar como uma pedra, aproximadamente trinta metros por minuto. Stone fitou o mar. Além das duas luzes de bordo nos esquis, toda a iluminação estava apagada. Era necessário economizar a energia de que precisariam lá embaixo.

Praticamente não viram peixes. Após cem metros, o azul profundo do mar escureceu e transformou-se numa estranha escuridão.

Do lado de fora, alguma coisa brilhava como fogos de artifício. Inicialmente num só lugar, depois em toda a sua volta.

— Medusas pelágicas — disse Eddie. — Lindas, não?

Stone estava fascinado. Já mergulhara algumas vezes, mas não num Deep Rover. Realmente parecia não haver nada que os separasse do mar. Até mesmo as luzes de controle vermelhas e os instrumentos de comando pareciam querer acompanhar os cardumes de animaizinhos fluorescentes que se remexiam do lado de fora. De repente, a idéia de que a sua fábrica estaria num universo tão desconhecido pareceu-lhe tão absurda que lhe deu vontade de cair na gargalhada.

Sou o iniciador deste projeto, pensou. Será que fiquei tempo demais no escritório e perdi a noção da realidade?

Esticou as pernas o quanto pôde. Conversaram pouco enquanto desciam. Com o aumento da profundidade, a temperatura caiu dentro da esfera, mas não chegou a ficar desconfortável. Comparado aos submersíveis como o Alvin, o MIR ou o Shinkai, que alcançavam a seis mil metros de profundidade, o Deep Rover dispunha de um luxuoso sistema de regulação da temperatura interna. Stone prevenira-se e vestira meias grossas — não eram permitidos sapatos no submersível, para evitar que os instrumentos fossem danificados por chutes acidentais — e um pulôver de lã. Apesar da baixa temperatura, sentia-se confortável. Ao seu lado, Eddie parecia relaxado e concentrado. Volta e meia uma voz barulhenta soava do alto-falante, ligações de controle dos técnicos do Thorvaldson. As palavras eram compreensíveis, mas distorcidas, porque as ondas sonoras se misturavam a milhares de outros ruídos dentro d'água.

Afundaram mais e mais.

Após 25 minutos, Eddie ligou o sonar. Assobios e cliques baixinhos atravessaram a esfera, sobrepostos pelo suave ronco dos aparelhos eletrônicos.

Aproximavam-se do fundo.

— Prepare a pipoca e a Coca-Cola — disse Eddie. — O filme vai começar.

Ligou os faróis externos.

## **GULLFAKS C, TALUDE NORUEGUÊS**

Lars Jørgensen encontrava-se na plataforma superior da escadaria de aço que levava da pista de pouso do helicóptero aos alojamentos, olhando em direção à torre de petróleo. Estava de braços cruzados sobre a balaustrada. As pontas do bigode branco tremiam ao vento. Em dias claros, parecia poder-se tocar a torre, mas hoje ela estava visivelmente distante. A cada hora que a neblina se tornava mais densa com o temporal que se aproximava, ela parecia mais surreal, como se quisesse empalidecer completamente e transformar-se numa simples lembrança. Desde a última visita de Lund, Jørgensen sentira-se cada vez mais melancólico. Pensava a respeito do que a Statoil pretendia construir no talude continental. Certamente estariam planejando uma fábrica totalmente automática. Possivelmente seria ligada a um navio de produção. Lund aparentemente acreditara ter-se livrado dele com as suas respostas, mas Jørgensen não era burro. Até compreendia o seu modo de proceder, o fato de quererem economizar força de trabalho humana e substituí-la por máquinas. Fazia todo sentido. Uma máquina não faz questão de comida saborosa, como era o caso de Lars Jørgensen; a máquina

não dormia, trabalhava em condições desumanas e não exigia salário. não reclamava e, quando perdia sua utilidade, podia simplesmente ser jogada no lixo sem que houvesse necessidade de continuar preocupando-se com o seu bem-estar, por outro lado, perguntou-se como um robô poderia substituir olhos e ouvidos e tomar decisões intuitivas. Sem pessoas não haveria falhas humanas, claro. Mas se as máquinas falhassem sem que houvesse pessoas por perto, seria como nos filmes utópicos a que assistia tantas vezes no meio da noite, enquanto o mar batia nos pilares do lado de fora. O homem perderia o controle. E a máquina não tinha sensibilidade para a vida e o meio ambiente, não compreendia os interesses de seus construtores que se autocortavam, não demonstravam qualquer traço de humanidade e compreensão.

Lentamente, a luz desvaneceu-se. O céu ficou ainda mais cinza, e começou a chover fino.

Que dia de merda, pensou Jørgensen.

Como se não bastasse este cheiro sobre o mar há algum tempo, como se a água estivesse cheia de químicos. Agora o clima também resolvera competir com a sua tempestuosidade pela mais profunda melancolia.

Na verdade estamos trabalhando sobre uma ruína, pensou Jørgensen. Uma cidade-fantasma no mar, cheia de zumbis exorcizados um após outro. Quando os depósitos se esgotam, resta um esqueleto sem utilidade. Os operários petroleiros são dispensados, as plataformas são eliminadas, e assistiremos ao futuro na televisão. Gravações em vídeo de um mundo no qual não poderemos penetrar quando for necessário.

Jørgensen suspirou.

Estes pensamentos ajudariam a alguém? Simples demais? Muito parciais, conservadores, presunçosos? O automóvel significara o fim das charretes. Naquela época encontrara-se muita carne de cavalo barata e muitas vidas foram destruídas. Mas quem ainda queria saber de charretes? Talvez, num âmbito geral, os outros é que estavam certos, e ele era um homem velho que simplesmente detestava a idéia de que devia se aposentar.

Há muito tempo, lembrou-se, houve aquele momento mágico. Quando homens pretos brilhantes, com óleo escorrendo pelo corpo, abraçaram-se uns aos outros enquanto, atrás deles, uma fonte jorrava em direção ao céu prometendo uma riqueza imensurável. Em Assim Caminha a Humanidade havia uma cena dessas com James Dean. Jørgensen adorava esse filme. Gostava muito mais da cena com James Dean do que com Bruce Willis em Armageddon, embora esta tenha sido filmada numa plataforma de verdade, e a de Assim Caminha a Humanidade, no deserto texano. Ver James Dean todo pintado de preto rindo e pulando enlouquecidamente era um pouco como estar sentado no colo do avô ouvindo

histórias daquela época, quando vovô ainda era jovem e tudo era muito melhor. E ouvia-se a história e acreditava-se em cada palavra, ou não.

Vovô. Exatamente! Ele era um vovô.

Mais alguns meses, pensou Jõrensen, e isso será coisa do passado. Fim, passado. Certamente ficarei melhor do que os jovens de hoje. A mim não poderão cortar mais, pararei por conta própria e ainda receberei aposentadoria. Poderia até sentir-me culpado por estar dando o fora antes de o fim chegar às plataformas. Mas não será mais um problema meu. Terei outros.

Um ruído aproximou-se da costa distante, Um estrondo rítmico que se transformou no crepitar de um helicóptero. Jõrensen ergueu a cabeça. Conhecia todos os modelos que circulavam por aqui. Até mesmo à distância e apesar das péssimas condições do tempo, reconheceu um Bell 430 cruzando sobre Gullfaks e desaparecendo na neblina. O batimento dos rotores novamente transformou-se em zumbido, afastou-se, e finalmente emudeceu por completo.

Minúsculas gotas de chuva cobriam o corrimão com brilho úmido. Jõrensen pensou se deveria entrar. Tinha uma hora livre, o que era bastante raro, e poderia assistir à televisão, ou ler, ou jogar uma partida de xadrez com alguém. Mas não sentiu vontade de entrar. Hoje, não, porque estava com a sensação de morar num caixão de aço. não queria, ainda por cima, entrar e deixar-se enterrar. Ao menos o mar estava com a mesma aparência de sempre, cinza, escarpado, um eterno sobe-e-desce.

Atrás da torre, na ponta do braço do guindaste, a chama de gás queimava, pálida. O farol dos perdidos. Ei, essa foi boa! Parecia o título de filme! Nada mal para um coroa que há anos controlava o tráfego de helicópteros e navios.

Talvez devesse escrever um livro depois de aposentar-se. Sobre um tempo do qual, em poucas décadas, praticamente não se falaria mais. A era das grandes plataformas.

E o título seria: O farol dos perdidos.

Vovô, conte-nos uma história.

O humor de Jõrensen melhorou um pouco. Nada mal, esta idéia. Talvez nem fosse um dia de merda.

**KIEL, ALEMANHA**

Gerhard Bohrmann sentiu-se como se estivesse afundando em areia movediça. Aproximava-se ora de Suess, ora de Mirbach, que não paravam de calcular novos cenários no computador, com resultados cada vez mais preocupantes. Vez por outra, tentava falar com Sigur Johanson, mas ele não atendia. Tentou na secretária de Johanson na NTNU, mas informaram-lhe que o doutor viajara e que provavelmente não viria dar aula. Aliás, não tinha previsão de retorno. Fora dispensado para outras tarefas, aparentemente a serviço do governo. Bohrmann imaginou que tarefas seriam essas. Tentou na casa de Johanson. E novamente no celular. Nada.

Finalmente, conversou mais uma vez com Suess.

— Deve ter mais alguém do círculo de conhecidos de Johanson capaz de tomar uma decisão — disse Suess.

Bohrmann sacudiu a cabeça.

— Tudo gente da Statoil. Então podemos guardar para nós também. E quanto ao caráter confidencial: se continuarmos mantendo o assunto em sigilo e ocorrer um deslizamento de Storegga, irão culpá-los de tal modo que ficaremos sem saber o que fazer.

— E então, o que faremos?

— Eu é que não falarei com a Statoil.

— Está bem. — Suess esfregou os olhos. — Tem razão. Recorreremos ao Ministério de Pesquisa e Desenvolvimento e à Secretaria do Meio Ambiente.

— Em Oslo?

— E em Berlim. E Copenhague. E Amsterdã. Ah, sim, Londres. Falta alguma?

— Reykjavik. — Bohrmann suspirou. — Meu Deus. Está bem, faremos assim. Suess fitou a paisagem pela janela do seu escritório. Daqui, a vista dava para a Kieler Förde. Viam-se os gigantescos guindastes que carregavam os navios, os escritórios e silos. Um destróier da marinha desaparecia no cinza das nuvens e da água.

— O que as suas simulações prevêem para Kiel? — perguntou Bohrmann. Estranho nem ter pensado direito sobre isso até agora. Aqui, tão próximo à água.

— Talvez sejamos poupados.  
— Ao menos um consolo.  
— Mesmo assim, tente falar com Johanson. Insista sem parar. Bohrmann concordou com a cabeça e saiu.

## **DEEP ROVER, TALUDE CONTINENTAL NORUEGUÊS**

Quando Eddie ligou os seis faróis, não se podia falar de imensidão. Quatro lâmpadas de halogênio de 150 watts cada e mais duas lâmpadas HMI de 400 watts mergulharam com a sua luz ofuscante numa área com um raio de aproximadamente 25 metros. Não se viam estruturas sólidas. Stone piscou, os olhos irritados após a longa viagem pela escuridão. O Deep Rover caía através de uma cortina de borbulhas brilhantes.

Ele inclinou-se para a frente.

— O que é isto? — perguntou. — Onde está o fundo do mar?

Então reconheceu o que emergia ao seu redor. Eram bolhas. Moviam-se em direção à superfície, algumas pequenas e como alinhadas num fio, outras com movimentos pesados e sinuosos.

O sonar continuava emitindo os assobios e cliques característicos. De sobranceiras franzidas, Eddie analisou os dispositivos emissores de luz do painel que informavam o estado das baterias, a temperatura interna e externa, as reservas de oxigênio e a pressão da cabine, entre outros, e verificou as medições dos sensores externos.

— Parabéns — rosnou. — É metano.

A cortina de borbulhas tornou-se mais densa. Eddie removeu dois lastros de aço afixados na lateral dos esquis e pressionou mais ar para dentro dos tanques a fim de estabilizar o submersível. Deveriam estar flutuando agora, entretanto continuavam afundando.

— não estamos conseguindo subir. não acredito!

O fundo do mar surgiu debaixo deles na luz dos faróis. Aproximava-se rápido demais. Por um instante, Stone conseguiu ver fendas e buracos, e depois tudo voltou a encher-se de bolhas. Eddie xingava e continuava retirando água dos tanques.

— O que está acontecendo? — quis saber Stone. — Estamos tendo problemas com o empuxo?

— Acredito que seja o gás. Estamos dentro de um estouro.

— Mas que droga.

— Fique calmo.

O piloto ligou as hélices. O submersível começou a mover-se através dos fios de bolhas. Por um instante, Stone teve a mesma sensação que num elevador parando suavemente. Olhou para o ecobatímetro. O Deep Rover continuava caindo, entretanto mais lentamente. Contudo aproximavam-se do fundo em alta velocidade. não demoraria muito até colidirem.

Mordeu o lábio e deixou Eddie trabalhar. Numa situação destas, nada pior que desconcentrar o piloto com conversas. E então Stone observou as bolhas cada vez maiores e a cortina cada vez mais densa, e o que ainda se via do solo neste estouro lentamente tombou de lado. O esqui direito desapareceu em impetuosas borbulhas, e o submersível adernou.

Ele prendeu a respiração.

E então passaram.

Se há pouco espumara à sua volta, agora o fundo do mar apresentava-se tranqüilo à sua frente. Por um instante, o submersível tornou a emergir. Sem muita pressa, Eddie comandou os flutuadores e deixou entrar um pouco de água do mar nos tanques, até o Deep Rover equilibrar-se e flutuar rente ao talude.

— Voltou tudo ao normal — disse.

Com dois nós, agora estavam em velocidade máxima, o que correspondia a 37 quilômetros horários. Qualquer atleta era mais rápido, mas aqui não se tratava de percorrer distâncias. Na realidade, estavam muito próximo ao local onde Stone instalara a fábrica. não poderia ser longe dali.

O piloto sorriu.

— Já deveríamos ter contado com isso, não?

— não nesta intensidade — disse Stone.

— não? Se o mar já está fedendo como a pior das latrinas? De algum lugar o gás há de sair. Bom, você cismou. Queria descer a qualquer custo.

Stone não se dignou a responder. Ajeitou-se e procurou por sinais de hidrato, mas não se via nenhum no momento, somente alguns vermes. Uma espécie de grande linguado pousava sobre o solo. Levantou-se lentamente quando se aproximaram, remexeu uma nuvem de lama e nadou para fora da luz.

Como era surreal estar sentado aqui, enquanto, do lado de fora, quase cem quilos de pressão da água agiam sobre cada centímetro quadrado da esfera de acrílico. Tudo era artificial nesta situação. A zona iluminada do talude com as suas sombras movendo-se lentamente à medida que o Deep Rover avançava. A escuridão além da luz difusa. A pressão interna mantida pelas máquinas. O ar oxigenado que soprava continuamente dos cilindros, enquanto o dióxido de carbono exalado era eliminado por substâncias químicas.

Nada aqui embaixo convidava o homem a permanecer.

Stone apertou os lábios. Sua língua colava no palato. Lembrou que não tinham bebido nada nas últimas horas antes do mergulho. Por precaução, tinham Human Range Extender a bordo, garrafas especiais caso não houvesse mais saída, mas recomendava-se a todos que embarcavam num submersível a esvaziar a bexiga para que permanecesse vazia por um tempo. Desde manhã cedo, Eddie e ele comeram apenas sanduíches de manteiga de amendoim e chocolates e barras de cereal duros como pedra. Refeições de mergulhadores. Nutritivo, saciante e seco como a areia do Saara.

Procurou relaxar. Eddie deu um breve relato para o Thorvaldson. Vez por outra, viam mexilhões ou estrelas-do-mar. O piloto apontou para fora.

— Impressionante, não? Estamos a mais de novecentos metros de profundidade, e está totalmente escuro. Mesmo assim, esta faixa é denominada zona de resto de luz.

— não há regiões em que a água é tão clara que a luz, de fato, penetra até mil metros? — perguntou Stone.

— Claro. Mas nenhum olho humano é capaz de ver isso. A partir de cem cento e cinquenta metros, para nós é totalmente escuro. Já esteve abaixo de mil metros?

—não. E você?

— Algumas vezes. — Eddie sacudiu os ombros. — É tão monótono quanto aqui. Prefiro onde há luz.

— O que há? Nenhuma ambição para mergulhos profundos?

— Para quê? Jacques Picard chegou a 10.740 metros. não tenho a menor vontade. Foi uma conquista científica de primeira, mas não há quase nada para ver.

— Como pode saber?

—não sei. Mas não acredito que haja grandes coisas. Quer dizer, mesmo que haja, é mais divertido na zona bentônica do que nas zonas abissais, há mais vida.

— Desculpe — disse Stone. — Mas Picard não chegou a 11.340 metros?

— Ah, sim. — Eddie riu. — Eu sei, está em todos os livros escolares. Um equívoco. Culpa do ecobatímetro. Fora calibrado na Suíça, na água doce. Compreende? A densidade da água doce é diferente. Por isso erraram a medição do único mergulho tripulado ao ponto mais fundo da superfície terrestre. Eles...

— Espere. Ali!

A sua frente, o cone de luz desapareceu numa sombra. Ao se aproximarem, viram que aqui o solo despencava para o fundo. A luz perdeu-se no abismo.

— Pare.

Os dedos de Eddie sobrevoaram as teclas e os botões. Ele produziu contra-pressão, e o Deep Rover parou. E então, aos poucos, começou a girar.

— Uma correnteza bastante forte — disse Eddie. O submersível continuou girando lentamente até os faróis iluminarem a margem do abismo. Eles fitaram uma linha de ruptura. — Aparentemente, alguma coisa desmoronou aqui há pouco tempo — disse Eddie. — É bem recente.

Os olhos de Stone vagaram para todos os lados, agitados.

— O que diz o sonar?

— São, no mínimo, quarenta metros para baixo. E não consigo localizar nada à direita e à esquerda.

— Quer dizer que o platô...

—não há mais platô aqui. Desmoronou.

Stone mordeu o lábio. Deviam estar nas imediações da fábrica. Mas não havia nenhum abismo aqui há um ano. Provavelmente nem há poucos dias.

— Vamos descer — decidiu. — Veremos até onde vai isto.

O Deep Rover pôs-se em movimento e desceu ao longo da linha de ruptura. Dois minutos depois, os faróis voltaram a iluminar o fundo. Parecia um campo de destroços.

— Deveríamos subir alguns metros — disse Eddie. — Está muito escarpado aqui embaixo. Podemos colidir.

— Já vamos. Diabos, à nossa frente! Veja.

Um cano de alguns metros de diâmetro entrou no seu campo de visão. Atravessava grandes pedaços de rocha e desaparecia além do cone de luz. Diversos fios pretos de petróleo saíam dele, emergindo em direção à superfície.

— É um oleoduto — gritou Stone, exaltado. — Meu Deus.

— Era um oleoduto — disse Eddie.

— Vamos segui-lo.

Stone arrepiou-se. Sabia onde este oleoduto os levaria ou de onde vinha. Estavam no terreno da fábrica.

Mas não havia mais terreno.

De repente, surgiu uma parede escarpada à sua frente. No último segundo, Eddie puxou o submersível para cima. A parede parecia não ter fim, mas finalmente escaparam por pouco sobre a margem superior. Somente agora Stone percebeu que nem era uma parede, mas um grande pedaço de fundo submarino que se verticalizara. Atrás dele, o mar tornava a despencar. Partículas de sedimento flutuavam na luz e dificultavam a visão. E então os faróis voltaram a iluminar uma corrente de bolhas que emergiam velozmente. Elas se atiravam descoordenadamente de um fosso com bordos afiados.

— Meu Deus do céu — sussurrou Stone. — O que aconteceu aqui?

Eddie não respondeu. Fez uma curva para que passassem por fora da corrente de bolhas. A visibilidade estava cada vez pior.

Perderam o oleoduto de vista por um instante, e então ele entrou novamente no cone de luz. Ele levava para baixo.

— Merda de correnteza — disse Eddie. — Estamos sendo puxados para dentro do estouro.

O Deep Rover começou a chacoalhar.

— Continue seguindo o oleoduto — ordenou Stone.

— É loucura. Devíamos subir.

— A fábrica está aqui — insistiu Stone. — Deve aparecer logo à nossa frente.

— não surgirá nada por aqui. Está tudo destruído.

Stone não disse nada. À sua frente, o oleoduto curvava-se para cima como dobrado por uma mão gigantesca e terminava numa ponta arrebatada. O aço esfarrapado formava esculturas bizarras.

— Ainda quer continuar?

Stone acenou com a cabeça. Eddie manobrou até rente ao oleoduto. Por um instante flutuaram sobre a abertura serrilhada como se estivessem acima de uma boca gigante. E então o submersível passou pelo oleoduto.

— Daqui para a frente não tem fundo — disse Eddie. A sua volta, começou a borbulhar novamente.

Stone fechou as mãos em punho. Começou a perceber que Alban tinha razão. Deviam ter enviado o robô para baixo. Mas desistir agora parecia-lhe ainda mais absurdo. Precisava saber! não ia poder olhar nos olhos de Skaugen sem um relatório detalhado. Desta vez, não seria pego de surpresa.

— Vamos continuar, Eddie.

— Você enlouqueceu.

O campo de destroços despencou atrás do cano estourado, e a chuva de sedimentos aumentou. Pela primeira vez, Eddie também demonstrou uma certa tensão. A cada momento poderiam aparecer novos obstáculos.

E então avistaram a fábrica.

Na realidade, viram apenas algumas vergas, mas Stone entendeu no mesmo instante que o protótipo de Kongsberg já não existia. A fábrica estava soterrada sob os escombros do platô

desmoronado, a mais de cinqüenta metros abaixo do que estivera antes.

Olhou melhor. Alguma coisa estava se soltando das escoras metálicas em sua direção.

Bolhas.

Não, eram mais do que bolhas. Lembravam Stone do turbilhão colossal de gás que haviam observado a bordo do Sonne. Do estouro depois do pegador de fundo monitorado atravessar o gelo.

De repente, foi tomado pelo pânico.

— Fora daqui! — gritou.

Eddie removeu os lastros restantes. O submersível deu um salto e atirou-se para cima, seguido por uma bolha gigantesca. E então estavam no meio do turbilhão e caíram. A sua volta, o mar fervia.

— Merda! — gritou Eddie.

— O que aconteceu com vocês aí embaixo? — A voz metálica do técnico a bordo do Thorvaldson. — Eddie? Diga alguma coisa! Estamos medindo umas coisas estranhas, está subindo um monte de gás e hidrato.

Eddie pressionou o botão de resposta.

— Detonarei o invólucro! Vamos subir.

— O que aconteceu? Vocês...

A voz do técnico perdeu-se no barulho ensurdecedor. Ouviram-se chiados e estouros. Eddie detonara os pacotes de baterias e partes do invólucro. Era uma medida de emergência para perder peso. O que restou do corpo do Deep Rover começou a girar juntamente com a esfera de acrílico e voltou a emergir novamente. E então um forte solavanco sacudiu o veículo. Stone viu uma gigantesca rocha emergir ao seu lado, arrancada pelo gás. A esfera virou de cabeça para baixo. Ouviu o piloto gritar quando foram atingidos pela segunda vez. Desta vez o golpe veio do lado direito e jogou-os para fora do estouro. Imediatamente o Deep Rover foi atirado para cima pela força do empuxo. Stone agarrou-se no encosto da cadeira, mais deitado do que sentado. Eddie caiu em cima dele de olhos fechados. O sangue escorria-lhe pela face.

Desesperado, Stone percebeu que agora estava totalmente a sós. Esforçou-se por lembrar o que precisaria fazer para equilibrar o submersível. O controle podia ser transferido do lado de Eddie para o dele, mas como?

Eddie havia-lhe mostrado. Ali estava o botão.

Stone pressionou-o, enquanto, simultaneamente, tentava livrar-se de Eddie. não tinha certeza se as hélices ainda funcionariam depois de o invólucro ter sido detonado. No ecobatímetro, os números corriam rapidamente, mostrando-lhe que agora o submersível subia em grande velocidade. Na realidade, a direção para qual guiava não importava. O importante era subir. não precisava preocupar-se com a descompressão no Deep Rover. A pressão da cabine correspondia à pressão na superfície d'água.

Uma luz de emergência se acendeu.

Os faróis sobre o esqui direito apagaram. E então todas as luzes apagaram. Reinou a escuridão absoluta em volta de Stone.

Ele começou a tremer.

Acalme-se, pensou. Eddie explicou a você as funções. Há um gerador de emergência. É um dos botões na primeira fila do painel de comando. Ou ligava-se automaticamente, ou ele precisaria ligar. Seus dedos apalparam os interruptores enquanto continuava com os olhos arregalados na escuridão.

O que era aquilo?

Devia estar totalmente escuro sem os faróis do submersível. Mas havia luz.

Já estariam tão próximo à superfície? O último registro do ecobatímetro antes de os faróis apagarem indicara um pouco mais de setecentos metros. O barco continuava flutuando ao longo do talude continental. Estavam muito abaixo da margem continental e além de qualquer luz do dia.

Uma ilusão de óptica?

Apertou os olhos.

A luz brilhava num azul lívido, tão fraco que era mais imaginável do que visível. Erguia-se da profundidade e formava uma espécie de cano afunilado cuja Parte traseira se perdia na escuridão do abismo. Stone prendeu a respiração. Era loucura, mas

podia jurar que, quanto mais se aproximasse, mais esse troço brilhava. A maior parte das ondas luminosas era absorvida pela água. Se isso fosse verdade, estaria a uma distância considerável.

E, portanto, seria gigantesco.

O cano moveu-se.

O funil parecia alongar-se enquanto toda a formação dobrou-se lentamente. Stone permaneceu imóvel, seus dedos pararam de procurar pelo interruptor de emergência, e olhou para fora, atônito. O que estava vendo era bioluminescência sem sombra de dúvida, filtrada por milhões de metros cúbicos de água, partículas e gás. Mas que criatura marinha luminescente seria tão inimaginavelmente grande? Uma lula gigante? Aquilo era maior do que qualquer lula. Era maior do que qualquer fantasia mais ousada de uma lula.

Ou estaria apenas imaginando tudo isso? Uma ilusão de óptica causada por uma mudança abrupta de claridade para escuridão? Visões fantasmagóricas dos faróis apagados?

Quanto mais olhava para aquela coisa iluminada, mais fraca lhe parecia. Lentamente, o cano começou a afundar.

E então desapareceu.

Imediatamente Stone retomou a procura pelo acionador do gerador de emergência. O submersível emergia lenta e constantemente, e ele sentiu um certo alívio, porque em breve chegaria à superfície e todo este pesadelo chegaria a um fim. As câmeras de vídeo também não haviam sido perdidas quando Eddie detonara o invólucro. Teriam filmado aquele troço? Conseguiriam registrar impulsos tão fracos?

Esteve ali. Ele não se enganara. E, de repente, lembrou-se da estranha filmagem feita pelo Victor. Aquele outro troço que se retraía tão repentinamente do cone de luz. Meu Deus, pensou. O que encontramos?

Ah! Aqui estava o interruptor.

Num zumbido, o gerador de emergência começou a trabalhar. Inicialmente acenderam-se as luzes de controle do painel e, em seguida, os faróis externos. De uma hora para a outra, o Deep Rover voltou a flutuar como um casulo de luz.

Eddie estava deitado ao seu lado, de olhos abertos.

Stone inclinou-se em sua direção, quando algo surgiu na luz por detrás de Eddie, uma superfície, nebulosa, avermelhada. Aproximava-se do barco, e a mão de Stone buscou o painel de controle, porque pensou que bateriam no talude.

E então percebeu que o talude se chocaria contra o barco. Vinha em sua direção.

O talude atirava-se em sua direção!

Foi a última coisa que Stone compreendeu antes de a esfera de acrílico ser detonada em mil pedaços pela força da colisão.

## **BELL 430, MAR NORUEGUÊS**

Em Trondheim ainda pensaram que seria um vôo tranqüilo. Agora sacudia tanto que Johanson tinha dificuldades de dedicar-se adequadamente à poesia americana. Durante a última meia hora, o céu escurecera dramaticamente e baixava cada vez mais. Pesava sobre o helicóptero como se quisesse empurrá-lo para o mar. Fortes rajadas chacoalhavam o Bell para todos os lados. O piloto olhou para trás.

— Tudo bem?

— Tudo ótimo.

Johanson fechou o livro e olhou para fora. A superfície do mar mergulhara numa lavanderia. Reconheceu os esboços de poços de petróleo e navios. Calculou que o mar estaria subindo consideravelmente naqueles minutos. Um forte temporal se aproximava.

— não precisa se preocupar — disse o piloto. — não há o que temer.

— não estou preocupado. O que diz a previsão do tempo?

— Que teremos vento. — O piloto olhou para o barômetro no painel de controle. — Ao que parece, assistiremos a um pequeno furacão.

— Muito gentil não ter me avisado antes.

— Eu não sabia. — O homem encolheu os ombros. — A previsão de tempo nem sempre é tão boa assim. Tem medo de

voar?

— De forma alguma. Eu adoro voar — insistiu Johanson. — Só me preocupo com a queda.

— não cairemos. No mundo offshore, tiramos isso de letra. Hoje não nos acontecerá nada além de umas belas sacudidas.

— Quanto tempo ainda levaremos?

— Já passamos a metade.

— Pois então. Voltou a abrir o livro.

Outros ruídos misturaram-se ao barulho do motor. Estalava, rosnava, apitava. Até mesmo uma campainha parecia estar tocando. Um ruído que surgia em intervalos regulares, em algum lugar atrás dele. O que o vento aprontava com a acústica! Johanson virou a cabeça para o banco de trás, mas o barulho cessou.

Dedicou-se novamente aos pensamentos de Walt Whitman.

Deslizamento de Storegga

Há 18.000 anos, no auge da última era glacial, em toda a Terra o nível do mar era aproximadamente 120 metros inferior ao início do terceiro milênio. Grandes partes das massas de água globais estavam presas em geleiras. Conseqüentemente, a pressão da água sobre as plataformas continentais era menor, e alguns dos atuais mares ainda não existiam. Outros ficavam cada vez mais rasos ao longo do processo de congelamento, alguns chegaram a secar e transformaram-se em extensas paisagens pantanosas.

A pressão da água cada vez menor foi um dos motivos da drástica alteração das condições de estabilidade dos hidratos de metano. Especialmente nas regiões altas dos taludes continentais, em pouquíssimo tempo foram liberadas imensas quantidades de gás. As jaulas de gelo onde ficavam presos e comprimidos derreteram. O que agira como cimento durante milhares de anos nos taludes agora transformava-se em explosivo. Repentinamente, o metano liberado inchou, aumentando 164 vezes o seu volume e pressionando os poros e fendas dos sedimentos para os lados durante o seu caminho para fora, deixando para trás ruínas porosas que não suportavam mais o próprio peso.

Conseqüentemente, os taludes continentais começaram a desmoronar, levando grandes partes da plataforma continental

consigo. Quantidades inacreditáveis de material correram centenas de quilômetros oceano adentro em avalanches de lama. O gás alcançou a atmosfera e causou mudanças climáticas revolucionárias, mas os deslizamentos ainda tiveram outros efeitos imediatos — não somente para a vida no mar, como também para as regiões costeiras do continente e das ilhas.

Na segunda metade do século XX, os cientistas fizeram uma descoberta inquietante em frente à costa norueguesa. Encontraram as marcas de um desses deslizamentos. Na realidade, haviam sido vários deslizamentos que demoliram grande parte do talude continental naquela região durante um período de mais de quarenta mil anos. Muitos fatores contribuíram, fases de calor em que a temperatura média das correntezas próximas ao talude se elevava, ou então aqueles períodos de congelamento há 18.000 anos nos quais fez frio, mas a pressão da água diminuiu. Para ser mais preciso, os períodos de estabilidade do hidrato em termos de história geológica — eram exceção.

Entretanto era numa dessas exceções que viviam os homens da chamada era moderna. E tendiam a confundir o estado de paz com a normalidade.

Naquela época, diversas gigantescas avalanches arrancaram um total de 5.500 metros cúbicos da plataforma continental norueguesa para o fundo do oceano. Entre a Escócia, a Islândia e a Noruega, os pesquisadores encontraram monte de lama de oitocentos metros de comprimento. O que realmente os cupou foi a descoberta de que a maior de todas as quedas do talude não fazia muito tempo, não chegava nem a dez mil anos. Denominou-se o acontecimento deslizamento de Storegga e esperou-se que nunca mais acontecesse

algo assim.

Naturalmente, era uma esperança descabida. Mas talvez transcorressem mais alguns milênios de paz. E, possivelmente, novas eras glaciais e de aquecimento teriam causado somente alguns deslizamentos em doses suportáveis, se não tivesse surgido na natureza um certo verme com a sua carga de bactérias, e se as circunstâncias não tivessem causado o que acontecia agora.

Quando perdeu o contato com o submersível, Jean-Jacques Alban, a bordo do Thorvaldson, pressentiu que nunca mais o veria. Mas não fazia idéia da dimensão do que estava acontecendo naquele momento a algumas centenas de metros sob o casco do navio de pesquisa. Sem sombra de dúvida, a decomposição dos hidratos alcançara um nível devastador — durante os últimos 15 minutos, o forte cheiro de ovos podres aumentara de forma insuportável, e sobre as ondas de tempestade cada vez mais altas boiavam pedregulhos brancos e espumantes cada vez maiores. Alban também sabia que permanecer sobre o talude continental seria suicídio coletivo. Um aumento do gás reduziria a tensão superficial da água, e eles afundariam. Independentemente do que estivesse acontecendo lá no fundo, era absolutamente imprevisível. Alban detestava a idéia de abandonar o Deep Rover e os seus tripulantes, mas algo lhe dizia claramente que Stone e o piloto estavam perdidos.

Entre os cientistas e a tripulação reinava um total alvoroço. Nem todos sabiam interpretar corretamente a espumação e o fedor. O temporal contribuía para a insegurança geral. Descera dos céus como um deus enfurecido e soprava ondas cada vez mais altas sobre o mar Norueguês. Elas batiam contra o casco do Thorvaldson e desfaziam-se em miríades de gotas cintilantes. Logo não conseguiriam mais ficar de pé.

Alban precisou ponderar diversos fatores nessa situação. A segurança do Torvaldson não podia ser vista com os olhos da companhia de navegação ou mensurada através do valor científico. Baseava-se unicamente no valor da vida humana. Isso incluía as vidas das duas pessoas no submersível, cujo destino a intuição de Alban antevia com mais eloqüência do que a sua cabeça. Ficar ou fugir eram igualmente errados, e igualmente corretos.

Alban olhou para o céu escuro com os olhos apertados e limpou a água da chuva do rosto. No mesmo momento, o mar revoltado acalmou-se por instantes.

Não era exatamente um abrandamento do temporal, e sim uma pausa para descanso antes de continuar com intensidade dobrada. Alban decidiu permanecer.

Lá embaixo, consumou-se um desastre.

De uma hora para outra, os hidratos destruídos — antes campos de gelo estáveis e veios nos poros dos sedimentos, agora ruínas carcomidas por vermes e bactérias — desmoronaram. Como em uma explosão, num trecho de 150 quilômetros a ligação gelada de água e metano transformou-se em gás. Enquanto Alban esforçava-se por manter a posição, o gás traçou o seu caminho para a liberdade, rompendo paredes íngremes, destruindo rochas, fazendo a plataforma tremer e cair para a frente. Quilômetros cúbicos de rochas desmoronaram dentro de segundos. Toda a margem continental superior pôs-se em movimento e avançou, enquanto, lá no fundo, novas camadas desmoronavam. Numa imensa reação em cadeia, as massas em deslizamento arrancavam umas às outras, colidiam com as últimas estruturas estáveis e trituravam-nas em lama.

A plataforma continental entre a Escócia e a Noruega, com as suas bombas, oleodutos e plataformas, apresentou as primeiras rachaduras.

Alguém gritou para Alban no temporal. Ele virou-se rapidamente e viu o vice-coordenador do projeto esbravejando com os braços para cima. Mal se ouviam suas palavras no temporal.

— O talude — foi tudo que Alban ouviu. — O talude.

Depois do intervalo ilusório, agora o mar estava realmente revoltado. Fortes ondas batiam no Thorvaldson. Alban olhou desesperadamente em direção ao guindaste de onde haviam baixado o Deep Rover para a água. As ondas espumavam. O cheiro de metano tornara-se insuportável. Desprendeu seu olhar e correu em direção ao centro do navio. O homem pegou-o na manga do casaco.

— Venha, Alban! Meu Deus! Precisa ver isso.

O navio tremeu. Um ronco abafado penetrou os ouvidos de Alban, um som lá do fundo do mar. Cambalearam através da escadaria estreita e oscilante em direção à ponte.

— Ali!

Alban fitou o painel de instrumentos com o sonar que continuava apalpando o fundo submarino. não acreditou no que viu.

não havia mais fundo. Era como se estivesse olhando para dentro de uma onda de maré.

— O talude está deslizando — sussurrou.

No mesmo instante compreendeu que não podia fazer mais nada pelo engenheiro maluco e por Eddie. Seu pressentimento transformara-se numa certeza assustadora.

— Precisamos sair daqui — disse. — Imediatamente. O timoneiro virou-se para ele.

— E para onde?

Alban pensou com cólera. Agora estava totalmente convicto. Sabia o que estava acontecendo lá embaixo, e por isso também sabia o que ainda estava por acontecer. Era incogitável chegar até um porto. Ao Thorvaldson restava apenas a chance de tomar o rumo para águas mais profundas o mais rápido possível.

— Enviar mensagens de rádio — disse. — Noruega, Escócia, Islândia, todos os países vizinhos. Precisam evacuar os litorais. Enviar imediatamente! Fazer o maior número possível de contatos.

— E Stone e... — começou a falar o vice-coordenador. Alban olhou para eles.

— Estão mortos.

Não tinha coragem de pensar na proporção do deslizamento. Mas só o que o sonar mostrava era suficiente para arrepiá-lo por inteiro. Por enquanto ainda estavam na zona crítica. Mais alguns quilômetros plataforma adentro, e virariam. Mais distante da costa talvez tivessem alguma chance de sobreviver. Precisariam expor-se às fúrias do temporal, mas isso era o de menos.

Alban procurou lembrar-se da morfologia do talude. A noroeste, o fundo submarino caía em vários grandes terraços. Com sorte, a avalanche cessaria na área superior. Mas num deslizamento de Storegga não haveria mais parada. O talude inteiro deslizaria para dentro do oceano, centenas de quilômetros até uma profundidade de 3.500 metros. As massas chegariam até a região abissal ao leste da Islândia, estremecendo o mar do Norte e o mar Norueguês como num maremoto milenar.

Para onde deveriam ir?

Alban desviou o olhar dos instrumentos.

— Rumo à Islândia — disse.

Milhões de toneladas de lama e escombros atiraram-se para baixo.

Quando as primeiras ramificações da avalanche lançaram-se no Canal Faroé-Shetland, entre a Escócia e a Noruega já não existiam mais os terraços do talude, restando somente uma massa dissolvida que rebentava para baixo com toda a força e carregava tudo o que até então tivera estrutura e forma. Parte do deslizamento distribuiu-se a oeste das Ilhas Faroé até ser interrompida pelos bancos de areia submersos que envolviam a bacia islandesa. Uma outra parte da avalanche distribuiu-se ao longo da cumeada entre a Islândia e as Ilhas Faroé.

Entretanto a maior parte despencou no Canal Faroé-Shetland, como num gigantesco escorrega. Nada deteve a queda. A mesma bacia oceânica que há milhares de anos absorvera o deslizamento de Storegga agora preenchia-se com uma avalanche ainda maior que avançava continuamente, produzindo uma imensa sucção.

E então a margem continental se rompeu.

Simplesmente rachou numa largura de cinqüenta quilômetros. E era apenas o começo de tudo.

## **SVEGGENSUNDET, NORUEGA**

Logo após Johanson decolar, Tina Lund guardara a sua bagagem no jipe do amigo e partira.

Dirigia rapidamente. A chuva começara a cair e enlameava a estrada. Provavelmente, Johanson teria protestado, mas Lund achava que a potência de um carro devia ser aproveitada. Além disso, com este tempo cinzento não se viam grandes coisas mesmo.

A cada quilômetro que se aproximava de Sveggensundet sentia-se mais aliviada.

Quebrara o gelo. Depois de esclarecida a situação com Stone, ligara imediatamente para Kare Sverdrup, sugerindo-lhe passar alguns dias com ela à beira-mar. Achou que Sverdrup ficara

contente e bastante surpreso. Algo na sua reação a fez pressentir que Johanson tinha razão. Que ela endireitara o caminho sinuoso das semanas anteriores no último segundo, se não Kare Sverdrup teria desistido. Por um instante, temera ter estragado tudo, e ouviu-se dizendo palavras que para ela soavam até assustadoramente comprometedoras.

Johanson demolira uma casa. Pois bem. Por que não tentar construir uma?

Quando, após uma rápida viagem, o jipe desceu lentamente a rua principal litorânea de Sveggensundet, ela sentiu o coração acelerar. Parou o carro num estacionamento público acima do Fiskehuset. De lá, uma rua e uma trilha levavam até a praia. Não era uma verdadeira praia de areia. Musgos e samambaias cobriam inteiramente o cascalho e as rochas. A paisagem em torno de Sveggensundet era plana, mas romanticamente selvagem, e o Fiskehuset, com o seu terraço de frente para o mar, tinha uma vista fantástica, até mesmo num dia como hoje, chuvoso e com péssima visibilidade.

Lund aproximou-se lentamente do restaurante e entrou. Sverdrup não estava lá, e o restaurante ainda não estava aberto. Uma ajudante de cozinha carregava caixas de legumes para dentro e informou-lhe que Sverdrup fora resolver algumas coisas na cidade. Poderia estar no banco ou no cabeleireiro ou em outro lugar qualquer, ele não dera nenhuma informação a respeito do seu retorno.

Culpa sua, pensou Lund.

Haviam combinado de se encontrar aqui. Provavelmente correria demais com o jipe de Johanson, pois chegara uma hora antes do previsto. Como pudera errar tanto a hora? Agora teria de sentar-se no restaurante e esperar. Mas era estúpido demais. Pareceria inadequado: Olhe só, veja quem já chegou! Ou pior ainda: Ei, Kare, onde estava, fiquei esperando este tempo todo por você!

Saiu para o terraço do Fiskehuset. A chuva bateu-lhe no rosto. Qualquer outra pessoa teria voltado imediatamente para dentro, mas para Lund não existia tempo ruim. Passara a sua

infância no campo. Adorava os dias ensolarados, mas o temporal e a chuva também eram bem-vindos. Na realidade, somente agora percebia que as rajadas que chacoalharam o jipe na última meia hora transformaram-se num belo temporal. não estava mais tão nebuloso, mas, em compensação, as nuvens cortavam o céu cada vez mais baixas. O mar estava revolto e coberto de espuma branca até onde a vista alcançava.

Algo lhe parecia estranho.

Estivera aqui diversas vezes e conhecia bem a região. Entretanto achou a praia mais larga do que o normal. O cascalho e as rochas avançavam mais mar adentro do que de costume, apesar das ondas que rolavam em direção à praia. Parecia até uma maré baixa fora do comum.

Você deve estar enganada, pensou.

Decidida, pegou o celular e discou o número do celular de Sverdrup. Poderia dizer-lhe que já tinha chegado. Era melhor do que a surpresa não dar certo. Devia estar vendo fantasmas, mas preferia que ele soubesse. Hoje não suportaria uma cara feia ou uma mínima falta de alegria.

Tocou quatro vezes e caiu na caixa postal.

Que seja. O destino queria assim.

Apenas restava-lhe esperar.

Tirou o cabelo molhado da testa e entrou, na esperança de encontrar ao menos uma máquina de café à disposição.

## **TSUNAMI**

O mar estava cheio de monstros.

Desde tempos imemoráveis, abria espaço para mitologias, metáforas e medos ancestrais. Ulisses perdera os seus companheiros para Cila, uma criatura de seis cabeças. Enfurecido com a soberba de Cassiopeia, Posêidon criara o monstro Ceto e enviara uma gigantesca serpente marinha para Laocoon, vingando-se da traição em Tróia. As sereias só podiam ser suportadas com cera nos ouvidos. Ninfas, sáurios marinhos e polvos gigantes tomavam conta das fantasias, o Vampyrotheutis infernalis,

finalmente, tornara-se a antípoda de todos os valores humanos. Até mesmo a besta chifruda da Bíblia erguera-se do mar. E justamente a ciência, cuja natureza estava ligada ao ceticismo, ultimamente pregava o real teor de todas as lendas e reportagens estupefacientes, desde que se descobrira novamente os celacantos e se comprovara a existência da lula gigante. Depois de os homens terem temido os habitantes das regiões abissais durante milênios agora não queriam mais largar dos seus pés. Para a mente esclarecida, nada era sagrado, sequer o medo. Os monstros tornaram-se os melhores amiguinhos, tanto os verdadeiros, quanto os imaginários, bichos de pelúcia da pesquisa.

Exceto um.

Era o pior de todos. Causava pânico até mesmo à mente mais iluminada. Sempre que se erguia do mar e avançava terra adentro, trazia a morte e a destruição. Devia o seu nome a pescadores japoneses que, em alto-mar, não perceberam nada do seu terror, para, no seu retorno, encontrarem a sua vila destruída e os seus parentes, mortos. Havia encontrado uma palavra para o monstro que, traduzido ao pé da letra, significava "onda no porto". Tsu para porto, nami para onda.

Tsunami.

A decisão de Alban de rumar para águas mais profundas demonstrou o seu conhecimento acerca do monstro e de suas peculiaridades. O maior erro teria sido entrar no porto supostamente protetor.

Então fez a única coisa certa.

Enquanto o Thorvaldson lutava contra as fortes ondas, o talude e a margem continental continuavam despencando para a profundidade. A conseqüente sucção reduziu o nível do mar em grande extensão. A partir do local do desmoronamento, as ondas propagavam-se e atiravam-se circularmente em todas as direções. Acima do centro do abalo, uma área de milhares de quilômetros quadrados, ainda eram imperceptíveis de tão pequenas. A amplitude era de menos de um metro acima do nível do mar.

Mas então alcançavam a área rasa da plataforma continental.

Alban aprendera outrora o que diferenciava ondas tsunami de ondas normais — praticamente tudo. Normalmente, as marolas desenvolviam-se com a movimentação do ar. Quando a radiação solar aquecia a atmosfera, o calor nem sempre se distribuía uniformemente sobre toda a superfície terrestre. Formavam-se ventos equilibrantes que causavam atrito na superfície d'água e, conseqüentemente, ondas. Até mesmo os furacões não levantavam o mar mais de 15 metros. As ondas gigantes como as famigeradas freak waves eram exceção. A velocidade máxima de ondas de tempestade normais era de noventa quilômetros horários, e o efeito do vento restringia-se às camadas superficiais do mar. Abaixo de duzentos metros de profundidade, tudo permanecia tranqüilo.

Entretanto as ondas tsunami não eram geradas na superfície, mas na profundidade. não eram resultado da velocidade dos ventos, mas nasciam num choque sísmico, e as ondas de choque propagavam-se em velocidades completamente diferentes. Acima de tudo, a energia da onda tsunami era transmitida pela coluna d'água até o fundo submarino. Desta forma, a onda tinha contato com cada ponto do fundo submarino, por mais fundo que fosse. Toda a massa de água começava a vibrar.

Contudo a melhor maneira de imaginar uma onda tsunami não fora demonstrada a Alban no computador, mas de forma muito mais simples. Alguém enchera um balde de metal com água e dera um chute em sua base. Em conseqüência, na superfície propagaram-se diversas ondas concêntricas. O abalo da base transferira-se a todo o conteúdo e era levado para fora em forma de ondas.

Simplesmente devia imaginar este efeito, disseram-lhe, numa escala milhões de vezes maior.

Simplesmente.

O tsunami desencadeado pelo deslizamento atirou-se com uma velocidade inicial de setecentos quilômetros horários em todas as direções, com cristas extremamente longas e rasas. A primeira onda já transportou milhões de toneladas de água e uma quantidade correspondente de energia. Após alguns minutos, atingiu a linha de ruptura da plataforma continental. O fundo

submarino tornou-se mais raso e freou a onda, reduziu a velocidade da sua parede sem que a energia carregada diminuísse consideravelmente. As massas de água seguiam adiante e, como não conseguiam mais avançar com a mesma rapidez, começavam a crescer. Quanto mais raso, mais o tsunami crescia, e o comprimento da sua onda encolhia-se dramaticamente. As ondas do temporal pegavam carona na sua crista. Ao alcançar as primeiras plataformas petrolíferas na plataforma continental do mar do Norte, sua velocidade caiu para quatrocentos quilômetros horários, embora seu tamanho tivesse aumentado para 15 metros.

Quinze metros não era nada que preocupasse alguém nas plataformas — desde que se tratasse de uma onda de tempestade normal.

Uma onda de choque, entretanto, que vibrava do fundo submarino até a superfície d'água, coroada por uma montanha de água de 15 metros de altura e numa velocidade de quatrocentos quilômetros horários, tinha o mesmo efeito de uma colisão de jumbo.

## **GULLFAKS C, PLATAFORMA CONTINENTAL NORUEGUESA**

Por um momento, Lars Jørgensen chegou a pensar que estava velho demais para sobreviver aos últimos meses na Gullfaks C. Tremia no corpo inteiro. O que estava acontecendo? Tremia tanto que a balastrada parecia tremer junto, e ele não fazia a menor idéia do porquê. Na realidade, não se sentia tão mal. Deprimido talvez, mas não doente. Seria assim num ataque cardíaco?

E então começou a perceber que na verdade era a balastrada que tremia. não ele.

A Gullfaks C estremecia.

Esta percepção atingiu-o como um choque.

Olhou para a torre e novamente para baixo em direção ao mar. Lá embaixo o temporal atormentava, mas ele já passara por piores. Bem piores, e sem que a plataforma chegasse a sentir grande coisa. Jørgensen conhecia este tremor somente de histórias, quando uma perfuração incorreta causava um estouro e o óleo ou o

gás atirava-se para cima em alta pressão. Neste caso, a plataforma poderia começar a vibrar com força. Mas era impossível na Gullfaks. Estavam bombeando o óleo de reservatórios semivazios para dentro de tanques submersos, e não diretamente abaixo da plataforma, mas nas suas proximidades.

Na indústria offshore havia algo como as dez maiores catástrofes em potencial. Vergas de esqueletos de aço, sobre os quais pousavam muitas plataformas, podiam quebrar. As freak waves, as maiores ondas do mundo que, juntamente com o vento e a correnteza, agitavam o mar, eram consideradas o maior acidente provável da indústria petrolífera. Da mesma forma, temiam-se as colisões com pontões desgarrados e tanques não manobráveis. Tudo isso era parte da lista do horror, em cujo topo estava o vazamento de gás. Os vazamentos dificilmente eram detectáveis. Muitas vezes só se percebiam quando já era tarde e eles entravam em contato com fogo. Neste caso, a plataforma inteira explodia, como acontecera à época com a Piper Alpha no lado britânico, quando a maior catástrofe na história da indústria petrolífera causara mais de 160 mortes.

Entretanto os maremotos eram os maiores pesadelos.

E isto, reconheceu Jørgensen, era um maremoto.

Agora tudo podia acontecer. Quando a Terra tremia, perdia-se todo o controle. O material deformava-se e rompia. Surgiam vazamentos, eclodiam incêndios. Quando um maremoto fazia uma plataforma estremecer, apenas restava torcer para que as coisas não piorassem ainda mais, que o fundo submarino não desmoronasse ou deslizesse, que as construções ancoradas suportassem os solavancos. Mesmo assim, havia outro problema causado pelo maremoto contra o qual não se podia fazer nada, absolutamente nada.

E esse problema aproximava-se da plataforma.

Jørgensen observou sua aproximação e sabia que suas chances eram mínimas. Virou-se e quis descer correndo pela escada de aço para fugir do alto terraço.

Tudo aconteceu muito rápido.

Seus pés perderam o contato com o chão, e ele caiu. Instintivamente, suas mãos agarraram-se na grade do piso. Um barulho infernal começou, estalos e estrondos, como se toda a plataforma estivesse se rompendo. Ouviam-se gritos, e então um estouro ensurdecedor cortou o ar e Jørgensen foi atirado contra a balaustrada. Uma forte dor invadiu o seu corpo. Pendurado na grade, percebeu que o mar repentinamente parecia levantar-se. Acima dele, o metal rebentou num chiado. Aterrorizado, percebeu que a gigantesca plataforma estava-se inclinando, e perdeu a razão. Restou uma criatura em pânico tentando arrastar-se em vão, afastando-se da água que se aproximava cada vez mais. Puxou-se à inclinação acima, o que ainda agora fora um chão, mas a inclinação tornava-se cada vez mais íngreme, e Jørgensen começou a gritar.

Perdeu as forças. Os dedos da mão direita soltaram-se das escoras metálicas, e ele escorregou para baixo. Um solavanco terrível atravessou o seu braço esquerdo. Agora estava pendurado em somente uma mão. Gritando continuamente, levantou a cabeça e viu a torre de extração caindo e o braço do guindaste com a chama de gás que não apontava mais para a água, mas em direção ao céu totalmente escuro.

Por um momento, essa chama isolada parecia até sublime. Um cumprimento aos deuses. Olá, aí em cima. Estamos chegando.

E então tudo se despedaçou numa nuvem de brasas amarelo-claro, e Jørgensen foi atirado para o mar. Não sentiu dor no local em que o antebraço fora arrancado, de forma que a sua mão esquerda continuava agarrada à grade do terraço. Antes que a onda de fogo pudesse atingi-lo, o rasante tsunami chocou-se com a plataforma que já começara a afundar, e a Gullfaks C foi esmagada, enquanto os pilares de concreto desapareceram juntamente com a margem continental que despencava para as profundezas.

Vovô, conte-nos uma história...\_\_

## **OSLO, NORUEGA**

Uma mulher escutava atentamente com a testa franzida.

— Como assim? — perguntou. — Algo como uma reação em cadeia?

Era integrante do Conselho de Catástrofes do Ministério do Meio Ambiente e estava acostumada a ser confrontada com as teorias mais absurdas. Conhecia o Instituto Geomar e sabia que lá ninguém se atrevia a loucuras, então procurou compreender rapidamente o que o cientista alemão contava-lhe ao telefone.

— não diretamente — respondeu Bohrmann. — É mais um processo simultâneo. Os desmoronamentos estão avançando ao longo de todo o talude. Está acontecendo em todos os lugares ao mesmo tempo.

A mulher engoliu a seco.

— E... que regiões seriam afetadas?

— Depende de onde exatamente está ocorrendo o rompimento, e qual será a sua extensão. Calculo que grande parte da costa norueguesa. As ondas tsunami se propagarão por milhares de quilômetros. Estamos informando todos os países vizinhos, Islândia, Grã-Bretanha, Alemanha, todos.

A mulher olhou para fora da janela do prédio do governo. Pensou nas plataformas lá fora. Centenas até lá em cima, em Trondheim.

— Quais seriam as conseqüências para as cidades litorâneas? — perguntou num tom de voz monótono.

— Deveriam preparar-se para evacuações.

— E para a indústria offshorei

— Acredite, tudo isso é difícil de precisar. No melhor dos casos, haverá uma série de pequenos deslizamentos. Nesse caso, deverá tremer apenas um pouquinho. No pior dos casos...

Nesse momento, a porta foi aberta, e um homem de face pálida entrou apressado. Colocou uma folha de papel em frente à mulher, sinalizando para que encerrasse a conversa. Ela pegou a folha e leu rapidamente o texto curto. Era a cópia de uma mensagem de rádio. De um navio.

Thorvaldson, leu.

Continuou lendo, quase sentindo perder o chão sob os pés.

— Há indícios evidentes — dizia Bohrmann nesse instante. — Caso aconteça, as pessoas na costa devem saber no que prestar atenção. Os tsunamis anunciam-se. Algum tempo antes da sua chegada, pode-se observar uma rápida mudança de maré. Várias vezes seguidas. O olho treinado perceberá. Após dez ou vinte minutos, de repente a água afasta-se da costa. Os recifes e as rochas tornam-se visíveis. Verão o fundo do mar, que normalmente nunca pode ser visto. Devem dirigir-se imediatamente a locais mais altos.

A mulher não disse mais nada, e praticamente não prestava mais atenção. Tentara imaginar o que aconteceria se o homem no telefone estivesse falando a verdade. Agora tentava imaginar o que estava acontecendo naquele momento.

## **SVEGGENSUNDET, NORUEGA**

Lund morria de tédio.

Era ridículo ficar sentada no restaurante vazio tomando um café. Qualquer espécie de inatividade parecia-lhe uma tortura. A ajudante de cozinha fora gentil ligara exclusivamente para ela a máquina de fazer espresso e cappuccino. O café estava delicioso e, apesar do temporal e da péssima visibilidade, a vista para o mar através das janelas panorâmicas era impressionante. Entretanto Lund estava cansada de esperar.

Estava dando colheradas no leite batido da sua xícara quando alguém entrou. Uma rajada de vento invadiu o restaurante.

— Olá, Tina.

Ela olhou para cima. Era um amigo de Sverdrup. Conhecia-o apenas como Ake:

— O que está fazendo aqui? Veio visitar Kare?

— E o que pretendia — disse Lund com sorriso torto, Ake olhou para ela, espantado:

— E por que está sentada aqui sozinha? Por que aquele idiota não está com você, que é o seu lugar?

— Culpa minha. Cheguei cedo demais.

— Ligue para ele.

— Já liguei. Caiu na caixa postal.

— Ah, claro! — Åke bateu com a mão na testa. — Onde ele está não há sinal.

Lund ficou atenta.

— Você sabe onde ele está?

— Sei, ainda agora estive com ele no Hauffen.

— Hauffen? A destilaria?

— Isso. Está comprando uns destilados. Provamos um ou outro, mas você conhece Kare. Ele toma menos álcool do que um monge durante a Quaresma, então tive de assumir sozinho a degustação.

— Ele ainda está lá?

— Quando saí, estavam todos conversando no porão. Por que não vai até lá? Sabe onde fica o Hauffen?

Lund sabia. A pequena destilaria, que produzia um excelente aquavit não destinado à exportação, ficava a dez minutos a pé para o sul, sobre um platô. De carro, chegaria lá em dois minutos, se pegasse a estrada de terra que levava terra adentro. Entretanto simpatizou mais com a idéia de fazer um pequeno passeio. Já ficara tempo demais no carro.

— Vou até lá — disse.

— Neste tempo horrível? — Åke torceu a cara. — Bem, você quem sabe Nascerão escamas em você.

— Melhor do que raízes. — Levantou-se, grata pela informação. — Até mais. Vou trazê-lo de volta.

Do lado de fora, levantou a gola do casaco, desceu até a estrada e começou a andar. Em dias bonitos via-se a destilaria dali. Agora era apenas uma sombra cinza na chuva diagonal.

Ele ficaria contente ao vê-la?

Inacreditável! Pensava como uma adolescente apaixonada. Tina Lund imprevisível. Claro que ficaria contente. O que acha?

Enquanto se afastava do Fiskehuset, olhava para o mar. Percebeu que provavelmente enganara-se antes. Pensara que a praia estava mais larga do que o normal, mas estava como sempre. Aliás, não, parecia ainda mais estreita.

Por um instante, parou.

Como poderia enganar-se assim?

Talvez fosse pelo temporal. As ondas batiam ora mais, ora menos. Provavelmente, no momento estava mais forte. Sacudiu os ombros e seguiu seu caminho.

Quando entrou na destilaria, completamente encharcada, não encontrou ninguém na pequena sala de recepção. Na parede dos fundos havia uma porta de madeira aberta. A luz do porão penetrava para cima. Não hesitou, mas desceu e encontrou dois homens conversando, encostados nos barris, cada um com um copo na mão. Eram os dois irmãos a quem pertencia a destilaria, homens simpáticos e velhos, as faces marcadas pelo tempo. Não encontrou Kare.

— Sinto muito — disse um deles. — Saiu há dois minutos. Você o perdeu por pouco.

— Ele estava a pé? — perguntou. Quem sabe o alcançaria.

— Não. — O outro balançou a cabeça. — Veio no caminhão. Comprou alguma coisa. Era demais para carregar.

— Disse se retornaria ao restaurante?

— É, pretendia ir para lá.

— Está bem. Obrigada.

— Ei, espere. — O velho soltou-se do barril e aproximou-se dela. — Já que veio em vão, pelo menos tome uma dose conosco. Imagine que absurdo, vir a uma destilaria e sair sóbria!

—? Obrigada, muito gentil, mas,.

— Ele tem razão — concordou o irmão animadamente. — Precisa tomar alguma coisa.

— Eu...

— Lá fora está caindo o mundo, garota. Como pretende achar o caminho de volta sem algo quente no estômago?

Ambos olharam para ela com olhar de cachorro sem dono. Lund sabia que seria uma alegria para os velhos se ficasse para uma dose. E por que não?

— Uma — disse.

Os irmãos sorriram e acenaram a cabeça um para o outro, como se tivessem acabado de conquistar Constantinopla.

## ILHAS SHETLAND, GRÃ-BRETANHA

O helicóptero preparou-se para o pouso.

Johanson olhou para fora. Haviam sobrevoado a encosta íngreme, seguiram ao longo dela e agora rumavam para a pequena pista de pouso onde Karen Weaver pretendia buscá-lo. Os rochedos caíam suavemente para o leste e terminavam numa enseada arqueada. A partir dali, a paisagem era plana. Intermináveis praias de areia e de cascalho seguiam umas às outras, e atrás delas começava a sóbria paisagem pantanosa das Ilhas Shetland. Montes baixos e compridos, entre os quais as estradas pareciam riscos.

O heliporto fazia parte de uma estação de oceanografia que alojava meia dúzia de cientistas e quase não merecia o seu nome: um campo de cascalho mais ou menos redondo no meio da imensidão cinzenta, a estação em si um pouco mais do que um grupo de barracos maltratados pelo vento. Uma rua estreita descia dos montes e terminava num píer. Johanson não viu barcos. Ao lado dos barracos havia dois jipes e uma van estacionados. Weaver estava escrevendo um artigo sobre focas, por isso escolhera este lugar. Regularmente saía com os cientistas, mergulhava com eles, e estava hospedada em um dos barracos.

Uma última rajada fez o Bell estremecer, e então as rodas tocaram o chão. O helicóptero pousou suavemente.

— Superamos mais esta — disse o piloto.

Johanson avistou uma pequena criatura na beira da pista de pouso. Seus cabelos voavam ao vento. Presumiu que seria Karen Weaver. Agradava-lhe a forma com que ela o aguardava na paisagem solitária. Não muito distante dela havia uma motocicleta estacionada. Tudo a seu gosto. Uma ilha arcaica com uma criatura solitária, uma dominando a outra. Esticou os braços e as pernas, enfiou o livro de poesias de Whitman de volta na bolsa e pegou o sobretudo.

— Por mim, ainda poderíamos dar mais algumas voltas — disse —, mas não gostaria de deixar aquela senhorita esperando.

O piloto virou-se para Johanson e franziu a testa.

— Apenas finge ser cool assim ou realmente não se sentiu incomodado? Johanson tentou vestir as mangas do sobretudo.

— Você mesmo terá de descobrir. Deve ter experiência com diretores.

— Sim, claro.

— E então? Sou cool}

— não sei. Talvez esteja apenas blefando. A maioria dos que eu transporto por aí teria torrado o meu saco.

— Skaugen também?

— Skaugen? — O piloto refletiu um instante, os rotores paravam de girar.

— não. Acho que nada impressiona Skaugen.

Que novidade, pensou Johanson.

— Pode me buscar aqui amanhã? Digamos ao meio-dia.

— Sem problemas.

Esperou a porta abrir-se e desceu a pequena escada. Ele era cool} No fundo, estava contente por pisar em terra firme. O piloto precisava seguir viagem, mas, ao que parecia, estava acostumado às condições extremas de tempo. Apenas faria um breve intervalo e voaria até Lerwick para encher o tanque. Johanson ajeitou a bolsa sobre os ombros e andou em direção à criatura que o aguardava. Seu sobretudo encheu-se de ar e bateu-lhe nas pernas, mas ao menos não chovia.

Karen Weaver veio lentamente em sua direção.

Curiosamente, parecia ficar mais baixa a cada passo. Quando finalmente estava à sua frente, ele calculou que teria, no máximo, 1,65m. Ela tinha um corpo compacto e atraente. Usava jeans coladas nas pernas musculosas. Os ombros largos marcavam o casaco de couro. Até onde Johanson pôde ver, não usava maquiagem. Seu bronzeado era daqueles que se adquiriam no vento e no tempo. O sol escaldante e o sal fizeram sua parte e providenciaram numerosas sardas que se espalhavam na face e na testa. O vento revolvia um mar de cachos castanhos. Ela o observava, interessada.

— Sigur Johanson — afirmou. — Como foi o vôo?

— Péssimo. Só mesmo com a confortante companhia de Walt Whitman. Olhou para o helicóptero. — Mas o piloto disse que eu sou cool.

Ela sorriu.

— Deseja comer alguma coisa?

Pergunta estranha, pensou ele, assim, logo após o cumprimento. E então percebeu que de fato sentia fome.

— Com prazer. Onde?

Ela fez um movimento com a cabeça em direção à moto.

— Podemos ir até a próxima cidade. Se o vôo não lhe fez tão mal, também sobreviverá à Harley. Por outro lado, aqui na estação seria mais rápido, se preferir cortted beef enlatado e sopa de ervilhas.

Johanson olhou para ela e percebeu que os seus olhos eram de um azul excepcionalmente profundo. O azul do fundo do mar.

— E por que não? — disse. — Seus cientistas saíram?

—não. Está ventando demais. Foram fazer algumas compras na cidade. Posso fazer o que bem entender aqui, também posso abrir uma lata. O máximo dos meus dotes culinários. Venha.

Johanson seguiu-a, cruzando a área de cascalho do heliporto em direção à estação. Daqui de baixo a construção não parecia tão castigada pelo vento quanto vista de cima.

— Onde estão os barcos? — perguntou.

—não gostamos de deixá-los do lado de fora. — Apontou para a construção mais próximo à água. — A enseada é pouco protegida; por isso, depois de usá-los, nós os guardamos no barraco mais próximo ao mar.

O mar...

Onde estava o mar?

Johanson hesitou e parou. Onde há pouco as ondas bateram na praia estendia-se uma planície enlameada repleta de pequenas rochas. O mar retraíra-se, mas devia ter sido nos últimos minutos. Numa área extensa via-se apenas o chão.

Nenhuma maré vazante poderia provocar isso em tão pouco tempo. A água recuara centenas de metros.

Weaver andou mais alguns passos, e então virou-se para ele,

— O que foi? A fome passou?

Ele balançou a cabeça. Um ruído penetrou o seu ouvido, cada vez mais alto. Primeiro pensou que seria um grande avião voando rente à água em direção à "ha. Mas não soava como um avião. Parecia-se mais com uma trovoadas que se aproximava, entretanto constante demais para uma trovoadas, sem parar...

De repente, compreendeu o que estava acontecendo.

Weaver seguiu o seu olhar.

?— Que diabos é isso?

Johanson ia responder. No mesmo instante, viu o horizonte escurecendo, e Weaver também viu.

— Para o helicóptero! — gritou.

A jornalista ficou paralisada. E então começou a correr. Juntos, correram em direção ao helicóptero. Johanson viu o piloto checando os instrumentos atrás das janelas do cockpit, Levou um segundo para o homem perceber as criaturas que corriam em sua direção. Ele deteve-se. Johanson fez-lhe sinal para que baixasse a escada. Sabia que o piloto não podia ver o que vinha do mar. O helicóptero estava com o cockpit virado terra adentro.

O homem franziu a testa, mas acenou a cabeça afirmativamente. A porta abriu-se num chiado e a escada desceu.

A trovoadas aproximava-se. Agora parecia que o mundo inteiro além da ilha colocara-se em movimento.

E é exatamente isso, pensou Johanson.

Lugar errado, hora errada.

Dividido entre o espanto e a fascinação, deteve-se no pé da escada e viu o mar voltando e inundando novamente a planície enlameada. Meu Deus, é tão inacreditável! Simplesmente não é parte desta época, não é nada para homens civilizados. Coisas de livros escolares. Todos sabiam que meteoritos, terremotos, explosões vulcânicas e inundações haviam mudado a aparência da Terra no decorrer de milhões de anos, mas, devido a um acordo secreto, tais acontecimentos pareciam ter acabado para sempre com o início da era da tecnologia.

— Johanson!

Alguém o empurrou. Ele voltou a si e apressou-se escada acima, seguido por Weaver. O helicóptero começara a tremer. Viu a consternação nos olhos do piloto e gritou:

— Ligue o motor. Imediatamente!

— Que barulho é esse? O que está acontecendo aqui?

— Ande, suba com esta joça.

— não posso fazer mágica. Para que isso? Para onde quer que eu voe?

— Tanto faz. Ganhe altura.

Os rotores começaram a crepitar. O Bell titubeou ao soltar-se do chão e subiu um, dois metros. E então a curiosidade do piloto venceu o seu medo. Girou o helicóptero em 180 graus para que pudessem ver o mar. Arregalou os olhos.

— Mas que merda — exclamou.

— Ali! — Weaver apontou pela janela em direção aos barracos. — Ali fora.

Johanson virou a cabeça. Do barraco principal, alguém corria em sua direção. Um homem de jeans e camiseta. Estava boquiaberto. Corria o mais rápido que podia em sua direção agitando os braços.

Johanson olhou para Weaver, perplexo.

— Eu pensei...

— Eu também. — Horrorizada, fitou a criatura que se aproximava. — Precisamos descer. Ai, meu Deus, juro que não sabia que Steven tinha ficado aqui» eu realmente pensei que todos...

Johanson balançou a cabeça energicamente.

— Ele não conseguirá.

— não podemos deixá-lo para trás.

— Olhe para fora, diabos. Ele não conseguirá. Nós não conseguiremos.

Weaver empurrou-o para o lado e foi até a porta. No próximo instante, perdeu o equilíbrio quando o piloto guiou o helicóptero lateralmente sobre a faixa de areia em direção ao homem que corria. O helicóptero começou a virar e estremeceu

quando foi atingido por uma série de fortes rajadas consecutivas. O piloto esbravejou. Por um instante, perderam o cientista de vista e, de repente, estavam bem próximo a ele.

— Ele conseguirá — gritou Weaver. — Precisamos descer!

— não — sussurrou Johanson.

Ela não ouviu. não podia ouvir. Até mesmo o barulho dos rotores desapareceu no ronco do mar que rolava em sua direção. Johanson sabia que não poderiam mais salvar o cientista, mas tinham perdido um tempo precioso, e agora duvidava de que eles próprios pudessem se salvar. Obrigou-se a desprender o olhar da criatura que corria em sua direção, e olhou para frente.

A onda era gigantesca. Devia ter uns trinta metros de altura, uma parede vertical de água verde-escura retumbante. Ainda faltavam algumas centenas de metros até a margem, mas aproximava-se na velocidade de um trem, o que significava que, se tanto, restavam-lhe alguns segundos até a colisão. Definitivamente não seria tempo suficiente para deixar o homem subir a bordo e escapar das massas de água que se aproximavam em altíssima velocidade. Entretanto, pela última vez, o piloto tentou aproximar suficientemente o helicóptero do homem que fugia. Talvez esperasse que o homem se salvasse com um salto através da porta aberta ou conseguisse agarrar um dos esquis, algo como o que se via no cinema a toda hora e que sempre funcionava com Bruce Willis ou Pierce Brosnan.

O cientista tropeçou e caiu de frente.

Já era, pensou Johanson.

Tudo escureceu à sua frente. não se via mais o céu através das janelas do cockpit, nada além do paredão da onda. Ela preenchia o seu campo de visão em todas as direções, deslizava em sua direção em alta velocidade. Haviam perdido a sua chance. Todas as possibilidades se aniquilaram. Uma subida vertical os faria colidir à meia altura com a onda gigantesca. Se voassem terra adentro rente ao chão, economizariam tempo para a subida, entretanto a água os alcançaria. O tsunami certamente era mais rápido, e, além do mais, precisaria virar o Bell antes. Os segundos restantes também não bastariam.

Num acesso de distanciamento, Johanson perguntou-se como suportava a visão do paredão vertical de água sem perder a razão. E então a realidade alcançou-o novamente, no momento em que o piloto fez a única coisa certa, guiando o helicóptero para trás e para cima simultaneamente. O bico do Bell abaixou-se. Por um instante, viram o chão através das janelas do cockpit, entretanto não caíam em sua direção, mas afastavam-se, de ré, do chão e da onda que se aproximava em alta velocidade. O Bell rugiu como se o motor fosse explodir. Johanson jamais imaginara que tal manobra seria possível com um helicóptero — talvez nem o piloto acreditasse —, mas estava dando certo.

A onda escumava como um animal faminto. Ela varreu a praia e começou a desmoronar. Montanhas de espuma seguiram o Bell na sua fuga alucinada. O tsunami berrava e esganiçava. No instante seguinte, uma terrível pancada fez o helicóptero estremecer, e Johanson foi atirado contra a parede lateral logo ao lado da porta aberta. A água bateu-lhe no rosto. Sua cabeça bateu contra a parede, e ele viu flashes de luz vermelho-escuro. Seus dedos tocaram metal, uma escora, e agarraram-se nela. Sentiu uma forte dor. não conseguiu definir se o terrível ronco nos seus ouvidos ainda era da onda ou se já vinha de dentro da sua cabeça, se estavam caindo ou subindo. Só conseguia pensar que, afinal, a onda conseguira pegá-los e que agora seriam esmagados, e esperou pelo fim.

Até que sua vista clareou. A cabine estava cheia de água respingada. Acima do helicóptero flutuavam nuvens cinza rasgadas.

Conseguiram.

Escaparam. não caíram no tsunami, mas conseguiram, por pouco, sobrevoar a sua crista.

O helicóptero continuou subindo e fez uma curva, de forma que conseguiram ver o litoral abaixo de si. não havia mais litoral. Lá embaixo não havia mais nada além de uma onda furiosa que avançava com a mesma velocidade, engolindo a terra. A estação, os veículos e o cientista haviam desaparecido. Bem distante, à sua direita, onde começava a encosta íngreme, chafarizes de espuma brilhante explodiam nos rochedos e atiravam-se infinitamente em

direção ao céu, muito além da altura de vôo do Bell, como se quisessem unir-se às nuvens.

Weaver conseguiu erguer-se. Ela tombara sobre os assentos quando a torrente de água acertara o Bell. Arregalou os olhos para o que viu do lado de fora, repetindo sem parar:

— Ai, Deus!

O piloto permaneceu em silêncio. Estava pálido, apertou os dentes.

Mas conseguiu.

Seguiram a onda. As massas de água avançavam sobre o chão, mais rápido do que o helicóptero pudesse acompanhar. Surgiu uma encosta, e a água espumante atirou-se por cima, praticamente na mesma velocidade, para dentro da planície por detrás dela. O terreno era tão plano que certamente avançaria quilômetros terra adentro. Johanson viu a planície repleta de manchas brancas e avistou carneiros numa fuga enlouquecida, até que também os carneiros desapareceram.

Uma cidade litorânea teria sido apagada.

Não, errado. Ela será apagada. não só uma. Praticamente todas as cidades litorâneas dos mares nórdicos afundariam na onda de maré. O tsunami, onde quer que houvesse surgido, espalhava-se circularmente naquele momento, como era da natureza de ondas de impulso. Sua força destrutiva chegaria à Noruega, Holanda, Alemanha, Escócia e Islândia. Chocado, conscientizou-se da catástrofe que estava ocorrendo e encolheu-se como se alguém lhe tivesse enfiado um ferro em brasa no abdome.

Lembrou-se de quem estava em Sveggensundet naquele momento.

## **SVEGGENSUNDET, NORUEGA**

Os irmãos Hauffen tinham um bom padrão de entretenimento, achou Lund. Faziam de tudo para convencê-la a ficar. Às piscadelas e com tapinhas nas costas, chegaram a dizer que seriam muito melhores amantes do que Kare Sverdrup, e Lund

precisou tomar mais uma dose com eles antes de finalmente autorizarem sua saída.

Ela olhou para o relógio. Se saísse agora, chegaria pontualmente no Fiskehuset. Tão pontualmente que seria até embaraçoso, pensou repentinamente. Quem é tão pontual assim está correndo atrás. Atrasar alguns minutos seria melhor para a sua imagem.

Bobona.

Mas não precisava ir correndo para o Fiskehuset

Os dois velhos fizeram questão de um abraço. Ela era a mulher certa para Kare, garantiram, uma que não cospe dentro do copo quando lhe servem um Aquavit. Lund teve de aturar uma série de elogios, piadinhas e boas sugestões, até finalmente um dos dois acompanhá-la para cima. Ele abriu-lhe a porta da entrada, viu a chuva caindo fortemente em diagonal e julgou que ela não poderia sair sem guarda-chuva. Em vão, ela tentou convencê-lo de que estava acostumada a sair na chuva sem guarda-chuva. Que era parte da sua profissão permanecer do lado de fora em qualquer condição de tempo. Foi o mesmo que conversar com as paredes. O velho foi buscar um guarda-chuva. Novamente um abraço, e finalmente ela conseguiu escapar da solicitude dos destiladores e retornar ao 'estaurante, o guarda-chuva fechado na mão direita.

Até onde isso vai, pensou.

O céu escureceu ainda mais, e o vento soprava cada vez mais forte. Ela apressou o passo. Ainda agora não pretendia dar um tempo? Você simplesmente não consegue fazer nada devagar, pensou. Johanson está coberto de razão Você vive a mil.

Que seja. Ela era assim e, além disso, agora queria finalmente encontrar o homem a quem decidira amar.

De algum lugar ouviu um sinal baixinho. Parou. Era o celular! Ele estava ligando! Diabos, desde quando estava tocando? Afobada, abriu o zíper do casaco e procurou o telefone do lado de dentro. Provavelmente já ligara várias vezes mas no porão não devia ter havido sinal.

Aqui estava. Tirou-o apressadamente e atendeu, esperando ouvir a voz de Kare.

— Tina?

Ela ficou perplexa.

— Sigur. Ah, que... legal você me ligar, eu...

— Onde você estava, diabos? Estou ligando há tempo.

— Sinto muito, eu...

— Onde está agora?

— Em Sveggensundet—disse, hesitante. A voz de Johanson estava distorcida e, aparentemente, tentava superar algum barulho alto, mas havia algo mais. Algo que ela jamais ouvira nele e que a assustava. — Estou caminhando pela praia, o tempo está horrível, mas você me conhece...

— Caia fora!

— O quê?

— Trate de dar o fora daí.

— Sigur! Está ficando maluco?

— Agora, imediatamente. — Ele continuou falando, afobado. As palavras batiam nela como a chuva, ainda por cima distorcidas pelos estalidos e rugidos atmosféricos, de forma que, inicialmente, ela chegou a pensar que ouvira errado. E então lentamente começou a compreender o que ele estava falando, e, por um instante, suas pernas pareciam ter-se transformado em borracha.

— Eu não sei onde está o epicentro — gritou a sua voz. — Pelo jeito, a onda levará mais tempo até aí, mas não importa, não há mais tempo. Caia fora, pelo amor de Deus, trate de sair daí!

Ela fitou o mar.

A tempestade empurrava ondas com flocos à sua frente.

— Tina? — gritou Johanson.

— Eu... está bem. — Ela inspirou profundamente, enchendo os pulmões. — Está bem. Está bem!

Livrou-se do guarda-chuva e começou a correr.

Reconheceu as luzes do restaurante através da chuva, amarelas e convidativas. Kare, pensou. Precisamos pegar um dos carros, o dele ou o meu. Deixara o jipe quinhentos metros acima do restaurante, mas Kare tinha algumas vagas ao lado do Fiskehuset, onde, em geral, também estacionava o seu carro.

Enquanto corria, procurava ver se ele havia estacionado ali. A chuva escorreu-lhe para dentro dos olhos, e ela limpou-os, enfurecida. E então lembrou que as vagas do restaurante ficavam do outro lado da casa e não podiam ser vistas dali. Acelerou.

Ao choro do vento e ao rugido das ondas misturou-se um novo ruído. Um tipo de sorvido barulhento.

Sem parar de correr, virou a cabeça.

Algo inacreditável aconteceu. Lund tropeçou e não se conteve em parar e observar o mar se esvaziando como se alguém tivesse tirado a tampa do ralo em algum lugar. O fundo negro e escarpado revelou-se até onde a vista alcançava.

O mar recuava como num filme acelerado.

E então ela escutou o ronco.

Ela piscou e novamente limpou a água da chuva dos cantos dos olhos. Lá longe, no horizonte, algo difuso e imenso manifestou-se na tempestade e, lentamente, tomou forma. No início, acreditou que uma frente de nuvens ainda maior estaria se formando ali. Mas a frente aproximava-se rápido demais, e sua margem superior era muito reta.

Inconscientemente, Lund deu um passo atrás.

E recomeçou a correr.

Sem carro, estaria perdida. Apenas atrás da cidade, em direção ao interior, a estrada levava para terrenos mais altos. Ela respirava regular e profundamente para reprimir o pânico crescente, sentindo a adrenalina invadir seus músculos. Tinha força suficiente para correr infinitamente, mas isso não lhe adiantava nada. A onda seria mais rápida.

A sua frente, o caminho bifurcava-se, à esquerda seguia para o restaurante e, a direita, um atalho subia até o estacionamento público onde estava o jipe de Johanson. Se corresse para lá agora, alcançaria o carro. Subiria a estrada, passando pelo outeiro, tiraria tudo do motor. Mas o que seria de Kare, se ela fosse embora? Ele estaria perdido. não, impossível, incogitável, não podia simplesmente desaparecer e deixá-lo para trás. não queria ir embora sem ele. Os dois velhos da destilaria haviam dito que ele viera diretamente para o Fiskehuset. em, então

estaria lá, estaria esperando por ela, e não merecia ser abandonado.

não merecia continuar sozinha. Ninguém merecia.

Com passos gigantes, passou correndo pela bifurcação em direção à casa eliminada. não faltava muito para o Fiskehuset. Rogava para que o seu carro estivesse ali. Agora o ronco aproximava-se muito velozmente, mas ela procurou ignorá-lo e não ser paralisada pelo medo. Ela também seria rápida. Seria mais veloz do que a maldita onda, a sua velocidade valeria pelos dois.

A porta da varanda do restaurante abriu-se rapidamente. Alguém partiu para fora e parou, o olhar fixo no mar.

Era Kare.

Ela começou a chamar o seu nome. Sua voz perdeu-se no choro do vento e no ronco da onda que se aproximava. Sverdrup fitou o mar, sem reagir. Sequer pensou em olhar em sua direção, por mais desesperadamente que ela chamasse o seu nome.

E então ele saiu correndo.

Ele desapareceu do outro lado da casa. Lund suspirou. Perplexa, continuou correndo. Em seguida, através do vendaval, ouviu baixinho o barulho de um motor sendo ligado. Segundos depois, o carro de Kare surgiu por detrás do restaurante e seguiu em alta velocidade estrada acima, em direção ao outeiro.

Seu coração ameaçou parar.

Ele não podia fazer isso. não podia ir embora sem ela. não a tinha visto?

Não, não tinha.

Kare conseguiria. Talvez.

Ela foi tomada por um forte desânimo. Continuou correndo não mais em direção ao restaurante, mas cortando os arbustos e as pedras em direção ao estacionamento. Como perdera a bifurcação do caminho, era preciso atravessar uma faixa de terreno rochoso, e aqui não avançaria tão rapidamente. Mas era o único caminho que lhe restava. A sua última chance era o jipe. Após alguns metros, alcançou uma cerca de aproximadamente dois metros de altura. Enfiou a mão nas malhas da cerca, puxou-se para cima e pulou para o lado oposto. Novamente perdera segundos preciosos enquanto a

onda continuava se aproximando. Em compensação, de repente avistou a silhueta negra do jipe atrás de cortinas de chuva, e ele estava mais próximo do que pensara, como se pudesse tocá-lo.

Ela correu ainda mais rápido. As rochas emendaram num gramado. Sentiu o concreto do piso do estacionamento sob os seus pés. Que bom! E lá estava o carro. Talvez mais uns cem metros. Talvez cinqüenta.

Quarenta.

Corra, Tina. Corra!

O concreto estremeceu. O sangue estrondava e martelava nos ouvidos de Lund.

Corra!

Enfiou a mão no bolso do casaco e pegou a chave do carro. As solas das suas botas martelavam num ritmo uniforme. Nos últimos metros, escorregou, mas tanto fazia, ela estava ali, o seu corpo bateu contra o carro, abrir, rápido!

Ela sentiu a chave escapar da sua mão.

Não, pensou, por favor, não. Isso, não.

Em pânico, procurou a chave, agitada. Meu Deus, onde está a maldita chave ela devia estar por aqui, em algum lugar, por favor!

A escuridão baixou.

Lentamente, ergueu a cabeça e viu a onda.

De repente, perdeu toda a pressa. Sabia que era tarde demais. Ela vivera aceleradamente, ela morreria rapidamente. Ao menos esperava que fosse rápido. Às vezes havia-se perguntado como seria morrer, o que passaria pela cabeça ao reconhecer definitivamente a chegada da hora, sem mais escapatória. A morte diria, cheguei. Você tem cinco segundos, pense em alguma coisa, no que quiser, estamos generosos hoje e, se quiser, pode recapitular mais uma vez toda a sua vida, esse tempo é seu. não era assim? não diziam que, espantosamente — num carro capotado, por exemplo, perante um projétil lançado, durante uma queda mortal —, as pessoas viam a sua vida completa passar por elas, imagens da infância, do primeiro amor, um tipo de seleção dos melhores momentos? Todos diziam que era assim, então havia de ser verdade.

Mas a única coisa que Lund sentiu foi medo da morte machucá-la e de sentir dor. E envergonhou-se um pouco por esse fim tão deplorável. Por ter estragado tudo. Apenas isso. Nenhuma Hollywood interior. Nada de grandes pensamentos. Nenhum fim digno.

A sua frente, o tsunami invadiu o restaurante de Kare Sverdrup, destruiu e atropelou-o.

A parede de água alcançou o estacionamento.

Segundos depois, atirou-se contra o outeiro.

O talude

No decorrer de sua propagação, ao alcançar a costa, a onda já deixara estragos inacreditáveis no talude continental.

Parte das plataformas petrolíferas e das estações de bombeamento que haviam sido construídas diretamente na margem continental desaparecera nas profundezas com o deslizamento do talude. Só isso já custou a vida de milhares de pessoas dentro de poucos minutos, entretanto era apenas uma idéia do que o tsunami causaria na plataforma continental. Como num acidente em massa, as massas de água amontoaram-se numa parede vertical que crescia à medida que ia ficando raso. Com o seu choque, as barras de ferro das plataformas, sobrepostas como numa armação, quebraram como palitos de fósforo. Em menos de 15 minutos, mais de oitenta plataformas afundaram por não suportarem a pressão. O fatal não foi a altura da parede de água — as plataformas do mar do Norte eram construídas para suportarem ondas de aproximadamente quarenta metros de altura, sem sofrerem grandes danos, o que, estatisticamente, acontecia uma vez em cem anos — mas a conjuntura de diversos fatores.

Nas ondas normais já foram medidas 12 toneladas de pressão por metro quadrado. Suficiente para arrancar cais de portos e jogá-los no centro da cidade, arremessar navios menores pelo ar e rachar grandes cargueiros e tanques ao meio. Essas eram ondas formadas pelo vento. Sua energia de colisão era calculada de forma diferente da dos tsunamis. Podia-se dizer também que, em comparação com uma onda tsunami de igual tamanho, até mesmo uma onda dessas era tranqüila.

O tsunami que causou o deslizamento chegou a vinte metros de altura na metade da plataforma continental, podendo ainda passar debaixo das estruturas de sustentação.

Maior a força com que se chocou contra as estruturas de sustentação.

As plataformas de petróleo, assim como os navios e tudo que estava subjugado à força contínua do mar, precisavam resistir a um desgaste definido em anos. Tomando por base a onda de quarenta metros com a qual os construtores de plataformas contavam uma vez em cem anos, construía-se a plataforma para que resistisse à onda. Seguindo uma lógica não muito confiante, dessa maneira a plataforma recebia o status de resistência por cem anos. Estatisticamente, a partir dali ela deveria resistir às agressões do vento e do mar durante cem anos. Naturalmente isso não significava que ela suportaria ondas extremas e contínuas durante cem anos. Possivelmente, apesar da sua classificação, não resistiria sequer a esta grande onda, porque dificilmente o desgaste seria consequência de ondas monstruosas, e sim da pressão diária sobre a construção causada por ondas menores e correntezas. Dessa forma, todas as construções técnicas rapidamente desenvolviam um ponto fraco, sem que, na maioria dos casos, fosse possível dizer onde exatamente ele se encontrava. Se um ponto desses já tivesse de suportar o desgaste de cinquenta anos nos primeiros dez anos, uma onda média repentinamente poderia tornar-se um problema.

Matematicamente, a questão mal podia ser resolvida. Dados médios estatísticos, como os que eram utilizados na montagem de construções técnicas marinhas, simplesmente baseavam-se nas condições ideais, não na realidade. Os desgastes médios poderiam até ser considerados nos escritórios e nas cabeças dos construtores.

A natureza não conhecia a média e não seguia as estatísticas. Ela era uma seqüência de estados momentâneos e situações extremas incalculáveis. Poder-se-iam medir ondas médias de dez metros em determinadas águas, mas quando se deparava com um exemplar de trinta metros que, estatisticamente, sequer existia o valor médio ajudava pouco, e as pessoas morreriam.

Quando o tsunami varreu a paisagem das torres de aço, ele ultrapassou o seu limite de desgaste por um instante. As vigas de sustentação quebraram, as soldas se romperam, as estruturas do convés foram derrubadas. Principalmente do lado britânico, onde as estruturas de aço eram predominantes, a energia de colisão da onda destruiu ou danificou seriamente praticamente todas as construções.

Alguns anos antes, a Noruega já se especializara nos pilares de aço e concreto. Aqui havia pouca área de contato para o tsunami. Entretanto o desastre não foi menor, pois a onda atirou gigantescos projéteis nas torres de extração: navios.

Teoricamente, a maioria dos navios não era apta a enfrentar ondas de tempestade de mais de vinte metros de altura. A estabilidade dos cascos de navios orientava-se numa altura de onda estatística de 16,5 metros. Na prática, entretanto, as coisas eram diferentes. Em meados da década de 1990, ondas monstruosas acima da Escócia cravaram um buraco do tamanho de uma casa no petroleiro Mimosa, de três mil toneladas, mas o navio escapou. Em 2001, uma onda de 35 metros de altura quase afundou o cruzeiro MS Bremen em frente à África do Sul, mas este escapou apenas por um triz. No mesmo ano, o Endeavour, um navio de noventa metros de comprimento, quase foi vítima de um fenômeno cientificamente conhecido como "Três Irmãs" — três ondas muito próximo umas das outras, cada uma com trinta metros de altura. O Endeavour foi seriamente danificado, mas conseguiu chegar no porto.

Na maioria das vezes, entretanto, nunca mais se ouvia falar dos navios que tiveram tais encontros. Porque o que realmente era pérfido nas ondas gigantes era o chamado "Buraco no oceano" — a onda empurrava uma vala profunda, um abismo à sua frente, no qual o navio caía de proa ou de popa. Se as ondas estivessem bastante afastadas, em geral havia tempo suficiente para reerguer-se novamente e subir à crista da onda seguinte. Nas ondas curtas, era diferente. O navio caía na vala, mas a onda seguinte aproximava-se muito rápido, e então o navio penetrava a parede de água que o engolia e enterrava debaixo de si. Mesmo que o navio

conseguisse livrar-se da vala e tornasse a subir, só restava torcer para Que a onda não fosse alta ou íngreme demais. Na dúvida, entretanto, ela era as duas coisas, extremamente íngreme e extremamente alta. Tentava-se o impossível, escalar uma parede vertical. Principalmente os navios menores eram atingidos, quando a onda era mais alta do que o comprimento do navio, mas muitas vezes os gigantes do oceano também não conseguiam sair da vala e salvar-se sobre o cume. Eram tombados pela onda e viravam de cabeça para baixo.

Tais ondas gigantes, cujo desenvolvimento se devia ao vento e à correnteza chegavam a cinqüenta quilômetros horários, raramente mais do que isso. Eram suficientes para uma catástrofe total, mas não eram nada se comparadas às ondas de vinte metros dos tsunamis que estavam varrendo a plataforma continental naqueles minutos.

A maioria dos rebocadores, petroleiros e balsas, que tinham dado o azar de estar no mar do Norte naquele momento, foi jogada para todos os lados como brinquedos. Alguns se colidiram, outros foram atirados contra os pilares de concreto das plataformas ou contra as balizas em que estavam afixados. A força do choque era demais até mesmo para as estacas de concreto armado. Muitos dos colossos começaram a desmoronar. Os que resistiram, mesmo assim não escaparam da destruição, quando os navios colididos, alguns deles totalmente carregados, explodiram, e gigantescas nuvens de fogo alastraram-se nas plataformas. Em reações em cadeia, paisagens inteiras de torres de extração foram atiradas para cima. O tsunami arrancou as plataformas ancoradas no fundo do mar e virou-as. Tudo isso aconteceu apenas alguns minutos depois da onda circular partir do centro do deslizamento submarino em direção aos litorais das terras ao redor.

Cada um dos acontecimentos representava pura e simplesmente o pesadelo da navegação e da indústria offshore. O que aconteceu naquela tarde no mar do Norte, entretanto, era mais do que um singelo pesadelo que se tornara realidade.

Era o apocalipse.

## O LITORAL

Oito minutos após o desmoronamento da plataforma continental, o tsunami chocou-se com as rochas das Ilhas Faroé, quatro minutos depois alcançou as ilhas Shetland, e ainda mais dois minutos chocou-se contra o continente escocês e a dorsal submarina a sudoeste da Noruega.

Para inundar toda a Noruega, seria talvez necessário um cometa que supostamente apagasse toda a humanidade, caso algum dia caísse no mar. O país era uma única serra, rodeada por uma riba em cuja margem superior nenhuma onda chegaria tão rápido.

Mas a Noruega vivia da água e na água, e a maioria das cidades mais importantes ficava no nível do mar, ao pé das imensas montanhas. Somente algumas pequenas ilhas planas separavam-nas do mar ou então eram situadas nessas ilhas.

Cidades portuárias como Egersund, Haugesund e Sandnes, ao sul, estavam tão expostas às ondas como Ålesund e Kristiansund mais ao norte, e centenas de cidades menores ao redor.

Stavanger foi a mais atingida.

A forma com que um tsunami se desenvolvia ao alcançar a costa dependia dos mais diversos fatores, como os recifes, fozes de rios, cordilheiras submarinas e bancos de areia, ilhas próximas ou simplesmente a inclinação da praia. Tudo podia aumentar ou diminuir o efeito. Stavanger, o centro da indústria offshore norueguesa, cidade-chave do comércio e da navegação, uma das mais antigas, belas e ricas cidades da Noruega, ficava praticamente desprotegida na beira do mar. Apenas algumas ilhotas planas alongavam-se acima do porto, interligadas por pontes. Um pouco antes da chegada da onda, o governo norueguês enviara um alarme aos órgãos públicos da cidade, que imediatamente foi espalhado por todas as estações de rádio e televisão e via internet, mas restava absurdamente pouco tempo. Uma evacuação era incogitável. Ao alarme, seguiu-se uma confusão sem igual nas ruas. Ninguém conseguia imaginar ao certo o que estava se aproximando

de Stavanger. Ao contrário dos países do Pacífico, onde havia tsunamis desde muito tempo, na região do Atlântico, na Europa e no mar Mediterrâneo não existiam centros de alarme. Enquanto o PTWS, o Pacific Tsunami Warning System, com sede no Havaí, tinha filiais em mais de vinte países do Pacífico, incluindo qualquer nação costeira desde o Alasca, o Japão, a Austrália, até o Chile e o Peru, num país como a Noruega não se sabia nada sobre tsunamis. Por esse e outros motivos, os últimos minutos de Stavanger foram marcados pelo horror e a perplexidade.

A onda invadiu a cidade antes que qualquer pessoa conseguisse fugir. Ao quebrar os pilares das pontes das ilhas, cresceu ainda mais. Já muito próximo da cidade, o tsunami chegou a trinta metros de altura. Entretanto, devido ao extremo comprimento da onda, não quebrou logo, mas colidiu verticalmente contra as fixações do porto, rompendo os cais e os prédios em pedaços e atirando-se em direção ao centro da cidade. O centro histórico, com as suas antigas casas de madeira do final do século XVII e começo do século XVIII, foi devastado. Em Vâgen, a antiga doca, a onda cresceu e invadiu o centro da cidade. Na construção mais antiga de Stavanger, a catedral anglo-normanda, inicialmente as ondas estilhaçaram todas as janelas, antes de demolir as paredes, e também levaram esses destroços. O que quer que estivesse no caminho era varrido com a força de um ataque de foguete. não apenas a água destruiu a cidade, mas também a lama, rochas de toneladas de peso, navios e carros que eram atirados como projéteis.

Nesse meio tempo, a parede vertical transformou-se numa ensurdecidora Montanha de espuma. O tsunami passou a rolar pelas ruas com menor velocidade, mas em compensação caoticamente turbulento. O ar na espuma era comprimido na colisão, gerando uma pressão maior do que 15 bar, suficiente para entortar placas blindadas. A água quebrou as árvores como se fossem palitos de fósforo. Tornaram-se parte do bombardeamento. Nem um minuto depois de a onda chocar-se com as primeiras fixações, todas as instalações portuárias estavam destruídas, e os bairros vizinhos, demolidos. Enquanto as massas de água se

atiravam pelas ruas, as primeiras explosões estremeceram a cidade.

Para as pessoas em Stavanger não havia a menor chance de sobreviver. Quem tentou correr da parede de água que subitamente se ergueu para o céu, correu em vão. A maior parte das vítimas morreu no momento da colisão. A água era como cimento. não se sentia nada. Os outros, que como por milagre escaparam da primeira colisão, eram atirados contra as casas ou triturados entre os destroços. Paradoxalmente, praticamente ninguém morreu afogado, exceto os que ficaram presos nos porões que se encheram d'água. Mesmo ali, a maioria ou morreu com a pressão das massas de água invasoras ou pereceu asfixiado na lama que penetrou junto. Quem se afogou, teve uma morte terrível, mas, ao menos, rápida. Praticamente nenhum deles chegou a compreender o que estava acontecendo. Sem receber oxigênio, os corpos presos flutuaram na água escura de apenas alguns graus. O coração começou a bater irregularmente, transportou menos sangue e finalmente parou, enquanto o metabolismo desacelerou extremamente. Dessa forma, o cérebro ainda continuou vivo por alguns instantes. Apenas dez a vinte minutos depois da última atividade elétrica apagar-se, morreram definitivamente.

Após mais dois minutos, a espuma alcançou os subúrbios de Stavanger. Quanto mais se propagavam as ondas borbulhantes, mais rasas ficavam. Sua velocidade continuou diminuindo. A água bramiu e espirrou pelas ruas, e quem foi tomado por ela estava totalmente perdido, mas, inicialmente, a maioria das casas resistiu à pressão. Quem se julgou seguro por isso, alegrou-se cedo demais. Porque o tsunami não espalhou o seu terror somente na chegada.

Foi ainda pior ao ir embora.

Knut Olsen e sua família vivenciaram o recuo da onda em Trondheim, onde o tsunami chegou alguns minutos depois.

Ao contrário de Stavanger, totalmente exposta, Trondheim estava protegida pelo Fiorde de Trondheim. Ladeado por ilhas maiores e, ainda por cima, protegido por uma península, o fiorde avançava quase quarenta quilômetros terra adentro antes de abrir-se numa grande enseada em cuja margem leste se erguera a

cidade. Muitas cidades e vilarejos noruegueses ficavam dentro ou no final dos fiordes, no nível do mar. Ao olhar um mapa, chegar-se-ia à conclusão de que mesmo a força de uma onda de trinta metros não seria suficiente para causar sérios danos a Trondheim.

Entretanto justamente os fiordes demonstraram ser armadilhas mortais.

Se um tsunami entrasse em estreitos marítimos ou enseadas afuniladas, as massas de água não eram mais estancadas apenas por baixo, mas, de repente, também pelos lados. Milhares de toneladas de água espremiam-se pelo canal estreito. O efeito era devastador. Ao norte da cidade de Bergen, o Fiorde de Sogne, comprido mas estreito, e envolto por íngremes paredes de rochas, a onda cresceu dramaticamente. A maioria das cidades ao longo desse fiorde ficava acima dos rochedos, no platô. A água espirrou até elas, mas não causou danos maiores. Já no final do fiorde de quase cem quilômetros de comprimento, onde havia diversas pequenas cidades e vilarejos numa península rasa, as coisas foram diferentes. A onda devastou-os e apenas foi freada pelas altas montanhas por detrás. A espuma bateu nas rochas até uma altura de duzentos metros e raspou todas as plantas, antes de as massas de água despencarem e continuarem a propagar-se nos rios vizinhos.

O Fiorde de Trondheim era mais largo do que o de Sogne, e suas paredes eram menos altas. Como ainda se alargava no final, as ondas puderam propagar-se melhor. Entretanto a montanha de água que alcançou Trondheim ainda era alta o bastante para varrer o porto e destruir parte da cidade histórica. O Rio Nidelva transbordou e invadiu os bairros de Baklandet e Mollenberg. Avalanches de espuma devastaram as casas antigas. Na Kirkegata, praticamente todas as casas foram vítimas da invasão das águas, inclusive a de Sigur Johanson. Sua bela fachada foi arrombada, o revestimento de madeira estilhaçou-se, o telhado despencou na frente demolida. Os destroços foram levados e passaram a fazer parte da onda espumante que apenas perdeu sua força e energia nos fundamentos da NTNU, parando em fortes turbilhões para, em seguida, começar a correr de volta.

Os Olsen moravam numa pequena rua atrás da Kirkegata. Sua casa, de madeira como a de Johanson, resistiu à invasão do tsunami. Tremeu e cambaleou. Do lado de dentro, os móveis tombaram, a louça se quebrou e o piso dos cômodos da frente se inclinou. As crianças entraram em pânico. Olsen gritou para a sua mulher que levasse as crianças para os fundos da casa. Na realidade, não sabia o que seria melhor, mas pensou que, se a água bateu de frente contra a casa, talvez fosse mais seguro nos fundos. Enquanto a família se refugiava ali, ele, afoito, arriscou-se até uma das janelas dianteiras para olhar para fora. O piso de madeira sob os seus pés continuava curvando-se e estalou fortemente, sem entretanto romper-se. Olsen agarrou-se à moldura da janela, decidido a correr imediatamente para trás caso uma segunda onda rolasse em direção à casa.

Perplexo, olhou para a cidade destruída, viu árvores, carros e pessoas flutuando na água remexida, ouviu gritos e os estalos de paredes desmoronando. E então várias explosões estremeceram o ar, e nuvens rubro-negras ergueram-se do porto

Era a coisa mais pavorosa que já vira. Mesmo assim, reprimiu o choque em favor do único pensamento de proteger sua família. Independentemente do que ainda lhes pudesse acontecer, o importante era que os filhos e a mulher sobrevivessem.

E ele próprio, se possível.

Entretanto aparentemente a onda parou.

Olsen olhou para fora durante mais algum tempo, depois dirigiu-se cuidadosamente aos fundos da casa. Imediatamente foi assediado pela esposa. Ele olhou para os olhos arregalados de medo dos filhos e ergueu a mão num gesto tranquilizador, apesar de estar apavorado. Disse que tudo parecia ter passado e que não precisariam se preocupar. Naturalmente nada estava bem, nada. Precisavam dar um jeito de sair da casa. Pensou em fugir por cima dos telhados, onde a água não podia chegar. A mulher achou que ele vira filmes do Hitchcock demais. Perguntou-lhe como pensava em fazer isso com quatro crianças. Olsen ficou sem resposta. Ela sugeriu que simplesmente esperassem. Como ele não teve nenhuma idéia melhor, concordou e voltou para a janela da frente.

Ao olhar de novo para fora, percebeu que a água estava recuando. As massas de água moviam-se cada vez mais rápido em direção ao fiorde.

Sobrevivemos, pensou.

Inclinou-se mais para a frente. No mesmo instante, um solavanco abalou a casa. Olsen cravou os dedos na moldura. O piso rachou. Ele queria saltar de volta, contudo não havia mais nada. Um gigantesco buraco abriu-se no chão da sala. A chuva batia com força. Olsen desequilibrou-se para a frente. Primeiro achou que tinha sido arrancado da janela. E então percebeu que toda a parede dianteira da casa se soltava como um papelão mal colado e inclinando-se em direção à onda.

Ele gritou com toda a força.

As pessoas do Havaí, que há gerações conviviam com esse monstro, sabiam exatamente o que o seu recuo significava. Ao escorrer, as massas de água produziam uma sucção impressionante que puxava tudo que ainda estava de pé ou tentava manter-se de pé para dentro do mar. A água arrastava tudo consigo. As pessoas que haviam sobrevivido ao primeiro ato da catástrofe morriam agora, e a sua morte era bem mais terrível do que aquela causada pela onda invasora. Era acompanhada pela luta desesperada pela sobrevivência na correnteza estrondosa, pela tentativa de nadar contra a sucção implacável, pela diminuição das forças. Os músculos paralisavam-se. As pessoas eram acertadas por objetos carregados, pela água, os ossos quebravam-se. Numa tentativa desesperada de resistir, as pessoas agarravam-se a qualquer lugar, eram arrancadas e continuavam flutuando no meio da lama e dos destroços.

O monstro do mar vinha a terra para comer e, ao recuar, arrastava sua presa consigo.

Olsen não sabia de nada disso quando a parede da casa tombou para dentro da onda de maré, mas compreendeu imediatamente, e por isso gritou. Gritou pela sua vida. Sabia que morreria agora. Enquanto caía, mais explosões estouraram do porto, quando navios e instalações petroleiras demolidos foram atirados no ar. Praticamente todos os sistemas elétricos da cidade

falharam, um curto-circuito seguia-se imediatamente a outro. Talvez morresse só por isso, pelo fato de a água estar fortemente eletrificada.

Pensou na família. Nos filhos. Na esposa.

E então rapidamente lembrou-se de Sigur Johanson, com as suas teorias esquisitas, e sentiu uma imensa raiva crescendo dentro de si. O culpado era Johanson. Ele lhe escondera alguma coisa. Algo que os poderia ter salvado. Esse filho-da-puta sabia de alguma coisa.

E então não pensou mais nada. Somente: você está morto.

Com um barulho ensurdecedor, a parede da casa foi parar dentro de uma grande árvore que, surpreendentemente, continuava de pé. Olsen foi lançado de cabeça para baixo para fora da janela. Suas mãos acertaram o vazio, conseguiram pegar alguma coisa. Folhas e casca. Abaixo de si, viu a onda enlameada avançar. Agarrou-se ao galho, balançou fortemente no ar e começou a puxar-se para cima. Lá de cima choviam pedaços do telhado para baixo, tábuas e reboco. Por pouco não o acertaram. A água que se atirava em alta velocidade arrancou grandes partes da fachada. O que outrora fora a fachada dianteira da sua casa deformou-se, rachou e quebrou-se estridentemente. Em pânico, Olsen procurou aproximar-se do tronco. Abaixo dele havia um galho mais grosso que poderia alcançar. Talvez conseguisse colocar os pés nele. Sentiu a gigantesca árvore chiar e sacudir e, ofegante, avançou ao longo do galho em que estava pendurado.

Num estampido, os últimos restos da parede da casa caíram na onda, carregando folhagem e galhos consigo. O galho de Olsen estremeceu. Seus dedos escorregaram. De repente, estava pendurado em apenas uma das mãos. Olhou entre os pés e sentiu que estava perdendo as forças. Se caísse agora, seu destino estaria traçado. Num grande esforço, virou a cabeça e tentou ver a casa ou aquilo que ainda sobrava dela.

Por favor, pensou. não os deixe morrer.

A casa ainda estava de pé.

E então viu a esposa.

Apoiada sobre os joelhos e as mãos, engatinhara até a margem e olhava em sua direção. Sua face expressava uma decisão irada, como se quisesse jogar-se na água a qualquer instante para ajudá-lo. Naturalmente não podia ajudá-lo nem um pouco, mas estava ali, e chamava o seu nome. Sua voz soava firme e quase irritada, como se ele devesse finalmente pôr o maldito traseiro em segurança e voltar para casa, onde o esperavam.

Por um instante, Olsen simplesmente olhou para ela.

E contraiu os músculos. Sua mão livre estendeu-se para cima e fechou-se. Cravou os dedos na madeira e avançou até os seus pés flutuarem diretamente acima do galho grosso. Lentamente desceu até ele. Agora estava seguro. Estava de pé. Seus ombros estremeceram. Soltou os dedos, agarrou o tronco, sentiu a dificuldade da árvore em segurar-se na onda, apertou o rosto contra a casca e continuou olhando para a esposa.

Durou uma eternidade. A árvore resistiu, assim como a casa.

Quando a água terminara de puxar o seu tributo para dentro do mar, finalmente desceu, trêmulo, para o deserto de destroços e lama. Ajudou a mulher e os filhos a saírem da casa. Levaram o mais importante consigo, cartões de crédito, documentos e algumas lembranças rapidamente recolhidas que colocaram em duas mochilas. O carro de Olsen desaparecera na onda. Precisariam correr, mas qualquer coisa seria melhor do que permanecer aqui.

Em silêncio, deixaram a rua destruída, correram para o outro lado do rio e saíram de Trondheim.

## **FIASCO**

A onda continuava alastrando-se.

Ela inundou a costa leste da Grã-Bretanha e o oeste dinamarquês. Na altura de Edimburgo e Copenhague, a plataforma continental tornava-se extremamente rasa. Ali subitamente erguia-se o Dogger Bank, uma relíquia do tempo em que parte do mar do Norte ainda era terra firme. Durante muito tempo, o Dogger Bank

fora uma ilha na qual muitos animais se juntaram diante das águas crescentes, até finalmente morrerem afogados. Agora o banco de areia ficava 13 metros abaixo do nível do mar e fez a onda que se aproximava crescer mais ainda.

Ao sul do Dogger Bank, as plataformas estavam muito próximas umas das outras, especialmente ao longo da costa sudeste da Grã-Bretanha e acima da Bélgica e dos Países Baixos. Aqui a onda se revoltou ainda mais do que ao norte, contudo a estrutura escarpada do talude, com os seus bancos de areia, fendas e cumes, freou o tsunami. As ilhas frísias foram totalmente inundadas, entretanto diminuíram um pouco mais a energia da onda, de modo que ela acertou a Holanda, Bélgica e o norte da Alemanha com força menor. A parede de água finalmente alcançou Den Haag e Amsterdã com apenas cem quilômetros horários, destruindo grandes partes das regiões costeiras. Hamburgo e Bremen sofreram enchentes raivosas. Ficavam mais afastadas do litoral. Em compensação, as fozes dos rios Elbe e Weser eram praticamente desprotegidas. O tsunami rolou ao longo dos rios e inundou as terras ao redor antes de alcançar as cidades hanseáticas. Até mesmo em Londres o nível do Tâmis subiu brevemente, transbordando as margens e quebrando navios.

As ramificações da onda atiraram-se pelas ruas de Dover e ainda puderam ser sentidas na Normandia e na costa bretã. Apenas o mar Leste, com as cidades de Copenhague e Kiel, escaparam do fiasco. Apesar de o mar também ter-se levantado aqui, no ponto de união dos mares Skagerrak e Kattegat o tsunami desfez-se e desmanchou. Já no alto norte, a onda chocou-se contra a costa islandesa e alcançou a Groenlândia e Spitzbergen.

Logo após a catástrofe os Olsen refugiaram-se em terras mais altas. Mais tarde Knut Olsen não soube dizer por que agiram dessa forma. Fora idéia sua. Possivelmente tinha vagas lembranças de um filme sobre tsunamis ou alguma reportagem que lera algum dia. Talvez tivesse sido pura intuição. Mas a fuga salvou sua família.

A maioria das pessoas que sobreviviam ao ir e vir de um tsunami morria mesmo assim. Após a primeira onda, voltavam para casa para ver o que restava. Entretanto os tsunamis expandiam-se

em várias ondas subseqüentes. Devido aos comprimentos extremos das ondas, a próxima montanha de água chegava apenas quando todos acreditavam que a catástrofe já tinha terminado.

E foi assim também dessa vez.

Após 15 minutos, a segunda onda aproximou-se em alta velocidade, tão imensa quanto a anterior, e executou o que a antecessora não conseguira. Uma terceira onda, vinte minutos depois, tinha apenas metade do tamanho, depois ainda veio uma quarta e, em seguida, mais nada.

Na Alemanha, na Bélgica e nos Países Baixos, as medidas de evacuação falharam desde o princípio, apesar de terem tido mais tempo. Mas praticamente

todo mundo tinha um carro, e todos consideraram por bem usá-lo para fugir, o que em suma, fora uma péssima idéia. Nem dez minutos após o alarme todas as ruas estavam absolutamente engarrafadas, até a onda desfazer o trânsito do seu modo.

Uma hora após o deslizamento do talude, a indústria offshore do norte europeu parou de existir. Quase todas as cidades litorâneas do continente ao redor estavam parcial ou totalmente destruídas. Milhares de pessoas morreram. Somente a Islândia e Spitzbergen, pouco povoadas, escaparam sem mortes.

A expedição conjunta do Thorvãldson e do Sonne permitiram reconhecer que os vermes também decompunham hidratos no norte, até a cidade de Tromsø. O talude deslizara ao sul. Inicialmente, as conseqüências do tsunami impediram a análise da questão de saber se o colapso da margem norte também seria provável. Possivelmente, Gerhard Bohrmann encontraria uma resposta. Mas nem Bohrmann sabia onde exatamente as avalanches desceram. E até Jean-Jacques Alban, que conseguira afastar o Thorvãldson suficientemente da costa e, com isso, salvá-lo, não fazia idéia do que realmente acontecera lá no fundo.

As explosões continuavam ecoando sobre o mar e através das ruínas das cidades litorâneas. Aos gritos e choros dos sobreviventes, misturavam-se o estrondo dos helicópteros, o silvar das sirenes e os anúncios por alto-falantes. Era uma cacofonia do

terror, mas, além de todo o barulho, havia um silêncio pesado. O silêncio da morte.

Três horas se passaram até a última onda retornar ao mar. E então o norte do talude continental deslizou.

# SEGUNDA PARTE

## CHATEAU DISASTER

Dos relatórios anuais das organizações de meio ambiente:

Apesar da proibição de 1994, continua sendo despejado lixo atômico nos mares. No cano de esgoto da fábrica de reprocessamento francesa La Hague, mergulhadores do Greenpeace detectaram uma radiatividade 17 milhões de vezes maior do que em águas não contaminadas. Em frente à Noruega, as algas e os crustáceos estão infestados com a substância radiativa tecnécio. Especialistas em radiação noruegueses identificaram como fonte a antiga fábrica de processamento inglesa Sellafield. Enquanto isso, geólogos americanos pretendiam afundar lixo altamente radiativo no fundo do mar, deixando os recipientes radiativos escorregarem através de um cano de quilômetros de comprimento para dentro de buracos que seriam cobertos com sedimentos.

Desde 1959, os soviéticos depositaram quantidades imensas de lixo atômico no mar Ártico, incluindo destroços de reatores. Mais de um milhão de toneladas de armas químicas estão apodrecendo no fundo dos mares, em profundidades que variam de 500 a 4.500 metros. Os recipientes de gás venenoso que foram afundados a mando de Moscou em 1947 são considerados extremamente perigosos. Centenas de milhares de barris levemente radiativos da medicina, da pesquisa e da indústria estão estocados em frente à Espanha. Os pesquisadores marinhos encontraram plutônio dos testes de bombas atômicas no Pacífico Sul a mais de quatro mil metros de profundidade no Atlântico Médio.

O Serviço Britânico de Hidrografia listou 57.435 destroços nas profundidades dos oceanos, entre eles os restos de diversos

submarinos atômicos americanos e russos.

O veneno ambiental DDT ameaça os organismos marinhos mais do que outros seres vivos. Através das correntezas, ele distribui-se em todo o mundo e concentra-se nas cadeias alimentares marinhas. Na gordura de cachalotes foram comprovadas ligações de bromo utilizadas como substâncias ignífugas em computadores e televisões. Noventa por cento de todos os peixes-espada capturados estão envenenados com mercúrio, e 25%, além disso, com PCB. No mar do Norte estão crescendo pênis nas fêmeas de caramujos comuns. Provavelmente devido ao tributestanho, substância contida na pintura de cascos de navios.

Cada perfuração de petróleo contamina vinte quilômetros quadrados do fundo submarino. Um terço dele está praticamente sem qualquer vida.

Os campos elétricos de cabos submarinos interferem na orientação de salmões e enguias. Além do mais, a poluição elétrica inibe o crescimento das larvas.

O crescimento das algas e as mortes de peixes aumentam dramaticamente em todo o mundo. Como Israel não assinou o acordo de proibição de descarregamento de lixo industrial no mar, até 1999, anualmente a empresa Haifa Chemicals, sozinha era responsável pelo despejo de sessenta mil toneladas de lixo contaminado no mar: chumbo, mercúrio, cádmio, arsênio e cromo chegaram até a Síria e o Chipre através das correntezas. Diariamente, as fábricas do Golfo da Tunísia bombeiam 12.800 toneladas de gesso à base de fosfato, resultante da produção de adubos.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura — FAO, setenta das duzentas espécies mais importantes de peixes marinhos estão ameaçadas. Ao mesmo tempo, o número de pescadores continua crescendo. Em 1970 eram 13 milhões, em 1997 já eram trinta milhões de pescadores. As redes de arrastão, utilizadas na captura do bacalhau, da galeota e do salmão do Alasca, são devastadoras. Ecossistemas inteiros são literalmente varridos. Mamíferos marinhos, peixes predadores e aves marinhas não têm mais o que caçar.

Do Bunker C, o combustível mais utilizado pelos navios, antes da sua combustão são retirados cinzas, metais pesados e sedimentos. Forma-se um lixo viscoso que muitos capitães não eliminam adequadamente, mas silenciosamente despejam em alto-mar.

A quatro mil metros de profundidade em frente ao Peru, pesquisadores de Hamburgo simularam a colheita em larga escala de bolbos de manganésio. Sobre uma área de 11 quilômetros quadrados do fundo submarino, o seu navio puxou um arado em todas as direções. Inúmeros seres vivos morreram. Anos depois, a região ainda não tinha se recuperado.

Devido a projetos de construção nas Florida Keys, foi despejada terra no mar, que grudou nos bancos de corais como areia movediça. Grande parte da vida local morreu sufocada.

Pesquisadores marinhos descobriram que o aumento das concentrações de dióxido de carbono na atmosfera, causado pela crescente queima de combustíveis fósseis, inibe a formação de recifes. Quando o CO<sub>2</sub> é liberado, a água torna-se mais ácida. Não obstante, os grandes cartéis de energia em breve pretendem bombear imensa, quantidades de CO<sub>2</sub> diretamente no fundo do mar, a fim de aliviar a atmosfera.

## **10 de maio**

### **CHATEAU WHISTLER, CANADÁ**

A notícia deixou Kiel a uma velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo.

Seu teor, inserido por Erwin Suess em seu laptop no centro de pesquisas da Geomar, entrou na rede como dados digitais e foi transformado em impulsos de luz por um diodo laser. E então foi lançado com um comprimento de onda infravermelha de 1,5 milésimo de milímetro através de um cabo de fibra de vidro altamente transparente, juntamente com milhões de outras conversas telefônicas e pacotes de informações. A fibra converteu a

luz em um diâmetro de dois fios de cabelo, refletindo-a das paredes externas para dentro, de forma que não pudesse escapar. Numa velocidade rasante, as ondas propagaram-se através das terras até a costa, atravessando um amplificador óptico a cada cinquenta quilômetros, até a fibra desaparecer no mar envolta por um manto de cobre e embrulhada em várias camadas de fios fortes e outras de isolamento macio.

Debaixo d'água, a meada tinha a espessura de um forte antebraço masculino. Atravessava o fundo da plataforma continental enterrada no solo, protegida contra as âncoras e as redes de pescadores. O TAT 14, sua denominação oficial, era um dos cabos transatlânticos que unia a Europa ao continente americano. Era um dos cabos mais potentes do mundo. Só no Atlântico Norte havia dúzias desses cabos. Centenas de milhares de quilômetros de fibra óptica em todo o mundo formavam a base da era da informação. Três quartos das suas capacidades serviam à rede mundial de computadores. O Projeto Oxigênio unia 175 países numa espécie de superinternet. Um outro sistema convergia oito fibras de vidro para uma potência de transmissão de 3,2 terabits, o que correspondia a 48 milhões de ligações telefônicas simultâneas. Há muito tempo as fibras filigranadas no fundo dos mares ultrapassavam qualquer tecnologia de satélite. O globo terrestre estava envolto por uma rede de fios elétricos nos quais circulavam os bits e bytes da sociedade de comunicação em tempo real, ligações telefônicas, vídeos, música, e-mails. Não eram os satélites, mas os cabos que tornavam o mundo menor.

A notícia de Erwin Suess foi lançada em direção norte entre a Escandinávia e a Grã-Bretanha. Acima da Escócia, o TAT 14 virava para a esquerda. Além da plataforma continental a oeste da Escócia, deveria cruzar o fundo marinho mais orundo, já não mais enterrado, porém exposto.

Entretanto não havia mais margem continental, nem fundo marinho.

Sob gigatoneladas de lama e pedregulhos, aproximadamente um cento e vinte avós de segundo após o seu envio, a notícia de Kiel atravessou a região abaixo das Ilhas Faroé e

terminou num feixe esfarrapado. O invólucro robusto com os seus fios reforçados e suas camadas de plástico flexíveis, sofreu um corte liso, e as fibras rompidas estavam levando a mensagem de luz para dentro do sedimento. A avalanche atingira o cabo com tamanha força que as pontas arrebatadas foram afastadas centenas de quilômetros umas das outras. Somente na bacia islandesa o TAT 14 surgiu novamente, um pedaço inútil de hightech que ao sul da Terra Nova, alcançava novamente a plataforma continental, cuja margem percorria até Boston. Ali voltava a ligar-se à conexão terrestre. Através das montanhas Rochosas, a via rápida de dados finalmente terminava nas montanhas do oeste canadense acima de Vancouver, diretamente nos sistemas de distribuição do famoso hotel de luxo Chateau Whistler, aos pés da montanha Blackcomb, onde a fibra de vidro emendava num cabo de cobre convencional. Um fotodiodo invertia o processo e novamente transformava os impulsos de luz em impulsos digitais.

Em outras circunstâncias, a mensagem de Kiel também teria sido digitalizada dessa forma, para então surgir no laptop de Gerhard Bohrmann como e-mail. Entretanto as condições atuais interromperam a conexão de Bohrmann, da mesma forma que a de milhões de outras pessoas. Uma semana após a catástrofe no norte europeu, as conexões transatlânticas de internet e e-mail estavam praticamente todas paralisadas, e as ligações telefônicas — quando completadas — só eram possíveis via satélite.

Bohrmann estava no grande saguão do hotel e fitava o monitor. Sabia que Suess pretendia enviar-lhe um documento com gráficos do crescimento populacional de vermes e cálculos do que poderia acontecer em outras regiões do mundo caso ocorresse um fenômeno comparável. Depois de superado o primeiro choque, em Kiel trabalhava-se no caso como uns possuídos.

Ele esbravejou. O mundo aparentemente tão pequeno voltara a crescer, repleto de regiões intransponíveis. Pela manhã haviam dito que ao longo do dia os e-mails poderiam ser enviados via satélite, mas nada indicava para tal. Ao que parecia, continuavam presos ao cabo destruído. Bohrmann sabia que os conselhos de crise estavam empenhados na construção imediata de

redes autárquicas, entretanto a internet ainda caía continuamente. Ele desconfiou de que seria mais pela falta de capacidade do que por problemas técnicos. Mesmo com os satélites militares trabalhando corretamente, nem mesmo as forças armadas americanas jamais cogitaram a necessidade de substituir toda a ponte de fibra de vidro transatlântica por satélites.

Ele pegou o celular que o conselho colocara-lhe à disposição, digitou o número Je Kiel através do satélite e aguardou. Após algumas tentativas, finalmente o instituto estava na linha, e ele solicitou que o transferissem para Suess.

— não recebi nada — disse.

— Valeu a tentativa. — A voz de Suess penetrava claramente em seu ouvido,

contudo sua demora em responder irritou Bohrmann. Simplesmente não conseguia acostumar-se às ligações via satélite. O sinal precisava ser enviado por um emissor 36 mil quilômetros para cima e novamente para baixo, em direção à antena parabólica. Telefonava-se com pausas e sobreposições. — Aqui nada mais funciona também. Está piorando a cada hora. não conseguimos mais falar com a Noruega, a Escócia está muda, a Dinamarca existe apenas no mapa. E não pense que qualquer uma das medidas de emergência esteja dando certo.

— Mas nós estamos telefonando — disse Bohrmann.

— Estamos telefonando porque os americanos estavam preparados. Você está gozando dos privilégios militares de uma potência. Na Europa... Esqueça! Todos querem telefonar, todos estão com medo, porque não sabem o que aconteceu aos parentes e amigos. Há um congestionamento de dados. As poucas redes livres estão sendo utilizadas pelos conselhos de crise e órgãos do governo.

— E o que faremos então? — disse Bohrmann após uma pausa de indecisão.

— não sei. Talvez o Queen Elizabeth ainda esteja trafegando. Tudo bem para você se os documentos chegarem em seis semanas, se você enviar um mensageiro montado para buscá-los na costa?

Bohrmann deu um sorriso azedo.

— Fale sério — disse.

— Então pegue algo para escrever. não tenho como mudar os fatos.

— Já estou com algo para escrever — suspirou Bohrmann.

Enquanto anotava o que Suess lhe ditava, atrás dele um grupo de uniformizados atravessou o saguão do hotel em direção aos elevadores. Seu líder era um negro alto, de feições etíopes. Usava os distintivos de um major das forças armadas americanas e um crachá com as letras PEAK.

O grupo entrou em um dos elevadores. A maioria saltou no segundo e no terceiro andar. Os outros deixaram o elevador um andar acima.

O major Salomon Peak permaneceu no elevador. Ele foi até o nono andar.

Aqui ficavam as suítes Gold Executive, o que o castelo de 550 quartos tinha de mais nobre para oferecer. Peak estava hospedado numa suíte júnior, no andar abaixo. Um quarto básico normal ter-lhe-ia bastado. não dava importância ao luxo, mas a direção do hotel fizera questão de hospedar o conselho nos seus Melhores aposentos. Enquanto caminhava ao longo do corredor, o som dos passos abafado pelo carpete grosso, mais uma vez repassou em pensamento a pauta planejada para o evento à tarde. Homens e mulheres em trajes civis cruzavam com ele. As portas estavam abertas e permitiam ver as suítes transformadas em escritórios. Após alguns segundos, Peak alcançou uma porta larga. Dois soldados bateram continência. Peak dispensou-a. Um dos dois bateu à porta e aguardou uma resposta do lado de dentro, e então a empurrou, deixando o major entrar.

— Como vai? — disse Judith Li.

Ela tinha mandado trazer uma esteira do Centro de Saúde para cima. Peak sabia que ela passava mais tempo na esteira do que na cama. De lá assistia à televisão, cuidava da correspondência, ditava memorandos, relatórios e discursos no sistema de reconhecimento de voz do seu laptop, realizava ligações de longa distância, recebia todo o tipo de informação ou

simplesmente refletia. Agora também estava correndo. O cabelo negro escorria liso e brilhoso, preso por uma testeira. Vestia um casaco de moletom leve e short justo. Respirava regularmente, apesar da alta velocidade. Peak sempre precisava lembrar-se de que a mulher ali na esteira tinha 48 anos. A comandante-geral Judith Li parecia mais uma mulher em forma chegando aos quarenta.

— Tudo bem — disse Peak. — Obrigado.

Ele olhou em volta. A suíte tinha o tamanho de um apartamento de luxo, com decoração condizente. Clássicos elementos canadenses — muita madeira e aconchego rústico, lareira aberta — misturavam-se à elegância francesa. Próximo à janela, havia um piano. Este também deveria estar em outro lugar, no grande saguão. Li também mandara trazê-lo aos seus aposentos. A esquerda, um corredor arqueado levava a um gigantesco quarto. Peak não chegara a ver o banheiro, mas ouvira dizer que tinha uma banheira de hidromassagem e uma sauna.

Do ponto de vista de Peak, o único objeto razoável era a esteira preta maciça, apesar de parecer deslocada no cômodo carinhosamente decorado. Ele acreditava que luxo e design não combinavam com assuntos militares. Peak vinha de família simples. não ingressara nas forças armadas por senso de estética, mas para fugir das ruas, que o levaram tantas vezes à prisão. Perseverança e empenho incondicional finalmente proporcionaram-lhe um bacharelado e abriram-lhe uma carreira de oficial. Sua carreira era exemplo para muitos, mas não mudava em nada as circunstâncias das suas origens. Ele continuava sentindo-se melhor numa barraca ou num motel barato.

— Recebemos os últimos relatórios dos satélites NOAA — disse ele, enquanto olhava em direção ao vale através das grandes janelas panorâmicas a lado de Li. O sol pousava sobre os cedros e florestas de pinheiros. Era bom aqui em cima, mas Peak não dava atenção à beleza. Estava interessado principalmente nas próximas horas.

— E?

— Estávamos certos.

— Há semelhanças?

— Sim, entre os sons gravados pelo URA e os espectrogramas não identificados de 1997.

— Bom — disse Li, satisfeita. — Isso é muito bom.

— não sei se é bom. É uma pista, mas não explica nada.

— O que esperava? Que o oceano nos explicasse alguma coisa? — Li desligou a esteira e saltou dela. — Foi por isso que organizamos esta palhaçada toda, para descobrir. Já chegaram todos?

— Estamos completos. Ainda agora chegou o último.

— Quem?

— Aquele biólogo da Noruega que descobriu os vermes. Preciso verificar, ele se chama...

— Sigur Johanson. — Li foi até o banheiro e voltou com uma toalha sobre os ombros. — Trate de lembrar desse nome, Sal. Somos trezentas pessoas no hotel, entre elas, 75 cientistas. não é possível que você não os tenha gravado.

— Está tentando me dizer que decorou trezentos nomes?

— Se for preciso, decoro três mil. Então, trate de se esforçar.

— Está blefando — disse Peak.

— Quer apostar?

— E por que não? Johanson veio acompanhado de uma jornalista britânica da qual esperamos receber esclarecimentos sobre os acontecimentos no Círculo Polar. Também conhece o seu nome?

— Karen Weaver — disse Li, secando o cabelo com a toalha. — Mora em Londres. Jornalista, especializada em ciências marítimas. Viciada em computador. Esteve num navio no mar da Groenlândia, que depois afundou com todos a bordo. — Sorriu para Peak com os dentes absolutamente brancos. — Seria bom se tivéssemos imagens tão boas de tudo como desse naufrágio, não?

E como seria. — Peak permitiu-se um sorriso. — Sempre que se fala disso, Vanderbilt parece paralisado.

Compreensível. A CIA odeia não conseguir classificar informações. Ele Jâ apareceu?

Está avisado. Avisado? O que significa isso? Está no helicóptero.

— A capacidade de suporte da nossa aeronave me espanta todas as vezes Sal. Ficaria com as mãos molhadas de suor se precisasse pilotar esse trambolho Mas tudo bem. Mantenha-me informada se alguma descoberta revolucionária ainda chegar até o Chateau Whistler antes de abirmos o jogo.

Peak hesitou.

— Como convenceremos todos ao juramento do silêncio?

— Isso foi discutido mil vezes.

— Sei que foi discutido mil vezes. Mil vezes a menos. Lá embaixo há uma série de pessoas que não estão acostumadas a manter segredo. Têm família e amigos. Bandos de jornalistas os abordarão e farão perguntas.

— não é problema nosso.

— Poderia passar a ser nosso.

— Então os deixamos ingressar nas forças armadas. — Li afastou as mãos.

E estarão sujeitos à legislação de guerra. Quem abrir a boca levará um tiro.

Peak estremeceu.

— Estou brincando, Sal. — Li acenou para ele. — Oi! Uma piadinha.

— não estou no clima para piadas — retrucou Peak. — Sei muito bem que Vanderbilt gostaria de subjugar esse povo todo à legislação militar, mas isso é ilusão. Pelo menos a metade é estrangeira, a maioria européia. não podemos repreendê-los caso quebrem acordos.

— Então vamos fingir que podemos.

— Pretende fazer pressão? não funciona. Sob pressão, ninguém cooperou até hoje.

— Quem está falando em pressão? Meu Deus, Sal, não sei onde vai buscar todos esses problemas. Eles querem ajudar. E vão permanecer calados. Se, além disso, acreditarem que serão presos caso quebrem o sigilo, melhor ainda. A crença fortalece.

O olhar de Peak estava confuso.

— Mais alguma coisa?

— não. Acredito que possamos começar.

— Ótimo. Nos vemos mais tarde. Peak saiu.

Li olhou atrás dele e, divertida, pensou em quão pouco esse homem sabia sobre as pessoas. Era um excelente soldado e um estrategista excepcional, mas tinha dificuldade em diferenciar pessoas de máquinas. Peak parecia acreditar que em algum lugar do corpo humano havia um programador, para que se pudesse ter a certeza de que as ordens seriam de fato cumpridas. De certa forma, todos que formavam em West Point pareciam estar subjugados a essa heresia. A academia militar mais elitista da América era conhecida pelo seu treinamento impiedoso que resultava unicamente na obediência, uma obediência incondicional, automatizada. As preocupações de Peak faziam sentido, mas ele não tinha noção dos elementos da psicologia de grupo.

Li pensou em Jack Vanderbilt. Era um dos principais responsáveis da CIA. Li não gostava dele, ele fedia e suava e tinha um hálito miserável, mas fazia bom trabalho. Durante as últimas semanas, e especialmente depois do tsunami devastador que inundara o norte da Europa, o departamento de Vanderbilt mostrou-se do seu melhor lado. Sua equipe conseguira esclarecer muitas coisas. Em outras palavras, significava que continuavam tendo poucas respostas, embora o catálogo de perguntas estivesse completo.

Pensou se deveria mandar notícias para a Casa Branca. Na realidade, não havia muitas novidades, entretanto o presidente gostava de conversar com Li, porque admirava a sua sabedoria. Ela sabia disso, apesar de nunca ter falado uma palavra a respeito publicamente. Apenas teria causado problemas. Entre os generais americanos, Li era uma das poucas mulheres e, além do mais, reduzia dramaticamente a média de idade da estrutura de comando. Isso já levava muitos militares de alta patente e políticos a desconfiarem dela. Seu contato confidencial com o homem mais poderoso do mundo não contribuía muito para uma melhora do quadro, então Li corria atrás do seu objetivo com todo o cuidado. Procurava nunca chamar a atenção. Nunca fazia alusões à sua

relação com o presidente — que ele não gostava quando um problema fosse definido como complexo, porque a complexidade não combinava com o seu modo de pensar. Que, na maioria das vezes, era ela quem lhe explicava o mundo complicado em palavras simples. Que ele, quando as exposições do ministro da Defesa ou dos seus conselheiros de segurança lhe pareciam obscuras, perguntava a Li, que, imediatamente, também lhe explicava a posição da ministra das Relações Exteriores.

De forma alguma Li se permitiria assumir publicamente a autoria das idéias

do presidente. Quando lhe perguntavam, respondia: "O presidente acredita que..."

Ou "A posição do presidente quanto a este assunto é...". O modo como ela atribuía cultura e formação ao chefe da Casa Branca, aumentava os seus limites intelectuais e conferia-lhe pontos de vista e opiniões não era da alçada de ninguém.

Em todo caso, os membros mais chegados estavam a par. O que interessava a ser reconhecido na hora certa, assim como, em 1991, na Guerra do Golfo o general Norman Schwarzkopf a reconhecera como estratega altamente inteligente e com talento político-tático que não se intimidava com nada nem ninguém. Aquela altura, Li já tinha traçado uma carreira admirável: primeira formanda feminina de West Point com estudo das ciências naturais, de programas de ensino para oficiais marinhos, curso da academia do estado-maior do exército e da academia de guerra, formação em política e história na Dukes University. Schwarzkopf passou a apoiar Li e garantiu-lhe convites a seminários e conferências assim como contatos com as pessoas certas. Desinteressado em política, dessa forma o seu Stormin' Norman abriu-lhe as portas para o mundo intermediário onde a fronteira entre as forças armadas e a política desfazia-se e as cartas eram reem-baralhadas.

Inicialmente, esse poderoso protecionismo garantiu-lhe o papel de vice-co-mandante das forças aliadas na Europa Central. Dentro de pouco tempo, Li tornou-se muito popular nos meios diplomáticos europeus. Finalmente colheu os frutos da sua educação, formação e talento natural. O pai americano de Li vinha

de uma renomada família de generais e tivera uma função normativa no Conselho de Segurança da Casa Branca até ser obrigado a retirar-se por motivo de saúde. Sua mãe chinesa brilhava como cellista na Ópera de Nova York e em inúmeros ensaios musicais. Ambos exigiam mais de sua única filha do que de si próprios. Judith teve aulas de ballet e de patinação artística no gelo, aprendeu a tocar piano e violoncello. Acompanhou o pai em suas viagens à Europa e à Ásia e muito cedo teve uma idéia da diversidade das culturas. Sentia-se irresistivelmente atraída pelas particularidades étnicas e os fundamentos históricos, e então fazia muitas perguntas às pessoas, preferencialmente na língua delas. Com 12 anos aperfeiçoou o mandarim, o idioma de sua mãe, com 15 falava fluentemente o alemão, o francês, o italiano e o espanhol, com 18 comunicava-se razoavelmente em japonês e coreano. Seus pais valorizavam com rigor intransigente os modos, o vestuário e a observância das regras sociais, enquanto em outros assuntos eram espantosamente tolerantes. Os princípios presbiterianos do pai e a filosofia de vida marcada pelo budismo da mãe conviviam tão bem quanto os dois.

O mais surpreendente, entretanto, fora o fato de o pai ter optado por assumir o nome da sua esposa no casamento, o que desencadeara uma longa luta contra os órgãos públicos. Judith Li o admirava profundamente por esse gesto perante sua mulher, que ele amava, e que deixara o seu país por amor. Ele era um homem de contradições, com opiniões em parte liberais, em parte altamente republicanas e altamente conservadoras, cada uma delas irrefutável. Qualquer pessoa de caráter mais fraco padeceria diante dos esforços dessa família por perfeição em todas as disciplinas. Mas a menina cresceu com isso, pulou duas séries, teve uma excelente conclusão escolar e cultivava a certeza de alcançar tudo o que quisesse, até mesmo a presidência dos Estados Unidos.

Em meados da década de 1990 ofereceram-lhe o cargo de vice-chefe do estado-maior para operações e planejamentos de ação no Ministério da Defesa dos Estados Unidos e, paralelamente, de docente de história em West Point.

Agora apostavam alto nela no Ministério da Defesa. Além disso, certos grupos registraram o seu grande interesse pela política. Agora faltava-lhe apenas o grande êxito militar. O Pentágono valorizava a experiência de luta antes de liberar o caminho para cargos administrativos mais altos, e Li ansiava profundamente por uma bela crise global. não precisou esperar muito. Em 1999 tornou-se Comandante Substituto no conflito em Kosovo e foi definitivamente registrada no livro dos heróis.

A esse novo retorno seguiu-se o posto de general comandante em Fort Lewis e a convocação no Conselho de Segurança do presidente, depois de impressioná-lo profundamente com uma tese sobre segurança nacional que ela própria redigira. Nessa tese, Li defendia uma postura dura. Na realidade, em muitos assuntos era ainda mais intransigente do que a administração republicana, mas, acima de tudo, o seu pensamento era o de uma patriota. Apesar de toda a cosmovisão, ela realmente acreditava não existir país melhor e mais justo no mundo do que os Estados Unidos e respondera a uma série de questões agudas justamente nesse sentido.

De repente, estava no centro do poder.

Li, a perfeccionista de sangue-frio, conhecia muito bem o animal que espreitava dentro dela, esta emoção quente, incontrolável, que neste ponto poderia ser-lhe tão útil quanto prejudicial, dependendo de qual fosse o próximo passo. Era preciso privar-se de qualquer acesso de vaidade e ostentação exagerada das suas habilidades nestas circunstâncias. Bastava ela, em certas noites na Casa Branca, trocar o uniforme pelo vestido de baile tomara-que-caia e tocar Chopin, Brahms e Schubert para o público encantado, saber levar o presidente na dança sobre a pista festiva até este ter a sensação de estar flutuando como Fred Astaire, cantar canções da época dos fundadores para a sua família e os seus velhos amigos republicanos. Esta parte da encenação pertencia-lhe exclusivamente. Com habilidade, fazia contatos pessoais próximos, compartilhava a paixão do Ministro da Defesa por beisebol e da ministra das Relações Exteriores por história europeia, era convidada com frequência cada vez maior para

eventos particulares e passava fins de semana inteiros na fazenda presidencial.

Para fora, continuava modesta. Guardava sua opinião acerca de assuntos Políticos. Jogava a bola entre as forças armadas e a política, expressava cultura, charme e autoconfiança, sempre trajada corretamente, mas nunca rígida ou presunçosa. Atribuía-lhe uma série de relacionamentos com homens influentes, todos falsos. Li ignorava isso com a mesma soberania. Nenhuma questão tirava-a do sério. Ela alimentava os jornalistas, deputados e subordinados com bons bocados de certeza e convicção, gravava uma infinidade de detalhes e os abria Como arquivos reduzidos a fórmulas práticas e claras.

Apesar de não fazer a menor idéia do que estava acontecendo com os oceanos, desta vez também conseguiu passar uma imagem clara da situação ao presidente. Resumiu o detalhado dossiê da CIA a poucos tópicos determinantes, Conseqüentemente, agora Li estava no Chateau Whistler e sabia exatamente o que isso significava.

Era o último grande passo que precisava dar.

Talvez devesse mesmo ligar para o presidente. Por nada. Ele gostava. Poderia contar que os cientistas e especialistas estavam todos reunidos, o que significava que tinham atendido ao convite informal dos Estados Unidos, apesar de mal saberem o que podia ser feito. Ou que a NOAA registrara similaridades entre sons não identificáveis. Ele gostava dessas coisas, soava como "Sir, avançamos mais um pouco". Naturalmente, não podia esperar que ele conhecesse o significado de bloop e upsweep ou por que a NOAA acreditava ter desvendado a origem do slowdown. Tudo isso era detalhado demais, mas também não era necessário. Algumas palavras de otimismo através da conexão secreta via satélite, e o presidente ficaria contente e, contente, tornava-se útil.

Decidiu-se a fazê-lo.

Nove andares abaixo dela, Leon Anawak notou um homem vistoso de cabelo grisalho e barba. Estava cruzando o patamar em direção ao hotel. Uma mulher o acompanhava, de baixa estatura, ombros largos e bronzeada, vestindo jeans e casaco de couro.

Anawak estimou que teria uns trinta anos. Seus cachos castanhos cobriam-lhe os ombros e as costas. Ambos os recém-chegados tinham bagagem que os funcionários do hotel acabaram de pegar. A mulher conversou rapidamente com o barbudo, olhou em volta e seu olhar ficou preso em Anawak durante um segundo. Tirou os cachos da testa com as mãos e desapareceu no saguão.

Perdido em seus pensamentos, Anawak fitou o local em que ela estivera há pouco. E então olhou para o alto, protegendo os olhos com a mão contra a luz diagonal do sol, e percorreu a fachada neoclássica do castelo com o olhar.

O hotel de luxo ficava no meio de um sonho que qualquer um tivera algum dia do Canadá. Tomando a Highway 99 ao longo da Horseshoe Bay, chegava-se de Vancouver às montanhas, até encontrar o gigantesco hotel imerso em florestas suavemente inclinadas e coroadas por montanhas impressionantes, cujos picos brilhavam brancos até mesmo no verão. Os maciços de Blackcomb e de Whistler eram considerados uma das mais belas regiões de esqui do mundo. Agora em maio os hóspedes vinham principalmente para jogar golfe ou fazer caminhadas. Em volta, havia lagos isolados. A região podia ser explorada de bicicleta ou podia-se voar de helicóptero até a neve eterna. O castelo mesmo dispunha de alguns excelentes restaurantes e oferecia todo o agrado imaginável.

Poder-se-ia esperar qualquer coisa neste lugar distante do mundo. Menos uma dúzia de helicópteros militares.

Anawak chegara dois dias antes. Cooperara nos preparativos para a apresentação de Li juntamente com Ford que, há 48 horas, voava entre o Aquário de Vancouver, Nanaimo e o castelo para verificar materiais, analisar dados e reunir as últimas descobertas. Seu joelho continuava dolorido, mas não mancava mais. De certa forma, o ar puro das montanhas também purificara o seu pensamento, e a falta de coragem após a queda do avião abria espaço para um comportamento agitado.

Nesse ínterim, aconteceram tantas coisas que o seu flagrante pela patrulha militar parecia infinitamente distante. Entretanto não fazia nem duas semanas que encontrara Li pela

primeira vez — em circunstâncias constrangedoras, como havia de concordar. Ela se divertira com o diletantismo com que ele realizara sua ação noturna, porque obviamente já o haviam registrado enquanto ainda dirigia o carro ao longo das docas. Simplesmente o observaram durante algum tempo para descobrir o que ele realmente queria. Então o capturaram, e Anawak sentiu-se literalmente como o homem que jamais voltou a aparecer.

Contudo voltara a aparecer. não continuou jogando suas descobertas no buraco negro, mas agora estava no centro do mesmo, assim como Ford e, há pouco, Oliviera. Até com Roberts, da Inglewood, pôde entrar em contato novamente, e este foi o primeiro a expressar o seu pesar sobre o silêncio ordenado por instâncias superiores. Amordaçado por Li, não se conseguia falar com ele — e algumas vezes esteve diretamente ao lado do telefone enquanto sua secretária dispensava Anawak.

A apresentação estava pronta. Por agora, Anawak não podia fazer nada se não esperar. Então foi jogar tênis, enquanto o mundo despencava no caos e a Europa afundava sob montanhas de água, para verificar como os seus joelhos reagiriam à corrida. Seu parceiro era um pequeno francês de sobranceiras grossas e nariz enorme. Chamava-se Bernard Roche, um bacteriólogo que chegara na noite anterior de Lyon. Enquanto a América enfrentava os maiores animais do planeta, Roche travava uma luta aparentemente inútil contra os menores.

Anawak olhou para o relógio. Em meia hora se reuniriam. O hotel fora fechado para o trânsito de turistas e tomado pelo governo, embora parecesse Povoado como na alta estação. Algumas centenas de pessoas já deviam ter chegado aqui. Muito mais da metade, de uma forma ou de outra, fazia parte da comunidade de Inteligência Norte-americana. A maioria era da CIA, que, de uma hora para outra, havia transformado o castelo num centro de comando.

A NSA, o maior serviço secreto americano responsável por todos os tipos de espionagem eletrônica, segurança de dados e criptografia, enviara um departamento inteiro. A NSA ocupara o quarto andar. O quinto andar fora tomado pelos membros do

Ministério da Defesa norte-americano e pela mídia canadense. Acima, estavam hospedados os representantes da britânica SIS e do Serviço de Segurança, assim como delegações do Centro de Comunicações Militares e o Serviço Federal de Comunicação da Alemanha. Os franceses enviaram uma delegação da Direction de Ia Surveillance du Territoire, o seu serviço de contra-espionagem, e o Serviço de Comunicações Militares sueco estava tão presente quanto o Serviço de Informações Militares das forças armadas finlandesas. Tratava-se de um encontro inédito de serviços secretos, uma batalha pessoal e material sem antecedentes, com o objetivo de compreender o mundo novamente.

Anawak massageou a perna.

De repente, voltou a sentir pontadas dolorosas. não deveria ter jogado tênis tão cedo. Uma sombra atravessou sobre ele quando mais um helicóptero militar, inclinado para a frente, preparou-se para o pouso. Anawak observou a gigantesca aeronave descendo vagarosamente, esticou-se e entrou.

Em toda parte havia pessoas a caminho. Tudo acontecia passo a passo, fluente e, mesmo assim, sem pressa, um balet de atividade sob o teto de duas águas do saguão, que lembrava o de uma igreja. A metade das pessoas parecia estar telefonando constantemente. Os outros haviam ocupado os sofás acolhedores sob as pilastras de pedra natural que separavam o vão central do saguão das áreas laterais com os seus laptops, escreviam ou fitavam com atenção seus monitores. Anawak procurou não se chocar com ninguém e foi até o bar ao lado, onde Ford e Oliviera estavam reunidos de pé. Estavam em companhia de um homem alto de bigode e expressão infeliz.

— Leon Anawak, Gerhard Bohrmann — apresentou-os Ford.  
— não aperte a mão de Gerhard com muita força, ela pode cair.

— Cotovelo de tenista? — perguntou Anawak.

— Caneta. — Bohrmann deu um sorriso azedo. — Precisei anotar durante uma hora inteira o que há duas semanas ainda era possível ver com um clique de mouse. Estou me sentindo na Idade Média.

— Pensei que agora tudo estivesse correndo através dos satélites.

— Os satélites estão sobrecarregados — constatou Ford.

— A partir de amanhã estará tudo bem novamente. — Oliviera tomou um gole

de sua xícara de chá. — Acabei de ouvir que eles liberaram uma rede para o hotel-

— Lá em Kiel não estamos suficientemente preparados para satélites — dis-se Bohrmann com ar sombrio.

— Ninguém está preparado para tudo isso. — Anawak pediu uma água. Desde quando está aqui?

— Desde anteontem. Colaborei no preparo da apresentação.

— Eu também. Estranho. Deveríamos ter-nos encontrado por aí.

— Dificilmente. — Bohrmann balançou a cabeça. — O hotel parece um queijo suíço, cheio de corredores. Qual é a sua especialidade?

— Mamíferos marinhos. Pesquisa de inteligência.

— Leon teve alguns encontros desagradáveis com jubartes — comentou Oliviera. — Aparentemente, não lhes agradavam suas tentativas de olhar dentro das suas cabeças... Oh, vejam só. O que ele está fazendo aqui?

Viraram as cabeças. Do bar, via-se o saguão. Lá, um homem dirigia-se aos elevadores. Anawak reconheceu-o. Ele chegara há alguns minutos com a mulher dos cachos castanhos.

— Quem é? — perguntou Ford, franzindo a testa.

— Vocês não vão ao cinema nunca? — Oliviera balançou a cabeça. — É aquele ator alemão. Como é mesmo o nome dele? Scholl... não, Schell. É Maximilian Schell! Ele é lindo, não acham? Ao vivo é ainda melhor do que na tela.

— Contenha-se — disse Ford. — O que faz um ator aqui?

— Sue pode estar certa — disse Anawak. — Ele não participou daquele filme-catástrofe? Impacto Profundo O mundo é atingido por um meteorito e...

— Todos nós estamos participando de um filme-catástrofe — interrompeu-o Ford. — não me diga que ainda não percebeu.

— Quer dizer que o próximo a chegar é Bruce Willis? Oliviera virou os olhos.

— É ou não é ele?

— não gaste o seu tempo pedindo um autógrafo — disse Bohrmann, sorrindo. — não é Maximilian Schell.

— não? — Oliviera pareceu decepcionada.

— não. Chama-se Sigur Johanson. Um norueguês. Ele poderia contar-lhe um pouco sobre o que aconteceu no mar do Norte. Ele, eu e algumas pessoas em Kiel, algumas outras da Statoil... — Bohrmann seguiu o homem com o olhar, e sua expressão voltou a fechar-se. — Mas é melhor não fazer perguntas a ele antes que ele comece a falar por conta própria. Morava em Trondheim e não sobrou muito de Trondheim. Ele perdeu sua casa.

Ali estava ele, o terror real. A prova de que as imagens da televisão eram verdadeiras. Anawak bebeu sua água em silêncio.

Está bem. — Ford olhou para o relógio. — Chega de não fazer nada. Vamos até lá e ouvir o que têm a nos dizer.

O castelo dispunha de várias salas de conferência. Li escolhera uma sala de tamanho médio, quase pequena para o grupo de servidores secretos, representantes de governo e cientistas que assistiriam à apresentação. Tinha a experiência de que as pessoas, quando sentadas muito próximas umas das outras, ou brigavam ou desenvolviam um forte senso de união. De forma alguma teriam oportunidade de distanciar-se, nem uns dos outros, nem do tema.

A ordem dos assentos fora definida correspondentemente. Os presentes estavam totalmente misturados, independentemente de sua nacionalidade ou especialidade. Cada assento dispunha de uma pequena mesa com um bloco de anotações e um laptop. A parte visual da apresentação seria a projeção de uma apresentação de PowerPoint numa tela de três por cinco metros com caixas de som. No meio de todo o aconchego pequeno-burguês do mobiliário, o hightech concentrado destacava-se estranha e sobriamente.

Peak surgiu e sentou-se em uma das cadeiras reservadas aos palestrantes. Foi seguido por um homem de terno amarrotado e corpo volumoso. O paletó tinha manchas escuras sob as axilas. As madeixas ralas e louras do seu Cabelo cobriam a cabeça larga. Estava visivelmente ofegante ao estender a mão direita para Li. Os cinco dedos apontavam para os lados como pequenos balões cheios de ar.

— Olá, Suzie Wong — disse.

Li estendeu a mão para Vanderbilt e resistiu ao impulso de limpá-la na calça.

— Jack. Prazer em vê-lo.

— Para mim também. — Vanderbilt sorriu. — Dê-lhes um belo espetáculo, querida. Se ninguém aplaudir, faça um strip. Meu aplauso está garantido.

Ele passou a mão sobre a testa encharcada de suor, levantou um polegar, piscando os olhos, e sentou-se ao lado de Peak. Li observou-o com o sorriso congelado. Vanderbilt era vice-diretor da CIA Um homem bom, muito bom até. Faria falta à agência. Ela pretendia aniquilá-lo lentamente no momento certo. Por hora, ainda tinha um caminho a percorrer. Mas depois esse porco gordo iria grunhir na rua, por mais brilhante que fosse.

A sala foi ficando lotada.

Muitos dos presentes não se conheciam e tomaram os seus assentos em silêncio. Li aguardou pacientemente até os ruídos das cadeiras cessarem. Sentiu a tensão geral. Podia descrever os sentimentos de cada um deles, como estavam sentados ali, apenas por um breve olhar nos olhos. Li conseguia ver os espíritos» isso ela aprendera.

Aproximou-se do púlpito, sorriu e disse:

— Relaxem.

Um murmúrio baixinho percorreu as fileiras. Um ou outro cruzou as pernas e recostou-se com rigidez. Somente o belo professor norueguês com o cachecol desleixadamente jogado em torno do pescoço aparentava estar quase entediado na sua cadeira. Atrás da sua testa, parecia passar um filme diferente do que nas cabeças das pessoas à sua volta. Seus olhos escuros fixavam Li.

Procurou avaliá-lo mas Johanson permaneceu-lhe fechado. O homem perdera a sua casa, fora mais atingido pela catástrofe do que qualquer outro nesta sala. Devia estar deprimido, mas aparentemente não estava. Podia ter apenas um motivo para isso. Johanson não esperava ouvir nenhuma novidade hoje. Tinha a sua própria teoria preponderante sobre o desgosto e o desespero. Sabia mais do que todos eles, ou ao menos acreditava nisso.

Ela ficaria de olho no norueguês.

— Sei que todos os senhores estão sob enorme pressão — prosseguiu. — E quero agradecer sinceramente por terem possibilitado este encontro. Quero agradecer especialmente aos cientistas aqui reunidos. Graças à sua cooperação, tenho certeza absoluta de que poderemos ver os acontecimentos mais recentes também com um olhar de esperança. Os senhores nos encorajaram.

Li falava sem ênfase, simpática e tranqüila, e olhava diretamente para cada um. Ela gozava de atenção unânime. Somente Vanderbilt expôs os dentes, cutu-cando-os.

— Muitos dos senhores irão perguntar-se por que este encontro não está sendo realizado no Pentágono, na Casa Branca ou na sede do governo canadense. Pois bem, por um lado queríamos oferecer-lhe o máximo de conforto. As vantagens do Chateau Whistler são lendárias. Mas sua maior vantagem é a localização. As montanhas estão seguras. As costas, não. Nenhuma das cidades litorâneas do Canadá ou da América, em que poderia ser realizado um encontro como este, atualmente ainda está segura.

Seu olhar vagueou pelas faces.

— Esse é um dos motivos. O outro é a proximidade do litoral da Colúmbia Britânica. Temos casos de anomalias de comportamento e mutações, há um talu-de continental com presença de metano... Em outras palavras, tudo o que nos preocupa no momento está presente ali. De helicóptero, em pouco tempo vamos do castelo ao mar e podemos voar para inúmeras instalações de pesquisa, especialmente o Nanaimo Institute. Há algumas semanas já implementamos uma base de apoio no castelo

para observar o comportamento dos mamíferos marinhos. Frente aos acontecimentos na Europa, decidimos desenvolver esta base

aPoio para um centro de crise para todo o mundo. E o melhor gerenciamento de crise Possível, ladies and gentlemen, são os senhores.

Ela deixou as palavras surtirem o seu efeito por uns instantes. Queria que as

essoas da sala se conscientizassem da sua importância. Era favorável a que,

pesar das circunstâncias trágicas, desenvolvessem um certo orgulho, um senso de elitismo. Por mais contraditório que pudesse parecer, ajudava a calar a boca do lado de fora.

— O terceiro motivo é que aqui não seremos perturbados. O castelo está completamente isolado da mídia. Naturalmente, não se deixou de perceber que um hotel de tal importância fechou de repente suas portas e que helicópteros militares estão sobrevoando o local. Mas não foi comunicado oficialmente o que estamos fazendo aqui em cima. Quando perguntados, falamos de um exercício. Pode-se escrever muito sobre isso, mas nada de concreto, então é melhor não escrever nada. — Li fez uma pausa. — não se deve, não se pode abrir tudo ao público. O pânico seria o começo do fim. Manter a calma significa manter a capacidade de agir. Permitam-me dizer sem rodeios: a primeira vítima na guerra é sempre a verdade. E nós estamos em guerra. Numa guerra que ainda precisamos compreender para poder vencê-la. Para isso, é preciso assumir um compromisso com nós mesmos e com toda a humanidade, o que concretamente significa que, a partir de agora, os senhores não poderão falar com ninguém, nem mesmo com seus parentes e amigos mais próximos, sobre seu trabalho neste conselho. Cada um dos senhores deverá assinar uma declaração cuja manutenção levaremos extremamente a sério. Eu gostaria que qualquer dúvida fosse exposta antes da apresentação. Naturalmente, cabe a cada um decidir se deve ou não assinar essa declaração. Ninguém sofrerá um prejuízo por isso. Mas, nesse caso, deverá deixar a sala agora e voltar imediatamente para casa.

Internamente, apostou consigo mesma. Ninguém se levantaria e sairia. Mas haveria perguntas.

Ela aguardou.

Alguém ergueu o braço.

O homem chamava-se Mick Rubin. Vinha de Manchester e era biólogo, especializado em moluscos.

— Quer dizer que não poderemos sair do castelo?

— O castelo não é nenhuma prisão — disse Li. — A qualquer hora, o senhor pode ir para onde bem entender. Só não pode falar sobre o seu trabalho.

— E se... — Rubin ficou enrolando.

— E se falar mesmo assim? — Li assumiu uma expressão de preocupação. — Compreendo que tenha de fazer essa pergunta. Bom, negaremos toda e qualquer informação sua e garantiremos que o senhor não volte a infringir a declaração.

— E isso... bem... é do seu domínio? Quer dizer, a senhora tem...

— Autorização? A maioria dos senhores deve saber que há três dias a Alemanha deu início a uma avaliação conjunta dos acontecimentos atuais no âmbito da União Européia. Concordaram em que o ministro do Interior da Alemanha deveria assumir a liderança. Ao mesmo tempo, por precaução, a Otan declarou estado de alerta. A Noruega, a Grã-Bretanha, a Bélgica, os Países Baixos, a Dinamarca e as ilhas Faroé estão em estado de emergência, em parte em nível nacional, em em regiões isoladas. O Canadá e os Estados Unidos também estão operando sob liderança destes últimos. Outros países gostariam de participar, dependendo do desenvolvimento da situação mundial, não podemos excluir a possibilidade de que em breve as Nações Unidas tenham de assumir um tipo de responsabilidade geral. Em todos os lugares, as regras existentes perderão sua validade e as competências serão redistribuídas. Frente à situação peculiar... Sim, temos autorização.

Rubin mordeu o lábio e balançou a cabeça. não foram feitas outras perguntas.

— Está bem — disse Li. — Então vamos começar. Major Peak, por favor.

Peak ergueu-se perante o grupo. A luz do teto refletia-se na sua pele escura e lustrada. Ele apertou rapidamente o sensor do controle remoto, e uma imagem de satélite surgiu na grande tela. Mostrava um litoral repleto de cidadezinhas de uma altura considerável.

— Talvez tenha começado em outro lugar — disse —, talvez há mais tempo. Mas hoje acreditamos que tenha começado aqui, no Peru. Esta cidade um pouco maior, no centro, chama-se Huanchaco. — Ele apontou com o laser pointer para diversos locais no mar. — No decorrer de poucos dias, a cidade perdeu 22 pescadores em dias lindos. Alguns barcos foram encontrados mais tarde, flutuando no mar. Pouco tempo depois também desapareceram barcos esportivos, iates e pequenos veleiros. Foram encontrados alguns destroços. Quando muito.

Peak abriu uma nova imagem.

— Os mares são observados constantemente — prosseguiu —, eles estão repletos de sondas flutuantes e robôs que enviam quantidades infinitas de dados sobre características de correntezas, teor salino, temperatura, percentual de dióxido de carbono e tudo o que se possa imaginar. Uma flotilha de navios de pesquisa está espalhada por todo o mundo, e temos centenas de satélites militares e civis no espaço. Acredita-se que o esclarecimento de perdas de navios não seja um problema, mas não é tão simples assim. Nossos detetives espaciais, como tudo que tem olhos, sofrem da famosa mancha escura.

A apresentação gráfica mostrava uma parte da superfície terrestre. Acima dela, havia satélites de diferentes tamanhos e alturas de vôo, pendurados como insetos superdimensionais.

— Nem percam tempo tentando manter uma visão geral na confusão dos corpos celestes artificiais — disse Peak. — Três mil e quinhentas sondas espaciais exorbitais como a Magellan ou a Hubble não estão incluídas. A maior parte do que está circulando lá em cima é lixo. Somente em torno de seiscentos objetos estão em funcionamento, aos quais, em parte, os senhores terão acesso. Aliás, inclusive satélites militares.

Peak não gostou nem um pouco de ouvir-se dizendo esta última frase. Guiou o laser pointer para um objeto em forma de barril com velas solares.

— Um satélite americano KH-12-Keyhole, construção óptica. De dia fornece imagens de resolução abaixo de cinco centímetros. Falta pouco para o reconhecimento facial individual. Equipado ainda com sistemas de infravermelho e multiespectrais para imagens noturnas e, infelizmente, absolutamente inútil em dias nublados.

Peak apontou para outro satélite.

— Por isso muitos satélites de reconhecimento trabalham com radar ou com microondas. Para o radar, as nuvens não representam um obstáculo. Os satélites não fotografam, mas modelam o mundo centímetro por centímetro, apalpando a superfície e desenvolvendo um modelo tridimensional. Mas aqui também há um calcanhar-de-aquiles. As imagens de radar requerem interpretação. O radar desconhece cores, não vê o vidro, o seu mundo é simplesmente a forma.

— E por que não se juntam as tecnologias? — perguntou Bohrmann.

— Isso ocorre, mas é dispendioso e raro. Na realidade, levamos ao principal problema de toda a observação via satélite. Para cobrir um país inteiro ou um setor do mar durante ao menos um dia, são necessários vários sistemas cooperantes capazes de escanear grandes superfícies. Quando forem necessárias imagens nítidas de uma região delimitada, será necessário conformar-se com imagens momentâneas. Os satélites estão em órbita. A maioria deles leva noventa minutos até retornar ao mesmo local.

— Mas há uma série de satélites que permanecem sobre o mesmo local — interrompeu um diplomata finlandês. — não poderíamos posicionar alguns deles acima das regiões críticas?

— Alto demais. Os satélites geoestacionários só são estáveis numa altura exata de 35.888 quilômetros. O menor detalhe que se pode reconhecer dali mede oito quilômetros. não se veria nem um afundamento de Helgoland no mar. — Peak fez uma pausa e prosseguiu: — Mas, como tínhamos noção do que

estávamos precisando observar, começamos a alinhar os nossos sistemas correspondentemente.

Viram a imagem de uma superfície de água, tomada de baixa altura. A luz do sol caía diagonalmente nas ondas e conferia ao mar a estrutura de vidro canelado, com pequenos navios e minúsculos objetos compridos na superfície. Olhando melhor, reconheciam-se barcos cor de ráfia, cada um com uma pessoa a bordo.

— Um zoom do KH-12 — disse Peak. — A região costeira em frente a Huanchaco. Nesse dia vários pescadores desapareceram. Os reflexos são poucos graças ao horário matutino, o que foi bom, porque, dessa forma, pudemos observar isto daqui.

passa por um processo cognitivo e, de repente, sabe o que é uma rede de arrastão ou uma rede de deriva e o que fazer com ela. Mas, mesmo que alguma coisa tenha elevado dessa forma sua capacidade de aprendizado, além disso os animais devem ter desenvolvido uma sensibilidade para as medidas.

— Nenhum peixe, nenhum cardume vê uma rede com uma abertura de 110 metros de altura e 140 de largura.

— Apesar disso, parecem reconhecer as redes. As flotilhas de pescadores em todo caso, queixam-se de enormes prejuízos. Toda a indústria alimentícia foi atingida. — Peak pigarreou. — O segundo motivo do desaparecimento de navios e de pessoas é largamente conhecido. Mas demorou algum tempo até o KH-12 conseguir documentar um fenômeno desses.

Anawak fitou a tela. Sabia o que viria agora. Já vira as imagens e também fornecera material, entretanto elas sempre lhe davam um nó na garganta.

Pensou em Susan Stringer.

As imagens foram capturadas tão próximas umas das outras, que quase transcorriam como uma seqüência de filme. Em mar aberto, havia um veleiro de aproximadamente 12 metros de comprimento. não ventava, o mar estava liso como um espelho, as velas içadas. Na popa havia dois homens, e, no convés da proa, mulheres se bronzeavam.

Algo grande, volumoso, nadou rente ao barco. Via-se claramente cada detalhe do gigantesco corpo. Era uma jubarte adulta. Duas outras se seguiram. Seus dorsos cortavam a superfície d'água, e um dos homens levantou-se e apontou para fora. Na frente, as mulheres ergueram as cabeças.

— Agora — disse Peak.

As baleias passaram pelo barco. A bombordo, algo surgiu no azul profundo e aproximou-se da superfície. Era mais uma baleia atirando-se verticalmente para cima. Saiu da água, as nadadeiras bem afastadas. As pessoas no barco viraram a cabeça e ficaram imóveis, fascinadas.

O corpo tombou.

Ele bateu transversalmente sobre o veleiro e o rachou em dois pedaços. Os destroços foram atirados para todos os lados. As pessoas voaram pelo ar como bonecas. Anawak viu o mastro quebrar, e então uma segunda baleia atirou-se sobre o que restava do barco. De uma hora para outra, o idílio transformou-se num inferno. O barco afundou. Os destroços flutuavam, perdidos num anel crescente de espuma marmorizada. não se via mais nada das pessoas.

— Somente alguns aqui presenciaram esses ataques de perto — disse Peak. — Por isso a demonstração. Nesse ínterim, os ataques não se restringem mais ao Canadá e aos Estados Unidos, mas paralisaram grande parte da navegação de pequeno porte em todo o mundo.

Anawak fechou os olhos.

Como teria sido a visão de cima da colisão do DHC-2 com a jubarte? Também haveria uma crônica fantasmagórica a respeito? não tivera coragem de perguntar. A idéia de que um olho de vidro impassível vira tudo parecia-lhe insuportável.

Como respondendo aos seus pensamentos, Peak disse:

— Esta forma de documentação pode parecer-lhes cínica, ladies and gentlemen. Entretanto não somos voyeurs. Sempre que possível, tentamos prestar socorro imediato. — Ergueu o olhar da tela do seu laptop. Seus olhos estavam inexpressivos. — Infelizmente, nesses casos quase sempre se chega tarde demais.

Peak sabia que estava se arriscando naquele momento. Estava insinuando que haviam procurado acidentes, o que levantava a questão de por que não se procurara evitá-los.

— Imaginemos uma propagação dos ataques, como uma epidemia—disse —, então essa epidemia teve início em frente à ilha de Vancouver. Os primeiros casos comprovados ocorreram em frente a Tofino. Em muitos casos, por mais surreal que possa parecer, foram observadas alianças estratégicas. Baleias-cinzentas, jubartes, até mesmo baleias-/i'«, cachalotes e outras baleias de grande porte atacam os barcos. As orcas, menores e mais ágeis, depois acabam com as pessoas dentro d'água.

O professor norueguês levantou a mão.

— O que o faz crer que se trata de uma epidemia?

— não estamos dizendo que é uma epidemia, Dr. Johanson — respondeu Peak. — Mas que o modo de propagação parece epidêmico. Dentro de poucas horas, de Tofino até lá embaixo na Baixa Califórnia e subindo até o Alasca.

— não tenho certeza se algo se propagou ali.

— Aparentemente, sim. Johanson balançou a cabeça.

— O que quero dizer é que essas aparências poderiam nos levar a conclusões erradas.

— Dr. Johanson — disse Peak pacientemente —, se o senhor me desse mais tempo para as minhas exposições...

— não seria possível—prosseguiu Johanson, firme — que estejamos diante de um procedimento simultâneo que simplesmente foi um pouco mal coordenado?

Peak olhou para ele.

— Sim — disse, contrariado. — Seria possível.

Ela sabia. Johanson tinha a sua própria teoria. E Peak, que não gostava quando oficiais eram interrompidos por civis, aborreceu-se.

Li estava se divertindo.

Ela cruzou as pernas, recostou-se e recebeu um olhar interrogativo de Van-derbilt. O homem da CIA parecia acreditar que ela contara algumas coisas para Johanson anteriormente. Ela

respondeu ao seu olhar, balançou a cabeça e continuou prestando atenção às exposições de Peak,

— Sabemos — dizia Peak naquele instante — que as baleias agressivas são exclusivamente não-residentes. As residentes, digamos assim, fazem parte do repertório fixo de uma localidade. As baleias migrantes, entretanto, atravessam longas distâncias, assim como as baleias-cinzentas e as jubartes, ou circulam em alto-mar, da mesma forma que as baleias offshore. A partir daí, desenvolvemos, com certo cuidado, uma teoria: a causa da alteração de comportamento dos animais está lá fora, em mar aberto.

Surgiu um mapa do mundo. Mostrava os locais de ataques de baleias. Um tracejado vermelho ia desde o Alasca até o Cabo Horn. Outras regiões estavam marcadas em ambos os lados do continente africano e ao longo da Austrália. E então o mapa desapareceu, dando lugar a um outro. Neste, as regiões costeiras também estavam marcadas com cores.

— De modo geral, o número de espécies marinhas que agredem especificamente o homem está aumentando dramaticamente. Em frente à Austrália está crescendo o número de ataques de tubarões, assim como em frente à África do Sul. Ninguém mais vai nadar nem pescar. As redes de tubarões, que em geral são suficientes para manter os animais afastados, estão em farrapos, sem que alguém possa dizer com segurança o que as destruiu. Nossos sistemas ópticos contribuem pouco para a elucidação e, no que diz respeito aos robôs mergulhadores, os países do Terceiro Mundo estão tecnicamente mal representados.

— O senhor não acredita numa acumulação de coincidências? — perguntou um diplomata alemão.

Peak balançou a cabeça.

— A primeira coisa que se aprende na Marinha, senhor, é avaliar corretamente o perigo dos tubarões. Os animais são perigosos, mas em princípio não são agressivos. Sequer agradamos ao seu paladar. A maioria dos tubarões imediatamente cospe de volta um braço ou uma perna.

— Que consolador — murmurou Johanson.

— Mas várias espécies parecem ter mudado de opinião acerca do sabor de carne humana. Dentro de poucas semanas, o número de ataques de tubarões aumentou dez vezes. Milhares de tubarões azuis, na realidade habitantes do alto mar, estão invadindo as regiões plataformais e, dentro de pouquíssimo tempo, causam prejuízos imensos.

— Prejuízos? — perguntou um deputado francês de sotaque forte. — O que

significa isso? Mortes?

O que mais, seu idiota?, parecia pensar Peak.

— Sim, mortes — disse. — Também estão atacando barcos.

— Mon Dieu! O que um tubarão pode causar a um barco?

— não se engane! — Peak deu um sorriso fino. — Um tubarão branco adulto tem plena capacidade de afundar uma pequena embarcação através de pancadas ou mordidas. Foram comprovados ataques de tubarões a jangadas com naufragos. Se vários animais estiverem participando simultaneamente, praticamente não há esperança de sobreviver ao ataque.

Ele mostrou a imagem de um belo polvo pequeno, cuja superfície era coberta de anéis azuis reluzentes.

— No mais: *Hapalochlaena maculosa*. O polvo-de-anéis-azuis, vinte centímetros de comprimento. Austrália, Nova Guiné, Salomão. Um dos animais mais venenosos do mundo. Ao morder, injeta enzimas tóxicas na ferida. A pessoa praticamente não percebe na hora, mas, depois de duas horas, está mortinha. — A série de fotos prosseguiu com criaturas bizarras. — Peixe-pedra, peixe-aranha, peixe-escorpião, vermes de fogo, conchas venenosas, há uma infinidade de animais venenosos nos mares. Na maioria dos casos, as substâncias tóxicas são de defesa. Temos levantamentos mais ou menos expressivos sobre a frequência dos acidentes. Entretanto muitos animais atiraram as estatísticas para cima, por um simples motivo: espécies que antes se camuflavam e escondiam começaram a atacar.

Roche inclinou-se na direção de Johanson.

— Será que algo que altera uma baleia também pode alterar um crustáceo? — ouviu-o cochichar Li. — O que acha?

Johanson virou a cabeça para ele.

— Pode ter certeza disso.

peak falou dos cardumes imensuráveis de águas-vivas que se transformaram numa verdadeira invasão, ameaçando a América do Sul, a Austrália e a Indonésia. Johanson prestava atenção com os olhos semicerrados. Ultimamente, a caravela Portuguesa causava um choque tóxico que matava em poucos segundos.

Para simplificar, dividimos os fenômenos em três categorias — disse Peak. — Alterações de comportamento, mutações, catástrofes ambientais. Elas condicionam-se umas às outras. Até agora falamos de comportamento anormal. No caso das águas-vivas, aparentemente predominam as mutações. As vespas marinhas sempre foram boas de navegação, mas ultimamente tornaram-se verdadeiras mestras. Parecem patrulhas. Aparentemente, querem livrar regiões inteiras de qualquer presença humana, sem que se possa fazer muito contra elas. O turismo de mergulho praticamente sucumbiu, mas quem mais sofre são os pescadores.

Surgiu um navio-fábrica, daqueles que transformava a pesca em conservas ainda a bordo.

— Esse é oAnthanea. Há 14 dias a tripulação içou um carregamento gigantesco de Chironex fleckeri a bordo, vespas marinhas. Ou melhor, algo que acreditamos ser ou ter sido chironex. Foi um erro não ter devolvido instantaneamente a pesca ao mar. Em vez disso, abriram as redes, descarregando várias toneladas de puro veneno no convés. Alguns operários morreram imediatamente, outros mais tarde, quando os tentáculos, finos como fios de cabelo e que mediam vários metros de comprimento, espalharam-se pelo navio. Choveu nesse dia. A água levou os componentes das águas-vivas para todos os lados. Ninguém sabe dizer como o veneno finalmente entrou na água potável, em todo caso oAnthanea foi praticamente dizimado. Desde então estão tomando mais cuidado e levando uma roupa protetora especial, mas isso não muda nada no mal em si. Em extensas regiões do mundo, as flotilhas não estão mais pescando peixe, mas veneno.

Não estão mais pescando peixe porque não tem mais, pensou Johanson. Você devia ter mencionado isso em prol da ordem, Peak. Mesmo que não seja uma causa direta do que está acontecendo.

Ou sim?

Naturalmente era a causa. Uma de inúmeras.

Pensou nos vermes.

Organismos mutados que repentinamente pareciam saber o que faziam. Ninguém via o que estava acontecendo? Estavam vivendo os sintomas de uma doença, cujo agente patológico estava em tudo, e nada se tornava evidente, uma camuflagem de mestre. O homem acabara com praticamente todos os peixes do mar deixando somente alguns restos miseráveis, e agora os cardumes restantes haviam aprendido a escapar das armadilhas mortais, enquanto em seu lugar exércitos de soldados armados com veneno terminavam de acabar com a indústria pesqueira desgastada.

O mar estava matando o homem.

E você matou Tina Lund, pensou Johanson friamente. Você convenceu a não desistir de Kare Sverdrup. Ela o ouviu, se não não teria ido para Sveggensuo

Ele era culpado?

Como teria podido imaginar o que estava para acontecer? Em Stavanger, Lund provavelmente também teria morrido. E se ele lhe tivesse sugerido pegar o próximo avião para o Havaí ou Florença? Agora ele estaria sentado aqui, convencido de ter salvado Tina Lund?

Cada um deles lutava contra o seu demônio pessoal. Bohrmann atormentava-se diante da idéia de que devia ter prevenido o mundo mais cedo. Claro que devia. Mas de quê? De uma suposição? De um momento ominoso? Trabalharam com força total para obter clareza. Acabaram não sendo suficientemente rápidos mas ao menos haviam tentado. Bohrmann tinha alguma culpa?

E a Statoil? Finn Skaugen estava morto. Estava no porto de Stavanger quando a onda chegara. Nesse ínterim, Johanson via o diretor de petróleo com outros olhos. Skaugen fora um manipulador.

Agradou-lhe o papel de incorporar a consciência limpa de um ramo sujo, mas ele tomara as medidas corretas? Clifford Stone também fora vítima da catástrofe, mas ele realmente fora o monstro calculista que Skaugen o tornara?

Vermes, águas-vivas, baleias, tubarões.

Peixes inteligentes. Alianças. Estratégias.

Johanson pensou na sua casa destruída em Trondheim. Estranhamente, o fato de tê-la perdido não o afligia tanto. Seu verdadeiro lar era em outro lugar, à beira do espelho que em noites claras carregava o universo dentro de si. Ali ele se encontrara e criara um refúgio do belo e do verdadeiro. A cabana era a sua mais íntima criação, a personificação dele próprio. Ela continha o que numa casa alugada jamais seria um lar.

Nunca mais estivera lá desde o fim de semana com Tina.

Será que alguma coisa mudara?

O lago era tranqüilo. Mesmo assim, a idéia o preocupava. Precisaria ir lá e verificar se estava tudo em ordem assim que possível. Independentemente de quanto trabalho estaria por vir.

Peak abriu uma nova imagem.

Uma cavaquinha. não, restos de uma cavaquinha. O animal parecia ter explodido.

~ Hollywood o chamaria de mensageiro do horror — disse Peak com um riso torto. — Neste caso, a definição aplica-se inteiramente. Na Europa Central está se alastrando uma epidemia cuja origem encontramos neste animal. Graças ao Dr. Roche, o caroneiro foi amplamente identificado. Segundo o seu gênero, trata-se de uma alga unicelular chamada Pfiesteria piscicida. Uma das aproximadamente sessenta espécies conhecidas de dinoflagelados, considerados tóxicos. Entre as algas mortais, a Pfiesteria é a pior. Na costa leste dos Estados Unidos, especialmente nas águas costeiras da Carolina do Norte, há anos já tivemos a experiência devastadora, quando a Pfiesteria matou bilhões de peixes. Seus cadáveres flutuavam aos montes na superfície d'água com feridas abertas e comidas. Para os pescadores, um desastre econômico, mas também de saúde. Muitos se queixaram de perda dos sentidos, desenvolveram abscessos

hemorrágicos nos braços e pernas e foram forçados a largar o trabalho. Os cientistas que estudaram a Pfiesteria sofreram danos de saúde duradouros. — Fez uma breve pausa. — Em 1990, um pesquisador da alga, Howard Glasgow, estava limpando aquários num laboratório especialmente equipado da Universidade da Carolina do Norte, quando, de repente, aconteceu algo muito estranho com ele. Seu cérebro estava a mil, mas o seu corpo movia-se como em câmera lenta. Os membros deixaram de funcionar. Sua doença foi o primeiro indício de que as toxinas da Pfiesteria também podiam ser transmitidas pelo ar, então Glasgow transportou os organismos para um laboratório seguro. Lamentavelmente, os pedreiros haviam construído um poço de ventilação invertido e ligaram-no diretamente ao escritório de Glasgow. Durante seis meses, ele inspirou o ar envenenado sem saber. Suas dores de cabeça tornaram-se tão fortes que mal conseguia trabalhar. Seu senso de equilíbrio deixou de funcionar. O fígado e os rins começaram a decompor-se. Quando telefonava a alguém, cinco minutos depois já não se lembrava mais. Perdia-se na cidade e não encontrava mais o caminho de casa, esqueceu o número do seu telefone e o seu nome. Todos estavam convictos de que ele estava com um tumor no cérebro ou com Alzheimer, mas Glasgownão queria saber nada disso. Finalmente submeteu-se a diversos testes na Universidade de Duke, cujo resultado foi totalmente inesperado — seu sistema nervoso fora exposto a uma agressão química durante meses. Outros pesquisadores que tiveram contato com a Pfiesteria posteriormente contraíam pneumonia ou bronquite crônica. E todos perdiam lenta mas gradualmente a memória. Perdiam para um organismo que era incompreensível.

Peak demonstrou uma série de imagens de eletromicroscopia. Elas mostravam diversas formas de vida. Algumas pareciam amebas com protuberâncias radiais, outros lembravam esferas escamosas ou cabeludas, e outras ainda hambúrgueres entre cujas metades torciam-se tentáculos em espirais.

— Tudo isso é Pfiesteria — disse Peak. — A alga muda de aparência dentro de minutos, pode aumentar dez vezes de tamanho, encasular-se em cistos, sair deles e mutar de um

inofensivo unicelular para uma espóra aquática altamente tóxica. A Pfiesteria pode adquirir até 24 formas diferentes, sempre alterando suas características. Já foi possível isolar essas substâncias tóxicas. O Dr. Roche e sua equipe trabalharam a mil para descobrir alguma coisa, entretanto enfrentam mais dificuldades do que os pesquisadores do nosso país. Porque a criatura que penetrou a canalização, aparentemente nem é a Pfiesteria piscicida, mas uma variedade bem mais perigosa. Traduzindo ao pé da letra, Pfiesteria piscicida significa Pfiesteria comedora de peixes. O Dr. Roche batizou a espécie descoberta por ele de Pfiesteria homicida — Pfiesteria comedora de humanos.

Peak elucidou as dificuldades de dominar a alga. O novo organismo parecia querer multiplicar-se explosivamente em ciclos. Uma vez na circulação de água, era impossível livrar-se dele. Penetrava na terra, liberando o seu veneno, que praticamente não podia mais ser filtrado dali. Era justamente esse o problema. Muitas vítimas eram literalmente devoradas pela Pfiesteria. Surgiam feridas ulcerosas em todo o corpo que não cicatrizavam; em vez disso, mas inflamavam, tornando-se purulentas. Mas o pior era o veneno. Por mais que os órgãos públicos se esforçassem em limpar os canais e a canalização de água, não podiam evitar que o organismo se espalhasse em outros lugares. Procurava-se vencê-lo com calores e ácidos, com pesticidas, mas naturalmente o sentido de tais ações não era substituir um mal pelo outro.

A Pfiesteria homicida mostrou-se pouquíssimo impressionada com tudo isso.

A Pfiesteria piscicida danificava o sistema nervoso. A nova espécie atacava-o com uma agressividade que em poucas horas paralisava as pessoas; estas entravam em coma e morriam. Somente algumas pessoas pareciam ser resistentes. Como Roche não conseguira desvendar o código tóxico até então, esperava-se poder decodificar essa resistência, entretanto o tempo estava acabando para a equipe. A transmissão da doença parecia ter-se esquivado de qualquer repressão.

— A alga veio num cavalo de Tróia — disse Peak. — Dentro de crustáceos. Em cavaquinhas de Tróia, digamos assim, ou melhor,

em algo que lembrava cavaquinhas. Aparentemente, os animais estavam vivos quando foram capturados, entretanto a sua carne foi substituída por uma substância gelatinosa que continha colônias de Pfiesteria encapsuladas. A União Européia proibiu a pesca e a exportação de crustáceos. Atualmente, os casos de doença e morte restringem-se à França, Espanha, Bélgica, Holanda e Alemanha. A última informação que tivemos foi de 14 mil mortos. No continente americano, aparentemente, cavaquinhas ainda continuam sendo cavaquinhas, mas nós também estamos considerando a possibilidade de proibir a venda de crustáceos.

— Que horror — sussurrou Rubin. — De onde vêm essas algas? Roche virou-se para ele.

— Foram criadas pelos humanos — disse. — A criação de porcos na costa leste americana despeja quantidades imensas de estrume diretamente nas águas, e as Pfiesteria desenvolvem-se maravilhosamente bem em água superadubada. Elas alimentam-se dos fosfatos e nitratos que, através dos excrementos animais, são espalhados nos campos e chegam até os rios. Ou então do esgoto industrial.

Por que o fato dessas pestes se sentirem bem nas canalizações das grandes cidades, onde tudo está saturado de substâncias orgânicas, nos espanta? Nós criamos as Pfiesteria deste mundo. Nós não as desenvolvemos, mas permitimos que se transformassem em monstros. — Roche fez uma pausa e olhou novamente na direção de Peak. — Caso o mar do Leste se desequilibre e todos os seus peixes morram, como foi o caso nos últimos anos, é devido à suinocultura dinamarquesa. O estrume faz com que as algas se proliferem explosivamente. As algas retêm o oxigênio, e os peixes morrem. Algas tóxicas fazem muito mais, e nenhuma região parece protegida contra elas. Agora a pior de todas elas está entre nós.

— Mas por que não se combateu isso antes? — perguntou Rubin.

— Antes? — Roche riu. — Combateram isso antes, meu amigo. Tentaram. Onde você vive? Em vez de realizarem pesquisas sérias, os pesquisadores foram ridicularizados e ameaçados de

morte. Há alguns anos descobriram que o Serviço de Meio Ambiente da Carolina do Norte encobriu propositalmente as ocorrências que envolviam a Pfiesteria, em consideração a representantes políticos influentes que, por acaso, são suinocultores. Naturalmente, deveríamos nos perguntar que imbecil está nos mandando cavaquinhas infectadas com Pfiesterias. Mas isso não altera em nada o fato de sermos os parceiros da catástrofe. De certa forma, sempre somos.

— Esses mexilhões têm as características de típicos mexilhões-zebra. Entretanto têm uma habilidade que os mexilhões-zebra convencionais não possuem. A de navegar.

Peak chegara aos acidentes de navios. Depois da conferência passar por maçantes balanços de Pfiesteria, agora apresentava estatísticas nada menos devastadoras. O mapa do mundo estava coberto por uma rede de linhas coloridas.

— As principais rotas da navegação mercantil — disse Peak, comentando o gráfico. — O decisivo para a definição das rotas é a distribuição dos bens transportados. Em geral, as matérias-primas são sempre levadas em direção ao norte. A Austrália exporta bauxita, o Kuwait, petróleo, e a América do Sul, minério de ferro. Tudo percorre distâncias de até 11 mil milhas náuticas até a Europa e o Japão, para que em Stuttgart, em Detroit, em Paris e em Tóquio sejam gerados carros, aparelhos eletrônicos e máquinas. Estes retornam nos navios cargueiros para a Austrália, o Kuwait ou a América do Sul. Quase 25 por cento de todo o comércio mundial ocorre na região pacífico-asiática, o que corresponde a um valor de mercadoria de quinhentos bilhões de dólares americanos. É um pouco menor no Atlântico. Os senhores podem ver os principais núcleos de navegação marcados com cor escura. A costa leste americana, especialmente Nova York, o norte europeu com o Canal da Mancha, o mar do Norte e o mar do Leste até as repúblicas bálticas, todo o mar Mediterrâneo, especialmente a Riviera. Os mares europeus são de importância central para o comércio mundial e, além disso, o Mar Mediterrâneo é uma rota marítima que une a costa leste americana e o sudeste asiático através do Canal de Suez. Sem esquecer das ilhas japonesas e do Golfo Pérsico! O

mar Chinês está crescendo, além do mar do Norte é uma das águas mais navegadas do mundo. Para compreender a evolução do comércio mundial nos mares, é preciso compreender esta rede. É necessário saber o que significa para um lado do mundo se, do outro lado, um navio cargueiro afunda, que caminhos de produção são interrompidos, quantos empregos são ameaçados, quem irá pagar com a sua existência ou a sua vida e quem poderia lucrar com o acidente. A aviação substituiu a navegação de passageiros, mas o comércio mundial depende do mar. Nada pode substituir o caminho marítimo. Peak fez uma pausa.

— Diante disso, alguns números. Diariamente, dois mil navios espremem-se através do estreito de Malaca e as vias marítimas vizinhas, quase vinte mil navios de todos os tamanhos atravessam o Canal de Suez a cada ano. Isso corresponde a 15 por cento do mercado mundial. A cada dia, trezentos navios cruzam o canal inglês para chegar ao mar mais percorrido do mundo, o mar do Norte. Aproximadamente 44 mil navios por ano ligam Hong-Kong ao mundo. Milhares de cargueiros, petroleiros e balsas movimentam-se sobre o globo a cada ano, sem falar das flotilhas de pesca, saveiros, veleiros e lanchas. Milhões de rotas de embarcações marcam os oceanos, mares, canais e estreitos. Diante disso, pode parecer exagero quando se conclui que o afundamento ocasional de um superpetroleiro ou um cargueiro de contêineres possa causar uma séria crise da navegação. Ninguém se intimida assim tão fácil e deixa de encher com petróleo o último trambolho enferrujado, e despachá-lo. Aliás, a maioria dos aproximadamente sete mil petroleiros em todo o mundo encontra-se num estado miserável. Mais da metade está em serviço há mais de vinte anos, muitos dos superpetroleiros certamente podem ser considerados sucatas. Aceita-se muita coisa. A catástrofe é potencial, mas corriqueira. Começa-se a calcular: poderia correr tudo bem? Conhecem-se os fatores, mas tudo se transforma num jogo de sorte. Quando um petroleiro de trezentos metros entra num vale de onda, é dobrado em quase um metro no meio, e isso detona qualquer construção. O petroleiro continua andando mesmo assim, porque o lucro calculado no fim da viagem é atraente. — Peak deu

um sorriso fino. — Entretanto, quando fenômenos absolutamente inexplicáveis causam acidentes, era uma vez o cálculo. O risco torna-se incalculável. Uma psicologia bastante peculiar entra em ação. Chamamo-la de psicose de tubarão. Nunca se sabe onde está o tubarão, quem será o próximo a ser devorado, então basta um animal para impedir que milhares de turistas entrem na água. Estatisticamente, esse único canibal não seria capaz de causar danos visíveis ao turismo. Na prática, ele acaba com o turismo. Agora imaginem uma navegação comercial que, dentro de poucas semanas, queixa-se de quatro vezes mais avarias do que em todos os tempos, sem que as causas sejam conhecidas. Fenômenos assustadores sem explicação afundam até mesmo os navios comprovadamente em excelente estado. Nunca se sabe quem será a próxima vítima, nem onde, e o que é possível fazer para prevenir-se. não se fala mais de ferrugem, tempestades ou erros de navegação, mas de nem sequer sair mais com os navios.

Por esse caminho, Peak chegou aos mexilhões. Penduravam-se, gigantes, da tela. Peak apontou para uma protuberância fibrosa que se projetava para fora entre as conchas listradas.

— Em geral, é com esse pé, o bisso, que o mexilhão-zebra se prende para onde a correnteza o levar. Para ser mais preciso, o bisso é formado por um feixe de filamentos protéicos pegajosos. Os novos mexilhões aprimoraram esses filamentos para uma espécie de hélice. O princípio lembra vagamente o modo de locomoção da Pfiesteria piscicida. As convergências são conhecidas na natureza, entretanto ocorrem num período de milhares a milhões de anos. Ou esses mexilhões nunca foram vistos antes ou adquiriram essa habilidade da noite para o dia. Isso indicaria uma mutação rápida, porque em muitos sentidos continuam sendo mexilhões-zebra, mas parecem saber muito bem para onde querem ir. No Barrier Queen, por exemplo, os lastros permaneceram livres, mas o leme estava totalmente coberto.

Peak comentou as circunstâncias da avaria e do ataque das baleias aos rebocadores. Ainda que o Barrier Queen tivesse escapado, tornou-se evidente a estratégia da cooperação entre os

mexilhões e as baleias, da mesma forma que entre baleias-cinzentas, jubartes e orcas.

— Isso é loucura! — disse um coronel do exército alemão lá de trás.

— De forma alguma. — Anawak virou-se para ele. — Existe um método.

— Que absurdo! Está querendo dizer que os mexilhões teriam combinado tudo com as baleias?

— não. Mesmo assim, é uma forma de cooperação. Se tivesse presenciado esses ataques, pensaria diferente a respeito. Na nossa opinião, o ataque ao Barrier Queen teve a mera função de um teste.

Peak acionou o controle remoto, e surgiu a imagem de um gigantesco navio deitado de lado. A tempestade jogava ondas do tamanho de casas contra o casco. Uma forte chuva encobria a visão,

— O Sansuo, um dos maiores transportadores de carros do Japão — disse Peak. — A última carga foram caminhões. Em frente a Los Angeles, o navio entrou num cardume de mexilhões. Assim como no Barrier Queen, o leme ficou preso, só que dessa vez o mar estava alto. O Sansuo foi atingido por uma onda gigantesca a bombordo e começou a encher d'água. Só podemos supor o que aconteceu depois. Sob a força das ondas, alguns caminhões devem ter-se soltado lá dentro. Eles chocaram-se contra os tanques de lastro, um atravessou o casco. Quando essa imagem foi tomada, não haviam passado nem 15 minutos desde a manobra fracassada. Outros 15 minutos depois, o Sansuo partiu-se e afundou. — Ele fez uma pausa. — Nesse ínterim, temos uma lista inteira de casos como esse que cresce a cada dia. Rebocadores são atacados, na maioria dos casos o salvamento precisa ser interrompido. O número de perdas totais demonstra uma tendência dramática para o alto. O Dr. Anawak tem razão quando diz que a loucura tem método, porque agora já temos conhecimento de ao menos mais uma variante da loucura.

Peak apresentou a imagem de satélite de uma nuvem preta de quilômetros de comprimento. Ela aproximava-se do continente.

Começava a uma longa distância da costa, onde se condensava para um centro vermelho e sujo. Parecia que um vulcão entrara em erupção no meio do mar.

— Abaixo da nuvem, estão os restos do Phoebos Apollon, um cargueiro de gás líquido LNG. Categoria Post Panamax, o maior que há. No dia 11 de abril, a cinqüenta milhas náuticas de Tóquio, de repente eclodiu um incêndio na casa de máquinas, que se expandiu para os quatro tanques cúbicos e desencadeou uma série de fortes explosões. O Phoebos Apollon era considerado exemplar em todos os aspectos, estava em perfeito estado e a sua manutenção era realizada regularmente. A companhia de navegação grega quis examinar detalhadamente e enviou um robô para baixo.

Relâmpagos cortaram a tela. Um código de números começou a correr, de repente surgiu uma tempestade de neve diante do céu acinzentado.

— Em geral, não sobra muito de um cargueiro de gás líquido. O navio partiu-se em quatro pedaços debaixo d'água. Em frente a Horshu, a profundidade chega a nove mil metros, e os destroços espalharam-se numa área de vários quilômetros quadrados. Finalmente o robô chegou à parte posterior.

Na tempestade de neve surgiu uma estrutura desfocada. Um leme, a forma arqueada de uma popa, pedaços de estruturas do convés. O robô flutuou por cima e desceu ao longo do invólucro de aço. Um peixe solitário cruzou a tela.

— A correnteza profunda transporta grandes quantidades de material orgânico, plâncton, detritos, de tudo — disse Peak, explicando as imagens. — não é fácil manobrar ali. Irei poupar-lhes do filme inteiro, mas isso daqui deve interessá-los.

De repente, a câmera estava bem mais próximo do casco. Algo cobria o invólucro do navio em extensos grumos que à luz dos faróis cintilava e reluzia como cera derretida.

Rubin inclinou-se para a frente, exaltado.

— Como isso foi parar ali? — exclamou.

— O que acredita que seja? — perguntou Peak.

— Medusas. — Rubin apertou os olhos. — Pequenas águas-vivas. Devem ser toneladas. Mas por que estão grudadas no casco?

— Por que os mexilhões-zebra de repente conseguem navegar? — retrucou Peak. — Em algum lugar, abaixo do visco, estão os lastros. Devem estar terrivelmente entupidos.

Um diplomata levantou o braço, hesitante.

— O que exatamente, bem... são...?

— Lastros?—Tudo tinha de ser explicado. — Recortes angulados nos quais desembocam os principais canos para o abastecimento de água, equipados com chapas perfuradas para evitar que entrem pedaços de gelo e plantas. Dentro do navio, os canos bifurcam-se e transportam a água do mar sugada para todos os lugares onde é necessária, para a transformação em água doce, para tanques de extinção de incêndio, mas, principalmente, para a circulação de resfriamento das máquinas. É difícil precisar quando os animais aderiram ao casco. Possivelmente apenas depois de o navio afundar. Por outro lado... Imaginemos a seguinte cena: o cardume de medusas flutua em direção ao cargueiro, tão denso que tem o efeito de uma massa cerrada. Após alguns segundos, os animais entupiram os lastros. não entra mais água; em compensação, a pasta orgânica penetra através dos buracos das placas de cobertura. Seguem-se cada vez mais animais. A água restante nos canos é sugada pelas máquinas, até todas as alas ficarem a seco, e o sistema de resfriamento do Phoebos Apollon é interrompido de uma hora para a outra. O motor principal aquece, o óleo lubrificante entra em brasa, a temperatura sobe nas cabeças de cilindros, uma das válvulas de escape estoura. O combustível em chamas atira-se para fora e gera uma reação em cadeia, e os sistemas de extinção de incêndio falham porque também não têm mais água para sugar.

— Um cargueiro altamente moderno explode porque medusas entupiram os lastros? — perguntou Roche.

Em outras circunstâncias, Peak teria rido da pergunta. Mas estava diante de cientistas renomados que, naquele momento, lembravam crianças desapontadas diante de uma falha tecnológica.

— Petroleiros e cargueiros são construções de alta tecnologia, pela metade. A outra metade é arcaica. O diesel de navios e os motores podem ser criações complicadas e altamente desenvolvidas, mas, em suma, sua função é girar uma hélice em círculos e mover um pedaço de aço para lá e para cá. Navega-se com GPS, mas a água de resfriamento é bombeada para dentro através de um buraco.

E por que haveria de ser diferente? Afinal, navega-se nela. É simples assim. De vez em quando, um dos lastros causa problemas, se por acaso entrarem algas ou qualquer outra coisa, mas então limpa-se o lastro. Se um estiver entupido, utiliza-se o outro. A natureza nunca pensou em atacar lastros, então por que o sistema devia ter sido melhorado? — Deixou passar alguns segundos. — Dr. Roche, se amanhã minúsculos insetos resolverem invadir especificamente as suas narinas o seu maravilhoso e altamente complexo corpo estará ameaçado de morte. O senhor alguma vez pensou que isso pudesse acontecer? É exatamente aí que está o problema em tudo que tem acontecido: alguma vez pensamos que isto pudesse acontecer?

Johanson não prestava mais atenção direito. Conhecia o próximo capítulo em todos os detalhes. Ele e Bohrmann tinham-no estruturado para a palestra de Peak. Tratava de vermes e hidratos de metano. Enquanto Peak falava, confiava alguns pensamentos ao seu laptop:

A influência dos sistemas neuronais pelas...

Pelas o quê?

Precisava encontrar um termo para isso. Aborrecia-o ficar sempre descrevendo. Perdido nos seus pensamentos, fitava a tela. O conselho teria acesso aos programas? A idéia de que Li e sua equipe poderiam estar espionando os seus pensamentos impunha-se e o incomodava. Tinha a sua teoria, e queria confrontar o conselho com ela num momento que ele definisse.

Por mero acaso, de repente os seus dedos indicadores produziram uma palavra. Na realidade, ainda era menos que uma palavra. Três letras surgiram na tela do laptop.

Yrr

Johanson ficou tentado a apagá-las. Mas hesitou.

E por que não?

Uma palavra era tão boa quanto qualquer outra. Esta era ainda melhor do que uma palavra de verdade, porque se esquivava de qualquer tentativa de interpretação. Na realidade, ele nem sabia sobre o que estava escrevendo. Não havia nenhum termo adequado, então o caminho da abstração era indicado.

Yrr

Yrr soava bem. Ficaria com ela, por enquanto.

weaver destruía o seu terceiro lápis enquanto prestava atenção.

— Talvez o dilúvio tenha sido devastador assim — disse Peak, encerrando Seu minucioso discurso. — Descrições de enchentes fazem parte de diversas mitologias e cosmogonias. A provavelmente mais antiga descrição de um tsunami em que se pode acreditar cita uma catástrofe natural no mar Egeu em 479 antes de Cristo. Foram comprovadas 60 mil mortes em Lisboa em 1755, quando Portugal foi atingido por ondas de dez metros de altura. Também sabemos da explosão do Krakatoa em 1883. A maior parte do cume foi detonada, a cratera submarina despencou no mar de magma. Duas horas depois, ondas de quarenta metros de altura chocaram-se contra as regiões costeiras de Sumatra e Java, mais de trezentas cidades foram devastadas, cerca de 36 mil pessoas morreram. Em 1933, um outro pequeno tsunami atingiu a cidade japonesa de Sanriku e cobriu o nordeste de Honshu. Resultado: 3 mil mortos, 9 mil prédios e casas destruídos 8 mil navios afundados. Nenhum desses casos aproxima-se do tsunami norte-europeu. Na região, há exclusivamente nações industriais altamente desenvolvidas. No total, 240 milhões de pessoas vivem ali, a maioria no litoral. Olhou para as pessoas. Um silêncio mortal reinava na sala.

— Geologicamente, toda a região alterou-se repentinamente. As conseqüências para a humanidade ainda são imprevisíveis, para a economia são devastadoras! Algumas das mais importantes cidades portuárias foram parcial ou totalmente destruídas. Até poucos dias atrás, Rotterdam era o maior local de

comércio marítimo de todos os tempos, e o mar do Norte, um dos mais importantes depósitos de combustíveis fósseis. Cerca de 450 mil barris de petróleo eram extraídos diariamente. Metade dos recursos de petróleo europeus encontra-se em frente à costa norueguesa, uma outra parte em frente à Inglaterra, além de uma parcela considerável das reservas mundiais de gás. Essa imensa indústria foi destruída em poucas horas. O número de mortos, por alto, deve ser de dois a três milhões, e o de feridos e desabrigados, muito maior,

Peak leu os números como numa previsão de tempo, objetivo e, aparentemente, sem emoção.

— não se sabe o que causou o deslizamento. Sem dúvida, os vermes são uma das mutações mais impressionantes que enfrentamos no momento. Nenhum fenômeno normal explica a aparição desses consórcios de vermes e bactérias aos bilhões. Entretanto, os nossos amigos de Kiel e o Dr. Johanson acreditam que ainda esteja faltando uma peça do quebra-cabeça. Por mais instável que os campos de hidrato ficassem com a invasão, simplesmente não era de esperar uma catástrofe dessas. Um outro fator deve ter entrado em jogo, que, juntamente com a onda, provavelmente representou apenas parte do problema.

Weaver ergueu-se. Ela sentiu os pêlos da nuca eriçarem. Apesar de a imagem de satélite que apareceu na tela nesse segundo ter sido tomada de grande altitude, reconheceu imediatamente o navio.

— Essas imagens demonstram o que estou tentando dizer — disse Peak. — " Nós vigiamos o navio via satélite...

Como? Weaver não acreditou no que ouvia. Eles vigiaram Bauer?

— Um navio de pesquisas chamado Juno — prosseguiu Peak. — As imagens foram tomadas à noite por um satélite de reconhecimento militar chamado EORSAT. Felizmente, a visibilidade estava ótima, e o mar, calmo, o que não é comum nessa região. Naquele momento, o Juno estava em frente a Spitzbergen.

Pouco nítidas, as luzes do navio destacavam-se da superfície negra. De repente, o mar ficou mesclado com manchas

claras que se espalharam até que a água parecesse estar fervendo.

O Juno tombou da direita para a esquerda, virando.

E, em seguida, afundou como uma pedra.

Weaver ficou paralisada. Ninguém a preparara para isso. Finalmente descobriu que fim tivera Bauer. O Juno estava no fundo do mar da Groenlândia. Pensou em suas anotações confusas, suas preocupações e medos. Com um aperto no coração, conscientizou-se de que sabia mais a respeito do que qualquer outro. Bauer legara-lhe todo o seu conhecimento.

— Foi a primeira vez, desde a aparição das anomalias — disse Peak —, que pudemos observar esse fenômeno. Tínhamos conhecimento há mais tempo dos estouros de metano nessa região, entretanto...

Weaver levantou a mão.

— Os senhores suspeitavam de que algo do gênero pudesse acontecer? Peak olhou para ela com seus olhos brancos. Seu rosto parecia esculpido,

totalmente imóvel.

— não.

— E o que fizeram quando o Juno afundou?

— Nada.

— não puderam fazer nada, apesar de estarem vigiando a região e o navio através de um satélite?

Peak balançou a cabeça lentamente.

— Observamos uma série de navios para juntar evidências. É impossível estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Ninguém poderia esperar que justamente esse navio...

— Será que estou enganada — interrompeu-o Weaver com veemência —, ou as conseqüências desses estouros são suficientemente conhecidas? Por exemplo no aparentemente tão misterioso Triângulo das Bermudas?

— Srta. Weaver, nós...

— Ou melhor, se os senhores sabiam que no passado haviam desaparecido navios dessa forma e, além do mais, sabiam que a liberação de metano estava crescendo no mar do Norte,

também não suspeitaram do que poderia acontecer ao talude continental norueguês? Peak arregalou os olhos.

— O que quer dizer com isso?

— Quero saber se poderiam ter feito alguma coisa!

A expressão de Peak permaneceu estática. Fixou o olhar em Weaver. Um silêncio desconfortável tomou conta da sala.

— Avaliamos errado — disse, finalmente.

Li conhecia bem esse tipo de situação. Peak não teria outra escolha se não confessar parcialmente a falha do reconhecimento aéreo. De fato, haviam registrado um aumento dos estouros em frente à Noruega, mas também várias outras coisas. não sabiam nada dos vermes.

Ela levantou-se. Chegara a hora de apoiar Peak.

— não poderíamos ter feito nada — disse calmamente.—

Aliás, gostaria de solicitar que prestem atenção às exposições do major, em vez de proferir juízos de valor. Permitam-me lembrá-los de que os conselheiros científicos aqui presentes foram escolhidos sob dois aspectos: competência e experiência. Alguns dos senhores estiveram diretamente envolvidos com os acontecimentos. O que o Dr. Bohrmann poderia ter evitado? O Dr. Johanson? A Statoil? O que poderia ter evitado, Srta. Weaver? Realmente acredita que a visão da órbita esteja ligada a uma força-tarefa onipresente que imediatamente chega ao local e expulsa os envolvidos, não importa o que aconteça? Seria melhor fecharmos os olhos?

A jornalista franziu a testa.

— não estamos aqui para nos repreendermos uns aos outros — enfatizou Li, antes que Weaver pudesse retrucar. — Quem não tem pecado que atire a primeira pedra. É assim que aprendi. É o que diz a Bíblia, e a Bíblia está certa em muitos aspectos. Estamos aqui para evitar que aconteçam mais coisas. Entendeu?

— Aleluia — murmurou Weaver.

Li deixou passar um momento de silêncio. E então sorriu. Hora do afago.

— Estamos todos muito comovidos — disse. — Entendo-a plenamente, Srta. Weaver. Major Peak, prossiga, por favor.

Peak ficara inseguro um instante. Soldados não expressavam crítica nem preocupação dessa forma. não tinha nada contra a preocupação ou a crítica, mas detestava ser exposto sem poder recompor a ordem com um breve comando. "e repente, sentiu um ódio mortal pela jornalista. Perguntou-se se algum dia conseguiria lidar com esse monte de cientistas.

— O que os senhores acabaram de ver — disse — foi a liberação de uma quantidade maior de metano. Por mais que eu lamente a morte dos navegadores, o gás liberado coloca-nos diante de problemas bem maiores. Devido ao deslizamento, quantidades milhões de vezes maiores do que as responsáveis pelo afundamento àojuno entraram na atmosfera. Existem previsões estimadas para o caso de o metano escapar da mesma forma em todo o mundo. São comparáveis a uma sentença de morte. A atmosfera tombaria.

Calou-se um instante. Peak era duro, mas o que tinha para declarar agora também lhe causava muito medo.

— Devo dizer-lhes — falou, pensativo — que os vermes surgiram tanto no Atlântico quanto no oceano Pacífico. Para ser mais exato, a espécie foi encontrada nos taludes continentais em frente à América do Norte e do Sul, à costa oeste do Canadá e ao Japão.

Silêncio absoluto.

— Esta foi a notícia ruim.

Alguém tossiu levemente. Soava como uma pequena explosão.

— A boa notícia é que as quantidades não se aproximam nem de longe da extensão em frente à Noruega. Os organismos estão ocupando somente algumas áreas isoladas. Nessas concentrações definitivamente não têm como causar grandes danos. Entretanto é de esperar que se tornem mais fortes, seja como for. Aparentemente, em frente à Noruega já foram registradas pequenas populações no ano passado, numa área que a Statoii escolheu para testar novas fábricas.

— Nosso governo não confirma essas informações — disse um diplomata norueguês na última fileira.

— Eu sei — disse Peak, ironicamente. — Pelo visto, praticamente todos aqueles que estiveram envolvidos no projeto morreram. Portanto, nossas fontes restringem-se ao Dr. Johanson e ao grupo de pesquisa de Kiel. Bem, ganhamos tempo. Deveríamos aproveitá-lo para fazer alguma coisa contra esses malditos animais o mais rápido possível.

Ele hesitou. Malditos animais. Emocional demais. Isso não era bom. Dera essa mancada na reta final.

— São animais malditos, meu Deus do céu! — ribombou uma voz.

Um homem de aparência peculiar levantou-se. Apontava para o alto como uma rocha, grande e maciço, vestindo um sobretudo cor de laranja. Debaixo do boné, os cachos duros e negros enrolavam-se em todas as direções. Um par de óculos tingido, superdimensional, praticamente não se mantinha no nariz pequeno demais que se impunha, teimoso, contra a boca larga como a de um sapo, destacando-se, pontudo. Sempre que a boca abria e empurrava o gigantesco queixo para baixo, era impossível não lembrar do Muppet Show.

Seu crachá mostrava o nome Dr. Stanley Frost, vulcanólogo.

— Vi os relatórios anteriormente — disse Frost. Parecia estar pregando o evangelho. — E eles não me agradam nem um pouco. Estamos nos concentrando nos taludes continentais próximo a zonas densamente habitadas.

— Sim, porque corresponde ao modelo norueguês. Inicialmente, poucos animais, depois bandos inteiros da noite para o dia.

— não deveríamos nos concentrar somente neles.

— O senhor quer que a catástrofe do norte da Europa se repita?

— Major Peak! Eu disse que deixássemos de lado os taludes? não disse! Estava falando da atenção exclusiva, o que, Deus é testemunha, é de uma burrice imensa. Parece-me evidente demais. O diabo planeja de outra forma.

Peak coçou a careca.

— Pode ser mais explícito, Dr. Frost?

O vulcanólogo inspirou profundamente. Seu tórax expandiu-se.

—não — disse.

— Eu o entendi corretamente?

— Espero que sim. Devemos causar pânico? Primeiro, preciso ter clareza. Pense nas minhas palavras.

Olhou para as pessoas, decidido, o gigantesco queixo projetado para a frente, e sentou-se novamente.

Que beleza, pensou Peak. Primeiro aquela idiota, agora este.

Vanderbilt arrastou as suas massas até o púlpito. Li acompanhou-o com as pálpebras apertadas. Observou o vice-diretor da CIA ajustando uns óculos ridícula-mente pequenos no nariz, o que lhe causou um misto de diversão e repugnância.

— Malditos animais certamente é a expressão correta, Sal — disse Vanderbilt, bem-humorado. Olhou com alegria para as pessoas, como se tivesse uma boa nova. — Mas vamos botar esses pequenos malditos para correr. Prometo. Bem, vamos às nossas suspeitas. não é grande coisa. O querido petróleo, do qual dependemos tanto que, se pudéssemos, beberíamos, já era! Em parâmetros econômicos, significa que podemos esquecer grandes partes da produção mundial. Para os cameleiros da OPEP, um ótimo negócio. A navegação internacional está sempre enfrentando novos truques da natureza, que tentam acabar com ela, como Peak pôde demonstrar extensamente. E o terror surte efeito! Quer dizer, aqui entre nós: ataques de baleias e de tubarões, sinceramente, na realidade isso é criancice, besteira elaborada. Quer dizer, é chato se uma família americana não pode mais sair para pescar, mas para a humanidade, como um todo, não faz a menor diferença. E o fato de o pequeno pescador em Desenvolópolis, cuja sardinha diária alimenta 17 crianças e seis mulheres, estar sentado na praia de olhar vazio porque teme ser comido no mar, é ruim, é uma merda. Tomados por uma sincera lamentação, não podemos fazer absolutamente nada. A humanidade tem outras preocupações. Os países ricos estão envolvidos. Os maldosos peixes não se deixam mais serem pescados e, em vez disso, estão mandando máquinas

de veneno para as redes ou afundando traineiras. Ainda que se trate de casos individuais, infelizmente são casos individuais demais. E isso é ruim para Desenvolópolis, porque agora não recebem mais nada de nós.

Vanderbilt lançou um olhar esperto por cima da armação dos óculos. — Saibam, senhores, que, se alguém quisesse destruir o mundo, poderia detonar dois terços só de cansar os grandes e ricos. Basta sacrificá-los de tal forma que fiquem praticamente impossibilitados de resolver os seus próprios problemas. Acontece que o Terceiro Mundo depende do apoio dos grandes. De vez em quando, precisa sentir a ira justa americana, uma pequena mudança de regime, um acerto de contas com os seus chefes de tráfico, ligadas a solicitações de apoio econômico. Talvez façamos pouco-caso dos ataques de baleias a embarcações, porque o bem-estar da nossa economia não depende de barcos e amarras de junco, mas o nível de vida ocidental não é exatamente representativo. Lembrem disso quando estiverem se deliciando com o bufê de frios hoje à noite. Para o Terceiro Mundo, as anomalias são o fim! O El Nino é o fim. A La Nina é o fim. Se fizermos um balanço do que a natureza nos ofereceu em extravagâncias nos últimos meses, esses fenômenos lembram bons e velhos amigos. Até desejamos que eles dêem uma passadinha para tomar um chopinho, mas danou-se, senhores! Agora temos outros hóspedes. Em partes da Europa, foi declarado estado de emergência. E o que significa isso? Que ninguém mais pode sair às ruas no escuro por correr o risco de molhar os pés? Quero dizer o que significa. Significa que a Europa não conseguirá controlar a catástrofe humanitária. Que as organizações de assistência, a Cruz Vermelha, a organização de assistência técnica, a UNESCO, os Malteser não terão barracas e alimentos suficientes. Que, na gloriosa Europa, as pessoas morrerão de fome e de outras infecções. Que eclodiram epidemias. Epidemias na Europa! Como se não bastassem as Pfiesteria e os consórcios. Na Noruega, a cólera está sendo devastadora! Significa que a assistência médica aos feridos não pode mais ser garantida, e que as feridas dos íntegros consumidores de programas de audiência estão repletas de

pequenos vermes brancos e cobertas de moscas que, por sua vez, disseminam os germes em todos os lugares em que pousam. É de embrulhar o estômago? Isso ainda não foi nada. O tsunami é algo molhado, mas, quando vai embora, voa de tudo para todos os lados. Ninguém conseguiu controlar o fogo. As faixas litorâneas primeiramente foram inundadas e depois queimadas. Ah, sim, aconteceu mais uma coisa, quando a sucção das massas de água, ao se retraírem, interrompeu o abastecimento de água de algumas usinas nucleares, estupidamente construídas perto da costa. Tivemos um acidente mais provável na Noruega e outro na Inglaterra. Basta? Posso oferecer ainda um colapso integral de abastecimento elétrico Ladies and gentlemen, por mais que eu lamente, não contem com a Europa por enquanto. Muito menos com o Terceiro Mundo. A Europa envia a imagem-teste. A Europa está ferrada!

Vanderbilt retirou um lenço branco e enxugou a testa. Peak estava prestes a vomitar. Odiava esse homem. Odiava-o por não ser amigo de ninguém, provavelmente nem dele próprio. Era um pessimista, um cínico, um agourento. O que Peak mais odiava era o fato de Vanderbilt ter razão em quase tudo que dizia. Até mesmo com Judith Li dividia o seu ódio por Vanderbilt.

De resto, também odiava Li.

Às vezes surpreendia-se imaginando arrancar as roupas de Li e acabar com a sua petulância ha maldita esteira, esse comportamento arrogante de uma filha de boa família, entupida de aulas de idiomas e diplomas. Nesses momentos surgia dentro dele o Jonathan Peak que, em outras circunstâncias, provavelmente teria sido líder de uma gangue, ladrão, estuprador e assassino.

Esse outro Peak assustava-o. O outro Peak não acreditava nos ideais de West Point, em honra, glória e pátria. Era como Vanderbilt, que jogava lama em tudo e dava a entender que a lama era a realidade. O outro Peak crescera na lama. Um homem negro, nascido na lama do Bronx.

— Continuemos — disse Vanderbilt, animado. —A Europa alegra-se com a presença de pequenas algas em sua água potável. Que fazer? Pesticidas? Naturalmente, pode-se ferver a água ou

mergulhá-la em substâncias químicas. Talvez essas porcariinhas morram com isso, mas nós morreremos em seguida. A água está se tornando escassa. Até hoje, na Europa, qualquer idiota ficava três horas no chuveiro cantando canções de marinheiros, isso já era. não sei quando as primeiras cavaquinhas irão explodir por aqui, senhores, mas o país de Deus deveria preparar-se para isso. Deus perdeu a paciência. — Vanderbilt riu. — Ou devemos dizer que foi Alá? The shape of things to come, senhores! Aguardem as revelações sensacionais. Logo após os comerciais!

O que ele está falando?, pensou Peak. Vanderbilt enlouquecera? Só podia ser. Só um louco se comportava assim.

O diretor da CIA projetou um mapa do mundo no qual os países e continentes estavam ligados uns aos outros por linhas coloridas. Um denso feixe cruzava da Inglaterra e da França por cima do Atlântico até a região de Boston, Long Island, Nova York, Manasquan e Tuckerton. Outra rede, mais aberta, cortava o Pacífico e unia o oeste dos Estados Unidos à Ásia. Espessos filamentos acompanhavam as ilhas caribenhas e a Colômbia, atravessavam o mar Mediterrâneo e o canal de Suez e a costa do Sudeste Asiático até Tóquio.

— Cabos submarinos — explicou Vanderbilt. — Vias rápidas de dados que usamos para telefonar e travar conversas eletrônicas. não existe internet sem fibra de vidro. O deslizamento em frente à Noruega aparentemente rompeu arte das conexões de fibra de vidro entre a Europa e a América. Ao menos cinco dos mais importantes cabos transatlânticos não estão mais transportando dados. Entretanto anteontem outro cabo, com a bela denominação FLAG Atlantic-1 também deixou de funcionar. Ele liga Nova York a St. Brieuc na Bretanha, e ao menos serve para o transporte de 1,28 terabit por segundo. Perdão, servia. O FLAG Atlantic-1 pediu demissão, e isso definitivamente não foi em consequência do deslizamento. Tampouco a interrupção do TPC-5 entre San Luis Obispo e o Havaí. Estão percebendo? Alguém está se alimentando dos cabos submarinos. Nossas pontes estão desmoronando. A eletricidade vem da tomada? Até parece. O mundo é pequeno? Até parece! Nós ligamos para tia Polly em Calcutá e damos os parabéns

pelo seu aniversário? Esqueçam! Fato é que a comunicação mundial está sucumbindo, e não sabemos por quê. Mas uma coisa sabemos que não é. — Vanderbilt mostrou os dentes e inclinou-se sobre o púlpito até onde a sua massa corpórea permitia. — Coincidência, senhores. Há alguém à frente disso tudo. Que está nos separando da palerma da civilização. Mas chega de falar do que já não temos mais e do que estamos prestes a perder.

Acenou a cabeça para os presentes de forma condescendente, e o seu queixo formou várias dobras.

— Vamos falar do que temos.

De certa forma, Anawak sentiu-se consolado pelas palavras de Vanderbilt. Depois de perder temporariamente a fé no mundo, agora ele parecia-lhe passar à sua frente com uma placa com as seguintes letras gigantes e impossíveis de não serem vistas: LEON, ACREDITAMOS EM VOCÊ.

— O Dr. Anawak descreveu um organismo reluzente — disse Vanderbilt. — Plano e amorfo. não encontramos nenhum outro organismo desse tipo no Barrier Queen, mas o nosso herói foi corajoso e fez uma captura. Um pedaço pôde ser analisado. A substância é idêntica à substância gelatinosa amorfa que o Dr. Fenwick e a Dra. Oliviera comprovaram nas cabeças de baleias à procura de confusão. Nesse contexto, lembremos da porcaria nos crustáceos infectados. As Pfiesterias foram transportadas ali como num táxi, entretanto o táxi não era a comadre cavaquinha, mas algo que a substituiu. Os cascos estavam repletos de uma substância que se desfazia no ar. Mesmo assim, o Dr. Roche conseguiu analisar alguns vestígios. É o nosso velho amigo, a substância gelatinosa!

As cabeças de Ford e Oliviera aproximaram-se. E então Oliviera disse com sua voz grossa:

— As substâncias do cérebro das baleias e do navio são idênticas, isso é correto. Mas a dos cérebros é bem mais leve. As células parecem menos aglomeradas.

— Já ouvi dizer que as opiniões acerca da substância gelatinosa divergem disse Vanderbilt. — Bem, senhores, este é um problema seu. Da minha part posso dizer que isolamos o Barrier

Queen numa doca para não deixar escapar nenhum caroneiro. Desde então, diversas vezes pudemos observar um brilho azul na água da doca. Nunca permanece por muito tempo. O Dr. Anawak também o viu durante sua expedição de mergulho na nossa área isolada. As provas d'água apresentam o movimento usual de micróbios que também é encontrado em qualquer gota de água do mar. Então de onde vem o brilho? Na falta de sabedoria científica chamamo-lo de nuvem azul. Devemos o termo ao Dr. John Ford, depois de ele ter observado uma imagem gravada por um aparelho de nome URA.

Vanderbilt mostrou o filme do grupo de Lucy.

— Esses raios não parecem ter ferido ou assustado as baleias. Aparentemente, a nuvem influencia o seu comportamento. É possível que algo no seu interior estimule a substância nas cabeças dos animais. Talvez também a injete. Um troço com tentáculos reluzentes, como chicotes. Agora vamos um passo adiante e suponhamos que esses tentáculos não apenas injetam a substância gelatinosa, mas são a própria substância gelatinosa! Se isso for verdade, então aqui estamos vendo em larga escala o que o Dr. Anawak encontrou no casco do Barrier Queen em pequena escala. Teríamos descoberto um organismo desconhecido que controla crustáceos, enlouquece baleias e comete suas atrocidades no meio de mexilhões que afundam navios. Vejam, senhores, já avançamos bastante! Agora os senhores apenas precisam descobrir do que se trata, por que está ali, qual a relação da substância gelatinosa com a nuvem... Ah, sim, e que filho-da-mãe criou essa porcaria toda em algum laboratório. Talvez isso os ajude.

Vanderbilt passou o filme novamente. Dessa vez surgiu um espectrograma na margem inferior da tela. Viam-se fortes marcações de freqüência.

— O URA é uma criatura talentosa. Um pouco antes de a nuvem manifestar-se, os seus hidrofones gravaram uma coisa. não podemos ouvir nada, porque não somos baleias, mas pobres humanos de ouvidos entupidos. Entretanto pode-se tornar o ultrassom e o infravermelho audíveis com os truques correspondentes à disposição. Assim como os nossos colegas paparazzi da SOSUS.

Anawak ficou atento. Conhecia a SOSUS. Trabalhara inúmeras vezes com ela. A NOAA, a National Oceanic and Atmospheric Administration, realizava uma série de projetos que tratavam do registro e da avaliação de fenômenos acústicos debaixo d'água. Juntos, eram conhecidos pelo termo Acoustic Monitoring System, ferramenta utilizada pela NOAA para o ataque-surpresa submarino e relíquia da guerra fria. SOSUS era a abreviação de Sound Surveillance System, uma rede de hidrofones sensíveis que a Marinha dos Estados Unidos instalara nos mares mundiais na década de 1960 para acompanhar as missões dos submarinos soviéticos. Desde 1991, quando a guerra fria terminou com a queda da União Soviética, os pesquisadores civis da NOAA também podiam avaliar dados do sistema.

Dessa forma tornara-se evidente para a ciência que nas profundezas dos oceanos reinava tudo, menos o silêncio. Principalmente na faixa de frequência abaixo dos 16 Hertz, o barulho era infernal. Para tornar os sons audíveis ao ser humano, tinham de ser tocados 16 vezes mais rápidos. De repente, um maremoto soava como trovões, o canto das jubartes lembrava o canto de passarinhos, enquanto as baleias-azuis enviavam mensagens para os seus num staccato ribombante a centenas de quilômetros. Três quartos das gravações eram dominados por um zumbido rítmico e extremamente alto — canhões utilizados pelas companhias petrolíferas na sondagem da geologia submarina.

Nesse ínterim, a NOAA completara a SOSUS com sistemas próprios. Todos os anos, a organização aumentava a rede de hidrofones. E, a cada vez, os pesquisadores escutavam um pouco mais.

— Hoje em dia só pelo som podemos dizer do que se trata — explicou Vanderbilt. — É um navio pequeno? Está navegando em alta velocidade? Que tipo de propulsão está utilizando? De onde vem, a que distância se encontra? Os hidrofones contam-nos tudo. Os senhores devem saber como a água propaga bem as ondas sonoras e com que velocidade elas avançam debaixo d'água, são velocidades que variam de cinco a cinco mil e quinhentos quilômetros por hora. Quando uma baleia-azul solta um pum em

frente ao Havaí, aproximadamente uma hora depois sente-se o solavanco num fone de cabeça californiano. Entretanto a SOSUS registra mais do que o impulso, ele também nos diz de onde vem. Em outras palavras, o arquivo de sons da NOAA abrange milhares de sons: cliques, grunhidos, rumores, ruídos de bolhas de ar, chiados e murmúrios, sons bioacústicos e sísmicos, poluição sonora, e podemos classificar quase todos. O Dr. Murray Shankar da NOAA está aqui conosco, que jogada prospectiva.

Ele comentará o seguinte.

Da primeira fileira levantou-se um homem baixo, aparentemente tímido, com traços indianos e óculos dourados. Vanderbilt abriu outro espectrograma e tocou o som artificialmente acelerado. Um ronco profundo de seqüências de tons ascendentes preencheu a sala.

Shankar pigarreou.

— Este som é chamado Upsweep — disse num tom de voz suave. — Foi gravado em 1991 e parece ter sido originado em algum lugar 54° sul, 140° oeste. O Upsweep foi um dos primeiros sons não identificáveis gravado pela SOSUS e tão alto que pôde ser registrado em todo o Pacífico. Até hoje não sabemos o que é. Segundo uma teoria, pode ter sido criado por ressonâncias entre água e lava líquida em alguma cordilheira submarina entre a Nova Zelândia e o Chile. Jack, por favor, os próximos exemplos.

Vanderbilt tocou outros dois espectrogramas.

— Julia, gravado em 1999, e Scratch, dois anos antes, por uma série de hidrofones autônomos no Pacífico Equatorial. A amplitude era perfeitamente perceptível num raio de cinco quilômetros. O Julia lembra gritos de animais, não acham? A freqüência dos sons varia rapidamente. Estão dissolvidas em tons individuais, como cantos de baleias. Mas não são baleias. Nenhuma baleia produz sons tão altos. O Scratch, por sua vez, parece-se com uma agulha de toca-discos escorregando transversalmente à ranhura do disco, só que o toca-disco deve ter as dimensões de uma cidade grande.

O próximo som era um chiado longo e continuamente decrescente.

— Gravado em 1997 — disse Shankar. — Slowdown. Acreditamos que tenha sido originado em algum lugar bem ao sul. Navios e submarinos são inco-gitáveis. Provavelmente, o Slowdown é gerado quando gigantescas placas de gelo roçam sobre as rochas da Antártida, mas também pode perfeitamente ser outra coisa bem diferente. A NOAA também considera causas bioacústicas, ou seja, animais. Algumas pessoas adorariam poder comprovar a existência de lulas gigantes com base nos sons, mas, até onde estou informado, esses animais praticamente não têm a capacidade de emitir sons. Ou seja, alarme falso. Ninguém sabe o que é, mas... — sorriu timidamente — em compensação, temos uma outra surpresa.

Vanderbilt tocou mais um espectrograma do vídeo do URA. Dessa vez tornou-o audível.

— Os senhores reconheceram? É um Scratch. E sabem o que diz o URA? Que foi originado no centro da nuvem azul! Daí podemos...

— Obrigado Murray, você foi digno de um Oscar. — Vanderbilt estava ofe-gante e novamente limpou a testa com o lenço. — O resto é especulação. Esta bem, daremos um fim digno a esta noite, ladies andgentlemen, para acelerar bem o seu raciocínio.

A próxima seqüência de filme foi gravada numa profundidade sem luz. Partículas reluziam à luz dos faróis. E então algo gigantesco entrou na frente da câmera, retraindo-se logo em seguida.

— Ao observar o filme na versão gentilmente editada pela Marintek, antes de o instituto ser arrancado das rochas, chega-se a duas conclusões. Primeiro: o troço é enorme. Segundo: ele brilha, ou melhor, reluz rapidamente e apaga-se no instante em que aparece em frente à objetiva da câmera. Fato é que se encontrava a setecentos metros de profundidade, no talude continental norueguês. Observem, senhores. É o nosso amigo gelatinoso? Tirem as suas conclusões. não esperamos dos senhores nada menos que a salvação da nossa raça divina. — Vanderbilt riu para cada um deles. — não quero negar que estamos diante do Armageddon. Portanto sugiro uma divisão de tarefas. Os senhores descubrem como

impedir essas criaturas mutadas. Talvez lembrem de algum belo programa de adestramento ou de algo que lhes ataque o estômago. Nós tentaremos encontrar o grande filho-da-puta que nos armou essa. Façam o que fizerem, não espalhem por aí. não se rendam à tentação das primeiras páginas. A Europa e a América concordaram em realizar uma política da desinformação. O pânico seria como ácido clorídrico em excrementos de cães, se é que entendem o que estou querendo dizer. Nada pior para nós que crises sociais, políticas, religiosas ou de qualquer outra natureza. Então lembrem do que prometeram a tia Li quando forem brincar lá fora.

Johanson pigarreou.

— Gostaria de agradecer em nome de todos a sua palestra extremamente interessante — disse com simpatia. — Então devemos descobrir o que está acontecendo lá fora.

— Exatamente, doutor!

— O que o senhor acha que é? Vanderbilt sorriu.

— Substância gelatinosa. E nuvens azuis.

— Entendi. —Johanson sorriu de volta. — Devemos abrir o embrulho sozinhos. Escute, Vanderbilt, o senhor tem uma teoria. Se quiser que colaboremos, talvez devesse nos contar. O que acha?

Vanderbilt coçou o nariz. Trocou olhares com Li.

— Bem — disse, esticando a palavra. — O que seria do Natal sem a ceia? Que seja. Então nos perguntamos: o que é provável, o que é menos provável e o que é improvável? E observamos que o Oriente Médio, a região da antiga União Soviética, a Índia, o Paquistão e a Tailândia não foram atingidos. A China e a Coreia não foram atingidas. O Ártico e a Antártida também não, mas deixemos as geladeiras de fora. Resumindo, o mais afetado é o Ocidente. Só a destruição da indústria offshore causa danos permanentes ao Ocidente, o que nos leva a certas suspeitas desagradáveis.

— Se o estou entendendo corretamente — disse Johanson lentamente está falando de terrorismo.

— Que bom que o senhor está mencionando isso! Há duas formas de terrorismo e ambas visam à destruição em massa. A opção um almeja a queda política e social a todo custo, mesmo que

milhares de pessoas precisem pagar por isso Os extremistas islâmicos, por exemplo, acreditam que os descrentes apenas ocupam espaço. A opção dois baseia-se totalmente no além e propaga que a humanidade pecadora já permaneceu tempo demais no belo planeta de Deus e que chegou a hora de exterminá-la da face da Terra. Quanto mais dinheiro e know-how essas pessoas tiverem à sua disposição, mais perigosa torna-se toda a história. Algas mortais, bem, isso pode ser criado. Afinal, os cães também podem ser treinados para morderem outros. A tecnologia genética possibilitou intervenções no código genético. Por que não haveria de ser possível controlar o comportamento dessa forma? Quer dizer, tantas mutações em tão pouco tempo, o que lhe parece? Para mim, tem cheiro de laboratório. Um organismo amorfo desconhecido, pois bem, por que será que não tem forma? Tudo tem uma forma! Talvez porque o seu propósito não exige uma? Imaginemos uma espécie de protoplasma, uma ligação orgânica, uma pasta viscosa, que ocupe crânios animais ou cavaquinhas em filamentos finos como moléculas. Estou lhes dizendo, senhores, por trás de tudo isso há uma mente planejadora. Imaginem o significado da queda da indústria petrolífera do norte europeu para a política energética do Oriente Médio, e terão um motivo.

Johanson fitou-o.

— O senhor está louco, Vanderbilt.

— Acha mesmo? No estreito de Hormuz, até agora não houve colisões ou avarias. E no Canal de Suez também não.

— Digamos que seja verdade. Mas que sentido faria dizimar consumidores em potencial de petróleo árabe com ondas gigantescas e epidemias?

— Tudo isso é loucura — disse Vanderbilt. — Só estou dizendo que faz sentido, e não que tenha sentido. Repare, o mar Mediterrâneo foi poupado até agora e, conseqüentemente, o caminho do Golfo Pérsico a Gibraltar. Entretanto as populações de vermes são encontradas em todos os lugares onde o Ocidente e a América do Sul pretende chegar ao petróleo.

— As populações também surgiram na costa nordeste americana — disse Johanson. — Um tsunamí das dimensões do

europeu lavaria a clientela dos seus terroristas comerciais do mercado.

— Dr. Johanson. — Vanderbilt sorriu. — O senhor é cientista. Na ciência, constantemente procura-se a lógica. A CIA já não pergunta por ela há tempo. As leis naturais podem ser lógicas. As pessoas não o são. Há décadas existe a ameaça da guerra nuclear, e todos sabemos que a nossa querida humanidade pode ser exterminada. Os chantagistas do mundo e os loucos dos filmes de James Bond, Dr. Johanson, existem, mas a realidade não prevê nenhum James Bond. Em 1991 Saddam Hussein acendeu as fontes de petróleo do Kuwait, sua própria gente dizia que, provavelmente, estaria desencadeando um inverno nuclear que poderia durar anos ou décadas. não estavam certos. Mas isso o impediu de fazer o que planejara? E tem mais: pergunte aos seus colegas de Kiel. O que realmente acontecerá se todo o metano marinho penetrar na atmosfera é pura especulação. De qualquer forma, devemos temer uma elevação do nível do mar, a Europa estará perdida, porque a Bélgica, os Países Baixos e o norte da Alemanha se tornarão grandes regiões de esporte aquático, em compensação os desertos pobres em água do Oriente Médio e da Ásia Meridional de repente poderiam florescer e prosperar. Os humanos não serão exterminados com alguns tsunamis, sempre sobrarão bastantes para comprar petróleo árabe. E, talvez, todo o terror não leve ao fim da humanidade, mas ao enfraquecimento do Ocidente e do Extremo Oriente e, com isso, a uma redistribuição das relações globais de poder, sem que alguém precise fazer guerra. Algum dia o planeta se recupera, quer apostar? Estou lhe dizendo, o terror está vindo do mar, mas a causa está em terra. Li desligou o projetor.

— Gostaria de agradecer a todos os representantes diplomáticos e delegados de serviços secretos de todos os países que possibilitaram esta conferência — disse. — Alguns dos senhores viajarão ainda hoje, mas a maioria continuará sendo nossos hóspedes durante as próximas semanas. não preciso enfatizar que, no contexto da nossa cooperação, os senhores devem manter o mesmo sigilo que o conselho científico sobre o desenvolvimento do

nosso trabalho com as descobertas a ele relacionadas. E no interesse dos seus governos.

Fez um intervalo.

— No que tange aos colaboradores do grupo de trabalho científico, faremos de tudo para apoiá-los. A partir de agora, por favor, usem exclusivamente os laptops à sua frente. Em todo o hotel foram instalados pontos de conexão, no bar, nos seus apartamentos, no Centro de Saúde. Os senhores podem se conectar onde quer que estejam. A conexão transatlântica foi restabelecida. O teto do hotel está repleto de antenas parabólicas, tudo está funcionando. A partir de agora, telefone, fax, e-mail e internet estarão conectados através dos satélites III da Otan — em geral servem à conexão entre os governos e os aliados da Otan. Agora estão à sua disposição. Para isso, instalamos um circuito fechado, um *secretus in secretum*, ao qual terão acesso exclusivamente os membros do grupo de trabalho. Através dessa rede, os senhores poderão comunicar-se uns com os outros e buscar informações altamente secretas. Para entrar, precisarão de uma senha individual que receberão após assinatura das declarações de sigilo. Olhou para todos com seriedade.

— não preciso enfatizar que essa senha não deve, em hipótese alguma ser repassada a pessoas não autorizadas. Uma vez ligados, os senhores terão acesso a satélites civis e militares, aos dados da NOAA e da SOSUS, a todos os projetos de telemetria atuais e arquivados, aos bancos de dados da CIA e da NSA sob atividades terroristas no mundo inteiro, desenvolvimentos de armas químicas projetos de tecnologia genética, e assim por diante. Resumimos o status atual da tecnologia marinha e seus recursos para os senhores, assim como conhecimentos básicos de geologia e geoquímica. Existe uma relação de todos os organismos conhecidos, os senhores poderão utilizar mapas oceânicos dos arquivos da Marinha e, naturalmente, incluímos a palestra de hoje com todos os números e estatísticas. Qualquer informação atual, qualquer nova descoberta serão automática e imediatamente enviadas aos senhores. Nós os manteremos informados e naturalmente esperamos que isso seja recíproco.

Li interrompeu-se um momento e deu um sorriso animador para o grupo.

— Desejo-lhes sorte. Depois de amanhã, a esta hora, nos encontraremos novamente. Quem quiser trocar informações até lá poderá procurar o major Peak ou a mim a qualquer hora.

Vanderbilt olhou para ela e ergueu uma sobrancelha.

— Espero que os senhores mantenham o tio Jack sempre bem-informadinho— disse tão baixo que somente Li escutou.

— não se esqueça, Jack — retrucou Li enquanto juntava suas coisas —, que você está subordinado a mim,

— Entendeu errado, querida. Estamos trabalhando no mesmo nível. Nenhum de nós está subordinado ao outro.

— Está, meu amigo. Intelectualmente. Sem se despedir, saiu da sala.

Johanson

A maioria foi para o bar, mas Johanson não teve muita vontade de juntar-se aos outros. Talvez devesse ter aproveitado a oportunidade para conhecer melhor o grupo, mas outros assuntos passavam-lhe pela cabeça.

Mal chegou em sua suíte, bateram à porta. Weaver entrou sem esperar por um convite.

— É preciso dar tempo aos homens velhos para que tirem a cinta antes de entrar sem avisar — disse Johanson. — Se não você acaba se decepcionando.

Ele andou com o seu laptop pela grande suíte confortavelmente decorada, à procura de uma saída para modem. Pouco impressionada, Weaver abriu o frigobar

e pegou uma Coca-Cola.

— Acima da escrivaninha — disse.

— Ah. É mesmo.

Johanson conectou o laptop e iniciou o programa. Ela olhou por cima dos seus ombros.

— O que acha da teoria de serem terroristas? — perguntou ela.

— Tólice.

— Concordo com você!

— Mas eu entendo o estado esquizofrênico da CIA. — Johanson clicou em alguns arquivos. — Eles não aprendem de outra forma. Além do mais, Vanderbilt está certo ao dizer que os cientistas tendem a igualar o comportamento humano ao comportamento natural.

Weaver inclinou-se em sua direção. Uma torrente de cachos caiu em seu rosto. Ela puxou-os para trás.

— Você precisa contar a eles, Sigur.

— Do que está falando?

— Sua teoria.

Johanson hesitou. Apertou os olhos, abriu uma janela com um clique duplo e inseriu sua senha:

Chateau Disaster 000 550 899-XK/O

— Ulalá — sussurrou baixinho. — Bem-vindos ao país das maravilhas. Que engenhoso, pensou. Um castelo cheio de cientistas, agentes secretos e

soldados com a tarefa de salvar o mundo de monstros, ondas gigantes e catástrofes climáticas. Chateau Disaster. não havia expressão mais adequada.

A tela encheu-se de símbolos. Johanson analisou os nomes dos arquivos e deu um leve assobio.

— Minha nossa. De fato deram-nos acesso aos satélites.

— não me diga! Também podemos dirigi-los?

— Que besteira. Mas podemos visualizar os seus dados. Veja isto. GOES-oeste e GOES-leste, toda a esquadra da NOAA está a nossa disposição. Aqui, QuikSCAT, nada mal também. E, de fato, aqui estão os satélites Lacrosse. Com isso, ultrapassaram os seus próprios limites. E este aqui, SAR-Lupe. Este é...

— Está bem, volte da sua viagem. Acredita mesmo que temos acesso ilimitado às informações secretas e aos programas do governo?

— Claro que não. Temos acesso àquilo que nos permitem ver.

— Por que não disse a Vanderbilt o que pensa?

— Porque ainda é cedo.

— Mas não temos mais tempo, Sigur. Johanson balançou a cabeça.

— Karen, pessoas como Li e Vanderbilt precisam ser convencidas. Eles querem resultados, não suposições.

— Nós temos resultados!

— Mas a hora era a pior possível. Hoje tiveram o seu grande momento. Juntaram de tudo e enfeitaram para a sua gala de catástrofe. Vanderbilt tirou uma bela carta árabe da manga, diabos, e estava orgulhoso disso! Teria soado como simples contradição. Quero que eles mesmos comecem a desconfiar da sua teoria de conspiração, e isso ocorrerá mais rápido do que você imagina.

— Está bem. — Weaver acenou a cabeça. — E você, até que ponto está convicto dela?

— Da minha teoria?

— Não está mais?

— Estou. Mas depois de hoje também precisamos enfraquecer a opinião dos americanos. — Johanson olhou para o monitor, pensativo. — Aliás, estou com a ligeira impressão de que Vanderbilt não tem um papel realmente importante nesta jogada. Precisamos convencer Li, Karen. Pelo que vi, no final Li acaba fazendo mesmo o que ela quiser.

Li

Antes de qualquer outra coisa, foi para a sua esteira. Programou o computador para nove quilômetros horários, o que correspondia a uma corrida tranqüila. E então solicitou uma ligação com a Casa Branca. Após dois minutos, escutou a voz do presidente no fone de cabeça.

— Jude! Que bom ouvi-la. O que está fazendo agora?

— Correndo.

— Correndo. Minha nossa, você é demais, menina. Todos deveriam tomá-la como exemplo. não apenas eu. — O presidente deu uma risada alta e simpática. — Você é esportiva demais para mim. A apresentação transcorreu como esperava?

— Absolutamente.

— E contou a eles do que estamos desconfiando?

—não deu para evitar que ficassem sabendo do que Vanderbilt desconfia-O presidente continuava rindo.

— Vê se pára com essa guerrinha contra Vanderbilt — disse.

— Ele é um filho-da-puta.

— Mas faz o trabalho dele. não precisa casar-se com o cara.

— Se for pela segurança nacional, eu me caso com ele — disse Li, irritada. — O que não significa que compartilharei sua opinião.

—não, claro que não.

— O senhor teria, neste momento, se vangloriado de uma teoria terrorista

absolutamente imatura? Agora os cientistas têm uma opinião pré-formada. Irão correr atrás de uma teoria, em vez de criar a sua própria.

O presidente calou-se. Li podia literalmente ouvi-lo pensando a respeito. Ele não gostava de caminhos independentes, e Vanderbilt tornara-se culpado por seguir um caminho próprio.

— Tem razão, Jude. Talvez fosse melhor guardar isso em segredo por enquanto.

— Concordo com o senhor.

— Está bem. Fale com Vanderbilt.

— Fale o senhor com ele. Ele não me escuta. não tenho como evitar que ele chame a atenção, mesmo que seja estúpido e imprudente.

— Tudo bem. Falarei com ele. Li riu consigo mesma.

— Naturalmente não quero causar problemas para Jack— acrescentou, cheia de culpa.

— Está tudo bem. Chega de Vanderbilt. O que acha? Sua equipe acadêmica conseguirá controlar a situação? Que impressão tem dos caras?

— Todos altamente qualificados.

— Alguém que mereça sua atenção especial?

— Um norueguês. Sigur Johanson, biólogo molecular. Ainda não descobri o que há de especial com ele, mas tem uma visão própria das coisas.

O presidente gritou algo para trás. Li aumentou a velocidade da esteira.

— Aliás, há pouco falei ao telefone com o ministro do Interior da Noruega — disse. — não sabem nem por onde começar. Naturalmente são favoráveis à iniciativa da União Européia, mas acredito que prefeririam que os Estados Unidos também estivessem nessa. Aliás, os alemães também compartilham esta opinião, transferência de know-how, coisa e tal. Eles apostam numa comissão global com amplas competências que reúna todas as forças.

'— E quem deve tomar a frente?

— O chanceler alemão sugere nomear as Nações Unidas.

— É mesmo? Hum.

'— não considero uma sugestão ruim.

— não, aliás é uma excelente sugestão. — Ela fez uma pausa. — Apenas estou me lembrando de que há pouco tempo o senhor constatou que as Nações Unidas não tiveram um secretário-geral tão fraco como o atual em toda a sua história. Foi na recepção dos embaixadores há três semanas, lembra-se? Eu disse o mesmo, e nós dois levamos a bronca de sempre.

— É, eu sei. Meu Deus, como eram presunçosos! Mas ele realmente é um fracote. A verdade precisa ser dita, diabos! Aliás, aonde você quer chegar?

— Apenas estou falando.

— Apenas está falando. Venha. Qual seria a alternativa?

— Está falando da alternativa para um grêmio em que há dezenas de representantes do Oriente Médio?

O presidente permaneceu calado.

— Os Estados Unidos — disse ele finalmente. Li fingiu estar refletindo a respeito.

— Acho que é uma idéia, senhor — disse.

— Mas então mais uma vez carregaremos os problemas do mundo inteiro nas costas. Na verdade, um porre, não acha, Jude?

— Nós os teremos nas costas de uma forma ou de outra. Somos a única superpotência. Se quisermos continuar sendo,

precisaremos continuar assumindo responsabilidades. Além do mais, os tempos ruins são tempos bons para os fortes.

— Você e seus provérbios chineses — disse o presidente. — não ganharemos a tarefa assim de mão beijada. É cedo demais para isso. Atualmente, precisaríamos explicar por A mais B por que justamente nós queremos assumir o controle de uma comissão mundial de investigação. O que acha que o mundo árabe irá pensar! Ou a China ou a Coréia. Aliás, por falar em Ásia, folheei o dossiê sobre os seus cientistas. Tem um com aparência de asiático. não havíamos dito que os asiáticos e os árabes ficariam de fora?

— Um asiático? Qual o seu nome?

— É um nome estranho. Wakawaka ou algo assim.

— Ah, Leon Anawak. O senhor leu o currículo dele?

— não, apenas passei por cima.

— Ele não é asiático. — Li aumentou a velocidade para 12 quilômetros horários. — Eu sou, disparado, a mais asiática nos arredores de todo o Whistler.

O presidente riu.

— Ai, Jude. Você poderia ser de Marte, ainda assim eu lhe daria plenos poderes. É uma pena mesmo que não possa vir assistir ao jogo de beisebol. Vamos nos encontrar na fazenda se não acontecer nenhum imprevisto. Minha esposa está preparando costelas.

— A próxima vez, senhor — disse Li amavelmente.

Conversaram um pouco mais sobre beisebol. Li não insistiu mais na idéia de Estados Unidos à frente da comunidade mundial. No mais tardar em dois dias, ele acreditará ter sido sua. Bastava ter-lhe dado o estímulo.

Após a conversa, correu durante mais alguns minutos. E então se sentou, suada como estava, em frente ao piano e pôs os dedos nas teclas. Concentrou-se.

Segundos mais tarde, a sonata para piano em sol de Mozart flutuou pela suíte.

KH-12

O som do piano de Li perdeu-se como um aroma que se espalha em todas as direções nos corredores do nono andar e saiu

através da janela semi-aberta da suíte. A cem metros do chão, as ondas sonoras propagaram-se circularmente em todas as direções. No ponto mais alto do castelo, que, como um castelo mágico, tinha uma torre de telhado pontudo, um ouvido bem-treinado capturaria as notas baixinho, mas nitidamente. Acima do telhado, começaram a se dispersar. Após cem metros, haviam-se misturado a inúmeras outras ondas, e quanto mais subiam, mas baixos também se tornavam os sons. A um quilômetro acima da Terra, ainda se ouviam os motores de carro sendo ligados, o barulho fatigante de pequenos aviões monomotores e o sino da igreja presbiteriana no sempre movimentado Whistler Village, que agora também se tornara parte da área de isolamento. O crepitar dos helicópteros militares, que representavam a ligação mais importante com o mundo externo, enfraquecia apenas a dois mil metros.

Dessa altura tinha-se uma vista sensacional para o hotel. Como um sonho profético de Luís II, ficava no meio de extensas florestas que, para o oeste, subiam suavemente e ainda podia ser visto a olho nu. Nas cumeadas ao redor cintilavam áreas cobertas de neve escarpada.

E então os últimos sons da Terra também morriam.

Agora praticamente só se notavam os aviões a jato durante a decolagem e a aterrissagem. A dez quilômetros de altura, o castelo fundia-se com os seus arredores. Aviões comerciais traçavam as suas rotas. O horizonte começava a curvar—nitidamente. Nuvens baixas sob o céu azul lembravam campos nevados e calotas de gelo, um solo ilusório de vapor d'água. Mas cinco a dez quilômetros a cima, o barulho de aviões ultra-sônicos cortava a atmosfera cada vez mais rala. A troposfera pertencia aos humores do tempo, a estratosfera ao ozônio, que filtrava grande parte da radiação ultravioleta. A temperatura voltava a subir. esta altura, as nuvens eram um pouco mais do que formações etéreas cujo reluzir lembrava madrepérola. Balões de meteorologia prateados refletiam a luz do sol e garantiam as visões de óvnis. Foi através do silêncio perfeito a vinte quilômetros da superfície terrestre que, em 1962, o legendário U2 tomara o seu rumo clandestino em direção a Cuba para comprovar a existência de

foguetes nucleares soviéticos. O piloto do avião de reconhecimento precisou vestir trajes de astronauta devido à grande altitude. Foi um dos vôos mais ousados de todos os tempos sob um céu cujo azul profundo já apontava para o espaço sideral

A oitenta quilômetros de altura, algumas nuvens noturnas isoladas ainda brilhavam. A temperatura era de -113 graus Célsius. Nada aqui em cima apontava para a presença humana, exceto a passagem ocasional de naves espaciais decolando e aterrissando. O azul-escuro transformava-se em azul-negro. Aqui começava o reino de todos aqueles deuses pagãos que foram desvendados pela ciência moderna como luzes polares e meteoritos apagando-se. Em nenhum lugar as particularidades físicas contribuíram tanto para a criação de mitos e lendas como as centenas de quilômetros de espessura da termosfera. Na realidade ela não servia de moradia nem para divindades, nem para outras formas de vida. Nada nem ninguém conseguiria sobreviver aqui. Os raios gama e radiativos penetravam livremente. Praticamente não se encontravam mais moléculas de gás.

Em compensação, algo mais.

A 150 quilômetros de altura, voavam os primeiros satélites a 28 mil quilômetros horários. Tratava-se, principalmente, de satélites de espionagem, que permaneciam o mais próximo possível do solo terrestre. A oitenta quilômetros acima deles, a sonda do Space Radar Topography Mission traçava perfis de altitude da superfície terrestre e elaborava um mapa mundial do século XXI. A uma altitude tão baixa, a mistura atmosférica relativamente densa reduzia constantemente a velocidade do satélite, de forma que ele dependia de reforços ocasionais de combustível para não cair. Acima de trezentos quilômetros, não precisavam mais de combustível. Aqui a força centrífuga e a gravidade da Terra equilibravam-se, assegurando a estabilidade das órbitas, e o céu era preenchido.

Era como numa rede de vias rápidas sobrepostas. Quanto mais alto, mais movimentado. Dois pequenos e elegantes corpos voadores de nome Champ e Grace observavam o campo gravitacional e magnético da Terra. A seiscentos quilômetros acima

dos pólos, o ICESat capturava reflexos da superfície terrestre e informava a respeito de alterações das placas de gelo. Setenta quilômetros acima, três satélites de observação Lacrosse altamente desenvolvidos das forças armadas americanas contornavam a Terra e mediam o solo com radares de alta resolução. A setecentos quilômetros de altura, as sondas LANDSAT da NASA observavam países e costas, mediam o crescimento diminuição de geleiras, mapeavam as extensões de florestas e de mantos de gelo e forneciam descrições detalhadas da distribuição da temperatura global. O SeaWiFS seguia os rastros das concentrações de algas nos oceanos com sistemas infravermelho e óptico de de imagens. Os satélites da NOAA acomodaram-se numa órbita sincronizada com o sol a 850 quilômetros e todos os satélites meteorológicos moviam-se de pólo a pólo. A movimentação penetrava a magnetosfera, que, além do limite de novecentos quilômetros, aglomerava partículas cósmicas e emissões solares em dois cinturões radiativos, o chamado cinturão de Van Allen, e se tornara um curioso fenômeno da mídia. Para grande parte da população americana, representava a evidente comprovação de que os americanos não estiveram na Lua — até mesmo cientistas renomados duvidavam de que um homem numa espaçonave pudesse estar suficientemente protegido para atravessar essa zona de radiação mortal. Na terminologia de satélites, a região era simplesmente conhecida por baixa órbita LEO, seguida do campo densamente povoado dos Middle Low Orbits com os satélites GPS a vinte mil quilômetros de altura, até finalmente, a 35.888 quilômetros de altura, surgirem os satélites geoestacionários pendurados como se estivessem fixos, guardiães de lugares fixos, à frente de todos os Intelsats para a comunicação global.

Mozart estava imensamente longe de tudo isso.

Entretanto, enquanto os sons do piano se perderam no ar da primavera, a conversa de Li com o presidente viajara o longo percurso para cima e novamente de volta. No auge do seu telefonema, os dois conversaram no espaço sideral externo e trocaram informações que também provinham do espaço. Sem o batalhão de satélites, a América não poderia ter travado as guerras

do Golfo, tampouco a guerra em Kosovo ou a do Afeganistão. A Força Aérea não teria conseguido nenhum tiro certo sem a ajuda do espaço, e o comando superior não teria visto todos os movimentos de inimigos em regiões montanhosas inalcançáveis sem o olho de alta resolução do Crystal, também chamado KH-12.

KH era a abreviação de Keyhole. Os satélites mais detalhados da América eram o correspondente óptico do radar do sistema Lacrosse. Eles reconheciam objetos de quatro a cinco centímetros de comprimento e também fotografavam na zona próximo ao infravermelho, o que estendia o seu tempo de ação para a noite. Ao contrário dos satélites extra-atmosféricos, tinham um pequeno motor de foguete que lhes permitia a permanência em órbitas muito baixas. Geralmente} contornavam o planeta a 340 quilômetros de altura entre o Pólo Norte e o pólo Sul, o que lhes permitia fotografar toda a Terra em 24 horas. Com o início dos ataques em frente à ilha de Vancouver, foram rebaixados para duzentos quilômetros. Keyhole, Lacrosse e 24 novos satélites ópticos de alta precisão, enviados para o espaço pela América em resposta aos ataques de 11 de setembro, agora formavam uma constelação cuja capacidade superava até o famoso s' ma alemão SAR-Lupe.

Às vinte horas, horário local, dois homens numa sala subterrânea em Buckley Field, perto de Denver, receberam uma ligação. A estação de Buckley Field uma das estações terrestres secretas da agência de reconhecimento americana, a serviço da Força Aérea na espionagem por satélite. Trabalhava intimamente com a agência de segurança e decifração NSA. Sua tarefa era basicament espreitar e escutar. Aos órgãos americanos, a aliança de ambos os serviços secretos permitia vigilâncias inigualáveis. Uma rede amplamente automatizada cobria o planeta, chamada Echelon, cujos mais diversos sistemas controlavam a comunicação internacional, desde os satélites até o rádio de ondas curtas e a fibra de vidro.

Os dois homens estavam sentados sob uma gigantesca antena parabólica. Rodeados de monitores, recebiam dados do Keyhole, do Lacrosse e de outras sondas em tempo real,

interpretavam e processavam-nas e as encaminhavam aos setores correspondentes. Ambos exerciam a função de agentes secretos, apesar de não corresponderem em nada à imagem que em geral se tinha de agentes. Usavam jeans e tênis e pareciam-se mais com integrantes de uma banda grunge.

A pessoa ao telefone informou os homens sobre o chamado de emergência de uma traineira de pescadores em frente à ponta nordeste de Long Island. À altura de Montauk, aparentemente ocorrera uma colisão causada pelo ataque de um cachalote — caso a informação conferisse. A histeria geral causou uma série de alarmes falsos. Aparentemente, um navio maior estava a caminho do local do acidente, mas essa informação também não pôde ser verificada. O contato com a tripulação fora cortado segundos após o chamado de emergência.

O KH-12-4, um dos satélites Crystal-Keyhole, aproximava-se a sudeste de Long Island. Encontrava-se numa posição favorável. A instrução do chamador à equipe de solo era apontar imediatamente o telescópio em direção ao suposto local de acidente.

Um dos homens deu uma série de comandos.

A 195 quilômetros acima da costa do Atlântico, o KH-12-4 voava em alta velocidade, um cano de 15 metros de comprimento e quatro metros e meio de diâmetro repleto de telescópios, que, incluindo o combustível, pesava quase vinte toneladas. De ambos os lados estendiam-se grandes velas solares. O comando de Buckley Field moveu um espelho giratório em frente à objetiva. Assim, o satélite podia escanear uma área de até mil quilômetros para todos os lados. Nesse caso, bastava uma minúscula correção. Como a noite estava começando, os intensificadores de luz restante ligaram-se e clarearam a imagem como se fosse ao meio-dia. A cada cinco segundos, o KH-12-4 batia uma foto e enviava os dados a um satélite de conexão que, por sua vez, os encaminhava ao centro de Los de BuckleyField.

Os homens fitaram os monitores.

Viram Montauk lá embaixo, a bucólica cidade antiga com o seu famoso farol De 195 quilômetros de altura, entretanto, Montauk não parecia mais bucólica do que uma mancha num mapa

rodoviário. Ruas estreitas como traços cortavam uma clara paisagem mesclada. As mesclas eram casas. O farol em si 'o parecia ser mais do que um ponto branco ao final de uma península. Em volta, estendia-se o Atlântico.

O homem que controlava o satélite delimitou a área em que o navio aparentemente fora atacado, inseriu as coordenadas e deu mais um zoom. O litoral desapareceu do campo de visão. Apenas via-se mais água. Nenhum navio. O outro homem assistia enquanto comia peixe frito de um saco de papel.

— Ande logo — disse.

— Muita calma.

— Nada de calma. Querem a informação imediatamente.

— não estou nem aí para o que querem. — O piloto girou o espelho mais um pouquinho para a frente do telescópio. — Isso pode levar uma eternidade, Mike. É uma merda. Tudo tem de ser sempre tão rápido! Como pode dar certo? Precisamos procurar uma minúscula traineira de merda em todo esse maldito mar de merda.

— não precisamos. Foi um chamado de emergência de satélite através da NOAA. Só pode estar aqui. Se não estiver, a canoa virou.

— Uma merda maior ainda.

— É. — O outro lambeu os dedos. — Pobres coitados.

— Que se danem os pobres coitados. Os pobres coitados somos nós. Se a canoa virou, vai começar a porra da procura pelos destroços.

— Cody, você é mesmo um baita preguiçoso.

— É verdade.

— Pegue um pedaço de peixe. Ei, o que é isso? — Mike apontou com o dedo engordurado para o monitor. Na água, via-se algo escuro e comprido.

—? Vamos dar uma olhada.

O telescópio deu um zoom até reconhecerem a longa silhueta de uma baleia entre as ondas. Nenhum sinal de navio ainda. Outras baleias surgiram na imagem. Acima de suas cabeças, espalharam-se vagas manchas claras. As baleias estavam soltando esguicho.

E então afundaram.

— Já era — disse Mike.

Cody deu mais um zoom na imagem. Agora estavam na maior resolução. Viram uma ave marinha boiando sobre as ondas. Na realidade, era um acúmulo de aproximadamente duas dúzias de pixels, mas no conjunto resultavam claramente num pássaro.

Procuraram em toda a região, mas não conseguiram encontrar navio nem destroços.

— Talvez esteja à deriva — disse Cody.

— Pouco provável. Se a mensagem estiver correta, deveríamos ver alguma coisa aqui. Talvez tenham seguido adiante.

— Mike bocejou, amassou a sacola de papel e mirou numa cesta de lixo mais afastada. Errou. — Talvez tenha sido mesmo alarme falso. De qualquer forma, eu gostaria de estar ali embaixo agora.

— Onde?

— Em Montauk. É um lugar bonito. Estive lá rapidamente no ano passado com os moleques, logo depois de terminar com Sandy. Estávamos bêbados ou drogados o tempo inteiro, mas era demais ficar deitado nas rochas durante o pôr-do-sol. No terceiro dia, tracei a garçõete do bar do porto. Foram dias ótimos.

— O seu desejo é uma ordem.

— O que quer dizer? Cody riu para ele.

— Quer ir para a sua maldita Montauk? Quer dizer, nós é que dominamos os anjos celestiais, cara. E já que estamos por aqui...

Os olhos de Mike brilharam.

— Ao farol — disse. — Vou lhe mostrar onde transei com ela.

— Ai, ai.

— não, espere. Acho que não é uma boa. Podemos arrumar a maior confusão se...

— Por que, cara? não borre as calças. É nossa maldita responsabilidade decidir onde procuramos por destroços.

Seus dedos percorreram o teclado. O telescópio deu um zoom. A península apareceu. Cody procurou o ponto branco do farol e aproximou-o até ele erguer-se nitidamente abaixo deles. Fazia

uma sombra extremamente longa. As rochas estavam mergulhadas numa luz avermelhada. Em Montauk, o sol se punha. Um casal de namorados passeava em frente ao farol.

— Esta é a melhor hora — disse Mike, entusiasmado. — Muito romântico.

— Você transou com ela bem em frente ao farol?

— Tolice, não! Mais embaixo. Para onde aqueles dois estão indo. O lugar é conhecido por isso. Todas as noites, o negócio é a horizontal.

— Quem sabe a gente não consegue ver alguma coisa?

Cody girou o telescópio de forma que se adiantasse ao casal. não se via mais ninguém nas rochas pretas. Somente algumas aves marinhas voavam por cima em círculos ou estavam à procura de alguma coisa para comer nas frestas das rochas.

E então outra coisa entrou na imagem. Algo largo. Cody franziu a testa. Mike aproximou-se. Aguardaram a próxima foto.

A imagem mudara.

— O que é isso?

— não faço a menor idéia! Pode aproximar mais?

— não.

O KH-12-4 enviou novos dados de imagem. A paisagem mudara novamente.

— Que merda — cochichou Cody.

— Que diabos é isso? — Mike apertou os olhos. — Está se espalhando. Está

subindo as malditas rochas.

— Merda — disse Cody novamente. Na realidade, dizia "merda" sempre

que podia, até mesmo quando algo lhe agradava. Entretanto desta vez não havia dúvida.

Desta vez soava realmente consternado.

## **MONTAUK, EUA**

Linda e Darryl Hooper estavam casados havia três semanas e passavam a lua-de-mel em Long Island. Desde os tempos em que

viviam mais pescadores do que atores famosos na ilha, Long Island tornara-se extremamente cara. Centenas de restaurantes de frutos do mar extravagantes davam vista para quilômetros de praias. Aqui as celebridades nova-iorquinas tinham exatamente o comportamento mundano que se esperava delas. Dividiam com os riquíssimos industriais americanos o bairro de East Hampton, uma impecável vila de cartão-postal na qual um assalariado dificilmente conseguiria morar. Southampton, mais a sudoeste, também não era exatamente barato. Mas Darryl Hooper fizera o seu nome como jovem advogado ambicioso. No grande escritório no coração de Manhattan, era considerado o filho adotivo dos sócios sêniores. Ainda ganhava relativamente pouco, mas Hooper sabia que estava prestes a ganhar muito dinheiro. E casara-se com uma jovem realmente encantadora. Linda fora a paixão de muitos estudantes de direito, mas o escolhera, apesar de ele ter começado a perder os cabelos na juventude e precisar usar óculos de lentes grossas por não suportar lentes de contato.

Hooper estava contente. Consciente das bênçãos que estavam por vir, resolvera conceder a si e a Linda um pequeno tiragosto. O hotel em Southampton era caro demais. Todas as noites gastavam aproximadamente cem dólares em um dos bons restaurantes da região. Mas estava bem assim. Ambos davam duro e mereciam isso. não demoraria mais até a jovem família Hooper conseguir dar-se ao luxo dos locais mais exclusivos sempre que quisesse.

Ele abraçou a mulher ainda mais e olhou na direção do Atlântico. O sol acabara de desaparecer no mar. O céu estava violeta. A névoa brilhava cor-de-rosa no horizonte. O mar mandava ondas rasas em direção à praia, que, em consideração aos moradores das grandes cidades, sedentos por silêncio, murmuravam discretamente em vez de quebrarem ruidosamente. Hooper pensou se não deveriam permanecer um pouco por ali e retornar a Southampton mais tarde. A estrada principal ainda estava muito cheia, mas, dali a uma hora, levariam pouco tempo até lá. não precisariam nem de vinte minutos para os cinquenta

quilômetros, se ele acelerasse bem a Harley. Seria uma pena ir embora agora.

Além do mais, segundo diziam, depois do pôr-do-sol este lugar era destinado ao amor.

Caminharam lentamente sobre as rochas planas. Após alguns passos, abriu-se uma grande depressão plana. Um lugarzinho ideal e discreto. Hooper estava muito apaixonado e adorou a idéia de estarem totalmente isolados aqui. Além das rochas, ouvia o mar. Aparentemente, eram os únicos por aqui. A praia era logo ao lado. A maioria dos romanticamente apaixonados deveria estar por ali mas este era o seu mundo.

Hooper jamais imaginaria que dois observadores numa sala subterrânea em Buckley Field observariam, de uma altura de 195 quilômetros, a hora em que ele beijou sua mulher, enfiou-lhe as mãos sob a camiseta e a tirou, como ela abriu o seu cinto e um tirou a roupa do outro até deitarem intimamente abraçados sobre o monte de roupas. Ele beijou e acariciou o corpo de Linda. Ela virou-se de costas, e os seus lábios deixaram os seios, indo em direção à barriga, enquanto suas mãos procuravam estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Ela riu.

—não. Isso faz cócegas.

Ele tirou a mão direita da parte interna da sua coxa e continuou beijando-a impetuosamente.

— Ei, o que está fazendo?

Hooper ergueu o olhar. O que estava fazendo? Na realidade, nada diferente daquilo que sempre fazia e que sabia que lhe agradava.

Ele beijou-a na boca e percebeu seu olhar confuso. Ela estava olhando além dele. Hooper girou a cabeça.

Havia um caranguejo na perna de Linda.

Ela soltou um pequeno grito e o sacudiu. O caranguejo caiu de costas, estendeu as garras e voltou a ficar de pé.

— Meu Deus. Como me assustei.

— Acho que ele está querendo participar — disse Hooper, rindo. — Azar, garotão. Procure a sua própria fêmea.

Linda riu e apoiou-se nos cotovelos. Que camarada estranho — disse. — Nunca vi um assim antes. O que há de estranho nele?

— Vocênão o acha estranho?oper olhou com mais atenção. O caranguejo permaneceu imóvel sobre o cascalho. não era muito grande, talvez tivesse uns dez centímetros de comprimento, e era totalmente branco. Seu casco reluzia sobre o chão escuro. A coloração certamente era rara, mas algo mais incomodou Hooper. Linda tinha razão. Ele era estranho.

então compreendeu o que era.

— Ele não tem olhos — disse.

— É verdade. — Ela rolou para o lado e rastejou sobre os joelhos e as mãos

em direção ao animal que simplesmente continuava parado ali. — Que coisa! Será que está doente?

— Parece mais que nunca teve olhos. — Hooper deslizou as pontas dos dedos por cima da sua coluna. — Tanto faz. Deixe-o, ele não nos fará nada.

Linda observou o caranguejo. E então pegou uma pedrinha e jogou nele. O animal não recuou nem esboçou reação. Ela tocou as garras e rapidamente puxou os dedos de volta, mas nada aconteceu.

— Mas como é estóico.

— Venha, deixe esse maldito caranguejo.

— Ele nem se defende.

Hooper suspirou. Agachou-se ao lado dela e fez-lhe o favor de cutucar o caranguejo.

— É mesmo — constatou. — É muito tranqüilo.

Ela sorriu, virou a cabeça em sua direção e o beijou. Hooper sentiu a ponta da sua língua tocar a sua própria e brincar com ela. Fechou os olhos e entregou-se ao prazer...

Linda recuou.

— Darryl.

Ele viu que o caranguejo, de repente, subiu na mão de Linda, que continuava se apoiando. Mais distante, havia outro. E ao lado mais um. Seu olhar subiu as rochas que separava a depressão da praia, e ele achou que estivesse tendo um Pesadelo.

As pedras escuras haviam desaparecido sob miríades de corpos cascudos. Corpos brancos com garras e sem olhos que se aglomeravam até onde a vista alcançava.

Deviam ser milhões.

Linda arregalou os olhos para os animais imóveis.

— Meu Deus — sussurrou.

No mesmo instante, a enxurrada pôs-se em movimento. Hooper já vira pequenos caranguejos correndo na praia, fora isso sempre pensara que caranguejos fossem lentos. Mas estes aqui eram velozes. Eram incríveis em sua velocidade, como uma onda que se jogasse contra eles. Suas pernas duras causaram um leve crepitar no solo rochoso.

Linda deu um salto, nua como estava, e recuou. Hooper tentou juntar roupas. Cambaleou. A metade caiu-lhe das mãos novamente. O furioso batalhão de caranguejos correu por cima, e Hooper deu um salto para trás.

Os animais o seguiram.

— Eles não fazem nada — gritou ele, sem acreditar nas suas próprias palavras, mas Linda já se virara e corria em direção às rochas.

— Linda!

Ela tropeçou e caiu de frente. Hooper correu em sua direção. No instante seguinte, os caranguejos estavam em toda parte, corriam por cima deles e subiam em seus corpos. Linda começou a gritar, um grito agudo de pânico. Hooper batia com a mão aberta nos animais para tirá-los de suas costas e dos próprios braços. Ainda gritando, ela levantou-se num salto, torcendo o rosto, e levou as mãos ao cabelo. Os crustáceos estavam correndo por cima da sua cabeça. Hooper pegou-a e jogou-a para a frente. não queria machucá-la, apenas queria que conseguissem sair da infinita avalanche que avançava sobre as rochas, mas Linda tropeçou novamente, levando-o consigo. Hooper perdeu o equilíbrio. Ele caiu e sentiu os pequenos corpos duros quebrarem sob o seu peso. Os estilhaços dolorosamente penetraram-lhe a carne. Esperneou e sentiu como centenas de patas pontudas deslizavam sobre ele, viu

sangue nos dedos e finalmente conseguiu subir e puxar Linda consigo.

De alguma maneira, chegaram ao alto. A quitina estalava sob os seus pés enquanto corriam em direção à Harley, nus. Enquanto corria, Hooper virou a cabeça para trás e suspirou. Do alto do mirante do farol viu que toda a praia fervilhava de caranguejos. Saíam do mar, inúmeros deles, cada vez mais. Os primeiros haviam alcançado o estacionamento e pareciam tornar-se ainda mais velozes na superfície lisa. Hooper corria com todas as forças, puxando Linda consigo. As solas dos seus pés estavam cheias de estilhaços. Um muco asqueroso colava nos seus pés. Precisava prestar atenção para não escorregar. Finalmente alcançaram a moto, montaram-na, e Hooper ligou o motor.

Partiram, o mais rápido possível, do estacionamento cercado para a estrada que levava para Southampton. A moto derrapou na lama de caranguejos atropelados, e então conseguiram sair do turbilhão e correram ao longo do asfalto. Linda agarrou-se nele. Um caminhão de entregas veio em sua direção, no volante, um homem de idade que não acreditou no que estava vendo. Hooper pensou uma cena dessas via-se apenas em filmes — duas pessoas completamente numa moto. não fosse tudo tão terrível, teria morrido de rir com a situação.

No horizonte surgiram as primeiras casas de Montauk. A ponta leste de Island era um pouco mais do que uma faixa estreita, e a rua corria paralelamente à costa. Enquanto Hooper continuava andando em direção a Montauk, viu a enxurrada branca de caranguejos aproximar-se pela esquerda. Aparentemente também estavam saindo do mar em outros locais. Derramavam-se sobre 35 rochas e iam em direção à estrada. Ele acelerou a Harley. A enxurrada branca era mais veloz.

A alguns metros da placa de entrada da cidade, alcançou a pista e transformou o asfalto num mar de corpos. No mesmo instante, uma picape saía de ré de um portão de entrada. Hooper percebeu que a Harley começou a derrapar e tentou contornar a picape, mas a moto não lhe obedeceu mais. não, pensou. Meu Deus, por favor, não.

A picape cruzou a rua enquanto a Harley continuava escorregando em sua direção. Hooper ouviu Linda gritar e virou o guidão. Por pouco, conseguiram passar pela tampa cromada do radiador. A Harley girou. Após alguns segundos, Hooper conseguiu estabilizar a moto. As pessoas pularam para os lados. Ele não lhes deu atenção. A rua estava livre à sua frente.

Em velocidade máxima, continuaram fugindo em direção a Southampton.

## **BUCKLEYFIELD, EUA**

— Que diabos é isso?

Os dedos de Cody percorreram o teclado. Pôs diversos filtros por cima das imagens, mas continuava sendo uma massa branca que invadia a terra em alta velocidade.

— Parece arrebentação — disse. — Como uma merda de onda gigante.

— não vimos nenhuma onda — disse Mike. — não tinha onda alguma. Devem ser animais.

— Que merda de animais, cara?

— São... — Mike fitou as imagens. Ele apontou para uma área. — Ali. Isso lu Aproxime para mim. Dê-me um recorte de um metro quadrado.

Cody recortou o local e aumentou-o. Obtiveram uma área de quadrados aros e escuros. Mike apertou os olhos. Aproxime mais.

Os quadrados dos pixels aumentaram. Alguns eram brancos, outros se apresentavam em diversos tons de cinza.

— Pode me chamar de maluco — disse Mike lentamente. — Mas poderia ser... — Seria possível? Mas o que mais poderia ser? O que mais vinha do mar e movia-se tão rapidamente? — Garras — disse. — Poderiam ser couraças com garras.

Cody arregalou os olhos para ele.

— Garras?

— Caranguejos.

Cody ficou boquiaberto. E então enviou um comando para o satélite percorrer o litoral.

O KH-12-4 moveu-se de Montauk até East Hampton, prosseguindo posteriormente para Southampton até Mastic Beach e Patchogue. A cada nova imagem que a sonda capturava, Mike ficava mais aterrorizado.

—não pode ser verdade — disse.

—não pode ser verdade? — Cody olhou para ele. — É a mais pura merda de verdade! Alguma coisa está saindo do mar lá embaixo. Em toda a costa de Long Island, alguma coisa está saindo desta merda de mar. Ainda quer estar em Montauk?

Mike esfregou os olhos.

Pegou o telefone para ligar para a central.

## **GRANDE NOVA YORK, EUA**

Logo atrás de Montauk, a Estrada 27 emendava na Long Island Expressway 495. Ela levava diretamente para o Queens. De Montauk a Nova York, eram aproximadamente duzentos quilômetros e, quanto mais se aproximava a metrópole, mais movimentada ficava. Na metade do caminho, atrás de Patchogue, o trânsito aumentou consideravelmente.

Bo Henson dirigia o seu próprio carro de entregas. Percorria o trecho de Long Island duas vezes por dia. Em Patchogue buscara alguns pacotes no aeroporto local e entregara-os nas redondezas. Agora estava a caminho de volta a cidade. Já era tarde, mas, para poder concorrer com empresas como a FedEx, não podia ficar de frescura com o horário de trabalho. Por hoje Henson estava acabando. Resolvera tudo, até mais rápido do que esperava. Estava cansado e ansioso por uma cerveja.

A altura de Amityville, cerca de quarenta quilômetros antes do Queens, um carro derrapou à sua frente.

Henson freou bruscamente. Voltou a ter controle sobre o carro, reduziu e ligou o alarme. Alguma coisa cobria um longo trecho da estrada. Na luz do crepúsculo, num primeiro instante Henson não conseguiu ver o que era, somente que se movia e

vinha das moitas à esquerda. E então viu que a auto-estrada estava sendo invadida por caranguejos. Pequenos caranguejos brancos como a neve Colados uns nos outros, tentavam com dificuldade atravessar a estrada.

Marcas enlameadas e carcaças destroçadas demonstravam quantos já haviam pago a tentativa com a própria vida.

O trânsito estava muito lento. O troço era como sabão. Henson esbravejou. Perguntou-se de onde esses animais vieram repentinamente. Lera num jornal que na ilha Christmas, uma vez por ano, os caranguejos marchavam das montanhas para o mar para se procriarem. Uns cem milhões de caranguejos migravam nessa ocasião. Mas a ilha Christmas ficava no mar Índico, e as imagens haviam mostrado animais grandes e vermelhos, não um turbilhão branco como esse.

Henson jamais vira algo assim.

Ainda esbravejando, ligou o rádio. Após alguma procura encontrou uma estação de música country, recostou-se e entregou-se ao destino. Dolly Parton fez o que pôde para consolá-lo nessa situação, mas o humor de Henson estava arruinado. Levou dez minutos até começar o noticiário, mas não deu nada sobre a invasão de caranguejos. Em compensação, um limpador de neve travou o seu caminho entre os carros lentos e tentou retirar os animais da estrada. O efeito foi um bloqueio total. Durante algum tempo, nada mais se moveu. Henson percorreu todos os canais, mas nenhum tocava no assunto, e isso o deixou furioso, porque, ainda por cima, sentiu-se ignorado nessa miserável situação. Do ar-condicionado despreendeu-se um mau cheiro, até que o desligou.

Atrás do cruzamento, onde à esquerda seguia-se para Hempstead e, à direita, para Long Beach, o trânsito fluiu melhor. Aparentemente, os animais não haviam chegado até aqui. Henson pisou no acelerador e chegou em Queens mais de uma hora após o esperado. Estava muito aborrecido. Um pouco antes do East River, dobrou à esquerda e atravessou o Newton Creek para ir ao seu bar preferido no Brooklyn-Greenpoint. Estacionou o caminhão, saltou e quase teve um treco quando viu o estado do seu veículo. Os pneus, as caixas de roda e as laterais estavam melados de caranguejos até

a altura das janelas. Uma visão terrível e no dia seguinte bem cedo, já estaria na estrada novamente. não podia fazer entregas desse jeito.

Já era tarde, em todo caso. Henson sacudiu os ombros. Agora a cerveja também podia esperar até ele deixar o caminhão no lava-a-jato 24 horas mais próximo. Entrou novamente, foi até a lavadora que ficava a três ruas dali e deixou bem claro para os funcionários que seria preciso limpar as rodas à parte para tirar o resto da porcaria. Então lhes informou onde poderiam encontrá-lo, e foi a pé até o bar para finalmente tomar a sua cerveja.

O serviço de 24 horas era conhecido pelo seu trabalho responsável e dedicado. A cobertura viscosa do caminhão de Henson demonstrou ser persistente mas, depois de exposto por bastante tempo ao esguicho de alta pressão quente finalmente escorreu. O rapaz que segurava o esguicho teve a impressão de pedaços literalmente derreterem. Como gelatina exposta ao sol, pensou.

Tudo escorreu para o esgoto.

Nova York dispunha de um sistema de canalização exclusivo. Enquanto os túneis de carros e trens cruzavam o East River a aproximadamente trinta metros de profundidade, os sistemas de encanamento de esgoto e água alcançavam profundidades de até 240 metros. Cada vez mais canais eram inseridos no solo pelos construtores com a ajuda de gigantescas brocas, para que o sistema de água e esgoto da enorme cidade não falhasse. Além dos sistemas de canais intactos, havia ainda uma série de túneis antigos desativados. Especialistas afirmavam que ninguém mais sabia quantos canais havia no subsolo nova-iorquino. Nenhum mapa mostrava a rede completa. Alguns dos túneis eram conhecidos apenas por certos grupos de mendigos, que mantinham segredo. Outros inspiraram produtores de cinema a fazer filmes de terror em que serviam de viveiro para tudo quanto é criatura monstruosa. O fato era que tudo que penetrasse a canalização nova-iorquina, de certa forma, se perdia.

Essa noite, e nos dias que se seguiram, no Brooklyn e no Queens, em Staten Island e em Manhattan, foram lavados vários

carros que haviam vindo de Long Island. Muito esgoto escoou para dentro dos intestinos da metrópole, espalhou-se lá dentro, misturou-se a outros esgotos, foi bombeado para dentro de sistemas de reciclagem de água e novamente enviado para os distribuidores de água. Somente algumas horas depois de o serviço de 24 horas entregar o caminhão limpinho de Henson, estava tudo irrevogavelmente misturado.

Menos de seis horas depois, as primeiras ambulâncias corriam pelas ruas.

## 11 de maio

### CHATEAU WHISTLER, CANADÁ

Era possível adaptar-se às mudanças.

Ao menos para ele. Por mais que sentisse a perda da sua casa, era suportável. O final do seu casamento fora um começo. A mudança para Trondheim, as sempre novas relações que, juntas, resultavam na solidão praticamente nada lhe significaram. O que não correspondesse à sua compreensão de sensualidade,

harmonia e bom gosto era entregue ao lixo da história. Dividia-se a superfície

com os outros e mantinha-se a profundidade para si. Assim era possível viver.

Agora, nas primeiras horas do dia, a parte menos harmoniosa da sua vida novamente o alcançou. Depois de abrir o olho esquerdo, mais por coincidência, permaneceu deitado por um tempo, observou o mundo da sua perspectiva ciclópica e pensou nas pessoas da sua vida que fracassaram com as mudanças.

Sua esposa.

Aprendia-se que a própria vida pertencia a si mesmo, que se podia influenciá-la. Mas, quando ele a deixara, ela fora obrigada a reconhecer que nada lhe pertencia e que a autodeterminação era pura ilusão. Ela argumentara, implorara, chorara, demonstrara compreensão, pacientemente prestara atenção ao que tinha a dizer e pedira consideração, tentara de tudo para, no fim, acabar ficando para trás, sem forças, enfraquecida, lançada para fora da vida conjugal como de um trem em movimento. Sem forças, parara de acreditar que o esforço adiantava de alguma coisa. Ela perdera. A vida era um jogo de sorte.

Se você não me ama mais, dissera ela, por que ao menos não finge?

Você se sentiria melhor?, perguntara ele.

Não, fora a sua resposta. Eu teria me sentido melhor se você nem tivesse começado a me amar.

Tornara-se culpado pela repentina mudança de sentimentos? Os sentimentos iam além da culpa ou da inocência, eram expressão de processos bioquímicos como conseqüências de circunstâncias vividas, por menos romântico que isso pudesse parecer, mas as endorfinas haviam triunfado sobre qualquer forma de romantismo. Então, culpa de quê? De ter feito promessas erradas?

Johanson abriu o outro olho.

Para ele, mudanças sempre foram um elixir de vida. Para ela, uma privação da vida. Depois de anos — ele já estava morando em Trondheim — contaram-lhe que ela finalmente conseguira livrar-se da impotência. Começara a retornar à vida. Enfim soube que havia um novo homem em sua vida. Depois disso telefonaram algumas vezes, sem raiva ou desejo pelo outro. A amargura sufoca nela mesma e a pressão sobre ele fora aliviada.

Mas ela retornara.

Agora chamava-se Tina Lund, e ela o perseguia com o seu belo rosto pálido. Desde então inúmeras vezes pensara em todas as possibilidades. Uma delas era de que tivessem transado no lago. Tudo teria sido diferente. Eles teriam passado mais tempo juntos. Talvez ela tivesse voado com ele para as Ilhas Shetland. Ou então teria destruído tudo, e ele teria sido a última pessoa de quem ela aceitaria conselhos. Por exemplo, o conselho de ir para Sveggesundet. De uma forma ou de outra, ela ainda estaria viva.

Sempre se dizia que era loucura pensar dessa forma.

Sempre pensava dessa forma.

A luz do sol matutino iluminou o quarto. Deixara as cortinas abertas, como sempre fazia. Quartos com as cortinas fechadas eram como túmulos. Ele pensou em levantar-se e tomar café, mas na realidade não tinha nem vontade de se mexer. A morte de Lund preenchia-o de tristeza. Ele não fora apaixonado, mas de certa forma a amara, o seu jeito inquieto, a sua ânsia por liberdade. Ali se encontraram. E se perderam, porque era paradoxo acorrentar

liberdade com liberdade. Talvez ambos só tivessem sido covardes também.

Do que adiantava isso agora?

Eu também estarei morto um dia, pensou. Desde que Lund morrera na onda, ele pensava muito na morte. Nunca se sentira velho. Agora, às vezes tinha a sensação de ter sido carimbado pela premonição, uma data de validade como um copo de iogurte, e alguém parecia observá-lo e devolvê-lo para a prateleira, porque estava prestes a passar da validade. Estava com 56 anos, tinha uma saúde notável e, até então, escapara das estatísticas de mortes por acidente ou doença. Sobrevivera até a um tsunami. Entretanto, sem dúvida, o tempo estava se esgotando. A maior parte da vida ficara irreparavelmente para trás. E, de repente, perguntava-se se a havia vivido corretamente.

Nesta vida, duas mulheres haviam confiado nele, e ele não soube protegê-las. Uma morrera temporariamente, e a outra, para sempre.

Karen Weaver estava viva.

Ela lembrava-o de Lund. Menos agitada, fechada, de astral pesado. Em compensação, igualmente forte, resistente e impaciente. Depois de escaparem da onda gigante, ele apresentou-lhe a sua teoria, e ela, em contrapartida, o trabalho de Lukas Bauer. Finalmente voara de volta à Noruega para encontrar-se na lista dos desabrigados, mas as instalações da NTNU continuavam de pé. Sobrecarregado de trabalho até ser chamado com urgência pelo Canadá, e sequer conseguira sair para o lago. Ele sugeriu incluir Weaver na equipe porque ela conhecia o trabalho de Bauer melhor do que qualquer um, e tinha condições de desenvolvê-lo, mas no fundo ele tinha outros motivos. Sem o helicóptero, dificilmente teriam sobrevivido à onda. Sendo assim, ela a salvara. Weaver o absolveu da falha com Lund, e ele decidira corresponder a isso. Futuramente, tomaria conta dela, e para isso era favorável a que ela estivesse por perto.

O passado desvaneceu-se na luz do sol. Ele levantou-se, foi tomar banho e às 6h30, compareceu ao bufê para perceber que não era o único a acordar cedo.

No espaçoso salão, soldados e agentes secretos tomavam café, comiam frutas e

cereais e travavam conversas em voz baixa. Johanson encheu um prato com ovo mexido e bacon e procurou por um rosto conhecido. Gostaria de ter tomado

café com Bohrmann, mas não o encontrou em lugar algum. Em compensação,

viu a comandante-geral Judith Li sentada sozinha a uma mesa de dois lugares.

Estava folheando um fichário e, de tempos em tempos, fisgava um pedaço de

fruta do prato, enfiando-o na boca sem olhar.

Johanson observou-a. De certa forma, Li o fascinava. Acreditava que parecesse mais jovem do que era de fato. Com um pouco de maquiagem e a roupa adequada seria o centro das atenções de qualquer festa. Perguntou-se o que seria preciso fazer para levá-la para a cama, mas provavelmente fosse melhor não fazer nada. Li não parecia alguém que deixasse a iniciativa para os outros. Além disso, ter um caso com uma comandante-geral das forças armadas norte-americanas já era demais. Li levantou a cabeça.

— Bom dia, Dr. Johanson — exclamou. — Dormiu bem?

— Como um bebê. —Aproximou-se da mesa. — O que houve, por que está tomando café sozinha? A solidão dos superiores?

—não, estou remoendo problemas. — Ela sorriu e olhou para ele com seus olhos azul-piscina. — Faça-me companhia, doutor. Gosto da companhia de pessoas que têm idéias próprias.

Johanson sentou-se.

?— E por que acredita que eu tenha idéias próprias?

— É evidente. — Li soltou os documentos. — Café? ?— Obrigado.

— O senhor entregou-se na palestra. Nenhum dos cientistas presentes até agora viu mais do que a sua própria área. Shankar está debruçado sobre os sons oceânicos que ele não consegue categorizar, Anawak está se perguntando o que aconteceu com as

baleias, apesar de eu achar que ele ainda é o que mais olha além dos próprios horizontes, Bohrmann vê a ameaça de um acidente mais provável de metano e está tentando se virar com fatos conhecidos e desconhecidos para evitar um segundo deslizamento. E por aí afora.

— Isso já é bastante.

— Entretanto nenhum deles desenvolveu uma teoria de como tudo pod estar relacionado.

— Mas agora sabemos como é — disse Johanson impassível. — São terroristas árabes.

— E o senhor também acredita nisso?

— Não.

— No que acredita?

— Acredito que ainda precisarei de um a dois dias para lhe contar.

— Ainda não está seguro?

— Quase. — Johanson tomou um gole do café. — Mas é assunto delicado. O Sr. Vanderbilt cismou com o terrorismo. Quero retaguarda antes de expor minhas suposições.

— E quem deverá lhe dar isso? — perguntou Li. Johanson colocou a xícara de café de volta na mesa.

— A senhora, comandante.

Li não pareceu muito surpresa. Permaneceu um instante em silêncio e então disse:

— Se quiser me convencer de alguma coisa, talvez eu devesse saber o que é.

— Sim. — Johanson sorriu. — Na hora certa.

Li empurrou-lhe o fichário. Johanson viu que ele continha diversos faxes impressos.

— Talvez isto acelere a sua decisão, doutor. Chegou hoje pela manhã, às cinco. Ainda não recebemos todas as informações, ninguém consegue dizer ao certo o que está acontecendo ali, mas decidi que dentro das próximas horas declararemos estado de emergência em Nova York e regiões vizinhas. Peak já foi para lá para tomar as medidas cabíveis.

Johanson fitou o fichário. Foi tomado pela imagem de mais uma onda gigante.

— Por quê?

— O que diria se, ao longo da costa de Long Island, bilhões de caranguejos brancos saíssem do mar?

— Eu diria que estão fazendo uma excursão de trabalho.

— Bela idéia. Para que empresa?

— O que há com esses caranguejos? — perguntou Johanson sem dar atenção à sua pergunta. — O que fazem?

— Ainda não temos certeza. Mas acredito que algo similar às cavaquinhas na Europa. Estão disseminando uma epidemia. Que tal essa teoria, doutor?

Johanson refletiu, antes de dizer:

Há aqui ou na região um laboratório hermético onde os animais possam ser examinados?

Instalamos um. Em Nanaimo. Alguns caranguejos estão a caminho. — Caranguejos vivos?

— não sei se ainda estão vivos. A última informação que recebi é que foram capturados vivos. Em compensação, várias pessoas estão mortas. Choque tóxico. Esse veneno parece agir mais rápido do que o das algas na Europa. Johanson permaneceu um instante em silêncio.

— Para Nanaimo? — Li acenou a cabeça, satisfeita. — Boa idéia. E quando me dirá no que está pensando?

— Dê-me 24 horas.

Li apertou os lábios e refletiu um momento.

— Vinte e quatro horas — disse. — Nem um minuto a mais.

## **NANAIMO, ILHA DE VANCOUVER**

Anawak estava sentado com Fenwick, King e Oliviera na grande sala de projeções do instituto. O projetor gerava modelos tridimensionais de cérebros de baleia. Oliviera montara-os no computador e marcara os locais em que haviam encontrado a substância gelatinosa. Podia-se contornar os cérebros e cortá-los longitudinalmente em fatias com uma lâmina virtual. Já haviam

assistido a três simulações. A quarta mostrava como a substância se distribuía entre as sinuosidades do cérebro nas mais finas ramificações que, em parte, o penetravam.

— A teoria é a seguinte — disse Anawak, olhando para Oliviera. — Imagine que você seja uma barata...

— Obrigada, Leon. — Oliviera ergueu as sobrancelhas, o que fez sua cara de cavalo parecer ainda mais longa. — Sabe realmente lisonjear uma mulher.

— Uma barata sem inteligência nem criatividade.

— Continue assim. Fenwick riu e coçou o nariz.

— Você é guiada exclusivamente por reflexos — prosseguiu Anawak, impassível. — Para um neurofisiologista, é muito fácil guiá-la. Ele não precisa fazer nada além de controlar os seus reflexos e ativá-los quando quiser. Como numa prótese. Basta saber onde se encontram os botões em você.

— Eles não chegaram a decapitar uma barata e implantar-lhe a cabeça de outra — perguntou King —, e o animal continuou correndo?

— Quase isso. Decapitaram uma barata e cortaram as pernas de outraentão ligaram os sistemas nervosos centrais de ambos os corpos. A barata com cabeça assumiu o comando do aparelho locomotor como se nunca tivesse possuído outro. É exatamente o que estou tentando dizer. Criaturas simples, processos simples. Num outro experimento, tentaram algo parecido com rato Implantou-se uma segunda cabeça num rato. Sua sobrevivência foi inacreditável algumas horas ou dias, acho, e ambas as cabeças pareciam funcionar normalmente mas o comando, é claro complicou. O rato corria, mas, aparentemente, nem sempre na direção que pretendia e, na maioria das vezes, caía após alguns passos.

— Repugnante — murmurou Oliviera.

— Ou seja, na realidade, qualquer ser vivo pode ser controlado. Entretanto quanto mais complexo, maiores as dificuldades. Agora, se você ainda incluir os aspectos da percepção, inteligência e pensamento criativo e autocentrado, já fica bastante difícil impor a sua vontade a alguém. Então o que você faz?

— Eu tento acabar com a vontade dele, reduzindo-o novamente a uma barata. Funciona com os homens, basta agachar-se sem calcinha na frente deles.

— Correto. — Anawak riu. — Porque os humanos e as baratas não estão tão longe uns dos outros.

— Alguns humanos — constatou Oliviera.

— Todos os humanos. Temos orgulho da nossa mente livre, mas na realidade ela só é livre até certos botões serem acionados. Por exemplo, o centro da dor.

— O que significa que quem desenvolveu a substância gelatinosa deve conhecer muito bem a estrutura do cérebro de uma baleia — disse Fenwick. — Quer dizer, é isso que está falando, não? Esse troço estimula centros no cérebro.

— Exato.

— Mas para isso precisa saber quais.

— Isso é fácil de descobrir — disse Oliviera para Fenwick. — Pense no trabalho de John Lilly.

— Muito bem, Sue! — Anawak acenou a cabeça. — Lilly foi o primeiro a implantar eletrodos em cérebros de animais para ativar centros de dor e de prazer. Ele provou que, através da manipulação precisa das regiões cerebrais, pode-se sugerir alegria e bem-estar ou dor, ira e medo aos animais. Aliás, a macacos. Os macacos estão muito próximo das baleias e dos golfinhos no que diz respeito à complexidade e à inteligência, mas funcionou. Através dos eletrodos, ele conseguiu controlar completamente os animais, dando estímulos específicos para punição e recompensa. E isso foi na década de 1960!

— Mesmo assim, Fenwick tem razão — disse King. — Tudo muito bem, se você puder colocar o seu macaco numa mesa de operação e fuçar nele. Mas a substância gelatinosa deve ter penetrado através do ouvido ou da boca. Para isso certamente precisou mudar de formato. Mesmo que consiga invadir um cérebro de baleia com esse troço, como garantir que se distribua como deve e... bem acione os botões corretos?

Anawak sacudiu os ombros. Estava absolutamente convicto de que a substância nas cabeças das baleias fazia exatamente isso,

mas naturalmente não tinha a menor idéia de como o fazia.

— Talvez não seja necessário acionar tantos botões — respondeu depois de algum tempo. — Talvez baste...

A porta abriu-se.

— Dra. Oliviera? — Um dos assistentes de laboratório enfiou a cabeça pela porta — Desculpem o incômodo, mas a senhora foi chamada à ala de alta segurança. Imediatamente.

Oliviera olhou para cada um deles.

— Até poucas semanas não tínhamos nada disso — disse, balançando a cabeça. — Podíamos nos reunir calmamente e conversar sobre qualquer besteira. Agora parece que estamos num filme de James Bond. Alarme, alarme! Dra. Oliviera, favor comparecer à ala de segurança! Puh!

Levantou-se e bateu palmas.

— Então, vamos, muchachos. Alguém quer me acompanhar? Sem mim vocês não conseguem dar um passo mesmo.

Laboratório de alta segurança

O helicóptero de Johanson aterrissou ao lado do instituto logo após a chegada dos caranguejos. Um assistente acompanhou-o até os elevadores. Dois andares abaixo, saltaram e seguiram por um corredor vazio com iluminação néon. O assistente abriu uma porta pesada, e eles entraram numa sala cheia de monitores. Somente um aviso de risco biológico acima de uma porta de aço demonstrava que, atrás dela, a morte aguardava. Johanson viu cientistas e funcionários da segurança. Reconheceu Roche, Anawak e King conversando em voz baixa. Oliviera e Fenwick conversavam com Rubin e Vanderbilt. Quando Rubin viu Johanson, veio-lhe ao encontro e apertou sua mão.

— não nos deixam em paz, não é? — disse então, rindo nervosamente.

— não. — Johanson olhou em volta.

— Até agora tivemos pouca oportunidade de trocar informações — disse Rubin. — Gostaria que me contasse tudo sobre esses vermes. Quer dizer, é terrível ter de conhecer as pessoas nestas circunstâncias, mas de certa forma tudo isso também é muito emocionante... Soube das últimas notícias?

— Estou aqui por causa delas.

Rubin apontou para a porta de aço.

— Inacreditável, não? Até pouco tempo atrás, aqui ficavam os depósitos mas as forças armadas rapidamente instalaram um laboratório hermético. Parece provisório, mas não há com que se preocupar. O nível de segurança de todos os quesitos corresponde a L4. Podemos examinar os animais sem problemas

L4 era o maior nível de segurança para laboratórios.

— Também vai entrar? — perguntou Johanson.

— Eu e a Dra. Oliviera.

— Pensei que Roche fosse o especialista em crustáceos.

— Aqui todo mundo é especialista em tudo. — Vanderbilt e Oliviera haviam-se aproximado. O homem da CIA cheirava um pouco a suor. Ele deu um tapa amigável no ombro de Johanson. — O nosso monte de sabichões foi escolhido de tal forma que tudo quanto é conhecimento específico se reúna numa espécie de pizza. Além do mais, Li viu alguma coisa no senhor. Aposto que, se pudesse, passaria horas ao seu lado para descobrir os seus pensamentos. — Ele riu alto. — Ou talvez queira outra coisa? Quem sabe?

Johanson sorriu de volta, com frieza.

— Por que não pergunta a ela?

— Já perguntei — disse Vanderbilt, impassível. — Infelizmente, meu amigo, acredito que precise acostumar-se à idéia de que ela está interessada apenas na sua cabeça. Conheço Li. Ela acredita que o senhor saiba alguma coisa.

— É mesmo? O quê?

— Conte para mim.

— Não sei de nada.

Vanderbilt olhou-o com olhar de avaliação.

— Nenhuma teoria bacana?

— Na realidade, acho a sua teoria bastante bacana.

— Eu também, enquanto não surgir uma melhor. Quando entrar aí, doutor, pense no que na América chamamos de síndrome da Guerra do Golfo. Em 1991, as forças armadas norte-americanas tiveram poucas perdas no Kuwait, entretanto mais tarde

aproximadamente 25% dos soldados que estiveram lá contraíram doenças com sintomas estranhos. Pensando bem, lembram uma forma bastante amena do que é causado pelas Pfiesteria e os consórcios. Perda de memória, problemas de concentração, danificação dos órgãos internos. Acreditamos que as pessoas tiveram contato com algo químico — estavam perto quando os depósitos de armas iraquianos foram explodidos. Na época, acreditávamos ser gás sarin, mas possivelmente os iraquianos também empregaram algum agente biológico. Metade do mundo islâmico detém patógenos. Através da manipulação genética, não é problema algum transformar bactérias ou vírus em pequenos assassinos.

E o senhor acha que aqui também se trata disso?

Acho que seria recomendável incluir tia Li nessa. — Vanderbilt piscou. — Cá entre nós, ela é um pouco louca. Capisce? E não devemos contrariar os doidos.

Não vejo nada de doido nela.

— Problema seu. Eu o avisei.

— O meu problema é que continuamos sabendo pouco — disse Oliviera e

ontou para a porta. — Vamos entrar e fazer o nosso trabalho. Roche naturalmente virá conosco.

— E eu? não precisarão de um guarda-costas? — disse Vanderbilt, rindo. — posso colocar-me à disposição.

— Muito gentil, Jack. — Ela o examinou. — Infelizmente, as roupas do seu tamanho acabaram ainda agora.

Os quatro atravessaram a porta de aço para a primeira comporta. O sistema fora projetado de tal forma que as comportas bloqueavam-se mutuamente. Uma câmara olhava do teto. Numa parede estavam pendurados quatro roupas de proteção amarelas com capuzes transparentes, luvas e botas pretas.

— Estão todos familiarizados com o trabalho num laboratório de alta segurança? — perguntou Oliviera.

Roche e Rubin acenaram a cabeça afirmativamente.

— Teoricamente — confessou Johanson.

— Sem problemas. Normalmente, seria preciso treiná-lo, mas não há tempo para isso. A roupa representa um terço do seu seguro de vida. não precisa preocupar-se com ela. É feita de PVC soldado. Os outros dois terços são o cuidado e a concentração. Espere, posso ajudá-lo a se vestir.

O troço era emperrado. Johanson vestiu uma espécie de colete cuja função era distribuir homoganeamente o ar inserido na roupa. Fez força para entrar na roupa amarela, prestando bastante atenção às explicações de Oliviera:

— Assim que terminar de vestir isso, nós o conectaremos a um sistema de mangueiras e encheremos a sua roupa de ar. O ar será desumidificado, temperado e passará por filtros de carbono para que, dentro da roupa, se desenvolva um excesso de pressão. É importante para que ele possa manter a roupa longe do seu corpo. Os excessos saem através de uma válvula. Se quiser, poderá regular o acesso de ar, mas não há necessidade. Tudo bem? Como está se sentindo?

Johanson olhou para si mesmo.

— Como um homem-marshmallow.

Oliviera riu. Entraram na primeira comporta. Johanson percebeu que Oliviera continuava falando com a voz abafada e que agora estavam interligados via rádio:

— No laboratório, há uma pressão de 50 Pascal negativos. Nenhum esporo consegue sair daqui. Caso falte energia, ainda temos o gerador de emergência então dificilmente teremos problemas. O chão é de concreto selado, e as janelas de vidro blindado. Todo o ar de dentro do laboratório é esterilizado através de filtros de alta potência. não tem ralos aqui, todo o esgoto é esterilizado ainda no prédio. Podemos nos comunicar via rádio ou fax e computador com o mundo externo. Todos os frigoríficos e sistemas de ventilação estão protegidos por alarmes que tocam simultaneamente na sala de controle, na virologia e na portaria. Todos os cantos são controlados por vídeo.

— Isso mesmo — disse a voz de Vanderbilt no alto-falante.  
— Então, se um de vocês cair e morrer, teremos um belo vídeo de recordação para os netos.

Johanson viu Oliviera girar os olhos. Passaram as três comportas uma atrás da outra e entraram no laboratório. Dentro das suas roupas ligadas às mangueiras, pareciam querer pisar em Marte. O laboratório media aproximadamente trinta metros quadrados e lembrava uma cozinha de restaurante com os seus congeladores, geladeiras e armários de parede brancos. Numa parede havia recipientes de aço do tamanho de barris de petróleo com culturas viróticas e outros organismos resfriados em nitrogênio. Diversas mesas ofereciam bastante espaço. Todo o mobiliário tinha os cantos arredondados para evitar que se rasgasse a roupa sem querer. Oliviera mostrou-lhes três grandes botões no laboratório com os quais podia-se acionar o alarme, levou-os até uma das mesas e abriu um recipiente em forma de banheira.

Estava repleto de pequenos crustáceos brancos que nadavam em dois palmos de água e pareciam pouco vivos.

— Diabos! — exclamou Rubin.

Oliviera pegou uma espátula de metal e tocou os animais um a um, mas nenhum se moveu.

— Mortos, eu diria.

— Isso é ruim. — Rubin balançou a cabeça. — Muito ruim. não disseram que receberíamos caranguejos vivos?

— Segundo Li, estavam vivos no início da viagem — disse Johanson. Inclinou-se para a frente e observou detalhadamente os crustáceos, um a um. E então tocou o braço de Oliviera. — Ali em cima. O segundo da esquerda. Acabou de mover as patas.

Oliviera colocou o caranguejo na área de trabalho. Este permaneceu imóvel durante alguns segundos e, de repente, correu apressadamente até a beira. Oliviera buscou-o de volta. O caranguejo deixou-se mover sobre a mesa sem resistência, e novamente tentou fugir. Repetiram o procedimento algumas vezes, e então puseram o animal de volta na banheira.

Alguma opinião espontânea? — quis saber Oliviera. Precisaria ver o interior — disse Roche. Rubin sacudiu os ombros. Parece comportar-se normalmente, entretanto jamais vi essa espécie. E você, Dr. Johanson?

— não. —Johanson refletiu por um instante. —não se comporta normalmente. Seria natural ver a espátula como um adversário. Ele afastaria as garras e usaria movimentos de ameaça. Na minha opinião, a motricidade está em ordem, mas os órgãos sensíveis, não. Parece-me que...

— Como se alguém tivesse dado corda — disse Oliviera. — Como num brinquedo.

— Isso. Como um mecanismo. Corre como um caranguejo, mas não se comporta como tal.

— Conseguir determinar a espécie?

—não sou taxônomo. Posso dizer o que me faz lembrar, mas não coloco minha mão no fogo.

— Diga logo.

— Há duas características significativas. — Johanson pegou a espátula e tocou alguns dos corpos imóveis, um a um. — Primeira: os animais são brancos, ou seja, incolores. As cores nunca servem de adorno, elas sempre têm uma função. A maioria das criaturas incolores que conhecemos só não precisam de cores porque ninguém as pode ver. A segunda particularidade é a ausência total de olhos.

— Significa que vieram de cavernas ou de profundidades sem luz — disse Roche.

— Sim. Em alguns animais que vivem sem a luz do sol os olhos são bastante rudimentares, mas existem. Pode-se ver onde ficavam antigamente. Esses caranguejos, entretanto... Bem, não quero chegar a conclusões prematuras, mas dão-me a impressão de jamais terem tido olhos. Se minha opinião procede, não apenas viriam de um mundo de escuridão absoluta, mas também teriam sido criados ali. Conheço só uma espécie de crustáceo à qual isso se encaixa e que se parece com este daqui.

— Os caranguejos *Bythograea thermidon* — confirmou Rubin.

— E de onde vêm? — perguntou Roche.

— Das chaminés hidrotermais oceânicas — disse Rubin. — Oásis vulcânicos. São idênticos aos caranguejos *Bythograea thermidon*.

Roche franziu a testa.

— então não poderiam sobreviver nem um segundo em terra. — A questão é o que sobreviveu aí — disse Johanson.

Oliviera pescou um dos corpos sem vida da banheira, virou-o de costas e colocou-o na área de trabalho. Uma a uma, retirou de uma bacia branca uma série de ferramentas que lembravam talheres de cavaquinhas. Cortou a lateral do casco com uma minúscula serra elétrica movida a pilha e, imediatamente algo transparente espirrou em alta pressão. Impassível, Oliviera continuou cortando o casco, soltou a parte de baixo com as pernas e colocou-a de lado.

Fitaram o animal dissecado.

— isso não é um caranguejo — disse Johanson.

— não — disse Roche. Apontou para a substância gelatinosa meio líquida e grumosa que preenchia a maior parte do casco. — É a mesma porcaria que encontramos nas cavaquinhas.

Oliviera começou a passar a substância gelatinosa para um vidro com uma colher.

— Vejam — disse. — Logo atrás da cabeça, parece ser originalmente do caranguejo. Estão vendo a rede de filamentos ao longo do dorso? É o sistema nervoso. O animal continua com os seus sentidos, mas não tem nada em volta para empregá-los.

— Tem, sim — disse Rubin. — A substância gelatinosa.

— Bem, de qualquer forma não é um caranguejo no sentido integral. — Roche inclinou-se sobre o casco com a gelatina incolor. — É mais um aparelho de caranguejo. Funcional, mas sem vida.

— O que explicaria o fato de não se comportarem como caranguejos. A não ser que identifiquemos esse troço de dentro como uma nova espécie de carne de caranguejo.

— Nunca — disse Roche. — É um organismo estranho.

— Então esse organismo estranho fez com que os animais viessem para o continente — comentou Johanson. — E nós devemos descobrir se entrou em animais que já estavam mortos, para, digamos assim, ressuscitá-los...

— Ou se os caranguejos foram criados nessa forma — acrescentou Oliviera. Durante um tempo, reinou um silêncio

desconfortável. Finalmente Roche interrompeu-o:

— Seja qual for o motivo para a sua presença, uma coisa é certa. Se tirássemos as roupas agora, morreríamos em pouquíssimo tempo. Acredito que esses animais estejam repletos de culturas de Pfiesteria. Ou de algo pior. Em todo caso, o ar deste laboratório está contaminado.

Johanson lembrou-se de algo que Vanderbilt dissera. Armas biológicas.

Claro que Vanderbilt estava correto. Absolutamente correto. Mas de forma totalmente diferente do que acreditava.

Weaver estava eufórica.

bastava inserir uma senha para ter acesso a qualquer informação imaginável, o que lhe ofereciam aqui em outras circunstâncias exigiria uma pesquisa de sem a possibilidade de acesso aos satélites militares. Mas isto aqui era fantástico! Estava sentada na varanda da sua suíte, ligada ao banco de dados da NASA e aprofundava-se na cartografia elaborada pelos radares americanos. Nos anos 1980, a Marinha norte-americana começara a estudar um fenômeno surpreendente. o Geosat, um satélite de radar, fora enviado para uma órbita próximo ao pólo. não deveria nem tinha como cartografar o fundo do mar. O radar não atravessava a água. A tarefa do Geosat era medir a superfície do mar como um todo, com a precisão de centímetros. Uma palpação de grandes áreas, esperava-se, mostraria se o nível do mar, além das variações da maré, era idêntico em todos os lugares. O que o Geosat revelou superou todas as expectativas. Acreditava-se que os oceanos, mesmo em situações de absoluta calmaria, não seriam totalmente lisos. Agora, entretanto, apresentavam uma estrutura que conferia à Terra a aparência de uma gigantesca batata nodulosa. Eram cheios de depressões e corcovas, altos e baixos. Se, durante muito tempo, acreditou-se que as massas de água dos mares mundiais distribuía-se homogêaneamente sobre o globo terrestre, a cartografia mostrava uma imagem totalmente diferente. Ao sul da Índia, por exemplo, o nível do mar era aproximadamente 170 metros mais baixo do que em frente à Islândia. Ao norte da Austrália, o mar erguia-se como uma montanha, 85 metros acima

da média. Os mares eram como paisagens montanhosas cuja topografia parecia acompanhar as formas da paisagem submarina. Grandes cadeias montanhosas submarinas e fossas submarinas ficavam marcadas na superfície da água com alguns metros de variação de altitude.

A conclusão era sugestiva. Quem conhecesse a superfície da água, teria uma noção da aparência debaixo dela.

Isso se devia às irregularidades da força gravitacional. Uma montanha submarina adicionava massa ao fundo do mar, por isso ali a força de gravidade era maior do que numa fossa submarina. Ela atraía a água para uma montanha submarina e formava uma corcova. Por cima das cadeias montanhosas, a superfície do mar erguia-se e, por cima de fossas, caía. Durante algum tempo, as exceções causaram confusão, por exemplo quando a água se abaulava acima de uma fossa, até se descobrir que ali algumas das rochas do solo tinham extrema densidade e Peso, e então a topografia gravitacional estava correta novamente.

As inclinações de todas essas depressões e corcovas eram tão sutis que não eram registradas a bordo de um navio. De fato, sem a cartografia por satélites, tal fenômeno jamais teria sido descoberto. Agora encontrara-se um novo caminho não apenas para retratar a topografia do fundo do mar, mas também para compreender a dinâmica geral dos oceanos, tirando-se conclusões acerca dos processos nas profundidades a partir dos acontecimentos na superfície. Além disso, o Geosat revelou que nos oceanos as correntezas causavam imensos redemoinhos com raios de centenas de quilômetros. Como o café mexido numa xícara, as massas em rotação criavam uma depressão no centro, enquanto se erguiam na borda. Foi comprovado que, além das variações de gravidade, tais redemoinhos, os chamados eddies, também abaulavam a superfície do mar, e os eddies, por sua vez, eram parte de redemoinhos bem maiores. A partir da ampla visão de cartografia por satélite, tornou-se evidente que os oceanos estavam inteiramente em rotação. Gigantescos sistemas anelares giravam em sentido horário acima do equador e na direção oposta ao sul

dele, e giravam mais rápido quanto mais perto estivessem dos pólos.

Com isso, havia-se compreendido mais um princípio da dinâmica dos mares: a rotação do mundo também influenciava o grau da rotação.

Assim, a Corrente do Golfo nem era uma verdadeira corrente, mas a margem oeste de uma gigantesca lente de água que girava lentamente, um de inúmeros pequenos redemoinhos que formavam um megarredemoinho, que fazia pressão contra a América do Norte em sentido horário. Como o centro do megarredemoinho não se encontrava no meio do Atlântico, mas deslocado para o oeste, a Corrente do Golfo era pressionada contra o litoral americano, onde se comprimia e abaulava. Ventos fortes e a sua direção ao pólo aceleravam-no, enquanto, paralelamente, o enorme atrito da costa o freava. Dessa forma, o redemoinho do Atlântico Norte encontrava uma rotação estável, segundo o teorema da manutenção do impulso rotatório que diz que um movimento circular mantém-se constante até ser acometido por influências externas.

Eram essas influências externas que Bauer acreditava ter descoberto, mas não conseguira se certificar. O desaparecimento das chaminés pelas quais a água da Groenlândia despencava como uma cascata para a profundidade era motivo de inquietação, mas não comprovava nada. As mudanças globais só podiam ser comprovadas por exposições globais.

Em 1995, já sem a Guerra Fria, pouco a pouco as forças armadas americanas liberaram as cartografias do Geosat. O sistema Geosat fora substituído por uma série de satélites mais modernos. Karen Weaver tinha acesso aos dados de todos eles, documentações impecáveis desde meados da década de 1990. Permaneceu horas tentando relacionar as medições. Alguns detalhes variavam nos dados, possivelmente o radar de um satélite tivesse confundido uma densa neblina com a superfície de uma onda, mas, em suma, todos resultavam na mesma informação.

Quanto mais se aprofundava, mais sua empolgação inicial transformou-se em grande preocupação.

Finalmente deu-se conta de que Bauer tivera razão.

Suas sondas flutuantes enviaram dados durante algum tempo, sem dar a entender que estavam seguindo uma correnteza definida. E então falharam, uma a uma, Praticamente não existiam dados da expedição de Bauer. Perguntou-se se o infeliz professor tivera a consciência de como esteve certo. Weaver sentiu o peso da herança que deixara para ela. Ele confiara-lhe todo o seu conhecimento, de forma que ela conseguia ler entre as linhas o que para os outros não fazia sentido algum. Era o bastante para visualizar a catástrofe latente.

Refez todos os cálculos. Assegurou-se de não ter cometido nenhum erro, repetiu novamente o procedimento e, depois, uma terceira vez.

Era ainda pior do que temera.

Johanson, Oliviera, Rubin e Roche banharam-se durante alguns minutos nas suas roupas de PVC com ácido peracético a 15%, cujos vapores decompunham qualquer agente patógeno sem deixar vestígios, antes de o líquido corrosivo ser lavado com água e neutralizado com solução de hidróxido de sódio e eles finalmente puderem deixar o sistema de comportas.

Shankar e sua equipe trabalhavam sem esmorecer na decodificação de sons não identificáveis. Havia chamado King e tocavam o Scratch e outros espectrogramas sem parar.

Anawak e Fenwick passeavam e discutiam as possibilidades de influência externa de sistemas neuronais.

Frost surgira na suíte de Bohrmann, alto e volumoso, o boné puxado por cima dos óculos, e declarara em voz ribombante:

— Doutor, precisamos conversar!

E então contara a Bohrmann o que pensava a respeito dos vermes. Era surpreendente. Os dois se deram tão bem desde o início que rapidamente esvaziaram diversas canecas de cerveja e levantaram teorias tão inquietantes quanto evidentes. Ainda agora estiveram em conferência via satélite com Kiel. Como a internet voltara a funcionar, Kiel enviava uma simulação após outra. Suess tentara reconstruir, tão detalhadamente quanto pôde, os processos no talude continental norueguês, concluindo que tal catástrofe

difícilmente poderia ter acontecido. Os vermes e as bactérias certamente tiveram um efeito fatal, mas faltou algo no quebra-cabeça, uma minúscula peça, um disparador adicional.

— E, enquanto não soubermos o que é — constatou Frost —, nossos traseiros serão levados pelas águas, Deus é testemunha! E não será por um deslizamento do talude em frente à América ou ao Japão.

Li estava sentada diante do seu laptop.

Estava sozinha na sua gigantesca suíte e, ao mesmo tempo, participava de tudo. Durante algum tempo, assistira ao trabalho no laboratório de alta segurança e escutara o que estava sendo dito ali. Todos os cômodos do castelo estavam sendo interceptados e controlados por vídeo. O mesmo aplicava-se a Nanaimo, à Universidade de Vancouver e ao aquário. Foram instalados aparelhos de escuta em alguns dos apartamentos particulares da região, como o de King, de Oliviera e de Fenwick, assim como no navio em que Anawak morava e no seu pequeno apartamento em Vancouver. Tinham olhos e ouvidos em tudo, só as conversas ao ar livre, nos bares e nos restaurantes não podiam ser capturadas. Isso aborrecia Li, mas, para tal, precisariam ter implantado sensores nos cientistas.

Em compensação, o controle da rede interna de dados do conselho era excelente. Bohrmann e Frost estavam online, assim como Karen Weaver, a jornalista que, nestes minutos, estava comparando dados de satélites da região da Corrente do Golfo. Era altamente interessante, assim como a simulação de Kiel. A rede, aliás, fora uma boa idéia. Naturalmente, Li não tinha como ler ou ouvir o que os seus usuários pensavam. Mas aquilo em que trabalhavam e os arquivos que abriam eram gravados e podiam ser acompanhados a qualquer instante. Caso Vanderbilt estivesse certo com a sua teoria de terroristas, o que Li duvidava, era até legítimo vigiar cada integrante na trupe. Aparentemente, eram todos limpos. Ninguém mantinha contato com associações extremistas ou países do mundo árabe, mas sempre restava um risco. Entretanto, mesmo que as suposições do diretor da CIA não se confirmassem, era

favorável a observar os cientistas sem que eles o soubessem. Era sempre bom adquirir conhecimento o mais cedo possível.

Ela voltou a conectar-se com Nanaimo e acompanhou Johanson e Oliviera, que, naquele instante, iam em direção aos elevadores. Estavam conversando sobre as condições de trabalho na ala de alta segurança. Oliviera comentou que, sem as roupas protetoras, saíam do banho de ácido como um esqueleto totalmente desbotado, e Johanson fez uma piada a respeito. Eles riram e foram para cima.

Por que Johanson não conversava com ninguém sobre sua teoria? Quase o fizera. No seu quarto, conversando com Weaver, logo após a grande reunião. Mas depois acabara limitando-se a insinuações.

Li deu uma série de telefonemas, falou rapidamente com Peak em Nova York e olhou para o relógio. Era a hora do relatório de Vanderbilt. Ela saiu da suíte e percorreu o corredor até uma sala protegida no lado sul do castelo. Correspondia à Sala de Guerra da Casa Branca e, assim como a sala de conferências era totalmente isolada acusticamente. Vanderbilt e dois dos seus a aguardavam— O diretor da CIA acabara de retornar de helicóptero de Nanaimo e parecia mais atordoado do que o normal.

— Poderíamos nos conectar Washington também? — sugeriu ela, sem cumprimentar.

— Poderíamos — disse Vanderbilt. — Mas não adianta nada...

—não faça tanto suspense, Jack.

—

..caso a sua intenção seja ter o presidente na linha. O presidente não está mais em Washington.

## **NANAIMO, ILHA DE VANCOUVER**

Oliviera cruzou o caminho de Fenwick e Anawak no saguão de entrada quando saiu do elevador com Johanson.

— De onde estão vindo? — perguntou, surpresa.

— Fomos dar uma volta. —Anawak piscou para ela. —  
Divertiram-se ainda no laboratório?

— Idiota. — Oliviera torceu a cara. — Parece que os  
problemas europeus chegaram até aqui. A substância gelatinosa  
dos caranguejos de fato é o nosso velho amigo. Além do mais,  
Roche isolou um agente patógeno que os caranguejos carregavam  
dentro deles.

— Pfiesteria? — perguntou Anawak.

— Quase isso — disse Johanson. — Digamos que a mutação  
da mutação. A nova espécie é infinitamente mais tóxica do que a  
européia.

— Foi preciso sacrificar alguns ratos — disse Oliviera. — Nós  
os trancamos com um caranguejo morto e todos morreram em  
poucos minutos.

Involuntariamente, Fenwick deu um passo para trás.

— Esse veneno é contagioso?

—não, pode me abraçar. não é passado de uma pessoa para  
outra. não estamos lidando com vírus, mas com uma invasão  
biológica. Entretanto ela foge do controle assim que as Pfiesterias  
entram na água, e multiplicam-se exponencialmente quando os  
caranguejos já morreram há tempo. Exceto um, todos estavam  
mortos, e esse agora também já se foi.

— Caranguejos camicases — fantasiou Anawak.

— Sua tarefa é trazer as bactérias para terra firme, assim  
como é tarefa dos vermes carregar as bactérias para dentro do gelo  
— disse Johanson. — Depois morrem. Aguas-vivas, mexilhões, até  
mesmo essa substância gelatinosa, nada sobrevive por muito  
tempo, mas tudo cumpre sua finalidade.

— Que seria nos prejudicar.

— Exatamente. Até mesmo as baleias têm algo de autores  
de atentado suicida — disse Fenwick. — Geralmente, ataques fazem  
parte de uma estratégia de sobrevivência, assim como a fuga. Mas  
em lugar algum tal estratégia é visível.

Johanson sorriu. Seus olhos pretos brilharam.

—não tenho tanta certeza disso. Alguém está claramente  
executando uma estratégia de sobrevivência.

Fenwick observou-o.

— Parece até Vanderbilt falando.

— não. Apenas parece. Vanderbilt tem razão num aspecto, de resto minha opinião é totalmente contrária. — Johanson fez uma pausa. — Mas aposto com qualquer um que, em breve, Vanderbilt se parecerá comigo.

## LI

— Que significa isso? — quis saber Li ao sentar-se. — Onde está o presidente se não em Washington?

— Está a caminho da Offutt Air Force Base em Nebraska — disse Vanderbilt. — Surgiram cardumes de caranguejos na Chesapeake Bay e em Potomac. Aparentemente, estão flutuando o braço de mar acima. Em Alexandria e abaixo de Arlington, parece que alguns saíram do mar, mas ainda não recebemos confirmação disso.

— E quem convocou Offutt? Vanderbilt sacudiu os ombros.

— O chefe do conselho na Casa Branca teme que a capital possa ter o mesmo destino de Nova York — disse. — Você conhece o presidente. Defendeu-se como pôde. Se pudesse, ele próprio teria saído e declarado guerra a essas pestes, mas acabou concordando com a vida saudável no campo.

Li refletiu. Offutt era a sede do Comando Estratégico, que operava as armas nucleares dos Estados Unidos. A base era ideal para proteger o presidente. Ficava no interior, longe de todas as ameaças do mar. De lá, o presidente podia telefonar para o Conselho de Segurança Nacional através de uma conexão de vídeo secreta e executar toda a sua força governamental.

— isso não correu bem — disse com veemência. — Futuramente, quero saber imediatamente dessas coisas, Jack. Se, em algum lugar, alguma coisa colocar a sua cabeça para fora do mar, eu quero saber. não, quero saber antes dela colocar a sua cabeça fora do mar.

— Podemos conseguir isso — disse Vanderbilt. — Poderíamos iniciar relações diplomáticas com os golfinhos locais e...

— Além do mais, quero ser informada quando alguém tiver a idéia de mandar o presidente para Offutt.

Vanderbilt deu um sorriso jovial.

— Se me permite fazer uma sugestão...

— E quero estar a par do que está acontecendo em Washington — interrompeu-o Li. — E dentro das próximas duas horas. Se a notícia se confirmar, evacuaremos as regiões atacadas e transformaremos Washington numa zona de isolamento, como Nova York.

— Esta teria sido a minha sugestão — disse Vanderbilt suavemente.

— Então estamos de acordo. O que mais tem para mim?

— Um monte de merda.

— Como sempre, estou acostumada.

— Pois é. não queria desabituá-la, portanto esforcei-me por juntar o máximo de notícias ruins. Para começar, a NOAA tentou descer dois robôs no talude continental em frente à Georges Bank para capturar vermes para pesquisa. Isso... ah... conseguiram.

Li ergueu as sobrancelhas e recostou-se, aguardando.

— Então, conseguiram juntar os animais — disse Vanderbilt, prazerosamente esticando cada palavra. — Mas não conseguiram trazê-los a bordo. Mal estavam na cestinha, alguma coisa surgiu e cortou a conexão. Perdemos os dois robôs. Temos notícias similares do Japão. Lá, um submersível tripulado se perdeu em algum lugar em frente a Honshu e Hokkaido. Eles também deveriam ter trazido vermes. Os japoneses estão dizendo que o seu número aumentou. De uma forma geral, a situação é outra. Até agora somente mergulhadores haviam sido atacados, mas nenhum submersível, sonda ou robô.

— Conseguimos perceber algo suspeito?

— Diretamente, não. não foram localizadas sondas ou submersíveis inimigos, mas, a setecentos metros de profundidade, o navio da NOAA registrou uma área móvel de vários quilômetros de extensão. O coordenador da pesquisa disse que há 90% de probabilidade de ter-se tratado somente de plâncton, mas não colocaria a mão no fogo.

Li acenou a cabeça. Ela pensou em Johanson. Quase chegou a lamentar o ato de ele não estar aqui para ouvir as exposições de Vanderbilt.

— Segundo tópico, cabos submarinos. Mais conexões foram interrompidas, CANTAT-3 e alguns cabos TAT. Todas conexões importantes do Atlântico. No Pacífico, aparentemente perdemos o PACRIM WEST, uma das nossas principais conexões para a Austrália. Além disso, nunca antes houve tantos acidentes de navio como nos últimos dois dias, todos em regiões densamente trafegadas. Dos aproximadamente duzentos estreitos marítimos que conhecemos, aproximadamente a metade foi atingida, especialmente o estreito de Gibraltar, o estreito de Malaca e o Canal Inglês, mas o Canal do Panamá também entrou nessa e... bem aconteceu, mas talvez não devêssemos superestimar: houve uma colisão no estreito de Hormuz e outra perto de Khalij as-Suways, que fica... ah...

Li observava Vanderbilt. Ele parecia menos cínico e arrogante do que o normal, e ela acabara de perceber por quê.

— Sei onde fica — disse. — Khalij as-Suways é o prolongamento do mar Vermelho, que desemboca no Canal de Suez. Ou seja, o mundo árabe foi atingido em duas importantes interseções de tráfego.

— Bingo, querida. Houve problemas de navegação. Novidade, aliás. A reconstrução mostrou-se complicada, mas no estreito de Hormuz parece que sete navios se chocaram porque ao menos dois deles não sabiam mais para onde estavam indo. O velocímetro e o ecobatímetro não enviavam mais dados.

A bordo de um navio havia quatro sistemas de importância vital: o ecobatímetro, o velocímetro, o radar e o medidor de vento. Enquanto o radar e o medidor de vento trabalhavam acima do nível d'água, o visor do ecobatímetro ficava na quilha, assim como o velocímetro, um tubo estanque com sensor integrado que media a água que entrava com o deslocamento do navio. O velocímetro informava os sistemas de radar a bordo sobre a direção e a velocidade do navio, e, com base nisso, o radar calculava a possibilidade de colisão com navios ao redor e propunha rotas

alternativas. Em geral, seguiam-se exclusivamente os instrumentos. Exclusivamente porque setenta por cento da navegação acontecia à noite, com neblina ou mar alto, quando uma olhada pela janela não adiantava de nada.

— Aparentemente, em um dos casos organismos marinhos entupiram o velocímetro — disse Vanderbilt. — Ele parou de indicar a velocidade e, conseqüentemente, o radar deixou de comunicar ameaças de colisão, apesar dos vários navios à sua volta. Num outro caso, o ecobatímetro enlouqueceu e informou diminuição da profundidade da água. Acreditaram estar prestes a encalhar, apesar de, na realidade, encontrarem-se em águas profundas, e realizaram uma correção de rota completamente idiota. Os dois colidiram com outros navios, e, como estava tão escuro, alguns outros também entraram na brincadeira. Em outros lugares do mundo houve situações similares. Alguém parece ter observado baleias diretamente abaixo dos navios durante bastante tempo.

— Claro — fantasiou Li. — Se, durante algum tempo, alguma coisa grande permanece próximo à saída do ecobatímetro, poderia ser facilmente confundido com o solo.

— Além disso, cresceu o número de casos de encrostamentos em lemes e propulsores laterais. Os lastros estão entupindo, cada vez mais. Em frente à Índia, um cargueiro de minério acabou de afundar porque a cobertura de mexilhões que já durava semanas causou uma corrosão extremamente rápida. O mar estava calmo quando o porão dianteiro colabou. Afundou em poucos minutos. E por aí afora. É interminável. Tudo está piorando constantemente, e agora a epidemia.

Li juntou os dedos e refletiu.

Simplesmente ridículo. Mas, olhando melhor, navios eram realmente ridículos. Peak acertara em cheio. Caixotes arcaicos que navegavam com alta tecnologia e sugavam água de resfriamento através de um buraco. Em outros lugares, os caranguejos invadiam grandes cidades modernas, deixavam-se atropelar e distribuía toneladas de algas altamente venenosas na canalização. Conseqüentemente, foram obrigados a fechar a cidade e, agora,

possivelmente mais uma, e o presidente dos Estados Unidos fugira para o interior.

— Precisamos desses malditos vermes — disse Li. — E precisamos fazer alguma coisa contra as algas.

— Você está tão certa — repetiu Vanderbilt, solícito.

Seus homens estavam sentados ao seu lado, os rostos imóveis, fixando Li. Na realidade, Vanderbilt é que deveria fazer-lhe sugestões, mas Vanderbilt gostava tão pouco de Li quanto ela dele. Ele montaria uma armadilha para ela. Mas ela não precisava de Vanderbilt para tomar decisões.

— Em primeiro lugar — disse ela —, evacuaremos Washington, caso a notícia se confirme. Em segundo lugar, quero que as regiões atingidas sejam supridas de água de caminhões-pipa, e que esta seja rigidamente racionalizada. Secaremos as canalizações e dizimaremos as pestes com substâncias químicas.

Vanderbilt riu alto. Seus homens sorriram.

— Secar Nova York? A canalização? Ela olhou para ele.

— Sim.

— Boa idéia. As substâncias químicas também matarão todos os nova-iorquinos, e então poderemos alugar a cidade. Talvez aos chineses? Ouvi dizer que existem muitos chineses.

— Como fazer isso é problema seu, Jack! Solicitarei uma convocação do plenário do Conselho de Segurança ao presidente e declararei estado de emergência.

— Ah! Entendi.

— Todos os litorais serão interditados. Aviões de reconhecimento sem tripulantes farão patrulha. Enviaremos tropas com roupas de proteção com lançadores de chamas. A partir de agora, tudo que tentar subir em terra será transformado em churrasco. — Ela levantou-se. — E, já que temos problemas com baleias devemos parar de reagir como crianças assustadas. Quero reconquistar a total mobilidade dos nossos navios. De todos os navios. Vejamos o que um pouco de guerra psicológica pode alcançar.

— O que pretende fazer, Jude? Persuadir os animais?

—não. — Li deu um sorriso fino. — Quero caçá-los, Jack. Dar-lhes uma lição ou àqueles que são responsáveis pelo seu comportamento. Chega de proteção ambiental. A partir de agora, atiraremos nelas.

— Quer mesmo enfrentar a IWC? s

—não. Atiraremos com sonares. Até elas pararem de atacar.

## **NOVA YORK, EUA**

Diretamente à sua frente, um homem sucumbiu.

Peak suava debaixo da sua pesada roupa de proteção. Cada parte do seu corpo estava coberta por ela. Ele respirava através de uma máscara de oxigênio e olhava com olhos de vidro blindado para uma cidade que se transformara num inferno da noite para o dia.

Lentamente, o sargento ao seu lado guiou o jipe ao longo da Quinta Avenida. Em alguns trechos, o East Village parecia abandonado. Em outros lugares, encontravam grupos de pessoas reunidas pelas forças armadas. O maior problema era não poder deixar ninguém sair até descobrirem se a epidemia era ou não contagiosa. No momento, não aparentava ser. Parecia mais um grande ataque com gás tóxico. Mas Peak estava desconfiado. Percebia que muitas vítimas tinham feridas do tamanho de moedas. Caso o que estivesse invadindo Nova York fossem algas assassinas, não apenas liberavam gases tóxicos, como também grudavam nos corpos das pessoas. Teoricamente, dessa forma poderiam ser encontrados em todos os líquidos corpóreos. Peak não era biólogo, mas perguntava-se o que aconteceria se um doente beijasse um sadio, transmitindo sua saliva. As algas sobreviviam na água, toleravam um largo espectro de temperatura e, até onde se sabia, multiplicavam-se com enorme velocidade.

Faziam de tudo para criar condições de quarentena para a cidade e Long Island que atendessem tanto aos doentes como aos sãos. Inicialmente, foram otimistas. Nova York parecia preparada. Depois do primeiro ataque ao World Trade Center, em 1993, o então prefeito da cidade criara um órgão especial para gerenciar

todos os tipos de emergência, o Office of Emergency Management, ou OEM. No final da década de 1990, este realizara o maior treinamento de catástrofe da história da cidade e simulara um ataque imaginário com armas químicas, no qual mais de seiscentos policiais, bombeiros e agentes do FBI em roupas de proteção "salvaram" os nova-iorquinos. O treinamento transcorrera sem problemas, e o Senado generosamente aprovou novas verbas. De repente, o OEM viu-se em condições de gastar 15 milhões num escritório à prova de bala e bomba com sistema de circulação de ar próprio, onde mais de quarenta funcionários altamente qualificados aguardariam o verdadeiro Juízo Final — e construíram-no no 23º andar do World Trade Center, pouco antes do dia 11 de setembro de 2001. Depois o OEM precisou ser totalmente reestruturado. Ele continuava em construção e mal conseguia resolver os problemas. As pessoas adoeciam e morriam mais rápido do que alguém pudesse ajudar.

O jipe contornou os mortos e aproximou-se do cruzamento com a rua 14. Diversos carros atravessavam-no em alta velocidade e buzonavam loucamente. As pessoas tentavam sair da cidade. não chegariam longe. Tudo estava interdito. Até agora as forças armadas tinham conseguido controlar somente o Brooldyn e alguns trechos de Manhattan, mas pelo menos ninguém mais deixava a grande Nova York sem autorização especial.

Seguiram ao longo de bloqueios militares. Centenas de soldados moviam-se pela cidade como invasores extraterrestres, sem rosto detrás de suas máscaras de oxigênio, desajeitados e disformes com as suas roupas protetoras amarelas. Havia membros do órgão especial. Em todos os lugares, corpos eram carregados em maças e veículos militares e ambulâncias. Outros simplesmente permaneciam nas ruas. No centro, praticamente não se podia dirigir mais porque carros batidos e abandonados bloqueavam as pistas. O constante estrondo dos helicópteros ecoava nos precipícios das ruas.

O motorista de Peak avançou um trecho aos solavancos sobre a calçada e, após algumas centenas de metros, parou em frente ao Bellevue Hospital Center às margens do East River, onde

fora instalada uma das centrais de comando provisórias. Peak entrou correndo. O saguão de entrada estava repleto de pessoas. Registrou olhares aterrorizados e apressou-se. Algumas pessoas mostravam-lhe fotos de parentes. Gritos penetravam-lhe os ouvidos. Acobertado por dois soldados, passou pelo bloqueio interno e seguiu em direção ao centro de computação do hospital. Lá, fizeram-lhe uma ligação secreta via satélite para o Chateau Whistler. Transcorridos alguns minutos de espera, Li estava na linha. Ele não a deixou falar.

— Precisamos de um antídoto. Imediatamente.

— Nanaimo está trabalhando a mil — respondeu Li.

— Ainda é devagar demais. não conseguiremos segurar Nova York. Vi mapas da canalização. Esqueça a idéia de esvaziar isto daqui. É mais fácil secar o Potomac.

— Está dando conta do abastecimento médico?

— Como? não podemos dar atendimento médico a ninguém, nem sabemos o que poderia ajudar. Quando muito, pode-se aplicar remédios para fortalecer o sistema imunológico das pessoas e rezar para que o patógeno morra.

— Escute, Sal — disse Li. — Conseguiremos controlar isso. Podemos dizer com quase 100% de certeza que os tóxicos não podem ser transmitidos. Sendo assim, as vítimas praticamente não representam perigo de transmissão. Precisamos corroer, queimar, rezar, seja o que for, essas pestes para fora da canalização.

— Então comece — disse Peak. — não adiantará nada. A nuvem tóxica sobre a cidade é o de menos. Ao ar livre, o vento espalha os tóxicos e os dilui. Entretanto, a essa altura, em todos os apartamentos já correu água, já se tomou banho, lavou-se a louça, bebeu-se, cuidou-se do peixinho ornamental, sei lá. Carros foram lavados, os bombeiros saíram para apagar incêndios. Essas algas espalharam-se por toda cidade, intoxicaram o ar nas casas e distribuíram-se pelos condicionadores de ar e as clarabóias de ventilação. Mesmo que nunca mais um caranguejo saia para a terra, não sei como interromper a propagação das algas. — Ele deu um suspiro. — Meu Deus, Jude, existem seis mil hospitais nos Estados Unidos, e menos de 25% está preparado para uma

emergência dessas! Praticamente nenhuma clínica é capaz de isolar tantos pacientes e atendê-los com os médicos indicados. O Bellevue está terrivelmente superlotado, e é um hospital muito grande.

Li permaneceu calada por um segundo.

— Está bem. Você sabe o que fazer. Transforme a Grande Nova York numa megaprisão. Nada nem ninguém pode sair.

— Mas aqui não poderemos fazer nada pelas pessoas. Todas morrerão.

— Sim, isso é terrível. Faça algo pelas pessoas nos outros lugares e trate de transformar Nova York numa ilha.

— O que quer que eu faça? — perguntou Peak, desesperado. — O East River corre para o interior.

— Pensaremos em algo para o East River. Nesse meio tempo... Algo aconteceu.

Peak sentiu mais do que escutou a explosão. O chão tremeu sob os seus pés. Um forte trovão propagou-se. Era como se ondas sonoras percorressem Manhattan inteira como um terremoto.

— Alguma coisa explodiu — disse Peak.

— Veja o que é. Quero o relatório em dez minutos.

Peak praguejou e correu até a janela, mas não viu nada. Ele fez um sinal aos seus homens e saiu correndo do centro de computação de volta para o corredor e o lado posterior do hospital. Daqui, além do Franklin Drive via-se o East River, o Brooklyn e Queens.

Ele olhou o rio acima para a esquerda.

Pessoas corriam em direção ao hospital. A aproximadamente um quilômetro, viu uma gigantesca nuvem em forma de cogumelo subir em direção ao céu. Era mais ou menos onde ficava o quartel-general das Nações Unidas. Num primeiro instante, Peak temeu que tivesse explodido. Mas então percebeu que a nuvem estava mais próximo da cidade.

Ela saía do acesso ao túnel Queens Midtown, que cruzava por debaixo do East River e ligava Manhattan ao outro lado.

O túnel estava pegando fogo!

Peak pensou nos carros demolidos que estavam por toda parte, enfiados uns nos outros, enfiados em vitrines ou postes de

luz. Carros cujos motoristas infectados haviam perdido a consciência. Ele suspeitou do que acontecera no túnel. Era o que menos precisavam agora.

Voltaram correndo para o prédio, pelo o saguão de entrada para o seu jipe na Quinta Avenida. Era difícil correr com as roupas de proteção, porque era preciso prestar atenção o tempo todo para não se ficar preso em lugar algum e rasgá-la. Mesmo assim, Peak conseguiu entrar rapidamente no jipe, e saíram disparados.

Três andares acima, morria naquele momento Bo Henson, o motorista do serviço de entrega que tentara fazer concorrência à FedEx.

O casal Hooper, a essa altura, já estava morto havia algumas horas.

## **ILHA DE VANCOUVER, CANADÁ**

— Que diabos vocês estão fazendo lá em cima, no Whistler? Deveria ter sido um passeio para a normalidade, mas, naturalmente, foi tudo menos isso. Após dias de ausência, Anawak estava na Estação Baleeira Davies e observava como Shoemaker e Delaware esvaziavam duas latas de Heineken por ocasião da sua visita. Davie fechara temporariamente a estação. Suas expedições em terra não eram procuradas. Praticamente ninguém mais sentia vontade de observar animais. Se as baleias estavam saindo de si, que idéia poderiam ter os ursos negros, então? Se a Europa estava sendo invadida por tsunamis, o que Poderia acontecer no litoral do Pacífico? A maioria dos turistas havia deixado a ilha de Vancouver. Shoemaker realizava o seu solitário trabalho de diretor e contratava créditos para salvar a estação enquanto podia.

— Eu realmente gostaria de saber o que estão fazendo ali — insistiu. Anawak balançou a cabeça.

— Pare de perguntar, Tom. Prometi ficar de bico fechado. Vamos falar de outra coisa.

— Para que essa palhaçada? Por que não pode nos dizer no que estão trabalhando?

— Tom...

— Afinal, gostaria de saber quando devo dar o fora daqui — continuou Shoemaker. — Essa conversa sobre tsunamis...

— Ninguém está falando de tsunamis.

— não? Merda! Mesmo sem vocês, comentou-se que há ligações. As pessoas não são idiotas, Leon. De Nova York, ouvimos duvidosas histórias de terror de doenças em massa, na Europa as pessoas estão morrendo, e inúmeros navios estão se ferrando, isso não se mantém em segredo. — Inclinou-se para a frente e piscou para Anawak. — Quer dizer, nós dois juntos salvamos as pessoas do Lady Wexham, querido. Estou no mesmo barco. Iniciado, entende? Círculo interior.

Delaware tomou um belo gole da lata e limpou a boca.

— não perturbe Leon. Se eles o intimaram, então o intimaram.

Estava de óculos novos, com lentes redondas cor de laranja. Fizera alguma coisa no cabelo, constatou Anawak. Estavam menos cacheados e caíam-lhe em ondas sedosas sobre os ombros. Na realidade, apesar dos dentes grandes demais, era bonita. Muito bonita, aliás.

Shoemaker levantou as mãos e deixou-as cair sobre o colo, num gesto desanimado.

— Vocês deveriam me levar junto. Sério, Leon. Eu poderia ajudar. Aqui fico apenas sentado e soprando a poeira dos guias de viagem.

Anawak assentiu com a cabeça. Também se sentia mal tendo de bancar o segreideiro. Este papel não lhe agradava. Bancara o segreideiro durante anos por uma causa própria, e, aos poucos, qualquer forma de segredinho o aborrecia. Por um instante perguntou-se se simplesmente não deveria falar sobre o trabalho no castelo. Mas não se esquecera do olhar de Li. Ela se mostrava compreensiva e gentil, mas estava certo de que teria muitos problemas se a coisa se tornasse pública.

Talvez ela até tivesse razão.

Deixou o olhar vagar pela loja. De repente, sentiu o quanto a estação tornara-se estranha para ele em poucos dias. Esta aqui não era a sua vida. Muita coisa mudara desde que se

reconciliara com Greywolf. Anawak pressentia que algo decisivo estava por acontecer, algo que mudaria completamente sua vida. Sentia-se como uma criança numa montanha-russa depois de notar que os carrinhos começaram a andar e que não poderia mais saltar. Medo, às vezes pavor, misturava-se a uma quase indescritível euforia e ansiedade curiosa. Antigamente a estação cercara-o como uma muralha. Agora sentia-se sentado ao ar livre, nu e desprotegido. Parecia faltar um cômodo na sua vida, uma porta que levasse ao quarto ao lado para poder isolar-se do mundo. Tudo o penetrava com uma intensidade insólita, tudo parecia-lhe muito alto e demasiadamente gritante.

— Deve continuar soprando a poeira dos seus guias — disse. — Sabe exatamente que este é o seu lugar, não num conselho de especialistas onde o atropelarão com palavras quando tentar dizer alguma coisa. Sem você, Davie estaria perdido.

Shoemaker olhou para ele.

— Um showzinho de motivação? — perguntou.

— não. Para quê? Por que deveria motivá-lo? Eu é que devo calar a boca e não posso contar nada aos amigos. Por que você não tenta me motivar?

Shoemaker girou a lata de cerveja na mão. E sorriu.

— Quanto tempo ficará?

— Posso escolher — disse Anawak. — Estão nos tratando como reis, há um serviço de helicóptero à nossa disposição 24 horas por dia. Só preciso ligar.

— Estão mesmo bajulando você, hein?

— E, estão. Em compensação, esperam que eu valha o esforço. Talvez devesse estar em Nanaimo, ou no aquário, ou em qualquer outro lugar, e trabalhar, mas eu queria vê-los.

— Você também pode trabalhar aqui. Está bem, irei motivá-lo. Venha jantar hoje à noite. Ganhará um belo steak. Eu mesmo irei virá-lo até adquirir a aparência e o sabor do próprio pecado.

— Boa idéia — disse Delaware. — A que horas? Shoemaker lançou-lhe um olhar indefinido.

— Você também será bem-vinda — disse.

Delaware apertou os olhos e não respondeu nada. Anawak perguntou-se o que estava acontecendo ali, mas decidiu ficar na sua por enquanto e prometeu a Shoemaker que chegaria às sete. Pouco depois, o grupo se desfez. Shoemaker foi para Ucluelet a fim de encontrar-se com Davie. Anawak seguiu a rua principal em direção ao seu barco e ficou contente com a companhia de Delaware. De certa forma, até sentira falta dessa chata.

— O que Tom quis dizer àquela hora? — perguntou. Ela se fez de desentendida.

— Do que está falando?

— Do convite para o steak. Do jeito como ele falou, parecia não gostar de vê-la acompanhada.

Delaware pareceu desconcertada. Ela brincou com alguns fios de cabelo e franziu o nariz.

— Pois é. Aconteceram algumas coisas nos dias em que você esteve fora. A vida é cheia de surpresas, não é mesmo? Às vezes nos pega de supetão.

Anawak parou e olhou para ela.

— Sim, e daí?

— Bem, no dia em que você foi para Vancouver e não apareceu mais... Quer dizer, você sumiu da noite para o dia! Ninguém sabia do seu paradeiro, e algumas pessoas estavam preocupadas. Entre outras, também o... ah... Jack. Bem, Jack me ligou, na realidade queria ligar para você, mas você não estava e...

— Jack? — perguntou Anawak.

— Sim.

— Greywolf? Jack o'Bannon?

— Ele disse que vocês haviam conversado — prosseguiu Delaware rapidamente, antes que ele pudesse continuar falando. — E que, aparentemente, foi uma conversa muito produtiva. De qualquer forma, ele estava contente e queria, eu acho, simplesmente bater um papo com você, e... — Ela olhou nos olhos de Anawak. — Foi uma boa conversa, não foi?

— E daí se não tiver sido?

— Seria muito ruim, porque...

— Está bem. Foi uma boa conversa. Agora será que você poderia parar de dar mil voltas e ir direto ao assunto?

— Estamos juntos — escapou-lhe. Anawak abriu a boca e fechou-a novamente.

— Como disse, às vezes somos surpreendidos! Ele veio para Tofino, eu tinha dado o número do meu telefone para ele, você sabe, de certa forma ele me impressionou... Quer dizer, compreendi o seu ponto de vista, e...

Anawak sentiu os cantos da boca tremerem. Procurou ficar sério.

— Compreendeu o seu ponto de vista. Claro.

— E então ele veio. Bebemos algo no Schooners e depois descemos para o cais. Ele me contou muito a seu respeito, e eu lhe falei de mim, sabe como são essas coisas, você conversa e conversa e, de repente... bumm... Você sabe o que quero dizer.

Anawak abriu um sorriso.

— E Shoemaker não está gostando nem um pouco disso.

— Ele odeia Jack!

— Eu sei. não pode levá-lo a mal. Só porque todos nós repentinamente voltamos a gostar de Greywolf, você especialmente, isso não muda em nada o fato de ele ter-se comportado como um babaca. Durante anos, se quer saber. Ele é um babaca.

— não mais do que você — escapou-lhe. Anawak assentiu com a cabeça.

E então riu. Apesar de toda a desgraça que tomara conta do mundo, riu da complicada história de Delaware, riu de si próprio e do seu rancor contra Greywolf, que, na realidade, fora causado pela raiva de uma amizade perdida, riu da sua vida nos últimos anos, da sua existência apática, monótona, riu de si mesmo até quase doer, e adorou.

Riu cada vez mais alto.

Delaware inclinou a cabeça e olhou para ele sem entender.

— Por que está rindo assim?

— Você tem razão — disse Anawak, rindo.

— O que quer dizer Você tem razão} Enlouqueceu?

Ele sentiu que o seu surto de alegria ameaçava transformar-se em histeria, mas não pôde impedir. Sacudiu-se de tanto rir. Não se lembrava da última vez em que rira tanto. Se jamais rira tanto.

— Licia, você é impagável — disse sem ar. — Você está tão certa. Babacas. Exatamente! Todos nós. E você está namorando Greywolf. Não estou acreditando. Minha nossa!

Os olhos dela apertaram-se.

— Está zombando de mim.

— Não, de forma alguma — disse, ofegante.

— Está, sim.

— Juro, é apenas... — De repente, lembrou-se de uma coisa. De algo que ele se perguntava por que não descobrira antes. Sua risada morreu. — Aliás, onde está Jack agora?

— Não sei. — Ela sacudiu os ombros. — Talvez em casa?

— Jack nunca está em casa. Achei que vocês estivessem namorando?

— Meu Deus, Leon! Não nos casamos, se é o que quer dizer. Estamos nos divertindo e estamos apaixonados, mas eu não controlo cada um dos passos dele.

?— Não — murmurou Anawak. — Ele nem gostaria disso.

— Por que está perguntando? Quer falar com ele?

— Quero. — Ele segurou-a nos ombros. — Licia, preste atenção. Preciso resolver alguns assuntos particulares. Procure encontrá-lo. Antes de hoje à noite, se possível, para não estragarmos o jantar de Shoemaker. Diga a ele que... Que eu gostaria de vê-lo. É, eu juro. Eu gostaria mesmo. Que eu estou até com saudades dele.

Delaware riu, insegura.

— Está bem. Direi a ele.

— Ótimo.

— Vocês homens são estranhos. Sinceramente. Minha nossa. Vocês são mesmo umas criaturas esquisitas.

Anawak foi até o barco, verificou a correspondência e deu um pulo no Schooners, onde tomou um café e conversou com pescadores. Durante sua ausência, dois homens tiveram um acidente de canoa e morreram. Apesar da proibição estrita,

ousaram sair. não levava nem dez minutos até serem atacados por orcas. Os restos mortais de um dos homens apareceram na praia mais tarde, do outro não havia pista alguma. Ninguém se dispunha a procurá-lo.

—não é problema deles mesmo — disse um dos pescadores, referindo-se aos operadores das grandes balsas, cargueiros e traineiras e à marinha. Tomava a sua cerveja com a obstinação de quem acreditava ter encontrado o culpado e a quem nada nem ninguém convenceria a deixar de responsabilizá-lo pelo sofrimento causado. E olhou para Anawak como se esperasse uma confirmação.

É problema deles, sim, Anawak esteve tentado a dizer, os seus navios não estão nada melhores. Permaneceu em silêncio. O que deveria responder? não podia falar das grandes relações, e as pessoas de Tofino apenas viam a sua parcela do mundo. não conheciam a crescente estatística de acidentes graves com a qual Peak confrontara o conselho.

—não, cara, isso veio a calhar para eles! — rosnou o homem. — As grandes flotilhas de pescadores estão estendendo cada vez mais os seus monopólios, e agora uma coisa dessas. Acabaram com os nossos peixes e agora irão acabar com o resto também, já que nós pequenos não podemos mais sair. — E depois, após mais um gole do seu copo, disse: — Deveríamos matar essas malditas baleias. Deveríamos mostrar-lhes como é que a banda toca.

Era o mesmo em todos os lugares. Aonde quer que Anawak fosse nestas primeiras horas em Tofino, ouvia a mesma exigência.

Matemos as baleias.

Fora tudo em vão? Os anos de empenho para forçar alguns miseráveis e furados decretos de proteção? Do seu jeito, o pescador frustrado no balcão do Schooners acertara em cheio. Do ponto de vista dos pequenos pescadores, a situação era favorável aos grandes, porque as grandes embarcações eram as únicas que ainda podiam percorrer as áreas de pesca, e aqueles a quem os ofícios da comissão de caça à baleia internacional, as cotas de pesca

limitadas e as proibições à caça sempre incomodaram. Finalmente voltaram a ter legitimização para caçar baleias.

Anawak pagou seu café e retornou à estação. A loja estava vazia. Acomodou-se atrás do balcão, ligou o computador e começou a navegar na internet, à procura de programas militares de adestramento. Foi muito difícil. Muitas páginas abriam. Enquanto, no castelo, tinham acesso a qualquer informação desejada, a rede pública sofria cada vez mais com a perda dos cabos submarinos.

Anawak não perdeu as esperanças. Rapidamente, encontrou a honepage do Programa de Mamíferos Marinhos da Marinha dos Estados Unidos sobre o trabalho militar nesta área. O que leu ali, já conhecia do Whistler Circuit. Qualquer repórter investigativo falara melhor inúmeras vezes a respeito. Fechou a página e continuou procurando. Após algum tempo, encontrou mensagens aparentemente promissoras sobre um programa militar na antiga União Soviética. Segundo elas, durante a Guerra Fria inúmeros golfinhos, leões-marinhos e belugas foram treinados para encontrar minas e torpedos perdidos e empregados na proteção da flotilha do mar Negro. Após a queda da União Soviética, os animais foram transferidos para um oceanário em Sebastopol, na Península de Krim, onde passaram a apresentar malabarismos até os proprietários não terem mais dinheiro para alimentação e medicamentos e estarem diante da opção de matar ou vender os seus pupilos. Assim, alguns animais foram parar em programas terapêuticos para crianças autistas. Outros foram vendidos ao Irã. A partir de lá, perderam a sua pista, o que fazia acreditar que haviam-se tornado objeto de novos experimentos militares.

Aparentemente, os mamíferos marinhos estavam vivendo um renascimento da liderança estratégica de guerras. Durante a Guerra Fria, os EUA e a União Soviética travaram uma verdadeira corrida de armamentos para ver quem teria o escalão de mamíferos marinhos mais eficiente. Com o fim dos países de bloco, a espionagem de golfinhos parecia ter chegado ao fim, mas às brigas das superpotências não se seguira uma ordem mundial melhor. O conflito entre israelenses e palestinos perdera o controle e começara a desestabilizar a região. Às escuras, desenvolveu-se

uma nova geração megapotente de terroristas capazes de sabotar navios militares americanos. Inúmeros conflitos internacionais cumulavam em águas minadas, projéteis perdidos e valiosos equipamentos que afundavam no mar e precisavam ser novamente resgatados. Os golfinhos, leões-marinhos e belugas demonstraram ser bem mais eficientes do que qualquer mergulhador ou robô. Na busca por minas, os golfinhos eram comprovadamente 12 vezes mais eficientes do que os humanos. No rastreio de torpedos, os leões-marinhos americanos das bases militares de Charleston e San Diego obtinham êxito em 95% dos casos. Enquanto os seres humanos apenas podiam trabalhar debaixo d'água dentro de certos limites, tinham dificuldades de orientação e precisavam passar horas em câmeras de descompressão, os mamíferos operavam em seu habitat natural. Os leões-marinhos conseguiam ver até mesmo em péssimas condições de luz. Os golfinhos orientavam-se até mesmo na escuridão absoluta através do sonar, uma rajada de sons de cliques cujos ecos lhes possibilitavam deduzir com precisão inacreditável a localização e a forma de objetos. Sem esforço, mamíferos marinhos mergulhavam dezenas de vezes por dia, alcançando profundidades de centenas de metros. Uma pequena equipe de golfinhos substituíria navios no valor de milhões, mergulhadores, tripulações e equipamentos. E sempre, quase sempre os animais retornavam. Em trinta anos, a Marinha norte-americana perdera somente sete golfinhos.

Então deu-se prosseguimento aos programas de adestramento americanos com novos meios. Da Rússia ouvia-se falar dos primeiros esforços em retomar o trabalho com os mamíferos. O exército indiano também deu início a programas próprios de criação e adestramento. Há pouco até mesmo o Oriente Médio ingressara na pesquisa.

Será que Vanderbilt estaria certo?

Anawak tinha certeza de que encontraria informações nas profundezas da Web que eram procuradas em vão na homepage da Marinha dos Estados Unidos. não era a primeira vez que ouvia falar das tentativas das forças armadas de subjugar baleias e golfinhos ao controle total. Tratava-se menos do adestramento clássico, e sim

da pesquisa neuronal iniciada outrora por John Lilly. Em todo o mundo, as forças armadas tinham um grande interesse no sonar dos golfinhos, muito superior a qualquer sistema humano e cujo funcionamento continuava-se não entendendo. Havia muitos indícios de que recentemente haviam sido realizados experimentos que iam muito além do que oficialmente se estaria disposto a admitir.

Seria ali que encontraria as respostas à pergunta do que teria acontecido às baleias.

Mas a rede mundial de computadores ficou muda.

Era uma mudez persistente, interrompida por quedas de sistema e erros de acesso. Levou três horas, e Anawak estava prestes a desistir. Seus olhos ardiam. Perdera a vontade e a concentração e quase perdeu breve nota do Earth Island Journal que apareceu na tela.

Marinha dos Estados Unidos responsável por golfinhos mortos?

O jornal era editado pelo Earth Island Institute, um grupo de proteção ambiental que buscava novos métodos de preservação da natureza e realizava diversos projetos. A equipe do Earth Island estava representada nas discussões sobre o clima revelava escândalos ambientais. Grande parte do seu trabalho era dedicado à vida nos oceanos e, especialmente, à proteção das baleias.

A pequena reportagem falava sobre um acontecimento no início dos anos 1990, quando 16 golfinhos mortos foram parar nas praias do litoral francês mediterrâneo. Todos os cadáveres apresentavam misteriosas feridas idênticas. Um buraco perfeito do tamanho de um punho na parte posterior da nuca, debaixo do qual se via a calota craniana. Na época ninguém conseguira explicar a origem das misteriosas lesões, mas certamente eram responsáveis pela morte dos animais. Acontecera durante a primeira crise do Golfo, quando as frotas americanas cruzaram o Mediterrâneo, e o Earth Island traçou um paralelo com os experimentos secretos da Marinha norte-americana que se suspeitava terem sido realizados naquele tempo. Aparentemente, não obtiveram o resultado esperado e viram-se forçados a encobri-los.

Alguma coisa parece ter dado muito errado naquela época, escreveu o jornal.

Anawak imprimiu o texto e tentou encontrar no arquivo mais artigos que falassem do caso. Estava tão concentrado em seu trabalho que mal ouviu a porta da estação ser aberta. Somente quando seu campo de visão escureceu é que ergueu o olhar e viu um abdome musculoso e um peito nu e coberto de pêlos projetando-se para a frente sob um casaco de couro aberto.

Jogou a cabeça para trás. Era inevitável diante do tamanho da criatura à sua frente.

— Você queria falar comigo — disse Greywolf.

A roupa de couro no seu corpo gigantesco estava gordurosa e velha como sempre. Prendera os cabelos compridos num vislumbrante rabo-de-cavalo. Os olhos e os dentes brilhavam. Anawak não vira o meio-índio por alguns dias, e, como tudo à sua volta, de repente também o viu com outros olhos. Sentiu a força do gigante, seu carisma, seu charme natural. Não era de espantar que Delaware se encantasse com tanta masculinidade junta. Provavelmente, nem partira de Greywolf.

— Pensei que estivesse em algum lugar em Ucluelet — disse.

— Eu estava. — Greywolf puxou uma cadeira e sentou-se, fazendo-a ranger. — Licia disse que está precisando de mim.

— Precisando? — Anawak sorriu. — Eu disse a ela que gostaria de vê-lo.

— O que, em outras palavras, quer dizer que precisa de mim. Por isso estou aqui.

— Como vai?

— Estaria melhor se você me oferecesse algo para beber.

Anawak foi até a geladeira, tirou cerveja e Coca-Cola e colocou-as no balcão. Greywolf bebeu metade de uma lata de Heineken de uma vez só e limpou a boca com a mão.

— Interrompi alguma coisa? — perguntou Anawak.

— Não esquite a cabeça. Estava pescando com alguns ricaços de Beverly Hills. Quanto a vocês observadores de baleias, o seu negócio idiota está tombando para o meu lado. Ninguém

acredita que o seu barco possa ser atacado por uma truta, então mudei de ramo e estou oferecendo passeios de pesca nos lagos e rios de nossa querida ilha.

— Vejo que a sua opinião sobre a observação de baleias não mudou muito.

— não, e por que deveria? Entretanto deixarei vocês em paz.

— Oh, obrigado — disse Anawak com sarcasmo. — Mas vem a calhar. Quer dizer, o fato de você dar continuidade à sua luta pela natureza atribulada. Conte-me mais uma vez em breves tópicos o que fazia na marinha.

Greywolf olhou para ele, espantado.

— Mas você sabe.

— Conte-me novamente.

— Eu era treinador. Treinávamos golfinhos para ações táticas militares.

— Onde? Em San Diego?

— Sim, lá também.

— E você foi dispensado por fraqueza do miocárdio ou algo assim. Com todas as honras.

— Exatamente — disse Greywolf entre dois goles.

— isso não é verdade, Jack. não foi dispensado. Foi embora por conta própria. Greywolf afastou a lata da boca e colocou-a quase cuidadosamente no balcão.

— De onde tirou isso?

— Porque é o que está registrado nos arquivos do Centro San Diego de Sistemas de Guerra Espacial e Naval — disse Anawak. Começou a andar lentamente de um lado para o outro na loja. — Só para você ver como estou informado: O San Diego é a organização que seguiu um órgão chamado Centro de Sistemas Oceânicos, Comando e Controle da Marinha, com sede também em San Diego, Point Loma. Era financiado por uma organização que originou o atual Sistema de Mamíferos Marinhos da Marinha dos Estados Unidos. Cada uma dessas instituições aparece de alguma forma quando se lê a história dos programas de mamíferos marinhos e, extra-oficialmente, cada uma delas está relacionada a uma série de experimentos duvidosos que aparentemente nunca

existiram. —? Anawak hesitou por um instante. E decidiu blefar: — Experimentos realizados em Point Loma, onde você esteve estacionado.

Atento, Greywolf acompanhou a caminhada de Anawak pela loja.

— Para que está me contando essa besteira toda?

— Em San Diego, atualmente estão sendo pesquisados os hábitos alimentares, o comportamento de caça e a comunicação, a capacidade de adestramento, possibilidades de reintegração à vida selvagem e por aí afora. Entretanto o que mais interessa às forças armadas é o cérebro dos mamíferos. Esse interesse teve início na década de 1960. Durante a primeira Guerra do Golfo, parece ter sido reavivado. Na época, você já estava lá havia alguns anos. Quando saiu da Marinha, ocupava o cargo de tenente e era responsável pelos escalões de golfinhos IVK6 e MK7, dois de um total de quatro. Greywolf franziu as sobrancelhas.

— E daí? Vocês não têm outros assuntos para tratar na sua junta? A situação na Europa, por exemplo?

— O próximo passo da sua carreira seria assumir a responsabilidade sobre todo o programa — prosseguiu Anawak. — Em vez disso, você caiu fora.

— não caí fora nada. Eles me excluíram. Anawak balançou a cabeça.

— Jack, estou usufruindo certos privilégios consideráveis. Graças a eles, tenho acesso a uma série de dados absolutamente confiáveis. Você foi por conta própria, e eu gostaria de saber por quê.

Pegou a impressão do artigo do Earth Island do balcão e estendeu-o a Greywolf, que olhou rapidamente e pôs o papel de lado. Durante um bom tempo permaneceram em silêncio.

— Jack — disse Anawak em voz baixa. — Você acertou. Realmente estou contente em vê-lo, mas preciso da sua ajuda.

Greywolf olhou para o chão, calado.

— O que aconteceu naquela época? Por que foi embora?

O meio-índio continuou imóvel. E então se esticou e cruzou os braços atrás da cabeça.

— Por que deseja saber isso?

— Porque poderia nos ajudar a compreender o que está acontecendo com as nossas baleias.

— não são suas baleias. não são seus golfinhos. Nada lhes pertence. Quer saber o que está acontecendo? Estão reagindo, Leon. Estamos recebendo a conta vencida há muito tempo. não irão mais cooperar. Consideramo-los propriedade, causamos-lhes dor, abusamos delas e ficamos encarando-as. Simplesmente cansaram de nós.

— Você realmente acredita que estão agindo por vontade própria? Greywolf ia falar e então balançou a cabeça.

— Já não me interessa mais por que estão fazendo isto ou aquilo. Já nos interessamos demais por elas. não quero saber, Leon, apenas quero que as deixem em paz.

"— Jack — disse Anawak lentamente. — Estão sendo forçadas.

— Tolice. Quem...

— Estão sendo forçadas! Temos provas. Eu nem poderia estar lhe contando isso, mas preciso de informações. Você quer poupá-las da dor, então faça isso Estão sofrendo mais do que você imagina...

— Do que eu imagino? — Greywolf deu um salto. — O que você sabe? Você não sabe de nada!

— Então me esclareça.

— Eu... — O gigante parecia lutar consigo mesmo. Rangeu os dentes e fechou as mãos em punho. E então alguma coisa mudou nele. Seu corpo descontraíu-se, até relaxou. — Venha comigo — disse. — Vamos dar uma volta.

Durante algum tempo, caminharam lado a lado em silêncio. Na beira da cidade, Greywolf escolheu uma trilha que levava para a água através das árvores. Após alguns passos, chegaram ao declive. Um pequeno cais frouxo levava mar adentro e dava vista para a beleza árida da enseada. Greywolf caminhou lentamente ao longo das tábuas entortadas pelo vento e sentou-se na ponta do cais. Anawak seguiu-o. De Tofino apenas viam o píer de Davie e algumas casas de palafitas por detrás da península, à direita.

Ficaram sentados ali por algum tempo, olhando para as montanhas, cujas cores brilhavam fortemente à luz da tarde.

— Seus dados não estão completos — disse Greywolf finalmente. — Oficialmente, há quatro grupos, MK4 a 7, mas ainda existe um quinto grupo de pseudônimo MK0. Aliás, a Marinha prefere o termo sistema agrupo. Cada sistema deve cumprir certas tarefas. Está certo, San Diego detém o controle, mas eu passei a maior parte do tempo em Coronado, Califórnia, onde muitos dos animais são treinados. As forças armadas mantêm-nos no seu habitat natural, em enseadas e portos. E sentem-se bem ali! São alimentados regularmente e recebem excelente tratamento médico, isso é mais do que muitas pessoas têm.

— E você era responsável por este quinto grupo... o quinto sistema?

— não está compreendendo. O MK0 é diferente. Em geral, um sistema abrange de quatro a oito animais com tarefas definidas. O MK4, por exemplo, tem a função de encontrar e marcar minas ancoradas no fundo do mar. Tudo golfinhos. Além do mais, são treinados para informar tentativas de sabotagem a navios. O MK5 é um escalão de leões-marinhos, o MK6 e o MK7 também procura minas, mas são empregados principalmente na defesa contra mergulhadores inimigos.

— Eles atacam os mergulhadores?

— não. Dão uma narigada no invasor, prendendo uma corda enrolada na sua roupa cuja ponta é presa a uma bóia. A bóia fica acoplada a uma luz estroboscópica que nos informa a posição do mergulhador. O resto é realizado por nós.

É mais ou menos assim com as minas. Os animais informam a descoberta. Em alguns casos, mergulham com um ímã, posicionam-no na mina, o ímã está preso uma corda que eles trazem de volta. Se a mina não estiver firmemente ancorada basta puxar a corda. Pronto. As orcas e as belugas buscam torpedos em até um quilômetro de profundidade, é impressionante. É preciso saber que procurar minas é uma tarefa mortal para os humanos. não é nem pelo fato de o troço poder explodir na sua cara, mas porque, quase sempre, você as procura perto do litoral e,

principalmente, onde está tendo confusão. Atiram em você da costa. E as minas não matam os animais?

— Oficialmente, nenhum animal morreu por isso. De fato há exceções, entretanto numa margem tolerável. Em todo caso, inicialmente eu apenas ouvi falar do MK0 e achava que era historinha. não é um sistema de verdade, somente o pseudônimo para uma série de programas e experimentos realizados em diversos lugares e com cada vez mais animais. Os animais do MK0 não entram em contato com outros animais, entretanto às vezes os animais dos sistemas regulares são recrutados para o MK0, e então desaparecem para todo o sempre. — Greywolf fez uma pausa. — Eu era um bom treinador. O MK6 foi o meu primeiro sistema. Participávamos de todas as grandes manobras. Em 1990, assumi o MK7, e todo mundo me dava tapinhas nos ombros. Elogiavam bastante o meu trabalho, até um dia alguém chegar à conclusão de que eu deveria saber um pouco mais.

— Sobre o MK0.

— Naturalmente, eu sabia que os golfinhos da Marinha tiveram o seu primeiro grande êxito no início dos anos 1970, no Vietnã, onde protegiam portos na Enseada Cam Ranh e deram um fim à sabotagem submarina dos vietcongs. E a primeira coisa que lhe contam no MMS e têm um imenso orgulho disso. O que não lhe contam são as circunstâncias em que tudo aconteceu. Também não desperdiçam sequer uma palavra sobre o Programa de Neutralização de Mergulhadores. Este funciona um pouco diferente. Os animais são treinados para arrancar a máscara e as nadadeiras dos homens-rã inimigos e arrancar-lhes o tubo de oxigênio. Bastante brutal, mas, além disso, no Vietnã usavam facas longas como estiletos nas nadadeiras e alguns carregavam arpões consigo nas costas. O que o atacava debaixo d'água não era mais um golfinho, mas uma máquina mortífera. E até isso não é nada contra a próxima invenção da Marinha, quando fixaram injeções subcutâneas nos animais com as quais deviam atacar os mergulhadores, o que fizeram assiduamente. Todas as vezes, o problema para o mergulhador envolvido era que a injeção disparava uma carga de três mil psi de dióxido de carbono no seu corpo, ou

seja, ácido carbônico comprimido. O gás espalha-se dentro de poucos segundos. A vítima explode. É rasgada em pedaços. Mais de quarenta vietcongs foram assassinados dessa forma pelos nossos animais, e, acidentalmente, dois americanos também, mas há uma margem de erro em tudo. Anawak sentiu o estômago embrulhar.

— Algo similar aconteceu no final da década de 1980 em Bahrain — prosseguiu Greywolf. — Era a minha primeira vez na guerra. Meu sistema estava executando o seu trabalho como esperado, mas eu não fazia a menor idéia do MK0 Muito menos que eles jogavam os animais de pára-quadras em regiões inacessíveis às vezes de três quilômetros de altura, nem todos sobreviviam. Outros eram lançados de helicópteros sem pára-quadras de aproximadamente vinte metros acima do mar. E outros ainda eram soltos com minas que seriam afixadas em cascos de navios e submarinos inimigos. Às vezes esperavam os animais chegarem bem perto e detonavam as minas por controle remoto. Empreendimento camicase. Pouco tempo depois fiquei sabendo disso. — Greywolf calou-se um instante. — Já deveria ter parado naquela época, Leon, mas a Marinha era a minha casa. Eu era tão feliz ali. não sei se você consegue entender, mas era assim.

Anawak permaneceu em silêncio. Compreendia muito bem até.

— Então me consolava dizendo que fazia parte dos goodguys. Entretanto o comando supremo acreditava que futuramente deveria me incluir no programa MK0. Os bad guys me achavam extraordinariamente talentoso no trato com os animais. — Greywolf cuspiu. — E tinham razão, os filhos-da-puta, e eu fui um idiota, porque disse sim em vez de dar-lhes um murro na cara. Tentei convencer-me de que a guerra era assim mesmo. As pessoas morrem nas lutas, pisam em minas ou levam um tiro ou são queimadas, então para que essas lamentações por causa de alguns golfinhos? Assim, cheguei em San Diego, onde estavam equipando orcas com ogivas nucleares...

— Como?

Greywolf olhou para ele.

— Está espantado? Eu já não me espanto com mais nada. Há projetos de soltar orcas com um negócio desses. Uma ogiva dessas pesa sete toneladas, uma orca adulta pode carregá-la por várias milhas até um porto inimigo. É praticamente impossível interromper uma orca nuclear. não sei o quanto avançaram até agora, mas acredito que hoje em dia isso não represente mais um problema. Na época estavam no meio das pesquisas. Nesse contexto, fui testemunha de outro experimento. A Marinha costuma mostrar vídeos aos jornalistas com golfinhos que saem nadando com uma mina ativada e as trazem de volta alegremente, em vez de detonar o traseiro do capitão de submarino russo para o qual estava determinada. Com base nisso, a Marinha declara não existirem tais comandos assassinos. De fato, isso pode acontecer, mas é extremamente raro. No pior dos casos, um barco com três homens explode. A Marinha pode suportar isso. não a impediu de dar continuidade a esses experimentos. — Greywolf fez uma pausa. — Agora, se você não consegue controlar uma baleia nuclear no seu rumo, já é outra coisa. Se ela voltar, e o troço estiver ativado, você terá um problema. A Marinha pode soltar tantas orcas quanto queira, mas precisa ter certeza de que os animais não terão idéias próprias. E a melhor forma de evitar idéias próprias é sequer permiti-las.

— John Lilly — murmurou Anawak.

— O quê?

— Um pesquisador. Na década de 1960, realizou experimentos com cérebros de golfinhos.

— Lembro-me de ter escutado esse nome algum dia — disse Greywolf, pensativo. — Em todo caso, em San Diego fui testemunha de como abriam as cabeças de golfinhos. Foi em 1989. Faziam pequenos buracos na calota craniana com um martelo e um cinzel. Os animais estavam completamente conscientes e precisavam ser segurados por vários homens fortes, porque tentavam saltar da mesa constantemente. Explicaram-me que não seria pelas dores, mas porque a bateção irritaria os animais. Na realidade, o procedimento parecia ser bem mais doloroso do que de

fato era. Através dos buracos, inseriam eletrodos para mandar estímulos elétricos ao cérebro.

— Sim, isso é John Lilly! — gritou Anawak, exaltado. — Ele tentou fazer uma espécie de mapa do cérebro.

— acredite, a Marinha fez o seu mapa — disse Greywolf, amargurado. — Achei horrível, mas calei a boca. Mostraram-me um golfinho nadando numa piscina com um dispositivo na nuca que lembrava um arreio. O dispositivo estava ligado a eletrodos através da calota craniana. Conseguiram controlar o animal por meio de sinais elétricos. Era surpreendente, isso é indiscutível. Podiam fazer com que o golfinho nadasse para a direita ou para a esquerda, saltasse, sentisse agressões ou atacasse bonecos que simulavam mergulhadores, podiam desencadear o seu mecanismo de fuga ou criar uma espécie de estado de repouso. Já não fazia a menor diferença se o animal teria colaborado ou não por vontade própria. Esse golfinho não tinha mais vontade própria. Funcionava como um carro de controle remoto, um brinquedo de criança. Bem, estavam entusiasmados. Tudo indicava que a coisa era um grande sucesso. Em 1991, estávamos a caminho do Golfo e levamos cerca de duas dúzias desses golfinhos de controle remoto enquanto, paralelamente, trabalhavam em baleias nucleares em San Diego. Eu continuava com eles, continuava calando a minha boca sempre tão falante e dizia a mim mesmo que aquele não era o meu projeto. Meus golfinhos procuravam minas, eram bem-alimentados e acariciados. Insistiam em que eu entrasse ativamente no MK0 e, de alguma forma, consegui um tempo para pensar — tempo para pensar não é bem visto nas forças armadas, essa expressão contém a palavra pensar! —, mas, tudo bem, atenderam ao meu pedido. Passamos o estreito de Gibraltar e realizamos séries de testes em mar aberto. Inicialmente, tudo correu bem. E então começaram os primeiros problemas. Nos laboratórios e aquários de San Diego, o controle remoto funcionara perfeitamente, mas em mar aberto os animais estavam expostos a outros estímulos. Os problemas aumentaram. Simplesmente não funcionava em mar aberto, ao menos não da forma como a coordenação do projeto imaginara a coisa, e os animais transformaram-se num risco de segurança. não

podíamos levá-los de volta à América e ninguém queria levá-los para o Golfo. Ancoramos em frente à França. Lá existe um instituto parceiro em que os franceses cooperavam no programa MK0. Os franceses não são exatamente os nossos melhores amigos, mas são muito avançados nas pesquisas marítimas, então fizeram-se alianças. Esperávamos obter algumas respostas. Um homem chamado René Guy Busnel nos recebeu e foi-me apresentado como coordenador do renomado Laboratório de Acústica Animal. Ele prometeu cuidar dos nossos problemas e nos convidou para uma visita guiada. Logo no primeiro desses renomados laboratórios, mostrou-nos um golfinho preso numa armação de hastes, totalmente mutilado. Das suas costas saía uma faca do comprimento de um braço. Jamais perguntei para que fizeram isso, mas presenciei a assistente laboratorial entregando-nos um cartão de boas-vindas do instituto assinado com o sangue do golfinho, e todos riram.

Greywolf deteve-se. Do fundo do seu gigantesco tórax saiu um som indefinível, algo como um suspiro resignado.

— Busnel relatou sobre experimentos cerebrais e chegou à conclusão de que seria impraticável daquela forma. Aparentemente, o coordenador do projeto não avaliara ou se dera conta de uma outra coisa, sei lá. De volta a bordo, houve uma reunião, e decidiram livrar-se dos golfinhos. Simplesmente deixamos que nadassem mar afora, e, quando se afastaram algumas centenas de metros do navio, alguém apertou um botãozinho num aparelho. Haviam implantado detonadores nos arreios dos eletrodos para evitar que a tecnologia fosse parar em mãos inimigas. Não era muito, somente o suficiente para detonar os arreios e os eletrodos. Os animais morreram nesse procedimento. Depois seguimos viagem.

Greywolf mordeu o lábio. E olhou para Anawak.

— Esses são os golfinhos que foram parar no litoral francês. Sua notícia do Earth Island. Agora você sabe.

— E você...

— Eu disse a eles que bastava. Tentaram persuadir-me. Inutilmente. Naturalmente não lhes agradou ter em seus arquivos

um registro de demissão por motivos desconhecidos de um de seus melhores treinadores de golfinhos. Isso é isca para centenas de repórteres, a televisão liga, você sabe. Houve muitas conversas. Finalmente concordamos em que me dariam um monte de dinheiro e, em compensação, me dispensariam por motivos de saúde. Na realidade, sou mergulhador de combate. Com fraqueza do miocárdio, é impossível. Ninguém faz perguntas idiotas quando você é dispensado por fraqueza do coração. E eu estava fora.

Anawak olhava para a enseada.

— não sou cientista como você — disse Greywolf baixinho. — Entendo de golfinhos e de como lidar com eles, mas nada de neurologia e essa porcaria toda. não suporto quando alguém se interessa demais por uma baleia ou um golfinho, isso é tudo, nem que seja só para tirar uma foto. não suporto, não tenho como mudar isso.

— Shoemaker acredita até hoje que você queira se vingar. Greywolf balançou a cabeça.

— Durante um tempo, acreditava que a observação de baleias era bom, mas você viu que não funcionou. Eu mesmo me mandei embora. Simplesmente fiz o necessário para que vocês o fizessem.

Anawak apoiou o queixo nas mãos.

Era tão bonito aqui. Tão incrivelmente bonita esta enseada com as montanhas, esta ilha toda, chegava a doer.

— Jack — disse após um tempo. — Precisaré adotar outra postura. Está acontecendo novamente. Suas baleias não estão se vingando. não estão prestando contas. Estão sendo guiadas. Alguém está realizando o seu próprio programa MKO com elas. É ainda muito pior do que tudo que a Marinha aprontou com elas.

Greywolf não respondeu nada. Finalmente deixaram o píer e retornaram em silêncio para Tofino pela trilha da floresta. Em frente à Estação Baleeira Davies, Greywolf parou.

— Um pouco antes de sair, ouvi dizer que os experimentos com as baleias nucleares haviam avançado consideravelmente. Nesse contexto, citaram um nome. Tratava-se de neurologia e algo que chamavam de computador neuronal. Disseram que, para

controlar totalmente os animais, seria necessário seguir as idéias de um certo Kurzweil. Professor Kurzweil. Achei que deveria lhe contar isso. não faço a menor idéia se poderá aproveitar esta informação.

Anawak refletiu.

— Sim — disse. — Acho que sim.

## **CHATEAU WHISTLER, CANADÁ**

No começo da noite, Weaver bateu à porta do quarto de Johanson. Como de costume, girou a maçaneta para entrar, mas a porta estava trancada.

Vira-o retornar de Nanaimo. Johanson pretendia encontrar-se com Bohrmann. Weaver desceu com o elevador até a recepção e encontrou-o no bar, onde estava reunido com o alemão e Stanley Frost. Estavam debruçados sobre diagramas e envolvidos em discussões violentas.

— Olá. — Weaver aproximou-se deles. — Conseguiram avançar?

— Estamos presos — disse Bohrmann. — Ainda há algumas incógnitas na equação.

— Ah, desvendaremos essas também — rosnou Frost. — Deus não joga dados.

— Einstein disse isso — comentou Johanson. — E estava errado.

— Deus não joga dados!

Ela esperou um pouco. E então encostou-se em Johanson.

— Eu poderia... Desculpe incomodar, mas posso falar com você a sós por um instante?

Johanson hesitou.

— Agora? Estamos analisando o cenário de Stan. É de dar medo.

— Sinto muito.

— Por que não nos faz companhia?

— não pode se desligar ao menos por alguns minutos? não levaremos muito tempo. — Ela sorriu para os outros. — Depois me

juntarei a vocês, suportarei todas as simulações e os enervarei com comentários espertos.

— Simpática idéia — sorriu Frost.

— E para onde vamos? — perguntou Johanson ao deixarem a mesa.

— Tanto faz. Para o saguão.

— É algo relevante?

— Relevante é pouco!

— Está bem.

Saíram. O sol estava baixo e jogava uma luz avermelhada sobre o castelo e os cumes nevados das Rochosas. Os helicópteros em frente ao hotel pareciam insetos gigantes parados. Caminharam um pouco em direção ao Whistler Village. De repente, Weaver envergonhou-se da situação. Os outros provavelmente pensariam que ela e Johanson teriam segredos, mas, na realidade, apenas queria ouvir a sua opinião. Queria deixá-lo decidir quando deveria comunicar a sua teoria ao conselho, e, para isso, era preciso informá-lo antecipadamente.

— Como foi em Nanaimo? — perguntou.

— Assustador.

— Disseram que Long Island foi invadida por caranguejos assassinos.

— Caranguejos com algas assassinas — disse Johanson. — Como na Europa, entretanto bem mais venenosas.

— Parece uma nova onda de ataques.

— É. Oliviera, Fenwick e Rubin fizeram as análises. — Ele pigarreou. — Fico honrado com o seu interesse, mas, na realidade, você queria me contar alguma coisa.

— Dediquei o dia inteiro a dados de satélites. Depois comparei os cálculos dos radares com imagens multiespectrais. Gostaria de ter consultado os dados das sondas flutuantes de Bauer, entretanto elas não estavam mais enviando dados. Mas foi o suficiente. Você sabia que o nível do mar se abaula nas margens dos grandes redemoinhos oceânicos?

— Ouvi dizer.

— A Corrente do Golfo é uma dessas áreas. Bauer desconfiou de que alguma coisa estaria acontecendo nessa região, não encontrou mais as chaminés do Atlântico Norte em que a água despenca e deduziu que alguma coisa estaria interferindo no comportamento das grandes correntezas, mas não tinha certeza.

— E?

Ela parou e olhou para ele.

— Eu calculei, comparei, observei, calculei, comparei, duvidei, observei, calculei. O abaulamento da Corrente do Golfo desapareceu.

Johanson franziu a testa.

— Você quer dizer...

— O redemoinho não está mais girando como antigamente, e, ao observar a imagem espectral ao seu lado, percebe-se que o calor também diminuiu proporcionalmente. Já não há dúvidas, Sigur. Uma nova era do gelo está se aproximando. A Corrente do Golfo parou de fluir. Algo a interrompeu.

## **CONSELHO DE SEGURANÇA**

— Isso é uma grande sacanagem! E alguém vai pagar.

O presidente queria ver sangue.

Chegara à Base Aérea Offutt e imediatamente convocara uma videoconferência secreta com o Conselho de Segurança Nacional. Washington, Offutt e o castelo estavam conectados. Na sala de crises da Casa Branca estavam o vice-presidente, o ministro da Defesa e seu vice, a ministra das Relações Exteriores, o conselheiro de segurança do presidente, o diretor do FBI e o presidente do Comitê de Chefes de Estado-Maior. Da Central de Combate ao Terrorismo na sede sem janelas da CIA, às margens do Potomac, estavam conectados o diretor da mesma, o vice-diretor de Operações e o diretor do Centro de Contra-terrorismo e coordenador das ações especiais. A chefe do Comando Central, general Judith Li, e o vice-diretor da CIA completavam o círculo. Estavam sentados na Sala de Guerra improvisada do castelo, diante de uma série de monitores onde se viam os outros participantes da

reunião. A maioria deles ostentava uma expressão de absoluta resolução, alguns pareciam mais perplexos.

O presidente não procurou esconder a sua raiva. A tarde, o seu vice sugerira-lhe confiar a coordenação de um gabinete de crise aos chefes dos conselhos entretanto fizera questão de coordenar ele próprio as reuniões do plenário do Conselho de Segurança Nacional. De forma alguma queria permitir que lhe tirassem o poder de decisão.

Com isso, correspondeu plenamente às expectativas de Li.

Na hierarquia dos conselheiros, Li não era a mais importante. O posto militar mais alto era o do presidente do Comitê de Chefes de Estado-Maior. Era o principal conselheiro militar do presidente e também tinha um vice. Qualquer idiota tinha um vice. Entretanto Li sabia que o presidente respeitava a sua opinião, o que a enchia de orgulho. A cada segundo, a visão da sua futura carreira estava presente, assim como agora, enquanto acompanhava concentradamente o decorrer da reunião. De comandante-geral chegaria a presidente do Comitê de Chefes de Estado-Maior. O atual presidente estava prestes a deixar o cargo, e o seu vice era comprovadamente uma toupeira. Em seguida, poderia dar uma volta política como ministra das Relações Exteriores ou no Ministério da Defesa para, depois, candidatar-se a presidente. Caso agora fizesse bem o seu trabalho — ou seja, exclusivamente no interesse dos Estados Unidos —, estaria com as eleições praticamente ganhas. O mundo encontrava-se diante do abismo, Li diante da ascensão.

— Estamos enfrentando um inimigo sem cara — disse o presidente. — Alguns aqui acreditam que devemos nos direcionar àquela parcela da humanidade de onde parece partir a ameaça. Outros duvidam de que se trate de mais do que um trágico acúmulo de processos naturais. Quanto a mim, não quero longos discursos, mas um consenso para que possamos agir. Quero ver planos, quero saber o que custa e quanto tempo leva.—Apertou os olhos. Era possível deduzir o grau de sua raiva e sua resolução a partir da intensidade com que apertava os olhos. — Eu, pessoalmente, não acredito no conto da natureza descontrolada. Estamos em guerra.

Esta é a minha opinião. A América está em guerra, então o que faremos?

O presidente do Comitê de Chefes de Estado-Maior disse que seria necessário sair da defensiva e partir para o ataque. Pareceu bastante firme. O ministro da defesa olhou para ele, franzindo a testa.

— A quem pretende atacar?

— Existe alguém que iremos atacar — disse o presidente, decidido. — É o que interessa inicialmente.

O vice-presidente deu a entender que no momento não considerava grupamentos individuais capazes de realizar ofensivas terroristas desse porte.

— Se for, há um país por detrás disso — disse. — Ou uma região política. Talvez vários países, quem sabe. Jack Vanderbilt foi o primeiro a expressar esta idéia, e acredito que seja bem provável. Quer dizer, devemos prestar atenção àqueles que seriam capazes de fazer estas coisas.

— Alguns seriam — disse o diretor da CIA.

O presidente acenou a cabeça, concordando. Desde que o diretor, imediatamente antes da sua posse, falara-lhe longamente sobre a CIA boa, a CIA má e a CIA feia, via o mundo povoado por criminosos impiedosos que planejavam a decadência dos Estados Unidos. Sua suposição não estava totalmente errada.

— A questão é se devemos procurar entre os nossos inimigos clássicos — comentou, apesar disso. — O mundo livre está sendo atacado, não somente a América.

— O mundo livre? — O ministro da Defesa bufou. — Cara, estes somos nós

A Europa é parte da América livre. A liberdade do Japão é a liberdade da América. Canadá, Austrália... Se a América não for livre, eles também não serão. — Tinha uma folha diante de si e bateu com a palma da mão nela. Ela continha as suas anotações do dia. Acreditava que nenhum fato seria tão complicado a ponto de não poder ser resumido numa folha de papel. — Só para lembrar — disse —, as armas biológicas estão no poder de Israel e no nosso, estes são os bons. E depois a África do Sul, a China, a Rússia e a

Índia, estes são feios. Além da Coreia do Norte, do Irã, do Iraque, a Síria, Líbia, Egito, Paquistão, Cazaquistão e Sudão. Os maus. E isto aqui é um ataque biológico. Isto é mau.

— É possível que também haja componentes químicos — disse o vice-ministro da Defesa. — Ou não?

— Calma. — O diretor da CIA levantou a mão. — Digamos que tais ações, como as que estamos vivendo, estejam ligadas a um monte de dinheiro e a um baita empenho. A produção de armas químicas é simples e econômica, mas essas coisas biológicas requerem enormes recursos. E não somos cegos. O Paquistão e a Índia estão trabalhando conosco. Treinamos mais de cem agentes secretos paquistaneses para operações secretas. No Afeganistão e na Índia, dezenas de agentes trabalham para a CIA, alguns com excelentes contatos. Esqueça toda essa região lá embaixo. Temos tropas paramilitares no Sudão que cooperam com a oposição local, e, na África do Sul, há gente nossa no governo. Em nenhum lugar percebeu-se algum planejamento maior. Portanto precisamos verificar onde ultimamente, correu mais dinheiro e houve mais atividades. Nossa função é cercar a área, não nomear todos os malandros deste mundo.

— Nesse contexto, gostaria de dizer — disse o diretor do FBI — que não há dinheiro envolvido.

— O que quer dizer?

— Você sabe que as ordens de execução para o monitoramento de fontes financeiras terroristas possibilitam-nos amplo controle. O Ministério da Fazenda tem conhecimento de onde foram transferidas quantias maiores. Teríamos percebido alguma coisa.

— E?

— Nenhum indício. Nem na África, na Ásia ou no Oriente Médio. Nada aponta para o envolvimento de qualquer país.

Vanderbilt pigarreou.

— não nos dariam essa informação de mão beijada — disse.  
— Também não está no Washington Post.

— Eu repito, não temos nenhum...

— Lamento decepcionar alguma pessoa — interrompeu-o Vanderbilt. — Mas alguém acredita seriamente que quem é capaz de detonar o mar do Norte e envenenar Nova York apresentaria a sua maleta de dinheiro à nossa equipe?

Os olhos do presidente tornaram-se estreitos como fendas.

— O mundo está mudando — disse. — E, num mundo desses, espero que possamos ver todas as maletas. Podemos escolher se os filhos da mãe são os espertos ou nós, os idiotas. Sei que alguns deles são muito espertos, mas a nossa função é sermos ainda mais espertos. E a partir de hoje. — Olhou para o diretor da Central de Combate ao Terrorismo. — E então, o que sabemos?

O diretor sacudiu os ombros.

— A última informação que tivemos é um aviso dos indianos de que a Jihad paquistanesa pretende explodir a Casa Branca. Já os conhecemos. não há perigo algum. Aliás, já sabíamos disso antes e havíamos acompanhado diversas transações financeiras. Diariamente, o Centro de Reação Global acumula montes de informações sobre o terrorismo internacional. É verdade, senhor presidente. não há nada que não saibamos.

— E no momento está tudo tranqüilo?

— Nunca está tudo tranqüilo. Mas o que está acontecendo visivelmente não foi programado nem financiado. O que não quer dizer nada, confesso.

O presidente fitou-o durante alguns segundos e, em seguida, olhou para o diretor de Operações Secretas.

— Exijo empenho dobrado da sua equipe — disse firmemente. — Independentemente dos postos externos ou bases que estejam ocupando. Os cidadãos americanos não deverão sofrer prejuízos porque alguém aqui esqueceu de fazer o seu dever de casa.

— Naturalmente, senhor.

— Permitam-me lembrar novamente que estamos sendo atacados. Estamos em guerra! Quero saber com quem.

— Olhe para o Oriente Médio — disse Vanderbilt, impaciente.

— Estamos olhando — disse Li ao seu lado.

O homem gordo suspirou sem olhar para ela. Sabia que Li não concordava com ele.

— Naturalmente, pode-se bater na própria cara para causar a impressão de ter sido espancado — disse Li. — Mas é possível para acreditar? Tomando por base quaisquer interesses vitais de países com os quais não simpatizamos, seria idiotice acreditar que eles prejudicariam a si mesmos. Caso estejamos na sua mira, um pouco de terror em outro lugar do mundo certamente faria sentido para desviar a atenção dos Estados Unidos. Mas não desta forma.

— Neste ponto, nossa opinião diverge — disse o diretor da CIA.

— Eu sei. Esta é a minha: não somos o alvo principal. Aconteceu coisa demais, tudo é ominoso demais. Que esforço louco é esse de controlar milhares de animais e criar milhões de novos organismos, desencadear um tsunami no mar do Norte, sabotar a pescaria, empestear a Austrália e a América do Sul com águas-vivas, destruir navios? Ninguém tiraria proveito econômico ou político disso. Mas está acontecendo, e queira Jack ou não, também está acontecendo no Oriente Médio. Precisamos viver com isso, mas me recuso a acusar os árabes.

— Alguns cargueiros foram afundados — rosnou Vanderbilt.  
— No Oriente Médio.

— Mais do que alguns.

— Talvez seja um maníaco de grandeza? — sugeriu a ministra das Relações Exteriores. — Um criminoso.

— É mais provável — disse Li. — Alguém assim poderia mover quantias imensas sob o disfarce da honestidade sem ser percebido e utilizar todos os meios tecnológicos. Acredito que precisamos pensar mais nestes termos. Alguém inventa alguma coisa. Então inventamos um antídoto. Alguém nos manda vermes, inventamos algo contra os vermes. Alguém cria caranguejos assassinos, algas e substâncias venenosas. Nós tomamos contramedidas.

— Que contramedidas vocês tomaram? — perguntou a ministra das Relações Exteriores.

— Nós... — começou o ministro da Defesa.

— Nós interditamos a Grande Nova York — interrompeu-o Li, que não gostava quando alguém ostentava os seus deveres de casa. — E soube há pouco que os alarmes de caranguejos em frente à Washington devem ser levados a sério. Devemos isso ao reconhecimento por aviões. Washington também deverá entrar em quarentena. Os funcionários da Casa Branca, portanto, deveriam seguir o exemplo do presidente e mudar-se para outro local durante a crise. Mandei posicionar unidades com lançadores de chamas nos arredores de todas as cidades litorâneas. Além disso, estamos refletindo sobre antídotos químicos.

— E os submersíveis, os robôs mergulhadores e por aí fora? — quis saber o diretor da CIA.

— Nada. De uns tempos para cá, tudo que enviamos para o mar tem desaparecido sem deixar pistas. Lá embaixo, não há como controlar. Os ROV são conectados ao mundo externo apenas por cabos, e estes têm sido retirados da água já destruídos, depois de a câmara ter filmado um brilho azul. Não temos qualquer informação sobre os AUV. Quatro corajosos cientistas russos desceram na semana passada com os submersíveis MIR, foram abalroados por alguma coisa a mil metros de profundidade e afundaram.

— Ou seja, estão dominando a área.

— No momento estamos tentando raspar as áreas atacadas por vermes com redes de arrastão. Além disso, estão sendo colocadas redes em frente às costas, uma medida adicional para impedir as invasões terrestres como a de Long Island.

— Parece-me bastante arcaico.

— Estamos sendo atacados de forma arcaica. Além disso, começamos a fechar o cerco às baleias em frente à ilha de Vancouver com sonares. Estamos lançando ondas nelas com o Surtass LFA. Alguma coisa está guiando os animais, então contraguamos, até as suas cabeças explodirem de tanto barulho. Veremos quem é o mais forte.

— Isso me parece péssimo, Li.

— Se tiver uma idéia melhor, será bem-vinda. Por um instante, ninguém disse nada.

— O controle por satélites está adiantando alguma coisa? — perguntou o presidente.

— Em parte. — O vice-diretor de Operações balançou a cabeça. — As forças armadas têm preparo para encontrar tanques estacionados sob uma camuflagem de galhos, entretanto somente alguns sistemas são capazes de registrar algo do tamanho de um caranguejo. Bem, temos os KH-12 e a nova geração dos satélites Keyhole. E o Lacrosse, e os europeus nos emprestam o Topex/Poseidon e o SAR-Lupe, mas estes trabalham com radar. O problema é que apenas reconhecemos esses detalhes se dermos um zootn. Isso significa concentrar-se num pequeno recorte. Enquanto não soubermos o que sai do mar e onde, na dúvida estaremos olhando na direção errada. Li sugeriu empregar os aviões de reconhecimento para a patrulha das costas. É uma boa sugestão, mas os aviões também não vêem tudo. A NRO e a NSA estão fazendo tudo o que está ao seu alcance. Possivelmente saberemos mais depois de avaliar todas as entradas de notícias. Estamos fazendo de tudo dentro das possibilidades da SIGINT.

— Talvez seja esse o nosso problema — disse o presidente, esticando as palavras. — Talvez devêssemos tentar mais a HUMINT.

Li procurou não rir. HUMINT era um dos termos preferidos do presidente. No jargão da segurança dos EUA, SIGINT era a sigla para Signals Intelligence, o que abrangia a totalidade dos dados coletados através da interceptação e decodificação de sinais de rádio ou de ondas de radar. HUMINT representava a coleta de dados através da espionagem — Human Intelligence. O presidente, bronco e tecnicamente xucro, era tomado pelo espírito pioneiro dos inventores. Adorava poder olhar nos olhos de alguém. Apesar de dar ordens às forças armadas tecnicamente mais equipadas do mundo, identificava-se mais com a imagem do espião que se aproxima pela mata do que com satélites.

— Usem as suas cabeças — disse. — Algumas pessoas adoram esconder-se por detrás de terminais de comando ou programas de computadores. Quero que programem menos e pensem mais.

O diretor da CIA juntou os dedos.

— Bem — disse. — Talvez não devêssemos dar tanta importância à hipótese do Oriente Médio.

Li olhou para Vanderbilt. O vice-diretor da CIA olhou firmemente para a frente.

— Deu um passo maior do que a perna, hein, Jack? — disse ele, tão baixinho que ninguém além de Vanderbilt poderia ouvir.

— Ah, cale a boca.

Ela inclinou-se para a frente.

— Vamos falar de algo positivo? O presidente sorriu.

— Tudo de positivo será bem-vindo, Jude.

— Pois bem, há sempre um depois. No final, interessa quem venceu. De qualquer forma, quando isto daqui acabar, o mundo estará diferente. Até lá, muitos países estarão desestabilizados, inclusive aqueles cuja desestabilização nos interessa. Esse efeito poderia ser aproveitado. Quer dizer, o mundo encontra-se numa situação terrível, mas crise é outra expressão para chance. Se o desenvolvimento atual levar à queda de um regime que não nos agrada, não seria culpa nossa, mas aqui e ali poderíamos dar uma forcinha e mais tarde empregar as pessoas adequadas.

— Hum — fez o presidente.

A ministra das Relações Exteriores pensou um instante e disse:

— Sendo assim, a questão não é tanto quem está travando essa guerra, mas quem irá ganhá-la.

— Quer dizer, o mundo civilizado precisa combater o inimigo invisível unido — reforçou Li. — Juntos. Se continuar assim, aliás, as alianças deverão contar cada vez mais com a ONU. Em princípio, está bem assim, todo o restante seria um sinal errado. não devemos nos impor, mas ficar alerta. Oferecer cooperação. Entretanto no final nós é que deveríamos ganhar. E todos aqueles que nos ameaçaram no passado e foram contra nós deveriam perder. Quanto melhor influenciarmos o desfecho da situação atual, mais claramente serão distribuídos os papéis posteriormente.

— Ponto de vista evidente, Jude — disse o presidente.

Na mesa viu-se um acenar de cabeças aprobatório misturado a um certo aborrecimento. Li recostou-se. Dissera o

suficiente. Mais do que a sua posição permitia, mas surtira o efeito desejado. Deixara algumas pessoas, cuja obrigação teria sido dizer essas mesmas coisas, sem ação. Sem importância. Chegara até Offutt.

— Está bem — disse o presidente. — Acredito que no momento possamos engavetar uma proposta dessas, mas a gaveta deve permanecer um pouco aberta. De forma alguma devemos causar a impressão ao mundo de que estaríamos interessados em assumir o comando. Como anda o trabalho dos seus cientistas, Jude?

— Acredito que sejam o nosso maior tesouro.

— Quando teremos resultados?

— Amanhã nos reuniremos novamente. Solicitei ao major Peak que retornasse para poder participar. Ele irá comandar a crise de Nova York e de Washington daqui.

— Você deveria fazer um discurso à nação — disse o vice-presidente ao presidente. — Chegou a hora de pronunciar-se.

— Sim, é verdade. — O presidente bateu na mesa. — A equipe de comunicação deve colocar a turma da escrita para trabalhar. Quero algo sincero. Nenhuma baboseira tranquilizadora, mas algo que dê esperanças.

— Citaremos possíveis inimigos?

— Não, será tratado como catástrofe natural. Ainda não chegamos a esse ponto, as pessoas já estão suficientemente inquietas. Precisamos assegurar-lhes que faremos tudo que é humanamente possível para protegê-las. E que também podemos. Que detemos os meios e as possibilidades. Que estamos preparados para tudo. A América não é só o país mais livre do mundo, mas também o mais seguro, não importa o que sai do mar, elas precisam saber disto. Aconteça o que acontecer. E mais uma coisa: rezem. Rezem para Deus. Este é o seu país, e ele nos ajudará. Nos dará a força para resolvermos tudo no nosso interesse.

## **YORK, EUA**

Não conseguiremos.

Salomon Peak só conseguia pensar nisso ao entrar no helicóptero. não estamos preparados. não temos nada para combater este horror.

Não conseguiremos.

O helicóptero decolou do heliporto Wall Street e sobrevoou o Soho, Green-wich Village e Chelsea rumo ao norte. A cidade estava toda iluminada, mas percebia-se que algo estava errado. Muitas ruas estavam mergulhadas numa luz profusa, e o trânsito não fluía mais. Dali de cima, toda a extensão do caos tornava-se evidente. Nova York estava sob controle das forças de segurança do OEM e das forças armadas. Ininterruptamente aterrissavam e decolavam helicópteros. O porto também fora interditado. Somente navios militares ainda cruzavam o East River.

E cada vez mais pessoas morriam.

Estavam impotentes. O OEM publicara inúmeras regras e sugestões de como a população poderia proteger-se no caso de uma catástrofe, mas os constantes alarmes e os treinamentos públicos não pareciam ter surtido efeito. As latas d'água que supostamente seriam disponibilizadas para cada família em casos de emergência não estavam disponíveis. E, onde quer que estivessem, as pessoas adoeciam com os tóxicos que evaporavam como gases da canalização ou saíam das pias, toaletes e máquinas de lavar louça. Tudo o que Peak pudera fazer foi retirar pessoas visivelmente sadias da zona de perigo e levá-las para os gigantescos acampamentos de quarentena. Nova York transformara-se numa zona de morte. Escolas, igrejas e prédios públicos foram transformados em hospitais, o cerco à cidade lembrava uma gigantesca prisão.

Ele olhou à direita.

O incêndio no túnel continuava. O motorista de um caminhão-tanque militar não vestira corretamente a máscara de oxigênio e desmaiara em alta velocidade. Estava num comboio. O acidente desencadeara uma reação em cadeia em que dezenas de veículos explodiram. No momento, a temperatura do interior do túnel podia ser comparada à de um vulcão.

Peak repreendia-se pela incapacidade de evitar o acidente. Naturalmente, o perigo de contaminação num túnel era bem maior do que nas ruas da cidade onde as toxinas podiam evaporar. Mas como poderia estar em todos os lugares ao mesmo tempo? O que poderia evitar?

Se havia algo que Peak odiasse profundamente era a sensação de impotência.

E agora estava começando em Washington.

—não conseguiremos — dissera a Li ao telefone.

— Precisamos conseguir — fora a única resposta.

Sobrevoaram o rio Hudson e voaram em direção ao aeroporto Hackensack onde um avião militar aguardava Peak para levá-lo a Vancouver. As luzes de Manhattan ficaram para trás. Peak perguntou-se no que daria a reunião do dia seguinte. Esperava que resultasse ao menos num medicamento para dar um fim ao horror de Nova York, mas algo lhe dizia que deveria não criar expectativas. Era a sua voz interior, e, em geral, ela tinha razão.

Sua cabeça zumbia no compasso dos rotores.

Peak recostou-se e fechou os olhos.

## **CHATEAU WHISTLER, CANADÁ**

Li estava altamente satisfeita.

Naturalmente, frente ao iminente Armageddon, seria mais cabível estar abalada. Mas o dia simplesmente transcorrera bem demais. Vanderbilt começava a entrar na defensiva, e o presidente dava atenção ao que ela tinha para dizer. Após telefonemas intermináveis, atualizou suas informações acerca do fim do mundo e agora esperava impacientemente a conexão com o ministro da Defesa. Queria discutir a mobilização dos navios que saíam no dia seguinte para o primeiro ataque com sonares. O ministro da Defesa estava preso numa reunião. Ainda restavam-lhe alguns minutos, então ela tocou Schumann diante do cenário de um exorbitante céu estrelado.

Era um pouco antes das duas horas. O telefone tocou. Li deu um salto e atendeu. Esperava que fosse o Pentágono e, por um

instante, ficou perplexa ao ouvir esta voz em seu lugar.

— Dr. Johanson! O que posso fazer pelo senhor?

— Está livre?

— Quando? Agora?

— Gostaria de falar a sós com a senhora, general.

— Agora está difícil. Preciso fazer algumas ligações. Que tal dentro de uma hora?

— não está curiosa?

— Dê uma dica.

— A senhora acreditava que eu tivesse uma teoria.

— Ah, correto! — Refletiu durante um segundo. — Está bem. Venha.

Sorrindo, desligou o telefone. Aconteceu exatamente o que esperara. Johanson não fazia o gênero de esticar prazos até o último segundo e era gentil demais para perdê-los. Ele queria determinar a hora, nem que fosse no meio da noite.

Ligou para a central telefônica.

— Adie minha ligação para o Pentágono por meia hora. — Pensou rapidamente, e então corrigiu-se: — não, por uma hora.

Johanson teria bastante coisa para contar.

### **Ilha de Vancouver**

Com os relatos de Greywolf, Anawak inicialmente perdera o apetite. Mas Shoe-maker se superou. Grelhara steaks suculentos e criara uma salada notável com croûtons e nozes. Comeram os três na sua varanda. Delaware evitou falar de sua relação e mostrou-se sobremaneira comunicativa. Conhecia inúmeras piadas e não se envergonhava de contar as mais bobas, dignas de espetáculo. Ela era realmente engraçada.

Como uma ilha, a noite estava mergulhada num mar de miséria.

Na Europa medieval, as pessoas costumavam dançar e celebrar festas quando a morte negra rondava. não chegaram a tanto aqui, entretanto conseguiram conversar sobre os mais diversos assuntos durante horas, não somente sobre tsunamis, baleias e algas assassinas. Anawak ficou grato pela distração. Shoemaker contou histórias dos primeiros dias da Davies. Riram,

conversaram e gozaram da noite amena, esticaram as pernas e olharam em direção à água escura da enseada.

Por volta das duas horas, Anawak despedira-se. Delaware ficara. Ela e Shoemaker ficaram presos em antigos filmes de cinema e abriram mais uma garrafa de vinho. Lentamente, começaram embebedar-se, então ele tomou mais uma água, agradeceu e desceu a rua principal noturna até a estação. Lá, ligou o computador e logou-se na internet.

Após alguns minutos, encontrou o professor Kurzweil.

Ao amanhecer, começou a esboçar-se uma imagem.    

## **12 de maio**

### **CHATEAU WHISTLER, CANADÁ**

Possivelmente, pensou Johanson, esta será a guinada.

Ou então sou um velho maluco.

Estava de pé sobre o pequeno pódio à esquerda da tela de projeção. O projetor estava desligado. Durante alguns minutos, precisaram esperar por Anawak, que dormira em Tofino, mas agora estavam completos. Na primeira fila estavam Peak, Vanderbilt e Li. Peak parecia exausto. Retornara de Nova York durante a noite e aparentemente deixara a maior parte de suas forças lá.

Johanson, que passara metade da sua vida em auditórios, estava acostumado a falar para outras pessoas. Volta e meia acrescentara as suas próprias descobertas e hipóteses ao conhecimento didático, levando em conta as brigas geradas com os especialistas verdadeiros e os autodenominados. Fora isso, auditórios eram terreno seguro. Passava-se adiante o que outras pessoas haviam descoberto e avaliava-se o conhecimento da matéria.

Nessa manhã passara pela inesperada experiência da insegurança. Como deveria relatar sua teoria sem que todos caíssem das suas cadeiras de tanto rir? Li dissera que ele poderia ter razão. Isso já era uma grande conquista. Com um certo

otimismo podia-se até dizer que ela estava disposta a seguir os seus pensamentos. Entretanto, dentro dele fermentavam restos de insegurança, se faria a coisa certa ou estragaria tudo, e acabara passando a maior parte da noite em claro reescrevendo inúmeras vezes a sua palestra. Johanson não se iludia. Tinha apenas este único tiro. Ou convencia os outros num ataque-surpresa, ou eles o declarariam louco.

Todos os olhos fixavam-no. Reinava um silêncio absoluto.

Deu uma olhada na primeira folha do seu manuscrito. A introdução era detalhada. Agora, após três horas de sono, de repente pareceu-lhe incompreensível e complicada. Realmente deveria apresentar isto dessa maneira? À noite, estivera satisfeito com ela, quando os seus olhos arderam e ele, de tanto cansaço, mal conseguira pensar claramente. Era exatamente como se lia isso agora. A argumentação era cheia de altos e baixos. Um emaranhado retórico.

Johanson hesitou.

E então deixou o manuscrito de lado.

Imediatamente sentiu um imenso alívio, como se a pilha de papel pesasse toneladas. Sua autoconfiança voltou como uma cavalaria pronta para a luta, de bandeira hasteada e toques de fanfarra. Deu um passo à frente, olhou para todos, assegurou-se da atenção de cada um e disse:

— É muito simples. As conseqüências nos darão muito trabalho, mas, em princípio, é muito simples e óbvio. não estamos vivendo uma catástrofe natural. Tampouco se trata de associações terroristas ou nações traiçoeiras. E nem a evolução enlouqueceu. Nada disso se aplica. — Fez uma pausa. — O que está acontecendo é totalmente diferente. Estamos sendo testemunhas da tantas vezes descrita guerra entre os planetas. Dois planetas que não reconhecemos como tal porque estão fundidos em um. Enquanto olhamos para cima, no aguardo de inteligências desconhecidas do espaço, agora elas estão se mostrando como parte do nosso mundo, que, na realidade, jamais nos esforçamos por compreender. Dois sistemas absolutamente diferentes de vida inteligente coexistem neste planeta, e até hoje vinham se deixando em paz.

Entretanto, enquanto um dos sistemas tinha conhecimento da existência do outro, o outro, até hoje, não tinha a menor idéia da complexidade do mundo debaixo d'água ou, se acharem melhor, do universo desconhecido com o qual dividimos o globo. O espaço sideral está nos oceanos. Os extraterrestres não vêm de galáxias distantes, mas desenvolveram-se no fundo dos oceanos. A vida na água é muito mais antiga do que a vida em terra, e acredito que essas criaturas sejam bem mais velhas do que nós. Não faço a menor idéia da sua aparência ou de como vivem, como pensam e se comunicam. Mas devemos acostumar-nos com a idéia de que há uma segunda raça divina cujo habitat estamos destruindo sistematicamente há décadas. E, senhoras e senhores, esses caras aí embaixo parecem furiosos conosco, com certa razão.

Ninguém disse nada.

Vanderbilt arregalou os olhos para ele. Suas bochechas caídas estremeceram. Todo o seu gigantesco corpo começou a tremer, como se dentro dele crescesse uma risada que rebentaria sobre Johanson como uma salva do comando de execução. Os lábios carnudos contraíram-se. Vanderbilt abriu a boca.

— Sua idéia faz sentido — disse Li.

Era como se tivessem enfiado uma faca entre as costelas do vice-diretor da CIA. Sua boca fechou-se novamente. Ele estremeceu fortemente e olhou para Li, perplexo.

— não pode estar falando sério — disse, ofegante.

— Estou — respondeu Li calmamente. — não disse que o Dr. Johanson tem razão, mas parece-me interessante prestar atenção no que tem a dizer. Acredito que ele saberá comprovar sua teoria.

— Obrigado, general — disse Johanson, fazendo uma pequena reverência. — De fato, sei.

— Então sugiro que prossiga. Procure ser o mais breve possível, para que possamos iniciar a discussão o quanto antes.

Vanderbilt parecia em estado de choque. O olhar de Johanson vagueou por todas as fileiras. Procurou fazê-lo como quem não quer nada, para não causar a impressão de que esperava reações. Praticamente ninguém expressava total rejeição. A maioria dos rostos estava paralisada pela surpresa, alguns fascinados,

outros descrentes, alguns inexpressivos. Agora precisaria dar o segundo passo. Precisaria convencê-los a abraçar sua idéia e desenvolvê-la por conta própria.

— Nosso principal problema nos últimos dias e semanas — disse — foi inter-relacionar os diferentes acontecimentos. Parecia não haver uma ligação entre eles, até descobrirmos uma substância gelatinosa que se apresenta em quantidades variáveis e que se decompõe no ar. Infelizmente, essa descoberta nos deixou apenas mais confusos, porque encontrávamos o troço tanto em caranguejos e mexilhões como nas cabeças de baleias, ou seja, em seres vivos que não poderiam ser mais diferentes. Uma possível explicação seria um tipo de epidemia. Um fungo, uma raiva transformada em substância, algum tipo de acometimento como o BSE ou a peste dos porcos. Entretanto isso não explica os afundamentos de navios nem por que os caranguejos carregam algas assassinas dentro de si. E os vermes nos taludes continentais não apresentam nada de gelatinoso. Em compensação, carregam bactérias redutoras de metano e são responsáveis pela liberação de grandes quantidades de gases de efeito estufa, o que, há pouco, causou o deslizamento da margem continental e o tsunami. Enquanto isso, em várias partes do mundo surgem organismos aparentemente mutados, e os cardumes apresentam um comportamento estranho à sua natureza. Nada disso faz sentido. Portanto, Jack Vanderbilt está coberto de razão ao evocar um espírito planejador responsável por tudo isso. Entretanto ele não considerou que cientista algum conhece suficientemente os ecossistemas marinhos a ponto de poder manipulá-los dessa maneira. Dizem que sabemos mais sobre o espaço sideral do que sobre o oceano. É verdade. Para completar, devemos dizer por que é assim: porque, no espaço, nos movemos melhor e vemos melhor do que nos mares. O telescópio Hubble vê galáxias desconhecidas sem problemas. Entretanto até mesmo os faróis mais fortes apenas nos permitem reconhecer o mundo debaixo d'água num raio de algumas dezenas de metros. Um homem numa roupa espacial consegue mover-se livremente em quase todo o espaço, mas um mergulhador é espremido a partir de uma certa profundidade, mesmo com uma roupa de alta tecnologia.

Submarinos, AUV e ROY todos eles funcionam apenas em certas condições. Definitivamente, não possuímos o equipamento técnico nem as condições físicas para depositar bilhões de vermes nos hidratos, e muito menos temos o conhecimento necessário para criá-los para um mundo que mal conhecemos. Cabos submarinos foram destruídos, e não apenas pelo deslizamento. Das regiões abissais estão subindo cardumes de mexilhões, medusas e águas-vivas. Sim, de fato é mais fácil compreender esses fenômenos se considerarmos uma mente planejadora, mas então é preciso que levemos a idéia até o fim: que tudo que está acontecendo só é possível porque alguém conhece aquilo lá embaixo tão bem quanto nós conhecemos a superfície. Ou seja, alguém que vive ali e tem um papel dominante.

— Entendi-o corretamente? — disse Rubin, exaltado. — Está querendo dizer que dividimos este planeta com uma segunda raça inteligente?

— Exatamente. É nisso que acredito.

— Se for assim — perguntou Peak —, por que até hoje jamais ouvimos ou vimos alguma coisa dessa raça?

— Porque ela não existe — disse Vanderbilt, emburrado.

— Errado. — Johanson balançou a cabeça energicamente. — Há ao menos três motivos. Primeiro, a lei do peixe invisível.

— O quê?

— A maioria dos seres vivos no fundo do mar não vê mais do que nós, mas desenvolveu outros órgãos sensíveis que substituem a visão. Eles reagem às menores alterações de pressão. Ondas sonoras de centenas e milhares de quilômetros os alcançam. Qualquer veículo submarino é percebido muito antes de os seus tripulantes verem alguma coisa. Teoricamente, numa região podem viver milhões de peixes de uma certa espécie, mas, caso se mantenham na escuridão, não os veremos. E aqui estamos lidando com criaturas inteligentes! Jamais poderemos vê-las, enquanto não quiserem. O segundo motivo é que não fazemos idéia da aparência dessas criaturas. Gravamos alguns fenômenos enigmáticos em vídeo, a nuvem azul, as descargas elétricas, o troço no talude continental norueguês. São expressões de uma inteligência

desconhecida? O que é essa substância gelatinosa? Que ruídos são esses que Murray Shankar não consegue identificar? E há um terceiro motivo. Antigamente acreditava-se que somente a camada superior do mar, iluminada pelo sol, seria habitável. Hoje sabemos que todas as camadas estão repletas de vida. Até mesmo em 11 mil metros de profundidade ainda há vida. Para muitos organismos, não há o menor motivo de se estabelecer mais acima. A maioria nem conseguiria, porque a água é quente demais para eles, a pressão muito baixa, porque não encontrariam alimentos suficientes. Por outro lado, nós exploramos as camadas de água superiores, mas para o fundo foram apenas algumas pessoas em submersíveis blindados e alguns robôs. Se compararmos essas excursões ocasionais com as famosas agulhas, precisamos imaginar um palheiro do tamanho do nosso planeta. É como se os extraterrestres numa nave espacial mandassem câmeras para a Terra cujas objetivas só conseguissem gravar o que se vê num raio de poucos metros. Uma dessas câmeras filma um pedacinho da estepe da Mongólia. Outra faz gravações no deserto de Kalahari, e uma terceira é baixada sobre a Antártida. Outra mais, de fato, consegue chegar a uma cidade grande, digamos no Central Park de Nova York, onde filma alguns metros quadrados de plantas e um cachorro mijando numa árvore. A que conclusão chegariam os extraterrestres? Um planeta despovoado, no qual esporadicamente encontram-se formas primitivas de vida.

— E a sua tecnologia? — perguntou Oliviera. — Devem possuir uma tecnologia que possibilite isso tudo.

— Pensei sobre isso também — respondeu Johanson. — Acredito que haja uma alternativa para uma tecnologia como a nossa. Nós transformamos matéria morta em aparelhos técnicos, casas, meios de locomoção, rádios, roupas, e por aí fora. A água do mar, entretanto, é bem mais agressiva do que o ar. Lá embaixo importa apenas uma coisa: a adaptação ideal. E, em geral, o que se adapta perfeitamente são formas de vida, então poderíamos imaginar uma mera biotecnologia. Se considerarmos uma inteligência desenvolvida, também poderemos pressupor uma enorme criatividade e um conhecimento detalhado acerca da

biologia de organismos marinhos. Quer dizer, o que nós fazemos? Há séculos que os homens utilizam-se de outros seres vivos. Cavalos são motocicletas vivas. Aníbal atravessou os Alpes com caminhões biológicos. Desde sempre os animais são adestrados. Hoje em dia são manipulados geneticamente. Nós clonamos ovelhas e plantamos milho geneticamente modificado. E se desenvolvermos esta idéia? Até chegarmos a uma raça cuja base cultural e tecnológica é exclusivamente biológica? Simplesmente criam o que precisam. Para o dia-a-dia, para a locomoção, para travar guerras.

— Minha nossa — exclamou Vanderbilt, suspirando.

— Nós criamos os causadores do ebola e da peste e fazemos experiências com varicelas — prosseguiu Johanson, sem dar atenção ao homem da CIA. — Ou seja, com seres vivos. Atualmente, os inserimos em explosivos, mas é complicado, e um foguete, mesmo controlado por satélite, nem sempre chega ao seu alvo. Se adestrássemos cães que carreguem tais agentes patógenos dentro de si, talvez fosse a maneira mais eficiente de causar estragos. Ou pássaros. Por mim, até insetos! O que se pode fazer contra um enxame de mosquitos infectados com vírus ou formigas contaminadas? Ou contra milhões de caranguejos transportadores de algas assassinas? — Fez uma pausa. — Esses vermes no talude continental foram criados. não é de espantar que nunca os tenhamos visto. Eles não existiam. Sua função é transportar bactérias para dentro do gelo, então de certa forma estamos lidando com mísseis cruzadores da família das poliquetas. Com armas biológicas desenvolvidas por alguém cuja cultura baseia-se integralmente na manipulação de vida orgânica. E imediatamente obtemos a explicação para todas as mutações! Alguns animais foram alterados apenas um pouco, outros representam algo totalmente novo. Essa substância gelatinosa, por exemplo: trata-se de um produto biológico altamente transformável, e certamente não do resultado de uma seleção natural. Ela também cumpre a sua função. Coordena outros seres vivos atacando as suas redes neuronais. De algum modo, muda o comportamento das baleias. Por outro lado, os caranguejos e cavaquinhas foram reduzidos às

suas simples funções mecânicas desde o princípio. Cascos vazios com restos de massa neurológica. A substância gelatinosa os guia, e a carga a bordo é composta de algas assassinas. Talvez esses caranguejos nunca tenham realmente vivido. Foram cultivados como roupas espaciais orgânicas para poder avançar no "outro mundo" o nosso mundo.

— Esse troço, essa substância gelatinosa — disse Rubin —, também não poderia ter sido criada pelo homem?

— Dificilmente — intrometeu-se Anawak. — O que o Dr. Johanson está dizendo faz sentido para mim. Se há um homem por detrás disso, por que escolheria o caminho pelo mar para contaminar cidades?

— Porque as algas assassinas vêm do mar.

— E por que não experimenta algo diferente? Quem consegue criar algas assassinas mais venenosas do que Pfiesteria também deve conseguir descobrir algum agente patógeno que não precise passar pela água. Para que cultivar caranguejos, se tivesse o mesmo efeito com formigas, pássaros ou até ratos?

— Com ratos não se causa tsunamis.

— Esse troço é de um laboratório humano — insistiu Vanderbilt. — É uma substância sintética...

— não acredito — disse Anawak. — não acredito sequer que a Marinha seja capaz de uma coisa dessas, apesar de ela mutilar muito bem os mamíferos marinhos.

Vanderbilt balançou a cabeça como se tivesse sido acometido pelo Mal de Parkinson.

— Do que está falando?

— Estou falando dos experimentos realizados sob o codinome MKO.

— Nunca ouvi falar.

— Está querendo negar que há anos a Marinha tenta manipular as correntes cerebrais de golfinhos e de outros mamíferos marinhos através da inserção de eletrodos na calota craniana e...

— Que absurdo!

— Entretanto não funcionou até hoje. Em todo caso, não da forma esperada, portanto o trabalho de Ray Kurzweil vem sendo estudado...

— Kurzweil?

— Um dos especialistas em neuroinformática — comentou Fenwick, e repentinamente o seu semblante se abriu. — E Kurzweil desenvolveu uma visão que vai muito além do estado atual das pesquisas cerebrais. Se alguém deseja saber o que as pessoas seriam capazes quanto a isso... não, mais do que isso, o

seu trabalho poderia explicar como uma inteligência desconhecida agiria!

Fenwick ficou visivelmente exaltado. — O computador neuronal de Kurzweil! De fato, essa é uma possibilidade.

— Desculpe — disse Vanderbilt. — não faço a menor idéia do que estão falando.

— não? — disse Li, sorrindo. — Eu sempre achei que a CIA tivesse um interesse vital na lavagem cerebral.

Vanderbilt bufou e olhou para todos os lados.

— Do que ele está falando? Eu não sei. Será que alguém pode me explicar do que ele está falando?

— O computador neuronal é um modelo da reconstrução completa do cérebro — disse Oliviera. — Veja, o nosso cérebro é composto/de bilhões de células nervosas. Cada célula está interligada a inúmeras outras. Comunicam-se entre si através de impulsos elétricos. Dessa forma, o conhecimento, a experiência e a emoção são constantemente atualizados, reorganizados ou arquivados. A cada segundo em nossa vida, até mesmo quando estamos dormindo, nosso cérebro é constantemente reestruturado. Com a atual tecnologia, áreas cerebrais ativas podem ser representadas com a precisão de até um milímetro. Como um mapa. Podemos assistir àquilo que a pessoa pensa ou sente, quais neurônios são ativados simultaneamente, seja no momento de um beijo, uma dor ou uma lembrança.

— Os locais são conhecidos, e a Marinha sabe onde dar impulsos elétricos para desencadear a reação desejada — disse Anawak, assumindo o discurso. — Entretanto isso ainda está pouco

detalhado. Como um mapa cuja precisão não passa dos cinquenta quilômetros quadrados. Mas Kurzweil acredita que em breve seremos capazes de escanear um cérebro completo, incluindo cada uma das ligações nervosas, cada sinapse e a concentração de todos os neurotransmissores, até o último detalhe de cada célula!

— Uff — deixou escapar Vanderbilt.

— Com a informação completa — prosseguiu Oliviera —, poder-se-ia transferir um cérebro, incluindo todas as suas funções, para um computador neuronal. O computador seria uma cópia perfeita dos pensamentos da pessoa cujo cérebro fosse escaneado, incluindo suas lembranças e habilidades. Um segundo Eu.

Li levantou a mão.

— Posso garantir que o MKO ainda não chegou a este ponto — disse. — Os computadores neuronais de Kurzweil continuam sendo uma visão.

— Jude — cochichou Vanderbilt desesperadamente. — Para que está falando disso aqui? não é do interesse de ninguém, é segredo de Estado.

— O MKO baseia-se nas necessidades militares — disse Li calmamente. — A alternativa seria sacrificar pessoas. não escolhemos mais as nossas guerras, como certamente perceberam. De fato, o projeto encontra-se num beco sem saída, mas será uma interrupção passageira. O caminho rumo à inteligência artificial começou. Em breve, a medicina deverá substituir órgãos humanos por microchips. Cegos já conseguem reconhecer contornos com a ajuda desses implantes. Surgirão formas de inteligência totalmente inéditas. — Ela fez uma pausa e prendeu seu olhar em Anawak. — É disso que está falando, não? Tudo apontaria para a hipótese do Oriente Médio, para não deixar de citá-la, se a humanidade já tivesse chegado ao ponto que Kurzweil idealizou. Mas não chegamos. A América não chegou, e ninguém mais. Nenhuma pessoa pode ter criado essa substância gelatinosa que, aparentemente, funciona como um computador neuronal.

— Na prática, o computador neuronal representa um controle total sobre qualquer pensamento — disse Anawak. — Se a substância gelatinosa for algo do gênero, então ela não guia

simplesmente o animal, ela transforma-se nesse animal. Passa a integrar o seu cérebro. Células da substância assumem funções de células cerebrais. Ou ampliam o cérebro de um ser vivo...

— Ou o substituem — concluiu Oliviera. — Leon tem razão. Um organismo desses não saiu de um laboratório humano.

Johanson prestou atenção com o coração batendo forte. Aceitaram sua teoria. Trabalhavam com ela e acrescentavam novos aspectos, e a cada palavra dita ela se consolidava. Começou a imaginar esse computador biológico que podia copiar células cerebrais enquanto, ao seu redor, a discussão continuava, até Roche dar um salto e assumir a palavra.

— Há uma coisa que continuo sem entender, Dr. Johanson. Como explica que eles lá embaixo tenham todo esse conhecimento sobre os humanos? Quer dizer, com todo respeito à sua teoria, como um habitante do fundo do mar pode descobrir tantas coisas sobre nós?

Johanson viu Vanderbilt e Rubin acenarem a cabeça, concordando.

— não é difícil — disse. — Quando dissecamos um peixe, isso acontece no nosso mundo, não no dele. Por que essas criaturas não deveriam adquirir esse conhecimento no mundo delas? A cada ano, várias pessoas morrem afogadas, e, se precisassem de mais exemplares, apenas precisariam buscá-los. Por outro lado, o senhor tem razão: o quanto realmente sabem a nosso respeito? Um pouco antes do deslizamento do talude foi a primeira vez em que estive prestes a acreditar num ataque organizado. Estranhamente, nunca considerei a hipótese de haver pessoas por trás disso. Toda a estratégia parecia-me estranha demais. A destruição de grande parte da infra-estrutura norte-européia de uma só vez foi brilhantemente planejada e tem amplas conseqüências. Em comparação a isso, fazer com que baleias afoguem pequenos barcos parece até inocente. A pesca excessiva nos mares não pode ser interrompida com cardumes de águas-vivas altamente venenosas. As catástrofes dos navios atingem-nos fortemente, mas eu duvido que esses cardumes mutados realmente possam paralisar a navegação mundial. Entretanto é notável o quanto sabem sobre

navios. Conhecem muito bem tudo o que toca o seu habitat. Já o mundo acima, não conhecem tão bem assim. Enviar algas assassinas terra adentro através de caranguejos é demonstração de um excelente planejamento militar, já a primeira tentativa com as cavaquinhas mais pareceu um fracasso. Aparentemente, não haviam considerado o problema da baixa pressão. Quando a substância gelatinosa penetrou os corpos das cavaquinhas lá embaixo, era comprimida pela pressão da profundidade. Quanto mais próximo da superfície, naturalmente expandiu-se, e algumas cavaquinhas explodiram.

— Com os caranguejos, parecem ter-se aprimorado

— comentou Oliviera. — Eles mantêm-se estáveis.

— Mais ou menos. — Rubin apertou os lábios. — Eles morrem assim que chegam em terra.

— E por que não? — respondeu Johanson. — A sua função já está cumprida. Todas essas criações estão fadadas a morrer rapidamente. Devem combater o nosso mundo, não povoar. Para onde quer que se olhe nessa guerra, pessoas não agiriam assim! Por que passar pelo mar? Por que uma pessoa se atreveria a experimentos como esses? Que razão plausível teria para alterar justamente os genes de criaturas que vivem vários quilômetros debaixo d'água como, por exemplo, os caranguejos *Bythograea thermidon*} isso não é obra de humanos, são experimentos com o objetivo de descobrir os nossos pontos fracos. E, principalmente, para desviar a atenção.

— Desviar a atenção? — ecoou Peak.

— Exatamente. O inimigo ataca em várias frentes simultâneas. Algumas causam-nos pesadelos, outras são mais inconvenientes, mas mantêm-nos ativos. A maioria das pontadas doem muito. O mais pérfido é que encobrem o que está realmente acontecendo. Que, de tanto procurar minimizar as conseqüências, tornamo-nos cegos para os perigos reais. Estamos cumprindo o papel de um malabarista de circo que coloca pratos sobre bastões e começa a girá-los para que não caiam. Ele precisa ficar correndo de um bastão para o outro. Ao estabilizar o último prato, o primeiro começa a balançar. Quanto mais pratos, mais rápido precisa correr.

No nosso caso, a quantidade de pratos excedeu em muito as habilidades do malabarista. não daremos conta dos inúmeros ataques. Por si mesmos ataques de baleias e cardumes de peixes desaparecidos talvez não representem um problema insolúvel. Em suma, cumprem sua função, que é nos paralisar e sobrecarregar. Quando os fenômenos se expandirem ainda mais, países inteiros perderão o controle, outros países irão se aproveitar, surgirão conflitos regionais e maiores que perderão os seus rumos e que ninguém poderá ganhar. Nós mesmos nos enfraqueceremos. As estruturas das organizações internacionais de ajuda quebrarão, as redes de atendimento médico sucumbirão. não teremos meios, força e know-how suficientes, finalmente não teremos mais tempo suficiente para evitar o que ocorre fora das batalhas abertas, silenciosamente.

— E o que seria isso? — perguntou Vanderbilt, entediado.

— A extinção da humanidade.

— Como?

— não é evidente? Resolveram fazer conosco o que fazemos com os parasitas. Querem nos exterminar...

— Agora chega!

—

..antes que exterminemos a vida nos mares.

O homem da CIA ergueu-se com esforço e apontou um indicador trêmulo para Johanson.

— Esta é a maior besteira que já ouvi! O senhor acha que veio até aqui para quê? Tem visto filmes demais? Quer que acreditemos que essas... essas criaturas melhores do Abismo estão lá no fundo do mar apontando os seus dedos para nós porque nos comportamos mal?

— Abismo} — Johanson refletiu. — Ah, claro. não, não estou falando de criaturas assim. Aqueles eram extraterrestres.

— Dá no mesmo.

— não. Em O Segredo do Abismo, criaturas de todo o espaço sideral povoam os nossos mares. No filme, são representados como melhores humanos. Têm uma mensagem moral. E, acima de tudo, não nos expulsam do topo da evolução terrestre, como o faria uma

raça inteligente que se desenvolveu aqui neste planeta, paralelamente a nós.

— Doutor! — Vanderbilt tirou um lenço do bolso e secou o suor na testa e no lábio superior. — O senhor não é um farejador profissional como nós. não tem a nossa experiência. Foi uma honra ter sido entretido pelo senhor nesses 15 minutinhos, mas, se deseja revelar patifarias, primeiramente precisa reconhecer o seu propósito. Quem obtém vantagens com isso! Isso o leva para a pista certa. E não essa bisbilhotice de...

— Ninguém obtém vantagens com isso — disse alguém. Vanderbilt virou-se lentamente.

— Está enganado, Vanderbilt. — Bohrmann havia-se erguido. — Até ontem à noite Kiel desenvolveu cenários do que provavelmente acontecerá se outros taludes continentais colabarem.

— Eu sei — disse Vanderbilt bruscamente. — Tsunamis e metano. Teremos um probleminha climático...

— não. — Bohrmann balançou a cabeça. — não será um probleminha. Será a nossa sentença de morte. Sabemos o que aconteceu há 55 milhões de anos na Terra, quando também houve escapamento de metano para a atmosfera e...

— Como, diabos, quer saber o que aconteceu há 55 milhões de anos?

— Calculamos. E agora calculamos novamente. Os tsunamis invadirão os litorais e acabarão com as populações costeiras. E então a superfície terrestre se aquecerá lentamente, ficará insuportavelmente quente, e todos nós morreremos. Inclusive o Oriente Médio, Sr. Vanderbilt. Inclusive os seus terroristas. Apenas a liberação de metano em frente ao leste americano e o oeste do Pacífico deve bastar para selar o nosso destino.

De repente, um silêncio mortal tomou conta da Sala.

— E contra isso — disse Johanson baixinho, enquanto olhava para Vanderbilt — não poderá fazer nada, Jack. Porque não sabe como. E não pode sequer pensar a respeito, porque já está sobrecarregado com baleias, tubarões, mexilhões, águas-vivas, caranguejos, algas assassinas e roedores de cabos invisíveis que

acabam com os nossos mergulhadores e robôs submarinos e tudo que nos possibilita ver debaixo d'água.

— Quanto tempo a atmosfera deverá levar para aquecer-se a ponto de ameaçar seriamente a humanidade? — perguntou Li.

Bohrmann franziu a testa.

— Acredito que algumas centenas de anos.

— Que tranqüilizante — rosnou Vanderbilt.

— não, de forma alguma — disse Johanson. — Se o motivo do ataque dessas criaturas realmente é o fato de ameaçarmos o seu habitat, precisarão livrar-se de nós mais rapidamente. Na história da Terra, algumas centenas de anos não são nada. Mas o homem já fez o pior em menos tempo. Então deram mais um passo, com toda tranqüilidade. Conseguiram parar a Corrente do Golfo.

Bohrmann arregalou o olho para ele.

— Fizeram o quê?

— Ela já parou — manifestou-se Weaver. — Talvez ainda flua um pouquinho, mas está nas últimas. Mais alguns anos, e o mundo deverá contar com uma nova era do gelo. Em menos de cem anos fará um frio terrível na Terra. Talvez em aPenas cinquenta ou quarenta anos. Talvez ainda antes.

— Um momento — exclamou Peak. — O metano aqueceria a Terra, isso

também sabemos. Teríamos um desequilíbrio atmosférico. Mas como isso combina com uma nova era do gelo decorrente da paralisação da Corrente do Golfo? A que levará isso, meu Deus do céu? A um equilíbrio do terror?

Weaver olhou para ele.

— Eu diria mais uma potencialização.

Se inicialmente, Vanderbilt aparentemente fora o único a resistir fortemente, o cenário mudou na hora seguinte. O grêmio dividiu-se em dois campos que se atacavam amargamente. Tudo foi novamente rebuscado. As primeiras anomalias. O início dos ataques de baleias. As circunstâncias em que foram encontrados os vermes. Parecia um campo de rúgbi. Foram empregadas cotoveladas retóricas, os argumentos eram jogados de um lado para o outro, as

frações avançavam alternadamente, envolviam o adversário com cada vez mais novos aspectos e tentavam persuadi-lo. Nas entrelinhas, Anawak sentiu um tom que lhe parecia familiar. Ele perguntou se seria possível uma inteligência paralela enfrentar a supremacia da raça humana! Ninguém chegou a falar isso abertamente. Mas Anawak, acostumado às discussões acerca da inteligência animal, sentiu o teor profundo de cada palavra. Havia agressão nelas. A teoria de Johanson não apenas dividiu os cientistas, como a autocompreensão de um grupo de especialistas que, acima de tudo, eram humanos. Vanderbilt reuniu Rubin, Frost, Roche, Shankar e o inicialmente hesitante Peak à sua volta. Johanson recebeu reforço de Li, Oliviera, Fenwick, King, Bohrmann e Anawak. Os agentes secretos e diplomatas observaram a discussão como se estivessem assistindo a uma peça de teatro absurda. E então se intrometeram pouco a pouco.

Foi surpreendente.

Justamente essas pessoas, espiões profissionais, assim como conselheiros de segurança e especialistas em terrorismo altamente conservadores, foram para o lado de Johanson. Um deles disse:

— Sou uma pessoa que pensa friamente. Quando ouço algo que faça sentido, acredito. Se algo contradiz e é dobrado apenas para caber no molde, não acredito.

Peak foi o primeiro a desertar do pequeno grupo de Vanderbilt. E então Seguiram Frost, Shankar e Roche.

Finalmente Vanderbilt sugeriu uma pausa, exausto.

Saíram para o bufê de sucos, café e bolo. Weaver fez companhia a Anawak.

— Você foi quem menos resistiu à teoria de Johanson — constatou.

— Por quê?

Anawak olhou para ela e sorriu.

— Café?

— Obrigada. Com leite.

Ele encheu duas xícaras e deu uma a ela. Weaver era apenas um pouco mais baixa do que ele. De repente, ele percebeu

que gostava dela, apesar de praticamente não terem conversado até agora. Gostara dela desde o primeiro instante em que os seus olhares se cruzaram em frente ao castelo.

— É — disse ele. — A teoria tem fundamento.

— Apenas por isso? Ou por que acredita em inteligência animal?

— não acredito. Acredito na inteligência como um todo, mas também acredito que animais são animais e humanos, humanos. Se pudéssemos comprovar que os golfinhos são tão inteligentes quanto nós, com todas as conseqüências, eles deixariam de ser animais.

— E você acha que é assim?

Anawak balançou a cabeça.

— Acho que nunca descobriremos enquanto julgarmos do ponto de vista humano. Considera os humanos inteligentes, Srta. Weaver?

Weaver riu.

— Um humano sozinho é inteligente. Muitos humanos juntos formam um bando de brutos.

Ele gostou dessa.

— Viu? — disse. — É exatamente o que se poderia...

— Dr. Anawak? — Um homem aproximou-se com passos rápidos. Era da equipe de segurança. — O senhor é o Dr. Anawak?

— Sou.

— Telefone para o senhor.

Anawak franziu a testa. No castelo, não era possível ligar diretamente para nenhum deles. Mas havia um número para os parentes deixarem recados ou, em casos de urgência, ligarem. Li pedira aos membros do conselho que o distribuíssem com cautela.

Shoemaker tinha o número. Quem mais?

— No saguão — disse o homem. — Ou prefere que a ligação seja transferida para o seu quarto?

— não, está bem. Vou com você.

— Até já — disse Weaver atrás dele.

Ele seguiu o funcionário da segurança através do saguão. Em um dos corredores laterais havia uma série de cabines

telefônicas provisórias.

— Logo a primeira — disse o homem. — Transferirei a ligação. O telefone tocará. Simplesmente atenda, Tofino estará na linha.

Tofino? Então era Shoemaker.

Anawak aguardou. Tocou. Ele pegou o fone e respondeu.

— Ah, Leon — disse a voz de Shoemaker. — Eu realmente sinto muito. Sei que o estou interrompendo numa reunião importante, mas...

— não tem problema, Tom. Foi uma noite agradável ontem.

— Ah, foi. E... isto aqui também é importante. É que... bem... Shoemaker parecia procurar as palavras certas. E então suspirou baixinho.

— Leon, preciso contar-lhe algo triste. Recebemos uma ligação de Cape Dorset.

De repente, de um instante para o outro, Anawak teve a impressão de perder o chão sob os pés. Ele sabia o que o aguardava. Sabia antes de Shoemaker dizer:

— Leon, seu pai morreu. Ficou paralisado na cabine.

— Leon?

— Está tudo bem, eu... -,»,-Tudo bem. Como sempre. Tudo bem. Tudo bem.

— O que deveria fazer?

Nada estava bem!

Li

— Extraterrestres?

O presidente estava estranhamente calmo.

— não — disse Li novamente. — não são extraterrestres. Habitantes deste planeta. Concorrência, se preferir assim.

A Base Aérea Offutt e o castelo estavam conectados. Além do presidente, estavam em Offutt o ministro da Defesa, o primeiro conselheiro de Segurança, o ministro da Segurança Interna e a ministra das Relações Exteriores, assim como o diretor da CIA. Já não havia dúvida de que Washington teria o mesmo destino de Nova York. A cidade fora evacuada. Grande parte do gabinete mudara-se para Nebraska. Os primeiros casos de morte

enfaticavam o drama da situação, mas a retirada para o interior fora total e, em grande parte, conforme planejada. Desta vez, estavam mais bem preparados.

No castelo reuniram-se Li, Vanderbilt e Peak. Li sabia que o pessoal de Offutt detestava ficar preso ali. O diretor da CIA sentia falta do seu escritório no sexto andar da central às margens do Potomac. No fundo, invejava o seu diretor de Combate ao Terrorismo, que simplesmente se recusara a evacuar os seus funcionários.

— Ponha a sua equipe a salvo — ordenara ao homem.

— Esta é uma crise coordenada por alguém — respondera.

— Uma crise terrorista. A equipe do Centro de Reação Global precisa permanecer nos seus computadores e trabalhar. Têm uma tarefa decisiva para cumprir. Eles são os olhos com os quais observamos o terrorismo internacional. não podemos evacuá-los.

— São assassinos biológicos que estão atacando Nova York — retrucara o diretor da CIA. — Veja o que está acontecendo ali. não será diferente em Washington.

— O Centro de Reação Global não foi criado para fugir em situações como essas.

— Está bem, mas sua equipe poderá morrer.

— Então morrerá.

O ministro da Defesa também preferiria coordenar a situação a partir da escrivaninha do seu imenso escritório, e, sem dúvida, o presidente era alguém que precisava ser amarrado para não pegar o próximo jato e retornar à Casa Branca. Podiam dizer muitas coisas a seu respeito, mas não que era covarde. Na realidade, era tão corajoso que alguns dos seus inimigos acreditavam que ele fosse ignorante demais para sentir medo.

Sendo que a Base Aérea Offutt era equipada como uma segunda sede de governo. Mas foram obrigados a voar para lá. Esse era o problema. E por isso, calculou Li, aceitaram espontânea e positivamente a hipótese do poder inteligente no mar. Recuar de inimigos humanos contra os quais não se tinha nada além da perplexidade, teria sido uma insuportável humilhação para a administração. A teoria de Johanson deu um aspecto totalmente

diferente à questão. Retroativamente, tirava a pressão dos conselheiros de Segurança, do Ministério da Defesa, do presidente.

— O que acham disso? — perguntou o presidente para os outros. — É possível?

— O que eu pessoalmente acho possível ou não não faz a menor diferença — disse o ministro da Defesa rudemente. — Os especialistas estão no castelo. Caso tenham chegado a essa conclusão, precisamos levá-la a sério e questionar qual será o próximo passo.

— Quer levar isso a sério? — perguntou Vanderbilt, pasmado. — Aliens? Homenzinhos verdes?

— não são extraterrestres — repetiu Li, pacientemente.

— Teremos outro problema — comentou a ministra das Relações Exteriores. — Digamos que a teoria esteja correta. O que poderemos abrir ao público?

— O quê? Nada! — O diretor da CIA balançou a cabeça energicamente. — Teríamos um caos mundial.

— Já o temos.

— Mesmo assim. A mídia nos massacraria. Nos declararia loucos. Em primeiro lugar, não acreditarão em nós; em segundo lugar, não vão querer acreditar em nós. A existência de tal raça questionaria o significado da humanidade.

— Esse é um problema basicamente religioso. — O ministro da Defesa fez um sinal negativo. — Politicamente irrelevante.

— não há mais política — disse Peak. — Nada que possa ser tratado separadamente do medo e da miséria. Vá para Manhattan. Veja você mesmo. não imagina o quanto pessoas que jamais estiveram numa igreja estão rezando.

O presidente direcionou o olhar pensativo para o teto.

— Precisamos nos perguntar — disse — quais são os planos de Deus nisso tudo.

— Deus não está no seu gabinete, senhor, se me permite fazer o comentário — disse Vanderbilt. — Ele também não está do nosso lado.

— Esse não é um bom ponto de vista, Jack — disse o presidente, franzindo as sobrancelhas.

— Parei de separar os pontos de vista em bons e ruins, desde que façam sentido. Aparentemente, todos aqui acreditam que esta teoria tem fundamentos. Então me pergunto qual de nós é burro...

— Jack — disse o diretor da CIA em tom de advertência.

—

..mas estou disposto a confessar que sou eu. Mesmo assim, só transigirei quando vir provas. Quando tiver falado com esses assassinos, essa criação na água. Até lá, sou absolutamente contra excluir a possibilidade de um grande ataque terrorista e reduzir a nossa atenção.

Li pôs a mão no seu antebraço.

— Jack, por que humanos escolheriam um caminho desses?

— Para convencer pessoas como você de que o ET cismou conosco. E funciona. Diabos, funciona!

— Ninguém aqui é ingênuo — disse o conselheiro de Segurança, aborrecido. — não reduziremos nossa atenção, mas, sinceramente, com a sua psicose de terrorismo não estamos avançando nem um centímetro. Podemos ficar infinitamente de olho em mulas enlouquecidas ou grandes criminosos riquíssimos, enquanto mais alguns taludes deslizam, as nossas cidades são inundadas e americanos inocentes morrem. Então, qual é a sua sugestão, Jack?

Enfurecido, Vanderbilt cruzou os braços por cima da barriga. Parecia um Buda amuado.

— Ouvi uma sugestão — disse Li lentamente.

— Que seria?

— Conversar com essas pestes. Fazer contato. O presidente juntou os dedos. E disse, pensativo:

— Esta é uma prova. Uma prova para a raça humana. Talvez Deus tenha determinado este planeta para duas raças. Mas talvez a Bíblia esteja certa ao falar de um animal que surge do mar. Deus disse: Dominem a Terra, mas não disse isso para umas criaturas do mar.

— não, certamente não — murmurou Vanderbilt. — Disse aos americanos.

— Talvez esta seja a luta contra o mal, a tantas vezes prognosticada grande batalha. — O presidente ergueu-se um pouco. — E fomos nós os escolhidos para vencê-la e ganhar.

— Talvez — disse Li, dando continuidade à idéia —, quem ganhar esta batalha ganhe a Terra.

Peak olhou-a de lado e permaneceu calado.

— Deveríamos discutir abertamente a teoria de Johanson com os governos dos países da Otan e da União Européia — sugeriu a ministra das Relações Exteriores. — E depois deveríamos envolver as Nações Unidas.

— E esclarecer desde o início que eles dificilmente terão condições de realizar uma operação dessas — disse Li rapidamente. — Quer dizer, nada contra usarmos o know-how e a criatividade das suas melhores cabeças. Sugiro incluir também países árabes e asiáticos amigos. De qualquer forma, isso causa uma boa impressão. Entretanto, ao mesmo tempo, chegou a hora de aproveitarmos a oportunidade e nos colocarmos no topo da união mundial. não se trata de uma queda de meteorito que acabará com todos nós. É uma terrível ameaça que poderemos controlar se não cometermos nenhum erro agora.

— Suas contramedidas estão surtindo efeito? — perguntou o conselheiro de Segurança.

— Em todo o mundo, as pesquisas para a descoberta de um antídoto estão a mil. Estamos tentando impedir as invasões de caranguejos e os ataques de baleia, e capturar esses vermes, o que tem sido complicado. Estamos tomando uma série de medidas para minimizar os riscos, mas não serão suficientes se continuarmos procedendo da forma convencional. A interrupção da Corrente do Golfo nos enfraquecerá. não há como impedir o mais provável acidente de metano. Mesmo que consigamos pescar milhões desses vermes do mar, não podemos ver onde se estabeleceram, e outros virão. Como ficou impossível enviar robôs, sondas e submersíveis para baixo, tornamo-nos cegos. não fazemos a menor idéia do que esteja acontecendo lá embaixo. Hoje à tarde ouvi dizer que perdemos duas gigantescas redes de arrastão em frente à Georges Bank. Perdemos o contato com três traineiras que navegavam à

altura da Fossa de Laurêncio para raspar o fundo do mar. Aviões de busca estão a caminho, mas é um terreno difícil. Ao leste, estão os bancos da Terra Nova. Uma região de neblina constante e, há dois dias, há um forte temporal ali. — Ela fez uma pausa. — São dois exemplos entre milhares. Quase todas as chamadas refletem o nosso fracasso. Os aviões de reconhecimento estão trabalhando bem, várias vezes conseguimos reprimir os bandos de caranguejos com lançadores de chamas, mas, em compensação, eles saem do mar em outro local. Precisamos reconhecer que não dominamos o mar. Já não dominávamos quando ele não representava perigo algum, mas agora...

— E os ataques com sonares?

— Daremos continuidade, mas não asseguramos um êxito real. Adianta apenas se matarmos os animais. As baleias não estão fugindo do barulho, como qualquer animal com instintos intactos o faria. Acredito que estejam sofrendo muito, mas estão sendo guiadas por fora. O terror continua.

— Como está falando de planejamento, Jude — disse o ministro da Defesa —, reconhece uma estratégia em tudo isso?

— Acredito que sim. Em cinco etapas interligadas. O primeiro passo seria expulsar os humanos da superfície e do fundo do mar. O segundo passo culmina no extermínio e na expulsão das populações costeiras. Veja o norte europeu. O terceiro passo inclui a destruição da nossa infra-estrutura. Mais uma vez, o norte europeu, onde a indústria offshore foi sensivelmente acometida. A paralisação da pesca, ainda por cima, nos trará um imenso problema de alimentação, especialmente no Terceiro Mundo. Quarto passo, destruição dos pilares da nossa civilização, recuo da população para o interior. E finalmente o quinto e último passo: o clima se desequilibra, a Terra torna-se inabitável para os humanos. Ela congelará ou se afogará, será aquecida ou resfriada ou ambas as coisas — isso ainda não sabemos detalhadamente.

Durante algum tempo, reinou um silêncio opressivo.

— Mas a Terra não se tornará também inabitável para o mundo animal? — perguntou o conselheiro de Segurança.

— Na superfície, sim. Ou digamos que grande parte do mundo animal também seja exterminada. Mas ouvi dizer que algo similar ocorreu há 55 milhões de anos e acabou levando à morte de vários animais e plantas que abriram espaço para novas espécies. Acredito que essas criaturas tenham pensado muito bem como elas próprias sobreviveriam a uma catástrofe dessas sem prejuízo.

— Uma batalha tão exterminadora, isso é... — O ministro da Segurança interna procurou por palavras. — Isto é desproporcionado, desumano...

— não são humanos — disse Li pacientemente.

— Mas então como poderemos detê-los?

— Descobrimo quem são — disse Vanderbilt.

Li olhou para ele.

— Está finalmente caindo em si?

— Meu ponto de vista continua o mesmo — disse Vanderbilt, impassível.

Reconheça o propósito de uma ação e saberá quem a está executando. Neste caso, confesso que no momento a sua estratégia-dos-cinco-passos é a mais plausível. Então precisamos dar o próximo passo. Quem são, onde estão, como pensam?

— O que pode ser feito contra eles — acrescentou o ministro da Defesa.

— O Mal — disse o presidente com os olhos muito apertados. — Como vencer o Mal?

— Falemos com eles — disse Li.

— Fazer contato?

— Também é possível negociar com o Diabo. No momento, não vejo outra saída. Johanson defende a teoria de que estão nos mantendo ativos para impedir que encontremos soluções. não podemos dar-lhes tanto tempo. Por enquanto ainda temos como agir, então deveríamos procurá-los e fazer contato. E depois atacamos. i

— Criaturas do fundo do mar? — O ministro da Segurança Interna balançou a cabeça. — Meu Deus do céu.

— Todos concordamos que a teoria tem fundamento? — perguntou o diretor da CIA para todos. — Quer dizer, estamos

conversando como se não houvesse mais dúvidas. Queremos mesmo aceitar a idéia de que dividimos a Terra com uma segunda raça inteligente?

— Existe apenas uma raça divina — enfatizou o presidente com determinação. — E são os humanos. O quão inteligente é essa forma de vida no mar é outra questão. Se ela tem o direito de reivindicar este planeta como nós é bastante duvidoso. A história da criação não prevê tais criaturas. A Terra é o mundo dos humanos, ela foi criada para os humanos, e o plano de Deus é nosso plano. Mas o fato de uma forma de vida desconhecida ser responsável por tudo isso parece-me viável.

— Mais uma vez — quis saber a ministra das Relações Exteriores. — O que diremos ao mundo?

— É cedo demais para dizer algo ao mundo.

— Ele fará perguntas.

— Invente respostas. É diplomata para isso. Se dissermos ao mundo que uma segunda humanidade habita o mar, ele já padecerá no choque.

— Aliás — disse o diretor da CIA para Li —, como devemos chamar essas mentes malignas no oceano?

Li sorriu.

— Johanson fez uma sugestão: Yrr.

— Yrr?

ípsilon e dois erres. É um nome casual. O resultado de movimentos

involuntários dos dedos no laptop.

— Ridículo.

— Ele disse que o nome seria tão bom quanto qualquer outro, e concordo. Acho que devemos chamá-los Yrr.

— Está bem, Li. — O presidente balançou afirmativamente a cabeça. — Veremos até onde essa teoria tem fundamento. Precisamos avaliar todas as opções, todas as possibilidades. Entretanto, se acabarmos constatando que devemos travar uma batalha contra criaturas que, por mim, podemos chamar Yrr, então venceremos os Yrr. Haverá guerra contra os Yrr. — Olhou para

todos. — Esta é uma oportunidade. Uma grande oportunidade. Quero que seja aproveitada.

— Com a graça de Deus — disse Li.

— Amém — murmurou Vanderbilt.

## **WEAVER**

Uma das vantagens do castelo em seus tempos de ocupação era que tudo permanecia aberto o tempo inteiro. Ninguém aqui estava lidando com os hábitos de hóspedes comuns. Li enfatizara que principalmente os cientistas deveriam trabalhar noite e dia, e possivelmente sentiriam vontade de comer um t-bone-steak às quatro da manhã. Conseqüentemente, a qualquer hora havia refeições quentes, os restaurantes, bares e salas de reunião estavam ocupados, e todas as instalações esportivas, incluindo a sauna e a piscina, estavam abertas 24 horas por dia.

Weaver nadara durante meia hora na piscina. Já passava de uma hora. Descalça e com os cabelos molhados, vestindo um roupão macio, passou pela recepção em direção aos elevadores, quando, pelo canto do olho, viu Leon Anawak. Ele estava sentado ao balcão do bar do hotel, o que não combinava nem um pouco com ele, pensou. Perdido, estava sentado diante da sua Coca-Cola intocada e um pote de amendoins; de tempos em tempos pegava um, olhava para ele e deixava-o cair de volta.

Ela hesitou.

Desde a conversa interrompida na parte da manhã não o vira mais. Possivelmente não quis ser incomodado. O saguão e as salas adjacentes continuavam movimentados, somente o bar estava quase vazio. Dois homens de terno escuro conversavam em voz baixa num canto. Um pouco à frente, uma mulher trajando um pano transpassado olhava concentradamente para o seu laptop. A música da Costa Oeste dava à situação um ar insignificante.

Anawak não parecia muito feliz.

Enquanto ela ainda pensava em ir para a suíte, entrou no bar. Seus pés molhados tocaram o piso suavemente. Foi até o final do bar, onde ele estava sentado, e disse:

— Olá!

Anawak virou a cabeça. Seu olhar estava completamente vazio.

Inconscientemente, ela parou. A intimidade de uma pessoa podia ser invadida mais rapidamente do que se percebia, e então adquiria-se a fama de inoportuna para todo o sempre. Ela encostou-se no bar e ajeitou o roupão nos ombros. Havia dois banquinhos entre eles.

— Olá — disse Anawak. Seu olhar tremia. Aparentemente, só agora dava pela presença dela.

Ela sorriu.

— O que... Bem, o que está fazendo? — Pergunta idiota. O que estava fazendo? Estava sentado a um balcão brincando com amendoins. — Desapareceu de repente hoje de manhã.

— É. Sinto muito.

—não, não precisa — disse rapidamente. — Quer dizer, não queria incomodar, mas vi-o sentado aqui e pensei...

Alguma coisa estava errada. Era melhor cair fora.

Anawak pareceu acordar totalmente da sua imobilidade. Pegou o seu copo, levantou-o e novamente o abaixou. Olhou para o banquinho ao seu lado.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou.

— Realmente não estou incomodando?

—não, de forma alguma.

— Então... Baileys com gelo, por favor.

Anawak chamou o barman e fez o pedido. Ela aproximou-se sem se sentar. Gotas geladas de água escorriam-lhe do cabelo e acumulavam-se entre os seios. Em geral, não se incomodava de andar por aí seminua, mas de repente sentiu-se desconfortável.

Devia beber e desaparecer rapidamente.

— E como você está? — perguntou ela, enquanto dava goles no líquido cremoso.

Anawak franziu a testa.

—não sei.

—não sabe?

— não. — Ele pegou um amendoim, colocou-o à sua frente e deu um peteleco.

— Meu pai morreu.

Ai, que merda.

Ela sabia. não devia ter-se aproximado. Agora estava aqui tomando Baileys alguém que se escondera tão ostensivamente atrás do bar, que inclusive

oderia ter colocado uma placa informando que seria melhor manter a distância.

— De quê? — perguntou cautelosamente.

— não faço a menor idéia.

— Os médicos ainda não sabem?

— Eu ainda não sei. — Ele balançou a cabeça. — E não tenho certeza se

quero saber.

Ele calou-se por um tempo. E então disse:

— Hoje à tarde corri pelas florestas. Durante horas. Às vezes andei devagar e depois corri feito um desvairado. À procura de uma... sensação. Pensava que devesse ter alguma emoção que coubesse na situação, mas o tempo inteiro apenas senti pena de mim. — Ele olhou para ela. — Você conhece esta sensação? Onde quer que esteja, quer desaparecer imediatamente. Tudo parece importuná-la, e, de repente você percebe que não se trata de você. não é você que deseja sumir. São os lugares que querem livrar-se de você. Parecem repeli-la, dizer-lhe que ali não é o seu lugar. Mas ninguém lhe explica qual é o seu lugar, e você corre, corre...

— Parece estranho. — Ela refletiu a respeito. — Conheço essa sensação da embriaguez. Quando se bebe a ponto de enjoar em qualquer situação, não importa como a gente se vira, deita ou troca de lado. — Ela hesitou. — Desculpe. Resposta idiota.

—não, de forma alguma! Tem razão. Vai se sentir melhor apenas depois de vomitar. É exatamente como estou me sentindo. Talvez devesse vomitar, mas não sei como.

Ela passou o dedo na borda do copo. A música tocava sem parar.

—não tinha uma boa relação com seu pai?

— não tinha relação alguma.

— É mesmo? — Weaver franziu a testa. — Isso existe? É possível não ter relação nenhuma com alguém que se conhece?

Anawak encolheu os ombros.

— E você? — perguntou. — O que fazem os seus pais?

— Estão mortos.

— Isso... oh. Sinto muito.

— Tudo bem. não tem nada demais. Digo, as pessoas morrem, inclusive os Pais. Os meus morreram quando eu tinha dez anos. Acidente de mergulho em frente à Austrália. Estava no hotel quando aconteceu. Correnteza forte. Durante um tempo, está tudo tranqüilo, e de repente você é puxado em direção ao mar aberto. Na realidade, eram cautelosos e experientes, mas... pois bem. — Ela encolheu os ombros. — O mar está sempre diferente.

— Foram encontrados? — perguntou Anawak em voz baixa.

— não.

— E você? Como reagiu?

— Durante um bom tempo, foi muito difícil. Tive uma infância maravilhosa, sabe. Viajávamos o tempo todo. Os dois eram professores e fascinados pela água. Fizemos de tudo, velejamos nas Ilhas Maldivas, mergulhamos no mar Vermelho, mergulhamos nas cavernas de Yucatan. Descemos até mesmo em frente à Escócia e à Islândia. Naturalmente, permaneciam perto da superfície quando eu estava junto, mesmo assim eu via tudo. Apenas não me levavam para os mergulhos mais arriscados. E também não sobreviveram a este. — Ela sorriu. — Mas, como vê, ainda consegui ser alguma coisa.

— É. — Ele sorriu de volta. — Impossível não reparar.

Era um sorriso triste, desamparado. Durante algum tempo, simplesmente olhou para ela. E então desceu do banquinho.

— Acho que devia tentar dormir. Amanhã irei para o enterro. — Hesitou. — Então, boa noite e... obrigado.

— Pelo quê?

Depois ficou sentada, com o seu Baileys pela metade, lembrando dos pais e do dia em que a equipe administrativa do

hotel viera e a gerente lhe dissera que agora precisaria ser muito valente. Pequena menina valente. Pequena Karen forte.

Ela balançou o licor dentro do copo.

Não contara a Anawak o quanto fora duro. não falara nada sobre o fato de ter sido adotada pela avó, uma criança perturbada e assustada que transformara o seu luto em raiva a ponto de a velha mulher não conseguir dar conta dela. Como as suas notas na escola pioraram rapidamente, paralelamente aos seus relacionamentos. Nada das suas constantes fugas e mudanças, dos primeiros cigarros de maconha e das drogas mais pesadas, do tempo como punk nas ruas e da sensação de estar constantemente embriagada ou drogada e transar com qualquer um que não dissesse não. E, na realidade, ninguém dissera não. E depois os pequenos furtos, a expulsão da escola, um aborto malfeito, drogas mais pesadas, roubos a carros, serviço de assistência aos menores. Meio ano no internato para crianças problemáticas. Um corpo coberto de piercings. Careca e cicatrizes. Emocional e fisicamente, um campo de batalha.

De fato, o acidente não acabara com o seu amor pelo mar. Pelo contrário. mais do que nunca, ele fascinava-a profundamente, parecia chamá-la, lá para baixo onde os seus pais a aguardavam. O mar a atraía com tamanha veemência que numa noite pegara uma carona para Brighton e nadara para bem longe da costa, e quando a água negra iluminada pela lua quase engolira as luzes da cidade balneária, ela lentamente deixara-se afundar para debaixo da superfície e tentara afogar-se.

Mas não era tão fácil afogar-se.

Permanecera pendurada no canal escuro, prendendo a respiração e contando os seus batimentos cardíacos até eles estrondarem nos seus ouvidos. Em vez de receber a sua força de vida, o mar lhe mostrara: tão forte, este coração! Batia com tanta obstinação que ela sentira vontade de entregar-se ao abraço gelado, mas, de repente, o reflexo da respiração entrou em ação e a obrigara a inspirar água nos seus pulmões. Inúmeras vezes ouvira o seu pai dizer o que aconteceria agora. Formar-se-ia espuma nos pulmões, a rede filigranada de alvéolos colabaria, e falta de

oxigênio aguda levaria à morte. Dois minutos até o espasmo do dia-fragma, impossibilidade de respirar. Cinco minutos até a morte cardíaca.

Ela atirara-se para cima e emergira do pesadelo que começara aos dez anos de idade e terminara aos 16, imediatamente ao lado de um saveiro. Levaram-na com uma forte hipotermia para o hospital, onde tivera tempo suficiente para unir coragem e decisão num plano. Após a sua alta, observara o seu corpo durante uma hora no espelho e decidira nunca mais querer vê-lo daquela forma. Retirou os piercings, parou de raspar a cabeça, tentou fazer dez flexões de braço e desmaiou.

Após uma semana, conseguira fazer vinte.

Com toda a força, tentara reconquistar o que perdera. A escola aceitara-a de volta desde que fizesse um tratamento, e ela concordara. Mostrara-se disposta a aprender e a ser disciplinada. Era solícita e gentil com todos. Lia tudo que parasse em suas mãos, preferencialmente sobre o ecossistema da Terra e os oceanos. não passava um dia sem treinar. Desde que o canal a libertara, ela corria, nadava, boxeava e escalava para apagar os últimos traços do tempo perdido até nada mais lembrar a menina magra de olhos fundos que fora um dia. Quando, aos 19 anos e com um ano de atraso, concluía a escola com grande êxito e inscrevera-se na universidade para estudar biologia e educação física, seu corpo parecia-se com as representações de lutadores helenísticos.

Karen Weaver transformara-se numa nova pessoa.

Com uma ânsia antiga.

Para entender o mundo e como ele funcionava, também estudou informática. A representação de relações complexas no computador a fascinava, e ela não sossegara até conseguir representar virtualmente os processos oceânicos e atmosféricos. Seu primeiro trabalho resultara numa abrangente representação das correntes marítimas que não acrescentava nada ao conhecimento geral, mas era de grande brilho e perfeição: uma homenagem a duas pessoas que ela amara e perdera cedo demais. Enfiando a cabeça debaixo d'água e pesquisando, ela devolvia um pouco do que recebera em excesso: amor e conhecimento. Abrira o

seu escritório de relações públicas Deepblueseas, escrevia para a Science e a National Geographic, recebera colunas em títulos de ciência popular e chamara a atenção dos institutos que a convidavam para expedições por precisarem de um voto para pôr suas idéias em prática. Viajara com a MIR até o Titanic, o Alvin levava-a até as chaminés hidrotermais da dorsal submarina atlântica e passara o inverno na Antártida a bordo do Polarstern. Estava em todas e fazia o melhor de tudo, porque, desde a noite no canal, desconhecia o medo. Nada nem ninguém a assustava.

Exceto a solidão. Ocasionalmente.

Viu-se de pé no espelho do bar, molhada, enrolada na toalha, um tanto sem saber o que fazer.

Terminou de beber o Baileys rapidamente e foi dormir.

## 14 de maio

### ANAWAK

Lentamente, o barulho dos motores fez com que adormecesse.

Quando finalmente convencera-se de viajar, Anawak contara com algumas dificuldades. Pensara que Li talvez não o deixaria ir, entretanto ela praticamente insistira em que ele pegasse o primeiro avião.

— Quando um pai, uma mãe ou um filho morre, é preciso estar com a família. Jamais se perdoaria, se ficasse aqui. A família é a coisa mais importante na vida. Somente na família há confiança. Mantenha-se acessível. É tudo que lhe peço.

Agora, sentado no avião, Anawak se perguntava se Li teria uma família.

E ele? Tinha uma família?

Absurdo. Alguém que não tinha nenhuma relação com a própria família louvava o parentesco próximo para alguém que tampouco tinha uma.

Seu vizinho de poltrona, um pesquisador de meteorologia de Massachusetts, começou a roncar baixinho. Anawak inclinou o encosto do assento para trás e olhou pela janela. Estava a sós com os seus pensamentos há horas e continuava sem saber se isso lhe fazia bem. Um Boeing da Canadian Airlines levara-o primeiramente de Vancouver ao aeroporto Toronto Pearsons, onde as aeronaves aterrissadas aguardavam sua liberação em longas filas. Toronto fora surpreendido por um temporal excepcionalmente forte que paralisara temporariamente o tráfego aéreo. Para Anawak, parecera um mau presságio. Inquieto, aguardava sentado na área de transferência do aeroporto de Toronto, enquanto, do lado de fora, uma aeronave após outra estacionava nos fingers sanfonados, até finalmente seguir para Montreal após duas horas de atraso.

Dali em diante tudo transcorreria sem impedimentos. Reservara um quarto num Holiday Inn nas proximidades do aeroporto Dorval e, logo cedo, estava novamente sentado numa sala de espera. Os primeiros indícios apontavam para o ingresso num mundo diferente. Um grupo de homens com canecas de café fumegantes estava de pé na janela panorâmica. Tinham emblemas de empresas Petrolíferas em seus macacões e, aparentemente, levavam pouca bagagem de mão. O rosto de dois deles era como o de Anawak. Largo e escuro, com olhos mongólicos. Do lado de fora, gigantescos pallets carregados e amarrados com redes desapareciam, um após outro, na barriga do Boeing 737 da Canadian North Airlines. Enquanto eles continuavam sendo empurrados das plataformas elevatórias, os passageiros foram chamados. Andaram até o avião e entraram através da escada traseira. As fileiras de assentos encontravam-se apenas no terço anterior, todo o espaço restante precisou ser cedido para a carga.

Já fazia mais de duas horas que Anawak estava voando novamente. De vez em quando o avião balançava um pouco. A maior parte do tempo sobrevoaram campos de nuvens. Agora, um pouco antes do estreito de Hudson, as massas amontoadas afastaram-se, abrindo visão à paisagem marrom da tundra abaixo, montanhosa e escarpada, manchada de campos de neve e, muitas vezes, interrompida por lagos em que flutuavam grandes pedregulhos de gelo. E então apareceu a costa. O estreito de Hudson avançou abaixo deles, e Anawak sentiu-se atravessando a última fronteira. Uma grande confusão de sentimentos invadiu-o e interrompeu seu cochilo. Todos os planos tinham um point of no return. Na prática, Montreal fora esse ponto, mas simbolicamente era o estreito de Hudson. Do outro lado da estrada marítima começava um mundo para o qual jamais quisera retornar.

Anawak estava a caminho da terra em que nascera, da sua terra natal à altura do Círculo Polar Ártico, Nunavut.

Continuou olhando para fora e procurou desligar-se de qualquer pensamento. Após mais meia hora, voltaram a sobrevoar terra e, em seguida, um trecho ofuscante coberto de gelo, a Baía de Frobisher a sudeste da ilha de Baffin. A aeronave fez uma curva

para a direita e desceu rapidamente. Surgiu uma construção amarela com uma torre de comando atarracada. Imersa na paisagem escura e montanhosa, parecia o posto externo da humanidade num planeta distante, mas era apenas o aeroporto de Iqaluit, a "escola dos peixes", capital de Nunavut.

O Boeing aterrissou e, lentamente, parou.

Anawak não precisou esperar muito pela sua bagagem. Pegou a grande mochila e atravessou o saguão de chegada. Uma exposição apresentava a cultura inuit com adornos de parede e esculturas em pedra-sabão. No meio do saguão, viu uma figura gigante, compacta, com botas e roupa tradicional, um tamborim na mão direita erguida sobre a cabeça, na outra mão a baqueta. O percussionista petrificado estava com a boca aberta, cantando. Irradiava energia e autoconfiança. Anawak parou à sua frente por um instante e leu a inscrição abaixo da escultura: Em todas as ocasiões especiais em que as pessoas do Ártico se encontram, há danças dos tambores e cantos guturais. E então seguiu para o saguão de embarque da First Air e despachou sua mochila para Cape Dorset. A mulher que recebera sua bagagem explicou-lhe que a aeronave partiria com uma hora de atraso.

— Quem sabe ainda tenha alguma coisa para resolver na cidade — disse gentilmente.

Anawak hesitou.

— Na realidade, não. Praticamente não conheço a cidade.

Ela olhou para ele com certa surpresa. Aparentemente, estranhava o fato de alguém que evidentemente era um inuk não conhecer a capital. E então voltou a sorrir.

— Iqaluit tem vários atrativos. Deveria aproveitar. Vá ao Museu Nunatta-Sunaqutangit, há tempo suficiente. Tem uma bela exposição de arte tradicional e contemporânea.

— Ah, sim... claro.

— Ou ao centro de visitas Unikkaarvik. E dê um pulo na igreja anglicana. Parece um iglu, é a única igreja do mundo que parece um iglu!

Anawak observou a mulher. Era nativa, pequena, de franja e rabo-de-cavalo pretos. Seus olhos brilharam quando o seu sorriso se

abriu.

— Poderia jurar que o senhor é de Iqaluit.

— não. — Por um instante, sentiu-se tentado a dizer que era de Cape Dorset, e então disse: — Vancouver. Sou de Vancouver.

— Oh, eu amo Vancouver! — exclamou ela.

Anawak olhou à sua volta. Temeu estar atrapalhando o movimento, mas aparentemente era o único a seguir viagem naquele dia.

— Já esteve lá?

— não, nunca fui tão longe. Mas há muitas fotos e informações na internet. Uma bela cidade. — Riu. — Um pouco maior do que Iqaluit, não?

Ele sorriu de volta.

— É, acredito que sim.

— Ah, mas também não somos mais tão pequenos assim. Afinal, Iqaluit já tem mais de seis mil habitantes. E estamos crescendo. Dentro de alguns anos, seremos tão grandes quanto Vancouver. Bem, quase tão grandes. Desculpe-me.

Um casal aparecera atrás dele. então não seria o único a seguir viagem. Despediu-se rapidamente e saiu antes que a mulher pensasse em mostrar-lhe a cidade.

Iqaluit.

Sua última lembrança era tão antiga. Algumas coisas pareciam-lhe familiares, a maior parte, entretanto, não reconheceu mais. As nuvens haviam ficado

em Quebec, aqui o sol brilhava num céu azul-metálico e gerava uma temperatura agradável. Anawak calculou que não faria mais frio do que 10° Celsius. Seu

casaco de penas sobre o pulôver estava quente demais. Tirou e amarrou-o na Cintura, e andou pela rua empoeirada em direção ao centro da cidade. O tráfego estava incrivelmente intenso. não se lembrava de ter visto tantos jipes e quadrículos, pequenos veículos com vários eixos e assentos de motocicleta. De ambos os lados da rua havia casas de madeiras típicas do Ártico, construídas sobre pequenas palafitas devido ao solo de gelo permanente. Todas as construções do Ártico eram erguidas sobre

palafitas assim. Se fossem construídas diretamente sobre o solo, este derreteria e afundaria com o calor emanado por elas.

Quanto mais Anawak andava, mais nítida tornava-se a imagem da mão de Deus, um belo dia, embaralhando um monte de construções e espalhando-as aleatoriamente. Colossos brancos cubistas e sem janelas erguiam-se entre os barracos tradicionais verde-oliva ou vermelhos. A escola parecia um óvni aterrissado. Alguns prédios brilhavam num forte petróleo ou água-marinha. Um pouco adiante, chegou à delegacia uma mistura de acolhedora casa de jardim com moradia de astronauta em forma de abóbada. Perto dali erguia-se uma elegante construção de três andares com grandes janelas e entrada vistosa que caberia em qualquer metrópole, não fossem as típicas palafitas e escadas. Anawak não queria que as impressões o tocassem, mas desde que fora atirado para fora semimorto de um avião afundando, perdera a capacidade da indiferença. A confusa mistura arquitetônica dava-lhe uma sensação de despreocupação, quase de alegria, o que o deixava desconfiado, mas não indiferente.

perguntou-se o que acontecera aqui. Esta não era a deprimente Iqaluit dos anos 1970. As pessoas cumprimentavam-no com estranha gentileza em Inuktitut. Ele respondia aos cumprimentos de forma breve e retraída. Sem parar, andou durante uma hora pela cidade, entrando apenas no centro de visitas Unikkaarvik, onde encontrou uma cópia ainda maior do dançarino do tambor.

O dançarino do tambor. Quando era pequeno, vira muitas danças de tambores. Há muito tempo, quando as coisas ainda estavam em ordem.

Tolice! Quando é que as coisas estiveram em ordem por aqui?

Voltou para a rua e continuou andando, enquanto começava a sentir calor à luz cristalina do sol. A igreja anglicana de fato parecia um iglu, com uma ponta puxada para cima. Deixou-a de lado. Após uma hora estava novamente no saguão de embarque do aeroporto e sentou-se num banco com um jornal. Além dele, somente o casal aguardava a conexão. Abriu o jornal de modo que

o isolasse de todos os estímulos externos, leu os artigos sem absorver o conteúdo e finalmente jogou-o fora.

A jovem mulher do balcão pediu-lhes que a seguissem. Saíram por uma porta lateral do aeroporto para a pista, onde um pequeno avião Piper aguardava. Juntamente com o casal, Anawak entrou na estreita cabine passando por dois degraus. O avião tinha apenas seis lugares. Na parte traseira, a bagagem estava presa por redes. Não havia uma divisória entre a cabine do piloto e a área de passageiros. Rolaram para a pista de decolagem e precisaram aguardar por um instante até um outro avião do mesmo tipo aterrissar, então aceleraram rapidamente num trecho curto e decolaram com certa instabilidade. O aeroporto diminuiu e desapareceu. Abaixo deles, cintilava a Baía de Frobisher. Voaram para o leste sobre montanhas ainda parcialmente cobertas por neve e gelo, lixadas pelas geleiras. À esquerda, o sol refletia-se no estreito de Hudson e, à direita, na superfície de um lago cujo nome Anawak lembrou-se espontaneamente: Amadjuak

Estiveram ali algumas vezes. Tantas coisas retornavam, numa velocidade altíssima. Lembranças manifestavam-se como fantasmas numa tempestade de neve e levavam-no de volta ao passado.

Ele não queria retornar para lá.

A paisagem aplainou, acabou. Sobrevoaram o mar durante vinte minutos, e novamente viu-se uma paisagem montanhosa pela janela do cockpit. A Baía de Tellik Inlet com as suas sete ilhas entrou no seu campo de visão. Uma delas era cortada pela estreita linha da pista de pouso de Cape Dorset.

Aterrissaram.

Anawak sentiu o coração disparar. Estava em casa. Para onde jamais quisera retornar. Repulsa e curiosidade misturaram-se ao medo enquanto o Piper rolava em direção ao prédio principal do aeroporto.

Cape Dorset: a Nova York do norte, como com seus aproximadamente 1.200 habitantes era chamada num misto de admiração e gozação, um dos mais renomados centros da cultura inuit.

Agora era assim.

Na época, fora diferente.

Cape Dorset: Kinngait no idioma dos inuit, montanhas altas, situada na região da Sikusiilaq, onde não se forma gelo no mar, porque até mesmo nos invernos mais pesados as correntes mornas impediam que a superfície do mar congelasse inteiramente em torno da Foxe Península, a extremidade mais a sudoeste da ilha de Baffin. Diversos nomes invadiram a cabeça de Anawak. Havia aquela minúscula ilha próxima a Cape Dorset, Mallikjuaq, uma área de preservação ambiental repleta de pequenos milagres, com armadilhas de raposas do século XIV, restos da antiqüíssima cultura thule, túmulos legendários e um lago romântico no qual haviam acampado muitas vezes. Anawak lembrou-se do pequeno galpão de caiaques. Gostava de estar ali, em Mallikjuaq. E então se lembrou de seu pai e sua mãe, e do que o expulsara da terra que, à época, não se chamara Nunavut, mas Northwest Territories.

Pegou a mochila e saltou do Piper.

Imediatamente, um homem correu em direção ao casal. Aparentemente conheciam-se. Cumprimentaram-se, exaltados, mas quase sempre era assim com os inuit. Conhecia-se uma série de palavras de cumprimento, e nenhuma para adeus. Para Anawak também não disseram nenhuma palavra de despedida há 19 anos, nem mesmo o homem que de repente surgiu na pista, pequeno e enrugado, enquanto o casal e o seu amigo nativo saíam conversando. Por um instante Anawak não o reconheceu — Ijitsiaq Akesuk visivelmente envelhecera e usava um estreito bigode grisalho que não possuía antigamente. Mas era ele. O rosto enrugado abriu-se num sorriso. Correu em direção a Anawak e abraçou-o com a mochila e tudo, enquanto uma avalanche de palavras em inuktitut borbulhou de seus lábios. E então voltou a si e disse em inglês:

— Leon, meu menino. Que belo jovem doutor.

Anawak suportou o abraço e deu um tapinha sem graça nas costas de Akesuk.

— Tio Iji. Como vai?

— Como quer que eu esteja, com tudo o que aconteceu? Teve um bom vôo? Sua viagem deve ter levado uma eternidade, nem sei todos os lugares para os quais precisou voar para chegar até aqui...

— Precisei mudar de avião algumas vezes.

— Toronto? Montreal? — Akesuk soltou-o e olhou para ele com os olhos brilhantes. Anawak viu que faltava um dente na arcada superior, como era típico nos inuit. — Certamente Montreal. Você viaja muito, não é mesmo? Estou contente. Precisa me contar muitas coisas. Naturalmente ficará conosco, rapaz, está tudo preparado. Tem outra bagagem?

— não. Bem, tio Iji...

— Iji, apenas Iji, deixe essa besteira de tio. Está velho demais para isso.

— Fiz uma reserva num hotel. Akesuk recuou um pouco.

— Onde?

— No Polar Lodge.

O velho homem pareceu desapontado por um segundo. E então seu rosto voltou a brilhar.

— Cancelaremos a reserva. Eu conheço o gerente. Sabe como é, aqui todos se conhecem. não há problema.

— não quero causar-lhe nenhum transtorno — disse Leon. Estou aqui para pôr o meu pai debaixo do gelo, pensou. E para depois desaparecer novamente, o mais rápido possível.

— não me causará transtorno algum — disse Akesuk. — É meu sobrinho. Fez reserva para quantos dias?

— Duas noites. Acredito que seja o suficiente, não?

Akesuk franziu a testa e olhou-o de cima a baixo. E então puxou Anawak pelo braço para dentro do saguão.

— Voltaremos a falar sobre isso. não está com fome?

— Estou.

— Excelente. Mary-Ann fez um steak de rena e sopa de foca com arroz. Uma especialidade. Quando foi a última vez que comeu isto, hein, sopa de foca?

Anawak deixou-se arrastar. Em frente ao prédio do aeroporto havia vários veículos estacionados. Akesuk foi em direção

de uma picape.

— Coloque a mochila atrás. Você conhece Mary-Ann? Claro que não. Você já tinha ido embora quando ela mudou-se de Salluit para cá e nós casamos. A solidão estava se tornando insuportável. Ela é mais nova do que eu. Acho bom, sabe. Você tem uma mulher? Minha nossa, quantas novidades teremos para nos contar depois dessa eternidade em que não esteve mais aqui.

Anawak sentou-se no banco do carona e permaneceu calado. Aparentemente, Akesuk decidira falar sem parar. Tentou lembrar-se se o velho também fora tão falante antigamente.

E então lhe passou pela cabeça que o tio poderia estar tão nervoso quanto ele.

Um permanecia calado. O outro falava. Cada um tinha o seu caminho.

Andaram ao longo da rua principal, aos solavancos. Cape Dorset era dividida em vilarejos por diversas montanhas. Do Kinngait propriamente dito, estendiam-se Itjurittuq na direção nordeste, Kuugalaaq a oeste e Muliujaq ao sul. À época, haviam morado em Kuugalaaq. A família de Anawak morara lá. Akesuk, o irmão da mãe, residira em Kinngait.

Anawak não lhe perguntou se continuava morando lá. Descobriria, de qualquer forma.

Andaram por toda a cidade. O tio comentou praticamente todas as construções por que passavam, até Anawak subitamente compreender que estava fazendo um passeio com ele.

— Tio Iji, conheço isto tudo — disse.

— Conhece nada. É tudo novo. Ali, lembra-se do supermercado?

—não.

— Veja. Também, como? Tudo novo! E ganhamos um ainda maior. Antigamente, sempre íamos ao Polar Supply Store, não se esqueceu disso, não é? Lá atrás está a nossa nova escola, bem, não é mais tão nova assim, mas para você é. Veja do lado direito. não deve conhecer, a casa de shows Tiktaliktaq. Sabe quem já veio aqui para assistir ao canto gutural e à dança de tambores? Bill Clinton, Jacques Chirac e Helmut Kohl, aliás, um gigante também esse Kohl,

parecíamos anões ao seu lado, quando que ele esteve aqui, mesmo, espere...?

E por aí afora. Visitaram a igreja anglicana com o cemitério no qual seu pai seria enterrado. Anawak viu uma mulher inuit em frente à sua casa fazendo uma escultura de um enorme pássaro. A criatura lembrava-lhe a arte dos nootka.

Uma construção cinza-azulada de dois andares com entrada futurística era a sede do governo. Devido à administração descentralizada de Nunavut, havia uma construção dessas em todos os municípios maiores. Anawak entregou-se ao seu destino, sobretudo por perceber que a Cape Dorset da sua infância de fato fora diferente desta.

E, de repente, ouviu-se dizer:

— Vá até o porto, Iji.

Akesuk virou o volante. Eles desceram por uma rua que levava até a margem d'água. Casas de todos os tamanhos e cores distribuía-se de forma aparentemente desordenada pela paisagem marrom-escura. Em alguns trechos viam-se manchas de grama robusta da tundra, em outros, uma área com neve. O porto de Cape Dorset não passava muito de um píer com guindastes onde, de uma a duas vezes por ano, aportava o navio de abastecimento com bens indispensáveis à sobrevivência. Perto dali podia-se atravessar o Tellik Inlet na vazante para chegar à ilha vizinha—Mallikjuaq, o pequeno parque nacional com os seus túmulos e o galpão de caiaques e o lago onde tantas vezes acamparam.

Pararam o carro. Anawak saltou, andou ao longo do píer e olhou para fora em direção à água azul polar. Akesuk seguiu-o um pedaço sem alcançá-lo.

O píer fora a última coisa que Anawak vira ao deixar Cape Dorset. não de avião, mas num navio de abastecimento. Tinha 12 anos de idade. O navio levava-o com a sua nova família, que deixara a terra cheia de esperança e ansiedade pelo novo mundo e, ao mesmo tempo, cheia de saudades do paraíso no gelo que já estava perdido há tanto tempo.

Após cinco minutos, retornou com passos lentos para a picape e entrou sem dizer nada.

— E, o nosso velho porto — disse Akesuk baixinho. — O velho porto. Jamais esquecerei. Você foi embora naquela época. Cortou o coração de todos...

Anawak lançou-lhe um olhar fulminante.

— Cortou o coração de quem? — perguntou.

— Bem, do seu...

— Do meu pai? De vocês? De algum vizinho? Akesuk ligou o carro.

— Venha — disse. — Vamos para casa.

Akesuk continuava morando na pequena casa de bairro. Era bonita e bem-cuidada, azul-clara com telhado azul-escuro. Atrás dela, as montanhas elevavam-se suavemente e, a alguns quilômetros de distância, culminavam no Kinngait, a montanha alta, cuja superfície estava coberta de neve. Parecia uma serra de mármore, mais uma lombada atarracada do que uma montanha alta. Nas lembranças de Anawak, o Kinngait alcançava o céu. Esta cumeada convidava a Uma caminhada com bons equipamentos.

Akesuk conseguiu chegar à caçamba e retirar a mochila antes de Anawak. por menor e mais raquítico que fosse, não parecia precisar fazer esforço algum. Ele segurou a mochila numa mão e, com a outra, abriu a porta de casa sem bater.

— Mary-Ann! — chamou. — Ele chegou. O rapaz chegou!

Um filhote de cachorro saiu com passinhos inseguros. Akesuk passou por cima dele, desapareceu na casa e, segundos depois, retornou em companhia de uma mulher corpulenta cuja face simpática pousava sobre uma imponente papada. Ela abraçou Anawak e cumprimentou-o em inuktitut.

— Mary-Ann não fala inglês — disse Akesuk, desculpando-se. — Espero que você ainda entenda alguma coisa do seu idioma.

— Meu idioma é o inglês — disse Anawak.

— Sim, claro... agora.

— Mas ainda entendo bastante coisa. Entendi o que ela disse. Mary-Ann perguntou se estava com fome.

Anawak disse que sim em inuktitut. Ela revelou uma dentadura falhada, pegou o cachorro que farejava as botas de Anawak e fez um gesto para que ele a seguisse. No saguão de entrada havia vários pares de sapatos. Anawak automaticamente tirou as suas botas de trekking e colocou-as ao lado.

— Ao menos não perdeu sua boa educação — disse o tio, rindo. — não se tornou um qualhmaa.

Quallunaaq, no plural quallunaat, era a descrição geral de todos aqueles que não eram inuit. Anawak olhou para os pés, encolheu os ombros e seguiu Mary-Ann para a cozinha. Avistou um moderno fogão elétrico, aparelhos elétricos que também podiam ser encontrados numa moderna cozinha de Vancouver, nada que o lembrasse do estado desolado da sua antiga casa. Abaixo da janela, havia uma mesa de jantar redonda, ao seu lado uma porta levava à varanda. Akesuk trocou algumas palavras com a mulher e empurrou Anawak para fora da cozinha, para uma sala confortavelmente decorada. Pesadas poltronas agrupavam-se em torno de uma torre com televisão, aparelho de vídeo, aparelho de som e de rádio CB. Uma janela aberta ligava à cozinha. Akesuk mostrou-lhe o banheiro com o toalete, a área de serviço ao lado, a despensa atrás, o quarto de dormir e um pequeno quarto com uma cama de solteiro. Na mesa-de-cabeceira havia um arranjo de flores frescas com papoula do Ártico e outras espécies nativas.

— Mary-Ann colheu-as — disse Akesuk. Soava como um convite para sentir-se à vontade.

— Obrigado, eu... — Anawak balançou a cabeça. — Acho melhor eu dormir no hotel.

Esperava que o tio reagisse magoado, mas Akesuk simplesmente olhou-o durante alguns segundos, fantasiando.

— Um drinque? — perguntou.

— Eu não bebo.

— Eu também não. Tomamos suco de frutas às refeições. Quer um?

— Sim. Obrigado.

Akesuk misturou polpa de suco com água em dois copos, e saíram com os seus drinques para a varanda, onde o tio acendeu

um cigarro. Mary-Ann ainda não estava totalmente satisfeita com o seu stelv e dissera que a comida ainda levaria, no mínimo, uns 15 minutos.

—não posso fumar dentro de casa — disse Akesuk. — É para isso que se casa. Durante toda a minha vida fumei dentro de casa. Ah, se fosse possível parar. — Ele riu e puxou a fumaça com evidente satisfação para dentro dos pulmões. — Deixe-me adivinhar, rapaz... Você não fuma.

—não.

— E não bebe. Bom, bom.

Durante algum tempo, observaram em silêncio o panorama das cumeadas com os seus veios de neve. No alto do céu brilhavam fileiras de nuvens. Gaivotas-polares absolutamente brancas planavam debaixo delas e, de tempos em tempos, atiravam-se para baixo.

— Ele morreu de quê? — perguntou Anawak.

— Simplesmente caiu morto — disse Akesuk. — Estávamos no campo. Ele viu um coelho, quis correr atrás e caiu.

— Você o trouxe de volta?

— O corpo, sim.

— Ele se matou de tanto beber?

A amargura com que fez a pergunta causou medo a si próprio. Akesuk olhou para as montanhas e envolveu-se em fumaça.

— Ele teve um infarto, segundo o médico em Iqaluit. Fazia pouco exercício e fumava demais. não bebeu mais nenhum gole nos últimos dez anos.

O ensopado de rena estava delicioso. Tinha gosto de infância. Já sopa de foca nunca agradara a Anawak, mesmo assim tomou bastante. Mary-Ann observou-o com satisfação. Anawak tentou reavivar o seu inuktitut, mas o resultado era lastimável. Ele entendia quase tudo, entretanto tinha dificuldade de falar. Então conversaram predominantemente em inglês sobre os acontecimentos das últimas semanas, sobre ataques de baleias e as catástrofes na Europa e tudo mais que chegava até Nunavut. Akesuk traduzia. Diversas vezes tentou conduzir o assunto para o

pai morto, mas Anawak não dava atenção. O enterro seria no final da tarde no pequeno cemitério da igreja anglicana. Nesta época do ano, os mortos eram enterrados rapidamente, enquanto no inverno eram guardados numa cabana próxima ao local do enterro porque o solo ficava duro demais para cavar uma cova. Os mortos duravam muito tempo no frio natural do Ártico, mas as cabanas de armazenamento precisavam de proteção armada. Nunavut era selvagem. Lobos e ursos polares, sobretudo impulsionados pela fome, continham-se tão pouco diante dos vivos quanto dos mortos.

Depois do almoço, Anawak foi até o Polar Lodge. Akesuk não insistiu mais para que ficasse em sua casa. Pegou as flores do quarto e colocou-as na mesa de jantar.

— Se mudar de idéia, avise — disse simplesmente.

Restavam-lhe duas horas até o enterro, nas quais não saiu do quarto do hotel, mas permaneceu deitado na cama na tentativa de dormir. não sabia o que fazer. Na realidade, sabia. Poderia ir até Mallikjuaq, quem sabe até a pé — o Tellik Inlet ainda estava congelado e o carregaria. Ou pedir a Akesuk. Ele certamente se entusiasmaria em carregá-lo por toda Cape Dorset e apresentá-lo para cada uma das pessoas. Numa vila inuit, de certa forma todos eram aparentados. Especialmente em Cape Dorset, a capital mundial da arte inuit, um passeio desses se compararia a um vernissage. Metade dos moradores da vila era considerada artista, muitos expunham os seus trabalhos em galerias de todo o mundo. Mas Anawak sabia que essa apresentação de sua pessoa teria tido um quê de filho perdido, e ninguém aqui deveria acreditar que ele estaria voltando para casa. Decidira manter uma distância protetora. Deixar que alguma coisa deste mundo se aproximasse apenas reabriria feridas, então permaneceu imóvel na cama fixando o teto até finalmente cair no sono.

O despertador acordou-o.

Ao sair do Polar Lodge, o sol estava visivelmente mais baixo, mas continuava brilhando clara e simpaticamente. Além dos campos de gelo do Inlet, viu Mallikjuaq, tão próximo que parecia poder tocá-la. O Lodge ficava no extremo nordeste de Cape Dorset, e o cemitério, no lado oposto da cidade. Anawak olhou para o

relógio. Tempo suficiente. Combinara com Akesuk que este o levaria na sua picape. Imediatamente ao lado do Lodge, na estrada que levava à praia, ficava a loja de suprimentos. Olhando melhor, Anawak percebeu que o empreendimento também entregava pacotes, alugava e consertava carros. Lembrava da construção, mas a placa era nova, e quando Anawak entrou os dois homens atrás do balcão pareceram-lhe estranhos. não eram inuit. Deu uma olhada pela loja. Era acolhedora e cheia de bagulhos, e tinha quase tudo, desde lingüiça defumada de rena até botas quentes. Na parte traseira aglomeravam-se litografias e esculturas.

Não era o seu mundo.

Saiu e, lentamente, desceu a rua em direção ao centro. Em frente a uma casa um homem velho sentado diante de um estrado baixinho fazia uma estátua de mergulhador, um pouco adiante uma mulher esculpia um falcão em mármore Ambos o cumprimentaram, e Anawak respondeu ao cumprimento sem parar de andar. Sentiu os olhares o seguindo. Sua chegada provavelmente espalhara-se pela cidade como um rastilho. Nem seria necessário apresentá-lo. Todos sabiam que o filho do falecido Manumee Anawak chegara em Cape Dorset e, provavelmente, estariam comentando por que ele estava no hotel e não sob o teto do tio.

Akesuk esperou por ele em frente à casa. Andaram algumas centenas de metros até a igreja anglicana, onde muitas pessoas já haviam se reunido.

Anawak perguntou se todos estariam ali pelo seu pai.

Akesuk olhou-o, espantado.

— Claro. O que acha?

— não sabia que tinha tantos... amigos.

— São pessoas com quem conviveu. Amigos ou não, que importa? Quando alguém morre, parte de todos, e todos o acompanham no último pedaço.

O enterro foi rápido e pouco sentimental. De início, Anawak precisou apertar várias mãos. Pessoas que nunca vira antes vieram em sua direção e o abraçaram. Um reverendo leu um trecho da Bíblia e rezou, e então o caixão foi baixado numa cova rasa de profundidade suficiente para cobri-lo, e coberto com um plástico

azul. Alguns homens começaram a cobri-lo com pedras. A cruz no final da cova era fincada no chão e entortada pelo vento, como todas as cruzes do cemitério. Akesuk pôs na mão de Anawak uma pequena caixa de madeira com tampa de vidro que continha algumas flores artificiais, um pacotinho de cigarros e um dente de urso cravado em metal. Cutucou-o e Anawak, obediente, foi até a cova e pôs a caixa debaixo da cruz.

Akesuk quisera saber se desejava ver o pai mais uma vez, mas Anawak negara. Enquanto o reverendo falava, tentava imaginar quem era o homem dentro do caixão e se havia alguém ali dentro. De repente conscientizou-se de que o morto não poderia cometer mais erros. Seu pai definitivamente despedira-se para a inexistência e, conseqüentemente, para um estado além de culpa e inocência. O que quer que tenha feito ou deixado de fazer em vida perdia todo o significado diante do simples caixão na terra fria. Antes já não tivera mais a menor importância. Para Anawak, o velho homem morrera há tantos anos que o enterro parecia-lhe uma cerimônia atrasada.

Não tentou sentir nada. Apenas queria sair dali o mais rápido possível.

De volta para casa.

Onde era isso?

De repente, enquanto a comunidade à sua volta começava a cantar uma música, foi tomado por um sentimento frio de abandono e pânico. não foi pelo frio ártico que começou a tremer. Pensara em Vancouver e Tofino, mas lá não havia lar algum.

Anawak olhou para dentro de um buraco negro.

Seu campo de visão começou a diminuir, espirais giraram diante dos seus olhos. A escuridão tomou conta dele como uma onda, forte e fatal. Estava preso numa armadilha como um animal, sem saída, e foi obrigado a ver como ela baixava sobre ele.

— Leon.

Sentiu um medo enorme.

— Leon!

Akesuk pegara-o no braço. Confuso, Anawak olhou para o rosto enrugado de bigode prateado.

— Está tudo bem, rapaz?

— Sim, claro — murmurou.

— Meu Deus! Mal consegue ficar de pé — disse Akesuk piedosamente. Muitos dos presentes olhavam em sua direção.

— Já passou. Obrigado, Iji. Passou.

Pela expressão das pessoas, deduziu no que estavam pensando, e elas estavam completamente equivocadas. Seus olhares expressavam rotina de luto. É normal desmaiar à beira dos túmulos de pessoas queridas. Até mesmo quando se trata de um inuk, orgulhoso por não se render diante de nada nem de ninguém.

Exceto, talvez, álcool e drogas.

Anawak sentiu-se mal.

Virou-se e saiu do cemitério a largos passos. Seu tio não o deteve. Diante da igreja, quando sentiu a terra batida da estrada sob os pés, sentiu vontade de sair correndo, mas não correu. Deu alguns passos para cá, para lá, o coração batendo desordenadamente. não sabia para onde correr. Nenhuma direção era determinada para ele.

Jantou cedo no Polar Lodge. Mary-Ann havia preparado algo, mas Anawak disse ao tio que desejava ficar só. O velho apenas acenou brevemente com a cabeça e levou-o ao hotel. Parecia triste, e não parecia acreditar que Anawak desejava ficar a sós consigo e a lembrança do pai.

Anawak permaneceu deitado durante horas em uma das camas de solteiro do seu quarto, o olhar fixo na televisão ligada. Perguntava-se como suportaria mais um dia em Cape Dorset e, ao mesmo tempo, conseguiria afastar as lembranças.

Fizera uma reserva para duas noites porque possivelmente precisaria resolver questões ligadas ao espólio e algumas formalidades, mas Akesuk já fizera tudo. Na realidade, estava sendo inútil. Poderia perfeitamente partir imediatamente.

Decidiu cancelar a segunda noite. Certamente conseguiria uma passagem de última hora para Iqaluit. Com um pouco de sorte, teria um lugar no avião de volta para Montreal. Uma vez lá, não lhe importava o tempo que precisaria esperar pela conexão. Montreal

era uma cidade notável e, acima de tudo, longe deste terrível fim de mundo chamado Cape Dorset.

Finalmente foi vencido pelo sono.

Anawak dormiu, mas sua mente continuava tentando escapar de Nunavut. Viu-se sentado no avião, que dava voltas por cima de Vancouver. Giravam e giravam incessantemente, aguardando a autorização para baixar, mas a torre não autorizou a aterrissagem. O piloto virou-se para Anawak e disse:

— não podemos aterrissar aqui. Vocês não pode ir para Vancouver e também não pode ir para Tofino.

— Por quê? — disse Anawak, surpreso. — Por que não podemos aterrissar?

— O controle em terra disse que é por sua causa. Disseram que aqui não é a sua casa.

— Mas eu vivo em Vancouver. Eu moro em Tofino, num navio.

— Nós perguntamos. Vocês não mora em lugar algum ali. Ninguém conhece um Leon Anawak. O controle em terra disse que eu deveria levá-lo para casa. Então, para onde devo voar?

— não sei.

— não é possível que não saiba onde é o seu lar.

— Ali embaixo.

— Está bem.

A aeronave desceu e preparou-se para a aterrissagem. Fizeram várias curvas. As luzes da cidade aproximaram-se, mas eram poucas para Vancouver, poucas demais. Esta não era Vancouver. Em todos os lugares havia neve, pedregulhos de gelo flutuavam sobre um lago escuro, ao fundo erguia-se uma serra marmorizada.

Eles aterrissaram em Cape Dorset.

De repente, estava novamente em casa com seus pais, que estavam vivos e faziam uma festa para ele. Era o seu aniversário. Muitas crianças haviam vindo da vizinhança, todos dançavam animadamente ao seu redor, e seu pai sugeriu que apostassem uma corrida pela neve. Entregou-lhe um gigantesco pacote

grosseiramente amarrado e disse que seria o seu único presente e muito valioso.

— Aqui encontrará tudo de que precisará na sua vida — disse. — Mas precisa levar quando formos correr lá fora.

Anawak tentou equilibrar o gigantesco pacote com as duas mãos sobre a cabeça. Foram para fora, onde a neve brilhava no escuro, e uma voz lhe sussurrava que não haveria outra escolha se não ganhar a corrida, pois, caso contrário, os outros haviam decidido matá-lo. Ninguém tivera coragem de dizer, mas sem dúvida era o que pretendiam. A noite, todos se transformariam em lobos e o rasgariam em pedaços caso não chegasse em tempo na água; então era melhor correr muito.

Anawak começou a chorar. não conseguia imaginar por que alguém faria isso com ele. Ele amaldiçoou o seu aniversário, porque sabia que em breve estaria adulto e não queria tornar-se adulto para ser rasgado em pedaços. Com os dedos cravados no pacote, começou a correr. A neve estava alta, ele afundou com as duas pernas até o quadril, impedindo-o de avançar rapidamente. Olhou para todos os lados, mas ninguém corria com ele. Estava sozinho. Atrás dele havia somente a casa de seus pais, de portas fechadas, escura. Uma lua fria pairava sobre ela e, de repente, reinou um silêncio mortal.

Anawak parou.

Pensou se deveria voltar para dentro da casa, mas era evidente que não havia mais ninguém ali. Parecia-lhe assustadora e repugnante, um lugar inseguro. não se via uma viva alma na noite gelada iluminada pela lua, nenhum ruído. Veio-lhe à mente a promessa dos lobos famintos que mal podiam esperar para comê-lo vivo. Estariam dentro da casa? Já teriam feito uma chacina com os convidados? Mas nada indicava isso. Cape Dorset e a casa misteriosamente pareciam estar além de todas as leis naturais. Era o mesmo lugar em que há pouco fora comemorado o seu aniversário, mas num outro tempo, num futuro distante ou num passado ainda mais distante. Ou talvez o tempo também parara e ele estava olhando para um universo congelado e sem vida.

O medo venceu. Virou-se e começou a descer em direção à água. Não havia um píer o aguardando, como na Cape Dorset real, somente uma margem de gelo. O pacote encolhera, conseguia carregá-lo sem dificuldade com apenas uma mão, e agora também avançava com maior facilidade, de forma que, com alguns passos, alcançou a margem.

Olhou para a água.

A luz do luar refletia-se nas ondas crespas e placas de gelo flutuantes. O céu estava cheio de estrelas. Alguém o chamou pelo nome. A voz vinha fraca de um monte de neve, e Anawak, dividido entre o medo e a curiosidade, aproximou-se com passos inseguros até reconhecer que não se tratava de um monte de neve, mas de dois corpos deitados lado a lado e cobertos de neve. Eram os seus pais. Fitavam o céu com o olhar vazio e estavam mortos ou impossibilitados de conversar com ele ou perceber sua presença.

Eu cresci, pensou. Preciso abrir este pacote.

Olhou para ele na mão.

Tornara-se minúsculo. Começou a desembulhá-lo, mas continha apenas papel. Nada surgiu. Ele desdobrou o troço amassado, camada por camada jogou fora até não ter mais pacote algum nem pais imóveis deitados, somente margem de gelo e a água negra.

Um imenso dorso cortou as ondas e desapareceu novamente.

Anawak girou a cabeça lentamente. Avistou uma pequena casa simples e feia, parecia mais um barraco de amianto. A porta estava aberta.

A sua casa.

Não, pensou. Não! Começou a chorar. Algo dera errado. Esta não podia ser a sua vida. Não era o seu lugar! Não fora planejado assim!

Agachou-se na neve e fitou o barraco. Não conseguia parar de chorar. Foi tomado por uma infinita tristeza. Seus soluços quase lhe rasgaram o peito, ecoavam do céu, preenchia todo o mundo com a sua dor, um mundo em que não existia ninguém além dele.

Não. Não!

Seu quarto no Polar Lodge.

Anawak estava sentado na cama. Tremia no corpo inteiro. O despertador mostrava 2h30. Levou um certo tempo até acalmar-se a ponto de poder levantar e abrir a pequena geladeira. Sua língua colava no palato. Viu água, Coca-Cola e cerveja, pegou uma lata de Coca-Cola, abriu-a e bebeu com longos goles sedentos. Com a lata na mão direita, aproximou-se da janela, abriu a cortina e olhou para fora.

O hotel ficava sobre um outeiro, de onde podia ver o bairro Kingait e partes dos bairros vizinhos. Estava claro e sem nuvens como no sonho, mas, em vez do imenso céu estrelado, uma meia-luz noturna pairava sobre Cape Dorset, mergulhando as casas, a tundra, as áreas cobertas de neve e o mar num rosa dourado irreal. Nesta época do ano, não escurecia, os contornos apenas pareciam mais macios, e as cores, suaves.

De repente, Anawak conscientizou-se de como era lindo aqui.

Encantado, olhou para esse céu inacreditável, deixou o olhar vagar sobre as montanhas e sobre a enseada. O gelo da Tellik Bay cintilava como prata derramada. Negra e corcunda, Mallikjuaq pousava diante da costa como uma baleia adormecida.

Permaneceu ali olhando para fora e, de vez em quando, tomava um gole da lata.

O que devia fazer?

Recordou-se do que sentira há poucos dias no encontro com Shoemaker e nelaware. Como, de repente, lhe parecera estranha a estação Tofino, tudo. Como

todos os lugares parecia faltar um quarto para recolher-se do mundo. Algo significativo anunciara-se, disso estivera convencido. Cheio de entusiasmo e medo ansiara por isso, como se fosse uma profecia.

Em vez disso, o pai morrerá.

Seria isso? Esse acontecimento significativo? Que precisara retornar ao Ártico para enterrar o pai?

Certo, estava diante de grandes desafios. Diante de um dos maiores que a humanidade jamais enfrentara. Ele e mais algumas

peessoas. não havia praticamente nada mais significativo. Mas não tinha nada a ver com a sua vida. Sua vida acontecia num outro contexto. Tsunamis, catástrofes de metano e epidemias não tinham importância alguma para ela. Sua vida entrara em primeiro plano através de uma mensagem de morte. E pela primeira vez desde que ela chegara até ele, Anawak começou a pressentir que aqui em Nunavut teria a chance de transformar a morte numa nova vida. Ele próprio estivera morto. Precisava renascer.

Após algum tempo vestiu-se, puxou a touca forrada por cima das duas orelhas e saiu para a noite iluminada. não havia ninguém além dele na rua. Durante mais de uma hora, andou pela cidade, até sentir um novo cansaço chegando, bem mais pesado e simpático do que o atordoamento causado pela televisão ligada. Voltou para o alojamento aquecido, jogou a roupa de qualquer jeito no chão, enrolou-se na cama e dormiu assim que a cabeça tocou o travesseiro.

Na manhã seguinte ligou para Akesuk.

— Quer tomar café comigo? — perguntou. O tio parecia surpreso.

— Mary-Ann e eu estamos tomando café agora. não contei com você.

— Tudo bem. Sem problemas.

— não, espere... Acabamos de começar. Por que não vem até aqui para comer uma bela porção de ovo mexido com presunto?

— Está bem. Até já.

A porção que Mary-Ann lhe serviu de fato merecia ser chamada de bela. Tão bela que Anawak ficou satisfeito só de olhar, mas comeu com vontade. Os olhos de Mary-Ann brilharam. Ele se perguntou o que Akesuk teria contado a ela. Deve ter inventado uma desculpa convincente para o fato de Anawak ter lhe recusado o jantar. Ela não parecia contrariada.

Era estranho aceitar essa mão que Akesuk e sua mulher lhe estendiam. Ela o puxava de volta para a família. Mas Anawak continuava sem saber se isso lhe agradava. A magia da noite de luar desvanecera-se, e ainda estava longe de fazer as pazes interiores com Nunavut. Decidiu ser mais cauteloso dali em diante.

Depois do café-da-manhã, Mary-Ann tirou a mesa e foi fazer compras na cidade. Akesuk girou os botões de um rádio transistor, prestou atenção durante um minuto e disse:

— Isso é bom.

— O que é bom? — perguntou Anawak.

— AIBC anunciou tempo bom para os próximos dias. não se pode levá-los ao pé da letra, mas se tiverem acertado apenas a metade podemos ir para o interior.

— Estão querendo ir para o interior?

— Sim, por uns dias. Amanhã. Se quiser, podemos fazer alguma coisa juntos hoje. Aliás, quais são os seus planos? Ou pretende voltar antes para o Canadá?

A raposa velha desconfiara.

Anawak mexeu pormenorizadamente o leite no seu café.

— Para ser sincero, ontem à noite estava prestes a fazer isso.

— não me surpreende nem um pouco — constatou Akesuk secamente. — E agora?

Anawak encolheu os ombros.

— não sei ao certo. Pensei em visitar Mallikjuaq ou sair para o Inuksuk Point. Simplesmente não consigo sentir-me bem em Cape Dorset, Iji. não me leve a mal. não é um lugar do qual se goste de lembrar com um... um desses...

— Com um pai como o seu — completou o tio. Alisou o bigode e acenou a cabeça. — O que me surpreende é que tenha vindo. Durante 19 anos, não teve contato com nenhum de nós. E agora eu sou o último da sua família. Liguei, porque achei que devia avisá-lo, mas no fundo julgava que não o veríamos mais por aqui. Por que veio?

— não faço a menor idéia, Iji. Nada me atraiu para cá. Acho mais que Vancouver quis livrar-se de mim por um tempo.

— Tolice.

— Em todo caso, não foi pelo meu pai! Você sabe que não derramo uma lágrima por ele. — Soava desnecessariamente rude, mas não podia fazer nada. — E nem derramarei.

— Está sendo duro demais.

— Ele viveu errado, Iji!

Akesuk olhou longamente para ele.

— É verdade, seu pai viveu errado, Leon. Mas não havia oferta de vida correta naquela época. Esqueceu de citar isso.

Anawak permaneceu calado.

O tio sorveu ruidosamente o restante de café da xícara. De repente, sorriu.

— Quer saber de uma coisa? Vou lhe fazer uma proposta. Mary-Ann e eu viajaremos ainda hoje. Desta vez queremos ir para um lugar diferente, para o noroeste, Pond Inlet. E você virá conosco.

Anawak arregalou os olhos para ele.

— não será possível — disse. — Vocês viajarão durante semanas. não posso ficar fora tanto tempo. Além do mais, também não quero.

— Está me entendendo errado. Virá conosco e, depois de alguns dias, voará de volta sozinho. não preciso lhe dar a mão em tudo, você é adulto. Espero que consiga entrar sozinho num avião.

— Muito transtorno, Iji, eu...

— Você está me aborrecendo muito com os seus transtornos. O que há de transtorno em levá-lo para o gelo? Nos encontraremos com um grupo lá em cima. Está tudo preparado, e certamente encontraremos mais um lugarzinho para o seu traseiro civilizado. — Piscou para ele. — Mas nem pense que será uma simples excursão recreativa. Você fará vigilância de ursos assim como todos os outros.

Anawak recostou-se e refletiu a respeito. O convite pegou-o de surpresa. Contara com mais este dia. Com um. não com três ou quatro.

Como explicar isso para Li?

Por outro lado, Li dera a entender que ele poderia ausentar-se o tempo que quisesse.

Pond Inlet. Três dias.

Na verdade, não era tanto assim. O vôo de Cape Dorset levaria, no máximo, duas horas. Três dias no interior, duas horas de

volta, direto para Iqaluit.

— E o que pretende com isso? — perguntou. Akesuk riu.

— Imagine, o quê? Trazê-lo para casa, rapaz.

No interior.

Essas duas palavras expressavam toda a filosofia de vida dos inuit. Estar no interior significava fugir da cidade e passar os dias de verão em acampamentos em praias ou próximo à margem de gelo para caçar narvais, focas e morsas, assim como pescar. Os inuit tinham autorização para caçar baleias para consumo próprio. Levava-se o necessário para sobreviver longe da civilização, carregavam-se quadrículos, trenós ou barcos com roupas, equipamentos e utensílios de caça. A terra à qual se dirigia era selvagem, uma gigantesca área que os homens atravessaram durante milênios até um progresso indesejado obrigá-los à vida sedentária.

No interior, o tempo era inexistente, e a rígida ordem mundial das cidades e vilas deixava de reinar. As distâncias não eram medidas em quilômetros ou milhas, mas em unidades de tempo. Dois dias até aqui, meio dia até ali, talvez também um. Que sentido fazia falar de cinquenta quilômetros, se, no meio do caminho, havia barreiras imprevisíveis a serem vencidas, mantos de gelo e fossas? A natureza não se submetia a nenhum planejamento. No interior, vivia-se exclusivamente no presente, porque o momento seguinte já era cheio de surpresas. O interior tinha o seu próprio ritmo ao qual os homens se submetiam por livre e espontânea vontade. Durante os milênios de vida nômade, os inuit aprenderam que nessa submissão é que se encontrava o domínio. Até a metade do século XX, atravessaram as terras livremente, e essa vida ainda correspondia muito mais à sua natureza do que uma existência em casas fixas e lugares fixos.

Para Anawak, tornava-se cada vez mais evidente que, nos últimos tempos, muitas coisas mudaram. Aparentemente aceitou-se o fato de o mundo esperar que os inuit executassem trabalhos regulares para defender o seu lugar numa sociedade industrializada. Mas, ao contrário da época em que Anawak fora criança, o mundo começara a aceitar os inuit. Devolvia-lhes algo

daquilo que lhes tomara e, principalmente, também lhes dava uma perspectiva. Os padrões ocidentais encaixavam-se tão bem nisso quanto as tradições ancestrais.

Anawak largara a sua terra quando esta deixara de ser uma terra para tornar-se uma região sem auto-estima nem identidade. Fora embora com a imagem de um povo altamente deprimido cuja força lhe fora totalmente tomada e que fora desrespeitado por tanto tempo que acabara perdendo o respeito por si próprio. Se alguém pudesse ter consertado essa imagem naquela época, era o seu pai. Mas justo ele fora decisivamente responsável por isso. Um homem que agora estava no pequeno cemitério de Cape Dorset tornara-se símbolo da resignação — um colérico chorão destruído e constantemente embriagado que fracassara em tudo, no final até mesmo na proteção da família. Anawak estivera de pé a bordo do navio que o levara embora, e quando Cape Dorset começara a afastar-se, gritara para dentro da neblina estas palavras que ninguém além dele pudera escutar e que até agora ecoava nos seus ouvidos, direcionadas ao pai, relacionadas a todo o seu povo:

— Por que vocês todos não se matam, para que ninguém mais precise envergonhar-se de vocês?

Durante um segundo, pensara em ser o primeiro a seguir a sua própria recomendação e pular na água.

Em vez disso, tornara-se um canadense do oeste. Sua família adotiva estabelecera-se em Vancouver, pessoas gentis que apoiaram a sua formação com toda a força, sem que realmente um se acostumassem ao outro. não passou de uma relação de interesses. Quando Leon completou 24 anos, mudaram-se para Anchorage, Alasca. Uma vez por ano escreviam um cartão a que ele respondia com poucas palavras sem compromisso. Jamais os visitara, e eles também não pareciam contar com isso. Aliás, possivelmente teriam se surpreendido com uma ida sua a Anchorage. não que eles tivessem se afastado — simplesmente nunca estiveram próximos.

Eles não eram a sua família.

A sugestão de Akesuk de acompanhá-lo ao interior despertara novas lembranças em Anawak. As longas noites na fogueira, quando alguém contava uma história e todo o mundo

parecia ter vida. Quando era criança, naturalmente existira a Rainha do Gelo e o Deus dos Ursos. Ele prestara atenção aos homens e mulheres que ainda haviam nascido em iglus e imaginava-se, adulto, atravessando o gelo e caçando em sintonia consigo e o mito Ártico. Dormir quando se está cansado. Trabalhar e caçar quando o tempo permitisse ou simplesmente quando se quisesse. Comer quando o estômago exigisse, e nada de horários de almoço. Às vezes, uma caça levava um dia e uma noite, quando na realidade apenas se pretendia dar uma rápida saída da barraca. Outras vezes se equipavam, e a caça não acontecia. Os quallunaat sempre estranharam essa aparente desorganização dos inuit. Os quallunaat simplesmente não compreendiam como se conseguia e se podia existir fora de horários planejados e esquemas de produtividade. Os quallunaat construía mundos fora do mundo. Excluía os processos naturais em prol dos artificiais, e tudo que não combinasse com os seus conceitos era ignorado ou exterminado.

Mas, ao menos, ainda lidava-se com humanos. O domínio desconhecido, em contrapartida, não tinha nada de humano. Anawak chegara à conclusão de que Johanson estava certo. Esta guerra corria o risco de ser perdida devido às noções humanas de ordem e valor. Pessoas como Vanderbilt a perderiam pela simples incapacidade de compreender mentalidades. Talvez o homem da CIA até tivesse consciência desse ponto fraco, mas não conseguiria sair de si enquanto cidadão americano direito, muito menos trilhar o caminho da comunicação com uma espécie não-humana.

Um golfinho já não podia ser compreendido. Como então uma raça que Johanson chamara de Yrr numa compreensão infantilizada?

De repente, Anawak conscientizou-se de que não conseguiriam resolver a Questão enquanto não reunissem a equipe adequada.

Faltava alguém. E ele sabia quem.

Enquanto Akesuk se ocupava dos preparativos para a partida, no Polar Lodge Anawak tentou ligar para o castelo. Após alguns minutos, passaram-no para um canal secreto e transferiram

a sua ligação diversas vezes. Li não estava no hotel, mas a bordo de um cruzeiro da Marinha em frente a Seattle. Precisou esperar alguns minutos até ela finalmente atender.

Ele perguntou se ela poderia dispensá-lo por mais três ou quatro dias. Como disse que precisava dar atenção aos seus parentes, ela autorizou a prorrogação. Ficou com a consciência pesada, mas disse a si mesmo que o salvamento do mundo não poderia depender da sua disposição ou não nos próximos três dias. Aliás, ele estava à disposição. Sua cabeça continuava trabalhando no norte distante

Li explicou-lhe que estavam atacando as baleias com sonares.

— Sei que não lhe agrada ouvir isso — disse ela.

— E está funcionando? — perguntou ele.

— Estamos prestes a encerrar os experimentos. Não atingiram o efeito desejado. Entretanto precisamos tentar de tudo. Enquanto conseguirmos manter distância dos animais, maior a probabilidade de enviar mergulhadores e equipamento para baixo.

— Quer aumentar a probabilidade? Então aumente a equipe.

— Em quem está pensando?

— Em três pessoas. — Fez uma pausa, e então decidiu entrar na ofensiva. — Quero que sejam recrutadas. Precisamos de mais colaboradores que entendam de pesquisa de comportamento e de inteligência. E preciso de alguém para me assistir e em quem eu possa confiar. Quero que Alicia Delaware seja convocada. Está passando o verão em Tofino. Uma estudante que se dedica à pesquisa de inteligência.

— Está bem — disse Li surpreendentemente rápido. — Quem mais?

— Um homem de Ucluelet. Se verificar os arquivos dos programas MK, vai encontrá-lo com o nome Jack O'Bannon. Ele lida bem com mamíferos marinhos. E tem muito conhecimento que nos poderia ser útil.

— É acadêmico?

—não. Ex-treinador das forças armadas americanas. Sistema de Mamíferos Marinhos.

— Compreendi — disse Li. — Precisaremos discutir isso. Nós também dispomos de vários especialistas desse ramo. Por que quer justamente ele?

— Eu o quero, e pronto.

— É a terceira pessoa?

— É a mais importante de todas. De certa forma, estamos lidando com alienígenas. Precisaré de alguém que não pensa em nada além de como se comunicar com criaturas não-humanas. Faça contato com a Dra. Samantha Crowe. Ela coordena o projeto da SETI em Arecibo.

Li riu baixinho.

— É um cara esperto, Leon. Já pretendíamos chamar alguém da SETI. Conhece a Dra. Crowe?

— Conheço. Ela é boa.

— Está bem.

— Irá considerar as minhas solicitações?

— Verei o que poderá ser feito. — Alguém chamou o nome de Li nos fundos. — Fique bem, Leon. Volte inteiro. Preciso ir.

O turboélice Hawker Siddeley não voou diretamente para o norte, mas, inicialmente, em direção ao leste. Akesuk convencera o piloto a dar esta pequena volta para que Anawak pudesse admirar grande planície de Koukdjuak, uma área de preservação ambiental repleta de charcos redondos que abrigava a maior colônia de gansos do mundo. Havia outros passageiros de Cape Dorset e Iqaluit no avião, todos rumo a Pond Inlet para viajar para o interior. A maioria conhecia a vista e dormia.

Anawak, por sua vez, não conseguia parar de olhar.

Era como se estivesse acordando de um sono de anos.

Voaram um pouco ao longo da costa e cruzaram o Círculo Polar Ártico. Geograficamente, aqui começava o Ártico. Abaixo deles estava a gelada paisagem lunática da Bacia de Foxe com os seus pequenos e grandes pedregulhos de gelo, interrompida por áreas de água livre. Após um trecho curto, voltaram a sobrevoar terra, escarpada e com encostas bruscas e paredes de pedra verticais. A

neve cintilava ao fundo de abismos profundos e sombrios. Pequenos riachos formados por neve derretida desaguavam nos lagos congelados. Na luz do sol poente, a paisagem tornava-se ainda mais impressionante. Montanhas escarpa-das e marrons alternavam-se com vales cobertos de neve, serras empinavam-se em sua direção, praticamente todas cobertas de neve esvoaçada. De repente, de um instante para o outro o avião sobrevoou uma margem branca azulada, e avistaram uma cobertura fechada de gelo marítimo, o Eclipse Sound.

Anawak esqueceu tudo à sua volta.

Observou a beleza bizarra do alto Ártico. Gigantescas formações cristalinas, brancas como neve, erguiam-se da planície branca do Sound. Icebergs presos pelo gelo. Dois minúsculos ursos polares corriam por ali, como caçados pela sombra do turboélice na superfície do gelo. Pontos cintilantes moviam-se, eram gaivotas. Um pouco mais à frente, ergueram-se as impressionantes encostas e geleiras da ilha Bylot. E então desceram em direção a uma nova margem, uma Paisagem marmorizada marrom aproximou-se, casas de uma vila, uma pista de aterrissagem — Pond Inlet, Mittimatalik no idioma dos inuit, Onde se encontra. O sol ofuscava sobre o horizonte noroeste. não se poria nesta época do ano apenas tocaria o horizonte durante alguns minutos em torno de duas horas da manhã. Eram nove horas da noite quando chegaram ao destino, mas Anawak perdera toda noção do tempo. Avistou os lugares da sua infância e sentiu um peso sendo-lhe tomado do peito.

Akesuk tivera razão. Ele conseguira algo que, 24 horas antes, Anawak ainda considerara impossível.

Ele o trouxera para casa.

O tamanho e o número de habitantes de Pond Inlet eram parecidos com os de Cape Dorset, entretanto diferia bastante do sul. Havia mais de quatro mil anos, a região fora constantemente habitada. Ninguém aqui tivera a ousadia arquitetônica de Iqaluit. Akesuk explicou que, nesta parte de Nunavut, os inuit valorizavam as tradições bem mais do que em qualquer outro lugar. Cuidadosamente acrescentou que aqui em cima o xamanismo ainda tinha uma certa importância apesar de, naturalmente, todos serem

cristãos! Como Anawak não deu atenção, mudou de assunto e começou a enumerar diversas coisas que precisariam comprar nos supermercados da cidade no dia seguinte.

Passaram a noite no hotel. De manhã cedo, Akesuk acordou-o, e desceram para a margem. O tio olhou para fora, analisando o tempo, disse que o tempo bom permaneceria e que teriam uma caça excepcional pela frente.

— A primavera não demorou a chegar — constatou, satisfeito. — No hotel, disseram que leva meio dia até o manto de gelo. Talvez um, depende.

— Depende do quê? Akesuk encolheu os ombros.

— Pode acontecer de tudo. Depende. Você verá diversos animais. Baleias, focas, ursos polares. Neste ano, o gelo começou a derreter mais cedo do que de costume.

Não é de espantar, pensou Anawak, com tudo que está acontecendo no momento.

O grupo era de 12 pessoas. Algumas Anawak conhecera no avião, outras em Pond Inlet. Akesuk reuniu-se com os dois guias. Juntaram a bagagem para a excursão e deixaram as coisas menos importantes no depósito do hotel. Quatro qamutiks preparados para a viagem já os aguardavam. Nas lembranças de Anawak, os tradicionais trenós eram puxados por cães, agora estavam amarrados com duas cordas a snowmobiles, skidoos. Os qamutiks, entretanto, eram como os de antigamente: quatro metros de comprimento, com dois trilhos de madeira envergados para cima e inúmeros sarrafos transversais, não apresentavam sequer um parafuso ou prego. Todo o trenó era preso por cordas e correias, o que facilitava muito os consertos. Em três qamutiks foram montadas cabines de madeira de proteção contra o vento, abertas em cima, o quarto serviria de trenó de carga.

— não está suficientemente vestido — disse Akesuk, olhando para o anorak de Anawak.

— Por quê? Eu vi o termômetro. Está fazendo seis graus.

— Esqueceu-se do vento de deslocamento. Há dois pares de meias nas suas botas? Isto aqui não é Vancouver.

De fato, esquecer-se de muita coisa. Lentamente começou a lembrar-se da sensação de andar frio adentro. Era quase vergonhoso. Claro que pés frios eram o maior problema, sempre foram. Vestiu um segundo par de meias e mais um pulôver, até sentir-se um barril ambulante. Todos os participantes da viagem lembravam astronautas com suas roupas protetoras e óculos de neve.

Pela última vez, Akesuk verificou os equipamentos com os guias.

— Sacos de dormir, peles de rena...

Seus olhos brilhavam. O bigode fino e cinza parecia arrepiar-se de alegria. Anawak observou-o andando azafamado de um trenó para o outro. Ijitsiaq Akesuk era totalmente diferente de seu pai. Na sua companhia, os inuit e a sua forma de vida pareciam ter um sentido novamente.

Seus pensamentos vagaram até a força no fundo do mar.

Durante a viagem, seguiriam unicamente as leis da natureza. Para sobreviver aqui fora, era preciso uma certa postura panteísta. não se podia valorizar demais a si próprio. O indivíduo não era importante, mas parte da alma do mundo, que se manifestava nos animais, nas plantas, no gelo e, ocasionalmente, também nos humanos.

E nos Yrr, pensou. Fossem quem fossem, independentemente da aparência, de como e de onde viviam.

Quando o snowmobile em cujo trenó haviam se acomodado Anawak, Akesuk e sua mulher começou a andar, sentiram um leve tranco, e depois deslizaram sobre o mar gelado e coberto de neve. Em alguns lugares viam-se grandes poços de água. O processo de derretimento já começara aqui e ali, entretanto restringia-se às camadas superficiais. Contornaram as montanhas litorâneas de Pond Inlet e seguiram na direção nordeste até se afastarem alguns quilômetros do litoral da ilha de Baffin, que se erguia ao sul da planície gelada. Do lado oposto, as rochas da ilha Bylot cresciam em direção ao céu, envoltas por icebergs. Uma gigantesca geleira unia os cumes à costa. Anawak conscientizou-se de que não estavam atravessando terra firme, mas a crosta congelada do mar.

Abaixo deles, nadavam peixes. De vez em quando, os trilhos do qamutik levantavam-se ao Passar por cima de desníveis e voltavam a bater com força no solo, mas o trenó amortecia a queda.

Após algum tempo, os dois inuit dos primeiros qamutiks mudaram a direção e o grupo o seguiu. Por um instante, Anawak ficou confuso, e então viu que estavam contornando uma fenda no gelo, grande demais para ser transposta com o trenó. Do outro lado da margem azulada, via-se a insondável água negra do mar.

— Talvez demore um pouco — disse Akesuk.

— É, leva tempo — afirmou Anawak, lembrando-se de quantas vezes haviam andado ao longo de fendas como estas.

Akesuk franziu o nariz.

— não. Por que haveria de levar tempo? não sacrificamos tempo algum. Ele continua sendo nosso, não importa se vamos diretamente para o leste, ou primeiramente um pedaço para o norte. Esqueceu-se de tudo? Aqui em cima não importa o quão rápido você chega. Se fizer um contorno, a sua vida acontece da mesma forma. Nenhum tempo é perdido.

Anawak ficou calado.

— Talvez — acrescentou o tio, sorrindo — este tenha sido o nosso maior problema no século passado, os quallunaat trouxeram-nos o tempo. Fomos obrigados a aprender que também existe um tempo perdido. Os quallunaat acreditam que esperar seja tempo perdido e, com isso, tempo de vida perdido. Acredito que, quando você era pequeno, todos nós pensávamos assim. Inclusive o seu pai, e como ele não via possibilidade de fazer algo com sentido e valor, chegou à conclusão de que a sua vida não tinha valor, porque consistia de tempo inutilizado, desperdiçado. Tempo de vida sem valor. Uma vida sem valor.

Anawak olhou para ele.

— não deveria lamentá-lo, mas à minha mãe — disse.

— Ela também o lamentou — retrucou Akesuk e começou a conversar com Mary-Ann.

De fato, foi preciso andar vários quilômetros até a fenda tornar-se suficientemente estreita para poderem atravessar para o outro lado. Um dos guias inuit desconectou o seu snowmobile e

atirou-o em alta velocidade para lá. Do outro lado, jogou cordas para cada um dos qamutiks, puxou-os por cima da fenda, e a viagem prosseguiu. O tio de Anawak tranqüilamente enfiou uma tira gordurosa na boca e estendeu a lata com as tiras restantes para Anawak.

Hesitante, Anawak pegou uma. Era pele de narval. Antigamente, quando viajavam no gelo, sempre levavam estoques de pele de narval. Sabia que ela continha grandes quantidades de vitamina C, mais do que em qualquer limão ou laranja. Mastigou-a e sentiu o aroma de nozes frescas.

O sabor desencadeou uma série de imagens e sensações. Ouviu vozes, entretanto não eram as vozes dos participantes, mas de outras pessoas com quem viajara havia mais de vinte anos. Sentiu a mão da mãe alisando-lhe o cabelo.

— Fendas de gelo marítimo, barreiras de gelo de pressão...  
— O tio riu. — Isto aqui não é uma auto-estrada, rapaz. Seja sincero, não sentiu falta disto tudo?

Caso Akesuk tenha percebido o sentimentalismo ao qual se entregara repentinamente e estivesse tentando reforçá-lo com a sua pergunta, alcançou o contrário. Anawak balançou a cabeça. Talvez fosse pura teimosia, mesmo assim apenas disse brevemente:

—não.

No mesmo instante, envergonhou-se de sua resposta. Akesuk encolheu os ombros.

Quem passou a maior parte de sua vida na ilha de Vancouver, ainda mais como pesquisador da vida marinha, naturalmente sentia-se mais próximo da natureza do que de qualquer progresso humano. Entretanto observar baleias no Clayoquot Sound era diferente de deslizar sobre a imensidão branca deste braço de mar, cada vez mais longe, tundra marrom à direita e os cumes cobertos de gelo da ilha Bylot à esquerda. Enquanto o clima do oeste canadense era ideal para as pessoas, o Ártico apresentava-se como inferno espetacular. Exuberante, mas auto-suficiente e mortal para todos os que se deixavam iludir pelo domínio humano. As vilas pareciam tentativas teimosas de

apoderar-se de algo que não tinha como ser dominado. A viagem nos qamutiks para a margem de gelo transformou-se em viagem ao inconsciente. O que lhe restava de noção de tempo, Anawak perdera após mais uma noite ensolarada. Estavam viajando para as origens do mundo. Até mesmo um racionalista que não rezava para nenhum Deus e dava preferência a qualquer explicação científica de repente compreendia por que o urso polar, conforme os inuit contavam uns aos outros nas longas noites, caminhava com tamanha melancolia. Porque o amor por uma mulher humana casada tornara-o cego para a realidade. Com pena do seu marido, que passara semanas caçando sem êxito, a mulher revelou-lhe o esconderijo do seu amante, apesar de o urso tê-la alertado com veemência para não lhe falar dos seus encontros secretos. Entretanto o urso escutou quando ela o entregou e, quando o caçador saiu à sua procura, aproximou-se silenciosamente do iglu de sua amada para matá-la. Ergueu a pata, mas então foi tomado por um sentimento de luto. Que sentido teria destruir a vida da outra? A traição estava feita. Solitário e com passos pesados, foi embora.

Anawak sentiu o ar frio na pele.

Onde a natureza se aproximara do homem, fora traída. Desde então, diziam as lendas, os ursos atacavam os homens. Este era o seu reino. Eram os mais fortes. Entretanto os homens os venceram e, simultaneamente, a si próprios. Mesmo que Anawak tenha virado as costas para a sua terra natal durante duas décadas, sabia exatamente que os químicos industriais como o DDT ou o altamente venenoso PCB chegavam da Ásia, América do Norte e Europa até o mar do Pólo Norte através dos ventos e das correntes marítimas. A carga tóxica acumulava-se nos tecidos de baleias, focas e morsas, das quais os ursos polares e os homens se alimentavam, e todos adoeciam. No leite materno de mulheres inuit foram medidas taxas de PCB que eram até vinte vezes maiores do que o limite determinado pela Organização Mundial de Saúde. Crianças sofriam com as suas disfunções neurológicas e apresentavam resultados cada vez piores nos testes de inteligência. A vida selvagem estava sendo envenenada, porque os quallunaat

não compreendiam o princípio que regia o planeta Terra — um imenso motor de correntezas de ar e marítimas nas quais, mais cedo ou mais tarde, tudo se espalhava para todos os lugares.

Era de espantar que alguém ali embaixo decidira acabar com tudo isso?

Após duas horas de viagem, tomaram novamente o rumo da costa da ilha de Baffin. Com o corpo tenso de tanto ficar sentado e dos solavancos dos trilhos, andaram sobre o gelo de pressão até a terra firme e subiram a tundra livre de neve, passando por rochas cobertas de líquen. Nos trechos musgosos e úmidos surgiram algumas flores, saxifragas e ançarinhas. Tiveram sorte com a época do ano. Ao final do verão, haveria bilhões de mosquitos por aqui.

O terreno subia suavemente. Um dos pilotos de skidoo levou-os até um platô com vista para o mar e as montanhas brancas e mostrou-lhes as relíquias de antigas casas da época dos thule e dois crucifixos simples. Havia caçadores baleeiros alemães enterrados aqui. Vários siksiks, esquilos do Ártico, corriam uns atrás dos outros no planalto e desapareciam em buracos no solo. Mary-Ann encontrou algumas pedras e, habilidosa, começou a fazer malabarismo. Anawak observou-a e, de repente, lembrou-se disso também. Uma modalidade esportiva dos inuit, tão antiga quanto o mundo. Tentou imitá-la, mas o resultado foi lastimável e desencadeou uma risada coletiva. Assim eram os inuit. Um povo brincalhão, que morria de rir com um simples escorregão de alguém.

Depois de um rápido lanche com sanduíches e café, seguiram viagem, contornaram uma fenda de água ainda maior e rumaram para a ilha Bylot. Por debaixo das esteiras dos skidoos, a água decorrente da neve derretida espirrava para todos os lados. Os mantos de gelo aglomeravam-se, formando barreiras bizarras e obrigando-os a trilhar caminhos alternativos. Logo passaram por debaixo das falésias da ilha Bylot. O ar estava tomado pelos gritos dos pássaros. Milhares de gaivotas de pernas pretas fizeram os seus ninhos nas fendas das rochas, bandos inteiros chegavam e saíam. Finalmente o comboio foi ficando mais lento e novamente parou.

— Faremos um passeio — disse Akesuk.

— Mas acabamos de fazer um — espantou-se Anawak.

— Já faz três horas, rapaz. Três horas? Minha nossa.

Ao contrário da tundra suavemente inclinada da ilha de Baffin, a região costeira da ilha Bylot era muito íngreme. O passeio transformou-se numa expedição de alpinismo. Akesuk mostrou-lhe um rastro branco de excrementos de pássaros numa fenda rochosa acima de suas cabeças.

— Falcão gerifalte — disse. — Belos animais.

Começou a assobiar estranhamente para atraí-los, mas os falcões não se mostraram.

— Mais para dentro, teríamos boas chances de vê-los. E de topar com raposas, gansos da neve, corujas, falcões e gaviões. — Akesuk sorriu maliciosamente. — Ou também não. É assim no Ártico. não se pode marcar encontros. Criaturas pouco confiáveis, tanto os animais quanto os inuit. não é mesmo, rapaz?

— não sou um quallunaaq, se é o que está tentando dizer — contestou Anawak.

— Oh. — Seu tio olhou para o céu, analisando o tempo. — Pois bem. Acho melhor nos pouparmos de continuar subindo. Haverá outras oportunidades. Você voltará, agora que não é mais um quallunaaq. Seguiremos viagem até a margem do gelo, devemos conseguir com este tempo bom.

Dali em diante, o tempo definitivamente parou de existir.

Enquanto avançavam para o leste e deixavam a ilha Bylot para trás, o gelo tornou-se mais áspero e os solavancos dos trilhos, mais impetuosos. Aqui, ventos frios voltaram a congelar as poças de gelo derretido. Tinha como se estivessem passando por cima de vidro. Anawak ergueu-se e avistou uma pequena fenda d'água. Chamou a atenção do piloto do qamutik, mas o homem já havia visto a fenda. Virou-se para Anawak enquanto continuava voando por cima do gelo com a mesma velocidade, e deu um sorriso de reconhecimento.

— Então você não desaprendeu tudo — disse Akesuk, rindo.

Por um instante, Anawak olhou para ele, indeciso. E então riu junto. Estava orgulhoso. Inacreditável. Sentiu orgulho por ter visto essa maldita fenda.

A tarde desenhou cachorros do sol no céu. Era como os inuit chamavam as curiosas aparições de ambos os lados do sol, grandes anéis brilhantes quando a luz se quebrava em minúsculos cristais de gelo. Lá longe, o manto de gelo aglomerou-se, formando gigantescas barreiras fortemente escarpadas. E, de repente, surgiu água lisa à sua direita. Uma foca emergiu, olhou rapidamente para eles, desapareceu. Um pouco à frente sua cabeça surgiu novamente, fitando-os curiosamente. Deixaram o buraco d'água para trás e rumaram para um outro, gigantesco, até Anawak reconhecer que nem se tratava de um buraco d'água, mas da margem do gelo. Além dela abria-se o mar.

Após algum tempo, chegaram a um acampamento. O comboio parou. Cumprimentos alegres. Alguns se conheciam, outros foram minuciosamente apresentados. Os campistas eram de Pond Inlet e Igloodik. Haviam caçado um narval que cortaram em pedaços, deixando os restos do cadáver mais a leste na margem do gelo, perto de onde o grupo de Anawak passara. Ofereceram pedaços da pele e conversaram sobre a caça. Dois caçadores, vindos da margem de gelo com seus skidoos a caminho de casa, juntaram-se a eles. Haviam prendido duas canoas de caça e duas focas caçadas no dia anterior nos seus qamutiks. Um dos dois dizia que os animais estavam retornando mais cedo do que o normal para as suas áreas de caça e procriação devido ao recuo do gelo. Enquanto falava, girava um Winchester 5.6 e alertou-os de que tomassem cuidado. Seu boné dizia: Trabalho é para quem não entende de caça. Anawak perguntou-lhe se notara alguma diferença no comportamento das baleias, se elas estavam muito agressivas, se tinham chegado a atacar, o que os caçadores negaram. De repente, todo o acampamento reuniu-se à sua volta. Todos conheciam os relatos, sabiam de todos os detalhes que estavam paralisando o mundo, mas, aparentemente, o Áttico fora poupado de qualquer anomalia.

A noite, deixaram o acampamento.

Os dois caçadores retornaram para Pond Inlet, e o comboio de Anawak seguiu para a margem. Após algum tempo, passaram pelos restos do narval caçado. Bandos de pássaros brigavam

ruidosamente por pedaços de carne. Continuaram andando para afastar-se o máximo possível do cadáver, mas acabaram parando num local de onde podiam vê-lo. A cerca de trinta metros da margem do gelo, os guias montaram acampamento. As caixas foram soltas dos trenós, a torre de rádio foi montada para que não perdessem o contato com o mundo externo. Em pouco tempo, os guias montaram cinco barracas, quatro para os viajantes e uma cozinha, com tábuas e colchões isolantes no chão. Três placas de madeira pintadas de branco formaram um toailete provisório, do lado de dentro um balde com saco plástico azul e um assento esmaltado arranhado.

— Estava na hora — alegrou-se Akesuk.

Foi o primeiro a desaparecer no pote de mel, como os inuit chamavam os seus toaletes móveis, enquanto o acampamento continuava sendo montado. Os guias inuit sugeriram fazer uma corrida com os skidoos. Anawak pediu que lhe mostrassem as manobras necessárias, mas andar de skidoo foi fácil. Logo estavam correndo sobre o gelo cintilante em curvas frenéticas, e ele sentiu o seu coração mais leve.

Amava estar aqui.

Apostaram diversas corridas, até um homem de Igloolik vencer o torneio. Sentiram fome. Mary-Ann espantou-os da cozinha, então se reuniram do lado de fora, bem agasalhados contra o frio, encostados nos trenós, e uma jovem começou a contar uma história dos inuit, daquelas que todas as vezes são contadas de forma um pouco diferente. Anawak lembrou-se que, às vezes, essas histórias chegavam a levar dias. Os inuit não acreditavam que tudo precisava ser contado de uma só vez. Os dias no gelo eram longos. As histórias eram longas. por que não espalhá-las?

Era quase meia-noite quando Mary-Ann serviu o jantar. Ela se superou. Cheirava deliciosamente a truta ártica, bifes de rena com arroz e eskimo-potatoes, uma espécie local de raiz. Para beber, litros de chá preto quente. A barraca da cozinha deveria servir para todos os participantes, mas não cumpriu a sua promessa e mostrou-se pequena demais. Akesuk aborreceu-se e xingou o homem que lhes alugara a barraca. isso não a tornava maior, então puseram os

seus pratos de comida sobre trenós e caixas de mantimentos e comeram até quase explodirem.

Por volta de uma e meia, quando, um após outro foram ficando cansados, Akesuk tirou uma garrafa de champanhe do fundo da sua bagagem. Piscou com astúcia para Anawak. Mary-Ann franziu o nariz e foi dormir. Até restarem somente Anawak e o seu tio, e o homem que estava de pé com a sua arma sobre um monte de gelo cumprindo o seu turno na vigilância de ursos.

— Sendo assim, nós a beberemos — disse Akesuk. Anawak balançou a cabeça.

— Eu não bebo.

— Ah, é mesmo) — Akesuk lançou um olhar de lamento para a garrafa. — Tem certeza? Trouxe-a para abrir numa oportunidade especial. A oportunidade especial... Bem, você voltou para casa, e eu pensei...

— não quero perder o controle, Iji.

— Controle de quê? Da sua vida ou deste momento? — Encolheu os ombros e guardou a garrafa novamente. — Está bem. Haverá outras oportunidades especiais. Talvez tenhamos fartura. Quem sabe caçamos uma baleia-branca ou uma morsa gorda e succulenta. Que tal uma corrida antes de nos deitarmos?

— Com prazer, Iji.

Andaram até a margem do gelo. Anawak deixou o tio ir à frente. O velho homem sabia melhor onde o gelo era estável e onde poderia quebrar. Os inuit conheciam centenas de palavras para cada tipo de gelo e neve, mas nenhuma que significasse apenas neve ou gelo. Naquele momento estavam andando sobre gelo elástico. Enquanto os icebergs eram compostos por água doce, porque o sal era completamente isolado durante o processo de congelamento, no gelo flutuante e marítimo havia restos de sal. Quanto mais rápido o gelo congelava, maior o seu teor de sal. Com isso, o gelo tornava-se mais elástico, o que, no inverno era uma vantagem, porque não quebrava tão facilmente e, no começo da primavera, uma desvantagem, porque o perigo de quebrar era cada vez maior Cair na água gelada podia matar um homem, entretanto era ainda mais perigoso se a correnteza o levasse para debaixo do gelo.

Encontraram um lugar próximo à margem e encostaram-se num cubo de gelo. À sua frente abria-se o mar prateado. Imediatamente abaixo da superfície Anawak viu salmões com dorsos azul-metálico nadando velozmente. Durante algum tempo, simplesmente olhou para fora. Akesuk também calou-se. Deixaram o tempo passar e, de repente, como se a natureza tivesse resolvido recompensá-los pela sua perseverança, dois unicórnios torcidos emergiram da água como espadas cruzadas. Dois narvais machos mostraram-se a poucos metros da margem do gelo. Surgiram cabeças redondas com manchas cinza-escuras, e então os animais voltaram a submergir lentamente. Em no máximo 15 minutos tornariam a aparecer. Esse era o seu ritmo.

Anawak estava fascinado. Praticamente não se viam narvais em frente à ilha de Vancouver. Durante muito tempo estiveram ameaçados de extinção. Seus chifres, na realidade prolongamentos dos dentes caninos, eram de puro marfim, motivo pelo qual foram caçados durante séculos. Continuavam na lista das espécies ameaçadas, mas sua população voltara a atingir dez mil indivíduos entre Nunavut e a Groenlândia.

O gelo rangeu e chiou baixinho quando era movido pela água. Um pouco mais adiante, os pássaros gritavam sobre os restos mortais da baleia caçada. Uma luz suave cobria as rochas e geleiras da ilha Bylot e desenhava sombras sobre o mar congelado. O sol pálido e gélido estava pendurado imediatamente acima do horizonte.

— Você me perguntou se eu senti falta disto tudo — disse Anawak. Akesuk permaneceu em silêncio.

?? — Eu odiava, Iji. Odiava e desprezava. Você queria uma resposta. Aí está. O tio suspirou.

— Você desprezava o seu pai — disse.

— Pode ser. Mas explique a um garoto de 12 anos a diferença entre o seu pai e o seu povo, se ambos se superaram em miséria. Meu pai era fraco e estava constantemente embriagado. Lamentava-se e chorava e puxou minha mãe tão para baixo até ela não saber mais o que fazer e se matar. Cite-me uma família em que não houve suicídio naquela época. Todas eram assim. É muito

bonito quando lhe contam histórias sobre o povo inuit orgulhoso e independente, mas eu não vi nada disso. — Olhou para Akesuk. — Quando, em poucos anos, o pai e a mãe tornam-se perdedores, drogados, sem vitalidade, como suportar isso? Quando sua mãe se enforca por não suportar mais a si própria. E seu pai não faz nada além de choramingar e encher a cara. Eu disse a ele que parasse. Que minha força valia para dois. Gritei com ele e disse que iria trabalhar, fazer alguma coisa, eu queria ajudá-lo, o que importava era que ele deixasse a garrafa de lado e voltasse a pensar com clareza como antes, mas ele apenas arregalou os olhos para mim e continuou choramingando!

— Eu sei. — Akesuk balançou a cabeça. — Ele não tinha mais controle sobre si.

— Ele me liberou para adoção — disse Anawak. A amargura de anos era evidente. — Eu queria ficar com ele, e essa criatura lamentável liberou-me.

— Ele não deu conta de você. Queria protegê-lo.

?— E daí? Ele se preocupou com a minha reação? Porra nenhuma! Minha mãe acabou-se nas suas depressões, meu pai deu-se um tiro com o álcool, ambos me jogaram para fora de suas vidas. Alguém me ajudou? não! Todos estavam muito ocupados em fazer buracos na neve com os olhos e lamentar a miséria dos inuit. Inclusive você, lembro-me exatamente. Você era o tio Iji divertido, tinha sempre umas histórias para contar, mas também não conseguia fazer nada direito. Somente evocar lendas, era tudo em que pensava. Hora da fantasia do povo livre dos inuit. Um povo nobre! Um povo orgulhoso! Conversa!

— E era — disse Akesuk acenando a cabeça. — Um povo orgulhoso.

— Quando?

Esperava que Akesuk ficasse furioso, mas o tio simplesmente alisou o bigode algumas vezes.

— Antes de você nascer — disse. — Minha geração ainda nasceu em iglus, e todos naturalmente sabiam construir um. Para fazer fogueiras, usávamos sílex em vez de fósforos. não atirávamos em renas, mas caçávamos com arco e flecha. Um qamutik não era

puxado por skidoos, mas por cães. Tudo isso não soa muito romântico? Depois de tanto tempo? — Akesuk balançou a cabeça. — Na realidade, faz apenas meio século. Olhe à sua volta, rapaz. Como vivemos hoje? Quer dizer, também tem o seu lado bom, praticamente nenhum povo sabe tanto sobre o mundo como nós. Em metade das casas há um computador ligado à internet, na minha também. Ganhamos um território próprio. — Deu uma risada. — Há pouco teve uma charada no nunavut.com, bastante divertido à primeira vista. Ainda se lembra das antigas cédulas de dois dólares canadenses? Na frente, traziam uma imagem da rainha Elisabeth II, e atrás, um grupo de inuit. Um dos homens está diante de um caiaque com um arpão na mão. Muito idílico. A pergunta era: O que esta cena realmente mostra? Você sabe?

— Temo que não.

— Mas eu sei. É a imagem de uma expulsão, rapaz. O governo de Ottawa tinha um termo mais elegante, chamavam de realocação. Um lema da Guerra Fria. Ottawa temia que os Estados Unidos ou a União Soviética cogitassem reivindicar o Ártico canadense despovoado, então realocou os inuit nômades dos seus locais de origem na região polar sul para Rolute e Grise Fiord, próximo do Pólo Norte. Mentiram para eles, dizendo que ali a caça era melhor, mas foi o contrário. Os inuit foram obrigados a usar placas de lata com números de registro cravados, como placas de identificação para cachorros. Sabia disso?

— não me lembro.

— Muitos da sua geração, muitas das crianças de hoje não fazem idéia do que os seus pais passaram e das suas condições de vida. E que, na realidade, tudo começou ainda mais cedo, em meados da década de 1920, quando os trappers brancos vieram e trouxeram a arma. As renas e focas foram dramaticamente dizimadas. Por ambos, aliás, tanto pelos quallunaat, como pelos inuit. Balas de armas no lugar de arco-e-flecha, você sabe. Os inuit enfrentaram a pobreza. Nunca tiveram muitas doenças, mas surgiram a poliomielite, a tuberculose, o sarampo e a difteria, então abandonaram os seus acampamentos e mudaram-se para vilas. No final dos anos cinquenta, muitos dos nossos morreram de fome e

doenças infecciosas sem que os órgãos oficiais do governo sequer tomassem conhecimento. As forças armadas começaram a interessar-se pelos territórios do noroeste e implementaram bases secretas nas tradicionais áreas de caça. Naturalmente, os inuit que ainda moravam ali atrapalhavam. Por ordem dos órgãos canadenses, foram transportados de avião para centenas de quilômetros mais ao norte, deixando para trás as suas barracas, caiaques, canoas e trenós. Eu também fui realocado quando era jovem, assim como os seus pais. Para justificar a medida, diziam que lá no norte os inuit que sofriam com a fome teriam mais chances de sobreviver do que nas proximidades das bases militares. Na realidade, as novas regiões ficavam muito distantes de todas as rotas migratórias das renas e dos locais onde os animais costumavam ter os seus filhotes no verão.

Akesuk fez uma pausa. Calou-se por bastante tempo. Nesse meio tempo, voltaram a emergir alguns narvais. Anawak observou-os nas suas lutas de espadas até o seu tio retomar a palavra:

— Depois de sermos realocados, enviaram os bulldozers para as antigas regiões de caça. Tudo que fazia lembrar a nossa vida foi destruído para que não pensássemos em voltar. E, naturalmente, as renas continuaram ausentes no norte. Nada de comida, nada para vestir. De que adianta ter toda coragem do mundo se você apenas consegue caçar alguns siksiks, coelhos e peixes? Se você vê o seu povo morrer sem poder fazer nada apesar de toda a sua força e decisão? Vou lhe poupar dos detalhes. Dentro de poucas décadas, tornamo-nos um caso de assistência social. Não pudemos retomar o nosso modo de vida e jamais havíamos aprendido a viver de outra forma. Mais ou menos quando você nasceu, o governo voltou a sentir-se responsável por nós, então construiu uns caixotes para nós, casas. Para os quallunaat, algo natural. Eles vivem em caixotes. Quando se locomovem, sentam-se num caixote, que também é guardado num caixote. Comem em caixotes públicos, os seus cachorros vivem em caixotes, e em volta dos caixotes em que moram há outros caixotes, muros e cercas. Essa é a vida deles, não a nossa, mas então também passamos a

viver em caixotes. E a que leva a auto-estima perdida? Ao álcool, às drogas e ao suicídio.

— Naquela época, meu pai lutava pelos direitos dos inuit?  
— perguntou Anawak baixinho.

— Todos nós lutávamos. Eu era jovem quando fomos expulsos. Particpei da luta pelos nossos direitos. Durante trinta anos, processamos e lutamos. Inclusive o seu pai. Mas, no final, tudo isso acabou com ele. Agora, desde 1999 temos um território próprio, Nunavut, nossa terra. Ninguém mais se mete na nossa vida, ninguém nos realoca. Entretanto a nossa vida, a única vida determinada para nós, perdeu-se para sempre.

— Então precisam procurar uma nova.

— Tem toda razão. De que adianta toda esta lamentação? Sempre fomos nômades e independentes, mas nos acostumamos com a idéia de um território limitado. Até poucas décadas atrás, não conhecíamos outra forma de organização além de ligações familiares soltas, não aceitávamos caciques nem líderes, e agora temos inuit mandando em inuit, como é de praxe num governo administrativo moderno. não conhecíamos posse, agora seguimos o caminho de uma nação industrial moderna. Estamos reavivando as tradições, algumas pessoas estão adquirindo cães para puxar os trenós, voltou-se a ensinar como construir iglus e acender fogueiras com sílex. É bom que esses valores sejam retomados, mas nem por isso paramos o tempo. E digo-lhe, rapaz, que nem estou infeliz. O mundo está em movimento. Hoje vivemos como nômades na internet, passeamos pelas redes das auto-estradas de dados, caçamos e juntamos informações. Vagamos como nômades pelo mundo inteiro. Os jovens conversam em chats com pessoas de todas as partes do planeta e falam-lhes de Nunavut. Muitas Pessoas ainda se matam nesta terra, pessoas demais. Bem, temos um trauma para digerir. Deveriam dar-nos um tempo e não sacrificar a esperança dos vivos pelos mortos, o que acha?

Anawak viu o sol tocando suavemente o horizonte.

— Tem razão — disse.

E, seguindo um impulso, contou a Akesuk tudo o que fora descoberto no castelo, no que o conselho estava trabalhando e da

sua suspeita acerca de uma inteligência desconhecida no mar. Falou incessantemente. Sabia que com isso estava desobedecendo à ordem de Li, mas não se importou. Calara-se a vida inteira. Akesuk era quem lhe restava da família.

O tio prestou atenção.

— Quer um conselho de um xamã?

— não. não acredito em xamãs.

E, quem ainda acredita? Mas vocês não conseguirão resolver esse problema com a ciência, rapaz. Um xamã diria que estão lidando com espíritos, espíritos do mundo vivo que vagueiam nas criaturas. Os quallunaat começaram a destruir a vida. Os espíritos voltaram-se contra eles, a deusa do mar Sedna. Sejam quem forem as suas criaturas no mar, não alcançarão nada se tentarem lutar contra elas.

— Então?

Compreendam-nas como parte de vocês. Cada um de nós é um extraterrestre para o outro neste planeta aparentemente tão interligado. Façam contato. Assim como você fez contato com o povo desconhecido dos inuit. não seria bom se tudo voltasse a ser uma coisa só?

— não são humanos, Iji.

Não se trata disso. São parte do mesmo mundo, assim como as suas mãos e os seus pés são parte do mesmo corpo. não há como vencer a luta pela liderança. As batalhas apenas conhecem vítimas. A quem interessa quantas raças dividem o mundo e o quão inteligente são? Aprendam a compreendê-los em vez de combatê-los.

— Parece uma doutrina cristã. Face esquerda, face direita.

— não — disse Akesuk, rindo. — É o conselho de um xamã. Ainda temos alguns por aqui, mas não fazemos muito alarido em torno disso.

Que xamã deveria me... — Anawak ergueu as sobrancelhas. — não me diga que é você?

Akesuk balançou os ombros e riu.

— Alguém precisa dar apoio espiritual — disse. — Veja!

A certa distância, um enorme urso polar aproximara-se dos restos mortais do narval e espantara os pássaros. Eles voavam à sua volta ou davam pequenos passos sobre o gelo a uma distância respeitável. Um albatroz mergulhou repetidas vezes na direção do intruso. O urso não se impressionou. Estava suficientemente distante do acampamento, de forma que o vigia não precisara dar o alerta, mas erguera a arma e olhava atentamente naquela direção.

— Nanuq — disse Akesuk. — Ele cheira tudo. Inclusive nós.

Anawak observou o urso comendo. não sentiu medo. Após algum tempo, o colosso perdeu o interesse e afastou-se lentamente. Uma vez virou-se, olhou curiosamente para o acampamento e finalmente desapareceu por detrás de uma barreira de manto de gelo.

— Como se faz de cômodo — cochichou o tio. — Mas ele consegue correr, rapaz. Ele consegue correr! — Akesuk riu, enfiou a mão no seu anorak, retirou uma pequena escultura e colocou-a no colo de Anawak. — Esperei por isso. Sabe, todo presente tem o seu tempo. Talvez agora seja o momento certo de dar-lhe isto aqui.

Anawak pegou a escultura e observou-a. Um rosto humano com cabelos de penas cujo pescoço emendava num corpo de pássaro.

— Um espírito-pássaro?

— Isso. — Akesuk acenou a cabeça. — Foi feito por Toonoo Sharky, um vizinho meu. Tornou-se um artista famoso, chegou ao Museu de Arte Moderna. Fique com ele. Enfrentará muitas coisas. Precisaré dele. Ele guiará os seus pensamentos na direção correta quando chegar a hora.

— Quando chegar a hora de quê?

— Sua consciência voará. — Akesuk formou asas com as mãos, deixou-as voar e riu. — Mas esteve longe daqui por muito tempo. Está um pouco fora de forma. Talvez precise de um intermediário que lhe revele o que o espírito-pássaro vê.

— Está falando de forma misteriosa.

— É um privilégio dos xamãs. Um pássaro voou por cima deles.

— Uma gaivota-rosada — disse Akesuk, rindo. — É, realmente tem sorte, Leon, realmente tem sorte. Sabia que a cada ano milhares de amantes de pássaros vêm de todo o mundo só para ver esta gaivota? De tão rara que é. não, não precisa se preocupar, realmente não precisa. Os espíritos enviaram-lhe um sinal.

Mais tarde, quando finalmente se acomodaram em seus sacos de dormir, Anawak ainda continuou acordado por algum tempo. O sol noturno clareava a lateral da barraca. Uma vez ouviu o grito do vigia de ursos: "Nanuq, Nanuq!" Pensou no mar polar do norte preto abaixo de si, e seus pensamentos, sem forma, pareciam afundar através da camada de gelo em direção ao mundo desconhecido. Respirando calmamente, flutuou no mar dos sonhos e finalmente sobre o platô de um iceberg, nascido na geleira da Groenlândia, trazido até a costa leste da ilha Bylot, preso no mar congelado e finalmente solto do gelo derretido Pelo vento e carregado pelas ondas rumo ao sul. Em seu sonho, Anawak caminhou ao longo de uma trilha estreita e coberta de neve até o cume de uma montanha e viu que ali a neve derretida formara um lago de água doce cor de esmeralda Até onde a vista alcançava, via-se o mar azul e liso. O iceberg derreteria, e ele mergulharia neste mar tranqüilo até a origem de toda a vida onde aguardava um enigma para ser decifrado.

E talvez um xamã para ajudá-lo.

## **24 de maio**

### **FROST**

Como sempre, Frost discordou.

Segundo a indústria de extração mineral, os principais depósitos de metano encontravam-se no Pacífico, ao longo da costa oeste americana e em frente ao Japão, além do mar de Okhotsk e do mar de Bhering, assim como o mar de Beaufort, mais ao norte. No Atlântico, a maior parte estava em frente aos EUA. Havia

grandes depósitos no Caribe, em frente à Venezuela, e fortes concentrações na região do estreito de Drake entre a América do Sul e a Antártida. Sabia-se também da existência dos hidratos noruegueses, assim como de depósitos no leste do mar Mediterrâneo e do mar Negro.

Apenas em frente à costa noroeste da África é que aparentemente havia pouco. Especialmente nas imediações das ilhas Canárias.

E Frost não conseguia entender isso.

Porque, ali, emergia água fria das profundezas, repleta de nutrientes para o fitoplâncton que, por sua vez, formavam a base para as excelentes áreas de pesca das Canárias. Baseado nisso, a região das Canárias deveria apresentar, inclusive, quantidades bastante grandes de hidrato — mais cedo ou mais tarde, em todo local de grande diversidade de vida orgânica, formava-se metano no fundo do mar.

O problema das Canárias era que os restos mortais dos seres vivos não tinham onde sedimentar-se. Como as ilhas foram formadas milhões de anos antes por vulcões, erguiam-se como torres para o alto: Teneriffa, Gran Canária, La Palma, Gomero e Ferro. Todas elas erguiam-se a profundidades de três quilômetros e meio até a superfície, agulhas de rocha vulcânica onde os sedimentos e restos orgânicos simplesmente passavam direto em vez de fixar-se. Portanto, os mapas comuns não registravam nenhum depósito de metano na região das Canárias. O que, na opinião de Frost, era um equívoco.

Além disso, ele acreditava que os cones vulcânicos em cujos ápices as ilhas emergiam do mar nem eram tão íngremes como diziam. Naturalmente, eram íngremes, mas não lisas e verticais como paredes de casas. Frost pesquisara suficientemente o desenvolvimento e o crescimento de vulcões para saber que até mesmo o mais íngreme dos cones tinha cristas e terraços. Estava convicto de que havia grandes quantidades de metano em volta das ilhas e que, até então, simplesmente ninguém olhara com tanta precisão. Esse hidrato não se apresentaria em grandes pedregulhos,

mas cortaria as rochas como uma rede de minúsculo capilares. Em todo caso, ter-se-ia depositado nas cristas cobertas por sedimentos

Como era vulcanólogo, não especialista em hidratos, consultara Gerhard Bohrmann no castelo. Combinaram examinar a situação a fundo. Então Frost listara as ilhas que lhe pareciam ameaçadas. Além de La Palma, incluía o Havaí as ilhas de Cabo Verde, Tristão da Cunha mais ao sul e a ilha de Reunião, no oceano Índico. Cada uma delas era uma bomba-relógio em potencial, entretanto La Palma era e continuava sendo a maior de todas. Caso o temor de Frost se confirmasse, e essas criaturas no fundo do mar de fato fossem tão espertas quanto afirmava o professor norueguês, a cordilheira vulcânica do Cumbre Vieja em La Palma representava uma ameaça de dois mil metros de altura para milhões de pessoas.

Graças aos esforços de Bohrmann, Frost e sua equipe puderam realizar sua expedição a bordo do famoso Polarstern. Assim como o Sonne, o navio de pesquisas alemão tinha um Victor 6000 a bordo. O Polarstern era suficientemente grande para não poder ser ameaçado por baleias e, além disso, fora equipado com câmeras subaquáticas que lhe permitiam reconhecer em tempo quaisquer ataques de cardumes de mexilhões, medusas ou outros organismos. Frost não fazia a menor idéia se voltaria a ver o Victor depois de enviá-lo para baixo, uma vez que tudo desaparecia por ali. Seria uma tentativa apostando na sorte, mas ninguém se opôs a isso.

O Victor mergulhou a oeste de La Palma. O Polarstern estava ao alcance da vista da terra quando ele desceu. O robô examinou sistematicamente a parede íngreme do cone vulcânico até, a quatrocentos metros de profundidade, deparar-se com uma série de terraços sobrepostos que se projetavam da parede como varandas e apresentavam grandes áreas cobertas por sedimentos.

Ali encontrou os depósitos de hidrato que Frost previra.

Estavam cobertos por corpos rosa-esbranquiçados com mandíbulas de quitina que se mexiam sem parar. —

## 8 de junho

### **LA PALMA, ILHAS CANÁRIAS, EM FRENTE AO OESTE AFRICANO**

— Por que esses vermes estão trabalhando com tanto empenho na base de uma ilha turística, se, em frente ao Japão ou ao nosso litoral, poderiam causar muito mais estragos? — perguntou Frost. — Quer dizer, o mar Báltico era uma região industrial. O leste americano e Honshu também são, mas ali as populações de vermes ainda não chegam nem perto de causar grandes danos. E agora encontramos-os aqui. Em frente a uma ilha turística no oeste africano. Para que isso tudo? Os bichos estão de férias?

Estava, como sempre, de boné e macacão de operário, no alto do lado oeste da cordilheira central que atravessava toda a ilha. Enquanto as rochas ao norte circundavam a famosa cratera Caldera de Taburiente, o maciço alongava-se até a ponta sul, com inúmeros vulcões.

Frost estava na companhia de Bohrmann e de dois representantes do grupo empresarial De Beers, uma diretora e um coordenador técnico chamado Jan van Maarten. O helicóptero estava estacionado um pouco à parte da pista de areia onde se encontravam. Estavam diante de uma paisagem de crateras verdes de beleza impressionante. Um cone seguia a outro. Campos negros de lava desciam até a costa, mesclados com tufo de grama que começavam a brotar. Os vulcões de La Palma não explodiam com frequência, entretanto a próxima erupção poderia ser a qualquer instante. Na história da Terra, as ilhas eram jovens. Em 1971 ainda surgiu um novo vulcão no extremo sul, o Teneguia, aumentando a superfície da ilha por alguns hectares. Na realidade, toda a cordilheira era um único vulcão com várias crateras, de forma que, na maioria das vezes, quando havia erupções citava-se apenas o Cumbre Vieja.

— A questão é — disse Bohrmann — onde atacar para causar os maiores estragos.

— Acredita realmente que alguém esteja pensando nisso? — indagou a diretora, franzindo a testa.

— Trata-se apenas de uma hipótese — disse Frost. — Mas, partindo do princípio de que há uma mente inteligente por detrás disso, ela é muito habilidosa estrategicamente. Depois do desastre no mar do Norte, naturalmente todos pensaram que a desgraça estivesse pairando nas proximidades de litorais densamente habitados e regiões industriais. E, de fato, encontramos vermes ali, entretanto em pouca quantidade. Daí pode-se concluir que as tropas inimigas, digamos assim, diminuíram. Ou que ela precisa de tempo para produzir mais desse vermes. Nossa atenção está sendo constantemente atraída para os pontos errados. Gerhard e eu já estamos convencidos de que essas pequenas invasões em frente à América do Norte e ao Japão são manobras de distração.

— Mas de que adianta destruir os hidratos em frente a La Palma? — perguntou a mulher. — Aqui não há tanto movimento assim.

A equipe da De Beers entrara em jogo quando Frost e Bohrmann começaram a procurar um sistema já existente para sugar os vermes comedores de gelo. Há décadas eram procurados diamantes no fundo do mar em frente à Namíbia e à África do Sul. Diversas empresas participavam da empreitada, à frente a gigante internacional dos diamantes De Beers, que escavava até profundidades de 180 metros a partir de navios e plataformas de abastecimento naval. Há alguns anos a De Beers começara a desenvolver novos conceitos que alcançavam profundidades maiores, bulldozers subaquáticas de controle remoto com trombas suga-doras que bombeavam areia e pedras para dentro de navios de apoio através de canos. Uma das mais novas invenções previa um sistema flexível que dispensava um navio de apoio — uma tromba sugadora de controle remoto que também operava em encostas íngremes. Teoricamente, o sistema poderia avançar até profundidades de alguns milhares de metros, mas para isso seria preciso construir uma tromba desse comprimento.

O conselho decidira incluir o grupo da empresa de diamantes envolvido com o projeto. Frente às catástrofes mundiais, a esta altura os dois representantes da De Beers sabiam apenas que o seu sistema poderia ser de grande importância e que rapidamente precisariam de uma tromba sugadora de várias centenas de metros. Frost sugerira voar para o Cumbre, porque queria deixar bem claro ao pessoal o que poderia acontecer com a humanidade caso a missão viesse a falhar.

— não se engane — disse. — Há muitas coisas acontecendo por aqui. Seu cabelo, cujas mechas despenteadas surgiam por debaixo do boné, voava

ao frescor do vento Passat. O céu espelhava-se nos seus óculos de lentes escurecidas. De pé ali, como sempre lembrava uma mistura de Fred Flintstone com exterminador, e sua voz invadia o silêncio da encosta com os seus bosques de pinheiros como se quisesse proferir os dez mandamentos.

— Estamos aqui, porque o vulcanismo formou as Ilhas Canárias há dois milhões de anos. Tudo aqui parece muito idílico, mas engana. Lá embaixo, em Tijarafe — aliás, uma vila pitoresca, com deliciosos quesos de amêndoas! — no dia 8 de setembro é comemorada a festa do diabo, e o diabo corre pela praça principal fazendo barulho e cuspidando fogo. Por que faz isso? Porque os ilhéus conhecem o seu Cumbre. Porque fazer barulho e cuspir fogo faz parte do dia-a-dia. A inteligência a que devemos esses vermes também sabe disso. Sabe como surgiu a ilha. E quem sabe essas coisas geralmente também conhece os pontos fracos.

Frost deu alguns passos até a margem da encosta. As pedras quebradiças de lava rangeram debaixo das suas botas Doe Martens. Lá embaixo batiam as ondas cintilantes do Atlântico.

— Em 1949, o Cumbre Vieja deu um belo sinal de vida, o velho cão adormecido, ou melhor, uma de suas crateras, o Vulcão de San Juan. A olho nu, praticamente não se vê, mas, desde então, uma fenda de quilômetros de comprimento atravessa a encosta oeste aos nossos pés. Possivelmente estende-se até a estrutura inferior de La Palma. Na ocasião, partes do Cumbre Vieja deslizaram aproximadamente quatro metros em direção ao mar.

Nos últimos anos realizei diversas medições na região. É bem provável que, na próxima erupção, a encosta oeste rache por completo, porque algumas camadas de sedimentos contêm enormes quantidades de água. Assim que subir magma novo e quente pelo conduto vulcânico, essa água se expandirá explosivamente e evaporará. A pressão daí decorrente poderia facilmente explodir o lado instável, além do mais a encosta leste e sul fazem pressão. Por conseqüência, aproximadamente quinhentos quilômetros cúbicos de rocha escorregariam e cairiam no mar.

— Eu li a respeito — disse Van Maarten. — Representantes oficiais das Canárias consideram a teoria duvidosa.

— Duvidoso — trovejou Frost como as trombetas de Jerico — é, no máximo, o modo como se esquivaram de um posicionamento claro em todas as comunicações oficiais, para não espantar os turistas. A humanidade não será poupada desse capítulo. Já tivemos alguns exemplos menores. Em 1741, o Oshima-Oshima em frente ao Japão, entrou em erupção, formando ondas de trinta metros de altura. Houve ondas parecidas quando, em 1888, a ilha Ritter em Nova Guiné desmoronou, e a rocha despencada correspondia a 1% do que seria de esperar por aqui! No Havaí, o Kilauea já é controlado há anos por uma rede de estações de GPS que registram qualquer pequeno movimento, e ele está se movendo! A encosta sudeste desliza dez centímetros por ano em direção ao vale, e aí se ela acelerar. Nenhum de nós poderia imaginar uma coisa dessas. Praticamente todo vulcão situado numa ilha tende a ficar mais íngreme com o tempo. Quando se torna íngreme demais, um pedaço seu quebra. O governo de La Palma está se fazendo de cego e surdo. A questão não é se acontecerá, mas quando acontecerá, em cem anos? Em mil? Apenas não sabemos disso. As erupções vulcânicas locais não costumam se anunciar.

— O que acontece se metade da montanha desabar no mar? — perguntou a representante.

— A massa rochosa deslocará imensas quantidades de água — disse Bohrmann —, que crescerão cada vez mais. O choque será de aproximadamente 350 quilômetros por hora. As rochas rolarão

sessenta quilômetros mar adentro, de forma que a água não poderá simplesmente fluir de volta sobre as pedras. Uma gigantesca bolha de ar se formará e deslocará ainda mais água que a rocha derrubada. As opiniões divergem a respeito do que aconteceria em seguida, entretanto nenhuma das alternativas é motivo de alegria. Nas proximidades de La Palma a rocha desprendida formará uma onda gigante cuja altura deve variar entre seiscentos e novecentos metros. Ela começará a se deslocar a uma velocidade de mil quilômetros horários. Ao contrário de terremotos, desmoronamento de montanhas e deslizamentos são acontecimentos pontuais. As ondas se propagarão radialmente pelo Atlântico e distribuirão a sua energia. Quanto mais se afastarem do ponto de partida, mais rasas se tornarão.

— Que consolo — murmurou o coordenador técnico.

— Mais ou menos. As Ilhas Canárias serão apagadas no mesmo instante. Uma hora após o desmoronamento, um tsunami de cem metros de altura alcançará o litoral africano oeste do Saara. Só para se ter uma idéia: o da Europa chegou a quarenta metros dentro dos fiordes, e o resultado todos conhecem. De seis a oito horas depois, uma onda de cinquenta metros rolará pelo Caribe, devastará as Antilhas e inundará a Costa Leste dos Estados Unidos entre Nova York e Miami. Logo em seguida, se chocará na mesma intensidade com o Brasil. Ondas menores alcançarão a Espanha, Portugal e as ilhas britânicas. As conseqüências seriam devastadoras, inclusive para a Europa Central, onde toda a economia quebraria.

A equipe da De Beers empalideceu. Frost sorriu para todos.

— Por acaso alguém viu Impacto Profundo?

— O filme? Mas aquela onda era bem mais alta — disse a representante. — Centenas de metros.

— Para apagar Nova York, bastariam cinquenta metros. O choque libera tanta energia quanto os Estados Unidos gastam em um ano. Esqueça a altura dos prédios, o tsunami é um problema para as fundações. O resto simplesmente desmorona, por mais alto que seja. E nenhum de nós é Bruce Willis, se me permitem dizer. — Fez uma pausa e apontou para baixo, em direção à encosta. — Para

desestabilizar essa encosta oeste, não é preciso que o Cumbre Vieja ecloda ou que haja um deslizamento submarino. Os vermes estão tratando disso. Digamos que uma versão miniatura do que fizeram no norte da Europa, entretanto deve ser suficiente para fazer com que uma parte da coluna vulcânica submarina deslize e despenque para o fundo. A consequência seria um pequeno terremoto, suficiente para abalar a estática do Cumbre. Possivelmente esse terremoto até cause uma erupção, em todo caso a encosta oeste perderá sua estabilidade. De uma forma ou de outra, o tremor será grande. Será uma catástrofe. Em frente à Noruega, os vermes levaram algumas semanas, aqui poderia ser mais rápido.

— Quanto tempo nos resta?

— Praticamente nenhum. Essas pequenas pestes espertinhas procuraram locais mais difíceis de descobrir no oceano. Aproveitam-se da capacidade de propagação de ondas de impulso em mar aberto. No mar do Norte, acertaram em cheio, mas a civilização humana só estará realmente ameaçada quando, no outro lado do mundo, uma ilhazinha aparentemente inofensiva colabar.

Van Maarten coçou o queixo.

— Construimos um protótipo da tromba que poderá descer até trezentos metros. Funciona. Até agora não tivemos experiência em profundidades maiores, mas...

— Poderíamos prolongar a tromba — sugeriu a representante.

— Teríamos de fazer um milagre. Mas tudo bem, se interrompermos todo o restante... O que me preocupa mais é o navio acompanhante.

— não acredito que um navio baste — disse Bohrmann. — Alguns bilhões de vermes formam uma imensa biomassa. Precisarão bombeá-los para algum lugar.

— Esse não é um problema nosso. Podemos instituir um fluxo de carga e descarga. Estou me referindo ao navio de onde será controlada a tromba. Se a prolongarmos para quatrocentos ou quinhentos metros, precisaremos armazená-la em algum lugar. É meio quilômetro de mangueira! Pesada como chumbo e bem mais

grossa do que um cabo submarino que pode ser simplesmente enrolado na barriga de um navio. Além do mais quando a tromba for manuseada, o navio precisa ter estabilidade suficiente para contrabalançar esses movimentos. não precisamos nos preocupar com ataques, mas a hidrostática é traidora. não se pode simplesmente pendurar a mangueira para fora a boreste ou bombordo sem arriscar a estabilidade do navio.

— Então um navio-draga?

— não nesse tamanho. — O homem refletiu.—Talvez um petroleiro? não, pesado demais. Melhor uma plataforma flutuante. Já trabalhamos com algo assim. Um sistema de pontões, melhor ainda uma construção semi-submersa como na tecnologia offshore, entretanto não a ancoraremos com amarras, mas a moveremos no mar como um navio de verdade. O troço precisa ser manobrável. — Afastou-se um pouco e começou a murmurar algo de frequências de ressonância e movimentos do mar. E então retornou. — Um semi-submerso é bom. Maior estabilidade nas ondas, flexível, o suporte ideal para um guindaste que agüente.

Há um troço desses em frente à Namíbia que poderíamos adaptar rapidamente. Tem uma propulsão a jato de 6.000 V, e, se for preciso, também poderemos afixar algumas hélices laterais.

— A Heerema? — perguntou a diretora.

— Exatamente.

— não pretendíamos eliminá-la?

— Ainda não está pronta para o ferro-velho. A Heerema tem dois flutuadores principais, o convés está apoiado sobre seis colunas, ou seja, tudo nos conformes. Está bem, é de 1978, mas deve bastar para esse propósito. Seria o caminho mais rápido. não temos uma torre de extração, mas dois guindastes. Um deverá baixar a mangueira. O bombeamento para cima também não é um problema. E podemos atracar navios para transportar os vermes dali.

— Parece interessante — disse Frost. — Quando podemos contar com ele?

— Sob condições normais, em meio ano.

— E nestas condições?

—não posso prometer nada. De seis a oito semanas, se começarmos imediatamente. — O técnico olhou para ele. — Faremos tudo que for possível. Somos bons nisso. Mesmo assim, se conseguirmos cumprir este prazo, por favor considere um milagre.

Frost acenou a cabeça. Olhou para o Atlântico. Estendia-se belo e azul à sua frente. Procurou imaginar a água repentinamente crescendo para uma altura de seiscentos metros.

— Isso é bom — disse. — Precisamos de milagres no momento.

# **TERCEIRA PARTE**

## **INDEPENDENCE**

Estou convicto de que — assim como as regras básicas da matemática — haja direitos e valores universais que independam do homem. O dilema é: onde encontrá-los? E quem, além do homem, poderia concedê-los? Podemos aceitar que existam direitos e valores fora da nossa percepção, mas não podemos ir além da nossa percepção. É como se o gato tivesse que decidir se os ratos podem ser comidos ou não.

Leon Anawak, em Autoconhecimento e consciência ?

### **12 de agosto**

## **MAR DA GROENLÂNDIA**

Samantha Crowe pôs as suas anotações de lado e olhou para fora.

O CH-53 Super Stallion desceu rapidamente. Uma forte rajada de vento sacudiu o helicóptero de transporte de trinta metros de comprimento. Parecia que ia cair em direção à plataforma clara no mar, e Crowe perguntou-se como um troço tão gigantesco poderia se locomover nos mares — e, ao mesmo tempo: como seria possível pousar em algo tão pequeno?

O USS Independence LHD-8 estava a 950 quilômetros a nordeste da Islândia acima da bacia oceânica da Groenlândia, uma cidade flutuante estranha e grotesca que lembrava um ônibus espacial de Alien. Dois hectares de liberdade e 97 mil toneladas de diplomacia, como dizia a Marinha. O maior porta-helicópteros tático do mundo seria a sua casa durante as próximas semanas, o seu

novo endereço se chamaria: USS Independence LHD-8,75° latitude norte, 3.500 acima do fundo do mar.

Sua tarefa: travar uma conversa.

A aeronave fez uma curva. O Super Stallion voou rapidamente para o local de pouso e pousou suavemente. Pela janela lateral, ela viu um homem de casaco de trabalho amarelo guiando o helicóptero para a sua posição de parada. Um integrante da tripulação ajudou-a a soltar os cintos e a tirar o equipamento, o capacete com os fones de cabeça, colete salva-vidas, óculos de proteção. O vôo fora agitado, e Crowe estava com as pernas trêmulas. Desceu do helicóptero com passos inseguros através da rampa traseira, apareceu debaixo da cauda do Super Stallion e olhou à sua volta.

Havia poucos helicópteros no convés de vôo. O vazio dava uma impressão ainda mais surreal. Avistou uma área asfaltada aparentemente infinita, coberta com pontos de fixação, de 257,25 metros de comprimento e 32,6 metros de largura. Crowe conhecia todos os detalhes. Era matemática e adorava números exatos, então procurara descobrir tudo o que pudesse sobre o USS Independence, mas nesse momento a teoria estava perdendo para a realidade. O Independence de verdade não lembrava em nada os desenhos esquematizados e os dados técnicos. Um cheiro pesado de óleo e querosene enchia o ar, misturado com borracha quente e sal, e o vento varria tudo sobre o convés, puxando o seu macacão.

Não era um lugar bom de visitar.

Havia homens de casacos coloridos e protetores de ouvido por todos os lados. Um deles veio em sua direção, enquanto os soldados colocavam sua bagagem para fora. Usava um casaco branco. Crowe procurou lembrar-se. Branco esses eram os responsáveis pela segurança. Os amarelos guiavam os helicópteros no convés, os de vermelho eram responsáveis pelo combustível e o material de combate. não havia marrons também? E uns de lilás? Os de marrom eram responsáveis pelo que, mesmo?

O frio invadiu o seu corpo.

— Siga-me — gritou o homem no barulho dos rotores desacelerados. Apontou para a única construção do convés.

Emergia a boreste como um prédio de vários andares coroado por antenas e sensores superdimensionais. A mão direita de Crowe moveu-se mecanicamente em direção ao quadril enquanto ela o seguia. E então lembrou-se que não alcançaria os cigarros através do macacão. Também não pudera fumar no helicóptero. Voar para o Ártico com tempo ventoso não lhe incomodava, mas abdicar da nicotina durante horas não lhe agradava nem um pouco.

Seu acompanhante abriu uma escotilha. Crowe entrou na ilha, como era chamada a construção no jargão da Marinha. Depois de passar a comporta dupla, sentiu o ar puro e fresco bater em seu rosto. A ilha lembrava uma caverna, surpreendentemente estreita. O responsável pelo convés entregou-a a um negro alto e uniformizado que se apresentou como major Peak. Cumprimentaram-se com um aperto de mãos. Peak parecia tenso, como se não estivesse acostumado a lidar com civis. Crowe conversara com ele diversas vezes durante as últimas semanas, mas somente por telefone. Atravessaram um minúsculo corredor e desceram por escadas íngremes para dentro do navio, seguidos pelos soldados que carregavam a bagagem. Na parede, lia-se em letras grandes NÍVEL o2.

— Deve querer tomar um banho — disse Peak ao abrir uma das várias portas idênticas que havia em ambos os lados. Entraram num quarto surpreendentemente espaçoso e confortavelmente decorado, melhor dizendo uma pequena suíte. Crowe lera que os quartos individuais a bordo de um porta-helicópteros eram reduzidos a um mínimo e que os soldados dormiam em dormitórios. Peak ergueu as sobrancelhas quando ela fez um comentário a respeito.

— Dificilmente a alojaríamos com os fuzileiros — disse. E então um sorriso esboçou-se em seus lábios. — A Marinha também sabe o que deve aos seus hóspedes. Isto aqui é a ala dos almirantes.

— Ala dos almirantes?

— O nosso Excelsior. Alojamentos para almirantes e os seus conselheiros, quando há algum a bordo. A tripulação não está completa no momento, então temos todo o espaço do mundo. As

participantes femininas da expedição foram acomodadas na ala de almirantes, os masculinos, na ala de oficiais. Com licença. — passou por ela e abriu mais uma porta. — Banheiro e toalete próprios.

— Estou impressionada.

Os soldados carregaram a sua bagagem para dentro.

— Há um frigobar debaixo da televisão — disse Peak. — não-alcoólico. Basta-lhe meia hora para que eu a busque para darmos uma volta?

— Tudo bem.

Crowe esperou que ele fechasse a porta atrás de si. Imediatamente começou a procurar um cinzeiro. Encontrou-o numa prateleira, tirou o macacão e fuçou o seu casaco esportivo à procura dos cigarros. Só voltou a sentir-se uma pessoa completa depois de tirar um do maço amassado, acendê-lo e dar o primeiro trago.

Ficou sentada na beira da cama enquanto fumava.

Na realidade, estava triste. Dois maços por dia era muito triste, assim como o fato de não conseguir parar. Tentara duas vezes. não conseguira.

Talvez simplesmente não quisesse conseguir.

Depois do segundo cigarro, foi para debaixo do chuveiro. Em seguida vestiu jeans, tênis e um moletom, fumou mais um e olhou em todas as gavetas e armários. Quando bateram à porta, já havia examinado tão detalhadamente o interior da sua cabine que daria para redigir uma lista de inventário. Simplesmente gostava de estar bem-informada.

Não era Peak quem estava à porta. Era Leon Anawak.

— Eu disse que nos veríamos novamente — disse ele, sorrindo. Crowe riu.

— E eu disse que você encontraria as suas baleias. Feliz por vê-lo, Leon. O homem a quem devo minha viagem para cá, correto?

— Quem disse isso?

— Li.

— Acredito que também teria vindo sem mim. Mas dei uma forcinha. Sabe, eu sonhei com você.

— Minha nossa!

— não se preocupe, você apareceu como bom espírito. Como foi o vôo?

— Agitado. Sou a última, não sou?

— Nós já subimos a bordo em Norfolk.

— É, eu sei. Mas simplesmente não consegui sair de Arecibo. Difícil acreditar, mas não levar um projeto adiante também dá trabalho. A SETI foi fechada temporariamente. Atualmente, ninguém dispõe de dinheiro para procurar hominzinhos verdes no espaço.

— É capaz de encontrarmos mais homenzinhos verdes do que nos agrada — disse Anawak. — Venha. Peak chegará num minuto. Nós lhe mostraremos o que o Independence tem de bom. Depois será a sua vez. Todos estão bastante ansiosos. Aliás, você já tem um apelido.

— Apelido?! Qual?

— Miss Alien.

— Meu Deus do céu. Durante um tempo, todos me chamaram de Miss Foster, depois que a Jodie me interpretou naquele filme. — Crowe balançou a cabeça. — Bem, e por que não? Estou com os meus cartões de autógrafo no bolso? Vamos, Leon.

Peak levou-os pelo mundo do NÍVEL 02. Iniciaram a caminhada pela parte anterior do navio e agora iam para o centro. Crowe admirara a gigantesca sala de ginástica na proa, repleta de esteiras e aparelhos de musculação, praticamente vazia.

— Normalmente há muito movimento aqui — disse Peak. — O Independence comporta até três mil pessoas. Atualmente, somos menos de duzentas a bordo.

Passearam pela ala de alojamentos dos oficiais mais jovens, cabines para quatro a seis pessoas com beliches confortáveis, bastante espaço de armazenagem, mesas dobráveis e cadeiras.

— Confortável — disse Crowe. Peak encolheu os ombros.

— Depende do ponto de vista. Quando há muito movimento no teto, dificilmente se dorme. A poucos metros acima daqui decolam e pousam os helicópteros e jatos. Claro que é mais difícil para os novatos. No começo, ficam todos completamente exaustos.

— E quando se acostumam com o barulho?

— Nunca. Entretanto acostumam-se a não dormir mais a noite inteira. Já estive várias vezes em porta-aviões, sempre durante meses. Depois de algum tempo torna-se normal ficar deitado numa espécie de eterna prontidão. Em compensação, desaprende-se a dormir tranquilamente. A primeira noite em casa é um inferno. Esperam-se o ronco das turbinas, os ruídos dos trens de pouso e ganchos de fixação, a correria nos corredores, os constantes avisos por alto-falante, mas, em vez de tudo isso, ouve-se apenas o tiquetaque de algum despertador.

Depois de passar pela gigantesca sala dos oficiais, chegaram a uma escotilha com segredo numérico. Atrás dela havia um grande cômodo escurecido. Era a primeira vez que Crowe via pessoas no navio. Homens e mulheres estavam sentados diante de consoles com lâmpadas piscantes, fixando grandes monitores enfileirados nas paredes.

— A maior parte das salas de comando e controle fica no NÍVEL 02 — explicou Peak. — Antigamente, ficava tudo na ilha, mas é arriscado. Quem procura sistemas inimigos de foguetes em geral busca as estruturas mais quentes e maiores de um navio. A ilha, naturalmente, é uma delas. Alguns tiros, e é como se alguém detonasse a sua cabeça dos ombros, então transferimos grande parte das salas de comando para debaixo do teto.

— Teto?

— Linguagem da Marinha. O convés de vôo. ?.

— E o que exatamente fazem aqui?

— Bem, este é o CIC...

— Ah, sim. O Centro de Informações de Combate.

Os olhos arregalaram-se no rosto estreito e escuro. Crowe sorriu e decidiu calar a boca dali em diante.

— O CÍC é o centro nervoso do nosso sistema sensorial — disse Peak. — Todos os dados convergem nesta sala, sistemas próprios do navio, satélites, tudo em tempo real, naturalmente. Defesa aérea e naval, conserto de danos, comunicação... Em situações de combate isto aqui fica a mil. Acredito que passará bastante tempo naqueles lugares vazios ali atrás, Dra. Crowe.

— Samantha. Ou simplesmente Sam.

— De lá, vimos e ouvimos debaixo d'água — prosseguiu Peak sem dar atenção. — Vigilância de submarinos, rede de sonares SOSUS, Surtass LFA e muito mais. Recebemos informações de tudo o que se aproxima do Independence. — Peak apontou para um gigantesco monitor debaixo do teto. Via-se um patchwork de diagramas e mapas. — O Big Picture. Reúne todos os dados que chegam ao navio e monta um panorama. O skipper vê a mesma coisa, apenas menor, nos monitores da ponte.

Peak guiou-os pelas salas vizinhas. Quase todas estavam semi-escuras, apenas iluminadas pelas grandes telas, monitores e displays. Logo após o CIC ficava o COTD, Centro de Operações de Tropas de Desembarque.

— Funciona como central de ação para as tropas de desembarque. Cada unidade de combate dispõe do seu próprio console. Quando for o caso, imagens de satélites e aviões de reconhecimento indicam a posição das brigadas inimigas. — Era evidente o orgulho de Peak. — No COTD é possível mover tropas e desenvolver estratégias com enorme agilidade. O computador central conecta o comandante a qualquer instante com as suas unidades locais.

Crowe reconheceu o convés de vôo em um dos monitores. Sentiu necessidade de fazer uma pergunta que possivelmente aborreceria Peak, mas não deixou de fazê-la:

— De que nos adianta isso tudo, major? Nosso inimigo está no oceano.

— Correto. — Peak olhou para ela, irritado. — Então conduziremos operações submarinas daqui. Qual o problema?

— Desculpe-me. Parece que fiquei tempo demais no espaço.

Anawak sorriu. Até então evitara fazer qualquer comentário, limitando-se a acompanhar a conversa dos dois. Crowe sentia-se bem ao seu lado. Peak mostrou-lhes outras salas de controle. Ao lado do CIC ficava o CIU, Centro de Inteligência Unificada.

— Todos os dados de sistemas de informação são decodificados e interpretados aqui — disse Peak. — Nada se

aproxima do Independence sem ser cuidadosamente analisado, e, se não agradar aos rapazes, eles atiram.

— Muita responsabilidade — murmurou Crowe.

— Algumas coisas o computador pré-interpreta. Mas naturalmente tem razão. — Peak fez um gesto abrangente com as mãos. — O CIC e o CIU são setores de trabalho científico, além do mais recebemos notícias de todo o mundo ininterruptamente, a CNN e a NBC e mais uma série de outras emissoras de televisão importantes estão nas telas. Terá acesso a qualquer informação imaginável e a todos os bancos de dados da Agência de Mapeamento de Defesa. Ou seja, terá o privilégio de trabalhar com as cartas oceânicas da Marinha bem mais detalhadas do que tudo que é disponibilizado à pesquisa livre.

Em seguida desceram. Visitaram o centro comercial a bordo, alojamentos vazios e salas de reuniões assim como a gigantesca enfermaria no NÍVEL 03, uma área anti-séptica e abandonada com seiscentos leitos, seis centros cirúrgicos e uma UTI superdimensional. Crowe imaginou o movimento que haveria aqui em tempos de guerra. Pessoas sangrando e gritando, médicos e enfermeiras afoitos. Cada vez mais o Independence parecia-lhe um navio-fantasma... não, mais uma cidade-fantasma. Retornaram ao NÍVEL 02 e seguiram para a popa até chegarem a uma rampa tão larga que se poderia andar de carro.

— O túnel traça um ziguezague da barriga do navio até a ilha—disse Peak. — A construção do Independence permite locomover-se num jipe através dos andares estrategicamente importantes. Os fuzileiros também marcham para o convés através do túnel. Vamos descer.

Seus passos ecoavam nas paredes de aço. Crowe sentiu-se num prédio de garagens, e então a rampa do túnel terminou num imenso hangar. Crowe sabia que ele tomava, no mínimo, um terço de todo o comprimento do navio e a altura de dois conveses. Ventava aqui. Em ambos os lados, os gigantes portões do hangar levavam às plataformas externas. A iluminação fraca e amarelada misturava-se à luz do dia que penetrava, resultando num ambiente difuso. Entre as vigas laterais havia pequenos

escritórios vitrificados e pontos de controle. Um sistema de transporte de trilhos com ganchos atravessava o teto. Crowe viu grandes empilhadoras e dois jipes Hummer ao fundo.

— Em geral, o convés do hangar fica cheio de aeronaves — comentou Peak. — Mas, para essa missão, bastam-nos seis helicópteros do tipo Super Stallion, estacionados no teto. Em caso de emergência, cada um deles pode evacuar cinquenta pessoas. Além disso, temos a bordo dois helicópteros de combate Super Cobra para missões rápidas. — Apontou em direção aos portões de ambos os lados. — As plataformas externas são elevadores com os quais levamos as aeronaves daqui para o teto. Cada um suporta mais de trinta toneladas.

Crowe aproximou-se do portão a boreste e olhou para o mar que se estendia, cinza e gelado, até um horizonte vazio. Dificilmente se encontravam icebergs nesta região. A Corrente do Leste da Groenlândia carregava-os ao longo da costa, a mais de trezentos quilômetros daqui. Aqui apenas passavam, ocasionalmente, campos de gelo flutuante amolecido.

Anawak aproximou-se dela.

— Um dos vários mundos possíveis, não é? Crowe acenou a cabeça em silêncio.

— Entre os seus cenários de civilizações extraterrestres também há uma variante submarina?

— Nosso repertório inclui tudo, Leon. Você vai rir, mas, quando penso numa forma de vida extraterrestre, antes de mais nada observo o nosso planeta. Olho para o fundo do mar e o interior da Terra, para os pólos, o ar. Enquanto não se conhece o próprio mundo, não se pode imaginar o mundo dos outros. ?,

Anawak assentiu com a cabeça.

— Acredito que este seja o nosso maior problema.

Seguiram Peak rampa abaixo. Ela unia os andares como uma gigantesca escadaria. O túnel terminava num corredor plano que levava à popa do navio. Agora estavam no coração do Independence. Na lateral havia uma escotilha aberta, onde penetrava uma luz artificial fria. Ao entrar, Crowe reconheceu a bióloga com quem realizara videoconferências no decorrer das

últimas semanas. Sue Oliviera conversava em uma das várias mesas de laboratório com dois homens que se apresentaram como Sigur Johanson e Mick Rubin.

Todo o convés parecia ter sido transformado num laboratório. Havia grupos de mesas aparelhadas. Crowe viu bacias de água e câmeras frigoríficas. Dois grandes contêineres interligados estavam marcados por avisos de risco biológico, aparentemente uma ala de alta segurança. No meio erguia-se algo da dimensão de uma pequena casa, circundado por uma passarela. Escadas de aço levavam até lá. Canos e cabos grossos uniam as paredes da caixa com aparelhos cúbicos.

Uma grande janela oval permitia ver o seu interior difusamente iluminado e aparentemente cheio de água.

— Vocês têm um aquário a bordo? — perguntou Crowe. — Que bonito!

— Um simulador de águas profundas — explicou Oliviera. — O original está em Kiel. É bem maior. Em compensação, este daqui tem uma janela panorâmica de vidro blindado. A pressão interior a mata, mas mantêm outros vivos. Atualmente o tanque é habitado por algumas centenas de caranguejos brancos, capturados em frente a Nova York e imediatamente transportados em recipientes de alta pressão. É a primeira vez que conseguimos manter a substância gelatinosa viva. Ao menos é o que acreditamos. Até agora não se mostrou, mas temos certeza de que está dentro desses caranguejos e os comanda.

— Fascinante — disse Crowe. — Mas o simulador não está a bordo apenas pelos caranguejos, ou está?

Johanson sorriu misteriosamente.

— Nunca se sabe o que entra na rede.

— Então é um campo de prisioneiros de guerra.

— Campo de prisioneiros de guerra! — Rubin riu. — Essa é boa. Crowe olhou à sua volta. O saguão era hermeticamente fechado para todos os lados.

— Isso daqui geralmente não é um convés de viaturas? Peak ergueu as sobrancelhas.

— É. Cruzando esta escotilha, chega-se na parte posterior do Independence, onde, no topo, fica o hangar de aviões. Leu muito sobre o navio, não é?

— Sou curiosa — disse Crowe modestamente.

— Espero que transforme a sua curiosidade em descobertas.

— Como é rabugento — murmurou Crowe para Anawak ao saírem do laboratório e atravessarem o túnel em direção à popa.

— Nem tanto. — Anawak balançou a cabeça. — Na realidade, nosso querido Sal é boa pessoa. Apenas não está acostumado a lidar com civis metidos a sabichões.

O túnel levou a um saguão ainda mais alto e comprido do que o hangar. Chegaram a uma margem artificial coberta de tábuas de madeira que descia para um tanque mais abaixo. Lembrava um gigantesco tanque vazio. No meio havia uma cúpula retangular de vidro com duas escotilhas próximas uma da outra. Ao lado erguia-se um grande tanque cujas pequenas ondas espelhavam a iluminação do saguão. Crowe viu corpos esguios e compridos nadando sob a superfície.

— Golfinhos! — exclamou, surpresa.

— Sim. — Peak acenou a cabeça. — Nosso escalão especial.

Seu olhar moveu-se para o alto. Aqui também havia um complicado sistema de trilhos no teto, com objetos de aparência futurística pendurados, como se alguém tivesse cruzado carros esportivos superdimensionais com submersíveis e aviões. A margem estendia-se de ambos os lados do tanque em forma de píeres. Ao longo das paredes havia caixas para equipamentos e material. No meio delas Crowe viu sondas, aparelhos de medição e roupas de mergulho em armários abertos. A distâncias regulares, escadas levavam até o fundo do tanque.

Quatro zodiacs estavam em seco na parte anterior do tanque.

— Alguém tirou a tampa aqui, hein?

— Sim, ontem à noite. Aliás, a tampa está ali. — Peak apontou para a cúpula. Crowe calculou que mediria, no mínimo, oito metros por dez. — A comporta, nosso portão para o mar. Tem segurança dupla, com escotilhas de vidro no fundo do tanque e

escotilhas de aço maciças na camada externa. Entre elas há um vão de três metros de altura. O sistema é absolutamente seguro, funciona em ambas as direções. Assim que um barco entra no vão, nós fechamos o tampo de vidro e abrimos as escotilhas de aço. Ao retornar para o navio, o procedimento é o mesmo. O barco entra na comporta, as escotilhas de aço se fecham e, através do tampo de vidro, podemos ver se algo que não nos agrada também entrou. Paralelamente, a água é submetida a uma análise química. A parte interna da comporta está repleta de sensores que a examinam, em busca de poluentes e tóxicos. Os resultados são transmitidos para dois displays, um à beira da comporta e o outro no painel de controle. Durante aproximadamente um minuto o barco fica preso no vão. Apenas quando tudo estiver dentro dos conformes, o teto de vidro abre-se e deixa-o entrar de volta ao convés. Da mesma forma deixamos os golfinhos entrar e sair. Venha.

Andaram ao longo do píer a boreste. Na metade do caminho um console saía do chão, junto à margem e repleto de monitores e diversas funções de comando. Um homem magro de olhos esbugalhados e bigode comprido veio de um grupo de uniformizados em sua direção.

— Coronel Luther Roscovitz — apresentou-o Peak. — Coordenador da estação de mergulho.

— A senhora é Miss Alien, não é? — Roscovitz mostrou os dentes compridos e amarelados. — Bem-vinda ao cruzeiro. Onde esteve esse tempo todo?

— Minha espaçonave estava atrasada. — Crowe olhou à sua volta. — Belo painel.

— Faz o seu trabalho. Nós o usamos para manejar a comporta e subir e descer os submersíveis. Além do mais, as bombas que enchem o convés de água são controladas daqui.

Crowe procurou lembrar do que sabia a respeito do Independence. Virou-se para a parede de aço da popa que limitava o convés.

— Isto aqui é uma escotilha, não é?

— Exatamente — disse Roscovitz, sorrindo. — Podemos abaixar a parede da popa do Independence e abaixar o navio,

enchendo os tanques de lastro traseiros. A água do mar penetra e obtemos um belo porto, completo, com entrada e tudo.

— Belo local de trabalho. Gostei.

— não se iluda. Aqui, geralmente, aglomeram-se barcos de desembarque rebocadores de grande porte e aerodeslizadores. Um grande saguão rapidamente torna-se uma grande bagunça. Mas para esta missão tivemos de mexer em tudo. Ela não exige barcos de desembarque. Necessitávamos de um navio suficientemente pesado para não ser afundado por um animal qualquer, que suportasse ondas gigantes, dispusesse de toda a oferta da moderna tecnologia de comunicação e oferecesse lugar para aeronaves e uma base de mergulho. Foi pura sorte o LHD-8 estar em construção. O maior e mais poderoso navio anfíbio de todos os tempos, praticamente pronto, mais a possibilidade de fazer algumas modificações, não poderia ter sido melhor. O estaleiro em Mississippi é muito avançado. Eles transformaram o convés-doca em pouquíssimo tempo, montaram comportas e mudaram o sistema de bombeamento. Agora podemos alagar o tanque sem abrir a comporta. Em todo caso, precisamos dela, caso queiramos sair com os zodiacs.

Crowe olhou para baixo em direção ao tanque. Duas pessoas de roupa de neoprene estavam na beira do tanque, uma mulher ruiva e delicada e um gigante de corpo atlético e cabelo longo e preto. Observou um dos animais aproximando-se da margem e colocando a cabeça para fora d'água. Produzia sons gargare-jantes. O gigante acariciou-lhe a testa lisa. Durante alguns segundos, o golfinho recebeu o carinho e então mergulhou novamente.

— Quem é esse? — quis saber Crowe.

— São responsáveis pelo escalão de golfinhos — disse Anawak. — Alicia Delaware e... — Hesitou. — Greywolf.

— Greywolf?

— Isso. Também pode chamá-lo de Jack. — Anawak encolheu os ombros. — Chame-o como quiser. Ele atende aos dois nomes.

— Para que serve o escalão?

— Câmeras vivas. Gravam filmes em fitas magnéticas quando estão do lado de fora. Entretanto o fator mais decisivo é o fato de os golfinhos terem os sentidos bem mais aguçados do que nós. Seu sonar registra outros seres vivos bem antes dos nossos sistemas os verem. Jack já trabalhou com alguns dos animais enquanto esteve na ativa. Eles dominam um amplo vocabulário. Diversos assobios. Um para orca, um para baleia-cinzenta, um outro para jubarte e por aí afora. Conseguem identificar praticamente todo ser vivo maior que conhecem, além de classificar cardumes, e o que não conhecem anunciam como forma de vida desconhecida.

— Impressionante. — Crowe sorriu. — E o belo homem de cabelos compridos lá embaixo realmente conhece a língua dos golfinhos?

Anawak acenou a cabeça.

— Melhor do que a nossa. Às vezes.

A reunião foi na sala de crise dos oficiais em frente ao COTD. Nesse ínterim, a maioria dos presentes já conhecia Crowe pessoalmente ou das videoconferências. Agora conheceu ainda Murray Shankar, o do departamento de acústica da SOSUS, Karen Weaver e Mick Rubin, além do skipper do Independence, um homem magro de feições duras e cabelo grisalho chamado Craig C. Buchanan, que parecia ter inventado as forças armadas, e Floyd Anderson, o primeiro-oficial. Cumprimentou a todos fervorosamente e logo percebeu que não simpatizava com Anderson, com a sua nuca de touro e os seus olhos de botões pretos. Por último foi cumprimentada por um homem obeso que chegara alguns minutos atrasados e suava muito. Estava de boné e tênis. Uma camiseta amarelo-gema esticava-se sobre a sua barriga e dizia: Beije-me, eu sou um príncipe.

— Jack Vanderbilt — apresentou-se. — Sinceramente, imaginei que a mãe do ET fosse diferente.

— Teria sido mais gentil chamar de filha.

— não espere elogios de alguém com a minha aparência. — Vanderbilt engoliu a seco. — não é maravilhoso, Dra. Crowe? Finalmente terá a oportunidade de transformar toda a sua esperança e aflição irradiada para o espaço em alegre expectativa.

Todos sentaram-se em seus lugares. Li fez um pequeno discurso, resumindo o que já sabiam. Que os Estados Unidos haviam enviado uma solicitação à ONU e que no decorrer de uma reunião secreta receberam, por unanimidade, o mandato de liderança logística e tecnológica na luta contra o poder desconhecido. O Japão e alguns países europeus haviam chegado a conclusões parecidas com as da equipe do castelo: não eram humanos que estavam ameaçando a humanidade, mas uma forma de vida desconhecida. De uma forma ou de outra, todos pareciam aliviados por não precisarem implorar muito aos Estados Unidos.

— Tudo indica que falta pouco para descobrirmos um meio de imunização da humanidade contra os tóxicos das algas assassinas, entretanto não estamos conseguindo controlar os efeitos colaterais e, em outros lugares, surgiram caranguejos com mutações de patógenos. Na maioria dos países seriamente envolvidos, a infra-estrutura quebrou. A América aceitou assumir a responsabilidade mas infelizmente devemos reconhecer que mal conseguimos proteger nosso próprios litorais. Enquanto isso, há cada vez mais vermes nos taludes continentais e — muito pior — nos arredores de ilhas vulcânicas como La Palma, onde o Dr. Frost e o Dr. Bohrmann estão tentando limpar as encostas acometidas com uma espécie de aspirador submarino. Quanto às baleias: os ataques com sonares não surtem efeito em animais cuja natureza está sendo estuprada por um organismo desconhecido. Mesmo que surtisses, não conseguiríamos evitar o mais provável acidente de metano, nem reativar a Corrente do Golfo. O combate dos sintomas não resolve problemas e, até agora, ainda não chegamos à sua raiz uma vez que as operações submarinas estão sendo sistematicamente sabotadas. Deixamos de fazer novas descobertas acerca do que acontece lá embaixo. Nesse meio tempo, estamos perdendo um cabo submarino após outro. O saldo destruidor nesta guerra é que nos tornamos cegos e surdos. Digamos abertamente que a perdemos. — Li fez uma pausa. — A quem devemos atacar? De que serve qualquer luta, se La Palma deslizar e montanhas de água invadirem os litorais americano, africano e europeu? Resumindo, não conseguiremos dar mais nenhum passo enquanto

não conhecermos melhor o nosso inimigo, e não sabemos nada a seu respeito. Portanto, o objetivo da nossa missão não deve ser a luta, mas a negociação. Queremos fazer contato com essa forma de vida desconhecida e convencê-la a interromper o terror contra a raça humana. Pela minha experiência, é possível negociar com qualquer inimigo, e há muitos indícios de que ele está justamente aqui, no mar da Groenlândia. — Ela sorriu. — Nossa esperança é a solução pacífica. Em todo caso, tenho o grande prazer de dar as boas-vindas à Dra. Samantha Crowe, última integrante da nossa expedição.

Crowe apoiou os cotovelos na mesa de reuniões.

— Obrigada pela gentil recepção. — Olhou rapidamente para Vanderbilt. — Como devem saber, até hoje a SETI não obteve muito êxito. Diante de um espaço físico de mais de dez bilhões de anos-luz, que supomos ser o universo observável, tudo é mais provável do que enviar uma mensagem na direção correta e contatar alguém que esteja prestando atenção naquele momento. Sendo assim, desta vez as nossas chances são maiores. Em primeiro lugar, há vários indícios que apontam para a existência dos outros. Em segundo lugar, temos uma vaga noção de onde vivem, em algum lugar nos oceanos e, provavelmente, diretamente abaixo de nós. Entretanto, mesmo que vivam no Pólo Sul, o espaço é limitado. não há como sair dos mares, e um forte impulso sonoro enviado no Ártico pode ser escutado até mesmo além da África. Tudo isso é animador. Entretanto o ponto mais relevante me parece o fato de já termos contato. Há décadas enviamos mensagens para o seu habitat. Infelizmente, elas contêm a sua destruição, portanto não estão respondendo com representantes, mas atacam-nos com terror sem comentários. Isso é muito aborrecedor. Mesmo assim, livremo-nos temporariamente das emoções negativas e vejamos o terror como uma oportunidade.

— Uma oportunidade? — ecoou Peak.

— Isso.

— Precisamos recebê-lo como o que ele é, como mensagem de uma forma de vida desconhecida que nos conduzirá ao seu pensamento.

Ela pôs a mão numa pilha de papéis.

— Resumi nossos procedimentos para os senhores. Ao mesmo tempo, devo reprimir suas esperanças por um êxito imediato. Nas últimas semanas, os pensamentos de cada um dos senhores devem ter girado em torno da questão de quem está lá embaixo enviando-nos as sete calamidades. Os senhores conhecem os filmes que giram em torno do assunto: Contatos Imediatos do Terceiro Grau, ET, Alien, Independence Day, O Segredo do Abismo, Contato, e por aí fora. Eles tratam de monstros ou de santos. Pensem na última seqüência de Contatos Imediatos: muitas pessoas consideram confortante a idéia de criaturas celestiais superiores descendo ao seu encontro para levá-las a um futuro melhor e iluminado. Caso isso pareça familiar a alguém... Sim, essa questão debaixo d'água tem uma dimensão religiosa. A SETI também tem essa dimensão. E ela nos torna cegos para a simples natureza particular das inteligências desconhecidas.

Crowe deixou as palavras surtirem o seu efeito por um momento. Pensara bastante em como iniciar o projeto. Finalmente chegara à conclusão de que falharia logo de início se não conseguisse dominar a desconfiança dos participantes da expedição.

— O que estou tentando dizer é que os filmes de ficção científica praticamente não abordam o trabalho sério com as particularidades de culturas desconhecidas. Na realidade, os extraterrestres são quase sempre retratados como grotesca expressão das esperanças e dos medos humanos. Os alienígenas em Contatos Imediatos simbolizam nossa ânsia pelo paraíso perdido. Na realidade são anjos, e também é assim que se comportam. Alguns escolhidos são conduzidos à luz. Uma eventual cultura desses extraterrestres não interessa a ninguém. Eles retratam as mais simples idéias religiosas. Tudo neles é absolutamente humano por retratarem o desejo humano, até a dramaturgia da sua aparição: luz branca e ofuscante, aparições etéreas, exatamente como gostaríamos que fosse. Tampouco os extraterrestres de Independence Day são realmente extraterrestres. São maus porque correspondem à nossa idéia do

mal. Eles também não são realmente diferentes. O bem e o mal são valores postulados pelos humanos.

Difícilmente uma ficção que não os aborde chamará a atenção. Simplesmente temos dificuldade em pensar que os nossos valores poderiam não ser os valores dos outros, e que a sua idéia do bem e do mal possa não corresponder à nossa. Para isso, sequer precisamos prestar atenção ao espaço sideral. Cada nação, cada cultura humana têm os seus próprios alienígenas, sempre do lado oposto da fronteira. Enquanto não interiorizarmos isso, dificilmente conseguiremos nos comunicar com uma inteligência desconhecida. Porque muito provavelmente não haverá uma base de valores comum, nenhum bem e mal universal, talvez nem mesmo aparelhos sensitivos compatíveis que possibilitem uma troca.

Crowe passou a pilha de papéis para Johanson, sentado ao seu lado, e pediu-lhe que distribuísse as cópias.

— Se quisermos começar a pensar em contatos de verdade com extraterrestres, talvez devêssemos imaginar uma sociedade de formigas. Antes de mais nada, as formigas são altamente organizadas, mas não são verdadeiramente inteligentes. Mas digamos que fossem. Então estaríamos diante da tarefa de nos comunicarmos com uma inteligência coletiva que devora os seus semelhantes feridos sem considerar isso moralmente discutível, que trava guerras sem compreender a nossa idéia de paz, para quem a reprodução individual é algo inimaginável e para quem a troca e o consumo de excrementos são de bom tom, ou seja, que funciona de forma totalmente diferente em todos os aspectos, mas que funciona. E agora vamos mais um passo adiante: imaginem que talvez nem reconheçamos uma inteligência desconhecida como tal! Leon, por exemplo, gostaria de saber se os golfinhos são inteligentes e então realiza experimentos complexos, mas que certeza eles lhe dão? E, ao contrário, como nos vêem os outros? Os Yrr estão nos combatendo, mas consideram-nos inteligentes? Espero que eu tenha sido clara. não importa o que façamos aqui: não conseguiremos nos aproximar dos Yrr enquanto considerarmos os nossos valores o umbigo do mundo e do universo.

É preciso que nos reduzamos ao que somos de fato — uma de infinitas formas de vida sem grandes direitos ao todo.

Crowe viu que Li olhava atentamente para Johanson, avaliando-o. Parecia querer entrar na sua cabeça. Constelações interessantes a bordo, pensou. Captou uma troca de olhares entre Jack O'Bannon e Delaware e imediatamente percebeu que os dois tinham alguma coisa.

— Dra. Crowe — disse Vanderbilt, folheando a sua cópia da palestra. — Na sua opinião, o que é realmente a inteligência?

Fez a pergunta como uma armadilha.

— Um acaso feliz — disse Crowe.

— Um acaso feliz? Acredita mesmo?

— O resultado de muitas condições perfeitamente coordenadas. Quantas definições desejam ouvir? Há quem diga que inteligência é o que diferencia uma cultura. Mas eis justamente a questão. Existem exatamente tantas definições quanto culturas e mentalidades. Uns pesquisam os processos fundamentais da capacidade mental, outros procuram medir a inteligência estatisticamente. E depois a questão se ela é congênita ou adquirida. No início do século XX acreditava-se que a inteligência se refletia no modo de resolver certas situações. Atualmente, algumas pessoas retomam essa idéia e definem inteligência como capacidade de adaptação às exigências de um meio em mudança. Sendo assim, ela não seria congênita, mas adquirida. Ao contrário disso, muitos acreditam que a inteligência esteja definida no conceito humano e seja uma habilidade congênita que nos ajuda a adaptar o nosso pensamento às novas situações. Na sua opinião, a inteligência é a habilidade de aprender com a experiência e adequar-se às exigências do meio. E então ainda há a bela definição de que inteligência seria a habilidade de questionar o que é inteligência.

Vanderbilt acenou a cabeça lentamente.

— Compreendo. Quer dizer que não sabe. Crowe sorriu.

— Bem, permita-me um comentário em relação à sua camiseta, Sr. Vanderbilt. É possível que não se identifique uma criatura inteligente apenas pela sua aparência.

Todos começaram a rir em volta da mesa, mas a risada logo cessou. Vanderbilt arregalou os olhos para ela. E também riu.

— Tem razão, tem razão — disse.

Quebrado o gelo, adiantaram-se rapidamente. Crowe esquematizou os próximos passos. Desenvolvera a minuta nas últimas semanas juntamente com Murray Shankar, Judith Li, Leon Anawak e alguns integrantes da NASA. Baseava-se nas poucas tentativas de contato com seres extraterrestres realizadas até então.

— O espaço nos facilita as coisas — explicou Crowe. — Através de microondas, é possível enviar imensas quantidades de dados específicos. A luz é bem visível e move-se a trezentos mil quilômetros horários. Dispensa fios e cabos. Debaixo d'água é tudo diferente, porque a energia dos sinais de ondas curtas é absorvida pelas moléculas e os sinais de ondas longas precisariam de gigantescas antenas. A comunicação através da luz funciona, mas não através de longas distâncias. Resta a acústica. Mas ela também apresenta um problema que chamamos de efeito do eco, os sinais acústicos são refletidos em todos os lugares, gerando interferências. A mensagem é sobreposta por si mesma e torna-se incompreensível. Para evitar isso, usamos um modem especial.

— Copiamos o princípio dos mamíferos marinhos — disse Anawak. Os golfinhos utilizam para, de certa forma, contornar o eco e as interferências-eles cantam.

— Eu achava que somente as baleias fizessem isso — disse Peak.

— O canto das baleias é uma interpretação humana — respondeu Anawak — Provavelmente sequer façam idéia do que seja a música. Mas Sam está se referindo a outra coisa. Nesse caso, cantar significa que os animais modulam constantemente a sua frequência e o seu espectro de sons parciais. Dessa forma não apenas excluem as interferências, como também estendem consideravelmente o seu potencial de transmissão de informações digitalizadas. Então usamos um modem que também canta. Atualmente, chegamos a 30 KB num alcance de três quilômetros, o

que corresponde à metade da capacidade de uma conexão ISDN. É suficiente até mesmo para transmitir imagens de alta qualidade.

— E o que contaremos a eles? — perguntou Peak.

— As leis da física, o código cósmico, serão apresentados matematicamente — disse Crowe. — A ordem cósmica possibilitou a evolução da consciência e tornou-a capaz de, por sua vez, recriar a matemática para explicar a própria origem de forma compacta e criativa. A matemática é a única linguagem universal que todo ser inteligente, existente nas condições físicas válidas, compreende, e é dela que nos utilizaremos.

— O que pretende fazer? Aplicar questões matemáticas?

— Não, embalar pensamentos em matemática. Em 1974 compactamos um sinal de rádio terreno altamente energético e enviamos para um aglomerado globular na constelação Hércules. Foi preciso descobrir uma maneira de codificar a mensagem de forma que pudesse ser compreendida num planeta desconhecido, e talvez tenhamos nos empolgado demais; é preciso ser muito avançado para decodificar a mensagem. Mas funciona com métodos matemáticos. Transmitimos um total de 1.679 sinais em sistema binário, ou seja, pontos e traços como no código Morse. Agora a coisa fica complicada. Um matemático consegue interpretar o número 1.679, porque este só pode ser formado pelo produto de 23 e 73, ambos números primos, que, por sua vez, podem ser divididos apenas por 1 ou por si mesmo. Assim, o receptor já compreenderá a base dos sistemas numéricos humanos. Os 1.679 números foram organizados em 73 colunas com 23 sinais cada, e por aí afora. Como podem ver, é possível embutir muita coisa em um pouco de matemática, e ao transformar os pontos e traços em preto e branco — ó milagre! —, obtém-se um desenho.

Levantou uma folha com um gráfico. Parecia uma impressão de computador de baixa resolução. Algumas coisas pareciam abstratas, outras mostravam formas claras.

```
0009090000000110000000000000  
090000 1019000000000000000000001010000000000  
10000000101011010  
1100011
```

0001100010000000009900110010  
11000000000000000001  
0090000000000000  
10000090000100000000000000011111100  
000000000011111000009000000000009  
90 1911000  
1 100001 1 10001 1000 1000000  
1  
00 JOO000010000110100001100011100110IO111 11  
1111101111101111100000000090000000 000  
0000010000001 10000000001 000000009 0011  
000900000000009100000110000000000  
[11111000001100000011)110000000000110  
(S0000000000010000000010000000010000001 10 090 0  
1IO00000010000000110000110 0 0 0 0 0  
1099000000011000100001100000000  
99000  
oiiiooiioooooooooooooooooiiioooioooooiiooooe  
0009110000110000001000001010000001000  
900001000001000009011900  
09001000100  
ooooooooiioooooooooioooiooooootoooooiooooooo  
1000001000000010000000100000001000900  
090000110000000001100099  
001100000000  
0100011|OJoliOOODOOOOOOOO|OOOOOOOO|OOOO 00000000  
010  
009111110900000000001000  
01011101001011011000000100I110010011I  
111101110000111000001101110000000 9  
10 1000001110111010000001010000011111100  
1000000101000001100000010000011011  
00 0000090000000004099000099000000001I100  
00010090900000000011I0IO100010I010IOI  
0100111000000000I01010IO0000000000000  
«910100000000000900I11I1000000000000

0110011000090011001100

««1

00101000010i00010000100o19010001

ooioooiooooooioooioioooioooooo«

010000t0900l9000001000001000000001

— As primeiras linhas dão informações sobre os números 1 a 10 e, com isso, sobre o nosso sistema aritmético. Abaixo seguem os números atômicos de elementos químicos: hidrogênio, carbono, nitrogênio, oxigênio e fósforo. São de fundamental importância para o nosso planeta e a vida terrena. E então segue uma abrangente classificação da bioquímica terrena, fórmulas de açúcares e bases, estrutura da hélice dupla, e por aí afora. O esquema no terço inferior mostra um homem, diretamente ligado a uma estrutura de DNA, informando sobre a evolução da Terra. Um receptor extraterrestre dificilmente conhecerá as unidades de medição terrenas, então expressamos a altura média de um ser humano através da amplitude de onda dos sinais de rádio transmitidos. E há, ainda, uma representação do nosso sistema solar e, finalmente, um esquema da aparência, forma de trabalho e tamanho do telescópio de Arecibo, de onde tudo foi transmitido.

— Belo convite para dar uma voadinha para cá e nos devorar — comentou Vanderbilt.

— É, o seu pessoal sempre jogou isso na nossa cara. E todas as vezes respondemos que esse convite é dispensável. Há décadas são emitidas ondas de rádio para o espaço. Todas as nossas transmissões são via rádio, inclusive as secretas. Não é necessário decodificar essas ondas para compreender que só podem ser provenientes de uma civilização técnica. — Crowe largou o diagrama. — A mensagem de Arecibo viajará durante 26 mil anos, portanto não receberemos resposta alguma antes de 52 mil anos. Pode ficar tranquilo, desta vez será mais rápido. Agiremos em vários níveis. Nossa primeira mensagem será simples, de fato apenas duas questões matemáticas. Se tiverem espírito esportivo lá embaixo, responderão. Esta primeira troca tem por objetivo comprovar a existência dos Yrr e constatar se é possível travar um diálogo.

— Por que deveriam responder? — perguntou Greywolf. — Já sabem tudo a nosso respeito.

— Talvez saibam muitas coisas, mas não necessariamente o mais importante, que somos inteligentes.

— Como? — Vanderbilt balançou a cabeça. — Estão destruindo os nossos navios! Então sabem que somos capazes de construir algo assim. Como poderiam duvidar da nossa inteligência?

— O fato de sermos capazes de construções técnicas não é comprovação de inteligência. Dê uma olhada num cupinzeiro, uma obra-prima arquitetônica.

— Isso é diferente.

— Desça do seu palco. Caso a cultura dos Yrr, como afirma o Dr. Johanson, se baseie unicamente na biologia, devemos duvidar que nos considerem capazes de pensamentos objetivos e estruturados.

— Acredita que nos considerem... — Vanderbilt puxou os cantos da boca para trás, enojado. — Animais?

— Parasitas, talvez.

— Micoze — sorriu Delaware. — Quem sabe estamos lidando com dede-tizadores.

— Vejam, eu me empenhei na tentativa de compreender a sua estrutura de pensamento e, daí, tirar conclusões a respeito do seu modo de vida—disse Crowe. — Sei que é muita especulação, mas, de alguma forma, precisamos delimitar as nossas tentativas de contato. Então pensei por que os inúmeros contatos de guerra não foram precedidos de um diplomático. Pode significar que não façam questão de diplomacia. Mas também pode ser um indício de que sequer chegaram a pensar nisso. Tudo bem, um batalhão de formigas-de-correição também não trocaria gentilezas diplomáticas com um animal que as atacasse. Entretanto as formigas seguem instintos apurados. Os Yrr, por outro lado, demonstram planejamento, marcado pela capacidade de percepção. Desenvolvem estratégias criativas. Então, caso sejam inteligentes e tenham consciência disso, isso de forma alguma parece estar relacionado à idéia comum de moral e ética, do bem e do mal. Dentro da sua lógica, possivelmente apenas queiram combater a

nossa espécie com toda a força. E enquanto não lhe dermos motivos para repensar isso, também não o farão.

— Para que uma notícia, se já estão roendo os nossos cabos submarinos? — perguntou Rubin. — De lá, essas pestes já devem estar conseguindo sugar todas as informações mesmo.

— Está confundindo algumas coisas — sorriu Shankar. — A mensagem de Arecibo de Sam apenas é compreensível para os extraterrestres por ter sido elaborada de tal forma que uma mente estranha possa decifrá-la. Não fazemos esse esforço com os dados que transmitimos diariamente. Para uma inteligência desconhecida, aquilo não passa de um caos enorme.

— É verdade — disse Johanson. — Mas vamos prosseguir. Eu tive essa idéia com a biotecnologia, e Sam assimilou-a. Por quê? Porque é evidente. Nenhuma máquina, nenhuma tecnologia. Em compensação, pura genética, organismos como armas, mutações objetivadas. A ligação dos Yrr com a natureza provavelmente é completamente diferente da nossa. Imagino que não agridam o meio ambiente como nós.

— Selvagens nobres, então?

— Não diria nobre. Quer dizer, não é correto empestear o ar com poluentes de máquinas. É tão errado quanto criar animais e mudá-los geneticamente para que adquiram a forma que se deseje no momento. Apenas estou dizendo como devem sentir a ameaça do seu habitat por nós. Pensamos a respeito do desflorestamento da floresta tropical. Uns são contra, outros continuam fazendo. Talvez eles sejam a floresta tropical, no sentido figurado. O modo como lidam com a biologia aponta para isso, e, neste ponto, há outro fator que me parece evidente. Tirando as baleias, em praticamente todos os casos utilizam-se de formas de vida presentes em grandes quantidades. Vermes, medusas, grandes águas-vivas, mexilhões, caranguejos — todos seres de cardumes. Sacrificam milhões deles para atingir seus objetivos. O indivíduo não tem nenhuma importância para eles. Humanos pensariam dessa forma? Nós criamos vírus e culturas de bactérias, mas apostamos principalmente em armas artificiais de número limitado. Os meios biológicos de destruição em massa realmente não são o

nosso forte. Em compensação, os Yrr parecem estar bem familiarizados com isso. Por quê? Talvez porque eles próprios sejam seres de cardumes?

— Você acredita que... -????? i

— Acho que estamos lidando com uma inteligência coletiva.

— E como sente uma inteligência coletiva? — perguntou Peak.

— Um peixe na rede se perguntaria como se sente um pescador, caso ele fosse capaz de tais reflexões? — disse Anawak. — Por que ele e milhões de outros devem morrer sufocados? isso não é assassinato em massa?

— não — disse Vanderbilt. — São nuggets de peixe. Crowe levantou as mãos.

— Concordo com o Dr. Johanson — disse. — E a conclusão é que os Yrr fizeram um acordo coletivo onde não existe a questão da responsabilidade moral e da compaixão. não se comoverão com o nosso olhar de cachorro sem dono, o que, no cinema, funciona até com a mais asquerosa gosma cósmica. Há apenas uma coisa a tentar: despertar o seu interesse em comunicar-se conosco em vez de nos matar. Sem conhecimentos matemáticos e físicos, os Yrr não conseguiriam fazer o que fizeram até agora, então os desafiaremos a um duelo matemático, até que a sua lógica ou por mim, a sua moral incompreensível os obrigue a repensar sua atitude.

— Eles devem saber que somos inteligentes — insistiu Rubin. — Se alguém se distingue pelo domínio da física e da matemática, somos nós.

— Sim, mas somos uma inteligência consciente? Rubin piscou, confuso.

— Como assim?

— Quer dizer, temos consciência da nossa inteligência?

— Mas é claro!

— Ou somos um computador capaz de aprender? Nós sabemos a resposta, mas será que eles também sabem? Teoricamente, pode-se substituir um cérebro inteiro por peças eletrônicas, é a inteligência artificial. Ela é capaz de tudo que eles também são. Pode construir um foguete e enganar a velocidade da

luz. Mas esse cérebro computadorizado tem consciência das suas habilidades? Em 1997, o Deep Blue, um computador da IBM, venceu o então campeão mundial Garri Kasparov no xadrez. Por isso o Deep Blue tem consciência? O computador venceu sem saber por quê? Só porque construímos cidades e implantamos cabos submarinos, automaticamente tornamo-nos seres de inteligência consciente? Em todo caso, na SETI nunca descartamos a possibilidade de encontrarmos uma civilização de máquinas que tenha sobrevivido aos seus construtores e há milhões de anos continuou se desenvolvendo com autonomia.

— E essas criaturas lá embaixo? Quer dizer, se o que está dizendo for verdade, talvez também os Yrr sejam apenas formigas com nadadeiras. Sem valores, sem... sem...

— Exatamente. Por isso procedemos em várias etapas — disse Crowe, sorrindo. — Em primeiro lugar, quero saber se há alguém ali. Em segundo lugar, se é possível dialogar. Em terceiro lugar, se os Yrr têm consciência do diálogo e de si. Somente então, quando eu chegar à conclusão de que, além de todo o seu conhecimento e suas habilidades, eles também têm capacidade de imaginação e compreensão, estarei disposta a considerá-los seres inteligentes. Só então fará sentido pensar a respeito de valores, e até mesmo então ninguém aqui nesta sala deve esperar que correspondam aos nossos. Durante algum tempo, ficaram em silêncio.

— não quero me intrometer em discussões científicas — disse Li, finalmente.

— Inteligência pura é fria. Inteligência ligada à compreensão é diferente. Na minha opinião, daí automaticamente desenvolvem-se os valores. Se os Yrr representarem uma inteligência consciente, necessariamente reconhecerão um valor, o da vida. E isso eles fazem, porque estão tentando se proteger. Então têm valores. Resta saber se há alguma coisa em comum com os valores humanos, por menor que seja.

Crowe acenou a cabeça.

— Sim — disse. — Por menor que seja.

Ao final da tarde enviaram o primeiro impulso sonoro compactado para o fundo do mar. Escolheram uma frequência definida por Shankar localizada no espectro do som não-identificado que o pessoal da SOSUS denominava Scratch.

O modem modulou a frequência. De vez em quando, o sinal era jogado de volta devido às interferências. Crowe e Shankar estavam no CIC, concretando novamente as modulações até ficarem satisfeitos. Após uma hora, Crowe tinha certeza de que a mensagem seria claramente compreensível para alguém que soubesse interpretar ondas sonoras. Agora, se os Yrr encontrariam um sentido ali já era outra história.

E se considerariam importante responder.

Crowe estava sentada no canto da sua cadeira à meia-luz no CIC e sentiu uma estranha euforia ao pensar o quão próxima, de repente, estava do contato que almejava durante décadas. Ao mesmo tempo, ficou temerosa. Sentia uma responsabilidade esmagadora pesando sobre si e os membros da expedição. Isto aqui não era uma aventura, como Arecibo e SETI. Era a tentativa de interromper uma catástrofe e salvar a humanidade.

O sonho acadêmico transformara-se em pesadelo.

Amigos

Anawak saiu de dentro do navio para a ilha, atravessou os estreitos corredores e saiu para o convés de vôo.

Durante a viagem, o teto transformara-se numa espécie de passeio público. Quem encontrasse um tempinho para esticar as pernas, passeava por ali, perdido nos pensamentos ou conversando com outras pessoas. Por mais paradoxal que pudesse parecer, justamente a pista de decolagem e aterrissagem do maior porta-helicópteros do mundo transformara-se num local de silêncio e troca de idéias. Os seis helicópteros de combate Super Stallion e os dois Super Cobra estavam perdidos na imensidão asfaltada.

Greywolf continuou cultivando o seu estilo de vida exótico a bordo do Independence, embora Delaware assumisse um papel cada vez mais importante ali. Discretamente, aproximavam-se um do outro. Astuta, Delaware deixava-o em paz, de forma que ele procurava a sua companhia. Para os outros, fingiam-se de amigos.

Mas Anawak não deixou de notar que a confiança crescia de ambos os lados. Os sinais eram evidentes. Delaware ajudava-o cada vez menos e, em compensação, dedicava-se aos cuidados dos golfinhos com Greywolf.

Anawak encontrou Greywolf na beira da proa, sentado de pernas cruzadas, o olhar voltado para o mar. Sentou-se ao seu lado e percebeu que Greywolf entalhava alguma coisa.

— O que é isso? — perguntou.

Greywolf deu a ele. Era bastante grande e estava quase pronto, um pedaço de cedro artisticamente trabalhado. Um dos lados emendava num cabo. O pedaço bem maior mostrava figuras entrelaçadas. Anawak reconheceu dois animais com poderosas dentaduras, um pássaro e um homem que, aparentemente, estava entregue às criaturas. Alisou o material com os dedos.

— Bonito — disse.

— É uma réplica — disse Greywolf, sorrindo. — Só faço réplicas. Para os originais, falta-me o sangue.

— O sangue puro dos índios. — Anawak sorriu. — Compreendo.

— Como sempre, não está me entendendo.

— Está bem. O que representa?

— O que você vê.

— não seja tão petulante. Apenas explique-me ou deixe para lá.

— É uma maça cerimonial. Tla-o-qui-aht. O original foi feito de ossos de baleia. É de uma coleção particular do final do século XIV. O que você vê é uma história dos tempos dos ancestrais. Um dia, um homem encontrou uma misteriosa gaiola com tudo quanto é criatura e levou-a para a sua aldeia. Logo depois adoeceu. Foi tomado por uma forte febre que ninguém conseguiu combater. Ninguém sabia o que tornara o homem tão doente, mas ele mesmo sonhou com o motivo. Viu que as criaturas da gaiola eram culpadas. Em seu sonho atacavam-no, porque não eram simples animais, mas metamorfos. — Greywolf apontou para uma criatura metade mamífero terrestre, metade baleia. — Aqui você vê um lobo-orca. No sonho atacou o homem e agarrou sua cabeça. E então veio um

pássaro-trovão e tentou salvar o homem. Veja como crava as suas garras na lateral do lobo-orca, mas, enquanto lutavam, apareceu um urso-orca que conseguiu agarrar os pés do doente. O homem acordou e contou o sonho para o filho. Logo depois, morreu. O filho entalhou esta maçã e matou seis mil metamorfos com ela para vingar a morte do pai.

— E qual é o sentido mais profundo?

— Tudo precisa ter um sentido mais profundo?

— Neste caso, sim. É a luta eterna, não é? Entre as forças do bem e do mal.

—não. — Greywolf tirou os cabelos da testa. — A história fala da vida e da morte. Apenas isso. No final, você morrerá, isso é certo e, até lá, é um eterno sobe-e-desce. Você mesmo é impotente. Pode viver bem ou mal a sua vida, mas o que acontece com você é determinado por forças superiores. Se viver em harmonia com a natureza, ela irá curá-lo; caso se oponha a ela, ela o destruirá, mas a mensagem mais importante é que não é você quem domina a natureza, é ela que o domina.

— O filho do homem não parece ter captado esta mensagem — disse Anawak. — Se não, por que haveria de querer vingar a morte do pai?

— A história não diz que ele agiu certo.

Anawak devolveu a maçã cerimonial a Greywolf, enfiou a mão no seu anorak e tirou a escultura do espírito-pássaro.

— Também saberia me contar alguma coisa sobre isto? Greywolf analisou a peça. Segurou-a com as mãos e virou-a.

— Isto não é da Costa Oeste.

—não.

— Mármore. É de um lugar totalmente diferente. Da sua terra natal?

— Cape Dorset.—Anawak hesitou. — Ganhei de um xamã.

— Você recebendo presentes de xamãs?

— É meu tio.

— E o que ele lhe contou a respeito?

— Pouca coisa. Disse que o espírito-pássaro guiaria os meus pensamentos na direção correta quando chegasse a hora. E disse

que, possivelmente, precisarei de um mediador.

Greywolf permaneceu um instante calado.

— Há espíritos-pássaro em todas as culturas — disse. — O pássaro-trovão é um antigo mito indígena, ele representa diversos aspectos. É parte da gênese, um espírito da natureza, uma criatura mais desenvolvida, mas também representa a identidade do seu clã. Conheço uma família que atribui o seu nome a um pássaro-trovão que os seus ancestrais haviam visto no cume de uma montanha próxima a Ucluelet. Mas ainda há outros significados para espíritos-pássaro.

— Eles sempre aparecem relacionados a cabeças, não?

— É. Incrível, não? Em representações egípcias antigas, muitas vezes se vê a imagem de um adorno de cabeça em forma de pássaro. Lá, o espírito-pássaro representa a consciência. Está preso na calota craniana como numa gaiola. Assim

619

que o crânio é aberto, no sentido figurado, claro, pode escapar, mas também pode ser atraído de volta para o crânio. E então estará novamente consciente ou acordado.

— Quer dizer que, enquanto durmo, minha consciência viaja.

— Você sonha, mas os seus sonhos não são fantasias. Eles lhe mostram o que a consciência vê nos mundos superiores, que, normalmente, permanecem ocultos a você. Você já viu a coroa de penas de um cacique cherokee?

— Em filmes de Velho Oeste, para ser sincero.

— não faz mal. Através da coroa de penas, expressa que o seu espírito invisível desenha criaturas, pena por pena, na sua cabeça. Em outras palavras, a cabeça tem uma série de boas idéias, por isso ele é o cacique.

— As idéias voadoras.

— Sim, através de penas. Em outras tribos, muitas vezes basta uma única pena, ela tem o mesmo significado. O espírito-pássaro representa a consciência. Por isso os índios não podiam, de forma alguma, perder o seu escalpo ou a pena do seu escalpo, porque obrigatoriamente perderiam a sua consciência, no pior dos

casos, para sempre. — Greywolf franziu as sobrancelhas. — Se um xamã lhe deu essa escultura, então chamou sua atenção para a sua consciência, para a força das suas idéias. Deve aproveitá-las, mas, para isso, precisa abrir sua mente. Ela deve vagar, o que significa que deve se unir ao inconsciente.

— Aliás, por que você não usa uma pena na cabeça? Greywolf puxou os cantos da boca para trás.

— Porque, como você comentou corretamente, não sou um índio de verdade. Anawak permaneceu calado.

— Tive um sonho em Nunavut — disse depois de certo tempo. Greywolf não respondeu nada.

— Digamos que a minha mente tenha viajado. Eu afundei no mar negro através do gelo. E então o mar transformou-se num céu, e eu subi um iceberg até ver que ele flutuava no mar azul. Para todos os lados não se via nada além de água. Viajamos juntos por esse mar, e eu pensei, este iceberg derreterá. Estranho, não senti medo, apenas curiosidade. Sabia que afundaria quando chegasse a hora, mas não tinha medo de me afogar. Tive a impressão de que mergulharia em algo novo, desconhecido.

— O que esperava encontrar lá embaixo?

Anawak refletiu.

— Vida — disse.

— Que vida?

— não sei. Apenas vida.

Greywolf olhou para a pequena escultura de mármore verde do espírito-pássaro em sua mão enorme.

— Agora sério, por que estamos a bordo, Licia e eu? — perguntou de repente. Anawak olhou para o mar.

— Porque precisam de vocês.

— não precisam realmente, Leon. De mim, talvez, porque sei lidar com golfinhos, mas também poderiam ter chamado qualquer outro adestrador da Marinha. E Licia não tem função alguma.

— É uma excelente assistente.

— Está empregando-a? Precisa dela?

—não. — Anawak suspirou. Jogou a cabeça para trás e olhou para o céu. Olhando para lá durante bastante tempo e imaginando exatamente o inverso, como se, na realidade, estivesse por cima, e as nuvens formassem uma paisagem lá embaixo, e que não estivesse olhando para montanhas de neblina, mas para montanhas, vales, rios e lagos, alguma hora se acreditava. Acreditava-se tanto que era preciso segurar-se para não despencar na profundidade pendurada acima de si. —não, estão a bordo porque eu quis.

— Você quis. Por quê?

— Porque são meus amigos.

Ficaram em silêncio novamente. Anawak reconheceu cada vez mais detalhes nas nuvens. Detalhes de um mundo distante vários quilômetros dali. Infinitamente mais distante que o mundo dos Yrr.

— É, acho que somos — concordou Greywolf. Anawak sorriu.

— Sabe, sempre convivi bem com todas as pessoas, mas não me lembro de ter tido amigos um dia. Amigos de verdade. Muito menos imaginei que consideraria uma pequena doutoranda cansativa e metida a sabe-tudo uma amiga. Ou um maluco do tamanho de uma árvore com quem quase saí no tapa.

— A pequena doutoranda fez o que distingue um amigo.

— Que seria?

— Ela se interessou pela sua vida imbecil.

— De fato. Isso é verdade.

— E nós dois sempre fomos amigos. Talvez apenas... — Greywolf hesitou, e então ergueu a escultura e sorriu. —

..as nossas cabeças tenham se fechado por um tempo.

— Por que acha que temos sonhos assim?

— O seu sonho do iceberg}

— Pensei muito a respeito, e você sabe que sou tudo, menos esotérico. Odeio essa besteira. Mas houve algo em Nunavut que não consigo explicar. Alguma coisa me aconteceu. No mais tardar lá fora, no gelo, quando tive esse sonho.

— O que acha que poderia ser?

— Esse poder desconhecido, essa ameaça, ela vive debaixo d'água. No oceano. Talvez eu a encontre lá. Talvez a minha missão seja descer e...

— Salvar o mundo?

— Ah, esqueça.

— Quer saber o que eu penso, Leon?

Anawak acenou a cabeça afirmativamente.

— Acho que está completamente enganado. Durante anos escondeu-se e carregou o seu trauma de esquimó consigo. Encheu a paciência de si próprio e dos outros. Não entendia nada da vida. Seu iceberg, no qual flutuou sozinho mar afora, era você mesmo. Um cubo gelado, inatingível. Mas tem razão, alguma coisa aconteceu com você lá, e o cubo começou a derreter. Esse oceano em que afundará não é o mar em que vivem os Yrr. É a vida das pessoas. É o seu lugar. Essa é a aventura que o aguarda. Amizades, amor, tudo isso. E também inimigos, raiva e ódio. Seu papel não é bancar o herói. Não precisa provar para ninguém que é corajoso. Nessa história, os papéis de heróis já foram distribuídos, e são papéis para os mortos. Você é do mundo dos vivos.

Noite

Cada um deles descansava de forma diferente.

Crowe, pequena e delicada, enrolou-se no seu cobertor. Sua cabeleira cinza aparecia pela metade. Quase sumia debaixo dos lençóis, enquanto Weaver dormia de bruços, nua e sem cobertor, a cabeça virada para o lado, o antebraço servindo de travesseiro. Os cachos castanhos e abundantes espalhavam-se para todos os lados, deixando apenas a boca semi-aberta de fora. Shankar, pelo visto, era uma daquelas pessoas cujas camas, no dia seguinte, sempre pareciam ter sido tomadas pelos pesadelos de várias noites. Remexia-se muito e bagunçava os lençóis, soltando ocasionais roncos sufocados e murmúrios.

Rubin permanecia acordado a maior parte do tempo.

Greywolf e Delaware também dormiam pouco, porque mantinham relações sexuais continuamente, preferencialmente no chão da cabine. Na maioria das vezes, Greywolf ficava deitado de costas, a pele bronzeada e imponente como um animal místico,

sustentando o corpo branco como leite de Delaware. Duas cabines depois, Anawak dormia de lado, de camiseta. Oliviera também tinha um sono normal. Ambos respiravam tranqüilamente, viravam-se de uma a duas vezes por noite, e só.

Johanson estava de costas, os braços afastados, as palmas das mãos viradas para fora. Somente as camas em alas de almirantes e de oficiais permitiam tais hábitos espaçosos. A pose era tão inerente ao norueguês que, anos antes, uma admiradora o acordara no meio da noite para dizer-lhe que dormia como um fazendeiro. Contara essa história numa noite no castelo, e de fato dormia assim todas as noites, um homem que, até mesmo de olhos fechados, parecia querer abraçar a vida.

Todos eles dormiam ou estavam despertos nas diversas telas ofuscantes. Cada um dos monitores controlava uma cabine completa. Dois homens uniformizados estavam sentados diante deles à meia-luz, observando os pesquisadores. Atrás deles estavam Li e o vice-diretor da CIA de pé.

— Verdadeiros anjinhos — disse Vanderbilt.

Impassível, Li assistiu ao orgasmo de Delaware. O volume estava baixo, mesmo assim boa parte do concerto de amor invadiu a fria atmosfera do centro de controle.

— Que bom que está gostando, Jack.

— Essa pequena montanha de músculos me agradaria mais — disse Vanderbilt apontando para Weaver. — Belo traseiro, não acha?

— Apaixonado? Vanderbilt sorriu.

— Ora, por favor.

— Use o seu charme — disse Li. — Afinal, tem bem uns cem quilos dele.

O diretor da CIA secou o suor da testa. Assistiram durante mais algum tempo. Se o acontecimento era do agrado de Vanderbilt, que se divertisse com ele. Para Li, pouco importava se as pessoas nos monitores estavam roncando, transando ou fazendo uma estrela. Por ela, poderiam até mesmo pendurar-se de cabeça para baixo no teto ou atacar-se em cólera.

Desde que eles soubessem onde estavam, o que faziam e o que conversavam uns com os outros.

— Continuem — disse e afastou-se. Ao sair, acrescentou: — E controlem todas as cabines.

## **13 de agosto**

### **VISITA**

Não obtiveram resposta.

A mensagem fora enviada continuamente para o mar, sem resposta até então. Às sete horas, o toque de despertar tirara-os da cama. A maioria continuava cansada. Normalmente, os movimentos do gigantesco navio ninavam as pessoas, e, como não havia ações aéreas, não vinha barulho algum do teto. O leve ronco do aquecedor garantia constantes temperaturas agradáveis, e as camas eram realmente confortáveis. De vez em quando ouviam-se passos nos corredores, quando algum tripulante passava por ali. No fundo do navio, os geradores zumbiam baixinho. Seria perfeito para dormir, não fosse esta expectativa. Assim, a maioria apenas conseguia ficar matutando semi-acordada, como Johanson, que tentava imaginar o que a mensagem poderia desencadear no fundo do mar da Groenlândia, até ser tomado pelas mais loucas fantasias.

Graças ao seu discurso e ao apoio de Weaver e Bohrmann, estavam em frente à Groenlândia e não ao sul dali. Anawak, Rubin e alguns outros haviam sugerido tentar fazer contato imediatamente acima das cadeias vulcânicas da dorsal submarina mesoatlântica. O argumento decisivo de Rubin fora a semelhança entre os caranguejos *Bythograea thermidon* ali existentes e os caranguejos que haviam atacado Nova York e Washington. Além disso, praticamente não havia regiões oceânicas que oferecessem condições para formas de vida mais desenvolvidas. Nas fossas vulcânicas, entretanto, eram ideais. Emanava água quente das chaminés de rocha de vários metros de altura, trazendo à tona tudo quanto é mineral e substâncias imprescindíveis para a vida. Ali

viviam vermes, mexilhões, peixes e crustáceos em condições certamente comparáveis às de um planeta estranho — então por que também não os Yrr?

Johanson concordara com Rubin em grande parte dos pontos. Entretanto duas questões opunham-se à sugestão de Rubin. A primeira era o fato de as cadeias vulcânicas, por um lado, representarem a área mais habitável do oceano, mas, ao mesmo tempo, a mais inóspita — de tempos em tempos, quando as placas oceânicas se afastavam, a rocha líquida traçava ali o seu caminho. Ocorriam erupções que destruíam completamente os biótopos. Pouco depois brotava nova vida. Entretanto, concluiu Johanson, uma civilização complexa e inteligente dificilmente viveria numa zona dessas.

A segunda questão era a probabilidade de fazer o contato crescer à medida que se aproximassem dos Yrr. As opiniões divergiam quanto ao local exato onde exatamente poderiam ser encontrados. Provavelmente, todos estariam corretos à sua maneira. Havia indícios de que habitassem o bentos, as regiões mais profundas do mar. Muitos fenômenos dos últimos tempos ocorreram nas proximidades desses mares profundos. Da mesma forma, havia muitos indícios para os abissais, os imensos mares profundos, e naturalmente os argumentos de Rubin a favor da região doadora de vida dos oásis no meio do oceano eram bem-fundamentados. Por isso, no final, Johanson sugerira dar atenção não ao habitat natural dos Yrr, mas escolher um local em que definitivamente estariam.

No mar da Groenlândia, a queda das massas de água geladas fora interrompida. Conseqüentemente, a Corrente do Golfo estava parando. Apenas dois motivos explicariam esse fenômeno: um súbito aquecimento do mar ou um excesso de água doce que fluísse do Ártico em direção ao sul e diluísse a salgada água do Atlântico Norte, tornando-a leve demais para despencar. Ambos os fatores apontavam para uma intensa e abrangente manipulação das condições locais. Em algum lugar do Ártico, os Yrr estavam se dedicando a essas monstruosas transformações.

Em algum lugar bem próximo.

Restava o aspecto da segurança. Até mesmo Bohrmann, que se acostumara a temer o pior, concordara que dificilmente ocorreria um estouro de metano no profundo mar da Groenlândia. O navio de Bauer fora atingido próximo à costa, em frente a Svalbard, onde havia grandes quantidades de hidrato sedimentado no talude continental. Entretanto debaixo da quilha do Independence havia 3.500 metros de profundidade de água. Tão fundo havia pouco metano, em todo caso pouco demais para afundar um navio do tamanho do Independence. Mas, por via das dúvidas, ao longo da sua viagem, o Independence realizara medições sísmicas regulares para comprovar depósitos de metano no fundo do mar e, dessa forma, encontrara um local extensamente livre deles. Até mesmo um tsuna-mi, por mais alto que se tornasse em terra, praticamente não seria notado aqui fora, desde que La Palma não deslizesse.

Mas, nesse caso, tudo estaria perdido mesmo.

Por isso agora estavam aqui, no gelo eterno.

Estavam sentados na gigantesca e terrivelmente vazia sala dos oficiais, comendo ovo mexido com bacon. Faltavam Anawak e Greywolf. Depois do toque de despertar, Johanson conversara ao telefone durante alguns minutos com Bohrmann, que chegara em La Palma e estava preparando a tromba sugadora Para a sua missão. O fuso horário das ilhas Canárias era de uma hora a menos, mas Bohrmann já estava de pé havia várias horas.

— Um aspirador de quinhentos metros de comprimento dá trabalho — dissera ele, rindo.

— Limpe bem nos cantos — recomendou Johanson.

Sentia falta do alemão. Bohrmann era um cara simpático. Por outro lado, o Independence não carecia de personalidades marcantes. Estava conversando com Crowe, quando entrou Floyd Anderson, o primeiro-oficial. Carregava um caneco térmico do tamanho de um vaso com a inscrição USS Wasp LHD-8, foi até o bar e encheu-o de café.

— Temos visitas — disse em voz alta. Todos olharam para ele.

— Contato? — perguntou Oliviera.

— Eu saberia. — Tranqüilamente, Crowe enfiou uma porção gigantesca de bacon na boca. Seu terceiro ou quarto cigarro queimava no cinzeiro. — Shankar está no CIC. Teria nos informado.

— O que é então? Alguém pousou?

— Venham para o teto — disse Anderson misteriosamente.  
— E verão.

Convés de vôo

Do lado de fora, uma máscara gelada cobriu o rosto de Johanson. O céu estava esbranquiçado. Ondas cinza formavam cumes espumantes. O vento aumentara durante a noite e soprava cristais de gelo finos como alfinetes por cima da área asfaltada do convés. Johanson viu um grupo de pessoas encapuzadas a boreste. Ao aproximar-se, reconheceu Li, Anawak e Greywolf. Logo em seguida entendeu o que prendia sua atenção.

A certa distância do Independence moviam-se silhuetas de nadadeiras pontu-das pelo mar.

— Orcas — disse Anawak quando Johanson parou ao seu lado.

— O que estão fazendo?

Anawak apertou os olhos para proteger-se contra a chuva de partículas de gelo.

— Estão circundando o navio há aproximadamente três horas. Os golfinhos anunciaram-nas. Eu diria que estão nos observando.

Shankar saiu correndo da ilha e juntou-se a eles.

— O que aconteceu?

— Chamamos a atenção de alguém—disse Crowe.—Talvez seja uma resposta.

— A nossa mensagem?

— A que mais?

— Estranha resposta a uma questão matemática — disse o indiano. — Eu preferiria umas equações palpáveis.

As orcas mantinham uma distância respeitosa do navio. Eram muitas. Centenas, calculou Johanson. Nadavam em ritmo contínuo e, de tempos em tempos, as suas costas negras e

brilhantes surgiam sobre as ondas. De fato, tudo dava a impressão de ser uma patrulha.

— Será que foram atacadas? — perguntou. Anawak limpou a água dos olhos.

— Possivelmente.

— Me digam... — Greywolf esfregou o queixo. — Se esse troço controla os cérebros... Chegaram a pensar que então também pode nos ver? E ouvir?

— Tem razão — disse Anawak. — Utiliza os órgãos sensitivos das baleias.

— Pois é. Dessa forma, a substância gelatinosa adquire olhos e ouvidos. Continuaram fitando o mar.

— Seja como for. — Crowe tragou o seu cigarro e soprou a fumaça no ar gelado. Ela rasgou-se no ar. — Em todo caso, parece que começou.

— O quê? — perguntou Li.

— A medição de forças.

— Que bom então. — Um sorriso fino surgiu nos lábios de Li. — Estamos preparados para tudo.

— Tudo que conhecemos — acrescentou Crowe.

Laboratório

A caminho para baixo — com Rubin e Oliviera a tiracolo —, Johanson perguntou-se quando uma psicose começava a produzir sua própria realidade.

Dera o pontapé inicial. Tudo bem — não fosse ele, outra pessoa teria levantado a teoria. Em todo caso, estavam criando fatos com base numa hipótese. Um grupo de orcas circundava o Independence, e eles viam os olhos e os ouvidos de alienígenas nelas. Viam alienígenas em tudo. Conseqüentemente, foram enviadas mensagens para o mar, e esperava-se fazer um contato que talvez jamais se concretizaria, porque tudo não passava de um grande mal-entendido em torno de um fungo marinho.

O quinto dia. Apenas uma fantasia que se tornara independente? Estariam se comportando como idiotas?

Não estamos progredindo direito, pensou, frustrado. Alguma coisa precisa acontecer. Algo que nos dê certeza, para que não

sejamos ofuscados pelas teorias e corramos na direção errada.

Desceram a rampa com passos ecoantes, passaram pelo convés do hangar e continuaram descendo. A porta de aço para o laboratório estava fechada. Johanson digitou um código numérico, e ela abriu-se chiando baixinho. Acendeu as luzes do teto e as luminárias de mesa. Uma luz branca e fria iluminou as estações de trabalho. Do simulador ouvia-se o zumbido dos sistemas elétricos.

Subiram a passarela do tanque de alta pressão e foram até a grande janela oval. Daqui via-se todo o interior do tanque. Na luz dos faróis internos do fundo do mar artificial espalhavam-se pequenos corpos brancos com pernas de aranha. Alguns moviam-se lentamente e, aparentemente, sem orientação. Andavam em círculos ou paravam depois de alguns passos, como se não soubessem ao certo para onde ir. Quanto mais o olhar penetrava no tanque, mais a água turvava a atenção aos detalhes. Câmeras internas forneciam superimagens e transferiam-nas para os monitores da mesa de controle à frente.

Sem saber o que fazer, observaram os caranguejos.

— não mudou muito desde ontem — comentou Oliviera.

— não, estão parados e propiciando-nos um tira-teima — disse Johanson, alisando a barba. — Deveríamos abrir alguns e ver o que acontece.

— Abrir caranguejos?

— E por que não? Sabemos que continuam vivos sob alta pressão. Essa descoberta não se torna mais interessante com o passar dos dias.

— Continuam vegetando — corrigiu-o Oliviera. — Sequer chegamos a esclarecer se isso pode ser considerado vida.

— O troço em seu interior vive — disse Rubin, pensativo. — O restante não é mais vivo do que um carro.

— Concordo — disse Oliviera. — Mas o que há com esse troço vivo? Por que não faz nada?

— O que acha que deveria fazer?

— Correr. — Oliviera encolheu os ombros. — Mexer as garras. Sei lá. Sair do casco. Olhe para essas pestes. Quer dizer, se foram programadas para locomover-se para terra firme, fazer

estragos e, em seguida, morrer, essa situação coloca-as diante de verdadeiras dificuldades. não há ninguém para dar novas ordens. Estão, digamos assim, em ponto morto.

— Pois é — disse Johanson, impaciente. — São letárgicas e lentas, e comportam-se como brinquedos de pilha. Concordo com Mick. Esses corpos de caranguejos já foram produzidos mortos, têm apenas um pouco de massa nervosa, um painel de instrumentos para os passageiros. E agora quero chamar a sua atenção, compreendem? Quero saber como se comportam nas condições de águas profundas se forem obrigadas a deixar o casco.

— Está bem — concordou Oliviera. — Vamos à matança.

Saíram da passarela, desceram e foram até o painel de comando. O computador permitia-lhes controlar diversos robôs no interior do tanque. Johanson escolheu uma pequena unidade VCR de dois componentes chamada Spherobot. Vários monitores de alta resolução foram ligados acima de um painel de comando com dois joysticks. Um mostrava a parte interna do simulador. Era comprida e difusa. A objetiva grande angular do Spherobot possibilitava uma visão geral do tanque, contudo distorcia a imagem como no efeito olho de peixe.

— Quantos abriremos? — quis saber Oliviera.

As mãos de Johanson deslizaram sobre o teclado do manual de comando, e o campo de visão da câmera moveu-se levemente para baixo.

— Como num belo jantar de frutos do mar — disse. — Pelo menos uma dúzia.

Um dos lados estreitos do interior do tanque lembrava uma garagem aberta de dois andares, onde eram armazenados todos os tipos de equipamento de águas profundas. Diversos robôs submarinos com diferentes tamanhos e funções variadas estavam estacionados ali e podiam ser manobrados do lado de fora. não havia outra forma de operar no mundo artificial e, além do mais, a garagem permitia que os construtores de VSA e VCR testassem suas construções nas extremas condições das águas profundas.

Quando Johanson ativou o comando, acenderam-se fortes luzes na face inferior do robô, e duas hélices começaram a girar.

Lentamente, um trenó em forma de caixote do tamanho de um carrinho de compras flutuou para fora da garagem. Sua parte superior estava coberta, repleta de tecnologia, e a parte inferior consistia num cesto vazio com paredes de grade fina. Deslizou sobre o fundo de mar artificial em direção aos caranguejos e parou um pouco antes de um grupo de animais inertes. Viam-se claramente os cascos curvados e sem olhos com suas fortes garras.

— Vou mudar para esfera — disse Johanson.

A imagem distorcida abriu espaço para outra, absolutamente nítida.

O trenó estava imóvel sobre os caranguejos, e dele saiu uma esfera pintada de vermelho, aproximadamente do tamanho de uma bola de futebol. O veículo devia o seu nome a ela. Flutuando para fora, ligada ao aparelho apenas por um cabo e o olho brilhante da objetiva da câmera apontada para a frente, lembrou o robô de combate voador de Guerra nas Estrelas com o qual Luke Skywalker precisara treinar a luta de espadas-foser. De fato, o Spherobot com os seus seis propulsores a jato lembrava o modelo cinematográfico até nos mínimos detalhes. Após breve trajeto horizontal, começou a descer lentamente até parar um pouco acima dos caranguejos. Nenhum dos animais incomodou-se com sua presença, nem mesmo quando partes da sua face inferior começaram a abrir-se e dois braços articulados e estreitos se projetaram para fora.

Nas pontas dos braços começaram a girar arsenais com instrumentos. E então surgiram um alicate do lado esquerdo e um pequeno serrote do lado direito. As mãos de Johanson envolveram os dois joysticks e moveram-nos cuidadosamente para a frente, e os braços do robô no tanque seguiram os seus movimentos.

— Hasta Ia vista, baby — disse Oliviera, com a pronúncia de Schwarzenegger. O alicate desceu, abraçou um dos caranguejos pelo ventre e pelas costas e ergueu-o até a altura da lente da câmera. No monitor, o animal parecia do tamanho de um monstro. Sua boca movia-se, e ele esperneava, mas as garras estavam penduradas. Johanson fez com que o alicate girasse 360° e observou atentamente o comportamento do animal enquanto dava a volta.

— Motricidade intacta — disse. — O sistema locomotor funciona.

— Em compensação, não apresenta as reações típicas da espécie — comentou Rubin.

—não. não abre as garras, não apresenta comportamento de ameaça. É apenas um aparelho, uma máquina de correr. — Moveu o segundo joystick e apertou um botão na parte superior. A serra circular começou a girar e penetrou o casco lateralmente. Por um instante, as pernas do caranguejo estremeceram fortemente.

O casco rompeu-se.

Algo leitoso escapuliu para fora e, por um instante, flutuou trêmulo acima do animal destruído.

— Meu Deus — exclamou Oliviera.

O troço não se parecia com nada, nem com uma água-viva, nem com um polvo. Era totalmente amorfo. Ondas percorreram os seus bordos, o corpo inflou e achatou-se. Johanson teve a impressão de ver um raio no seu interior, mas no forte brilho da iluminação do tanque também poderia ter sido ilusão de óptica. Enquanto continuava pensando a respeito, a criatura repentinamente transformou-se em algo comprido, como uma cobra, e afastou-se rapidamente.

Ele esbravejou, levantou mais um caranguejo e abriu-o. Desta vez, tudo aconteceu ainda mais rápido, e o passageiro gelatinoso se mandou antes que pudessem vê-lo direito.

— Minha nossa! — Rubin estava nitidamente entusiasmado. — Incrível! Que troço será esse?

— Algo que nos escapa — rosnou Johanson. — Que azar. Como conseguiremos capturar essa gosma?

— Por quê? Já não a capturamos?

— É, duas bolachas do tamanho de bolas de tênis, sem forma nem cor, numa piscina. Divirta-se procurando.

— Eu abriria o próximo dentro do cesto do robô de carga — sugeriu Oliviera.

— É aberto na frente. Escapará.

—não, não escapará. O cesto pode ser fechado. Apenas precisa ser rápido o bastante.

—não sei se conseguirei fazer isso.

— Apenas tente.

Oliviera tinha razão. Na parte anterior do robô de carga havia uma tampa gradeada. Johanson capturou mais um animal, girou o Spherobot em 180 graus e guiou-o em direção ao robô de carga até os seus braços eletrônicos entrarem na gaiola. Ali enfiou a serra circular na lateral do caranguejo.

O casco rebentou.

Nada aconteceu.

— Vazio? — disse Rubin, espantado.

Aguardaram alguns segundos, e então Johanson lentamente puxou o robô esférico de volta.

— Merda!

A criatura gelatinosa atirou-se para fora do corpo do caranguejo, mas escolheu a direção errada. Chocou-se violentamente com a parede traseira da gaiola, contraiu-se formando uma bola e cambaleou para cima e para baixo diante da grade. Sua confusão, se é que conhecia algo como confusão, durou apenas um instante. Esticou-se.

— Está tentando escapar!

Johanson deu à ré no Spherobot. Bateu contra a parede lateral da gaiola, e então estava do lado de fora. Um dos braços conseguiu pegar a tampa gradeada e jogou-a para cima.

O troço aplainou-se completamente e atirou-se em sua direção. A alguns centímetros da tampa jogou-se para trás, mudando novamente de formato. Suas bordas alargaram-se para todos os lados até ficar pendurado na água como um sino transparente e ocupar quase metade da gaiola. O corpo se torceu. Durante alguns segundos, lembrou uma água-viva, e então se enrolou. No próximo instante voltou a flutuar na gaiola como uma esfera.

— Absolutamente incrível — sussurrou Rubin.

— Vejam só — exclamou Oliviera. — Está se contraindo.

De fato, a esfera encolheu, perdendo cada vez mais a sua transparência. Tornou-se mais leitosa.

— O tecido se contrai — disse Rubin. — O troço tem capacidade de alterar sua densidade molecular.

— Isso os faz lembrar de quê?

— Formas primitivas e muito simples de pólipos — disse Rubin, refletindo

Cambriano. Ainda existem organismos com essa capacidade. A maioria dos polvos contrai os seus tecidos, mas não mudam de forma. Precisamos capturar mais alguns. Precisamos ver como reagem.

Johanson recostou-se.

— não conseguirei repetir isso — disse. — Na segunda tentativa, este daqui escapará. São rápidos demais.

— Está bem. Um basta para a observação.

— não sei. — Oliviera balançou a cabeça. — Observar é muito bom, mas eu quero analisar esse troço, e não apenas restos em decomposição. Talvez devêssemos congelá-lo e cortar em camadas.

— Certamente. — Rubin fitou o monitor, fascinado. — Mas não agora. Vamos observá-lo durante algum tempo.

— Ainda temos os outros dois. Alguém por acaso está vendo um? Johanson ligou todos os monitores, um após outro. Viram o interior do tanque de vários ângulos.

— Sumiram totalmente.

— Tolice. Devem estar em algum lugar.

— Está bem, vamos abrir mais alguns — disse Johanson. — É o que pretendíamos mesmo. Quanto mais dessa substância houver no tanque, maior a probabilidade de vermos alguma coisa. Por via das dúvidas, deixaremos este nosso prisioneiro de guerra na gaiola. Depois veremos o que faremos. — Ele riu e enrolou os dedos no joystick. — Crec, crec. Divertido, não acham?

Abriram mais uma dúzia de caranguejos sem tentar capturar as substâncias liberadas. Assim que os cascos eram rompidos, as criaturas gelatinosas afastavam-se rapidamente e perdiam-se em algum lugar na imensidão do tanque.

— De qualquer forma, as Pfiesterias não lhe fazem mal algum — constatou Oliviera.

— Claro que não — disse Johanson. — Os Yrr devem ter feito com que se tornassem compatíveis um com o outro. A substância gelatinosa guia os caranguejos, as Pfiesterias são a carga. Logicamente não enviariam um táxi para um cliente que mata o motorista.

— Acredita que a substância gelatinosa também seja artificial?

— não faço idéia. Possivelmente já existiu antes. Possivelmente tenha sido criada.

— E se... forem os Yrr?

Johanson girou o Spherobot para a câmera focar a gaiola. Arregalou os olhos para o exemplar capturado. Este manteve o seu formato esférico e estava no chão da gaiola como uma bola de tênis leitosa.

— Esses troços? — perguntou Rubin, incrédulo.

— E por que não? — exclamou Oliviera. — Encontramos alguns nas cabeças das baleias, estavam no casco do Barrier Queen, dentro da nuvem azul, estão em todos os lugares.

— Pois é, a nuvem azul. O que há com ela?

— Tem alguma função. Os troços escondem-se nela.

— Parece-me mais que a substância gelatinosa seja uma arma biológica, assim como os vermes e as outras mutações. — Rubin apontou para a bola imóvel na gaiola. — Acreditam que esteja morto? não está mais se movendo. Talvez seu tecido se contraia formando uma bola ao morrer.

No mesmo instante ouviram um sinal de apito dos altofalantes do teto, e a voz de Peak falou através do sistema de comunicação de bordo:

— Bom dia. Como, com a chegada da Dra. Crowe, estamos completos, marcamos uma reunião no convés-doca para as 10h30. Faremos uma demonstração dos submersíveis e dos equipamentos, portanto queiram comparecer. Além disso, gostaria de lembrá-los de que às dez será a nossa reunião rotineira na sala de reuniões dos oficiais. Obrigado.

— Que bom que nos lembrou — disse Rubin rapidamente. — Já ia me esquecendo. Eu me perco no tempo e no espaço quando

estou pesquisando. Meu Deus, ou somos pesquisadores, ou não somos! não é?

— Correto — disse Oliviera, entediada. — Estou curiosa, será que há novidades de Nanaimo?

— Por que não liga para Roche —sugeriu Rubin. — Conte-lhe dos nossos resultados. Quem sabe ele também não tem algo para mostrar. — Riu e deu um tapinha amigável em Johanson. — Quem sabe teremos notícias antes de Li, assim poderemos brilhar com a novidade na reunião.

Johanson sorriu de volta. não gostava muito de Rubin. O homem era bom no seu trabalho, mas um puxa-saco. Johanson achava que seria capaz de vender a sua avó em prol da sua carreira. Oliviera aproximou-se do aparelho de rádio imediatamente ao lado do painel de comando e discou. A antena de satélite no alto da ilha permitia qualquer forma de comunicação eletrônica de dados. Em todo o navio eram recebidos inúmeros canais de televisão, podiam-se conectar minitelevisores ou aparelhos de rádio e laptops e, naturalmente, ligar para todo o mundo através de canais secretos. Sem dificuldades, inclusive, para Nanaimo, no distante Canadá.

Oliviera conversou durante algum tempo com Fenwick e em seguida com Roche, que, por sua vez, estavam em contato com inúmeros pesquisadores redor do globo terrestre. Aparentemente haviam conseguido limitar o aspecto de mutação das Pfiesterias, mas não havia nenhuma previsão revolucionária. em vez disso, batalhões de caranguejos haviam atacado Boston. Oliviera informou-lhes as suas próprias descobertas e desligou.

— Bela porcaria — esbravejou Rubin.

— Quem sabe os nossos amigos no tanque não nos ajudam — disse Johanson — Afinal, alguma coisa os protege contra as algas. Faremos uma sessão no laboratório de alta segurança. Assim que soubermos o que o nosso prisioneiro...

Grudou o olhar na tela.

A criatura da gaiola desaparecera.

Oliviera e Rubin acompanharam-lhe o olhar e arregalaram os olhos.

—não é possível!

— Como conseguiu sair dali?

Na tela não se via nada além de caranguejos e água.

— Os troços desapareceram.

— Tolice. Para onde iriam?

— Espere! Já temos uma dúzia deles zanzando por aí. não têm como se tornar tão transparentes.

— Devem estar aí. Mas onde está o da gaiola?

— Saiu de fininho.

Johanson observou a tela, e o seu semblante abriu-se.

— De fininho? não é uma má idéia. — disse lentamente. — Claro. Pode mudar o seu formato. A grade é estreita, mas, pelo jeito, não é estreita o suficiente para algo longo e fino.

— Que troço inacreditável — sussurrou Rubin.

Começaram a procurar pelo tanque. Separaram-se, e cada um assumiu um monitor para terem controle simultâneo de todo o tanque, deram um zoom nas câmeras, mas não se via nada dos pedaços de substância gelatinosa. Finalmente Johanson subiu os robôs mergulhadores um após outro e dirigiu-os para fora da garagem, mas ali também não se escondera nada.

A criatura desaparecera.

— Talvez tenhamos um problema com o encanamento — disse Oliviera. — Estão em um dos canos d'água?

Rubin balançou a cabeça.

— Impossível.

— Seja o que for — rosnou Johanson. — Precisamos subir para a reunião. Quem sabe lá em cima não tenhamos uma idéia de onde possam estar.

Confusos e frustrados, apagaram as luzes no simulador e saíram. Rubin apagou as luzes do laboratório e ia segui-los. Mas não foi.

Johanson viu-o parado na comporta aberta, olhando para dentro do laboratório escuro. Viu que estava totalmente boquiaberto. Retornou lentamente, seguido por Oliviera, e viu o que Rubin via.

Alguma coisa brilhava atrás da janela oval do simulador de águas profundas. Um brilho fraco e difuso.

Azul. — A nuvem azul — sussurrou Rubin.

Juntos, atravessaram a escuridão correndo em direção ao simulador sem prestar atenção aos obstáculos, apressaram-se escada acima e pararam em frente à janela de vidro blindado.

O brilho azul flutuava no vazio. Uma nuvem cósmica na escuridão do universo, sendo que o universo era um tanque cheio d'água. Tinha alguns metros quadrados. Pulsava. As bordas moviam-se.

Johanson apertou os olhos e olhou melhor. O que acontecia além das bordas? Parecia-lhe que ali surgiam minúsculos pontos de luz que fluíam para dentro da nuvem, cada vez mais rápidos. Como partículas de matéria no campo de gravitação de um buraco negro.

O azul tornou-se mais intenso.

E então colabou.

A nuvem implodiu como um big-bang invertido. Tudo se moveu para o centro cada vez mais claro e denso. Raios de luz fulminaram do lado de dentro, formando desenhos complicados. A nuvem foi sugada para o seu próprio centro numa velocidade incrível, num redemoinho turbulento, e então...

—não acredito — disse Oliviera.

Um troço esférico do tamanho de uma bola de futebol estava pendurado à sua frente. Uma coisa de matéria compacta com brilho azul. Substância gelatinosa pulsante.

Haviam encontrado as criaturas novamente.

As criaturas haviam-se fundido.

## **SALA DE REUNIÕES DOS OFICIAIS**

— Unicelulares!—exclamou Johanson. — São unicelulares.

Estava extremamente exaltado. O grupo fitou-o em silêncio. Rubin escorregava em sua cadeira, acenando fortemente a cabeça enquanto Johanson andava de um lado para o outro. Jamais conseguiria sentar-se numa situação dessas.

— Durante todo esse tempo acreditamos que a substância gelatinosa e a nuvem fossem duas coisas diferentes, mas são a mesma coisa. O troço é uma aglomeração de unicelulares. A substância gelatinosa não apenas pode mudar de forma como quiser, como também se dissolve completamente e se funde na mesma velocidade.

— Essas criaturas se dissolvem? — ecoou Vanderbilt.

— não, não! não as criaturas, digo, os unicelulares são as criaturas, e eles se fundem. Nós abrimos alguns caranguejos e retiramos alguns pedaços dessa substância gelatinosa, e todos escaparam para algum canto do simulador. Tínhamos prendido um. E, de repente, todos desapareceram completamente. não sobrou nada — meu Deus, como sou idiota por não ter pensado nisso desde o começo! —, porque unicelulares naturalmente não podem ser presos numa gaiola e, para ver a olho nu, a maioria é pequena demais. E como o simulador estava sendo iluminado por dentro, não pudemos perceber nenhuma bioluminescência, nada. Tivemos o mesmo problema na Noruega, onde aquele troço gigante apareceu diante da câmara. Daquela vez vimos apenas a superfície clara, iluminada pelos faróis do Victor, mas na realidade tinha um brilho próprio também. Brilhava, era um gigantesco aglomerado de microorganismos bioluminescentes. O que está nadando agora no tanque lá embaixo é a soma das substâncias que retiramos dos caranguejos, é exatamente isso.

— O que explica algumas coisas — disse Anawak. — A criatura amorfa no casco do Barrier Queen, a nuvem azul em frente à ilha de Vancouver...

— As imagens gravadas pelo URA, exatamente! Grande parte das células flutuava livremente na água, mas no centro haviam-se solidificado. A massa formou tentáculos. Ela própria injetava-se nas cabeças das baleias.

— Esperem. — Li levantou a mão. — Ali ela já estava.

— Então... — Johanson refletiu. — Bem, alguma ligação houve. Em todo caso, acredito que tenha penetrado dessa forma. Talvez tenhamos sido testemunhas de uma troca. Substância gelatinosa velha para fora, nova para dentro. Ou ocorreu algo como

um controle. Talvez o troço nas cabeças passasse alguma coisa para a massa total.

— Informações — disse Greywolf.

— Isso — exclamou Johanson. — Isso! Delaware franziu o nariz.

— Quer dizer que adquirem qualquer tamanho? Dependendo da necessidade?

— Qualquer tamanho e forma — concordou Oliviera. — Para guiar um caranguejo, basta um punhado. O troço em frente à ilha de Vancouver, em torno do qual as baleias se reuniram, era do tamanho de uma casa e...

— O decisivo na nossa descoberta — interrompeu-a Rubin. Ele deu um salto. — A substância gelatinosa é uma matéria-prima para realizar tarefas predeterminadas.

Oliviera parecia aborrecida.

— Estudei cuidadosamente as imagens do talude continental norueguês — disse Rubin, ofegante. — Acho que sei o que aconteceu ali. Se esse troço não tiver sido a gota d'água para o deslizamento do talude, não me chamo Rubin. Estamos prestes a compreender toda a verdade!

— Encontraram uma massa que realiza um monte de trabalho sujo — disse Peak, pouco impressionado. — Que bom. E onde estão os Yrr?

— Os Yrr estão... — Rubin hesitou. De repente perdeu a autoconfiança. Inseguro, olhou para Johanson e Oliviera. — Pois então...

— Acredita que esses sejam os Yrr? — perguntou Crowe. ?

Johanson balançou a cabeça.

— não sei.

Durante algum tempo reinou o silêncio.

Crowe afinou os lábios e deu um trago no cigarro.

— Ainda não recebemos nenhuma resposta. Quem poderia nos responder? Uma criatura inteligente ou um aglomerado de criaturas inteligentes? O que acha, Sigur, os troços no tanque comportam-se de maneira inteligente?

— Você mesma sabe que não temos como responder à sua pergunta — retrucou Johanson.

— Queria ouvir de você — sorriu Crowe.

— Como devemos reconhecer isso? Como uma inteligência extraterrestre poderia avaliar um punhado de prisioneiros de guerra humanos numa prisão que não entendam nada de matemática, tenham medo, sintam frio, se lamentem ou fiquem sentados num canto, apáticos?

— Minha nossa — gemeu Vanderbilt baixinho. — Agora resolveu jogar-nos a Convenção de Genebra na cara.

— Ela também se aplica aos extraterrestres? — sorriu Peak. Oliviera olhou para ele com desdém.

— Faremos mais testes com a massa no tanque — disse. — Aliás, não entendo por que demoramos tanto para entender isso. Leon, o que percebeu ao espionar o Barrier Queen na doca seca?

Anawak olhou para ela.

— Um pouco antes de me pescarem dali? Um brilho azul.

— É disso que estou falando — disse Oliviera para Li. — A senhora fez questão de trilhar um caminho isolado ali na doca seca, quando decidiu ficar fuçando no casco do Barrier Queen durante semanas, sem alcançar nada. Bem, errar pela metade também é falhar. Seu pessoal provavelmente deixou de ver algo decisivo ao analisar as amostras de água da doca seca. Esse brilho não chamou a atenção de ninguém? Ou um monte de unicelulares nas amostras de água?

— Sim — disse Li. — Claro que retiramos água para análise.

— E?

— Nada. Água normal.

— Pois bem — suspirou Oliviera. — Poderia enviar-me novamente esse relatório? Incluindo todos os resultados laboratoriais.

,-?; — Naturalmente.

— Dr. Johanson. — Shankar ergueu a mão. — Como acredita que ocorra essa fusão? Quer dizer, o que a provoca?

— E, além disso — espantou-se Roscovitz; era a primeira vez que falava alguma coisa —, como será possível? Para quê? Uma

dessas células precisa dizer, ei, pessoal, venham até aqui, faremos uma festa.

— não necessariamente — disse Vanderbilt espertamente. — As células humanas apresentam o maior grau de cooperação possível, certo? E nenhuma delas tampouco dita o caminho a ser seguido.

— Está falando da estrutura organizacional da CIA? — disse Li, sorridente.

— Cuidado, Suzie Wong.

— Ei! — Roscovitz levantou as mãos. — Pessoal, sou apenas um piloto de submarino. Quero entender tudo isso. Nos humanos, as células estão sempre grudadas, é diferente. não nos dissolvemos de tempos em tempos ao bel-prazer e, além do mais, há um sistema nervoso central que comanda toda a história.

— Nas células corpóreas, a comunicação ocorre através de mensageiros químicos — disse Delaware.

— E o que significa isso? Devemos imaginar as células como um cardume de peixes em que todos nadam simultaneamente na mesma direção?

— Os cardumes de peixes apenas aparentam mover-se simultaneamente — explicou Rubin. — O comportamento dos cardumes está relacionado à pressão.

— Eu sei, cara, apenas queria...

— Nas laterais dos corpos dos peixes há órgãos sensitivos — continuou ensinando Rubin, sem se deixar interromper. — Se um corpo mudar sua posição, enviará uma onda de pressão ao vizinho, que automaticamente virará na mesma direção, e por aí afora, até o cardume inteiro realizar a manobra.

— Como disse, sei disso!

— Mas é claro! — O semblante de Delaware abriu-se. — É isso!

— O quê?

— Ondas de pressão. Com isso, quantidade maior dessa substância gelatinosa poderia simplesmente mudar a direção de cardumes inteiros. Quer dizer, perguntávamos que mágica levou os

cardumes de peixes a não entrarem mais nas redes, mas essa seria uma explicação.

— Mudar o rumo de um cardume inteiro? — disse Shankar, desconfiado.

— É verdade, ela tem razão — exclamou Greywolf. — Ela tem toda a razão! Se os Yrr comandam milhões de caranguejos e transportam bilhões de vermes para os taludes continentais, também podem mudar o rumo de cardumes. Com uma onda de pressão é possível fazer isso. A sensibilidade para alterações de pressão é praticamente a única proteção de um cardume.

— Está querendo dizer que esses unicelulares lá embaixo no tanque reagem a alterações de pressão?

— não. — Anawak balançou a cabeça. — Isso seria simples demais. Peixes podem gerar pressão, mas unicelulares?

— Alguma coisa deve ter desencadeado a fusão.

— Esperem — disse Oliviera. — Há formas de comunicação similares nas bactérias. *Myxococcus xanthus*, por exemplo. Uma espécie que habita o solo. É composta por pequenas populações pouco densas. Quando algumas células não encontram alimento suficiente, emitem uma espécie de sinal de fome. Inicialmente, a colônia praticamente não reage, mas quanto mais células sentirem fome, mais intenso se torna o sinal, até ultrapassar um certo limiar. Os membros da colônia começam a unir-se. Pouco a pouco, desenvolve-se uma complexa formação multicelular, um protoplasma visível a olho nu.

— Em que consiste o sinal? — perguntou Anawak.

— É uma substância que liberam.

— Um odor?

— Isso. De certa forma.

A conversa cessou. Todos franziam a testa, juntavam as pontas dos dedos, apertavam os lábios.

— Está bem — disse Li. — Estou impressionada. É um grande avanço. Agora não devemos perder nosso tempo trocando informações leigas. Quais serão os próximos passos?

— Tenho uma sugestão — disse Weaver.

— Pois não.

— Leon teve uma idéia no castelo, lembram-se? Em relação aos experimentos da Marinha com cérebros de golfinhos. Com implantes que não consistiam de simples microchips, mas de células nervosas artificiais densamente agrupadas que reproduzem partes do cérebro até os mínimos detalhes e que se comunicam através de impulsos elétricos. Estive pensando, se a substância gelatinosa de fato for um aglomerado de unicelulares, e essas células, de certa forma, assumiram ou substituíram as funções de células cerebrais, então podem comunicar-se entre si. Aliás, precisam. De outro modo, não seriam capazes de fundir-se e alterar a forma. Quem sabe de fato formem um cérebro artificial, incluindo os seus mensageiros químicos. Talvez... — Hesitou. —

..até adquiram as emoções, características e o conhecimento do seu hospedeiro e, dessa forma, aprendam a dominá-lo.

— Para isso, precisariam ter a capacidade de aprender — disse Oliviera. — Mas como unicelulares podem aprender?

— Leon e eu podemos tentar criar artificialmente um cardume desses unicelulares no computador e atribuir-lhes características até que comecem a comportar-se como um cérebro.

— Uma inteligência artificial?

— Sob aspectos biológicos.

— Parece útil — deferiu Li. — Façam isso. Outras sugestões?

— Tentarei descobrir alguma forma de vida pré-histórica familiar — disse Robin.

Li acenou a cabeça.

— Alguma novidade, Sam?

— Nada relevante — ressoou a voz de Crowe de dentro de uma nuvem de fumaça. — Estamos tentando decodificar antigos sinais Scratch enquanto não recebemos nenhuma resposta.

— Talvez devessem enviar algo mais elaborado aos Yrr do que questões matemáticas — opinou Peak.

Crowe olhou para ele. A fumaça se desfez, e no seu belo rosto velho com as suas milhares de pequenas ruguinhas abriu-se um sorriso.

— Tenha calma, Sal.

- É muito otimista, não? — disse Peak.
- Sou paciente.

## **CONVÉS-DOCA**

Roscovitz era uma daquelas pessoas que passava a vida na Marinha Americana e não tinha a menor pretensão de mudar isso. Acreditava que todo mundo devia fazer o que sabia fazer melhor, e, como gostava de estar debaixo d'água, iniciara sua carreira como piloto de submarino, chegando a comandante.

Mas Roscovitz também achava que entre todas as características que diferenciavam uma pessoa, a curiosidade era uma das mais marcantes. Apreciava bastante a fidelidade, o cumprimento de obrigações e a pátria, mas não a atitude militar tosca. Um belo dia percebera que a maioria dos pilotos de submarinos atravessava um mundo do qual nada sabiam, então começara a inteirar-se do assunto. Nem por isso tornara-se biólogo. Mas o seu interesse pelas coisas era conhecido inclusive no meio científico da Marinha, onde procuravam-se pessoas que eram suficientemente soldados para comportar-se como tal e com pensamentos suficientemente flexíveis para assumir uma função executiva na pesquisa.

Após a decisão de adaptar o Independence para a missão na Groenlândia, ficou encarregado de instalar a mais moderna base de mergulho no navio. não estava sobrando dinheiro para nada, em lugar algum do mundo — exceto para a pesquisa. Para muitos, o Independence era a última esperança da humanidade, portanto não se mediram esforços. Roscovitz não recebeu um orçamento, mas uma carta livre. Mandaram-lhe comprar o que encontrasse e o que lhe parecesse adequado e, desde que não levasse muito tempo, construir o que ainda não existia e o que considerasse indispensável.

Ninguém esperara que o homem fosse pensar seriamente sobre submersíveis tripulados. A atenção estava basicamente voltada para os VCR, os robôs conectados por cabos e guiados por controle remoto como o Victor, que descobrira os vermes em frente

à Noruega. Além disso, havia uma série de novidades na construção de VSA, robôs que sequer requeriam uma conexão por cabo com o navio. A maioria dessas máquinas dispunha de câmeras de alta resolução e de alguma forma de garra, ou até mesmo de sensíveis membros artificiais. Ninguém queria arriscar vidas humanas depois de alguns mergulhadores terem sido atacados e mortos e todo mundo perder a coragem de entrar numa água que fosse além dos tornozelos.

Roscovitz prestara atenção e dissera que podiam esquecer essa história nestas condições.

Disse:

— Alguma vez ganhamos uma guerra apenas com máquinas? Podemos atirar bombas inteligentes e sobrevoar regiões inimigas com aviões de reconhecimento sem tripulação, mas as decisões tomadas por um piloto num avião de caça não podem ser substituídas por máquina alguma. Em algum momento ao longo desta missão, haverá uma situação em que nós mesmos precisaremos verificar o que está acontecendo.

Perguntaram-lhe o que ele queria. Ele disse que, naturalmente, VCR e VSA, mas também embarcações tripuladas e armadas. Além disso, requisitou um escalão de golfinhos e, para sua satisfação, soube que a inclusão do MK-6 e do MK-7 já fora ordenada devido à sugestão de um membro do conselho. Quando ouviu quem deveria assumir a responsabilidade dos escalões, ficou mais contente ainda.

Jack O'Bannon.

Roscovitz não conhecia o'Bannon pessoalmente. Mas o ex-soldado era comentado em certos meios. Alguns diziam que ele fora o melhor treinador que os escalões já tiveram. Mais tarde, ele abjurou a Marinha como o diabo. Roscovitz sabia muito bem em que consistia a aparente fraqueza do miocárdio de O'Bannon. Maior foi sua surpresa ao saber que o homem estava novamente a bordo.

Seus superiores tentaram dissuadi-lo das embarcações tripuladas. Ele foi persistente. Argumentavam com os riscos incalculáveis, e ele tornava a repetir sempre a mesma frase:

— Precisaremos deles.

Até finalmente darem-lhe carta branca.  
E então ele surpreendeu-os novamente.

Possivelmente o Ministério da Marinha acreditara que ele entupiria a popa do gigantesco porta-helicópteros com submersíveis que causassem um grande impacto como os barcos russos MIR, o Shinkai japonês e o Nautilo francês. Em todo o mundo existia apenas meia dúzia de barcos capazes de ir além dos três mil metros de profundidade, e estes eram alguns deles, assim como o bom e velho Alvin. Mas Roscovitz apostou na inovação. Sabia que tais barcos não lhe adiantariam muita coisa. Com o Shinkai, chegava-se a 6.500 metros de profundidade, entretanto os seus movimentos verticais eram controlados apenas pelo enchimento e esvaziamento dos tanques de lastro, assim como nos barcos MIR e Nautilo. Roscovitz não pensara numa clássica expedição de fundo do mar, mas em guerra e num inimigo invisível, e imaginava como seria travar uma batalha aérea com balões de ar quente. A maioria dos submersíveis simplesmente era lenta demais. Precisava era de jatos submarinos.

Jatos de caça.

Depois de algum tempo, descobriu uma empresa cujos produtos correspondiam às suas expectativas. A Hawkes Ocean Technologies, na cidade californiana de Point Richmond, não era apenas conhecida no ramo, mas também regularmente consultada em produções hollywoodianas para conceder uma base sólida às especulações. Graham Hawkes, um renomado engenheiro e inventor, criara a empresa em meados da década de 1990 para realizar o sonho de voar — debaixo d'água.

Roscovitz pusera uma lista de solicitações e uma boa quantia de dinheiro na mesa, e impôs a condição de que os construtores batassem todos os recordes de tempo.

O dinheiro fizera a sua parte.

Quando, às 10h30, os cientistas chegaram ao píer do convés-doca, cada um trajando uma roupa de neoprene que retinha o calor e mostrava apenas o rosto, Roscovitz ficou contente por ter, excepcionalmente, algo a dizer a essas pessoas inteligentes. Os soldados e a tripulação já haviam sido treinados em Norfolk-Muitos

deles eram SEALS da Marinha com membranas entre os dedos das mãos e dos pés. Mas Roscovitz estava decidido a preparar também os cientistas para manobras e lutas. Sabia que, no decorrer de expedições como essas, em certas situações possivelmente um civil poderia ter um papel decisivo.

Ordenou a Browning que baixasse um dos quatro submersíveis do teto e observou o Deepflight 1 descendo lentamente. De baixo, o barco lembrava uma gigantesca Ferrari sem rodas, com quatro canos longos e estreitos. Esperou alcançar a altura do rosto, quatro metros acima do piso tabuado do convés e imediatamente acima da cobertura do tanque. Até mesmo nesta perspectiva tinha pouco em comum com um submersível clássico. Plano e largo, aproximadamente retangular, com quatro propulsores a jato na face posterior e duas cabines em forma de cano parcialmente envidraçadas que emergiam diagonalmente da superfície, o Deepflight lembrava mais um pequeno foguete. Por debaixo das cúpulas transparentes saíam garras hidráulicas multiarticuladas.

O que mais chamava a atenção eram as pequenas asas de ambos os lados.

— Dizem que parece um avião — disse Roscovitz. — E têm razão. É um avião, e é tão ágil quanto. As asas têm a mesma função, com a pequena diferença de que os seus perfis agem no sentido oposto. Num avião, garantem o empuxo. As asas do Deepflight, entretanto, produzem uma sucção para baixo e trabalham contra o empuxo. O mecanismo de comando também se baseia na aviação. não cai feito uma pedra, mas move-se num ângulo de sessenta graus, faz curvas elegantes, sobe e desce rapidamente, vum, vum! — Mostrou com a mão espalmada e apontou para as cabines. — A diferença básica para um avião é que não se fica sentado, mas deitado. Dessa forma, com uma área de três por seis metros, mantemo-nos abaixo de uma altura de um metro e quarenta.

— Que profundidade este avião alcança? — perguntou Weaver.

— A que você desejar. Pode voar diretamente para o fundo da Fossa das Marianas, não levaria mais de uma hora e meia. O bebê move-se a 12 nós. Tem um invólucro de cerâmica, as cúpulas são de acrílico e envoltas por titânio, é totalmente adequado para grandes profundidades. Tem-se uma visão geral sensacional, o que, no nosso caso, permite desaparecer em tempo ou atirar, dependendo da situação. — Apontou para o lado de baixo. — Equipamos os nossos Deepflights com quatro torpedos. Dois têm uma força explosiva moderada. Podem causar grandes feridas numa baleia ou até matá-la. Os outros dois abrem buracos maiores. Rompem aço e rochas e podem acabar com um bando inteiro. Peço que deixem o piloto atirar, a não ser que ele esteja morto ou inconsciente, nesse caso não lhes restaria outra opção.

Roscovitz bateu as palmas.

— Está bem. Escolham quem será o primeiro a entrar e dar uma volta. Ah, sim, o que ainda deve interessá-los: o combustível é suficiente para oito horas de vôo. Caso fiquem presos em algum lugar, os sistemas vitais fornecerão oxigênio durante 96 horas. Mas não se assustem: até lá, a Marinha, o exército de Deus, já os terá salvado. Quem quer?

— Sem água? — disse Shankar e olhou para baixo, desconfiado. Roscovitz sorriu.

— Quinze mil toneladas são suficientes?

— Eu, bem... penso que sim.

— Que bom. Alagaremos o convés.

## **CENTRO DE INFORMAÇÕES DE COMBATE**

Dois operadores de rádio haviam tomado os lugares de Crowe e Shankar enquanto os cientistas estavam no reino de Roscovitz. Estavam à toa. Na realidade, deveriam calar a boca e abrir os ouvidos, mas afinal tinham os computadores e tinham a equipe SOSUS de Shankar em terra firme. O que quer que surgisse do fundo do mar seria registrado por diversos sistemas eletrônicos e órgãos sensíveis humanos, previamente selecionado, avaliado e enviado via satélite para o Independence com um comentário. Por

mais que a mensagem de Crowe tivesse sido enviada do navio, e o Independence também prestasse atenção a qualquer sinal, era apenas um dos vários postos de escuta. Uma possível resposta dos Yrr alcançaria todos os hidrofones atlânticos. Com base na sua distribuição espacial e nos intervalos de tempo entre os momentos da sua recepção, o computador calcularia a posição exata de emissão do sinal, enviaria ao CIC e certamente chamaria a atenção.

Confiando plenamente na tecnologia, os homens haviam começado a discutir sobre música. Logo a discussão esquentou. Como os temperamentos bateram de frente quando se tratou da credibilidade de cantores brancos de hip-hop, ninguém mais olhou os monitores até um dos dois pegar o seu café e, por acaso, virar a cabeça. Seus olhos ficaram presos na tela.

— Ei. O que é isso?

Em dois monitores estremeciam linhas de frequência coloridas. O outro arregalou os olhos.

— Há quanto tempo estão aí?

— não sei. — O operador de rádio olhou para as linhas. — Devíamos ter recebido alguma coisa do continente. Por que não deram sinal? Certamente também receberam isso.

— Foi nessa frequência que Crowe enviou a mensagem?

— não faço a menor idéia do que ela tenha enviado. não se ouve nada. Deve ser uma frequência ultra ou infra-sônica.

O outro refletiu.

— Está bem. O hidrofone mais próximo fica na Terra Nova. As ondas sonoras levam tempo. Os outros ainda não receberam, portanto somos os primeiros a receber. Isso só pode significar...

Seu parceiro olhou para ele.

— Vem daqui.

Deepflight

O sistema hidráulico trabalhava a todo vapor para alagar os tanques de lastro da popa. A parte traseira do Independence começou a baixar enquanto a água do mar fluía para dentro.

— Poderíamos deixar a água entrar pela comporta — explicou Roscovitz aos berros para vencer o barulho. — Mas, para isso, precisaríamos abrir todos as escotilhas simultaneamente, o

que não fizemos por motivo de segurança. Em vez disso, utilizamos um sistema de bombeamento especial. Uma circulação de canos individual conduz a água para dentro do convés. Ela é filtrada diversas vezes. Assim como a comporta, o tanque é dotado de sensores altamente sensíveis que nos informam se podemos nadar sem problemas na grande banheira.

— Testaremos os barcos no convés? — perguntou Johanson.

—não. Sairemos.

Como os golfinhos haviam anunciado o afastamento das orcas, Roscovitz chegara à conclusão de que poderiam arriscar alguns verdadeiros mergulhos.

— Minha nossa. — Paralisado, Rubin fitou o tanque que se enchia de água espumante. — É como se estivéssemos afundando.

Roscovitz sorriu para ele.

— Engana-se. Já afundei com um navio de guerra. Acredite, é diferente!

— Como é? Roscovitz riu.

—não gostaria de saber. não mesmo.

A popa do gigantesco navio afundou metro após metro. O Independence era grande demais para que realmente se sentisse algo da sua inclinação. Comparado com o todo, era mínima, um caso para um nível de madeira, mas o efeito era surpreendente. O nível da água subiu cada vez mais, até bater nas bordas do píer. Dentro de poucos minutos, o convés transformou-se numa piscina de quatro metros de profundidade. O delfinário também estava dentro d'água, de forma que agora os animais tinham todo o tanque à sua disposição. Acima da margem artificial flutuavam os zodiacs cuidadosamente atados. O Deepflight balançava suavemente sobre as ondas.

Browning baixou outro submersível do teto. Estava diante do painel mexendo um joystick. Um após outro, manobrou os barcos através do sistema de trilhos até a margem do píer e abriu as coberturas das cabines. Dobraram-se para cima como cúpulas de aviões a jato.

— Cada cano pode ser aberto e fechado separadamente — explicou. — É fácil entrar. Mesmo assim, quem não está

acostumado acaba molhando os pés de vez em quando. Durante o bombeamento, a água do tanque foi aquecida e agora está com agradáveis 15° Celsius, o que não significa que os senhores devam dispensar as suas roupas protetoras. Caso, por algum motivo, caiam no mar aberto sem roupa de neoprene ou um submersível por perto, morrerão rapidamente. A água em frente à Groenlândia tem, no máximo, dois graus.

— Mais perguntas? — Roscovitz dividiu os grupos, juntando sempre um piloto e um cientista. — Então vamos. Ficaremos próximo do navio. Nossos alegres amigos marinhos do esquadrão de golfinhos informaram que não há com que se preocupar, mas isso pode mudar. Leon, venha comigo. Pegaremos o Deepflight 1.

Saltou no barco. Este balançou muito. Anawak imitou-o, perdeu o equilíbrio e caiu na água de cabeça. Um frio gélido bateu-lhe na cara e tirou-lhe o fôlego. Chegou à superfície cuspiendo água e foi recebido com muita risada.

— Era exatamente do que estava falando — disse Browning secamente. Anawak içou-se no casco e entrou de barriga no cano. Para sua surpresa, era

confortável e espaçosa. não se ficava na horizontal, mas levemente inclinado para cima, de forma que a posição do corpo lembrava a de um saltador de esqui em vôo. A sua frente havia um painel de instrumentos simples. Roscovitz ligou os sistemas, e os tampos fecharam-se lentamente.

— não é bem uma suíte no Ritz, Leon.

A voz do coronel penetrou nos ouvidos de Anawak através dos alto-falantes. Virou a cabeça. A um metro dele, Roscovitz olhava para ele da sua cúpula de acrílico e sorria.

— Está vendo o joystick à sua frente? Como disse, é um avião, e é assim que se comporta. Precisa aprender a levantar e baixar um avião, e a fazer curvas, ou seja, fazer movimentos de rolamento nas quatro direções. Além disso, há quatro propulsores na face inferior que dão impulso suficiente para manter o Deepflight flutuando durante algum tempo. Eu darei a primeira volta, depois você assume e eu lhe direi o que fez de errado.

De repente, tombaram para a frente. A água cobriu a cúpula de acrílico, e desceram suavemente. Os faróis acenderam-se na proa e nas asas. Anawak viu o piso tabuado do convés mover-se debaixo dele, e então alcançaram a comporta. As escotilhas de vidro afastaram-se. Olhou para dentro de uma clarabóia iluminada de vários metros de profundidade, com um chão de aço no fundo. Lentamente, o Deepflight desceu na comporta, e as escotilhas de vidro fecharam-se acima deles.

Sentiu um frio na barriga.

— não se preocupe — disse Roscovitz. — Sair é mais rápido do que entrar. As escotilhas de aço começaram a mover-se ruidosamente. As gigantescas chapas afastaram-se e liberaram a visão para o mar escuro e sem contornos. O Deepflight despencou do casco do Independence para dentro do mundo desconhecido.

Roscovitz acelerou e fez uma curva. O barco inclinou-se para o lado. Anawak estava fascinado. Já guiara submersíveis menores de construção convencional, todos destinados às camadas de água superiores. Isto aqui era algo completamente diferente. O Deepflight de fato se comportava como um avião esportivo. E era veloz! Para um carro, vinte quilômetros horários, o correspondente a 12 nós, podia ser lento, mas, para um veículo submarino, a velocidade do Deepflight era espetacular. Fascinado, viu a superfície da água remexida surgir ao saírem debaixo do casco do Independence. Roscovitz inclinou ainda mais o bico do submersível. Fez outra curva, voou em direção à popa do porta-helicópteros e mergulhou por debaixo dele. O gigantesco leme do navio passou por cima de suas cabeças.

— Impressionado? — perguntou Roscovitz.

— Estou — disse Anawak, inseguro.

— Sei o que está pensando. Está com medo. Todos nós ficamos. Entretanto o convés-doca é estreito demais para treinarmos. Raso dentais. não queremos destruir os bebês logo de cara.

Roscovitz fechou mais a próxima curva. Anawak esperava ver o rosto redondo de uma orca surgir à sua frente a qualquer momento, mas apenas dois golfinhos se aproximaram e olharam

para dentro das cúpulas. Carregavam câmeras nas suas cabeças e brincaram alegremente em torno do submersível.

— Sorria, Leon! — disse Roscovitz, rindo. — Estamos sendo filmados. Uma luz acendeu-se, indicando a Anawak que o controle sobre o Deepflight

agora era seu.

— Assuma o comando — disse Roscovitz. — Caso apareça alguma coisa que queira nos devorar, nós lhe daremos torpedos para o desjejum. Mas pode deixar que eu faço, está bem? Você pilota.

Por um instante, Anawak ficou sem saber o que fazer. Inconscientemente segurou o joystick com força. Roscovitz não lhe dissera o que deveria fazer então inicialmente continuou andando para a frente.

— Ei, Leon! não durma. Andar de ônibus chega a ser mais emocionante.

— O que devo fazer?

— Tanto faz. Faça qualquer coisa. Vamos para a Lua!

E a Lua, neste caso, é embaixo, pensou Anawak. Então está bem.

Empurrou o joystick para a frente. A frente do Deepflight embicou repentinamente para baixo, e voaram em direção ao fundo. Anawak arregalou os olhos na escuridão. Puxou o joystick para trás, desta vez mais cuidadosamente. O barco voltou a subir. Tentou fazer uma curva, fechou-a demais, voou mais uma. Sabia que estava sacudindo demais, mas, na verdade, era realmente simples. Era questão de prática.

Um pouco adiante avistou o outro Deepflight. De repente, tomou gosto pela coisa. Poderia ter continuado voando durante horas.

— Nada mal, Leon. Com o tempo é de passar mal com o seu estilo de vôo, mas ainda aprenderá isso. Agora vá para a horizontal. Está bem assim. Deixe flutuar lentamente. Mostrarei como comandar as garras hidráulicas. É mais fácil ainda.

Após cinco minutos, Roscovitz voltou a assumir e, lentamente, guiou o barco de volta à comporta. O minuto entre as

comportas fechadas pareceu terrivelmente longo, e então foram liberados e emergiram. De certa forma, Anawak estava aliviado. Apesar do seu entusiasmo, a lembrança das orcas que circundaram o navio pela manhã desagradava-lhe, sem falar das surpresas que o mar ainda poderia trazer a pilotos de submersíveis desatentos.

Roscovitz abriu as cúpulas. Levantaram-se de seus canos e saltaram para o píer.

Floyd Anderson estava à sua frente.

— É então, como foi? — perguntou, sem grande interesse.

— É divertido.

— Lamento interromper a diversão. — O primeiro-oficial observou o segundo barco emergindo. — Bastou vocês mergulharem para acontecer uma coisa. Recebemos um sinal.

— O quê? — Crowe aproximou-se. — Um sinal? De que tipo?

— Acredito que você deverá nos dizer. — O olhar desdenhoso de Anderson passou por ela. — Mas é muito alto. É bastante próximo.

Centro de Informações de Combate. — É um sinal de baixa frequência — disse Shankar. — Um padrão Scratch.

Ele e Crowe haviam corrido imediatamente para o CIC. Nesse meio tempo, receberam a confirmação da estação do continente. Segundo os cálculos, a fonte realmente encontrava-se nos arredores do Independence.

Li entrou.

— Consegue interpretá-lo?

— Ainda não. — Crowe balançou a cabeça. — Precisamos perguntar ao computador. Ele irá desmembrá-lo e pesquisar padrões.

— Então apenas ano que vem.

— Isso é uma crítica? — rosnou Shankar, aborrecido.

— não, mas estou me perguntando como pretende, em poucos dias, decodificar um sinal que tem deixado o seu pessoal de cabelos brancos desde o começo dos anos noventa.

— Está se perguntando isso agora}

— não briguem, crianças. — Crowe tirou um cigarro e acendeu-o com toda a calma. — Como eu disse, tentar comunicar-

se com extraterrestres é diferente. Ontem, talvez, tenhamos enviado a primeira mensagem que os Yrr souberam decodificar. Devem responder da mesma forma.

— Acredita realmente que responderão na mesma codificação?

— Se forem os Yrr, se for uma resposta, se tiverem compreendido o código, se tiverem interesse num diálogo, sim.

— Por que respondem com infra-som e não/na nossa frequência?

— Por que deveriam? — perguntou Crowe, surpresa.

— Diplomacia.

— Por que você não responde a um russo que lhe pergunta algo num inglês macarrônico em russo?

Li encolheu os ombros.

— Está bem. E então?

— Para começar, enviaremos nossa mensagem, para informá-los de que recebemos sua resposta. Caso tenham utilizado nosso código, provavelmente descobriremos rapidamente. Devem ter se esforçado para facilitar-nos ao máximo a decodificação. Se o nosso intelecto é suficiente para compreender a resposta é outra história.

## **CENTRO DE INTELIGÊNCIA UNIFICADA**

Weaver decidiu tentar o impossível, simultaneamente ignorando e procurando confirmar as descobertas sobre o desenvolvimento de vida inteligente.

Crowe explicara-lhe que todas as hipóteses acerca de civilizações extraterrestres culminavam sempre nas mesmas perguntas. Uma delas era: Quão grande ou pequeno um ser inteligente pode se tornar? Nos meios da SETI, onde se apostava nas possibilidades de comunicação interestelar, filosofava-se principalmente sobre seres cuja atenção era voltada para o céu, que se conscientizavam da existência de outros mundos e, algum dia, decidiam fazer contato. A probabilidade de tais seres viverem

em terra firme era muito grande, o que limitava claramente o seu crescimento.

Atualmente, astrônomos e exobiólogos chegavam à conclusão de que um planeta não poderia ter menos de 85% nem mais de 133% da massa terrestre para poder desenvolver temperaturas na superfície que permitissem o desenvolvimento de vida inteligente no decorrer de um a dois bilhões de anos. A partir das extensões de tais planetas fictícios chegava-se a cálculos de gravidade que, por sua vez, levavam a conclusões quanto à estatura das espécies ali existentes. Teoricamente, um ser vivo poderia crescer infinitamente num planeta similar à Terra. Na prática, seu crescimento terminava onde começava a dificuldade de sustentar o próprio peso. Naturalmente, os dinossauros tiveram ossos proporcionalmente muito grandes, mas, de alguma forma, os cérebros ficaram para trás. Todo o organismo parecia estar preparado unicamente para andar por aí e comer. Portanto, aos seres inteligentes e móveis aplicava-se a regra geral de que não poderiam passar de dez metros de altura.

A questão do limite inferior do crescimento era mais interessante. Formigas poderiam desenvolver inteligência? Bactérias? Vírus?

O pessoal da SETI e os exobiólogos tinham uma série de motivos para ocupar-se disso. Era praticamente certo que, no setor galáctico conhecido, não havia civilizações parecidas com a dos humanos, ao menos não com um sistema solar próprio. Maior a ansiedade por encontrar ao menos alguns esporos ou até unicelulares em Marte ou em uma das luas de Júpiter. Então procurava-se a menor unidade funcional que pudesse ser denominada vida, o que obrigatoriamente levava a uma complexa molécula orgânica, a menor unidade de informação e memória com infra-estrutura própria imaginável — e à pergunta se uma molécula poderia desenvolver inteligência.

Uma molécula definitivamente não tinha essa capacidade.

Mas a célula nervosa num cérebro humano, por si só, tampouco era inteligente. Para tornar uma pessoa inteligente na proporção da sua altura corpórea, eram necessárias

aproximadamente cem bilhões de células. Um ser inteligente menor do que o homem possivelmente não precisaria de tantas células, mas o tamanho das moléculas que formavam as células era o mesmo, e abaixo de um certo número de células não se obtinha a centelha da inteligência. Esse era o problema das formigas, às quais se atribuía uma inteligência inconsciente, cujos cérebros, entretanto, não tinham células suficientes para produzir uma inteligência maior. Como, ainda por cima, as formigas não respiravam através de pulmões, mas absorviam o oxigênio através da superfície corpórea para dentro de suas células, não tinham como crescer — a partir de um certo tamanho, a respiração corpórea deixava de funcionar — e desenvolver cérebros maiores. Portanto, assim como todos os insetos, encontravam-se num beco sem saída da evolução. A ciência chegara à conclusão de que o limite inferior para um ser inteligente era de dez centímetros, o que reduzia a probabilidade de deparar-se com um Aristóteles rastejante praticamente a zero, sem falar de um unicelular.

Weaver tinha consciência de tudo isso ao programar o computador para mesclar unicelulares com inteligência de forma coerente.

Algumas horas após a descoberta no laboratório, a bordo do Independence reinava a dúvida se a substância gelatinosa realmente seria inteligente. Os unicelulares não eram criativos e tampouco desenvolviam uma consciência de si mesmos. Teoricamente, uma massa maior de unicelulares corresponderia a um cérebro ou a um corpo com células corpóreas. O troço em frente à ilha de Van-couver, para onde as baleias haviam nadado, sem dúvida era composto de bilhões de células. Entretanto, por isso saberia pensar? E se soubesse! Como aprendia? Como as células comunicavam-se umas com as outras? O que tornava um conglomerado de células um todo?

O que tornou isso possível no homem?

Ou essa substância gelatinosa realmente era apenas uma massa obscura ou tinha um truque.

Ela conseguira dominar baleias e caranguejos.

Haveria de existir um truque!

A Kurzweil Technologies desenvolvera programas de computador para a síntese de inteligência artificial a partir de bilhões de unidades de memória eletrônicas que simulavam neurônios e, conseqüentemente, um cérebro. Já se trabalhava com inteligência artificial em diferentes estágios em todo o mundo. Ela era capaz de aprender e, de certa forma, desenvolver-se criativamente. Até hoje nenhum pesquisador dissera ter conseguido criar algo similar à consciência, entretanto pairava no ar a dúvida de quando um aglomerado de minúsculas unidades idênticas transformava-se em vida. E se seria possível criar vida dessa maneira.

Weaver entrara em contato com Ray Kurzweil, portanto agora dispunha de um cérebro artificial de última geração. Fez uma cópia de segurança, desmembrou o original em seus componentes eletrônicos individuais, cortou as pontes de informação e transformou-o num monte de pequenas unidades sem estrutura. Imaginou como seria se um cérebro humano também fosse desmontado dessa forma e o que seria preciso acontecer para que as células voltassem a formar um todo pensante. Após algum tempo, bilhões de neurônios eletrônicos ocupavam o seu computador, minúsculos locais de armazenagem sem conexão.

E então imaginou que não seriam locais de armazenagem, mas unicelulares.

Bilhões de unicelulares.

Pensou nos próximos passos. Quanto mais perto ficasse da realidade, melhor. Depois de pensar um bocado, programou um espaço tridimensional e conferiu-lhes as características físicas da água. Qual a aparência de unicelulares? Eram de todas as formas, compridos, triangulares, pontudos como estrelas, com e sem flagelos, mas talvez fosse melhor optar pelo mais simples. Redondo estava bom. Agora tinham uma forma. Enquanto não fizessem outras descobertas no laboratório, seriam redondos.

Pouco a pouco, o computador transformou-se num oceano. Os unicelulares virtuais de Weaver habitavam um mundo pelo qual podiam vagar. Talvez devesse programar correntezas, até o espaço virtual corresponder ao oceano em todos os detalhes. Mas isso

poderia ser feito com o tempo. Agora precisava responder às perguntas mais urgentes.

Weaver fitou o monitor.

Tantas unidades. Como poderiam formar um ser pensante? O tamanho não era relevante. A regra geral do tamanho máximo não se aplicava aos seres aquáticos, porque ali havia outras relações de peso. Um ser inteligente aquático poderia tornar-se bem maior do que um organismo em terra. Praticamente não havia civilizações aquáticas nos cenários da SETI, porque não se podia atingi-las com ondas de rádio e, provavelmente, não desenvolveriam um interesse pelo espaço sideral e por outros planetas — ou deveriam atravessar o espaço em aquários voadores? Mas agora era exatamente o cenário de que precisava.

Quando, meia hora depois, Anawak entrou no CIU, encontrou-a ainda de olhos arregalados, a testa coberta de rugas. Ela ficou contente por vê-lo. Após o seu retorno de Nunavut haviam conversado bastante sobre o seu passado e o dela. Anawak parecia autoconfiante e cheio de esperança. O triste índio do bar do hotel no castelo perdera-se em algum lugar do Ártico.

— Aonde conseguiu chegar? — perguntou ele.

— Minha cabeça está toda enrolada. — Ela balançou a cabeça. — não sei onde devo começar.

— Qual é o problema?

Ela contou-lhe o que havia feito. Anawak prestou atenção sem interrompê-la. E então disse:

— É natural que não consiga avançar. Você é excelente em simulações de computador, mas faltam-lhe alguns conhecimentos básicos de biologia. O que transforma um cérebro numa unidade pensante é a sua organização. Os neurônios do nosso cérebro são basicamente idênticos, é o modo de interligação que os faz pensar. É como... Hum. Preste atenção! Imagine o mapa de uma cidade.

— Está bem. Londres.

— E agora imagine que de repente todas as casas e ruas sejam embaralhadas. Um caos total. Agora você procura reconstruí-la. Há inúmeras variáveis, entretanto apenas uma corresponde a Londres.

— Está bem. Mas como cada casa sabe o seu lugar? — Weaver suspirou. — não, começemos de outra forma. não importa como as células estejam interligadas no cérebro... Por que, juntas, resultam em algo mais capacitado do que a soma de suas partes?

Anawak coçou o queixo.

— Como posso dizer? Está bem, volte para a nossa cidade imaginária. Um prédio está sendo construído por... digamos mil operários. São todos iguais, digamos que clonados.

— Meu Deus. isso não é Londres.

— Cada um deles tem uma função específica, certos movimentos a realizar. Mas nenhum deles conhece o projeto inteiro. Mesmo assim, juntos constróem o prédio. Se alguns fossem trocados, haveria falhas. Dez trabalhadores que formam uma corrente para jogar pedras uns para os outros se descoordenam se, de repente, um deles for substituído por alguém cuja função é apertar parafusos.

— Compreendo. Enquanto cada um estiver no seu lugar a coisa funciona.

— Eles agem juntos.

— E, mesmo assim, vão para casa à noite.

— Afastam-se uns dos outros. Cada um na sua direção. No dia seguinte, reaparecem na obra, e o trabalho prossegue. Pode dizer que funciona porque alguém coordena os trabalhadores, mas sem os trabalhadores não seria possível construir o prédio. Uma coisa depende da outra. Do projeto resulta a cooperação, e daí resulta novamente o projeto.

— Então existe um projetista.

— Ou os trabalhadores são o projeto.

— Então cada trabalhador deve ter um código um pouco diferente do seu colega. O que de fato tem.

— Justamente. Os trabalhadores são apenas aparentemente idênticos. Então comece ainda antes. Está bem, existe um projeto. Está bem, eles têm um código. Mas o que é preciso para que isso se torne uma rede?

Weaver refletiu.

— A vontade de cooperar?

— Mais simples.

— Hum. — De repente compreendeu o que Anawak tentava dizer. — Comunicação. Num idioma compreensível por todos. Uma mensagem.

— E qual seria essa mensagem quando todos levantam das suas camas de manhã?

— Vou para a obra, trabalhar.

— E?

— Sei qual é o meu lugar.

— Exatamente. Tudo bem, são operários, com pouco preparo para um diálogo complexo. Rapazes que dão duro. Suam o tempo todo, até mesmo à noite na cama e de manhã ao acordar, o dia inteiro. Como reconhecem uns aos outros?

Weaver olhou para ele e torceu a cara.

— Pelo cheiro do suor.

— Bingo!

— Que fantasia a sua. Anawak riu.

— Culpa de Oliviera. Há pouco falou dessa bactéria formadora de colônias... Myxococcus xanthus. Lembra-se, exala uma substância de forte odor, e todas se aproximam.

Weaver acenou a cabeça. Fazia sentido. Odor era uma possibilidade.

— Pensarei nisso no tanque — disse. — Vem comigo?

— Nadar? Agora?

— Nadar? Agora? — imitou-o. — Veja, normalmente não fico trancada numa sala sentada num mesmo lugar.

— Achei que isso fosse normal para uma pessoa fanática por computador.

— Pareço fanática por computadores? Pálida e molenga?

— Oh, você certamente é a aparição mais pálida e molenga que já tive — disse Anawak, sorridente.

Ela notou o brilho nos olhos dele. O homem era baixo e compacto, longe de ser um George Clooney, mas, para Weaver, naquele momento parecia grande, autoconfiante e belo.

— Idiota — disse ela, sorridente.

— Obrigado.

— Só porque passa metade da sua vida dentro d'água, acredita que quem trabalha com informática vive grudado na cadeira. Faço a maior parte do meu trabalho ao ar livre. Com a minha cabeça, Leon! Laptop na bagagem, e lá vou eu. Também posso escrever num paredão de pedra. Isto daqui me deixa tensa, meus ombros parecem vigas de aço.

Anawak levantou-se e foi para trás dela. Por um instante, Weaver pensou que ele quisesse ir embora. E então sentiu as mãos dele nos seus ombros. Seus dedos passaram sobre os feixes musculares da nuca, os polegares amassaram a região em torno das escápulas.

Estava massageando-a.

Weaver sentiu-se ficar tensa. não estava certa de que isso lhe agradasse.

Sim, agradava-lhe. Apenas não sabia ao certo se queria.

— não está tensa — disse Anawak. Tinha razão. Por que dissera isso então?

No momento em que ela se levantou um pouco abrupta demais da cadeira e as mãos dele deslizaram do seu corpo, sabia que estava cometendo um erro. Que lhe agradaria mais permanecer sentada e deixá-lo continuar. Entretanto, para isso, acabara com tudo um pouco brusca demais.

— Vou indo — disse, embaraçada. — Nadar.

Anawak

Inseguro, perguntou-se o que dera errado. Gostaria de tê-la acompanhado até o tanque, mas de repente o clima ficara estranho. Talvez devesse tê-la perguntado antes de começar a massagear-lhe os ombros. Talvez também apenas tenha interpretado mal toda a questão.

Você é desajeitado nessas coisas, pensou. Fique com suas baleias. Esquimó besta.

Deixou-a ir e pensou em procurar Johanson para continuar a discussão sobre a inteligência de unicelulares. Mas, de certa forma, de repente perdeu a vontade. Decidiu dar um pulo no CIC ao lado. Greywolf e Delaware passavam grande parte do tempo ali, observando e analisando os esquadrões de golfinhos. Entretanto no

CIC não se via nada além das transmissões das câmeras dorsais. Os monitores mostravam a água escura. Não acontecera muita coisa desde que as orcas circundaram o navio pela manhã, e, pelo visto, tinham ido embora. Shankar estava sentado sozinho com um par de fones de cabeça enormes em frente ao monitor, sobre cuja superfície deslizavam fileiras de números, e prestava atenção aos sons vindos do fundo do mar. Um dos homens informou-lhe que Greywolf e Delaware estariam no convés-doca para trocar o MK-6 pelo MK-7.

Desceu a rampa coberta até o convés do hangar vazio. Estava frio e ventava. Queria seguir adiante, mas algo o segurava. Apesar de a luz do dia penetrar através das grandes aberturas dos elevadores externos, a lívida meia-luz das lâmpadas de vapor de sódio dominava a atmosfera. Tentou imaginar o gigantesco saguão repleto de helicópteros e jatos Harrier, veículos, carga e equipamentos uns colados nos outros, sobrando apenas espaço suficiente para entrar através de uma porta, janela ou batente. Imaginou os jipes e empilhadoras subindo e descendo as rampas ruidosamente. Centenas de fuzileiros empenhados verificando armas e equipamentos assim que um helicóptero pousava no teto, rápida e concentradamente, toda a gigantesca maquinaria da estadia do Independence funcionando em sincronia.

Absurdo, este imenso lugar assim vazio. Inútil. Os escritórios laterais, desocupados. As lâmpadas amarelas nas vigas de aço do teto alto e escuro iluminavam basicamente a si próprias. Os encanamentos ao longo das paredes levavam para o nada. E placas de aviso por toda parte — para quem?

— Às vezes, quando a sala de musculação fica cheia demais, colocamos algumas esteiras aqui — dissera Peak, quando, juntos, passearam pelo navio em Norfolk. — Aí é que começa a ficar aconchegante. — Franzira a testa, como se estivesse procurando por alguma coisa. E então acrescentara

— Odeio quando o hangar fica vazio. Odeio esse abandono de lugares que não poderiam estar vazios. De certa forma, odeio toda esta missão.

Fora a única vez em que vira Peak daquele jeito.

O espaço mais vazio, pensou Anawak, é sempre dentro de nós mesmos.

Sem pressa, atravessou o saguão e saiu para a plataforma do elevador a bom-bordo. Ela projetava-se sobre as ondas como um generoso terraço. Apoiava-se em trilhos verticais de ambos os lados do portão. Dois grandes helicópteros com rotores dobrados ocupavam uma área maior do que 140 metros quadrados, para serem erguidos do convés do hangar para o teto. Anawak apertou os olhos. O vento soprava muito. Uma forte rajada poderia fazê-lo perder o equilíbrio repentinamente e jogá-lo além da borda, e não havia grade em lugar algum. Em vez disso, havia redes de proteção ao longo do elevador. Um grande anel dessas redes envolvia o navio, para que o vento forte ou a emissão de gases de escape não jogasse as pessoas no mar.

Mesmo assim, era arriscado.

O mar batia a dez metros abaixo dele.

A visibilidade continuava difusa, mas a chuva de partículas de gelo cessara. Até onde a vista alcançava, a água estava marmorizada pela espuma listrada. Um mar cinza-azulado cortado por veios brancos num eterno sobe-e-desce. Um deserto.

Que estranho. Passara mais da metade da sua vida no clima ameno da costa oeste canadense. Agora o destino levaria-o logo duas vezes seguida ao gelo.

O vento puxava-lhe os cabelos. Aos poucos, sentiu o frio deixando sua pele dormente. Segurou as mãos em forma de concha em frente à boca e expirou o ar quente ali dentro.

E entrou novamente.

## **LABORATÓRIO**

Johanson prometera a Oliviera que a convidaria para um verdadeiro jantar de cavaquinhas quando tudo tivesse acabado. E pescou uma cavaquinha do simulador com a ajuda do Spherobot. Segurando o animal praticamente imóvel com sua garra, o robô esférico flutuou de volta para a garagem, onde aguardavam caixas hermeticamente lacráveis com pintura de PVC. Era estranho como o

aparelho afastou de si o caranguejo evidentemente enjoado, jogou-o para dentro de uma das caixas e fechou-a.

Um pequeno robô, enjoado da situação.

A caixa foi levada para um espaço seco através de uma comporta e borrifada com ácido peracético, lavada com água, exposta a uma torrente de hidróxido de sódio e levada para fora do simulador através de outra comporta. Por mais letal-mente tóxica que estivesse a água dentro do tanque, agora a caixa estava limpa.

— Tem certeza de que ficará bem sozinha? — perguntou Johanson. Ele agendara uma conferência telefônica com Bohrmann, que preparava a tromba sugadora para a sua missão em La Palma.

— Sem problemas. — Oliviera pegou o recipiente com o caranguejo. — Gritarei se houver algum. Na esperança de que você venha me ajudar, não esse babaca de Rubin.

Johanson sorriu.

— Será que compartilhamos a mesma antipatia?

— não tenho nada demais contra o Mick — disse Oliviera.

— Mais parece ansioso pelo prêmio Nobel.

— Também acho. E você?

— O que tenho eu?

— não gosta de elogios? Todos nós queremos ficar um pouco famosos se sobrevivermos a isto daqui.

— não teria nada contra alguns groupies. A ciência é seca o bastante. — Oliviera deteve-se. — Aliás, onde ele está?

— Quem? Rubin?

— Isso. Ele pretendia estar aqui quando eu realizasse a análise de DNA n laboratório de alta segurança.

— Dê graças a Deus.

— Estou dando. Mesmo assim, pergunto-me por onde ele anda.

— Deve estar fazendo algo de útil — disse Johanson, conciliante. — Quer dizer, ele não é mau-caráter. não cheira mal, não matou ninguém e tem um monte de prêmios na estante. não precisamos gostar do cara, desde que ele nos ajude a progredir.

— E ele está nos ajudando? Acredita que ele tenha feito algo de útil até agora?

— Mas, cara senhora. — Johanson afastou as mãos. — Para uma boa idéia interessa quem a teve?

Oliviera riu.

— Auto-engano de segunda categoria. — Encolheu os ombros. — Pois bem. Ele que faça o que bem entender. Sabe-se lá de que servirá.

## **SEDNA**

Anawak aproximou-se da beira do tanque.

O convés continuava alagado. Viu Delaware e Greywolf nadando na água com as suas roupas de neoprene, tirando os arreios dos golfinhos. O saguão estava tomado pelo barulho. Em direção à popa, um dos submersíveis Deep-flight estava sendo baixado do teto. Roscovitz e Browning supervisionavam o procedimento a partir da mesa de controle. Lentamente o casco plano como um avião espacial desceu, até tocar a superfície e flutuar balançando suavemente. A comporta ao fundo reluzia na água levemente remexida.

Roscovitz olhou para ele.

— Pretendem sair? — gritou Anawak.

—não. — O coordenador da estação de mergulho apontou para o barco. — Esse bebê está com problemas. Alguma coisa no comando vertical.

— Complicado?

— Nada demais, mas é melhor verificar.

— Foi com esse que saímos, não?

—não se preocupe, você não quebrou nada. — Roscovitz riu. — Deve ser um problema com o software. Em algumas horas, estará tudo bem novamente.

Uma torrente de água acertou as pernas de Anawak.

— Ei, Leon! — Delaware riu para ele do tanque. — Está fazendo o quê, aí parado? Entre.

— Boa idéia — achou Greywolf. — Poderia fazer algo de útil.

— Estamos fazendo uma série de coisas úteis lá em cima — respondeu Anawak.

— Sem dúvida. — Greywolf acariciou um dos golfinhos que pressionava o seu corpo contra ele, grasnando baixinho. — Pegue uma das roupas para você.

— Só queria dar um alô.

— Gentil da sua parte. — Greywolf deu um tapinha no golfinho e observou-o enquanto se afastava. — Já deu o alô.

— Novidades?

— Estamos preparando o segundo escalão — disse Delaware. — A MK-6 não registrou nada de anormal, exceto hoje de manhã, quando informaram a presença das orcas.

— E antes dos sistemas eletrônicos as localizarem — comentou Greywolf, orgulhoso.

— É, o seu sonar é...

Anawak foi acertado por uma segunda torrente quando um dos animais atirou-se para cima como um torpedo, molhando-o. Parecia estar se divertindo muito. Grunhia e grasnava, projetando o focinho para fora d'água.

— não se iluda — disse Delaware para o animal, como se ele a entendesse. — Leon não entrará. Ele morreria de frio, porque nem é um verdadeiro inufe, mas sim um metido. Dificilmente é um inu&. Se não há muito tempo já...

— Está bem, está bem! — Anawak ergueu os braços. — Onde está a maldita roupa?

Cinco minutos depois ajudava Delaware e Greywolf a montar as câmeras e os sensores nos animais do segundo escalão. De repente, lembrou-se de quando Delaware o perguntara se era um makah.

— De onde tirou isso? — quis saber. Ela encolheu os ombros.

— Você estava escondendo o jogo. Tinha de ter algo indígena. Ao menos não se parecia com um frísio. Agora que estou mais bem informada... — Seu olhar brilhou. —

..também tenho algo para você.

— Tem algo para mim?

Ela apertou um arreio no tronco de um golfinho.

— Descobri na internet. Achei que fosse gostar. Eu decorei, quer saber o queé?

— É pra já!

— A história do seu mundo! — Suava como acompanhado por toques de fanfarra.

— Minha nossa.

— não lhe interessa?

— Interessa — disse Greywolf. — Leon tem grande interesse pela sua querida terra natal, entretanto jamais confessaria. — Nadou em sua direção, acompanhado por dois golfinhos. Com a roupa recheada, parecia um monstro do mar de médio porte. — Prefere até ser chamado de makah.

— Justo você — comentou Anawak.

— não briguem, crianças. — Delaware deitou-se de costas e deixou-se carregar pela água. — Sabem de onde vêm todas as baleias, golfinhos e focas? Querem saber a verdadeira explicação?

— Diga logo.

— Então, começou há muito tempo, quando os homens e os animais ainda eram uma única coisa. Perto de Arviat vivia uma menina.

Anawak ficou atento. Então foi isso que ela encontrou! Quando criança, ouvira diversas versões dessa história, mas depois ela se perdera juntamente com a sua infância.

— Onde fica Arviat? — quis saber Greywolf.

— Arviat é a cidade ao sul de Nunavut — respondeu Anawak. — O nome da menina era Talilayuk?

— Justamente, chamava-se Talilayuk, era esse o seu nome — prosseguiu Delaware, entusiasmada. — Tinha um belo cabelo, e muitos homens estavam bastante interessados em Talilayuk, mas somente um homem-cão conquistou o seu amor. Talilayuk engravidou e deu à luz crianças inuit e não-inuit, tudo misturado. Até um dia o homem-cão sair para pegar carne e surgir um homem-pássaro num caiaque em frente ao acampamento de Talilayuk. Ele a convidou para entrar no seu barco, e, como é comum, os dois fugiram juntos.

— O de sempre. — Greywolf examinou a objetiva de uma das câmeras. — E quando as baleias entram em cena?

— Calma. Um belo dia o pai de Talilayuk fez uma visita, mas elar havia desaparecido, e o homem-cão estava aos prantos. O velho remou no mar até chegar ao acampamento do homem-pássaro. Reconheceu-a já de longe, sentada diante de uma tenda, e fez o maior escarcéu, dizendo que ela deveria voltar para casa imediatamente. Talilayuk obedeceu e entrou no barco do pai, e eles remaram para casa. Depois de algum tempo, o mar foi ficando agitado. As ondas tornaram-se cada vez mais altas e, de repente, começou uma baita tempestade! Nenhum sinal de terra firme. As ondas quebravam dentro do barco, e o velho começou a sentir medo de afundar. Foi a vingança do pássaro que os atingiu, e o papai pensou, não quero morrer afogado por isso. E, como estava com raiva da filha, culpada de tudo aquilo, pegou Talilayuk e jogou-a dentro d'água. Desesperada, a menina agarrou-se na lateral do barco. O velho gritou, largue, mas Talilayuk segurou ainda mais a balaustrada. E então ele foi tomado pela loucura, pegou um machado e cortou-lhe as falanges distais! Mas assim que tocaram a água, adivinhe... Transformaram-se em narvais, e as unhas, em presas de narvais. Talilayuk não queria soltar, então o velho também lhe cortou as falanges medianas e elas transformaram-se em baleias-brancas e belugas. A menina continuou pendurada na balaustrada. As últimas falanges foram sacrificadas e transformaram-se em focas. Talilayuk não desistiu. De alguma forma, até mesmo com os cotos das mãos ainda conseguiu segurar o barco, e este começou a encher de água. O velho ficou apavorado! Ele atirou-lhe o remo no meio do rosto, arrancou-lhe o olho esquerdo, e finalmente ela soltou-se e afundou nas ondas.

— Costumes rudes.

— Mas Talilayuk não morreu, em todo caso não de verdade. Transformou-se na deusa do mar Sedna e, desde então, reina sobre todos os animais do mar. Atravessa a água com o seu único olho e os cotos dos braços abduzidos, e continua com um belo cabelo que, sem as mãos, infelizmente não tem como pentear. Por isso muitas vezes está bagunçado, donde se vê que ela está zangada.

Entretanto quem consegue pentear e trançar-lhe o cabelo consegue amansar Sedna e, para essas pessoas, ela libera os animais marítimos para a caça.

— Quando eu era pequeno, essa história foi contada várias vezes nas longas noites de inverno, sempre um pouco diferente — disse Anawak baixinho.

— Gostou?

— Gostei de você tê-la contado.

Ela sorriu, satisfeita. Anawak perguntou-se de onde tirara a idéia de desenterrar a velha lenda de Sedna para ele. Parecia-lhe mais do que um simples achado na internet. Ela procurara por algo assim. Era um presente para ele. Uma prova da sua amizade.

De certa forma, estava comovido.

— Tolice. — Greywolf assobiou, chamando o último golfinho que ainda não estava equipado com câmera e hidrofones. — Leon é um homem da ciência. não lhe venha com deusas do mar.

— Sua maldita guerrinha — disse Delaware, balançando a cabeça.

— Além do mais, não foi assim. Querem saber como realmente surgiu tudo? não existia terra. Existia apenas um cacique, que habitava um barraco debaixo d'água. Era um preguiçoso, porque jamais se levantava, mas permanecia deitado de costas para o fogo onde queimavam uns cristais. Vivia totalmente sozinho lá embaixo e chamava-se "O Maravilhoso Feitor". Um belo dia, seu ajudante entrou e disse que os espíritos e as criaturas sobrenaturais não estavam encontrando terra para habitar, e ele deveria honrar o seu nome e fazer alguma coisa. Em resposta, o cacique pegou duas pedras do chão e deu ambas ao ajudante, ordenando-lhe que as jogasse dentro d'água. Ele cumpriu a ordem, e as pedras cresceram, transformando-se nas ilhas Rainha Charlotte e em toda a terra firme.

— Obrigado — disse Anawak, sorridente. — Finalmente uma explicação estritamente científica.

— A história é de um velho ciclo Hayda

HoyáKáganás, as viagens do corvo — disse Greywolf. — Os nootka têm histórias semelhantes. Muitas giram em torno do mar.

Ou você vem dele, ou ele o destruirá.

— Talvez devêssemos prestar mais atenção a elas — opinou Delaware. — Caso a ciência não nos leve adiante.

— Desde quando se interessa por mitos? — espantou-se Anawak.

— É divertido.

— Mas você é ainda mais empírica do que eu.

— E daí? Ao menos os mitos dizem claramente como se vive em paz com a natureza. A quem interessa se é verdade? Você pega algo e devolve algo. Esta é toda a verdade.

Greywolf sorriu e acariciou o golfinho.

— Sendo assim, os problemas estão sob controle, não é, Licia? Apenas precisa demonstrar um empenho físico maior.

— Por que isso?

— Por acaso conheço algumas práticas do mar de Bering. Eles faziam o seguinte

antes de os caçadores saírem para o mar, o lançador de arpão tinha de deitar-se com a filha do capitão para adquirir o cheiro da sua vagina. Somente ele atraía a baleia para perto do barco e amansava-a, de forma que se deixava matar.

— Só vocês homens, mesmo, para pensar numa coisa dessas — disse Delaware.

— Homens, mulheres, baleias... — disse Greywolf, rindo. — Hishuk ish ts'awalk, tudo é uma coisa só.

— Está bem — exclamou Delaware. — Mergulhemos até o fundo do mar, encontremos Sedna e penteemos-lhe o cabelo.

"Tudo é uma coisa só", ecoou na cabeça de Anawak.

Akesuk dissera

não conseguirão resolver esse problema com a ciência, rapaz. Um xamã diria que estão lidando com espíritos, espíritos do mundo vivo que vagueiam nas criaturas. Os quallunaat começaram a destruir a vida. Os espíritos voltaram-se contra eles, a deusa do mar Sedna. Sejam quem forem as suas criaturas no mar, não alcançarão nada se tentarem lutar contra elas. Destruam-nas, e destruirão a si próprios. Compreendam-nas como parte de vocês, e dividirão o

mesmo mundo. É impossível vencer a luta pelo poder.

Aqui nadavam com golfinhos enquanto Roscovitz e Browning consertavam o Deepflight um pouco mais à frente, contando-se velhas lendas de espíritos e deusas do mar. Rindo, nadavam de um lado para o outro e, lentamente, sem perceber, os seus corpos perderam a sua temperatura para a água do mar, apesar do aquecimento e das roupas protetoras.

Como deveriam pentear o cabelo da deusa do mar?

Até hoje as pessoas apenas jogaram tóxicos e lixo atômico em Sedna. Um acidente de petróleo após outro grudava-lhe o cabelo. Sem perguntar, expulsaram os animais e exterminaram muitos deles.

Anawak sentiu o coração bater na água gelada. Estava com frio. Algo lhe dizia que este momento de alegria duraria pouco. Fizera as pazes com tantas coisas, conquistara amigos, sentia-se livre do peso da existência mal-compreendida.

Teve um vago pressentimento de que algo estava acabando naquele instante. Nunca mais tornariam a ficar juntos daquela maneira.

Greywolf controlou a firmeza do arreio no sexto e último animal do escalão e acenou a cabeça, satisfeito.

— Tudo em ordem — disse. — Vamos soltá-los.

## **LABORATÓRIO DE ALTA SEGURANÇA**

— Sou uma besta. Devo ter ficado cega!

Oliviera fitava o monitor em cuja superfície o microscópio de fluorescência transmitia a ampliação da amostra. Em Nanaimo, examinara diversas vezes a substância gelatinosa, ou aquilo que restava dela, depois de terem extraído o troço dos cérebros das baleias. Ela também analisara minuciosamente o pedaço que ficara preso na faca de Anawak durante o mergulho debaixo do Barrier Queen. Entretanto jamais imaginara que, a partir de uma substância em decomposição, chegariam a uma aglomeração de unicelulares.

Chegava a ser constrangedor!

E ela já poderia ter pensado nisso há muito tempo. Mas na histeria em torno das Pfiesteria, todos viam apenas algas assassinas. Nem mesmo Roche percebera que a substância gelatinosa derretida não desaparecera, mas podia ser vista na lâmina do seu microscópio, o tempo inteiro, na forma de organismos unicelulares mortos ou moribundos. No interior das cavaquinhas e caranguejos já tinha de tudo, e tudo se misturara, algas assassinas, substância gelatinosa... e água do mar.

Água do mar!

Talvez Roche tivesse descoberto a composição da substância desconhecida, se uma única gota dela não abrigasse universos de formas de vida. Durante séculos simplesmente não se deu atenção a 99% da vida marinha de tantos peixes mamíferos e crustáceos. Na realidade, não eram os tubarões, baleias e polvos gigantes que dominavam o mar, mas multidões de minúsculos seres microscópicos. Em um litro de água superficial, dezenas de bilhões de vírus moviam-se numa grande confusão, um bilhão de bactérias, cinco milhões de animais unicelulares e um milhão de algas. Até mesmo amostras de águas de profundidades além de seis mil metros escuras e inóspitas, ainda apresentavam milhões de vírus e bactérias. Não havia a menor possibilidade de controlar esse caos. Quanto mais as pesquisas avançavam no cosmo do minúsculo, mais confuso ele se tornava. Água do mar? O que seria isso? Um olhar atento através de um microscópio de fluorescência fazia concluir que se tratava de uma espécie de gel ralo. Uma rede de macromoléculas interligadas atravessava cada gota como pontes penseis. Inúmeras bactérias encontravam o seu nicho ecológico entre feixes de fios, pelezinhas e filmes transparentes. Bastava um mililitro para medir dois quilômetros de moléculas de DNA estendidas, 310 quilômetros de proteínas e 5.600 quilômetros de polissacarídeos. E, em algum lugar ali no meio, escondiam-se os membros de uma forma de vida possivelmente inteligente. Escondiam-se se mostrando como microscópios comuns. Por mais bizarra que se apresentasse a substância gelatinosa, de forma alguma era composta de seres vivos exóticos, mas de simples amebas marinhas.

Oliviera suspirou.

Era óbvio por que Roche não compreendera nada, nem ela mesma, nenhuma das pessoas que analisaram a água na doca seca. Ninguém imaginara que amebas marinhas pudessem formar coletivos que guiavam caranguejos e baleias.

—não pode ser — concluiu Oliviera.

Suas palavras soavam estranhamente sem força. Sem ressonância, ficaram presas debaixo da touca de sua roupa protetora. Novamente comparou os resultados taxonômicos, mas não acrescentou nada ao que já sabia. Era evidente que a substância gelatinosa era composta de uma espécie de ameba. Cientificamente comprovado. Uma espécie que geralmente aparecia abaixo de três mil metros e, às vezes, mais acima, e em quantidades inimagináveis.

— Tolice — chiou Oliviera. — Está de sacanagem comigo, pequena. Fantasiou-se. Parece uma ameba. não acredito em você, não acredito nem um pouco em você! Que diabos você realmente é?

## **DNA**

Após o retorno de Johanson, começaram a isolar, juntos, algumas células da substância gelatinosa. Sem exceção, congelaram e aqueceram as amebas até suas membranas celulares estourarem. Com a adição de proteinase, as moléculas protéicas partiram-se em cadeias de aminoácidos. Misturaram fenol e centrifugaram as amostras, um procedimento trabalhoso e demorado, retiraram destroços

proteínas e restos de membrana celular da solução, realizaram a precipitação química e finalmente obtiveram um líquido pouco claro e aquoso, a chave para a compreensão do organismo desconhecido. Pura solução de DNA.

O segundo passo requereu ainda mais sua paciência. Para decodificar o DNA, precisavam isolar e multiplicar partes dele. O genoma não era legível como um todo por ser muito complexo, então resolveram fazer análises seqüenciais de certos trechos.

Era um trabalhão, e disseram que Rubin estava doente.

— Esse filho-da-puta — xingou Oliviera. — Agora ele realmente poderia ajudar. O que ele tem?

— Enxaqueca — disse Johanson.

— Pelo menos isso. Enxaqueca dói.

Oliviera pipetou as amostras na máquina seqüencial. Levaria algumas horas para realizar todos os cálculos. Nesse ínterim, não podiam fazer nada, então foram enfrentar a chuva ácida do Ártico e saíram, aliviados. Oliviera sugeriu uma pausa para fumar no convés do hangar enquanto a máquina calculava, mas Johanson teve uma idéia melhor. Desapareceu em sua cabine e retornou cinco minutos depois com duas taças e uma garrafa de Bordeaux.

— Vamos — disse.

— Onde conseguiu isso? — espantou-se Oliviera, enquanto subiam a rampa.

— Isto não se consegue — sorriu Johanson. — Isto se traz. Sou mestre em trazer coisas proibidas.

Curiosa, olhou para a garrafa.

— É bom? não entendo muito.

— Um Château Clinet de 1990. Pomerol. Alivia o bolso e a cabeça. Johanson avistou uma caixa metálica próximo a um dos escritórios laterais e

foi até lá. Sentaram-se. não havia ninguém por perto. Do outro lado, o portão que levava para a plataforma a boreste estava aberto e dava visão para o mar. Estava calmo e liso na penumbra da noite polar, coberto por uma fina camada de neblina e geada, sem gelo. Estava frio no hangar, mas depois das muitas horas no laboratório de alta segurança, precisavam urgentemente de ar puro. Johanson tirou a rolha da garrafa, encheu as taças de vinho e tocou a sua taça na dela. Um leve tim perdeu-se na imensidão sombria.

— É bom! — disse Oliviera. Johanson lambeu os beiços.

— Trouxe algumas garrafas para ocasiões especiais — disse.  
— E esta é uma delas.

— Acha que descobriremos o que são esses troços?

— Talvez já tenhamos descoberto.

— OsYrr?

— Pois bem, eis a questão. O que temos ali no tanque? Pode-se imaginar uma inteligência composta de unicelulares? De amebas?

— Considerando a humanidade, às vezes eu me pergunto o que nos diferencia tanto das amebas.

— A complexidade.

— Isso é uma vantagem?

— O que acha?

Oliviera encolheu os ombros.

— O que deve achar uma pessoa que há anos não se dedica a nada além da microbiologia. não tenho uma cadeira acadêmica como você. não troco informações com jovens estudantes enraivecidos, não me pronuncio perante um grande público, não consigo me distanciar de mim mesma. Um rato de laboratório em forma de gente. Talvez tenha uma visão limitada, mas em todos os lugares vejo apenas microorganismos. Estamos na era das bactérias. Há mais de três bilhões de anos não mudaram de forma. Os humanos são uma aparição da moda, mas, quando o sol explodir, os micróbios continuarão existindo em algum lugar. Eles são o verdadeiro sucesso do planeta, não nós. não sei se os humanos têm vantagens sobre as bactérias, mas, se agora ainda por cima comprovarmos que os micróbios são inteligentes, acho que estaremos bastante ferrados.

Johanson tomou um gole da sua taça.

— É, seria fatal. Imagine o que a Igreja teria de explicar aos seus fiéis. Que a criação de Deus não teve o seu ponto alto no sétimo, mas no quinto dia.

— Posso lhe perguntar algo pessoal?

— Claro.

— Como vê tudo isto aqui?

— Enquanto houver alguns Bordeaux raros, não vejo problemas significativos.

— não sente raiva? ??, — De quem?

— Deles lá embaixo.

?. — Devemos resolver esse problema com a raiva?

— De forma alguma, oh, Sócrates! — Oliviera deu um sorriso torto. — Realmente me interessa. Digo, tomaram-lhe o lar.

— Sim. Parte dele.

— não sente muita falta? Da sua casa em Trondheim. Johanson girou o conteúdo da sua taça.

— Menos do que pensava — disse após um longo silêncio. — Claro, era uma casa belíssima, cheia de coisas maravilhosas, mas não continha a minha vida. É surpreendente a facilidade com que nos despedimos de um porão de vinho desses e de uma biblioteca bem selecionada. Além disso, por mais estranho que possa parecer, eu me distanciara em tempo. No dia em que voei para as ilhas Shetland, devo ter me despedido da minha casa, de alguma forma, sem perceber. Tranquei a porta e fui embora, e, na minha cabeça, alguma coisa também se trancara. Pensei, se você tivesse que morrer agora, do que sentiria mais falta? E não era a casa. não essa.

— Existe outra?

— Existe. —Johanson bebeu. — Às margens de um lago no interior. Quando estou ali na varanda, olhando para a água, Sibelius ou Brahms nos ouvidos, um gole deste troço aqui... isso é totalmente diferente. Desse lugar eu realmente sinto falta.

— Parece bonito.

— Sabe por que eu quero sobreviver a tudo isto aqui? Para voltar para lá. — Johanson pegou a garrafa e completou as suas taças. — Precisa ter estado lá e ter visto a estrela d'alva espelhando-se na água. não se esquece disso. Toda a sua existência acaba se fundindo nesse brilho isolado. O universo torna-se permeável para ambos os lados. Uma experiência excepcional, mas que se pode ter apenas sozinho.

— Esteve lá novamente depois da onda?

— Apenas na lembrança.

Oliviera bebeu.

— Tive sorte até agora — disse. —não perdi nada. Os amigos e a família estão bem, continua tudo de pé. — Hesitou e sorriu. — Em compensação, não tenho uma casa no lago.

Teve a impressão de Johanson querer acrescentar alguma coisa. Entretanto apenas girou o vinho na sua taça. Assim ficaram sentados ali, bebendo Bordeaux e observando a neblina sobrevoar o mar.

— Perdi uma amiga — disse Johanson finalmente. Oliviera continuou em silêncio.

— Ela era um pouco complicada. Fazia tudo às pressas. — Ele sorriu. — Estranho, na realidade apenas nos encontramos de verdade depois de desistirmos um do outro. Pois é. Assim é a vida.

— Sinto muito — disse Oliviera baixinho.

Johanson acenou a cabeça. Olhou para ela e, em seguida, para trás dela. Seu olhar adotou algo de rígido. Oliviera franziu a testa e virou a cabeça.

— O que há?

— Eu vi Rubin.

— Onde?

— Ali, do outro lado. — Johanson apontou para a parede no meio do hangar. — Ele entrou ali.

— Entrou? não há nada em que se possa entrar ali.

O final do saguão estava mal-iluminado. Uma parede de vários metros de altura separava o hangar dos conveses posteriores. Oliviera tinha razão. não havia porta alguma ali.

— Será que há algo no vinho? — brincou. Johanson balançou a cabeça.

— Poderia jurar que foi Rubin. Surgiu rapidamente e desapareceu.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Ele nos viu?

— Dificilmente. Estamos sentados num cantinho escuro. Precisaria ter olhado muito bem.

— Vamos perguntar a ele quando voltar a sentir-se melhor. Johanson continuou olhando para a parede. E encolheu os ombros.

— Sim. Perguntaremos.

Quando retornaram ao laboratório, tinham tomado metade da garrafa de Bordeaux, entretanto Oliviera não se sentia nem um

pouco embriagada. De certa forma, o troço não fazia efeito ao ar livre. Sentia-se apenas maravilhosamente leve e maravilhada pela idéia de fazer descobertas fantásticas.

E de fato fizeram.

No laboratório de alta segurança, a máquina terminara o seu serviço. Transferiram o resultado para o computador do lado de fora do laboratório. Várias seqüências de bases surgiram na tela. As pupilas de Oliviera moviam-se em zi-guezague, enquanto as linhas passavam de cima para baixo e, a cada linha, o seu queixo caía um pouco mais.

— não pode ser — disse baixinho.

— O que não pode ser? — Johanson inclinou-se por cima dos seus ombros. E leu. Entre as suas sobrancelhas surgiram duas rugas verticais. — São todos diferentes!

— Isso.

— Impossível! Seres idênticos têm DNA idêntico.

— Seres de uma mesma espécie, sim.

— Mas esses são seres de uma mesma espécie.

— O índice de mutação natural...

— Esqueça isso! — Johanson parecia perplexo. — Está muito além disso.

Seres diferentes, todos eles! Nenhum DNA corresponde exatamente ao outro.

— De qualquer forma, não são amebas comuns.

— não. não há nada de comum com elas.

— E então?

Ele fitou os resultados.

— não sei.

— Nem eu. — Oliviera coçou os olhos. — Só sei de uma coisa. Que ainda tem um resto nesta garrafa. E que me faria bem agora.

## **JOHANSON**

Durante algum tempo, vasculharam os bancos de dados para comparar a análise seqüencial do DNA da substância

gelatinosa com outras análises descritas. Logo de início, Oliviera encontrou o relatório que escreveu no dia em que examinara o troço nas cabeças das baleias. Naquela época, não percebera diferenças nas seqüências dos pares de bases.

— Eu deveria ter examinado mais dessas células — disse, exaltada. Johanson balançou a cabeça.

— Talvez nem assim as teria descoberto.

— Mesmo assim!

— Como poderia imaginar que estamos lidando com fusões de unicelulares. Venha, Sue, não perca tempo com isso. Pense para a frente.

Oliviera suspirou.

— É, tem razão.

Olhou para o relógio.

— Está bem, Sigur. Vá dormir. Basta uma pessoa virar a noite.

— E você?

— Continuarei. Quero saber se esse caos de DNA já foi descrito em outra ocasião.

— Podemos dividir o trabalho.

— De jeito nenhum.

— não me importo.

— Sério, Sígur! Vá descansar. Você precisa do seu sono embelezador, eu não. Quando completei quarenta anos, a natureza me deu rugas e olheiras. não faz diferença se estou desperta ou cansada. Vá, e leve o resto do seu maravilhoso vinho tinto antes que eu perca minha objetividade científica.

Johanson teve a impressão de que ela preferia resolver o assunto sozinha. Naturalmente, ela não tinha motivo algum para culpar-se de alguma coisa, mas talvez fosse melhor deixá-la em paz.

Pegou a garrafa e saiu do laboratório.

Do lado de fora, percebeu que não estava nem um pouco cansado. Além do círculo polar ártico, o tempo perdia-se. A predominante claridade eternizava o dia, interrompido por algumas horas de meia-luz. Naquele momento, o sol se arrastava

imediatamente abaixo do horizonte, escondido dos olhares. Com um pouco de boa vontade, isto podia ser chamado de noite. Psicologicamente falando, a melhor oportunidade para dormir.

Mas Johanson não queria.

Em vez disso, subiu a rampa.

A extensão do gigantesco hangar perdia-se em sombras cubistas. Continuava vazio, não viu ninguém. Olhou para o lugar em que haviam aberto a garrafa e encontrou a caixa escondida na escuridão.

Rubin não teve como vê-los.

Mas ele vira Rubin!

Dormir para quê? Deveria dar mais uma olhada nessa parede.

Para sua decepção e espanto, a inspeção não levou a nada. Andou ao longo dela diversas vezes, passou os dedos sobre as placas de aço fixadas por rebites, sobre canos e caixas, mas aparentemente tivera razão. Provavelmente se enganara. Não havia nada ali, nenhuma porta ou qualquer forma de passagem.

— Mas eu não me engano — disse baixinho para si mesmo.

Seria melhor ir dormir? Mas então o assunto não lhe sairia da cabeça. Talvez devesse perguntar a alguém. Li, por exemplo, ou Peak, Buchanan ou Anderson. Mas e se realmente estivesse enganado?

De certa forma, constrangedor.

Você é um pesquisador, pensou, insistente. Então pesquise.

Sem pressa, retornou à parte traseira do hangar, sentou-se na caixa que servira a ele e a Oliviera como boteco provisório e esperou. O lugar não era ruim. Mesmo que ao final chegasse à conclusão de que colegas com enxaqueca não atravessavam paredes, a vista para o mar tornava o lugar suportável por uns tempos.

Bebeu um gole da garrafa.

O Bordeaux o aqueceu. Suas pálpebras começaram a pesar. A cada minuto, pesavam um grama a mais, até mal conseguir mantê-las abertas. Na realidade, estava mesmo cansado, mas Johanson era uma daquelas pessoas que se recusava a deixar a

natureza dominar seu corpo. Alguma hora, quando já não havia mais nada dentro da garrafa, acabou adormecendo, e sua mente vagou para o mar da Groenlândia coberto de névoa.

Um leve ruído metálico assustou-o.

Inicialmente, não sabia onde estava. E então sentiu a dor na sua lombar forçada contra a parede de aço do hangar. O céu clareara acima do mar. Ergueu-se e olhou para a parede do lado oposto.

Parte dela estava aberta.

Atordoado, Johanson desceu da caixa. Ali se abrira um portão de talvez três metros quadrados. Seu brilho distinguia-se do aço escuro.

Tornou a olhar para a garrafa vazia sobre a caixa.

Estaria sonhando?

Lentamente, começou a andar em direção ao quadrado claro. Ao aproximar-se, viu que ali desembocava um corredor com paredes vazias. Lâmpadas compridas de néon emanavam uma luz fria. Após alguns metros, o corredor chegava a uma parede e dobrava para o lado.

Johanson olhou para dentro e ficou atento.

Do outro lado ouviam-se vozes e ruídos. Inconscientemente, deu um passo para trás. Pensou se não seria melhor desaparecer daqui o mais rápido possível. Afinal, estava num navio de guerra. Alguma função este setor haveria de ter. Algo que não se deveria entregar de bandeja aos civis.

E então lembrou de Rubin.

Não! Caso se afastasse agora, não conseguiria parar de pensar nisso.

Rubin estivera aqui!

Johanson entrou.

## **14 de agosto**

### **HEEREMA, LA PALMA, ILHAS CANÁRIAS**

Bohrmann tentava aproveitar o bom tempo, mas não havia nada para aproveitar. Não com milhões de vermes a quatrocentos metros abaixo de si e bilhões de bactérias que traçavam os seus caminhos através das delicadas ramificações de hidrato do cone vulcânico de La Palma num prazo de tempo assustadoramente curto.

Atravessou a plataforma em direção à torre principal.

A Heerema era uma plataforma semi-submersa e flutuante do tamanho de vários campos de futebol. O convés retangular pousava sobre seis pilares unidos por vigas transversais que saíam de pontões gigantescos. No seco, a plataforma parecia um catamarã superdimensional e robusto. Agora os pontões estavam parcialmente alagados e invisíveis debaixo da superfície d'água. Apenas uma parte dos seis pilares projetava-se para fora das ondas. Com um calado d'água de 21 metros e um deslocamento de mais de cem mil toneladas, a ilha flutuante era extremamente estável. As plataformas semi-submersas suportavam os maçantes mergulhos e batidas até mesmo no mais forte dos temporais. Mas, acima de tudo, eram fáceis de manobrar e relativamente rápidas. Dois propulsores a jato possibilitavam à Heerema uma velocidade de trânsito de sete nós, que, nas últimas semanas, levara-a de Namíbia para La Palma.

Na popa havia uma construção de dois andares que unia alojamentos de tripulantes, messe e cozinha, ponte e sala de controle. A frente erguiam-se dois imensos guindastes. Cada um deles levantava três mil toneladas. Através do guindaste da direita, a tromba sugadora era enviada para baixo, o outro baixava o sistema de iluminação correspondente, uma unidade à parte com câmeras integradas. Quatro pessoas nas salas de comando lá no

alto ocupavam-se estritamente da coordenação e controle da tromba e da ilha de luz.

— Guerraad!

Frost veio correndo de um dos guindastes em sua direção. Bohrmann sugerira-lhe chamá-lo simplesmente de Gerd, mas Frost insistia na pronúncia correta no seu mais perfeito texano. Juntos, entraram na sala de controle escurecida da torre na popa. Lá estavam alguns integrantes da equipe de Frost e técnicos de De Beers, inclusive Jan van Maarten. O coordenador técnico realizara o prometido milagre em pouquíssimo tempo. O primeiro aspirador submarino de vermes estava pronto para ser inaugurado.

— Está bem, pessoal — trovejou Frost enquanto se posicionava atrás dos técnicos. — O senhor esteja conosco. Se isto aqui der certo, enfrentaremos o Havaí. Um robô esteve lá embaixo ontem e encontrou imensas quantidades de vermes na encosta sudeste. Depois perdemos a conexão. Outras ilhas vulcânicas também estão sendo sistematicamente atacadas, exatamente como pensei. Mas não daremos chance ao mal! Vamos tirá-los dali com a nossa tromba. Limparemos o mundo inteiro dessa bicharada!

— Bela idéia — disse Bohrmann baixinho. — Aqui temos uma área limitada. Pretende limpar todo o talude continental americano com essa construção?

— Imagine! — Frost olhou para ele, espantado. — Disse isso apenas para motivá-los.

Bohrmann ergueu as sobrancelhas e voltou a olhar para os monitores. Torcia para que todo o empreendimento desse certo. Ainda que tirassem os vermes ali debaixo, restava a dúvida de quantos consórcios de bactérias já haviam penetrado o gelo. No fundo, estava atormentado pela preocupação de que possivelmente já seria tarde demais para evitar a queda do Cumbre Vieja. De noite, sonhava com uma gigantesca catedral de água que se erguia até as nuvens e se atirava em sua direção através do oceano, e, todas as vezes, acordava encharcado de suor. Mesmo assim, Bohrmann procurava ser otimista. Daria certo. E talvez conseguissem convencer o poder desconhecido a mudar de idéia.

Se os Yrr eram capazes de destruir um talude inteiro, provavelmente também saberiam consertá-lo novamente.

Frost fez mais um discurso ardente contra todos os inimigos da humanidade e elogiou muito a equipe de De Beers. E então fez sinal para baixarem a tromba e a placa de iluminação.

A placa de iluminação era um gigantesco projetor de luz dobrado inúmeras vezes. No momento, pendurada no braço do guindaste sobre as ondas, formava um feixe compacto de vergas e escoras de dez metros de comprimento, e repleta de lâmpadas e objetivas de câmeras. Nesse instante estava sendo baixada e desapareceu no mar, ligada à Heerema através de uma conexão de fibra de vidro. Passados dez minutos, Frost olhou para o visor do ecobatímetro e disse

— Pare.

Van Maarten encaminhou o comando ao piloto.

— Abrir — acrescentou. — Apenas a metade da área. Se não batermos em nada, abrir completamente.

Uma elegante metamorfose realizou-se a quatrocentos metros de profundidade. O feixe desdobrou-se numa construção filigranada. Como as vergas não encontraram resistência, a placa abriu-se completamente, até formar um elemento gradeado da dimensão de meio campo de futebol pendurado lá embaixo.

— Pronto para a ação — comunicou o piloto. Frost deu uma olhada nos instrumentos.

— Devemos estar próximo a uma parede.

— Iluminação e câmeras — ordenou Van Maarten.

Na construção, várias fileiras de fortes lâmpadas de halogênio acenderam-se sucessivamente. As oito câmeras começaram a trabalhar imediatamente e transmitiram um panorama turvo para o monitor. Plâncton atravessava a imagem.

— Aproximar — disse Van Maarten.

A unidade de iluminação avançou lentamente, impulsionada por pequenas hélices manobráveis. Após alguns minutos, uma estrutura escarpada surgiu na escuridão. Ao se aproximarem, transformou-se numa parede de lava negra e bizarra.

— Descer.

A placa continuou descendo. O piloto navegou cautelosamente até o sonar apontar para uma saliência em forma de terraço. Em seguida surgiu uma larga crista extremamente próximo. A superfície estava coberta de corpos trêmulos. Bohrmann fixou os monitores e sentiu-se desanimado. Aqui deparou-se novamente com o pesadelo que o acompanhava desde o colapso do talude continental norueguês. Caso a aparência em todos os lugares fosse igual a estes quarenta metros que a unidade de iluminação estava escaneando na escuridão, poderiam perfeitamente ir embora também.

— Míseros pequenos vermes — rosnou Frost. Chegamos tarde demais, pensou Bohrmann.

E envergonhou-se do seu medo. não podia ter certeza de que os vermes já haviam liberado completamente as suas cargas de bactérias e se chegavam a ser suficientes. Além do mais, havia ainda esse misterioso fator que acabara por desencadear o deslizamento. Ainda não era tarde. Apenas precisariam apressar-se terrivelmente.

— Está bem — disse Frost. — Incline a placa 45 graus e levante-a ligeiramente, para que possamos ver melhor de cima. E depois desçam a tromba. Espero que tenha bastante fome.

— Está com uma fome mortal — disse Van Maarten.

Totalmente projetada para fora, a tromba sugadora chegava a quinhentos metros de profundidade, um monstro segmentado com isolamento de borracha e três metros de diâmetro que terminava numa boca larga. Ao redor da boca havia faróis, duas câmeras e várias hélices manobráveis. A ponta da tromba podia ser guiada por controle remoto para cima e para baixo, para a frente, para trás e para o lado. As imagens das câmeras da placa de iluminação e da tromba eram à cabine do piloto, permitindo uma visão geral do panorama e dos detalhes. Apesar da boa visibilidade, o trabalho com os joysticks exigia destreza um co-piloto para verificar se o piloto não estava deixando de ver algo.

Durante um bom tempo a tromba caiu através da impenetrável escuridão. Os faróis estavam apagados. E então surgiu a unidade de iluminação. Inicialmente apenas um brilho na

escuridão do mar negro, cintilou cada vez mais forte, tomou a sua forma retangular e finalmente definiu-se no terraço do talude. Era tão grande que fez Bohrmann lembrar de uma estação espacial. A mangueira continuou descendo e aproximou-se do alvoroço dos vermes até eles preencherem os monitores. Via-se detalhadamente cada um dos corpos tufados. Moviam-se rapidamente e giravam com suas mandíbulas cheias de dentes projetadas para fora.

A sala de controle foi tomada por um silêncio sufocante.

— Fantástico — sussurrou Van Maarten.

— não me diga que a faxineira está fascinada com a poeira. Ligue logo este aspirador e limpe essa matilha daí.

Na realidade, a tromba era uma bomba sugadora que produzia uma pressão negativa e, com isso, devorava tudo o que entrasse na sua goela. Entretanto, ao iniciar o seu trabalho, não aconteceu nada. Aparentemente a bomba precisava de algum tempo para aquecer. Ao menos era o que Bohrmann esperava que fosse. Os vermes prosseguiram na sua atividade destrutiva sem que acontecesse alguma coisa. Na sala de controle, a decepção começou a espalhar-se. Apesar de ninguém dizer nada, era nítido. Bohrmann continuou fixando os dois monitores das câmeras da tromba e sentiu a desesperança voltar.

Qual seria o motivo? A construção seria comprida demais? A bomba, fraca demais?

Enquanto refletia, ocorreu uma mudança nos monitores. Algo parecia puxar os animais. Suas partes traseiras se ergueram, projetando-se verticalmente para cima, tremeram...

De repente, atiraram-se em direção às câmeras e passaram por elas.

— Está funcionando! — Bohrmann levantou as mãos fechadas em punho. Ao contrário do seu comportamento usual, gritava. Sentiu vontade de dançar por toda a sala e fazer uma estrela.

— Aleluia! — Frost acenou a cabeça energicamente. — É um brinquedo maravilhoso! O senhor, deixai-nos limpar o mundo do mal. Mas que merda também! — Arrancou o boné da cabeça,

passou a mão pelos cachos e vestiu-o novamente. — Vamos acabar com eles!

Mais vermes seguiram. Foram sugados tão rapidamente e em quantidades tão imensas que logo se via apenas um vago chamejar. As câmeras da placa de iluminação também mostravam nitidamente o que acontecia na abertura inferior da tromba sugadora. O sedimento também foi sugado para cima ao turbilhões.

— Mais para a esquerda — disse Bohrmann. — Ou para a direita. Tanto faz apenas continuem.

— Entraremos num lento movimento de ziguezague — sugeriu Van Maarten. — De um lado da zona iluminada para o outro. Assim que tivermos limpado a área visível, avançaremos mais quarenta metros com a placa e a tromba limparemos ali.

— Muito bem! Façam isso.

A tromba começou a mover-se enquanto puxava vermes para dentro de si incessantemente. Por onde passava, a água ficava tão turva que não se reconhecia o fundo.

— Veremos os resultados apenas quando o caldo tiver clareado — disse Van Maarten. Parecia imensamente aliviado. Com um suspiro profundo, livrou-se de toda a tensão das últimas semanas e recostou-se quase relaxado. — Mas acredito que ficaremos bastante satisfeitos.

## **INDEPENDENCE, MAR DA GROENLÂNDIA**

### **DONNNGGG!**

Os sinos de Trondheim numa manhã de domingo. A torre da igreja da Kirke-gata. Iluminada pelo sol, ergue-se em direção ao céu, pequena torre autoconfiante, joga a sua sombra sobre a casinha cor de ocre com telhado de duas águas e escada branca na entrada, e chama a atenção dos ouvidos.

Díng-dong, mundo intacto. Levantar.

Travesseiro sobre a cabeça. Quem permite que uma igreja determine a hora de levantar? Ele, certamente não. Maldita igreja!

Bebeu demais com os colegas e estudantes ontem? Só pode ser.

Donnnngg!

— São oito horas.

O sistema de alto-falantes.

Não havia mais uma Kirkegata paralisada no tempo, nem uma pequena igreja autoconfiante, nenhuma casa ocre. Não eram os sinos de Trondheim que martelavam o seu crânio, e sim uma dor de cabeça desgraçada.

O que acontecera?

Johanson abriu os olhos e viu-se deitado num lençol remexido numa cama estranha. Havia outras camas à sua volta, todas vazias. O quarto era grande,

entupido de aparelhos, sem janelas e de aparência anti-séptica. Uma enfermaria.

Que diabos fazia numa enfermaria?

Sua cabeça levantou e caiu de volta no travesseiro. Os olhos fecharam-se novamente, sozinhos. Tudo era melhor que o estrondo na sua cabeça. E ainda por cima estava enjoado.

— São nove horas.

Johanson sentou-se.

Ainda estava no quarto. Agora já se sentia bem melhor. O enjôo passara, e a dor penetrante transformara-se numa dor surda, mas suportável.

Apenas continuava sem saber como viera parar aqui.

Olhou para o seu corpo. Camisa, calça, meias, tudo da última noite. O casaco e o pulôver estavam na cama ao lado e, à sua frente, no chão, os sapatos cuidadosamente colocados lado a lado.

Jogou as pernas para fora da cama.

Imediatamente abriu-se uma porta, e Sid Angeli, o coordenador médico, entrou. Angeli era um pequeno italiano de coroinha e fortes rugas nos cantos da boca cujo trabalho era o menos interessante do navio, porque ninguém adoecia. Isso parecia ter mudado há pouco.

— Como está? — Angeli inclinou a cabeça para o lado. — Tudo bem?

—não sei. — Johanson pôs a mão na nuca e estremeceu fortemente.

— Doerá por mais algum tempo — disse Angeli. —não se preocupe. Poderia ter sido pior.

— Mas o que aconteceu?

—não se lembra de nada?

Johanson refletiu, mas a reflexão apenas trazia a dor de volta.

— Acho que duas aspirinas me fariam bem — suspirou.

—não sabe o que ocorreu?

—não faço a menor idéia.

Angeli aproximou-se e olhou para o seu rosto, examinando-o.

— Pois bem. Encontraram-no no convés do hangar esta noite. Deve ter escorregado. Sorte que aqui é tudo controlado por vídeo, se não ainda estaria ali. Provavelmente caiu num escoramento do chão com a nuca e a parte traseira da cabeça.

— Convés do hangar?

— Isso. não se lembra mais?

Claro, estivera no convés do hangar. Com Oliviera. E novamente mais tarde, sozinho. Lembrou-se de que retornara para lá, mas não do motivo. E muito menos do que acontecera.

— Poderia ter terminado mal — disse Angeli. — O senhor... bem... por acaso não bebeu algo ali?

— Se eu bebi?

— A garrafa vazia. Havia uma garrafa vazia ali. A Srta. Oliviera disse que beberam alguma coisa juntos ali. —Angeli afastou os dedos. —não me entenda errado, doutor, não há problema algum nisso. Mas porta-aviões são locais perigosos. Úmidos e escuros. Pode-se tropeçar ou cair no mar. Melhor não ir sozinho para o convés, principalmente quando... bem...

— Quando se bebeu — acrescentou Johanson. Levantou-se e sentiu uma forte vertigem. Angeli reagiu rapidamente e pegou-o pelo cotovelo.

— Obrigado, estou bem. —Johanson livrou-se das suas mãos. —Aliás, que lugar é este?

— É a enfermaria. Está tudo bem?

— Se me desse uma aspirina...

Angeli foi até um armário branco e retirou um pacote de comprimidos para dor.

— Aqui está. É apenas uma forte contusão. Logo estará melhor.

— Tudo bem. Obrigado.

— Está realmente bem?

— Sim.

— E não se lembra de nada?

— Não, diabos.

— Va bene. — Angeli abriu um largo sorriso. — Comece o dia devagar, doutor. E, se tiver algum problema, não hesite em me procurar.

## **SALA DE REUNIÕES DOS OFICIAIS**

— Regiões hipervariáveis? não estou entendendo nada.

Vanderbilt tentava acompanhar a conversa. Oliviera percebeu que corria o risco de sobrecarregar os ouvintes. Peak estava visivelmente irritado. Li não deixava transparecer nada, mas era de recear que sua palestra sobre genética estivesse indo além dos seus conhecimentos de genética.

Johanson estava sentado no meio deles como um fantasma. Chegara atrasado, assim como Rubin, que se sentara murmurando, sem jeito, desculpando-se por sua falha. Ao contrário de Rubin, Johanson realmente estava com uma aparência ruim. Seu olhar flamejava. Olhava à sua volta como se precisasse certificar-se a cada instante de que as pessoas presentes eram reais, e não fruto da sua imaginação. Oliviera decidiu conversar com ele depois da reunião.

— Tomemos, por exemplo, uma célula humana normal — disse ela. — Na realidade, não passa de um saco cheio de informações com uma membrana em volta. O núcleo envolve os cromossomos, a soma total dos genes. Juntos, formam o genoma ou DNA, esta hélice dupla em espiral, todos conhecem. Em outras

palavras, o nosso molde. Quanto mais desenvolvido um organismo, mais diferenciado é esse molde. Com base numa análise de DNA, é possível encontrar um assassino ou esclarecer relações familiares, mas, de modo geral, o molde é o mesmo para todas as pessoas

pés, pernas, tronco, braços, mãos, e por aí fora. Ou seja, a análise de um DNA individual nos fornece duas informações. No âmbito geral

trata-se da espécie humana. No detalhe de que pessoa se trata.

Identificou interesse e compreensão no rosto dos outros. Aparentemente, fora uma boa idéia começar com um curso básico de genética.

— Naturalmente, duas pessoas são geneticamente mais diferentes do que dois unicelulares de uma mesma espécie. Estatisticamente falando, o meu DNA apresenta cerca de um milhão de pequenas diferenças se comparado ao de qualquer outra pessoa na sala. Todos os 1.200 pares de bases diferenciam os seres humanos uns dos outros. Por outro lado, ao examinar as células de uma mesma pessoa, também se encontram pequenas diferenças, variações bioquímicas do DNA geradas por mutações. Portanto, os resultados das análises da minha mão esquerda e do meu fígado são diferentes. Entretanto cada uma delas diz claramente

trata-se de Sue Oliviera. — Fez uma pausa. — Quanto aos unicelulares, essas questões são menos relevantes. Há apenas uma célula. Todo o ser consiste nela. Portanto também existe apenas um genoma, e, como os unicelulares pro-criam-se através da divisão celular, e não da cópula, os cromossomos de mamãe e papai também não se misturam, mas o ser duplica-se com todas as suas informações genéticas, e pronto.

— Quer dizer, quanto aos unicelulares, que basta conhecer um DNA para conhecer todos — disse Peak de um jeito que parecia estar se equilibrando sobre uma corda bamba.

— Isso. — Oliviera sorriu para ele. — Seria natural. Uma população de unicelulares é caracterizada por genomas praticamente idênticos. Desconsiderando uma pequena taxa de mutação, o DNA de todos os indivíduos é igual.

Percebeu que Rubin começou a escorregar nervosamente de um lado para o outro na sua cadeira, abrindo e fechando a boca. Normalmente, no máximo aqui teria tentado puxar o discurso para si. Lamentável, pensou Oliviera, satisfeita, que você tenha ficado de cama com enxaqueca. Para variar, não sabe o que nós sabemos. Deve calar a boca e prestar atenção.

— Mas é exatamente aqui que começa o nosso problema — prosseguiu. — A primeira vista, as células da substância gelatinosa parecem idênticas. São amebas, como as que encontramos no fundo do oceano. Sequer muito exóticas. Para descrever todo o seu DNA, seria preciso deixar diversos computadores calculando durante dois anos, portanto restringimo-nos a provas de amostragem. Isolamos pequenos trechos do DNA e obtivemos parte do código genético o chamados amplicons. Cada amplicon apresenta uma série de pares de bases vocabulário genético. Analisando os amplicons do mesmo trecho do DNA de indivíduos diferentes e comparando-os entre si, obtivemos informações interessantes. Os amplicons de diferentes unicelulares da mesma população, por exemplo, deveriam apresentar a mesma seqüência.

Levantou a impressão que ampliara para a reunião.

A1

AATGCCAATTCCATAGGATTAATCGA A2

AATGCCAATTCCATAGGATTAATCGA A3

AATGCCAATTCCATAGGATTAATCGA

,; A4

AATGCCAATTCCATAGGATTAATCGA

— Como podem ver, as seqüências analisadas são totalmente idênticas. Quatro unicelulares idênticos. — Pôs a folha de lado e apontou para uma segunda. — Entretanto obtivemos isto daqui.

A1

AATGCCACGATGCTACCTGAAATCGA f

A2

AATGCCAATTCCATACGATTAATCGA A3

AATGCCAGGAAATTACCCGAAATCGA A4

AATGCCATTTGGAACAAATAATCGA

— Estas são as seqüências de bases dos amplicons de quatro indivíduos da nossa espécie gelatinosa. O DNA é idêntico, exceto pequenas regiões hipervariáveis onde a confusão é total. Nenhuma correlação. Examinamos dezenas de células. Algumas diferem apenas um pouco dentro das zonas hipervariáveis, outras são completamente diferentes. A mutação natural não explica isso. Em outras palavras

não pode ser coincidência.

— Talvez sejam espécies diferentes — disse Anawak.

— não. É definitivamente a mesma espécie. E, definitivamente, nenhum ser vivo é capaz de alterar o seu código genético em vida. Esse molde vem sempre primeiro. Somente então começa a fabricação, e o que já foi fabricado só pode ser proveniente desse molde e de nenhum outro.

Durante muito tempo, ninguém disse nada.

— Se, apesar disso, as células são diferentes — disse Anawak —, devem ter encontrado uma forma de modificar o seu DNA após a sua divisão.

— Mas com que propósito? — perguntou Delaware.

— Humanos — disse Vanderbilt. — Humanos?

— Será que estamos todos cegos? Segundo a Dra. Oliviera, que é especialista no assunto, a natureza não faz uma coisa dessas, e também não ouço nenhum protesto do Dr. Johanson. Então quem tem miolos suficientes para pensar numa coisa dessas, hein? Esse troço é uma arma biológica. Apenas os humanos são capazes de uma coisa dessas.

— Protesto — disse Johanson. Passou a mão no cabelo. — não faz sentido, Jack. A vantagem de armas biológicas é que basta uma receita básica. O resto é reprodução...

— Mas pode ser vantajoso os vírus sofrerem mutações, não? O vírus da Aids vive mutando. Quando se acredita ter descoberto um antídoto, já se transformou novamente.

— Mas isso é diferente. Aqui temos um superorganismo, não uma infecção virótica. Deve haver outro motivo para serem diferentes. Alguma coisa acontece com o seu DNA após a divisão.

São codificados de forma variada. A quem interessa quem é responsável por isso? Precisamos descobrir o sentido disso.

— O sentido é matar todos nós! — disse Vanderbilt, irritado.  
— Esse troço deve destruir o mundo livre.

— Está bem — rosnou Johanson. — Então dê um tiro nele. Devemos verificar se são células muçulmanas? Talvez o seu DNA seja islâmico fundamentalista. Legitimaria tudo.

Vanderbilt arregalou os olhos para ele.

— De que lado está, afinal?

— Do lado da compreensão.

— Compreende também por que caiu de cabeça ontem à noite?—Vanderbilt deu um sorriso irônico. — Depois de beber uma garrafa de Bordeaux, diga-se de passagem. Como se sente, doutor? Dor de cabeça? Por que não cala a sua boca um pouco?

— Para que o senhor não tenha a oportunidade de abrir tanto a sua. Vanderbilt ficou ofegante. Ele suava. Li observou-o de lado, com ironia, e

inclinou-se para a frente.

— Disse que são codificações diferentes, correto?

— Correto — afirmou Oliviera.

—não sou cientista. Mas não seria possível que a codificação tenha a mesma finalidade dos códigos humanos? Códigos de guerra, por exemplo.

— Sim — concordou Oliviera. — É uma possibilidade.

— Códigos para reconhecerem uns aos outros.

Weaver escreveu alguma coisa numa folha de papel e empurrou-a para Anawak. Ele leu, acenou a cabeça rapidamente e pôs de lado novamente.

— Com que propósito deveriam reconhecer uns aos outros?  
— perguntou Rubin. — E por que de forma tão complicada?

— Acho que é óbvio — disse Crowe.

Por um instante, ouviu-se apenas o barulho do celofane que retirou do maço de cigarros.

— E o que acredita que seja? — perguntou Li.

— Acredito que sirva à comunicação — disse Crowe. — Essas células comunicam-se umas com as outras. É uma forma de

diálogo.

— Quer dizer que esse troço... — Greywolf arregalou os olhos para ela. Crowe aproximou a chama do isqueiro ao cigarro, deu um trago e soprou a fumaça.

— Trocam informações. Exatamente.

## **RAMPA**

— O que houve ontem à noite? — perguntou Oliviera enquanto desciam para o laboratório.

Johanson encolheu os ombros.

— não faço a menor idéia.

— E como se sente agora?

— Estranho. A dor de cabeça melhorou, mas estou com um lapso de memória do tamanho de um convés de hangar.

— Maldita coincidência, não? — Rubin virou-se sem parar de andar e mostrou os dentes. — Agora estamos os dois com dor de cabeça. Os dois! Meu Deus, estava me sentindo tão mal que sequer consegui dar uma satisfação. Desculpe-me realmente, mas quando ela me derruba assim... Bum! Cama!

Oliviera olhou para Rubin com expressão indefinida,

— Enxaqueca?

— Sim. Terrível! Vem e vai. não costumo ter muita, mas quando vem é tarde demais. Aí só adianta remédio para dentro e luz apagada.

— Dormiu até hoje de manhã?

— Claro. — Rubin deu um olhar de culpado. — Sinto muito. Mas perde-se todo o controle, é sério. Se não, teria aparecido novamente.

— E não apareceu?

A pergunta soou estranha. Rubin sorriu, irritado.

— não.

— Tem certeza?

— Eu deveria saber.

Na cabeça de Johanson deu um clique. Como um projetor de slides quebrado O trilho tentava pegar o slide e escorregava.

Para que Oliviera estava fazendo essas perguntas?

Pararam diante da porta do laboratório, e Rubin digitou o código numérico. A porta abriu-se. Enquanto ele entrava e acendia a luz, Oliviera disse baixinho para Johanson

— Ei, o que há? Você tinha certeza de tê-lo visto ontem à noite

Johanson arregalou os olhos para ela.

— Eu tinha o quê?

— Quando estávamos tomando vinho, sentados na caixa e esperando a máquina seqüencial terminar o seu trabalho — sussurrou Oliviera. — Disse que o viu.

Clique. O trilho tentou pegar o slide. Clique.

Tinha a impressão de a cabeça estar cheia de algodão. Tomaram vinho, disse ele se lembrava. E conversaram. E então ele... vira o quê? Clique. Oliviera ergueu uma sobrancelha.

— Minha nossa — disse ao entrar. — Você está mal, mesmo! hein?

## **COMPUTADOR NEURONAL**

Estavam diante do computador de Weaver no CIU.

— Preste atenção — explicou ela.

— Essa história da codificação é um ponto de partida completamente novo.

Anawak acenou a cabeça.

— As células não são todas iguais. não são como neurônios.

— E não se trata apenas do modo como são interligadas. Se o seu DNA apresenta seqüências codificadas, é possível que a chave para a fusão esteja justamente ali.

— não. A fusão deve ser desencadeada de outra forma. Algo com efeito fino.

— Ontem chegamos em odor.

— Está bem — disse Anawak. — Tente isso. Programe-as para exalarem uma substância de forte odor que sinalize "fundir".

Weaver refletiu. Ligou para o laboratório pelo telefone de bordo. ?— Sigur? Olá! Estamos trabalhando na simulação. Vocês já

tiveram alguma ideia de como elas poderiam fundir-se umas às outras? — Prestou atenção durante um tempo. — Exatamente. — Tentaremos fazer isso. — Está bem. Mantenha-me informada.

— O que ele acha? — quis saber Anawak.

— Estão tentando um teste de fases. Querem fazer com que a substância gelatinosa se dissolva e volte a fundir-se.

— Então também acreditam que as células exalem um odor?

— Sim. — Weaver franziu a testa. — A questão é qual célula inicia o processo? E por quê? Se há uma reação em cadeia, alguém precisa tê-la desencadeado.

— Um programa genético. — Anawak acenou a cabeça. — Apenas algumas células podem desencadear a fusão.

— Uma parte do cérebro com mais habilidades que outras... — fantasiou Weaver. — Sugestivo. Mesmo assim, ainda não é tudo.

— Espere! Talvez ainda estejamos no caminho errado. Quer dizer, estamos partindo do princípio de que essas células, juntas, formam um grande cérebro.

— Estou convicta disso.

— Eu também. Mas ainda agora me veio à cabeça que...

— O quê?

Anawak refletiu intensamente.

— Também não acha estranho serem diferentes umas das outras? Ocorre-me apenas um motivo para tal codificação. Alguém programa o seu DNA para que possam assumir funções específicas. Mas se isso for verdade, então cada uma dessas células seria um cérebro à parte. — Continuou refletindo. Seria fantástico! E não fazia a menor idéia de como funcionaria. — Significaria que o DNA de cada célula é o cérebro.

— Um DNA pensante?

— De certa forma, sim.

— Então também seria capaz de aprender. — Olhou para ele, em pura dúvida. — Estou disposta a acreditar em muita coisa, mas nisso?

Ela tinha razão. Era surreal. A consequência seria uma bioquímica totalmente inédita. Algo que não existia. Mas e se

funcionasse...

— Recapitulando, como um computador neuronal aprende?  
— perguntou.

— Através de cálculos simultâneos cada vez mais complexos. Com a experiência, cresce o número de alternativas de ação.

— E como memoriza isso tudo?

— Ele grava.

— Para isso, cada unidade precisa ter espaço de memória disponível. E então, através da interligação dos espaços de memória, surge o pensamento artificial.

— Aonde pretende chegar?

Anawak explicou. Ela prestou atenção, balançou a cabeça de tempos em tempos e pediu-lhe que explicasse uma segunda vez.

— Você está virando a biologia pelo avesso, se é que posso dizer isso.

— Estou. Mesmo assim, pode programar algo que funcione de forma parecida?

— Meu Deus.

— Em pequena escala talvez.

— Em pequena escala, continua sendo bastante grande.

Caramba, Leon! Que teoria absurda. Mas está bem. Está bem! Eu faço.

Esticou os braços bronzeados do sol. No antebraço brilhavam pêlos dourados. A musculatura esticou-se debaixo do tecido da sua camiseta. Anawak pensou o quanto gostava dessa menina compacta de ombros largos.

No mesmo instante, ela olhou para ele.

— Mas isso terá um custo — disse em tom de ameaça.

— Diga.

— Ombros e costas. Massagem relaxante. — Sorriu. — E já. Enquanto eu programo.

Anawak ficou impressionado. Totalmente descarada e espontânea. Fizesse ou não sentido a sua teoria, em todo caso valera a pena tê-la expressado.

## RUBIN

Subiram para almoçar no refeitório dos oficiais. Johanson sentia-se visivelmente melhor e, além do mais, entendia-se maravilhosamente bem com Oliviera.

Ambos não expressaram muita tristeza quando Rubin lhes explicou que, depois da crise de enxaqueca, perdera a fome.

— Vou passear no teto — disse ele, com um olhar de cão sem dono.

— Cuidado — disse Johanson, abrindo um sorriso. — É fácil escorregar por aqui.

— não se preocupe — disse Rubin, rindo. E pensou se soubesse o quanto tomo cuidado o tempo todo, ficaria boquiaberto. — Manterei distância da borda.

— Ainda precisamos de você, Mick.

— Mais ou menos — ouviu Oliviera dizer baixinho ao afastar-se com Johanson.

Mais ou menos?

Rubin fechou as mãos em punho. Que falassem mal, todos eles. No final, ele receberia o que merecia. O mérito por ter salvado a humanidade seria seu. Esperara bastante tempo para sair da sombra da CIA. Uma vez resolvido este assunto, não haveria mais motivo para omitir seu trabalho ao mundo. Qualquer segredo tornar-se-ia supérfluo. Poderia publicar o que bem entendesse, carregado pelo reconhecimento de todos.

Seu humor melhorou enquanto subia a rampa. No NÍVEL 03 entrou num corredor lateral e chegou a uma porta estreita trancada. Digitou um código numérico. A porta abriu-se, e Rubin entrou no corredor atrás dela. Foi até o final onde se deparou com outra porta trancada. Desta vez, ao digitar o código, uma luz verde piscou. Acima havia uma objetiva embutida por detrás de uma placa de vidro. Rubin aproximou-se dela e olhou com o olho direito para dentro da lente que escaneou sua retina e enviou um ok ao sistema.

Após autorização, essa porta também se abriu para ele. Entrou numa grande sala pouco iluminada, cheia de computadores e monitores, muito parecida com o CIC. Pessoas uniformizadas e civis estavam sentadas nos painéis de comando. Um zumbido contínuo agitava o ar. Li, Vanderbilt e Peak estavam reunidos em torno de uma grande mesa de navegação iluminada por dentro.

Peak ergueu o olhar.

— Entre — disse.

Rubin aproximou-se. De repente sentiu sua autoconfiança perder a força. Desde a noite haviam apenas telefonado e trocado breves informações. O tom fora objetivo. Agora tornara-se frio.

Rubin decidiu atacar de frente.

— Estamos progredindo bem — disse. — Estamos sempre um passo à frente e...

— Sente-se — disse Vanderbilt.

Apontou brevemente para uma cadeira do lado oposto da mesa. Rubin obedeceu. Os outros três ficaram de pé, o que o fez assumir um papel que não lhe agradava. Sentia-se como num tribunal.

— O que aconteceu na noite passada foi uma infelicidade — acrescentou.

— Infelicidade? — Vanderbilt apoiou as mãos fechadas em punho sobre a mesa. — Seu idiota. Em outras circunstâncias, eu o jogaria ao mar.

— Espere, eu...

— Por que precisou espancá-lo?

— O que poderia ter feito?

— Prestar atenção. Sua besta! Sequer deixá-lo entrar.

— Essa não foi uma falha minha — exaltou-se Rubin. — É o seu pessoal que verifica quem coça o traseiro enquanto dorme!

— Por que abriu a maldita escotilha?

— Porque... bem, eu pensei que talvez precisássemos... havia um raciocínio quanto...

— O quê?

— Preste atenção, Rubin — disse Peak. — A escotilha do convés do hangar tem apenas uma única função, e sabe disso muito

bem. Entrada e saída de material volumoso. — Seus olhos fuzilavam. — Então, o que pretendia fazer de tão importante para abrir a escotilha?

Rubin mordeu o lábio.

— Simplesmente foi preguiçoso demais para pegar o caminho por dentro do navio, eis a questão.

— Como pode dizer isso?

— Porque é verdade. — Li deu a volta à mesa e sentou-se no canto, em frente a Rubin. Lançou um olhar indulgente, quase gentil para ele. — Disse aos outros que iria tomar um pouco de ar.

Rubin desmontou em sua cadeira. Claro que dissera isso. E claro que os sistemas de controle gravaram.

— E, mais tarde, foi novamente tomar ar.

— não parecia ter ninguém no convés — defendeu-se. — E o seu pessoal não informou nada contrário.

— Como, também, Mick? O controle não informou nada porque não foi solicitado. Mas você tem a obrigação de pedir autorização para abrir a escotilha. isso não aconteceu duas vezes seguidas. não tinham como informá-lo.

— Sinto muito — murmurou Rubin.

— Para ser franca, aqui em cima as coisas também não correram como planejadas. Ninguém acompanhou o segundo passeio de Johanson para o convés do hangar. Além do mais, ao preparar a missão cometemos o erro de não instalar um sistema de interceptação completo. não sabemos, por exemplo, o que Oliviera e Johanson conversaram durante sua festinha particular no convés do hangar e, infelizmente, também não temos como interceptar as conversas na rampa e no teto. Mas nada disso muda o fato de você ter-se comportado como o maior dos idiotas.

— Prometo que não acontecerá mais...

— Você é um fator de risco, Mick. Um filho-da-puta sem cérebro. E mesmo que eu não concorde sempre com Jack, eu o jogarei ao mar se isso se repetir uma única vez. Atrairi pessoalmente alguns tubarões para a ocasião e assistirei com alegria como lhe arrancarão o coração. Entendeu? Eu o matarei.

Os olhos azuis-piscina de Li continuavam expressando simpatia, mas Rubin desconfiou de que não hesitaria um segundo em transformar sua ameaça em realidade.

Essa mulher o assustava.

— Vejo que compreendeu. — Li deu-lhe um tapa nas costas e aproximou-se novamente dos outros. — Está bem, redução da pena. A droga está fazendo efeito?

— Injetamos dez mililitros em Johanson — disse Peak. — Mais do que isso teria acabado com ele e não podemos nos dar esse luxo agora. O troço age como uma borracha no cérebro, mas não nos garante que não volte a se lembrar.

— Qual o tamanho do risco?

— Difícil dizer. Uma palavra, uma cor, um cheiro... Se o cérebro encontrar uma relação, pode reconstruir tudo.

— O risco é, inclusive, bastante grande — rosnou Vanderbilt. — Até hoje não descobrimos uma droga que reprima lembranças em todos os casos. Sabemos muito pouco sobre o funcionamento do cérebro.

— Então precisamos observá-lo — disse Li. — O que acha, Mick? Quanto tempo acha que ainda precisaremos de Johanson?

— Oh, estamos bastante adiantados — disse Rubin prontamente. Agora poderia melhorar as coisas para o seu lado. — Weaver e Anawak tiveram a idéia de uma fusão por meio de ferormônios. Oliviera e Johanson também chegaram à possibilidade de um odor. Hoje à tarde realizaremos testes de fases para comprovar isso. Caso a fusão realmente ocorra através de um odor, teremos uma maneira de chegar rapidamente ao nosso objetivo.

— Caso. Talvez. Poderia. Quem sabe — bufou Vanderbilt. — Quando terá esse maldito antídoto?

— Isso é pesquisa, Jack — disse Rubin. — Na época ninguém se sentou no colo de Alexander Fleming e perguntou quanto tempo levaria para descobrir a penicilina.

Vanderbilt ia responder, quando uma mulher se levantou da sua mesa e veio em sua direção.

— Decodificaram o sinal no CIC — disse. — Scratch?

— Ao que parece, sim. Crowe disse a Shankar que decodificasse.

Li olhou para a mesa de controle onde entravam as conversas e imagens do~ CID. Viam-se Shankar, Crowe e Anawak do ângulo da câmera do teto, conversando. E agora Weaver também se aproximava.

— Então receberemos a notícia logo, logo — disse. — Então. Finjam muita surpresa, meus senhores.

## **CENTRO DE INFORMAÇÕES DE COMBATE**

Todos rodearam Crowe e Shankar para ver a resposta. não mais em forma de espectrograma, mas como conversão óptica do sinal que haviam recebido na véspera.

— É uma resposta? — perguntou Li.

— Boa pergunta — disse Crowe.

— Afinal, o que é o Scratch? — quis saber Greywolf, que acabara de chegar, acompanhado por Delaware. — Um idioma?

— O Scratch talvez seja, mas certamente não o modo como foi codificado

desta vez — explicou Shankar. — É o mesmo com a mensagem de Arecibo. Ninguém na Terra comunica-se através de códigos binários. Na realidade, não fomos nós que enviamos uma mensagem ao espaço, mas nosso computador.

— O que conseguimos descobrir — disse Crowe — é a estrutura do Scratch. Porque lembra uma agulha arranhando um disco. É um staccato na zona de baixa frequência capaz de atravessar um oceano inteiro. Ondas de baixa frequência percorrem distâncias maiores. Ainda mais um staccato extremamente rápido. O problema com o infra-som é que precisamos acelerar inúmeras vezes os sons abaixo de cem Hertz para torná-los audíveis, o que aceleraria ainda mais o staccato. Entretanto a chave para a compreensão é a desaceleração.

— Precisamos esticá-lo — disse Shankar — para conseguir diferenciar os detalhes. Então o desaceleramos extremamente, até

o som de arranho transformar-se numa seqüência de impulsos individuais de duração e intensidade variáveis.

— Parece um alfabeto Morse — disse Weaver.

— E é mais ou menos como parece funcionar.

— E como representam isso? — perguntou Li. — Através de um espec-trograma?

— Por um lado. Mas não basta. Quando se trata de ouvir, o melhor é realmente ouvir algo. Para isso, utilizamo-nos de um truque, similar às imagens de satélites, onde os registros de radar tornam-se visíveis através de cores falsas. Neste caso, substituímos cada sinal, considerando o seu comprimento e intensidade, por uma freqüência que podemos ouvir. Quando o original apresenta diferentes amplitudes, também transcrevemos. Foi assim que fizemos com o Scratch. — Crowe teclou um comando. — O que recebemos agora soa assim.

Os sons lembravam um tambor batido debaixo d'água. Seguiam-se rapidamente, quase rápido demais para serem distinguidos, mas era nitidamente uma seqüência diferenciada de impulsos de volume e tempo variados.

— De fato soa como um código — disse Anawak. — O que significa?

— não sabemos.

— não sabem? — perguntou Vanderbilt. — Pensei que tivessem decodificado?

— não sabemos que língua é — disse Crowe pacientemente —, se for falada em circunstâncias normais. não fazemos a menor idéia do que os sinais Scratch até hoje registrados significam. Mas isso não importa. — Exalou fumaça pelas narinas. — Temos algo muito melhor, fizemos contato. Murray, mostre-lhes primeira parte.

Shankar clicou numa imagem do computador. Ela cobriu a tela com infinita linhas de números. Várias fileiras eram idênticas.

— Como se lembram, enviamos alguns deveres de casa para o fundo do mar — disse Shankar. — Trabalhos de matemática. Como num teste de inteligência. Tratava-se de dar continuidade a séries decimais, decifrar logaritmos completar elementos ausentes.

Na melhor das hipóteses, pensamos, esses caras lá embaixo acharão divertido e nos enviarão a resposta, sinalizando-nos

Nós ouvimos vocês. Nós estamos aqui. Nós entendemos a matemática e sabemos lidar com ela. — Ele apontou para as linhas de números. — Eis os resultados. Nota 10, excelente. Responderam a todas as questões corretamente.

— Minha nossa — sussurrou Weaver.

— Isso demonstra duas coisas — disse Crowe. — Por um lado, o Scratch de fato é uma espécie de idioma. É bem provável que os sinais Scratch contêm informações complexas. Por outro lado — e isto é decisivo! — comprova que são capazes de adaptar o Scratch a ponto de fazer sentido para nós. Eis um trabalho de primeira categoria. Demonstra que não ficam para trás em nada. não apenas sabem decodificar, como ainda codificar.

Durante algum tempo, todos apenas fitaram as fileiras de números. Entre a perplexidade e o atordoamento, reinava o silêncio.

— Mas o que exatamente comprova? — perguntou Johanson, interrompendo o silêncio.

— Mas é óbvio — respondeu Delaware. — Que há alguém ali que pense e responda.

— Sim, mas um computador não poderia nos dar as mesmas respostas?

— Está sugerindo que estamos nos comunicando com um computador?

— Ele tem razão — disse Anawak. — Demonstra que alguém fez direitinho os seus deveres de matemática. É extremamente impressionante, mas não chega a ser uma prova da existência de vida autoconsciente e inteligente.

— Mas quem nos daria tais respostas? — perguntou Greywolf, atônito. — Cavalas?

— Tolice, não. Mas reflita. O que estamos observando aqui é o domínio do emprego de símbolos. isso não comprova a existência de uma inteligência desenvolvida. Um camaleão, digamos assim, realiza uma performance matemática altamente complexa ao adaptar-se ao seu ambiente. De fato, sequer percebe

isso. Alguém que não saiba o quão inteligente é um camaleão poderia chegar à conclusão de que seja muito inteligente, já que consegue dominar um programa que hoje transforma sua superfície numa floresta e, amanhã, numa parede de pedra. Atribuiria uma grande capacidade de percepção a ele por, digamos assim, decifrar o código do seu ambiente, e um procedimento criativo por conseguir sintonizar o seu próprio código com o outro.

— Então, o que temos aqui? — perguntou Delaware, perplexa. Parecia decepcionada.

Crowe sorriu.

— Leon tem razão — disse. — A manipulação de símbolos não nos permite dizer que os símbolos também foram compreendidos. O verdadeiro raciocínio e a criatividade manifestam-se através da capacidade de imaginação e do conhecimento acerca das correlações no mundo real. Da compreensão profunda. Uma calculadora, por melhor que seja, não sabe lidar com a regra geral, nem agir contra a lógica, tampouco se preocupa com o ambiente em que está inserida e não faz experiências. Acredito que os Yrr também tenham dito isso a si mesmos ao formular a resposta. Procuraram algo que nos mostrasse sua profunda capacidade de compreensão. — Crowe apontou para a imagem no computador. — Eis os resultados das duas questões matemáticas. Se olharem bem, verão que a primeira resposta aparece 11 vezes, seguidas por três vezes a segunda resposta, uma vez a primeira resposta, novamente nove vezes a resposta dois, e por aí afora. A certa altura, a resposta dois é repetida quase trinta mil vezes. Mas por quê? Faz sentido enviar cada resposta mais de uma vez, simplesmente para tornar a mensagem suficientemente longa para que seja registrada. Mas para que essa seqüência aparentemente caótica?

— É aqui que Miss Alien entrou na jogada—disse Shankar e sorriu misteriosamente para todos.

— Meu alter ego Jodíe Foster — disse Crowe acenando a cabeça. — Confesso que pensei na resposta quando lembrei do filme. A seqüência também é um código. Lendo-a corretamente,

obtém-se uma imagem de pixels brancos e pretos, ou seja, nada diferente do que também fazemos na SETI.

— Tomara que não seja Adolf Hitler — disse Rubin.

Desta vez, todos riram com ele. Nesse ínterim, todos haviam assistido ao filme *Contato*, com Jodie Foster. Ali os alienígenas enviavam uma imagem à Terra cujos pixels continham partes de uma instrução de montagem. Simplesmente haviam pegado uma imagem qualquer entre as que a humanidade enviara ao espaço no decorrer da sua evolução tecnológica e escolheram justamente uma foto de Hitler.

— não — disse Crowe. — não é Hitler.

Shankar teclou um comando no computador. As fileiras de números desapareceram e surgiu um gráfico.

— O que é isso? — Vanderbilt inclinou-se para a frente.

— não reconhece? — Crowe sorriu para os outros. — Alguém mais tem uma idéia?

— Parece um prédio — disse Anawak.

— O Empire State Building — sugeriu Rubin.

— Tolicé — disse Greywolf. — Como conheceriam o Empire State Building? Parece um foguete.

— E por que conheceriam foguetes? — disse Delaware.

— Porque tem um monte no fundo do mar. Com ogivas nucleares, bombas químicas...

— O que é isso em volta? — perguntou Oliviera. — Nuvens?

— Talvez água — disse Weaver. — Talvez seja algo no fundo do mar. Uma formação.

— Água é uma boa pista — disse Crowe. Johanson coçou a barba.

— Dá a impressão de um monumento. Talvez seja um símbolo. Algo... religioso.

— Humano, demasiado humano. — Crowe parecia estar se divertindo. — Por que simplesmente não se perguntam se a imagem também pode ser vista de outra forma?

Continuaram fitando a imagem. De repente, Li estremeceu.

— Pode virá-la noventa graus?

Os dedos de Shankar deslizaram sobre o teclado, e a imagem apareceu deitada de lado.

— Continuo sem entender o que significa—disse Vanderbilt.  
— Um peixe?

Um grande animal?

Li balançou a cabeça. Riu baixinho.

—não, Jack. O desenho em volta são ondas. Ondas do mar. Uma imagem momentânea, vista de baixo. Do fundo em direção à superfície d'água.

— O quê? É o troço preto?

— Muito simples. Somos nós. É o nosso navio.

## **HEEREMA, EM FRENTE A LA PALMA, ILHAS CANÁRIAS**

Talvez não devessem ter se empolgado tanto assim.

Durante as últimas dezesseis horas, o aspirador trabalhara ininterruptamente e retirara toneladas de corpos brancos rosados que visivelmente não suportavam a rápida mudança de local. A maioria chegava estourada, o resto movia-se em câibras e morria com a tromba projetada para fora e as mandíbulas trêmulas. Logo de início, Frost correria para o lado de fora, onde as poliquetas espirravam para fora da mangueira como um chafariz juntamente com a água do mar bombeada para cima, caindo nas grandes redes enquanto a água escorria para baixo. Através de escorregas, chegavam na barriga de um cargueiro que estava ao lado do Heerema e enchia-se constantemente. Entusiasmado, Frost enfiara a mão na massa e retornara, melado de mucosa, com uma dúzia de cadáveres que erguia para o alto, triunfante.

— Verme bom é verme morto — gritou. — Escutem minhas palavras! Yeah!

Todos aplaudiram, inclusive Bohrmann.

Após algum tempo, a lama remexida baixou novamente, e avistaram rocha de lava marmorizada. Algumas correntes de bolhas finas saíam dali. As câmeras da placa de iluminação deram um zoom, e Bohrmann entendeu exatamente em que consistia a marmorização.

— Mantos de bactérias — disse. Frost olhou para ele.

— E o que significa isso?

— Difícil dizer. — Bohrmann esfregou o punho no queixo. — Enquanto estiverem na superfície, não há perigo. não sei o quanto já penetrou no sedimento. As linhas cinza sujas no meio são do hidrato restante.

— Então ainda existe.

— O que vemos existe. Mas não sabemos o quanto tinha antes e o quanto foi decomposto. A emissão de bolhas está numa margem tolerável. Diria com certo cuidado que ao menos não fomos ineficazes.

— Negação dupla também é uma afirmação — disse Frost acenando a cabeça, satisfeito, e levantou-se. — Vou pegar um café para nós.

Depois continuaram observando durante horas a limpeza do aspirador no platô, até os seus olhos começarem a arder. Até Van Maarten convencer Frost a deitar-se para descansar. Frost e Bohrmann praticamente não haviam dormido por três noites. Ainda sob protestos, os olhos de Frost já estavam fechando sozinhos e, reunindo as últimas forças, ele cambaleou para a sua cabine.

Bohrmann permaneceu com Van Maarten. Eram 23 horas.

— Você será o próximo a ir dormir — comentou o holandês.

— não consigo dormir. — Bohrmann esfregou os olhos. — Além de mim, ninguém entende muito de hidratos.

— Sim, nós entendemos.

— não irá mais demorar muito — disse Bohrmann.

Realmente estava no fim. As equipes de pilotos já haviam sido trocadas três vezes. Entretanto em poucas horas Erwin Suess chegaria de helicóptero de Kiel e, até ali, precisaria agüentar firme.

Bocejou. Já caíra a noite. Um zumbido baixinho preenchia a sala. Nas últimas horas, a placa de iluminação e o aspirador haviam avançado lenta mas constantemente para o norte. Se os dados da expedição do Polarstern estivessem certos, os vermes estariam apenas neste terraço. Calculava que ainda levariam alguns dias para retirá-los completamente, mas ao menos voltara a ter esperança. A emissão de bolhas estava acima do valor esperado,

mas não chegava a ser realmente preocupante. Com os vermes e os bandos de bactérias desaparecendo, talvez os hidratos comidos voltassem a se estabilizar.

Observava os monitores com as pálpebras caídas.

Devido ao cansaço, demorou a conscientizar-se das mudanças que já via há algum tempo. Inclinou-se para a frente.

— Tem alguma coisa brilhando ali — disse. — Tire o aspirador.

Van Maarten apertou os olhos.

— Onde? I

— Olhe para os monitores. Alguma coisa brilhou ainda agora nesta bagunça. Ali, novamente!

De uma hora para outra estava totalmente desperto. Agora as câmeras da placa de iluminação também demonstravam que algo não estava em ordem. A obrigatória nuvem de sedimentos em volta da abertura do aspirador crescera. Pedregulhos escuros e bolhas remexiam-se ali dentro e emergiam para cima.

Os monitores do aspirador ficaram pretos. A abertura da mangueira foi atirada para o lado.

— Que diabos está acontecendo ali? Ouviram a voz do piloto no alto-falante

— Estamos sugando coisas maiores. O aspirador está ficando instável. não sei se...

— Fora daí! — gritou Bohrmann. — Para longe do talude!

De novo, pensou, desesperado. Como da outra vez no Sonne. Um estouro. Permaneceram muito tempo no mesmo local, e o platô tornara-se instável ali. A pressão negativa estava rachando o sedimento.

Não, não era um estouro. Era ainda pior.

A tromba sugadora tentou recuar da nuvem de sedimentos. Então continuou crescendo até, de repente, parecer literalmente explodir. Uma onda de pressão fez a placa de iluminação estremecer. A imagem balançou de um lado para o outro.

— Temos um deslizamento — gritou o piloto.

— Desligue o aspirador. — Bohrmann deu um salto. —  
Recuar.

Agora percebeu que caíam pedaços de pedra de cima. Rocha de lava despencava no terraço. Dentro da nuvem de lama e destroços, em algum lugar movia-se a mangueira da tromba sugadora, praticamente invisível.

— Aspirador desligado — confirmou Van Maarten.

De olhos arregalados, acompanharam o deslizamento. Cada vez mais rochas despencavam. Caso o efeito se propagasse na parede quase vertical do cone vulcânico, pedregulhos cada vez maiores se soltariam. A rocha vulcânica era Porosa. Um pequeno deslizamento se transformaria num maior dentro de poucos minutos e, no final, aconteceria exatamente o que tinham tentado impedir.

Precisamos manter a calma, pensou Bohrmann. Para fugir já é tarde demais mesmo.

Uma montanha de água de seiscentos metros de altura...

A chuva de rochas cessou.

Por um bom tempo, ninguém disse nada. Apenas fixavam os seus olhares nos monitores, mudos. Uma nuvem difusa pairava sobre o terraço, disseminando luz das lâmpadas de halogênio e refletindo-a.

— Acabou — disse Van Maarten com a voz imperceptivelmente trêmula

— É. — Bohrmann acenou a cabeça. — Parece que sim. Van Maarten chamou o piloto.

— A placa de iluminação balançou muito — comunicou a equipe de iluminação. — Um spot falhou. Mas quase não se nota quando não se sabe,

— E a tromba?

— Parece estar presa — foi a informação do outro guindaste. — Os sistemas continuam recebendo os seus comandos, mas aparentemente não conseguem executá-los.

— Acredito que a ponta da mangueira esteja soterrada — suspeitou o outro piloto.

— Quanto material pode ter caído em cima? — perguntou Van Maarten baixinho.

— Primeiro a nuvem precisa se desfazer — respondeu Bohrmann. — Parece que conseguimos sair dessa por pouco.

— Está bem. Então precisamos esperar.—Van Maarten falou no microfone. —não tentem mais liberar a tromba. Pausa para um café. não quero causar tremores desnecessários lá embaixo. Vamos aguardar um pouco, depois prosseguiremos.

Três horas depois, prosseguiram. Em certos lugares apenas alguns metros, porque o sedimento ainda não se havia depositado totalmente, mas a abertura da tromba era mais ou menos visível. Nesse ínterim, Frost também retornara. Seus cachos enrolados apontavam para todas as direções celestes.

— Está muito preso — constatou Van Maarten.

— É. — Frost coçou a cabeça. — Mas aparentemente não está quebrado.

— Os motores estão bloqueados.

— E como poderemos liberá-lo novamente?

— Enviando um robô que empurre os troços para o lado— sugeriu Bohrmann.

— Pelo amor de Deus! — esbravejou Frost. — Isso demorará muito. Justo agora que estava correndo tão bem.

— Então devemos nos apressar. — Bohrmann virou-se para Van Maarten. — Quando poderemos contar com o Rambo?

— Imediatamente.

— Então é pra já. Vamos tentar.

Rambo devia o seu nome pouco científico aos filmes com Sylvester Stallone. O VCR parecia uma versão menor do Victor 6000, tinha quatro câmeras, diversos atos de estabilização traseiros e laterais e dois braços hidráulicos bastante fortes e maleáveis. O aparelho servia apenas para profundidades até oitocentos metros, entretanto era muito utilizado na indústria offshore. Dentro de 15 minutos, o Rambo estava pronto. Pouco depois flutuou ao longo do cone vulcânico em direção ao terraço lá embaixo, ligado à cabine de comando do Heerema por um cabo eletroóptico. A placa de iluminação surgiu. O robô continuou afundando, acelerou e manobrou em direção à abertura da mangueira presa. De perto via-se claramente que os motores e sistemas de vídeo da mangueira estavam intactos, mas alguns pedregulhos da rocha de lava fincaram-se de tal forma que ficaram totalmente presos.

As garras hidráulicas do Rambo começaram a retirar os pedregulhos. Inicialmente, parecia que o robô conseguiria liberar a tromba. Um a um, retirou os destroços, até chegar a um dos dentes inclinados que se fincara no sedimento do terraço e pressionava a tromba contra a rocha projetada para fora. Os braços esticaram e dobraram-se, giraram, tentaram soltar os dentes. Tudo em vão.

— Nenhuma máquina conseguirá fazer isso — declarou Bohrmann. — É impossível desenvolver impulso.

— Que beleza — chiou Frost.

— E se os pilotos simplesmente recolherem a tromba? — sugeriu Bohrmann. — Sob tensão, alguma hora terá de soltar-se.

Van Maarten balançou a cabeça.

— Arriscado demais. A mangueira poderia romper-se.

Tentaram novamente, deixaram o robô colidir com o pedregulho de diversos ângulos. A meia-noite tornou-se evidente que a máquina não conseguiria. Nesse ínterim, a área limpa fora novamente coberta por vermes que chegavam de todos os lados da escuridão.

— não estou gostando nem um pouco disso — rosnou Bohrmann. — Logo aqui, onde é instável. Precisamos liberar logo essa mangueira, se não a coisa vai ficar preta.

Frost franziu a testa. Depois de algum tempo, disse

— Está bem. Então veremos a coisa preta. Pessoalmente. Bohrmann olhou para ele sem entender.

— Bem. — Frost encolheu os ombros. — Lá no fundo do mar é tudo preto, não? Quer dizer, se o Rambo não consegue, então resta apenas um para descer. A coroa escorregada da criação. São quatrocentos metros. É para isso que temos as roupas especiais a bordo.

— Está querendo descer ali? — perguntou Bohrmann, perplexo.

— Claro. — Frost esticou os braços até estalarem. — Qual o problema?\_\_

## 15 de agosto

### INDEPENDENCE, MAR DA GROENLÂNDIA

Crowe aproveitara a resposta dos Yrr para enviar uma segunda mensagem, bem mais complexa, para o fundo do mar. Continha informações sobre a raça humana, sua evolução e cultura. Vanderbilt não ficou muito contente, mas Crowe acabou convencendo-o de que já não havia muito que perder. Os Yrr estavam prestes a vencer a luta.

— Ainda temos uma chance — disse ela. — Precisamos convencê-los de que merecemos continuar existindo. Isso só é possível se lhes contarmos o máximo que pudermos a nosso respeito. Talvez haja alguma informação que ainda não tenham considerado até agora. Que os faça pensar.

— Valores em comum — disse Li.

— Por menores que sejam.

Oliviera, Johanson e Rubin estavam enfurnados no laboratório. Queriam fazer com que o ser gelatinoso no tanque se dividisse ou difundisse por completo. Trocavam informações com Weaver e Anawak ininterruptamente. Weaver atribuiu um DNA artificial aos seus Yrr virtuais e embutiu um ferormônio. Funcionou. Com isso, teoricamente comprovou que os unicelulares utilizavam-se de um odor para fundir-se, mas a substância gelatinosa não cooperou nem um pouco no que tangia à comprovação prática. A criatura — ou melhor, a soma das criaturas — transformara-se numa grande pizza e afundara para o chão do tanque.

Enquanto isso, Delaware e Greywolf analisavam os filmes dos escalões de golfinhos, mas não viram nada além do casco do Independence, alguns peixes e mais golfinhos que se filmavam uns aos outros. Alternavam-se entre os monitores do CIC e no convés-doca, onde Roscovitz e Browning continuavam consertando o Deepflight.

Li sabia que até mesmo os mais eficientes tendiam a bater na mesma tecla ou se perder se, de tempos em tempos, não fossem afastados de seu trabalho e distraídos. Recebia dados meteorológicos e buscava prognósticos sobre a sua confiabilidade. Tudo indicava que até a manhã seguinte teriam um tempo calmo e sem vento. As ondas já haviam diminuído em comparação ao começo do dia.

Então requisitara a atenção de Anawak por alguns minutos e ficou surpresa ao notar o quão pouco ele conhecia a cozinha do alto norte. Repassou a responsabilidade a Peak que, pela primeira vez na sua carreira militar, precisou cuidar da comida.

A seguir Peak fez uma série de ligações. Dois helicópteros partiram em direção à costa da Groenlândia. No final da tarde, Li comunicou que o chefe de cozinha convidava a todos para uma festa às 21 horas. Os helicópteros retornaram trazendo tudo que se precisava para um jantar groenlandês. No convés de vôo, em frente à ilha, foram arrumadas mesas, cadeiras e um bufê, o aparelho de som foi carregado para o lado de fora e, em torno das mesas, foram instalados aparelhos de aquecimento para afastar o frio.

Na cozinha iniciou-se um grande alvoroço. Li era conhecida pelas suas idéias extravagantes e pela sua perseverança em colocá-las em prática em pouquíssimo tempo. Carne de rena foi parar nas panelas e frigideiras. Cortou-se maktaaq, pele crocante de narval, fez-se sopa de foca e foram cozidos ovos de eider. Os padeiros do Independence arriscaram-se no bannock, um pão sem fermento redondo e achatado e muito saboroso, cuja produção correta levava os inuit a realizar campeonatos de culinária todos os anos. Salmões e trutas árticas foram filetados e fritos com ervas, carne de morsa foi transformada numa espécie de carpaccio, montanhas de arroz foram cozidas. Peak, totalmente sobrecarregado em assuntos de culinária, mandara vir tudo que não tinha a bordo e confiara cegamente nos consultores groenlandeses. Apenas uma especialidade parecia-lhe estranha demais

intestino cru de morsa, mesmo que muito elogiado, realmente era uma das coisas de que, na sua opinião, se poderia abdicar.

Organizara um plantão de emergência para a ponte e a casa de máquinas, assim como o CIC. Fora isso, às 21 horas em ponto toda a população do Independence reuniu-se no convés

tripulação, cientistas e soldados. Por mais vazias que estivessem as salas do gigantesco navio durante o dia, o teto encheu-se naquele momento. Em torno de 160 pessoas receberam um coquetel de boas-vindas, distribuíram-se pelas mesas até o bufê ser liberado e, a certa altura, começaram a conversar umas com as outras.

Estranha festa essa que Li organizara — o prédio de aço da ilha ao fundo e, em volta, a vista para a imensa solidão do mar. A neblina recuara e formara montanhas de nuvens surreais no horizonte, entre as quais o sol baixo surgia de vez em quando. O ar estava frio e claro, e por cima de tudo estendia-se um céu azul-escuro.

Durante algum tempo, todos pareciam esforçar-se por não tocar no assunto que os trouxera até ali. Fazia bem conversar sobre outras coisas. Ao mesmo tempo, havia algo de forçado, quase desesperado, na maneira como todos tentavam manter um diálogo casual, como se tivessem se encontrado casualmente num vernissage. Um pouco antes da meia-noite, com o início da meia-luz do crepúsculo, o gelo fino que os separava da razão pela qual estavam aqui quebrou. A maioria já tinha feito amizade. As lanternas das mesas revelaram as suas forças gravitacionais. Todos se juntaram em grupinhos, reuniram-se em torno dos xamãs da elucidação para buscar um consolo que estes não podiam dar.

— Agora sério — disse Buchanan para Crowe um pouco depois de uma hora. — Acredita realmente em unicelulares inteligentes?

— E por que não? — disse Crowe.

— Ah, por favor. Estamos falando de vida inteligente, correto?

— Parece que sim.

— Então... — Buchanan procurou por palavras. — Eu nem esperava que se parecessem conosco, mas que fossem algo mais complexo do que unicelulares, sim. Dizem que chimpanzés são

inteligentes, baleias e golfinhos, e todos eles têm uma estrutura corpórea complexa e um cérebro grande. Aprendemos que formigas são pequenas demais para se tornarem verdadeiramente inteligentes. Como isso pode funcionar com unicelulares?

— não está confundindo algumas coisas, capitão?

— O quê?

— O que funcionaria e o que lhe agradaria.

— não entendo o que está querendo dizer.

— Ela quer dizer — disse Peak — que, já que devemos nos acostumar à idéia de que o homem perderá o domínio, então que seja ao menos para um adversário forte e potente. Grande, belo e musculoso.

Buchanan bateu na mesa com a mão aberta.

— Simplesmente não acredito nisso. não acredito que organismos primitivos poderiam dominar este planeta e enfrentar a inteligência humana. isso não funciona! Os humanos são criaturas desenvolvidas e...

— Progresso? Complexidade? — Crowe balançou a cabeça.

— Do que está falando? Evolução é progresso?

Buchanan lançou um olhar sofrido.

— Está bem, vejamos então — disse Crowe. — Citando Darwin, a evolução é a luta pela existência, a sobrevivência do mais forte. Ambos resultam de adversidades, da luta contra outros seres vivos ou de catástrofes naturais. Portanto existe um desenvolvimento contínuo baseado na seleção. Mas isso leva automaticamente à complexidade elevada? E a complexidade elevada é desenvolvida?

— não sou muito versado em evolução — disse Peak. — Me parece que, no decorrer da história natural, a maioria dos seres vivos tornou-se maior e mais complexa. Ao menos a raça humana. Na minha opinião, é nitidamente o resultado de uma tendência.

— Uma tendência? Errado. Vemos apenas um pequeno recorte histórico onde a complexidade está sendo experimentada, mas quem disse que não acabaremos num beco sem saída da evolução? É a nossa própria superestimação que faz com que nos consideremos o ápice temporário de uma tendência natural. Todos

vocês conhecem uma árvore evolutiva, essa formação ramificada com galhos principais e secundários. E então, Sal, se imaginar uma árvore dessas, onde colocaria a humanidade? Num galho principal ou secundário?

— Sem dúvida, num galho principal.

— Era o que eu imaginava. Corresponde ao modo humano de ver as coisas. Se muitos ramos de uma família animal se abrirem, e um sobreviver enquanto todos os outros morrem, tendemos a denominar o sobrevivente o braço principal. Por quê? Apenas porque ainda está sobrevivendo? Entretanto talvez vejamos apenas uma linha secundária sem importância que sobrevive um pouco além das outras. Nós humanos somos a única espécie sobrevivente de um outrora denso arbusto evolutivo. O resto de um desenvolvimento cujos galhos restantes já secaram, o último sobrevivente de nome homo. Homo australopithecus

extinto. Homo habilis

extinto. Homo sapiens neanderthalensis

extinto. Homo sapiens sapiens

ainda existe. Conquistamos o domínio temporário do planeta, mas atenção!, os emergentes da evolução não deveriam confundir supremacia com superioridade interior e sobrevivência extensa. Poderíamos desaparecer mais rápido do que nos agrada.

— Provavelmente tem razão — disse Peak. — Mas está desconsiderando algo decisivo. Essa única espécie sobrevivente é a única espécie com uma consciência altamente desenvolvida.

— Concordo. Contudo observe esse desenvolvimento diante de todo o panorama da natureza. Realmente identifica um progresso ou uma tendência marcante? Oitenta por cento de todos os pluricelulares têm mais sucesso evolutivo do que o homem, sem terem desenvolvido essa aparente tendência da complexidade nervosa. Nossa equipagem com mente e consciência é apenas um progresso da nossa visão subjetiva do mundo. Para o ecossistema Terra, até agora essa bizarra aparência marginal improvável chamada homem acrescentou apenas uma coisa

um monte de problemas.

— Continuo convencido de que há pessoas por detrás disso tudo — perguntou Vanderbilt na mesa ao lado. — Mas, tudo bem, eu me rendo. Caso não sejam, faremos um trabalho de reconhecimento com os Yrr. Essa gelatina asquerosa será observada pela CIA até descobirmos como pensa e o que planeja.

Estava com Delaware e Anawak, cercado por soldados e membros da tripulação.

— Esqueça — disse Delaware. — Nem a CIA conseguirá fazer isso.

— Qual é, menina! — riu Vanderbilt. — Com paciência, entra-se em qualquer cabeça. Mesmo que seja de um maldito unicelular. É tudo uma questão de tempo.

— não, uma questão da objetividade — disse Anawak. — O que pressupõe que você seja capaz de assumir o papel do observador objetivo.

— Sem problemas. Por isso mesmo somos inteligentes e civilizados.

— Você pode ser inteligente, Jack. Mas não é capaz de perceber a natureza com objetividade.

— Para falar a verdade, é tão subjetivo e limitado quanto um animal.

acrescentou Delaware.

— Em que animal estão pensando? — perguntou Vanderbilt, rindo.—Numa morsa?

Anawak riu baixinho.

— Estou falando sério, Jack. Estamos mais próximo da natureza do que acreditamos.

— Eu, não. Cresci na cidade. Nunca estive no campo. Meu pai também não.

—não faz diferença — disse Delaware. — Vou dar um exemplo

cobras. São temidas e admiradas ao mesmo tempo. Ou tubarões, existem inúmeras divindades de tubarões. Essa ligação emocional a outras formas de vida é inata ao homem, talvez seja até mesmo genética.

— Estão se referindo a povos naturais. Estou falando de pessoas da cidade.

— Está bem. — Anawak refletiu por um instante. — Você tem uma fobia? Alguma coisa que se possa chamar de fobia?

— Bem, não é exatamente uma fobia... — começou Vanderbilt. — Uma aversão?

— A quê?

— Meu Deus, não é muito original. Talvez qualquer pessoa tenha. Aranhas. Odeio aranhas.

— Por quê?

— Porque... — Vanderbilt encolheu os ombros. — São nojentas. não acha que são nojentas?

— não, mas não se trata disso. A questão é que as causas principais de fobias no nosso mundo civilizado quase sempre são perigos que nos ameaçavam antes de morarmos em cidades. Desenvolvemos fobias contra paredes de pedra pesadas, temporais, rios fortes, superfícies d'água impenetráveis, contra cobras, cachorros e aranhas. Por que não contra fios elétricos, armas de fogo, canivetes, carros, explosivos e tomadas, que são todos muito mais perigosos? Porque há uma regra gravada no nosso cérebro

é preciso tomar cuidado com objetos compridos e criaturas com muitas pernas.

— O cérebro humano desenvolveu-se num ambiente natural, não numa maquinaria — disse Delaware. — Durante mais de dois milhões de anos, a nossa evolução mental ocorreu em contato íntimo com a natureza. Talvez as regras de sobrevivência desse tempo até tenham ficado gravados geneticamente, em todo caso apenas uma minúscula parte da nossa história evolutiva aconteceu na chamada civilização. Realmente acredita que, só porque o seu pai e o seu avô viveram exclusivamente em cidades, todas as informações arcaicas foram apagadas do seu cérebro? Por que tememos os pequenos animais que rastejam na grama, por que você tem aversão a aranhas? Porque, ao longo do desenvolvimento da espécie humana, devemos a vida a esse medo. Porque as pessoas mais medrosas expõem-se com menos freqüência aos perigos e geram mais descendentes. É isto. Estou certo, Jack?

Vanderbilt olhou de Delaware para Anawak.

— E o que isso tem a ver com os Yrr? — perguntou.

— Talvez se pareçam com aranhas — respondeu Anawak. — Huh! Então não nos fale nada de objetividade. Enquanto tivermos nojo dos Yrr, seja qual for a sua aparência, de uma substância gelatinosa, de unicelulares e caranguejos venenosos, não descobriremos nada sobre o seu modo de pensar, porque sequer podemos. Apenas estaremos interessados em destruir o que é diferente de nós, para que não possa entrar em nossa toca à noite e roubar nossas crianças.

Um pouco adiante, no escuro, Johanson tentava lembrar-se dos detalhes da noite anterior, quando Li se aproximou. Ela ofereceu-lhe uma taça. Havia vinho tinto nela.

— Pensei que ficaríamos sem álcool — disse Johanson, surpreso.

— E ficaremos. — Ela brindou com ele. — Mas não dogmáticos. Além do mais, considero as preferências dos meus hóspedes.

Johanson provou. O vinho era bom. Era até excelente.

— Que tipo de pessoa a senhora é, general? — perguntou.

— Chame-me Jude. Todos os que não me fazem continência chamam-me assim.

— não consigo entendê-la, Jude. -P

— Qual é o problema?

— não confio em você.

Li sorriu, divertida, e bebeu.

— É recíproco, Sigur. O que aconteceu com você ontem à noite? Tentou convencer-me de que não se lembrava de nada?

— não me lembro de nada.

— O que pretendia fazer tão tarde da noite no convés do hangar?

— Relaxar.

— Com Oliviera também havia ido relaxar.

— É, torna-se necessário de tempos em tempos quando se trabalha muito

— Mhm—Li olhou para o mar. —Ainda se lembra sobre o que conversaram}

— Sobre o nosso trabalho.

— Nada mais?

Johanson olhou para ela.

—O que quer, Jude?

— Controlar esta crise. E você?

—não sei se quero da mesma forma que você — disse Johanson após certa hesitação. — O que deverá restar quando a crise estiver sob controle?

— Os nossos valores. Os valores da nossa sociedade.

— Está se referindo à sociedade humana? Ou à americana?

Ela olhou novamente para ele. Os olhos azuis no seu belo rosto asiático pareciam brilhar.

— Há alguma diferença?

Crowe falara sem parar, apoiada por Oliviera. No momento, as duas reuniam o maior público à sua volta. Peak e Buchanan adotaram uma evidente postura defensiva, mas, enquanto Peak estava cada vez mais pensativo, Buchanan fervia de raiva.

—não somos necessariamente o resultado de algum desenvolvimento progressista da natureza — dizia Crowe naquele instante. — A existência do homem é uma coincidência. Somos o resultado de um feliz acaso cósmico, quando um gigantesco meteorito chocou-se com a Terra e acabou com os dinossauros. Se isso não tivesse acontecido, talvez hoje a Terra fosse habitada por sauróides inteligentes ou quaisquer outros animais. Foram condições naturais favoráveis que possibilitaram o nosso surgimento, não a lógica. Entre milhões de desenvolvimentos possíveis desde que a evolução cambriana gerou os primeiros plurice-lulares, talvez em apenas uma surjam os homens.

— Mas os homens dominam o planeta — insistiu Buchanan. — Quer você queira, quer não.

— Tem certeza? No momento, os Yrr é que estão dominando. Trate de cair na realidade, somos apenas um pequeno grupo da espécie dos mamíferos que ainda não ficou marcada como sucesso na evolução. não representamos o último trecho no auge

da história da Terra, mas apenas um qualquer. não existe uma tendência para eras-auge na natureza, apenas a seleção natural. O tempo pode registrar um aumento temporário da complexidade física e mental de uma espécie no planeta, mas, em comparação com o todo, isso não é uma tendência, e muito menos progresso. De forma geral, a vida não apresenta nenhum impulso voltado para o progresso. Ela adiciona um elemento complexo ao espaço ecológico, enquanto, paralelamente, mantém a forma simples das bactérias há três bilhões de anos. A vida não tem motivo para querer melhorar algo.

— Como acha que o que está dizendo se encaixa nos planos de Deus? — perguntou Buchanan quase em tom de ameaça.

— Se existe um Deus, e se for um Deus inteligente, ele fez exatamente como estou dizendo. Então não somos a sua obra-prima, mas apenas uma variante que sobreviverá apenas caso se conscientize do seu papel como variante.

— E que o homem foi feito à imagem de Deus? Também quer desmentir isso?

— Você é tão cabeça-dura que sequer cogita que Ele poderia ter criado os Yrr à sua imagem? — Os olhos de Buchanan fuzilaram. Crowe não o deixou falar, mas soprou uma nuvem de cigarros em sua direção. — Mas toda esta discussão é em vão, caro amigo. Que plano Deus deveria seguir para criar a sua raça preferida, se não o melhor possível? Pois os homens são relativamente grandes. Um corpo maior é um corpo melhor? Ao longo da seleção natural, algumas espécies de fato parecem crescer cada vez mais, entretanto a maioria é bem pequena. Em tempos de extinções em massa, ao menos, as espécies menores têm mais chance de sobreviver, por isso as grandes desaparecem a cada x milhões de anos, a evolução recomeça na margem inferior do tamanho, e o crescimento recomeça até o próximo meteorito atirar-se no planeta. Bum! Esse é o plano de Deus!

— Isso é fatalismo.

— não, realismo — disse Oliviera. — As criaturas altamente especializadas como o homem é que são exterminadas sob

mudanças extremas, porque não têm capacidade de adaptação. Um coala é complexo e come apenas folhas de eucalipto. O que faria se não existissem mais eucaliptos? Também seria extinto. A maioria dos unicelulares, entretanto, superam eras de gelo e eclosões de vulcões, excesso de oxigênio ou metano, podem entrar num estado de quase-morte durante milênios e despertar novamente para a vida. As bactérias vivem nas rochas a quilômetros de profundidade, em fontes de água fervente, em geleiras. Sem elas, não sobreviveríamos, mas elas ficariam muito bem sem nós. Até hoje o oxigênio no ar é um fruto das bactérias. Todos os elementos que determinam a nossa vida, oxigênio, nitrogênio, fósforo, enxofre e carbono, só se tornam aproveitáveis com a atividade dos microorganismos. Bactérias, fungos, unicelulares, pequenos comedores de cadáveres, insetos e minhocas processam plantas e animais mortos e transportam os seus componentes químicos de volta ao sistema geral da vida. No oceano, isso não é muito diferente do que em terra. Os microorganismos são a forma de vida dominante nos mares. Essa substância gelatinosa no nosso tanque certamente é mais velha e talvez também mais esperta do que nós, quer você queira, quer não.

— não pode comparar um ser humano a um micróbio —  
rosnou Buchanan. —Um homem tem outro valor. Se não compreende isso, para que está nesta equipe?

— Para fazer a coisa certa!

— Mas você já está traindo a humanidade com as suas palavras.

—não, o homem é que está traindo o mundo ao gerar um mal-entendido entre as formas de vida e o seu valor. É a única espécie que faz isso. Nós atribuímos valor. Há animais malvados, animais importantes, animais úteis. Nós avaliamos a natureza pelo que vemos, mas vemos apenas uma pequena parte à qual damos uma importância exagerada. Nossa percepção está voltada para os animais grandes e vertebrados e, principalmente, para nós mesmos. Então vemos vertebrados em toda parte. De fato, o total de espécies de vertebrados cientificamente descritos é de aproximadamente 43 mil, entre eles mais de seis mil espécies de

répteis, cerca de dez mil espécies de pássaros e aproximadamente quatro mil espécies de mamíferos. Por outro lado, até hoje foram descritos quase um milhão de invertebrados, sendo que só de besouros foram 290 mil, ou seja, sete vezes mais do que espécies vertebradas.

Peak olhou para Buchanan.

— Ela tem razão, Craig — disse. — Aceite isso. Ambos estão certos.

— não temos êxito — disse Crowe. — Se quiser ver resultados, observe os tubarões. Eles não mudaram desde a era devoniana, há quatrocentos milhões de anos. São cem vezes mais velhos do que qualquer antepassado dos homens, e existem 350 espécies. Mas possivelmente os Yrr sejam ainda mais velhos. Se forem unicelulares, e se tiverem encontrado um truque para pensar coletivamente, estão uma eternidade à nossa frente. Jamais os alcançaríamos. Quando muito, podemos matá-los. Mas quer mesmo arriscar? Sabemos qual a sua importância para a nossa existência? Talvez possamos viver com esse inimigo tampouco quanto sem ele.

— Quer defender valores norte-americanos, Jude? — Johanson balançou a cabeça. — Então falharemos.

— O que tem contra os valores norte-americanos?

— Nada. Mas você ouviu o que Crowe disse

talvez as formas de vida inteligentes em outros planetas não sejam parecidas nem com os homens, nem com os mamíferos, talvez sequer se baseiem no DNA, portanto o seu sistema de valores deve ser totalmente diferente do nosso. Que modelo moral e social espera encontrar lá embaixo, no fundo do mar? Numa raça cuja cultura possivelmente se baseia na divisão celular e no sacrifício coletivo. Como pretende conseguir se comunicar, tendo olhos apenas para a manutenção de valores sobre os quais sequer os homens conseguem chegar a um acordo?

— Tem uma imagem errada de mim — disse Li. — Sei que a moral não nos pertence.

questão é

precisamos compreender a todo custo como os outros sam?

Ou não seria melhor simplesmente investir todo o empenho na

tentativa de uma coexistência?

— Onde cada um deixa o outro em paz?

— Isso.

— Tarde demais, Jude — disse Johanson. — Acredito que o seu ponto de vista teria agradado aos habitantes primitivos da América, da Austrália, da África e do Ártico. Assim como diversas espécies de animais que extinguímos. Fato é que a situação é bem mais complicada. Dificilmente conseguiremos entender como os outros pensam. Mesmo assim, precisamos tentar, porque já incomodamos demais uns aos outros. O nosso habitat comum ficou pequeno demais para uma vida lado a lado, resta-nos apenas conviver. Isso apenas funciona se diminuirmos as nossas reivindicações supostamente divinas.

— E como acha que deve ser isso? Devemos adotar os hábitos de vida dos unicelulares?

— Claro que não. Seria geneticamente inviável. Até mesmo o que chamamos de cultura está nos nossos genes. A evolução cultural começou nos tempos pré-históricos, ali foram traçados os caminhos nas nossas cabeças. Cultura é algo biológico, ou devemos supor que recebemos novos genes para conseguirmos construir navios de guerra? Nós fabricamos aviões, porta-helicópteros e teatros, mas fazemos isso para dar continuidade a nível civilizado, digamos assim, às nossas antiqüíssimas atividades, desde que o primeiro machado de pedra foi trocado contra um pedaço de carne guerra, encontros de tribos, comércio. A cultura é parte da nossa evolução. É ela que nos mantém num estado estável... até um estado mais estável mostrar-se superior. Estou entendendo onde quer chegar, Sigur. Em tempos pré-históricos, o código genético marcou a cultura e nos transformou geneticamente. Portanto, os genes guiam o nosso comportamento. Fornecem-nos a base para esta conversa, por mais que odiemos essa idéia. Todo o nosso fundo intelectual, do qual temos tanto orgulho, é resultado do controle genético, e cultura nada mais é do que um repertório de comportamento social, ligado à luta pela sobrevivência.

Johanson permaneceu calado.

— Eu disse alguma coisa errada? — perguntou Li.

—não. Estou comovido e embevecido. Está totalmente certa. A evolução humana caminha entre a alteração genética e a mudança cultural. Foram alterações genéticas que levaram ao crescimento do nosso cérebro. Foi pura biologia que nos possibilitou falar, quando, há quinhentos mil anos, a natureza reestruturou nossa laringe e desenvolveu os centros da fala no córtex cerebral. Mas essa mudança genética levou ao crescimento cultural. A linguagem formulou o reconhecimento, o passado, o presente e a imaginação. A cultura é fruto de processos biológicos, e a mudança biológica é uma resposta ao desenvolvimento cultural contínuo. Muito atrasada, mas é assim. Li sorriu.

— Que bom que passei nessa prova.

— Eu não esperava nada diferente — disse Johanson, jogando o seu charme.

— Contudo você mesma disse, Jude

nossa tão louvada variedade cultural tem limitações genéticas. Estas são traçadas onde começa a cultura de seres não-humanos inteligentes. Desenvolvemos uma série de culturas, mas todas elas baseiam-se na necessidade de proteger nossa espécie. não poderemos adotar os valores de uma espécie cuja biologia é oposta à nossa, e que naturalmente é nossa inimiga na luta por habitats e recursos.

—não acredita numa federação galáctica onde colméias mutantes fazem amizade com humanos?

— Guerra nas Estrelas?

— Exatamente.

— Excelente filme. não. Acredito que funcionaria apenas após muito, muito tempo de superação. Quando a troca cultural com algo de natureza particular estiver marcada no nosso programa genético.

— Então estou certa! não devemos tentar compreender os Yrr. Devemos encontrar um caminho para deixar uns aos outros em paz.

— Está errada. Porque eles não nos deixam em paz.

— Então perdemos.

— Porquê?

— não tínhamos concordado em que humanos e não-humanos não têm como fazer um acordo?

— Havia-se concordado também em que os cristãos e os muçulmanos não chegariam a um acordo. Escute, Jude, não podemos nem precisamos compreender os Yrr. Mas precisamos abrir espaço àquilo que não compreendemos. É diferente de favorecer os valores de um ou de outro. A solução está no recuo e, no momento, nosso recuo está sendo requisitado. Esse é um possível caminho. Ele não passa pela compreensão emocional, isso não existe. Em compensação, um modo de ver diferente. Através de uma compreensão mundial que se torna mais abrangente quanto mais nos afastarmos, passo a passo, da própria espécie, e procurarmos a distância de nós mesmos. Sem essa distância, não conseguiremos convencer os Yrr a nos ver de forma diferente do que vêem agora.

— Mas já não estamos tentando recuar? Só pela forma como procuramos entrar em contato com eles.

— E qual deve ser o resultado, na sua opinião? Li permaneceu calada.

— Jude, conte-me um segredo. Por que a prezo tanto e confio tão pouco em você?

Olharam-se.

O barulho das conversas nas mesas vinha em sua direção. Aumentava como uma onda que inundava o convés e os invadia poderosamente. Os pedaços de conversa transformaram-se em gritos, em seguida em berros. No mesmo instante uma voz ecoou dos alto-falantes sobre o convés

— Alarme dos golfinhos! Atenção! Alarme dos golfinhos!

Li foi a primeira a soltar-se do duelo de olhares. Virou a cabeça e olhou para o mar escuro.

— Meu Deus — sussurrou.

O mar não estava mais escuro. Começara a brilhar.

Nuvem azul

As ondas brilhavam por toda parte. Ilhas escuras emergiam do fundo até a superfície, espalhavam-se e emendavam umas nas outras como se o céu estivesse se derramando no mar.

O Independence flutuava na luz.

— Se esta for a resposta à sua última mensagem — disse Greywolf a Crowe, sem conseguir desprender o olhar do espetáculo —, você deve ter impressionado bastante alguém lá embaixo. —

— É lindo — sussurrou Delaware.

— Veja! — exclamou Rubin.

A área cintilante começou a mover-se. A luz começou a pulsar. Formaram-se redemoinhos gigantes que, inicialmente, giravam devagar, depois cada vez mais rápido, até rodarem como galáxias espirais e sugar torrentes de azul para dentro de si. Os centros adensaram-se. Milhares de estrelas cintilantes pareciam incandescer e apagar-se novamente...

De repente, um relâmpago.

Um grito do convés de vôo.

Imediatamente, a cena mudou. Descargas ofuscantes cortavam a água e ramificavam-se entre os turbilhões que avançavam em alta velocidade. Um temporal mudo bramia debaixo d'água. No momento seguinte, os redemoinhos começaram a recuar do casco do Independence. A nuvem azul moveu-se em direção ao horizonte numa velocidade incrível e sumiu de vista.

Greywolf foi o primeiro a soltar-se da sua paralisia.

Correu em direção à ilha.

— Jack! — Delaware correu atrás dele. Os outros seguiram. Greywolf desceu as escadas, atravessou o corredor da ala de segurança a largos passos e entrou correndo no CIC, Peak e Li na sua cola. Os monitores das câmeras dorsais não mostravam nada além de água verde-escura, e então dois golfinhos surgiram na imagem.

— O que foi? — exclamou Peak? — O que diz o sonar? Um dos homens virou-se.

— Tem algo grande lá fora, senhor. Alguma coisa, não sei... difícil dizer... de certa forma...

— De certa forma, de certa forma? — Li agarrou o homem pelo ombro. — Comunique, seu idiota! Precisamente! O que está acontecendo ali?

O homem empalideceu.

— É... são... não havia nada na tela, e de repente surgiram áreas planas. Vieram do nada, eu juro, a água repentinamente transformou-se em matéria. Formaram uma parede, uma... está em toda parte...

— Os Cobras devem subir. Imediatamente. Amplo vôo de reconhecimento.

— Que informações estão recebendo dos golfinhos? — perguntou Greywolf.

— Forma de vida desconhecida — comunicou uma soldada. — Foram os primeiros a registrar.

— Localização?

— Em toda parte, simultaneamente. Está se afastando. Agora está a um quilômetro e continua recuando. O sonar denota uma presença maciça em todas as direções.

— Onde estão os golfinhos agora?

— Debaixo do Independence, senhor. Estão todos em frente às comportas. Acho que estão com medo! Querem entrar.

Cada vez mais pessoas chegavam ao CIC.

— Projete a imagem de satélite no monitor grande — ordenou Peak.

O Big Picture mostrou o Independence da perspectiva do KH-12. Flutuava sobre água escura. Nenhum sinal de luz azul e relâmpagos.

— Ainda agora, estava tudo claro lá embaixo — disse o homem responsável pela avaliação das imagens de satélite.

— Temos como receber imagens de outros satélites?

— No momento não, senhor.

— Está bem. O KH-12 deve afastar o zoom.

O homem encaminhou o comando à estação de controle. Alguns segundos depois, o Independence encolheu no monitor. O satélite aumentara o recorte. O mar da Groenlândia estendia-se, escuro, em todas as direções. Dos alto-falantes ouviam-se os assobios e cliques dos golfinhos. Continuavam comunicando a presença de uma forma de vida desconhecida.

— Ainda não é suficiente.

O KH-12 afastou ainda mais o zoom. Agora a objetiva abrangia uma área de cem quilômetros quadrados. Ali, com os seus 250 metros de comprimento, o Independence parecia um pedaço de madeira flutuante.

Atônitos, fitaram o monitor.

Agora estavam vendo.

Um grande anel cintilante de luz azul se formara. Algumas descargas brilhavam dentro dele.

— Qual o tamanho disso? — sussurrou Peak.

— Quatro quilômetros de diâmetro — disse a mulher no monitor. — Um pouco mais até. Parece ser uma espécie de cano. O que vemos na imagem do satélite é a abertura, mas vai até o fundo do mar. Estamos, digamos assim, na... boca.

— E o que é?

Johanson surgira ao seu lado.

— Substância gelatinosa, eu diria.

— Que beleza — suspirou Vanderbilt. — O que, diabos, enviou para eles lá embaixo? — berrou para Crowe.

— Pedimos que se mostrassem — disse Crowe.

— Será que foi uma boa idéia? Shankar virou-se para ele, aborrecido.

— Queríamos fazer contato, não queríamos? Está reclamando do quê? Pensou que enviaríamos mensageiros montados a cavalo?

— Estamos recebendo um sinal!

Todos viraram-se para a voz. Era do homem que supervisionava os sinais acústicos. Shankar correu até ele e inclinou-se sobre os monitores.

— O que é? — gritou Crowe em sua direção.

— Segundo a espectrografia, um sinal Scratch.

— Uma resposta?

— não sei se...

— O anel! Está se contraindo!

Todas as cabeças voltaram-se imediatamente para o Big Picture. Lentamente, o anel brilhante começara a mover-se de volta em direção ao navio. Ao mesmo tempo, dois minúsculos pontos

afastaram-se do Independence. Os dois helicópteros de caça começaram seus vôos de reconhecimento. Os assobios e grunhidos nos alto-falantes aumentaram.

De repente, todos começaram a conversar confusamente.

— Calem a boca — reclamou Li. Franzindo a testa, prestou atenção às vozes dos golfinhos. — Há outro sinal aí.

— É. — Delaware escutava com as pálpebras cerradas. — Forma de vida desconhecida, e...

— Orcas! — exclamou Greywolf.

— Vários corpos estão se aproximando do fundo — confirmou a mulher no sonar. — Estão vindo de dentro do cano.

Greywolf olhou para Li.

— não estou gostando nada disso. Deveríamos recolher os golfinhos para dentro do navio.

— Por que justo agora?

— não quero arriscar a vida dos animais. Além do mais, precisamos das imagens das câmeras.

Li hesitou por um instante.

— Está bem. Coloque-os para dentro. Informarei Roscovitz. Peak, pegue quatro homens e acompanhe O'Bannon ao convés-doca.

— Leon — disse Greywolf. — Licia.

Correram para fora. Rubin acompanhou-os com o olhar. Inclinou-se na direção de Li e disse algo em voz baixa. Ela prestou atenção, acenou a cabeça e tornou a olhar para os monitores.

— Esperem por mim! — gritou Rubin para o grupo. — Irei com vocês.

## **CONVÉS-DOCA**

Roscovitz chegou ao convés-doca ainda antes dos cientistas, acompanhado por Browning e mais um técnico. Esbravejou fortemente ao ver o Deepflight defeituoso. Ainda não o haviam consertado. Flutuava sobre a superfície d'água, preso apenas por uma corrente que se esticava até o teto.

—não era para isso estar pronto há muito tempo? — gritou com Browning.

— É mais complicado do que pensávamos — defendeu-se a supervisora técnica, enquanto percorriam o píer. — O piloto automático...

— Mas que merda. — Roscovitz inspecionou o barco. Estava acima da comporta, que se via a quatro metros de profundidade dali. — Está começando a me incomodar. Cada vez que deixamos os bichos entrar e sair, me incomoda mais.

— Com todo respeito, senhor, não atrapalha, e, quando tivermos terminado o conserto, será novamente içado para o teto.

Roscovitz rosnou alguma coisa incompreensível e foi para trás da mesa de comando. O barco estava diretamente à sua frente. Naquela direção tirava-lhe a visão para a comporta no fundo do tanque. Dependia dos monitores da mesa. Esbravejou novamente, usando algumas expressões mais fortes. Na acelerada adaptação do Independence, fizeram trabalho de porco! Por que, diabos, tudo que não funcionava apenas trazia problemas na prática? Para que testavam qualquer porcaria no espaço virtual, se depois um submersível flutuante tirava a visão para a comporta?

Passos ecoaram no convés do hangar. Greywolf, Delaware, Anawak e Rubin estavam descendo a rampa, seguidos por Peak e seus homens. Os soldados espalharam-se de ambos os lados dos píeres. Rubin e Peak aproximaram-se até Roscovitz, enquanto Greywolf e os outros vestiam suas roupas de neoprene e as máscaras de mergulho.

— Pronto — disse Greywolf. Uniu as pontas do polegar e do indicador, formando um círculo que, na linguagem dos mergulhadores, significava ok. — Vamos buscá-los.

Roscovitz acenou a cabeça e ligou o aparelho para chamar os golfinhos. Viu os cientistas pularem no tanque, os corpos iluminados pelas luzes subaquáticas. Aproximaram-se e, à altura da comporta, afundaram um atrás do outro.

Ele abriu as escotilhas inferiores.

Delaware nadou para baixo em direção ao painel de instrumentos à beira da comporta. Enquanto mergulhava, as

enormes placas de aço começaram a mover-se a três metros abaixo da tampa de vidro. Ela observou as comportas se abrindo e liberando a visão para o fundo do mar. Imediatamente entraram dois golfinhos. Pareciam tensos e batiam com os focinhos contra o vidro. Greywolf fez sinal para esperarem. Outro golfinho entrou na comporta.

Nesse ínterim, as escotilhas de aço abriram-se completamente. Debaixo da cúpula de vidro estendia-se o abismo. Delaware olhou para dentro da escuridão. Por enquanto não se via nada de extraordinário, nenhum brilho, nada de relâmpagos, orcas e nenhum dos três golfinhos restantes. Mergulhou ainda mais até as suas mãos tocarem o vidro e procurou pelos outros na escuridão. De repente, um quarto animal aproximou-se rapidamente, girou em torno do próprio eixo e nadou para dentro do tanque da comporta. Greywolf acenou a cabeça, e Delaware fez sinal para Roscovitz. Lentamente, as placas de aço aproximaram-se novamente e fecharam-se num estrondo surdo. No interior da comporta, os sensores começaram a trabalhar e verificaram se havia impurezas e substâncias contaminadas.

Após alguns segundos, o sistema sensor deu luz verde e encaminhou a liberação para a mesa de controle de Roscovitz. As comportas de vidro afastaram-se silenciosamente.

Bastou uma fenda larga o bastante para os animais entrarem às pressas e serem recebidos por Greywolf e Anawak.

Peak viu Roscovitz fechando o teto de vidro novamente. Seu olhar não largava dos monitores. Rubin aproximara-se da beira do tanque e olhava para baixo em direção à comporta.

— Restam apenas dois — sussurrou.

Nos alto-falantes ouviam-se os assobios e os cliques dos golfinhos que continuavam do lado de fora. Estavam cada vez mais agitados. A cabeça de Greywolf surgiu na superfície, e depois Anawak e Delaware apareceram.

— O que dizem os animais? — quis saber Peak.

— A mesma coisa — respondeu Greywolf. — Formas de vida desconhecidas e orcas. Algo de novo nos monitores?

—não.

—não quer dizer nada. Vamos buscar os últimos dois.

Peak hesitou. As margens das telas começaram a brilhar azul-escuro.

— Acho melhor apressarem-se — disse. — Está se aproximando.

Os cientistas mergulharam novamente em direção à comporta. Peak chamou oCIC.

— O que estão vendo aí em cima?

— O anel continua se contraindo — rangeu a voz de Li das caixas de som da mesa de controle. — Os pilotos disseram que a criatura está afundando, mas continua bem visível na imagem de satélite. Parece querer entrar debaixo do navio. Daqui a pouco as coisas devem clarear aí embaixo.

— Está clareando. Do que se trata? É a nuvem?

— Sal? — Era Johanson. —não acho que continue com forma de nuvem. As células se fundiram. É uma mangueira compacta de gelatina e está se contraindo. não sei o que está acontecendo, mas acho bom vocês terminarem logo.

— Falta pouco. Rosco?

— Já foi — disse Roscovitz. — Abrirei a comporta.

Anawak estava pendurado por cima do teto de vidro, perplexo. Dessa vez, foi diferente quando as placas de aço se afastaram. Da primeira vez viram a escuridão total. Agora o fundo do mar fora tomado por um fraco brilho azul cuja intensidade aumentava lentamente.

Isso é diferente da nuvem, pensou. É mais uma luz que brilha em todas as direções. Pensou na imagem do satélite que haviam visto no CIC. Na boca do gigantesco cano em cujo centro estava o Independence.

De repente compreendeu que estava olhando para a parte interna desse cano. Ao pensar na dimensão da mangueira, sentiu um frio no estômago. De uma hora para a outra foi tomado pelo medo. Quando o corpo do quinto golfinho surgiu do nada e atirou-se no tanque, recuou, praticamente incapaz de reprimir o seu reflexo de fuga. O golfinho aproximou-se da tampa de vidro. Anawak forçou-se a manter a calma. No instante seguinte, o sexto animal

estava na comporta. As placas de aço deslizaram uma de encontro à outra. Os sensores avaliaram a qualidade da água, enviaram o seu ok para Roscovitz, e as portas de vidro se abriram.

Browning deu um grande salto para dentro do Deepflight.

— O que é isso? — quis saber Roscovitz.

— Os animais entraram. Estou fazendo o meu trabalho, é isso.

— Ei, não foi o que eu quis dizer.

— Foi, sim. — Browning agachou-se e abriu uma tampa na popa. — Vou terminar de consertar este maldito troço agora.

— Há coisas mais importantes, Browning — insistiu Peak. — Deixe de frescura. — não conseguia tirar os olhos dos monitores. Estava cada vez mais claro ali.

— Sal, vocês terminaram aí embaixo? — disse a voz de Johanson.

— Terminamos. O que há em cima?

— A borda da mangueira está se empurrando para debaixo do navio.

— Ela pode nos fazer alguma coisa?

— Acho difícil. não consigo imaginar um organismo que sequer faça o Independence tremer. Nem esse troço. É gelatina. Como uma borracha musculosa.

— E está debaixo de nós — disse Rubin da margem do tanque. Ele se virou. Os seus olhos brilhavam. — Abra a comporta mais uma vez, Luther. Rápido.

— O quê? — Roscovitz arregalou os olhos. — Enlouqueceu? Rubin aproximou-se com alguns passos.

— General? — gritou no microfone da mesa. Ouviu-se um estalo na linha.

— O que foi, Mick?

— Temos uma oportunidade fantástica de adquirir quantidades maiores dessa gelatina. Sugeri que abrissemos a comporta mais uma vez, mas Peak e Roscovitz...

— Jude, não podemos assumir esse risco — disse Peak. — não temos como controlar.

— Abrimos apenas a comporta de aço e aguardamos um pouco — disse Rubin. — Talvez o organismo seja curioso. Capturamos alguns pedaços e fechamos a comporta novamente. Uma bela porção de material para pesquisa, que tal?

— E se estiver contaminado?

— Meu Deus, escrupulosos por toda parte! Isso é fácil de descobrir. Naturalmente deixaremos a comporta de vidro fechada até sabermos!

Peak balançou a cabeça.

— não acho uma boa idéia.

Rubin virou os olhos.

— General, trata-se de uma oportunidade única.

— Está bem — disse Li. — Mas sejam cuidadosos.

Peak parecia desesperado. Rubin riu, foi até a beira da piscina e girou os braços.

— Ei, terminem isso daí — gritou para Greywolf, Anawak e Delaware, que estavam tirando os arreios dos animais debaixo d'água. — Tratem de... — não podiam ouvi-lo. — Ah, tanto faz. Venha, Luther, abra a maldita comporta. Enquanto a comporta de vidro se mantiver fechada não pode acontecer nada mesmo.

— não deveríamos esperar até...

— não podemos esperar — gritou Rubin. — Escutou o que Li disse. Se esperarmos, desaparecerá. Apenas deixe um pouco da gelatina entrar na comporta e feche-a novamente. Basta um metro cúbico ou coisa assim.

Filho da mãe impertinente, pensou Roscovitz. Se pudesse, teria jogado Rubin na água, mas o babaca tinha a autorização de Li. Ela dera a ordem. Ele apertou o comando da comporta.

Delaware estava lidando com um golfinho especialmente exaltado. Irrequieto e impaciente. Ao tentar tirar-lhe a câmara, o golfinho escapou e mergulhou em direção à comporta, carregando metade dos arreios atrás de si. Ela o viu girar por cima da cobertura de vidro e seguiu-o com pernadas fortes.

Não ficou sabendo de nada do que estava sendo conversado lá em cima.

O que há com você?, pensou. Venha cá. não precisa ter medo.

E então viu o que estava acontecendo.

A comporta de aço voltara a se abrir.

Por um instante ficou tão perplexa que esqueceu de nadar e afundou até as pontas dos pés tocarem o vidro. Debaixo dela, a comporta continuava se abrindo. O mar brilhava num forte azul. Ao fundo estremeciam descargas relampejantes.

Que diabos Roscovitz estava fazendo? Por que estava abrindo a comporta?

O golfinho circulava enlouquecidamente acima da comporta. Nadou em sua direção e tocou-a com o focinho. Aparentemente tentava afastá-la da comporta. Como Delaware não reagiu imediatamente, fez uma pirueta e desapareceu dali.

Ela arregalou os olhos para o fundo brilhante.

O que era aquilo lá embaixo? Reconheceu algumas sombras movendo-se e depois uma mancha que se aproximava, cada vez maior.

Aproximava-se muito rápido.

A mancha tomou uma forma, ganhou feições.

De repente, compreendeu o que estava se aproximando. Reconheceu a gigantesca cabeça com a testa preta e a barriga branca, as fileiras regulares de dentes entre os lábios semi-abertos. Era uma das maiores que jamais vira. Atirava-se verticalmente para cima e parecia acelerar cada vez mais, aparentemente sem a menor intenção de desviar. Seus pensamentos expulsavam-se uns aos outros. Em segundos, juntou o que sabia. Que as comportas de vidro eram grossas e robustas, mas não eram suficientemente fortes para suportarem uma bomba viva. Que esse animal devia medir mais de 12 metros. Que podia chegar a uma velocidade de 56 quilômetros horários.

Que era rápido demais.

Desesperada, procurou afastar-se da comporta.

A orca atirou-se através da comporta de vidro como um torpedo. A onda de pressão fez Delaware girar em torno do próprio eixo. Viu alguns destroços da moldura de aço e cacos de vidro

serem jogados em sua direção, e a barriga da baleia que se projetava para cima da cúpula de vidro destruída, praticamente sem ser freada pela colisão. Alguma coisa acertou-a dolorosamente entre as escápulas. Ela gritou e engoliu água, esperneou e perdeu todo o sentido para o alto e o baixo.

Entrou em pânico.

Roscovitz teve tempo de compreender a situação. O píer ribombou e estremeceu sob os seus pés quando a orca atravessou a comporta. Uma gigantesca montanha de água levantou o Deepflight. Ele viu Browning cambaleiar e remar com os braços, enquanto a orca receava um pouco para voltar a acelerar do zero.

— A comporta! — gritou Rubin! — Feche a comporta!

A cabeça da orca chocou-se contra o submersível e jogou-o para cima. A fixação da corrente estilhaçou-se num estouro estridente. O corpo de Browning foi arremessado pelo ar e voou contra a mesa de controle. Uma de suas botas acertou Roscovitz no peito e lançou-o para trás. Ele chocou-se contra a parede do hangar, puxando Peak consigo.

— O barco! — gritou Rubin. — O barco!

Browning caiu na água com a testa sangrando. Acima dela, a popa do deeflight verticalizou-se, e o submersível encheu de água e afundou em poucos segundos. Roscovitz conseguiu levantar-se e tentou alcançar a mesa de control Alguma coisa voou em sua direção. Ele olhou para cima e viu a corrente solta sendo lançada em sua direção como um chicote. Rapidamente tentou esquivar-se, sentiu a ponta raspar sua têmpora e enrolar-se em seu pescoço. Ficou sem ar. Foi puxado para a frente e escorregou por cima da margem.

Greywolf estava longe demais para entender o que a catástrofe provocara e como estava dentro d'água, não sentiu o tremor. Viu o submersível sendo arrancado da fixação e o que acontecera a Browning e Roscovitz. Rubin gritava e gesticulava de pé, ao lado da mesa de controle. Em algum lugar atrás dele surgiu a cabeça de Peak. Os soldados haviam erguido as armas e corriam para o local do acidente.

Seu olhar percorreu apressadamente a superfície, à procura de Delaware. Anawak estava diretamente ao seu lado, mas não conseguia ver Delaware em lugar algum.

— Licia? Nenhuma resposta.

— Licia!

Sentiu um aperto pavoroso no coração. Com um enorme arranco, mergulhou e nadou em direção à comporta.

Delaware estava nadando na direção errada. Suas costas doíam terrivelmente, e ela temia morrer sufocada. De repente, estava novamente ao lado da comporta. As duas metades do teto de vidro haviam sido arrancadas, e as comportas de aço também começavam a se fechar. Abaixo delas, o mar era um brilho único.

Virou-se de costas.

Oh, não!

O Deepflight caía em sua direção com a popa à frente e as escotilhas abertas. Afundava como uma pedra. Com toda a força, começou a bater as pernas. Viu as garras hidráulicas dobradas aproximarem-se, esticou-se como uma lontra, mas não foi o bastante. O barco acertou-lhe dolorosamente o tronco. Sentiu as costelas quebrarem, abriu a boca, gritou e engoliu ainda mais água. O barco empurrava-a impiedosamente para baixo, através da comporta e em direção ao mar aberto. O frio invadiu-lhe os ossos como num choque. Meio inconsciente, viu as comportas de aço chocarem-se com o submersível num som oco, e o Deepflight parou de afundar. Estava preso, mas Delaware continuava afundando. Esticou os braços, tentou segurar-se no barco que se afastava, mas os dedos escorregaram. não tinha mais forças, e os pulmões pareciam uma pasta. Tudo em seu abdome parecia ter sido esmagado.

Por favor, pensou, quero voltar. Voltar para o navio. não quero morrer.

Em algum lugar entre as comportas bloqueadas e o barco entalado viu vagamente o rosto de Greywolf, mas também podia ter sido imaginação, um belo sonho de ser salva.

Algo escuro e grande aproximou-se do lado. Mandíbulas abertas, fileiras de dentes cênicos.

A mordida da orca quebrou-lhe o tórax.

Não viu mais a massa brilhante passar por ela. Quando o organismo penetrou através da comporta, Delaware já estava morta.

Enfurecido, Peak socou a mesa de controle. Sua tentativa de fechar a comporta falhara. O Deepflight bloqueava as duas placas de aço. Ou ele as abria novamente, sacrificando o barco, ou arriscaria que entrasse mais coisas no navio.

Perdera Browning de vista. Roscovitz estava pendurado na corrente, trêmulo, as pernas dentro d'água, as mãos agarradas ao pescoço.

Onde estava a maldita orca?

— Sal — disse Rubin, chorando.

A água fervilhava e espumava. Os soldados corriam por todos os lados, sem plano. Greywolf mergulhara. não se via nada de Anawak. E Delaware? O que acontecera com Delaware?

Alguém cutucou-lhe as costelas.

— Sal, diabos! — Rubin expulsou-o da mesa de controle. Suas mãos voaram por cima do teclado, apertaram botões. — Por que não fecha essa maldita comporta?

— Seu filho-da-mãe — gritou Peak. Levantou o braço e socou-lhe o rosto. O biólogo cambaleou e caiu na água. A água espirrou e, no meio da espuma, Peak viu a nadadeira dorsal pontuda da baleia subindo em sua direção.

A cabeça de Rubin surgiu das águas, ofegante. Ele também viu a nadadeira. Começou a gritar.

Peak apertou o botão para abrir as comportas de aço e liberar o Deepflight para o fundo.

Uma lâmpada de controle deveria ter-se acendido. Nada aconteceu.

Greywolf achou que estava perdendo a razão.

Um grupo de orcas passou por debaixo do Independence. Um dos animais pegara Delaware e puxara o seu corpo para longe. Sem pensar, nadou em direção ao espaço entre as comportas entaladas e viu algo aproximar-se do fundo. À sua frente brilhavam relâmpagos e descargas cintilantes, e então foi acertado por un

soco enorme e lançado para trás. Virou de cabeça para baixo. Por um instante] Anawak surgiu à sua esquerda e desapareceu novamente. Havia um par de barbatanas se debatendo dentro d'água. Um corpo que caía em sua direção. Uma barriga branca — a orca que entrara no navio cruzou por cima dele. E então novamente! a comporta com o submersível entalado...

E o troço que penetrava para dentro através das comportas semi-abertas.

Parecia o braço de um pólipo supradimensional. Só que nenhum pólipo tinha um braço desses. Nenhum pólipo era suficientemente grande para um braço de três metros de diâmetro. Uma massa amorfa invadia o convés-doca, numa rapidez incrível, cada vez mais. Um músculo gelatinoso que, mal atravessava a comporta, ramificava-se em tiras finas em cuja superfície cintilavam desenhos luminescentes.

Rubin nadou com tudo o que pôde.

A nadadeira seguiu-o. Alcançou o píer tossindo e cuspiendo, e tentou sair, em puro pânico. Seus cotovelos dobraram-se. Ouviu tiros, afundou novamente eviu-se diante de um espetáculo inacreditável. Imediatamente percebeu que o seu desejo estava se realizando naquele momento. O organismo desconhecido penetrara, mas em condições completamente diferentes do que ele esperara.

Tentáculos brilhantes em toda parte. Grossos como árvores.

No meio, a boca aberta da orca.

Rubin subiu. Imediatamente à sua frente um par de pernas batia na água. Roscovitz olhava para baixo, em sua direção, com os olhos esbugalhados. Parecia estar pendurado numa forca. Suas mãos tentavam soltar a corrente do seu pescoço.

Um gargarejo horrível saía-lhe dos lábios.

Oh, meu Deus, pensou Rubin. Deus misericordioso. Ali estava a nadadeira, quase alcançando-o, fez uma curva...

A orca saltou numa montanha de espuma, a boca totalmente aberta. As pernas de Roscovitz desapareceram dentro dela. A boca fechou-se. Por um instante, o animal permaneceu imóvel no ar, caiu novamente...

O tronco sangrento de Roscovitz balançava sobre a superfície d'água, e Rubin não conseguia parar de olhar para ele. Ouviu um longo grito e percebeu que era ele próprio quem gritava.

Gritava e gritava.

E lá estava novamente a nadadeira.

## **CENTRO DE INFORMAÇÕES DE COMBATE**

Li não acreditou no que estava vendo. Dentro de poucos segundos, o caos tomou conta do convés-doca. Perplexa, viu Peak correr ao longo do píer, os soldados atirando descoordenadamente para dentro d'água, o corpo arreventado de Roscovitz.

— Fazer contato via rádio — ordenou.

De repente, tiros e ecos ecoaram na central de comando. Os rostos à sua volta refletiam o terror. Todos começaram a falar confusamente, o caos do convés-doca estendeu-se para o CIC. Pensou rapidamente no que deveria fazer. Mandar reforço, claro. Desta vez com explosivos. Também, por que estavam atirando com munição convencional lá embaixo?

Precisava retomar o controle.

Ela própria desceria.

Calada, foi para o COTD ao lado. Em caso de guerra, servia de central de comando para operações anfíbias. Daqui podia-se alagar ou esvaziar os tanques de lastro e abrir o portão da popa quando os controles falhavam no convés-doca. Apenas as comportas do chão não podiam ser controladas do COTD, mais um erro idiota na rápida adaptação do Independence.

— Está bem — explicou aos funcionários horrorizados nas mesas de controle. — Esvaziar os tanques de lastro da popa.

Refletiu. A comporta no chão do convés-doca estava fechada ou aberta? A água podia escorrer? O inferno nos monitores não possibilitava informações a respeito. Em geral, bastava elevar a popa do navio para a água do porto artificial escorrer para fora através da comporta aberta ou da porta de popa abaixada. Para o caso de ambas estarem bloqueadas, havia um sistema de

bombeamento de emergência. Levava um pouco mais de tempo, mas tinha o mesmo propósito.

Li ordenou que ligassem as bombas e correu de volta para o CIC.

## **CONVÉS-DOCA**

As comportas não reagiam. não tinha como saber a razão disso naquele momento. Sem fôlego, correu para um dos armários de armas e arrancou-lhe um arpão com explosivos. Os soldados atiravam descontroladamente para dentro d'água. Algo gigantesco, da forma de uma lula, entrava no navio através da comporta e arrastava-se um pouco abaixo da superfície, e a orca arrancara as pernas de Roscovitz.

Do canto do olho, viu Rubin içando-se para fora d'água. Peak sentiu-se aliviado e, ao mesmo tempo, enojado. Odiava o biólogo, mas não podia ter sucumbido à tentação de empurrá-lo para dentro d'água. A vida de Rubin tinha de ser preservada a todo custo. Ele precisava terminar o seu trabalho.

A nadadeira afastou-se do píer. Mais para trás nadavam Anawak e Greywolf Estavam indo para o lado oposto. Tentáculos cintilantes seguiam-nos, mas, na realidade, os troços estavam em toda parte e estremeciam em todas as direçõesao passo que a orca definitivamente mirava nos fugitivos.

Precisava acabar com o animal antes que outra pessoa o matasse.

De repente, Peak sentiu-se muito calmo. Todo o restante poderia esperar. Agora o mais importante era dar um fim a essa massa de carne com dentes.

Ergueu o arpão e mirou.

Anawak viu a orca aproximar-se. A água espumava e espirrava no porto artificial, parecia ter-se tornado viva. Uma massa ondulante e cintilante através da qual a orca nadava decididamente em sua direção.

A cabeça preta surgiu quando o animal expirou com força. Estava a poucos metros. não alcançariam o píer, isso era certo.

Precisavam fazer alguma coisa. No ataque das orcas no Clayoquot Sound, Greywolf chegara em tempo com o barco, mas agora Greywolf não estava numa situação muito melhor que a de Anawak. Precisariam enganar a orca.

A baleia afundou.

— Vamos deixá-la passar! — gritou para Greywolf.

Nada preciso, pensou. não faço a menor idéia se Jack entendeu. Mas em

todo caso era tarde demais para explicações.

Anawak inspirou profundamente e afundou.

Peak esbravejava.

A peste desaparecera, e não se via mais nada de Greywolf e Anawak. Continuou correndo ao longo do píer à procura do corpo maciço, mas o tanque se transformara num inferno agitado surreal onde a luz, as formas indefiníveis e a espuma espirrando não permitiam ver mais nada com clareza. À sua frente, um dos soldados atirava nos troços compridos como cobras dentro d'água, aparentemente sem efeito.

— Deixe de besteira! — Peak empurrou o homem em direção à mesa de controle. — Dê alarme. Tente abrir as comportas e livrar-se do submersível. — Seu olhar percorreu a superfície d'água. — E depois feche a maldita comporta.

O soldado parou de atirar e começou a correr.

Peak aproximou-se da beira do píer e apertou os olhos. O arpão pesava na sua mão.

Onde estava a orca?

Não se podia mais vê-la.

Em compensação, a massa que tremia e se contorcia, luz azul e branca. No instante em que Anawak afundara, o barulho estridente transformara-se num rumor surdo. Greywolf flutuava ao seu lado, remando com os braços. Bolhas de ar saíam da sua boca. Anawak continuou segurando o braço do meio-índio depois de tê-lo puxado para baixo consigo. não sabia se a sua idéia funcionaria, mas na superfície certamente estariam perdidos.

Algo serpenteou em sua direção, lembrava uma gigantesca cobra sem cabeça. Na superfície do tecido semitransparente e azul

cintilante pulsavam luzes listradas. Centenas de tentáculos finos como chicotes projetavam-se dali e alisavam o piso do convés e, de repente, Anawak entendeu o que o troço estava fazendo. Estava escaneando tudo ao seu redor. Os chicotes registraram cada ponto do tanque. Enquanto ainda assistia, atônito e fascinado ao mesmo tempo, mais tentáculos projetaram-se do corpo esguio e moveram-se em sua direção.

Entre eles estava a boca aberta da orca.

Anawak passou por uma transformação. Uma parte dele isolou-se e fazia perguntas com toda a tranqüilidade. Quanto restava de baleia no agressor, quanto era substância gelatinosa? O que haveriam de esperar de um ser vivo que não agia mais conforme a sua natureza, mas adotara uma consciência externa. Era preciso ver a orca como parte da massa luminosa, não mais como baleia com reflexos naturais. Mas talvez essa fosse exatamente a sua vantagem. Talvez conseguisse confundir o animal.

A orca atirou-se na sua direção.

Anawak desviou, deu um murro em Greywolf e viu-o afastando-se rapidamente para o lado oposto. Ele entendera o que dissera! A baleia passou no meio deles depois da sua presa surpreendentemente dividir-se.

Ganharam alguns segundos.

Sem dar mais atenção à orca, Anawak nadou para dentro da confusão de tentáculos.

Ofegante, Rubin arrastou-se, apoiado sobre as mãos e joelhos, ao longo do píer. O soldado saltou por cima dele e correu para a mesa de controle. Deu uma olhada no painel eletrônico, orientou-se e apertou um botão para abrir as comportas de aço.

O sistema estava bloqueado.

Como todos da equipe, o soldado fora treinado para todos os sistemas técnicos do navio e conhecia o seu funcionamento. A imagem do corpo de Browningsendo atirado contra a mesa de controle não lhe saía da cabeça. Ele inclinou-se para a frente e olhou melhor para o botão.

Estava preso. Entortado para o lado.

Talvez por um chute da bota de Browning. não era muito que precisava corrigir. Pegou sua arma e bateu com a coronha em cima.

O botão voltou para o lugar.

Anawak flutuava num mundo desconhecido.

Estava cercado por cortinas de finos tentáculos. não estava certo se fora uma boa idéia nadar para dentro da confusão, mas a pergunta tornara-se supérflua. Possivelmente a substância gelatinosa reagiria com agressão, talvez não. Talvez o troço também estivesse contaminado. Nesse caso, já estariam todos' mortos mesmo.

De qualquer forma, aqui a orca teria mais dificuldade de encontrá-lo.

Os tentáculos luminescentes curvaram-se em sua direção. Tudo começou a se mover. Anawak foi jogado para todos os lados. A rede de tentáculos adensou-se e, de repente, sentiu os chicotes passando pelo seu rosto.

Ele empurrou-os para o lado.

Outros se aproximaram, apalpam-lhe a cabeça e o corpo. Sua cabeça latejava e ribombava. Aos poucos, seus pulmões começaram a doer. Se não encontrasse logo uma brecha para emergir, podia entregar-se de uma vez a esse troço.

Enfiou as duas mãos na massa e abriu-a com força. Era como se estivesse lutando com um monte de cobras. O organismo lembrava um músculo firme e altamente flexível, em constante metamorfose. Tentáculos que ainda há pouco o tinham envolvido deformavam-se, recuavam e dissolviam-se na grande massa que, simultaneamente, gerava outras extremidades. O troço era totalmente imprevisível e, naquele instante, parecia estar desenvolvendo uma predileção por Leon Anawak.

Precisava sair daqui.

Um corpo esguio e elegante passou ao seu lado.

Um rosto sorridente. Um dos golfinhos. Anawak instintivamente agarrou a nadadeira dorsal. Sem hesitar, o golfinho atirou-se para fora da massa de tentáculos e puxou-o consigo. De repente, voltou a ver livremente. Agarrou-se com força e viu a orca

se aproximando rapidamente pela lateral. O golfinho atirou-se para cima. Atrás deles, as gigantescas mandíbulas se fecharam, perdendo-o Por pouco, e então atravessaram a superfície d'água em direção à margem artificial.

O soldado apertou o botão.

Fora apenas um conserto com uma coronha, mas com sucesso. Lentamente, as comportas de aço começaram a se mover, liberando o submersível. Ele começou a afundar novamente, passando pelo organismo que se enfiava comporta adentro. O Deepflight caiu silenciosamente para fora do navio e desapareceu no fundo do mar.

Por um milésimo de segundo, o soldado ficou na dúvida se não seria melhor manter a comporta aberta, mas a ordem fora outra. Deveria fechá-la, portanto obedeceu. Desta vez, nenhum submersível bloqueou as comportas. As placas, propulsionadas pelos fortes motores da comporta, enfiaram-se no organismo grosso como uma árvore, espremendo-o.

Peak levantou o arpão.

Há pouco vira Anawak. A orca parecia tê-lo pego, mas então o homem aparecera novamente enquanto o bicho se movia para o lado oposto. Os soldados atiravam no dorso preto, e a orca voltou a afundar.

Haviam acabado com ela?

— Comporta fechando — gritou o soldado da mesa de controle.

Peak levantou o braço para demonstrar que compreendera e deu alguns passos lentos ao longo do píer. Seu olhar percorria o lado oposto. Munições de armas de fogo não serviam de nada contra o troço em forma de lula, mas não tinha coragem de atirar explosivos na substância gelatinosa. Ainda havia pessoas no tanque.

Aproximou-se da beira.

Greywolf seguiu o exemplo de Anawak e nadara para dentro dos tentáculos. Com toda a força, deu braçadas em direção ao lado oposto do tanque. Após alguns metros, a massa corpórea

do organismo cortou-lhe o caminho, e ele foi obrigado a mudar a direção.

Perdera toda a orientação.

Os tentáculos enrolaram-se nele e envolveram os seus ombros. Greywolf sentiu uma forte repugnância. Estava totalmente perturbado. A seqüência da morte de Delaware ficara gravada na sua retina, repetindo-se como um filme. Arrancou as extremidades da substância gelatinosa de si, virou-se rapidamente e tentou escapar.

De repente, estava flutuando acima da comporta. O submersível havia desaparecido. Viu as placas se fechando, enfiando-se na criatura gelatinosa e estrangulando o gigantesco cordão.

A reação da criatura foi categórica.

Não lhe agradou.

Uma torrente de água acertou Peak. A orca subiu imediatamente à sua frente. Perplexo demais para sentir medo, Peak olhou para dentro da boca cor-de-rosa. Ele foi lançado para trás, enquanto, no mesmo instante, o convés inteiro parecia estar sendo demolido. O organismo tempestava. Gigantescas cobras furiosas turbilhavam em direção ao teto, batiam contra as paredes e varriam os píeres. Peak ouviu os soldados gritarem e atirarem, viu o corpo turbilhonar pelo ar e desaparecer no tanque, e então alguma coisa deu-lhe uma rasteira, e ele caiu de costas. O ar escapou-lhe total e dolorosamente dos pulmões. O corpo da orca caiu em sua direção. Peak gemeu, instintivamente segurou mais forte o arpão e foi puxado com um tranco para dentro do tanque.

Ele afundou num turbilhão de bolhas de ar. Suas pernas estavam imersas numa massa azul cintilante. Empurrou-a com o arpão, e sua mão abriu-se. Acima dele, a orca despencou de volta à água. Peak foi surpreendido por uma gigantesca onda de pressão que o fez girar diversas vezes em torno do seu próprio eixo. Viu as fileiras de dentes da baleia se abrirem a menos de um metro de distância, enfiou-lhe o arpão na boca e atirou.

Por um instante, tudo pareceu imóvel.

Uma detonação surda ecoou da cabeça da orca. não foi muito alto, mas o mundo tingiu-se de vermelho. Peak foi lançado para trás numa massa de sangue e pedaços de carne. Deu uma cambalhota, chocou-se com a parede lateral e içou-se de volta ao píer com um único movimento dinâmico. Ofegante, arrastou-se para longe da borda. Havia sangue em todo lugar. Uma gosma vermelha misturava-se a tecido gorduroso e estilhaços de ossos. Tentou levantar, escorregou e caiu novamente de traseiro no chão. Estremeceu de dor. Seu pé direito estava virado para fora, o que não prometia nada de bom, mas no momento nem isso lhe interessava.

Perplexo, observou a cena que se apresentou.

O organismo parecia ter entrado em fúria. Os tentáculos chicoteavam tempestuosamente. Estantes viraram, equipamento voou pelo ar. Viu apenas um dos soldados correndo ao longo do píer, atirando, até um dos braços puxá-lo para dentro d'água. Peak agachou-se quando um troço semitransparente que não era nem uma cobra, nem um tentáculo, nada que o fizesse lembrar de algo que já tivesse visto, cortou o ar imediatamente acima da sua cabeça. De olhos arregalados, viu a ponta do troço mudar a direção durante o vôo e, por um segundo, adotar forma de um peixe, antes de ramificar-se em filamentos sibilantes. No tanque, parecia ter grandes animais nadando, algumas nadadeiras dorsais projetavam-se para fora e desapareciam novamente, cabeças deformadas projetavam os seus focinhos para fora, estranhamente escorregadias e interminadas, deformavam-se e despencavam de volta para a água como torrão sem contornos.

Peak esfregou os olhos. Enganava-se ou o nível da água baixara? O estrondo das máquinas misturava-se ao barulho generalizado, e ele compreendeu

estavam esvaziando o convés! A água estava sendo expelida dos tanques de lastro. A popa do Independence levantou-se imperceptivelmente enquanto o conteúdo da doca escorreu de volta para o mar. Os tentáculos chicoteantes se retraíram. De repente, a criatura voltou a mergulhar completamente. Apoiado na

parede, Peak levantou-se, pisou sobre o pé esquerdo e perdeu o equilíbrio. Antes que caísse, foi pego por duas mãos.

— Segure-se — disse Greywolf.

Peak agarrou-se aos ombros do gigante e tentou mancar ao seu lado. Apesar de não ser pequeno, sentia-se franzino e sem forças ao seu lado. Ele gemeu. Decidido, Greywolf levantou-o e correu com ele ao longo do píer até a margem artificial.

— Pare — disse Peak, ofegante. — Já basta. Para baixo.

Greywolf colocou-o cuidadosamente no chão. Estavam imediatamente em frente ao túnel que levava ao laboratório. Daqui via-se todo o tanque. Peak viu que as paredes laterais do delfinário voltavam a aparecer. As bombas de água trabalhavam sem parar. Pensou nas pessoas do tanque que provavelmente estariam todas mortas, nos soldados, em Delaware e Browning...

Em Anawak!

Seu olhar percorreu a água. Onde estava Anawak?

Emergiu, ofegante, bem próximo à margem. Greywolf deu um salto e ajudou-o a sair. Olharam a água baixando continuamente. Agora podiam reconhecer uma grande criatura que emanava uma luz azul turva e percorria o tanque como se procurasse um caminho para fora. Sua forma lembrava uma baleia magra ou uma serpente marinha atarracada. Não estremeciam mais raios de luz sobre o seu corpo, nem se projetavam tentáculos da massa. Nadava por todos os cantos, serpenteava ao longo das paredes e procurava sistematicamente uma saída inexistente.

— Maldito animal! — disse Peak, ofegante. — Agora ficará no seco.

— Não. Precisamos salvá-lo.

Era a voz de Rubin. Peak girou a cabeça e viu o biólogo surgir no túnel. Ele tremia e abraçava a si mesmo, mas em seus olhos surgiu novamente o brilho que tivera ao insistir em deixar a substância gelatinosa entrar no navio.

— Salvar? — ecoou Anawak.

Rubin aproximou-se, hesitante. Olhou atentamente para o tanque, onde a criatura nadava cada vez mais rápido. O espelho

d'água não passava de dois metros. A criatura aplainou-se, aparentemente para diminuir sua altura.

— É uma oportunidade única — disse. — não compreendem? Precisamos descontaminar o simulador de alta pressão imediatamente. Os caranguejos para fora, água fresca para dentro e o quanto pudermos desse troço. É muito melhor do que os caranguejos. Com ele, podemos...

Greywolf deu um salto em sua direção, segurou o pescoço de Rubin com as mãos e apertou-as. O biólogo abriu os olhos e a boca. A língua apareceu.

— Jack! — Anawak tentou puxar os braços de Greywolf para trás. — Pare com isso!

Peak levantou-se. Seu pé esquerdo suportou o peso. não parecia ter fraturado, mas doía terrivelmente, a ponto de praticamente não conseguir andar. Mesmo assim. Querendo ou não, precisava fazer isso pelo filho-da-puta.

— Jack, não adianta — exclamou. — Largue-o.

Greywolf não reagiu. Ele levantou Rubin, cujo rosto começou a ficar azul.

— Chega, o'Bannon.

Li saiu do túnel, acompanhada por alguns soldados.

— Eu o matarei — disse Greywolf calmamente.

A comandante deu um passo à frente e agarrou o punho direito de Greywolf.

— não, O'Bannon, não fará isso. não me importa o problema que tem para resolver com Rubin, mas o trabalho dele é importante.

— não é mais.

— o'Bannon! não me obrigue a machucá-lo.

O olhar de Greywolf fuzilava, preso em Li. Aparentemente conscientizou-se de que ela estava falando sério, porque deixou Rubin descer lentamente e soltou as mãos do seu pescoço. O biólogo caiu de joelhos, agonizante. Ainda engasgado, ele cuspiu.

— Licia morreu por causa dele — disse Greywolf num tom de voz monótono. Li acenou a cabeça. De repente, seu semblante mudou.

— Jack — disse quase suavemente. — Sinto muito. Prometo que sua morte não terá sido em vão.

— A morte é sempre em vão — respondeu Greywolf, monótono. Ele afastou-se. — Onde estão meus golfinhos?

Li marchou com os seus soldados até o píer. Como Peak era idiota. Por que não armara o seu pessoal de antemão com explosivos? Porque esse tipo de situação não estava previsto? Tolice! Fora exatamente como ela previra. Um monte de problemas. Ela não sabia como seriam, mas tinha certeza de que iriam acontecer. Tivera certeza antes dos primeiros cientistas chegarem ao castelo, e tomara as medidas cabíveis.

Restavam apenas algumas poças no tanque. A visão era infernal. Diretamente aos seus pés, quatro metros abaixo, estava o cadáver da orca. Onde antes estivera a cabeça com a boca repleta de dentes, agora espalhava-se uma gosma avermelhada. Um pouco mais à frente viu os corpos imóveis de alguns soldados. Restavam apenas três golfinhos, dos outros não havia pista alguma. No pânico, provavelmente tinham preferido deixar o navio enquanto a comporta esteve aberta.

— Mas que grande porcaria — disse.

O troço amorfo no meio do tanque praticamente não se movia mais. Tornara-se branco e opaco. Nas bordas, onde o último resto de água banhava a massa, formavam-se pequenos tentáculos que rastejavam sobre o chão como cobras. A criatura estava morrendo. Por mais assustadora sua capacidade de alterar a forma e lançar seus tentáculos por cima d'água, agora parecia num beco sem saída. A parte de cima do monte gelatinoso apresentava os primeiros sinais de decomposição. Um líquido claro como cera pingava dali.

Li lembrou que o colosso naufragado não era uma criatura única, mas um conglomerado de bilhões de unicelulares que perdiam sua consistência naquele momento. Rubin tinha razão. Precisavam salvar o máximo daquilo. Quanto mais rápido agissem, maior a quantidade sobrevivente do coletivo.

Anawak aproximou-se, calado. Li continuou percorrendo o tanque com os olhos. não deu atenção ao corpo pendurado de

Roscovitz, ou melhor, o que restava dele. Dos cantos dos olhos percebeu um movimento no fundo do tanque, foi até o fim do píer e desceu a escada. Anawak seguiu-a. Algo lhe chamara a atenção, mas desaparecera. Ela estava andando a certa distância do corpo que começava a emanar um cheiro desagradável, quando ouviu Anawak chamar do lado oposto. Rapidamente correu em volta da montanha e quase tropeçou em Browning.

A técnica estava deitada de olhos arregalados debaixo da criatura que derretia.

— Ajude-me — disse Anawak.

Juntos, puxaram a mulher para fora da massa. O troço soltou-se das suas pernas com dificuldade. Li achou o corpo da morta estranhamente pesado. Seu rosto brilhava como envernizado, e Li inclinou-se por cima dela para poder analisar melhor.

O tronco de Browning ergueu-se.

— Merda!

Li deu um salto para trás e viu o rosto de Browning começar a tremer como num ataque epiléptico e a fazer caretas. A técnica jogou os braços para o alto, abriu a boca e voltou a cair para trás. Seus dedos curvaram-se em garras. Esperneou, esticou as costas e balançou a cabeça energeticamente diversas vezes.

Impossível! Absolutamente impossível!

Li era resistente, mas agora foi tomada pelo mais puro terror. Arregalou os olhos para o cadáver vivo enquanto Anawak, visivelmente contrariado, abaixou-se ao lado de Browning.

— Jude — disse baixinho. — Deveria ver isto. Li superou o seu nojo e aproximou-se.

— Aqui — disse Anawak.

Ela olhou melhor. O revestimento brilhante do rosto de Browning começou a pingar e, de repente, reconheceu o que era. Grumos de filamentos derretendo percorriam os ombros e o pescoço da técnica e desapareciam nos seus ouvidos...

— Penetrou nela — sussurrou.

— O troço está tentando controlá-la. — Anawak acenou a cabeça. Estava pálido, uma mudança de cor notável para um inuk.

— Talvez esteja entrando em todos os orifícios e examinando as circunstâncias. Mas Browning não é uma baleia. Acredito que um pouco de eletricidade restante esteja reagindo à tentativa de controle. — Fez uma pausa. — Acabará a qualquer instante.

Li ficou em silêncio.

— Está testando todas as funções cerebrais — disse Anawak. — Mas não compreende um ser humano — Ergueu-se. — Browning está morta, general. O que estamos vendo é o fim de um experimento.

## **HEEREMA, EM FRENTE A LA PALMA, ILHAS CANÁRIAS**

Desconfiado, Bohrmann examinou as roupas na pequena estação de mergulho. Invólucros corpóreos cor de prata com capacetes envidraçados, múltiplas articulações e garras. Estavam penduradas num grande contêiner de aço aberto como bonecas sem vida olhando para o infinito.

— não pensei que voaríamos para a Lua — disse.

— Gueerraaadl — disse Frost, rindo. — A quatrocentos metros de profundidade, é parecido com a Lua. Você fez questão de vir junto, então não reclame.

Na realidade, Frost pretendia levar Van Maarten para o mergulho, mas Bohrmann lembrara que o holandês era quem conhecia melhor os sistemas da Heerema, portanto era indispensável em cima. Nas entrelinhas, expressara a possibilidade de surgirem imprevistos lá embaixo.

730

— Além do mais — comentara —, não quero vê-los fuçando lá embaixo. Vocês podem ser excelentes mergulhadores, mas continuo entendendo mais de hidratos.

— Por isso deve ficar aqui — contestou Frost. — Você é o nosso especialista

em hidratos. Se acontecer alguma coisa com você, não resta mais ninguém.

— Resta, sim. Temos o Erwin. Ele sabe tanto quanto eu. Até mais. Nesse meio tempo, Suess chegara de Kiel.

— Mas um mergulho não é um passeio — disse Van Maarten. — Você já mergulhou?

— Diversas vezes.

— Quer dizer, já foi até lá embaixo?

Bohrmann hesitou.

— Cheguei a cinquenta metros. Mergulho de garrafa convencional. Mas sinto-me muito bem. E também não sou um idiota — acrescentou, insistente.

Frost refletiu.

— Dois homens fortes bastam — disse. — Pegaremos pequenos carregamentos de explosivos e...

— Já começou — exclamou Bohrmann, horrorizado. — Carregamentos de explosivos.

— Está bem, está bem! — Frost levantou as mãos. — Já vi que não podemos ir sem você. Você virá comigo. Mas ai de você se me encher o saco quando estiver desconfortável.

Agora estavam dentro do pontão a bombordo, a 18 metros debaixo da superfície d'água. Os pontões estavam alagados, mas Van Maarten excluía uma pequena parte ligada à plataforma por escadas. Daqui também haviam descido o robô. Como Van Maarten sabia que tinham de contar com mergulhos tripulados a algumas centenas de metros de profundidade, nem perdera tempo com aparelhos de mergulho convencionais, e encomendara roupas na Nuytco Research em Vancouver, uma empresa conhecida pelas suas invenções revolucionárias.

— Parecem pesadas — disse Bohrmann.

— Noventa quilos, predominantemente titânio. — Frost deu um tapinha quase amigável na frente envidraçada de um dos capacetes. — Um exosuit é um troço pesado, mas não perceberá nada debaixo d'água. Pode descer e subir como quiser. A roupa é preenchida com oxigênio que o envolve completamente, então o nitrogênio não tem como formar bolhas no sangue. Dessa forma, evitam-se as malditas paradas de descompressão.

— Tem nadadeiras.

— Genial, não? Em vez de afundar como uma pedra, nada-se como um homem-rã. — Frost apontou para as diversas

articulações. — A construção permite-lhe total mobilidade até mesmo a quatrocentos metros de profundidade. As mãos ficam protegidas em meias esferas. não há luvas, é perigoso de iria' mas os dois braços terminam num sistema de garras controlado por computador. Os sensores transmitem uma espécie de tato artificial para dentro. São tão sensíveis que você pode assinar o seu testamento com eles.

— Por quanto tempo poderemos ficar lá embaixo?

— Quarenta e oito horas — disse Van Maarten. Ao ver a expressão assustada de Bohrmann, sorriu. — não tenha medo, não levará tanto tempo. — Apontou para dois robôs em forma de torpedo, cada um com aproximadamente um metro e cinquenta de altura, com propulsores e ponta envidraçada. Do alto de cada um saía uma coleira que o ligava a um aparelho de comando com um cabo um display e teclas. — Estes são os seus trackhounds. Cães de busca, VSA. Estão programados para a placa de iluminação. Têm uma precisão de centímetros portanto não tentem se achar, mas apenas deixem-se puxar. Os troços chegam a quatro nós, em três minutos chegarão lá embaixo.

— A programação é segura? — perguntou Bohrmann, desconfiado.

— Muito segura. Os trackhounds dispõem de diversos sensores para registrar a profundidade e a posição. não há como se perder, e, se alguma coisa aparecer no meio do caminho, o trackhound desviará. A programação é ativada através do comando no final da coleira. Ida, volta, é muito simples. A tecla 0 inicia os propulsores sem que a programação seja ativada. Nesse caso, podem guiar o trackhound para baixo com o joystick, e o cãozinho irá para onde quiserem. Mais perguntas?

Bohrmann balançou a cabeça.

— Então vamos lá.

Van Maarten ajudou-os a vestir as roupas. Entrava-se no exosuit através de uma abertura nas costas, onde os tanques de oxigênio estavam afixados. Bohrmann sentiu-se como um cavaleiro fardado prestes a passear na Lua. Quando a roupa se fechou, por um instante esteve isolado de todos os sons, depois voltou a ouvir

alguma coisa. Viu Frost falando dentro da sua roupa através do grande visor curvado e ouviu sua voz estrondante no capacete. Os sons externos também voltaram a ressoar nos seus ouvidos.

— Contato via rádio — explicou Frost — é melhor do que ficar mexendo os braços para lá e para cá. Consegue manobrar as garras?

Bohrmann moveu os dedos dentro da esfera. A garra artificial acompanhou todos os movimentos.

— Acredito que sim.

— Tente pegar o controle que Van Maarten está lhe estendendo.

Funcionou na primeira tentativa. Bohrmann suspirou aliviado. Se tudo fosse tão simples como o manejo destas garras, podiam dar graças a Deus.

— Mais uma coisa. À altura da cintura tem uma placa retangular, um interruptor plano. É um DPO.

— Um quê?

— Nada com que precise se preocupar. Uma medida de segurança. Dificilmente precisaremos dela, mas, caso aconteça alguma coisa, eu lhe direi para que serve. Para ligar, basta bater com força. Está bem?

— O que é um DPO?

— Uma facilitação durante o mergulho. Explicarei depois.

— Eu realmente gostaria de saber...

— Mais tarde. Pronto?

— Pronto.

Van Maarten abriu o túnel da comporta. Seus pés foram cobertos pela água azul clara iluminada.

— Simplesmente deixe-se cair na água — disse. — Jogarei o trackhound em seguida. Esperem até sair da comporta, e então liguem os seus trackhounds. Um atrás do outro, Frost primeiro.

Bohrmann deslizou com as nadadeiras por cima da borda. Qualquer movimento, por menor que fosse, demandava grande esforço. Inspirou profundamente e deixou-se cair para a frente. A água veio ao seu encontro. Ele deu uma cambalhota, viu as luzes da comporta voarem por cima dele e voltou a ficar de pé.

Lentamente afundou e atravessou o túnel da comporta em direção ao mar, onde foi parar no meio de um cardume de peixes. Milhares de corpos cintilantes afastaram-se para todos os lados, uniram-se numa espiral viva e aglomeraram-se novamente. O cardume mudou de formato várias vezes seguidas, esticou-se e fugiu. Bohrmann viu o trackhound ao seu lado e afundou mais. A comporta brilhava acima dele no casco escuro do pontão. Bateu as nadadeiras e percebeu que conseguia estabilizar sua posição. não sentia mais o peso da roupa. Na realidade, sentia-se muito bem. Um submarino portátil.

Frost seguiu-o num casulo de bolhas de ar. Afundou até a altura de Bohrmann e olhou para ele através da janela de vidro do capacete. Só agora Bohrmann viu que, até mesmo no exosuit, o americano continuava usando boné.

— Como se sente? — perguntou Frost.

— Como o irmão mais velho do R2-D2.

Frost riu. O hélice do seu trackhound começou a girar. O robô imediatamente virou para baixo e puxou o vulcanólogo para o fundo. Bohrmann acionou a programação. Sentiu um tranco e virou de cabeça para baixo. Subitamente, escureceu.

Van Maarten tinha razão. Era realmente rápido. Logo em seguida já estava totalmente escuro. não se via nada além da luz difusa que os cães emanavam.

Para sua surpresa, sentiu-se desconfortável na escuridão. Centenas de vezes estivera diante de telas monitorando os mergulhos de robôs que avançaram para o fundo das abissais ou mais ainda, até o bentos. Estivera a quatro mil metros de profundidade com o Alvitt, o lendário submersível. Mesmo assim, era totalmente diferente estar dentro desta roupa e ser puxado para um mundo desconhecido por um cão eletrônico.

Rezou para que este troço na sua mão estivesse programado corretamente se não pousaria Deus sabe onde.

O farol iluminou a chuva de plânctons. Continuou descendo verticalmente. O zumbido eletrônico do trackhound ressoou no capacete de Bohrmann. Mais à frente avistou uma criatura filigranada que vagava com movimentos lentos e pulsantes pela

noite. Era de uma beleza inacreditável, uma medusa do fundo do mar que emitia sinais de luz circulares como uma nave espacial. Bohrmann esperava que não fossem sinais de medo da perseguição de algum monstro maior. E então a água-viva desapareceu. Outras águas-vivas brilharam a certa distância e, de repente, uma nuvem branca e relampejante abriu-se imediatamente à sua frente. Ele levou um susto. Mas a nuvem era branca, não azul, e a fonte de luz bioluminesceu fraquinho antes de desaparecer dentro dela. Bohrmann compreendeu que o que via à sua frente era um Mastigotheutis, um polvo que, em geral, surgia apenas a partir de mil metros. Fazia sentido jogar tinta branca nos invasores — na escuridão da profundidade, tinta preta não ajudaria nada.

O cão puxava sem parar.

Bohrmann procurou a placa de iluminação no fundo à sua frente, mas não via nada além da escuridão e de um ponto claro que avançava à frente de Frost. Se é que avançava. Poderia muito bem estar parado. Duas luzes paradas, a sua e a de Frost, num espaço sem estrelas.

— Stanley?

— O que foi?

A resposta imediata tranqüilizou-o.

— Daqui a pouco deveríamos ver alguma coisa, não?

— Você é impaciente, meu amigo. Olhe o seu display.

Foram apenas duzentos metros.

— Ah. Sim, claro.

Bohrmann não teve coragem de perguntar se Frost confiava na programação do trackhound, então se calou e procurou reprimir a ansiedade. Começou a desejar a presença de algumas medusas, mas nada apareceu. O robô zumbia assiduamente e, de repente, mudou nitidamente a sua direção.

Havia alguma coisa ali. Bohrmann olhou melhor. Lá longe, viu um fraco brilho de luz. Inicialmente mal se via, mas depois assumiu um formato retangular difuso.

Sentiu-se muito aliviado. Muito bem, escapuliu por pouco. Bom cachorro.

Cachorro valente.

Como parecia pequena a placa de iluminação.

Enquanto ainda pensava a respeito, ela aproximou-se, tornou-se mais clara e revelou detalhes, lâmpadas individuais enfileiradas ao longo das vergas. Continuaram flutuando em sua direção e, de repente, a placa estava pendurada acima deles, gigante e brilhante. Naturalmente, na realidade eram eles que estavam flutuando acima da placa, mas o vôo de cabeça invertia o alto e o baixo, de forma que o terraço também apareceu pendurado acima de suas cabeças. Por um instante viu o corpo de Frost, uma sombra puxada por um torpedo na coleira que despencava em direção ao campo de futebol inteiramente iluminado. Tudo estava claro à sua frente. O terraço do talude, a tromba sugadora, cujo corpo de serpente negro projetava-se da escuridão, as brocas que bloqueavam a sua abertura...

O alvoroço dos vermes.

— Desligue o seu cachorro antes que despenque na placa de iluminação — disse Frost. — Nadaremos os últimos metros.

Bohrmann moveu os dedos da mão livre e tentou comandar o teclado com a garra. Desta vez, foi menos habilidoso. não conseguiu de primeira e passou voando por Frost, que já havia reduzido sua velocidade.

— Ei, Guerraadl Onde está indo, diabos?

Tentou novamente. A garra escorregou, e finalmente conseguiu parar o cão. Bohrmann bateu as nadadeiras e conseguiu posicionar-se na horizontal. De fato aproximara-se bastante da placa de iluminação. Ela estendia-se infinitamente em todas as direções. Após alguns segundos, voltou a ter sentido para o alto e o baixo, e a placa e o talude estavam debaixo dele.

Nadou com movimentos constantes até a mangueira entalada e desceu ao seu lado. Agora a placa de iluminação estava flutuando aproximadamente 15 metros acima dele. Imediatamente os vermes começaram a rastejar por cima das suas nadadeiras. Precisou forçar-se a ignorá-los. não podiam causar dano algum ao material da roupa, aliás eram apenas nojentos. Um verme desses jamais representaria uma ameaça a um ser vivo do seu tamanho.

Por outro lado, o que se sabia de vermes que sequer deveriam existir?

O trackhound descera ao seu lado, até o chão. Bohrmann colocou-o por cima de uma ponta de pedra e olhou mangueira acima. Pedacos de rocha de lava do tamanho de um homem bloqueavam os hélices dos motores. Isso não era problema. O que o preocupava era a rocha maior que pressionava a tromba contra a parede de pedra. Devia medir uns quatro metros de altura. Bohrman duvidou que eles dois conseguissem movê-la, apesar de as coisas serem men pesadas debaixo d'água e de a pedra de lava ser porosa e leve. Frost aproximou-se dele.

— Repugnante — disse. — Os filhos de Lúcifer estão em toda parte.

— Quem?

— Vermes! Seres rastejantes! As pragas bíblicas. Ah, deixe para lá. Sugiro que comecemos pelas pedras menores e vejamos até onde chegamos. Van Maarten? — chamou.

— Aqui — ressoou a voz metálica de Van Maarten. Bohrmann esquecera completamente que também estavam ligados à Heerema.

— Vamos dar uma arrumada por aqui. Primeiro liberaremos os motores. Talvez baste, e a mangueira consiga sair sozinha.

— Está bem. Tudo bem por aí, Dr. Bohrmann?

— Tudo ótimo.

— Tomem cuidado.

Frost apontou para uma pedra mais ou menos redonda que bloqueava o eixo de uma das hélices.

— Começaremos por aqui.

Começaram a rolar a pedra para o lado. Depois de puxar durante algum tempo, ela escorregou para o lado, liberando o eixo do motor e amassando algumas centenas de vermes abaixo de si.

— Yeah — disse Frost, satisfeito.

Conseguiram mover outras duas pedras da mesma forma. A próxima era maior, mas, com certo esforço, também acabou tombando para o lado.

— Como somos fortes debaixo d'água — alegrou-se Frost. — Jan, falta apenas uma pedra para liberarmos os motores. Parece que não estão danificados. Pode girá-los nos eixos, por favor? não ligue, apenas gire!

Passaram-se alguns segundos, e então ouviram um som ronronante. Uma das turbinas girava em torno do seu eixo para ambos os lados. Em seguida, as outras começaram a se mover.

— Muito bem — exclamou Frost. — Agora tentem. Liguem os motores. Afastaram-se alguns metros da mangueira e observaram as hélices sendo ligadas.

A mangueira estremeceu. não aconteceu mais do que isso.

— Alarme falso — disse Van Maarten.

— É, estou vendo. — Frost estava desapontado. — Continuem tentando. Girem os troços na direção contrária.

Também não funcionou e, infelizmente, as hélices começaram a remexer a lama Tudo ficou turvo diante dos seus olhos.

— Chega! — Bohrmann acenou com os braços segmentados. — Parem aí em cima! não adianta, apenas estão nos tirando a visão.

As hélices pararam. A nuvem de lama espalhou-se para todos os lados. não se via mais quase nada da ponta inferior da mangueira.

— Que beleza. — Frost abriu uma caixa plana na lateral do exosuit e retirou dois objetos do tamanho de um lápis. — Nosso problema é essa pedra imensa daí. Sei que isso não lhe agrada, Guerraad, mas precisamos detonar essa porcaria.

O olhar de Bohrmann voltou-se para os vermes, que se apoderavam cada vez mais do fundo recém-limpo.

— É arriscado — disse.

— Usaremos uma pequena carga de explosivos. Sugiro que a posicionemos na base, ali onde a rocha se fincou no solo. Arrancaremos suas pernas, digamos assim.

Bohrmann deu um impulso com as pernas e subiu alguns metros em direção à rocha. A sua volta, tudo ficou enlameado e turvo. Ele ligou a luz do capacete e deixou-se abaixar na nuvem de

sedimentos. Ajoelhou-se cuidadosamente e aproximou o capacete o quanto pôde ao local onde a rocha estava fincada no solo. Afastou os vermes com as garras. Alguns imediatamente projetaram as suas goelas de quitina para fora e tentaram morder as extremidades artificiais. Bohrmann sacudiu-os das garras e analisou a estrutura dos sedimentos. Encontrou veios finos e sujos. Ao bater com a garra, a rocha ao redor estilhaçou-se, e pequenas bolhas de ar emergiram em sua direção.

—não — disse.—Não é uma boa idéia.

— Tem outra melhor?

— Tenho. Pegamos uma carga maior, procuramos reentrâncias e fendas no terço inferior da pedra e explodimo-la por ali. Com sorte, a parte superior despencará sem afetar o solo.

— Está bem.

Frost aproximou-se dele na nuvem. Subiram um pouco. A visão melhorou. Começaram a analisar sistematicamente a pedra. Finalmente Frost encontrou uma fenda profunda e inseriu-lhe uma espécie de massa cinza firme. E então enfiou um palito fino como um lápis na massa.

— Deve bastar — disse, satisfeito. — Será uma bela explosão. É melhor nos afastarmos bastante.

Ligaram os trackhounds e deixaram-se puxar até a margem da zona iluminada onde, após alguns metros, o talude se perdia na escuridão total. O vô das partículas era limitado, de forma que as ondas de luz praticamente não fora refletidas por algas e outras partículas em suspensão, mesmo assim a passae era repentina. Debaixo d'água, a luz desaparecia na seqüência dos comprimentos das suas ondas — primeiro o vermelho após dois a três metros, depois laranja, finalmente o amarelo. Além dos dez metros restavam apenas o verde e azul, até a absorção e a disseminação também engolirem esse resto de luz A partir dali, o mundo deixava de existir.

Bohrmann relutou em deixar a relativa segurança do trecho iluminado e entrar na absoluta inexistência. Aliviado, percebeu que Frost não considerava necessário aumentar a distância de segurança. Encontrou uma fenda no local em que o azul se perdia

no negro absoluto. Talvez houvesse uma caverna por detrás. Tentou imaginar como as rochas, na época, deslizaram num vermelho ardente uma massa viscosa que lentamente esfriou e solidificou-se em formas bizarras. Só de pensar em ter de passar uma vida aqui embaixo, sentiu um frio dentro da armadura.

Olhou para cima, em direção à placa de iluminação. Em torno dos faróis brancos no meio das vergas havia apenas uma aura azul.

— Está bem — disse Frost. — Vamos acabar com isso. Disparou a espoleta.

Uma torrente de bolhas de ar explodiu do meio da rocha, misturada a estilhaços e poeira. O capacete de Bohrmann estremeceu. Um anel escuro abriu-se, mais bolhas de ar seguiram e jogaram os destroços para todos os lados.

Ele prendeu o ar.

Lentamente, bem lentamente, a metade superior da pedra começou a inclinar-se.

— Yeah! — exclamou Frost. — O senhor é testemunha!

A pedra tombou cada vez mais rápido, puxada pelo seu próprio peso. Rachou ao meio por cima da metade que ainda estava de pé, despencou ao lado do cano e gerou uma nova nuvem de sedimentos ainda maior. Frost conseguiu dar saltos com a sua pesada armadura e acenar os braços. Parecia Armstrong saltando sobre a Lua em nome dos Estados Unidos.

— Aleluia! Ei, Van Maarten! Conseguimos destruir essa porcaria! Vamos, tente a sua sorte!

Bohrmann rezou para que o tremor não causasse outros desprendimentos. Ouviu os motores ligando na lama levantada, e, de repente, a mangueira mexeu-se. Ela encolheu-se, e então a boca da mangueira saiu da nuvem como a cabeça de um verme gigante e lentamente começou a subir. A abertura moveu-se em sua direção, em seguida na direção oposta, como se o troço estivesse inspecionando a área. Se Bohrmann não soubesse o que era aquilo diante de si, teria tido a sensação de ser devorado a qualquer instante.

— Está funcionando! — gritou Frost.

— Vocês são os maiores — comentou Van Maarten secamente.

— Isso não é novidade — garantiu Frost. — Desligue-o, antes que coma guerraad e a mim. Daremos mais uma olhada no local onde estive preso. E então subiremos.

A mangueira subiu mais um pouco, deixou sua boca redonda cair e ficou balançando, sem vida, na luz. Frost começou a nadar. Bohrmann seguiu-o. Seu olhar vagou para a placa e de volta. Algo o incomodava, sem que pudesse dizer o que era.

— Que situação mais turva — comentou Frost frente à nuvem. — Verifique você, Guerraad. Você reconhece mais nessa sopa do que eu.

Bohrmann ligou o farol do seu trackhound. E então pensou melhor e tornou a desligá-lo.

O que era aquilo? Uma ilusão de óptica?

Olhou novamente para a placa de iluminação. Desta vez, por mais tempo. Teve a impressão de os faróis estarem emanando uma luz mais intensa do que antes, mas era impossível. Estiveram ligados na potência máxima o tempo todo.

Não eram os faróis. Era a aura azul. Ela aumentara.

— Está vendo isso? — Bohrmann apontou para a placa. Frost seguiu o movimento com os olhos.

— não consigo... — Hesitou. — Minha nossa.

— A luz — disse Bohrmann. — O brilho azul.

— Ariel e Uriel — sussurrou Frost. — Tem razão. Está aumentando.

Em torno da placa formara-se um grande campo azul-escuro. Era difícil calcular distâncias debaixo d'água, uma vez que o índice de refração da luz tornava as coisas 25% mais próximas e um terço maiores, mas a fonte do brilho azul estava nitidamente afastada atrás da placa. As lâmpadas de halogênio das vergas ofuscavam-no. Entretanto Bohrmann teve a impressão de estar vendo raios. De repente, o azul perdeu a intensidade, enfraqueceu e apagou.

— não estou gostando disso — disse Bohrmann. — Acho que deveríamos subir.

Frost não respondeu. Continuou fitando a placa.

— Stan? Está me ouvindo? Deveríamos...

— Tenha calma — disse Frost lentamente. — Temos visitas.

Apontou para a margem superior da placa. Duas sombras compridas percorriam-na. Barrigas iluminadas de azul. No instante seguinte, desapareceram novamente.

— O que foi aquilo?

— Muita calma, rapaz. Ligue o seu DPO.

Bohrmann apertou o sensor na barriga do exosuit.

— não queria assustá-lo — disse Frost. — Pensei que se lhe explicasse para que serve, talvez ficasse nervoso e não parasse de procurar por...

Não conseguiu falar mais nada. Dois corpos em forma de torpedo atiraram-se para fora do centro das vergas. Bohrmann viu cabeças bizarras. Os animais vinham exatamente na sua direção, com uma velocidade inacreditável, as mandíbulas projetadas para a frente, as bocas bem abertas. O medo apertou-lhe o coração como um punho de gelo. Ele deu um impulso com as pernas, nadou para trás e protegeu-se com os braços em frente ao capacete. Nenhuma dessas reações fazia sentido, mas naquele instante os mais profundos instintos triunfavam sobre a sua mente civilizada e altamente tecnológica. Ordenaram-lhe que gritasse, e Bohrmann obedeceu.

— não podem lhe fazer nada — insistiu Frost.

Os agressores desviaram imediatamente à sua frente. Bohrmann inspirou profundamente e lutou contra o pânico. Frost aproximou-se com pernadas fortes.

— Já testamos o DPO — disse. — Funciona.

— Que diabos é um DPO?

— Um Dispositivo de Proteção no Oceano. A melhor proteção contra tubarões. O DPO cria um campo elétrico que envolve a gente como uma muralha protetora. Eles não se aproximam mais de cinco metros.

Bohrmann estava ofegante e tentava superar o choque. Os animais haviam desaparecido por detrás da placa de iluminação.

— Aproximaram-se mais do que cinco metros — disse.

— Somente na primeira vez. Agora aprenderam a lição. Acalme-se. Tubarões têm órgãos eletro-sensíveis altamente desenvolvidos. O campo invade-os com estímulos e irrita o seu sistema nervoso. Causa-lhes dolorosas câimbras musculares. Atraímos tubarões-brancos e tubarões-tigre com iscas e depois ativamos o DPO, e eles não conseguiram penetrar no campo.

— Dr. Bohrmann? Stanley? — Era a voz de Van Maarten. — Tudo bem com vocês?

— Tudo bem — disse Frost.

— Chega de DPO, vocês deveriam subir.

Os olhos de Bohrmann percorreram a placa de iluminação, agitados. Conhecia grande parte do que Frost lhe dizia. Os tubarões tinham pequenas fossas na parte anterior da cabeça, as chamadas ampolas de Lorenzini. Com elas registravam até mesmo os mais fracos impulsos elétricos causados pelas contrações musculares de outros animais. Apenas não sabia da existência de um DPO que permitia a irritação da sensibilidade elétrica.

— Eram tubarões-martelo — disse.

— Sim, tubarões-martelo grandes. Acredito que mediam uns quatro metros.

— Merda.

— Com os tubarões-martelo funciona muito bem — disse Frost, rindo. —

Veja essa cabeça quadrada. Têm mais ampolas de Lorenzini do que qualquer outro tubarão.

— E agora?

Viu alguma coisa se mexendo. Os dois tubarões reapareceram na escuridão detrás da placa. Bohrmann não se mexeu. Observou os animais preparando-se para o ataque. Atiraram-se para baixo em linha reta, sem os típicos movimentos pendulares com que os tubarões farejavam a água, e, de repente, pararam como se tivessem se chocado com uma parede. Suas bocas contorceram-se. Confusos, nadaram um trecho na direção oposta, e então retornaram e começaram a contornar os mergulhadores a uma distância respeitosa, agitados.

De fato, funcionava.

Frost provavelmente calculara bem. Cada um dos animais media bem uns quatro metros. Os corpos eram típicos para tubarões. Já a cabeça tinha um formato muito peculiar ao qual os animais deviam o seu nome. As laterais eram alongadas como asas achatadas, em cujas pontas ficavam os olhos e as aberturas nasais. A margem anterior do martelo era lisa e reta como um machado.

Aos poucos, sentiu-se melhor. Provavelmente comportara-se como um idiota. Pensou que os animais talvez sequer conseguissem danificar o exosuit.

Mesmo assim, queria ir embora.

— Quanto tempo levaremos até lá em cima? — perguntou.

— Alguns minutos com o trackhound. não mais que para baixo. Nadaremos para cima da placa de iluminação. Ali ligaremos a programação e deixaremos nos puxar para cima.

— Está bem.

— não ligue antes, entendeu bem? Se não acabará atropelando a iluminação!

— Okay.

— Tudo bem com você?

— Sim, diabos! Tudo ótimo. Quanto tempo dura a proteção?

— As baterias mantêm o DPO ativo por quatro horas com facilidade. — Frost subiu com pernadas regulares, com o controle do trackhound na garra do braço direito. Bohrmann seguiu-o.

— Pois é, meus queridos — disse Frost. — Infelizmente teremos de deixá-los. Os tubarões começaram a segui-los. Tentaram aproximar-se. Seus corpos

estremeceram, as bocas deformaram-se. Frost riu e continuou nadando em direção à placa de iluminação. Sua silhueta pequena e azul estava pendurada diante da gigantesca área reluzente, os contornos superiluminados. Branco e azul cores da profundidade.

Bohrmann pensou na nuvem azul que haviam visto a certa distância.

Claro!

De repente, lembrou-se dela novamente. Tamanho fora o susto, que esquecera da sua formação imediatamente antes da

aparição dos tubarões. O mesmo fenômeno fora responsável pela mudança das baleias, e possivelmente também por uma série de outras anomalias e catástrofes. Caso estivesse certo, esses não eram tubarões comuns.

Aliás, por que os animais estavam aqui? Tubarões escutavam muito bem Talvez o barulho os tivesse atraído. Mas por que atacaram? Nem ele, nem Frost emanavam quaisquer odores. não se encaixavam no perfil das suas presas. Aliás os ataques de tubarões a humanos eram extremamente raros em águas profundas.

Aproximaram-se da margem superior da placa.

— Stan? Há algo de errado com esses dois.

— não podem fazer nada.

— Mesmo assim.

Um dos tubarões virou a cabeça larga e chata e nadou um pouco para baixo.

— De certa forma, você tem razão — disse Frost, pensativo.

— O que me intriga é a profundidade. Os grandes tubarões-martelo nunca foram observados abaixo de oitenta metros. Apenas me pergunto o que fazem aqui...

O tubarão virou-se. Por um instante, ficou parado, a cabeça levemente erguida, as costas curvadas para cima, a típica posição de ataque. E então bateu a cauda com força diversas vezes e nadou rapidamente na direção de Frost. O vulcanólogo ficou tão surpreso que sequer tentou defender-se. O animal empinou-se rápida e bruscamente, nadando para dentro do campo e batendo em Frost com a lateral do seu corpo.

Frost girou como um pião em torno do próprio eixo, os braços e as pernas esticados para os lados.

— Ei! — O controle caiu da sua garra. — Que diabos...

Do nada, um terceiro corpo surgiu acima das vergas e percorreu a fileira superior de faróis com uma elegância incrível. Nadadeira escura e alta, cabeça em forma de martelo.

— Stan! — gritou Bohrmann.

O novato era enorme, bem maior do que os dois outros tubarões. Seu martelo abriu-se para cima quando projetou as

fileiras de dentes para a frente e abriu bem a boca. Agarrou o braço direito de Frost e começou a chacoalhá-lo.

— Merda — berrou Frost. — Que animal é esse? Coisa diabólica! Vê se me larga, seu...

O tubarão-martelo balançou furiosamente a grande cabeça retangular, dando impulso com a nadadeira caudal. Devia medir de seis a sete metros. Frost foi jogado para os lados como uma folha. Seu braço blindado desapareceu até o ombro dentro da boca do tubarão.

— Caia fora! — gritou.

— Pelo amor de Deus, Stan — exclamou Van Maarten. — Soque-o nas guelras. Procure atingir os seus olhos.

Claro, pensou Bohrmann. Estão assistindo lá de cima. Estão vendo tudo!

Havia-se perguntado, entre outras coisas, como seria o encontro com um gigante desses, ser atacado por ele ou ver outra pessoa sendo atacada. A realidade não correspondeu à imaginação. Bohrmann não era nem muito corajoso, nem extremamente medroso. Algumas pessoas consideravam-no um aventureiro. Ele se descreveria como corajoso, como alguém que não temia riscos, mas também não os provocava. Mas, como quer que tivesse sido a caracterização no passado, frente ao agressor colossal nada mais valia neste momento.

Bohrmann não fugiu, mas nadou em sua direção.

Um dos dois tubarões menores aproximou-se pela lateral. Seus olhos tremiam, as guelras inflaram-se em cãibra. Aparentemente, custava-lhe muito esforço nadar para dentro do campo elétrico. Mesmo assim, acelerou e chocou-se com Bohrmann.

Era como se tivesse sido atropelado por um carro.

Bohrmann foi atirado para o lado, em direção à placa de iluminação. Pensava apenas em não soltar o controle, independentemente do que acontecesse em seguida. O trackhound era a sua passagem de volta. Sem a programação da rota ficaria perdido na escuridão até as suas reservas de oxigênio acabarem.

Caso sobrevivesse tanto tempo.

Foi tomado por uma repentina pressão d'água que o empurrou para o fundo. A cauda do tubarão grande chicoteou por cima dele. Bohrmann tentou reassumir o controle dos movimentos e viu os dois tubarões menores se aproximarem. Suas bocas abriam-se e fechavam. Agora estavam tão próximo da placa de iluminação, que a sua cor natural tornou-se visível no azul oceânico. Acima da barriga esbranquiçada erguia-se um dorso cor de bronze. A gengiva e o interior da boca brilhavam num rosa alaranjado como carne de salmão fresca, repletos dos típicos punhais triangulares no maxilar e dos dentes caninos mais pontudos embaixo. Cinco fileiras duras como aço, umas seguidas das outras, prontas para despedaçar tudo que conseguissem capturar.

— Guerrraaad — gritou Frost.

Bohrmann olhou contra a luz das lâmpadas de halogênio e viu Frost batendo na cabeça do tubarão-martelo com a garra livre. E então, com um movimento único da cabeça, o tubarão subitamente arrancou o braço blindado do exosuit da articulação do ombro e lançou-o para longe. O oxigênio escapou da abertura em grandes bolhas. A boca se abriu, envolveu o braço desprotegido de Frost e mordeu-o abaixo do ombro.

Uma nuvem de sangue espalhou-se, escura, misturada às bolhas. Uma quantidade inacreditável de sangue, imediatamente espalhada pelas chicotadas do tubarão. Frost não gritava mais palavras, apenas sons estridentes que depois se transformaram num gargarejo quando a água do mar invadiu sua roupa e preencheu-a. Os gritos cessaram. Os tubarões menores imediatamente perderam o interesse em Bohrmann. Independentemente do que os estivesse guiando, por um instante o seu instinto de caça assumiu o comando sobre o seu comportamento. Avançaram na torrente espumante, morderam o corpo sem vida do vulcanólogo, jogaram-no para todos os lados e tentaram perfurar a roupa blindada.

Van Maarten também gritava entre um ruído de interferência e outro.

Os pensamentos de Bohrmann atropelaram-se. Sentiu o choque paralisante. Ao mesmo tempo, parte da sua mente

trabalhava claramente e dizia-lhe que não podia confiar nos instintos dos animais. Sua força e vontade de comer estavam sendo manipuladas. não se tratava de comer. O instinto traçava o seu caminho, mas o troço que certamente estaria nas suas cabeças tinha como único objetivo matar as pessoas aqui embaixo.

Precisava voltar para a parede de pedra.

Sua garra esquerda socou o teclado do controle. Se errasse o comando agora, ativaria a programação que o levaria à Heerema lá em cima. Nesse caso, estaria perdido, já que o campo DPO não detinha mais os tubarões. Mas ele apertou a tecla correta. A hélice começou a girar. Rapidamente moveu o joystick para que o cão o afastasse da placa de iluminação e o levasse para a parede de pedra. Sentiu a aceleração, mas, ao contrário da descida, quando o robô avançou rápida e agilmente, agora parecia insuportavelmente lento.

Bohrmann bateu as nadadeiras e deslizou para dentro do azul em direção ao terraço. não havia muito que fazer numa situação como essa, mas uma regra dos mergulhadores dizia que as rochas ofereciam proteção. Bohrmann flutuou em direção à parede de lava negra. Um pouco antes virou-se e olhou para a placa de iluminação. A nuvem de sangue espalhou-se, caudas e nadadeiras moviam-se dentro dela, torrentes espumantes. Alguns pedaços da roupa de Frost estavam afundando. A visão era terrível, mas o que realmente o aterrorizou não foi a carnificina em si. Foi o fato de apenas dois tubarões estarem participando dela.

Faltava o grande.

Bohrmann foi tomado por um medo paralisante. Desligou as duas hélices e olhou em volta.

O tubarão-martelo grande atirou-se para fora da nuvem de sedimentos, a boca totalmente aberta. Aproximava-se numa velocidade de tirar o fôlego. Desta vez, Bohrmann perdeu a razão. Enquanto se ateu à questão de ligar ou não o trackhound, e a cabeça de machado já batera nele. O choque lançou Bohrmann contra a parede de pedra. Foi parar nas rochas com um estalo surdo. O tubarão seguiu adiante, fez uma curva fechada e retornou com a velocidade de um carro de corrida. Bohrmann deu um grito.

O mundo transformou-se num abismo de goela e dentes, e então todo o seu lado esquerdo foi parar dentro da boca aberta, do ombro até o quadril.

Já era, pensou.

Sem parar, o tubarão deslizou sobre o talude e empurrou-o pela água. Seu fone de cabeça rumorejava e ribombava. Os dentes rangiam nitidamente no invólucro de titânio do exosuit. O tubarão jogou a cabeça de um lado para o outro, fazendo o capacete bater diversas vezes e arrastar-se ao longo das rochas. Tudo girava. A liga de titânio era robusta o suficiente para suportar esses choques durante algum tempo, em compensação a cabeça de Bohrmann batia dentro dela a ponto de perder os sentidos. Estava completamente perdido, entregue ao destino. Seria acutilado e despedaçado. Sua vida não valia mais sequer um sopro.

E foi justamente esse desespero que desencadeou o seu ódio.

Por enquanto, ainda respirava.

Por enquanto, ainda podia se defender!

Acima dele ergueu-se o contorno reto do martelo. A largura da cabeça do tubarão correspondia a mais ou menos um quarto do comprimento do seu corpo, de forma que as protuberâncias laterais projetavam-se bastante para fora. Bohrmann viu apenas a borda, nenhum olho ou abertura nasal. Começou a bater nele com o controle. não parecia impressionar muito o animal. O tubarão continuou empurrando-o em direção à margem da luz, ao local em que haviam aguardado a explosão. Uma vez na água escura, sequer conseguiria ver o animal.

Não podiam sair da luz.

O ódio de Bohrmann adquiriu proporções imensas. Seu braço esquerdo, preso na boca do tubarão, levantou-se e socou o palato. Na realidade, tivera sorte de o tubarão ter engolido logo toda a lateral do seu corpo. Se tivesse pegado apenas um braço ou uma perna, já teria levado o mesmo fim de Frost, mas a roupa blindada não apresentava nenhum ponto fraco como anéis articulares em torno do tronco. Era grande e maciço demais para ser simplesmente atravessado por dentes, até mesmo para esse

colosso. O tubarão também parecia ter compreendido isso. Balançou ainda mais a sua cabeça. Bohrmann estava prestes a perder os sentidos. Possivelmente já havia quebrado várias costelas, mas, quanto mais o animal o chacoalhava, mais ele se enfurecia. Dobrou o braço direito para trás, onde terminava a cabeça do tubarão, levantou-o e bateu várias vezes com controle nela...

De repente, estava livre.

O tubarão o cuspira. Aparentemente, acertara um local sensível, um olho ou uma narina. O gigantesco corpo subiu rapidamente, passando por ele, e chocou-se com as rochas. Por um instante, realmente pareceu estar fugindo. Bohrmann pensou rapidamente como poderia aproveitar a situação. Não perdeu tempo se iludindo em subir para a Heerema. Conseguira livrar-se do animal temporariamente, mas restavam-lhe apenas alguns segundos. Rapidamente puxou o trackhound para si e abraçou o cano esguio com os dois braços.

Não podia perdê-lo de forma alguma.

O tubarão desapareceu na escuridão e surgiu novamente um pouco mais à frente, uma sombra azul.

Bohrmann olhou para a parede, aflito.

Lá estava a fenda da caverna!

A certa distância, o gigantesco corpo do tubarão-martelo afundou no mar aberto. Bohrmann avançou ao longo da parede em direção à fenda. Abaixo da placa de iluminação, os outros dois tubarões continuavam brigando pelos restos mortais de Frost. O grupo estava afundando, saindo da zona iluminada. Perguntou-se quando largariam o corpo despedaçado e nadariam em sua direção, e então não se perguntou mais nada. O tubarão grande deu uma volta surpreendentemente rápida na meia-luz e retornou.

Bohrmann enfiou-se para dentro da fenda.

Havia pouco espaço. A roupa, com as garrafas atadas à parte dorsal, impedia-o de entrar totalmente. Seus braços foram pressionados nas laterais como dois tornos. Tentou empurrar-se mais para dentro da caverna, entretanto o tubarão já o alcançara.

A placa óssea do martelo bateu nas bordas das rochas. O animal foi jogado para trás. Sua cabeça era larga demais para entrar. Deu uma volta tão pequena que parecia perseguir a própria cauda e avançou mais uma vez para a frente.

Alguns pedaços de lava se soltaram em nuvens na entrada da caverna, turvando a visão. Bohrmann pressionou os braços ainda mais no corpo. não fazia idéia da profundidade da fenda. Do lado de fora, o tubarão batia furiosamente nas rochas, levantando sedimentos e lascas. A nuvem envolveu Bohrmann dentro da caverna. A luz azul da ilha desaparecera quase completamente.

— Dr. Bohrmann?

Van Maarten. Bastante fraco.

— Bohrmann, pelo amor de Deus, responda!

— Estou aqui.

Van Maarten produziu um ruído, talvez um suspiro de alívio. Praticamente não era ouvido no estrondo causado pelo tubarão. Debaixo d'água, o barulho era algo totalmente diferente que no ar, uns ruídos abafados e ocos de tudo quanto é frequência misturada. Bohrmann começou a tremer, e, de repente, o ataque cessou. Estava preso na fenda, cego na nuvem preta de partículas. Via apenas um esboço da luz da placa.

— Estou preso numa fenda de rocha — disse.

— Enviaremos um robô para baixo — disse Van Maarten. — E dois homens. Ainda temos duas roupas.

— Esqueça isso. O DPO não funciona.

— Eu sei. Nós vimos Frost... — A voz de Van Maarten falhou. — Mesmo assim, os homens irão, levarão arpões e projéteis com explosivos e...

— Projéteis com explosivos? Que idéia brilhante! — disse Bohrmann cinicamente.

— Frost estava convicto de que não precisariam disso.

— não. Claro.

— O DPO sempre funcionou sem problemas...

Algo chocou-se com Bohrmann e empurrou-o violentamente para o fundo da fenda. Ficou tão surpreso que esqueceu de gritar.

Viu o martelo na luz turva restante. Baterá nele verticalmente. O tubarão estava tentando entrar na caverna de lado.

Espertinho, pensou, furioso. Sentia seu coração bater na garganta. Mas você vai se arrepender.

Socou o tubarão, procurando não largar o cão. Mal conseguia ver a boca abrindo e fechando. A cabeça retangular batia para cima e para baixo, mas a boca não o alcançou. O olho na ponta de cima rolava ferozmente em todas as direções. Bohrmann levantou a garra com o controle e atirou-o contra ele.

O martelo estremeceu.

Você não conseguirá sair daqui sozinho, pensou Bohrmann. Começou a apertar o trackhound com toda a força contra o crânio. O tubarão provavelmente não entrara tão fundo. Até onde ia o controle da substância gelatinosa? Guiava o comportamento dos animais, mas também podia fazer com que um tubarão nadasse para trás?

Aparentemente, sim, porque o tubarão desaparecera da caverna.

Esse fora o grande.

Bohrmann aguardou.

Novamente alguma coisa atirou-se para fora da nuvem. Esse martelo estava nadando na horizontal. Era um dos animais menores. Sua cabeça bateu no visor curvado do capacete. A boca abriu, fileiras de dentes arranharam o plexiglass. O tubarão escureceu tanto a abertura da fenda que Bohrmann não via praticamente mais nada, mas esse pouco lhe bastava. Tentou enfiar-se ainda mais na fenda de repente, as paredes pareciam estar cedendo. Caiu de costas no nada.

Escuridão total.

Aflito, moveu a garra esquerda sobre o controle. O interruptor da lâmpada do trackhound ficava acima das teclas de programação. Há pouco ele ainda

Onde estava a maldita tecla?

Ali!

Os faróis acenderam-se. Na luz vagante viu que a fenda abria-se para uma espaçosa caverna. Direcionou o feixe de luz

para a abertura e viu a cabeça do tubarão surgir ali. O martelo oscilava de um lado para o outro, mas o animal não conseguia passar dali.

O que aconteceu?, pensou Bohrmann.

Compreendeu.

O tubarão estava preso.

Ele levantou o braço e socou o crânio em forma de caixote feito um louco. Provavelmente o animal já estava com metade do corpo dentro da fenda. De repente, conscientizou-se de que não era uma boa idéia ferir o tubarão a ponto de ele sangrar e empurrou-o com todo o peso do seu corpo. Debaixo d'água não surtia muito efeito, então deu um impulso com as pernas e deixou-se cair contra a cabeça que tentava mordê-lo, com o tórax, os ombros e os braços, inúmeras vezes, até o tubarão lentamente recuar. O feixe de luz do trackhound balançava de um lado para o outro, clareando a boca cor-de-rosa com as guelras pulsantes.

Como sairá daqui é problema seu, pensou Bohrmann. Mas eu quero que saia daqui! Esta é a minha caverna, então caia fora!

— Caia fora!

— Dr. Bohrmann?

O tubarão recuou ainda mais. E desapareceu.

Bohrmann deixou-se cair para trás. Seus braços tremiam. Estava tão tenso que, por um instante, não soube como conseguiria ficar parado. De repente, sentiu-se imensamente exausto e caiu de joelhos.

— Dr. Bohrmann?

— não encha o saco, Van Maarten. — Ele tossiu. — Faça alguma coisa para me tirar daqui.

— Enviaremos os robôs e os homens imediatamente.

— Para que o robô?

— Levaremos para baixo tudo que possa assustar e desviar os animais.

— não são animais. São invólucros de animais. Eles sabem o que é um robô. Sabem exatamente o que estamos fazendo aqui.

— Tubarões?

Aparentemente, Frost não contara tudo a Van Maarten.

— Sim, tubarões. São tão pouco tubarões quanto as baleias ainda são baleias. Alguma coisa os está guiando. É melhor os homens se precaverem. — precisou tossir novamente, desta vez mais forte. — não vejo nada nesta maldita caverna. O que está acontecendo do lado de fora?

Van Maarten ficou calado por um instante.

— Meu Deus — disse.

— Ei! Fale comigo.

— Surgiram mais animais. Dezenas. Centenas! Estão destruindo os faróis da placa de iluminação. Estão detonando tudo.

Claro que estão fazendo isso, pensou Bohrmann. Eis a questão. Querem nos impedir de sugar os vermes dali. É tudo o que querem.

— Então, esqueça.

— O quê?

— Esqueça a ação de salvamento, Van Maarten.

Rumorejava tanto no capacete, que Van Maarten precisou repetir a resposta.

— Mas os homens estão a postos.

— Diga a eles que aqui embaixo há seres inteligentes aguardando-os. Esses tubarões são inteligentes. O troço nas cabeças deles é inteligente. não dará certo com dois mergulhadores e um camarada de lata. Pense em outra coisa. Afinal, ainda me resta oxigênio para quase dois dias.

Van Maarten hesitou.

— Está bem. Observaremos a situação. Quem sabe os animais não vão embora dentro das próximas horas. Acredita que esteja seguro na caverna?

— E eu sei? Estou protegido contra tubarões normais, mas o poder de imaginação dos nossos amigos é ilimitado.

— Tiraremos você daí, Gerhard. Antes de o ar acabar.

— Faça o favor.

Lentamente, voltou a entrar um pouco de luz na fenda. A correnteza na base do vulcão estava levando as partículas de sedimentos embora. Se fosse verdade o que Van Maarten dissera, em breve a luz se apagaria.

E então estaria sozinho no mar escuro. Até chegar alguém para enfrentar centenas de tubarões.

Enfrentar a inteligência desconhecida.

Um tubarão com os seus sentidos naturais intactos jamais teria entrado no campo elétrico. Nenhum tubarão-martelo teria atacado dois mergulhadores em seus exosuits, e, se tivesse, desistiria rapidamente. Os tubarões-martelo eram considerados potencialmente perigosos e por vezes irritantemente curiosos e na maioria das vezes desviavam de tudo que lhes parecesse suspeito.

Normalmente também não entravam em fendas de rochas.

Bohrmann agachou-se na caverna, abastecido com oxigênio para mais vint horas e um sistema de defesa contra tubarões que não funcionava. Rezava para que não ocorresse outra carnificina quando o pessoal de Van Maarten descesse Independentemente de quando viessem.

Uma carnificina na escuridão absoluta.

Ele desligou os faróis do trackhound para economizar as baterias. Imediatamente foi envolto por uma escuridão total. A luz que penetrava pela fenda estava muito fraca.

E ficou cada vez mais fraca.

## **INDEPENDENCE, MAR DA GROENLÂNDIA**

Johanson não conseguia ficar calmo.

Estivera no convés-doca, onde a equipe de Li, sob a orientação de Rubin, agora preparava a transferência da substância gelatinosa para o simulador. O tanque foi completamente esvaziado e descontaminado. Os caranguejos infestados por Pfiesteria foram parar no nitrogênio líquido. Tudo foi realizado com as maiores medidas de segurança. Johanson e Oliviera decidiram iniciar os testes de fases assim que a substância chegasse ao tanque. Enquanto Crowe e Shankar continuavam tentando decodificar o sinal Scratch, eles se reuniram e definiram a seqüência do teste.

— O susto foi grande — dissera Li num discurso rápido e improvisado. — Estamos todos profundamente consternados. Tentaram nos desmoralizar, nos destruir. Mas não podemos nos

deixar paralisar por isso. Provavelmente os senhores estejam se perguntando se o navio continua seguro, e posso lhes dizer

Sim, está seguro! Enquanto não deixarmos mais o inimigo entrar, não há o que temer a bordo do Independence. Mesmo assim, precisamos nos apressar. não devemos medir esforços para fazer contato. Especialmente agora. Precisamos convencê-los a interromper o terror contra a raça humana!

Johanson saiu para o convés de vôo, onde o serviço de bordo estava retirando os restos da festa interrompida. O sol estava novamente no céu, o mar tinha a mesma aparência de sempre. Nenhum brilho azul, nada de relâmpagos. Nenhum sonho de luz que se transformasse em pesadelo.

Retornou ao ponto de partida dos seus pensamentos, antes de Li trazer-lhe o vinho e tentar extrair informações acerca da sua aventura noturna. Rapidamente compreendera duas coisas. Primeiro, Li sabia o que realmente acontecera. segundo, ela não tinha certeza do que ele se lembrava e se estava falando a verdade, e isso a preocupava.

Mentiram para ele. Ele não caíra.

E ele por pouco aceitara. Se Oliviera não lhe tivesse falado na rampa que, na noite anterior, ele acreditara ter visto Rubin entrar numa porta secreta no convés do hangar, ele também não se lembraria mais e se contentaria, obediente, com a explicação que Angeli e os outros lhe deram. Entretanto o comentário de Oliviera desencadeara alguma coisa. Seu cérebro começava a reprogramar-se, misteriosas imagens surgiam e desapareciam. Enquanto fitava o mar tranqüilo, direcionou sua atenção para dentro de si. De repente, estava novamente sentado com Oliviera na caixa, bebiam vinho, e ele viu Rubin atravessar a porta na parede do hangar. Estava um pouco distante, essa porta, mas uma outra imagem sugeria que ele estivera diante dela — para Johanson, prova suficiente da existência dessa passagem misteriosa.

Mas o que acontecera depois?

Desceram para o laboratório. E ele retornara ao convés-doca. Para quê? Havia alguma relação com essa porta?

Ou estaria imaginando isso tudo?

Enquanto continuava pensando a respeito, o destino foi razoável. Enviou-lhe Weaver. Johanson alegrou-se ao ver sua pequena e compacta silhueta atravessar o convés em sua direção. Tiveram pouco contato ultimamente. Se, no começo, ela surgira como conspiradora, ele rapidamente foi obrigado a compreender que ela não substituíra Lund. Entendiam-se bem, mas não chegaram a aproximar-se mais do que isso, nem no castelo, nem no Independence. Talvez ele desejasse consertar algo nela do que acontecera com Lund. Nesse meio tempo, as coisas haviam mudado. Johanson já não tinha mais tanta certeza se realmente era culpado, nem se entre ele e Weaver poderia desenvolver-se algo parecido à intimidade que tivera com Lund. No momento, parecia-lhe mais que ela e Anawak estavam se aproximando, e, na realidade, os dois combinavam bem mais.

Então não haveria intimidade.

Mas confiança. Algo totalmente diferente. Confiar em Weaver só poderia lhe trazer coisas boas. Ela era sóbria demais para ver realizações românticas em acontecimentos misteriosos. Ela o escutaria e mostraria claramente se acreditava nele ou o considerava maluco.

Contou-lhe em breves frases do que se lembrava, o que o confundia, em que pontos ele mesmo desconfiava de si e o que sentira quando Li tentara extrair-lhe informações.

Depois de pensar por algum tempo, Weaver perguntou — Já deu uma olhada lá? Johanson balançou a cabeça.

— Ainda não tive oportunidade.

— Teve oportunidade o bastante. Está com medo de verificar porque teme não encontrar nada.

— Talvez tenha razão. Ela acenou a cabeça.

— Está bem. Então vamos descer juntos agora.

Ela acertou em cheio. De fato, a cada passo que davam em direção ao convé do hangar, Johanson sentia mais medo e insegurança. E se realmente não encontrassem nada? Agora estava quase convencido de que não encontrariam porta alguma lá embaixo, e ele seria obrigado a familiarizar-se com a idéia de ser esquizofrênico. Tinha 56 anos. Era um homem vistoso, a quem se

atribuía inteligência, encanto erótico e físico, com grande índice de acerto entre as mulheres.

Aparentemente também era um velho senil.

Foi como temera. Percorreram a parede inúmeras vezes, mas não encontrou nada que apontasse para uma passagem.

Weaver olhou para ele.

— Está bem — murmurou ele.

— não tem problema — respondeu ela. E então, para o seu grande espanto, acrescentou

— A parede é fixada por rebites, em toda parte correm canos e linhas de solda, aqui há milhares de possibilidades de construir-se uma porta invisível. Procure lembrar onde exatamente viu a porta.

— Você acredita em mim?

— Conheço-o suficientemente bem, Sigur. Você não é louco. não enche a cara e não usa drogas. É um desfrutador, e desfrutadores têm olhos para os detalhes que se mantêm ocultos a outras pessoas. Eu sou mais o tipo arroz-com-feijão. Provavelmente não veria essa porta nem se fosse aberta na minha cara, porque jamais imaginaria que alguma coisa tão absurda pudesse existir. não sei o que você viu, mas... sim, acredito em você.

Johanson sorriu. Impulsivamente beijou a face de Weaver e sentiu-se bem mais leve ao descer a rampa para o laboratório.

## **LABORATÓRIO**

Rubin continuava bastante pálido, e sua voz lembrava o grasnido de um papagaio. Realmente não faltara muito para morrer. Greywolf estivera prestes a transportá-lo para o além. O biólogo mostrou-se compreensível. Sorria com rigidez e, para Johanson, lembrava a enfermeira Rached em Um Estranho no ninho sendo abraçada por Jack Nicholson. Ao olhar à esquerda ou à direita, seu tronco virava junto; demonstrou a todos o seu lastimável estado físico e declarou não estar com raiva de Greywolf.

— Os dois estavam juntos, não é? — disse com voz rouca.  
— Deve estar sendo terrível para ele. E fui eu quem quis abrir a

comporta mais uma vez. Quer dizer, ele não poderia ter-me agredido, mas eu o compreendo tão bem.

Em silêncio, Oliviera trocou olhares com Johanson.

Grandes pedaços da massa flutuavam no tanque. Começaram a brilhar novamente. Contudo o que interessava aos biólogos, no momento, não era tanto a substância gelatinosa em si, mas a nuvem. Quando a equipe de Li carregara duas toneladas do troço para dentro do simulador, também entraram grandes quantidades de substância derretida. No meio dos microorganismos livres e dos pedaços de matéria, um robô repleto de sensores altamente sensíveis media constantemente a composição química da água e transferia os dados para os monitores da mesa de controle. Na parte externa do robô havia canos que podiam ser projetados para fora, abertos, fechados e novamente recolhidos sob comando. O troço inteiro não era maior do que o Spherobot, e extremamente robusto e ágil.

Johanson, sentado à mesa de controle como um piloto de espaçonave, aguardava, as mãos em volta do joystick. Haviam reduzido a iluminação do tanque e do laboratório a um mínimo necessário para poder observar melhor os acontecimentos. Assim testemunharam como a massa se recuperou pouco a pouco. Os pedaços de substância gelatinosa brilhavam com mais intensidade, ondas de luz azul pulsavam através dela.

— Acho que está começando — sussurrou Oliviera. — Está se reestruturando. Johanson guiou o robô para baixo de um dos pedaços, abriu um tubo de ensaio

e enfiou-o na massa. A borda do tubo era afiada. Ele cortou um pedaço da substância gelatinosa, fechou-se automaticamente e recuou novamente. O pedaço de substância gelatinosa não reagiu à punção. Deformou-se levemente, envolto por nuvens azuis. Johanson esperou alguns segundos e repetiu o procedimento no mesmo local.

Minúsculas luzes piscaram no pedaço da gelatina. Era do tamanho de uma toninha ou golfinho adulto. Enquanto Johanson enchia os seus tubos de ensaio, quanto mais olhava, mais

convencido ficava desse cálculo. O tamanho de um golfinho. não, mais do que isso. O formato de um golfinho.

No mesmo instante Oliviera disse

— Inacreditável. Parece um golfinho.

Johanson quase esqueceu de guiar o robô. Fascinado, viu que os outros pedaços também mudavam de forma. Alguns lembravam tubarões, outros pareciam imitar lulas.

— Como pode uma coisa dessas? — disse Rubin com a voz rouca.

— Programação — disse Johanson. — Só pode ser isso.

— De onde sabem como isso funciona?

— Simplesmente sabem. Aprenderam.

— Como?

— Se são capazes de imitar formas e movimentos — disse Oliviera —, devem ser mestres em camuflagem. O que acham?

— não sei. — Johanson estava desconfiado. — não tenho certeza se o que estamos vendo tem a ver com mímica. Parece-me mais que estão se... lembrando.

— Lembrando?

— Você sabe o que acontece quando pensamos. Certos neurônios são ativados, grupos e cadeias. Surge um padrão. Nosso cérebro não tem como mudar de forma, mas os padrões neuronais, de certo modo, resultam numa forma. Se soubéssemos lê-los, poderíamos dizer concretamente o que a respectiva pessoa está pensando.

— Está dizendo que estão pensando num golfinho?

— Isso não parece um golfinho — opinou Rubin.

— Sim, é...—Johanson hesitou.

Rubin tinha razão. A forma mudara. Agora lembrava mais uma espécie de arraia que, batendo lentamente as suas asas, subia dentro do tanque. Alguns filamentos finos projetavam-se das pontas das asas e apalpavam os arredores.

— Vejam isso!

O formato de arraia se desfez e transformou-se em algo comprido como uma cobra. A massa se desfez. De repente, milhares de minúsculos peixes pareciam nadar rapidamente com

movimentos sincronizados, fundiam-se novamente, o complexo mudou cada vez mais rápido a sua aparência, como se estivesse percorrendo um programa. Em questão de segundos, formas conhecidas alternaram-se com desconhecidas. Todos os pedaços de gelatina estavam envolvidos no fenômeno. Aproximavam-se simultaneamente. Os já conhecidos relâmpagos surgiram e, durante um momento terrível e assustador, Johanson acreditou ter visto um contorno humano nessa tão veloz mudança de figuras.

Tudo se fundiu, a matéria e os pedaços de nuvens.

— Está se fundindo! — gemeu Rubin. Olhava com os olhos brilhantes para as telas dos monitores, onde os dados corriam à sua frente. —A água está saturada com uma nova matéria, uma ligação química!

Johanson fez uma curva com o robô através do universo em colapso e continuou retirando amostras. Era como num rali. Quantas amostras conseguiria juntar? Quando deveria recuar? A massa parecia ter-se recuperado completamente-Formava-se um centro. Tudo desmoronou. O que já haviam visto em pequena escala, agora acontecia numa grande. A formação de uma criatura de células individuais. Um organismo sem olhos, ouvidos ou outros órgãos sensitivos visíveis, sem coração, cérebro e aparelho digestivo, um torrão homogêneo que, entretanto, era capaz de processos complicados.

Algo gigantesco formou-se. Aproximadamente a metade do que penetrara no convés-doca fora jogada de volta ao mar pelas bombas. Mesmo assim, o que restou ainda tinha o tamanho de uma caminhonete. Através da janela oval do tanque, viram a substância gelatinosa contrair-se e solidificar. Johanson puxou o robô para a zona marginal da fusão, onde as nuvens azuis moviam-se continuamente em direção ao centro. Três dos tubos ainda estavam vazios. Projetou-os para fora e tentou avançar novamente para dentro da massa.

Imediatamente a criatura recuou e produziu dezenas de tentáculos que agarraram o robô. Johanson perdeu o controle sobre a máquina. Ela permaneceu imóvel nas garras da criatura que afundava para o fundo do tanque e produzia uma espécie de pé

grumoso. De repente parecia um enorme cogumelo com uma coroa de braços flexíveis.

— Merda — esbravejou Oliviera. — Você foi lento demais. Os dedos de Rubin deslizaram sobre o teclado do computador.

— Tenho um monte de dados aqui — disse. — Uma embriaguez molecular. Esse troço usa um ferromônio! Então eu tinha razão.

— Anawak tinha razão — corrigiu-o Oliviera. — E Weaver.

— Claro, eu quis dizer...

— Todos nós tínhamos razão.

— Era o que estava tentando dizer.

— Algo que conhecemos, Mick? — perguntou Johanson, sem tirar os olhos do monitor.

Rubin balançou a cabeça.

— não faço idéia. Os ingredientes são conhecidos. não posso afirmar nada sobre a receita. Precisamos das amostras.

Johanson observou um cordão grosso torcendo-se para fora da parte superior da criatura, cuja ponta se ramificava num monte de antenas finas. O cordão abaixou-se em direção ao robô. As antenas apalparam a máquina e os tubos de ensaio.

Tudo apontava para uma estruturada e cautelosa inspeção.

— Estou vendo direito? — Oliviera inclinou-se para a frente. — Está tentando abrir os tubos?

— não são tão fáceis de abrir. — Johanson tentou reassumir o controle sobre o robô. Os braços que o mantinham presos reagiram, envolvendo ainda mais a máquina.

— Parece ter-se apaixonado — suspirou. — Está bem. Vamos aguardar. As antenas prosseguiram a inspeção.

— Será que ele consegue ver o robô? — perguntou Rubin.

— Com o quê? — Oliviera balançou a cabeça. — Pode mudar de forma mas dificilmente formará olhos.

— Talvez nem precise — disse Johanson. — Ele percebe o seu mundo.

— Isso as crianças também fazem. — Rubin olhou para ele com ar de dúvida. — Mas têm um cérebro onde gravam o que perceberam. Como esse troço entende o que percebe?

De repente a massa liberou o robô. Todas as antenas e braços recuaram e desapareceram na grande estrutura. O organismo aplainou-se até cobrir todo o fundo do tanque numa fina camada.

— Soalho flutuante — brincou Oliviera. — Até isso consegue fazer.

— Arivederci — disse Johanson, e guiou o robô de volta para a garagem.

## **CENTRO DE INFORMAÇÕES DE COMBATE**

— O que vocês estão tentando nos dizer?

Crowe apoiou o queixo nas mãos. O cigarro obrigatório queimava entre o indicador e o dedo médio da mão direita, contudo mal foi fumado desta vez. Crowe estava sem tempo para tragar. Juntamente com Shankar, tentava descobrir a mensagem que os Yrr haviam-lhe enviado.

Uma mensagem acompanhada por um ataque.

Depois de o computador decodificar a primeira notícia, fora bastante ágil na segunda. Os Yrr haviam respondido novamente em código binário. Continuavam sem saber se os dados novamente resultariam numa imagem. Até agora apenas uma seqüência parecia fazer sentido, uma informação que, diante do esperado pensamento desconhecido, aparentava ser irrisória e simples demais.

Era a representação de uma molécula, uma fórmula química.

H<sub>2</sub>O.

— Muito original — opinou Shankar em tom azedo. — Já sabemos há muito tempo que vivem na água.

Entretanto os Yrr haviam acoplado mais dados à fórmula da água. O computador calculava enlouquecidamente, e, aos poucos, Crowe começou a entender o que poderiam querer dizer com aquilo.

— Talvez seja um mapa — disse.

— O que quer dizer? Um mapa do fundo do mar?

— não. Isso significaria que vivem no fundo do mar. Caso o nosso grande visitante no simulador seja parte da inteligência desconhecida, parece-me mais que o seu habitat seja a água livre. O oceano é um universo no qual se flutua. Homogêneo e igual para todos os lados.

Shankar refletiu.

— A não ser — disse — que se observe minuciosamente e analise sua composição específica. Minerais, ácidos, bases etc.

— Que não são os mesmos em todos os lugares — concordou Crowe. — Na primeira vez enviaram-nos uma imagem de duas fórmulas matemáticas. Isso aqui é bem mais complicado. Mas, se estivermos no caminho certo, essa riqueza de variedades também haverá de ter um limite. não posso garantir, mas acho que mais uma vez nos enviaram uma imagem.

## **CENTRO DE INTELIGÊNCIA**

Weaver encontrou Anawak sentado em frente ao computador. Alguns unicelulares passeavam pela tela, mas teve a impressão de ele não estar olhando direito.

— Sinto muito pelo que aconteceu com a sua amiga — disse baixinho. Anawak olhou para o teto.

— Sabe o que é estranho? — Sua voz estava rouca. — Que a sua morte tenha me tocado tanto. A morte nunca me impressionou assim. A última vez em que chorei foi quando minha mãe morreu. Meu pai morreu e eu fiquei horrorizado por não conseguir lamentar sua morte. Você conhece a história. Mas Licia? Meu Deus. não tinha sequer quaisquer ambições. Uma estudante que me encheu o saco até eu aprender a gostar dela.

Weaver hesitou. Tímida, tocou-lhe o ombro. Os dedos de Anawak alisaram a mão dela.

— Aliás, sua programação está funcionando — disse.

— Quer dizer que agora só falta eles virarem a biologia do avesso da mesma forma no laboratório.

— É. Eis o problema. Continua sendo uma hipótese.

Haviam conferido aos unicelulares virtuais um DNA capaz de aprendizagem e mutações constantes. Na realidade, segundo esse modelo, cada uma das células era um pequeno computador autárquico que alterava constantemente sua programação. Cada nova informação mudava a estrutura do genoma. Se uma certa quantidade de células passasse por uma experiência, essa experiência alterava sua estrutura genética. Quando as células alteradas se fundiam com outras células, passavam as novas informações adiante, e o DNA das outras adquiria as mesmas características. Dessa forma, o coletivo não apenas aprendia constantemente, como a fusão também assegurava uma constante igualdade de informações. Cada novo conhecimento individual enriquecia a experiência geral do coletivo.

A idéia era revolucionária. Significaria que o conhecimento seria hereditário. Depois de discutir o assunto com Johanson, Oliviera e Rubin, estavam mais perdidos do que nunca, porque, por um lado, a idéia empolgou a todos.

Por outro lado, tinha um grande problema.\_\_\_\_

## **SALA DE CONTROLE**

— Quando uma DNA sofre uma mutação, a informação genética é alterada — explicou Rubin. — E isso é problemático para todos os seres vivos.

No meio da avaliação dos testes, ele se mandara do laboratório, aparentemente por uma nova crise de enxaqueca. Entretanto estava reunido na sala de controle secreta com Li, Peak e Vanderbilt. Estavam controlando os protocolos de escuta. Naturalmente, todos na sala sabiam do programa que Weaver e Anawak haviam elaborado, assim como da sua teoria. Mas, com exceção de Rubin, ninguém entendia do que se tratava.

— É essencial para um organismo que o seu DNA mantenha-se intacto — disse Rubin. — Se não ele adoecer, ou os seus descendentes adoecem. A radioatividade, por exemplo, causa danos irreparáveis no DNA, resultando no nascimento de mutantes ou em câncer.

— Mas e o desenvolvimento evolutivo? — perguntou Vanderbilt. — Se nós nos desenvolvemos a partir dos macacos, o DNA não pode ter sido sempre o mesmo.

— Correto, mas a evolução transcorre num longo período de tempo. E sempre seleciona aqueles para os quais o índice de mutação natural assegurou uma adaptação ideal às condições momentâneas. Praticamente não se fala dos fracassos da evolução, apesar de existirem vários na natureza. Contudo entre a mudança genética fundamental e a seleção está o reparo. Pense no bronzeamento. A luz do sol muda as células das camadas superficiais da pele, isso causa mutações no DNA. Ficamos bronzeados e, se não tomarmos cuidado, ficamos vermelhos e queimados. Nesse caso, o corpo elimina as células destruídas. No outro caso, as repara. Se não existissem tais reparações, não teríamos condições de viver. Todas essas pequenas mutações se potencializariam, não cicatrizaríamos nenhuma ferida, não sobreviveríamos a nenhuma doença.

— Entendi — disse Li. — Mas e os unicelulares?

— A mesma coisa — disse Rubin. — Se o seu DNA mutar, precisa ser reparado— Veja bem, essas células se multiplicam através da divisão. Se o seu DNA não fosse reparado, nenhuma espécie se manteria estável. não importa que célula você pegue, a natureza tem um interesse em manter o índice de mutações abaixo de um limite aceitável. Mas agora vem o problema da teoria de Anawak. Um genoma sempre é reparado inteiramente, em toda a sua extensão. Imagine que as enzimas de reparo percorrem todo o DNA como uma patrulha da polícia, procurando por erros. Assim que descobrem um local danificado, iniciam a reparação. Para que a informação do estado original e correto seja mantida, as enzimas exercem, digamos assim, o papel de guardiães do conhecimento genérico. Em suas rondas de controle identificam imediatamente o gene original e o gene danificado. Como se quisessem ensinar uma criança a falar em vão. Basta aprender uma palavra, e lá vêm as enzimas de reparo e reprogramam o cérebro de volta ao seu estado original, ou seja, ao desconhecimento. não é possível aprender.

— Então a teoria de Anawak é besteira — constatou Li. — Apenas funcionaria se as alterações do DNA dos unicelulares se mantivessem.

— Correto por um lado. Cada nova informação seria vista como dano pelas enzimas de reparo, e o genoma seria imediatamente reparado. De volta à estaca zero, digamos.

— Acredito — disse Vanderbilt, sorrindo — que agora venha o outro lado. Rubin acenou a cabeça, hesitante.

— Há um outro lado — disse.

— Que seria?

— não faço idéia.

— Espere — disse Peak. Ajeitou-se na cadeira e estremeceu. Seu pé estava enfaixado. Parecia bastante abatido de uma forma geral. — não acabou de dizer que...

— Eu sei! Mas a teoria é simplesmente brilhante — exclamou Rubin. Sua voz voltou a ficar rouca. Sempre que falava muito de uma vez só, as conseqüências da tentativa de enforcamento se manifestavam. — Ela explicaria tudo. E então teríamos certeza de que aquele troço no tanque é de fato o nosso inimigo. Teríamos os Yrr diante dos nossos olhos. As criaturas a que devemos essa merda toda! E tenho certeza de que são elas! Hoje pela manhã testemunhamos acontecimentos únicos. O troço examinou um robô mergulhador de um jeito que não lembrava em nada, mas absolutamente nada, o comportamento instintivo ou a curiosidade animal. Foi pura inteligência cognitiva! A explicação de Anawak

consistência. O modelo computadorizado de Weaver funciona.

— Quem ainda entende alguma coisa disso tudo? — disse Li, suspirando secou a testa com um lenço.

— Bem. — Rubin afastou as mãos. — É provável que se trate de uma anomalia. Enzimas de reparo também cometem erros. Raramente, mas em dez

reparos estragam um. Um par de bases que não é levado de volta ao estado original. É pouco, mas suficiente para alguém nascer hemofílico, ou com câncer ou com o palato fendido. Vemos

defeitos nisso tudo, mas é a prova de que princípio do reparo não é absoluto.

Li levantou-se e atravessou a sala a largos passos.

— Então está convencido de que os unicelulares e os Yrr são a mesma coisa? Encontramos o nosso inimigo?

— Com duas restrições — disse Rubin rapidamente. — Primeiro, precisamos resolver o problema do DNA. Segundo, deve haver algo como uma rainha. O coletivo pode ser tão inteligente quanto quiser... Na minha opinião, o que temos lá embaixo é apenas a parte executora do todo.

— Uma rainha? Como devemos imaginar isso?

— Igual, porém diferente. Veja as formigas. A rainha também é uma formiga, mas uma formiga especial. Dela parte tudo. Os Yrr vivem em cardume, são coletivos de microorganismos. Se Anawak estiver certo, representam um segundo caminho da evolução rumo à vida inteligente, mas algo deve guiá-las.

— Então, se encontrarmos essa rainha... — começou a falar Peak.

— não. — Rubin balançou a cabeça. — não nos enganemos. Pode ser mais do que uma. Podem ser milhões. E, se forem espertas, não mostrarão a cara. — Fez uma pausa. — Mas, para poder agir como rainha, devem ter os mesmos princípios que os Yrr restantes. A fusão e a memória genética. Bem, estamos extraíndo uma substância odorífera que as células emanam como sinal de que querem fundir-se. Um ferormônio cuja receita está prestes a ser descoberta por Oliviera e Johanson. O odor é a chave para a comunicação entre os Yrr. — Rubin sorriu, satisfeito. — E talvez seja a chave para a solução de todos os nossos problemas.

— Está bem, Mick. — Vanderbilt acenou a cabeça para ele num gesto benevolente. — Estamos de bem com você novamente. Por enquanto, apesar de ter cometido um grande erro no convés-doca.

— não tive culpa — disse Rubin, ofendido.

— Você está na CIA, Mick. Na minha organização. não existe "não tive culpa" aqui. Esqueci de mencionar isso quando o contratamos?

— não.

Vanderbilt meteu o lenço no bolso, desajeitado.

— Bom ouvir isso. Jude irá falar com o presidente agora. Poderá dizer a ele que você é um bom menino. Obrigado pela sua visita. De volta ao trabalho, cara!

## **SALA DE REUNIÕES DOS OFICIAIS**

Crowe e Shankar pareciam bem menos autoconfiantes do que na decodificação do primeiro sinal. A equipe estava deprimida e irritada não somente pelos terríveis acontecimentos no convés-doca. Era cada vez mais evidente que ninguém compreendia as atitudes dos Yrr.

— Por que enviam mensagens e atacam ao mesmo tempo? — perguntou Peak. — Nenhuma pessoa faria isso.

— Pare, de uma vez por todas, de pensar nessas categorias — disse Shankar. — não são pessoas.

— Estou apenas tentando compreender.

— não compreenderá nada enquanto basear-se na lógica humana — disse Crowe. — Talvez a primeira mensagem tenha sido um aviso. Sabemos onde estão. Em todo caso, foi o que nos responderam.

— Será que foi uma manobra enganadora? — sugeriu Oliviera.

— No que acha que pode ter consistido o engano? — perguntou Anawak.

— Desviar nossa atenção.

— De quê? De que, logo em seguida, se encenariam como uma árvore de Natal?

— E por que não? — disse Johanson.— Afinal, uma coisa eles conseguiram. Acreditamos que estejam interessados numa troca. Sal tem razão, pessoa alguma faria isso. Talvez saibam disso. Eles nos enrolaram, mostraram todo o seu poder, nós esperávamos uma revelação cósmica e, em compensação, levamos um fora.

— Talvez não devessem ter enviado suas malditas questões matemáticas para o fundo, e sim outra coisa — disse Vanderbilt

para Crowe.

Pela primeira vez desde que Anawak a conheceu, Crowe parecia perder a paciência. Mandou um olhar fulminante para o diretor da CIA.

— Tem uma idéia melhor, Jack?

— não é minha função a bordo ter uma idéia melhor, mas sua — disse Vanderbilt, agressivo. — A comunicação com eles é responsabilidade sua.

— Com quem? Você continua achando que há muçulmanos por detrás disso tudo.

— Se envia mensagens cujo resultado apenas revela nossa posição, esse é um maldito problema que você precisa resolver. Incluiu informações detalhadas sobre a humanidade na sua porcaria de impulso de onda, mandou um convite Para que nos atacassem!

— Para conversar com alguém, precisa conhecê-lo primeiro! — respondeu Crowe, furiosa. — não entende isso, seu burro? Quero saber quem são, então lhes conto algo a nosso respeito.

— Suas mensagens são um beco sem saída...

— Meu Deus, acabamos de começar!

— ... assim como toda a sua porcaria de SETI é um beco sem saída.

— Meu Deus, acabamos de começar? Parabéns. Quantas pessoas precisarão morrer até você começar de verdade?

— Jack — disse Li. Parecia um "Senta" ou "Deita".

— Essa porcaria de programa de contato...

— Jack, cale a boca! não quero brigas, mas resultados. Quem aqui tem um resultado?

— Nós — disse Crowe, rabugenta. — O núcleo da segunda mensagem é uma fórmula

H<sub>2</sub>O. O que o resto significa ainda descobriremos, desde que ninguém torre o nosso saco.

— Nós também avançamos um pouco — começou a falar Weaver.

— E nós! — disse Rubin rapidamente. — Demos um grande passo, graças... há... à grande ajuda de Sigur e Sue. — Precisou tossir. Sua voz ainda não estava boa. — Talvez queira relatar, Sue?

—não precisa ser tão gentil — chiou Oliviera para ele. Em voz alta, disse

— Extraímos uma substância odorífera que as células utilizam para se interligarem. Trata-se de um ferormônio, e também sabemos como funciona. Devemos isso a Sigur, que conseguiu retirar amostras de tecidos e de fases numa luta mortal.

Colocou um recipiente transparente fechado sobre a mesa. Continha um líquido claro como água até a metade.

— A substância odorífera está aí. Nós a decodificamos e podemos produzi-la. A receita é surpreendentemente simples. Ainda não podemos dizer com cem por cento de certeza como os seres fazem contato através dela, e tampouco quem ou o que inicia a fusão. Mas, partindo do princípio de que exista um impulso — digamos que seja uma rainha, apenas para simplificar —, resta descobrir como se reúnem bilhões de unicelulares livres na água que não tenham olhos nem ouvidos. É para isso que serve o ferormônio. Na realidade, na água o odor, por si só, não é adequado para a comunicação, as moléculas difundem-se rápidas demais, mas, a curtas distâncias, um chamado ferormônio funciona muito bem. E, ao que parece, a comunicação ferormônica das células limita-se a essa única substância odorífera. não existe um vocabulário, apenas uma única palavra

fundir! Ainda não sabemos como as células, uma vez unidas, se comunicam umas com as outras. Fato é que se utilizam de alguma forma de troca. não é diferente num computador neuronal ou num cérebro humano. As unidades sempre precisam de uma espécie de mensageiro. Na biologia, esses mensageiros chamam-se ligandos. Quando uma célula quer comunicar algo a uma outra, dificilmente irá visitá-la, então envia-lhe uma notícia, e essa notícia é transportada para a outra célula através dos ligandos. Esta, por sua vez, como toda casa que se reze precisa de uma campainha, cientificamente falando, um receptor. O ligando toca a campainha, a mensagem da campainha propaga-se no interior da célula através de cascatas de sinais e enriquece o genoma com uma nova informação. Fez uma pausa.

— Ao que parece, os microorganismos no tanque comunicam-se através de ligandos e receptores. Naturalmente a idéia de células que tenham uma porta como casas e enviem um mensageiro simpático e sorridente que toca a campainha é um pouco controversa. Cada célula emana uma nuvem de moléculas odoríferas e não tem apenas um receptor, mas aproximadamente duzentos mil. Assim, absorve os ferormônios e conecta-se ao coletivo. Duzentas mil campainhas para trocar informações com as células vizinhas é bastante coisa. O processo de fusão ocorre como uma corrida de revezamento

uma célula absorve ferormônios do coletivo e conecta-se às células vizinhas. No momento da conexão ela própria sintetiza ferormônios para alcançar as células livres mais próximas, e por aí afora. O processo acontece de dentro para fora. Para compreender tudo isso melhor, nós nos anteciparemos ao teste final e partiremos do princípio de que todas as células que analisamos realmente sejam os nossos caros inimigos. Por isso nós as chamaremos, com certeza antecipada, de Yrr.

Uniu as pontas dos dedos.

— O que logo nos chamou a atenção foi o fato de as células não disporem apenas de receptores, mas de pares de receptores. Quebramos a cabeça quanto ao porquê disso, mas então descobrimos. Está ligado à manutenção da saúde do coletivo. Portanto demos denominações funcionais aos receptores. O receptor universal reconhece

sou um Yrr. O receptor especial diz

sou um Yrr funcional e saudável, com DNA intacto e indicado para o coletivo, para o grande Pow Wow.

— Isso tudo não seria possível com um único receptor?— perguntou Shankar, franzindo a testa.

— não, provavelmente não. — Oliviera refletiu. — É um sistema muito genial. No nosso modelo, devemos imaginar uma célula Yrr como um acampamento de soldados com uma trincheira em volta. Se um soldado aproximar-se por fora, identifica-se através de uma marca universal

o uniforme. Este comunica aos soldados do acampamento

sou um de vocês. Mas todos nós assistimos a muitos filmes com Michael Caine para saber que um traidor pode estar usando o uniforme e, se conseguir entrar, atirá em todos. Por isso Michael Caine precisou identificar-se através de outra marca especial. Precisava saber uma senha. Descrevi isso mais ou menos corretamente em termos militares, Sal?

Peak acenou a cabeça.

— Perfeitamente.

— Que alívio. Então, quando dois Yrr se unem, acontece o seguinte o Y já fundido com o coletivo emite uma molécula odorífera, um ferormônio. Através desse ferormônio, as células conectam-se aos seus receptores universais, iniciam a ligação primária. O passo da identificação "Eu sou Yrr" já ocorreu Até aqui, tudo bem. Entretanto há Yrr que não são funcionais ou não estão sadios em outras palavras, cujo DNA apresenta defeitos. Nosso inimigo é um organismo em massa que, ao que parece, desenvolve-se constantemente e, portanto é obrigado a excluir as células incapazes de se desenvolverem. Aparentemente o truque consiste em todas as células possuírem um receptor universal, mas apenas as células sadias e capazes de se desenvolverem conseguem formar o receptor especial. Os Yrr doentes simplesmente não os possuem. E agora acontece o milagre propriamente dito, o que nos preocupa. O Yrr defeituoso não detém a senha. não é autorizado a fundir-se, antes é excluído. Mas isso por si só não basta. Os Yrr são unicelulares e, como todos os unicelulares, multiplicam-se por divisão. Naturalmente, uma espécie que evolui constantemente não pode permitir que se desenvolva uma segunda população, defeituosa, portanto precisa impedir que a célula defeituosa consiga multiplicar-se. Aqui o ferormônio assume uma função dupla. No momento da exclusão fica preso no receptor universal do Yrr defeituoso, transformando-se num veneno de ação rápida. Ele inicia a chamada morte celular programada, um fenômeno geralmente desconhecido pelos unicelulares. A célula defeituosa morre imediatamente.

— Como reconhece que um unicelular morreu? — perguntou Peak.

— É simples. Seu metabolismo cessa. Além do mais, reconhecemos um Yrr morto pela sua ausência de brilho. O brilho é uma necessidade bioquímica para os Yrr. Um exemplo conhecido é aAequorea, uma água-viva do Pacífico Sul. Para brilhar, produz um ferormônio. Aqui é parecido

temos a emissão de uma substância odorífera e, em conseqüência, um brilho; as fortes descargas de luz e os relâmpagos demonstram haver reações químicas muito fortes nas ligações celulares. Quando os Yrr brilham, estão se comunicando e pensando. Ao morrerem, o brilho cessa.

Oliviera olhou para os outros.

— Quero lhes dizer o que devemos temer. Com poucos meios, os Yrr criaram um método de seleção complexo. Se um Yrr é saudável e tem um par de receptores intacto, o ferormônio inicia a fusão. Caso não possua um par de receptores intacto, o ferormônio desenvolve o seu efeito mortal. Uma espécie que funciona dessa maneira vê a morte com outros "olhos". Na sociedade Yrr, a morte é uma questão imprescindível. Um Yrr jamais pensaria em poupar Yrr defeituosos. Do seu ponto de vista, seria incompreensível, até idiota. É preciso matar o que ameaça o desenvolvimento. É lógico. Os Yrr reagem à ameaça do coletivo com a lógica da morte. não há pedido de misericórdia, compaixão, nenhuma exceção, e tampouco a lógica de matar está relacionada à crueldade. Esses pensamentos são totalmente estranhos aos Yrr. Tampouco compreenderão que devem nos poupar, se representamos uma ameaça concreta para eles.

— Porque a sua bioquímica não permite uma ética nesse contexto — concluiu Li. — Por mais inteligentes que sejam.

— Está bem então — comentou Vanderbilt. — Que vantagem concreta obtivemos, agora que conhecemos o seu pequeno segredo Chanel nº 5? Podemos fundir-nos com eles, se eu bem entendi. Ótimo. Eu poderia me fundir com eles!

Crowe olhou longamente para ele.

— Acredita que eles queiram isso?

—não enche.

— Seria bom deixarem a briga para depois — disse Anawak. — Porque Karen e eu tivemos uma idéia de como fazer unicelulares pensarem. Agora Sigur, Mick e Sue estão se descabelando com ela. Biologicamente falando, é absurdo, entretanto responderia a uma série de perguntas.

— Programamos nossas células virtuais com um DNA artificial em constante mutação — disse Weaver, assumindo o discurso. — Em outras palavras, que aprende. De repente, voltamos ao mesmo ponto de que partimos, ou seja, a um computador neuronal. Lembrem-se, havíamos decomposto um desses cérebros eletrônicos nos seus menores espaços de memória programáveis e nos perguntamos como poderia voltar a formar um universo pensante. Não funcionou enquanto as células individuais não conseguiam aprender individualmente. Mas o único caminho para uma célula biológica aprender em vida é a mutação do DNA, o que, na realidade, não pode acontecer. Mesmo assim, demos essa possibilidade às células virtuais. E com um odor como o que Sue acabou de descrever.

— não apenas obtivemos o nosso computador neuronal inteiro e funcionando de volta — prosseguiu Anawak. — De repente, tínhamos Yrr reais e vivos em condições naturais à nossa frente. Porque a nossa pequena criação tem alguns extras — as células flutuam no espaço tridimensional. Concedemos a esse espaço características correspondentes às do fundo do mar, ou seja, pressão, correnteza, resistência, e por aí fora. Contudo, primeiro precisamos encontrar a resposta à questão de como os integrantes de um coletivo reconhecem uns aos outros. O odor é apenas metade da resposta. A outra metade consiste na limitação do tamanho do coletivo. Aqui entra o que Sue e Sigur descobriram — a variabilidade dos amplicons dos Yrr em pequenas regiões hipervariáveis. Lembrem-se da consequência dessa descoberta

as células obrigatoriamente alteraram o seu DNA após o seu nascimento. Acreditamos que aconteça exatamente isso, e que as regiões hipervariáveis servem à codificação para que se reconheçam uns aos outros e para, por exemplo, limitar o coletivo.

— Os Yrr com codificação idêntica reconhecem uns aos outros, e, além disso, pequenos coletivos podem fundir-se formando coletivos maiores — concluiu Li.

— Exatamente — disse Weaver. — Então codificamos as células. A essa altura, cada célula já tinha uma espécie de conhecimento de base quanto ao seu habitat. Cada uma recebeu informações adicionais que nem todas as células tinham. Conforme o esperado, primeiro todas as células de codificação igual fundiram-se em coletivos. Então experimentamos algo diferente e tentamos acoplar dois coletivos com codificação diferente. Funcionou, e então aconteceu algo inacreditável

não apenas a fusão funcionou, como as células de ambos coletivos passaram adiante suas codificações individuais, atualizando-se reciprocamente. Programaram-se num código novo e uniforme, o próximo nível mais alto do conhecimento que todas dividiam. No final, os dois coletivos formaram um único. Acoplamos esse com um terceiro coletivo, e novamente formou-se algo novo, jamais existente antes.

— Num próximo passo tentamos observar o comportamento de aprendizado dos Yrr — disse Anawak. — Formamos dois coletivos com codificações diferentes. A um deles atribuímos uma experiência específica. Simulamos o ataque de um inimigo. não é muito original, mas escolhemos um tubarão que arrancou um belo pedaço do coletivo e ensinamos-lhe a desviar-se na vez seguinte. Ordenamos ao coletivo que, quando o tubarão se aproximasse, desfizesse sua forma esférica e se tornasse plano como um linguado. não ensinamos o truque ao outro coletivo, e ele foi mordido. Então deixamos ambos os coletivos fundirem-se em um e soltamos o tubarão em cima deles, e ele desviou. Toda a massa aprendeu o truque. Em seguida, dividimos o coletivo em diversas partes e, de repente, todos sabiam como desviar-se de um tubarão.

— Então aprenderam através de suas regiões hipervariáveis? — disse Crowe.

— Sim e não — disse Weaver, verificando suas anotações. — É possível que façam isso, mas no computador tudo isso demora demais. De qualquer forma, a massa que atacou no convés-doca é

muito rápida em suas reações e possivelmente também pensa rápido assim. Uma formação supercondutora, um gigantesco cérebro variável. não, não pudemos nos restringir às pequenas regiões. Programamos o DNA inteiro para ter capacidade de aprendizagem e, com isso, aceleramos bastante a velocidade do seu pensamento.

— E o resultado? — perguntou Li.

— Baseia-se em alguns poucos experimentos que realizamos um pouco antes desta reunião. Mas é suficiente para as seguintes declarações

um coletivo yrr, não importa o tamanho, pensa tão rápido quanto um computador paralelo de última geração. O conhecimento individual é unificado, o desconhecido é examinado. Inicialmente, alguns coletivos não estão preparados para novos desafios, mas aprendem com a troca. Até um certo ponto, o desenvolvimento do aprendizado é linear, depois não há mais como prever o comportamento do coletivo...

— Espere — interrompeu-a Shankar. — Está querendo dizer que a programação passa a ter vida própria?

— Criamos situações totalmente desconhecidas para os Yrr. Quanto mais complexo o problema, mais vezes se uniam. Logo começaram a desenvolver estratégias cujos fundamentos não havíamos programado. Tornaram-se criativos. Ficaram curiosos. E aprenderam exponencialmente. Realizamos apenas alguns experimentos, e continua sendo apenas um programa de computador, mas os nossos Yrr artificiais aprenderam a adotar qualquer forma desejável, a imitar as formas de outros seres vivos e variá-las, formar extremidades cuja sensibilidade é infinitamente maior do que a de nossos dedos, examinar objetos a nível microscópico, trocar qualquer uma dessas informações com qualquer outra célula e solucionar problemas que os humanos não conseguiriam.

Por um instante reinou um silêncio consternado. Era nítido no rosto da maioria que estavam relembando os acontecimentos no convés-doca. Finalmente Li disse

— Dê-nos um exemplo de tal solução de problemas. Anawak acenou a cabeça.

— Então, sou um coletivo Yrr, certo? E um talude continental inteiro foi acometido por vermes que eu criei, entupi de bactérias e levei até lá para desestabilizarem todo o hidrato de metano local. Meu problema é que os vermes e as bactérias causam um monte de danos, mas preciso da gota d'água para o grande deslizamento.

— É verdade — disse Johanson. — Até hoje não conseguimos solucionar essa questão. Os vermes e as bactérias realizam grande parte do trabalho, mas falta um detalhe para torná-lo uma catástrofe.

— Por exemplo, uma leve diminuição do nível do mar, reduzindo a pressão sobre os hidratos, ou o aquecimento da água no talude. Correto?

— Exatamente.

— Por um grau?

— Seria suficiente. Mas digamos que dois.

— Está bem. Procuramos nos informar. Em frente ao talude continental norueguês fica o vulcão de Lama Hâkon-Mosby. Vulcões de lama não cospem lava, mas transportam gás, água e sedimentos do interior quente da Terra para a superfície do fundo do mar. Acima de um vulcão de lama, a água não chega a ser quente, mas é mais quente do que em outro lugar. Então eu formo um grande coletivo. Um coletivo enorme. Formo uma grande mangueira com duas aberturas nas pontas e, como quero tornar-me uma mangueira muito grande, limito a espessura da minha parede a algumas camadas de células. Mesmo assim, preciso de muito material meu, muitos bilhões de células, mas, como as minhas paredes são muito finas, consigo alongar-me por vários quilômetros. Minha circunferência corresponde ao da cratera do Zenral, aproximadamente quinhentos metros. Absorvo a água quente do vulcão de lama e, como um cano de água colossal transporto-a para o local em que os vermes e as bactérias deram os primeiros passos da destruição. E eis que obtenho o meu deslizamento. E, assim, possivelmente também aqueço a água em

frente à Groenlândia ou nos pólos, causando o derretimento das geleiras e, conseqüentemente, a paralisação da Corrente do Golfo.

— Se os Yrr do seu computador conseguem fazer isso — disse Peak com expressão descrente —, então do que os verdadeiros Yrr são capazes?

Weaver apertou os lábios e olhou para ele.

— Acredito que de bem mais.

## **NATAÇÃO**

Weaver sentia-se tensa por dentro e por fora. Ao deixarem a sala de reuniões, perguntou a Anawak se queria nadar com ela na piscina. Seus ombros eram pura dor. Isso porque praticava quase todos os esportes que se podiam exigir de um corpo humano.

Talvez esse seja o seu problema, pensou. Talvez devesse praticar um esporte que não fosse uma exigência.

Anawak acompanhou-a. Pegaram em suas cabines o necessário para nadar e encontraram-se novamente já vestindo os seus roupões. Weaver sentiu vontade de segurar a mão dele a caminho da piscina — aliás, gostaria de estar fazendo outra coisa com ele naquele momento —, mas não sabia como começar uma coisa dessas sem bancar a idiota. Antigamente, antes da limpeza radical em sua vida, pegara indiscriminadamente o que surgisse na sua frente, mas isso nada tivera a ver com o amor. Agora sentia-se tímida e receosa. Como se paquerava? Como se ia para cama se morreram pessoas na noite anterior e o mundo inteiro despencava num abismo?

Aliás, o quão tolo se podia ser?

A piscina coberta do Independence era enorme e surpreendentemente confortável para um navio de guerra, tinha o tamanho de um pequeno lago. Ao deixar o roupão cair, sentiu o olhar de Anawak pelas costas. Logo conscientizou-se de que era a primeira vez que ele a via assim. Seu maiô era pequeno e tinha um grande decote nas costas, e obviamente ele viu a tatuagem.

Constrangida, aproximou-se da beira da piscina, deu um salto e mergulhou elegantemente. Com os braços esticados à sua

frente, deslizou por debaixo d'água e ouviu Anawak vindo atrás dela. Talvez aconteça aqui, pensou. Sentiu um frio na barriga. Dividida entre a esperança e o medo de que ele a alcançasse, começou a bater as pernas e a nadar mais rápido.

Medrosa! Por que não?

Simplesmente mergulhar e fazer amor. Debaixo d'água.

Fundir...

De repente, teve uma idéia.

Chegava a ser ridiculamente simples e, infelizmente, também bastante impiedosa. Mas, caso funcionasse, seria brilhante. E então conseguiriam fazer com que os Yrr recuassem pacificamente. Ou ao menos repensassem as suas atitudes.

Será que a idéia era mesmo brilhante?

Seus dedos tocaram a parede azulejada da piscina. Emergiu da água e tirou a água dos olhos com as mãos. No próximo instante, a idéia pareceu-lhe apenas vulgar. E então voltou a ostentar o seu encanto perturbador. A cada metro que Anawak se aproximava, ela ficava mais confusa e, quando ele já estava quase chegando, a idéia lhe pareceu até abominável.

Precisava pensar melhor a respeito.

De repente, ele estava muito próximo.

Ela apertou-se contra a parede da piscina. Seu tórax elevava-se e baixava. Seu coração batia como daquela vez em que estivera pendurada na água gelada do canal — esse frio na barriga e o batimento do coração, que parecia lhe dizer

Agora... Agora... Agora...

Sentiu o toque na sua cintura e abriu os lábios.

Medo!

Diga alguma coisa, pensou. Há de haver alguma coisa. Algum assunto sobre o qual se pudesse falar.

— Sigur parece sentir-se melhor.

As palavras saltaram para fora como rãs. Os olhos de Anawak refletiam a sua decepção. Afastou-se um pouco dela, puxou o cabelo molhado para trás e sorriu.

— É, o seu estranho acidente. Sua maldita idiota burra!

— Mas ele está com um problema. — Apoiou os cotovelos na beira da piscina e puxou-se para cima. — Guarde para você. Ele não deve saber que estou botando a boca no mundo. Apenas quero saber a sua opinião.

Sigur tem um problema. Você tem um problema. Idiota. Idiota!!!

— Que problema? — perguntou Anawak.

— Ele viu alguma coisa. Ou melhor, acha ter visto alguma coisa. Do jeito que me relatou os fatos, eu acredito nele, mas então surge a questão do que significa isso e... preste atenção, vou lhe contar.

## **SALA DE CONTROLE**

Li ouviu Weaver relatando as dúvidas de Johanson para Anawak. Imóvel diante dos monitores, prestou atenção à conversa dos dois.

Que belo par, pensou, divertida.

O teor da conversa divertiu-a menos. Esse imbecil de Rubin arriscara toda a missão. Restava esperar que Johanson não se lembrasse de mais nenhum fato que a droga deveria ter apagado das suas circunvoluções cerebrais. Agora o tema já chegara a Weaver e Anawak!

Por que estão se envolvendo nessas histórias, criancinhas? pensou. Historinhas malvadas do tio Johanson. Por que não vão logo para a cama? Qualquer cego percebe que estão querendo, apenas vocês dois não conseguem fazer nada. Li suspirou. Quantas vezes já se deparara com essas tentativas de aproximação desajeitadas desde que mulheres e homens, juntos, serviam à Marinha. Era sempre tão evidente! Sem graça e profano. Todos queriam ir para a cama em algum momento. Será que os dois na piscina não teriam uma idéia melhor do que ficar esquentando a cabeça com Johanson?

— Deveríamos nos acostumar à idéia de Rubin abrir o jogo — disse a Vanderbilt.

O homem da CIA estava de pé atrás dela, segurando uma caneca de café com as mãos. Eram os únicos na sala. Peak estava no convés-doca para adiantar a limpeza e verificar o estado do equipamento de mergulho.

— E então?

— Nesse caso, temos opções claras.

— Mas ainda não chegamos a esse ponto, querida Jude, para colocar isso em prática. Rubin ainda não chegou a esse ponto. Além do mais, obviamente seria melhor precisarmos fazê-lo.

— O que há, Jack? Escrúpulos?

— Muita calma. Pode ser o seu maldito plano, mas a garantia da execução está em minhas mãos. Pode ter certeza de que os meus escrúpulos estão dentro de um âmbito compatível. — Deu um sorriso. — Afinal, preciso preservar minha reputação.

Li virou-se para ele.

— E você tem uma?

Vanderbilt sorveu claramente da sua caneca.

— Sabe o que prezo tanto em você, Jude? Sua repugnância. Você me dá a sensação de ser um cara legal. E isso é muito!

## **CENTRO DE INFORMAÇÕES DE COMBATE**

Crowe e Shankar estavam quebrando a cabeça.

O computador mostrava imagens entrelaçadas. Linhas paralelas que repentinamente se afastavam, curvavam-se, tornavam-se uma. No meio delas havia grandes espaços vazios irregulares. O Scratch era composto por uma série inteira de tais gráficos que, juntos, pareciam formar uma única imagem, mas não era o caso. não combinavam entre si. Além do mais, Crowe continuava sem saber o que significavam as linhas.

— A água é a base — refletiu Shankar. — A cada molécula de água está ligada uma informação adicional. O que representa? A característica da água?

— É possível. Que características poderiam ser?

— Temperatura.

— É, por exemplo. Ou teor salino.

— Mas talvez não se trate de características físicas ou químicas, apenas dos Yrr em si. Talvez as linhas representem sua densidade demográfica.

— Tipo, nós moramos aqui? Algo assim? Shankar coçou o queixo.

— Acho que não, ou será?

—não sei, Murray. Nós informariamos a eles a localização das nossas cidades?

—não. Mas não pensamos como eles.

— Obrigada por me lembrar. — Crowe fez um anel de fumaça. — Está bem, mais uma vez. H<sub>2</sub>O. Água. Esta parte da mensagem não é difícil de compreender. A água é o nosso mundo.

— O que é exatamente a resposta à nossa mensagem.

— É verdade. Contamos-lhes que vivemos do ar. E então descrevemos o nosso DNA e a nossa forma.

— Digamos que de fato respondam a nossa mensagem passo a passo — disse Shankar. — As linhas poderiam ser a representação da sua forma?

Crowe apertou os lábios.

— Eles não têm forma. Digo, os unicelulares naturalmente têm uma forma mas dificilmente estão se referindo a isso. Acredito que se considerem como forma principalmente enquanto coletivo, e então realmente não têm como definir-se. A substância gelatinosa tem mil formas e nenhuma.

— Está bem. Descartamos a forma. Que outras informações poderiam ser interessantes? Número de indivíduos?

— Murray! Esse é um número com tantos zeros atrás que daria para encher o casco do Independence. Além do mais, eles se dividem continuamente, morrem continuamente... Talvez sequer tenham como nos informar o número exato. — Crowe brincou com o cigarro entre os dedos. —não é o ser individual que importa. É totalmente secundário. O que conta é o conjunto. A idéia Yrr, se preferir assim, o Yrr idealizado. O genoma Yrr.

Shankar olhou para ela por cima dos óculos.

—não se esqueça que só lhes mandamos a informação de que a nossa bioquímica baseia-se no DNA. Sendo assim, a resposta

deveria ser

a nossa também. Acredita seriamente que tentaram decodificar o genoma deles para nós?

; — Seria uma possibilidade.

— Por que fariam isso?

— Porque, na realidade, é a única afirmação que podem fazer a seu respeito. O genoma e a fusão são os pontos centrais de toda a sua existência, tudo se baseia nisso.

— Sim, mas como pretende descrever um DNA em constante mutação? Crowe olhou para os desenhos das linhas, perdida.

— Será que são mapas, então?

— Mapas de quê?

— Está bem. — Suspirou. — Vamos começar novamente. H<sub>2</sub>O é a base. Nós vivemos na água...

## QUATRO OLHOS

Li ligara a sua esteira de corrida em velocidade máxima. Em outras circunstâncias, teria corrido na sala de musculação, em prol da união da equipe. Mas dessa vez queria estar a sós. Estava travando o seu diálogo diário com a Base Aérea Offut.

— Como estão os ânimos, Jude?

— Excelentes, senhor. O ataque nos afetou muito, mas está tudo sob controle.

— As pessoas estão motivadas?

— Mais motivadas do que nunca.

— Estou preocupado. — O presidente parecia cansado. Estava sentado na Sala de Guerra da base, totalmente sozinho. — Boston foi totalmente evacuada. Nova York e Washington já eram. E estamos recebendo novas mensagens de horror de Filadélfia e Norfolk.

— Eu sei.

— O país está afundando enquanto o mundo inteiro só fala de uma inteligência não-humana no mar. Realmente gostaria de saber quem não soube calar a sua boca.

— Que diferença faz, senhor?

— Que diferença faz? — O presidente bateu na mesa com a mão aberta. — Se os Estados Unidos assumiram a liderança, não aceito que algum filho-da-puta da ONU trilhe o seu próprio caminho! Só porque todos acham que o seu país de merda deve entrar na jogada. Sabe o que está acontecendo lá fora, que dinâmica própria isso está assumindo?

— Eu sei o que está acontecendo.

— Ou alguém do seu meio abriu a boca?

— Com todo o respeito, senhor, a hipótese dos Yrr não é nada em que outras pessoas não possam ter pensado. Pelo que ouvi dizer, a maioria das suposições continua girando em torno de fenômenos naturais e do terrorismo internacional. Hoje de manhã um cientista de Pjõngjang...

— Disse que nós seríamos os malandros. — O presidente fez sinal de não com as mãos. — Sei de tudo isso. Que estaríamos andando por aí com submarinos ultra-silenciosos e atacando as nossas próprias cidades para pôr a culpa no inocente comunismo. Que tolice. — Inclinou-se para a frente. — Mas também pouco me importa. não ligo a mínima para a popularidade. Quero que o problema seja solucionado, quero que sejam apresentadas novas opções! Jude, diabos, nenhum país está em condições de ajudar o outro! Os próprios Estados Unidos estão precisando de ajuda! Estamos sendo invadidos, envenenados, nossos cidadãos estão fugindo para o interior. Sou obrigado a esconder-me na ala de segurança como uma toupeira. As cidades estão sendo saqueadas e foram tomadas pela anarquia. As forças armadas e as forças da ordem estão absolutamente sobrecarregadas. As pessoas podem escolher entre alimentos contaminados e medicamentos sem efeito.

— Senhor...

— Por enquanto, Deus ainda está protegendo o Ocidente, se desconsiderarmos o fato de que os dedos de uma pessoa certamente serão arrancados assim que ela puser os pés na água. As populações de vermes estão crescendo em frente à América e à Ásia, e em La Palma estão prestes a desistir. não me desagrada o fato de alguns governos aqui e ali estarem cambaleando, mas no

momento não temos como nos dedicar à questão de quem deverá assumir forças armadas locais.

— Seu último discurso...

— não me venha com essa. De manhã até à noite estou me acabando em declarações passionais. Nenhum desses escritores de discurso as assimila. Nenhum deles entende o que quero dizer a este país e ao mundo perante Deus. Eu digo, espalhem esperança. O povo americano deve sentir o poder de decisão de um comandante-chefe que fará tudo que for necessário para ganhar essa batalha mesmo que o inimigo esconda o seu rosto milhares de vezes. O mundo precisa fortalecer-se. não, não queremos enganar ninguém, devemos nos preparar para o pior, mas venceremos essa

É o que digo a eles, mas ao espalhar a esperança perdem a autenticidade e tornam-se patéticos, e o seu próprio medo pavoroso mistura-se a isso tudo.

— Mas as pessoas prestam atenção ao senhor — assegurou Li. — No momento, o senhor é uma das poucas pessoas que se levam a sério. O senhor e os alemães.

— Sim, os alemães. — O presidente apertou os olhos. — Aliás, é verdade isso? Os alemães estão planejando a própria missão?

Li quase caiu da esteira. Que tolice era aquela de novo?

— não, não estão. Nós comandamos o mundo. Fomos legitimados pelas Nações Unidas. A Alemanha está coordenando a Europa, mas trabalham intimamente ligados a nós. Veja La Palma.

— Então por que a CIA está me dizendo isso?

— Porque Jack anda espalhando isso por aí.

— Ajude. — É, sim, ele continua sendo um intrigante.

— Menina, quando chegar a sua hora de assumir o seu merecido cargo, Vanderbilt sequer estará por perto.

Li expirou lentamente. Tornara-se emocional. Saíra da defensiva e, nesse momento, talvez tenha exposto demais de si. Isso não era bom. Precisava manter-se soberana.

— Claro — disse, sorrindo — que não vejo em Jack um problema, mas um parceiro.

O presidente acenou a cabeça.

— Os russos nos enviaram uma equipe que deu à CIA informações abrangentes sobre a situação às margens do mar Negro. Estamos trabalhando próximo à China. Esse negócio com os alemães me parece besteira. Na realidade, não acho que estejam agindo por conta própria, mas você sabe que tipo de intrigas corre pela mídia em tempos como esses. não podemos estar satisfeitos. É fantástico quantas pessoas de diferentes nações se encontram em Deus quando o diabo sai do mar. — esfregou os olhos. — Então como estamos? não queria lhe contar isso na frente dos outros, Jude, não quero colocá-la na embaraçosa situação de ter de enfeitar alguma coisa, mas agora seja sincera. Como estamos?

— Estamos perto da revelação.

— Quão perto?

— Rubin acha que, se tudo correr bem, terá a resposta daqui a um ou dois dias. Tivemos um acerto no laboratório. Existe uma substância odorífera que os yrr utilizam para comunicar-se. Sintetizaram esse troço e...

— Poupe-me dos detalhes. Rubin disse que conseguirá?

— Ele tem certeza absoluta, senhor — disse Li. — E eu também. O presidente apertou os lábios.

— Estou confiando em você, Jude. Houve outras complicações com os seus cientistas?

— não — mentiu. — Está tudo correndo bem. Por que ele fez essa pergunta? Teria Vanderbilt...

Calma, Jude. Uma pergunta coincidente. não foi no interesse de Vanderbilt. Esse gordão falava mais do que a boca, mas Vanderbilt não prejudicaria a si mesmo.

— Senhor — disse. — Estamos bastante adiantados. Eu lhe prometi que encerraria o assunto no interesse de todos nós e farei isso. Nós salvaremos o mundo. Os Estados Unidos irão salvá-lo. O senhor irá salvá-lo.

— Como no cinema, não?

— Melhor.

O presidente acenou a cabeça com ar sombrio. E sorriu subitamente. não era exatamente o sorriso aberto de sempre. Mas

expressava um pouco a imprescindível vontade de vencer pela qual ele o admirava e respeitava.

— Que Deus esteja contigo, Jude — disse ele.

Desligou. Li ficou para trás na sua esteira e, de repente, perguntou-se se realmente conseguiriam.

## **CENTRO DE INFORMAÇÕES DE COMBATE**

Independentemente do que a mensagem revelasse sobre o inimigo no mar, o estômago de Shankar manifestou-se com roncões tão evidentes que, a certa altura, Crowe não agüentava mais ouvir e o mandou almoçar.

— não preciso comer nada — insistiu Shankar.

— Faça-me esse favor — disse Crowe,

— não temos tempo para comer.

— Eu sei. Mas também de nada adiantará se alguma hora encontrarem os nossos ossos pálidos por aqui. Eu ao menos me alimento de Lucky Strike. Vá Murray. Coma alguma coisa, volte mais forte e resolva os nossos problemas com um arroteo construtivo.

Shankar saiu, e ela ficou sozinha.

Estava precisando ficar um pouco sozinha. não era nada contra Shankar. Ele era brilhante e uma grande ajuda. Mas Shankar estava preso à acústica. Tinha dificuldades com formas de pensamento não-humanas, e Crowe sempre tivera as melhores idéias quando não tinha nada nem ninguém à sua volta, exceto fumaça.

Fumou um cigarro e retomou a linha de pensamento do começo.

H<sub>2</sub>O. Nós vivemos na água.

A mensagem parecia um desenho de carpete. Um relatório de H<sub>2</sub>O. Sempre igual, mas cada H<sub>2</sub>O estava acoplado a dados adicionais. Milhões desses pares de dados enfileirados. Na transformação gráfica, formavam-se imagens com linhas. Era natural que se pensasse que os dados adicionais descreviam características da água ou de alguma coisa que vivesse dentro dela.

Mas talvez fosse errado pensar assim.

O que os Yrr tinham para contar?

Água. O que mais?

Crowe refletiu. De repente, lembrou-se de um exemplo. Duas declarações. Primeiro, isto é um balde. Segundo, isto é água. Juntos, um balde de água. As moléculas de água eram todas iguais, já os dados que descreviam o balde, nem um pouco. Mudavam quanto à forma do balde, a sua estrutura superficial, eventuais padrões de desenhos. Portanto, um conjunto de dados que descrevia um balde, decodificado em milhares de informações individuais, era uma questão diferenciada. Agora a declaração de que o balde estaria cheio d'água. Fácil de ser feita, bastava acoplar a informação adicional "água" a cada informação do balde.

Por outro lado

o H<sub>2</sub>O era acoplado a dados que descreviam algo que não tinha nada a ver com água — um balde.

Nós vivemos na água.

E onde está essa água? Como fazer declarações a respeito da localização de algo que não tinha forma?

Descrevendo o que o delimita.

Litorais e fundo do mar.

As áreas livres eram terra firme, as suas bordas, as costas.

Crowe quase deixou o cigarro cair. Começou a dar comandos ao computador. De repente compreendeu por que o conjunto das áreas não formava imagem alguma. Porque não descreviam um espaço bidimensional, mas tridimensional. Era preciso torcê-las para que se encaixassem. Torcer até formarem algo tridimensional.

Uma esfera.

## **A TERRA.**

### **LABORATÓRIO**

Naquela mesma hora Johanson estava analisando as amostras que havia retirado do tecido dos Yrr. Após 12 horas de

trabalho altamente concentrado no laboratório, Oliviera não estava mais em condições de olhar por um microscópio com os olhos abertos. Dormira pouco nas noites anteriores. Aos poucos, a expedição começava a ultrapassar os limites dos participantes. Apesar dos grandes avanços, era nítida a insegurança de todos. Cada um reagia ao seu modo. Greywolf recolhia-se no convés-doca. Cuidava dos três golfinhos restantes, avaliava os seus dados e evitava contatos. Outros estavam visivelmente irritados. Alguns mantinham a calma, e Rubin compensava o susto com uma enxaqueca—paralelamente ao merecido descanso de Oliviera, a segunda razão para Johanson estar sozinho no grande laboratório semi-escuro.

Ele desligara a iluminação principal. As luminárias de mesa e os monitores de computador eram as únicas fontes de luz. Do simulador que zumbia constantemente saía um brilho azul quase imperceptível. A massa continuava cobrindo o fundo. Parecia até estar morta, mas nesse ínterim ele estava mais bem informado. Enquanto brilhava, estava muito viva!

Ouviu passos na rampa. Anawak enfiou a cabeça pela porta.

— Leon. — Johanson tirou o olhar dos papéis. — Que legal.

Anawak sorriu. Entrou, pegou uma cadeira e sentou-se ao contrário na cadeira, os braços cruzados sobre o encosto.

— São três horas da manhã — disse. — Que diabos está fazendo aqui?

— Trabalhando. O que você está fazendo aqui?

—não consigo dormir.

— Talvez devêssemos nos permitir um gole de Bordeaux. O que acha?

— Ah, que... — De repente, Anawak pareceu encabulado. — Muito gentil da sua parte, mas eu não bebo.

— Nunca?

— Nunca.

— Estranho. —Johanson franziu a testa. — Normalmente, eu teria percebido. Estamos todos um pouco desligados, não?

— É, pode-se dizer. — Anawak fez uma pausa. Parecia querer falar sobre' alguma coisa, mas então perguntou

— E como anda o seu trabalho?  
— Bem — respondeu Johanson e acrescentou como por acaso

— Resolvi o problema de vocês.  
— Nosso problema?  
— Seu e de Karen. O problema com a memória de DNA. Vocês tinham razão. Funciona, e eu sei como.

Anawak arregalou os olhos.

— E você diz isso como quem não quer nada?  
— Me desculpe. Estou cansado demais para os rituais cabíveis. Mas tem razão, mereceria um brinde.

— Como descobriu?

— Essas misteriosas regiões hipervariáveis, lembra — são clusters. Em toda parte no genoma encontram-se esses clusters, que codificam certas famílias de proteínas. Ah... você sabe do que estou falando?

— Explique um pouco.

— Clusters são subclasses dos genes. Genes responsáveis por alguma coisa, como a formação de receptores ou a produção de certas substâncias. Quando vários genes desses são encontrados lado a lado num trecho do DNA, fala-se de um cluster. E o genoma dos Yrr tem um monte disso. O interessante é que as células Yrr são reparadas. Entretanto nos Yrr as reparações não são realizadas em todo o genoma, e as enzimas tampouco percorrem o DNA completo buscando falhas, mas reagem a sinais específicos. Como num pedaço de trilho. Ao reconhecerem um sinal de Ande, começam a reparar, se chegarem num sinal de Pare, interrompem. Porque ali começa...

— O cluster.

— Exatamente. E os clusters são protegidos.

— Conseguem proteger partes do seu genoma contra a reparação?

— Através de repressores de reparação. Seguranças biológicas, se preferir. Eles protegem os clusters contra as enzimas de reparação. Portanto esses trechos são livres, podem mutar sem parar, enquanto o resto do DNA é reparado direi-tinho para manter

as informações básicas da raça. Genial, não? Dessa forma, cada Yrr transforma-se num cérebro capaz de desenvolver-se ilimitadamente.

— E como trocam informações?

— Como Sue disse, de célula para célula. Através de ligandos e receptores. Os receptores recebem os ligandos, os impulsos emitidos por outras células e propagam a corrente de sinais em direção ao núcleo celular. O genoma muta e transmite os impulsos às próximas células. Tudo acontece muito rápido. Esse monte de gelatina aí no tanque pensa com a velocidade de supercondutores.

— Realmente uma bioquímica totalmente nova — sussurrou Anawak.

— Ou muito antiga. Apenas é nova para nós. Na realidade, deve existir há milhões de anos. Talvez desde o princípio da vida. Um jogo paralelo da evolução. — Johanson deu uma pequena risada. — Um jogo muito eficiente.

Anawak apoiou o queixo nas mãos.

— Mas o que fazer com isso agora?

— Boa pergunta. Raramente estive tão confuso quanto hoje. Por tanto conhecimento ajudar-me tão pouco. Apenas confirma o que já tínhamos. Que diferem de nós em todos os aspectos. — Esticou os braços e bocejou fortemente. — Só não sei se as tentativas de contato de Crowe nos ajudarão. No momento tenho a impressão de que estão conversando animadamente conosco enquanto, paralelamente, nos destroem. Talvez isso não seja contraditório do seu ponto de vista. Em todo caso, não é como eu costumo me comunicar.

— não nos resta escolha. Precisamos encontrar uma forma de entendimento. — Anawak sugou a bochecha. — E, por falar nisso, você acredita que todos no navio estão no mesmo barco?

Johanson ficou atento.

— De onde tirou isso?

— Porque... — Anawak torceu a cara. — Está bem, não fique bravo com ela, mas Karen contou-me o que você viu na noite anterior ao seu estranho acidente. Ou acredita ter visto.

Johanson olhou para ele, desconfiado.

— E o que ela acha disso?

— Ela acredita em você.

— Também tive esta impressão. E você?

— Difícil dizer. — Anawak encolheu os ombros.—Você é norueguês. Vocês também acreditam piedosamente na existência de gigantes.

Johanson suspirou.

— Sequer lembraria disso tudo sem a ajuda de Sue — disse. — Foi ela quem me deu um estalo. Na noite em que nos sentamos juntos no caixote do convés do hangar

eu teria visto Rubin, apesar de ele supostamente estar de cama, com enxaqueca. Assim como agora está com enxaqueca novamente. Segundo disseram! Desde então estou lembrando de alguns pedaços. Lembro de coisas que dificilmente tenha sonhado. Às vezes estou prestes a ver tudo, mas então... estou diante de uma porta aberta, vejo uma luz branca... entro, e a memória apaga.

— O que lhe dá tanta certeza de não ter sonhado?

— Sue.

— Mas ela própria não viu nada.

— E Li.

— Por que justo Li?

— Porque na festa interessou-se demais pela minha capacidade de memória. Acho que estava me testando. —Johanson olhou para ele. — Você perguntou se todos aqui estão no mesmo barco. Acho que não. No castelo já não me parecia. Desconfiei de Li desde o começo. Agora tampouco acredito na enxaqueca de Rubin. não sei em que devo acreditar, mas tenho quase certeza de que estão tramando alguma coisa!

— Intuição masculina — disse Anawak com um sorriso inseguro. — Quais são os planos de Li, na sua opinião?

Johanson olhou para o teto.

— Isso ela sabe melhor do que eu.

## SALA DE CONTROLE

Naquele momento Johanson por acaso olhara diretamente para uma das câmeras escondidas. Sem saber, olhara para Vanderbilt, que assumira o lugar de Li, e dissera

— Isso ela sabe melhor do que eu.

— Você é um carinha tão esperto — zombiu Vanderbilt. E então ligou para Li em seu aposento através do canal secreto. Não sabia se estava dormindo, mas não se importou.

Li surgiu no monitor.

— Como disse, não há garantia, Jude — comentou Vanderbilt. — Johanson está prestes a recuperar a memória.

— É mesmo? Que seja.

— Isso não a preocupa? Li deu um sorriso fino.

— Rubin trabalhou duro. Esteve aqui há pouco.

— E?

— É maravilhoso, Jack! — Seus olhos brilhavam. — Sei que não gostamos muito desse pequeno babaca, mas sou obrigada a dizer que desta vez ele se superou.

— Já foi testado na prática?

— Em pequena escala. Mas a pequena escala equivale à grande. Funciona. Em algumas horas informarei o presidente. E depois descerei com Rubin.

— Você mesma quer fazer isso? — exclamou Vanderbilt.

— Quem mais? Você não cabe num barco desses — disse Li e desligou.

## CONVÉS-DOCA

Os sistemas elétricos dos hangares e conveses vazios do Independence zumbiam fantasmagoricamente. Causavam vibrações quase imperceptíveis nas comportas que podiam ser ouvidas no gigantesco hospital vazio e no refeitório dos oficiais abandonado, e quem pusesse as pontas dos dedos em um dos armários das cabines da tripulação podia sentir as leves vibrações que causavam.

Penetravam até o fundo da barriga do navio onde Greywolf estava deitado de olhos abertos à beira da margem, fitando o teto de vigas de aço.

Por que será que tudo se perdia?

Sentia-se dominado pela tristeza e pela sensação de ter feito tudo errado. Nascer já fora um erro. Tudo dera errado. E agora sequer conseguira salvar Licia.

Você não protegeu nada, pensou. Nada. Apenas falou muito e sentiu mais medo ainda. Um pequeno garoto chorão num corpo enorme que gostaria de ter alguma importância para si e os outros.

Uma vez, no hospital, com a criança que salvara do Lady Wexham, ali realmente sentira orgulho. No Lady Wexham fizera um bom trabalho. Ajudara a muitas pessoas e, de repente, Leon também voltara a ser seu amigo. Um fotógrafo fizera uma foto e, no dia seguinte, o jornal dera a bênção da anunciação.

Mas agora as baleias voltaram a ficar desnorteadas, os golfinhos sofriam, toda a natureza sofria, e Licia estava morta.

Greywolf sentia-se vazio e desvalorizado. Sentia nojo de si mesmo. não falaria com ninguém a respeito, isso era certo, apenas terminaria o seu trabalho até o pesadelo acabar.

E então...

Lágrimas escorreram-lhe dos olhos. Seu rosto estava imóvel. Continuou fitando o teto, mas ali havia apenas vigas de aço. Nenhuma resposta.

A imagem completa.

— Essa esfera — disse Crowe — é o planeta Terra.

Fixara diversas ampliações na parede e movia-se lentamente de uma para a outra.

— Quebramos a cabeça durante muito tempo a respeito da natureza das linhas, mas acreditamos que correspondam ao campo magnético da Terra. Em todo caso, os espaços vazios correspondem aos continentes. Com isso, decodificamos boa parte da mensagem.

Li apertou os olhos.

— Tem certeza? Esses continentes sugeridos daí não se parecem nem um pouco com os continentes que eu conheço.

Crowe sorriu.

— Nem têm como, Jude. Corresponde à aparência dos continentes há 180 milhões de anos, quando eram unidos em um único. Pangéia. O antigo continente. Possivelmente a disposição das linhas magnéticas também seja dessa época.

— Verificou isso tudo?

— A disposição das linhas magnéticas dificilmente pode ser reconstruída. A constelação das massas terrestres daquela época, entretanto, é conhecida. Demorou um pouco para descobrirmos que nos enviaram um modelo da Terra, mas depois tudo se encaixou direitinho. Na realidade, é muito simples. Como informação principal escolheram a água e acoplaram-na a dados geográficos.

— Como podem saber a aparência da Terra há 180 milhões de anos? — espantou-se Vanderbilt.

— Lembrando-se dela — disse Johanson.

— Lembrar? Do oceano original? Mas naquela época apenas os unicelulares... — Vanderbilt hesitou.

— Correto — disse Johanson. — Apenas unicelulares. E alguns experimentos multicelulares iniciais. Ontem à noite encontramos a última peça do quebra-cabeça. Os Yrr têm um DNA altamente mutável. Digamos que, no início da era jurássica, há uns duzentos milhões de anos, sua conscientização tenha começado. Desde então aprenderam sem parar. Sabe, na ficção científica há algumas frases clássicas como "Não sei o que é, mas está vindo em nossa direção!" ou "Quero falar com o presidente". Outra frase clássica é

São mais fortes do que nós, e quase sempre o filme ou o livro fica devendo a explicação. Neste caso, podemos explicar. Os Yrr são mais fortes do que nós.

— Porque o seu conhecimento fica gravado no DNA? — perguntou Li.

— Sim. Eis a diferença fundamental em comparação aos humanos. não temos uma memória da raça. Nossa cultura baseia-se na transmissão oral ou escrita ou em imagens. Mas não temos como passar adiante o que acabamos de vivenciar. Nossa mente morre junto com o nosso corpo. Quando dizemos que os erros do passado jamais podem ser esquecidos, expressamos um desejo

impossível de ser realizado. Podemos esquecer apenas do que lembramos. Mas nenhuma pessoa pode lembrar de uma coisa que outra tenha vivenciado antes dela. Podemos registrar lembranças e recordá-las, mas não estivemos lá. Todas as crianças precisam aprender sempre as mesmas coisas, precisam encostar-se no forno para compreender que é quente. Isso é diferente com os Yrr. Uma célula aprende e se divide. Ela duplica o seu genoma juntamente com todas as informações, mais ou menos como se duplicássemos o nosso cérebro com todas as suas lembranças. Células novas não herdaram conhecimentos abstratos, mas a experiência recente, como se elas próprias tivessem participado dela. Desde o princípio da sua existência, os Yrr detêm a capacidade da memória coletiva. — Johanson olhou para Li. — Compreende quem estamos enfrentando? Li acenou a cabeça lentamente.

— O conhecimento dos Yrr só poderia ser roubado se conseguíssemos destruir coletivos inteiros.

— Temo que para isso precisemos destruir todos — disse Johanson —, o que é impossível por diversas razões. Não sabemos o quão densa é a sua rede. Possivelmente formam cadeias celulares de centenas de quilômetros. Estão na maioria. Ao contrário de nós, não vivem apenas no presente. Não precisam de estatísticas, de valores médios, de falsas alegorias. Dentro dos conjuntos suficientemente grandes, eles são a própria estatística, a soma de todos os valores, a sua própria crônica. Reconhecem desenvolvimentos com duração de milênios enquanto sequer somos capazes de agir no interesse de nossos filhos e netos. Nós somos os repressores. Os Yrr comparam, analisam, reconhecem, prevêm e agem com base numa lembrança constantemente presente. Nenhuma performance criativa se perde, tudo converge no desenvolvimento de novas estratégias e conceitos! Um interminável processo seletivo em busca da melhor solução. Recorrer, modificar, aprimorar, aprender com os erros, comparar com o novo, calcular, agir.

— Que coisa mais fria e repulsiva — disse Vanderbilt.

— Você acha? — Li balançou a cabeça. — Eu admiro essas criaturas. Elaboram estratégias, para as quais levaríamos anos, em

minutos. Só de saber o que não é possível! Apenas pela lembrança, porque o erro foi cometido por cada um deles, mesmo que tenha sido antes da existência física individual.

— Provavelmente seja por isso que os Yrr se adaptaram melhor ao seu habitat do que nós ao nosso — disse Johanson. — Suas performances criativas são coletivas e fixadas nos genes. Vivem em todas as eras simultaneamente. Já os humanos não compreendem o passado e ignoram o que está por vir. Toda a nossa existência está voltada para o indivíduo e ao aqui e agora. Sacrificamos o conhecimento superior pelos objetivos pessoais. Não podemos nos manter além da morte, por isso eternizamos-nos em manifestos, livros e óperas. Procuramos entrar para a história, deixamos anotações, nossas histórias são transmitidas, mal-interpretadas, falsificadas, desencadeiam avalanches ideológicas muito tempo após a nossa morte. Somos tão obstinados por sobreviver a nós mesmos, que os nossos objetivos mentais raramente correspondem ao que seria útil à humanidade enquanto objetivo. Nossa mente força o estético, o individual, o intelectual, o teórico. Não queremos ser animais. Por um lado, o corpo é o nosso templo, no outro lado não o valorizamos suficientemente por se tratar de uma simples unidade funcional. Portanto nos acostumamos a colocar a mente acima do corpo vemos as obrigatoriedades da nossa sobrevivência com repulsa e desprezo.

— E os Yrr não fazem essa diferença — fantasiou Li. Por razões inexplicáveis parecia extremamente satisfeita. — O corpo é a mente, a mente é o corpo. Nenhum Yrr individual jamais faria algo que se opusesse aos interesses da maioria. A sobrevivência está no interesse da espécie, e não do indivíduo, e a ação sempre se baseia na decisão conjunta. Grandioso! Nenhum Yrr jamais ganharia um prêmio por uma boa idéia. A participação do resultado já é satisfatória. Nenhum Yrr reivindica mais fama. Pergunto-me se as células chegam a ter algo como consciência individual...

— Diferente da que conhecemos — disse Anawak. — Não sei se podemos falar de uma autoconsciência de cada uma das células. Mas cada célula tem uma criatividade individual. É um sensor que transforma a experiência em criatividade e acrescenta isso ao

coletivo. Possivelmente uma idéia só é considerada quando o seu impulso for suficientemente forte, ou seja, quando vários Yrr a apresentarem simultaneamente. É comparada a outras idéias, e a idéia mais forte sobrevive.

— Pura evolução — concordou Weaver. — Pensamento evolutivo.

— Que adversário! — Li parecia admirada. — Nenhuma vaidade, nenhuma informação perdida. Nós humanos sempre vemos apenas uma parte do todo, eles controlam o tempo e o espaço.

— Por isso destruímos o nosso planeta — disse Crowe. — Porque não compreendemos o que estamos destruindo. Devem ter percebido isso lá embaixo, assim como o fato de não termos memória de raça.

— É, tudo isso faz sentido. Por que haveriam de negociar conosco? Com você ou comigo? Amanhã poderemos estar mortos. Com quem falarão então? Se tivéssemos uma memória de raça, ela nos protegeria das nossas próprias besteiras, contudo não somos assim. Tentar conviver com os humanos é ilusório. Eles aprenderam isso. É parte do seu conhecimento e fundamenta a decisão de nos atacar.

— E nenhum inimigo será capaz de eliminar esse conhecimento — disse Oliviera. — Num coletivo Yrr, todos sabem de tudo. Não há gênios, cientistas, generais e líderes que se possam tirar do caminho para retirar a base de informações dos outros. Pode matar tantos Yrr quanto quiser, enquanto alguns sobreviverem o conhecimento de todos sobrevive.

— Espere. — Li virou-se para ela. — Vocênão disse que deve haver uma rainha?

— Sim. Algo do gênero. Pode ser que o conhecimento coletivo seja de todos os Yrr, mas a ação coletiva pode ser iniciada a partir de um centro. Acredito que existam essas rainhas.

— Unicelulares também?

— Sua bioquímica deve ser idêntica à da substância gelatinosa que conhecemos. É de supor que sejam unicelulares. Um

conjunto altamente organizado que só alcançaremos se nos comunicarmos com ele.

— Para receber mensagens misteriosas — disse Vanderbilt.  
— Então nos enviaram uma imagem da Terra pré-histórica. Para quê? O que querem nos dizer?

— Tudo — disse Crowe.

— Pode ser um pouco mais precisa?

— Estão nos dizendo que este é o seu planeta. Que o dominam há, no mínimo, 180 milhões de anos, possivelmente até mais. Que detêm uma memória de raça, que se orientam no campo magnético e estão em todos os lugares onde há água. Estão dizendo, vocês estão aqui e agora. Nós estamos sempre e em toda parte. Estes são os fatos. É isso que nos diz a mensagem, e eu acredito que diga muita coisa.

Vanderbilt coçou a barriga.

— E o que responderemos a eles? Que enfiem a supremacia deles no cu?

— Eles não têm cu, Jack.

— Então o quê?

— Bem, acredito que não podemos combater a sua lógica de querer nos destruir com a nossa lógica de querer sobreviver. Nossa única chance é sinalizar-lhes que reconhecemos sua supremacia...

— A supremacia de unicelulares?

— E convencê-los de que não representamos mais uma ameaça para eles.

— Mas representamos — disse Weaver.

— É verdade — disse Johanson. — Falação não leva a nada. Precisamos dar-lhes um sinal de que recuaremos do seu mundo. Precisamos parar de poluir o mar com venenos e ruídos, e rápido. Tão rápido que talvez cogitem a idéia de também conseguir viver conosco.

— A decisão é sua, Jude — disse Crowe. — Nós podemos apenas sugerir. Precisa encaminhar. Ou ordenar.

De repente, todos olharam para Li. Li acenou a cabeça.

— Sou muito favorável a esse caminho — disse. — Mas não podemos nos precipitar. Se nos retirarmos dos mares, precisamos enviar-lhes uma mensagem que formule isso muito precisa e convincentemente. — Olhou para os outros. — Quero que todos cooperem. E sem se afobar ou entrar em pânico. não podemos nos precipitar. A essa altura, não se trata mais de alguns dias a mais ou a menos mas da formulação correta. Essa raça é tão desconhecida para todos nós, jamais suspeitei disso. Mas se tivermos uma mínima chance de um acordo pacífico devemos aproveitá-la. Portanto dêem o melhor de si.

— Jude — sorriu Crowe. — Estou encantada com as forças armadas norte-americanas.

Ao sair da sala com Peak e Vanderbilt, Li disse baixinho

— Rubin conseguiu produzir bastante daquele troço?

— Conseguiu — disse Vanderbilt.

— Bom. Quero que ele abasteça o Deepflight. Tanto faz, qual. Daqui a duas ou três horas devemos acabar com essa história.

— Por que essa pressa toda, de repente? — perguntou Peak.

— Johanson. Há uma expressão em seus olhos como se, a qualquer instante, descobrisse tudo. não estou no clima para discussões, apenas isso. Por mim, amanhã ele poderá aprontar o escarcéu que quiser.

— Estamos realmente preparados? Li olhou para ele.

— Prometi ao presidente dos Estados Unidos que estamos preparados, Sal. Portanto, estamos.

## **CONVÉS-DOCA**

Anawak aproximou-se do delfinário. Greywolf olhou rapidamente para ele e voltou sua atenção para a pequena câmera de vídeo que havia desmontado. Quando Anawak se aproximou, dois dos animais puseram suas cabeças para fora d'água e cumprimentaram-no com grasnidos e assobios. Nadaram até ele para serem acariciados.

— Estou atrapalhando? — perguntou Anawak, ao inclinar-se sobre o muro para acariciar os animais.

— não. Vocênão atrapalha.

Anawak encostou-se ao seu lado. não era a primeira vez que vinha para cá desde o ataque. Todas as vezes tentara conversar com Greywolf, sempre em vão. O meio-índio parecia totalmente introspectivo. Sequer participava das reuniões, apenas fazia breves comentários por escrito sobre os vídeos dos golfinhos. Sequer revelavam muita coisa. As filmagens da substância gelatinosa se aproximando eram decepcionantes. Luz azul que se perdia no fundo. Esboços de algumas orcas. E então os golfinhos ficaram com medo e se esconderam debaixo do casco do navio, e viam-se apenas as placas de aço. Greywolf fora a favor de deixar os animais restantes continuarem patrulhando, como sistema biológico de aviso prévio. Anawak duvidava cada vez mais da utilidade dos escalões, mas não disse nada. No fundo, desconfiava que Greywolf queria apenas dar continuidade ao trabalho que fizera até então para não cair no buraco da inatividade.

Ficaram lado a lado em silêncio por algum tempo. Atrás deles, um grupo de soldados e técnicos subia da barriga do convés-doca. Haviam desmontado a comporta de vidro destruída. Um dos técnicos foi até a mesa de controle no cais. As bombas começaram a trabalhar.

— Vamos dar o fora daqui — disse Greywolf.

Subiram a margem. Anawak viu o convés começar a encher de água.

— Estão alagando novamente — observou.

— Sim. É mais fácil deixar os golfinhos saírem com o convés alagado.

— Quer mandá-los para fora?

Greywolf acenou a cabeça.

— Eu o ajudo — sugeriu Anawak. — Se quiser.

— Boa idéia. — Greywolf abriu a câmara e enfiou uma minúscula chave de fenda nela.

— Agora?

— não, preciso consertar este troço antes.

—não quer parar um pouco? Poderíamos ir beber alguma coisa. Todos nós precisamos um pouco de descanso de vez em quando.

—não tenho tanto trabalho assim, Leon. Estou fuçando o equipamento e tratando dos animais. Estou descansando o tempo todo.

— Então venha para as reuniões.

Greywolf lançou um breve olhar para ele e continuou trabalhando em silêncio. A conversa cessou.

— Jack — disse Anawak. — Você não pode se esconder o tempo todo.

— Quem falou de tempo todo?

— Bem, então o que é isso?

— Estou fazendo o meu trabalho. — Greywolf encolheu os ombros. — Estou prestando atenção ao que os golfinhos comunicam, avaliando as filmagens, e, se alguém precisar de mim, estou aqui.

—não está aqui. Sequer sabe o que descobrimos nas últimas 24 horas.

— Sei, sim.

— Ah, é? — espantou-se Anawak. — De quem?

— Sue esteve aqui. Até mesmo Peak veio dar uma olhada se estava tudo bem. Cada um me conta um pouco, nem preciso perguntar.

Anawak fixou o olhar no vazio. De repente sentiu raiva.

— Bem, então não precisa de mim — disse ele, emburrado. Greywolf não respondeu.

— Então quer ficar aqui, vegetando?

— Você sabe que prefiro a companhia dos animais.

Mesmo que um deles tenha matado Licia, quis perguntar Anawak, mas engoliu a seco no último segundo. O que deveria fazer?

— Perdi Licia tanto quanto você — disse finalmente.

Greywolf deteve-se um instante. E voltou a fuçar com a chave de fenda dentro da câmera.

—não se trata disso.

— Trata-se de quê?  
— O que quer aqui, Leon?  
— O que eu quero? —Anawak refletiu. Seu ódio aumentou. Não era justo. Por maior que fosse o sofrimento de Greywolf, não era justo. —não sei, Jack. Para dizer a verdade, também estou me perguntando.

Virou-se para ir embora.

Quando estava quase de volta ao túnel, ouviu Greywolf dizer baixinho

— Espere, Leon.

## LEMBRANÇA

Johanson cochilou.

Estava morto de sono. Sentia nos ossos a noite anterior. Estava sentado diante do console com os monitores, enquanto Oliviera sintetizava mais ferormônio concentrado dos Yrr no laboratório esterilizado. Haviam decidido inserir uma certa quantidade no simulador. Via-se pouco da massa, a grande quantidade de unicelulares apenas turvava a água. Aparentemente, dissolvera-se temporariamente e parara de brilhar. Se adicionassem o extrato de ferormônio, possivelmente conseguiriam causar uma fusão e submeter a formação a novos testes.

Talvez, pensou Johanson, deversem enviar a mensagem de Crowe para dentro do tanque, para ver se o coletivo responderia.

Sentia uma leve dor de cabeça e sabia por quê. Não era do excesso de trabalho, nem da falta de sono. Eram os pensamentos entalados que doíam.

Lembranças gravadas

Sentia-se cada vez pior desde a última reunião. Um comentário de Li reiniciara o seu trilho de slides interno. Apenas algumas palavras, mas que preenchiam todo o seu pensamento e o impediam de concentrar-se no trabalho. Era muito cansativo ficar matutando assim, e a cabeça de Johanson acabou tombando para trás. Ele cochilou. Flutuou por aí na superfície da sua consciência, preso ao eterno círculo ao qual o ligavam as palavras de Li.

Não podemos nos precipitar. não podemos nos precipitar.  
não...

De algum lugar chegaram ruídos aos seus ouvidos. Oliviera teria acabado de sintetizar o ferormônio? Por um instante acordou do seu cochilo nervoso, piscou na iluminação do laboratório e voltou a fechar os olhos.

Não podemos nos precipitar.

## **PENUMBRA.**

### **O CONVÉS DO HANGAR.**

Um ruído metálico, arrastando, baixinho. Johanson assustasse. Inicialmente não sabe onde está. E então sente a parede de aço nas costas. O céu clareara sobre o mar. Levanta-se e olha para a parede.

Parte dela está aberta.

Um portão abri-se, brilhando claramente. Uma luz branca sai de dentro. Johanson escorrega da caixa. Deve ter passado horas em cima dela, tanto lhe doíam os ossos. Homem velho. Lentamente aproxima-se do quadrado claro. Há um corredor ali, isso ele consegue ver agora, com paredes vazias. Lâmpadas de néon compridas atravessam o teto. Após alguns metros, uma parede que dobra para o lado.

Johanson olha para dentro e espreita.

Vozes e ruídos. Ele recua um passo. O que há depois da esquina? Deve entrar?

Johanson hesita.

Não podemos nos precipitar. não podemos nos precipitar.

Hesita.

De repente, rompe-se uma barreira.

Ele entra. Em ambos os lados, nada além de paredes vazias, ali a curva. Ele anda para a direita. Mais uma curva, dessa vez para o outro lado. Esse corredor é mais largo, seria possível

passar de carro ali. Novamente ruídos, vozes, desta vez mais próximos. Lentamente, seus passos levam-no até a curva, para a esquerda, e ali está...

O laboratório.

Não, não é o laboratório. Um laboratório. Menor, com tetos mais baixos. Mas deve ficar diretamente acima do convés de veículos adaptado onde fora montado o simulador. Este laboratório também tem um simulador, um aparelho muito menor, não é maior do que uma caixa, e dentro dela há alguma coisa brilhante flutuando, azul, com tentáculos esticados...

Fita a cena sem acreditar.

Todo o espaço é uma cópia pequena, porém perfeita da área abaixo. Há diversas mesas de laboratório enfileiradas. Aparelhos. Recipientes com nitrogênio líquido. Um console com monitores. Um microscópio eletrônico. No fundo numa porta de vidro blindado, um aviso de risco biológico. Mais adiante, uma porta aberta leva a um corredor mais estreito.

E ali há pessoas.

Três pessoas estão de pé diante do pequeno simulador. Conversam sem perceber o intruso. Dois homens estão de costas, uma mulher está meio de lado, anotando alguma coisa num bloco. Seu olhar vagueia entre os homens e o simulador, no espaço, alcança Johanson...

Sua boca se abre e os homens viram-se repentinamente. Conhece um deles. É membro do estado-maior de Vanderbilt, ninguém sabe exatamente o que faz, mas o que faziam os agentes da CIA mesmo?

Mas o segundo homem, conhece muito bem!

É Rubin.

Johanson está perplexo demais para fazer outra coisa a não ser ficar parado e olhar. Vê o susto nos olhos de Rubin, a dúvida de como poderia salvar a situação. Na verdade, é apenas esse olhar que liberta Johanson da sua paralisação, porque, de repente, conscientiza-se de que algum jogo estranho está sendo jogado aqui, onde o estão usando, ele e os outros, Oliviera, Weaver, Crowe...

Ou quem mais está participando deste jogo?

E qual o propósito?

Rubin aproxima-se dele lentamente. Sua mímica esboça um sorriso tenso.

— Sigur, meu Deus! Também perdeu o sono?

Os olhos de Johanson vagueiam pela sala, passam pelos outros. Basta olhar por um segundo nos seus olhos para perceber que não deveria estar aqui em hipótese alguma.

— O que estão fazendo, Mick?

— Ah, nada, é apenas...

— O que é isso? O que está acontecendo aqui? Rubin cresce diante dele.

— Eu posso explicar, Sigur. Sabe, na verdade não pretendíamos usar este segundo laboratório, foi montado apenas para uma emergência, caso o grande desse algum problema. Estamos apenas inspecionando os sistemas para que possamos usá-lo, caso...

Johanson aponta para a criatura no simulador.

— Vocês têm um dos... dos troços aí no tanque!

— Ah, isso? —A cabeça de Rubin vira-se para trás e de volta. — Isso... ah... bem, precisamos testar, ter certeza. não dissemos nada para vocês, não havia necessidade, porque...

É tudo mentira.

Naturalmente Johanson não está totalmente sóbrio, mas percebe que Rubin está se enrolando.

Ele se vira e começa a voltar pelo corredor.

— Sigur! Dr. Johanson!

Passos atrás dele. Rubin ao seu lado. Dedos nervosos puxam a manga da sua camisa.

— Espere.

— O — que — estão — fazendo — ali?

— não é o que está pensando, eu...

— Como quer saber o que estou pensando, Mick?

— É uma medida de segurança.

— O quê?

— Uma medida de segurança! O laboratório é uma medida de segurança! Johanson solta-se dele.

— Acho que eu deveria falar com Li sobre isso.

— não, isso...

— Ou melhor, com Oliviera. Besteira, talvez devesse simplesmente conversar com todo mundo a respeito, o que acha, Mick? Vocês estão de sacanagem com a nossa cara?

— Claro que não.

— Então me explique de uma vez por todas o que está acontecendo. Os olhos de Rubin expressam pânico.

— Sigur, não seria uma boa idéia. não pode se precipitar agora. Entendeu? não se precipite!

Luz branca.

Há uma explosão diante de seus olhos, uma dor surda toma conta da sua cabeça. As paredes, o corredor, tudo se confunde. O chão vem ao seu encontro...

Johanson fitou o teto do laboratório.

Tudo estava presente novamente.

Deu um salto. Oliviera continuava trabalhando no laboratório esterilizado. Respirando profundamente, olhou para o simulador, a mesa de controle, as mesas de trabalho.

Tornou a olhar para o teto.

Lá em cima havia um segundo laboratório. Diretamente acima deles. E ninguém podia saber. Rubin provavelmente o espancara e depois lhe deram alguma coisa para apagar sua memória.

Por quê?

Que jogo era esse que estava sendo jogado aqui?

Johanson fechou as mãos em punho. Sentiu uma raiva descontrolável ferver dentro de si. Saiu do laboratório em passos largos e subiu a rampa correndo.

## **CONVÉS-DOCA**

— O que querem de mim lá em cima? — disse Greywolf. — Não posso ajudá-los. O ódio de Anawak passou. Virou-se e retornou

lentamente, enquanto o tanque se enchia d'água.

— não é verdade, Jack.

— É, sim. — Soava neutro, quase desinteressado. — Na Marinha torturaram os golfinhos, e eu não pude fazer nada. Tentei proteger as baleias, mas as baleias se tornaram vítimas de um outro poder. Certo dia decidi considerar os animais os melhores humanos, o que é tolice, mas ao menos é uma forma de lidar com as coisas, e agora perdi Licia para um animal. Eu não ajudo ninguém.

— Pare de sentir pena de você, diabos.

— Esses são os fatos!

Anawak sentou-se novamente ao seu lado.

— Foi correto e conseqüente você ter saído da Marinha — disse ele. — Você foi um dos melhores treinadores que tiveram no delfinário, e foi decisão sua encerrar o trabalho, e não deles. Você estava com as rédeas nas mãos.

— É, mas mudou alguma coisa depois de eu sair?

— Mudou alguma coisa para você. Você foi autêntico.

— E o que alcancei com isso? Anawak ficou calado.

— Sabe — disse Greywolf. — O pior é esta sensação de não fazer parte de nada. Você ama uma pessoa e a perde. Você ama os animais e são eles que a matam. Aos poucos estou começando a odiar essas orcas. Está entendendo o que eu estou dizendo? Estou começando a odiar as baleias!

— Todos nós temos esse problema, e nós...

— não! Eu vi Licia morrer na boca de uma orca e não pude fazer nada para ajudá-la. Esse é um problema meu

Se eu morrer aqui e agora, isso não faz a menor diferença para a continuidade ou o declínio do mundo. A quem interessa?

Não alcancei nada que fizesse as pessoas acreditarem que a minha presença neste planeta tenha sido uma boa idéia.

— Interessa a mim — disse Anawak.

Greywolf olhou para ele. Anawak esperou um comentário cínico, mas não aconteceu nada além de um ruído baixinho, um som reprimido na garganta de Greywolf como o de um suspiro preso.

— E, antes que você se esqueça — disse Anawak —, interessava a Licia também.

## JOHANSON

Seu ódio seria o bastante para catar Rubin, levá-lo até o convés de vôo e jogá-lo no mar. Talvez caísse na tentação se o biólogo cruzasse o seu caminho. Mas não se via Rubin em lugar algum. Em compensação, encontrou Weaver a caminho para baixo.

Por um instante ficou sem saber o que fazer. E então esforçou-se.

— Karen! — Ele sorriu. — Está querendo nos visitar?

— Para ser sincera, queria ir ao convés-doca. Encontrar Leon e Jack.

— Ah sim, Jack. — Johanson esforçou-se por manter a calma. — não está muito bem, não é?

— não. Acho que o que tinha entre ele e Licia era mais forte do que ele próprio imaginava. É difícil chegar a ele.

— Leon é seu amigo. Ele há de conseguir.

Weaver acenou a cabeça e olhou para ele com olhar de dúvida. Rapidamente compreendeu que este não era um diálogo comum.

— Tudo bem com você? — perguntou.

— Tudo ótimo. — Johanson pegou o seu braço. — Acabei de ter uma idéia sensacional de como poderíamos forçar o contato com os Yrr. Vem comigo até o teto?

— Na verdade, queria...

— Dez minutos. Queria saber sua opinião. Estou cansado de ficar em ambientes fechados.

— Você está pouco agasalhado para uma visita ao teto.

Johanson olhou para si. Vestia apenas pulôver e jeans. Seu casaco de penas de ganso estava pendurado no laboratório.

— Bom para ficar mais resistente — disse.

— Contra o quê?

— Contra a gripe. Contra o envelhecimento. Contra perguntas idiotas! E eu sei? — Percebeu que levantara o tom de

voz. Contenance, pensou. — Escute realmente preciso expor essa idéia, e ela tem tudo a ver com as suas simulações. não quero fazer isso na rampa. Vem comigo?

— Sim, claro.

Juntos, subiram a rampa e chegaram ao interior da ilha. Johanson esforçou-se por não olhar para o teto o tempo inteiro e procurar por câmeras escondidas! e microfones. não os encontraria mesmo. Em vez disso, disse num tom de voz leve — Jude tem toda a razão, não podemos nos precipitar. Acredito que precisaremos de alguns dias até a idéia amadurecer, porque ela se baseia em...

E por aí afora. Ele produzia imbecilidades com entonação de sabedorias,

driblou Weaver para fora da ilha ao ar livre e prosseguiu gesticulando, até alcançarem um dos pontos de pouso de helicópteros a bombordo. Esfriara e ventava

mais. Algumas nuvens de neblina cobriam o mar, as ondas haviam aumentado. Moviam-se como animais pré-históricos abaixo deles, cinza e pesadas, e exalavam o cheiro de água salgada gelada para cima. Johanson sentia muito frio, mas o ódio mantinha-o aquecido por dentro. Finalmente haviam-se afastado bastante da ilha.

— Sinceramente — disse Weaver —, não estou entendendo nada. Johanson virou o rosto para o vento.

— Nem precisa. Acredito que aqui fora não possam nos ouvir. Precisariam ter investido muito para escutar uma conversa no convés de vôo.

Weaver apertou os olhos.

— Do que está falando?

— Eu me lembrei, Karen. Lembrei-me do que aconteceu anteontem à noite.

— Você achou a porta?

— Não. Mas sei que ela existe.

Contou-lhe toda a história em poucas palavras. Weaver escutou, imóvel.

— Acredita que a bordo haja algo como quinta-coluna?

— Sim.

— Mas para quê?

— Você ouviu o que Jude disse. Não devemos nos precipitar. Quer dizer, todos nós, você e Leon, Sue e eu, até mesmo Mick, Sam e Murray, nós lhes passamos todos os detalhes acerca dos Yrr. Talvez estejamos nos enganando, talvez estejamos totalmente errados, contudo muitos fatores demonstram o contrário

sabemos, ao menos teoricamente, com que tipo de inteligência estamos lidando e como ela funciona. Trabalhamos a mil para descobrir. E, de repente, não devemos nos apressar?

— Porque não precisam mais de nós — disse Weaver em tom monótono. — Porque Mick está dando continuidade ao trabalho em outro laboratório com outra equipe.

— Nós somos os fornecedores — disse Johanson, acenando a cabeça. — Cumprimos a nossa tarefa.

— Mas por quê? — Weaver balançou a cabeça, incrédula. — Que objetivos de Mick não corresponderiam aos nossos? Que alternativas existem? Precisamos entrar em acordo com os Yrr! Que mais ele poderia querer?

— Estão fazendo algum tipo de concorrência. Mick está fazendo jogo duplo, mas isso não é idéia dele.

— De quem, então?

— Jude está por trás disso.

— Você não simpatizou com ela desde o começo, não é?

— Nem ela comigo. Acho que nós dois compreendemos rapidamente que dificilmente um enganaria o outro. Sempre tive essa sensação na sua presença, mas sentia-me ridículo. Não me ocorreu nenhuma razão plausível para desconfiar dela.

Ficaram calados lado a lado por um tempo.

— E agora? — perguntou Weaver.

— Agora tive tempo de clarear as idéias — disse Johanson, abraçando-se. — Jude deve estar nos vendo aqui. Acredito que esteja observando a mim, especialmente. Não tem certeza do que estamos falando, mas naturalmente parte do princípio de que em algum momento eu recuperaria a memória. O tempo está acabando para ela. Hoje pela manhã ela puxou as rédeas de todos nós. Se tiver planos próprios, precisa agir agora.

— Isso quer dizer que precisamos descobrir rapidamente o que pretendem fazer. — Weaver refletiu. — Por que não chamamos todos os outros?

— É arriscado demais. Daria logo na vista. Depois acabarão fechando a porta e jogando a chave fora. Se possível, quero encurralar Jude. Quero saber o que está acontecendo aqui, e para isso preciso de você.

Weaver acenou a cabeça.

— Está bem. O que devo fazer?

— Encontrar Rubin e descobrir tudo dele enquanto eu enfrento Jude.

— Faz idéia de onde possa encontrá-lo?

— Talvez nesse laboratório ominoso. Agora sei onde fica, mas não faço a menor idéia de como chegar lá. Mas talvez também esteja por aí no navio. — Johanson suspirou. — Sei que tudo isso parece um filme ruim. Talvez eu é que esteja ficando maluco. Talvez esteja paranóico, mas, se for o caso, posso me redimir. Agora quero saber o que está acontecendo aqui!

— Vocênão está paranóico.

Johanson olhou para ela e sorriu com gratidão.

— Vamos voltar.

A caminho da ilha e dentro dela, voltaram a conversar sobre mensagens codificadas e contato pacífico.

— Darei uma descida para encontrar Leon — disse Weaver. — Veremos o que ele acha da sua sugestão. Talvez possamos programar isso juntos hoje à tarde e testar.

— Boa idéia — disse Johanson. — Até mais tarde.

Observou Weaver descendo a rampa. E então desceu uma das escadas para o NÍVEL 02 e deu um pulo no CIC, onde Crowe e Shankar estavam sentados diante dos computadores.

— E vocês, o que andam fazendo? — perguntou, como quem não queria nada.

— Pensando — respondeu Crowe de dentro da sua nuvem de fumaça de sempre. — Estão avançando com o ferormônio?

— Sue está sintetizando mais uma leva. Já devem ser mais de vinte ampolas.

— Então estão melhores do que nós. Estamos começando a ficar em dúvida se a matemática é o único caminho da felicidade — disse Shankar. Seu rosto escuro esboçou um sorriso azedo. — Acredito mesmo que eles sejam melhores em cálculos do que nós.

— Qual seria a alternativa?

— Emoção. — Crowe soprou fumaça pelas narinas. — Engraçado, não? Vir com emoções justo com os Yrr. Mas se os seus sentimentos forem de natureza bioquímica...

— Como os nossos — comentou Shankar.

—

..talvez o odor nos ajudasse. Obrigada, Shankar. Eu sei, amor também é química.

— Existe alguém por quem se sinta quimicamente atraído, Sigur? — brincou Shankar.

— não, no momento estou interagindo comigo mesmo. — Ele olhou em volta. — Digam-me, vocês viram Jude em algum lugar?

— Ela estava no COTD — disse Crowe.

— Obrigado.

— Ah, sim, Mick o estava procurando.

— Mick?

— Estavam sentados juntos, conversando. Mick queria ir até o laboratório, há poucos minutos.

Isso era bom. Então Weaver o encontraria.

— Excelente — disse. — Mick pode nos ajudar na sintetização. Se não tiver outra enxaqueca. Pobre homem.

— Ele deveria começar a fumar — comentou Crowe. — Fumar é bom contra dor de cabeça.

Johanson sorriu e foi até o COTD. Grande parte do registro eletrônico de dados fora transferido para os sistemas dali, para que Crowe e Shankar pudessem trabalhar tranquilamente no CIY Rumores fracos e alguns assobios e cliques ocasionais ressoavam nos alto-falantes. A sombra de um golfinho atravessou um dos monitores. Aparentemente, Greywolf soltara novamente os animais.

Não se via nem Li, nem Peak, nem Vanderbilt. Johanson seguiu adiante para o CIV Estava vazio, assim como as outras salas de comando e controle. Cogitou dar uma olhada no refeitório dos oficiais, mas ali provavelmente encontraria apenas o pessoal de Vanderbilt ou alguns soldados. Li também podia perfeitamente estar na sala de musculação ou no seu quarto. não lhe restava tempo para percorrer todo o navio.

Se Rubin estava a caminho do laboratório, Weaver logo o encontraria. Precisava falar com Li antes!

Então está bem, pensou. Se eu não a acho, então você me achará. Sem pressa, foi até o seu quarto, entrou e posicionou-se no

meio dele.

— Olá, Jude — disse.

Onde estariam as câmeras e os microfones? Era inútil procurá-los, mas estavam ali.

— Imagine o que acabou de me acontecer... Lembrei-me de que acima do laboratório grande há um segundo, onde Mick costuma esconder-se quando é atacado pela enxaqueca. Gostaria de saber o que ele faz ali, além de bater em colegas.

Seus olhos percorreram os móveis, as luminárias, a televisão.

— Acredito que não irá me contar isso por livre e espontânea vontade, não é, Jude? Então tomei algumas medidas. Veja, em pouquíssimo tempo todos da equipe poderiam ficar sabendo das minhas lembranças, sem que você pudesse impedir. — Estava exagerando, mas esperava que Li engolisse essa. — É do seu interesse? Ou do seu, Sal? Ah, Jack, quase me esquecia de você. O que acha disso?

Andou lentamente de um lado para o outro dentro do quarto.

— Eu tenho tempo. Vocês também? Certamente, não. — Afastou as mãos e sorriu. — Mas também podemos tratar o assunto confidencialmente. Quem sabe não há intenções honráveis por trás desse mundo sombrio que o seu pessoal criou. Talvez seja tudo pela segurança internacional. Só que não gosto de apanhar, Jude. Entende isso, não? Gostaria de falar com você, mas, ao que parece a enxaqueca de Rubin é contagiante. Estão todos com dor de cabeça, na cama?

Fez uma pausa. E se Li não ligasse? Se sequer o estivesse ouvindo? Nesse caso, estaria fazendo papel de idiota em seu quarto.

— Jude?

Olhou em volta. Sim, eles o estavam ouvindo. Certamente, estavam ouvindo.

— Jude, reparei que também doou um simulador de águas profundas para Mick. Vi que é bem menor do que o nosso, mas o que é que ele está analisando ali que também não pudesse ser

analisado no nosso? não me diga que vocês se aliaram aos Yrr pelas nossas costas? Ajude-me, Jude, não faço a menor idéia do que...

— Dr. Johanson.

Ele virou-se rapidamente. Peak estava na porta.

— Mas que surpresa — disse Johanson baixinho. — O bom e velho Sal! Quer tomar um chá?

— Jude gostaria de falar com você.

— Ah, Jude. — Johanson deu um meio-sorriso. — O que ela quer de mim?

— Apenas venha comigo.

— Bem, então vamos.

Weaver

·:~

Quando Weaver chegou ao laboratório de alta segurança, Oliviera estava saindo dali com um recipiente de metal.

— Viu Mick?

— não, só vejo ferormônios. — Oliviera levantou o recipiente. Estava aberto em ambos os lados. Uma mala de amostras com estruturas de apoio para os frasquinhos. Continha dezenas de tubos com líquido transparente enfileirados. — Mas há pouco ligou e ameaçou aparecer. Deve estar chegando a qualquer momento.

— Substância odorífera dos Yrr? — perguntou Weaver, olhando para os frasquinhos.

— É. Hoje à tarde colocaremos parte disto no tanque. Veremos se conseguimos convencer as células a se fundirem. Seria, digamos, a santificação da nossa teoria. — Oliviera olhou em volta. — Diga-me, viu Sigur?

— Ainda agora, no convés de vôo. Ele desenvolveu umas teorias interessantes de como podemos ajudar Sam. Eu já volto.

— Faça isso.

Weaver refletiu. Poderia dar uma olhada no convés do hangar. Mas, se Johanson estivesse certo, isso logo chamaria a atenção. Além do mais, dificilmente a porta proibida se abriria novamente enquanto ela estivesse por ali.

Seguiu o túnel até o convés-doca.

O tanque estava quase cheio de água. No píer, os técnicos restantes da equipe de Roscovitz supervisionavam o procedimento. Ela viu Greywolf e Anawak na água.

— Vocês soltaram os golfinhos? — disse. Anawak saiu da água.

— Soltamos. — Veio em sua direção. — O que fez nesse meio tempo?

— Nada demais, para ser sincera. Acredito que todos nós tenhamos que reorganizar nossas idéias.

— Podemos reorganizá-las juntos — disse Anawak baixinho.

Ela encontrou seu olhar e pensou o quanto gostaria de abraçá-lo agora. Esquecer toda esta terrível história e fazer o que já estava mais do que na hora de acontecer.

Mas esta história pesava sobre todos. E ali estava Greywolf, que tinha perdido Licia.

Ela sorriu brevemente.

NÍVEL 03

Peak foi em frente, mancando. Johanson seguiu-o sem falar nada. Desceram, atravessaram uma parte do hospital e atravessaram um corredor. Depois de uma bifurcação, chegaram a uma porta fechada.

— Que área é esta? — perguntou Johanson enquanto os dedos de Peak deslizaram sobre um teclado. Ouviram um apito eletrônico. A porta abriu-se. Do outro lado, o corredor continuava.

— O CIC está acima de nós — disse Peak.

Johanson procurou orientar-se. Era difícil avaliar as dimensões do navio. Se o CIC estava acima deles, provavelmente o laboratório secreto estaria diretamente debaixo dos seus pés.

Chegaram a uma segunda porta. Desta vez, Peak precisou submeter-se a um scan de retina antes que pudessem entrar. Johanson avistou uma sala que lembrava o CIC, imersa num zumbido eletrônico. Ouviam-se ruídos e vozes abafados. Havia ao menos umas 12 pessoas trabalhando aqui. Em diversos monitores viu imagens de satélites e câmeras submarinas, trechos da rampa, o interior da ponte com Buchanan e Anderson, o convés de vôo e o

convés do hangar. Viu Crowe e Shankar sentados no CIC, Weaver com Anawak e Greywolf no convés-doca e Oliviera, no laboratório. Outras telas mostravam o interior das cabines Inclusive a sua. Pelo ângulo, a câmera deveria estar diretamente acima da porta. Deve ter feito uma boa imagem ao ficar monologando de pé no meio do quarto. Li e Vanderbilt estavam sentados a uma grande mesa iluminada. A comandante levantou-se.

— Olá, Jude — disse Johanson gentilmente. — Agradável, aqui.

— Sigur. — Ela sorriu de volta. — Acho que devemos desculpas a você.

— Imagine. — Perplexo, Johanson olhou em volta. — Estou impressionado. Tudo de importante parece estar duplicado.

— Posso mostrar-lhe as plantas, se lhe interessar.

— Uma explicação seria mais do que suficiente.

— É um direito seu. — Li adotou uma expressão de consternação. — Antes eu gostaria de dizer o quanto lamento por você ter ficado sabendo dessa forma. Rubin jamais poderia ter ido tão longe.

— Vamos esquecer o que ele fez. O que ele está fazendo agora? O que está fazendo neste laboratório?

— Está buscando um veneno — disse Vanderbilt.

— Um... — Johanson engoliu a seco. — Um veneno?

— Meu Deus, Sigur. — Li torceu as mãos. — não podemos nos basear apenas numa solução pacífica com os Yrr. Sei que tudo isso deve parecer terrível para você, deve parecer abuso de confiança e jogo falso, mas... Veja, não queríamos conduzir vocês e os outros na direção errada. Para descobrir algo sobre os Yrr, era imprescindível que trabalhassem numa solução pacífica. Todos vocês foram grandiosos. Mas jamais teriam ido tão longe se a tarefa tivesse sido desenvolver uma arma.

— De que diabos está falando aí? Que arma?

— Guerra e paz são duas coisas completamente diferentes. Quem trabalha na paz não pode pensar em guerra. Mick está pesquisando a alternativa. Com base nas suas descobertas.

— Um veneno para destruir os Yrr?

— Devíamos ter confiado essa tarefa a você? — disse Vanderbilt. — O que teria acontecido?

— Esperem! — Johanson levantou os braços. — Nossa tarefa é fazer contato. Convencê-los lá embaixo de que devem parar. não destruí-los.

— Seu sonhador — disse Vanderbilt com desprezo.

— Mas é possível, Jack! Diabos, nós... — Johanson balançou a cabeça, perplexo. Simplesmente não conseguia acreditar.

— Como pretendem conseguir isso?

— Aprendemos muito em poucos dias. Haverá um caminho.

— E se não houver?

— Por que não nos informaram a respeito? Por que simplesmente não falados abertamente sobre isso? Estamos no mesmo barco!

— Sigur. — Li olhou seriamente para ele. — O que estamos fazendo aqui não corresponde integralmente à ordem das Nações Unidas. Sei que devemos fazer contato, e é exatamente o que também estamos tentando fazer. Por outro lado, ninguém ficará triste se simplesmente eliminarmos o inimigo por completo. não concorda que devemos pensar nesses dois caminhos?

Johanson arregalou os olhos para ela.

— Sim, concordo. Mas por que essa palhaçada toda?

— Porque o comando supremo desconfia de você — disse Li. — Porque temem que você e os outros se oponham se ficarem sabendo que os seus esforços por um contato pacífico estão formando a base para uma ofensiva militar. Acreditam que os cientistas sejam como nos filmes que tratam do assunto. Que querem proteger e estudar o desconhecido, em vez de destruí-lo, mesmo que seja maldoso e perigoso...

— Filmes? Está falando dos filmes em que as forças armadas saem atirando em tudo que não compreendem?

— É justamente essa postura que demonstra o quanto tínhamos razão — disse Vanderbilt, alisando a barriga.

— Entenda, Sigur...

— Vocês encenaram essa palhaçada porque pensaram que nós nos comportaríamos como as pessoas num filme de Hollywood}

—não. — Li balançou a cabeça com veemência. — Claro que não. Tratava-se de guiar toda a sua atenção para os temas contato e pesquisa.

Johanson apontou para os monitores na sala.

— É por isso que ficam nos vigiando?

— O que Rubin fez foi um erro — insistiu Li. — Ele não tinha o direito de fazer isso. Essa vigilância é apenas para a sua segurança. A solução militar foi elaborada em segredo para não deixá-los inseguros ou desviar a atenção da tarefa principal.

— E em que consiste essa... tarefa? — Johanson aproximou-se bastante de Li e olhou-a nos olhos. — Conquistar a paz ou fornecer-lhes, como uns idiotas, o conhecimento necessário para uma ofensiva definida há muito tempo?

— Precisamos pensar nas duas possibilidades.

— Até onde Mick chegou com a alternativa militar?

— Ele tem algumas idéias que poderiam funcionar, mas nada de concreto ainda. — Ela inspirou profundamente e encarou-o com determinação. — Pela nossa segurança, eu lhe peço que, por enquanto, não fale nada aos outros. Dê-nos o tempo de nós mesmos o fazermos, para que o trabalho que é a esperança de bilhões de pessoas não seja interrompido. Muito em breve todos nós estaremos trabalhando em todas as alternativas. Agora que vocês conseguiram o mais incrível, que foi dar uma cara ao inimigo, não temos mais razão alguma para manter segredos. E se, juntos, elaborarmos uma arma, será com a esperança de jamais sermos obrigados...

— Quer que lhe diga uma coisa, Jude? — chiou Johanson. Ele aproximou-se tanto dela que não cabia mais um palmo entre os seus rostos. — não acredito em uma palavra sua. Assim que tiver sua maldita arma, vai usá-la. não faz a menor idéia das conseqüências disso. São unicelulares, Jude! Bilhões e mais bilhões de unicelulares

Eles existem desde o começo do mundo. não temos a menor noção do papel que desempenham no nosso sistema ecológico. não sabemos o que acontecerá com os oceanos se os envenenarmos. não sabemos o que acontecerá conosco. Mas, acima

de tudo, não seremos capazes de interromper o que eles começaram. Será que isso entra na sua cabeça? Como pretende reativar a Corrente do Golfo sem os Yrr? O que pretende fazer contra os vermes sem os Yrr?

— Se destruímos os Yrr — disse Li —, também enfrentaremos os vermes e as bactérias.

— Como? Pretende enfrentar bactérias? Todo este planeta consiste de bactérias! Quer exterminar os microorganismos? Até onde vai sua megalomania? Se conseguisse fazer isso, estaria proferindo a sentença de morte da vida no planeta. Você é quem seria a destruidora do planeta, não os Yrr. Todas as espécies animais marinhas morreriam e depois...

— Que morram — gritou Vanderbilt. — Seu ignorante, seu cientista metido a besta! Se alguns peixes morrerem e nós, em compensação, sobrevivermos...

— não sobreviveremos! — gritou Johanson de volta. — Será que não entende? Está tudo interligado. não podemos combater os Yrr. Eles são superiores. não podemos fazer nada contra microorganismos, sequer podemos fazer algo contra infecções virais comuns, mas também não se trata disso. O ser humano só existe porque a Terra é dominada pelos microorganismos.

— Sigur... — implorou Li. Johanson virou-se.

— Abra a porta — disse. — não quero mais continuar esta conversa.

— Está bem. — Li acenou a cabeça com os lábios apertados. — Então continue se adorando, seu presunçoso. Sal, abra a porta para o Dr. Johanson.

Peak hesitou.

— Sal, não me ouviu? O Dr. Johanson deseja sair.

— não há como convencê-lo? — perguntou Peak. Soou desesperado e sofrido. — De que estamos fazendo a coisa certa?

— Abra a porta, Sal — disse Johanson.

Contrariado, Peak andou até a porta e apertou uma tecla na parede. A porta abriu-se.

— A outra mais adiante também, fazendo o favor.

— Naturalmente. Johanson saiu.

— Sigur! Ele parou.

— O que é, Jude?

— Você me acusou de não saber avaliar minha responsabilidade. Talvez tenha razão. Avalie a sua. Se procurar os outros agora e contar-lhes tudo, estará jogando dramaticamente para trás o trabalho neste navio. Você sabe disso. Talvez não tivéssemos o direito de mentir para você, mas pense bem se você tem o direito de nos expor.

Johanson virou-se lentamente. Li estava na porta da sala de controle.

— Pensarei muito bem a respeito — disse ele.

— Então deixe-nos encontrar um consenso. Dê-me tempo para encontrar um caminho e, até lá, fique quieto. Hoje à noite conversaremos. Até lá nenhum de nós fará nada que possa comprometer o outro. — Acredita que possa aceitar esta proposta?

Johanson trincou os dentes.

O que aconteceria se deixasse a bomba estourar? O que aconteceria com ele caso negasse aqui e agora?

— Tudo bem — disse. Li sorriu.

— Obrigada, Sigur.

## **WEAVER**

Se pudesse, teria ficado no convés-doca. Anawak fazia de tudo para animar Greywolf. Queria ficar perto de um porque se sentia atraída por ele e não queria deixar o outro sozinho porque sua tristeza era palpável. Achava terrível ver esse homem gigante e forte assim tão triste. Mas achava ainda mais terrível o que Johanson lhe contara. Quanto mais pensava a respeito, mais monstruoso lhe parecia o que acontecia a bordo do Independence. Algo lhe dizia claramente que todos corriam muito perigo. ?,??

Talvez Rubin tivesse chegado nesse meio tempo.

— Até mais — disse. — Vou resolver uma coisa.

No mesmo instante percebeu que soava artificial, exageradamente descontraído. Anawak franziu a testa.

— O que houve? — perguntou.

— Nada demais.

Simplesmente não era boa nisso! Rapidamente subiu a rampa e atravessou o corredor. A porta do laboratório estava aberta. Ao entrar, viu Oliviera conversando com Rubin. Estavam de pé ao lado de uma das mesas do laboratório Rubin virou-se para ela.

— Olá. Você queria me perguntar alguma coisa?

Weaver apertou o interruptor do lado de dentro da porta e a comporta fechou-se atrás dela.

— Sim. Você poderia me explicar uma coisa.

— Sou ótimo para explicar — sorriu Rubin.

— É mesmo?

Ela aproximou-se dos dois. Seu olhar percorreu a mesa do laboratório. Havia de tudo ali. Um suporte continha lâminas de dissecação de diversos tamanhos. Ela disse

— Você poderia me explicar para que serve o laboratório acima de nós, o que você faz ali e por que espancou Sigur anteontem à noite depois que ele o seguiu?

## **CONVÉS DO HANGAR**

Johanson fervia de raiva. De tanta raiva, não sabia para onde ir, então acabou correndo para o convés do hangar e examinou a parede. Sua lembrança dizia-lhe exatamente onde a porta deveria estar, mas nada continuava indicando uma passagem camuflada. Na realidade, era desnecessário procurar por ela. Li confessara a existência desse laboratório, mas ele não queria dar-se por satisfeito com isso.

De repente, reparou em extensas áreas enferrujadas no verniz cinza da parede. Na realidade elas já lhe haviam chamado a atenção o tempo inteiro. Mas não lhes dera atenção, porque ferrugem e tinta descascando não eram raridade num navio. Mas agora, de uma hora para a outra, compreendeu o que havia de errado ali.

Não existia ferrugem num navio novo. Acompanhando os canos à esquerda para cima, eles chegavam numa longa linha

enferrujada. Um pouco à frente havia uma caixa de fusíveis pendurada. Debaixo dela, a tinta também estava descascando.

Ali estava a porta.

Era incrivelmente bem camuflada. Se não tivesse procurado com tanta veemência, jamais teria reparado nela. Até mesmo quando examinara a parede com Weaver, a excelente camuflagem os enganara. Nem mesmo agora reconhecia realmente os contornos, apenas uma disposição aparentemente coincidente de detalhes que, juntos, podiam esconder uma porta.

Ele entrara por aqui.

Weaver!

Ela teria encontrado Rubin? O que ele deveria fazer? Fazê-la recuar, conforme acordara com Li? Que valor tinha esse acordo? Ele deveria ter-se metido em negociações com a comandante?

Respirando profundamente e indeciso, correu de um lado para o outro no grande convés vazio. De repente, todo o navio parecia-lhe uma prisão. Até mesmo o hangar sombrio e de iluminação amarela adotou algo de opressivo.

Precisava refletir.

Precisava de ar puro.

Andou a largos passos para boreste e atravessou a passagem para a plataforma do elevador externo. Um forte vento puxou a sua roupa e os seus cabelos. O mar tornara-se ainda mais revoltado. Dentro de poucos segundos, uma fina camada de espuma cobriu o seu rosto. Foi até a beira da plataforma e olhou para a paisagem lunática agitada e escarpada do mar da Groenlândia abaixo de si.

O que deveria fazer?

## **SALA DE CONTROLE**

Li estava de pé diante dos monitores. Observou Johanson examinando a parede e atravessando o hangar, frustrado.

— Para quê aquele acordo ridículo? — rosnou Vanderbilt. — Acreditamos mesmo que ele fique de bico calado até a noite?

— não duvido nada — disse Li.

— E se não ficar?

Johanson desapareceu na passagem do elevador externo. Li virou-se para Vanderbilt.

— Pergunta supérflua, Jack. Naturalmente você resolverá esse problema. E agora.

— Um momento. — Peak levantou a mão. — Isso não estava previsto.

— O que significa resolver? — perguntou Vanderbilt, cuidadosamente.

— Resolver significa resolver — disse Li. — Está chegando um temporal não se deve ficar do lado de fora durante um temporal. Uma rajada de vento

— não. — Peak balançou a cabeça. — não estava combinado.

— Sal, cale a boca.

— Diabos, Jude! Podemos prendê-lo durante algumas horas, isso há de ser o suficiente!

— Jack — disse Li para Vanderbilt, sem dar atenção a Peak.

— Faça o seu trabalho. E, por favor, faça-o pessoalmente.

Vanderbilt sorriu.

— Com prazer, queridinha. Com muito prazer.

## **LABORATÓRIO**

A conversa já muito extensa de Oliviera com Rubin estendeu-se ainda mais. Arregalou os olhos primeiro para Weaver e depois para Rubin.

— E então? — disse Weaver. Rubin empalideceu.

— não faço a menor idéia do que está falando.

.... — Mick, escute. — Posicionou-se entre ele e a mesa e pôs o braço sobre os seus ombros, num gesto quase amigável. — não sou uma grande faladora. Sempre fui péssima em papo furado. Pessoas como eu não são convidadas para coquetéis, nem colocadas num pódio. Prefiro conversas rápidas e objetivas. Então vamos recapitular, e não me encha o saco com desculpas. Lá em cima existe um laboratório. Diretamente acima de nós. Há uma

saída para o convés do hangar, bem camuflada, mas Sigur o viu entrando e saindo dali. Foi por isso que você o espancou. Certo?

— Então foi isso mesmo. — Oliviera lançou um olhar de desprezo para Rubin. O biólogo balançou a cabeça e tentou soltar-se das garras de Weaver, mas não conseguiu.

— Essa foi a maior estupidez que eu jamais... não!

A mão livre de Weaver havia puxado uma das lâminas de dissecação do suporte. Ela direcionou a ponta da lâmina para a sua carótida. Rubin tentou recuar. Weaver apertou a ponta da lâmina um pouco mais para dentro da sua carne e contraiu os músculos. O biólogo ficou preso nos seus braços como num torno.

— Você enlouqueceu? — gemeu ele. — O que está fazendo?

— Mick, eu não sou fresca. Tenho bastante força. Quando eu era pequena, uma vez fui acariciar um gatinho e, sem querer, matei-o esmagado. Terrível.

Apenas queria acariciá-lo, e crec-crec... Portanto pense bem no que vai dizer. Porque em você eu não tenho vontade de fazer carinho.

## **VANDERBILT**

Jack Vanderbilt não ansiava por matar Johanson, nem estava muito interessado em deixá-lo viver. De certa forma até gostava do homem. Ao mesmo tempo, não se importava. Era uma ordem, e a ordem estava definida. Enquanto Johanson representasse um risco à segurança, esse não seria mais o caso.

Floyd Anderson seguiu-o. Assim como a maioria das pessoas a bordo, o primeiro-oficial tinha uma função dupla. De fato era um marinheiro formado, mas trabalhava principalmente para a CIA. Praticamente todos a bordo, exceto Buchanan e alguns membros da tripulação, de certa forma trabalhavam para a CIA. Anderson participara de operações secretas no Paquistão e no Golfo. Era um bom homem.

E um matador.

Vanderbilt pensou em como as coisas haviam mudado. Até há pouco fixara-se à idéia de lutar contra terroristas, mas agora

precisava concordar que Johanson tivera razão desde o começo. Na realidade, era lamentável matá-lo, ainda mais por ordem de Li. Vanderbilt detestava a bruxa dos olhos azuis. Li era paranóica e truculenta, uma mente insana. Ele a odiava, mas também não conseguia desvencilhar-se da lógica pérfida e inescrupulosa. No fundo da sua loucura, ela tinha razão. Desta vez também.

De repente, lembrou-se de quando alertara Johanson a seu respeito, daquela vez em Nanaimo.

Ela é louca, capisce?

Johanson definitivamente não compreendera.

Como, também? Ninguém entendia logo de início o que havia de errado com Li. Que ela, movida por teorias de conspiração e um orgulho exagerado, em geral tinha reações exageradas. Que ela mentia e traía e sacrificava tudo e todos pelos seus objetivos. Judith Li, o xodó do presidente dos Estados Unidos. Sequer ele percebia alguma coisa. O homem mais poderoso do mundo não fazia a menor idéia de quem ele estava ajudando a crescer.

Todos nós precisaremos tomar cuidado, pensou Vanderbilt. A não ser que alguém pegue uma arma e resolva o problema.

Algum dia.

Rapidamente cruzaram os corredores. Johanson não lhes poderia ter feito favor maior do que ter ido para a plataforma do elevador externo. Como a louca dissera tão bem? Uma rajada de vento...

## **SALA DE CONTROLE**

Vanderbilt acabara de sair da sala, quando um dos homens que estava trabalhando nos consoles chamou Li. Ele apontou para um dos monitores.

— Tem alguma coisa acontecendo no laboratório — disse.

Li viu o que acontecia nos monitores. Weaver, Oliviera e Rubin estavam juntos, de pé. Muito juntos. Weaver pusera o braço sobre os ombros de Rubin e apertava-o contra si.

Desde quando esses dois se entendiam tão bem?

— Aumentar o som — disse Li.

Ouviram a voz de Weaver. Baixinho, mas suficientemente clara. Estava indagando Rubin a respeito do laboratório secreto. Ao olhar melhor, via-se o medo estampado no rosto de Rubin e, na mão de Weaver, algo que brilhava e estava muito próximo do pescoço dele.

Li viu e ouviu o suficiente.

— Sal! Você e mais três. Armas com explosivos. Rápido. Vamos descer.

— O que pretende fazer? — perguntou Peak.

— Garantir a ordem. — Virou-se do monitor e andou em direção à porta. — Sua pergunta custou-nos dois segundos, Sal. não desperdice o nosso tempo, se não eu acabo com você. Ande, os homens para cá. Dentro de um minuto eu quero acabar com a graça de Weaver. O tempo dos cientistas expirou.

## LABORATÓRIO

— Seu filho-da-mãe — disse Oliviera. — Você espancou Sigur? Para quê isso tudo?

Os olhos de Rubin expressaram puro medo. Seu olhar percorreu o teto.

— não é verdade, eu...

— não procure por câmeras, Mick — disse Weaver em voz baixa. — Antes que alguém possa ajudá-lo, estará morto.

Rubin começou a tremer.

— Mais uma vez, Mick, o que estão fazendo ali?

— Desenvolvemos um veneno — disse, hesitante.

— Um veneno? — ecoou Oliviera.

— Utilizamo-nos do seu trabalho para isso, Sue. Do seu e de Sigur. Depois de vocês descobrirem a fórmula do ferormônio, foi fácil produzi-lo em quantidade suficiente e... Nós o acoplamos a um isótopo radiativo.

— Vocês o quê?

— O ferormônio está contaminado por radiatividade, mas as células não reconhecem isso. Nós experimentamos...

— Como? Vocês têm um tanque de alta pressão?

— Apenas um pequeno modelo... Karen, por favor, afaste a lâmina, você não tem chance alguma! Estão ouvindo e vendo o que está acontecendo aqui...

— Chega de conversa — disse Weaver. — Continue, o que fizeram depois?

— Observamos que o ferormônio mata os Yrr defeituosos sem receptor especial. Exatamente como Sue explicou. Depois de ficar claro que a morte celular programada faz parte da bioquímica dos Yrr, precisávamos descobrir um caminho de induzir a morte celular nos Yrr sadios também.

— Através do ferormônio?

— É o único jeito. não podemos interferir no genoma enquanto não o tivermos decodificado por completo, e isso levaria anos. Portanto acoplamos a substância odorífera ao isótopo radiativo de uma forma que os Yrr não o reconheçam.

— E o que faz esse isótopo?

— Anula o efeito protetor do receptor especial. Dessa forma, o ferormônio transforma-se numa armadilha mortal para todos os Yrr. Mata inclusive as células sadias.

— Por que não nos falaram nada disso? — Oliviera balançou a cabeça, perplexa. — Nenhum de nós ama essas pestes. Poderíamos ter encontrado uma solução juntos.

— Li tem planos próprios — confessou Rubin.

— Mas não é assim que funciona!

— Funcionou. Nós testamos.

— Isso é loucura, Mick! Vocês não fazem idéia do que estão desencadeando. O que acontecerá se essa espécie morrer? Os Yrr dominam setenta por cento do nosso planeta, eles detêm uma biotecnologia muito antiga e altamente desenvolvida. Estão dentro de outros organismos, possivelmente em toda a vida marinha, decompõem substâncias, talvez metano ou dióxido de carbono... não fazemos idéia do que acontecerá com o planeta, se os destruímos.

— Por que todos? — perguntou Weaver. — O veneno não mata apenas algumas células? Ou um coletivo?

—não, dá início a uma reação em cadeia — disse Rubin, ofegante. — A morte celular programada. Assim que se fundirem, eles próprios se destruirão. Quando o ferormônio se conecta, já é tarde demais. Uma vez iniciado, o processo não tem mais como ser interrompido. Mudaremos o código dos Yrr, é como um vírus letal que encaminharão uns aos outros.

Oliviera agarrou o pescoço de Rubin.

— Vocês precisam interromper esses experimentos — disse com firmeza.

— não podem seguir esse caminho de jeito nenhum. Diabos, não entende que essas criaturas são os verdadeiros donos deste mundo? Eles são a Terra! Um superior-ganismo. Oceanos inteligentes. Vocês não têm idéia de onde estão intervindo.

— E se não tivermos? — Rubin deu uma gargalhada. — não me venham com essa ética presunçosa. Todos nós morreremos. Querem aguardar os próximos tsunamis? O acidente mais provável de metano? A era do gelo?

— não faz nem uma semana que estamos aqui e já fizemos contato — disse Weaver. — Por que não continuamos buscando o entendimento?

— Tarde demais — suspirou Rubin.

Seu olhar percorreu paredes e tetos. Ela não sabia quanto tempo lhe restava antes de Li ou Peak chegarem. Possivelmente Vanderbilt também viria. Certamente não demoraria mais.

— O que quer dizer, tarde demais?

— É tarde demais, sua burra! — gritou Rubin. — Em menos de duas horas empregaremos o veneno.

— Vocês devem ter enlouquecido — sussurrou Oliviera.

— Mick — disse Weaver. — Agora quero saber exatamente como vocês farão isso. Se não eu não me responsabilizo pelos meus atos.

— não estou autorizado a...

— Estou falando sério. Rubin tremeu ainda mais.

— Dois tubos de torpedos estão previstos para o veneno no Deepflight 3. Enchemos projéteis...

— Já estão a bordo?

— não, eu devia equipar o barco com isso agora para...  
— Quem irá descer?  
— Li e eu.  
— A própria Li descerá?  
— A idéia foi dela. Ela não deixa nada ao acaso. — Rubin forçou um sorriso. — não conseguirão impor-se contra ela, Karen. não conseguirão impedir. Nós salvaremos o mundo. Os nossos nomes serão lembrados...  
— Cale a boca, Mick.—Weaver começou a empurrá-lo em direção à porta. — Agora nós vamos até esse laboratório. O barco não será equipado. O script acabou de ser alterado.

## **CONVÉS-DOCA**

— Está rolando alguma coisa entre você e a Karen? — perguntou Greywolf enquanto guardava os equipamentos nos contêineres. Anawak hesitou.  
— não. Na realidade, não.  
— Na realidade?  
— Nos entendemos bem. Acho que é só. Greywolf olhou para ele.  
— Talvez ao menos você devesse começar a fazer algumas coisas corretamente — disse.  
— Nem sei se ela está interessada. — De repente, Anawak conscientizou-se de que acabara de fazer uma confissão para si e para Greywolf. — Realmente não sei, Jack. Infelizmente, sou muito trouxa nesses assuntos.  
— Disso eu sei — disse Greywolf ironicamente. — Seu pai precisou morrer para você aterrissar no mundo dos vivos.  
— Ei...  
— Acalme-se. Sabe que estou certo. Por que não vai atrás dela? Ela está esperando por isso.  
— Vim para cá por você, não pela Karen.  
— Eu agradeço, mas agora vá.  
— Diabos, Jack. — Anawak balançou a cabeça. — Pare de enfurnar-se aqui. Suba comigo antes que cresçam nadadeiras em

você.

— No momento, eu preferiria as nadadeiras.

Indeciso, Anawak olhou em direção ao túnel. Claro que gostaria de ter ido atrás de Weaver, mas havia um outro motivo além dos seus sentimentos recentemente confessados. Alguma coisa a preocupava. Estava estranha, tensa e agitada. Lembrou-se do que ela lhe falara de Johanson.

— Está bem, então apodreça aqui — disse para Greywolf. — Caso mude de idéia, estarei lá em cima.

Saiu do convés-doca e passou pelo laboratório. Estava fechado. Por um instante, pensou em entrar. Talvez encontrasse Johanson. Queria descobrir mais sobre o assunto. Mas então mudou de idéia e continuou subindo a rampa em direção ao convés do hangar para dar uma olhada na ominosa parede.

Entretanto, não foi o que fez.

Ao chegar ao hangar, avistou Vanderbilt e Anderson, que naquele instante atravessavam a passagem para a plataforma externa.

De repente, teve uma sensação estranha.

O que estavam fazendo aqui? E, aliás, onde se metera Weaver?

## **ABISMO**

Um vento oeste começara a soprar fortemente da calota de gelo, varrendo ondas espumantes ao longo do casco do Independence e sugando o último resto de calor do mar.

Abaixo da superfície altamente movimentada formavam-se redemoinhos e turbulências, entretanto quanto mais fundo mais calmo ficava. Há poucos meses, exatamente aqui, a água gelada e pesada de tanto sal despencara em cascatas. Continuava fazendo um frio penetrante, mas agora o mar misturava-se à água doce das massas polares que derretiam rapidamente devido ao longo período de aquecimento. A grande bomba do Atlântico Norte, também chamada de pulmão dos mares mundiais, porque, com a água gelada, quantidades imensas de oxigênio chegavam ao fundo,

estava sucumbindo. O motor das correntes marítimas parara, a corrente aquecedora dos trópicos estava esgotada.

Entretanto por enquanto a bomba não suspendera por completo seu trabalho. Apesar de as cascatas não serem mais mensuráveis, continuavam descendo pequenas quantidades de água fria. Caíam em direção ao abismo da Bacia da Groenlândia através do silêncio escuro, metro após metro, centenas de metros, milhares.

A 3.500 metros de profundidade, imediatamente acima do fundo enlameado, a escuridão cedia espaço a um brilho azul-escuro.

Estendia-se numa área gigantesca

não era uma nuvem, lembrava mais um cano de paredes finas preso ao solo através de inúmeros pezinhos gelatinosos. No interior do cano milhões de protuberâncias delicadas como antenas moviam-se em ondas rítmicas, um mar de fios gelatinosos sincronizados. Por cima deles, grandes pedaços de uma substância esbranquiçada estavam sendo transportados em direção a um grande objeto. O brilho azul não permitia ver sua forma, apenas iluminava levemente as duas cúpulas abertas. não se via mais nada do Deepflight que afundara e caíra inclinado na lama do fundo do mar.

Já fazia um certo tempo que o organismo enchia o submersível com os pedaços de substância branca congelada. Já não cabia mais muita coisa, e o abastecimento cessou. Uma parte do cano estrangulou-se, afundou para cima do barco e começou a envolvê-lo. A substância transparente contraiu-se em volta do casco, adensou-se e pressionou as cúpulas para baixo. Superfícies azuis cintilantes espalhavam-se e misturavam-se até o barco inteiro estar envolto por uma capa fechada conectada a uma longa mangueira fina.

A mangueira começou a pulsar. Estava bombeando água. Água de longe. A substância gelatinosa finíssima sugava-a de um gigantesco balão orgânico que estava pendurado um bom trecho acima do submersível, cheio de água mais quente do que a que a substância gelatinosa retirara do vulcão de lama em frente à costa norueguesa. Devido à água morna e portanto mais leve no seu

interior, o balão deveria subir para a superfície, mas o seu peso corpóreo mantinha-o em perfeita suspensão.

O calor penetrou no invólucro gelatinoso que envolvia o submersível.

Os pedaços de substância branca reagiram imediatamente. Em questão de segundos, as jaulas de cristal do hidrato derreteram. O metano comprimido inchou explosivamente, aumentando o seu volume em 164 vezes, encheu o Deepflight de gás e inflou o invólucro gelatinoso até ela encher e esticar-se. O casulo gelatinoso separou-se da mangueira e fechou-se. Nenhum gás poderia mais escapar. Moveu-se para cima com toda a força, inicialmente devagar, com a pressão cada vez menor em volta, cada vez mais rápido, arrancando o casulo e o submersível preso dentro dele consigo.

## LABORATÓRIO

Weaver, com Rubin nas garras e a lâmina no seu pescoço, sequer chegou até o lado de fora. A porta do laboratório abriu-se. Três soldados fortemente armados entraram correndo e apontaram as armas para ela. Ela ouviu Oliviera dando um grito de terror e parou, sem soltar Rubin.

Li entrou no laboratório, seguida por Peak.

— não irá a lugar algum, Karen.

— Jude — gemeu Rubin. — Estava na hora, diabos! Tire esta louca daqui.

— Fique bem quietinho — ordenou-lhe Peak. — Sem você, não teríamos estes problemas.

Li sorriu.

— Sinceramente, Karen — disse num tom de voz gentil. — não acha que está exagerando um pouco?

— Frente ao que Mick está nos contando? — Weaver balançou a cabeça. — não, não acho.

— O que ele está contando?

— Ah, Mick foi muito falante. não é mesmo, Mick? Revelou-nos tudinho.

— Ela está mentindo — gemeu Rubin.

— Falou de reações em cadeia, de venenos em tubos de torpedo e do Deepflight 3. Aliás, também mencionou que vocês dois planejaram um passeio Dentro de uma a duas horas.

813

— Tsc, tsc — fez Li.

Ela deu um passo à frente. Weaver agarrou Rubin e puxou-o de volta para perto de Oliviera. A bióloga estava paralisada ao lado da mesa do laboratório. Continuava segurando a maleta de frasquinhos com o extrato de ferormônio nas mãos.

— Sabe, Mick Rubin talvez seja um dos melhores biólogos do mundo mas tem complexo de inferioridade — disse Li. — Ele queria tanto ficar famoso. A idéia de que o seu nome talvez não se eternize o enlouquece. Isso explica sua necessidade exagerada de comunicação, mas considere. Rubin venderia a própria mãe por um pouco de fama. — Ela parou. — Mas isso já não faz mais diferença. Agora que sabe o que pretendemos fazer, também compreenderá a urgência disso. Fiz o possível para a bomba não estourar, mas, como recentemente todos parecem estar informados, acho que não me resta outra escolha.

— Seja razoável, Karen — insistiu Peak. — Solte-o.

— Certamente, não — respondeu Weaver.

— Precisamos dele. Depois podemos conversar sobre tudo.

— não, não conversaremos mais. — Li puxou sua arma e apontou-a para Weaver. — Solte-o, Karen. Imediatamente, se não eu atiro. Esta é a minha última palavra.

Weaver olhou para o pequeno orifício preto da pistola.

— não teria coragem — disse.

— Ah, não?

— não tem por que fazer uma coisa dessas.

— Está cometendo um erro, Jude — disse Oliviera com a voz rouca. — não pode empregar esse veneno. Eu já expliquei a Mick que...

Li virou a arma, apontou-a para Oliviera e atirou. A bióloga foi lançada contra a mesa do laboratório e escorregou para o chão ao longo dela. A maleta de frasquinhos escapou-lhe das mãos.

Durante um segundo, lançou um olhar de incompreensão para o buraco do tamanho de uma mão no seu peito, e então ficou com os olhos vitrificadas.

— não! — gritou Peak. — Pelo amor de Deus, o que está fazendo} A arma voltou a apontar para Weaver.

— Solte-o — disse Li.

## **ELEVADOR EXTERNO**

— Dr. Johanson!

Johanson virou-se. Viu Vanderbilt e Anderson aproximando-se pela plataforma. Anderson parecia estóico e distante, os pequenos olhos pretos fixados em algum ponto, enquanto Vanderbilt sorria largamente.

— Deve estar com muita raiva de nós — disse.

A forma com que se aproximava e sorria tinha algo de exageradamente amigável. Johanson olhou para os dois com a testa franzida. Estava no final da plataforma, a poucos metros da beirada. Fortes rajadas de vento batiam-lhe no rosto. Abaixo dele, as ondas batiam. Ainda agora pretendia voltar para dentro.

— O que faz aqui, Jack?

— Nada demais. — Vanderbilt levantou as mãos num gesto de desculpa. — Sabe, apenas queria dizer-lhe que sentimos muito. É tudo tão desnecessário. As nossas brigas. Toda essa história infeliz, não acha?

Johanson ficou calado. Vanderbilt e Anderson estavam cada vez mais próximo. Ele deu um passo para o lado, e os recém-chegados pararam.

— Temos algo para conversar? — perguntou Johanson.

— Eu o ofendi agora há pouco — disse Vanderbilt. — Queria pedir desculpas. Johanson ergueu as sobrancelhas.

— Muito nobre da sua parte, Jack. Aceito as desculpas. Algo mais? Vanderbilt virou o rosto para o vento. Seu cabelo fino e loiro claro esvoaçava como capim das dunas.

— Está muito frio aqui fora — disse ao recomeçar a andar. Anderson seguiu-o. Os dois haviam-se afastado um pouco um do

outro. Tudo indicava que eles estavam tentando cercar Johanson. Ele não conseguiria escapar nem entre eles, nem pela direita ou pela esquerda.

O que pretendiam era tão óbvio que ele mal ficou surpreso. Apenas sentiu um medo muito grande que não conseguiu combater. Medo misturado a um ódio desesperado. Inconscientemente, deu um passo para trás e reconheceu no mesmo instante que fora um erro. Agora estava muito próximo da beirada. Não precisariam mais fazer muita coisa. Um forte empurrão o lançaria para dentro de uma das redes protetoras ou além delas.

— Jack — disse lentamente. — não me diga que está querendo me matar?

— Meu Deus, de onde tirou isso? — Vanderbilt arregalou os olhos num espanto fingido. — Quero conversar com você.

— E por que Anderson veio junto?

— Ah, ele estava por perto. Pura coincidência. Pensamos que...

Johanson atirou-se para cima de Vanderbilt, agachou-se e esquivou-se para a direita. Conseguiu afastar-se da beirada. Anderson deu um salto em sua direção. Por um instante, a manobra enganadora improvisada parecia ter funcionado mas então Johanson sentiu que estava sendo agarrado e puxado para trás. O punho de Anderson voou em sua direção e pousou no seu rosto.

Ele caiu e deslizou por cima da plataforma.

O primeiro-oficial veio atrás dele sem muita pressa. Suas garras foram parar nas axilas de Johanson e o puxaram para o alto. Johanson tentou enfiar os dedos debaixo das mãos de Anderson e soltá-las, mas era como se estivesse enfiando-os em concreto. Seus pés perderam o contato com o chão. Esperneou loucamente enquanto Anderson o levou para a beirada, onde Vanderbilt, de pé, lançou um olhar crítico para baixo.

— O mar está muito alto hoje — disse o diretor da CIA. — Espero que não se incomode se o jogarmos lá embaixo, Dr. Johanson. Deverá nadar um pouquinho. — Virou a cabeça para ele e mostrou os dentes. — Mas não se assuste, não demorará. Quando muito, a água tem dois graus. Até achará agradável. Tudo se

acalmado, o seu corpo perdendo a sensibilidade, o seu batimento cardíaco ficando mais lento...

Johanson começou a gritar.

— Socorro! — gritou com toda a força. — Socorro!

Seus pés balançavam por cima da beirada. Ali estava a rede debaixo dele. Avançava quase dois metros para fora. não era suficientemente longe. Anderson o lançaria por cima sem problemas.

— Socorroooo!

Para sua surpresa, a ajuda chegou.

Ouviu Anderson gemendo. De repente, voltou a sentir a plataforma debaixo dos pés. O céu inclinou-se no seu campo de visão quando Anderson caiu de costas e o arrancou consigo. As mãos do oficial mantinham-se agarradas a ele, e então se soltaram. Johanson rolou para o lado, arrastou-se para longe de Anderson e deu um salto.

— Leon! — exclamou.

Diante dos seus olhos revelou-se uma imagem grotesca. Agitado, Anderson tentava levantar. Anawak havia-o agarrado por trás, no casaco. Todos caíram juntos no chão. Agora Anawak tentava sair de baixo do homem derrubado sem soltá-lo, o que era absolutamente impossível.

Johanson quis dar um salto em sua direção.

— Pare!

Vanderbilt cortou-lhe o caminho. Segurava uma pistola na mão. Lentamente circundou os que estavam no chão até ficar de costas para a passagem.

— Bela tentativa — disse. — Mas agora basta. Dr. Anawak, faça a gentileza de deixar o nosso Sr. Anderson levantar-se. Está apenas cumprindo sua obrigação.

Relutante, Anawak soltou os dedos do capuz de Anderson. O primeiro-oficial levantou-se rapidamente. não esperou que o seu adversário se levantasse por conta própria, antes ergueu-o como a um saco. No instante seguinte o corpo de Anawak voou em direção à beirada.

— não! — gritou Johanson.

Anawak tentou segurar-se. Bateu no chão, escorregou e deslizou até a beira da plataforma.

A cabeça de Anderson virou-se para Johanson, os olhos inexpressivos fitaram-no. Esticou um braço, puxou-o para si e socou-lhe o estômago. Johanson ficou sem ar. Ondas de dor propagaram-se nas suas vísceras. Dobrou-se como um canivete e caiu de joelhos.

A dor era quase insuportável. não conseguiu mais se levantar.

Ficou de joelhos, tentando conter o vômito enquanto o vento batia-lhe o cabelo nas orelhas, esperando Anderson bater novamente.\_\_\_\_

# QUARTA PARTE

## Abaixo

Segundo pesquisas, a partir de um certo subnível ou metanível, o ser humano não é mais capaz de reconhecer inteligência como tal. Apenas compreende como inteligência o que estiver no âmbito das suas próprias atitudes. Além desses limites, como no microcosmo, por exemplo, simplesmente não a perceberia. Da mesma forma, numa inteligência mais desenvolvida, numa mente muito superior, apenas veria o caos, porque não conseguiria acompanhar seu raciocínio complexo. Decisões tomadas por uma tal inteligência permaneceriam incompreensíveis para ele, uma vez que seus parâmetros vão além da sua capacidade de assimilação intelectual. Um cachorro também vê no homem apenas o poder ao qual ele se subordina, não a mente. O comportamento humano parece-lhe não ter sentido, porque as nossas atitudes baseiam-se em pensamentos que exigem demais da sua percepção. Por outro lado, nós não conseguiríamos perceber Deus, caso ele exista, como inteligência, porque seu pensamento provavelmente se basearia numa totalidade de idéias cuja complexidade vai muito além da nossa capacidade. Conseqüentemente, Deus é caótico para nós e, portanto, dificilmente faria nosso time de futebol ganhar ou impediria guerras. Um ser desses estaria além do último limite da capacidade humana de compreender. De onde, obrigatoriamente, surge a questão de saber se a criatura Deus chega a ser capaz de nos compreender como inteligência no nosso subnível. Talvez sejamos apenas um experimento numa placa de Petri...

Samantha Crowe em Crônicas.

## **PEEPFLIGHT**

Entretanto Anderson não bateu nele.

Segundos antes, os golfinhos haviam anunciado um objeto desconhecido, deixando a tripulação do Independence em estado de alerta máximo. Logo em seguida os sistemas sonares também o registraram. Algo de forma e tamanho indefinidos, que se aproximava rapidamente. não produzia ruídos como um torpedo, e não descobriram nenhuma fonte de onde poderia estar partindo. O que deixou o pessoal da ponte e dos instrumentos de controle muito nervosos foi o fato de a coisa não somente estar se aproximando com velocidade cada vez maior e em absoluto silêncio, mas, além disso, estar emergindo das profundezas na vertical. Arregalaram os olhos para os monitores e, no fundo do abismo, viram algo redondo e azulado. Uma esfera molenga, com mais de dez metros de diâmetro, se aproximava, tomava forma e crescia.

Quando Buchanan deu a ordem de atirar na coisa, já era tarde demais.

A esfera explodiu imediatamente abaixo do casco.

Durante os últimos minutos, o gás em seu interior expandira-se cada vez mais e acelerara a sua subida. Agora ela aproximou-se em alta velocidade, uma bola de gelatina fina e totalmente esticada que rasgou repentinamente na parte superior, abriu-se e ficou para trás como farrapo flutuante. O gás liberado continuava subindo em direção à superfície d'água, arrancando algo grande e retangular consigo.

Rodopiando, o Deepflight que havia sido perdido voou em direção ao Independence, a proa à frente, e perfurou-lhe o casco com seus torpedos antitanque.

Um instante interminável passou.

E então ocorreu a explosão.

## **PONTE**

O gigantesco navio estremeceu.

Buchanan, que vira a desgraça aproximar-se, mal conseguiu manter o equilíbrio na ponte, agarrando-se à mesa de navegação. Outros não encontraram nada para se segurar e caíram no chão. Nas salas de controle abaixo da ilha, o navio estremeceu com tanta força que os monitores estilhaçaram e o equipamento voou pelo ar. No CIC, Shankar e Crowe foram arrancados de suas cadeiras. De um segundo para o outro, em todo o Independence reinou o caos absoluto alarme ativado e penetrante misturava-se aos gritos, ouviam-se as pisadas das botas, tudo tinia, ribombava e estalou, enquanto um trovão surdo se propagava pelos corredores, salas e níveis.

Alguns segundos depois do choque, a maioria dos meninos do óleo, como eram chamados os técnicos das caldeiras e da propulsão no jargão da Marinha estavam mortos. Onde, no centro do navio, os depósitos e a casa de máquinas com as duas turbinas a gás LM-2500 se encontravam, a explosão abriu uma gigantesca cratera. Ali abriu-se um rombo de mais de vinte metros no casco do navio. A água penetrou com a força de malhos e matou todos aqueles que não tinham morrido durante a explosão do submersível. Quem conseguira sobreviver até então viu-se confrontado com as escotilhas que se fechavam. A essa altura, a única maneira de salvar o Independence era sacrificar as pessoas nas catacumbas do navio, trancando-as com as massas de água retumbantes para evitar um alastramento da torrente.

## **ELEVADOR EXTERNO**

A plataforma foi tomada por um forte solavanco, foi atirada para cima como uma gangorra e lançou Floyd Anderson por cima de Johanson. O primeiro-oficial girou os braços com os dedos das mãos abertos, mas não havia nada em que pudesse se segurar. Seu corpo deu um salto que, em outras circunstâncias, poderia ter sido considerado cômico. Ele bateu com a testa na plataforma, virou-se de costas e ficou deitado, imóvel, com o olhar fixo.

Vanderbilt cambaleou. A pistola escapou-lhe e deslizou em direção à beirada, parando a apenas alguns centímetros dela. Ele viu Johanson tentando levantar, correu em sua direção e chutou-lhe as costelas. O cientista tombou de lado com um grito sufocado. Vanderbilt não fazia a menor idéia do que poderia ter acontecido, desconsiderando que só podia tratar-se do pior, mas a ordem era eliminar Johanson, e ele estava decidido a executar essa ordem. Inclinou-se para arrastar o homem que gemia e sangrava pela plataforma e, se possível, jogá-lo além da rede, quando alguém se chocou com ele pela lateral.

— Seu babaca! — gritou Anawak.

De repente, viu-se confrontado com uma dupla de batedores enfurecidos. Anawak socava-o como possuído. Vanderbilt recuou. Precisou de um momento para controlar o espanto. Rapidamente ergueu os braços sobre a cabeça a fim de protegê-la, esquivou-se para o lado e chutou o joelho do agressor.

Anawak cambaleou e curvou-se. Vanderbilt transferiu o seu peso. A maior parte das pessoas que conhecera Vanderbilt tinha uma idéia completamente errônea da sua força e agilidade. Notavam apenas sua corpulência. Na realidade, o diretor da CIA passara por todas as escolas de ataque e defesa, e até mesmo com os seus cem quilos conseguia dar uns saltos consideráveis. Tomou impulso, cata-pultou-se pelo ar e enfiou a bota no esterno de Anawak. Anawak caiu de costas. Sua boca abriu-se para um O, mas não saiu som algum. Vanderbilt sabia que o outro ficara sem ar. Inclinou-se sobre ele, pegou Anawak pelos cabelos, puxou-o para cima e afundou o cotovelo no seu plexo solar.

Haveria de bastar por enquanto. Agora de volta a Johanson. Já para o mar com ele, e Anawak em seguida.

Quando se levantou, viu Greywolf vindo em sua direção.

Vanderbilt entrou em posição de ataque. Rapidamente girou em torno do próprio eixo, a perna direita esticada, chutou — e foi jogado para trás.

O que é isso?, pensou, confuso. Com um ataque desses, qualquer um teria caído ou se curvado de dor. Esse gigantesco meio-índio simplesmente continuou correndo. Seus olhos tinham

uma expressão categórica. De repente, Vanderbilt conscientizou-se de que precisaria vencer essa batalha, caso contrário não sobreviveria a ela. Cruzou os braços para amortecer o golpe seguinte, esticou o braço para trás e sentiu a mão ser simplesmente empurrada para o lado. No próximo instante, a mão esquerda de Greywolf enterrou-se no seu queixo duplo. Vanderbilt deu chutes com os pés. Sem pestanejar, o índio empurrou-o em direção à beirada, esticou o braço para trás e bateu.

O campo de visão de Vanderbilt explodiu.

Tudo ficou vermelho. Ouviu seu nariz quebrando. O próximo soco estilhaçou os ossos da bochecha esquerda. Um grito gargarejante escapou-lhe da garganta. Novamente a mão aproximou-se velozmente e enfiou-se entre os maxilares. Dentes lascaram-se. Vanderbilt gritou mais alto agora, de dor e de raiva. Estava fora de si. Estava pendurado sem forças nas garras do gigante e não podia evitar que o seu rosto fosse espancado.

Suas pernas perderam as forças.

Greywolf soltou-o, e Vanderbilt caiu de costas. não viu mais muita coisa, um pedaço do céu, o asfalto cinza da plataforma com as marcações amarelas pintadas, tudo através de um véu de sangue, e ali, muito próximo, a arma. A mão direita tentou pegá-la, alcançou-a, envolveu o cabo. Levantou o braço com força e atirou.

Por um instante reinou o silêncio.

Teria acertado? Apertou o gatilho mais uma vez, mas esse segundo tiro perdeu-se. Seu braço fora dobrado para trás. Rapidamente viu Anawak surgir por cima dele, e então a pistola foi-lhe arrancada da mão, e ele voltou a olhar nos olhos repletos de ódio de Greywolf.

Uma forte dor o invadiu.

O que acontecera? não estava mais de costas, mas de pé. Ou estaria pendurado? Realmente não sabia mais onde era em cima e embaixo. não, estava flutuando. Voando para trás. Reconheceu a plataforma através de uma névoa de sangue. Ali estava a beirada. Por que estava além da beirada? Ela moveu-se por cima da sua cabeça, afastou-se para cima com todas as suas

redes protetoras, e Vanderbilt compreendeu que sua vida acabaria agora.

O frio acertou-o como um choque.

Espuma espirrando. Um verde repleto de espuma, muitas bolhas. Incapaz de se mexer, Vanderbilt afundou. A água do mar lavou-lhe o sangue dos olhos, enquanto seu corpo movia-se para o fundo. Não havia mais navio, nada, apenas um verde sem contornos cada vez mais escuro de onde se aproximava uma sombra.

A sombra foi rápida. Tinha uma boca que se abriu imediatamente à sua frente.

Depois não tinha mais nada.

## **LABORATÓRIO**

— Pelo amor de Deus, o que está fazendo}

— Solte-o.

As palavras ecoaram na cabeça de Weaver a pergunta aterrorizada de Peak e a ordem áspera de Li antes de o laboratório inteiro repentinamente dar um salto e inclinar-se. Ao estouro da explosão seguiu-se um barulho indescritível, quando tudo em volta tombou e quebrou. Weaver levou uma rasteira, e Rubin com ela. Na confusão dos instrumentos e recipientes voando para todos os lados, foram parar, lado a lado, atrás da mesa do laboratório. Um trovão atravessou a sala. Tudo vibrou. Em algum lugar, um vidro estilhaçou num estouro alto. Weaver pensou no laboratório de alta segurança e rezou para que o vidro blindado e as portas hermeticamente fechadas resistissem.

Olhou para a maleta de frasquinhos. Parara imediatamente à frente dos seus pés. Ela a viu, e Rubin também.

Por um instante, cada um deles avaliou suas possibilidades. E então Weaver atirou-se para a frente, mas Rubin fora mais ágil. Conseguiu pegar a maleta, levantou-se num salto e correu para o centro da sala. Weaver esbravejou e foi obrigada a deixar seu abrigo. Independentemente do que acabara de acontecer, de quais seriam as conseqüências, do que Li pretendia — precisava reaver a maleta.

Dois dos soldados estavam deitados no chão. Um não se movia mais, o outro levantava-se naquele momento. O terceiro soldado ficara de pé e mantinha a arma em punho. Li inclinou-se para pegar a arma do homem imóvel, um troço maciço e preto. No instante seguinte mirou em Weaver. Peak estava paralisado ao lado da porta trancada.

— Karen! — gritou. — Pare. Nada lhe acontecerá, pare, pelo amor de Deus!

Sua voz se perdeu nos estampidos da arma. Weaver pulou para trás das mesas de laboratório mais próximas como uma gata. não fazia idéia de com o que Li estava atirando ali, mas a munição destruiu a mesa como se ela fosse de papel. Estilhaços de vidro voaram em volta da sua cabeça, um microscópio de cem quilos caiu no chão ao seu lado. O alarme de bordo misturou-se ao inferno. De repente viu Rubin, que corria novamente em sua direção com os olhos arregalados de medo.

— Mick! — exclamou Li. — Seu idiota! Venha para cá.

Weaver atirou-se para fora do esconderijo. Jogou-se contra o biólogo e arrancou-lhe a maleta de frascos. No mesmo instante o navio estremeceu novamente e a sala inclinou-se. Rubin deslizou pelo chão, bateu numa estante e derrubou-a. Uma onda de tubos de ensaio e vidros derramou-se sobre ele. Ele ( deu um grito e esperneou como um besouro de costas. Do canto do olho, viu Li girar a arma e o terceiro soldado saltar sobre a mesa destruída. Ele também tinha um desses troços pretos imensos e ainda durante o salto puxara-o para cima.

Não tinha para onde fugir. Então deixou-se cair ao lado de Rubin.

—não atire! — ouviu a voz de Li. — É muito...

O soldado atirou. Errou a mira. O feixe penetrou o vidro blindado do simulador de águas e atravessou a janela oval da esquerda para a direita.

De repente, reinou um silêncio enorme. Apenas o alarme emanava o seu ruído, impassível, rangendo em intervalos regulares. Todos ficaram paralisados e fixaram os seus olhares no tanque,

atônitos. Weaver ouviu um único estalo alto. Virou a cabeça e viu a grande placa de vidro ramificar-se em várias rachaduras.

Eram cada vez mais.

— Meu Deus! — gemeu Rubin.

— Mick! — gritou Li. — Venha logo!

— não posso — lamentou-se Rubin. — Minha perna. Estou preso.

— Tanto faz também. não precisamos dele. Fora daqui.

— Mas você não pode... — começou a falar Peak.

— Sal, abra a porta!

Se Peak chegou a responder alguma coisa, não ouviram. Um estouro ensurdecedor foi causado pela destruição da janela de vidro. Toneladas de água do mar atiraram-se contra eles. Weaver começou a correr. Atrás dela, as massas de água invadiam o laboratório e destruíam tudo o que ainda não havia sido destruído.

— Karen! — ouviu Rubin. — Por favor, não me deixe...

Sua voz emudeceu. Tudo estava cheio de espuma. Viu Peak atravessar a porta aberta do laboratório mancando. Li o seguia. Ao sair, sua mão bateu num local ao lado da porta, e, num susto repentino, Weaver entendeu o que isso significava.

Li queria trancá-los.

A onda bateu nas suas costas e jogou-a um pouco para a frente. Caiu com força sobre os joelhos, mas conseguiu levantar-se novamente. Estava encharcada até os ossos, mas continuava segurando a maleta de frasquinhos com força. Ofegante e esforçando-se por não ser puxada para trás pela água, lutou para alcançar a porta que lentamente se fechava, superou os últimos metros num único salto, chocou-se com o batente da porta e foi lançada para a rampa do lado de fora.

## **ELEVADOR EXTERNO**

Greywolf e Anawak ajudaram Johanson a levantar-se. O biólogo estava bastante atordoado, mas consciente.

— Onde está Vanderbilt? — murmurou.

— Foi pescar — disse Greywolf.

Anawak teve a sensação de ter sido atropelado por um trem. Mal conseguia ficar de pé, de tanto que lhe doía o local onde o cotovelo de Vanderbilt o acertara.

— Jack — repetia sem parar. — Meu Deus, Jack. — Greywolf o salvara. Os salvamentos de Greywolf pareciam querer virar tradição. — De onde você surgiu de repente?

— Fui um pouco rude àquela hora—disse Greywolf. — Queria pedir desculpas.

— Rude? Está maluco? não precisa desculpar-se por nada!

— Eu acho bom ele ter sentido vontade de pedir desculpas — gemeu Johanson.

Greywolf deu um sorriso sofrido. Debaixo da pele cor de cobre, seu rosto adotara um tom de cera. O que há com ele?, pensou Anawak. Os ombros de Greywolf curvaram-se para a frente, suas pálpebras tremiam...

De repente, percebeu que a camiseta de Greywolf estava cheia de sangue. Por um instante iludiu-se de que seria de Vanderbilt. E então viu a mancha crescer, e que todo o sangue brotava da barriga de Greywolf. Ele esticou os braços para segurar o gigante, quando um novo trovão ecoou da barriga do Independence. O navio estremeceu. Johanson cambaleou em sua direção. Anawak viu Greywolf tombar para a frente e desaparecer além da beirada.

— Jack!

Ele caiu de joelhos e escorregou até o local onde Greywolf desaparecera. O meio-índio estava pendurado em uma das redes, olhando para cima em sua direção. Abaixo dele, o mar batia.

— Jack, dê-me sua mão.

Greywolf não se mexeu. Apenas permaneceu deitado, os olhos arregalados para Anawak, as mãos pressionadas sobre a barriga. Brotou cada vez mais sangue por entre os seus dedos.

Vanderbilt! Aquele filho-da-puta o acertara.

— Jack, tudo ficará bem. — Palavras como de um filme. — Dê-me sua mão. Eu o puxarei para cima, resolveremos tudo isso.

Johanson surgiu arrastando-se ao seu lado. Deitou-se de barriga e tentou alcançar a rede, mas estava muito abaixo deles.

— Precisa subir de algum jeito — disse Anawak, perdido. E então tomou uma decisão. — não, fique onde está. Descerei até aí. Eu o levantarei, e Sigur ajudará de cima.

— Esqueça — disse Greywolf com esforço.

— Jack... L

— É melhor assim.

— não diga besteira — ordenou Anawak. — não me venha com aquelas merdas do cinema do tipo deixem-me para trás, não se preocupem comigo...

— Leon, meu amigo...

— não! Eu disse não!

Um fio de sangue saiu da boca de Greywolf.

— Leon...

Ele sorriu. De repente, parecia muito relaxado.

E então levantou-se de uma só vez, rolou por cima da beira da rede e despencou nas ondas.

## **LABORATÓRIO**

Rubin não ouvia nem via mais nada. A água do tanque derramara por cima dele. Perguntou-se que diabos estava acontecendo nos últimos segundos. Tudo fugira do controle. E então repentinamente sentiu as massas revoltas de água soltando a estante dos seus pés, e ele conseguiu emergir, já sem fôlego.

Graças a Deus, pensou. Você superou o pior.

A água do simulador não bastaria para uma inundação de verdade. Era muita, mas, assim que tivesse se espalhado pela sala, não passaria de um metro de altura.

Ele esfregou os olhos.

Onde estava Li?

Ao seu lado flutuava o corpo de um dos soldados. Um pouco mais à frente um outro levantava-se da água, perturbado.

Li fora embora.

Ela o deixara para trás.

Perplexo, Rubin permaneceu sentado na água, fitando a porta trancada. Aos poucos sua mente clareou. Precisava sair daqui.

Alguma coisa explodira no navio. Provavelmente já estariam afundando. Se não encontrasse um lugar mais alto nos próximos minutos, teria sérios problemas.

Queria levantar-se, quando tudo à sua volta começou a brilhar.

Raios cortaram a água.

Imediatamente conscientizou-se de que não escapara somente a água do tanque! Tentou levantar-se, escorregou e caiu para trás. A água espirrou. Rubin mergulhou com a cabeça debaixo d'água, remou com as mãos e sentiu uma resistência.

Liso. Móvel.

Raios de luz surgiram diante dos seus olhos, de repente ficou sem ar quando a gelatina começou a cobrir-lhe o rosto. Rubin tentou arrancá-la como um louco, mas era impossível agarrar esse troço. Escorregava, e, quando conseguia pegar com as mãos, imediatamente mudava de forma ou simplesmente se desfazia, e mais gosma se seguia.

Não, pensou. não, não!

Abriu a boca e sentiu o troço arrastar-se para dentro. Isso o tirou completamente do sério. Um tentáculo fino rastejou-se esôfago abaixo, outros penetraram as suas narinas. Sentiu ânsia, bateu à sua volta, empinou-se, e, de repente, seus ouvidos começaram a doer. Era uma dor terrível, como se um torturador impiedoso estivesse enfiando-lhe facas, e um último pensamento claro lhe disse que a substância gelatinosa estava a caminho do seu crânio.

Se o organismo examinava cérebros humanos por pura curiosidade ou por uma atitude consciente, se há milhões de anos costumava entrar em tudo que lhe parecesse examinável — Rubin pensara incessantemente sobre tudo isso desde o acidente no convés-doca.

Agora já não pensava em mais nada.

## **GREYWOLF**

Que paz. Que silêncio.

Vanderbilt tivera outra sensação. Ele sentira medo. Sua morte fora terrível, exatamente como deveria ser. Sem medo, entretanto, era algo completamente diferente.

Greywolf estava afundando.

Prendeu a respiração. Apesar das dores terríveis na barriga, queria prender o ar o quanto pudesse. Não por acreditar que dessa forma prolongaria a vida. Era uma última atitude da vontade, uma atitude do controle. Ele determinaria o momento em que a água penetraria os seus pulmões.

Licia estava lá embaixo. Tudo que sempre quis estava debaixo d'água. Na verdade, ele finalmente traçar esse caminho era pura consequência. Estava mais do que na hora.

Se tiver sido uma boa pessoa em vida, um dia renascerá como orca.

Viu uma sombra preta passar por cima de si. Outra se seguiu. Os animais não lhe deram atenção. Exatamente, pensou Greywolf. Eu sou seu amigo. Vocês me deixarão em paz. Naturalmente sabia que o motivo era muito mais profano, que os animais simplesmente não o viram. Essas orcas não eram amigas de ninguém. Há muito tempo já não eram mais elas mesmas, mas eram usadas por uma raça não menos escrupulosa do que o homem.

Mas isso também se resolveria. Um dia. E o lobo cinza se transformaria numa orca.

Poderia haver mais belo último pensamento?

Ele expirou.

## **PEAK**

— Você enlouqueceu completamente?

A voz de Peak ecoou nas paredes da rampa. Li corria à sua frente. Ele tentava ignorar a dor latejante no tornozelo e acompanhá-la. Ela jogara a metralhadora fora e segurava a pistola.

— não encha o saco, Sal.

Li andou em direção à próxima rampa. Subiram para o próximo nível um após o outro. Daqui saía o corredor para a ala

secreta. Da barriga do navio ressoava um gemido e estrondo irritante. E então houve uma nova explosão. O chão estremeceu fortemente e inclinou-se, forçando-os a parar por um instante. Possivelmente algumas comportas não resistiram mais à pressão da água. O Independence já estava bastante inclinado, e precisaram correr o corredor acima. Homens e mulheres corriam da sala de controle em sua direção. Arregalavam olhos para Li na expectativa de ordens, mas a comandante simplesmente continuou andando.

— não encher o saco? — Peak cortou-lhe o caminho. Sentiu o horror dar espaço ao puro ódio. — Você atira nas pessoas sem pensar. Outra, você ordena que matem. Que diabos é isso? Isso passou dos limites! Jamais foi planejado ou conversado!

Li olhou para ele. Seu rosto estava absolutamente tranqüilo, mas os olhos azuis fulminavam. Nunca antes Peak vira essa expressão fuzilante neles. De repente, compreendeu que essa soldada altamente culta e inúmeras vezes condecorada estava com um parafuso solto.

— Foi conversado com Vanderbilt — disse Li.

— Com a CIA?

— Com Vanderbilt da CIA.

— Meteu-se numa loucura dessas com esse safado? — Peak apertou os lábios, contrariado. — Me dá nojo, Jude. Devíamos ajudar a evacuar o navio.

— Além do mais, estava combinado com o presidente dos Estados Unidos — acrescentou Li.

— Nunca!

— Mais ou menos.

— não desta forma! não acredito nisso!

— Ele aprovaria. — Ela passou por ele. — Agora saia de uma vez da minha frente. Estamos perdendo tempo.

Peak correu atrás dela.

— Essas pessoas não lhe fizeram nada. Arriscaram suas vidas. Estão lutando pela mesma coisa que nós! Por que não as prendemos simplesmente?

— Quem não está do meu lado é contra mim. Ainda não percebeu isso, Sal?

— Johanson não era contra você.

— Era, sim, desde o início. — Virou-se rapidamente e olhou para cima, em sua direção. — Você é cego, burro ou o quê? não vê o que pode acontecer se os Estados Unidos não vencerem esta batalha? Qualquer um que a ganhe no mesmo instante nos derrotaria.

— Mas não se trata dos Estados Unidos! Trata-se do mundo inteiro.

— O mundo são os Estados Unidos!

Peak arregalou os olhos para ela.

— Você é maluca — sussurrou.

— não, sou realista, seu preto burro. E você faz o que eu mandar. Está sob o meu comando! — Li voltou a andar. — Agora venha. Temos uma missão a cumprir. Preciso descer com esse submersível antes que o navio inteiro exploda. Ajude-me a encontrar o veneno de Rubin; depois, por mim, está liberado.

## **RAMPA**

Por um instante Weaver ficou na dúvida para onde deveria ir, quando ouviu vozes do outro lado da rampa. Li e Peak haviam desaparecido. Provavelmente estariam a caminho do laboratório secreto de Rubin em busca do veneno. Correu até a esquina e viu Anawak e Johanson descerem a rampa, um apoiado no outro.

— Leon! — exclamou. — Sigur!

Correu em sua direção e abraçou os dois. Foi preciso abrir bastante os braços, mas sentia uma grande vontade de abraçar os dois homens. Especialmente um deles. Aparentemente, exagerou, porque Johanson gemeu.

Ela recuou.

— Desculpe...

— São apenas os ossos. — Ele limpou o sangue da barba. — O espírito é forte, e por aí fora. O que aconteceu?

— O que aconteceu com vocês?

O chão estremeceu sob os seus pés. Um longo chiado ressoou do casco do Independence. O chão inclinou-se um pouco

mais em direção à proa.

Trocaram informações rapidamente. Anawak ficou visivelmente transtornado com a morte de Greywolf.

— Vocês têm alguma idéia do que aconteceu com o navio?  
— perguntou.

— não, mas temo que não podemos perder tempo com isso agora. — Weaver olhou à sua volta, afoita. — Acredito que tenhamos que resolver duas coisas ao mesmo tempo. Impedir o mergulho de Li e pôr-nos em segurança de algum jeito.

— Acha que ela irá executar o seu plano?

— Claro que sim — rosnou Johanson. Ele jogou a cabeça para trás. Um barulho ressoou do convés de vôo lá em cima. Ouviram os estalos dos rotores. — Estão percebendo? Os ratos estão deixando o navio.

— O que há com Li? — Anawak balançou a cabeça, perplexo. — Por que matou Sue?

— Queria me matar também. Li matará todos que estiverem atrapalhando. Jamais esteve interessada numa solução pacífica.

— Mas com que propósito?

— Tanto faz — disse Johanson. — Seu planejamento cronológico deve ter ficado bastante apertado. Alguém precisa detê-la. Ela não pode levar esse troço lá para baixo.

— Correto. Em compensação, levaremos isto daqui para baixo.

Só agora Johanson parecia ver a maleta nas mãos de Weaver. Ele arregalou os olhos.

— São os extratos de ferormônio?

— São. O legado de Sue.

— Tudo bem, mas do que isso nos adianta agora?

— Bem, tenho uma idéia. — Ela hesitou. — não sei se vai funcionar. Pensei nisto ontem, mas não me pareceu realmente realizável. Mas agora muitas coisas mudaram.

Ela explicou-lhes.

— Parece interessante — disse Anawak. — Mas precisamos ser muito ágeis. Na realidade, restam-nos apenas alguns minutos.

Assim que esta canoa afundar, devíamos estar em algum lugar a seco.

— Acima de tudo não sei como poderemos fazer — confessou Weaver.

— Mas eu sei. — Anawak apontou para a rampa. — Precisamos de uma dúzia de injeções subcutâneas. Eu me encarrego disso. Vocês descerão e prepararão o submersível. — Ele refletiu. — E precisamos... Espere! Você acha que no laboratório encontra alguém...?

— Sim. Encontro. Onde pretende arrumar injeções?

— No hospital.

Acima deles, o barulho aumentou. Viram um helicóptero surgir na passagem para o elevador a bombordo e sobrevoar as ondas. O aço do convés do hangar rangeu. Todo o navio começou a se deformar.

— Seja rápido — disse Weaver.

Anawak olhou-a nos olhos. Por um instante ficaram presos um ao outro. Diabos, pensou Weaver, por que só agora?

— Pode ter certeza — disse ele.

## **EVACUAÇÃO**

Ao contrário da maioria das pessoas no Independence, Crowe sabia muito bem o que acontecera. As câmeras do casco haviam transmitido a subida da esfera brilhante aos monitores. A bola era de gelatina, isso era certo, e, quando explodira, o gás em seu interior se expandira. Provavelmente gás de metano. No meio das bolhas turbulentas acreditara ter identificado um contorno que lhe parecia familiar

fora um submersível que se atirara contra o Independence. Um Deepflight cheio de torpedos.

Logo após a explosão, o navio transformara-se num inferno. Shankar batera com a cabeça no console e sangrava muito. Crowe ajudara-o a levantar-se, e então soldados e técnicos vieram correndo ao CIC e levaram-nos para fora. O sinal pausado e rouco do alarme empurrava-os para a frente. As escadarias entre os

conveses estavam tumultuadas de pessoas, mas por enquanto a tripulação do Independence parecia ter controle sobre a situação. Um oficial recebeu-os e correu com eles até uma escada na popa que levava para cima.

— Atravessem a ilha para o lado de fora, no convés de vôo — disse. — não parem. Aguardem instruções.

Crowe empurrou Shankar, que estava atordoado, escada acima. Ela era pequena e delicada e Shankar, grande e pesado, mas ela juntou toda a sua força.

— Mexa-se, Murray! — disse, ofegante.

As mãos de Shankar agarraram-se trêmulas ao corrimão. Ele puxou-se para cima com grande esforço.

— Imaginei que o contato seria diferente — tossiu.

— Você assistiu aos filmes errados.

Sentia falta de um cigarro para acalmá-la agora. Aflita, lembrou-se do que havia acendido segundos antes da explosão. Estava aceso no CIC. Que desperdício. O que daria por um cigarro! Fumar mais um antes de todos aqui baterem as botas. Algo lhe dizia que as suas chances de sobreviver não eram muito grandes.

Não, pensou. Tolicice! não dependemos de barcos de salvamento.

Temos os helicópteros!

Sentiu um grande alívio. Shankar alcançara o último degrau da escada. Várias mãos estenderam-se em sua direção. Crowe o seguiu e perguntou-se se não estavam vivenciando exatamente a forma de contato na qual os humanos eram tão versados — agressiva, desumana, mortal.

Os soldados puxaram-na para dentro da ilha.

Ei, Miss Alien, pensou ela. Continua fascinada com a possibilidade de vida inteligente no espaço?

— Você tem um cigarro? — perguntou a um dos soldados. O homem arregalou os olhos para ela.

— Está maluca? Trate de sair daqui!

## **BUCHANAN**

Buchanan estava na ponte com o segundo-oficial e o timoneiro, recebendo informações continuamente e dando instruções. Mantinha-se calmo e prudente. Ao que parecia, a explosão destruíra parte dos depósitos e da sala de máquinas.

Os depósitos não teriam sido um grande problema, mas na sala de máquinas aparentemente iniciara-se uma reação em cadeia nos sistemas de combustível e de líquidos que resultaram em outras explosões. Um a um, todos os sistemas caíram. A eletricidade do navio era provida de uma série de agregados elétricos movidos a motor. Além das duas turbinas de gás LM-2500, a energia do Independence era gerada por seis geradores eletrônicos a diesel que naquele momento despediam-se um após outro. Provavelmente não restava mais vida alguma no fundo das catacumbas debaixo dos conveses de veículos e de carga. No instante em que dera ordem para fechar as comportas, Buchanan entregara a tripulação das máquinas à morte, mas agora já não podia mais se dar ao luxo de ficar pensando nisso. Precisavam evacuar o navio. não arriscava dizer durante quanto tempo ainda manteria uma certa estabilidade. O choque fora no meio do navio. Mesmo assim, não puderam evitar a inundação de alguns depósitos mais próximo à proa, e o Independence começou a inclinar-se para a frente.

Havia água demais no casco. Sob grande pressão, ela procuraria seu caminho para a ponta da proa e quebraria as comportas para os níveis superiores. Caso as comportas da popa também cedessem, o navio inteiro poderia ser inundado.

Buchanan sabia que isso aconteceria. Apenas perguntava-se quando. A superação desta crise dependia unicamente dele e da sua capacidade de avaliar corretamente. No momento, calculava que os próximos atingidos seriam o convés de veículos e de carga debaixo do laboratório e parte das cabines vizinhas. O único consolo nisso tudo era o fato de não ter nenhum fuzileiro a bordo. Numa situação de guerra, precisaria retirar aproximadamente três mil pessoas de bordo. Agora não chegavam a 180, e todos estavam nos níveis superiores.

Alguns dos monitores que transmitiam o Big Picture do CIC para a ponte haviam falhado. Diretamente acima da cabeça de Buchanan estava o telefone vermelho secreto que, em situações de emergência, ligava-o diretamente ao Pentágono. Seu olhar percorreu os aparelhos de comunicação, instrumentos e cartas de navegação dispostos de forma prática e lógica. Nada disso o ajudaria agora.

Troços inúteis.

No teto, a equipe de pouso estava agitada. As pessoas estavam sendo levadas da ilha para o convés de vôo e guiadas para os helicópteros disponíveis que aguardavam com os rotores ligados, tudo em passos ligeiros. Buchanan falou rapidamente com a central de vôo e voltou a olhar para fora através das janelas verdes da ponte. Um helicóptero já decolara e afastava-se rapidamente do navio. não podia ser suficientemente rápido. Caso a proa continuasse inclinando, o convés de vôo se transformaria num escorrega. As aeronaves estavam bem fixadas, contudo a certa altura a situação ficaria crítica.

## **NÍVEL 03**

Anawak não encontrou muitas pessoas. Temia topar com Li e Peak, mas aparentemente os dois haviam ido para a direção oposta. Sem fôlego e com o tórax dolorido, correu ao longo do corredor que levava à enfermaria.

O hospital estava abandonado. Nenhum sinal de Angeli e sua equipe. Atravessou diversos quartos cheios de leitos antes de finalmente encontrar uma sala com equipamentos médicos. Ali parecia ter ocorrido um terremoto. Os armários estavam abertos, e o chão, cheio de cacos que rangiam sob os seus pés. Abriu todas as gavetas e procurou nas prateleiras repletas de destroços sem achar sequer uma injeção.

Onde estavam as malditas injeções?

Onde ficavam normalmente, quando se ia ao médico? Sempre numas gavetas. Isso ele sabia exatamente. Em pequenos armários brancos com muitas gavetas.

Ouviu rumores lá no fundo. Um gemido vazio subiu em sua direção. O aço estava entortando.

Anawak correu para a sala em frente. Ali, muitas coisas também quebraram, mas alguns dos pequenos armários brancos pareciam ser embutidos. Ele os abriu, olhou dentro de todos, jogou o seu conteúdo para trás de si sem o menor cuidado e, no último, finalmente encontrou o que estava procurando. Rapidamente pegou uma dúzia das injeções descartáveis e guardou-as no casaco. Agora precisava voltar o mais rápido possível.

Que idéia mais louca.

Ou Karen tinha razão, e então era um plano genial, ou ela fazia uma idéia completamente errada da realidade. Por um lado seria plausível, uma vez que a sua sugestão parecia ao mesmo tempo irrealizável e ingênua, especialmente se comparada às mensagens complexas que Crowe enviara para o fundo do mar. Por outro lado...

Crowe? Aliás, onde estava ela?

Samantha Crowe, que aparecera no seu sonho há muito tempo e apontara-lhe o caminho para Nunavut.

Um baita cloc ressoou nos seus ouvidos, como se um sino tivesse estourado. O piso continuava inclinando-se. Um rumor oco penetrou do fundo do navio no seu ouvido. Água!

Anawak perguntou-se se ainda lhe restaria tempo para sair dali. Depois não se perguntou mais nada e saiu correndo.

## **LABORATÓRIO**

Weaver não sabia o que a aguardava. Sentiu um frio na barriga só de pensar em abrir novamente a porta para o laboratório. Mas, se quisesse colocar o seu plano em prática, o laboratório era a sua única chance.

O chão estremeceu. Zumbia e gargarejava imediatamente sob seus pés. Johanson encostou-se ao seu lado, respirando com dificuldade.

— Ande logo — disse ele.

Weaver viu o símbolo vermelho Emergency piscar acima do teclado. Ao sair, Li de fato ainda conseguira acionar a tranca de emergência e isolar hermeticamente o laboratório. Ela teclou o código de números, e a porta abriu-se. A água correu em sua direção e envolveu suas pernas. Escorria da sala claramente iluminada, mas, em vez de correr rampa abaixo, juntou-se lhe em volta dos tornozelos e subiu. De repente, Weaver também entendeu o porquê. O Independence estava tão inclinado, que não tinha como escorrer para o convés-doca. Possivelmente este trecho da rampa já se transformara em piso horizontal devido à inclinação.

Ela recuou.

— Precisamos ser cuidadosos — disse. — O troço pode ter saído. Johanson deu uma olhada para o lado de dentro. Imediatamente ao lado do tanque viu dois corpos flutuando sem vida. Cuidadosamente caminhou para dentro da grande sala, enfrentando a força da água que escorria. Weaver seguiu-o. Logo olhou para os contêineres do laboratório de alta segurança, mas aparentemente estavam ilesos. Sentiu-se aliviada. O que menos precisavam agora era uma contaminação com as Pfiesteria.

Em direção à popa, o chão emergia suavemente da água. Em compensação, do lado oposto havia muita água.

— Estão todos mortos — sussurrou Weaver. Johanson apertou os olhos.

— Ali!

Próximo ao soldado flutuava mais um corpo.

Era Rubin.

Weaver engoliu a repulsa e o medo.

— Precisamos de um deles — disse. — Tanto faz qual.

— Para isso devemos entrar mais.

— É. não há como evitar. Começou a andar.

— Karen, cuidado!

Era Johanson. Ela quis se virar quando alguma coisa bateu nela por trás. Seus pés perderam o equilíbrio. Com um grito, foi parar na água, emergiu cuspidando e virou-se de costas.

Um dos soldados estava de pé ali, apontando uma grande arma preta para ela e Johanson.

— Oh, não — disse ele, esticando as palavras. — Oooh, não. Seu olhar refletia um misto de pavor e princípio de loucura. Weaver levantou-se lentamente e ergueu as mãos para ele poder ver as suas palmas.

— Oh, não — repetiu o homem.

Era bastante jovem. Weaver calculou que teria 19 anos. A arma tremia nas suas mãos. Ele deu um passo para trás e alternou o olhar entre ela e Johanson.

— Ei — disse Johanson. — Queremos ajudá-lo.

— Vocês nos trancaram — disse o soldado em tom de voz choroso, como se estivesse prestes a gritar.

— não fomos nós — disse Weaver.

— Vocês nos deixaram sozinhos com... com este...

Era só o que faltava. O Independence estava afundando, precisavam conter Li, dar um jeito de alcançar um morto para realizar o plano e agora ainda se depararam com esse garoto em pânico.

— Qual o seu nome? — perguntou Johanson repentinamente.

— O quê? — Os olhos do soldado chamejavam. E então levantou a arma e apontou-a para Johanson.

— não! — gritou Weaver.

Johanson levantou a mão, sinalizando que estava tudo em ordem. Olhou para o cano da arma e baixou o tom de voz.

— Por favor, diga-nos o seu nome. O soldado hesitou.

— É importante que saibamos o seu nome — repetiu Johanson no tom de voz do gentil senhor padre.

— MacMillan. Eu sou... chamo-me MacMillan.

Aos poucos, Weaver começou a entender o que Johanson pretendia. O primeiro passo para trazer alguém de volta à normalidade era ajudar a lembrar-se de quem era.

— Está bem, MacMillan, muito bem. Escute, precisamos da sua ajuda. Este navio está afundando. Precisamos fazer um experimento que poderia salvar a todos nós...

— Todos nós?

; — Você tem família, MacMillan?

— Por que quer saber isso?

— Onde sua família mora?

— Boston. — O semblante do rapaz contraiu-se. Ele começou a chorar.

Mas Boston foi...

— Eu sei — disse Johanson com veemência. — Escute, ainda podemos fazer uma coisa para consertar tudo. Inclusive em Boston. Mas para isso precisamos da sua ajuda. Precisamos dela agora! Cada segundo que perdermos pode significar a última chance da sua família.

— Por favor — disse Weaver. — Ajude-nos.

O olhar do soldado continuou alternando entre ela e Johanson. Ele fungou alto. E então abaixou a arma.

— Irão nos tirar daqui? — perguntou.

— Sim. — Weaver acenou a cabeça. — Promessa.

Meu Deus, o que está dizendo, pensou. Vocês não pode prometer nada. Absolutamente nada.

O laboratório secreto estava surpreendentemente intacto. Ficava acima do laboratório regular. O chão estava coberto de estilhaços, mas, fora isso, tudo parecia estar no seu lugar.

Alguns monitores estavam ligados.

— Onde será que ele pôs os tubos? — pensou Li.

Enfiou a arma de volta no coldre e olhou em volta. Não havia ninguém na sala. Esperava ver o brilho azul no pequeno tanque de alta pressão, mas então se lembrou de que Rubin mencionara ter testado o veneno com sucesso. Olhou por um dos pequenos visores. Nada. Nenhum organismo, nenhum brilho.

Peak andou entre as mesas de laboratório e os armários.

— Aqui — exclamou.

Li correu em sua direção. Uma estante caíra. Havia vários tubos estreitos em forma de torpedo embaralhados, cada um com aproximadamente um metro de comprimento. Pegaram os tubos, um a um. Dois eram bem mais pesados que o restante e, subitamente, Li também viu as marcações. Rubin as havia escrito nas laterais com caneta à prova d'água.

— Sal — disse, fascinada. — Estamos segurando a nova ordem mundial nas mãos.

— Que bom. — Peak olhou em volta, nervoso. Um tubo de ensaio rolou de uma mesa e quebrou num tinido baixinho. O alarme continuava ribombando pelo navio. — Então vamos levar a nova ordem mundial para fora daqui o mais rápido possível.

Li riu alto. Estendeu um dos tubos para Peak, pegou o outro e correu para o corredor do lado de fora do laboratório.

— Dentro de cinco minutos nos livraremos dessa arrogância da gênese, Sal, disse você pode ter certeza!

— Com quem pretende descer? Acredita que Mick ainda esteja vivo?

— Que se dane se ele está vivo.

— Eu poderia acompanhá-la.

— Obrigado, Sal, muita generosidade da sua parte. O que pretende fazer? Encher os meus ouvidos lá embaixo por eu estar cogitando matar uma gosma azul?

— Isso é diferente, e você sabe muito bem! Há uma droga de diferença entre...

Alcançaram a escada. Do outro lado, alguém se aproximava. Corria em sua direção, a cabeça abaixada.

— Leon!

Anawak ergueu o olhar, reconheceu-os e parou abruptamente. Estavam muito próximo uns aos outros, separados apenas pela escada.

— Jude. Sal. — Anawak fitou-os. — Que coisa.

Que coisa? Ridículo! O homem era péssimo para disfarçar. No primeiro contato com o seu olhar, Li sabia que Anawak estava a par de tudo.

— De onde está vindo? — perguntou ela.

— Eu... queria procurar os outros e...

Não importava o quanto sabia. não tinham tempo a perder. Talvez realmente estivesse apenas procurando os seus amigos, talvez tivesse um plano. não fazia diferença. Anawak estava no seu caminho.

Li puxou a arma.

## CONVÉS DE VÔO

Ao correrem para o teto, Crowe estava logo atrás de Shankar, mas então alguém a segurou para trás.

— Espere — disse um uniformizado.

— Mas eu preciso...

— Irá no próximo grupo.

Nesse meio tempo, dois dos Super Stallions haviam decolado do teto. Dois outros aguardavam do outro lado da ilha. Estavam estacionados, um imediatamente atrás do outro. Shankar virou-se para ela enquanto corria com soldados e civis em direção a um dos helicópteros. A gigantesca pista de vôo inclinava-se cada vez mais. Era tão grande que dava a impressão de o mar remexido e coberto de espuma ter adernado, não o navio.

— Nos vemos mais tarde! — gritou Shankar. — Você sairá com o próximo pássaro.

Crowe observou-o subir correndo a rampa que levava para dentro do Super Stallion por debaixo de sua cauda. Um vento gelado bateu-lhe na cara. Ao que parecia, a evacuação transcorria com certa ordem. Tudo bem. Precisaria ser um pouco paciente.

Seu olhar vagueou por todos os lados. Onde estariam os outros? Leon, Sigur, Karen...

Já teriam deixado o navio?

Um pensamento inquietante. A porta fechou-se atrás de Shankar. Os rotores começaram a girar mais rapidamente.

## CASCO

Aproximadamente trinta metros debaixo do convés de vôo, a água do mar que invadira o navio pressionava as escotilhas dos depósitos da proa e dos alojamentos inferiores da tripulação.

As escotilhas suportaram a pressão.

Um torpedo flutuava na água. Durante a explosão do submersível, fora detonado sem explodir. Esses casos eram raros, mas ocorriam. Em um dos depósitos inundados, o torpedo afundara

até uma passarela que — parcialmente arrancada de suas fixações — vagava pela escuridão. Ele rolava suavemente de um lado da passarela para o outro, escorregando pouco a pouco para a frente, acompanhando a inclinação do navio.

As escotilhas resistiram, mas a passarela chiava e gemia com a pressão. Onde ela continuava presa, as escoras entortavam-se com a alta tensão. Surgiram algumas fissuras finas no aço da parede. Lentamente, um dos grandes parafusos soltou-se da fixação e puxou a rosca para fora...

Com um estouro, estava fora.

A tensão descarregou-se. A grade foi atirada para cima, outros parafusos voaram para fora, a parede implodiu. O torpedo foi acertado por um golpe que o lançou para o alto, em direção a um ponto onde tudo se encontrava, depósitos da proa, salas de reuniões dos fuzileiros de um lado e, do outro, o convés de veículos desativado logo abaixo do laboratório.

Era uma das juntas mais sensíveis do navio. A carga de explosivos fez a sua parte.

## **NÍVEL 03**

—Não — disse Peak.

Deixou o invólucro do torpedo cair e apontou a sua arma para Li.

—não fará isso.

— Li não se mexeu. Sua arma apontava para Anawak.

— Sal, aos poucos a sua renitência está me cansando — chiou. — Veja se não se comporta como um idiota.

— Abaixе a arma.

— Diabos, Sal! Eu o levarei ao tribunal de guerra, eu...

— Contarei até três e atirarei, Jude. Eu juro. não matará mais ninguém. Abaixе a arma. Um... dois...

Li expirou fortemente e abaixou o braço com a arma.

— Está bem, Sal. Está bem.

— Deixe cair.

— Por que não conversamos e...

— Deixe cair!

Uma expressão de ódio indescritível invadiu os olhos de Li. A arma despencou no chão. i?

Anawak olhou rapidamente para Peak.

— Obrigado — disse. Com um único salto, alcançou a escada e desapareceu nela. Li ouviu-o correr lá embaixo. Os passos se afastaram. Ela esbravejou.

— Comandante-geral Judith Li — disse Peak formalmente. — Eu a afasto do seu comando pela sua falta de responsabilidade sobre os seus atos. A partir de agora está sob as minhas ordens. Você pode...

Sentiram um solavanco terrível. Barulhos assustadores emergiram do fundo. O navio caiu para a frente como um elevador em queda, e Peak perdeu o equilíbrio. Caiu com força, rolou e voltou a ficar de pé.

Onde estava a arma? Onde estava Li?

— Sal! Ele virou-se. Li estava ajoelhada à sua frente, com a arma apontada para ele. Peak ficou paralisado.

— Jude. — Ele balançou a cabeça. — Entenda...

— Idiota — disse Li e apertou o gatilho.

## **CONVÉS DE VÔO**

Crowe balançou. O convés inclinou-se ainda mais. Com os rotores ligados o Super Stallion deslizou em direção ao helicóptero estacionado à sua frente. Decolou rugindo, tentando ganhar altura e voar por cima do outro helicóptero.

Crowe ficou atônita.

Não, pensou. É impossível. não pode ser. não tão pouco antes do salvamento

Ouviu gritos à sua volta. Algumas pessoas tombaram, outras afastaram-se correndo. Ela foi puxada para baixo e caiu no chão. Deitada, viu o Super Stallion subir por cima do helicóptero estacionado, um dos canhões laterais encostar no esqui da outra aeronave e ficar preso, e o colosso no ar começar a girar.

O Stallion perdeu o controle.

Ela deu um salto. Em pânico, começou a correr.

## PONTE

Buchanan não acreditou no que estava vendo.

Ele fora lançado repentinamente contra a sua cadeira, contra essa maravilhosa cadeira de chete, com seus confortáveis braços e o apoio para os pés, pela qual todos o invejavam, uma mistura de banquinho de bar, cadeira de escritório e a cadeira de comando do Captain Kirk que não servia para nada mais além de abrir uma ferida sangrenta na cabeça. Tudo voou para todos os lados na ponte. Buchanan conseguiu levantar-se e caiu contra as janelas laterais, em tempo de ver o Super Stallion girar e virar lentamente de lado.

O troço estava preso!

— Fora daqui! — gritou.

A aeronave continuou se virando. A sua volta, os tripulantes da ponte começaram a correr, tentavam proteger-se em vão, enquanto Buchanan não conseguia fazer nada além de ver o helicóptero preso tombar cada vez mais para o lado.

De repente, soltou-se e subiu.

Buchanan estava ofegante. Por um instante o piloto parecia ter retomado o controle. E então reconheceu que a inclinação estava forte demais. A cauda do helicóptero de trinta metros de comprimento apontou para o alto, os motores rugiram ainda mais alto, e então o Super Stallion atirou-se em sua direção, os rotores à frente.

Buchanan pôs as mãos em frente ao rosto e recuou.

Era ridículo. Poderia perfeitamente também abrir os braços e dar as boas-vindas ao seu fim.

Mais de 33 toneladas de peso de combate, abastecidos com nove mil litros de combustível, chocaram-se com a ponte e imediatamente transformaram a parte anterior da ilha num inferno em chamas. Todas as janelas estilhaçaram. Uma esteira de fogo atirou-se chiando através da estrutura, queimou a mobília e explodiu as telas, detonou as escotilhas de suas fixações, alcançou

os que fugiam pelas escadas, transformando-os em cinzas, e propagou-se pelos corredores no interior da ilha.

## **CONVÉS DE VÔO**

Crowe corria pela sua vida.

Destroços em chamas caíram ao seu lado. Ela correu em direção à popa do Independence. Nesse meio tempo, o navio já se inclinara tanto que precisou correr para o alto, o que a deixou bastante ofegante

nos últimos anos, seus pulmões haviam recebido mais nicotina do que ar puro.

Na realidade, sempre acreditou que um dia morreria de câncer nos pulmões.

Ela tropeçou e deslizou por cima do asfalto. Ao levantar-se, viu toda a parte dianteira da ilha tomada por chamas ardentes. O segundo helicóptero também pegara fogo. Pessoas corriam como tochas vivas pelo convés até desmaiarem. A visão era aterrorizante, e a certeza de que dificilmente sobreviveria ao afundamento do Independence, mais aterrorizante ainda.

Fortes detonações fizeram bolas de fogo subir acima da ilha. O fogo gritava e bramava. A isso tudo misturou-se um forte estouro, e imediatamente em frente aos pés de Crowe caiu uma chuva de faíscas.

Shankar morreria neste inferno.

Ela não queria morrer assim.

Deu um salto, correu em direção à popa, sem fazer a menor idéia do que a aguardava ali.

## **NÍVEL 03**

Li esbravejou.

Prendera um dos torpedos debaixo do braço, mas o outro rolara para algum lugar. Caíra na escadaria ou rolara corredor abaixo em direção à proa. Peak, aquele maldito filho-da-puta! Ela passou por cima do defunto, enquanto pensava se um torpedo

cheio de veneno seria suficiente. Nesse caso, porém, teria apenas uma chance. Talvez esse único falhasse, talvez não se abrisse para liberar o veneno na água. Em todo caso, era melhor ter dois.

Olhou para o corredor com esforço.

De repente, ouviu um forte estrondo acima de si. Dessa vez, o navio estremeceu ainda mais. Ela caiu e escorregou de costas corredor abaixo. O que era isso agora? O navio estava explodindo! Precisava sair daqui. Não se tratava mais apenas da missão, o Deepflight também salvaria a sua vida.

O torpedo escapou-lhe.

— Merda!

Ela tentou pegá-lo, mas ele passou pulando por ela. Se esses troços estivessem cheios de explosivos, teriam estourado no mais tardar agora. Contudo continham apenas líquido. Nenhum explosivo, mas líquido, o bastante para apagar uma raça inteligente.

Ela afastou os braços e as pernas e tentou fincar-se em algum lugar. Após alguns segundos, acalmou-se. Todo o seu corpo doía, como se alguém tivesse batido nele com barras de ferro. Talvez não desse para perceber que estava chegando aos cinquenta, mas no momento sentia-se como se tivesse cem anos. Levantou-se apoiada na parede e olhou em volta.

O segundo torpedo também desaparecera.

Sentiu vontade de gritar.

Os ruídos vindos do fundo, causados pela água que continuava penetrando, pareciam inquietantemente próximo. Não levaria mais muito tempo. De cima vinha um barulho fervilhante.

É calor.

Ela hesitou. Realmente. Ficara mais quente.

Precisava reencontrar os torpedos.

Decidida, empurrou-se da parede e começou a procurar.

## **LABORATÓRIO**

MacMillan, o soldado, estava imediatamente atrás deles, a arma em punho, quando o choque fez o laboratório estremecer.

Todos caíram na água. Quando Weaver conseguiu levantar-se, houve um estrondo terrível acima deles, como se alguma coisa grande estivesse explodido.

E então a luz se apagou.

De um segundo para o outro, Weaver via apenas a escuridão absoluta.

— Sigur? — chamou.

-.? Nenhuma resposta.

— MacMillan?

— Estou aqui.

Sentiu o fundo sob os pés. A água batia-lhe no peito. Diabos, agora isso! Já haviam quase alcançado um dos soldados mortos.

Algo tocou-lhe suavemente o ombro. Ela tentou pegar. Uma bota. Estava segurando uma bota e tinha uma perna dentro.

— Karen?

A voz de Johanson, bem próximo. Aos poucos, seus olhos acostumaram-se à escuridão. No momento seguinte, a luz de emergência vermelha acendeu-se e conferiu ao laboratório a atmosfera do portal do inferno. Imediatamente ao seu lado viu a sombra da cabeça e dos ombros de Johanson emergirem da água.

— Venha até aqui — exclamou ela. — Ajude-me.

O estrondo e o bramido abafado não vinham mais apenas de baixo, mas também de cima. O que estaria acontecendo ali? De repente teve a impressão de estar ficando mais quente no laboratório. Johanson surgiu ao seu lado.

— Quem é?

— Tanto faz. Ajude-me a pegar.

— Precisamos sair daqui — disse MacMillan, ofegante. —

Rápido.

— Sim, já vamos, nós...

— Rápido!

Weaver olhou para um local mais distante na água.

Um brilho fraco e azul.

Um raio de luz.

Segurou o pé do morto com mais força e atravessou a água em direção à porta. Johanson pegara o braço do homem. Ou seria uma mulher? Teriam pego Oliviera? Weaver torceu para que não estivessem puxando a pobre Sue consigo. Seguiu adiante, pisou em algo que escorregou para o lado, e sua cabeça afundou na água.

Arregalou os olhos na escuridão.

Alguma coisa serpenteou em sua direção.

Aproximava-se rapidamente e lembrava uma longa enguia brilhante. não, não uma enguia. Mais um gigantesco verme sem cabeça. E havia mais desses troços ali.

Ela emergiu.

— Fora daqui.

Johanson puxava do outro lado. Debaixo da superfície d'água viam-se os tentáculos brilhantes se espalhando, agora eram, no mínimo, uma dúzia. MacMillan levantou a arma. Weaver sentiu algo passar pelos seus tornozelos e, repentinamente, puxá-los.

No próximo instante, vários dos troços envolveram-na e subiram pelo seu corpo. Ela tentou arrancá-los. Johanson deu um salto em sua direção e enfiou os dedos entre os tentáculos e o seu corpo, mas era como se ela estivesse sendo estrangulada por uma sucuri.

A criatura estava puxando-a.

A criatura? Estava lutando contra bilhões de criaturas. Bilhões de unicelulares.

— não consigo soltá-la — disse Johanson ofegante.

A substância gelatinosa rastejou sobre o seu peito e ao longo do seu pescoço. Weaver afundou novamente na água que agora brilhava cada vez mais. Por detrás dos tentáculos, algo maior aproximava-se. A massa principal do organismo.

Com toda a força, lutou para chegar à superfície.

— MacMillan — disse com a boca cheia d'água. O soldado ergueu a arma.

— não alcançará nada com isso — gritou Johanson.

De repente, MacMillan parecia muito calmo. Levantou a arma e apontou-a para a grande massa que se aproximava.

— Com isso alcançarei algo — disse.

Um staccato surdo ressoou quando MacMillan atirou.

— Explosivos sempre alcançam alguma coisa!

A salva penetrou no organismo. A água espirrou. MacMillan enviou uma segunda carga, e o troço explodiu para todos os lados. Pedacos de substância gelatinosa passaram voando pelas suas cabeças. Weaver estava sem ar. De repente, conseguiu se soltar. Johanson estendeu-lhe as mãos. Puxaram o defunto enlouquecidamente. O nível d'água baixou, e eles conseguiram andar mais rápido. Como o navio inclinara-se mais para a frente, a maior parte da água juntou-se na parte dianteira do laboratório, e a porta estava quase no seco. Era difícil não escorregar no piso inclinado, mas de repente estavam andando na água rasa.

Jogaram o morto para a rampa do lado de fora. Ali a água também recuara. De repente, Weaver acreditou estar ouvindo um grito abafado.

— MacMillan?

Ela olhou para o laboratório.

— MacMillan, onde está você?

O organismo brilhante voltou a se juntar-se. Os pedacos fundiram-se. não se via mais nada dos tentáculos. O ser adotara uma forma plana.

— Feche a porta — exclamou Johanson. — Esse troço ainda pode sair. Há bastante água.

— MacMillan?

Weaver agarrou o batente da porta e continuou fitando a sala iluminada de vermelho, mas o soldado continuou desaparecido.

MacMillan não conseguira.

Um fio fino e brilhante aproximou-se. Ela saltou para trás e deixou a escotilha fechar. O fio acelerou, mas dessa vez não foi o bastante. A porta fechou-se.

## **EXPERIMENTOS**

Anawak foi surpreendido e fortemente sacudido pela explosão na escada. Sentiu dificuldade de respirar, e seu joelho

doía. Esbravejou. Vanderbilt escolhera justamente o joelho que vinha lhe dando problemas desde a queda do Beaver para chutar.

Encontrou diversas escadas bloqueadas. O navio já estava bastante adernado. O único caminho que restava era a rampa para o convés do hangar, então correu de volta e tomou outra rota para cima até chegar ao nível da rampa. Quanto mais subia, mais quente ficava. O que estava acontecendo lá em cima? O barulho não prometia nada de bom. Ele tropeçou para o convés do hangar do lado de fora e viu uma densa fumaça preta entrar pelos portões abertos.

De repente teve a impressão de ouvir alguém chamar por socorro.

Deu alguns passos para dentro do hangar.

— Tem alguém aí? — gritou.

A visão estava ruim. A iluminação de teto amarelo clara mal conseguia impor-se contra as nuvens negras. Em compensação, agora ouvia claramente o grito de socorro.

A voz de Crowe!

— Sam?

Anawak correu um pouco para dentro das nuvens de fuligem. Prestou atenção, mas o grito de socorro não se repetiu.

— Sam? Onde você está? Nada.

Aguardou mais um momento, e então virou-se e correu até a rampa. Tarde demais reconheceu que agora estava tão inclinada quanto uma pista de salto de esqui. Suas pernas dobraram-se. Deu várias cambalhotas e rolou para baixo, rezando para que ao menos uma das injeções ficasse intacta. Acreditou que dificilmente os seus ossos saíam ilesos. Mas em lugar algum fissurou ou quebrou algo. Quando finalmente chegou lá embaixo, caiu dentro d'água, que lhe amortizou a queda. Sacudiu-se, rastejou para fora e, um pouco mais à frente, avistou Weaver e Johanson arrastando um corpo em direção ao convés-doca.

Uma fina camada de água cobria o chão.

A doca artificial! A água estava escorrendo corredor adentro. Se o Independence continuasse se inclinando, esse setor acabaria totalmente inundado. Precisavam apressar-se.

— Estou com as injeções! — gritou. Johanson ergueu o olhar.

— Já era tempo.

— Quem é esse? Quem vocês pegaram? — Anawak levantou-se, correu em direção aos dois e olhou para o defunto.

Era Rubin.

## **CONVÉS DE VÔO**

Crowe sentou-se no final do teto e, atônita, assistiu à destruição da ilha pelas chamas.

Um homem de aparência paquistanesa estava deitado ao seu lado, trêmulo. Vestia os trajes de um cozinheiro. Além deles dois, ninguém pensara em refugiar-se ali ou ninguém conseguira. O homem sentou-se, ofegante.

— Sabe de uma coisa? — disse Crowe. — Eis o resultado das divergências entre raças inteligentes.

O cozinheiro arregalou os olhos para ela, como se estivesse vendo fantasmas.

Crowe suspirou.

Ela correria para a área acima da plataforma do elevador a boreste. Ali ficava a abertura para o convés de hangar. Ela gritara algumas vezes para dentro, mas ninguém respondera.

Eles afundariam com o navio em chamas.

Se, em algum lugar, houvesse botes de salvamento, provavelmente pouco adiantariam. Num porta-helicópteros, partia-se do princípio de que as pessoas eram postas em segurança por uma aeronave. Por outro lado, havendo botes de salvamento era necessário alguém que soubesse soltá-los das amarras e baixá-los para a água. Entretanto todos esses alguéns haviam desaparecido no inferno de chamas.

Fumaça preta subia em sua direção. Um breu terrível. não queria inspirar esse troço na sua última hora.

— Você tem um cigarro? — perguntou ao cozinheiro.

Ela esperava que agora ele a declarasse completamente insana, mas, em vez disso, retirou um maço de Marlboro e um

isqueiro.

— Light — disse.

— Oh? Por causa da saúde? — Crowe sorriu e tragou enquanto o cozinheiro acendia-lhe o cigarro. — Muito bem.

## **FERORMÔNIO**

— Injetaremos o troço debaixo da sua língua, no nariz, nos olhos e nos ouvidos — disse Weaver.

— Por que justo ali? — perguntou Anawak.

— Porque pensei que dali sairá mais fácil.

— Então injete também debaixo das unhas. E inclua as unhas dos pés. De preferência, em todo lugar. Quanto mais, melhor.

O convés-doca estava abandonado, o pessoal técnico aparentemente fugira. Tiraram toda a roupa de Rubin, tudo na maior pressa, enquanto Johanson enchia as injeções de Anawak com o ferormônio. Exceto uma, todas ficaram intactas. Rubin estava deitado acima da margem artificial. Ali, a água tinha apenas alguns centímetros de profundidade, mas estava subindo. Por precaução, jogaram os pedaços de substância gelatinosa debaixo das quais a sua cabeça desaparecera na parte mais alta, no seco. Parte dela ainda estava pendurada nos seus ouvidos. Anawak tirou-a com os dedos.

— Podem injetar no eu também — disse Johanson. — Temos bastante.

— Acha que funcionará? — perguntou Weaver, insegura.

— O pouco de Yrr que ainda tem dentro dele dificilmente conseguirá produzir tanto ferormônio quanto nós daremos a ele. Se caírem no truque, pensarão que está vindo dele. — Johanson agachou-se. Estendeu-lhe um punhado de injeções cheias. — Quem quer?

Weaver sentiu uma repulsa dentro de si.

— não gritem Aqui tão alto — disse Johanson. — Leon?

Finalmente, fizeram juntos. O mais rápido possível encheram Rubin de solução de ferormônio, até somarem quase dois

litros dentro dele. Possivelmente a metade já estaria escorrendo para fora novamente.

— O nível da água subiu — comentou Anawak.

Weaver ficou atenta. Continuava chiando e uivando em todo o navio.

— Também está mais quente.

— É, porque o convés está pegando fogo.

— Vamos. — Weaver pegou Rubin pelos braços e puxou-o para cima. — Vamos acabar com isso antes que Li apareça.

— Li? Pensei que Peak tivesse acabado com ela — disse Johanson. Anawak olhou para ele enquanto carregavam o corpo de Rubin para dentro do convés-doca.

— Acredita mesmo? Você a conhece. não é tão fácil acabar com ela.

## NÍVEL 03

Li estava furiosa.

Correu várias vezes para dentro do corredor, olhava pelas portas abertas. Em algum lugar esse torpedo haveria de estar! Apenas não estava olhando direito. Certamente estaria debaixo do seu nariz.

— Procure, sua besta — brigou consigo mesma. — Burra demais para encontrar um tubo. Besta. Vadia idiota!

De repente, o chão cedeu sob os seus pés. Ela cambaleou e segurou-se. Outras escotilhas haviam rompido. O corredor inclinou-se ainda mais. Agora o Independence estava tão adernado que provavelmente as primeiras ondas invadiriam o canto da proa do convés de vôo.

Não levaria mais muito tempo.

De repente, viu o torpedo.

Rolara em sua direção por uma porta aberta. Li soltou um grito de triunfo. Deu um salto, pegou o cano e correu corredor acima até a escada. Metade do corpo de Peak estava sobre a escada. Ela puxou o corpo pesado para fora e desceu os degraus,

saltou os últimos dois metros e segurou-se na balaustrada para não cair de frente.

Ali estava o segundo torpedo.

Agora ficou muito entusiasmada. O resto seria muito fácil. Continuou correndo e percebeu que não era tão fácil assim, porque algumas escadas estavam bloqueadas por objetos. Retirá-los dali levaria muito tempo.

Como poderia sair?

Precisava voltar. Subir e sair para o convés do hangar, para tomar o caminho pela rampa.

Rapidamente, abraçando firmemente os dois torpedos como o seu patrimônio mais valioso, começou a subir.

## **ANAWAK**

Rubin era pesado. Depois de vestirem suas roupas de neoprene — Johanson gemendo e suspirando —, carregaram-no píer boreste acima. A visão do convés era absurda. De ambos os lados, os píeres apontavam para cima como pistas de salto de esqui. Via-se onde o piso de tábuas emendava na comporta da popa. Nesse meio tempo, grande parte da água da doca pressionara os quatro zodiacs amarrados para cima e escorria para dentro do corredor do laboratório. Anawak ouviu o ranger do aço e perguntou-se durante quanto tempo a construção ainda suportaria a pressão.

Os submersíveis estavam diagonalmente pendurados no teto. O Deepflight 2 tomara o lugar do Deepflight 1 perdido, e os outros dois barcos vinham em seguida.

— Com qual Li pretende descer? — perguntou Anawak.

— Deepflight 3 — disse Weaver.

Inspecionaram as funções da mesa de controle e tentaram diversas chaves. Nada aconteceu.

— Tem de funcionar. — O olhar de Anawak percorreu o console. — Ros-covitz disse que o convés-doca dispõe de um circuito elétrico independente. — Inclinou-se mais sobre a mesa e leu melhor as inscrições. — Aqui está. Este é o comando para baixá-

los. Bem, quero o Deepflight 3. Assim Li não poderá mais fazer nada com ele, caso apareça por aqui.

Weaver acionou o guindaste, mas, em vez do submersível do meio, o da frente começou a descer.

—não pode descer o Deepflight 3...?

— Posso, provavelmente há um truque, mas não o conheço. Apenas consigo fazê-los descer um após o outro.

— Tanto faz — disse Johanson, nervoso. — não podemos perder tempo. Pegue o Deepflight 2.

Esperaram o barco flutuar à altura do píer. Weaver pulou nele e abriu as capotas das duas cabines. Ao puxarem o corpo de Rubin para cima do barco, ele parecia imensamente pesado, encharcado de água e do troço que haviam injetado nele. Sua cabeça balançava de um lado para o outro, os olhos leitosos estavam arregalados para o nada. Juntos, puxaram e empurraram o defunto até Rubin cair na cabine do co-piloto.

Então agora chegara a hora.

O sonho do iceberg. Ele sabia que alguma hora seria puxado para baixo. O iceberg derreteria, e ele cairia no fundo do oceano desconhecido...

Para encontrar quem?

-.

Weaver

— Vocênão irá, Leon.

Surpreso, Anawak ergueu a cabeça. — O que quer dizer?

— O que estou falando. — Um dos pés de Rubin ainda ficara do lado de fora. Weaver chutou-o. Achava terrível ser tão rude com o morto, apesar de Rubin

ter sido um traidor. Mas não podia se dar ao luxo da piedade no momento.

— Eu descerei.

— O quê? Por que isso agora?

— Porque é o mais correto.

— não, de forma alguma. — Ele segurou-a pelos ombros. — Karen, isso pode acabar mal, é...

— Eu sei como pode acabar — disse ela baixinho. — Todos nós não temos lá grandes chances, mas a de vocês é maior. Peguem os barcos e desejem-me boa sorte, está bem?

— Karen! Por quê?

— Você faz questão de saber os motivos, não é?

Anawak arregalou os olhos para ela.

— Permitam-me comentar rapidamente que estamos perdendo tempo — insistiu Johanson. — Por que vocês dois não ficam em cima, e eu vou?

—não. — Weaver olhou fixamente para Anawak. — Leon sabe que tenho razão. Eu sei guiar um Deepflight de olhos fechados, sou melhor do que vocês dois nisso. Estive com o Alvin na Dorsal Atlântica, a milhares de quilômetros de profundidade. Conheço os submersíveis melhor do que qualquer outra pessoa aqui e...

— Tolice — exclamou Anawak. — Sei voar esse troço tão bem quanto você.

—

..além do mais, esse mundo lá embaixo é meu. O mar profundo e azul, Leon. Desde que eu era pequena. Desde os meus dez anos de idade.

Ele abriu a boca para responder. Weaver pôs o indicador sobre os seus lábios e balançou a cabeça.

— Eu voarei.

— Você voará — sussurrou ele.

— Está bem. — Ela olhou em volta. — Abram as comportas e deixem-me descer. não faço a menor idéia do que acontecerá, uma vez que a passagem estiver aberta. Talvez os Yrr nos ataquem de frente, talvez não aconteça nada. Pensamento positivo. Depois que eu me soltar das amarras, esperem um minuto, desde que a situação o permita, e fujam com o segundo barco. não me sigam. Apenas permaneçam logo abaixo das ondas e tratem de afastar-se do navio. Talvez eu precise mergulhar muito. Depois... — Ela fez uma pausa. — Bem, alguém nos encontrará, não é? Os troços têm emissores de satélite a bordo.

— A 12 nós, leva-se dois dias e duas noites até a Groenlândia ou Svalbard — disse Johanson. — Nem o combustível é suficiente para isso.

— Tudo ficará bem.

Sentiu o coração pesar. Deu um rápido abraço em Johanson. Lembrou-se de quando, juntos, haviam escapado do tsunami nas ilhas Shetland. Eles se veriam novamente!

— Menina valente — disse Johanson.

E então ela segurou o rosto de Anawak com as duas mãos e beijou-lhe a boca longa e intensamente. Se pudesse, não o soltaria nunca mais. Haviam conversado tão pouco, feito tão pouco daquilo que seria o melhor para os dois...

Nada de sentimentalismo agora.

— Boa sorte — disse Anawak baixinho. — Dentro de alguns dias, no mais tardar, estaremos juntos novamente.

Saltou para dentro da cabine do piloto. O Deepflight balançou levemente. Ela deitou-se de barriga, arrastou-se para a posição correta e acionou a tranca. Lentamente, as duas cúpulas desceram e se fecharam. Ela percorreu os instrumentos. Tudo parecia intacto.

Weaver levantou o polegar.

## **O MUNDO DOS VIVOS**

Johanson foi até a mesa de controle, abriu a comporta e pôs o barco em movimento. Observaram o Deepflight baixar e as comportas de aço se abrirem. O mar escuro apareceu. Nada tentou entrar no navio. Weaver soltou-se das amarras para liberar o barco. Ele bateu na água e afundou. O ar preso cintilava nas cúpulas de vidro. Pouco a pouco, as cores foram empalidecendo, os contornos se desfazendo, até restar apenas uma sombra do barco.

E então ele desapareceu.

Anawak sentiu uma pontada.

Nessa história os papéis de heróis já foram distribuídos e são papéis para os mortos. Você é do mundo dos vivos.

Greywolf!

Talvez precise de um intermediário que lhe revele o que o espírito-pássaro vê.

Greywol ffora o intermediário de quem Akesuk falara. Greywolf explicara-lhe o seu sonho e interpretara-o corretamente. O iceberg derreteu, contudo o caminho de Anawak não o levaria para o fundo, mas para a luz.

Levaria até o mundo dos vivos.

Até Crowe.

Anawak estremeceu. Claro! Como pudera estar tão ocupado do seu sacrifício heróico, a ponto de lhe escapar a missão que o aguardava a bordo do Inde-pendence.

— E agora? — perguntou Johanson.

— Plano B.

— Significa?

— Preciso subir mais uma vez.

— Está maluco? Para quê?

— Quero encontrar Sam. E Murray.

—não tem mais ninguém ali — disse Johanson. — O navio deve estar totalmente evacuado. Estavam ambos no CIC quando os vi da última vez. Provavelmente foram os primeiros a sair de helicóptero.

—não. — Anawak balançou a cabeça. — Ao menos não a Sam. Eu a escutei gritando por socorro.

— O quê? Quando?

— Antes de descer para encontrar vocês. Sigur, não quero importuná-lo com os meus problemas, mas muitas vezes virei a cara na minha vida. Algumas coisas mudaram. não sou mais assim. Entende? não posso ignorar isso.

Johanson sorriu.

—não. não pode.

— Preste atenção! Farei uma única tentativa. Enquanto isso, baixe o Deep-flight 3 e prepare-o para a partida. Se eu não encontrar a Sam dentro dos próximos minutos, eu voltarei e nós damos o fora daqui.

— E se você a achar?

— Ainda resta o Deepflight 4 para tirar todos nós daqui.

— Tudo bem.

— Tudo bem mesmo?

— Claro. — Johanson afastou as mãos. — Está esperando o quê? Anawak hesitou. Mordeu o lábio.

— E, se eu não aparecer aqui dentro de cinco minutos, desapareça sem mim. Entendeu?

— Esperarei.

— não. Espere cinco minutos. No máximo.

Abraçaram-se. Anawak correu píer abaixo. A área onde começava o túnel para a ala dos laboratórios estava toda inundada, mas por enquanto o Independence parecia mais ou menos estável. Nos últimos minutos, o navio não se inclinara mais para a frente.

Quanto tempo ainda, pensou Anawak.

A água cobriu-lhe os tornozelos. Entrou mais, nadou um pedaço, voltou a sentir o chão sob os pés e andou alguns metros até a água tornar a ficar mais funda. Próximo à rampa do hangar, o teto aproximava-se do espelho d'água, mas ainda restavam alguns metros de ar. Anawak passou nadando pela porta fechada do laboratório até a curva e olhou para cima. Enquanto algumas partes da rampa passaram a formar um piso horizontal, outras haviam-se tornado muito íngremes. O trecho até o convés do hangar erguia-se, escuro. Lá no alto tinha uma nuvem de fumaça escura. Precisaria arrastar-se até lá em cima. Sentia frio, apesar da roupa de neoprene. Ainda que conseguissem fugir com o submersível, não era garantia de que sobreviveriam.

Sim. Precisava sobreviver! Precisava reencontrar Karen.

Decidido, subiu.

Foi mais fácil do que temera. O aço da rampa era frisado, para dar aderência aos veículos e fuzileiros marchando, aos quais era destinada. Os dedos de Anawak agarraram-se no relevo. Pouco a pouco puxou-se para cima, fincou as botas nas escoras, segurou com firmeza. Quanto mais alto, mais a temperatura subia, e ele sentia menos frio. Em compensação, uma fumaça grudenta revestiu os seus pulmões e sugou o último restinho de ar. Quando mais subia, mais densas ficavam as nuvens de fumaça. Do convés de vôo, o ruído gritante ressoou novamente em seus ouvidos.

Crowe pedira socorro depois do incêndio começar. Se ela sobrevivera à erupção do fogo, talvez ainda estivesse viva.

Ofegante, subiu os últimos metros e, para sua surpresa, notou que no hangar a visibilidade estava melhor do que na rampa. A fumaça juntara-se no túnel, aqui as aberturas para os elevadores externos possibilitavam a circulação de ar. Traziam a fumaça para dentro e, simultaneamente, deixavam-na escapar novamente. Anawak pressionou a manga do casaco sobre a boca e o nariz e correu para dentro do convés do hangar.

— Sam! — gritou.

Nenhuma resposta. O que ele esperara? Que ela viesse correndo de braços abertos em sua direção?

— Sam Crowe! Samantha Crowe!

Devia estar louco.

Mas melhor louco do que morto em vida. Greywolf tivera razão. Ele atravessara o mundo como um morto-vivo. Esse tipo de loucura aqui era mil vezes mais atraente.

— Sam!

## **CONVÉS-DOCA**

Johanson estava a sós.

Não duvidava nada que Floyd Anderson lhe quebrara algumas costelas. Ao menos era o que sentia. Qualquer movimento doía terrivelmente. Ao pegarem o defunto de Rubin e carregarem-no para dentro do submersível, teve vontade de gritar alto várias vezes, contudo apertara os dentes para não se tornar um problema.

Aos poucos, sentia sua força esvaír-se.

Pensou no Bordeaux na sua cabine. Lamentável! Justo agora adoraria tomar uma taça. não lhe curaria as costelas fraturadas, mas aliviaria um pouco esta situação sofrível. Apenas o bastante para brindar consigo mesmo, porque, além dele, nenhum apreciador parecia estar vivo. Aliás, entre as diversas maravilhosas e repugnantes pessoas que conhecera nas últimas semanas, praticamente nenhuma compartilhava o seu forte senso do belo.

Talvez ele fosse mesmo um dinossauro.

Um saurus exquisitus, pensou enquanto abaixava o Deepflight 3 até a altura do píer.

Gostou dessa. Saurus exquisitus. Um fóssil que gostava de ser um fóssil. Fascinado pelo futuro e pelo passado, que muitas vezes se misturavam a ponto de não se saber em que se estava vivendo no momento, porque o passado e o futuro alimentavam igualmente a fantasia.

Bohrmann...

O alemão saberia apreciar um bom Bordeaux. Além dele, ninguém. Sue Oliviera teria se divertido, mas ele também poderia perfeitamente servir-lhe alguma bebida do supermercado. Quem da equipe Castelo Disaster era cultivado o suficiente para apreciar um Pomerol maduro, além de... **Judith Li**

Tentou ignorar pela última vez a dor nas costelas, deu um salto no Deepflight, gemeu e ficou de pé com os joelhos tremendo. E então agachou-se, abriu a tampa com mecanismo de fechamento e desbloqueou as cúpulas.

Lentamente, elas subiram e verticalizaram-se. As duas cabines estavam abertas à sua frente.

— Todos embarcando — trovejou.

Bizarro! Solitário, equilibrava-se sobre um submersível no convés-doca inclinado. A vida nos mandava parar em cada lugar. Judith Li?

Era mais fácil ele jogar as garrafas no mar da Groenlândia. Uma maneira de se fazer justiça ao belo era privar certas pessoas dele.

## LI

Alcançou o convés do hangar sem fôlego.

Tudo estava escuro devido à fumaça preta. Tentou reconhecer alguma coisa nas nuvens e acreditou ver uma criatura correndo de um lado para o outro lá atrás.

E então ouviu-a

— Sam! Sam Crowe!

Seria Anawak gritando desse jeito?

Por um instante, hesitou. Mas de que adiantava apagar Anawak a essa altura? A qualquer instante, as últimas escotilhas da proa poderiam ceder. O navio poderia partir-se. E então o Independence afundaria como uma pedra.

Correu até a rampa e olhou para dentro de um buraco cheio de fumaça. Seu estômago contraiu-se. Li não estava com medo, tampouco sentia-se sobrecarregada com a descida, mas perguntou-se como chegaria lá embaixo com os dois torpedos. Caso perdesse estes troços novamente, iriam parar em algum lugar na água escura.

Virou os pés de lado e começou a descer a rampa passo a passo. Estava escuro e opressivo. O pior era a fumaça que parecia sufocá-la. As solas das suas botas tocaram o aço frisado com um cloc oco.

De repente, perdeu o equilíbrio, caiu sobre o traseiro e esticou as pernas. Desceu numa velocidade incrível. Segurou os dois torpedos com força, sentiu dolorosamente a superfície áspera da rampa e as escoras que lhe batiam nas costas, deu uma cambalhota e viu água preta vindo em sua direção.

Espirrou para todos os lados. O fundo recuou. Li foi jogada para todos os lados, emergiu e tentou respirar.

Não soltou os tubos!

Um gemido abafado ressoou das paredes do túnel. Ela deu um impulso com as pernas e nadou silenciosamente para dentro da ala, fez a curva e seguiu em direção ao convés-doca. A água era aquecida, devia ser da doca. A luz do túnel apagara-se, mas o convés-doca dispunha de um sistema de abastecimento próprio. Mais adiante, clareou. Ao aproximar-se, reconheceu os píeres inclinados, a gigantesca comporta da popa que agora estava pendurada por cima da doca artificial, os dois submersíveis dos quais um flutuava à altura do píer.

Dois barcos?

O Deepflight 2 desaparecera.

E em cima do Deepflight 3, trajando uma roupa de neoprene, Johanson tentava equilibrar-se.

## CONVÉS DE VÔO

Crowe não suportou mais.

O cozinheiro paquistanês tinha cigarros, mas fora isso não estava sendo uma grande ajuda. Sentado encolhido no canto da popa e reclamando, não tinha condições de traçar plano algum. Na realidade, Crowe tampouco tinha, porque simplesmente não sabia o que aconteceria em seguida. Perplexa, fitava as chamas bramindo. Entretanto detestava do fundo do coração a idéia de desistir. Para alguém que durante anos e décadas voltara-se para o espaço sideral na esperança de receber algum sinal de uma inteligência desconhecida, a idéia da desistência parecia absurda. Simplesmente não fazia parte do repertório.

De repente, ouviu um estrondo trovejante. Por cima da ilha, espalhou-se uma gigantesca nuvem de brasa que relampejava e estalava como fogos de artifício. O convés foi invadido por uma onda de fortes vibrações, e então enxurradas de chamas voaram em sua direção.

O cozinheiro gritou. Deu um salto para trás, cambaleou e tropeçou por cima da margem. Crowe tentou pegar os seus braços esticados. Durante um segundo o homem manteve o equilíbrio, o rosto distorcido pelo medo mortal, vacilou e despencou lá no fundo aos gritos. Seu corpo caiu na tampa inclinada da popa, deslizou e saiu do campo de visão de Crowe. Os gritos cessaram. Ouviu uma batida, afastou-se do canto, horrorizada, e virou a cabeça.

Estava no meio das chamas. A sua volta, o asfalto queimava. Estava insuportavelmente quente. Apenas o lado boreste fora poupado da chuva de fogo. Pela primeira vez, sentiu o desespero e a desesperança crescerem dentro de si. A situação não tinha mais saída. Podia empurrar para a frente, mas não podia mudar.

O calor obrigou-a a recuar. Correu para a margem boreste e ao longo dela.

Ali estava o local de entrada para o elevador.

O que deveria fazer?

— Sam!

Agora estava tendo alucinações! Alguém chamara o seu nome? Impossível.

— Sam Crowe!

Não, não eram alucinações. Alguém chamava o seu nome.

— Aqui! — gritou. — Estou aqui!

Olhou em volta com os olhos arregalados. De onde viera a voz? não viu ninguém no convés de vôo.

E então compreendeu.

Cuidadosamente, para não cair, inclinou-se sobre o canto. O ar estava cheio de fuligem, entretanto viu claramente a plataforma inclinada do elevador externo abaixo de si.

— Sam?

— Aqui! Aqui em cima!

Gritava desesperadamente. De repente, alguém saiu correndo para a plataforma e olhou para cima.

— Leon! — gritou ela. — Estou aqui!

— Meu Deus, Sam. — Ele olhou em sua direção. — Espere. Fique aí, irei buscá-la.

— Como, rapaz?

— Vou subir.

— não há mais como subir — exclamou Crowe. — Aqui está tudo em chamas. A ilha, o convés de vôo. É um inferno em chamas de dar inveja a qualquer versão hollywoodiana.

Anawak correu desesperadamente de um lado para o outro.

— Onde está Murray?

— Morto.

— Precisamos sair daqui, Sam.

— Obrigada por me lembrar.

— Você é atlética?

— O quê?

-.3

— Consegue pular?

Crowe olhou para baixo. Atlética! Minha nossa. Jamais fora. Alguma vez na vida, antes de os cigarros terem sido inventados. E isso aqui eram, no mínimo, oito metros, talvez dez. E, como se

não bastasse, a inclinação transformara a plataforma num escorrega.

—não sei, não.

— Eu também não. Tem uma idéia melhor que funcione dentro dos próximos dez segundos?

—não.

— Posso tirar-nos daqui com o submersível. — Anawak abriu os braços. — Pule logo! Eu a seguro.

— Esqueça, Leon. É melhor você se afastar.

— Nada de discursos. Pule!

Crowe olhou pela última vez por cima do ombro. As chamas aproximavam-se. Tentavam alcançá-la, chicoteando, esfomeadas. Decidida, fechou os olhos e abriu-os novamente.

— Lá vou eu, Leon!

## **CONVÉS-DOCA**

Onde, diabos, estava Anawak?

Johanson estava sentado em cima do submersível que balançava suavemente de um lado para o outro. Até agora não aparecera nada na água escura da comporta que indicasse a presença imediata de Yrr. Para quê, também? Para que ainda haveriam de atacar? Bastava esperar o navio afundar. No final das contas os Yrr conseguiram acabar até com o Independence.

Os cinco minutos passaram.

Na realidade, poderia cair fora. Ainda restaria um submersível para levar Anawak e Crowe embora.

E Shankar?

Neste caso, seriam quatro. não podia sair. Caso Anawak aparecesse com Crowe e Shankar, precisariam de ambos os barcos.

Começou a sussurrar a primeira sinfonia de Mahler.

— Sigur!

Johanson virou-se rapidamente. Uma dor aguda atravessou seu tronco, tirando-lhe o ar. Diretamente atrás do barco, no píer, Li apontava uma arma para ele. Ao seu lado havia dois canos longos.

— Desça daí, Sigur. não me obrigue a atirar em você. Johanson agarrou a corda que prendia o Deepflight.

— — Por que obrigar? Pensei que gostasse de fazer isso.

— Desça daí.

— Está querendo ameaçar-me, Jude? — Riu secamente enquanto os seus pensamentos voavam. Precisava detê-la de alguma forma. Improvisar. Blefar o melhor possível até Anawak chegar. — Se eu fosse você, não apertaria o gatilho, se não o seu pequeno passeio de mergulho já era.

— Como assim?

— Você verá.

— Fale.

— não tem graça falar. Venha, comandante-geral Li. Deixe de frescura. Mate-me e descobrirá.

Li hesitou.

— O que aprontou com o barco, seu maldito idiota?

— Sabe de uma coisa? Vou falar. — Johanson levantou-se com grande esforço. — Até a ajudarei a arrumá-lo, mas antes disso você irá me explicar uma coisa.

— não há tempo para isso.

— Pois é. Lamentável.

Os olhos de Li fuzilavam de ódio. Baixou a arma.

— Pergunte.

— Você já conhece a pergunta. Por quê?

— Está falando sério? — bufou Li. — Ponha o seu cérebro altamente desenvolvido para trabalhar. O que acha que seria do mundo sem os Estados Unidos? Somos o único fator estabilizador que resta. Existe apenas um modelo duradouro para o sucesso nacional e internacional que se aplica sem limites a todas as pessoas em todas as sociedades, e é o americano.

"Não podemos permitir que o mundo resolva o problema dos Yrr. não podemos permitir às Nações Unidas. Os Yrr causaram grandes danos à humanidade, mas também detêm um imenso potencial de conhecimento e descobertas. Em que mãos deseja ver esse conhecimento, Sigur?

— Nas mãos de quem souber lidar melhor com isso.

— Exatamente.

— Mas todos nós trabalhamos nesta causa, Jude! não estamos no mesmo barco? Podemos nos entender com os Yrr. Podemos...

— Continua sem entender? A possibilidade de um entendimento foi-nos vedada. Ela contradiz os interesses do meu país. Nós, os Estados Unidos, precisamos alcançar esse conhecimento e, ao mesmo tempo, precisamos fazer de tudo para que ninguém o alcance. não há alternativa se não livrar o mundo dos Yrr. Uma coexistência já seria a confissão da nossa derrota, uma derrota da humanidade, da fé em Deus, da confiança na nossa hegemonia. Mas o pior da coexistência seria o fato de ela gerar uma nova ordem mundial. Diante dos Yrr, seríamos todos iguais. Todos os países com tecnologia avançada poderiam comunicar-se com eles. Todos procurariam formar alianças com eles, adquirir os seus conhecimentos, no fim talvez até dominá-los. Quem conseguisse fazer isso, a partir dali dominaria o mundo. — Deu um passo em sua direção. — Compreende o que isso significa? Essa raça aí embaixo detém uma biotecnologia com a qual sequer sonhávamos. O único meio de comunicação com eles é através da biologia, então em todos os lugares do mundo os experimentos com micróbios seriam totalmente legitimados. não podemos permitir isso. não há alternativa se não acabar com os Yrr e não há alternativa para os Estados Unidos! não podemos deixar isso para mais ninguém, nem para as bestas da ONU onde cada trouxa tem uma cadeira e um voto.

— Você está maluca — disse Johanson. Precisou tossir. — Que tipo de pessoa é você, Li?

— Sou uma pessoa que ama a Deus...

— Você ama a sua carreira! Você é completamente megalomaniaca!

— E o meu país! — gritou Li. — No que você acredita? Eu sei no que acredito. Apenas os Estados Unidos podem salvar a humanidade...

— Para deixar claro de uma vez por todas o papel de cada um, não?

— E daí? O mundo sempre quer que os Estados Unidos façam o trabalho sujo, então o faremos agora. E é exatamente como deve ser! não podemos permitir que o mundo divida o conhecimento dos Yrr, portanto precisamos acabar com eles e preservar esse conhecimento. Depois disso passaremos a guiar definitivamente o destino do planeta, e o ditador ou regime que se opuser a nós jamais voltará a questionar essa hegemonia.

— O que pretende é a destruição da humanidade! Li mostrou os dentes.

— Oh, sempre esses argumentos de vocês cientistas. Vocês jamais acreditaram que esse inimigo pudesse ser dominado, tampouco que a sua destruição é um problema nosso. Apenas ficam choramingando por aí que o extermínio dos Yrr poderia destruir os ecossistemas do planeta. Mas os Yrr já o estão destruindo

Estão nos exterminando. Então não é melhor levar em conta alguns danos do meio ambiente se, dessa forma, voltamos a ser a raça predominante?

— Você é a única que quer dominar aqui, sua pobre maluca. Como pretende controlar os vermes e evitar que...

— Envenenaremos primeiro uns, depois os outros. Assim que os Yrr não estiverem mais no nosso caminho, teremos carta branca lá embaixo.

— Estará envenenando a humanidade!

— Sabe de uma coisa, Sigur? A dizimação da humanidade também engloba uma chance. Na realidade, fará bem ao planeta se, de modo geral, tiver mais espaço. — Os olhos de Li diminuíram.

— E agora saia do meu caminho.

Johanson não se moveu. Manteve-se agarrado à corda e balançou a cabeça lentamente.

— O barco está inutilizável — disse.

— não acredito em nada do que diz.

— Então arrisque. Li acenou a cabeça.

— Farei isso.

Rapidamente levantou a mão com a pistola e atirou. Johanson tentou esquivar-se. Sentiu a bala perfurar o esterno e uma onda de frio e dor inundá-lo.

Essa maldita apertou o gatilho.

Ela atirou nele.

Seus dedos soltaram-se, um após o outro, da corda. Ele titubeou, tentou dizer alguma coisa, virou-se e caiu de frente na cabine do piloto.

## **ELEVADOR EXTERNO**

Ao ver Crowe saltar, Anawak repentinamente duvidou de que daria certo. Ela estrebuchou no ar e saltou muito para a esquerda. Ele desviou para o lado e para trás, abriu os braços e rezou para que o choque não jogasse os dois na água. Para alguém tão delicada, ela o acertou com a força de um ônibus.

Anawak caiu de costas. Crowe estava deitada por cima dele. Juntos, deslizaram o piso inclinado abaixo. Ele ouviu os gritos dela e os seus próprios, tentou fincar as solas dos sapatos no chão com toda a força enquanto a sua cabeça batia no asfalto. Era a segunda vez que tinha um encontro infeliz com o elevador externo naquele dia e esperava que fosse a última, de um modo ou de outro.

Pararam um pouquinho antes da margem.

Crowe arregalou os olhos para ele.

— Está tudo bem? — perguntou, rouca.

— Nunca estive melhor.

Ela desceu dele rolando, tentou levantar, torceu a cara e caiu para trás.

— não dá — disse. Anawak deu um salto.

— O que foi?

— Meu pé. O pé direito.

Ele ajoelhou-se ao seu lado e tocou o tornozelo. Crowe gemeu.

— Parece ter fraturado.

Anawak deteve-se. Estava enganado, ou o navio acabara de inclinar-se um pouco mais para a frente?

A plataforma chiou nos seus trilhos.

— Coloque o braço em volta do meu pescoço.

Ajudou Crowe a levantar-se. Ao menos ela podia pular numa só perna ao seu lado. Conseguiram chegar ao hangar com dificuldade. Mal enxergavam um palmo à frente dos olhos. Em compensação, tudo estava ainda mais inclinado.

Como conseguiremos atravessar a rampa, pensou Anawak. Deve ter-se transformado numa escarpa íngreme.

De repente sentiu um ódio crescendo dentro de si.

Este aqui era o mar da Groenlândia. O alto norte. Ele vinha do alto norte. Era um inu&. Cem por cento inu&! Nascera no Ártico, aqui era o seu lugar. Mas certamente não morreria aqui, tampouco Crowe.

— Vamos — disse. — Continue.

## **DEEPFLIGHT**

Li correu até a mesa de controle. Tempo demais perdido, pensou. não deveria ter entrado nessa discussão inútil com Johanson.

Fez o Deepflight subir um pouco e virar para cima do píer até ficar pendurado diretamente acima dela. Logo avistou os dois tubos vazios. Os torpedos antitanque estavam nas suas fixações, os dois torpedos menores haviam sido retirados para dar espaço aos tubos cheios de veneno. Excelente! Dessa forma, o Deepflight ainda tinha um armamento considerável.

Rapidamente enfiou os torpedos nos tubos e fixou-os. O sistema era perfeitamente planejado. Assim que fossem atirados — para dentro da nuvem azul por exemplo —, uma pequena cápsula explosiva asseguraria que o veneno espir-rasse para fora sob alta pressão. A distribuição era garantida pela água, e o resto seria realizado pelos próprios Yrr, involuntariamente. Essa era a melhor parte do plano

a morte celular programada de Rubin. Uma vez infectado, o coletivo se autodestruiria numa maravilhosa reação em cadeia.

Rubin fizera um bom trabalho.

Verificou a fixação pela última vez, manobrou o Deepflight de volta para cima da comporta e abaixou-o até tocar a superfície

d'água. não tinha mais tempo para vestir a roupa de neoprene. Precisaria prestar atenção. Desceu pela escada, correu até o barco e subiu nele. O Deepflight balançou. Olhou para a cabine do piloto aberta e viu Johanson deitado lá dentro, imóvel, o rosto virado para baixo.

Este idiota renitente. não poderia ter tombado para o lado e caído dentro da doca? Agora, como se não bastasse, precisaria livrar-se do seu corpo.

De repente, sentiu um certo remorso. De certa forma gostara e admirara este homem.

Em outras circunstâncias, quem sabe...

O navio deu um solavanco.

Não, era tarde demais para livrar-se dele. E, na realidade, não fazia diferença. O barco também podia perfeitamente ser guiado do assento do co-piloto. As funções eram transferíveis. Debaixo d'água, ainda poderia livrar-se de Johanson.

Em algum lugar, o aço estalou ruidosamente.

Li entrou rapidamente na cabine e fechou as cúpulas. Elas desceram simultaneamente e engataram. Seus dedos deslizaram sobre o painel de instrumentos. Um leve zumbido preencheu a cabine, várias fileiras de luzes e dois pequenos monitores acenderam-se. Todos os sistemas estavam a postos. O Deepflight flutuava calmamente sobre a água verde-escura do mar da Groenlândia, pronto para afundar pela clarabóia de três metros de diâmetro para o fundo do mar, e Li sentiu-se repleta de euforia.

Ela conseguira em tempo!

## **REFÚGIO**

Johanson estava sentado à beira do lago.

Estava silencioso diante dele, cheio de estrelas. Desejara tanto voltar para lá mais uma vez. Observava a paisagem da sua alma, repleto de admiração e felicidade. Sentia-se estranhamente sem corpo, sem sensação de frio ou calor. Alguma coisa estava diferente. Parecia-lhe que ele era o próprio lago, a pequena casa por detrás dele, a floresta silenciosa e escura em volta, os ruídos no

mato, a lua manchada, tudo. Ele era tudo isso, e tudo isso estava nele.

## **TINA LUND**

Que lamentável. Lamentável não estar ali. Ela merecia esta tranqüilidade, esta paz profunda. Mas ela estava morta. Morrera numa tremenda rebelião da natureza contra a ocupação invasiva da civilização que se alastrava ao longo dos litorais. Simplesmente apagada, assim como tudo fora apagado, exceto essa imagem na sua retina. O lago era eterno. Esta noite não teria fim. E à solidão se seguiria um vazio reconfortante, o prazer final do egoísta.

Ele queria isso? Queria realmente ficar sozinho?

Por um lado, por que não? Estar sozinho tinha uma série de imensuráveis vantagens. Dividia-se o precioso tempo consigo mesmo. Escutava-se a própria voz e ouviam-se coisas surpreendentes.

Por outro lado, onde corria a fronteira para a solidão?

De repente, sentiu medo.

O medo doía. Penetrava o seu peito, tirava-lhe o fôlego. Subitamente sentiu frio. Começou a tremer. As estrelas do lago incharam e transformaram-se em luzes vermelhas e verdes, e emitiam um zumbido eletrônico. Toda a imagem se desfez em algo brilhante, quadrado, e ele já não estava mais no lago, não era mais o lago, mas estava deitado num túnel apertado, um cano, uma cabine.

Imediatamente retomou a consciência.

Você está morto, pensou.

Não, ainda não estava totalmente morto. Mas sentia que lhe restavam apenas alguns segundos. Estava deitado dentro do submersível que deveria levar o veneno para o fundo do mar para enfrentar o crime dos Yrr, se é que se tratava de um crime, com um crime ainda maior — um crime aos Yrr e à humanidade.

À sua frente não piscavam estrelas, mas o painel de instrumentos do Deepflight. Estavam ligados. Ele ergueu o olhar,

olhou através da cúpula de vidro e viu a margem do convés-doca desaparecer para cima.

Estavam na comporta.

Num esforço inacreditável, conseguiu virar a cabeça. Na cabine ao lado reconheceu o belo perfil de Li.

Li.

Judith Li o matara.

Quase matara.

O barco afundou mais. Placas de aço rebitadas passaram por eles. Logo estariam do lado de fora. E então nada, nem ninguém, impediria Li de soltar a sua carga mortal no mar.

Não podia acontecer.

Começou a suar quando puxou as mãos debaixo do seu tronco e esticou os dedos. Quase perdeu a consciência. Ali estavam os instrumentos. Ele estava deitado na cabine do piloto. Li transferira os controles para o seu lado. Guiava o barco do assento do co-piloto, mas isso poderia mudar.

Um comando no teclado, e o controle voltaria para o seu lado.

Onde estava a tecla de comutação?

A técnica-chefe de Roscovitz, Kate Ann Browning, lhe ensinara. Fora bastante meticulosa, e ele prestara muita atenção. Essas coisas lhe interessavam. O Deepflight prometia o começo de uma nova era na tecnologia de mergulhos profundos, e o futuro sempre interessara a Johanson. Ele sabia onde estava a tecla! Também sabia para que serviam os outros instrumentos, e o que era preciso fazer para obter o efeito desejado. Apenas precisaria se lembrar.

Lembre-se.

Seus dedos arrastaram-se sobre as teclas como aranhas moribundas, borrados de sangue. O seu sangue.

Lembre-se!

Ali. A tecla. E ao lado...

Não podia fazer muito mais do que isso. A vida esvaía-se dele, mas restava um último resto de força. Seria o suficiente.

Vá para o inferno, Li!

Judith Li olhava fixo através da cúpula. A poucos metros à sua frente encontrava-se a parede de aço da comporta. O barco descia lentamente em direção ao mar aberto. Alguns metros ainda, talvez menos, e ela ligaria as hélices. E então avançaria para baixo e para o lado. Caso o Independence explodisse dentro dos próximos minutos, queria estar o mais afastada possível.

Quando topariam com os primeiros coletivos de Yrr? Um coletivo maior poderia ser um problema, ela sabia disso, e não fazia idéia do quão grande poderiam se tornar. Talvez fosse atacada por orcas. Em ambos os casos, os armamentos lhe abririam o caminho. Nenhum motivo para preocupação.

Deveria esperar pela nuvem azul. O momento certo para a detonação do veneno era imediatamente antes da fusão.

Esses malditos unicelulares levariam um susto...

Idéia engraçada. Unicelulares poderiam assustar-se?

De repente, ela própria assustou-se. Alguma coisa acabara de mudar no painel de instrumentos. Uma das lâmpadas de controle apagara, a que indicava que o comando estava do seu lado...

O comando!

Ela perdera o controle sobre o comando! Todas as funções foram transferidas de volta para o piloto. Em compensação, começou a piscar um display que mostrava quatro torpedos numa seqüência gráfica, dois mais estreitos e dois maiores, os torpedos antitanque.

Um dos torpedos antitanque piscou.

Li suspirou aterrorizada. Socou o painel de instrumentos para trazer o controle de volta ao seu lugar, mas não era possível desfazer o comando para a detonação. No azul-piscina dos seus olhos, o display continuava piscando e, implacavelmente, fazia a contagem regressiva

00.03... 00.02... 00.01...

—não!

00.00

Seu rosto ficou paralisado.

## **TORPEDO**

O torpedo antitanque que Johanson detonara atirou-se para fora do seu cano. Traçou seu caminho aproximadamente uns três metros pela água e chocou-se com a parede de aço e explodiu.

Uma imensa onda de pressão tomou conta do Deepflight. Ele bateu fortemente na parede traseira. Um gigantesco chafariz atirou-se para fora da comporta. Enquanto o submersível capotava, o segundo torpedo foi detonado. Com um estouro ensurdecador, metade do convés-doca explodiu. Formou-se uma bola de fogo e, dentro dela, o Deepflight, seus dois passageiros e a carga venenosa se desfizeram como se jamais tivessem existido. Os destroços cravaram-se no teto e nas paredes e destruíram os tanques de lastro da popa, que imediatamente se inundaram com a entrada de milhares de toneladas de água do mar através da cratera que outrora fora o fundo de uma doca artificial.

A popa do Independence caiu.

Ela começou a afundar numa velocidade incrível.

## **FUGA**

Anawak e Crowe haviam conseguido chegar à beira da rampa quando a onda de choque da explosão percorreu o navio.

O tremor derrubou-os. Anawak foi lançado no ar e viu as paredes cheias de fumaça girarem em torno de si antes de cair de cabeça no buraco negro. Ao seu lado, Crowe girava em queda livre, desaparecendo do seu campo de visão. O aço frisado bateu-lhe nos ombros, costas, peito e quadril e arrancou-lhe a pele dos ossos. Chocou-se, deu um salto, foi tomado por uma onda de pressão e arremessado para os lados, por um instante acreditando ser lançado de volta para cima. Um barulho indescritível penetrou os seus ouvidos, como se todo o navio estivesse explodindo. Ele continuou caindo sem parar, voou alto em direção à água espumante e afundou.

Imediatamente foi tomado por uma sucção implacável. A água borbulhava nos seus ouvidos. Mexeu as pernas e os braços, lutando contra a sucção, sem fazer a menor idéia do que era em cima ou embaixo. Não tivera a impressão do Independence estar afundando pela proa? Por que, de repente, a popa enchera d'água?

O convés-doca. Ele explodira.

## **JOHANSON**

Algo bateu-lhe no rosto. Um braço. Ele o pegou, agarrou-o com força, deu um impulso com os pés sem sentir que estava avançando, foi jogado para o lado e imediatamente puxado para trás novamente, em todas as direções simultaneamente. Seus pulmões doíam, como se inspirasse fogo líquido. Precisou tossir e começou a enjoar com as suas piruetas na roda-gigante subaquática.

De repente, sua cabeça saiu da água.

## **PENUMBRA**

Crowe emergiu ao seu lado. Ele continuava segurando o seu braço. Sentiu ânsia e cuspiu de olhos fechados, afundou novamente. Anawak puxou-a de volta. Ao seu redor, a água espumava e turbilhonava. Jogou a cabeça para trás e viu que estavam na base do túnel da rampa. As ondas estavam batendo na curva para o laboratório e o convés-doca.

O nível da água subiu e estava muito frio. Água gelada, diretamente do mar. Estaria protegido por algum tempo na sua roupa de neoprene, mas Crowe não estava trajando nada do gênero.

Morreremos afogados, pensou. Ou de frio. De uma forma ou de outra, é o fim. Estamos trancados na barriga deste terrível navio, e ele está enchendo-se de água. Afundaremos juntamente com o Independence.

Morreremos.

Eu morrerei.

Sentiu um medo indescritível. não queria morrer. não queria que acabasse. Amava a vida, amava tanto, tinha tanta coisa para recuperar. não podia morrer agora. não tinha tempo. Numa outra ocasião, tudo bem, mas agora não queria nem um pouco.

O medo era insuportável.

Afundou novamente. Algo tocara a sua cabeça. não muito forte, mas empurrava-o para baixo. Anawak bateu as pernas e conseguiu liberar-se. Emergiu sem fôlego e viu o que o acertara, e o seu coração deu um salto.

Um dos zodiacs fora lavado do convés-doca. A onda de pressão da explosão provavelmente o soltara. Flutuava sobre a água espumante que subia cada vez mais o túnel da rampa. Um barco inflável intacto com motor de popa e cabine de comando coberta. Previsto para até oito pessoas, definitivamente grande o suficiente para duas, e repleto de equipamento de emergência.

— Sam! — gritou.

Ele não a viu. Apenas água preta borbulhando.

Não, pensou, não é possível. Ainda agora estava ao meu lado.

— Sam!

A água continuou subindo. Mais da metade do túnel estava inundado. Esticou os braços, puxou-se para cima pela lateral emborrachada do zodiac e olhou em volta. Crowe desaparecera.

—não — chorou. —não, diabos, não!

Puxou-se para dentro do barco. Balançou fortemente. Arrastou-se para o lado oposto e olhou para a água.

Ali estava ela!

Flutuava ao lado do barco com os olhos semicerrados. As ondas lambiam o seu rosto. O barco cortara-lhe a visão para ela. Suas mãos moviam-se fracas e descoordenadas. Anawak inclinou-se em sua direção, conseguiu pegar seus pulsos e sacudiu-os.

— Sam! — gritou-lhe na cara.

As pálpebras de Crowe tremeram. E então ela tossiu uma torrente de água para fora de si. Anawak apoiou-se com os pés na lateral e puxou-a com força. Seus braços doíam tanto que ele achou

que não conseguiria, mas sua determinação ditava-lhe como único caminho aceitável o salvamento de Crowe.

Nem pense em voltar para casa sem ela, parecia dizer-lhe, ou então jogue-se na água de uma vez por todas.

Ele suspirou e gemeu, chorou e esbravejou, puxou e arrastou, e repentinamente ela estava no barco.

Anawak caiu sentado.

Não tinha mais forças.

Não desista, dizia a voz interior. Estar no zodiac, apenas, não adianta nada. Você precisa sair do navio, antes que ele o puxe para o fundo do mar.

O zodiac girava cada vez mais rápido. Bailava sobre a coluna d'água que subia constantemente, ao encontro do convés do hangar. Apenas mais um pedaço, e a água os jogaria para dentro do gigantesco saguão. Anawak ergueu-se e caiu imediatamente. Tudo bem, pensou, então vamos nos rastejar. De quatro, arrastou-se até a cabine do piloto e puxou-se para cima pelas escoras. Olhou para os instrumentos. A disposição em volta do volante lembrava a do Blue Shark. Uma situação familiar. Seria fácil.

Olhou para cima. Moviam-se rapidamente em direção à rampa. Ele agarrou-se e aguardou o momento certo.

De repente, estavam fora do túnel. Uma onda cuspiu-os para fora e jogou-os para dentro do hangar que agora também começava a encher d'água.

Anawak ligou o motor de popa.

Nada.

Venha, pensou. não se faça de difícil, seu barco de merda! Ligue logo.

Novamente nada.

Ligue! Barco de merda! Barco de merda!!!

Repentinamente o motor de popa deu a partida, e o zodiac saiu atirado. Anawak caiu para trás. Conseguiu segurar as escoras e puxou-se de volta para a cabine. Suas mãos envolveram o volante. Voou através do hangar, fez uma curva fechada e andou a toda velocidade em direção ao portão que dava para a plataforma boreste.

Ele estava encolhendo diante dos seus olhos.

Quanto mais se aproximava, mais o portão perdia altura. Era impressionante a rapidez com que o convés enchia. A água entrava por baixo e pelos lados em ondas cinza e escarpadas. Em questão de segundos, os oito metros de altura do hangar haviam-se transformado em quatro.

Menos de quatro.

Três. -

O motor de popa rugiu penosamente.

Menos de três.

Agora!

Atiraram-se para o lado de fora como uma bola de canhão. O teto da cabine passou de raspão no canto superior do portão, e então o zodiac voou por cima de uma crista de onda, cortou o ar por um instante e bateu na água com força.

O mar estava revolto. Monstros cinza aproximavam-se. Anawak agarrou o volante até os seus ossos brancos projetarem-se para fora. Voou a próxima montanha de água acima e caiu no abismo por detrás dela, subiu novamente, despencou. Aos poucos, melhorou. Agora viu que as ondas estavam altas, porém menos íngremes. Ele virou o zodiac por cento e oitenta graus, deixou-se levantar pela próxima montanha que se aproximou, desacelerou bastante e olhou para fora.

A visão era assustadora.

A ilha em chamas do Independence projetava-se para fora do mar cinza-escuro num céu de nuvens sombrio. Parecia que um vulcão eclodira no meio do mar. O convés de vô também já estava debaixo d'água, apenas a ruína em chamas insistia em lutar contra o destino fatal. Estavam bastante longe do navio que continuava afundando, mesmo assim o trovejar das chamas os alcançou.

Perplexo, olhou para fora.

— Formas de vida inteligente. — Crowe surgiu ao seu lado, pálida, de lábios azuis e tremendo fortemente. Agarrou-se no seu casaco, a perna ferida flexionada. — Só trazem problemas.

Anawak permaneceu em silêncio.

Juntos, viram o Independence afundar.

# QUINTA PARTE

## CONTATO

A busca por uma inteligência desconhecida é sempre  
uma busca pela própria inteligência.

**Carl Sagan**

## SONHOS

Acorde!

Estou acordada.

Como pode saber? Está tudo escuro em volta. Você está se aproximando à origem da Terra. O que vê?

Nada.

O que vê?

Eu vejo as luzes verdes e vermelhas dos instrumentos à minha frente. Os visores digitais que me informam a respeito da pressão interna e externa, das reservas de oxigênio do Deepflight, do ângulo de inclinação em que estou descendo, das reservas de combustível, da velocidade. O barco mede a composição química da água e me mostra em dados e tabelas. Os sensores registram a temperatura externa e me dão um número.

O que mais vê?

Vejo um turbilhão de partículas. Neve caindo na luz dos faróis. Substâncias orgânicas descendo. A água está saturada de ligações orgânicas. Um pouco turva. não, muito turva.

Continua vendo demais. não quer ver tudo?

Tudo?

Weaver conseguiu chegar a aproximadamente mil metros de profundidade sem ser atacada. não encontrou orcas nem Yrr. O Deepflight está funcionando sem problemas. Está descendo numa grande espiral elíptica. De vez em quando, alguns peixinhos entram na luz para desaparecerem novamente logo em seguida. Detritos flutuam por ali. Plâncton, minúsculos caranguejos, nenhum deles maior do que um ponto branco no cone dos faróis. A riqueza de partículas envia toda a luz de volta ao emissor.

Há dez minutos ela está fitando com esforço o casulo sujo e cinzento que os faróis do Deepflight estão enviando à frente. Escuridão artificialmente iluminada. Luz que não clareia nada. Dez minutos em que perdeu o sentido para o alto e o baixo. De segundos em segundos, controla os instrumentos que lhe informam o que o olhar para fora não revela — sua velocidade, sua inclinação de vôo, o tempo que passou.

A confiabilidade do computador.

Naturalmente sabe que é a sua voz com quem inconscientemente começa a travar um diálogo. É a quintessência da experiência, da vida aprendida e vivida, do conhecimento obscuro. Algo cuja existência até então permanecera oculta está falando de dentro dela e com ela simultaneamente. O troço na sua cabeça lhe faz perguntas, apresenta sugestões, a confunde.

O que vê?

Pouco.

Pouco ainda é muito. Apenas os humanos cometem o absurdo de confiar num aparelho sensorial no ponto em que ele comprovadamente falha. Sem querer menosprezar os seus instrumentos, mas, para compreender onde a sua viagem a leva, um cone de luz é totalmente inadequado, Karen. Essa luz ali é um espaço limitado. Uma prisão. Liberte a sua mente. Quer ver tudo?

Sim.

Então desligue os faróis.

Weaver hesita. Já pretendia fazer isso. É imprescindível para poder ver o brilho azul na escuridão quando chegar a hora. Mas quando chegará a hora? Surpresa, percebe o quanto se agarrara a esse cone de luz ridículo. Tempo demais. Como uma

lanterna debaixo do cobertor. Ela apaga os fortes faróis um após outro, até restar apenas a pequena lâmpada dos instrumentos. A chuva de partículas desaparece.

Uma escuridão perfeita a envolve.

As águas polares são azuis. Há pouca vida clorofilada no Pacífico Norte, da mesma forma que em algumas regiões em torno do continente antártico. Esse azul a poucos metros da superfície tem algo de celestial. Assim como um astronauta numa espaçonave, conforme se afasta da superfície terrestre, vê o familiar azul escurecer cada vez mais, até mergulhar na escuridão do espaço sideral, o submersível também afunda na direção oposta rumo a um universo cheio de mistérios, uma espécie de espaço sideral dentro da Terra. Na realidade, não importa se descemos ou subimos. Em ambos os casos, juntamente com as imagens familiares desvanecem as sensações familiares ou aquilo que transforma os sentidos humanos em emoções, principalmente a visão, seguida da força gravitacional. Ao contrário do espaço sideral, o mar é regido pelas leis gravitacionais, entretanto quem se move a mil metros de profundidade numa escuridão total deve confiar no visor digital que lhe diz se está se movendo para cima ou para baixo. Nem o ouvido interno, nem o olhar para fora permite tais constatações.

Weaver havia acionado a velocidade máxima de afundamento. O Deepflight atravessou rapidamente esse céu polar invertido, e rapidamente escureceu. Quando o medidor de profundidade mostrou sessenta metros, ainda media também quatro por cento da luz da superfície, mas ali ela já acendera os faróis — uma astronauta tentando iluminar o universo com uma lâmpada. Acorde, Karen.

Estou acordada.

Sim, claro, está acordada e altamente concentrada, mas está sonhando o sonho errado. Toda a humanidade está presa num sonho acordado de um mundo que não existe. Sonhamos com um cosmo de tabelas taxonômicas e valores médios estatísticos, incapazes de perceber a natureza objetiva. Tentamos desemaranhar o que está entrosado e atado, o inseparavelmente

entrelaçado, orga-nizando-o numa sucessão e numa hierarquia em cujo topo nos colocamos. Comunicamo-nos através de ídolos e recortes, declaramo-los realidade, geramos seqüências e hierarquias, distorcemos o tempo e o espaço. Sempre precisamos ver algo para compreender, mas, no momento em que o tornamos visível, subtraímos-lo da nossa compreensão. O humano que vê é cego, Karen. Olhe para a escuridão. A origem de toda a vida é escura.

A escuridão é ameaçadora.

De forma alguma! Ela nos retira as coordenadas da nossa existência visível. É tão ruim assim? A natureza é objetiva e cheia de variedade! Ela empobrece apenas com a visão preconceituosa, porque julgamos pelo agrado ou desagrado. Sempre nos vimos iluminados. Todas essas representações nas nossas telas de computadores e televisores mostram o mundo real? A soma de todas as impressões resulta em variedade, enquanto formos obrigados a nos comunicar através de protótipos como "o gato" e "a cor amarela"? Sem dúvida, é maravilhoso que o cérebro humano consiga arrancar esses valores médios da riqueza de variedades, um truque formidável que possibilita a comunicação acerca do impossível, contudo o preço é a abstração. No final, obtém-se um mundo idealizado em que milhões de mulheres procuram parecer-se com supermodelos, famílias têm 1,2 filhos e um chinês, em média, vive 63 anos e mede 1,70m. De tão presos às normas, não percebemos que a normalidade está no anormal, no desvio. A história da estatística é uma história de mal-entendidos. Ela nos ajudou a ter uma visão geral, mas nega a variação. Ela nos afastou do mundo.

Em compensação, aproximou-nos uns dos outros.

Acredita mesmo?

Não tentamos encontrar um caminho do entendimento com os Yrr? não o conseguimos, inclusive? Encontramos a matemática como base.

Cuidado! Isso é totalmente diferente. não existe margem de variabilidade no quadrado pitagórico. A velocidade da luz sempre será a velocidade da luz.

Regras matemáticas são inalteráveis, desde que descrevam o mesmo espaço físico. A matemática não permite nenhuma valoração. A regra matemática não é algo que vive numa caverna ou numa árvore, que se possa acariciar ou que mostre os dentes quando nos aproximamos demais. Não existe uma lei gravitacional média entre várias similares, mas apenas uma. Claro, através da matemática conseguimos nos comunicar, mas por isso nos compreendemos? A matemática aproximou os humanos? A etiquetagem do mundo segue as particularidades da história cultural de cada um, e cada círculo cultural vê o mundo de forma totalmente diferente. Os inuit não conhecem nenhum termo para neve, mas centenas de espécies de neve. Os dani em Nova Guiné não conhecem nomes de cores.

O que vê?

Weaver fita a escuridão. O submersível traça tranquilamente o seu caminho, ainda a 60° de inclinação e 12 nós de velocidade. Já percorreu 1.500 metros. Não ouve nada ranger ou estalar nas paredes do Deepflight. Na cabine vizinha está Mick Rubin. Ela procura pensar o mínimo possível nele. É estranho voar com um morto através da noite.

Um mensageiro morto que é a única esperança.

De repente, raios de luz.

Não, outra coisa. Lulas. Ela entrou num cardume inteiro. De repente, está flutuando numa Las Vegas submarina. Na eterna noite do fundo do mar, não são vestidos coloridos, nem danças, que impressionam as potenciais parceiras. Quando os solteiros estão à procura de uma acompanhante, ostentam os seus brilhos. Fileiras orgânicas inteiras piscam com bactérias luminescentes em órgãos lumi-nescentes, pequenas bolsas transparentes que se fecham e abrem novamente, um temporal de piscadas, gritaria oceânica codificada. Neste caso, não parece tratar-se de galanteios ao submersível de Weaver. Os raios têm o papel de intimidar. Desapareça, estão dizendo, e, como Weaver não desaparece, os animais abrem totalmente seus órgãos luminescentes e a envolvem com o seu véu de luz cintilante. No meio, organismos menores e claros, com um núcleo vermelho ou azul.

Mmedusas.

E então algo se aproxima que Weaver não pode ver, mas o seu sonar registra. Uma grande massa compacta. Por um instante, pensa num coletivo dos Yrr, mas os coletivos brilham, e este troço daqui é tão preto quanto o mar à sua volta. Tem uma forma comprida, é maciço de um lado e estreito do outro. Weaver está voando exatamente em sua direção. Ela puxa o Deepflight um pouco para cima e flutua por cima da criatura e, no mesmo instante, compreende o que provavelmente acabou de sobrevoar.

Baleias precisam beber. Uma idéia absurda diante da vida na água, mas uma baleia corre o mesmo risco de morrer de sede num oceano que um náufrago. As águas-vivas consistem quase que integralmente de água, água doce, assim como as lulas, que fornecem bastantes líquidos vitais, e é por isso que o cachalote mergulha à procura de lulas e medusas. Ele desce verticalmente a mil, dois mil, por vezes três mil metros de profundidade, permanece ali durante mais de uma hora, e então retorna por dez minutos à superfície para respirar, e mergulha novamente.

Weaver encontrou um cachalote. Um ladrão imóvel com visão aguçada. Está atravessando o reino da escuridão e da visão aguçada. Todos aqui vêem bem.

O que vê? O que não vê?

Está percorrendo uma estrada. A certa distância, reconhece um homem vindo em sua direção. Um pouco mais à frente, uma mulher passeia com o seu cachorro. Clique, registro do momento! Descreva quantos seres vivos estão andando na estrada, e a distância entre eles.

Somos quatro.

Não, somos mais. Vejo três pássaros nas árvores, portanto somos sete. O homem está a 18 metros de distância, a mulher, a 15. O cachorro, a 13,5, está à sua frente, puxando a coleira. Os pássaros estão a dez metros de altura, a meio metro um do outro. —não! Na realidade, há milhões de seres vivos nesta estrada. Apenas três são humanos. Um é um cachorro. Além dos três pássaros, ainda há 57 outros pássaros nas árvores que eu não vejo. As próprias árvores são seres vivos, em cujas folhas e casca vivem

miríades de insetos. As penas dos pássaros são habitadas por ácaros, assim como os poros da nossa pele. Em seu pêlo, o cachorro reúne meia centena de pulgas, 14 carrapatos, dois mosquitos e, no intestino e no estômago, milhares de minúsculos vermes. Sua saliva está saturada de bactérias. Nosso corpo é habitado de forma similar, e a distância entre todas essas formas de vida é quase zero. Esporos, bactérias e vírus flutuam no ar, formam cadeias orgânicas da qual fazemos parte, nos unem todos em um único superorganismo, e, no mar, é a mesma coisa.

O que você é, Karen Weaver?

Num grande raio, sou a única forma de vida humana — desconsiderando Rubin, que não é mais uma forma de vida, porque está morto.

Você é uma partícula.

Uma partícula dentro da multiplicidade. não corresponde integralmente a nenhum outro ser humano, assim como nenhuma célula corresponde a outra em todos os detalhes. Alguma coisa é sempre diferente. É assim que deve ver o mundo. Como um leque de similaridades. não é confortante perceber-se como partícula se, dessa forma, lhe é concedida a singularidade? Você é uma partícula no tempo e no espaço.

O medidor de profundidade pisca.

Dois mil metros.

Dezessete minutos. Estou navegando há 17 minutos.

É o que lhe diz esse relógio? — Sim.

Para compreender o mundo, precisa encontrar outro tempo. Deveria lembrar-se, mas não pode. O homem é míope há dois milhões de anos. No decorrer da sua evolução, o homo sapiens levou a maior parte do tempo caçando e coletando. Isso formou seu cérebro como ele é hoje. O futuro dos nossos ancestrais sempre foi apenas o que se seguiu de imediato, tudo que ia além disso era tão difuso quanto o que já se passou há muito tempo. Vivíamos o momento, interessados, antes de qualquer coisa, na reprodução. Grandes catástrofes eram esquecidas ou ingressavam na mitologia. O esquecimento foi um presente da evolução, mas hoje transformou-se na nossa maldição. Nossa mente continua sem

transpassar um horizonte de tempo de mais que alguns anos para o passado ou o futuro. Algumas gerações, e nós negamos, ignoramos, esquecemos. Incapazes de memorizar coisas passadas e aprender com elas, somos igualmente incapazes de observar o futuro. Os homens não foram feitos para ver o todo e o seu lugar nele. não dividimos a lembrança da Terra.

Besteira! A Terra não se lembra. As pessoas se lembram, mas não a Terra. Esse negócio de memória da Terra é tolice esotérica.

Você acha? Os Yrr lembram-se de tudo. Eles são a memória.,

Weaver sente-se tonta.

Ela verifica o abastecimento de oxigênio. Aos poucos, seus pensamentos começam a confundir-se. Este mergulho parece estar se tornando uma viagem alucinógena. Seus pensamentos voam para todos os lados na escuridão do mar da Groenlândia.

Onde estão os Yrr?

Estão aqui.

Onde?

Você os verá.

Você é uma partícula no tempo.

Você está afundando na silenciosa escuridão, com inúmeros semelhantes, uma partícula de água fria e salgada, cansada e pesada após a viagem exaustiva dos trópicos para essa região inóspita no alto, até se reunirem nas bacias da Groenlândia e da Noruega numa grande piscina de água gelada e pesada. De lá, você despenca além das cordilheiras submarinas entre a Groenlândia, a Islândia e a Escócia para dentro do Atlântico. É uma queda infinita, passando por montes de lava e sedimentos até chegar ao fundo. Vocês formam uma corrente poderosa, você e os outros, e, na Terra Nova, recebem reforço de massas de água do mar do Labrador, menos densas e frias. À altura das Bermudas, óvnis redondos oriundos do mar Mediterrâneo aproximam-se pelo oceano, redemoinhos de água extremamente salgada que vêm voando desde o Estreito de Gibraltar e juntam-se a vocês. Mediterrâneo,

Labrador, Groenlândia, todas essas águas se misturam, e vocês seguem para o sul, lá no fundo do mar.

Você testemunha como a Terra cria a si própria.

Seu caminho leva-a ao longo da Dorsal do Atlântico, uma das grandes dorsais que cortam os oceanos longitudinalmente. Juntas, seriam do tamanho de todos os continentes, e, enfileiradas, somam sessenta mil quilômetros de extensão, coroadas por fileiras e mais fileiras de vulcões extintos e ativos. As dorsais erguem-se a mais de três mil metros acima do fundo do mar, tendo quase a mesma quantidade de água acima de si, e dividem a Terra. Onde o seu eixo se bifurca, o magma chega de espaços subterrâneos à superfície, mas, sob a pressão do fundo do mar gelado, em vez de evaporar numa explosão, a rocha líquida brota lentamente. Ela se expande através dos flancos das dorsais oceânicas e afasta-as com a persistência de crianças gordas e impertinentes — fundo do mar recém-nascido que ainda precisa definir sua forma. As encostas afastam-se numa lentidão infinita. Onde a lava transforma a escuridão do fundo do mar num vermelho reluzente, o chão é quente. Terremotos sacodem a chaminé de onde ela brota e as margens de ambos os lados. Mais distante, as encostas esfriam. Ali, a topografia é formada por rochas mais antigas, cada vez mais antigas, frias e densas conforme a distância vai aumentando, até o solo velho, frio e pesado despencar nas infinitas abissais, as planícies do fundo do mar que se estendem cortadas por montanhas e cobertas de camadas de sedimentos soltos, esteiras de eras passadas, em direção à América para o oeste, e à Europa e à África para o leste, até um dia penetrarem por debaixo das massas continentais para aprofundar-se no manto da Terra e derreterem no forno da astenosfera que, milhões de anos depois, a enviará de volta às chaminés das dorsais oceânicas como magma vermelho em brasa.

Que circulação! O fundo do mar move-se incansavelmente em torno do globo terrestre, rachado pela pressão do interior da Terra e puxado pelo peso das suas placas tectônicas. Um constante pressionar e puxar, contrações e cerimoniais de enterro geolíticos que moldam a face da Terra. A África irá unir-se à Europa. Unir-se

novamente! Os continentes movem-se. Contudo não se movem como quebra-gelos através da crosta terrestre porosa, mas são movidos passivamente com ela, desde que Rodinia, o primeiro de todos os continentes primitivos, fora fragmentado. O que ocorre nada mais é do que as reaproximações contínuas dos seus fragmentos, originando Gondwana e, por último, Pangéia, voltando a serem separados, uma família fragmentada com uma lembrança de 165 milhões de anos da última massa continental coesa com um único oceano em volta, ligada à velocidade de deslocamento da viscosa rocha do manto, condenada a procurarem-se numa esfera.

Você é uma partícula.

Você vivência apenas um sopro disso tudo. Enquanto o fundo do mar atlântico tiver avançado cinco centímetros, você já terá avançado um ano. Nesta viagem, você vê vida sem sol. A lava esfria rapidamente, formando falhas e fissuras. A água do mar penetra no novo solo poroso. Escorre quilômetros de profundidades até um pouco antes das quentes camadas de magma no interior da Terra, retorna para cima saturada de calor e minerais essenciais para a vida, totalmente preta devido aos sulfetos, e atira-se através de formações do tamanho de casas parecidas com chaminés, extremamente quente, mas sem ferver. Nessa profundidade, a água de 350° de temperatura não ferve, apenas flui e distribui sua riqueza de nutrientes ao redor, uma oferta cem vezes maior do que nas águas vizinhas. Em sua viagem ao universo desconhecido, você alcançou o primeiro posto externo de comunidades de vida que dispensam a luz solar. Em torno das fumaças negras, vermes de vários metros de comprimento vivem aglomerados, assim como mexilhões do tamanho de um braço, multidões de caranguejos brancos e peixes cegos, mas, acima de tudo, bactérias. Elas são auto-suficientes, assim como as plantas verdes que, de certa forma, se alimentam da luz do sol, e das quais acreditava-se depender toda e qualquer forma de vida. Mas essas bactérias não precisam do sol. Elas oxidam sulfeto de hidrogênio. Sua fonte vital é o centro da Terra. Suas comunidades ocupam o solo próximo às chaminés negras e vivem em simbiose com os vermes e mexilhões e alguns

caranguejos, e outros caranguejos e peixes vivem desses mexilhões e vermes, sem que um raio de sol se torne necessário.

Talvez as formas de vida mais antigas do planeta não tenham se desenvolvido na superfície, Karen, mas aqui, no fundo do mar sem luz, e você está avistando o verdadeiro Jardim do Éden na sua viagem pelo fundo do oceano Atlântico. Entre as duas raças inteligentes, os Yrr certamente são os mais velhos, enquanto a outra herdou o chão firme e, em troca, perdeu o berço.

Imagine você, os Yrr são a raça escolhida.

A raça divina.

Checagem do sistema.

Weaver abandona os seus pensamentos transformados em partículas que acabaram de passar pela África. Precisa esforçar-se por se concentrar no momento.

Poderia muito bem já estar viajando há cem anos. Do lado de fora, a certa distância, passa um brilho fantasmagórico, porém não são os Yrr, mas cardumes de minúsculos plânctons. não dá para dizer ao certo. Talvez também sejam pequenas lulas ou algo totalmente diferente.

Dois mil e quinhentos metros.

Mais uns mil metros até o fundo. Ao seu redor não deveria ter nada além de água, mas, subitamente, o sonar começa a clicar nervosamente. Ele a informa de que ela está se aproximando de algo maciço. Deve ser enorme e, para ser mais exato, essa coisa é que está aproximando-se dela. Uma área impenetrável que está descendo do alto, diretamente em sua direção. Weaver sente o medo latente transformar-se em pânico. Faz uma curva de 180 graus enquanto o troço gigante continua se aproximando. Os microfones externos transmitem um ruído oco nada terrestre para dentro do Deepflight, cada vez mais alto, uivos e suspiros fantasmagóricos. Weaver tenta fugir, mas é vencida pela curiosidade. Já está bastante afastada da coisa desconhecida e, ao que parece, a criatura não a está perseguindo.

Se for uma criatura.

Após mais uma curva, ela reduz a velocidade e flutua em sua direção. Está à sua altura, imediatamente à sua frente. O

Deepflight estremece com as turbulências.

Turbulências?

O que pode tornar-se tão grande? Uma baleia? Mas isto daqui tem a dimensão de dez baleias. Ou de cem. Ou de ainda mais.

Ela liga os faróis.

No mesmo instante percebe que se aproximou mais do que pretendia. Ele surge na margem do cone de luz. Por um instante, Weaver fica completamente confusa, sem condições de definir a forma e a procedência da área lisa que está passando diante dela, até algo claro surgir subitamente diante dos faróis. São linhas torcidas e retas, de vários metros de comprimento, terrivelmente familiares, e elas resultam em SS Inde...

O choque a faz gritar.

O grito desfaz-se sem eco algum, e ela se conscientiza do quão isolada está na sua cabine. E quão solitária. Mais solitária agora, depois de ver o navio afundando ao seu lado, e os seus pensamentos voam para Anawak, Johanson, Crowe, Shankar e os outros.

Leon!

Perplexa, ela não pára de olhar.

A margem do convés de vôo surge rapidamente e desaparece novamente. O resto permanece oculto na escuridão. Vêem-se apenas as bolhas de ar escapado bailando confusamente.

E então segue-se o vácuo, puxando o Deepflight para baixo.

Não!

Ela procura estabilizar o barco desesperadamente. Maldita curiosidade! Por que não pôde esperar numa distância adequada? Os sistemas demonstram que várias coisas não vão bem. Weaver dirige na direção oposta e sobe a todo vapor. O barco luta e cambaleia, seguindo o Independence para o seu túmulo, e finalmente a construção manifesta toda a sua criatividade, ela consegue escapar do vácuo e atirar-se para o alto.

De um instante para o outro, tudo volta a ficar como se nada tivesse acontecido.

Weaver consegue ouvir o coração bater. Sente um estrondo nos ouvidos. O sangue sobe-lhe à cabeça como um pistão. Ela desliga os faróis, inclina o Deepflight levemente para a frente e prossegue seu vôo para o fundo da bacia da Groenlândia.

Passado algum tempo, minutos ou talvez apenas segundos, ela chora. Tudo vem à tona. Ela chora compulsivamente. O que isso significa? Ela sabia que o Independence afundaria, todos sabiam, mas tão rápido?

Sim, sabíamos inclusive disso.

Mas ela não sabe se Leon ainda está vivo. E o que houve com Sigur.

Sente-se terrivelmente só.

Eu quero voltar.

Eu quero voltar!

— Eu quero voltar!

Coberta de lágrimas, os lábios trêmulos, ela começa a duvidar do sentido da sua missão. não viu os Yrr até agora, apesar de estar aproximando-se cada vez mais do fundo do mar. Ela checa os instrumentos. O computador a tranqüiliza. Ele diz que ela partiu há quase meia hora e atingiu 2.700 metros de profundidade.

Meia hora. Até quando ela precisa resistir aqui embaixo?

Você quer ver tudo?

O quê?

Você quer ver tudo, pequena partícula?

Weaver dá uma fungada. Uma fungada alta e distinta, bastante terrestre no escuro país das maravilhas.

— Papai? — choraminga. Calma. Acalme-se.

Uma partícula não pergunta quanto tempo ainda levará. Apenas move-se ou fica parada. Ela entra no ritmo da gênese, uma obediente criada do todo. Essa interminável indagação quanto à demora é característica exclusiva do homem, essa luta contra a própria natureza, a divisão do tempo de vida. Os Yrr não se interessam pelo tempo. Eles carregam o tempo no seu genoma, o princípio da vida celular, quando, há duzentos milhões de anos, blocos rochosos oceânicos fundiram-se à massa continental que forma a atual América do Norte, quando, há 65 milhões de anos, a

Groenlândia começou a afastar-se da Europa, quando, há 36 milhões de anos, as características topográficas do Atlântico se definiram, quando a Espanha ainda estava distante da África, quando as soleiras submarinas afundaram tanto que, há vinte milhões de anos, finalmente iniciou-se a troca de água entre o oceano Ártico e o oceano Atlântico, a que você deve a sua viagem, partícula, que começou aqui na Bacia da Groenlândia e a levará adiante, passando pela África seguindo para o sul, em direção à Antártida.

Você está a caminho da Corrente Circumpolar, a estação de manobras das correntes marinhas, da circulação eterna.

Do frio para o frio.

Apesar de ser apenas uma partícula, é parte de um todo que corresponde ao volume de água de dezenas de gigantescos rios. Vocês fluem sobre o fundo do mar, atravessam o equador e chegam à bacia do Atlântico Sul até a ponta inferior da América do Sul. Até aqui, o seu fluxo foi constante e calmo. Além do Cabo Horn, entretanto, enfrentam tempestuosas turbulências. Tonta e saltitante, você é puxada para dentro de algo que se assemelha ao trânsito em torno do Arco do Triunfo ao meio-dia, apenas bem mais forte. A Corrente Circumpolar Antártica move-se ao longo do continente branco do oeste para o leste, uma estação de manobra em que todos os mares entram e saem. A corrente circular jamais pára, nunca bate em terra firme. Ela se expulsa a si mesma infinitamente. Ela carrega a água de centenas e milhares de rios, suga todas as águas do mundo para dentro de si, rasga-as e mistura-as, apaga sua proveniência e sua identidade. Imediatamente em frente à Antártica, você emerge num frio congelante. Você flui pela superfície com ondas espumantes e torna a afundar lentamente para tornar-se parte do grande carrossel circumpolar.

Ele a carrega ao longo de um trecho e cospe-a novamente.

Você retoma o caminho de volta ao norte a oitocentos metros de profundidade. Todos os mares alimentam-se da corrente circumpolar antártica. Uma parcela da água retorna ao nível intermediário do Atlântico, outra segue para o oceano Índico, e a

maior parte vai parar no Pacífico, incluindo você. Rente ao flanco oeste da América do Sul, você flui até o equador, onde os ventos Passat cortam a água e o calor tropical a aquece. Você emerge para a superfície e é puxada para oeste, para dentro da confusão da Indonésia

ilhas e ilhotas, correntes, redemoinhos, abismos e turbilhões, parece impossível passar por ali. Você percorre o sul das Filipinas e atravessa o Estreito de Makassar entre Bornéu e Sulawesi. Você poderia enfiar-se no Estreito de Lombok, contudo há aquele contorno a leste de Timor, uma rota mais apropriada pela qual você finalmente alcança o oceano Índico.

Agora em direção à África.

Os abismos quentes do mar Arábico saturam-na com sal. Você viaja para o sul ao longo de Moçambique, a sua agência de viagens agora chama-se Corrente das Agulhas. Você flui cada vez mais rápido, ansiosa por alcançar seu oceano de origem, despenca na grande aventura que custou a vida de tantos navegadores, o Cabo da Boa Esperança — e é jogada para trás. Aqui se encontram correntes demais. A Place de PÊtoile antártica com o seu trânsito de sexta-feira à tarde é muito parecida. Por mais que você se esforce, não consegue seguir muito adiante. Até que você se solta num turbilhão da corrente principal, juntamente com outras, e finalmente flui para dentro do Atlântico Sul. A Corrente Equatorial leva você e suas companheiras para o oeste, vocês passam pelo Brasil e a Venezuela em gigantescos redemoinhos até a Flórida, e são arrancadas umas das outras.

Você alcançou o Caribe, o berço da Corrente do Golfo. Recarregada pelo sol tropical, inicia o trecho para cima, para a Terra Nova e seguindo em direção à Islândia, flutua, orgulhosa, na superfície e distribui generosamente o seu calor para a Europa, como se tivesse uma infinidade dele. Lentamente, começa a sentir frio, e a água do Atlântico Norte, pouco a pouco evaporada, deixa-lhe uma carga de sal cada vez mais pesada, e, subitamente, você está sobre a Bacia da Groenlândia, o ponto de partida da sua viagem.

Você viajou durante mil anos.

Desde que o istmo do Panamá separou o Pacífico do Atlântico, as partículas de água seguem esse caminho há mais de três milhões de anos. Desde então, apenas um deslocamento dos continentes poderia alterar o percurso da circulação termoalina. Poderia! O homem desequilibrou o clima. E, enquanto os opositores climáticos continuam discutindo se este aquecimento pode ou não provocar o derretimento das calotas polares e, conseqüentemente, a paralisação da Corrente do Golfo, ele já está parando, porque os Yrr o estão paralisando. Estão paralisando a viagem das partículas, o calor da Europa, o futuro da autodenominada raça divina. Porque sabem muito bem o que acontecerá se a circulação parar, ao contrário dos seus inimigos, que sempre ignoram as conseqüências das suas atitudes, que não se lembram do futuro porque lhes falta a memória genética, a sabedoria de como o começo transforma-se em fim e o fim, em começo, na conclusão da gênese.

Mil anos, pequena partícula. Mais de dez gerações humanas, e você deu uma volta ao mundo.

Mil viagens dessas, e o fundo do mar está totalmente renovado.

Centenas de renovações dessas, e alguns mares terão desaparecido, continentes terão sido arrancados enquanto outros terão se fundido, novos oceanos terão se formado, a face do mundo terá mudado.

Um segundo da sua viagem, pequena partícula, e a vida mais simples se forma e se vai. Nanossegundos, e partículas elementares mudam de lugar. Em menos tempo ainda ocorrem reações químicas.

No meio disso tudo, o homem.

Acima disso tudo, os Yrr.

O oceano conscientizado de si mesmo.

Você viajou pelo mundo, como ele foi e como ele é, como parte da grande circulação que não tem começo nem fim, apenas variação e retorno. Desde que este planeta nasceu, ele muda. Todos os seres vivos formam um único manto que reveste a Terra, inseparavelmente unidos em suas cadeias alimentares. As espécies simples interagem com as complexas, muitas formas vida

desapareceram para sempre, outras novas se desenvolvem, algumas sempre existiram e habitarão a Terra até ela despencar no sol.

No meio disso tudo, o homem.

Acima disso tudo, os Yrr.

O que vê?

O que vê?

Weaver sente-se incrivelmente cansada, como se tivesse viajado durante anos. Uma pequena partícula cansada, triste e solitária.

— Mamãe? Papai?

Precisa esforçar-se por manter o olhar nos controles.

Pressão interna, ok. Oxigênio, ok.

Inclinação

zero.

Zero?

O Deepflight está na horizontal. Ela hesita. De repente, está totalmente desperta novamente. O controle para a velocidade de descida também mostra zero.

Profundidade

3.466 metros.

Tudo preto à sua volta.

O barco não está mais afundando. Chegou ao fundo. Ela alcançou o fundo da Bacia da Groenlândia.

Mal tem coragem de olhar para o relógio, com medo de ver algo terrível — que já está viajando há horas, que não terá mais oxigênio suficiente para retornar à superfície, algo do gênero. Entretanto o visor digital informa, com a sua luz tranqüila, que o seu mergulho começou há 35 minutos. Ela não ficou de fato fora do ar. Apenas não se lembra do pouso, mas, ao que parece, fez tudo certo. As hélices pararam, os sistemas continuam ativos. Ela poderia subir imediatamente. E, de repente, começa.

Coletivo

Inicialmente, Weaver acredita tratar-se de uma ilusão de óptica. Um brilho azul, fraco e a certa distância. A aparição surge

como se alguém tivesse soprado uma poeira azul escura de uma gigantesca palma de mão, e desaparece novamente.

Um novo brilho, desta vez mais próximo e maior. Este permanece e forma um arco por cima do barco, obrigando Weaver a olhar para o alto. O que ela vê lembra-a de uma nuvem cósmica. É impossível precisar a distância e o tamanho da nuvem, mas ela causa-lhe a impressão de ter atingido não o fundo do mar, mas a margem de uma galáxia distante.

E então o azul se desfaz. Por um instante, ela acredita que esteja ficando mais fraco, para logo depois reconhecer que é uma ilusão de óptica porque, na realidade, esta nuvem está se dissolvendo numa maior que, lentamente, abaixa-se em direção ao barco.

De repente, ela percebe que, caso pretenda livrar-se de Rubin, não é uma boa idéia ficar parada no fundo do mar.

E a hora é essa. Agora ou nunca.

Ela inclina as asas laterais e liga o motor. O Deepflight se arrasta um pouco sobre o chão, levanta sedimento e decola. Raios fulminam nos imensos horizontes pretos como a noite, e Weaver compreende que a fusão começou.

O coletivo é gigantesco.

O brilho branco e azul aproxima-se rapidamente de todos os lados. O Deep-flight está pendurado no meio da nuvem em fusão. Weaver sabe que a substância gelatinosa tem a capacidade de se contrair até ficar bastante resistente — e prefere não pensar no que poderia acontecer com o seu submersível se o músculo de unicelulares fechar-se em torno dela. Por um instante, imagina uma mão esmagando um ovo cru.

Ela está um pouco mais que dez metros acima do chão.

Deve bastar.

Agora.

Uma tecla que decide tudo. Basta não olhar direito uma única vez, ficar trêmula de nervoso ou de medo, e abrir a tampa errada para ela morrer imediatamente. A 3.500 metros de profundidade, a pressão é de 385 atmosferas. não se perde

necessariamente sua aparência externa, mas definitivamente sua vida.

Mas Weaver abre a capota certa.

Ao lado, a tampa da cabine do co-piloto verticaliza-se. O ar atira-se para fora como numa explosão e puxa o corpo de Rubin um pouco para fora. Weaver acelera o seu submersível, que, com a cabine aberta, ficou praticamente impossível de comandar, e faz com que despenque subitamente para que Rubin seja catapultado para fora de uma vez por todas. Sua silhueta preta flutua diante do temporal azul e branco que se aproxima. O habitat desconhecido esmaga os seus tecidos e órgãos, amassa o seu crânio, quebra-lhe os ossos com a força da sua própria musculatura e espreme os seus líquidos corporais para fora.

Tudo está iluminado.

O corpo rotatório de Rubin é capturado pela substância gelatinosa e pressionado contra o submersível em fuga. O organismo também se aproxima do outro lado, de todos os lados simultaneamente, por cima e por baixo. Ele se molda em volta do barco e de Rubin, enrijece, e Weaver dá um grito de pavor...

O barco está livre.

Os Yrr recuaram do barco praticamente na mesma velocidade com que haviam se aproximado. Recuaram muito. Se é que existe um termo para descrever o comportamento do coletivo neste momento, seria

espanto profundo.

Weaver ouve-se choramingar.

O mar continua azul à sua volta. Luzes desvanecidas caçam-se umas às outras na imensa massa gelatinosa que envolve o barco como uma parede fechada e infinitamente alta. Ela vira a cabeça e vê a face destruída de Rubin levemente iluminada pelos instrumentos de navegação. Ele foi pressionado pela gelatina em contração contra a cúpula da sua cabine, com as cavidades oculares escuras viradas para dentro do barco. Seus globos oculares dissolveram-se com a pressão hidrostática. Em seu lugar, um líquido preto está brotando para fora, e então o corpo do morto lentamente se solta e cai na noite atrás dele. Volta a ser apenas

uma sombra diante do fundo iluminado, com estranhos movimentos rebojantes, como se estivesse fazendo uma dança desajeitada e infinitamente lenta em homenagem a divindades pagas.

Weaver está hiperventilando, esforça-se por manter a calma. Em outras circunstâncias, já estaria passando mal há muito tempo, mas agora ela não tinha tempo para isso.

O anel continua recuando e começa a dobrar-se para o alto nas bordas. A escuridão penetra por debaixo dele. Ondas percorrem a bainha do organismo. Ele se franze cada vez mais para o alto, e o defunto do biólogo perde-se na escuridão. Ao mesmo tempo, tentáculos esguios e pontudos aproximam-se por cima, compridos como cipós. Seus movimentos são coordenados e determinados, eles encontram Rubin e começam a apalpá-lo. Weaver não consegue ver o corpo, mas o sonar o localizou, e os movimentos palpatórios e cuidadosos dos sensores indicam um perfil humano.

Sensores mais finos e sensíveis projetam-se para fora das pontas e analisam minuciosamente cada parte do corpo antes de seguirem adiante. Por vezes ficam imóveis ou se cruzam. Às vezes sobrepõem-se como se estivessem se encontrando para uma reunião muda. Ao contrário de tudo que já vira dos Yrr, esses sensores brilham em várias tonalidades de branco. Tudo lembra uma coreografia, um balet mudo, e, de repente, Weaver ouve de longe a música de sua infância

"La plus que lente", a valsa mais que lenta de Debussy, a música preferida de seu pai. Perplexa e encantada, perde todo o medo. Naturalmente, ninguém está tocando "La plus que lente" aqui embaixo, mas até combinaria, porque esse jogo de sondagem é de uma beleza paralisante e, no momento, ela não consegue ver nada além de...

Beleza.

Ela reencontrou os seus pais no meio da beleza.

Weaver joga a cabeça para trás.

Acima dela, ergue-se uma cúpula azul cintilante de dimensões gigantescas, do tamanho de uma cúpula celeste.

Weaver não venera nenhum Deus, mas precisa lembrar-se disso para não começar a rezar baixinho. Lembra-se das palavras

de Crowe, que falara dos extraterrestres demasiado terrestres, da visão centralizadora do homem na descrição da natureza particular de outros seres em vez de abrir espaço para visões mais ousadas. Possivelmente Crowe criticaria justamente essa pureza da luz, desejando uma iluminação menos simbólica do que justo o branco sagrado. Mas isto daqui não é comparável a nada. Simplesmente é branco porque a bioluminescência, muitas vezes, produz luz branca, ou então luz azul, verde ou vermelha. Nenhum Deus está se manifestando aqui, é apenas a atividade de unicelulares capazes de brilhar. E, além disso, que Deus humano se manifestaria em tentáculos?

O que quase faz Weaver perder a razão é o entendimento de que não há mais volta. A briga acerca da capacidade dos unicelulares desenvolverem inteligência. A questão de saber se a auto-organização de todas essas células resulta em vida consciente ou apenas se trata de uma espécie de miniatura surpreendentemente bem desenvolvida. Os Yrr chegaram a apostar alto para garantir um lugar no quarto de horrores da História, quando os seus tentáculos penetraram no casco do Independence, monstros gelatinosos contra os quais os marcianos de Wells não passavam de tolos. Tudo isso perdeu todo o sentido diante do fantástico e estranho espetáculo. O que Weaver está vendo não carece de nenhuma outra comprovação de existência desenvolvida e definitivamente não-humana.

Seu olhar vaga pela cúpula azul até ela alcançar o vértice de onde alguma coisa está descendo lentamente — uma formação de cuja face inferior projetam-se os tentáculos. E aproximadamente redondo, grande como uma lua. Debaixo da superfície branca, movem-se sombras cinzentas. Durante milésimos de segundos formam-se desenhos complicados, nuances de branco sobre branco, lampejos simétricos, fileiras piscantes de pontos e linhas, códigos criptografados, uma festa para qualquer estudioso da semiótica. Para Weaver, a criatura lembra um computador vivo no qual se realizam processos de uma complexidade incrível. Ela está vendo os pensamentos deste troço, e então compreende que ele está pensando por tudo à sua volta, por toda a gigantesca massa, o

firmamento azul, e finalmente ela se conscientiza do que está vendo ali. Ela encontrou a rainha.

A rainha está fazendo contato.

Weaver mal se atreve a respirar. A pressão de várias toneladas comprimiu os líquidos dentro de Rubin, mas, ao mesmo tempo, faz com que saia do corpo destruído e se distribua na água. Em todos os lugares onde lhe haviam injetado a solução, está sendo expulso o ferormônio concentrado ao qual os Yrr reagiram instintivamente. A fusão ocorreu por um instante e desfez-se ainda mais rapidamente. Weaver continua sem saber se o seu plano se concretizará. Mas, se ela estiver certa, a experiência deve ter causado uma confusão babilônica nos Yrr — com a diferença de que, na Babilônia, uns reconheciam aos outros sem compreender, ao passo que o coletivo compreende sem reconhecer. A mensagem dos ferormônios nunca antes fora espalhada ou compreendida por alguém que não fossem os Yrr. O coletivo não reconhece Rubin. Ele é claramente o inimigo a quem se decidira destruir, mas o inimigo está dizendo fundir.

Rubin está dizendo

Eu sou um Yrr.

O que estará se passando com a rainha? Será que ela descobriu o truque? Será que reconhece que Rubin naturalmente não é um coletivo Yrr, que as suas células são unidas entre si, que lhe faltam os receptores? Ele certamente não é o primeiro ser humano que os Yrr examinam detalhadamente. Tudo que vêem classifica Rubin como inimigo. Segundo a lógica dos Yrr, alguém que não é um Yrr deve ser ignorado ou combatido, mas, alguma vez, Yrr combateu Yrr?

Podem ter certeza?

Disso, ao menos, Weaver não duvida, e ela sabe que Johanson, Anawak e todos os outros também pensariam dessa maneira. Os Yrr não matam uns aos outros. Eles repelem células doentes e defeituosas, e o ferormônio induz a morte celular, mas isso não é muito diferente de quando um corpo repele escamas de pele mortas. não se falaria de uma luta entre células corpóreas, porque elas constituem um único ser e, de certa forma, também é

assim com os Yrr. São inúmeros bilhões e, ao mesmo tempo, apenas um. Até mesmo coletivos diferentes com rainhas diferentes são parte de uma única criatura com uma única memória, um cérebro que reveste o mundo que pode tomar decisões erradas, mas desconhece qualquer forma de culpa moral, que cria espaço para idéias individuais sem que uma célula individual jamais pudesse reivindicar alguma preferência, onde não são pronunciadas penalidades ou travadas guerras. Existem apenas Yrr intactos e defeituosos, e o que estiver defeituoso morre.

Entretanto um Yrr morto jamais fará contato através de um ferormônio como esse pedaço de carne em forma de humano, que é um inimigo, aparentemente morto, e ao mesmo tempo não é nenhum dos dois.

Karen, deixe a aranha em paz.

Karen é pequena e pegou um livro para matar uma aranha, que também é pequena, mas cometeu o imperdoável erro de nascer como aranha.

Por quê?

A aranha é feia.

Depende dos olhos do observador. Por que a considera feia?

Pergunta idiota. Por que uma aranha é feia? Porque é, e pronto. não tem nada que olhe para nós com olhinhos redondos de bebê, nada de bonitinho ou que se queira abraçar, não se pode fazer carinho nela, a sua aparência é estranha e malvada e deve desaparecer.

O livro voa para baixo, e a aranha vira lama.

Mais adiante, muito em breve, Karen irá se arrepender amargamente desse ato, ao assistir a mais um programa do Grilo Feliz na televisão. Ela já sabe que os grilos são bons. Nesse programa também aparece uma aranha que, com as suas oito pernas e o seu olhar fixo, justificariam o emprego imediato do livro. Mas, de repente, a aranha abre uma boca fina e sem lábios e fala com uma guinchada e encantadora voz infantil. Em vez de fazer ameaças furiosas como pequenas meninas esperariam de uma aranha, ela se apresenta como personificação do bem, amável e fofinha.

De repente, ela não consegue mais imaginar-se matando uma aranha. Pior ainda, aquela uma aparecerá em seus sonhos e a acusará com essa voz infantil, e será terrível, e Karen começa a chorar.

Naquela ocasião, conhecera o respeito.

Conhecera o que, anos depois, a bordo do Itidependence, se transformaria numa idéia. Como enganar uma espécie altamente inteligente contornando totalmente o seu intelecto para ganhar tempo, talvez até alcançar algo como compreensão recíproca. E que o homem — acostumado a distribuir notas pelo desenvolvimento segundo o grau de semelhança com ele próprio — desiste de si a ponto de tentar parecer-se com os Yrr.

Que impertinência para a coroa da criação! Dependendo de quem se esteja falando.

A lua branca e pensante flutua acima dela.

E afunda mais.

Os tentáculos envolvem Rubin, até ele voltar a aparecer como torso mumificado em gelatina, puxam-no para dentro de si. Imponente, a rainha afunda em direção ao Deepflighí, inúmeras vezes maior do que o submersível. De repente, a escuridão oceânica desaparece. O corpo da rainha começa a envolver o veículo. Tudo está iluminado. Uma luz branca pulsa em volta de Weaver. A rainha absorve o submersível dentro de si e o incorpora aos seus pensamentos.

Weaver sente o medo retornar. Fica sem ar. Ela resiste ao impulso de ligar os motores, apesar de não desejar mais nada além de sair daqui. A magia desfez-se e abriu espaço para a ameaça real, mas ela sabe que, nessa gelatina resistente e flexível, as hélices apenas irão aborrecer a criatura. Talvez eles também a divirtam ou deixem-na indiferente, mas, em todo caso, é melhor nem pensar em fuga.

Ela sente o barco ser levantado.

A criatura pode vê-la?

Weaver não faz idéia de como isso funcionaria. O coletivo não tem olhos, mas pode ter certeza?

Teriam precisado de tanto tempo mais a bordo do Independence.

Ela torce ferrenhamente para que a criatura possa vê-la ou percebê-la de alguma outra forma através da cúpula de vidro. E que a rainha não se entregue à tentação de abrir a cúpula para apalpar Weaver. Seria uma tentativa de contato talvez bem-intencionada, mas deveras final.

Ela não fará isso. Ela é inteligente.

Ela?

Com que velocidade entramos no modo humano de pensar.

De repente, Weaver começa a rir. Como se isso fosse um sinal, de repente a luz à sua volta torna-se mais transparente. Parece afastar-se estranhamente para todos os lados, até ela subitamente compreender que a criatura que chamara de rainha está se dissolvendo. Ela derrete, estende-se e, por um instante maravilhoso, envolve-a como a poeira estelar do jovem universo. Minúsculos pontos brancos dançam diretamente à frente da cúpula. Se forem unicelulares, são de tamanho considerável, quase como pequenas ervilhas.

E então o Deepflight está fora, e a lua funde-se novamente e agora flutua debaixo dela, sustentada por um disco azul-escuro de dimensões infinitas. A rainha parece ter levantado bastante o barco. Na superfície da cúpula acontece algo para o que Weaver encontra apenas uma explicação trântico caótico. Miríades de seres luminescentes passam flutuando por cima da esfera azul. Peixes que lembram quimeras, cujos corpos brilham em desenhos complexos, atiram-se para fora da gelatina, encontram-se e voltam a cair dentro da massa. Mais adiante, algo cintila como uma queima de fogos, e então surgem pontos vermelhos em cascatas em brasa diante do submersível, constantemente formando desenhos novos, mais rápido do que os olhos conseguem acompanhar. Ao afundarem e aproximarem-se do centro branco, lentamente adotam uma forma, mas apenas um pouco antes de alcançarem a rainha revelam sua verdadeira natureza, e Weaver sente-se tonta. não é um cardume de pequenos peixes, como havia pensado, mas uma única criatura gigante com dez braços e um corpo longo e esguio.

Uma lula. Do tamanho de um ônibus.

A rainha projeta um fio claro para fora e toca o centro da lula, e o jogo das manchas vermelhas é interrompido.

O que está acontecendo ali?

Weaver não consegue parar de olhar. Cardumes de plâncton cintilam como a neve diante dos seus olhos, caindo de baixo para cima. Uma esquadra de lulas verdes néon passa por ela com os seus olhos sobre palitos. Raios fulminam na imensidão azul em que se perdem, onde sua luz não consegue mais avançar até Weaver.

Ela olha e olha.

Até subitamente tudo parecer-lhe demais.

De repente, ela não suporta mais. Percebe que o barco torna a afundar de encontro à lua brilhante, que ela poderia mais uma vez aproximar-se demais desse mundo terrivelmente lindo, terrivelmente desconhecido, dessa vez sem chance de deixá-lo novamente.

Não. não!

Rapidamente fecha a cabine que continuava aberta e bombeia ar pressurizado para dentro dela. O sonar indica cem metros acima do fundo do mar, caindo. Weaver checa a pressão interna, o oxigênio, o combustível. Nenhum sinal de falha. Todos os sistemas estão intactos. Ela inclina as asas laterais e liga os motores. Seu avião submarino começa a subir, inicialmente suave, em seguida cada vez mais rápido, escapa do mundo estranho no fundo da Bacia da Groenlândia e ruma para o céu familiar.

## **QUEDA DE VOLTA À TERRA**

Nunca antes Weaver sentira tantas coisas em tão pouco tempo. De repente, sua cabeça enche-se de perguntas. Onde ficam as cidades dos Yrr? Onde se desenvolve a sua biotecnologia? Como produzem o Scratch? O que ela viu da civilização desconhecida? O que a deixaram ver? Tudo? Ou nada? Aquilo fora uma cidade flutuante?

Ou apenas uma sentinela?

O que vê? O que viu?

Eu não sei.

## FANTASMAS

Para cima, para baixo. Sobe, desce.

Maçante.

As ondas levantam o Deepflight e deixam-no cair novamente. Sobe, desce. Está boiando na superfície, um certo tempo depois de Weaver ter partido do fundo da bacia. Ela se sente um pouco como num elevador esquizofrênico. São ondas altas, porém uniformes. Raramente uma crista que quebre, parece mais uma serra cinza-escura monótona e em constante movimento.

Abrir a cúpula teria sido perigoso demais. O Deepflight imediatamente se encheria de água. Por isso ela simplesmente fica deitada, olhando para fora, na esperança do mar acalmar-se alguma hora. Ainda lhe resta algum combustível. não é suficiente para chegar até a Groenlândia ou Svalbard, mas ao menos para as proximidades. Enquanto o mar estiver batido, ela poupará as reservas — seria inútil enfrentar as ondas, e ela não quer mais mergulhar. Assim que acalmar, ela começará seu cruzeiro. Para onde quer que seja.

Ela realmente não sabe o que viu. Mas se a criatura lá embaixo tiver chegado à conclusão de que os homens têm algo em comum com os Yrr, e seja apenas um odor, a emoção pode ter vencido a lógica. Nesse caso, a humanidade terá ganhado tempo. Um crédito, pagável com boa vontade, compreensão e atitude. Um dia os Yrr chegarão a um novo consenso, porque a sua procedência e o seu desenvolvimento, toda a sua existência se baseia em consensos, e então a humanidade terá decidido qual será esse consenso.

Weaver não quer pensar em mais nada. não quer pensar em Sigur Johanson, nem em Sam Crowe e Murray Shankar, nem nos mortos, em Sue Oliviera, em Alicia Delaware, em Jack Greywolf. Nem em Salomon Peak, Jack Vanderbilt, Luther Roscovitz, em ninguém, nem mesmo em Judith Li.

Nem em Leon, porque pensar assusta.

Mas então acaba pensando.

Eles surgem um após outro, como se estivessem chegando para uma festa, ocupam um lugar na sua cabeça e se acomodam.

— A anfitriã é encantadora — diz Johanson. — Mas seria de bom-tom ter um bom vinho a bordo.

— O que você espera de um submersível? — responde Oliviera secamente. — Uma adega?

— É o mínimo.

— Minha nossa, Sigur. — Anawak balança a cabeça e ri. — Você deveria dar-lhe os parabéns. Ela acabou de salvar o mundo.

— Muito louvável.

— Ela fez isso? — pergunta Crowe. — O mundo? Silêncio perplexo.

— Ah, o mundo, sinceramente. — Delaware empurra o seu chiclete de uma bochecha para a outra. — O mundo não está nem aí. não liga a mínima se viaja conosco ou sozinho pelo universo. Podemos salvar ou destruir apenas o nosso mundo.

— Hugh! — Greywolf inclina a sua cabeça. Anawak concorda

— A atmosfera sequer percebe se continua respirável para nós ou não. Se o homem deixar de existir, este sistema desgraçado de valores humanos também será anulado, e então um pântano de enxofre borbulhante torna-se tão belo ou feio quanto Tofino num dia de sol.

— É isso mesmo, Leon — diz Johanson. — Bebamos o vinho da compreensão. A humanidade está em declínio mesmo, quer dizer, Copérnico desterrou a Terra do centro do universo, Darwin arrancou-nos a coroa da criação, Freud mostrou que o intelecto humano fracassa no inconsciente. Até há pouco ao menos éramos os únicos espertalhões organizados neste planeta, e agora vêm os inquietos mais antigos e mandam-nos embora.

— Deus nos abandonou — polemiza Oliviera.

— Bem, nem tanto — diz Anawak. — Afinal, Karen ao menos conseguiu uma prorrogação para nós.

— Mas a que preço! — Johanson torce a cara. — Alguns de nós foram obrigados a morrer.

— Apenas um pequeno afinamento — brinca Delaware. — não finja que não lhe tenha incomodado.

; — O que você quer? Acho que fui bastante corajosa. Se vir estas histórias no cinema, os velhos sempre têm que morrer, enquanto os jovens sobrevivem.

— É porque somos macacos — diz Oliviera secamente. — Os genes velhos abrem espaço para os mais jovens, mais saudáveis, que garantem a reprodução ideal. De outro modo, a coisa não funciona.

— Nem mesmo no cinema — concorda Crowe. — Se os velhos sobreviverem e os jovens morrerem, haverá protestos. Do ponto de vista da maioria das pessoas, esse não é um final feliz. não dá para acreditar, não é? Até mesmo essa história altamente romântica de final feliz é resultado de leis biológicas. Livre-arbítrio, até parece. Alguém tem um cigarro?

— Nenhum vinho, nenhum cigarro — diz Johanson, malicioso.

— Vocês precisam ver isso de forma positiva — diz Shankar com a sua voz suave. — Os Yrr são um milagre, e o milagre sobreviveu a nós. Quer dizer, King Kong, o tubarão branco, os monstros místicos sempre morrem. O homem que o descobre o admira, deixa-se enfeitiçar pela sua natureza diferente e depois o mata. Realmente queremos isso? Deixamo-nos enfeitiçar pelo Scratch, pelo que é diferente, pelo incerto — para quê? Para eliminá-lo do mundo? Por que devemos acabar novamente com o milagre?

— Para que o herói e a heroína possam se abraçar e gerar um monte de descendentes sem graça — rosna Greywolf.

— Exatamente! — Johanson bate-se no peito. — E o velho cientista sábio também deve morrer para abrir espaço para burgueses idiotas cujo único mérito é a juventude.

— Obrigada — diz Delaware.

— não estou me referindo a você.

— Acalmem-se, crianças. — Oliviera levanta os braços. — Unicelulares, macacos, monstros, milagres, tudo a mesma coisa. Tudo biomassa. não há motivo para exaltação. A nossa espécie

imediatamente mostra uma outra face quando observada pelo microscópio ou descrita em termos biológicos. O homem e a mulher transformam-se em macho e fêmea, a finalidade máxima de vida de cada um é a alimentação, comer transforma-se em pastar...

— E sexo em acasalamento — exclama Delaware, bem-humorada.

— Exatamente. Chamamos a guerra de dizimação da espécie e, no pior dos casos, de ameaça de extinção, não precisamos mais nos responsabilizar pela nossa burrice, porque podemos pôr a culpa de tudo nos genes e nos instintos.

— Instintos? — Greywolf abraça Delaware. — Nada contra. Todos riem baixinho.

Anawak hesita.

— Então, voltando a falar do final feliz... Todos olham para ele.

— Eu sei que poderíamos nos questionar se a humanidade merece continuar existindo. Contudo a humanidade não existe. Existem apenas humanos. Humanos individuais, dos quais muitos teriam uma série de bons motivos para continuar vivendo.

— E por que você quer continuar vivendo, Leon? — pergunta Crowe.

— Porque... —Anawak encolhe os ombros. — Muito simples. Porque existe alguém para quem eu quero continuar vivendo.

— Final feliz — suspira Johanson. — Eu sabia. Crowe sorri para Anawak.

— No fim, apaixonou-se, Leon?

— No fim? — Anawak reflete. — É. Acho que no fim me apaixonei. Continuam conversando, e as vozes perdem-se na cabeça de Weaver até se misturarem aos rumores das ondas.

— Muito louvável.

— Ela fez isso? — pergunta Crowe. — O mundo? Silêncio perplexo.

— Ah, o mundo, sinceramente. — Delaware empurra o seu chiclete de uma bochecha para a outra. — O mundo não está nem aí. não liga a mínima se viaja conosco ou sozinho pelo universo. Podemos salvar ou destruir apenas o nosso mundo.

— Hugh! — Greywolf inclina a sua cabeça. Anawak concorda

— A atmosfera sequer percebe se continua respirável para nós ou não. Se o homem deixar de existir, este sistema desgraçado de valores humanos também será anulado, e então um pântano de enxofre borbulhante torna-se tão belo ou feio quanto Tofino num dia de sol.

— É isso mesmo, Leon — diz Johanson. — Bebamos o vinho da compreensão. A humanidade está em declínio mesmo, quer dizer, Copérnico desterrou a Terra do centro do universo, Darwin arrancou-nos a coroa da criação, Freud mostrou que o intelecto humano fracassa no inconsciente. Até há pouco ao menos éramos os únicos espertalhões organizados neste planeta, e agora vêm os inquilinos mais antigos e mandam-nos embora.

— Deus nos abandonou — polemiza Oliviera.

— Bem, nem tanto — diz Anawak. — Afinal, Karen ao menos conseguiu uma prorrogação para nós.

— Mas a que preço! — Johanson torce a cara. — Alguns de nós foram obrigados a morrer.

— Apenas um pequeno definhamento — brinca Delaware.

— não finja que não lhe tenha incomodado.

— O que você quer? Acho que fui bastante corajosa. Se vir estas histórias no cinema, os velhos sempre têm que morrer, enquanto os jovens sobrevivem.

— É porque somos macacos — diz Oliviera secamente. — Os genes velhos abrem espaço para os mais jovens, mais saudáveis, que garantem a reprodução ideal. De outro modo, a coisa não funciona.

— Nem mesmo no cinema — concorda Crowe. — Se os velhos sobreviverem e os jovens morrerem, haverá protestos. Do ponto de vista da maioria das pessoas, esse não é um final feliz. não dá para acreditar, não é? Até mesmo essa história altamente romântica de final feliz é resultado de leis biológicas. Livre-arbítrio, até parece. Alguém tem um cigarro?

— Nenhum vinho, nenhum cigarro — diz Johanson, malicioso.

— Vocês precisam ver isso de forma positiva — diz Shankar com a sua voz suave. — Os Yrr são um milagre, e o milagre sobreviveu a nós. Quer dizer, King Kong, o tubarão branco, os monstros místicos sempre morrem. O homem que o descobre o admira, deixa-se enfeitiçar pela sua natureza diferente e depois o mata. Realmente queremos isso? Deixamo-nos enfeitiçar pelo Scratch, pelo que é diferente, pelo incerto — para quê? Para eliminá-lo do mundo? Por que devemos acabar novamente com o milagre?

— Para que o herói e a heroína possam se abraçar e gerar um monte de descendentes sem graça — rosna Greywolf.

— Exatamente! — Johanson bate-se no peito. — E o velho cientista sábio também deve morrer para abrir espaço para burgueses idiotas cujo único mérito é a juventude.

— Obrigada — diz Delaware.

— não estou me referindo a você.

— Acalmem-se, crianças. — Oliviera levanta os braços. — Unicelulares, macacos, monstros, milagres, tudo a mesma coisa. Tudo biomassa. não há motivo para exaltação. A nossa espécie imediatamente mostra uma outra face quando observada pelo microscópio ou descrita em termos biológicos. O homem e a mulher transformam-se em macho e fêmea, a finalidade máxima de vida de cada um é a alimentação, comer transforma-se em pastar...

— E sexo em acasalamento — exclama Delaware, bem-humorada.

— Exatamente. Chamamos a guerra de dizimação da espécie e, no pior dos casos, de ameaça de extinção, não precisamos mais nos responsabilizar pela nossa burrice, porque podemos pôr a culpa de tudo nos genes e nos instintos.

— Instintos? — Greywolf abraça Delaware. — Nada contra. Todos riem baixinho.

Anawak hesita.

— Então, voltando a falar do final feliz... Todos olham para ele.

— Eu sei que poderíamos nos questionar se a humanidade merece continuar existindo. Contudo a humanidade não existe.

Existem apenas humanos. Humanos individuais, dos quais muitos teriam uma série de bons motivos para continuar vivendo.

— E por que você quer continuar vivendo, Leon? — pergunta Crowe.

— Porque... — Anawak encolhe os ombros. — Muito simples. Porque existe alguém para quem eu quero continuar vivendo.

— Final feliz — suspira Johanson. — Eu sabia. Crowe sorri para Anawak.

— No fim, apaixonou-se, Leon?

— No fim? — Anawak reflete. — É. Acho que no fim me apaixonei. Continuam conversando, e as vozes perdem-se na cabeça de Weaver até se misturarem aos rumores das ondas.

Sonhadora, pensa ela. Sua maldita sonhadora. Está novamente sozinha.

Weaver chora.

Passada aproximadamente uma hora, o mar se acalma. Passada mais uma hora, o vento diminuiu tanto que as ondas ficaram rasas e compridas.

Três horas depois, ela arrisca abrir a cúpula.

A tranca abre-se com um clique. A tampa sobe zumbindo. Um frio gelado a envolve. Ela olha para fora e vê um dorso emergir e afundar novamente a certa distância. O que está se aproximando não é uma orca, é algo maior. Quando torna a emergir e afundar, desta vez bem mais perto, a imponente nadadeira dorsal projeta-se para fora d'água.

Uma jubarte.

Por um instante, ela pensa em fechar a cabine novamente. Mas como enfrentar o peso de toneladas da jubarte? Tanto faz estar deitada ou sentada na cabine. Se a baleia não quiser que ela sobreviva aos próximos minutos, então ela não sobreviverá.

O dorso ergue-se novamente do cinza ondulado. O animal é gigantesco. Ele permanece na superfície d'água, próximo ao barco. Passa tão perto que bastaria Weaver esticar o braço para tocar a cabeça escarpada e coberta de cracas. A baleia vira-se de lado, e seu olho esquerdo espia durante alguns segundos a pequena mulher na máquina.

Weaver responde ao olhar.

A baleia solta um esguicho alto. E então mergulha lentamente, sem gerar uma única onda, desaparece na água cinza e passa a ser apenas uma lembrança.

Weaver agarra-se à beira da cabine.

Ela não atacou.

A baleia não lhe fez nada.

Ela mal pode acreditar. Sua cabeça está estourando. Seus ouvidos, zumbindo. Enquanto continua de olhos arregalados para a água, escuta a vibração e o estrondo se aproximarem, e não é na sua cabeça. Está vindo do ar em sua direção, transforma-se num zumbido, bem próximo agora, ensurdecedor, e Weaver vira a cabeça.

O helicóptero está rente à superfície d'água.

As pessoas estão apinhadas na porta lateral aberta. Soldados e um civil que acena para ela com as duas mãos. Alguém cuja boca está muito aberta, na desesperada tentativa de vencer o crepitar dos rotores.

No fim, ele irá vencê-los, mas no momento a máquina está ganhando.

Weaver chora e ri ao mesmo tempo.

É Leon Anawak.

# EPÍLOGO

Das Crônicas de Samantha Crowe

15 de agosto Nada mais é como foi um dia.

Hoje faz um ano que o Independence afundou. Decidi escrever este diário. Um ano depois. Aparentemente, as pessoas sempre precisam de uma data simbólica para começar ou terminar coisas. Não que faltem anotações sobre os acontecimentos dos últimos meses. Mas não são os meus pensamentos que estão sendo escritos ali, e eu gostaria de um dia poder me assegurar da legitimidade das minhas lembranças.

Pela manhã liguei para o Leon. Naquele dia, ele foi a alternativa a queimar, afogar ou congelar. Na realidade, eu lhe devo minha vida duas vezes. Depois de o navio afundar, eu ainda poderia ter morrido, encharcada até os ossos pela água gelada, um tornozelo fraturado e sem qualquer esperança de que alguém nos encontrasse. O zodiac tinha um equipamento de salvamento a bordo, mas duvido que teria conseguido me virar sozinha com aquilo. Como se não bastasse, logo depois de o Independence afundar, devo ter desmaiado. Até hoje meu cérebro recusa-se a reproduzir essa última seqüência. Lembro-me de quando despencamos pela rampa, minha última lembrança é água. Acordei no hospital. Com hipotermia, uma pneumonia, um traumatismo craniano e um desejo urgente por nicotina.

Leon está bem. Karen e ele estão em Londres no momento. Nós falamos sobre os mortos. Sobre Sigur Johanson, que não pôde mais ver a sua casa no interior norueguês, sobre Sue Oliviera, Murray Shankar, Alicia Delaware e Grey-wolf. Leon sente falta dos seus amigos, especialmente em dias como o de hoje. Assim somos nós humanos. Para pensar nos mortos também precisamos das âncoras do luto para que posteriormente enfiemos a dor numa

caixa e a armazenemos durante mais um ano, e quando a abrirmos da próxima vez perceberemos lembramos dela maior. A morte aos mortos. Rapidamente nos dedicamos aos vivos. Há pouco conheci Gerhard Bohrmann. Um sujeito agradável, equilibrado e tranqüilo. Se eu fosse ele, não sei se jamais voltaria a colocar um pé na água, mas ele diz que nada pode ser pior do que a sua experiência em La Palma. Portanto ele continua mergulhando, para ter uma idéia do estado dos taludes continentais, e agora já se pode mergulhar novamente. Os ataques de fato cessaram logo após o naufrágio do Independence. Um pouco antes, as estações de medição da SOSUS registraram sinais Scratch que podiam ser escutados ao longo de todo o oceano. Quando, horas depois, uma equipe de salvamento chegou ao cone vulcânico para liberar Bohrmann de sua fenda na rocha, os tubarões haviam desaparecido. As baleias retomaram o seu comportamento normal da noite para o dia. Os vermes desapareceram da mesma forma que os cardumes de águas-vivas e os animais venenosos, nenhum caranguejo invadiu mais os litorais, e, aos poucos, a grande bomba também voltou a funcionar e a ameaça de uma nova era do gelo se desfez. Até mesmo os hidratos estão voltando à sua resistência original, disse Bohrmann. Até hoje Karen não sabe exatamente o que viu no fundo da Bacia da Groenlândia, mas o seu plano parece ter funcionado. Os sinais Scratch correspondem exatamente ao momento do seu contato com a rainha — isso nós sabemos do sistema de bordo do Deepflight. O computador gravou o instante em que Karen abriu a cúpula para soltar o corpo de Rubin ao fundo do mar, e, pouco depois, o terror cessou.

    Ou seria melhor dizer que foi interrompido?

    Aproveitamos a nossa chance?

    Não sei. A Europa está se recuperando lentamente das conseqüências do tsunami. As epidemias no leste americano continuam, se bem que mais brandas, e uma série de novos antídotos está começando a surtir efeito. Essas são as boas notícias. Por outro lado, o mundo encontra-se no delírio da irritação. Como podemos recuperar-nos diante do pouco que resta da nossa

identidade? As grandes religiões devem-nos uma resposta, como, por exemplo, o cristianismo

Adão e Eva, os protótipos da nossa espécie, há muito tempo já abriram espaço para os pilares da bioquímica. A Igreja foi obrigada a aceitar que Deus começara com proteínas e aminoácidos. Até aí, tudo bem. O decisivo é que Ele queria o que Ele fez! Como exatamente o homem se desenvolveu não é o mais importante, e sim que ele tenha se desenvolvido da forma que agradava a Deus. Deus não joga dados, disse Einstein. Ele coloca os seus planos em prática, e o seu sucesso é inquestionável. A infalibilidade sempre em primeiro lugar!

Até mesmo a idéia de outras inteligências em outros planetas o cristianismo soube acompanhar. Por que Deus não haveria de repetir sua criação quantas vezes quisesse? A aparência diferente dessas criaturas, inclusive, pode ser da vontade de Deus. O modelo humano foi perfeitamente adaptado às condições locais que Ele determinou segundo a Sua vontade. Em outros planetas, Deus criou outras condições e, conseqüentemente, outras formas de vida. De uma forma ou de outra, criou todas as vidas à sua imagem, porque o termo retrato de Deus deve ser compreendido de modo metafórico

a gênese não corresponde ao retrato de Deus, mas à imagem que Ele teve em mente quando a concretizou.

O problema era outro

se o cosmo realmente fosse habitado por inteligências desconhecidas, todas criadas por Deus — então a história do filho de Deus também não fora similar em cada um dos planetas? Os habitantes não deveriam pecar em todos os lugares, para serem perdoados pelo sacrifício divino?

Contrariando essa teoria, pode-se dizer que uma raça criada por Deus não precisa necessariamente pecar. O desenvolvimento pode ter sido diferente. Os habitantes de um planeta desconhecido poderiam obedecer à lei de Deus, tornando supérfluo a existência de um Redentor. Contudo essa questão apresentaria um problema se a outra raça sempre viveu segundo a palavra de Deus — então no entendimento divino ela seria a raça mais pura? Ela mostrou-se

mais digna Dele que o homem, então Deus deveria dar-lhe preferência. Com isso, entretanto, o homem se tornaria a criação de segunda categoria, aliás já pré-castigada porque já foi inundada por insuficiência moral continuada uma vez. Pode-se dizê-lo de forma ainda mais drástica o homem não é exatamente a obra-prima de Deus. Ele falhou. Ele não conseguiu evitar que o homem pecasse, então se viu obrigado a sacrificar Seu filho para amortizar a culpa. Uma espécie de crédito em forma de sangue. Que pai faria isso sem mais nem menos? O próprio Deus deve ter chegado à conclusão de que a humanidade dera errado.

Agora a ciência postula milhares e mais milhares de civilizações desconhecidas no espaço. Entretanto encontrar galáxias habitadas apenas por seres exemplares é um pouco difícil de imaginar, então podemos acreditar que ao menos algumas das outras raças também se tornaram culpadas, o que, por sua vez, exige um Redentor. Para a religião, nesses casos não se trata de amortizações, mas de dogmas e princípios, ou seja, não importa quanta culpa alguém carrega, mas o fato de que carrega. Em outras palavras — Deus não admite pechincha. Quebra de confiança é quebra de confiança. Castigo é castigo, e redenção é redenção.

Sendo assim, a história do Redentor teria se repetido. Mas se poderia ter certeza de que Deus não encontrara outros caminhos para desagrar as falhas da Sua criação? Sem deixar o Seu filho morrer! E imediatamente surgiu um novo problema a morte de Cristo fora dolorosa, mas inevitável, porque fora o caminho divino e, portanto, o único caminho. Contudo, frente às alternativas ainda continuava sendo o único caminho correto? Como se demonstrava a infalibilidade de Deus, se, para purificar a sua criação, Ele deixou Seu filho morrer aqui, mas lá não? Sacrificá-lo teria sido um erro que ele não queria repetir de forma alguma nos outros mundos? E que sentido teria rezar para um Deus que não fazia as coisas direito?

Na realidade, portanto, o cristianismo poderia aceitar apenas as inteligências que tiverem uma história da Paixão. Caso contrário, ou a humanidade ou Deus se sairiam mal. Mas nem

mesmo o guardião da doutrina cristã podia pressupor um universo cheio de histórias da Paixão, então o que restava?

Nossa singularidade na Terra.

Deus determinou que este mundo seria nosso. Nós somos a raça divina com a tarefa de dominar a Terra. Habitantes de outros planetas não alteram em nada este fato, nem mesmo se viessem nos visitar. Este planeta é o nosso lugar, e os outros têm os seus. Em seu mundo, cada raça é divina.

Mas a muralha caiu. Os Yrr destruíram a última reivindicação cristã. não apenas questionaram a supremacia humana, como também o plano de Deus. Pior ainda mesmo que nos conformássemos que Deus tenha criado duas raças iguais na Terra, os Yrr deveriam apresentar uma história da Paixão ou seguir estritamente os Seus mandamentos. De outro modo, teriam pecado, mas então surge a dúvida por que Deus já não os castigara há muito tempo na Sua ira.

E os Yrr não seguem os Seus mandamentos. Seguir o quinto mandamento já excluiria a sua bioquímica. O que só pode significar que Deus a) não existe, b) não detém o controle ou c) aprova as atitudes dos Yrr. Então nós nos teríamos entregado a um engano tão velho quanto a humanidade. não se tratava de nós!

Essas e outras são as intermináveis discussões das grandes religiões que têm definido o cristianismo, o islã e o judaísmo. Enquanto continuam definindo, analisando e interpretando, suas estruturas quebraram em grande parte, e, com elas, as desgastadas bolsas que dependiam mais da forte palavra financeira de Deus do que acreditávamos. Por outro lado, o budismo e o hinduísmo, que aceitam outras formas de vida, cresceram muito. Os círculos esotéricos estão em alta, novos movimentos estão se desenvolvendo, religiões primitivas arcaicas estão renascendo. Entre as seitas antigas, os mórmons são os mais fortes, cujo Deus diz eu criei inúmeros mundos! Mas por que Ele criou duas crianças no mesmo quarto nem mesmo os mórmons conseguem responder.

A última coisa que ouvi dizer foi que um bispo católico está navegando oceano acima e abaixo com uma delegação de Roma, jogando água benta nas ondas e ordenando ao diabo que

desapareça. Surpreendente. Como espécie acostumada a ludibriar os fundamentos de Deus e violar a sua criação, agora enviamos um de seus supostos representantes para conter o inimigo. Temos a audácia de nos fazer de advogado de um criador cuja incumbência ignoramos. É como se quiséssemos pregar o evangelho para Deus a fim de persuadi-lo a não nos castigar.

O mundo está se arruinando.

Nesse meio tempo, a ONU retirou o mandato do comando dos Estados Unidos. Mais um passo do desespero. Em muitos países, a ordem pública sucumbiu. Para onde quer que se olhe, bandos sujos percorrem o país. Em todos os lugares desenvolvem-se conflitos armados. O fraco ataca o mais fraco, porque o homem, em sua essência, não é solícito, mas atado à sua herança animal. Quem está no chão, vira presa, e há bastante coisa para ser saqueada. Os Yrr não apenas destruíram nossas cidades, eles também nos arrasaram internamente. Estamos perdidos por aí, descrentes, crianças cruéis retrocedendo rapidamente na busca por um novo começo.

Mas também há esperanças, primeiros sinais para uma mudança de pensamento quanto ao papel do homem no nosso planeta. Nesses últimos dias, muitas pessoas estão tentando compreender a diversidade biológica para entender os reais princípios unificadores e o que finalmente nos une, longe de qualquer hierarquia. Porque o fator unificador é que garante a nossa sobrevivência. O homem algum dia já se perguntou quais seriam as conseqüências para a vida dos seus descendentes se ele lhes deixasse um planeta empobrecido? Quem realmente queria avaliar a importância de uma espécie animal para a mente humana? Ansiámos por florestas, recifes de corais e mares repletos de peixes, ar puro e águas límpidas. Contudo continuamos prejudicando a Terra. Juntamente com a diversidade das espécies, estamos destruindo uma complexidade que não compreendemos, e muito menos podemos recriar. O que rasgamos permanece rasgado. Quem pretende decidir de que parte da natureza nessa grande rede podemos abdicar? O segredo da formação da rede revela-se apenas quando ela está intacta. Fomos longe demais uma vez, e a rede

decidiu livrar-se de nós. Por enquanto, estamos num cessar-fogo. Quaisquer que sejam as conclusões dos Yrr, seria bom se nós lhes facilitássemos o máximo possível a decisão. Porque não cairão no truque de Karen uma segunda vez.

Hoje, um ano após o naufrágio, abri um jornal e li

Os Yrr mudaram a Terra para todos os tempos.

Mudaram?

Influenciaram definitivamente o nosso destino, e mesmo assim não sabemos quase nada a seu respeito. Acreditamos conhecer sua bioquímica, mas isso é conhecimento? Desde aquela época não os vimos mais. Apenas os seus sinais ecoam pelo mar, incompreensíveis, porque não são direcionados a nós. Como um monte de gelatina produz sons? Como os absorve? Dois milhões de perguntas inúteis de serem feitas. As respostas dependem de nós. Apenas de nós.

Talvez seja necessária mais uma revolução humana para finalmente unir a nossa herança arcaica ao desenvolvimento da nossa inteligência. Se quisermos ser dignos do presente que a Terra continua sendo para nós, não devemos pesquisar os Yrr, mas, finalmente, a nós mesmos. Somente o conhecimento acerca da nossa origem, que aprendemos a ignorar entre prédios e computadores, nos mostrará o caminho para um futuro melhor.

Não, os Yrr não mudaram a Terra. Eles nos mostraram a Terra como ela é. Nada é mais como foi um dia. — Sim, uma coisa.

Eu continuo fumando.

O que seria de nós sem as constantes?

# AGRADECIMENTOS

Em quase mil páginas — repletas de conhecimento e ciência — aposta-se na influência de várias pessoas inteligentes, e de fato foi assim. Eu agradeço

Professor Doutor Uwe A. O. Heinlein, da Miltenyi Biotec, pelos ensinamentos sobre Yrr, genes pensantes e sabedoria no fundo de taças bem cheias.

Doutor Manfred Reitz, do Instituto Jena de Biotecnologia Molecular, pelas informações sobre o extraterrestre e muitas loucuras Yrr-inspiradoras.

Hans-Jürgen Wischnewski, ex-primeiro-ministro, por meio século em três horas, bolo de papoula e conforto.

Clive Roberts, diretor administrativo da Companhia de Navegação de Vancou-ver, pelos conselhos de especialista e sogro — e simplesmente por ser ele mesmo.

Bruce Webster, Seaboard, pelo seu tempo, paciência e 26 respostas abrangentes a perguntas longas.

Professor Doutor Gerhard Bohrmann, do Centro de Pesquisas Geomar em Kiel e da Universidade de Bremen, pela crepitação especial no hidrato e um papel principal não restrito à ciência.

Doutor Heiko Sahling, da Universidade de Bremen, pelos vermes fixados, au-topsiados e amassados, e pela participação.

Professor Doutor Erwin Suess, Geomar, por um ensolarado intervalo de almoço no fundo do mar e pela presença literária.

Professor Doutor Christopher Bridges, da Universidade de Düsseldorf, por diversos momentos iluminados na profundidade escura.

Professor Doutor Wolfgang Fricke, da Universidade Tecnológica de Hamburg Harburg, por dois dias extremamente

construtivos para fins destrutivos.

Professor Doutor Stefan Krüger, da Universidade Tecnológica de Hamburg Harburg, pelas incansáveis correções de erros na batalha naval.

Doutor Bernhard Richter, Lloyd germânico, pelo apoio telefônico durante uma conferência criativa acerca de catástrofes com o Doutor Fricke.

Professor Doutor Giselher Gust, da Universidade Tecnológica de Hamburg Harburg, por colocações críticas e uma verdadeira corrente circumpolar de idéias.

Tobias Haack, da Universidade Tecnológica de Hamburg Harburg, pelo trabalho de cabeça na barriga do navio.

Stefan Endres pela observação de baleias, índios de verdade e grandes animais que saltam sobre pequenos aviões. Torsten Fischer, do Instituto Alfred-Wegener em Bremerhaven, pela chance de esmiuçar um navio de pesquisas. Holger Fallei, por uma expedição no Polarstern na doca seca, que certamente foi tudo, menos seca. Doutor Dieter Fiege, do Instituto de Pesquisas Senckenberg-Frankfurt, por um dia com vermes — no melhor sentido! Björn Weyer, comprometido com a segurança da flotilha, pela sua disposição de cooperar com o inimigo — naturalmente somente o literário. Peter Nasse, por valiosos contatos, constante solicitude e o prazer de vê-lo um belo dia na tela. Ingo Haberkorn, da Polícia Federal de Berlim, pelo importante gerenciamento de crises em casos de desordens de delitos não-humanos. Uwe Steen, da Assessoria de Imprensa da Polícia de Colônia, pela contribuição na questão de quem reage onde e quando em tempos de loucuras Yrr. Dieter Pittermann, pelos caminhos até poços petrolíferos, a página de ciência de Trondheim e "Hâper det er til hjelp". Tina Pittermann, pelo contato com o papai, pelos livros da vovó e pela paciente espera pelos livros da vovó. A avó de Tina, pelos ditos livros.

Paul Schmitz, pelas fotos, transplantes de barba, dois anos sem música e a certeza irrevogável nunca envelhecer! Jürgen Muthmann, pelos conhecimentos acerca da pescaria peruana, sua paciência e sua proximidade apesar da grande distância. Olaf

Petersenn, leitor de minha confiança na editora Kiepenheuer & Witsch, pela há muito tempo necessária inclusão da palavra "riscar" no meu vocabulário. Helge Malchow, editor da Kiepenheuer & Witsch, pela confiança e pelo mais grosso livro na história da editora. Yvonne Eiserfey, que visivelmente bateu o olho no livro. Jürgen Milz, meu amigo e parceiro, pela sua compreensão e a arte de manter uma pequena embarcação na superfície d'água apesar de fortes temporais.

Obrigado a toda a equipe da Kiepenheuer & Witsch, ao marketing e à publicidade, à impressão, edição, revisão, produção, secretaria, e um grande obrigado ao serviço externo.

Agradeço de coração o prefeito de longa data de Colônia, Norbert Burger, pela intermediação do contato com Hans-Jürgen Wischnewski, assim como Hans-Peter Buschheuer pela sua carta a Ben Wisch, Claudia Dambowy pelo apoio médico, Jürgen Streich pelo material do Greenpeace, Hejo Emons pelos emocionantes e profundamente informativos vídeos de fundo do mar.

Jochen Cerhak por vídeos similares, e especialmente Wahida Hammond pelas várias provas de amizade!

Sou especialmente grato a Brigitte e Rolf Schätzing, meus pais, a quem devo o melhor, que estão sempre ao meu lado, que já navegaram em tantas águas agradáveis e remexidas comigo e que mesmo nas mais densas neblinas souberam manter o rumo.

No grande círculo da natureza, o fim corresponde ao começo. Seguindo esta bela lógica, o verdadeiro agradecimento começa apenas no fim. Assim como todos os meus dias também começam e terminam com o melhor que se pode desejar, com o grande amor. Alguns dizem que Sabina é a minha revisora secreta, outros simplesmente a denominam meu caso de sorte. Todos têm razão. Escrevi este livro para você, meu grande amor, lembrando do que está escrito num pequeno pedaço de bolacha na sua carteira  
Tudo!... e mar.